

SÉRIE
PERIPÉCIAS PERIPATÉTICAS

DETOX

VOLUME 1



GEORGE ALEX ANDRADE

George Alex Andrade

Série

Peripécias Peripatéticas

DETOX

Volume I

4ª Edição

© Copyright 2019 George Alex Andrade.

Library of Congress Control Number: 2019910988

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação, ou ainda por qualquer sistema de armazenamento de informação, sem a devida permissão ou consentimento do autor.

Ficha catalográfica (Catalogação elaborada automaticamente com dados fornecidos pelo próprio autor)

Andrade, George Alex.
Peripécias Peripatéticas – Vol. 1, Detox / George Alex Andrade. –
4. ed. - Curitiba : 2019
508 p.

ISBN 978-65-900361-0-0

1. Literatura Brasileira. 2. Romance. I. Título.

Giulio Einaudi Editore, Torino: Trechos de “Lavorare Stanca” por Cesare Pavese. © Copyright 1943 by Giulio Einaudi Editore. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Walt Disney Productions: Trechos de “A Spoonful of Sugar” por Sherman Brothers. © Copyright 1964 by Walt Disney Productions. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Python (Monty) Pictures Ltd (PMP): Trechos de “Monty Python’s Life of Brian” por Terry Jones e John Goldstone. © Copyright 1979 by Python (Monty) Pictures Ltd. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Universal Music Publishing Group: Trecho de “Julie’s Been Working for the Drug Squad” por The Clash (Joe Strummer, Mick Jones, Paul Simonon, Topper Headon). © Copyright 1978 by Universal Music Publishing Group. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

Warner Bros.: Trecho de “Casablanca”, cortesia concedida pela Warner Bros.

Trecho de “Tard dans la vie” de Pierre Reverdy.

Trecho de “Hino a Innana” extraído dos arquivos do Pennsylvania Sumerian Dictionary Project.

Trecho de “Lugalbanda na Caverna da Montanha” extraído dos arquivos do Electronic Text Corpus of Sumerian Literature da Universidade de Oxford. © Copyright J.A. Black, G. Cunningham, E. Robson, and G. Zólyomi 1998, 1999, 2000; J.A. Black, G. Cunningham, E. Flückiger-Hawker, E. Robson, J. Taylor, and G. Zólyomi 2001; J.A. Black, G. Cunningham, J. Ebeling, E. Robson, J. Taylor, and G. Zólyomi 2002, 2003, 2004, 2005; G. Cunningham, J. Ebeling, E. Robson, and G. Zólyomi 2006. Os autores afirmaram seus direitos morais.

Essa é uma obra de ficção. Todos os incidentes, diálogos, personagens e acontecimentos descritos, com exceção de algumas figuras históricas reconhecidas, são produtos da imaginação do autor e são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

À maior das mestras e
às minhas queridas filhas

Mesmo morto, continuarei dando meu testemunho de morto

Campos de Carvalho

Wie liebe ich solche Menschen, die diesen wehmütigen Eindruck hervorrufen

... como amo pessoas assim, que causam essa sensação de melancolia

Robert Walser

Visto de diferentes perspectivas, o que está imóvel parece estar em movimento, e o que se move parece estar parado, embora a olho nu tudo o que vemos seja apenas uma mera impressão. De acordo com o moderno ponto de vista científico, aquilo que julgamos ver é definido por uma representação mental do que é percebido por nossas cansadas retinas. Vemos o mundo por um obsoleto viés. Ainda que a luz das estrelas tenha percorrido incontáveis parsecs e galáxias para trazer o vislumbre de um longínquo instante até nossas córneas e iluminar os cones e bastonetes de nossas retinas, nós a percebemos apenas como uma cintilação no céu noturno. Mesmo que seus fótons tenham percorridos milhões de anos até chegar ao alcance de nossa visão, no distante brilho dos astros podemos enxergar apenas um tênue reflexo de remotas eras e éons. Enquanto tudo à nossa volta muda a cada instante, nós estamos presos a um momento preservado em nossas lembranças. Estamos ancorados a uma reminiscência atrelada a uma impressão primordial ocorrida em tempos imemoriais, como um remoto *Fiat Lux* gravado em nossos genes e neurônios. E essa impressão inicial (ou *Primäreffekt*, para os germanófilos), com seu enganoso poder de definição, é responsável por guiar nossas vidas de incontáveis maneiras. “C'est la première impression qui compte”, como nos ensina o ditado francês e a psicologia popular (ou “Die erste Eindruck zählt”, dir-se-ia em alemão, seja ele suíço ou standard). Seduzidos pela tirania desse *Primäreffekt* e pelos ardis de nossas lembranças, olhamos para os seres e objetos de nosso escrutínio como se fossem imutáveis e definitivos. Contudo, indiferentes ao seu ritmo, valor ou autenticidade, desconhecemos o que já reconheciam os filósofos pré-socráticos (entre eles Parmênides e Heráclito) e os antiqüíssimos hindus de linhagem Vedanta ou Sámkhya: “As aparências enganam” (“Les apparences trompent”, diria suavemente um francês, ao que concordariam os alemães, com igual suavidade: “Der Schein trügt”). Dessa maneira, segundo a visão científica, nossa percepção do mundo está associada à forma com que os objetos e os seres nos aparentam em um momento específico e determinado, atrelando assim o observado ao observador. O que observamos, afirma-se, depende de como escolhemos observar, uma vez que percebemos apenas aquilo que queremos. A filosofia, porém, vê a realidade de um ângulo diverso do enfoque reducionista das ciências. As qualidades aparentes ou sensíveis não definem por si só as coisas ou os seres, escrevem os filósofos. Ou seja, elas não são reais em seu ulterior momento, em seu momento representado e simbolizado de quase-objeto, mas, de fato, são reais apenas enquanto são percebidas. No mágico instante de um milissegundo, estamos unidos ao percebido e ao imperceptível, de forma consciente e inconsciente. “O açúcar não é obviamente mera brancura, mera dureza e mera doçura; pois sua realidade jaz de algum modo em sua unidade”, podemos ler em uma das instigantes páginas escritas por F. H. Bradley (*Appearance and Reality*, 1897). De distintos pontos de vista, no entanto, toda unidade parece fragmentada; o que nos impede de apreender suas partes como um todo e de tornar consciente o que está inconsciente. Embora o açúcar seja branco, duro e doce, essas características não determinam sua essência, ainda que a indeterminação do aparente é o que promove o vir-a-ser de homens e mulheres em sua busca pela felicidade. Por milênios nós confundimos nossas intuições e nossas crenças com os fatos, e criamos uma incomensurável diversidade de opiniões, posições, conjecturas e teorias que contribuíram, desde os mais remotos tempos, para compor e organizar nossa visão do cosmos. Incapaz, porém, de suportar tanta realidade, a raça humana não consegue compreendê-la ou mesmo exprimi-la com precisão. Em toda nossa incessante busca pela certeza, da Antiguidade até a Modernidade, esbarramos com as limitações impostas por nossa própria percepção do mundo,

por nossos vieses categóricos. Por toda a História o olhar iluminou nossa mente com as mais diversas observações. No átimo de uma rápida olhadela, captamos tudo o que é belo ou obscuro, confiável ou suspeito, valioso ou supérfluo. Um único vislumbre da poderosa objetiva de nossa câmera sensorial provoca em nós sentimentos que, em seus distintos extremos, podem variar do amor à primeira vista até a mais súbita antipatia (transitando ainda por atrações perigosas, paixões incontrolláveis e amores impossíveis), navegando pela fantástica gama emocional descrita em obras como o *Discours sur le Passions de L'Amour* de Blaise Pascal, o científico *Les Passions de l'âme* de Descartes ou o analítico *De L'Amour* de Stendhal. Entretanto, o mesmo olhar que é seduzido pela beleza de uma obra de arte como a Mona Lisa de Da Vinci (ou o L.H.O.O.Q. de Duchamp) não nos garante a autenticidade daquilo que é observado. Quantas vezes julgamos falsamente o que vemos, baseando-nos apenas em um indício enganoso, em um veredito precipitado nascido de uma interpretação conveniente e superficial? Cegos pela grande inimiga da perfeição e pela Ilusão da Verdade, somos incapazes de perceber qualquer sabor além do doce, do azedo, do salgado, do amargo e do umami, ou mesmo discernir as sutilezas do gosto e os diversos matizes do espectro psicológico humano. Nesses tempos céleres, em que os minutos se alongam ou se comprimem na mesma proporção de nossas expectativas, desprezamos o que necessita ser contemplado, degustado e refletido, privilegiando somente aquilo que incita nossas emoções mais primitivas. Essa superaceleração não nos permite refletir em nossas experiências passadas ou em nossa realidade atual, e nem mesmo planejar o porvir. Não há tempo para pensar o Outro e o lado oposto. Alheios ao presente e atormentados pelas possibilidades futuras, comemos com pressa e digerimos com dificuldade. Temos também gastrite, prisão de ventre, mau hálito, e padecemos de outros incontáveis males modernos (além de nos distrairmos com facilidade a qualquer mínimo estímulo). Para Brillat Savarin — gastrônomo francês do século dezoito, epicurista e notório defensor da guilhotina como pena capital — aqueles que comem rápido e avidamente, sem prestar atenção ao que consomem, não conseguem diferenciar as impressões de segundo grau (citação presente no *Physiologie du Goût, ou Méditations de Gastronomie Transcendante; ouvrage théorique, historique et à l'ordre du jour, dédié aux Gastronomes parisiens, par un Professeur, membre de plusieurs sociétés littéraires et savantes*, página 41 da edição original de 1848). O douto autor referia-se, dessa forma, não apenas à insensibilidade gustativa dessa classe de maus apreciadores (ou *destrípaterrones*, no dizer dos espanhóis), mas ainda a uma tendência social, notada tanto no Ocidente quanto no Oriente, na velha e na nova ordem econômica. Todos parecem disputar uma *rat race* sem fim, ocupados em uma contínua busca pela satisfação de seus apetites e desejos. Como parte dessa multidão de afoitos, muitos de nós seguimos imperceptivelmente o mesmo ritmo massacrante da linha de produção. Desapercebidos dos detalhes mais preciosos de nossa realidade tecnológica pós-moderna, menosprezamos (por conta de um crasso descuido de observação) as sutis transformações climáticas, culturais e sociais que ocorrem à nossa volta. Em virtude de nossa desatenção e desinteresse, costumamos negar o óbvio e desdenhar o segredo edípiano escuso nos recônditos das aparências das esfinges e quimeras, preferindo filtrar o que vemos por meio de nosso intransigente ponto de vista. Vítimas de nossas parapraxias, de nossa distração tropeçante e da miopia de nosso indiscutível gosto (afinal, *de gustibus non est disputandum*, ou literalmente: “Gosto não se discute”), cometemos enormes equívocos. O engano do olhar é o engano de uma pobre memória. O mesmo olhar que nos torna admiradores inconfessos (ou inimigos confessos) da Gioconda ou do *Le Grand Verre* é também aquele que, devido às nossas falsas impressões e vieses cognitivos, nos confunde, nos ilude e nos condena. A confusão resultante de todas essas contradições e equívocos pode determinar para sempre o curso de duas vidas, como veremos a seguir.

O primeiro encontro de Anne e Antoine não foi um acontecimento marcante como muitos desejariam, ou mesmo aquilo que os cinéfilos chamam de Clímax Cinematográfico (e nem de longe se compararia ao reencontro de Rick e Ilsa em *Casablanca*, ou ainda ao rendez-vous fatal dos personagens de James Stewart e Kim Novak em *Vertigo* de Hitchcock). Como a cobertura na preparação de uma fina iguaria, reservaremos esse episódio *avant première* para um trecho posterior de nossa narrativa, dispensando assim os tropos fundamentais utilizados em qualquer romance, entre eles os conhecidos Meet Cute, Pre-Meeting, Overt Rendezvous, ou mesmo o We Gotta Stop Meeting Like This. Diremos, por enquanto, que Anne e Antoine apenas se viram superficialmente, embora tenham guardado algumas ligeiras lembranças de seu rápido Chance Meeting. Mais tarde, em um futuro retrospecto, apreciaremos as impressões causadas por esse inolvidável mas agora procrastinado evento. Desconstruir, afinal, é também uma forma de construir, diriam os antigos novecentistas. As novelas não precisam ser sempre iguais. Feitas as devidas ressalvas, portanto, passemos ao segundo encontro de nossos protagonistas, um acontecimento mais emocionante do que o precedente (apesar de ter sido um tanto inusitado). Assim como o diabo está nos detalhes, o essencial é invisível às nossas insensíveis retinas. Vamos então *straight to the best*. Sigamos adiante. *Za mnoy, chitate!* Pois todo romance deve superar difíceis obstáculos até sua consecução criativa em um final feliz, transpondo inclusive as promessas e os barroquismos, os vícios e virtudes de estilo, para nos aventurarmos livremente no inmensurável domínio das paixões. Com esse pensamento, transcrevo aqui as palavras de um notável autor russo do saudoso e conturbado século vinte: quem disse que não existe algo como amor verdadeiro?

Embora considerada um núcleo terapêutico de bem-estar e cura, a clínica Bünzli foi construída nos moldes de uma centro do saber, o ambicioso projeto de um homem apaixonado pelo conhecimento. Admirador da cultura indiana medieval e um reconhecido orientalista dileitante, Dr. Carl havia idealizado todas as instalações de seu resort, tendo em mente a antiga universidade de Nalanda, antológico complexo de ensino superior localizado em Bihar, no reino de Magadha, destruído pelos mamelucos sob o comando do bárbaro Bakhtiyar Khilji em 1193 AD; uma lamentável calamidade histórica de resultados catastróficos para a civilização oriental, em que os nove milhões de manuscritos da descomunal biblioteca desse famoso centro cultural da Idade Média arderam em chamas por meses a fio. Em sua juventude, o médico alemão viajara por todo o Oriente e, em seu caminho para a China, estivera também em Darbhanga, na Índia, para realizar um velho sonho. Sempre desejara conhecer o lugar onde vivera o notório Maharaja Rameshwar Sing, um homem a quem admirava por sua fascinante personalidade. E ali, na região de Mithila, aos pés dos Himalaias, o jovem médico visitara o sítio arqueológico da mítica universidade e conhecera os vestígios de seu glorioso passado. Ficou maravilhado por tudo aquilo que viu. Meses antes, ele havia estado nas ruínas do Santuário de Esculápio em Epidauro, depois no Zigurate de Ur nas imediações de Nassíria, no Iraque, e também em Hinglaj (onde teve uma fantástica visão da Via Láctea) e Taxila, no Paquistão, mas não presenciou nada de tão inspirador. O vigoroso silêncio reinante naquelas ruínas e templos o motivou a construir um local em que as pessoas pudessem se afastar da balbúrdia do mundo civilizado e ter uma existência mais poética e contemplativa, distante da alucinante agitação pós-moderna. A concretização desse sonho, no entanto, veio somente depois de uma longa peregrinação por diversos países da Europa. Ao fim de vinte anos, Dr. Carl finalmente encontrou à venda um hotel desabitado na Suíça.

Construído no início do século vinte e revitalizado nos *naughty nineties*, o estabelecimento ocupava uma área privilegiada nos arredores de Lucerna, à beira do Lago dos Quatro Cantões. Há apenas alguns minutos de distância do Castelo Meggenhorn, a Clínica Büngzli é o lugar perfeito para os pacientes do Dr. Carl esquecerem seus problemas e desfrutarem seu ócio criativo. Um refúgio em que os desencantados procuram superar suas desilusões e os tristes buscam erradicar para sempre suas mágoas, essa estância paradisíaca atrai para a Suíça gente de toda parte da Europa, da África, da Ásia e até mesmo das Américas, em busca do famoso tratamento de desintoxicação autobiográfica do Dr. Carl, o diretor e mentor de Büngzli. Nessa propriedade, o médico vislumbrou tudo aquilo que imaginara para sua futura clínica, e não se importou de gastar uma pequena fortuna na empreitada. Ao adquirir o velho edifício e suas adjacências, o futuro diretor foi tomado de uma verdadeira *aesthetic passion* pelo lugar, e quis assim adequá-lo aos seus propósitos filosóficos e teológicos. Para converter o hotel em uma clínica, todo o imóvel sofreu uma transformação radical e passou por uma longa e custosa reforma. Dr. Carl aplicou em seu paisagismo todos os truques estilísticos necessários para melhorar e refinar o imóvel. Refez seu gramado, reelaborou o desenho de seu pátio, embelezou seus jardins e tornou o prédio principal mais habitável para seus exigentes pacientes. Não poupou recursos em sua decoração. Encomendou objetos exóticos e itens os mais diversos para ornamentar seus salões, sua biblioteca, suas acomodações privativas e sua fachada. Pensou até mesmo em trazer um enorme Shiva Nataraja para colocar em sua entrada, a exemplo daquele que existia no Centro Europeu de Pesquisa Nuclear em Genebra, mas preferiu não atrair comentários maldosos. O médico apostou em sua localização como seu grande trunfo.

Agraciada por uma esplêndida vista do Monte Pilatus, Büngzli está em um ponto excepcional, que oferece uma visão panorâmica da cidade, das montanhas e do belo lago de Lucerna, além de permitir a contemplação de fabulosas auroras e fotogênicos crepúsculos. Contrastando graciosamente com a fachada em estilo neoclássico do prédio central, o vasto tapete de relva sobre o topo da colina destaca-se à vista como uma extensão de seu luxuoso interior. Nos seus arredores, a frondosa sombra dos grandes carvalhos e faias trazem um reconfortante frescor à paisagem. Há alguma distância dali, o lago convida os visitantes para um passeio encantador até suas margens, e as montanhas no horizonte complementam a paleta de cores desse bucólico cenário. Influenciado pelas leituras do *Brhat Samhita* (Adhyaya 56, sloka 3, intitulado “Descrição dos Templos”) e pelos princípios do Vastu Vidya, a notória ciência arquitetural dos hindus, Dr. Carl acreditava que essa proximidade lacustre era muito apropriada para as instalações de Büngzli. Nos textos sânscritos antigos, recomenda-se que os templos sejam edificados perto de lugares harmoniosos, onde haja água e jardins, espaços em que vicejam as flores de lótus, e em que os sons dos cisnes, flamingos e gansos vermelhos possam ser ouvidos com clareza. Segundo o enciclopédico opúsculo escrito por Vārāhamihira, esses são os lugares onde os deuses brincam e os “os raios do sol são repelidos por sombrinhas feitas de cachos de folhas de lótus”.

O médico alemão escolhera assim uma arquitetura aberta e difusiva, na qual o secular se une ao sagrado, a fim de atrair uma extensa variedade de gostos estéticos e culturais. Outro motivo para essa exigente preferência está no respeito de seu desenho à tradição hindu. Na Idade Média indiana, sabia o diretor e idealizador de Büngzli, os hospitais (ou *arogyashala*) e as escolas eram anexadas aos templos. Essa concepção simbólica atendia com justeza à filosofia do médico, pois o interior do centro de saúde refletia a beleza de seu exterior. Nas acomodações da

clínica, a privacidade reina suprema. Os aposentos de sua hospedaria são mobiliados com assentos almofadados, banheiros com mármore de Carrara e espelhos venezianos, tapetes de cores vivas e aconchegantes camas Queen Size, enquanto sua biblioteca está provida de livros para todos os gostos, e seus salões exibiam pinturas de todas as partes do mundo. Em Bünzgli, a tranquilidade e o silêncio aliam-se à pitoresca beleza local para trazer aos internos momentos de serenidade e reflexão, desfrutados tanto em seus confortáveis aposentos quanto em suas salas temáticas e *meditation halls* providos de almofadas de seda e *yoga mats*, sem falar ainda dos saborosos momentos de degustação usufruídos em seu refeitório. Nesse agradável espaço de convivência, inicia-se nossa história.

Visto como a joia arquitetônica de Bünzgli, o refeitório é um primor para os olhos mais atentos, com seu espaçoso pé-direito duplo, o imenso salão repleto de mesas e cadeiras bem espaçadas entre si, seu paredão de vidro separando o bonito jardim externo da requintada decoração de seu interior. Vistosos e seculares lustres de cristal de Murano com design oitocentista ornamentam o teto de ferro alto, e o primoroso acabamento em piso de porcelanato polido, produzido a partir da mais fina cerâmica, reluzia com formosura e requinte. A área interna possui amplas paredes envidraçadas em seus flancos, que fornecem ainda mais luz ao largo espaço social. Nessa generosa área comum, as mesas espalham-se folgadoamente pelo recinto, todas elas forradas com brancos tecidos de fina renda, onde estão dispostos minúsculos vasos de porcelana com arranjos de íris, hortênsias, lisiantos ou miniorquídeas (*Serapias vomeracea* e *Dactylorhiza fuchsii*, para ser mais exato). Há também, para aqueles mais exigentes, mesas enfeitadas com magnólias, estrelíztias, lírios e rosas brancas, em que as flores são exibidas em recipientes quadrados de vidro fosco reluzente tanto para emprestar um toque artístico à decoração do lugar quanto para demonstrar a grande preocupação do diretor da clínica em agradar à exigente *gens de bon goût* que costumava frequentar seu espaço (grupo do qual faz parte a maioria de seus clientes do *jet set* internacional). Se o cenáculo ganha a admiração dos arquitetos visitantes, deslumbrados com tanto fausto, simetria e esmero, sua serena atmosfera, por sua vez, transmite uma aura de tranquilidade aos seus *habitués*, para quem esse encantamento sensorial é apenas parcialmente compartilhado. Dá gosto comer ali quando tudo está silencioso. No ornamentado espaço, os comensais podem se esquecer de si mesmos por alguns instantes e desfrutar de uma agradável atmosfera de pretensa sofisticação e espiritualidade. Em um desses típicos dias de descanso em Bünzgli, no entanto, essa morosa e delicada *jouissance* esteve ameaçada por forças sinistras.

Às vezes, como o silêncio, o barulho pode ser uma fonte de grande força, como nos revela a sabedoria chinesa (e também suíça) e nos explica Dr. Carl em seu livro *The Idiot Guide to the Survival Brain*: “Se, ao almoçar em um restaurante, você presenciar um suíço fugindo apressado ao escutar alguém assoando o nariz com força, pode ter certeza que seu córtex auditivo e seu juízo estético foram severamente abalados por essa indelicadeza de um vizinho de mesa. Dessa maneira, por uma simples questão de bom senso e *imbalance* mental, todo exigente sujeito desdenha distrações e alarmes falsos”. Devido a esse detalhe anatômico, muitos dos comensais presentes no refeitório não reagiram bem à interrupção de seu almoço, quando, ao se chocar contra o piso impecavelmente encerado do salão, uma colher de sobremesa produziu um audível e distinto som metálico, ressoando assim, barulhenta e impertinente, por todo o recinto.

Amplificadas por essa reverberação inesperada no volumoso espaço, as ondas sonoras ganharam força e velocidade, e viajaram céleres pelo ar, adentrando de maneira inoportuna os labirintos e tímpanos suscetíveis aos mais débeis e insignificantes estrépitos. O som ondulante pareceu permear o ambiente inteiro, fazendo com que todos acordassem abruptamente de sua abstração. Antes ocupados em saborear suas refeições como mansos *lotus eaters*, os vulneráveis comensais sobressaltaram-se no mesmo instante ao estrondo desse incômodo trovão (hiperbolicamente falando, uma vez que o ruído não assustaria nem mesmo uma criança de colo). Feridos em sua sensibilidade, eles interromperam sua degustação, e os talheres, de súbito, silenciaram. Um átimo de suspense se instalou no *sanctum sanctorum*, projetando assim uma invisível aura cinzenta sobre aquelas *talking heads*. *Wa? We? Wo?* (O quê? Quem? Onde?) Pareciam indagar-se eles, surpresos pela interrupção. Como finas taças de cristal vibrando em ressonância ao potente agudo de um soprano, seus abaladiços sentidos puseram-se logo em alerta. Perturbados em sua serenidade quase meditativa, a concentração desses absortos e exigentes convivas desmanchou-se como que por um passe de mágica. Um após o outro, eles viraram seus rostos à procura do causador daquela sacrílega profanação à sua privacidade asséptica. Mas Antoine não estava a par dessa comoção causada por seu descuido.

“Ops!”, disse baixinho um rapaz de aparência jovial agasalhado como um alpinista, sentado despreocupadamente a uma mesa próxima ao paredão de vidro, situada de frente para o jardim. Até aquela ocasião, ele não ousara quebrar o silêncio do recinto. Havia se comportado como manda o figurino: de maneira respeitosa e civilizada. Recém-chegado a Bünzgli, ele ainda tentava se acostumar a uma realidade em que as colheres nunca caíam de suas mesas e os ruídos sobressaltantes, mesmo os mais imperceptíveis, eram considerados tabus. Desperto de sua sonolência, o atrapalhado paciente demorou um pouco a perceber o que havia acontecido. E mesmo se estivesse mais atento, Antoine não teria se alarmado de todo com o ruído, crente que os talheres existiam para fazer barulho. Afinal, o que havia de mais em um ato tão ordinário quanto a queda de uma colher?

Aquela era sua terceira visita ao refeitório, e Antoine nunca havia se sentido tão alienígena. Concentrados em seus pratos, os comensais mal perceberam sua presença. Por que se perturbariam agora? Sem sequer se incomodar com a redobrada atenção dispensada pelos comensais, Antoine voltou a face para baixo. Seus olhos viajaram por dois ou três pontos no piso encerado, em uma vagarosa busca pelo rebelde objeto há pouco perdido, varrendo assim a superfície cerâmica com uma espécie de *x-ray vision*, até finalmente encontrar aquilo que o jovem procurava em algum ponto próximo aos seus pés. Mirando o local exato em que a colher de sobremesa havia caído, observou o objeto com desinteresse (“Muggeschiss!”, pensou ele. “Por que a gravidade e a lei do karma estão sempre atrapalhando o curso natural das coisas?”). Perturbado em sua *Innerlichkeit*, naquele átimo transcorrido com sofreguidão, Antoine refletiu sobre o destino e o livre-arbítrio, a libertação do espírito e sua independência completa da matéria, assim como reconheceu as insolúveis contradições e paradoxos provenientes da dualidade de sujeito-objeto, entre o *Inhalt* e o *Gehalt*, e elucubrou também todos os contratempos e problemas inerentes à síntese dessa dualidade. Ah, o destino..., sempre prestes a sabotar a felicidade das pessoas, motivo pelo qual o jovem pensador preferia viver em mundo orientado a sujeitos, um mundo onde os objetos pudessem ser ignorados por algumas horas, movidos ou afastados pela força do pensamento, ou mesmo entortados *à la mode* de Uri Geller. Culpou assim a gravidade pela sua infelicidade. “Newton devia ter arrumado uma namorada, como tan-

tas vezes insistiu seu amigo John Locke. Seus dias seriam mais divertidos, e ele poderia assim desfrutar os verdadeiros prazeres da vida, em vez de buscar solitariamente a Pedra Filosofal como um alquimista obcecado. Teria me poupado um bocado de dor de cabeça. O que ganhou ele ao penetrar nos mistérios da Gravitação Universal e nos grandes segredos da natureza senão uma vida solitária?”, pensou Antoine. Após ter lido sobre o *dasein* heideggeriano e sua busca por *awareness* como condição essencial para se refletir e compreender a realidade à sua volta, o jovem ensimesmado vivia agora absorvido no iluminado Mundo das Formas, um lugar em que os signos eram apenas sombras das ideias universais a serem reveladas pela experiência e saboreadas pela Razão, como haviam pensado os filósofos medievais influenciados por Platão, ainda na Primeira Patrística. Do topo de sua *ivory tower*, ele podia apreciar melhor as aparências e as essências.

Iniciado nos mistérios da filosofia e da neurociência, as reflexões de Antoine flutuavam agora nas mais altas esferas das ideias. Graças à influência do Dr. Carl, o *young dreamer* queria estar agora imerso no mundo, desfrutando sua fluidez imaginativa em um contínuo estado de inspiração poética. Desde sua chegada a Bünzli, os loquazes e frutíferos passeios com seu médico haviam estimulado seu lado filosófico, despertando seus pensamentos mais profundos, criando novas sinapses em seu fantasioso cérebro e alterando sua percepção da realidade. Como se tivesse voltado à sua primeira juventude, quando tudo o que o deslumbrava e o maravilhava, Antoine queria agora ser sujeito e objeto de atenção. Era natural, portanto, que não se sentisse tão afrontado quanto seus vizinhos nas mesas próximas.

Naquele embaraçoso instante, Antoine viu na colher caída mais do que um simples utensílio de cozinha ou um artefato prestes a ser psicocineticamente entortado, pronto a resgatá-lo das profundezas submarinas em que estava submerso. Aquele objeto era, em sua visão idiossincrática, uma representação do frio mundo físico, um exemplar da matéria servil e insensível que se rebelava contra a vontade de seu dono, perturbando assim sua paz mental e distraíndo-o de seu ser-em-si. Emergindo de seus pensamentos analíticos, Antoine refletiu sobre a insensibilidade dessa gélida realidade de coisas duras em que versos e sentimentos não diziam nada a ninguém, pensou na inutilidade da poesia no mercado editorial (e nos motivos para o desaparecimento dos poetas) e também nos contrastes da sociedade hipermóvel. O rapaz às vezes filosofava alto.

As melhores coisas da vida, prosseguiu ele em seu raciocínio ensimesmado, não custam nada. Precisam, porém, ser desencavadas de suas profundidades abissais antes de se tornarem compreensíveis e desfrutáveis para as outras pessoas, conforme nos expõe a práxis dos arqueólogos e paleólogos, sempre preocupados em escavar mais a fundo as evidências. Em seus estudos religiosos, Antoine aprendera um pouco sobre os verdadeiros valores da existência, um saber que o jovem paciente sempre intuía em seu íntimo, apesar de reconhecer que existiam muitas coisas sobre a face da Terra às quais desconhecia. Como era possível (indagou-se ele, meditativo) para um habitante da superfície compreender o que se passa nas profundezas da mente de um pensador? Lá onde inexistente toda a superficialidade e vulgaridade da vida social, onde se pode meditar na verdadeira natureza das coisas, longe das palavras vazias e dos pensamentos mesquinhos do mundo dos homens? O que sabiam os sapos sobre o fundo dos mares? Antoine fazia essas reflexões distraidamente, como se a colher caída no chão fosse apenas um obstácu-

lo à corrida de seus céleres pensamentos. Em um microcosmo fechado, fantasiou o jovem pensador, tudo é perfeito; nada perturba a paz de um sereno e cândido pisciano, nada mais arranca à força o poeta de seu encantamento lírico ou os pensadores de sua esclarecedora reflexão (exceto, claro, a inspiração de suas musas), e nenhum maligno gênio azucrina a alma com suas tentações sensoriais e extrassensoriais, suas trivialidades e seus acidentes. Ou seja, o mundo objetivo com suas necessidades e suas contingências é apenas um estorvo necessário, raciocinou Antoine, contemplando mais uma vez a colher no solo.

Essa reflexão quase filosófica fez com que, por alguns segundos, o jovem comensal hesitasse em apanhar o objeto. Viu na colher o reflexo de todos os males da civilização e sentiu-se um tanto indignado. Tudo era apenas uma ilusão, pensou ele. Que ela ficasse ali pelo resto dos tempos! Declarou ele. Pensativo, enquanto vislumbrava o talher tombado ao piso, Antoine manteve a cabeça baixa, como se ocupado em alguma prece. Sentindo-se um tanto enfadado, spirou fundo e olhou então distraidamente ao seu redor.

Ansiosos, os outros comensais acompanharam atenciosamente a hesitação de Antoine em apanhar o talher. Por conta da novidade, pensou ele, um simples incidente transformara-se em um número de mágica. As reações à indecisão daquele inesperado *agent provocateur* foram, porém, as mais variadas.

As testemunhas presentes no refeitório estavam divididas em duas facções psicológicas. Para uma pequena parte, distraídos e alheios a tudo, o parêntese no Zmittag era apenas um acontecimento sem qualquer importância. No outro extremo desse espectro estavam os incomodados, para quem os ímpios deviam perceber o horror de seus solecismos. Em sua indignação, eles queriam que o transgressor das regras de bom convívio recebesse uma severa advertência e até mesmo uma punição. Para esses adeptos do reconhecido *self control* suíço, a desagradável e imprópria interrupção era uma afronta ao seu sossego e aos seus direitos de consumidor. Onde já se viu? Indagavam-se eles, fervendo em fogo brando. Como alguém ousaria perturbar a sacrossanta hora do almoço com aquele tipo de comportamento deplorável? Que ultraje! Alguns dos membros daquele perturbado grupo estavam perplexos pela ousadia do rapaz. Mas o que era aquilo? Onde estavam os bons modos? Eis mais um capricho inconsequente de um estrangeiro desinformado, redarguiram eles em seu silêncio. “Unsinn! Nonsense!” Esse era o estado mental da maioria dos contrariados pacientes, cidadãos comprometidos com o bom senso e a retidão, e simpatizantes do amor dos suíços pelo silêncio e pelo sigilo (e zelosos seguidores das regras da clínica, que eram sempre bem claras quanto à privacidade e ao respeito mútuo). Nesse hesitante momento, cravando seus olhares reprovadores no inoportuno intruso, boa parte dos descontentes encararam Antoine com firmeza, incomodados por aquele transtorno de última hora, talvez lembrando, com um certo pesar, um patético episódio ocorrido uma semana antes, quando uma paciente em acesso de fúria lançou propositalmente um prato ao chão. Enquanto os indignados queriam a cabeça de Antoine em uma bandeja, a mansa minoria dos distraídos, menos intrigada, reagiu de maneira muito particular a essa perturbação inesperada, entre eles Madame Lempiszka.

A gravidade da situação era menos grave e mais newtoniana para a polonesa do que aparenta-

va ser para os outros. O que havia de mais em uma colher cair no chão? Afinal, tudo vai cair um dia, pensou ele, lembrando-se de alguma íntima parte do seu corpo. Para Lempiszka, as pessoas deviam aproveitar o tempo que ainda lhes resta. Distintamente dos outros comensais (e pactuando com o afrontoso provocador), Madame Lempiszka desconhecia o motivo de tanta comoção. Como participante da ala mais distraída desses *tableaux vivant*, contudo, a polonesa reagiu com afetação ao súbito interregno. Ao constatar que o vilão do momento era Antoine, ela conteve a respiração, surpresa. Levando a mão ao peito, enfim, suspirou (sempre que via o jovem, ela suspirava afetadamente, tomada de algum ímpeto incontrolável). Como parte do grupo de pacientes que não se incomodava com a interrupção, Lempiszka quis logo tirar proveito da situação. Por encarar qualquer novidade como muito bem-vinda, ela sempre ficava excitada à mínima possibilidade de sair da rotina ou se aventurar em alguma afrodisíaca peripécia. Gostava de dançar, de requebrar os quadris e de receber olhares atenciosos. Dessa forma, nada como uma pequena extravagância de vez em quando, pensava a polonesa. Seus gostos, porém, não eram compartilhados pelos seus indignados colegas.

Visivelmente abalado pela súbita e enervante interrupção, senhor Tagliaferro, o encorpado octogenário milanês, pousou o garfo no seu prato de polenta com blue cheese e porcini, retirou o guardanapo das coxas, balbuciou algo ininteligível (*porca miseria!*) e limpou os lábios com exasperação. Incomodado, segurou uma gesticulação ofensiva e voltou o rosto na mesma direção de seus colegas. Diferente de seu dramático companheiro de mesa, Madame Otoko parou de degustar a sobremesa de mousse de queijo de cabra Rondelé — apenas há pouco iniciada, após ter provado seu rösti de batata Charlotte gratinada — e ficou a olhar de um lado para o outro, confusa, como se tivesse perdido o fio da meada. *Nani!? Nani ga okotte imasu ka?* Mais afastado do grupo de descontentes, Zahi Hakimi (nesse instante, o egiptólogo aposentado ruminava a tradução de um difícil hieróglifo da época da Vigésima Dinastia do Império Novo do antigo Egito), acompanhou tudo com desinteresse. Como ele, o grupo restante reagiu a toda essa confusão como um bem-comportado rebanho de ovelhas, lançando um breve olhar de viés por cima dos ombros, desdenhando a interrupção com um esgar e retornando depois ao seu reservado universo arqueológico. Somente uma pessoa de todas ali presentes, contudo, alheia a essas exasperadas reações, suspiros e ranger de dentes, não aderiu de imediato à indignação coletiva.

No instante da calamitosa interrupção, Anne estava prestes a dar mais uma garfada em uma porção de quiche de queijo. Ao seu lado, estava um livro aberto, ao qual folheava de vez em quando enquanto comia. Acabara de ler um trecho em que o autor fala de irracionalidade da mente humana e voltou-se para sua quiche. Nem mesmo chegou a abrir a boca para provar sua deliciosa iguaria, preparada com um autêntico Schwiizer Chääs da região de Lucerna. Para uma séria gourmet como ela, aquela era uma irresistível tentação a ser provada devagar e em silêncio, com especial atenção ao seu delicado sabor e textura. Nessa ocasião degustativa, as distrações não eram bem-vindas. Intrigada por aquele simples, curto e descuidado gesto de Antoine, a exigente *epicure* parou repentinamente o que estava fazendo, afastou os olhos das páginas de seu livro e deu um longo suspiro, demonstrando assim um certo desagrado pela súbita *intermission*. Em seu prato, além da quiche *à la raclette*, havia uma salada *baby leaf* de alface roxa e crespa, provida de agrião, tomates cereja e mini rabanetes cortados em rodinhas, tudo temperado com azeite espanhol extra virgem, uma pitada de páprica vermelha e duas pitadas de sal rosa do Himalaia. Seria realmente um sacrilégio abandonar aquela seduto-

ra visão gastronômica por conta de uma comoção desnecessária causada por um desastrado. Nesse átimo infinitesimal, a exasperada Anne poupou verbalizar mais um insultuoso adjetivo de seu abundante e variado repertório de nomes feios (ou *swear words*, no dizer dos anglófonos), temendo assim comprometer a amígdalas cerebrais de seus colegas com uma coprolalia plena de expletivas e *grawlixes*, à maneira de um incontrolável sujeito com Síndrome de Tourette, acometido de um ataque de nervos em uma história em quadrinhos. A jovem, na verdade, pisava em ovos. Ela sabia que mesmo um simples “Zut!” era capaz de chocar as pessoas mais incautas, como fez Scarlett O’Hara em *Gone with the Wind* (com seu “Damn!” que marcou gerações). Por esse motivo, Anne evitou se comover com tudo aquilo. Afinal, era apenas uma colher que havia caído ao chão, e nada mais. Por que fazer tanto drama por tão pouca coisa? Tanto *ado for nothing*? Pensou consigo mesma. Era melhor assim controlar seu fel, como aprendera com seu médico.

Durante uma de suas recentes consultas com Dr. Carl, Anne havia sido instruída a não exaltar inutilmente seu Sistema Sináptico da Raiva com miudezas. O médico referiu-se ao Mr. Hyde presente em cada pessoa, tencionando esclarecer a paciente de seu potencial destrutivo. Após elucidar à jovem o que os neurocientistas sabiam sobre o lado negro do Homo sapiens, o médico ofereceu a ela uma breve lição sobre a ciência por trás dos *argots*. Esse seria um assunto digno de uma pesquisa aprofundada. Solícito, Dr. Carl informou tudo o que ela precisava saber e um pouco mais. No final, presenteou-a com uma de suas mais recentes publicações, um livro intitulado *The Science of the Irrational Mind*, transfigurado do alemão para o inglês por G. A. Sternlöwe (Taborberg Ltda., 2022, 2ª edição). Anne recebeu o exemplar sem muito entusiasmo.

Ao sair do consultório aquele dia, com o grosso volume debaixo do braço, Anne sentiu-se incumbida de uma tarefa. Devia agora saber, em detalhes, tudo o que Dr. Carl lhe explicara por alto. Mesmo sem apreciar esse tipo de gênero editorial, no entanto, ela se aventuraria a ler a obra (desde a infância era uma leitora voraz de tudo o que lhe aparecia pela frente, e devorara os setes volumes do *Em Busca do Tempo Perdido* em um único mês). A indicação de leitura do médico não foi de toda inútil para a inflamável curiosidade da jovem paciente. Um único trecho fez com que ela acatasse com seriedade a sugestão do profissional. “Sem que percebamos, o inconsciente age o tempo todo em nossas vidas. Em seu constante trabalho de organização das impressões do mundo externo, o sistema límbico realiza uma fantástica atividade paralela à da mente consciente. Enquanto agimos no mundo, nosso cérebro reptiliano o digere e, com as novas impressões, se atualiza, colocando cada coisa em seu devido lugar. Embora essa atualização seja necessária para agirmos com eficiência e bom desempenho, ela também nos engana às vezes. Na maior parte do tempo, por conta dessa atividade organizacional de nosso *survival brain*, nós tomamos decisões sem pensar e reagimos impulsivamente a um estímulo sem qualquer óbvio motivo. Muitas vezes agimos no mundo de maneira mecânica e automática, e esse automatismo termina por influenciar toda a nossa vida. Para evitar que sejamos guiados por nosso inconsciente, precisamos assim temperar a paixão com um pouco de bom senso”, explicara o médico.

Uma apaixonada leitora de livros investigativos, Anne entregou-se à tarefa com bravura. Apesar de considerar a leitura uma difícil empreitada, devido às constantes digressões filosóficas,

ela conseguiria ler cinquenta do total de quatrocentas páginas do documento, tudo isso por uma questão de honra. Leu com atenção os capítulos sobre o Riso e a Ira, sobre os diversos tipos de demônios (entre eles, o Titivillus, o diabrete que atazanava os escribas medievais), sobre a Coreomania de São Vito e também sobre as mais imprevisíveis reações emocionais de todo o espectro humano. Prestou atenção à análise do médico sobre o *Finnegans Wake* de James Joyce, em que fala do desafio linguístico dos modernos ao raciocínio lógico aristotélico, ao racionalismo cartesiano e aos padrões da mente racional impostos pela sociedade burguesa da época. Apesar de ter achado a leitura interessante, a linguagem técnica e rebuscada, no entanto, desencorajou um pouco Anne a penetrar em suas minúcias. O autor exibiu ao leitor todo o seu repertório da história da medicina e da ciência, além de seus conhecimentos de psicologia social, antropologia, genética, literatura e cultura pop clássica. Ainda assim a jovem não esmoreceu.

Após terminar os dois capítulos sobre a história neurocientífica da *bad language*, em que o autor analisa os hábitos de diferentes povos através dos tempos e continentes, Anne aprendeu ainda que, mesmo na época grega e romana, os insultos eram encarados com muita naturalidade por nossos arcaicos ancestrais. Gestos como o *katapygon* dos gregos e as injúrias latinas do insolente Marcial e do misógino Hiponax já aliviavam a ansia dos cidadãos romanos muito antes da chegada do cristianismo. Os pagãos falavam palavrões com desenvoltura, os primeiros cristãos (sobretudo os monges) gostavam de escrever obscenidades em seus pergaminhos, enquanto os muçulmanos, por outro lado, evitavam por tudo pronunciar blasfêmias (mesmo quando estavam cruelmente indignados). Até mesmo os budistas, esses exemplos de paciência e serenidade, proferiam horríveis nomes feios quando não dormiam bem à noite. Embora o hábito de falar palavrão (aprendeu Anne em sua leitura) tenha sido um método de alívio mental das tensões inconscientes de tempos mais obscuros até a desvelante modernidade freudiana, como explica o autor, com o passar dos séculos esse ato profano ganharia novas formas, conotações hilárias, timbres e volumes expressivos (por mais barulhento que fosse o som de uma agressiva guitarra shoegaze, distorcida pela microfonia e pelo excesso de *overdrive*). Para provar seu ponto de vista, Dr. Carl pesquisou diversas culturas, participou do Akutai Matsuri no Japão e esteve até mesmo no Brasil a fim de conhecer seu rico vocabulário popular, fartamente recheado de palavrões, insultos e xingamentos, e utilizado tanto pelo cidadão comum quanto pelos filósofos daquele país. Pelas pesquisas do diretor e neurocientista sobre os efeitos deletérios das emoções negativas, Anne aprendeu também que pronunciar *profanities* com uma certa frequência levava a um mal funcionamento de sua *basal ganglia*, a parte do cérebro responsável pelo controle da língua, libertando seu lado serpentina e dando vazão aos piores tipos de palavrões. Todas essas informações não acrescentaram muita coisa à sua cultura geral. A jovem conhecia muito bem o poder de um insulto e tinha bastante experiência no assunto. Desde que deixara a casa dos pais insultara secretamente todo o mundo por suas misérias existenciais. Não era preciso, portanto, ler um livro inteiro para se tornar uma expert no assunto (ainda mais estudar a fundo a mente de um *serial killer* ou de um *stalker*). Por sua leitura neurocientífica, porém, aprendera que o mesmo lóbulo cerebral responsável por verbalizar um insulto era também capaz de causar danos incomensuráveis quando negativamente excitado. Ao observar a comoção que se apoderara dos comensais no refeitório, ela decidiu por bem não se exaltar à toa, reagindo com desnecessária precipitação às macaquices de um paciente desastrado. Se ela não se permitiu verbalmente uma impropriedade, contudo, não pode se eximir mentalmente de fazê-lo.

“Merdre!”, pensou Anne, detida pela interrupção. “Quem é o *emmerdeur* dessa vez?” Impaciente, a jovem pousou seu garfo e faca no prato, olhou ao seu redor e observou os arredores com fingida indiferença. Nesse instante, em quieta expectativa, as testemunhas mantinham sua atenção fixa em Antoine, curiosas pelo desenrolar dos fatos. Com sua ferina língua refreada, Anne queria saber a mesma coisa que todas as expressões confusas à sua volta se indagavam. Quem era aquele trapalhão? Indagou-se a garota interrompida, mirando o jovem sentado logo à sua frente. Lançou então um olhar feroz em direção à vítima (um *killer look*) e estudou Antoine com interesse. Nesse átimo, Anne teve, de repente, uma triste revelação.

Até aquele momento, a jovem ainda não havia sequer levantado os olhos de seu livro (afinal, os pacientes mantinham-se tão concentrados em sua degustação que não se importavam de erguer a cabeça ou cumprimentar um colega, mesmo para um “Grüezi!”). Acostumada a ignorar qualquer outra presença durante o almoço, ela preferia manter-se concentrada. Dessa vez, porém, sua concentração havia sido quebrada por uma força maior. Observando mais atentamente a desajeitada figura sentada à sua frente, a jovem suspirou fundo e rápido. A presença de Antoine iluminou suas retinas, ao vivo e a cores. Com sua memória de curto prazo de súbito ativada, a jovem teve uma repentina recordação e logo reconheceu o causador de toda aquela celeuma. “*Mon dieu! Ce n’est pas possible... De novo esse garçon hardi!*”, exclamou para si mesma, queixosa. Sua memória deixou florescer uma lembrança. Não haviam se encontrado um pouco antes no pátio da clínica? Indagou-se ela, reconhecendo seu opositor. Mas a página não havia sido virada em definitivo. Era o mesmo rapaz que a abordara pela manhã com perguntas impertinentes sobre sua vida. Sim, de fato, percebeu Anne: aquele era o paciente brasileiro que ela conhecera enquanto fotografava no jardim, e que desajeitadamente interrompera sua sessão de fotos para falar do tempo e fazer um comentário desnecessário sobre seu acento francês. A constatação de que havia um demônio à solta a desagradou. Sentiu um certo desconforto diante dessa intuição. Contrariada pela descoberta, indignou-se. Além de se submeter às aborrecidas regras do lugar e ter seu Handy confiscado pela administração da clínica, devia ainda suportar também os caprichos dos outros ao ser obrigada a lidar com pessoas indesejáveis durante a hora mais sagrada do dia? Apesar de ter encontrado alguns sujeitos insuportáveis em sua curta existência, aturá-los com paciência ainda era uma tarefa incômoda para Anne. Em sua solitária adolescência, esses imprevistos sociais geravam apenas ansiedade e transtornos homéricos. Agora, porém, só lhe causavam aborrecimentos.

“Que má sorte a minha...”, lamentou intimamente a desolada donzela *in distress*, tendo uma repentina má lembrança do encontro anterior ao se recordar da impressão nada agradável deixada pelo rapaz (ela o achou ousado e *flippant*). Bastante cética em relação ao Destino ou a qualquer outro tipo de conceito de fatalidade, Anne considerava seu reencontro com Antoine mais uma aborrecida e infeliz coincidência. Seria aquela mais uma das brincadeiras de mau gosto dos deuses? Aliás, coincidências à parte, que maus modos eram aqueles? Indagou-se a contrafeita *jeune fille*. Desgostosa, ela mirou o desmancha-prazeres, exibindo no olhar uma evidente desaprovção. Em seguida, observou a colher caída no piso e reagiu com íntima turbulência àquela singela e cândida visão.

Anne estava realmente indignada com aquela interrupção. Então essa era a maneira primitiva daquele sujeito chamar sua atenção? *Honte à toi!* Disse para si mesma ao constatar as inten-

ções de Antoine. Se queria aparecer, indagou-se ela, vexada, por que não colocava uma maçã no topo da cabeça e pedia a Guilherme Tell para acertá-la com um arco e flecha? Errava-se o alvo e.... *c'est fini!* Concluiu a incomodada paciente, lançando um ar de censura e reprovação para Antoine. Evitou, contudo, exaltar-se em demasia, recordando-se das recomendações de Dr. Carl para controlar melhor sua impulsividade e esquecer as *más lembranças* (termo utilizado pelo médico para se referir às experiências terríveis pelas quais passaram algum dia todos os enfermos da alma). De nada adiantava perder o controle, pensou ela. Não era esse o intuito de seu tratamento naquela Clínica de Desintoxicação Autobiográfica?

Há quatro meses internada para se livrar de seu Handy e se desintoxicar de suas más lembranças, Anne habituara-se à profunda tranquilidade de Büngzli e às suas silenciosas normas de comportamento. Mais apropriada, de fato, a um retiro espiritual para celebridades entediadas do que a um hospital (ou mesmo a um sanatório), a clínica não era do seu agrado. No início de seu internamento, aquele ambiente hermético a enervou além da conta, como acontecia sempre que ela se encontrava em um lugar pouco familiar (ainda mais quando não tinha ninguém de sua idade para conversar). Notou que as pessoas faziam tudo para evitar qualquer tipo de ruído ou mesmo falar a uma altura de voz imprópria. A princípio, todo esse silêncio apenas aumentou sua impaciência. Era angustiante passar dias inteiros mergulhada naquela atmosfera monástica, queixava-se ela com frequência. A monotonia logo surtiu um efeito enervante em seu instável e irascível humor. Não ter ninguém com quem conversar a inquietou ainda mais.

Foram dias de silêncio e expectativa. Por quatro meses se manteve em *low profile*, embora ansiosíssima para ir para casa. Com o tempo, no entanto, acostumou-se ao frescor da paisagem alpinesca e à beleza natural de seus arredores e ficou mais calma. Esse é o estranho efeito do tempo e do espaço sobre a mente, diria Dr. Carl, um fenômeno estudado tanto pelos filósofos fenomenologistas e vitalistas quanto pelos físicos relativistas. A mente precisa de um pouco de ar fresco para se curar, assegurou o médico. E não basta apenas uma viagem transatlântica para isso. Seu método era mais radical. Era preciso mudar. Novos hábitos, novos gostos e uma nova vida. No decorrer dos meses, enfim, Anne resignou-se. Há tantos anos vivendo no país alpino, a jovem paciente aprendera que, na Suíça, “silence is golden” (ou *Schweigen ist Gold*), e respeitava a reinante serenidade da clínica e o silêncio tão sagrado aos suíços, tanto dos mortos quanto dos vivos. Por esse digníssimo motivo, aprendera assim a não tolerar os desavisados e os malfeitores ocasionais.

A trapalhada de Antoine provocou um sensível nervo em Anne. Em sua opinião, o desajeitado paciente era não apenas um profanador dos rituais sagrados, mas também um leigo das boas maneiras e das etiquetas de comportamento à mesa. Pois, afinal de contas, o que era o ruído senão uma profanação? Sempre que um sujeito cometia aquele crime em sua presença, ela sentia-se tentada a beliscá-lo com vontade. A indignação da jovem escalou os Alpes. Por que algumas pessoas não podiam se portar à mesa como convém a qualquer conviva comedido? Comporte-se! Parecia dizer a perturbada jovem aos seus frágeis nervos. O equilíbrio perdido, contudo, ainda estava distante de ser reconquistado, e o lado racional de Anne quis saber o motivo. Refletiu assim com seus botões e suas entranhas.

Afinal, por que estava tão irritada? Tomada de uma súbita *awareness*, Anne tentou descobrir a razão. Desde criança estava acostumada a escutar talheres caindo da mesa. Esse não era, portanto, o motivo de sua ira. Especulou que sua menstruação estivesse próxima, acompanhada mais uma vez por sua conhecida cadeia reativa de efeitos colaterais. Mas a jovem fez as contas mentalmente e descartou essa remota possibilidade (sempre menstruava com a precisão de um relógio suíço a cada vinte e sete dias exatos, e raramente seu ciclo se desregulava). Por que, portanto, a irritação? Indignou-se Anne consigo mesma. Despertado por essa infeliz circunstância, seu aborrecimento fez nascer lamentações e dúvidas no tenebroso jardim de seus pensamentos. Por conta dessa súbita autorreflexão, deixou seu almoço em standby e desfez-se em lamúrias. “Mon dieu!”, exclamou ela, queixosa, “quando poderei ter um pouco de sossego nesse lugar? E mais: quando vou poder ir embora desse inferno?”

Desde sua chegada a Büngzli, Anne teimara em não deixar seu quarto, evitando qualquer tipo de socialização com os outros internos. Considerando-se uma joia lapidada à perfeição para não se misturar com todos aqueles diamantes brutos, Anne preferia fazer suas refeições em seus aposentos, embora o médico tenha insistido que ela se socializasse um pouco, uma sugestão que muito a desagradava. Não bastava ser obrigada a conviver com todas aqueles absurdos? Ou ainda presenciar os pacientes amnésicos dançando loucamente pelos corredores, recitando versos em voz alta no pátio ou mesmo falando línguas estranhas em uma glossolalia sem sentido? Nessas ocasiões, cética em relação a tudo, a jovem nutria inquietos pensamentos. Desconfiava que Büngzli era uma espécie de asilo de loucos. Se “o inferno são os outros”, como diziam os existencialistas franceses, Anne sentia-se agora aprisionada no Nono Círculo, cercada de horripilantes mortos-vivos por todos os flancos. Ainda que fosse apenas um exagero, aquele era um motivo digno para que Anne se mantivesse em alerta, uma vez que não podia exercitar sua resposta *tend-and-befriend* à nova situação. Devia conservar uma séria compostura sob qualquer aspecto, mesmo diabólico. Ora, se não pudesse refrear sua irritação, melhor seria então que voltasse para a casa da avó em Biel (a idosa senhora era sua única parente viva em toda a Suíça). Caso não curasse de vez sua cólera, passaria a contragosto o resto de sua existência ao lado de sua avó materna, como uma velha *spinster* amargurada ou mesmo uma *bachelorette* incompreendida, como as personagens de Bette Davis. Era tudo o que menos desejava na vida. Queria se ver livre desses determinismos femininos que sempre limitaram a liberdade das mulheres através dos séculos. E bem ali diante dela estava a maior ameaça à sua independência.

Antoine, entretanto, estava alheio ao excitável estado emocional de sua companheira de mesa. Diante da inesperada e pouco simpática reação de seu pequeno público, o jovem transgressor do Zmittag sorriu sem graça, como se quisesse se desculpar por um descuido involuntário, e decidiu encerrar o espetáculo. Olhando novamente para baixo, Antoine inclinou-se até a altura do solo, apanhou devagar a colher caída e a retornou à sua posição original junto ao prato. Sem se importar em demasia com a curiosidade daquelas pessoas contrafeitas por seu descuido, o picaresco provocador ajeitou-se em sua cadeira, apanhou seu garfo e reiniciou sua interrompida refeição. Não demorou muito para que uma das funcionárias da limpeza aparecesse em cena.

Com um esfregão, a obsequiosa ajudante postou-se ao lado de Antoine e efetuou algumas rápi-

das esfregadelas no ponto em que caíra o talher. Molhou e torceu o pano de chão algumas vezes, e repetiu o processo. Na sequência, ela passou um pano úmido com perfume de lavanda no brilhante piso de porcelanato, esfregando-o energicamente. Em sua tarefa, a prestativa funcionária agiu com presteza e desenvoltura. Umedeceu outra vez o pano no balde, torceu-o e esfregou-o no chão. Ao fim de todo esse esforço antisséptico, ela enxugou a cerâmica com um pano seco (também perfumado) para dar um toque final em sua limpeza, afastando-se em seguida tão célere quanto surgiu. As perturbadas testemunhas acompanharam toda essa movimentação sem pronunciar uma palavra, como se aguardassem ansiosamente as desculpas oficiais do responsável por toda aquela provocação. Suas expressões dividiam-se entre sérias, reprovadoras, ausentes, ou mesmo astutas (no caso de Lempiszka). Em comum, todos dividiam as mesmas expectativas pelo desenlace daquela inesperada interrupção.

“Caramba! E agora? O que estão todos olhando?” Perguntou-se Antoine, procurando manter um tom voluntariamente inaudível, ao notar os olhares grudados nele. Afinal de contas, que crime tinha cometido ele? Por acaso não estavam todos ali para esquecerem seus pecados? Quantos ditadores, tiranos e ex-presidentes da República condenados por genocídio ou corrupção não queriam, acima de tudo, a paz de espírito? Por que um mero talher seria mais escandaloso do que afundar um país inteiro? “É apenas uma colher, ora bolas! Por que não vão cuidar de suas ovelhas? Quanto alarde por tão pouco!”, pensou ele, desgostoso, ignorando que os internos seguiam rigorosamente as regras e as leis do bom decoro suíço quanto aos ruídos e perturbações desnecessários. Na Suíça, sabia ele, as proibições quanto ao barulho excessivo se distribuíam de acordo com o grau de distúrbio causado pelos cidadãos. Por conta disso, as pessoas deviam evitar lavar o automóvel aos domingos pela manhã ou se resguardar de fazer qualquer tipo de barulho depois das dez horas da noite ou durante os sagrados fins de semana; essas ofensas ao bom senso e à tranquilidade eram consideradas infrações passivas de pesada multa — utilizar furadeira, cortador de grama ou mangueira de pressão eram infrações graves; utilizar serra elétrica ou deixar cair um talher, por sua vez, eram infrações gravíssimas. Mas Antoine não levava mais essas recomendações tão a sério.

Mesmo um tanto contrariado pela silenciosa censura dos companheiros, Antoine sorriu com candura para todos (sem receber, por outro lado, a mesma cordialidade ou qualquer simpatia recíproca), buscando, desse modo, não se abater pela insensível recepção e nem extinguir a pura alegria de sua essência divina (via-se como um *spirit in a material world* ou mesmo um visitante de Mercúrio trazendo uma New Message dos Céus), e retornou assim ao seu almoço. O espetáculo chegara, enfim, ao seu murcho *Grand Finale*.

Fartos da falta de novidades (e também frustrados pela inútil espera de desculpas), os perturbados observadores retomaram então às suas posições originais e à sua rotina mastigatória, mas não sem protestos. “Ruhe!”, disse um paciente em alemão, usando um tom severo. “Zitto!”, protestou o senhor Tagliaferro, em um italiano com óbvia pronúncia milanesa. Os suíços, de dedo em riste erguido, apenas olhavam, com uma certa reprovação. Há muito tempo não se deparavam com tanta barbaridade. Outros pacientes, vindo de lugares pouco procurados por imigrantes, não viram nada de bárbaro naquela ruidosa interrupção.

“Cisza, mój drogi przyjacielu!”, disse Madame Lempiszka, em um tom sedutor, a imitar Marilyn Monroe. A polonesa era talvez a única a desfrutar tudo aquilo com um certo prazer. Sentada sozinha em uma das compridas mesas espalhadas pelo salão, Lempiszka observava tudo com interesse. Menos atraída pela causa do que pelo causador de toda aquela confusão, a polonesa olhou Antoine com simpatia. Ela tinha, de fato, uma certa queda amorosa pelo rapaz. Nos últimos dias, após a chegada do novo paciente, Lempiszka passara até mesmo a se arrumar com mais apuro. Usava agora um corte bob curto à la Louise Brooks (remoçando-a de sua madura idade, ainda que parecesse uma envelhecida musa do cinema mudo hollywoodiano). No momento do incidente, a certa distância do trapalhão, em uma mesa próxima à saída, ela saboreava com serenidade sua sopa de beterraba com smetana. Apesar do ruído não a ter surpreendido, ao notar a reação dos colegas comensais, a pretensa *flapper* levou sensualmente o dedo indicador em riste próximo aos lábios (sempre delineados com um impecável batom vermelho), ensaiando assim um gesto de silêncio. Um gesto, todavia, destituído de qualquer gravidade, pois Lempiszka deu em seguida uma piscadela para Antoine e sorriu, ao que foi retribuída com menos entusiasmo pelo rapaz. Nem todos, porém, demonstraram a mesma atitude simpática da polonesa.

Ao se certificarem que Antoine não mais os perturbaria, os taciturnos comensais voltaram consolados, por fim, ao seu almoço e ao seu ânimo (ou desânimo) perdido. Uma vez passada aquela tempestade em um copo d’água, eles retornaram um a um ao seu orgulhoso e abstraído mutismo. O familiar ruído de garfos e colheres recomeçou, anunciando que agora o Zmittag podia seguir em paz e sem mais contratemplos ou interrupções. Alguns deles ainda sacudiram as cabeças, olhando de vez em quando na direção do infrator e resmungando baixinho por algum tempo, queixosos e lastimosos, até que, reconquistada a concentração perdida, desviaram suas cabeças e inclinaram-se sobre seus pratos. Menos Anne, evidentemente.

Mesmo com a volta à normalidade, a jovem comensal permaneceu por mais alguns instantes na mesma atônita posição, segurando garfo e faca no ar (como qualquer bom suíço sentado à mesa), enquanto espreitava Antoine retornar à sua refeição. O humor de Anne ainda estava em ebulição. Em alguma região de seu córtex musical escutava-se um pesado e grave acorde de guitarra elétrica de timbre industrial e pleno de microfonia. Uma *Kraftwerk* mental batucava em seus excitados neurônios, convidando-a à ação. Ficou indecisa, porém, entre arremeter contra o inimigo ou permanecer em seu lugar. Na dúvida, Anne preferiu manter-se quieta e aguardar. E se ele fosse perigoso? Pensou ela, hesitante.

Sob o curioso olhar de sua companhia de mesa (e alheio à misofonia de Anne), Antoine retornou à sua interrompida atividade, demonstrando a mesma notável morosidade anterior, aparentemente sem fome. Beliscou sem demora sua salada de aspargos com sauce hollandaise, comeu um pedaço de batata rösti, experimentou um naco da omelete com cogumelos sauté e, sem nem mesmo tocar em sua sobremesa, deu-se por satisfeito. Encerrado, enfim, seu rápido almoço, ainda sob o escrutínio de Anne, Antoine suspirou fundo e largou de qualquer jeito os talheres no prato, sem se importar muito com a etiqueta suíça à mesa. Em seguida, com um abrupto maneirismo, levou o guardanapo de tecido xadrez à boca, limpando então os lábios com agilidade, e o jogou depois desajeitadamente sobre a bandeja, ao lado da intocada fatia de torta de maçã, provocando assim um leve tilintar. Embora o ruído tenha soado um tanto débil

comparado à queda da colher no piso de porcelana, aquela nova afronta às boas maneiras deixou Anne ainda mais irritada. Que disparate! Pensou ela, amofinada. Onde ele tinha aprendido aqueles modos terríveis? Para finalizar sua performance, Antoine levou as mãos atrás da nuca, erguendo os cotovelos para o alto, e então espreguiçou-se. O deselegante e brusco gesto não passou despercebido à jovem, que apenas contemplou tudo sem falar nada.

Em uma hora tão crítica, pensou Anne, o melhor mesmo é esperar o desenrolar dos fatos sem qualquer comoção, ou, do contrário, as emoções poderiam estragar tudo. Lembrou das técnicas de comunicação não-violenta ensinadas por seu médico, entre elas a prática de observar as pessoas sem julgá-las e o útil exercício de tentar ser assertiva sem ser destrutiva. Zelosa, a jovem procurou não demonstrar suas emoções (afinal de contas, levava muito a sério sua nova disciplina e queria evitar assim o que ocorrera na semana anterior, ocasião na qual se manteve reclusa em seu quarto como medida punitiva). Precavida, Anne respirou fundo e tentou diligentemente contar até dez. *Nell mezzo del camin*, contudo, antes mesmo de terminar sua contagem terapêutica, seu olhar foi atraído por um alvo menos ofensivo (e muito mais prazeroso), colocado bem diante de seu nariz.

Pousada na bandeja de Antoine, exibia-se, deslumbrante, uma generosa porção de torta de maçã com cobertura de caramelo. Anne não pôde resistir à tentação de degustá-la com os olhos. Havia algo de irresistível no poder imagético da guloseima, em seu aspecto glamoroso de fotografia profissional. Subitamente seu rosto iluminou-se por inteiro e sentiu até mesmo a boca salivar. Anne tinha paixão por Apfelkuchen. Nesse dramático momento epifânico, um adormecido desejo despertou de seu sono jurássico, vindo de alguma remota parte de seus reptilianos neurônios subcorticais.

Era uma irresistível e óbvia tentação para a jovem paciente. Pandora não pensaria duas vezes. O que é, afinal, uma tentação senão a promessa do Paraíso? Capturada pela visão da torta, Anne pousou seus olhos sobre o intacto pedaço de torta de maçã repousada em um pratinho raso de cerâmica esmaltada ao lado de Antoine. A sobremesa, incólume ao apetite de seu dono, mantinha-se intocada em um canto da bandeja. Nesse instante luminoso, a guloseima reluziu diante dos olhos de Anne como o Sol surgindo entre as nuvens em um chuvoso dia de primavera.

— Não vai querer sua sobremesa? — indagou Anne, seduzida, os olhos fixos na cobertura crocante da torta com nozes-peca, amêndoas trituradas, calda de caramelo e Zimtcreme.

Diante daquele irresistível manjar, Anne esqueceu sua irritação efervescente. Ainda que fosse um produto da confeitaria local de Lucerna, ela adorava Apfelkuchen, uma adoração que ultrapassava as fronteiras dos cantões suíços. Embora em Berna (cidade em que vivera boa parte de sua adolescência até seu Matura, antes de partir para Zurique, onde mais tarde conheceria as maiores *chocolateries* e *confiseries* do país) ela amasse Haselnussleckerli com paixão, as tortas alemãs eram as suas favoritas. Desde criança adorava suas coberturas de chocolate, nata ou creme de leite, decoradas com raspas de chocolate branco, trufas e cerejas, e recheadas com

essência de baunilha ou queijo cremoso. Todas essas guloseimas deliciavam agudamente seu apurado paladar. Contudo, desde sua chegada a Büngzli, as variedades suíças a surpreenderam e ainda surpreendiam seu apurado gosto chokolatra, com sua cremosa cobertura achocolatada e seu adocicado meio amargo, de forma que, mesmo preocupada com o peso, ela não se furta-va a saborear essas açucaradas guloseimas após as refeições, apesar de evitar qualquer opção alimentar mais calórica do que uma minúscula porção de sobremesa, comendo apenas o ne-cessário para satisfazer sua refreada gula. Como prova de sua dedicação e sacrifício (reafir-mando assim seu comprometimento à nova dieta), um diminuto e solitário pedaço de pudim estava ao seu lado, quase imperceptível, flutuando em um pratinho de cerâmica transbordando de tanta calda doce. Para demonstrar sua firmeza de propósito, essa delicadeza gastronô-mica era a única coisa que a jovem se permitia comer na sobremesa. Todos os pacientes seguiam de bom grado as recomendações médicas quanto a não exagerar em suas porções de comida, sacrificando assim seu deleite imediato sem demonstrar, contudo, qualquer insatisfação. E Antoine não era exceção à regra. Por levar bastante a sério seu tratamento, as sobremesas ago-ra não exerciam mais nenhum apelo sobre ele.

— *Nein* — disse Antoine, sorvendo um gole de uma garrafa de água mineral Heidiland. — Pode pegar se quiser. Lembrei há pouco que preciso parar de comer doces. Eles me deixam meio agitado, sabe? E também atrapalham meus sonhos.

Muda e estarecida, Anne apenas olhou para Antoine com uma expressão confusa, sem enten-der nada. Nem sempre se deparava com tanta generosidade, ainda mais na Suíça.

— Vamos, não se acanhe! É toda sua — proferiu ele, cortês, e fez uma mesura seguida de um gesto caloroso. — *En quiete!*

— *Comment?* Como assim?! — retorquiu Anne, surpresa, interrompendo a garfada que daria em sua quiche e fixando o olhar em Antoine. “Deve ter um parafuso solto!”, acrescentou, em pensamento. “Quem em seu perfeito juízo aceitaria dividir comida com um estranho?” Depois foi acometida de uma súbita lembrança.

“De onde conheço esse.... esse *type?*”, indagou-se Anne. Mais curiosa do que aborrecida por aquela súbita revelação dietética de Antoine, ela deixou de lado seu momentâneo desejo pela torta alheia. Por um átimo a surpreendente atitude sacrificial do rapaz a intrigou. Em alguma parte de seu cérebro, uma lâmpada se acendeu.

A curiosidade, como sabemos desde os tempos de Adão e Eva, é às vezes mais poderosa do que qualquer outra emoção (eis a fórmula de sucesso de um bom filme de suspense). A saciedade de Anne, portanto, teve que esperar. A jovem lembrou-se subitamente de um distante episódio de sua infância.

Havia na parte suíça da família da mãe de Anne uma tia muito autoritária, uma senhora tão dominadora que, afirmavam, jamais se casou (talvez por nunca ter conhecido um homem à sua altura e estatura, como explicavam os mal-intencionados). Entretanto, ela era também uma mulher benevolente. Durante as reuniões familiares, a bondosa tia gostava de oferecer doces às crianças, sobretudo nas festas de aniversário. Nesses momentos de intimidade entre parentes, a tia regozijava-se dando presentes aos sobrinhos e afilhados, e distribuindo suas mágicas e açucaradas oferendas. Anne ainda se lembrava dessa distante tia sempre tão bem-vestida, que chegava à festa, revelava as adocicadas novidades e reunia a criançada em uma espécie de fila indiana, oferecendo depois a cada um dos presentes um bom sortimento de balas e outras guloseimas. Tinha, contudo, o hábito de ferir o âmago da felicidade infantil daqueles pequenos seres ao emitir um grave comentário: “Não coma muito doce, pois faz mal”, dizia ela, exibindo o cenho ligeiramente cerrado ao avisar e depois um sorriso ao pousar seu presente em uma mãozinha aberta. Cada criança era obrigada a ouvir essa mesma frase toda vez que a severa e dadivosa senhora a ofertava com uma guloseima. Ela primeiramente ensaiava um sorriso ao depositar o doce na mão em concha do pimpolho, adulando-o, para em seguida mudar para uma expressão séria e proferir sua grave sentença. “Não exagera que faz mal”, repetia ela, levantando o dedo indicador com gravidade diante dos gulosos infantes. Um tanto alarmados pela reprimenda, eles afastavam-se cabisbaixos, correndo assustados daquela humilhante e apavorante presença com seus regalos ainda em mãos. Mas nem todas as crianças escutavam aquilo passivamente, sem fazer qualquer comentário à inesperada advertência. Ao prever que teria seu prazer estragado por aquele ato desnecessário, Anne logo se sentiu incomodada pela atitude enervante da tia. Com todas as outras crianças, a menina aguardou ansiosamente chegar sua vez de ganhar uma iguaria de *Tricks or Treat* (ou *Threat*, dependendo do doador). Mas assim que a maçante tia repetiu uma vez mais seu não-coma-muito-doce-que-faz-mal, Anne desabafaria bravamente seu franco e enfurecido protesto. “Não faz mal não, sua bruxa!”, esbravejou ela, irritada pela falsa censura, e então, agarrando seus doces com firmeza, saiu em disparada pela casa para se juntar aos outros comilões.

Talvez Antoine fosse bem parecido àquela tia tão caprichosa, pensou a jovem. Quem sabe acreditasse também em falsas proibições? Ou talvez fosse apenas outro distraído. Mais alerta, Anne ficou subitamente interessada em ouvir o restante da explicação de Antoine sobre sua antipatia pelos doces. Foi assim tomada de uma súbita curiosidade. Por que ele se negava a provar aquilo que existia de mais saboroso na vida? Anne expressou suas dúvidas verbalmente.

— Prefiro ter sonhos mais puros, compreende? — respondeu Antoine, em um tom despretenso. — Doces têm um efeito particularmente nocivo em meu cérebro. Costumo ter pesadelos medonhos à noite.

— Pesadelos? — estranhou Anne. — Você deve ser a única pessoa do mundo que tem pesadelos ao comer doces.

— É realmente desagradável, sabe? Ontem mesmo sonhei que estava em uma espécie de Trem da Morte boliviano. O vagão estava superlotado de vendedores ambulantes e animais. As con-

dições de transporte eram terríveis. Havia de tudo o que se possa imaginar em um trem: galinhas, porcos e até um burrinho. Era como se estivesse viajando em um Expresso para Istambul na época da invasão dos cruzados. Pior ainda: eu me senti nas praias do Rio de Janeiro no feriado. Foi uma verdadeira *tour de force!* — exclamou Antoine, empolgado, e limpou o canto direito dos lábios usando o dorso da mão esquerda.

Diante desse gesto afrontoso, Anne olhou Antoine com uma certa reprovação e não se conteve em dizer:

— E o que os doces têm a ver com isso?

— Malcuidado o corpo é uma fábrica de males. Ou talvez seria melhor dizer *mal-educado*, de certo? — indagou-se ele, coçando a têmpora direita. — Sei que não são somente os doces que afetam meus humores, mas é importante me precaver. Precisamos cuidar de nossa limpeza interna para ser mais puros. Meu médico me explicou que nossos intestinos equivalem a um segundo cérebro. Um cérebro cheio de vísceras, diga-se de passagem. O estado de nossa digestão determina nosso estado mental, foi o que ele me garantiu. Por isso estou lhe oferecendo minha sobremesa como um presente. Fique com ela. Além disso — concluiu Antoine, olhando novamente para a torta —, prefiro só *betiscar*.

— *Petiscar* — corrigiu Anne, séria, procurando disfarçar seu crescente aborrecimento.

— É como se diz? — replicou Antoine e, um tanto vexado, ao perceber seu deslize gramatical refletido na grave expressão da jovem, tentou logo se desculpar: — *Exgüsi, bitte!* Meu português está péssimo, sabe? Os brasileiros não se importam em falar corretamente sua própria língua. Desde que voltei do Rio de Janeiro, a única pessoa com quem converso bastante é meu médico. Ele até se expressa muito bem no idioma, apesar de ter estudado português em Portugal, e desconhece as minúcias do português do Brasil. Talvez por esse motivo nunca me corrigiu. Fiquei agora em dúvida se ele realmente me compreende. Sabe que eu não havia pensado nisso antes? Que talvez as pessoas não me entendam como eu as compreendo. Ninguém nunca me entendeu bem antes! E, para falar a verdade, também não entendo meu médico às vezes. Ele me chama de *miúdo* em alemão. Ou seja: é como se me chamasse de *garotinho*, pode? Esse seria um tratamento um tanto pejorativo para os cariocas, ou até mesmo uma ofensa, mas terminei me acostumando. Você gostaria que a chamassem de *garotinha*? Eu não me importo, na verdade. Até entendo Dr. Carl me chamar assim de vez em quando. É sua forma de parecer amigável com os pacientes. No fundo, tenho pena dele, sabe? E dos alemães, em geral. Eles são tão sentimentais e tão perfeccionistas, não acha? Querem sempre fazer tudo com máxima excelência, são capazes de venderem a alma para atingirem seus propósitos e choram até mesmo diante de uma bela pintura. Esses dias Dr. Carl me confessou que gostaria de ter aprendido português no Brasil. Os brasileiros, segundo ele, possuem um acento mais sedutor do que os lusitanos, o que não posso deixar de concordar. Nosso jeito preguiçoso de falar lhe agrada. De vez em quando, nas consultas, meu médico elogia minha melodiosa pronúncia. Diz que pareço cantar quando falo, enquanto os gajos falam “curto e grosso” em sua opinião. Na

verdade, acho que ele não gosta muito dos portugueses. Notei que evita falar de sua passagem pelas terras lusitanas. Deve ter sido alguma decepção profissional, entende? Os portugueses, afinal, fizeram tantos estragos. Da minha parte, simpatizo-me bastante com meus primos lusitanos. Embora evite seus pastéis doces, gosto de sua música. Suas canções são bem melancólicas, apesar das letras serem divertidas. Por acaso você conhece alguma piada de português?

— *Pas du tout* — respondeu Anne, pouco interessada. — Apenas piadas de suíços. E são bem sem graça.

Garotinha? Rio de Janeiro? Indagou-se Anne, irritada com o *baby talk* e com tanta loquacidade. Relembrar o Brasil fez a jovem estremecer por dentro. Ela vivera nesse distante país quando ainda era um bebê, muitos anos antes de se transferir com sua família para a Suíça. De fato, nascera no Rio. Reconhecia a cidade com a reverência de uma filha para com sua mãe, embora não a considerasse seu *Heimatort* (ou sua terra prometida). Seus ocupados pais nunca lhe falaram nada sobre sua infância no Brasil. Anne pouco se recordava dos trópicos. Por isso, em sua opinião, o célebre destino turístico era uma espécie de cenário de filme de terror e *dark tourism*, com uma abundância de cenas chocantes, violência gratuita, visões horripilantes e mortos-vivos (impressão causada, sobretudo, após ter assistido a um terrível filme em que turistas eram sequestrados e assassinados por zumbis no litoral carioca). Essa associação de turismo com terror não era novidade para uma grande apreciadora de *horror movies*, um gênero de produção que ela adorava em sua fase adolescente, mas que agora, anos depois de assistidos, só lhe trazia apenas más lembranças (ainda mais depois que namorara Markus, um suíço que ela conhecera em uma *Zombie Walk* em Basileia). A menção de Antoine à Cidade Maravilhosa não significava nada para Anne. O que ela sabia do Brasil? O pouco que conhecia desse Gigante Adormecido apenas piorava seu julgamento sobre os brasileiros.

Anne não tinha, de fato, nenhuma simpatia pelo país em que nascera e que deixara para trás ainda tão menina. Possuía lembranças sombrias daquele mundo sem transparência, em que tudo era feito na surdina, onde a política, informara-se ela, operava um mercado negro de propinas e subornos em seus bastidores, e esquemas de corrupção e escândalos eram comuns. A política brasileira, diziam, era um reflexo da má educação da população. Ou seja, a qualidade dos políticos apenas refletia a qualidade dos eleitores. Ali estava um país preso ao passado, mergulhado no caos das contingências, governado e explorado por oportunistas e parasitas, célebre por sua grande população de mortos-vivos e por seu Carnaval zumbi (havia nele mais mortos-vivos do que sambistas), um país em que as pessoas não tinham vergonha de viver mal, amontoadas em cidades superpopulosas com serviços precários. Em suma, o Rio de Janeiro, com suas favelas e sua violência, lembrava-lhe um inferno a céu aberto. Era uma cidade tão surreal que ela não conseguia imaginá-la nem em seus piores pesadelos. Essas opiniões da jovem, no entanto, demonstravam apenas seu total desconhecimento do Brasil.

Uma vez que os pais de Anne haviam partido para a Suíça quando ela era apenas uma *garotinha*, ela não se recordava de absolutamente nada de seu passado. Seus genitores nunca quiseram saber notícia de seu país de origem e ela ignorava por completo como ali viviam. Considerava a capital carioca uma página negra em sua vida; literalmente. E não se entusiasmava em

nada por conhecê-la melhor. No fundo, Anne era tão desinformada sobre o Brasil quanto qualquer outro europeu. Criada e educada na Suíça, Anne sabia do Brasil apenas o que era veiculava ao mundo pelos meios de comunicação de massa, em geral, notícias filtradas pela própria imprensa brasileira. Ela compartilhava com os estrangeiros essa imagem nada alegre daquele país de brincalhões. Essa impressão negativa havia sido adquirida graças a um encontro em Zurique com uma imigrante brasileira que afetara sua visão daquele distante país, um episódio que narraremos mais adiante.

Ao saber, porém, que Antoine havia vivido naquela notória metrópole tropical, a exuberante racionalidade crítica de Anne foi despertada. Além de seu lado juíza, ela possuía também um apurado lado analítico. Não era uma grande coincidência que Antoine tivesse vivido na mesma cidade em que seus pais residiram? “De onde conheço esse sujeito?”, indagou-se, encabulada. Mas a insistente tentativa de Antoine de iniciar uma conversa deixara Anne tão aborrecida que ela não queria se aprofundar mais na questão. O paciente trapalhão quebrara todas as regras de etiqueta (locais ou globais), necessárias para se entabular um diálogo à maneira tradicional suíça. Essa falta de modos a irritara profundamente. Apesar da boa vontade, Antoine estava sendo muito insistente para o gosto de Anne. E além disso, pensou a jovem, ele não parecia ser tão civilizado quanto um autêntico suíço. “Piada de português? *Sacrebleu!* Daqui a pouco vai contar também piadas de brasileiros”, comentou ela para si mesma e franziu as sobrancelhas para o pretense piadista. Como as pessoas se divertem com tão pouco, refletiu a jovem. Basta escutarem algumas piadas e ficam alegres. Resolveu assim ficar quieta em seu costumeiro silêncio reflexivo.

— Lembra-se de algum trocadilho divertido? — insistiu Antoine. — Ou um trava-línguas tipo: “o rato roeu a roupa do rei de Roma”? Ou “Zehn zahme Ziegen zogen zehn Zentner Zucker zum Zoo”?

— *Rien* — respondeu a jovem, secamente.

Sem querer comentar o *Witzelsucht* daquele raro sujeito, Anne contou até dez e, ao término de sua íntima matemática, suspirou fundo. Estava claramente incomodada. O jeito bizarro de Antoine se divertir não conseguiu comovê-la. O que havia assim de tão engraçado em fazer trocadilhos? Aquilo que não era definitivamente nada divertido, pensou ela. Na verdade, pelas distintas e diversas fases da vida de Anne, o conceito de diversão mudara bastante com o decorrer do tempo. Quando era ainda criança, as bonecas a entretinham mais do que tudo, motivo pelo qual juntara uma enorme coleção de exemplares de todas as partes do mundo. Realizara casamentos suntuosos de faz de conta, levava suas amigas de plástico para viajar pelo mundo, vestindo-as com as roupas mais bonitas feitas sob medida por célebres costureiras e estilistas da Europa, da Rússia e da Ásia. Depois dessa fase tão fugaz, ainda no início de sua mocidade, a Disneylândia passou a ser sinônimo de entretenimento para Anne. Sua visita a Magic Kingdom, contudo, foi uma grande decepção. Na adolescência, anos mais tarde, todas as farras noturnas e resultantes ressacas com suas poucas amigas de carne e osso, e também as enebriantes festas nos clubes noturnos da boêmia zuriquense assumiriam para Anne o mais alto grau de entretenimento (ainda que não se lembrasse muito bem desses dionisíacos episódios de seu

passado). Entretanto, após quatro meses internada na clínica, nada mais lhe dava prazer. Tudo exalava um grande e melancólico *bleu*, como diriam os *bluesmen* do Mississipi, esses melancólicos músicos tão admirados por cantarem suas mágoas nos documentários sobre música americana do século vinte. Os trocadilhos de Antoine apenas acentuariam sua melancolia e seu tédio. Ao pensar em seu humor arruinado, sua ira avolumou-se como um balão pleno de ar quente. Alheio a essa invisível fúria em desenvolvimento, Antoine mantinha suas mãos enfiadas nos bolsos da calça, um gesto um tanto rude para os padrões da jovem. Atenta, Anne apenas observou esses modos adolescentes de maneira séria, controlando sua inquieta mudez. Mas que afronta! Aborreceu-se ela e contou de novo até dez. Quando as coisas se acalmaram, ela decidiu, por fim, passar em branco aquele distraído descuido, ao considerar Antoine apenas um *étranger* desinformado.

— Aprendi várias piadas quando estive no Rio de Janeiro — insistiu Antoine. — Os cariocas são uns verdadeiros piadistas, sabe? Eles adoram fazer piadas. Se quiser ouvir, conto uma para você. São tão adoráveis quanto as atuações de Zarli Carigiet. Quer ouvir? — indagou o jovem, que era um fã do célebre ator suíço, sobretudo quando esse artista cômico atuava em papéis de *hobos* bonachões e distraídos, nos quais demonstrava seu domínio da arte teatral em interpretações que faziam Antoine se lembrar dos malandros que ele conhecera no Rio de Janeiro.

— Agradeceria muito se não as contasse — insistiu Anne, apressando-se em impedir o rapaz de cometer alguma extravagância.

— Tudo bem, não faz mal. Confesso que as piadas são um tanto infames. Os brasileiros possuem um humor peculiar. Em sua visão, a política é como um grande teatro. O Congresso para eles é como uma comédia absurda. Sabia que, no Brasil, até mesmo os palhaços viram congressistas? Quer escutar um fato hilário?

— Não quero escutar, obrigada. *Merci!* — respondeu Anne, ainda menos interessada, e, segurando seus talheres no ar, desviou o olhar e terminou de mastigar sua última porção de quiche de queijo.

Antoine não conseguiu expressar sua perplexidade. Aquela era realmente uma reação inusitada para ele. Quem, em sua sana sobriedade, detestaria escutar um gracejo? O jovem piadista, no entanto, desconhecia a máxima que dizia: “Não faça piadas diante de uma mulher aborrecida”, por isso ignorava os reais motivos por trás da irritação de Anne. A pressão nas artérias da jovem estava começando a se elevar. “Que intrometido...”, pensou ela, um tanto apoquentada. “E ainda quer me ensinar um pouco de cultura tupiniquim”, complementou. Essa reação de Anne era instintiva. Ao se sentir assediada por um homem, Anne costumava reagir com frieza a qualquer aproximação, mesmo que fosse apenas uma tentativa de se iniciar uma conversa amigável falando asneiras. Lembrou-se então, quando ainda era uma menina, de ter lido um tanto horrorizada os textos de alguns escritores brasileiros. Em sua infância, ela adquirira o hábito de retirar alguns livros da biblioteca do pai. Em certa ocasião, após folhear as amareladas páginas de um volume escrito em português, Anne teve a má impressão que a autora tinha

uma bizarra atração pelo escatológico, sobretudo pelo hábito de comer baratas. Examinou outros livros, de lavra mais recente, e chegou à mesma conclusão. Todos os autores brasileiros, segundo Anne, tinham uma predileção pelo gênero que consagrou Lovecraft e Houellebecq. Talvez estivesse nesse fascínio por bizarrices, pensou ela, a explicação para os brasileiros falarem tantos palavrões e nomes feios, ou mesmo contarem piadas nas horas mais inoportunas.

Anne, porém, não sabia realmente o que estava perdendo ao se negar a escutar uma piada de Antoine. Era talvez a única coisa que o jovem conhecia bem. Embora tenha perdido uma parte de sua memória, ele ainda se recordava de um grande repertório de anedotas de todos os gêneros e nacionalidades. Seu anedotário incluía piadas alemãs sobre os suíços, piadas belgas sobre os holandeses (e *graps* e *blagues* sobre os belgas), todas elas com diversos teores e graus de mordacidade e humor. Nessas historietas cômicas, os finlandeses zombavam do esnobismo dos suecos, e esses troçavam dos noruegueses, os portugueses escarneciam da soberba espanhola, irlandeses caçoavam dos ingleses, os suíços faziam mofa dos austríacos (e também os austríacos dos suíços), os poloneses debochavam dos enfadonhos alemães; e havia ainda os estonianos tripudiando os reservados finlandeses, os macedônios ridicularizando os gregos, ou os italianos do Norte contando *scherzi* dos italianos do Sul (e vice-versa). Melhor do que todas essas piadas continentais, contudo, eram as *brandarar* islandesas; uma vez que esses insulares, sem nenhum vizinho fronteiro para debochar ou zombar, faziam troça do futebol dos ingleses ultramarinos. Além desse rico repertório, Antoine conhecia ainda anedotas de galeses de Cardiff, *jokes* dos escoceses de Edimburgo e dos irlandeses de Dublin e Cork. Enfim: havia piadas para todos os gostos e culturas. O desinteresse de Anne, no entanto, não desanimou Antoine. Como o Conde Léon d'Algout tentando conquistar Ninotchka, o corajoso jovem não se deixou abater pela falta de receptividade da inexpugnável e incomóvel garota, e persistiu em suas tentativas de ganhar sua difícil simpatia.

— Então não gosta de piadas? — admirou-se Antoine. — Talvez prefira a música. Sei algumas canções suíças. São graciosas e sentimentais. Posso cantar *Mis Dach isch de Himmel vo Züri* para você. Ou *Emmentaler Kùhreihe*, se quiser. É minha preferida. Uma canção muito popular nas regiões montanhosas, sabia? E me faz lembrar as adoráveis vaquinhas leiteiras. *Lioba, lio-o-ba!* Mesmo quem nunca saiu de seu cantão se emociona ou até mesmo chora ao cantá-las. Uma vez meus pais me levaram a uma *Fête de Vignerons* em Vevey e escutei os *cantanti*. Foi inesquecível. Relembrei bastante essas canções quando estava no Rio, em minha fase mais melancólica. Molhei alguns lencinhos de papel, confesso. Nessa época, eu não me encontrava muito bem, sabe? Estava passando um período terrível. Longe da Europa, tornei-me um homem nostálgico. Nada no Brasil me lembrava os Alpes. Foi uma dura fase em minha vida. Nos trópicos, eu me sentia morando no inferno. E não apenas pelo calor e a poluição. Pensei que ia morrer de saudades da Suíça. Senti falta da parcimônia e do silêncio. Afinal, esse ainda é o país que mais amo. O que seria da ordem mundial sem os suíços? Imagine se fossem os brasileiros que governassem o mundo!

— Não quero nem imaginar — replicou Anne, esforçando-se para não demonstrar nenhuma emoção. “O que ele quer comigo, afinal? Acha que tenho tempo para essas bobagens? Que chatice!”, exprimiu ela, do fundo de seus mais íntimos pensamentos. Preferia pensar sozinha do que escutar o que não lhe agradava.

— Tem certeza que não quer ouvir algumas canções? — indagou, decepcionado, o insistente jovem. Ele também desconhecia a máxima que dizia: “Não cante para uma mulher aborrecida”. — Pois então não sabe o que está perdendo. São realmente encantadoras, sabia? Talvez nunca tenha se admirado do céu de Zurique ou visto uma magnífica vaca leiteira em Emmental. Nunca teve uma nostalgia, ou mesmo um pequeno *Heimweh*, quando esteve fora da Suíça? Ou ao ver ainda uma fotografia do Matterhorn em um pôster de uma agência de turismo em um país latino-americano? Qualquer bom suíço derramaria uma lágrima ao se lembrar de sua terra natal. Não se orgulha da paisagem suíça e da fonte tipográfica Helvética?

— *Je m'en fiche*. Quando vivi em Zurique, o céu estava sempre cinzento. Sem dizer que eu sofri bastante com o Föhn. Ficava tão enjoada que mal saía de casa. Não tenho muita sorte com o tempo quando viajo, entende? Mas concordo que os dias ensolarados são esplêndidos, embora não tenha o costume de sair de casa para apreciá-los, *à dire la vérité*. Adquiri a domesticidade dos suíços — disse Anne, secamente.

De fato, o *Wanderlust Ex Helvetica* de Anne podia ser resumido apenas à Europa (conhecia grande parte do continente, inclusive a Rússia, considerada por ela como um país do Leste Europeu). Ela fizera muitas viagens com seus pais em sua infância e viajara sozinha por muitos países em sua época de Erasmus, e estivera também nos Estados Unidos (apesar de uma frustrada viagem a Magic Kingdom com sua família).

— Além do mais — acrescentou ela —, o que há para se fazer fora dos limites dos Alpes? A Suíça é universal. O mundo inteiro está aqui. Com a fabulosa vantagem de todos seguirem as mesmas normas. Até mesmo no Carnaval somos mais comportados. *Dura lex sed lex*. A obediência determina o cidadão. E não há um ser mais obediente do que um suíço. Sobretudo aos seus costumes e hábitos. Ninguém em sã consciência, por exemplo, compartilharia sua sobremesa com um estrangeiro. Na Suíça, costumamos ser menos expansivos.

— *Ja, du hast recht*. É um pequeno grande país — disse Antoine, afirmando uma verdade inquestionável. — Concordo com você. Mas o Rio também tem coisas interessantes. A gíria dos populares, por exemplo. A cidade é um esculacho, como dizem os cariocas.

— Você aprendeu gíria carioca? *Mon dieu!* Que bizarro!

— Claro! Como eu ia sobreviver a um jogo de futebol no *Maraca*? Ou a um dia na praia em um domingo de sol? Ou a um churrasco na laje?

— Você foi a um jogo de futebol?! Quanta coragem a sua....

— Pela primeira vez em minha vida tive a oportunidade de gritar “Gol!” com vontade. Foi irado! Pena que um maluco na torcida caiu na mão do palhaço e perdeu a linha. O negócio foi sinistro. A polícia invadiu o estádio com cassetetes e gás lacrimogênio, provocando um estouro de gente para todos os lados. Foi uma verdadeira baderna. Pensei que ia morrer pisoteado pela galera.

Obviamente, Anne não entendeu nada do que Antoine falou em *carioquês* (sentiu-se no início de uma leitura da peça *Pygmalion* tentando entender o que Eliza Doolittle falava em seu inglês cockney). *Nonchalant*, ela colocou outra porção de quiche na boca, mastigando com lentidão (acostumada a regozijar-se com os chocolates suíços, ela sempre mastigava a comida mais devagar quando estava ansiosa; hábito que, além de prolongar seu prazer gustativo, também evitava os gases, que eram um detestável inconveniente para ela). Ao deleitar seu sensível paladar com a iguaria (um estado que preferia gozar quietamente, aproveitando o sabor do momento), ela refletiu sobre a esquisitice de seu companheiro de mesa. Que tipo de pessoa vai ao Rio e volta falando gíria? Deve ser o mesmo tipo que não come torta de maçã, pensou. *Après tout*, quem no mundo não gosta de Apfelkuchen? Havia tantas coisas piores no mundo (tais como ser mantido prisioneiro na selva amazônica por um maníaco leitor de Charles Dickens ou ficar preso em Marshalsea por não pagar suas dívidas). Que heresia consumista era essa! Era como ser um vegetariano no Dia Nacional da Carne, pensou a jovem. Mesmo desencorajado pela antipatia de Anne às piadas e às canções suíças (e pela sua antipatia em geral), Antoine não desistiu. Talvez ela fosse apenas uma *poor comprehender*, no dizer dos ingleses, e não entendesse bem as piadas de português (ou de qualquer outro europeu).

— Meu médico me esclareceu muitas coisas sobre meus problemas — afirmou Antoine, sem se importar com o silêncio de sua companheira de mesa. — Não sou tão maluco quanto pensava. A brasilidade tem cura.

Nesse exato momento, Anne olhava para o florido jardim do outro lado do paredão de vidro do refeitório. Suas retinas descansaram nas cores vivas com hesitação. Por que as pessoas sempre achavam que não são tão malucas quanto pensam? Refletiu a jovem. Enquanto isso, Antoine devaneava.

— Que descoberta incrível, não acha? — indagou ele, entusiasmado por lembrar o que lhe dissera Dr. Carl. — Saber que não somos nada do que imaginamos ser, e que estamos todo o tempo nos enganando com falsas aparências, acreditando que a diferença é a identidade. É triste saber que a imagem que temos dos outros (e também nossa própria autoimagem) é apenas uma mera ilusão. Até mesmo os neurocientistas comprovam: o essencial é o mais importante. Somos todos iguais em espírito. Nascemos, crescemos, envelhecemos e morreremos um dia. Os orientais estavam certos: a vida é um ciclo repetitivo. *Phantastisch, nicht?* Sinceramente, não sei o que faria sem Dr. Carl — continuou o agora animado mancebo. — Ele conseguiu me provar que nós, com nossas crenças e ideologias ilusórias, somos todos uns desorientados, e que a loucura é apenas um desajuste no relógio da mente. Para consertar o malfeito, bastaria um simples e pequeno ajuste nas engrenagens do cérebro. Um simples ajuste! Não é incrível isso? Ele me assegurou que logo me tornarei um outro Antoine. Esse é o intuito de meu trata-

mento. Quando tudo terminar, serei uma nova pessoa. E terei uma nova vida pela frente. Foi exatamente o que me disse meu médico. Serei um novo homem!

Anne subitamente parou de mastigar e olhou para Antoine, intrigada. Novo homem? O que estava falando aquele tipo? Além de bancar o engraçadinho era também um bajulador desavergonhado do Dr. Carl? Anne ficou aborrecida com essa constatação.

Na verdade, ela não suportava escutar ninguém falar bem do médico. Desde o início de sua internação, Anne não tinha um conceito muito bom do diretor de Büngzli. A confiança necessária entre eles nunca chegou a se concretizar realmente. E não eram apenas sua mania de fazer categorizações que a irritavam. Como podia confiar em um profissional que fala mais do que o paciente? Por conta de sua antipatia pelo diretor da clínica, a impressão inicial de Anne de que Antoine era um enviado do inferno cristalizou-se um pouco mais.

— Mesmo? — indagou Anne, sem conseguir disfarçar seu ceticismo, fazendo com isso uma ligeira pausa em sua mastigação. — Ele disse que basta um pequeno ajuste em seus parafusos soltos? Pfui! E você acreditou em tudo o que ele falou?

— Piamente.

“Azar o teu!”, pensou Anne. Ela já considerava seu tratamento uma grande perda de tempo. Em sua opinião, os “pequenos ajustes” do médico eram tão imperceptíveis que faziam seu método parecer inócuo. Dr. Carl tentara todos os meios de tratar sua irritação contínua e os resultados de seus experimentos ainda eram pífios. Como a psiquiatria e a psicanálise, a busca pela comprovação da eficácia do método tornou-se mais importante do que descobrir a cura, raciocinava ela.

— Acho que você vai precisar de um grande ajuste em seu cérebro — disse Anne. — Estou há quatro meses internada e ainda não ajustei coisa alguma. Tenho minhas dúvidas, inclusive, se estou seguindo o tratamento correto. Quantos tratamentos já fiz e que não deram em nada? Os médicos às vezes se enganam, sabia? E eu não acredito muito no que dizem. Na verdade, não acredito em nada. *Rien!* Hoje os profissionais são mais bruxos do que curandeiros.

O comentário da jovem deixou Antoine um tanto pensativo. Sem fazer caso de suas palavras, Anne baixou os olhos para o prato e voltou a comer sua quiche. O *junger Patient*, por sua vez, não se importou com o descaso da colega de mesa por Dr. Carl e seu método genial. Desde que iniciara seu tratamento, uma semana antes, ainda em sua primeira consulta, Antoine passara a nutrir uma grande admiração por seu médico.

Com exceção de Anne, Dr. Carl era admirado e respeitado por todos em sua clínica, em vários

aspectos. O diretor era um alemão caucasiano, alto e encorpado, na faixa de seus cinquenta anos, de baços olhos azuis, cabelos curtos grisalhos (em sua juventude, ele usara um penteado estilo Marcello Mastroianni em *8 e 1/2* de Fellini, mas agora preferia a seriedade do corte quase militar, mais maduro e responsável) e possuía uma leve papada, o que acentuava seu ar profissional. O médico era também um homem antiquado; reconhecido, entre outras coisas, como um *raconteur*, um esteta e um entusiasta do esoterismo oriental. De acordo com um de seus colegas do campus de Heidelberg, onde estudaram juntos, “ele recitou de memória o Ramayana em sânscrito para o último Marajá de Benares, jogou *chaturanga* com o Dalai Lama, interpretou o mapa astral do príncipe herdeiro do Butão, teve um *perfect day* com Lou Reed e Laurie Anderson em um café em Barcelona, discutindo sobre as variedades do êxtase agnóstico, ganhou ainda uma fortuna com pachinko em Kanagawa, e por pouco não morreu em um atentado terrorista promovido pelos curdos em Istambul”. Era impossível não admirar um homem que dedicara toda a sua vida à cura e ao saber.

Em Búngzli, Dr. Carl comandava uma equipe de setenta funcionários, entre eles enfermeiros, psiquiatras, psicólogos, terapeutas ocupacionais em estágio, além de profissionais de diversas outras áreas. Sob sua direção, a vida transcorria tranquila e fluida na clínica. Quando os enfermos não demandavam um cuidado contínuo, o trabalho era mais brando, ainda que fosse um pouco mais fastidioso nas épocas de Lua Cheia. Os altos e baixos da rotina acompanhavam a ciclotimia dos próprios pacientes, aumentando a pressão no início do internamento e diminuindo quando estavam a ponto de ganhar alta. Muitos internos haviam deixado Búngzli naquele mês, o que era um alívio para o pessoal de apoio, uma vez que estavam livres para atividades mais prazerosas. Dessa forma, menos pressionados pelas tarefas cotidianas, enfermeiros e copeiras preferiam agora desfrutar as festinhas particulares no piso superior do prédio principal, deixando assim os internos cumprirem sua sonambúlica rotina pelo jardim, sem perturbá-los ou serem perturbados. E embora a rotina diária seguisse quase livre de atribulações, Dr. Carl era muito exigente em relação às normas. Todos os pacientes, *exempli gratia*, deviam fazer seu passeio matinal, ocasião em que poderiam tomar um pouco de banho de sol. Esse era, segundo o médico, um hábito essencial para a boa saúde do corpo e da mente. Os veteranos internos de Búngzli, por sua vez, eram convidados a participar de todos os eventos promovidos pela clínica, fossem eles aniversários, despedidas ou piqueniques. Aos novatos não era exigido tanta participação, mas ainda assim eles tinham também suas obrigações, entre elas consultar seu médico a cada dois dias para uma breve entrevista e também para se submeter a um exame psicológico de rotina, ocasião em que o profissional analisava o progresso do tratamento (ou, no jargão clínico, “sua transformação alquímica”) e fazia suas recomendações. Antoine, como todos os outros recém-chegados, não foi poupado desse ritual iniciatório. E não demorou muito para se adequar à nova rotina. Seu primeiro dia na clínica, entretanto, foi diferente de tudo o que os médicos e enfermeiros testemunharam até então.

Por conta do delicado estado mental em que se encontrava o novo paciente, a chegada de Antoine a Búngzli havia sido um tanto atribulada para os padrões da instituição. Ele deu entrada na clínica “melancólico, pouco receptivo e completamente desatento”, como anotara o médico na ficha do paciente. Dr. Carl logo percebeu que estava lidando com um caso grave de crise existencial. Além disso, seu nível de atenção era baixíssimo, seu desânimo era notável e ele mal conseguia soletrar seu próprio nome. Não falava, não olhava para as pessoas e não se importava com nada. Logo que ficou aos cuidados do médico, Antoine foi então levado às pressas

para Unidade de Emergências Mnemônicas em uma maca. Antes da sessão de desmemoriação, porém, alguns exames foram necessários, e revelaram dados interessantes sobre o paciente. O exame de cromatografia líquida de alta performance revelou baixos níveis de dopamina, serotonina e de metabólitos em seu córtex pré-frontal, amígdala e hipocampo. Uma análise por meio de uma espectrofotometria de fluorescência revelou uma avançada oxidase NADPH e uma grande quantidade de enzimas MMP-9 nos tecidos nervosos. Todo esse mapeamento apontou áreas muito excitadas no cérebro reptiliano de Antoine, que afetavam gravemente seu nível de atenção. Era preciso agir rápido, constataram os médicos: o cérebro do paciente estava se enferrujando com rapidez, e seus neurônios em breve entrariam em degeneração. Após ser sedado, Antoine foi submetido pela primeira vez ao extraordinário método de desmemoriação do Dr. Carl. Denominado de Mnemodetox por seu inventor, o procedimento efetuava uma completa reprogramação cerebral e uma admirável transformação mental em seus pacientes. Uma única sessão, dizia ele, era capaz de levar a fabulosas epifanias.

Exceto pela sofreguidão trazida pela momentânea urgência, o procedimento de uma sessão emergencial não diferia das sessões normais de desmemoriação. Uma vez que o enfermo colocasse o Capacete de Deus (ou, no caso, o Capuz de Deus, pois o aparelho se assemelhava a uma máquina de secagem de cabelo), um pequeno milagre se efetuava em suas redes neurais. As sinapses mapeadas no sistema límbico do paciente eram primeiramente repolarizadas. Com isso, a atividade dos neurônios da amígdala e do hipocampo era diminuída, desativando ali a memória de curto prazo e liberando neuro-hormônios para serem assimilados pelos centros de prazer e *reward circuits*, prontos a reconquistarem por meio do alívio o equilíbrio homeostático perdido. Ao mudar a frequência do sistema límbico para o ritmo alfa e reduzir a velocidade de processamento dos estímulos neurais do paciente, cada sessão de Mnemodetox tinha o poder de transformar o enfermo em um novo indivíduo, reinicializando seus circuitos mentais, tirando-o assim do fundo do poço de sua confusão e proporcionando a ele lucidez e conforto existencial. Alguns, mais afortunados, experimentavam aquilo que os hindus denominam de *Kaivalya*, ou a união com o cosmos. Mas Antoine não chegou a tanto.

Alheio a todo esse miraculoso procedimento, o recém-chegado nada sentiu durante toda a sessão. No final dessa operação de salvamento mental, os enfermeiros conduziram Antoine ainda adormecido aos seus aposentos, a fim de que ele repousasse um pouco para se recuperar de sua cirurgia cerebral. Ele dormiria um *dream of angels*. Um enfermeiro ficou ao seu lado até de madrugada, quando então terminou seu turno e deixou o paciente desfrutar seu doce sono. Somente quando despertou, algumas horas depois, Antoine pode finalmente vivenciar o efeito da desmemoriação e perceber o mundo em toda sua plenitude.

A sessão emergencial produzira um miraculoso efeito *turn on* no ânimo do jovem paciente. O procedimento trouxe um alívio imediato aos seus sintomas melancólicos e aumentou sua receptividade e sua sensibilidade. Antoine não se sentia mais *numb* como antes e nem mentalmente passivo como quando chegara à clínica. Após sofrer um *rush* de endorfinas em seu cérebro ao acordar, o paciente permaneceu em uma espécie de torpor superconsciente, onde tudo parecia divino e esplendoroso. Antoine nunca se sentira tão bem em toda sua vida; tão leve, tão liberto e tão vivo. Ao fim daquele deslumbrante estado mental, o recém-chegado pulou da cama, abriu a janela do quarto e respirou fundo. Empolgado pelo súbito bem-estar, Antoine

olhou para fora e, maravilhado, viu um novo mundo. Não estava mais no Brasil, constatou ele, aliviado. O céu claro e sem poluição parecia afirmar com veemência essa verdade. Estava livre! Pensou o jovem amnésico, extasiado por essa descoberta. Livre, livre, livre! Berrou ele a quem quisesse ouvir. Ficou tão empolgado que quis ter asas e voar.

Antoine, contudo, não se contentou em ver apenas o céu pela janela do seu quarto e se imaginar voando pelos céus como um Ícaro. Aproveitando-se da ausência dos enfermeiros (era aniversário de um dos funcionários, e eles estavam no segundo andar do prédio principal, em uma festinha regada a Pinot noir e fondue), o jovem paciente saiu de seus aposentos e, sem ser visto, percorreu todo o corredor até porta de saída principal que levava para o pátio, dirigiu-se até o pedestal do busto de Gottlieb Burckhardt e o escalou com destreza (possuía ainda uma agilidade admirável: em sua época de escoteiro, ele nadara nos lagos suíços e também havia escalado os Alpes e excursionado a pé pela pitoresca região do Ticino até a fronteira com a Itália, além de ter nadado, em sua passagem pelo Brasil, na Lagoa Rodrigo de Freitas; estava, portanto, em ótima forma física). Ali do alto da escultura, prestes a cair no vazio, ergueu os braços para cima em um gesto de vitória, soltou um formidável grito de júbilo, como se quisesse agradecer ao Universo por sua existência. Ousado, deu um passo à frente, preparando-se para saltar. Teria sido um acidente patético se não fosse pelo berro alarmado e alarmante de uma encarregada da limpeza, que o vira escalar o pedestal, aquela maluca façanha teria sido completada com sucesso. “Look at me now! I’m flying!”, vociferou Antoine, imitando Nick Cave. Surpresos pelo alarde inesperado, os enfermeiros deixaram seu divertimento às pressas e acorreram com rapidez até o local (alguns deles com taças de vinho na mão e apetrechos de fondue) para cumprir seu dever de cuidadores. Como um surfista executando um aéreo ou um *psy punk* saltando de um palco diretamente na plateia em um show do The Stooges nos festivais *nineteen-sixties*, Antoine arriscou um *stage-dive* e atirou-se no ar. Nesse exato instante, dois enfermeiros o apanharam antes do salto, agarrando-o pelos braços antes mesmo que ele finalizasse sua acrobacia e se espatifasse no chão como um Iggy Pop desamparado pela plateia. Em seguida, eles o imobilizaram com uma chave de braço e, uma vez cativo o trapezista, o meteram em uma camisa de força, enquanto ele, contrariado e aborrecido, se debatia para ser solto, clamando que o deixassem voar (“Por Jove! Deixem-me em paz!”, dizia ele).

De fato, poucos pacientes eram tão excitáveis quanto Antoine. O método do Dr. Carl não surtia o mesmo efeito em todos, o que era algo natural, segundo o especialista, uma vez que nenhum cérebro é igual ao outro. Ou seja, os efeitos da amnésia variam de acordo com cada paciente. Em geral, após a primeira sessão, costumava explicar o médico, o sujeito adquiria um estado mental de imensa receptividade (embora de modo sóbrio), e era capaz de transitar com facilidade entre o sono e a vigília. Os amnésicos viviam aquilo que o médico denomina de “mergulho no Outro”. Uma vez que sua memória se encontra purificada de quaisquer lembranças ou pensamentos perturbadores, esses pacientes costumavam caminhar como sonâmbulos pelo pátio, andando a esmo, maravilhados por tudo e por todos, até quedarem-se passivamente sentados em um banco do jardim, a olhar a paisagem com uma abismada curiosidade. Tudo o que estava fora de seu domínio egoico, dizia o médico, fascinava seus sentidos renovados pela amnésia. Nesse instante, segundo Dr. Carl, seus hemisférios cerebrais estão inteiramente sincronizados, seus neuro-hormônios fluem às mil maravilhas por suas sinapses, sua concentração está superfocada e eles encontram-se felizes consigo mesmos e com o mundo. Além dos benéficos efeitos da purgação de suas memórias tóxicas, no entanto, os amnésicos usufruíam

outras alegrias menos inofensivas.

Além de ser considerada um refúgio para muitos, a clínica Bünzgli era também um lugar de lazer e descanso. Para seu inenarrável deleite e *jouissance*, os pacientes poderiam desfrutar de uma breve permanência nas salas temáticas da clínica, dançando ou brincando como crianças (ou se entregando aos seus imprevisíveis impulsos criativos que os faziam pintar, escrever, dançar ou querer saltar de planos superiores). O imenso prazer experimentado durante esse momento especial era indescritível para aqueles renascidos dos mortos, justo eles que nunca em sua existência tiveram nenhuma satisfação verdadeira, por menor que fosse. O glorioso estado, contudo, embora lhes proporcionasse uma relaxante sensação de bem-estar e conforto, tinha também seus efeitos colaterais. No caso de Antoine, ainda pouco habituado ao aprazível estado amnésico, tentar voar foi uma demonstração um tanto dramática e exagerada. Frustrado, porém, em sua tentativa de saltar do pedestal do pátio, ele permaneceu o resto do dia em seu quarto, assistindo *Koyanisqatsi* em seu Handy reserva, que utilizava para o nobre propósito de apreciar a sétima arte. Apesar dos aparelhos multifuncionais serem proibidos na clínica por causarem inquietação e melancolia (e também por atrapalharem o tratamento com lembranças desagradáveis), Antoine ainda mantinha seu dispositivo escondido debaixo do colchão, propositalmente oculto da vistoria semanal dos enfermeiros. Assim que passou o benéfico efeito da sessão de Mnemodetox, seu apetite pelos efeitos cinematográficos retornou com força total. O primeiro filme da Trilogia *Qatsi*, no entanto, acentuou ainda mais sua receptividade mental. Nesse prazeroso estado catatônico, ele se esqueceu um pouco de si mesmo e mergulhou por algumas horas em uma espécie de Nirvana de perenidade programável. Imóvel diante de seu Handy, Antoine desfrutaria então algumas horas de bem-estar mental e passaria a noite assistindo aos seus filmes favoritos de Alain Resnais. A deliciosa condição de não ter nada para pensar se esvaneceu com o decorrer do tempo, seguida da reconhecida e familiar melancolia do fim de tarde, um fenômeno que sempre ocorria a Antoine quando contemplava o crepúsculo nas montanhas suíças. Após assistir a todos os filmes de Resnais (entre eles, *Je t'aime, je t'aime* — seu favorito, por fazê-lo se sentir como um viajante do tempo — e *Hiroshima mon amour*, por despertar seu lado oriental) Antoine passaria a uma longa lista de filmes de diretores como Satyajit Ray, Vittorio de Sica, Éric Rohmer, Ingmar Bergman, Jacques Tati e até o místico Robert Bresson, além de Murnau (um diretor muito admirado pelo jovem por conta de *Aurora*, um filme que sempre o fazia derramar algumas lágrimas). O paciente, no entanto, em vez de ter sua cinemática sessão noturna, pegaria no sono, despertando somente quatorze horas depois desse estado de catatonia cinéfila.

No dia seguinte, mais empolgado e revigorado, Antoine conversaria com todos os enfermeiros e pacientes, querendo saber seus nomes e até mesmo o que sonhavam. Muitos deles estranhariam essa aproximação indesejável e a invasão de sua inviolável privacidade. Os suíços, intimidados por essa atitude um tanto agressiva, sempre se afastavam apavorados. Outros, no entanto, aprovavam esse gesto de simpatia. O jovem amnésico não se importou com as reações adversas dos internos. Queria agora ser apenas ele mesmo, *an sich, für sich*, e *an und für sich*, como se referia Hegel aos estágios do Ser. Tendo vivido muito tempo em si mesmo, agora estava livre para ser também para o mundo. E assim, sendo para si mesmo e para o mundo, sentia-se completo e feliz. Agora pouco importava para ele seguir ordens ou regras, inclusive a prescrição de comparecer todos os dias no consultório do diretor, em um horário previamente agendado.

Era o segundo dia após a chegada de Antoine a Büngzli. Tudo ainda cheirava bem para o recém-internado. Ao se levantar aquela manhã, um sorridente enfermeiro veio visitá-lo em seus aposentos. Dirigindo-se ao paciente, disse que o Dr. Carl o esperava para sua consulta e o aguardou se arrumar. Assim que Antoine trocou o pijama por uma camiseta, o enfermeiro o conduziu ao consultório do médico para seu primeiro encontro após sua transformadora sessão. Se tudo tem um começo, esse foi um dos mais admiráveis para Antoine.

O consultório do médico era *clean and clear*, aconchegante ao olhar e iluminado por janelas salientes, das quais se vislumbra uma pitoresca visão dos jardins da clínica. Possuía uma grande mesa reta com tampo de vidro, repleta de livros, documentos e pesos decorativos de papel. No ambiente acolhedor, distribuíam-se ainda uma confortável poltrona acolchoada, uma mesinha lateral com fotografias emolduradas e um macio sofá de couro branco quase encostado à parede da porta de entrada. Uma das paredes laterais possuía uma estante cheia de livros, enquanto a outra exibia uma colorida pintura sem moldura, uma ilustração dos merídeos do corpo humano com descrições de seus canais e pontos energéticos, todas elas escritas em chinês antigo. Em um canto do recinto, entre as duas paredes, havia uma pequena mesa com utensílios de chá, um armário com duas portas baixas e a mesma quantidade de prateleiras na parte média, um imóvel feito sob encomenda para abrigar a minúscula coleção de arte sacra do médico. Naquela espécie de nicho decorativo, divisava-se também uma estante branca iluminada por lâmpadas dicroicas com cinco prateleiras de vidro e diversos tipos de objetos, irreconhecíveis à distância por conta do equilibrado chiaroscuro do recinto. Deitado em um tapete junto ao sofá, um gato dormia sossegado, estendido de maneira descontraída, com as patas espalhadas pela macia superfície. Quando Antoine se sentou no sofá, o gracioso animal abriu ligeiramente os olhos, ergueu de leve a cabeça do tapete e, ao constatar que o visitante era inofensivo, fechou seus belos olhos felinos e voltou a dormir. O ambiente irradiava limpeza e profissionalismo (embora o gato dorminhoco acrescentasse à sua atmosfera um certo ar de tranquilidade e conforto). Assim que o enfermeiro se afastou, fechando a porta do consultório atrás de si, Antoine aconchegou-se de maneira relaxada no sofá do amplo consultório do médico. Cercado de estantes com livros de psiquiatria, filosofia e magia, revistas de neurociência, artigos científicos, dicionários e enciclopédias, o jovem aguardou deslumbrado, tão atencioso quanto um discípulo diante de um mestre. Sentado em sua confortável poltrona, o médico lia com atenção a ficha do paciente.

Às primeiras palavras do diretor, médico e neurocientista, o atento jovem abriu voluntariamente sua alma para ouvi-lo e, admirado, esqueceu de todas as suas dúvidas e todos os incômodos existenciais que tanto o incomodavam desde seu regresso do Brasil. Por cerca de uma hora, o especialista da mente e do cérebro esclareceria tudo o que Antoine precisava saber sobre seu tratamento, e não foi nada lacônico. Começou falando do procedimento de desmemorização e do extremo cuidado com que os médicos seguiam todo o processo para evitar qualquer dano ao mais nobre dos órgãos do corpo humano. Em seguida elogiou a boa reação do cérebro do melancólico paciente. Explicou que Antoine havia sido desmemoriado dos últimos dois anos de sua vida e talvez se sentisse ainda um tanto confuso com sua nova situação mental. Contudo, frisou ele, era apenas uma mera questão de tempo para que algumas lembranças retornassem. O médico quis então saber como estava a memória do paciente.

— Lembra-se de alguma coisa de sua viagem do Rio de Janeiro para a Suíça?

— Nada.

— Quem foi Barba Napoleão?

— Não sei. É algum herói sem nenhum caráter?

— Sabe o nome do último presidente brasileiro eleito?

— O Brasil elegeu um presidente? Achei que era uma lotocracia.

— E do Rio, o que se recorda?

Assim que o médico se calou para escutá-lo, Antoine tentou se lembrar de alguma piada aprendida com os cariocas, mas não conseguiu. A única recordação que veio à mente foi a cena surreal de um senhor, um negro já idoso e um tanto curvado pelo peso dos anos, usando um uniforme gasto e surrado, a empunhar um esfregão enquanto fazia a limpeza de um banheiro público, e que lhe dizia: “O escravagismo nunca acabou de verdade nesse país. Sempre vão precisar de alguém para limpar as latrinas. E a cada dia elas estão ainda mais sujas!”. Essa triste lembrança de sua viagem às proximidades do Trópico de Capricórnio trouxe também algumas dolorosas constatações para Antoine. Aquela recordação no banheiro público, percebeu, era a única que se lembrava de sua fracassada permanência na *Terra Brasilis*.

Durante os anos em que viveu no Rio, Antoine sempre se perguntara por que razão, ao libertarem os escravos, os brasileiros não chamaram os suíços para administrar a transição do regime colonial para um sistema democrático. Perceber essa incapacidade dos brasileiros de serem mais unidos, se organizarem melhor ou dialogarem como pessoas sérias causara uma grande má impressão negativa em Antoine. Em sua passagem pelos trópicos, descobrira que o Brasil era um país diferente de tudo o que já havia presenciado antes. Nunca vira tantos mendigos e moradores de rua. Certa vez, andando pelo Rio de Janeiro, perguntara a um cidadão carioca porque haviam tanta gente vivendo ao relento nas ruas das grandes cidades brasileiras, e o nativo não soube responder. “Falta de sorte”, disse o cidadão, indiferente. “Mas quem cuida dos desabrigados, dos *homeless* e dos loucos nesse país?”, indagou o jovem, intrigado por esse desconhecimento. “Ninguém”, respondeu o conformado cidadão e deu as costas ao jovem questionador. Ao relembrar o pobre idoso no banheiro público limpando latrinas, Antoine sentiu um pouco de culpa.

Diante dessa única reminiscência infeliz, remanescente de um tempo agora tão remoto, um sentimento ruim despertou em seu íntimo. Aquelas pessoas deviam ter um karma terrível, refletiu ele. Dava para perceber em sua melancolia. Pensou então naquele fardo mental dos brasileiros como um reflexo da culpa cristã pela morte de Abel e associou-o aos remorsos dos colonizadores pelo massacre dos índios americanos e pela escravização dos negros africanos. Agora que estava livre de algumas de suas más lembranças, porém, não precisava mais se culpar por nada. Ou seja, tudo era apenas história, concluiu ele. Os erros do passado deviam ser esquecidos. O que importava agora essa *white guilt* depois que deixara definitivamente o Brasil? A César o que é de César, e a Cristo o que é de Cristo. Estava bem melhor agora sem ter outras más lembranças. Que outras memórias ruins não teria de sua fase tropicalista? Nunca se sentira tão bem como naquele instante, refletiu Antoine. Percebeu então que Dr. Carl estava certo: de fato, exceto pelo complexo de inferioridade dos latino-americanos, Antoine não se lembrava muita coisa de sua passagem pelos trópicos carnavalescos.

Com um pouco de esforço mental, Antoine ainda tentou se lembrar de sua visita ao Brasil, mas nada lhe veio à memória. O infrutífero esforço e a confusão, contudo, o alegrou em vez de frustrá-lo. Estava livre de suas más lembranças tropicais. Pela primeira vez na vida, satisfeito por essa constatação, não se incomodou com sua *chaotic soul*. Sorriu abertamente para o médico. A agradável sensação de esquecimento o alegrou. Sentia-se bem como nunca se sentira antes. Dr. Carl explicou então o que era aquele estado de graça.

Sua memória havia sido parcialmente apagada, disse o médico. Era verdade, Antoine concordou. Ele estava mesmo amnésico! Essa estranha constatação, no entanto, fez o jovem paciente levantar várias questões pertinentes ao tema. Que milagre era aquele? Por que se sentia tão maravilhosamente bem?

— Nada melhor do que um pouco de amnésia — disse Dr. Carl.

— Caramba! Mas é um milagre! — reagiu Antoine. — Essa é a coisa mais incrível que já me aconteceu na vida. É inacreditável! Eu não me lembro de nada, absolutamente nada!

Antoine riu abertamente diante do seu médico, e esse apenas observou tudo com um brando sorriso. A essa favorável reação do paciente, Dr. Carl aproveitou para aprofundar-se em seu assunto favorito: a interação mente-corpo. Em sua opinião, todo o planeta terrestre era um imenso cérebro, e a dessincronia entre seus hemisférios (representados pelo Ocidente e pelo Oriente), só poderia ser sanada se fosse colocada em prática a conjunta sabedoria dos milenares pensamentos filosóficos ocidentais e orientais. Se os amplos conhecimentos da ciência ocidental se unissem aos poderes da mente treinada pela magia oriental tudo seria possível. O especialista era um apologista da união da alta tecnologia e da alta filosofia, e seu tema pessoal era “Das Gestern ist Geschichte, das Morgen ist ein Geheimnis, das Heute ist ein Geschenk” (Ontem é história, amanhã é mistério, hoje é um presente). Dessa maneira abertamente holística, advogava contra aquilo que ele considerava o maior equívoco da ciência atual: a crença cartesiana na independência entre a matéria e a mente, entre sujeito e objeto, e ainda suas ne-

gativas implicações comportamentais. Desdenhava a frase “Viva a *différance!*”, explicando-a como sinônimo de “Ninguém manda em mim! É proibido proibir!”. Para ele, corpo e alma deviam integrar-se de maneira harmoniosa, sem que os mandamentos do ego sufocassem os ditames dos instintos divinos, ou que os impulsos bestiais reprimidos no sistema límbico sufocassem o espírito do indivíduo.

— A sessão emergencial tem um efeito apenas temporário — disse o médico. — Precisaremos agora proceder com o restante do tratamento, de modo a adormecer efetivamente essas sinapses disfuncionais em seu córtex pré-frontal e estimular uma saudável neurogênese em seu hipocampo, aquietando assim a excitação da amígdala. Em suma: mais duas sessões e você será um novo homem.

Nesse momento, diante do risonho paciente, Dr. Carl levantou-se de sua poltrona e dirigiu-se ao quadro ilustrado com os meridianos chineses. Explicou que todo o organismo era similar a um complexo circuito elétrico, em que os órgãos eram como chaves que permitiam a livre circulação de energia pelos meridianos do corpo humano e a transmutação da energia eletroquímica em energia etérica. Nesse ponto Dr. Carl possuía um débito espiritual com a China antiga. Para que um indivíduo pudesse gozar de excelente saúde, dizia a medicina chinesa, era necessário que os canais de comunicação entre o denso e o sutil estivessem desobstruídos. O segredo da boa saúde, segundo os chineses, estava em manter a energia circulando livremente pelos canais e órgãos do corpo. Portanto, a boa disposição desses transmutadores de energia era fundamental para o bem-estar de um indivíduo. E essa harmonia geral do organismo principiava pelo mais nobre dos órgãos, considerado pelo profissional como o elo vital entre o Céu e a Terra. Essas afirmações soaram familiares a Antoine, que ouviu tudo com apurada atenção, demonstrando no rosto uma expressão compenetrada e comprometida. Ao perceber esse interesse do paciente, o médico continuou sua palestra.

— Ser e não-ser, estar vivo ou semimorto, realidade e ilusão estão representados no cérebro pelo equilíbrio dos hemisférios esquerdo e direito — disse o médico — Um paciente com um cérebro bem equilibrado é um indivíduo reintegrado consigo mesmo. A neurociência vê a mente humana como uma dualidade. A razão e a imaginação estão em hemisférios cerebrais diferentes, trabalhando de maneira alternada dia e noite, sem parar. Essa dualidade, no entanto, precisa funcionar perfeitamente para que haja um comportamento coerente do indivíduo. Nosso lado racional muitas vezes não está de acordo com nosso lado imaginativo. Assim surge a falta de sincronia e a instabilidade mental. Quando há uma ressincronização dos hemisférios cerebrais disfuncionais, o que temos de mais cartesiano e o que temos de mais animal se equilibram adequadamente, e o enfermo cérebro adulto volta então a ser funcional como era antes do nascimento. Esse equilíbrio explica aquilo que você está experimentando nesse momento, essa confortável sensação de ter nascido de novo, essa segurança de ter normalizado todas as suas funcionalidades fisiológicas e psíquicas. Seus pensamentos e suas emoções estão agora em perfeita harmonia.

Segundo Dr. Carl, a pureza física e mental era a condição natural de um indivíduo, condição essa em que ele podia atuar com desenvoltura, espontaneidade e integridade. Por outro lado,

disse o médico, havia um sério problema quando os canais de comunicação do corpo estavam entupidos de lixo psíquico e toxinas, obstruindo o fluxo de energia entre a matéria e o espírito. Da mesma forma com que a seiva sobe até a copa das árvores para nutrir suas folhas e possibilitar a transformação da luz em energia, acreditava o médico, a força vital precisa ser convertida em emoções positivas. Sem a capacidade de transmutar os raios luminosos do espírito em ânimo e disposição, os indivíduos tornavam-se cada vez mais negativos e adoeciam. O sintoma mais comum dessa enfermidade espiritual, segundo Dr. Carl, era a melancolia. Em um grau extremo dessa condição, os sujeitos prostravam-se e ficavam infelizes. Para esses casos, o médico sugeria uma purgação cerebral completa.

— Nosso cérebro, *mein Bub* — continuou o médico, retornando à sua mesa e abrindo uma de suas gavetas —, está o tempo todo sendo perturbado por impressões sensoriais ou apelos sensoriais. E seu efeito sobre nós nem sempre é muito positivo, como deve ter percebido em sua viagem ao Brasil.

Antoine nada respondeu, dando razão ao médico. Exatamente nesse ponto da conversa, Dr. Carl fez uma breve pausa para retirar uma caixinha da gaveta de sua mesa. Abriu-a com cuidado e, após aspirar um pouco de rapé, fechou o invólucro e sentou-se em sua poltrona. Sem exibir qualquer pressa, prosseguiu sua preleção:

— Por viver em um mundo de informação massiva — disse o médico —, estamos cercados de distrações desnecessárias e impressões negativas. Muitas das mensagens que recebemos de nosso cotidiano não servem para nada. Adquiridas de nosso ambiente sempre mutável, essas informações nos mantêm presos a determinados padrões mentais, condicionando nosso nobre órgão a uma realidade cada vez mais vulgar. Ou seja, por mais que tentemos mudar nossos gostos, somos condicionados pelo gosto coletivo. É o que chamo de Paradigma da Consciência Coletiva, também conhecido como *Zeitgeist* ou *el gusto del espíritu de la época*, no dizer dos ibéricos e latinos. Estamos presos, para ser mais preciso, a certos padrões paradigmáticos da sociedade, e eles, por sua vez, nos mantêm aprisionados a uma realidade preconcebida. Vivemos em um mundo simbólico. Tudo à nossa volta é medido, normalizado, padronizado e repetido à exaustão. O valor de todas as coisas é exclusivamente funcional e instrumental, e nada de essencial é valorizado. Tudo é vendido e comprado, mesmo os mais simples gestos.

— Devemos então culpar o gosto coletivo por nossa miséria?

— Se não fosse pelos costumes, todas as revoluções seriam bem-sucedidas. Mas isso não é o que acontece, *glaube ich*. Todas as mudanças esbarram nos costumes. Apesar da involução provocada pelos padrões de pensamentos coletivos, existem diversos mecanismos protetores que impedem o progresso ou a decadência total da sociedade. Penso, contudo, que os paradigmas possuem um terrível efeito nocebo. *Wie wir wissen*, esses padrões afetam imensamente nossos cérebros e nossas vidas, alterando a maneira com que lidamos com a realidade. Por várias e várias gerações, o cérebro do homem comum tem sofrido significativas alterações em sua estrutura, afetado de diversas maneiras pelo espírito de cada época histórica, pelas novas

descobertas e invenções, e as consequências imediatas provocadas por essas mudanças tiveram profundos efeitos no modo com que agimos no mundo. Os seres humanos adaptaram-se às transformações e se apegaram avidamente a suas ferramentas. Transformar tornou-se a regra. Como resultado, quase tudo o que existe na natureza é manipulado e passa por diversas metamorfoses antes de adquirir sua forma final como um produto resultante do trabalho humano. Dessa forma, a sociedade está em constante transformação. Até certo ponto da história da humanidade, essas alterações foram benéficas para nossa sobrevivência. Adaptamo-nos bem às guerras, à fome e às doenças. Adaptamo-nos ainda aos reis absolutistas, aos ditadores e aos déspotas, às novas descobertas e revoluções científicas e sociais, às máquinas e à tecnologia, assim como à loucura coletiva do terceiro milênio. Mas cada cérebro é um cérebro. Existe alguma razão em defender a diversidade natural. Todos os seres possuem algo de valioso. Por muito tempo negamos o inconsciente, o Outro que existe fora e dentro de nós, e tudo aquilo que está ausente, mas que se manifesta em nossos temores. Freud foi o primeiro a perceber que excluímos coisas importantes de nossas vidas ao ignorar os anseios de nosso cérebro reptiliano. Devemos nos adaptar não apenas ao nosso ambiente para evoluir, como pensava Darwin, mas também às nossas próprias necessidades internas, ou seja, à nossa *inner ecology*. Os cientistas aceitam hoje que a resiliência é necessária para a sobrevivência, uma vez que essa foi a estratégia encontrada pelas espécies animais para conseguirem sobreviver em um ambiente hostil. Ao descobrirem o poder contido na diversidade das espécies, os biólogos e geneticistas pensaram ter encontrado um segredo vital na evolução dos seres. O código genético tornou-se assim a chave para entendermos o enigma da natureza. Os cientistas, contudo, ainda estão longe de desvendar esse segredo. Como Édipo, eles ignoraram o que cada ser humano tem em comum dentro de si mesmo, além de proteínas e genes. Não somos apenas um corpo que nasce, engatinha, caminha com duas pernas, envelhece com três e, por fim, morre. Não temos apenas necessidades materiais, *mein lieber*. Nossa liberdade de pensar e sentir também deve ser levada em conta, assim como nosso centro microcômico. Embora nossas necessidades mudem com o decorrer do tempo, existe algo de imutável em nós. Algo que é, ao mesmo tempo, único e divino; aquilo que os hindus denominam de *purusha*, esse ser cósmico que existe em cada pessoa. É um padrão universal: a luminosa consciência solar e o duvidoso vir-a-ser do ciclo lunar convivem em todos os corpos. A época em que vivemos, contudo, perdeu a percepção do essencial, e agora buscamos arduamente ser reconhecidos por nossas máscaras sociais em vez de sermos louvados por nossas capacidades e talentos. E esse utópico anseio das novas gerações por identidade não traz felicidade ao mundo, apenas egolatria e sofrimento. As pessoas perderam a paciência e o cuidado necessário para construírem a si mesmas. Desse modo, escravizados por nossas ilusões, não percebemos a suprema essência.

— Ou seja, alguns cérebros não se adaptam às mudanças porque estão presos a uma falsa noção de identidade, *richtig*?

— *Es ist das, mein Bub*. Algumas pessoas conseguem ir além dessa noção equivocada de identidade, outras, porém, chafurdam no pântano de seus preconceitos e nunca conseguem ver nada além de suas lentes distorcidas. Mudanças exigem flexibilidade. Por conta dessas forçadas adaptações evolutivas modernas, existem diversos tipos de cérebros, cada um deles mais ou menos adaptável à sua realidade. Eu costumo classificá-los em três tipos: os cabeças-duras (ou *hartgesotten*), os semiflexíveis e os flexíveis. Esse critério lida com a maior ou menos propensão de adaptabilidade e plasticidade neural. Mas nem todos os neurocientistas pensam como eu. Em minha opinião, certos cérebros são mais flexíveis do que outros. Os mais flexíveis (raros e incomuns) adaptam-se melhor às crises e muitas vezes encontram uma rápida solução

para seus problemas, por mais que essa solução pareça incomum. A maioria dos cérebros, no entanto, menos flexível por conta de uma evolução psíquica mais lenta e árdua, não consegue se adaptar a tantas transformações e necessita de auxílios farmacológicos para lidar com o Zeitgeist vigente e seus novos gostos e novas modas (lembra-se do filme *Os Filhos da Geração Prozac?*). Esse é o cérebro mais comum que existe, e que denomino de *common brain*, para diferenciá-lo do *genius brain*. A maioria da população nunca se adaptou às rápidas transformações das últimas décadas, acredito eu. E a consequência desse desajuste você pode ver em minha clínica. A cada ano recebo dezenas e dezenas de pessoas com cérebros inflexíveis, incapazes de se adaptarem às mudanças, incapazes de se tornarem adultos responsáveis e felizes. É um terrível retrato de nosso tempo. Mas o quadro atual é ainda mais desolador e apocalíptico.

Dr. Carl deixou suas palavras ecoarem nos ouvidos de Antoine e ficou-se em um afetado silêncio. Essa declaração pareceu tê-lo afetado de algum modo. Falar de sua época e de seu passado geracional o deixava pensativo. Sobre tudo em relação aos desatentos representantes de sua geração, responsáveis, segundo ele, por tudo o que havia de ruim na realidade. Ele então olhou para Antoine e respirou fundo. Em um milésimo de segundo, o médico fez do jovem uma leitura psicológica completa, baseada apenas na indisfarçável expressão de perplexidade gravada no rosto do paciente. Dr. Carl ficou satisfeito ao perceber que Antoine estava bastante interessado no assunto.

Como especialista da mente e do cérebro humano, Dr. Carl defendia a tese de que cada pessoa é geneticamente preparada para desempenhar certas funções, ainda que pudesse desenvolver, com algum esforço, qualquer outro talento. Ele seguia a corrente neurocientífica que tratava o cérebro como um maravilhoso mecanismo, nas quais suas fascinantes habilidades iam muito além do que podia fazer qualquer máquina. Segundo essa concepção filosófica, cada indivíduo é ao mesmo tempo um expert e um deus inexplorado. Esgrimindo suas ideias dentro da comunidade científica, o médico inventara até mesmo uma teoria, batizada de Teoria da Mãe, do Jardineiro e do Eremita, em que ele especulava que os diferentes níveis de atenção demonstrados por esses três arquétipos (multifocado, focado e hiperfocado) estavam relacionados a distintas funções dentro da sociedade. Dessa forma, sua categorização de cérebros mais ou menos flexíveis estava associada a um tipo de especialização surgida do convívio social.

— Se existem tantos cérebros inflexíveis, quer dizer que boa parte da humanidade tem más lembranças? — indagou o perspicaz paciente.

— *Das stimmt!* No início do terceiro milênio, o mundo parecia fadado ao fracasso — prosseguiu o médico sua preleção, como se fosse um Mustafá Mond expondo às novas gerações uma revisionista lição de História. — O humor humanitário não era um dos melhores. As pessoas estavam insatisfeitas e infelizes. Após duas grandes guerras, havíamos exterminado milhares de inocentes em campos de concentração e dizimado tantos outros milhares por meio de explosões atômicas. Sentíamos em nossos cérebros o peso de nosso karma global. Era lamentável o que tínhamos feito de nós mesmos. Como era possível não se envergonhar da espécie humana? O projeto cristão de um mundo pacífico e mais caridoso (assim como o projeto renascentista do homem como imitação de Deus) havia fracassado. E também o projeto iluminista, com seu anseio por mais liberdade individual para todos. A razão não era suficiente para trazer a paz entre os homens e entre as mulheres. Até mesmo a racionalidade das pessoas funcionava mal. Metade do planeta dependia da multibilionária indústria farmacêutica para ser mais efe-

tiva. A pressa impedia que criássemos novas sinapses ou fixássemos aquelas existentes. Vivíamos em um mundo em que devíamos ser extremamente eficientes em nossa ineficiência. Mas em uma realidade de extremos não há equilíbrio, *mein Bub*. Aqueles turbulentos tempos perturbaram gravemente alguns cérebros ainda pouco adaptados às rápidas mudanças provocadas pelos caprichos do *Zeitgeist*. As consequências desse estado quase-mórbido podemos ver por toda parte.

Dr. Carl fez uma pequena pausa na conversa, como se refletisse um pouco antes de continuar. Disse então que essa diferenciação entre tipos de cérebros, acreditava ele, era uma consequência de uma evolução histórica.

— No início do terceiro milênio, o mundo parecia fadado ao fracasso — prosseguiu o médico sua preleção, como se fosse um Mustafá Mond expondo às novas gerações uma revisionista lição de História. — O humor humanitário não era um dos melhores. As pessoas estavam insatisfeitas e infelizes. Após duas grandes guerras, havíamos exterminado milhares de inocentes em campos de concentração e dizimado tantos outros milhares por meio de explosões atômicas. Sentíamos em nossos cérebros o peso de nosso karma global. Como era possível não se envergonhar da espécie humana? O projeto cristão de um mundo pacífico e mais caridoso, assim como o projeto renascentista do homem como imitação de Deus havia fracassado. E também o projeto iluminista, com seu anseio por mais liberdade individual. A razão não era suficiente para trazer a paz entre os homens e entre as mulheres. Até mesmo a racionalidade das pessoas funcionava mal. Metade do planeta dependia da multibilionária indústria farmacêutica para ser mais efetiva. A pressa impedia que criássemos novas sinapses ou fixássemos aquelas existentes. Vivíamos em um mundo em que devíamos ser extremamente eficientes em nossa ineficiência. Em uma realidade de extremos não há equilíbrio, *mein Bub*. Aqueles turbulentos tempos perturbaram gravemente alguns cérebros ainda pouco adaptados às rápidas mudanças provocadas pelos caprichos do *Zeitgeist*. As consequências desse estado quase-mórbido podemos ver por toda parte.

A humanidade do fim do século vinte, continuou Dr. Carl, vivia em um mundo dividido entre aqueles que buscavam uma nova ordem e aqueles que queriam manter a antiga ordem. Em sua busca por reconquistar o paraíso, os homens mais ricos do planeta incentivaram ao mesmo tempo a revolução tecnológica e o consumo conspicuo. Não se atentaram, contudo, ao paradoxo gerado por forças tão incontroláveis. Como resultado, a sociedade viu-se invadida por uma horda de consumidores insatisfeitos e vorazes a cantar *A Marselhesa*, enquanto a indústria trabalhava a pleno vapor para conter a crescente demanda por notícias, substâncias químicas e seriados de televisão. Embora a intenção original dos maiores bilionários do planeta fosse despertar a genialidade de cada ser humano, as coisas saíram um pouco de controle. As consequências desse grandioso e equivocado propósito humanitário foram terríveis para toda a civilização. As hediondas transformações provocadas pelo uso desregrado da tecnologia alteraram por completo o comportamento das pessoas. Novas tecnologias, afinal, levam a novos hábitos, afirmou Dr. Carl. Muitos deles bem ruins para a fisiologia humana, como assegurou o especialista.

Na opinião do médico, a entropia aumentada dos cérebros no início do milênio levou a popula-

ção das grandes cidades a certos comportamentos bizarros. Ações extravagantes como massas em sessões de cinema ou extermínio de famílias com serra elétrica eram muito comuns nessa época. Dr. Carl explicou ao seu paciente que existia no mundo um desequilíbrio generalizado entre yin e yang, um declínio do Tao (a dualidade cósmica reconhecida pelos chineses desde tempos imemoriais), em que a total submissão do feminino ao masculino nos séculos anteriores levou à desvalorização das deusas, das musas, da memória e também da sensibilidade humana. Vivíamos, dizia Dr. Carl, o Inverno da Civilização, como explica ele em seu livro *Heads or Tails? A Neuroscientific Method to Overcome the Chaos by employing the Ancient Chinese Philosophy*, uma obra que fizera muito sucesso após seu lançamento mundial, sobretudo entre os canadenses, aplicados leitores de autoajuda e fervorosos adeptos da automedicação. No novo milênio, escreveu o especialista, todo o planeta estava despolarizado por conta da dessincronização geral dos cérebros humanos. Para sanar seus problemas de atenção e afeto, bilhões de pessoas haviam se tornado dependentes incuráveis dos medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica. Incapazes de serem felizes sem suas muletas químicas, elas perderam assim seu *joie de vivre*. A situação, continuou o médico, piorou ainda mais com a dominância crescente do mundo virtual sobre o real e com a popularização mundial das mídias sociais. As plataformas eletrônicas inventadas pelos tecnólogos para ganhar dinheiro fácil, postas a serviço do mercado para capturar as ingênuas mentes de suas vítimas, estimularam artificialmente a produção de dopamina e ocitocina dos despreparados cérebros dos usuários de suas tecnologias invasivas, tornando-os dependentes de *instant rewardings* e afastando-os de seu *amour propre* e seu *Dasein*. Segundo Dr. Carl, essa decadência geral da atenção humana teve consequências imprevisíveis sobre o comportamento sexual das pessoas. Com a substituição dos *drives* sociais tradicionais pelos prazeres da mídia social e dos substitutos afetivos, a sexualidade do Homo sapiens terminou mudando drasticamente com o tempo, prejudicando tanto seus genes quanto sua progênie. Por toda a história, disse o médico, as tradições do passado sustentaram que a sexualidade era um canal de comunicação dos seres com o divino, uma forma de despertar seu dom natural de imitar o criador. Na pré-história humana, explicou Dr. Carl, existiu uma conexão direta dos homens e mulheres com o espírito, como descrevem os mitos que se referem a um período paradisíaco ou a uma Idade de Ouro da humanidade. Essa conexão, contudo, foi relegada ao esquecimento em algum ponto de desenvolvimento de nossa civilização. Ameaçada pela banalidade e pela malícia, a cultura ocidental havia perdido seus rituais de iniciação. Esquecida de suas mitologias e tradições, a sociedade vivia agora uma decadência sem paralelo em sua linha do tempo. Historicamente, continuou o médico, essa decadência sempre acompanhou o declínio social, o desaparecimento dos símbolos sagrados e também das culturas (afinal, o que são as culturas sem seus símbolos?). Dr. Carl citou então o caso da elite romana, que adotou a conduta dos decadentes helenos egípcios do primeiro século antes da era cristã e provocou o relaxamento da moral de sua população, um fenômeno cultural que muitos estudiosos consideram ter apressado o fim do Império. Segundo o estudioso, a civilização grega atingiu seu ápice com Alexandre, o Grande, e depois, ao espalhar-se pelo Oriente Médio e Egito, terminou por perder, graças à ambição do grandiosíssimo general, suas referências sagradas. O sincretismo indiscriminado e a absorção das crenças e superstições de outros povos enfraqueceram o legado cultural helenista, opinava Dr. Carl. Após a época dourada de Ptolomeu e sua Biblioteca alexandrina, a cultura dos gregos entrou em franco declínio, e os helenistas esqueceram seu glorioso passado. Depois deles, os romanos, herdeiros da tradição clássica, adotaram um comportamento mais leviano e esqueceram aos poucos o código de ética dos gregos antigos. Obras como a *De Republica* de Cícero, as sátiras menipeias de Sêneca e Petrônio, e a *De viris illustribus* de Suetônio, demonstram que a alta cultura dos gregos deu lugar ao *panem et circenses*, e os bons costumes foram substituídos por uma perniciosa indulgência sensual. O surgimento do cristianismo, frisou Dr. Carl, se-

ria uma revolta contra essa situação demasiadamente permissiva para o gosto da tradição judaica, um tanto afeita a normas de comportamento mais rígidas. Com o fim do império romano do Ocidente, porém, a Europa oscilou entre o excesso de indulgência dos pagãos e o controle repressivo dos novos senhores do poder. Durante a Idade Média, a sexualidade mudou da liberdade lasciva dos pagãos para sua estrita repressão, uma repressão pregada e recomendada com veemência pelos sacerdotes cristãos e muçulmanos, e que atingiu seu ponto mais baixo de sacralidade na virada do primeiro milênio. Nessa época, segundo Dr. Carl, as Cruzadas ajudariam a despertar um novo interesse pela animalidade sagrada, esquecida pelos ocidentais desde o desaparecimento dos cultos de Pã e dos Mistérios de Elêusis, Orfeu, Dionísio, Ísis, Mitra e Cibele. Após o fracasso das cruzadas, veio o descrédito no milenarismo e na Segunda Vinda, e com o borbulhante Renascimento cultural, os velhos hábitos pagãos foram reabilitados. A ebulição revivalista do paganismo traria sangue novo à cultura ocidental, e os artistas muito contribuiriam para difundir o antigo estilo de vida greco-romano. Essas mudanças, no entanto, trariam boas e más contribuições à História. Reabilitada pelos monges medievais, os estudos da alta magia despertariam o interesse pelo experimentalismo científico, e as práticas de baixa magia, popularizadas pelas camadas mais desencantadas da sociedade, reacenderiam o temor das forças ocultas do paganismo e da livre manifestação da sexualidade feminina, provocando a famigerada caça às bruxas. A intolerância do século dezesseis, contudo, provocaria a indignação de muitas pessoas com a Igreja. Surgido em uma época de profundas mudanças sociais, o Iluminismo questionaria o papel dos costumes privados nos bastidores da sociedade cristã, incentivando o herói exploratório e a liberdade do desejo. A era romântica veria então surgir o individualista sem escrúpulos, e o modernismo, o *Zeitgeist* sucessor do romantismo, atacaria a moral de sua época, impondo uma nova ética, baseada no individualismo extremista, e abrindo espaço para que a pós-modernidade quebrasse todos os tabus e fronteiras simbólicas, provocando dessa maneira a flexibilidade excessiva dos costumes no início do novo milênio. Da Roma antiga à São Francisco pós-moderna, outro ciclo histórico se repetia. Mas o estilo promíscuo dos novos tempos, explicou Dr. Carl, trouxe medo em vez de liberdade. O terrorismo do início do milênio era uma clara demonstração da insegurança do sujeito pós-moderno diante do caos cotidiano. Despreparado para lidar com tanta pressão e ansiedade, o indivíduo se revoltava contra seu mundo. Mas se não era possível enfrentar as ameaças, melhor mesmo era fugir delas. Segundo o médico, as distrações eletrônicas converteram-se em uma forma de escape dos homens para dentro de realidades virtuais, abandonando sua produtividade e sua masculinidade em prol da satisfação simulada, afastando-se de seu lado yin, desfrutando apenas de seus próprios prazeres solitários, um fenômeno que levaria ao colapso das famílias, ao crescimento da dependência dos farmacopéticos e ainda ao fortalecimento dos ambiciosos tecnólogos. Essa sublimação grotesca da sexualidade, disse o médico, era uma demonstração evidente do declínio da masculinidade global. Aproveitando-se da ingenuidade de bilhões de pessoas, as mídias sociais e as diversões eletrônicas contribuiriam para aumentar exponencialmente a população de mortos-vivos. Devido ao descontrole dos mecanismos de *rewarding* do cérebro incauto, um grande número de pessoas passou a experimentar aquilo que era limitado apenas aos dependentes químicos. Com isso, a indústria farmacêutica converteu-se na mais poderosa indústria do planeta, dominando o mercado de substâncias químicas e anestesiando a sociedade em prol somente de seus lucros bilionários. Ao lado da indústria tecnológica, esse Leviatã multibilionário empregava, no mercado legal ou ilegal, milhões de trabalhadores que dependiam dele para sobreviver e se manterem funcionais. Essa máquina gigantesca, entretanto, em vez de utilizar sua riqueza sem limites para criar oportunidades e libertar as *lower classes* de sua escravidão às ilusões da mídia, decidiu explorar essa dependência do *commoner* e lucrar com suas fragilidades mentais. Uma casta de tecnólogos, que não se importava em nada com a melhoria do gênero humano, preferiu ver a decadência da mentalidade humana

como algo lucrativo e otimista. A miséria possuía também seu lado vantajoso para algumas pessoas, comentou o médico, sobretudo para aqueles que a exploram. Em vez de trabalhar incansavelmente para combater a invasão dos farmacopéticos, prosseguiu Dr. Carl em sua palestra, a elite tecnológica pressionou os governos a criar políticas para abastecer o mercado com estupefacientes eletrônicos, fazendo surgir em todo o mundo uma subclasse permanente de mortos-vivos, elevando assim seus lucros a alturas nunca vistas. Como resultado, entretenimento em vídeo e os *electronic games* deram origem a um imenso número de sujeitos disfuncionais, incapazes de se excitar sem que seu cérebro seja artificialmente estimulado por ilusões e fantasias. Com o consumo eletrônico, uma nova classe de consumidores surgiu no mercado. Dependentes dos estímulos das máquinas e sempre sedentos por novidades, eles trocaram a luz natural do dia pela luz artificial das telas e monitores e, aos poucos, abandonaram também a vida diurna. Essa *zombie class*, que tem seus primórdios na invasão britânica à China, ainda no fim do século dezenove, levou à imigração massiva de milhares de pessoas, vindas da América Latina, da África e Oriente Médio para os países mais desenvolvidos. Milhares de dependentes químicos espalharam-se pelo mundo em busca de um mercado de melhor qualidade. Ameaçados, os Estados Unidos entraram em pé de guerra contra essa invasão zumbi, obrigando-se, inclusive, a cercarem suas fronteiras territoriais por todos os lados, visando assim evitar um catastrófico *Zombie-Apocalypse*. Com o fechamento das fronteiras do maior mercado consumidor farmacêutico do planeta, os mortos-vivos dos países pobres, que estavam corroendo e corrompendo a cultura ocidental americana, deslocaram-se então para o continente europeu, onde se proliferariam em todas as áreas da sociedade, até mesmo no governo, levando à deterioração geral da saúde do indivíduo e das nações, por conta de suas desastrosas políticas públicas. Essa síndrome na saúde mental da população trouxe diversas consequências para a economia, uma vez que esses *zombies*, explicou o médico, não são mais funcionais e eficientes do que um robô atendente em um hotel japonês. Os mortos-vivos são improdutivos para o mercado, logo perceberam os economistas. São consumidores compulsivos, distraídos e falham com facilidade, frisou o médico, além de serem incapazes de produzir seu próprio alimento por dependerem do sangue e do esforço de outras pessoas. Diante do estado de putrefação mental dessa massa decadente e imprestável, as elites empresariais começaram a substituir a mão de obra zumbi pelos andróides, uma medida aplaudida pelos seguidores da ideologia transumanista, para a qual os seres humanos eram inerentemente limitados e que somente as criações tecnológicas poderiam redimi-los, superando suas deficiências e expandindo sua consciência por meio das máquinas e circuitos biomecânicos, com o propósito de adquirir a divindade ainda em vida. Essas e outras ideias pós-modernistas serviram para alavancar novas tecnologias e transformar a sociedade quando postas em prática sob a ação das políticas ideológicas. Ao assolarem todo o planeta, disse Dr. Carl, essas perniciosas ideologias se disseminaram também pelo Oriente, com efeitos incalculáveis para a humanidade. Conhecida por seus *zombies* farmacológicos oitocentistas (conhecidos por assombrar o mundo antes das guerras anglo-chinesas), a China reagiu à invasão ocidental desenvolvendo sua própria indústria farmacêutica, um mercado negro que, de maneira rápida e barata, alimenta os mortos-vivos americanos, afetando suas famílias de forma devastadora. Com a invasão dos estupefacientes eletrônicos chineses, caíram por terra as fronteiras físicas e as cercas eletrificadas nas fronteiras americanas foram incapazes de ter uma ameaça ainda maior do que os imigrantes. Famosos por seus vorazes consumidores, os Estados Unidos viram aos poucos ruir sua base familiar por conta do flagelo das substâncias legais e ilegais. Consumistas insatisfeitos, seus zumbis eram incapazes de qualquer tipo de atenção ou cuidado, e inelégíveis para viver em família, uma vez que estavam interessados apenas em satisfazer seus próprios desejos consumistas. Além de não saber cuidar de seus filhos, o desânimo desses *american zombies* impedia que tivessem uma vida sexual satisfatória. Em consequência disso, houve uma acentuada queda nas taxas de

natalidade nos países desenvolvidos. Com seus *incels*, assediadores, *hikikomoris*, *stalkers* e psicopatas, as nações mais ricas estavam com sua estrutura social ameaçada, declarava Dr. Carl, e não apenas pelos mortos-vivos. A masculinidade do homem americano estava cada vez mais declinante e tóxica. Inférteis, impotentes e improdutivos, os estadunidenses estavam fadados à tumba. As taxas de mortalidade subiam ano após ano, enquanto sua taxa de natalidade decaía em ritmo crescente. Alegando atrapalhar sua liberdade e sua independência, aqueles que ainda tinham capacidade reprodutiva preferiam não ter filhos. Desse modo, os cidadãos produtivos optavam pela alienação social e pela autogratificação, enquanto os improdutivos abandonavam o mercado de trabalho para viver na marginalidade, aumentando a proporção de mortos-vivos vampirescos nas sociedades desenvolvidas. Com o tempo, explicou Dr. Carl, as relações familiares e a realização profissional foram substituídas pela dependência da tecnologia e dos farmacopéticos. Seguindo a catástrofe provocada por essa onda tecnológica zumbificante, veio então o niilismo, esse mal que acompanha as épocas obscurantistas e acomete as sociedades despreparadas (na opinião do médico). Por séculos a fé religiosa com seus métodos profiláticos havia protegido os indivíduos do assalto de seu inconsciente descontrolado, até ser ridicularizada pela soberba nietzschiana e abandonada como uma prática obsoleta. Sem seus mecanismos de proteção, a população viu-se presa fácil das mais terríveis ameaças à sua integridade física e mental.

Os tempos haviam mudado para pior, afirmou o médico enquanto seu paciente o escutava com atenção. Segundo Dr. Carl, as novas gerações, vítimas da pestilência niilista da pós-modernidade, eram a perfeita representação do Declínio do Ocidente, como diria Spengler. Embora concordasse com algumas ideias de René Guénon e Julius Evola, o médico preferia, contudo, acreditar que a origem da decadência da civilização estava na negligência dos pais. Com o advento da sociedade de consumo, para a qual o único objetivo dos indivíduos era ser um consumista voraz, as famílias deixaram de dar atenção aos seus filhos. Crianças sem atenção, porém, crescem como adolescentes insatisfeitos, salientou o médico. Sem encontrar qualquer sentido para suas vidas, os mais jovens não tinham nenhum outro propósito a não ser consumir ilusões, o que os tornava eternos dependentes das substâncias químicas e dos mecanismos de *rewarding* do mercado, suspensos em uma letargia moribunda dentro de seus caixões herméticos. O niilismo, disse Dr. Carl, é o sinal mais evidente da completa falência do yin planetário, e seus efeitos malévolos terminaram por atingir, em breve, todo o Oriente. A China, inclusive, era o melhor exemplo dessa má influência da cultura ocidental, acrescentava o médico. Até mesmo a mais antiga civilização do planeta havia sucumbido aos perigos do niilismo.

Um povo é aquilo do que se lembra, acreditava o diretor de Bünzli. Segundo o médico, a memória coletiva é tão importante para a população quanto é um bom código genético para a saúde de um indivíduo. Quando a amnésia e os genes ruins se misturam, as consequências podem ser irreparáveis. A sociedade chinesa, segundo ele, após décadas de ateísmo, de limpeza racial e de uma milenar tradição profanada pelo materialismo e pelo esquecimento do Tao, estava profundamente mergulhada no consumismo niilista, seduzida pelos encantos das ilusões ocidentais e incapaz de encontrar um propósito para seus mortos-vivos. Ao encontrar o vazio existencial do Ocidente, a cultura oriental perdeu seu equilíbrio yin-yang, mergulhando novamente no Caos do Grande Abismo. “A preservação da memória da mais antiga cultura terrestre está se perdendo por conta da amnésia generalizada,” disse Dr. Carl. “Ao esquecer seu passado, qualquer cultura se enfraquece. Graças à manipulação da subjetividade de bilhões de

peças, a indústria tecnológica transformou profundamente a consciência humana, com resultados mais negativos do que positivos.” Mas a China não era a única vítima dessa situação desastrosa. Na opinião do médico, para aumentar seus lucros, a elite tecnocrática transformou seus usuários e consumidores em zumbis insaciáveis, utilizando artifícios ilusórios para que ninguém suspeitasse de seus métodos de dominação e controle de massa. Por conta desses alarmantes sinais dos tempos (ou *sign o’ the times*), Dr. Carl elegeu a classe tecnológica como seu principal alvo de críticas. “Enquanto as ideologias políticas lutavam para tomar o poder, uma ameaça ainda maior dominou o planeta: o poder da estupidez humana. O Demiurgo dos gnósticos e o Big Brother do passado utópico da humanidade estão agora obsoletos. Temos no mundo atual um Grande Yang ainda maior tomando conta de nossas vidas, uma força que não se importa em nada com nossas almas”, completou ele.

Um repentino silêncio seguiu-se a essas últimas palavras do médico, fatiloquentes e aterradoras. Esse pessimista mosaico da atualidade histórica pareceu incomodar Dr. Carl, e ele se demorou alguns segundos a pensar no profundo sentido do que acabara de dizer. Analisar a crise espiritual da civilização ocidental sempre o deixava um tanto preocupado.

— Com suas mentes escravizadas pelo mercado e por conta de seus cérebros reptilianos disfuncionais — prosseguiu ele —, os indivíduos pós-modernos vivem sob a tirania de seus instintos. Está na escravidão da mente a causa da decadência do ritmo circadiano da nossa civilização. *Wie du wissen sollst*, nosso cérebro tem três relógios: o relógio biológico, o relógio do inconsciente, ligado aos processos de purificação do corpo, e o relógio social, no qual se encontra nossa consciência da passagem do tempo. Sempre em conflito com o relógio da sociedade, nosso relógio biológico terminou se desregulando. Corpo e mente estão agora fora de sincronia. Esse desajuste biopsíquico é o maior responsável pela decadência que vivemos hoje. Estamos passando por uma verdadeira dessincronia entre os indivíduos e o mundo. Por um lado, estamos cada vez mais acelerados e atualizados. Em contrapartida, nosso sono está sempre atrasado. E uma das consequências dessa Síndrome Geral do Atraso das Fases do Sono é um sensível aumento na quantidade de insones e sujeitos melancólicos na população. Nunca tivemos tanta gente maldormida no mundo. No ritmo das máquinas, vivemos em tempos insones. É uma crise de proporções inimagináveis. Como médico, considero que a insônia coletiva proveniente dessa crise psíquica tornou-se um fenômeno preocupante, uma espécie de epidemia para a qual a sociedade ainda não se atentou seriamente. Temos hoje um mundo de insones para tratar e não existem bons médicos para lidar com todas essas vítimas do ritmo circadiano desregulado. Com isso, os mortos-vivos estão por toda parte.

— *Das ist wahr!* Eu também sou um deles, confesso — disse Antoine, baixando os olhos. — Mas nunca achei que fosse tão grave. Você disse que é uma epidemia?

— É um fenômeno que assumiu proporções inimagináveis, *mein Bub*. Pense em uma calamidade epidêmica: milhões e milhões de pessoas dormindo mal, gastando milhões de horas e bilhões de dólares, libras e euros em medicamentos para dormir, procurando se manter acordados, vivendo como mortos-vivos por conta do espírito de seu tempo, que sugou quase toda a *Anima Mundi*.

Segundo o médico, as primeiras décadas do terceiro milênio foram dominadas por uma “epidemia de distúrbios de personalidade”. Estimuladas pelas novas tecnologias, as pessoas mudaram seus hábitos, o que causou sensíveis alterações em seus ciclos de sono. Acostumadas a excitarem demais suas *rewarding centers* antes de irem para a cama, explicou Dr. Carl, elas demoram para chegar à fase N1 e nunca atingem o estágio mais profundo do sono, etapa necessária para a organização das impressões no córtex pré-frontal e para a boa saúde do cérebro. A falta de sono, para Dr. Carl, era um importante fator epigenético, responsável por desativar determinados genes, inclusive o incógnito gene divino. Em sua conceituada opinião de especialista, a relação do sono com o bem viver era indubitável. Além de cultivar bons hábitos alimentares, uma pessoa necessitava dormir bem para ter uma mente sadia. Uma óbvia constatação que havia sido esquecida em nossa acelerada vida pós-moderna. *Mens sana in corpore sano*, esse era seu lema. A indiferença a esse preceito greco-romano havia causado um verdadeiro estrago na vida das pessoas. Elas não só comiam mal, mas também dormiam mal, e isso estava adoecendo suas almas.

— A falta de amor, o medo, a televisão, os vídeos, as redes sociais, o álcool e outras substâncias químicas indevidamente comercializadas estragaram o cérebro do sujeito pós-moderno — disse o médico ao seu paciente. — Não dormimos mais como antigamente. Os homens e as mulheres de agora estão sofrendo as consequências de se viver em uma sociedade tecnológica, atormentados por tentações tantálicas. Padecemos dos piores males modernos.

— Mas existe cura? — indagou Antoine.

— Sim, existe cura, *mein Bub*. O cérebro é um órgão bem flexível. Mas a perda de massa encefálica importante pode causar sequelas irreparáveis, entre elas o declínio da capacidade mental e o esquecimento. A insônia é o grande mal do nosso século. A espécie humana está regredindo ao nível do Neanderthal, esses humanoides primitivos que, segundo os cientistas, foram extintos por conta de sua incapacidade cognitiva. Eles deviam, porém, dormir melhor há cem mil anos do que nós hoje.

Para evitar uma Apocalipse Zumbi, afirmou Dr. Carl, eram necessárias medidas drásticas para uma reintegração harmoniosa da mente e do corpo dos enfermos da alma. O médico recorreu aos números e referiu-se às recentes pesquisas sobre o assunto. Citou diversos estudos antropológicos comprovando que o indivíduo pré-histórico, caçador-coletor, por estar mais próximo à natureza e ser apegado a hábitos saudáveis, possuía meios mais eficazes para tratar seus desequilíbrios psicofísicos do que o indivíduo pós-moderno. Para exemplificar seu ponto de vista, Dr. Carl falou da pajelança dos índios amazônicos e seus rituais de descarga psicossomática, e citou suas beberagens como uma maneira de esquecer as “más lembranças”, termo que ele usava para se referir aos traumas sinápticos provocados por desilusões amorosas e outros males psicológicos. Segundo ele, as culturas ameríndias sabiam da importância de se livrar de suas emoções negativas e utilizavam os rituais xamânicos como uma forma de desintoxicação psicossomática, uma prática reconhecida também nas civilizações mesopotâmicas. Explicou então a repercussão dos traumas psíquicos nos músculos, nervos, órgãos e também nas sinap-

ses cerebrais, e elucidou, de passagem, sua relação com as más lembranças. Falou ainda do efeito nocivo da televisão sobre as pessoas e afirmou que certos minitraumas de memória podem ocorrer a qualquer instante da vida dos telespectadores, sobretudo se fossem expostos a vídeos e imagens de gosto duvidoso. Esses minúsculos traumatismos sinápticos, segundo o médico, podiam afetar a mente das pessoas por alguns minutos, horas ou até mesmo anos, e podiam levar uma pessoa ao colapso nervoso no caso de uma situação opressiva ou de um sequestro relâmpago (caso essa pessoa vivesse em uma grande cidade brasileira).

Por não dormirem bem, explicou o médico, os insones não possuem energia suficiente para lidar com as tarefas do dia a dia e, aos poucos, sua ansiedade aumenta. Mais ansiosos, eles recorrem aos farmacopéticos e a todo tipo de substâncias estimulantes. Incapazes de viverem sem o apoio das substâncias químicas exógenas, disse o médico, esses ansiosos terminam presos a um círculo vicioso, uma vez que estão habituados a uma constante intoxicação sem a necessária desintoxicação. Por conta de seus *mood swings*, no entanto, as crises emocionais são muito comuns. Nessas crises, elas vão atrás de *rewardings* e válvulas de escape nada saudáveis para aliviar sua ansiedade e continuar alimentando suas memórias zumbis. Hábitos como assistir a vídeos excitantes apenas contribuem ainda mais para intoxicar seus perturbados cérebros e prejudicar seu sono. Mais excitadas, elas dormem cada vez menos e ficam ainda mais intoxicadas. É um ciclo de intoxicação sem fim. Por conta desse excesso de toxinas, prosseguiu Dr. Carl, surgiram diversas enfermidades mentais, que, graças às redes sociais, logo se espalham como um vírus por toda a população. A indústria farmacêutica viu esse fenômeno como uma oportunidade para aumentar seus lucros de forma astronômica. Em busca de alívio para seus males, os aspirantes a mortos-vivos invadiram os consultórios psiquiátricos, clínicas e hospitais, e foram agraciados com estupefacientes e estimulantes que apenas serviram para agravar seu estado e os tornaram vítimas fáceis dos fabricantes e vendedores lícitos ou ilícitos de farmacopéticos, gerando ainda mais intoxicação na sociedade. Essa síndrome enlouquecedora, salientou o médico, era muito ruim para as pessoas, embora fosse muito boa para o mercado. Ao utilizar o *pharmakon* platônico com a intenção de denunciar uma “nobre mentira”, Dr. Carl responsabilizava a indústria farmacêutica por essa malévola epidemia.

— É uma situação realmente *katastrophal* — afirmou certa vez o diretor em uma entrevista na TV alemã. — A insônia não é tratada adequadamente pelos médicos e psiquiatras porque a indústria lucra bilhões com ela. Por que motivo o mercado se esforçaria para encontrar uma cura definitiva? Não existe lucro na cura. Por isso é vantajoso ter mortos-vivos na população. Ao escravizar as pessoas, a indústria química tornou-se o Grande Baphomet de nossos tempos.

Essas declarações bombásticas repetiam-se sempre que Dr. Carl era entrevistado pela imprensa ou publicava seus comentários escritos. Alguns anos antes, o médico havia criado uma polêmica nas redes sociais ao publicar um artigo em uma revista científica de circulação limitada, cujo quadro de assinantes, apesar de amplo, era composto principalmente por profissionais da área de saúde pública. Nesse artigo, intitulado *Das Morgen der Untoten*, o especialista expôs sua alarmante previsão sobre o futuro da humanidade. Na controversa opinião do Dr. Carl, a maioria dos médicos sabia que a sociedade estava cada vez mais insone, e, ainda que reconhecessem bem esse fato, todos preferiam ignorar a questão, evitando assim entrar em conflito com a indústria farmacêutica e com a indústria tecnológica. O neurocientista explicava essa in-

diferença como um reflexo do interesse econômico e acusava os profissionais de lucrarem com a insônia de seus pacientes. Apesar de não ser levado muito a sério pela classe médica, Dr. Carl não se cansava de repetir as mesmas declarações e acusações. Aqueles que antes cuidavam das pessoas, dizia, estavam agora interessados apenas em lucro fácil. Para ele, essa era a razão por trás da Decadência do Ocidente.

Vivíamos agora o pior dos tempos, declarava Dr. Carl, profeticamente. A opinião do médico, contudo, começou aos poucos a incomodar as pessoas. Por meio de seus artigos e entrevistas (escritas ou transmitidas em vídeo), Dr. Carl declarava publicamente que o crescimento populacional exagerado havia levado a um aumento concomitante da intoxicação mental, um fenômeno natural e inevitável, de acordo com os pesquisadores, uma vez que o aumento do consumo de eletrônicos favorecia os tecnocratas. E essa intoxicação estava sendo usada pela indústria tecnológica para apressar a decadência social, enquanto enriquecia seus acionistas e investidores. Demonstrando sua descrença nos governos, por suas falhas tentativas de evitar o agravamento desse maléfico processo, Dr. Carl profetizou a iminência de um Apocalipse Zumbi. Ao escutarem essas assertivas do médico e futurólogo nos meios de comunicação de massa, seus colegas apenas questionavam o absurdo de suas declarações: que relação existia entre o declínio geral da saúde mental, o consumismo e a tecnologia? Indagavam-se esses estarecidos profissionais, procurando expor um imperdoável *nonsense*. Em uma sociedade esquizofrênica, diziam, nem todos estão condenados à loucura por abusarem de brinquedos eletrônicos. O diretor concordava com essa assertiva, mas seu pensamento sobre o assunto divergia da opinião dos seus zelosos colegas de profissão, para quem Dr. Carl era uma espécie de Dr. Mabuse ao contrário. “Vivendo em uma sociedade intoxicada, é inevitável que fiquemos sujeitos às más influências das interações sociais ruins ou mesmo às impurezas causadas por nossas emoções negativas”, explicava o médico. “O aumento da negatividade de homens e mulheres levou ao desequilíbrio mental do planeta como um todo. O que há de errado com a civilização? Creio que a maior causa de nossa miséria é que todo mundo quer atenção o tempo todo. E essa causa é óbvia. Ego, ego, ego, ego, ego. Estamos cercados de egos melindrosos e entediados por todos os lados. Esse monte de gente chamando atenção todo o tempo apenas causa barulho desnecessário e perturba nossa sanidade mental, adoentando os seres mais sensíveis. Estamos doentes de ego. Vejo diante de mim um mundo com bilhões de sujeitos entediados clamando por atenção, poluindo o espaço urbano e rural, jogando lixo no meio ambiente, espalhando suas imagens obscenas pelas redes sociais, transformando o planeta em um lugar horrível para se viver. E o pior de tudo não é que as pessoas querem atenção o tempo todo, mas é que elas nunca estão satisfeitas com nada. A verdade é que existe um profundo tédio no mundo em que habitamos. O sujeito pós-moderno é um entediado. Habitado às excitações, ele se aborrece com facilidade. E onde está a raiz desse tédio? Simples: por viver em uma sociedade sem alma, as pessoas esqueceram-se do espírito.” Assim escreveu o médico em seu artigo intitulado *Ist das Ende wirklich nah?* (“O fim está realmente próximo?”). Sua franqueza, no entanto, incomodou as pessoas. Após lerem essas declarações, porém, seus colegas apenas ridicularizavam o neurocientista, apontando como contraditórios seu orientalismo salingeriano e sua crença no Tao dos chineses, uma vez que a adaptação americana da cultura oriental ao capitalismo selvagem criara ainda mais esquizoides na sociedade, sujeitos divididos entre o consumir e o não-consumir, entre o eu e o outro. Diante das alegações do colega de que o mercado incentivava a loucura para enriquecer a classe médica e a indústria farmacêutica, os profissionais de saúde se alarmavam. Polemizavam, criticavam e chegaram até mesmo a atacá-lo em programas de entrevistas ou em debates em vídeo, acusando-o de fazer polêmicas em troca de publicidade. Segundo eles, o colega era uma mente megalomaniaca que queria afetar toda a sociedade com

seu método de desmemoriação, procurando libertar inutilmente a população da dependência dos farmacopéticos. Diante daquela proposta revolucionária, eles reagiam com um arsenal de críticas destrutivas. Dr. Carl, diziam seus indignados colegas, era um charlatão à altura de Webster Edgerly, ou mesmo John Harvey Kellogg (reconhecido por sua obsessão pela limpeza do cólon intestinal e por sua defesa da eugenia), ou ainda Maximilian Bircher-Benner, o criador do Müsli, entre outros célebres *quacks* conhecidos por sua pseudomedicina e seus tratamentos naturais, que faziam uso de transplantes de gônadas ou percussão da coluna vertebral, e outras terapias que prometiam curas miraculosas, transformações fantásticas e até mesmo a santidade aos seus adeptos. Os mais cínicos o equiparavam a um Timothy Leary *old fashioned* (ainda que não fizesse nenhuma apologia aos farmacopéticos alucinógenos), zombando de seu discurso naïve e sua valorização do êxtase como cura para todos os males. Seus críticos o acusavam de ser um misantropo disfarçado e apontavam para seu hábito de aspirar rapé. O médico rebatia essas acusações *ad hominem* com elegância.

Segundo Dr. Carl, ao seguir os princípios logocentristas da ciência (denunciados por Freud como os maiores responsáveis pela infelicidade da civilização), os profissionais de saúde negaram o poder dos hábitos e a importância da prevenção das doenças pelo controle adequado do estilo de vida dos indivíduos pós-modernos, preferindo, em vez disso, tratar apenas os sintomas e as consequências de seu comportamento permissivo e pernicioso. Essa, porém, era a abordagem incorreta, afirmava o médico. Para ele todo tratamento devia começar pela psique. De acordo com a filosofia do diretor de Bünzgli, as doenças, antes de tudo, surgem na mente de um sujeito. Os descuidos com a saúde e as negligências, segundo ele, antecedem a manifestação dos primeiros sintomas no corpo. Quando a mente descuida do organismo abre suas defesas aos invasores e fica suscetível a todo tipo de enfermidade. “Epigeneticamente falando”, dizia o médico em suas palestras, “nós mesmos atraímos as doenças. Somos nós os responsáveis por nossa Queda.” Para exemplificar essa máxima, Dr. Carl citava alguns casos tratadas em sua clínica, pacientes que sofreram uma completa metamorfose ao encontrarem a cura para os seus males, relatando ainda suas incríveis experiências extáticas e os *insights* alcançados por meio de seu método de desmemoriação. Após terem seu cérebro iluminado, dizia ele, essas pessoas voltavam a valorizar sua integridade psicossomática. Mais cuidadosos consigo mesmas, explicava o médico, esses pacientes não mais adoeciam com facilidade. Dormiam bem, comiam bem e viviam bem, sempre sorridentes e sóbrios. Essa revalorização do *Sorge* era, de fato, o propósito do Mnemodetox.

Em Bünzgli, continuou o neurocientista, os pacientes eram incentivadas a serem mais atentas a si mesmas. Após terem passado anos negligenciando sua saúde mental, pregava o diretor, esses negligenciados resolveram prestar mais atenção ao que existia de mais essencial, que é o corpo. Desde sua infância, elas nunca foram orientadas pelos pais a cuidarem de sua mente e de sua memória. Mais tarde adultas e donas de si mesmas, elas nunca pararam para refletir no assunto, pois nunca reservaram tempo para sua alma. Uma vez que um indivíduo se descuidava de seu corpo, prosseguia Dr. Carl em sua explicação, ele deixava de seguir os cuidados aprendidos na escola, orientando-se apenas por seus próprios impulsos. Aos poucos, corrompia-se e se tornava um morto-vivo, esquecendo assim sua infância, a idade dourada de sua existência, em que a imaginação andava de mãos dadas com a realidade, e na qual seu sistema imunológico funcionava perfeitamente bem e sua integridade estava em seu auge. “Reviver o harmonioso estado psicofísico da infância é o objetivo de meu método”, dizia Dr. Carl. “Após se livrar de

suas más lembranças e mudar seus maus hábitos, meus pacientes voltam a ser como crianças douradas, ou aquilo que chamo de *golden children*. Como todos sabem, o ouro é o mais nobre dos metais, e a neurociência, com os admiráveis avanços tecnológicos de nossa época, redescobriu que o cérebro é aquilo que existe de mais fantástico em todo o organismo, um verdadeiro tesouro. Temos um laboratório alquímico dentro de nós. Uma fabulosa fábrica que produz os mais preciosos e inimagináveis produtos. E vou mais além: o cérebro é uma cópia do universo inteiro, o maior de todos os laboratórios. Os bilhões de neurônios em seu tecido nervoso não são mais do que uma imitação dos bilhões de galáxias existentes no cosmos. Há um universo fora e dentro de nós. Mas toda essa maravilha está na obscuridade por conta de nossa própria incapacidade perceptiva. É preciso que deixemos de novo a luz entrar em nossos neurônios para iluminarmos nosso maravilhoso órgão sensorial e utilizar seu potencial criativo para o bem comum. Por isso desenvolvi uma técnica em que o ouro é o elemento essencial no tratamento.”

No final do século vinte, explicava Dr. Carl, os neurocientistas comprovaram a importância do ouro para as conexões sinápticas, revelando seus mecanismos de atuação no complexo sistema de interação entre o fisiológico e a psique, denominada por ele de Complexo Corpo-Mente. “Constatar que o semelhante atua no semelhante foi uma descoberta fundamental para desenvolvermos um tratamento para os males da civilização”, costumava dizer ele aos visitantes de Bünzli. “Ao melhorar a conexão direta entre o sistema límbico mais primitivo (e mais purificado) e o córtex pré-frontal, o indivíduo tratado com meu método se ilumina e, uma vez iluminada, se torna mais consciente e atencioso”. Contudo, salientava o médico, é necessário ter a matéria-prima básica para essa reintegração do corpo e da mente. Como já reconheciam os alquimistas há milhares de anos, para fazer ouro é preciso ter ouro. “Nem todos possuem um gênio iluminador. Somente alguns indivíduos mais afortunados (e de bom karma) já nascem conectados com a memória ancestral e escolhem trilhar o caminho do esclarecimento. Desde a fase infantil, essas *golden children* foram nutridas com bons alimentos (alguns deles tão nobres quanto o ouro) e incentivadas a praticar esportes e a cultivar o equilíbrio psicofísico necessário para manter uma saúde psicossomática perfeita. Por isso, aos entrarem na idade adulta, transformam-se em seres brilhantes.” Mas a entrada na maturidade tem também suas desvantagens. “Infelizmente, nem todos os indivíduos possuem altas taxas de ouro no organismo”, salientava Dr. Carl, “nem mesmo se possuírem alguma nobre ascendência. O sonho nazista de uma elite dourada foi uma utopia ingênua do ponto de vista científico e filosófico. Não é possível fazer um burrinho andar dando-lhe pancadas. Cada coisa, indivíduo ou grupo tem seu próprio tempo. O potencial de cada pessoa é despertado no momento certo. E para aqueles que chegaram ao ponto ótimo, falta-lhes ainda um pequeno empurrão rumo à divindade. Todos nós somos deuses, mas não sabemos. Desse modo, meu método procura apenas despertar o gênio adormecido de meus pacientes.”

Dr. Carl desenvolvera assim uma maneira inédita de lidar com todo os incômodos vilões mentais do insone sujeito pós-moderno. Mediante seu método de Amnésia Autobiográfica, qualquer paciente era capaz de se livrar de sua memória ruim em questão de horas ou dias, dependendo da gravidade de sua situação. Mas, diferentemente dos indígenas amazônicos e seus vomitórios, o método exigia apenas que o paciente se sentasse em uma confortável poltrona, instalasse em sua cabeça um capacete munido de sensores a laser e eletrodos, e fechasse os olhos por alguns minutos. Em pouco tempo veria e sentiria coisas que estavam além da imaginação

(ou mesmo da *Twilight Zone*). A parte mais difícil do processo eram as insuportáveis cegas no nariz, uma reação às vezes incontrolável para certos pacientes. Espirros também eram comuns.

O método de Mnemodetox, afirmava ele, possibilitava sobretudo uma mudança de hábitos, um redirecionamento do foco mental para o corpo, a fim de armazenar mais energia vital e prevenir o surgimento de problemas mais graves no futuro. Afinal, indagava Dr. Carl, qual era o problema em defender a profilaxia em vez da medicação? Para o especialista, todos os hospitais psiquiátricos, manicômios e clínicas de recuperação deviam esclarecer os enfermos de sua degradante situação mental e ensinar a eles, com ajuda de especialistas preparados, a maneira certa de viver, permitindo que a felicidade batesse à sua porta. “Cuidar das pessoas”: essa era a verdadeira função dessas instituições, opinava Dr. Carl; contrariando aqueles que pensavam que eram apenas lugares onde os pacientes seriam abandonados e ficariam dependentes de medicamentos pelo resto de sua existência, simplesmente por conta de sua incapacidade de ter uma vida mais sociável e mais disciplinada. Dessa forma, pensava o polemista, o papel de um médico igualava-se ao de um conselheiro. “O diagnóstico não deve ser o juízo de valor de um especialista”, afirmava Dr. Carl, “mas um mapa que, uma vez lido, propicia ao profissional a possibilidade de conhecer mais a fundo seu paciente e guiá-lo da melhor forma possível ao seu bem-estar”. Assim, pensava ele, os médicos não deviam pressionar o enfermo à cura, mas fazê-lo entender que sua felicidade dependia apenas dele mesmo. Para isso, o doente precisa primeiro querer ser curado. Sem convicção e persistência, não há cura possível, costumava dizer o médico. “Quantos dependentes não foram para reabilitação, crentes em uma cura, e voltaram logo depois aos farmacopéticos por não mudar seus hábitos daninhos?”, questionava ele, senhor de si, rebatendo as frequentes acusações dos colegas. Os maus hábitos e os vícios, afirmava o especialista, eram os grandes males da humanidade, e também os maiores responsáveis pela degeneração da espécie. Aprendendo bons hábitos de limpeza e higiene mental, pensava Dr. Carl, os enfermos podiam se desintoxicar das impurezas do mundo à sua volta e viver mais felizes, sem depender da indústria farmacêutica. Esse ponto de vista do diretor de Büngzli, porém, provocava ainda mais dissabores entre os representantes da área médica e também química ou de vendas, e com isso atraía ainda mais acusações e ataques verbais.

As críticas espalhavam-se por todas as formas de mídia; uma perseguição que o médico comparava àquela sofrida por Ignaz Semmelweis no século dezenove. O incompreendido sanitaris-ta padecera, ao defender a assepsia das mãos na prevenção de doenças contagiosas, o menos-prezo dos médicos de sua época. A humilhação de ser ostracizado levou Semmelweis à depressão emocional, à decadência moral e finalmente à morte por espancamento em um sanatório. O médico, porém, não capitulou diante das adversidades. Para agravar seu desprezo pelo polêmico neurocientista, os colegas respondiam que tanto ele quanto Ignaz Semmelweis eram apenas oportunistas que queriam se autopromover, aproveitando-se da credulidade de seus pacientes. Dr. Carl rebatia essas críticas chamando seus adversários de *ignoramus*. Paralelo a essa recepção de seus colegas de profissão, o tratamento do médico na imprensa variava entre admiração, escândalo e zombaria. Em consequência dessas polêmicas, a popularidade do médico alcançara alturas alpinas.

Uma matéria na Newsweek elogiava Dr. Carl por ter criado uma “nova neurociência” e negava

que sua pesquisa fosse *junk science*. O médico havia sido duas vezes capa da Times Magazine. Outras publicações não eram assim tão lisonjeiras ao especialista. De acordo com o tabloide britânico The Times, Dr. Carl atraía muita desconfiança por se envolver com celebridades da alta sociedade, sobretudo sheiks, supermodelos e outros clientes bilionários, tendo até mesmo sido presenteado por um deles com um chalé em Cortina D'Ampezzo. O episódio trouxe uma imensa publicidade para o neurocientista, diretor, empresário e agora uma celebridade. Um repórter do The Economist tentou desfazer o mal-entendido escrevendo que o profissional não era um colecionador de chalés como muitos outros *falsos gurus*, e aceitava os presentes de seus discípulos apenas por educação. Segundo ele, a única autoindulgência do bem-amado diretor era permanecer por três longos meses recolhido em seu retiro nos Alpes Italianos. Sua popularidade girava o mundo, e uma revista britânica ridicularizaria o médico apelidando-o de “Doktor Karl Sehrreich Vielgeld”. Dr. Carl, porém, não se importava com as charges e piadas, e se sentia lisonjeado pela atenção do público, desfrutando seu novo prestígio.

Outras opiniões polêmicas também aumentariam bastante a impopularidade do profissional junto à classe psiquiátrica (e também nas empresas de tecnologia dos países emergentes, consideradas pelo médico como incubadoras de insones). Além de acreditar no Apocalipse Zumbi, Dr. Carl tinha uma teoria maluca inspirada nas ideias de R. D. Laing. Segundo ele, todos estavam vivendo em uma sociedade de *toxic heads* — estágio ao qual a civilização ocidental alcançara após ter tomado um rumo perverso em sua trajetória histórica, ao desconsiderar a espontaneidade humana e trocá-la pelo poder hipnotizador da máquina. “As redes sociais são o novo ópio do povo”, dizia o diretor de Bünzli. “Com o advento da urbanidade, o Homo sapiens foi obrigado a se retirar do habitat ao qual estava acostumado para o ambiente hostil das cidades. Após a chegada da revolução industrial, a civilização mudou para sempre. A mudança de hábitos provocou uma intoxicação constante por todo tipo de poluição. E a maior poluição que existe, acredito eu, é a informacional. A mídia e o mercado têm atacado incansavelmente os indivíduos com informação inútil e intoxicante, explorando assim a fraqueza inata do cérebro humano e levando aquelas pessoas mais vulneráveis à dependência das máquinas, sobretudo dos Handys. Esse tipo de intoxicação causa mais males do que muitas doenças. Assim como as religiões no passado, as redes sociais estão doutrinando as pessoas, impondo-as a viver em uma ilusão permanente. E digo ainda: a tecnologia está adoecendo a mente dos homens e, sobretudo, das mulheres, fazendo-as esquecer de sua sagrada feminilidade e de seu senso materno.” Embora louvasse o avanço da tecnologia médica do terceiro milênio, Dr. Carl era contrário à sua popularização. Lembrando-se de Gollum, o inesquecível personagem de Tolkien, o médico afirmava que, nas mãos erradas, o poder apenas cria vícios, e ainda acrescentava que um mercado de trabalho muito competitivo convertera as empresas em fábricas de loucos, enriquecendo a indústria farmacêutica, que, por sua vez, criara uma imensa população de zumbis esquizoides. Em suma, complementava o médico: a civilização ocidental, com suas excitações sem fim, precisava urgentemente de uma reforma holística (ambiental, mental e humorística) ou, de outra forma, rumaria em direção a um completo colapso da espécie, comparando essa catástrofe eventual à dos dinossauros que, segundo ele, desapareceram porque não conseguiram se adaptar às mudanças radicais de seu tempo (ao lerem esses expressivos discursos escritos em revistas psiquiátricas, seus oponentes e colegas de profissão — algum deles reconhecidas e respeitadas autoridades médicas — escreviam respostas iradas, acusando o colega de ser alarmista e messiânico). Em um desses artigos, publicado no *Journal of Modern Psychiatry*, intitulado *The dangers of the chemical comforts on the doomed brain – a historical meditation and a warning*, Dr. Carl revelava um raciocínio profético, em que acusava a multimilionária indústria farmacopéutica de ter criado um novo segmento social: a classe média zumbi, uma

classe doentia que, segundo ele, além de votar equivocadamente, vivia em um constante sonambulismo, graças ao excesso de psicotrópicos utilizados para todos os fins imagináveis (para dormir, para se acalmar, para se excitar, para ter uma vida social e para ter alucinações). “A dose faz o veneno”, costumava dizer o médico. “Somos vítimas de nossos próprios exageros.” Dr. Carl não se importava de expor abertamente suas críticas à sociedade de seu tempo. Por isso recebia comentários enraivecidos dos cientistas sociais, que o acusavam de se intrometer em uma área em que era um leigo (outros conspiravam teoricamente, pronunciando-o um descendente dos *Illuminati* da Baviera).

Apesar de dedicar mais tempo à sua clínica do que às discussões e debates, Dr. Carl tinha um polêmico lado público, que Antoine somente foi se inteirar algum tempo depois, quando leu sua biografia na Enciclopédia Fácil. E, mesmo após conhecer um pouco mais da imagem pública de seu médico, essas coléricas críticas não mudaram a forte impressão causada pelo diretor da clínica em seu jovem cérebro. Saber que Dr. Carl era um homem de opiniões controversas não diminuiria em nada a admiração do paciente pelo profissional e por seu método. Considerava-se (no jargão de marketing) o *perfil* e também (no jargão psicológico) o *tipo certo* para se tornar um amnésico.

Apesar de ter sido considerado, ainda em sua infância, um possesso por seus colegas de escola primária, Antoine era um caso à parte. Um tanto amalucado em sua adolescência, o jovem expatriado obviamente não se encaixava na classe dos pacientes *toxicodependentes* (termo criado por Dr. Carl para se referir à dependência química de farmacopéticos), esses tipos categorizados pelo especialista como zumbis agonizantes. Diferente de seus colegas da mesma geração, apegados aos seus anéis tecnológicos, Antoine sofrera como ninguém o torpor causado pelo Zeitgeist de sua época. Vivera boa parte de sua juventude como um insone, sem nunca ter tido um humor estável ou um genuíno momento de alegria, uma vez que os metabólitos e seus receptores adrenérgicos disfuncionais não o deixavam dormir direito, comprometendo a qualidade de seu sono e afetando sua concentração. Embora não tivesse intoxicado seu corpo com tantas substâncias e informações inúteis, sentia-se bloqueado e poluído pelas impurezas de seu mundo. Por se julgar um homem impuro, Antoine chegou a Bünzgli como um excelente candidato à desintoxicação autobiográfica. Porém, antes que o paciente começasse a pensar que seu caso era único, Dr. Carl quis deixá-lo bem informado de que toda a humanidade compartilhava a mesma deplorável situação mental.

Por conta das impurezas psíquicas, revelou o médico, a qualidade de vida de homens e mulheres havia decaído muito nos últimos anos, e ainda se mantinha em declínio constante. Dessa forma, o estado de Antoine, pensava o especialista, era bastante similar ao de muitos outros enfermos espalhados por todo o planeta, condenados a viver em uma sociedade mentalmente poluída, que intoxicava e perturbava suas mentes das maneiras mais peculiares possíveis. Para o médico, era natural que, com o tempo, esses sujeitos se tornassem também corrompidos e infelizes. Segundo ele, uma mente pura em um corpo puro era um óbvio sinal de sanidade. Uma mente corrompida em um corpo impuro, porém, era um grave indício de doença.

— O primeiro passo para a cura da mente — disse Dr. Carl — é manter a química do cérebro

estável por mais tempo. Para alcançar esse intento é necessário desintoxicar completamente o enfermo de seus nocivos detritos metabólicos, livrando-o de sua desagradável memória autobiográfica e despertando sua atenção para o mundo. Meu método procura auxiliar as forças curativas da Natureza, eliminando o humor excedente ou defeituoso, a fim de restaurar o equilíbrio do enfermo e aumentar seu nível de consciência. Porém, além de contemplar as etapas de *apepsia*, *pepsia* e *crisis*, o Mnemodetox permite também um salto de fé. Após atravessar as trevas, o paciente precisa alcançar a luz. Para isso deve se empenhar em seu vir-a-ser. Deve encarar uma nova realidade. Penso que esse é o grande propósito da medicina: curar para iluminar. Mas, antes de tudo, o paciente precisa se purificar.

Em suas andanças pelo mundo, o médico aprendera com os pajés amazônicos e suas beberagens eméticas uma importante lição de neurociência. Quando uma pessoa está enjoada, sabiam os índios, ela precisa ser purificada daquilo que a incomoda. O enjoo, reconhece a ciência (concordando com a sabedoria milenar indígena), é um aviso do cérebro de que o corpo está muito intoxicado. Muitas vezes passamos por situações que afetam nossa noção de equilíbrio e movimento, como viajar de navio ou exagerar na bebida. Nessas ocasiões, o cérebro não sabe se o indivíduo está parado ou se movimentando. A abrupta dilatação do espaço sem um correspondente andamento temporal confunde nossos sentidos e surpreende nossa organização neural, um complexo sistema que acerta seu relógio biológico com o ritmo cadenciado de nossos passos. A mixórdia de sensações é, com frequência, mal recebida pelo tálamo. Com a confusão dos sentidos, nosso vigia cerebral entende que o organismo não está funcionando bem, ou seja, as neurotoxinas estão agindo perigosamente no sistema nervoso. Nessa situação, um alerta é então enviado ao estômago. Ao perceber que está contaminado, o organismo tenta se livrar das toxinas. Para isso efetua uma desintoxicação forçada, e então vem o vômito. A mesma coisa vale para a mente, pensava Dr. Carl. Quando a alma está enjoada, o melhor remédio é purificá-la do que a náusea e a enoja. Essa purificação necessária demonstra não somente uma preocupação do sujeito em se manter limpo fisicamente, mas também moralmente. O médico defendia a *epiméleia heautoû*, ou cuidado de si mesmo tão professado pelos gregos antigos e pelos yogues hindus, como uma forma de tornar os indivíduos mais virtuosos e mais saudáveis.

— Então está tudo na mente? — quis saber Antoine.

— Não sejamos tão cartesianos assim, *mein lieber* — respondeu Dr. Carl. — Nem tudo o que imaginamos é verdade, assim como nem tudo o que parece real o é, de fato. A imaginação é uma ponte entre a realidade e o inconsciente. O juízo moral, representado pelo superego e pelo tálamo, é apenas um filtro, *mein Bub*. Mediante os sentidos, recebemos as impressões de nossa realidade, e essas impressões depois são filtradas em nossa memória. Um filtro sujo, contudo, compromete a maneira com que percebemos nosso mundo. Excesso de informação e excesso de toxinas prejudicam nossos neurônios e também a maneira com que vemos a realidade. A mente apenas reflete o ambiente em que vive, ainda que siga uma programação inata. Como concluiu Freud, a psique é parte cultura e parte instinto. A arquitetura de nosso programa mental é formado por configurações pré-instaladas, adaptadas a cada ambiente e a cada sociedade. Mas essas configurações devem mudar quando nos deslocamos espacialmente. Esse é o intuito da reconfiguração provocada pela amnésia. Seu objetivo é proporcionar uma adap-

tação a um novo mundo. E também uma confortável viagem pelos mares da existência.

Na esclarecida opinião do especialista, o cérebro é uma espécie de esponja purificadora do corpo, agindo durante o sono para nos livrar das toxinas sensoriais recolhidas do ambiente durante o dia e purificando a mente dos detritos emocionais e das *memórias zumbis*, esses resquícios provenientes da excessiva excitação neural advindas dos estímulos negativos do cotidiano, responsáveis por causar as conhecidas e indesejáveis oscilações de humor do sujeito urbano. Dormir possui um papel fundamental no bem-estar biopsíquico, segundo Dr. Carl, e uma das funções principais de um sono restaurador é nos desintoxicar dos metabólitos físicos e emocionais. Nesse período de descanso do corpo, o cérebro elimina tudo aquilo considerado inútil e que não serve para nada. Essa limpeza efetuada pelas células gliais é transportada pelo sistema linfático, para onde os resíduos e impurezas cerebrais são drenados antes de serem finalmente eliminados pelo organismo. Essa desintoxicação de resíduos inúteis provoca o aumento do espaço extracelular e nos permite pensar melhor, além de fazer bem à nossa memória. Se porventura o sono de um indivíduo era insuficiente ou insatisfatório, explicava o médico, seu órgão mental não é capaz de se livrar eficientemente dessas toxinas e todo o organismo é prejudicado. A princípio, disse Dr. Carl, a intoxicação se manifesta no comportamento do sujeito, afetando sua consciência, suas emoções e denegrindo seus hábitos. Com o tempo, então, sobrevêm as doenças e os vícios. “Uma noite de sono bem-dormida não nos poupa apenas de olheiras”, afirmou o médico. “Sono também é vida. Dormir apaga as memórias desnecessárias e promove a renovação do corpo. É o que mais importante para a vida senão renovar sua estrutura para que não envelheça e desapareça?” Nem toda a comunidade científica, contudo, compartilhava o mesmo pensamento do diretor de Bünzgli.

Embora os cientistas ainda debatessem a importância dos sonhos na saúde mental dos indivíduos, para o médico, porém, tudo estava bem claro. Sonhar, segundo ele, faz o cérebro vibrar em uma frequência mais baixa ao produzir ondas delta, afetando a disposição geral do corpo e da mente, e criando uma sincronização saudável entre eles. “Cada vez que sonhamos, nós recriamos nosso microcosmo, como Marduk ao dominar Tiamat, dando origem assim ao macrocosmo como o conhecemos hoje, trazendo dessa forma a ordem ao caos. Por meio dos sonhos, o espírito cura o corpo”, dizia ele. O sono tinha assim um efeito psicossomático, pensava Dr. Carl, opinião que contradizia os médicos fiscalistas e cartesianos, para quem a dualidade mente-corpo concebida por Descartes impedia qualquer influência mental na realidade ou no mundo físico. Sonhar, confirmou o especialista, mantinha o sujeito mais alerta, mais focado e mais sadio. Sonhos ruins, por outro lado, eram sinais de um desequilíbrio entre a mente consciente e a mente inconsciente, uma mostra da inabilidade do indivíduo para manter sua saúde mental em perfeito estado. Portanto, uma má qualidade do sono leva a um cérebro desregulado e repleto de *memórias zumbis*, afirmava ele, aquelas memórias inconscientes que tanto perturbam e poluem a mente consciente. E um cérebro intoxicado precisa de limpeza, salientava. Essa purificação, contudo, devia afetar tanto o órgão principal do sistema nervoso quanto o resto do organismo, restabelecendo o equilíbrio psicofísico. E, declarava o médico, não existia melhor desintoxicação para os insones do que um sono restaurador.

Segundo Dr. Carl, a insônia comprometia todo o Complexo Corpo-Mente (ou Complexo Psicossomático, como preferia utilizar em seus escritos). Essa doença silenciosa era um reflexo

dessa escravidão dos sentidos, que terminou por afetar nossos hábitos, e a razão de sua disseminação pandêmica estava em nosso estilo de vida moderno.

— Com as excitações provocadas pelas novas tecnologias, estamos sofrendo uma verdadeira invasão à nossa privacidade sensorial — disse Dr. Carl. — Sem que queiramos, estamos cercados de apelos sensoriais nocivos, e todo esse sensualismo pernicioso perturba nosso cérebro primitivo, excitando-o descuidadamente, um excesso de estímulo que termina atrapalhando nossa maneira de pensar e agir, além de influenciar nossos hábitos, nosso estilo de vida e nosso sono. Como pude constatar ao visitar o Brasil, o Carnaval não faz bem a certas pessoas, sobretudo às mais moralistas. Tive a oportunidade de visitar o país em época de festa, enquanto suas florestas se transformavam em pasto para gado. Às vezes imagino como se comportaria Nietzsche em meio aos dionisíacos foliões brasileiros. Ficaria alucinado.

Na opinião do médico, uma vez que estavam expostos a todos os tipos de excitações e radiações contínuas, indulgências sensuais, violência gratuita e imagens grotescas, os insones passavam seus dias em um estado de fadiga sem repouso, em uma situação universal de constante alerta denominada de Síndrome da Mente Célere. Nesse estado agonizante, o sujeito insone nunca se recarrega. Seu corpo está cansado, mas sua mente nunca para de pensar, em consequência do seu excessivo acúmulo de metabólitos e toxinas (embora Dr. Carl tenha utilizado o termo *memórias zumbis*, Antoine preferiu entender como algo menos ameaçador e menos malféfico). Causados por anos e anos de noites maldormidas (e também por aquilo que o médico denominava de “impurezas das interações sociais”), os efeitos das excitações no cérebro agravavam a psicopatologia social vigente. Nessa escalada sem fim, dizia ele, os insones fazem uma mescla dos diabos para poder dormir em paz e experimentam todos os tipos de substâncias e métodos, procurando melhorar inutilmente sua indisposição mental. Essa poção diabólica, porém, trazia sérios danos neurais, além de bizarros comportamentos. Capturados nessa incessante excitação do cérebro, os insones entram em uma espécie de *circulus vitiosus* sem escapatória. “Uma mente constantemente excitada”, declarou Dr. Carl, “não deixa o cérebro se reorganizar. Mesmo após uma boa noite de sono, sempre sobram alguns processos zumbis no sistema límbico. Associados à formação das memórias de longo prazo, esses processos são responsáveis não só por remover as memórias desnecessárias coletadas no hipocampo, mas também por desintoxicar as sinapses cerebrais das placas amiloides, esses indesejáveis agentes endógenos responsáveis pela perda de memória. Se essas placas não forem removidas, acumulam-se nos neurônios. Com o tempo, ocorre uma progressiva degeneração neuronal que se espalhará por todo o cérebro, atrofiando assim os tecidos nervosos. Aos poucos, o indivíduo desmemoriado se converterá em um zumbi nietzschiano e passará então a ser guiado apenas pelo seu dionisíaco inconsciente”. Expor a mente a uma fonte infinita de informações aliado a um “nocivo conteúdo reptiliano sub-reptício” é um óbvio convite à escravidão sensorial, pensava o especialista. Sem dormir direito, o insone sofre de *mood swings* frequentes, e seu humor piora a cada dia. Eles ficam mais irritadiços, aborrecidos, *bad tempered*, e terminam, enfim, por adoecer.

O médico acreditava que a precoce exposição das crianças a imagens violentas ou obscenas estava criando uma crescente população de zumbis na sociedade, na mesma medida em que aumentavam o número de iconomaníacos, infomaníacos e ninfomaníacos (e também ninfomani-

acas). Todo o excesso de informação estava afetando de modo extraordinário o cérebro do indivíduo comum, uma revolução comparável à mudança de mentalidade na Idade Média, com o surgimento das primeiras universidades. Mas, ao contrário dos medievais, os pós-modernos não ficaram mais inteligentes. Referiu-se ao efeito *maligno* do excesso imagético sofrido pelos cidadãos, um perigo denunciado desde a Antiguidade arcaica. Nesse ponto o médico concordava com Platão em sua crítica à mímesis, julgando-a responsável pela crise da imaginação atual, agravada pela tecnologia e pela reprodução infinita de todo tipo de imagens e ícones em uma escala nunca antes vista na História. Graças à imitação sem qualquer critério, pensava o especialista, reproduzíamos modelos vazios. Ao sucumbir à força ilusória da magia tecnológica e ser seduzido pelo fantasioso Mundo da Imagem, o ser humano regrediu a um estágio arcaico. Segundo Dr. Carl, havíamos perdido nossa originalidade.

— Por estar acostumado com padrões, os cérebros mais despreparados não suportam bem o efeito maligno das novas tecnologias — disse o médico. — Tanta informação é um tormento contínuo para esses cérebros mal-adaptados, e também um tipo de sofrimento que se torna, com o passar dos anos, um tormento existencial para os indivíduos apegados aos padrões. Bombardeados noite e dia, essas mentes alertas se mantêm em vigília contínua, sempre prontas para uma reação *Fight Flee Freeze*. É natural assim que adoeçam com o tempo.

Dr. Carl explicou que, uma vez que esses sujeitos estão presos a um círculo vicioso de excitações, o inconsciente assume a liderança, e eles não conseguem mais tomar decisões conscientes. Distraídos por qualquer novidade, os insones não conseguem mais prestar atenção à realidade e refletir sobre o que percebem. Suas mentes distraídas submetem-se aos designios dos agentes inconscientes, e sua exagerada agressividade os impede de pensar de maneira clara. Mais impulsivos do que o normal, é natural que os indivíduos insones queiram estar sempre um passo à frente, afirmou o médico, comprometendo assim sua capacidade de se focar naquilo que estão fazendo ou observar melhor a realidade ao seu redor. Com o tempo, essa falta de foco leva a uma espécie de perniciosa miopia, e o sujeito vê tudo com superficialidade e desatenção. E conseqüentemente comete mais erros e enganos. O resultado disso é uma população repleta de Magoos tropeçantes. Para Dr. Carl, as gerações do terceiro milênio haviam perdido o foco.

— Concordo com essa opinião — disse Antoine. — Eu mesmo me considero um desfocado. Apesar disso, tenho uma ressalva a fazer. Você falou há pouco que seguimos cegamente os paradigmas de nossa época. Mas não temos foco quando estamos hipnotizados?

— *Du hast recht, mein Bub!* Esse é o ponto! *Das ist der Punkt!* Mesmo focado, um indivíduo pode não estar consciente de certas coisas. Estamos cercados por tantas distrações que não temos tempo de refletir. E essas distrações nos roubam tanto nossa atenção quanto nos desviam de nosso propósito. É preciso nos focarmos sem nos alienar da realidade. Por esse motivo criei o programa em vídeo chamado Foco Aumentado para Mentes Distraídas. É um método avançado de meditação transcendental, sem necessidade de ficar de pernas cruzadas. Desde seu lançamento, esse programa tem sido um grande sucesso de vendas. Vou sugerir a você que o faça depois que estiver um pouco mais amnésico. Vai ser bastante útil para sua reabilitação.

— Eu adoraria — confessou Antoine. — Desde que eu me lembre sempre fui um distraído. Nunca consegui enfiar uma linha de costura no buraco de uma agulha. Até porque nunca tentei.

— Muitos outros nem sequer se atentaram que existe uma agulha, *mein Bub*. É o que chamo de distração crônica. Fica pior depois de anos de exposição aos meios de comunicação de massa. É uma decadência perceptiva gradual. O sujeito começa assistindo duas horas de programação por dia, depois três, quatro, cinco horas, até que, em pouco tempo, acompanhará cada vez mais os seriados, filmes, novelas, entrevistas, shows, premiações, programas de culinária e até vídeos caseiros. Seu apetite por imagens aumenta sua voracidade. Vinte e quatro horas em frenesi constante, o indivíduo não conseguirá mais adormecer naturalmente, convertendo-se em um insone crônico (ou ainda um insone insano). No decorrer do tempo, a exposição excessiva vai corroer por completo sua atenção. Por isso, em um estado crônico de desatenção e carência, o telespectador vicioso ficará sem concentração nenhuma. Sem ter capacidade para refletir, ele deixará que a publicidade, a imprensa, as celebridades, os apresentadores, os columnistas e os *influencers* pensem por ele. Nasce assim um morto-vivo, uma espécie muito comum em nossa atualidade. Um ser sem opinião própria, que nunca dorme direito e nunca desansa em paz, dependente de excitação contínua dia e noite, que vota mal e não consegue se concentrar ou ter uma visão para seu futuro. Um ser que oscila entre o sono e a vigília, entre a vida de escravo e a morte da inteligência sensível.

Segundo Dr. Carl, geração após geração, os mortos-vivos haviam se espalhado por todas as áreas habitadas, das mais remotas até as mais superpopulosas. E tudo se iniciara no início do terceiro milênio, quando as novas gerações deixaram de pensar por si próprias e um surto de autismo afetou a mentalidade das pessoas em todo o globo terrestre. A invasão da tecnologia atingira tão amplo alcance que, em cada canto do mundo, existia um morto-vivo preso a uma tela ou monitor. Com seu envolvente poder hipnotizador sobre nosso cérebro reptiliano, a televisão e os *streams* de vídeo tornaram-se o centro das atenções humanas, comprometendo aquilo que prega o *Sorge* heideggeriano, para o qual um indivíduo devia prestar mais atenção aos outros indivíduos, valorizando a vida alheia e cuidando de seu semelhante, para que assim todos possam compartilhar os mesmos benefícios. A tecnologia, acreditava Dr. Carl, criou monstros passivos. Hipnotizados em seus sofás e camas, esses sujeitos (segundo o médico) assistirão ao Apocalipse Zumbi em estado vegetativo.

De sua parte, Antoine acompanhava a preleção do médico com redobrado interesse. Nunca ouvira uma descrição tão acurada de sua condição patológica. Por anos se sentira um zumbi. O diretor, pensou ele, sabia o que estava falando. Após relatar sua douda opinião sobre o lastimoso estado da saúde mental coletiva, o médico explicou a Antoine que um em cada dois adultos do início do terceiro milênio tinha insônia crônica. Essa patologia social se encontrava em um quadro clinicamente tão severo que, se não fosse tratada, poderia levar a consequências desastrosas para as futuras gerações. “Pense nas crianças de pais desatenciosos. Imagine sua situação de abandono”, disse Dr. Carl. “Deixadas aos cuidados de suas babás eletrônicas e mantidas passivamente diante de uma tela que, sem interrupção, cospe imagens de conteúdo duvidoso, essas crianças crescem com a confiança abalada, sem conseguir distinguir o que é verdadeiro

ou falso. É natural assim que se tornem jovens desatenciosos ao crescerem. Até atingirem sua adolescência, esses rebentos sofrerão longos períodos de estresse televisivo, mercadológico e psicológico, um tipo de tortura existencial digna de um personagem de Dante. Por conta de milhares de horas de programas de auditório, telejornais, filmes e seriados, um importante componente em seu genoma será desativado; talvez para sempre. E inibir o gene do sonho é como queimar uma lâmpada.”

— Está dizendo que existe um gene responsável por nossa capacidade de sonhar? — indagou Antoine.

— Não oficialmente, *mein lieber*, apesar dos cientistas desconfiarem da natureza genética da genialidade e seu importante papel nas grandes ideias e descobertas científicas. Concentrados em encontrar a verdade lá fora, os cientistas ainda não descobriram a verdade dentro de nós. Por milênios, no entanto, a magia explorou e utilizou o potencial divino dos homens e mulheres em sua busca alquímica por uma ciência da alma, recolhendo técnicas e experimentando seus efeitos sobre o cérebro. Graças às suas experiências com os sonhos e os elementais, os grandes magos do passado descobriram a importância desse gene na saúde mental e seu papel no desabrochar das capacidades inatas de um indivíduo. O que é a Pedra Filosofal dos alquimistas senão um símbolo do despertar da divindade humana adormecida? Embora intuissem a existência de um código ou de uma linguagem secreta em alguma parte esotérica de nossa fisiologia, esses antigos investigadores e polímatas inspirados sabiam que, além da força vital, havia uma sutil ligação entre o corpo e a alma, entre a natureza e a cultura. Explorando a comunicação imperceptível entre o denso e o sutil, eles chegaram à mente e descobriram seu poder oculto sobre o corpo. Por conta de seu empirismo milenar, esses antigos alquimistas profetizaram o surgimento do esquizoide pós-moderno, esse sujeito nascido da desintegração da psique humana efetuada pela sociedade tecnológica, uma sociedade para a qual a inocência do sono e do descanso tem pouca valia, uma vez que dormir é algo improdutivo e inútil para o mercado.

Dessa maneira desencorajadora, disse o médico, cada novo membro telespectador da sociedade iniciará sua vida adulta dormindo mal. Esses insones, afirmava ele, começam a sofrer um gradual processo de decadência mental ainda em tenra idade. Desde muito cedo, livres para assistir ao que bem quisessem em vídeo ou em outras mídias, eles estavam expostos a todo tipo de agressão visual, sob a forma de imagens e cenas excitantes, chocantes, violentas ou sedutoras. A princípio, eles ficam obcecados por essas ilusões, escravizados por seu apelo irresistível, mantidos em um círculo vicioso de consumo e regurgitação de imagens, adquiridas nos meios de comunicação e na silenciosa propaganda urbana. Essa intoxicação contínua se convertia aos poucos em uma obsessão incontrolável. No decorrer do tempo, porém, esses escravos sensoriais passam a ser atormentados por más lembranças. Mesmo longe de seus Handys, eles pensam o tempo todo em seu objeto do desejo. Como vermes indesejáveis, essas lembranças se fixam em suas mentes e os perseguem mesmo em sonhos, provocando intensamente seu sistema límbico, estimulando emoções negativas como o medo e a raiva. No estágio final, salientou Dr. Carl, sem conseguir alcançar a paz de espírito, essas vítimas da modernidade ficam estanques entre a consciência e o nada. Incitados a se manterem sempre acordados, esses odiados insones se convertem em zumbis e passam a viver em uma eterna busca por excitação,

como sátiros e ninfas em busca de prazer sem fim, uma vez que desconhecem o que é *fulfillment*. Esse cenário apocalíptico, segundo o médico, era digno de um poema de William Butler Yeats.

The ceremony of innocence is drowned

The best lack all conviction, while the worst

Are full of passionate intensity

Afoga-se a sagração da inocência

Aos melhores falta toda a convicção, enquanto os mediocres

Estão plenos de apaixonada intensidade

“Uma em cada duas pessoas é um zumbi?”, indagou-se Antoine mentalmente, estarrecido diante daquela inédita revelação. Perplexo por essa constatação, o jovem verbalizou seus pensamentos. Sem se perturbar com a pergunta, Dr. Carl respondeu então ao paciente que essa era uma estatística altíssima, se fosse levado em conta que, em um remoto passado, praticamente inexistia a insônia (apesar de existirem múmias) na população mediana. “Exceto talvez pelos possessos, lunáticos e místicos”, explicou o médico, “sujeitos que nunca se importaram muito em dormir bem ou mesmo desfrutar dos benéficos efeitos de Morfeu, todas as pessoas se sentem mais dispostas após uma boa noite de sono. Mas vivemos em uma época terrível. A civilização exige demais do indivíduo. Com isso deixamos de lado os cuidados básicos com nosso corpo e com nossa mente”. Ou seja, disse Dr. Carl, o próprio Espírito do Tempo criou a situação propícia para esse sonambulismo coletivo do terceiro milênio.

— Vivemos como mortos-vivos? — replicou Antoine, com uma indagação feita em um tom quase alarmado.

Para responder a essas previsíveis indagações, o médico apresentou ao paciente um breve colóquio sobre saúde mental (após ter trabalhado por muitos anos no *show business* de palestras motivacionais, o médico nunca perdera o hábito de conferenciar para um atento público). A princípio, Dr. Carl falou da importância de se obter um organismo sadio em tempos de sedentarismo crônico e contou dos males provocados pela insônia, uma doença causada pela inadequação do homem moderno à sua instável dinâmica circadiana.

— A falta de noites bem-dormidas — prosseguiu o médico —, e seu efeito pernicioso sob a mente humana converteu os indivíduos pós-modernos em zumbis ambulantes, esses tipos que nunca descansam em paz, condenados a errar pelo mundo das trevas, guiando-se apenas por seus apetites.

— Está falando sério? Existem zumbis de verdade? — indagou Antoine, surpreso.

— *Warum nicht?* Por que não estaria? Afinal, o que é um zumbi senão um ser sem vontade própria, incapaz de refletir ou tomar decisões racionais? Os filósofos sempre discutiram a possibilidade da existência dos *Untoten*, e eu posso afirmar com segurança que eles existem. Sabemos que muitas pessoas se guiam apenas por seus comportamentos instintivos inconscientes. Os lunáticos, os possuídos e os fanáticos fazem parte desse grupo, uma vez que não possuem mais controle sobre seus instintos compulsivos. Quando seu córtex pré-frontal se desconecta, eles passam a viver no limbo de suas mentes, em uma região entre o consciente e o inconsciente, um estado alucinado em que as ilusões superam a lógica e o bom senso. Nesse estado, os indivíduos não medem as consequências de seus atos e agem como se já estivessem mortos. Os homens-bombas sonham estar no paraíso antes mesmo de explodir em mil pedaços. Afinal, o que é isso senão se comportar como um morto-vivo? Ao desprezar sua consciência, uma pessoa fanática perde por completo o controle de si mesma, movendo-se pela vida de maneira desatenciosa, sem nunca tomar decisões conscientes ou votar em políticos que atendam as necessidades de todos e não apenas às necessidades de seu grupo ou partido. E por que razão ocorre essa perda? Simplesmente porque esse sujeito não possui mais uma consciência. Sim, *mein Bub*, zumbis existem, e afirmo mais: eles estão por toda parte, mesmo na Suíça.

Àquela altura do esclarecimento prestado pelo médico, Antoine exibiu uma expressão pasma. Ele ouvia tudo com redobrada atenção, escutando cada palavra entre admirado e perplexo. Quanta informação! Ele havia passado a vida inteira assistindo à televisão e perdendo seu precioso tempo nas redes sociais, e agora alguém lhe revelava o mal que tinha causado a si mesmo. Sentiu-se naquele momento um tanto parvo (no comiserado dizer dos portugueses). A explicação do médico sobre insônia crônica, entretanto, surtiu um estimulante efeito no humor de Antoine, sobretudo ao escutar a menção aos zumbis. Tomado de um repentino amor pelo conhecimento, o jovem quis saber um pouco mais sobre o assunto.

— Então a amnésia é o melhor dos métodos? — indagou o paciente.

Demonstrando sua costumeira seriedade, Dr. Carl respondeu que nenhum método era, de fato, cem por cento eficiente. Procurou ser sincero com Antoine e explicou que a grande falha das outras abordagens terapêuticas estava em tratar o paciente apenas como corpo ou apenas como alma, nunca os dois ao mesmo tempo (desdenhava, inclusive, os métodos que utilizavam uma aguda intoxicação, pretextando que, ao seguir a máxima “o veneno faz a dose”, o excesso de toxinas levava o corpo a se desintoxicar naturalmente). O médico tinha uma opinião diferente dos outros especialistas, para os quais as enfermidades mentais eram um pernicioso desajuste entre Ego, Energia, Memória e Estilo de Vida. Para esses dedicados estudiosos, todo desajuste social estava relacionado a um ego inflado demais, baixa energia, má memória e a um *lifestyle* nada saudável. Apoiados em seus métodos tradicionais, eles procuravam ensinar um pouco de controle mental aos enfermos, fazendo com que acatassem dietas ineficazes, tomassem pílulas e comprimidos, e fizessem, se necessário, uma readaptação alimentar; medidas que o médico achava inúteis para mudar os hábitos mentais das pessoas, entre eles sua *inner passivity* e seu costume de excitar o cérebro antes de irem para a cama. Em sua crítica opi-

não profissional, o especialista era taxativo em relação aos métodos tradicionais de tratamento mental, que considerava ineficientes para desobstruir os nós cármicos, além de serem nocivos para a maioria dos cérebros inflexíveis. Concordava que um *stop edit* era necessário para revisar as experiências negativas do passado de seus pacientes, mas sua abordagem era mais prática do que a convencional. Esquecer era menos doloroso do que recordar analiticamente, afirmava o médico.

Todas as abordagens terapêuticas possuíam seu lado positivo, desde que estimulasse o paciente a mudar seus hábitos mentais. Para todas elas, as doenças da mente deviam ser tratadas pela própria mente. Ao contrário de todos os outros especialistas, porém, Dr. Carl acreditava que a doença era apenas uma inevitável decadência do Complexo Corpo-Mente, afetada pelo plutoniano *Zeitgeist* vigente. Entender a maneira com que cada época afeta a alma das pessoas, para ele, era mais importante do que seguir prescrições obsoletas para os novos tempos. Por essa razão, Dr. Carl preferia tratar as inevitáveis crises existenciais de seus pacientes da mesma forma com que faria um guru (ou um médico mais ousado). Era didático, atencioso e minucioso com cada um deles. Explicava-lhes que precisavam exercitar um estrito autocontrole psicossomático, organizar seus pensamentos e hábitos (sobretudo antes de dormir), mudar seu extravagante estilo de vida, focar-se em um propósito louvável a longo prazo, para que assim pudessem descansar melhor. Dedicava-se então a elucidar cada um de seus problemas, utilizando seu imenso arsenal de técnicas psicoativas.

A origem da maioria das doenças estava na mente, disse Dr. Carl. E não era nada fácil tratá-las após se manifestarem. O médico citou a ineficácia da terapia cognitiva ao tentar mudar o diálogo interno do atormentado enfermeiro em busca de uma cura para seus males e traumas, fazendo-o “pensar diferentemente”, crendo assim que esse método calaria os demônios de um colérico ou os fantasmas de um melancólico. Esse processo, segundo o profissional, era tão embaraçoso quanto ineficiente. O problema não está em como uma pessoa pensa, acreditava Dr. Carl, mas sim em seu mau condicionamento, ou seja, em seus maus hábitos. O inconsciente muitas vezes foge do controle porque vivemos mal. O que adianta tratar sua forma de pensar se o sujeito não dorme bem? Tanto o corpo quanto a alma devem ser igualmente tratados e reeducados, pensava o médico. Em sua opinião, os distúrbios do sono tinham uma origem muito mais profunda. “O cérebro reptiliano do insone esqueceu o que é um sono restaurador”, dizia ele. “Com seus receptores dopaminérgicos disfuncionais, ele não consegue mais ter nenhum prazer ao dormir, o que se reflete em todos os outros pequenos prazeres da vida”. Na opinião do especialista, a privação de sono causou um tremendo estrago no delicado órgão do corpo humano, e o *Mnemodetox* retrógrado (chamada por ele de *Rückspultechnik*, ou processo de rebobinagem mnemônica) era o verdadeiro *crème de la crème* dos tratamentos para os problemas de insônia. Ao limpar as memórias zumbis do hipocampo, essa técnica possibilitava ao insone uma noite livre de pesadelos.

— Ao aplicar os princípios de um alívio confortável e duradouro por meio do esquecimento programado do cérebro — salientou Dr. Carl —, meu enfoque proporciona uma rápida cura ao paciente, livrando-o de qualquer tipo de dependência química ou afetiva. E também de um nefasto destino de morto-vivo.

Um longo suspiro encerrou esse arguto raciocínio. Muito se falara durante essa palestra do diretor de Büngzli, e agora era preciso refletir em todas essas informações. Quando o médico, enfim, terminou sua preleção, Antoine acordou de seu torpor. Estava embevecido por todas aquela douta explicação. Absolutamente atraído pelas palavras do especialista (e por seu discurso moralizante), ele esteve todo o tempo concentrado na conversa. Então somos, na verdade, um bando de zumbis insones, obcecados e loucos por carne humana? Indagou-se o jovem. Porém, o mais interessante da explicação do especialista, pensou Antoine, foi saber que sua insônia tinha cura. A perspectiva de voltar a ter um sono tranquilo o deixou bastante esperançoso. Estariam suas noites insones finalmente com os dias contados?

— Então vou poder dormir melhor a partir de agora? — indagou Antoine ao médico.

— Por enquanto, *mein Bub* — respondeu Dr. Carl. — A sessão emergencial tem um efeito apenas temporário. Precisaremos agora proceder com o restante do tratamento, de modo a adormecermos efetivamente essas sinapses disfuncionais em seu córtex pré-frontal e estimularmos uma saudável neurogênese em seu hipocampo, aquietando assim a excitação da amígdala.

— Mas poderei dormir definitivamente bem?

Para responder a essa pergunta, o profissional fez um minucioso e explicativo relato a Antoine sobre seu problema de sono, e o jovem ouviu tudo com redobrada atenção. O especialista elucidou a ele que a parte mais prejudicada pelo excesso de toxinas no cérebro de seus pacientes era, sobretudo, sua memória. Incapazes de se lembrar das coisas mais básicas, esses pobres atormentados dependiam das máquinas até mesmo para executar tarefas simples como lembrar um nome ou caminhar até o mercado. Enquanto as pessoas saudáveis acordam espontaneamente pela manhã e se recordam de algum sonho absurdo, relembrando a amena irracionalidade de suas vivências oníricas, o enfermo da alma, ao contrário, desperta com a sensação de ter sonhado coisas terríveis, uma sensação que retorna com frequência sob a forma de más lembranças e atrapalha seus dias e suas noites. Mesmo durante o sono, seu diálogo interno é monótono e mesquinho. Seu gênio nada ensina, apenas exige a satisfação de seus apetites. Por isso as obsessões e preocupações de um insone o mantêm todo o tempo em um humor tenebroso. “Intoxicado por seus maus hábitos e suas emoções desreguladas, o paciente aos poucos perde seu *Lebensfreude*”, prosseguiu o médico. “Sem um lócus de controle interno, ele reage exageradamente aos estímulos negativos. Aquilo que negativamente o emociona, porém, também o torna infeliz. Tudo o entristece, nada o anima. Qualquer reação emocional negativa de alguma pessoa, uma notícia ruim, um pensamento incômodo, tudo o perturba. Seus dias, sofredamente vividos, são um eterno retorno às mesmas preocupações e temores. Seu único jeito de lidar com recordações assim tão embaraçosas é reprimi-las, buscando controlá-las da melhor maneira possível, mesmo que as revista repetidas vezes. Desse modo obsessivo, rememoradas em seu *éternel retour* mnemônico, elas se tornam um persistente pesadelo”. Segundo Dr. Carl, a produção de constantes más lembranças (devido ao contato diário com pessoas desagradáveis e imagens chocantes) levava o paciente a um estado que oscila entre a mania e a melancolia, prejudicando o bom funcionamento de seu sensível Sistema Ativador Reticular Ascendente, essa parte do sistema nervoso responsável pelo sono e pela vigília. Nesse humor de

carrossel, o sujeito insone começa, no decorrer do tempo, a definhar e torna-se incapaz de viver em sociedade (até porque ninguém consegue suportar suas frequentes variações emocionais, manias e outros caprichos irritantes). Após essa incapacidade mental, surgem então os efeitos colaterais da insônia, e ele descobre, dessa forma, que não está mais entre os vivos. E assim, desesperados por um bom descanso, os insones passam a experimentar inusitadas e nada convencionais maneiras de dormir (tentavam pegar no sono deitados em sofás, colchões infláveis, colchões d'água, tanques de isolamento e até mesmo em caixões funerários).

Ao fim da longa preleção do médico, Antoine ficou perplexo. Todas aquelas úteis informações sobre a qualidade do sono, transmitidas por Dr. Carl durante a consulta, foram bem acolhidas pelo *youngster*. Tudo aquilo lhe era familiar (além de dormir no sofá, Antoine também experimentara diferentes tipos de ciclos de sono polifásico, desde o Uberman, em que eram necessários seis cochilos de vinte minutos por dia — e que o deixava sempre indisposto e de mau humor —, até o ciclo Dymaxion, inventado por Buckminster Fuller, no qual dormia períodos de trinta minutos a cada seis horas, o que o obrigava a manter longas e ininterruptas jornadas sem qualquer descanso, convertendo-o, por sua vez, em um *walking dead*; malsucedido, porém, em todas essas práticas heterodoxas, ele resignou-se, enfim, à sua insistente insônia e passou a ficar noites inteiras sem dormir). Além disso, os inéditos esclarecimentos do médico sobre o hipersensível cérebro de Antoine elucidaram alguns de seus problemas e desajustes nunca antes desvendados. De forma alguma passaria pela cabeça de Antoine associar sua má qualidade de vida à sua insônia. Estava, de fato, impressionado com Dr. Carl. Ele jamais encontrara um médico tão inteligente desde que saíra do Brasil (onde estivera alguns meses antes, após viver muitos anos em Genebra, na Suíça). Nunca consultara um especialista realmente devotado à cura de seu paciente (e que não estivesse interessado apenas em seu dinheiro). Todos os outros profissionais, disse Antoine, apenas lhe receitaram centenas de pílulas inúteis para curar sua melancolia e sua insônia, e nunca conseguiram realmente saná-las. Naquele momento, em estado de graça, sentiu uma estranha gratidão por seu médico. Entusiasmado pela extraordinária revelação do competente e meticuloso especialista, Antoine até mesmo aproximou-se para abraçá-lo (o diretor, entretanto, evitou o gesto com delicadeza e preferiu lhe dar um tapinha no ombro).

O entusiasmo de Antoine era compreensível. Até mesmo para quem desconhecesse seu histórico e sua saga com os médicos, psicanalistas, psiquiatras, gurus, hipnotizadores, *coaches* espirituais, instrutores de meditação, *yôga*, tantra, magia e até especialistas em projeziologia. A preleção do médico elucidara muitas coisas para esse *spiritchaser* e buscador incansável da paz de espírito. Ali no refeitório, absorto em seus longínquos pensamentos, ele exercitava o pouco de concentração que ainda lhe restava (uma habilidade sempre necessária nesses casos) para relembra o encontro mais importante de sua atribulada vida. Ao recordar-se nostálgicamente de seu primeiro encontro com seu médico (e pressuposto salvador), Antoine reviveu a impressão deixada por aquele significativo acontecimento.

Durante esse demorado e frutífero interlúdio entre Antoine e Dr. Carl, eles discutiram sobre assuntos que os médicos normalmente não conversam com seus pacientes. As sábias palavras do diretor de Bünzli ainda estavam frescas na memória do jovem, e relembra-las agora lhe trouxe um certo conforto. Nessa memorável preleção, Antoine ouviria os relatos extraordiná-

rios e as fantásticas opiniões do profissional sobre a realidade do século vinte e um, sentindo-se mais esperançoso e confiante ao escutar o diretor falar com empolgação de sua clínica, versar sobre as mais avançadas técnicas de tratamento e abordar ainda tudo aquilo que inspirava gente de toda parte do mundo a procurar o tão celebrado Mnemodetox: a liberdade, a felicidade e o *joie de vivre*. Antoine absorveu o significado de cada palavra utilizada pelo especialista. Atentou-se às suas detalhadas explicações sobre o método e seus procedimentos, ainda que sua palestra fosse entrecortada por constantes digressões históricas. A crença do diretor no Apocalipse Zumbi o deixou impressionado. Se até os médicos estavam descrentes na humanidade, o que falar dos otimistas? Apesar de tudo, o profissional era um homem otimista, e isso agradou Antoine. Após essa iniciação filosófica, o diretor agendaria finalmente as futuras sessões de Amnésia Autobiográfica do paciente, prometendo que, em pouco tempo, Antoine sairia de Bünzgli um novo homem. Os olhos do jovem iluminaram-se diante dessas esperançosas sentenças. Além de receber úteis esclarecimentos sobre o tratamento e sobre a realidade moderna, Antoine foi presenteado com uma assertiva possibilidade de cura. Estava claro para o jovem paciente que a intenção de Dr. Carl era purificar sua mente e elevar seu espírito, algo que, para um sujeito encantado pelas religiões orientais e atraído por sua busca pela serenidade mental, tratava-se de um propósito superior.

Uma vez dissipadas as dúvidas do admirado paciente, permaneceram, enfim, as boas impressões. Naquele instante, Dr. Carl pareceu para Antoine um profissional, de fato, bastante sério. Sentiu que poderia lhe confiar inteiramente seu destino. Imaginou-o como uma espécie de xamã, alguém que efetuou uma viagem fantástica à terra dos mortos, vivenciando uma experiência extraordinária e única, enfrentando o perigo da completa desintegração e também da loucura total, até que, no final, conseguiu emergir do abismo para a luz, efetuando um retorno simbólico do caos pré-cosmogônico e encontrando no êxtase a cura para sua crise criativa. Como Dostoiévski, Nietzsche, Nikola Tesla e tantos outros grandes gênios temperamentais e incompreendidos, a aderência teimosa de Dr. Carl às suas próprias extraordinárias idiossincrasias, pensou o jovem entusiasta, era mais uma prova de que ele era um verdadeiro *agent of change*.

— Não acha que nosso médico é incrível? *Il est fantastique!* — indagou Antoine, voltando-se para Anne. — Um verdadeiro Hipócrates!

Com sua *nonchalance* habitual, Anne apenas escutou quieta essa observação de Antoine, enquanto terminava de comer sua quiche. Embora a declaração parecesse um tanto bajuladora para ela, havia um bom motivo por trás do elogio de Antoine. Ele estava fascinado por Bünzgli e pelo seu diretor. Anne, contudo, não confiava tanto assim em seu médico, o que diminuía bastante sua simpatia por Dr. Carl. Ela não possuía ainda a confiança necessária para deixar inteiramente sua vida nas mãos de um profissional, embora o médico demonstrasse ser uma boa pessoa.

O diretor da clínica tinha maneiras gentis, um temperamento terno e louvável (apesar dos outros médicos criticarem o colega por cheirar rapé e também por ter abandonado a Alemanha – afinal, indagavam-se seus compatriotas, o que pretende um alemão ao abandonar sua própria

pátria? “Deixar o único lugar civilizado de todo o planeta. Pensa ele que é um Herman Hesse?”), também era um homem de fino trato e de uma disposição amigável e atenta, além de estar sempre aberto a esclarecer todas as dúvidas de seus pacientes com longas preleções elucidativas. Essa atitude solícita do diretor despertava a admiração de todos em Büngzli, e Antoine uniu-se ao coro desses admiradores.

A explicação sobre as memórias zumbis do cérebro foi bastante instrutiva para Antoine. A ampla gama de conhecimentos do especialista o surpreendera. Nunca testemunhara nada semelhante em suas viagens ao estrangeiro, onde manteve contato com diversos tipos de profissionais de saúde. O curioso jovem, afinal, gostava de aprender coisas novas. Cada luz que o médico lançava sobre seus problemas o tranquilizava e o instruía, iluminando alguma parte desconhecida de seu ser. Pela primeira vez entendeu o sentido ontológico do termo *Sein*. Dr. Carl considerava-se um *Daseiner*, ou “desvelador do Sein”, como teria dito Heidegger, seu conterrâneo (a quem contestava a maioria das ideias, apesar de concordar com outras, entre elas a busca heideggeriana por uma autenticidade quase mística). As explicações do médico eram bastante clarificadoras para Antoine e abarcavam assuntos clínicos, históricos ou ainda estéticos. Saber que sua mente estava intoxicada havia sido realmente esclarecedor e instrutivo para ele. Uma explicação tão simples e direta como aquela aumentou sua confiança na medicina. “Ah, como a ciência é adorável....”, pensou ele. “Com todas as suas descobertas fenomenais e suas promessas de bem-estar físico e mental para toda a humanidade. Que enorme progresso! Esse é realmente um novo tempo.” A esse pensamento, Antoine reagiu com entusiasmo. Ele era um insone que tinha cura! Exaltou-se o jovem paciente. A revelação o empolgara. Se dependesse dele (um nanico em matéria de inteligência e cultura médica), levaria a vida inteira para saber de um fato assim tão relevante à sua educação religiosa. Que segurança lhe trouxera essa informação! Converteu-se, naquele mesmo instante, em um entusiasta do famoso Método do Dr. Carl (impropriamente chamado por ele de Antiquarium ou “A Chave para o Absoluto”). Sua admiração era genuína. Mesmo sem querer, ele às vezes interpretava o papel de garoto-propaganda. E não se envergonhava disso. Ah, se todos os médicos tornassem seus pacientes uns sicofantas (ou uns opinólogos) com apenas uma conversa! Pensou Antoine. Anne, porém, não compartilhava da mesma opinião.

— *Fantastique?! Est*á falando do Dr. Carl? — disse Anne, desdenhosa. — Pfu! Ele é tão fantástico quanto eu sou maluca — concluiu ela, que tinha sérias desavenças com as austeras restrições do especialista ao uso de perfumes, comer chocolates ou assistir aos velhos filmes de Hollywood, seu passatempo favorito. Anne era um tanto desconfiada de seu médico.

— Por que diz isso? — indagou Antoine, curioso. — Não confia no Dr. Carl?

— Você confiaria em um médico milionário? *Never trust a millionaire.*

— E por que não? — insistiu Antoine, ignorando o *argumentum ad hominem* de Anne. — Prova apenas que todos aqueles que foram curados são muito gratos ao seu curandeiro.

— Excessivamente gratos, você quer dizer. Uma generosidade um tanto suspeita, *n'est-ce pas?*

— É um homem iluminado — disse Antoine, por fim.

— Pffui! *Si vous voulez même savoir...* Ele precisa mesmo é de uma Xantipa. Uma mulher que o faça colocar os pés no chão com um balde de água fria na cabeça.

Antoine, no entanto, não se abalou com o mau juízo de valor de Anne sobre seu médico. Independentemente de seu entusiasmo proselitista, o tratamento do jovem paciente estava progredindo muito bem, e isso era o que importava para ele. A melhora era um sinal de que o método era eficaz. E isso era um bom sinal. Excelente, na verdade. Há anos não se sentia tão disposto e viril. Após sua primeira sessão de Mnemodetox, Antoine foi finalmente capaz de repousar mais de cinco horas seguidas, desfrutando de um dos sonos mais tranquilos de sua vida, do qual acordou tão restaurado que se sentiu outra pessoa. Nunca havia dormido tão bem desde que voltara do Brasil. Contudo, em sua segunda noite em Bünzgli, teve um pesadelo (um *cauchemar méchant*, como ele mesmo diria, exercitando seu francês). Desapontado, culpou o pudim que comera durante o *Znacht*.

— *Et alors....?* — indagou Anne, após terminar sua quiche, pronta agora para atacar a sobremesa. — Posso então pegar seu pedaço de torta? Espero que não a tenha tocado.

— Claro! Como quiser — disse Antoine. — Prefiro uma noite tranquila a ter pesadelos. E não trocaria meus bons sonhos nem mesmo pela mais deliciosa torta do mundo.

Ao escutar a peculiar razão de Antoine para evitar doces, Anne não logrou esconder seu desdém pela caprichosa mania dietética do rapaz e seus radicais e absurdos tabus alimentares. Que sacrilégio era aquele? “Evitar comer uma maravilhosa torta tipicamente suíça? Jamais!”, pensou consigo mesma, um tanto contrariada. Decorridos quatro meses de internamento, ela ainda não conseguira se acostumar com as alucinadas manias cultivadas pelos outros internos de Bünzgli (entre elas: melomania, erotomania e verbomania). Antoine, por sua vez, após ter vivido no Brasil, preferia comidas mais temperadas e se desacostumara à “adocicada comida suíça” (como costumava dizer ele). Ao contrário do jovem brasileiro, no entanto, Anne era atraída pela doçura dos sabores. Como uma boa aficionada da *dolce vita*, Anne adorava doces, de todos os formatos e categorias. Chocolates amargos ou meio amargos, chocolates ao leite, terrines com calda de frutas vermelhas ou *apple pie*. Essas guloseimas ajudavam a adoçar um pouco sua acerba existência e diminuir sua acidez (sobretudo quando, nervosa, seu estômago queixava-se com uma azia). Comer chocolate, sem dúvida, era seu *point faible*.

— A que extremos não vão as pessoas com suas compulsões, *nicht wahr?* — retrucou Antoine. — Ouvi dizer que, em Paris, as pessoas consomem chocolate com seus narizes. Admiro esse amor pela doçura da vida, mas não consigo entender por que razão alguém chegaria a esse

ponto.

— Deve ser alguma parafilia — respondeu Anne. — Comer é mais apetitoso. E não deixa o nariz sujo.

— Evito de qualquer jeito, em barra ou em pó. E além disso — continuou o jovem —, não é bom para mim... er... para eu comer doces, mesmo horas antes de dormir. Aumenta a glicose no cérebro, entende? Já ouviu falar de corpos cetônicos?

— Nunca ouvi falar — respondeu Anne, em um tom desinteressado.

— Deve existir muita coisa que você nunca ouviu falar — replicou Antoine e olhou despreocupadamente para as mesas ao redor.

O crítico comentário fez a surpreendida Anne desviar sua atenção da torta. Estaria ele chamando-a de simplória? No mesmo instante, lançou um olhar desdenhoso para o rapaz. Pensativa, a jovem virou-se para a ampla sala do refeitório e observou as mesas vizinhas. Agora convertidos em tranquilos e imperturbados comensais, os pacientes comiam em silêncio. Alguns deles haviam terminado seu Zmittag e deixaram seus lugares, prontos para seguir sua rotina vespertina. Outros, como Madame Otoko, pareciam não ter pressa de terminar sua refeição.

Satisfeita com sua parca refeição, Otoko contemplava tudo com atenção. Guiados por seu refinado gosto estético, seus pensamentos estavam em outra parte do planeta. Uma apreciadora daquilo que era invisível aos olhos mal treinados, a japonesa apenas mirava fixamente o teto, admirando os reluzentes lustres de cristal. Aquele tênue brilho vítreo fez com que sua memória voltasse no tempo, bem antes de chegar à Suíça, a uma época em que, ainda menina, seus pais a levaram para passar o Ano Novo nos paisagísticos e pitorescos arredores de Quioto, onde presenciou, maravilhada, sampanas de papel a flutuar na superfície do Lago Biwa, carregando velas acesas com suas auspiciosas esperanças para o ano vindouro. A lembrança sensibilizava suas aspirações mais nobres e despertava saudades de sua amada terra natal. Ao envelhecer, percebera a forte ligação que ainda possuía à sua tradição cultural e passou a desdenhar a cultura ocidental. Sentia-se um tanto nostálgica desde sua última sessão de desmemorização. O estado reflexivo proporcionado pelo esquecimento fazia com que se lembrasse de seu passado no Japão e revivesse intimamente os bons momentos desfrutados junto à natureza. Ninguém, contudo, sabia o que se passava em seu nipônico espírito.

— Você já os conhece? — indagou Antoine, percebendo Anne distraída a olhar sua torta de maçã com água na boca.

Estimulados pela indagação, os belos olhos azulados da jovem voltaram-se para o ponto do es-

paço no qual descansavam os esverdeados olhos de Antoine. Os comensais, *absent-minded*, desfrutavam quietamente sua refeição. Apesar da conversa dos dois jovens pacientes alcançarem seus moucos ouvidos em baixo volume, as palavras em português eram intraduzíveis, e eles toleraram tudo como alguém que escuta o rádio indesejável de um vizinho. Desde que não quebrassem pratos ou deixassem cair os talheres, os pacientes não se importunavam com o insistente lenga-lenga (muitos deles passaram anos dormindo com a televisão ligada). Levando sua deliciosa porção de comida à boca, eles pareciam singelas ovelhas pastando. A cativante cena despertou a memória da *jeune fille*. Será que podia dizer que os conhecia de verdade? Anne não sabia responder bem àquela difícil pergunta. Alguns dos sujeitos ali presentes eram seus velhos conhecidos (mesmo que os tivesse visto poucas vezes), mas ela não os conhecia de fato (e nunca se esforçou para tal). Sabia, aliás, apenas o necessário sobre os residentes.

Pelo considerável tempo de sua estada em Bünzli (quatro meses para ser exato), Anne fizera importantes descobertas sobre os internos e constatara que, em sua maioria, eles eram, sem nenhuma exceção, uns tipos desiludidos e psicologicamente alquebrados pela vida (embora financeiramente bem-sucedidos em seus negócios), vindos de diversas partes da Europa em busca de um tratamento para seus problemas de memória e suas crises existenciais. Haviam passado anos nessa busca infrutífera, antes de encontrar finalmente o que tanto procuravam. O radical método do Dr. Carl era sua única esperança de curar suas más lembranças. Surtados ou melancólicos por suas crises de meia-idade, vítimas de *occupational burnout* ou apenas existencialmente frustrados, eles viam a clínica como uma salvação para uma vida inteira de sofrimento mental. Boa parte desses pacientes era reconhecida por suas diferentes extravagâncias. Após conviverem por muitos anos com sua melancolia e sua cólera reprimida, esses pacientes desenvolveram seus próprios mecanismos de adaptação e compensação, e cada um desses mecanismos, por sua vez, distinguia-se pelo seu grau de estranheza. As peculiaridades de suas manias podiam ser organizadas em duas distintas categorias, conforme as descreveremos a seguir.

O semelhante atrai o semelhante, já reconheciam os alquimistas desde a época de Hermes Trimegisto. Entre os internos de Bünzli, os mais participativos adquiriram o profano hábito de jogar cartas no pátio; uma prática bastante aprazível e recreativa, uma vez que não havia outras opções de divertimento. Os enfermeiros não se importavam nem um pouco com aquele inocente passatempo. Ensimesmados e sorumbáticos, todas as tardes esses compenetrados jogadores passavam horas absorvidos nas cartas. Distraídos em seu jogo, eles dispensavam a vigília constante dos enfermeiros (mais ociosos, esses serenos cuidadores poderiam participar alegremente dos frequentes festejos dos funcionários e provar um excelente vinho retirado da adega da clínica, oportunidades imperdíveis para confraternizar e brindar com os colegas, e ainda comer fondue, um deleitável costume social para os suíços — três deles, por sorte, faziam aniversário no mesmo mês). Como estáveis ligas metálicas, os participativos eram um leite para os atentos olhos de seus cuidadores. Os omissos melancólicos, por sua vez, eram pacientes mais problemáticos do que os participativos, e preferiam ficar isolados dos outros tipos, sempre provocando a suspeita dos desconfiados enfermeiros que, às vezes, os surpreendiam em atos impensáveis, ou comportamentos compreensíveis somente para mentes mais analíticas. Diferentes dos gases nobres, esses elementos humanos quimicamente instáveis eram volúveis demais para se ligarem a outros elementos, por conta de sua baixa resistência à agitação e às altas temperaturas proporcionadas pelo jogo de cartas. Com o avanço em seu processo

de amnésia, contudo, os melancólicos passavam a desfrutar uma sensível melhora e podiam dedicar mais tempo a costumes tão enigmáticos quanto bizarros. Como crianças, eram capazes de inventar qualquer nova brincadeira com os mais díspares objetos. Muitas vezes podiam gastar horas olhando pasmos para as nuvens no céu, ou cantando em voz alta. Qualquer coisa que os distraísse era bem-vinda. Via de regra evitavam comer certos petiscos (alguns deles praticavam, inclusive, a célebre Dieta de Satie, que incluía apenas alimentos de alva coloração no cardápio: arroz, maionese de batata, rabanete sem casca, clara de ovos, queijo branco, leite, iogurte e mingau de aveia). Eram flexíveis por um lado, e um tanto rígidos por outro.

Graças a essas peculiares reações e manias, Dr. Carl encarava os participativos de maneira positiva e julgava os melancólicos, em contrapartida, como uma constante fonte de preocupações. Anne compreendia muito bem essa forma de pensar do médico. Era muito prático pensar que as pessoas se encaixam em certos estereótipos, ainda que suas classificações tivessem, segundo ele, razões um tanto esotéricas. Mas seria Antoine um dos participativos? Ou seria um dos problemáticos? Indagou-se ela, de olho na sobremesa alheia. Aprendera logo a distinguir seus colegas de clínica e até mesmo se familiarizara com alguns deles, embora sentisse uma grande dificuldade de conviver com pessoas desinformadas (de acordo com seu julgamento). Ela própria não se considerava uma paciente muito participativa. Mantinha-se, contudo, sempre aberta às novidades.

— *Ces gens-là?* — indagou Anne, deparando-se com Madame Otoko a certa distância. — *Aquela é minha vizinha de quarto. Sempre que me vê, ela faz um cumprimento à maneira japonesa. Cada um com sua mania, n'est ce-pas?* Apesar de reconhecer os pacientes do Dr. Carl por suas extravagâncias, não os conheço muito bem, na verdade. Sou meio relutante em me envolver com eles, para ser sincera. E você? Já conhece seus novos colegas?

— Conversei com alguns deles e escutei suas histórias. Pude notar que são pessoas frágeis e sofredoras como eu. Antes de vir para Büngzli, eu também me sentia perdido e confuso. No fundo, somos todos muito parecidos. Estamos no lugar certo.

— Parecidos em quê?

— Temos as mesmas lembranças e compartilhamos os mesmos sonhos e pesadelos. Assim como todos os homens e mulheres desse pequeno mundo. Nesse ponto, somos universais, não acha? Meu médico costuma dizer que somos humanos porque sonhamos. Ele é um grande leitor de Shakespeare. Adora ler *A Midsummer Night's Dream*. “Love looks not with the eyes, but with the mind”, lembra-se dessa passagem?

— Eles te contaram seus sonhos? — indagou Anne, mais interessada na vida social de Büngzli, e olhando ligeiramente para os comensais nas redondezas.

— Conversei com a maioria dos internos da clínica, embora alguns não tenham sido muito amigáveis no começo. Estavam absortos demais em seus pensamentos para perceber que são percebidos.

— Entendo — disse Anne e, ao constatar que Antoine falava dela, retomou o assunto. — E o que você descobriu ao ouvir os sonhos dessas pessoas?

— Apenas o que já desconfiava. Viemos todos da mesma mãe primordial. No rosto de cada uma dessas pessoas está impressa nossa origem comum. Ao me revelarem seus sonhos, nós nos tornamos irmãos. *We are all dreamers*. Veja que poético! Você por acaso gosta de Walt Whitman? Já leu um poema chamado *The Sleepers*?

— Não vejo nada de poético nesses *tableaux vivants*. Eles não parecem receptivos a novos contatos. E não parecem *sleepers*.

— Eles são bem *distráteis*, na verdade.

— Você quer dizer bem *evasivos*, *n'est-ce pas*?

— Eles se distraem com uma facilidade incrível. Tenho a impressão que até mesmo um simples pássaro pode perturbá-los. Está vendo Otoko olhando para os galhos da árvore?

— Como tem certeza que ele está *olhando*? Talvez ele esteja vendo coisas.

— Ela está em busca de uma ave inspiradora. Um tordo-eremita que diga a ela “Vá, vá, vá!”.

— Os amnésicos estão sempre em busca de inspiração.

— O que há de errado nisso? Eu também busco inspiração no mundo dos passeriformes. Apesar de que prefiro as aves de Aristófanes. “Vagamos em busca de um lugar tranquilo, onde pousar e passar a vida.” — citou Antoine e deu uma risadinha anasalada.

— Cada louco com sua mania.

— Não os considero loucos. Eles agora são *seres no mundo*, como ilustra Dr. Carl.

— Pelo que eu vejo, Dr. Carl andou lhe ensinando sua filosofia de vida.

— Desde minha juventude eu procurei encontrar pessoas assim. Li muita coisa sobre elas, mas não tinha certeza que existissem de fato. Estou realmente encantado.

— Não me admira que se sinta no País das Maravilhas. Aqui tem gente de tudo quanto é jeito. Você pode escolher no cardápio: existem aqueles que se levam muito a sério e também os engraçadinhos.

Anne voltou então os olhos para as mesas vizinhas, como se quisesse confirmar o que acabara de dizer. Observando aqueles pacientes tão calmamente concentrados em seu almoço era impossível pensar que, de uma hora para outra, sob a influência da Lua Cheia, dos dias chuvosos ou mesmo sob o efeito de qualquer outro tipo de perturbação mental, eles pudessem passar por uma incrível metamorfose. Como era possível ser de um jeito por um momento, e depois deixar de sê-lo, sem se esquecer de si mesmo? Cada um desses pacientes, pensou Anne, reagia de maneira notável ao Mnemodetox: alguns deles maravilhavam-se com a transformação, outros murchavam como um balão se esvaziando. Ansiosos, eles podiam gesticular sem parar durante uma conversa, mesclando confissão, versos e interjeições. Outros ainda, confusos por não conseguirem pensar direito, apoiavam o dedo na testa, um gesto que os enfermeiros suíços consideravam de mau tom. Essa grave reação dos internos deixava Anne pouco à vontade em sua presença.

Desde criança, mesmo após morar em diversos lugares da Suíça, Anne ainda tinha dificuldade em lidar com estranhos. Aqueles *types*, porém, não eram apenas meros estranhos. Eles eram estranhísimos, pensava a jovem. Por essa razão não sentia nenhuma vontade de conversar com esses seres cheios de manias e caprichos. De todos eles, constatou ela, Antoine talvez fosse o mais peculiar. Nenhum outro era tão teatral e tão selvagem. Anne acompanhou o olhar de Antoine em sua inspeção das mesas vizinhas e pousou novamente seus olhos no distraído mancebo. Notou que o jovem sonhador era diferente dos outros pacientes em muitos aspectos. Havia nele uma inquieta energia que se convertia, quando *unleashed*, em uma tagarelice insuportável. Por que aquele sujeito era o único a agir como se tudo fosse muito engraçado? Seria algo cultural? Ou ele era apenas um engraçadinho? Indagou-se Anne, um tanto cética. Os mais gulosos simplórios, sabia ela, mesmo quando adoentados, nunca deixam de comer ou beber o que lhes agrada, ainda que sejam advertidos por seus médicos para não fazê-lo. Ninguém, contudo, devia ter proibido Antoine de comer doces. Que tipo de mania era aquela, afinal? Ciente dessas embaraçosas dúvidas pessoais, Anne decidiu não pensar nos motivos obscuros de Antoine em evitar comer sobremesas, resguardando-se assim de um imenso esforço mental para compreender o incompreensível. Se estivesse realmente diante de um paciente problemático como imaginava, seria melhor que não o provocasse (bastava ela com suas próprias dificuldades). Por fim, após terminar de comer sua quiche de queijo, Anne alcançou o pratinho com a guloseima oferecida por Antoine, trazendo-o para seu lado, e seus brilhantes olhos cerúleos esverdeados detiveram-se por um rápido segundo na figura do atento rapaz, antes de atacar sua sobremesa. Com o garfo, Anne retirou uma minúscula porção de torta e a levou à boca. Ao co-

locar a dulcíssima iguaria na boca, ela a degustou devagar na língua, excitando suas papilas gustativas e, fechando os olhos, suspirou. Por um segundo, sentiu-se no sétimo céu (ou *on cloud nine*, no dizer dos ingleses). A torta estava do jeito que mais gostava: nem muito úmida, nem muito seca. Nesse prazeroso instante, sentiu-se até mesmo menos irritada.

— *A spoonful of sugar* — disse Anne, abrindo os olhos, deliciada, alongando a última palavra em um tom *singsong*. — Nada como uma colherada de açúcar....

— Para ajudar o remédio a descer — completou Antoine, sorridente.

A essa réplica, Anne fitou Antoine com curiosidade, exibindo uma expressão intrigada. Estava surpresa que ele conhecesse uma das canções que mais marcaram sua infância. Adorava *Mary Poppins*, a ponto de ter um velho VHS do filme como memorabilia. Conhecia todas as cenas de memória, assim como todas as letras das canções. Pareceu até mesmo escutar a voz imaginária de Julie Andrews em algum canto de seu cérebro, cantando *in a most delightful way*. Desde criança Anne adorava apaixonadamente os velhos musicais da Disney. Imaginou por um átimo uma alegre noviça rodopiando feliz no alto das montanhas, de braços bem abertos, deliciada com o mundo. Aquela cena havia sido o maior deleite de Anne na primavera de sua vida. Em alguma remota idade, ela também teve vontade de rodopiar nas alturas, ou sair voando em um guarda-chuva pelos céus de Londres. Lembrou-se então que, nessa época, brigava com os pais para assistir à *Noviça Rebelde* na televisão, enquanto eles teimavam em assistir ao desfile das escolas de samba no Carnaval. Essa distante reminiscência deixou Anne abismada, ao pensar em sua antiguidade e preciosidade. Era, de fato, uma de suas poucas recordações que possuía do Brasil.

Antoine parecia alheio ao estado de espírito da jovem paciente. “The medicine go down-down / The medicine go down down down”, repetiu ele em inglês, caçoando abertamente da melodia. Alguns comensais viraram-se, amofinados. Aquele arroubo inapropriado contrastava com o silêncio reinante. “It’s Julie in the Sky and all kinds of apple pie”, cantarolou Antoine, despreocupado com sua audiência (alguns pacientes voltaram-se em sua direção, observaram por um segundo, balançaram a cabeça e retornaram à sua refeição interminável). A cena pareceu tão insólita a Anne que suas sobrancelhas se franziram de leve, e suas pupilas dilataram-se. “De onde surgiu esse lunático?”, indagou-se a jovem. Era incrível como o Desconhecido estava em toda parte, mesmo nos detalhes mais ridículos, ponderou ela. Deslumbrado pela expressão no rosto de Anne, o sorridente Antoine encantou-se com seus graciosos traços.

Na bela fisionomia de Anne, sardas esparsas espalhavam-se pelas maçãs do rosto e pelo fino e arrebitado nariz, acentuando sua atraente mocidade. Aliado aos traços sedutores de uma jovem Sylvie Vartan (sem o penteado dos *Swinging Sixties*), seus lábios eram bem desenhados e exibiam o mesmo delicado arco do cupido da *Aphrodite* de William-Adolphe Bouguereau. Em suas raríssimas demonstrações de alegria, quando ela esboçava um tênue sorriso de simpatia ou prazer, a sensível e delgada curva entre os lábios quase lhe revelava os brancos dentes (como teria notado Luciano de Samósata, referindo-se à Vênus de Cnido), acentuando os can-

tos de sua boca e fazendo surgir duas encantadoras covinhas nas bochechas, agraciando-a com uma expressão sagaz e infantil, demonstrando seu temperamento evasivo (ainda que seu jeito sério lhe conferisse uma evidenciável gravidade). Apesar de sua seriedade, a beleza da jovem era perceptível até para os observadores menos treinados. Do seu discreto osso zigomático até os lóbulos das orelhas, um notável efeito blush enaltecia, em seu acinzelado perfil, o senso de equilíbrio da mandíbula marcada. O queixo e o nariz eram bem-proporcionados, e ela ostentava ainda um corte de cabelo à la Twiggy, com fios de tom *rouge bordeaux*, que lhe acrescentava (graças ao seu indefectível ar blasé) um toque nostálgico e sentimental, realçado por suas pálpebras de longos cílios macios (“velutíneos e flébeis”, diria um poeta) e sobrancelhas finamente desenhadas que adornavam seus olhos de magnificente coloração Hazel com tons de verde, âmbar e azul. Para um observador mais atento, ela era, de fato, muito bonita (*she was really a vision*, teria dito um anglófilo). Quem a visse por fora, contudo, nunca saberia o que se passava em sua frágil e irritável alma, esse mistério intraduzível entre a aparência e a essência.

Se existe mesmo um *death drive*, como pensava Freud, Anne o conhecia bem. Toda a sua adolescência foi uma autossabotagem, uma tentativa de jogar fora tudo o que conquistou ao longo dos anos. Sempre que estava feliz e prestes a desfrutar um *perfect day*, automaticamente fazia algo para estragá-lo de alguma forma. Ela nunca passara por nenhuma das terríveis fases que as adolescentes superautocríticas atravessavam. Não tivera dismorfofobia ou anorexia, nem bulimia ou nenhuma louca vontade de comer o que aparecesse pela frente. No entanto, ao contrário da maioria das mulheres, conhecidas por sua eterna insatisfação com a aparência, ela nunca se considerou uma pessoa descontente consigo mesma, tendo desfrutado uma excelente saúde em toda sua adolescência. Como favorita de Vênus, Anne conseguira controlar bem os excessos e suportar as frequentes irritações pré-menstruais, e mesmo agora, com a gula ocasional, motivada pelo internamento (raras vezes ela comia duas porções de *dessert*), ela ainda procurava manter uma boa forma física, caminhando todas as manhãs pelos arredores de Bünzgli, evitando o Znüni e também comer sobremesa no Zmittag, ou ainda se abstendo de tomar refrigerantes açucarados sempre que tinha sede. Ultimamente, porém, seu controle mental se afrouxara, e Anne ficara um pouco mais indulgente com seus hábitos alimentares. Apesar de ter engordado alguns centímetros na cintura, o peso corporal era uma de suas poucas preocupações genéticas e estéticas. Se houvesse uma escala para a beleza feminina, Anne poderia ser considerada uma modesta modelo de propaganda de margarina (em um hipotético pódio comercial, seu lugar ficaria abaixo das *ad girls* de marcas de sabonete, das misses, das *übermodels*, ou mesmo das modelos de feira de automóvel). Odiava, entretanto, que as pessoas observassem nela apenas sua aparência angelical. Interiormente, ela se achava diferente de sua imagem pública. Anne considerava-se uma mulher racional e coerente, de um raciocínio aguçado e preciso, e que se orgulhava de seus dotes intelectuais, mesmo quando seus pensamentos inquietantes tiravam seu sono e perturbavam seus dias, um óbvio sintoma de sua racionalidade excessiva. Era impossível, no entanto, conhecer Anne sem primeiro reparar em sua beleza. E o charme conjugado de sua aparência física e de sua *Beautiful Mind* encantaram tremendamente Antoine naquele instante mágico.

Embevecido, Antoine deixou-se fascinar pelo tênue e fragante perfume de Anne (com suas notas amadeiradas e picantes), seus gestos (sua maneira de mexer no curto cabelo, verificando o tamanho dos fios com as pontas dos dedos), sua maneira de falar (em um tom de voz nem

muito alto nem muito baixo, e ela se expressava de modo a se fazer entender bem, sem deixar dúvidas sobre o que pensava ou sentia, mesmo quando era irônica). E todos esses detalhes eram apenas acessórios ornamentais que acentuavam ainda mais o jeito atraente da garota. Esses preciosos traços faciais de Anne deixaram Antoine bastante intrigado. Diante de companhia de mesa, ele estava *enchanted*, como diriam os anglófonos. “It is love at sight first, no?”, pensou ele, imitando Pepé Le Pew, o cangambá conquistador dos desenhos animados. Percebeu que não podia perder a oportunidade de se apreciar um pouco mais aquela figura ímpar. Essa era uma chance em um bilhão, constatou Antoine. Em suas andanças pelo mundo, ele nem sempre tivera a oportunidade de encontrar *young beauties* tão atrativas.

Ao observar melhor a aparência de Anne, Antoine notou uma certa familiaridade no delicado rosto da jovem, um detalhe percebido ainda no seu primeiro encontro no pátio algumas horas antes. Curioso, ele a contemplou com um pouco mais de atenção. Suas sobrancelhas (dois perfeitos arcos modelados com pinça erguendo-se sobre os olhos, ritual de beleza que ela própria realizava diligentemente em suas horas de folga) emprestavam a seu seráfico rosto uma adorável gravidade. Seu ar circunspecto contribuía apenas para deixá-la ainda mais atraente. A apesegada textura da pele de sua face hidratada possuía uma coloração rosada e uniforme (e seu admirável frescor natural dispensava maquiagem ou o tradicional base-pó-e-blush), diferente da palidez dos outros pacientes da clínica, uma coloração que lhes dava um aspecto mórbido. Por não desfrutarem do sol matinal, os outros internos exibiam um tom quase cadauérico em seus semblantes. Perto deles, Anne parecia uma beldade saída de algum Heimatfilm dos *Happy Years* do século vinte. Diferente dos *pale-skinned* suíços da clínica, ela exibia seu *perfekte bräune Haupttyp*. A esse harmonioso e admirável visagismo da jovem acrescentava-se ainda seu exuberante penteado. O cabelo avermelhado de Anne, por outro lado, dava um toque ígneo à sua aparência de *mademoiselle* (fazendo-a aparentar uma “*má demoiselle*”). Seu rosto chamaria a atenção de qualquer estudioso de estética facial. Ao vê-la comer com tanto apreço aquele suculento pedaço de torta de maçã, todos diriam que Anne era um anjo em forma de pessoa. Ela, contudo, sem que ninguém soubesse, escondia seu *Retrato de Dorian Gray* no porão mais inacessível de sua imaginária mansão cinematográfica, longe das câmeras e do olhar dos inoportunos curiosos. E esse retrato oculto, reconhecia ela, era seu demônio interior, um aspecto conhecido por poucos. Apesar da intangibilidade da jovem, alguns poucos felizardos (ou azarados, melhor dizendo), entraram em contato com seu lado Baby Jane Hudson, entre eles seus ex-namorados e alguns internos de Bünzli, que tiveram, por infelicidade, a má sorte de presenciarem um de seus ataques de fúria. Mesmo sem possuir qualquer habilidade de clarividência, porém, Antoine apegou-se àquele rosto e quis vislumbrar por trás dele uma essência transcendental. Nesse momento, ao perceber que estava sendo insistentemente observada, Anne sentiu-se pouco à vontade, e as dúvidas a assaltaram de uma hora para outra. Estava Antoine interessado nela? Perguntou-se a jovem, epifânica. “*Ev’ry task you undertake / Becomes a piece of cake.*” Mas quando a voz de Julie Andrews interpretando Mary Poppins ficou muito distante e sumida na parte musical de seu cérebro, Anne voltou novamente sua atenção à saborosa sobremesa, procurando ignorar o demorado olhar de seu companheiro de mesa, que a fitava com interesse.

— Não quer mesmo um pedaço? Está deliciosa — indagou ela, atacando novamente a torta.

— É toda sua — respondeu o jovem paciente.

— Tem certeza? *Quel dommage...* — replicou Anne, contraindo o canto dos lábios. — Não sabe o que está perdendo.

Com um pratinho de sobremesa diante de si, Anne voltou então retirar outro pedaço da torta resgatada cuidadosamente da posse alheia, adotando a vagareza típica da execução de um ritual gastronômico. Sua fome, na verdade, era exagerada. Ela costumava comer descontroladamente quando estava nervosa. Era impraticável, julgava ela, manter sua gula sob controle nas confinantes condições existenciais em que se encontrava. Sentiu-se assim um tanto culpada ao comer a sobremesa, mesmo sem ter muita fome. Engordar era um de seus maiores e mais frequentes receios (e invejava as suíças por nunca aparentarem estar gordas, mesmo consumindo barras e mais barras de chocolate por mês). Comer doces, apesar disso, era seu “maior pecado-lho”, como costumava dizer. Sempre que comia demais, imaginava-se uma ogra, ainda que parecesse esbelta e graciosa. Ah, o controle! Sempre o controle estragando os prazeres! Reclamava a jovem.

A queixa, contudo, não tinha fundamento. Por muitos e muitos anos, Anne conseguira deixar seu peso ideal flutuar entre quarenta e oito e cinquenta quilos, nunca para mais, nem para menos (ela alarmava-se a tal ponto que passava dias jejuando para se livrar da angustiante sensação de que engordava aos poucos). Agora, no entanto, há quatro meses longe de casa, sentindo mais fome do que o usual, ela exagerava em suas porções (além de comer no Znüni às nove e no Zvieri das quatro horas, as duas refeições tradicionalmente suíças servidas em Büngzli, ela também tomava o farto café da manhã, almoçava e jantava, ainda que não exagerasse demais na quantidade de comida). E assim, meio a contragosto, Anne engordara quinhentos gramas a mais do que o normal na última semana, demonstrando (de forma desagradável) que ela podia alcançar seu ponto de não retorno e ganhar mais peso do que o necessário, uma possibilidade que muito a incomodava. Qualquer oscilação excessiva, mesmo despercebida aos olhos menos atenciosos, era um tanto preocupante para Anne. A sobremesa de Antoine, todavia, não era responsável por suas aflições com a silhueta ou por seu temor em armazenar lipídios em seus tecidos adiposos, e ela, deliciada, continuou a provar a guloseima (embora não sem um pouco de culpa).

Após beliscar seu primeiro pedaço de torta, Anne tornou a olhar em direção a Antoine, agora distraído a mirar distraidamente para fora do refeitório, e voltou a refletir na familiaridade daquele rosto. De onde o conhecia? Essa percepção causou na jovem uma certa estranheza. Por um segundo, tentou forçar a memória, sem sucesso. Nesse imperceptível instante, Antoine desviou seus olhos da distância e varreu o espaço ao seu redor, arriscando um ligeiro escrutínio nos outros comensais. Anne estudou Antoine por um milésimo de segundo, enquanto ele se distraía a observar seus distantes vizinhos de mesa.

Antoine exibia uma barba de três dias e uma tez ainda bronzeada do sol tropical. Embora tivesse passado as últimas semanas como um insone trancado em seu apartamento na orla cari-

oca, ele ainda apresentava um tom de pele amorenado. Um observador desatento, contudo, o tomaria por um suíço, apesar das sutis diferenças. Seus olhos brilhantes e sua fisionomia jovial lhe emprestavam um ar gracioso e cândido. As maçãs do rosto e a região zigomática eram apenas discretamente proeminentes, suavizando o formato da face. Ele possuía sobrancelhas altas, um nariz retilíneo e sua *jawline* se harmonizava perfeitamente com o queixo largo. Usava cabelos cortados bem curtos, de maneira esportiva, e que se adequavam bem ao seu porte atlético, um perfil conquistado graças ao saudável hábito de nadar nos lagos suíços durante sua juventude. Ele havia vivido boa parte de sua infância com seus pais em distintas cidades dos cantões helvéticos, algumas delas localizadas às margens lacustres de Genebra, Léman e Constança perto de Rorschach, em suas constantes andanças e mudanças de endereço pelo País Alpino e pelo Brasil (além de ter mergulhado nas águas da Pedra do Arpoador, quando ali vivera — malograda ocasião na qual roubaram sua bicicleta com quadro de fibra de carbono). Seu aspecto de nadador combinava bem com seu casaco de exército azul cadete de capuz nas costas, sua limpíssima camiseta branca sem estampas, suas velhas calças jeans e suas botas de montanhismo, ambas também muito limpas. Seu modo de vestir não era negligente, apesar de parecer um tanto inadequado ao lugar e às circunstâncias. Havia, no entanto, um motivo especial (ainda que pouco evidente) para o rapaz se trajar dessa maneira tão marcial. Aquela não era apenas sua roupa favorita, mas também um tipo de farda feita sob medida para ele, uma vez que agora se considerava um soldado com uma missão muito importante e decisiva: esquecer completamente seu passado; missão essa que ele levava bastante a sério, influenciando até mesmo sua maneira de andar. “Vivere militare est!”, como diriam em latim os antigos romanos (e os americanos no século vinte, inspirados pela Doutrina Monroe). Sua aparência saudável e espirituosa, porém, agradou a Anne, ainda que nunca passaria pela sua cabeça o fato de Antoine estar em algum tipo de batalha. Sua impressão nada mudara desde a última vez que o vira. Ele era apenas mais um esquisitão, disse para si mesma. Mas ela desconhecia tudo sobre o tenebroso passado daquele jovem amnésico.

Ainda criança, Antoine imigrara com seus pais para a Suíça, deixando para trás um país mergulhado no caos político e social. Por ter saído do Brasil ainda em sua tenra infância, ele mal se lembrava de seu país de origem, ao qual somente retornaria décadas depois para uma curta temporada no Rio de Janeiro, visita que deixaria mais tarde uma forte impressão em seus pensamentos (“O Inferno é aqui!”, constatou ele ao conhecer melhor a Cidade Maravilhosa). A mudança, contudo, trouxe mais problemas do que prazeres. Após ter vivido em diversas cidades suíças, o expatriado esqueceu pouco a pouco sua primeira infância passada no Brasil, e sua hiper mobilidade terminou afetando sua memória de longo prazo, de modo que não se lembrava de nada muito remoto. O afastamento de suas raízes tropicais não o incomodou, a princípio. A Suíça tinha também seus encantos. No entanto, após todos aqueles anos vivendo como um estrangeiro bem-adaptado ao alpino país, Antoine passou a conviver com uma espécie de melancolia permanente e desalentadora, que ele devia combater constantemente como um inimigo mortal. Às vezes lamentava-se de ser a parte mais fraca nesse duelo. Percebeu que, por mais que se esforçasse, não se sentia satisfeito com nada. O Destino parecia ser um duro adversário. Por que não podia ser feliz? Indagava-se ele, desgostoso com a vida. A felicidade, pensava Antoine, parecia tão distante e inacessível, mesmo vivendo em um país tão rico e de oportunidades infinitas como a Suíça. Afinal, todos à sua volta (músicos de orquestra e, inclusive, os funcionários da SBB, a Companhia Ferroviária Federal suíça) eram mais felizes do que ele. Todos podiam desfrutar a vida com seus entes queridos, menos ele. Com a alma enferma, Antoine seguia seu caminho pesaroso, suportando heroicamente sua perpétua melancolia. Sua enfermidade da alma, porém, lhe trazia terríveis pesadelos, nos quais se encontrava perdido

em lugares estranhos e assustadores. Dormia mal e se alimentava descuidadamente, como qualquer consumidor voraz de *fast food*. Aos poucos teve que mudar seus hábitos. Sua saúde mental passou a exigir mais atenção. Por conta de seus persistentes sonhos ruins, Antoine abandonou os doces. Acreditava que o excesso de glicose no cérebro excitava seus demônios e abriam as portas de seu inferno pessoal.

— Pesadelos você disse? — indagou Anne, relembrando o motivo pelo qual Antoine não comia doces, e deu uma boa garfada na torta de maçã, contrariando a etiqueta à mesa, segundo a qual era mais apropriado começar a refeição por pequenas porções. — São provavelmente as más lembranças — completou ela, após engolir seu pedaço de torta. — As suas parecem bem *toxiques*. Aposto que tem alguns esqueletos no armário, *n'est-ce pas*? Quem nunca fez alguma loucura na vida que gostaria de esquecer, ou nunca quis que seus sonhos ruins fossem devorados por um *baku*? As crianças japoneses aprenderam cedo a se livrar de seus pesadelos. Talvez por isso os métodos orientais sejam mais eficientes.

Mas seria mesmo um espectro sobrenatural japonês mais eficaz que a desmemoriação proporcionada pelo Mnemodetox? Na concepção de Anne, ter pesadelos era um indício concreto não apenas de um avançado estágio de intoxicação da memória, mas também um sinal de decadência espiritual. Todo aquele que experimenta más lembranças por muito tempo, pensava ela, termina por se tornar um tanto malévolo. Todos os *zombie movies* a que assistira lhe ensinaram alguma coisa sobre a corrupção humana ter surgido da incapacidade de controlar seus piores instintos. Recorrendo ao seu imaginário oriental, ela visualizava demônios de olhos puxados e sobrancelhas pontudas, ostentando olhares malevolentes em suas expressões e querendo assustar as pessoas com suas pantomimas diabólicas. Nesse ponto, ao revelar suas idiosincrasias nipônicas a Antoine, Anne sentiu-se um tanto encabulada. Não costumava demonstrar a estranhos seus conhecimentos da cultura oriental, ou mesmo se abrir com pessoas recém-conhecidas. A referência aos *bakus*, porém, despertou algumas boas recordações de seu passado.

Quando era mais jovem, Anne devorara tudo o que encontrara sobre o Japão. Aprendera sobre a cerimônia do chá, das flores e dos leques, conhecia a gastronomia, a cultura e a sociedade (tradicional e midiática), seus sonhos e seus pesadelos atômicos ou folclóricos. Além de ler os contos de fadas japoneses e as revistas de *mangá*, ela também conhecera diversas histórias de assombração.

A lenda do *baku* era uma das que mais a impressionara. No Japão antigo (aprendera Anne em suas leituras), os sonhos eram levados muito a sério. Adultos e crianças confiam tanto naquilo que sonham que são capazes de estranhas excentricidades para evitar a má fortuna trazida por um sonho ruim. Ao acordar de um pesadelo, uma assustada *gaki* costumava pedir a um espectro do além para devorá-lo, poupando-se assim de ter um péssimo dia na escola. Uma vez invocado, esse ser imaginário podia aparecer sob a forma de uma quimera chinesa com tronco de elefante, olhos de rinoceronte, cauda de boi e patas de tigre. Diante dessa aparição horripilante, as crianças japonesas costumavam fazer suas preces: “Baku-san, venha devorar meu sonho”, esperando, desse modo, que o espectro as livrasse dos maus espíritos. Se esse sábio re-

curso era utilizado com eficácia pelos japoneses, por que não serviria também aos ocidentais? Bastaria assim, pensou Anne, que Antoine rezasse a uma entidade astral para ver-se, enfim, livre de seus pesadelos.

A Modernidade e suas revoluções industriais e culturais mudaram a forma com que as pessoas sonham, acreditava Anne. Dormir mal empobrece nossa imaginação e arruína nossos dias, concordava a jovem com o Dr. Carl. Anne, porém, tinha sua própria opinião sobre o assunto. Quando as notícias dão a volta no planeta em apenas alguns segundos, pensava ela, é muito natural ter sonhos ruins. Cada vez que abrimos nossas contas nas redes sociais levamos um susto. É impossível ficar insensível à negatividade coletiva. Se havia uma epidemia em algum lugar, as pessoas instantaneamente entravam em pânico, esperando sempre o pior da situação. Nosso instinto de lemmings ficava em alerta a qualquer mínima novidade. Nos tempos pós-modernos, os cidadãos e cidadãs são suscetíveis às mais sutis mudanças. Por mais seguras que elas estivessem em seus lares, rodeado de muros e alarmes de segurança, estariam sempre com medo. “O medo ergue muros e barreiras, separa e isola as pessoas em seus quadrados”, pensou Anne. “O medo faz com que as pessoas queiram esquecer suas más lembranças. Ele é a medida de tudo agora. O inimigo número um. E toda a nossa ciência, sempre vitoriosa sobre todos os tipos de vírus e doenças, é incapaz de vencê-lo.” Era natural assim que, ao viver ame-drontados, nossos sonhos fossem tão aterrorizantes. Os cientistas ainda não tinham uma cura para nossa insegurança. Desse modo, concluiu a jovem, outras saídas eram necessárias.

Quando os recursos da ciência se esgotavam (resignava-se a jovem), o sujeito primitivo apelava para a magia. Diante dos piores problemas, as eternas crianças ainda possuem soluções mágicas para eles (mesmo que pareçam cruéis, pensou ela, lembrando-se do livro *Lord of the Flies*). Recorrer à imaginação salvou nossos antepassados da extinção, refletiu Anne. E somente ela poderia nos salvar de novo no futuro. Relembrou assim um pequeno poema de Shikatsube no Magao:

Baku no sumu

nobe tomo shirazu

tabine shite

Sem saber que nos sonhos

se divertem os bakus

eu dormi um sono de viajante

— *Baku?* Ou *Baco?* — indagou Antoine, divertindo-se com o trocadilho. — Os gregos eram admiráveis, não acha? Eles também tinham seus próprios métodos de remover as memórias ruins. Evoé! Mas não... nunca precisei ir tão longe para evitar pesadelos. Tive uma educação tradicional.

— Então nunca desejou que suas más lembranças desaparecessem de seus sonhos para sempre? Se tivesse pensamentos mais puros talvez não tivesse sonhos tão ruins.

— Espere um momento.... Está dizendo que minha má memória é a causa de meus pesadelos?

— Por que não? Afinal, por que motivo estaria internado aqui nesse *pesadelo* de lugar? Apenas para se livrar de seu passado podre, ou para se livrar daquilo que o incomoda no presente?

Diante dessas palavras, o jovem melancólico suspirou longamente, sentindo uma certa tensão nos ombros. Anne havia tocado em um ponto frágil de sua alma. Antoine sabia muito bem a que Anne estava se referindo quando falava de *más lembranças*, esses incômodos *evil thoughts* tão prejudiciais à saúde mental que, com os anos, haviam se tornado a causa de seu internamento em Büngzli, assim como de sua incansável batalha por uma vida mais lúcida através da desintoxicação autobiográfica.

— Não são apenas más lembranças — garantiu Antoine, rompendo o silêncio. — É alguma coisa mais profunda e terrível — concluiu e fez um gesto censurável para os padrões suíços, levando um indicador à têtora direita.

— *Croyez vous?* Deve ser seu lado Mr. Hyde a florando — disse Anne, procurando não se incomodar com o abominável gesto do rapaz, o que a obrigou a fazer uma ligeira pausa. — Ou seria Dr. Jekyll?

— Engana-se. Não tenho um lado monstruoso. Chapeleiro maluco, talvez — assegurou ele. — Há outras coisas que nos intoxicam, além das más lembranças e dos pesadelos. Para mim, doces e sonhos não se combinam. Após comer doces, tenho sonhos tão amargos quanto aqueles dos heróis de Charles Dickens ao encararem os fantasmas dos natais passados.

Acostumado a ter sonhos sinistros desde criança, Antoine se perguntava se havia sido realmente um *beau garçon*, como aprendera a denominar, na escola, os meninos obedientes e disciplinados. “Pessoas normais não têm sonhos ruins”, pensava ele. “Elas dormem bem todas as noites e cultivam assiduamente a paz de espírito e o bem-estar físico e emocional. E ainda por cima podem comer doce sem se preocupar com o peso ou com a consciência.” Incomodado por esses pensamentos, ele julgou-se amaldiçoado por Netuno e, novamente, suspirou fundo.

— Quem dera meus problemas fossem tão doces — concluiu Anne, sem prestar muita atenção aos voos imaginativos do rapaz. — Tenho problemas mais amargos.

Ao olhar em volta, Anne notou o adiantado das horas. Havia agora poucas pessoas no refeitório. Alguns retardatários ainda mantinham-se em suas mesas, mas a maioria já terminara seu almoço. Até mesmo os pacientes mais distraídos como Madame Otoko abandonaram seus postos e seguiram para sua sesta. Ao silêncio do recinto, acrescentou-se a mudez de Anne. Ao reparar que sua companheira de mesa estava menos receptiva para continuar uma conversa amigável, Antoine ficou quieto. Bastante concentrada na tarefa de mastigar seu pedaço de torta de maçã, Anne desfrutou o marcante sabor da guloseima. Ah, se pudesse comer doces assim, desejou Antoine, ao vê-la tão absorta. “Come chocolate, pequena, come chocolate!”, citou ele um verso de um célebre poema português. Como queria tanto se ver livre! Ter uma agradável noite de sono, dormir melhor e se livrar de seus sonhos ruins. Era tudo o que mais queria. O jovem paciente imaginou-se então curado de suas lembranças indesejáveis, sorrindo alegremente para as paredes. Após chegar ao fim do dia menos sonolento e mais disposto, ele agradeceu mais uma vez por estar em Büngzli, onde se encontrava prestes a realizar seus sonhos de liberdade.

Havia sido uma transformação realmente notável naqueles últimos dias. Por anos Antoine não dormira direito, vítima de sua crônica insônia. Julgando-se padecer dos piores males da vida moderna, ele nunca se atentara aos seus próprios *bad habits*. Comia com pressa, negligenciou os exercícios físicos e passava horas em frente a um monitor, aguardando seu cérebro se desligar para poder dormir. Movia-se na cama de um lado para outro, esperando a visita de Morfeu, até que finalmente conseguia pegar no sono quando o sol começava a nascer. Nessas ocasiões, Antoine costumava ter pesadelos horríveis, vendo-se perdido nas regiões mais tenebrosas de seu inconsciente (ou do plano astral, como preferia acreditar). O jovem insone considerava sua vida noturna um inferno dantesco (sem ter ao menos o prazer de ser guiado por Virgílio, o divino poeta). Sempre que fechava os olhos, temia despertar em alguma *dead zone*. Contudo, com os primeiros efeitos do tratamento, sentia-se agora um afortunado. Não levava nada a sério, sorria para tudo e para todos. O mundo era maravilhoso e belo. Os pesadelos, no entanto, persistiram nas noites seguintes, inabaláveis, e ele responsabilizou sua dieta por essa inesperada recaída.

— Quer dizer que seus fantasmas do passado assolam seus sonhos? — disse Anne, de repente, após deglutir sua porção de torta. — *Pas de surprise!* Não me surpreende. Todos possuem ossos no porão. Ou, do contrário, ninguém precisaria esquecer suas más lembranças, não acha?

— Não é normal ter pesadelos — replicou Antoine, um tanto sério. — Pelo menos foi o que me disse meu médico.

— Bobagem. Muita gente tem pesadelos. Mais do que você imagina.

Intransigente, Antoine não quis discutir com Anne. Ele estava convicto de que ter sonhos ruins era um sintoma de uma má sincronização cerebral, como lhe segredara Dr. Carl. Para o médico, ter pesadelos era voltar ao Reino das Fúrias, ou o Reino turbulento e tenebroso de Tiamat, a deusa suméria do Caos, um estado pré-consciente de nossa evolução como espécie, um res-

quício de quando a consciência humana ainda era imatura demais para controlar o mundo à sua volta.

— Meus pesadelos são extremamente confusos, entende? — disse Antoine. — Eu nunca consigo lembrar uma sequência completa de ações ou imagens em nenhum deles. Tem alguma relação com meu senso de direção. Eu me sinto perdido em um mundo sem referências conhecidas. Às vezes não sei nem mesmo para onde estou indo. E nem mesmo consigo me concentrar em uma coisa só, *wie du sehen kannst*.

— *Ne t'inquiète pas*. Não se preocupe. É um *handicap* comum dos desmemoriados. Com o tempo piora.... — disse a jovem, baixando um pouco seu tom de voz.

— *It's really a bloody handicap*, diriam os ingleses. Até as nuvens no céu me distraem. Posso ficar horas olhando para uma formação nebulosa, absorvido em seus contornos. Certa vez, vi um labrador correndo no céu azul, vindo em minha direção. Foi realmente desconcertante— disse Antoine e distraiu-se a olhar o horizonte, *absent-minded*.

“*Pauvre diable...* deve ter chegado à fase das alucinações”, pensou Anne, mas procurou disfarçar seu pessimismo, repreendendo-se pelo pensamento indelicado. Por que se sentia agora tão amarga? Não era por Antoine ser um semiestranho que ela devia tratá-lo de forma tão dura, pensou. Afinal, ela poderia até mesmo se simpatizar com um recém-conhecido, se não houvesse um muro entre eles (uma vez que desmemoriados pertencem a um outro mundo). E ela, de fato, não queria fazer parte de nenhum outro paracosmos que não fosse o seu. Sentia-se bem em sua confortável privacidade autoabsorvida.

— Entendo bem essa sensação — disse Anne, prosseguindo a conversa, agora um pouco menos séria, e buscando ser minimamente empática. — Depois que iniciei meu tratamento, também me sinto perdida às vezes. Esses dias, errei de quarto e terminei entrando no dormitório da Madame Otoko, acredita? Descobri que ela usa *soutien* almofadado. Isso sim foi desconcertante. Ela parece tão... tão verdadeira.

Esse fato inesperado lembrado por Anne ocorrera em um sábado nublado, uma ocasião propícia para estar na cama após o almoço. No mencionado dia em questão, a jovem, entrou sem querer no quarto de sua vizinha, sentou-se distraidamente na cama da senhora japonesa para tirar seus sapatos e tomou um tremendo susto quando escutou alguém roncar baixinho ao seu lado. A jovem intrusa levantou-se de um salto. Ao ver Otoko dormindo tão tranquilamente em sua cama, Anne constatou que não estava no quarto certo. Diante da constrangedora situação, ela procurou se refazer do equívoco com agilidade, andando devagar, pé ante pé, até a porta. Girando lentamente a maçaneta abriu e fechou a porta do cômodo com o maior cuidado possível, evitando a todo custo acordar a bela adormecida. Saiu do quarto de forma magistral, mas não sem antes observar sua decoração e o vestuário dependurado no cabideiro, sem qualquer ordem (Otoko, em definitivo, não era simpatizante da arte japonesa de dobrar as roupas, e

nunca fizera um origami na vida). Anne pôde observar, em meio aos cardigãs, cachecóis e *pul-lovers*, também as peças íntimas. Fechando a porta atrás de si, ela ganhou o corredor e, acelerando o passo, apressou-se para chegar logo a seus aposentos, temerosa de ser vista esgueirando-se para fora de um quarto que não era o seu.

— Que vexame! — disse Anne, culpando-se pelo ocorrido. — Saí do quarto correndo *comment un fou*. Eu jurei ter reconhecido o número do quarto na porta. E também as orquídeas na entrada. Eram bem parecidas com aquelas do meu quarto. Se bem que estranhei um pouco a cor. Será que trocaram de propósito? Talvez eu tenha caído em alguma pegadinha. Alguns enfermeiros são bem brincalhões, sobretudo os latinos. Ainda bem que Otoko não acordou, ou eu ficaria muito, mas *muito* envergonhada.

— Caramba! — exclamou Antoine.

Antoine fitou Anne, ligeiramente boquiaberto. Madame Otoko usava sutiã almofadado? E ele nunca havia reparado antes? Indagou-se ele, abismado por aquela valiosa informação. Sem querer, seus olhos se detiveram no busto da garota à sua frente, curiosos para saber se por trás daquele aspecto suavemente arredondado havia também alguma almofada escondida. Por um segundo, ele viu desfilar em sua imaginação a beleza escultural das mulheres gregas e sonhou com telas renascentistas e pinturas pré-rafaelistas, com as escancaradas obras de Courbet e os desavergonhados desenhos de Egon Schiele. Seu juízo religioso, porém, falou mais alto do que seu juízo estético. Estava sendo mundano, atentou-se o jovem. “Que coisa! O que me interessa as formas sensuais? Elas são apenas desvios no caminho espiritual, obstáculos ao êxtase”, pensou o efêbico mancebo acordando de sua distração e desviando o olhar para as cercanias. A filosofia de Dr. Carl estava afetando profundamente sua forma de pensar. Não conseguia mais sentir desejo como antes. Como os santos hindus, ele estava embriagado pelo Espírito.

Ao perceber o embaraço do rapaz, após terminar seu relato, Anne apenas franziu a testa e observou bem sua expressão encabulada. Ali diante dela, olhando para algum ponto inapreensível, Antoine parecia ocultar seus sentimentos. O que estaria ele escondendo? Indagou-se Anne, curiosa por tal reação. Não percebeu, no entanto, que Antoine procurava refrear seus instintos masculinos. Queria pensar em coisas celestiais, mas a presença e o magnetismo da jovem começavam a perturbar sua concentração. Ele não conseguia tirar os olhos da *made-moiselle*. E havia um bom motivo para isso. De todos os pacientes da clínica que Antoine conhecera até ali, ela era certamente a mais vivaz e espontânea (se comparada aos catatônicos e aos distraídos em estado terminal). Ele, porém, não estava cativado apenas por sua apreciável aparência física. Havia sido também seduzido pela maneira original com que ela escolhia suas palavras. Era esse seu grande charme. Embora estivesse intrigado pela falta de simpatia da garota, Antoine sentia-se atraído por sua vibrante e irascível energia.

— Outro sintoma do tratamento é esquecer onde colocamos nossos pertences — continuou Anne, sem tirar os olhos da sobremesa. — Ontem, por exemplo, deixei sem querer minha máquina fotográfica em algum lugar do jardim. Estou com uma péssima memória de curto

prazo, sabe? Esse tratamento não está fazendo muito bem a meu córtex cingulado anterior. Foi o que me disse o médico. Ele me disse que essa é a parte do cérebro mais afetada pela desmemória seletiva. Talvez por esse motivo eu ande tão esquecida ultimamente.

— Nesse ponto não tenho do que reclamar — replicou Antoine, um tanto admirado por essa declaração tão técnica, e virou-se, sem querer, na direção de Otoko. Sentada a certa distância, a japonesa comia com uma lentidão milenar. — Meu tratamento está sendo formidável. E, contrariando minhas expectativas, não esqueci ainda minha própria identidade. Pelos menos ainda consigo me recordar de minhas peças favoritas para violino. Ainda consigo tocar a *Chaconne* de Bach. Por sorte não esqueci meu nome.

— *Mon dieu!* — disse Anne, satisfeita por saborear mais um substancioso pedaço da doce guloseima de maçã. — Puxa vida! Essa torta está realmente deliciosa.

Maravilhada, Anne parecia um pouco mais à vontade agora. Livre de sua irritação inicial (por conta de sua misofonia, ela detestava escutar alguém chupar os dentes, estalar a língua, mascar chicletes com a boca aberta ou engolir ruidosamente o pigarro), ela simpatizou-se com Antoine por ter-lhe oferecido a torta. Tanto a *delicatessen* quanto o oportuno cavalheirismo agradaram seu juízo moral. Todos aqueles meses de internamento haviam esgotado sua paciência. Sentia-se insensível e *miserable*, e ninguém (fosse ele paciente, enfermeiro ou médico) era capaz de mudar seu humor estraçalhado. Ultimamente somente os doces a deixavam mais animada. Sobreretudo as suculentas tortas de maçã (embora tivesse que apreciá-las com parcimônia).

— Quer dizer que está gostando de seu tratamento? — indagou ela, sem esperar uma reação do rapaz e separando outra porção de torta. Sua adocicada língua pareceu suavizar também suas palavras.

— Está tudo indo muito bem com meu tratamento, devo confessar — falou Antoine, após respirar fundo. — Vou precisar ainda de mais duas sessões para remover totalmente minhas lembranças ruins. Mal vejo a hora de me livrar desse enfado. Quando tudo terminar, não me lembrarei de mais nada. Serei um completo amnésico. Esquecerei até mesmo o sofrimento da espera. Será como ter férias intermináveis. Ou voltar ao Paraíso.

— *Je vous envie.* Que inveja... — disse Anne, sem muita ênfase. — Pretende mesmo remover todas as suas lembranças ruins?

— Assim espero.

— *Est-ce que vous pensez vraiment?* — indagou Anne, ainda mais cética. — Tem certeza? Não

acha muito arriscado?

— Sem dúvida alguma. Confio plenamente em meu médico.

— Eu não gostaria de ficar catatônica ao perder toda a memória. Não tem medo de ficar com sequelas?

— *Es ist mir egal* — disse Antoine e suspirou. — Não tenho mais nada a perder.

Sem saber o que responder a essa confissão tão crua e incrível, Anne apenas limpou a boca com o guardanapo, satisfeita, e também suspirou de leve, mas de saciedade.

— Caramba! Você parece estar mesmo faminta — disse Antoine, surpreso por aquela súbita demonstração de gula.

A exclamação despertou a atenção de seus vizinhos. Nesse momento, algumas mesas adiante, o olhar de Lempiszka voltou-se em direção aos dois jovens. De olho em Antoine, a *seductrix* polonesa sorriu, demonstrando obviamente seu interesse romântico pelo rapaz. Bastava que ele estivesse por perto e Lempiszka se *assanhava*, como diriam os cariocas. A verdade é que, desde a chegada do novo paciente, ela sentiu uma ligeira atração pelo jovem paciente (apesar da diferença de trinta anos entre eles ser um possível impedimento a uma aproximação mais íntima) e sempre que Antoine estava por perto, a polonesa buscava chamar sua atenção de alguma outra maneira. Era um eterno jogo de bem-me-quer e malmequer, manifestado em um olhar mais insistente, um movimento nos cabelos ou até mesmo desfilando de maneira provocadora pelos corredores. A polonesa, contudo, despertava em Antoine mais piedade do que atração. O histórico médico de Lempiszka era a maior comprovação de que a negligência entre os cônjuges pode chegar a extremos insuportáveis.

Vítima de um triste caso de abandono marital, Lempiszka vivera muitos anos casada com um homem a quem cuidava como se fosse uma criança adulta. Lavava, passava e guardava suas roupas, fazia seu almoço e também seu jantar, limpava a lousa, organizava e cuidava de toda a casa. O marido, um alto funcionário de uma empresa de tecnologia, deixava todo o fatigante trabalho doméstico aos cuidados da esposa, delegando a ela a responsabilidade total sobre a *oikos*. Ele regressava todos os dias do escritório, cansado e aborrecido, e passava as noites absorvido no canal de esportes. Nos fins de semana, costumava deixá-la sozinha em casa para ir ao estádio assistir ao jogo de seu time de futebol favorito com os amigos e desabafar suas frustrações com o trabalho. Sua paixão pelo esporte não era compartilhada por Lempiszka. A esposa, cansada de sua enfadonha rotina diária sem carinhos e sem carícias, não suportava mais aquele insuportável costume do marido e sua insensibilidade à sua carência. Toda vez que presenciava o marido sentado sozinho no enorme sofá da sala de estar para assistir a um jogo, Lempiszka tinha uma má lembrança. Imaginava que ele não mais a amava e não via nela ne-

nhum atrativo. Sentia-se mais só do que se realmente vivesse sozinha. Por muitos anos a mal-amada polonesa suportou quietamente os hábitos do marido, até o dia em que resolveu mudar. Convencida que as solteiras se mantêm sempre bonitas para alimentar a chama da sedução e as compromissadas se tornam indulgentes com seu corpo e sua beleza porque a centelha primordial do romance havia se convertido em cinzas, a polonesa acreditou que o desinteresse do marido era devido à sua aparência desleixada. Alarmada por essa constatação, Lempiszka entrou em uma rígida dieta, retomou a academia, voltou a fazer ginástica e a frequentar uma esteticista. Em um ano, emagreceu, rejuvenesceu e acendeu novamente a extinta chama de sua autoestima. Voltou também a se vestir com mais esmero, a usar maquiagem e a pintar os lábios, escolhendo melhor seu guarda-roupa. Queria parecer bonita e atraente. Apesar de todo esse esforço, porém, não despertou o menor interesse no cônjuge. Passou então a se exceder em suas seduições, trajando-se de maneira mais tentadora e insinuante. Comprou roupas mais sensuais e provocantes (apelando assim para as mais poderosas armas de sedução), mas sem qualquer resultado, contudo. Sentiu que estava cansando desnecessariamente sua beleza. O que poderia fazer, afinal, para que o marido a notasse? Indagou-se ela, desgostosa. Temia parecer vulgar demais (ainda que soubesse do duvidoso gosto do marido) e ofender o decoro doméstico. Ficou, porém, angustiada com aquele descaso do alheado parceiro. Um dia, finalmente, explodiu.

Certa noite, sentada no sofá ao lado do marido, Lempiszka levantou-se indignadíssima de seu assento, postou-se em frente ao aparelho doméstico e se desnudou prontamente diante do desatento espectador, interrompendo assim sua hipnótica sessão do jogo de futebol e alienando-o do imperdível espetáculo midiático em curso. Perturbado em seu único e exclusivo passatempo, o marido de Lempiszka reagiu com furor: levantando-se do sofá, agarrou seu Handy e, escapando dali, abandonou a esposa plantada no meio da sala. Trancado na cozinha, ele ainda tentou continuar sua sessão futebolística na privacidade do aposento fechado, mas Lempiszka insistiu em entrar. A alucinada esposa bateu diversas na porta com força procurando convencer seu marido a abri-la. Essa exagerada insistência terminou por despertá-lo de sua indiferença. Impedido de fazer o que mais amava, o aborrecido marido pausou o vídeo e efetuou então uma busca rápida em seu Handy, visitando diversas páginas eletrônicas de clínicas e hospitais até encontrar um número telefônico muito útil para resolver aquela situação. Em seguida fez uma importante chamada, enquanto a desesperada esposa ameaçava arrombar a porta. Ao final da ligação, respirou aliviado e voltou a assistir ao seu jogo pelo aparelho multifuncional.

A ambulância chegaria vinte minutos depois. Naquela mesma noite, escoltada por dois robustos enfermeiros, Lempiszka seria internada em um hospital psiquiátrico, onde ficaria por algum tempo sob cuidados médicos. Ao ser levada para ambulância, ela não reclamou (ficou mais interessada nos dois musculosos paramédicos). Entretanto, quando percebeu que seria levada para um hospital contra sua vontade, a polonesa protestou. Esbravejou, gritou e pediu socorro. De nada adiantou. Sedada, ela passaria os dias seguintes olhando para o teto, como uma morta-viva.

No hospital psiquiátrico, Lempiszka se sentiria o pior dos seres. Apática e confusa, não falava com ninguém e nem mesmo tinha vontade de se levantar do seu leito. Quando seu estado piorou de vez, no entanto, o zeloso profissional recomendou ao seu despreocupado esposo que a

internasse em uma clínica de desmemoriação. Desatento às palavras do profissional, o marido queria saber se o mal de Lempiszka tinha cura. “Czy było jakieś rozwiązanie?”, indagou o polonês, impaciente. O médico explicou a ele que a esposa sofria de uma mania intratável e que somente a amnésia poderia ajudá-la. Salientou que sua prostração se devia a um forte fator afetivo. Para poder se recuperar do trauma, ela precisava agora esquecer todas as más lembranças de seus anos de casada, revelou o especialista. Havia, porém, o risco de Lempiszka não ter mais nenhuma recordação do marido caso esquecesse de tudo o que a incomodava. Se ele não se importasse, disse o médico ao marido, essa seria a solução mais rápida para o problema. Era necessário, contudo, que o cônjuge desse seu consentimento. “*To nie problem*. Eu dou todo o consentimento necessário. Ela se esquecerá mesmo de mim?”, indagou ele, interessado na solução proposta pelo especialista. Sem as más lembranças, garantiu o profissional, não haveria mais explosões ou crises histéricas. Além disso, concluiu ele, Lempiszka seria reeducada, o que seria uma grande vantagem para seu par conjugal, uma vez que ela voltaria a ser a boa esposa de sempre. “Está falando sério?”, quis saber o entusiasmado marido. “Que apaguem então sua memória! *Kaputt!* Formatem tudo!”, declarou ele. Após duas sessões, a polonesa convertera-se realmente em outra pessoa, apesar de ter adquirido uma incontável erotomania.

— Estou curioso para saber como será depois que eu estiver curado — continuou Antoine, sem reparar muito no olhar lascivo de Lempiszka. — Será que esquecerei meu nome?

— Espero que não se torne um vegetal — retrucou Anne, em um tom neutro. — A maioria dos pacientes que fizeram a desmemoriação completa ficaram em um péssimo estado mental. Veja o caso de Frau Waldorf — disse e girou ligeiramente a cabeça noventa graus, olhando na direção de uma mesa situado no fundo do recinto, onde se encontravam uma enfermeira e uma senhora em uma cadeira de rodas.

Em seu esquecido canto do refeitório, Frau Waldorf olhava de maneira inexpressiva para o infinito, com os olhos bem arregalados. Um fio de saliva escorria de sua boca. Mantinha-se encolhida em sua cadeira de rodas, em uma posição quase fetal. Desde sua chegada a Bünzgli, a idosa alemã impressionara Anne com seu aparente estado vegetativo. Aquele olhar fixo, sua expressão vazia de morta-viva dava arrepios em que a observava. Até então ela vira pessoas assim apenas em filmes de terror. Ainda guardava em sua memória cinéfila a atuação de John Carradine em *A Sentinela dos Malditos*. Com sua apática indiferença, de fato, Frau Waldorf exasperava Anne.

— Caramba! Que olhar é aquele?! Tem razão. Ela parece estar em transe catatônico por tempo indeterminado — disse Antoine, que sempre admirara os olhos esbugalhados das estatuetas sumérias em êxtase.

— É o que acontece quando se perde toda a memória.

— Mas não removerei todas as minhas lembranças — completou Antoine, tomando outro gole de sua água. — Apenas os últimos vinte anos de minha vida.

— Quase tudo, você quer dizer. Que idade você tem agora? *Quel âge as-tu?*

— Vinte e quatro? Vinte e sete? Nem sei mais. E também não me importa. Como diz Dr. Carl, não precisamos nos preocupar com o que não lembramos que existe, não concorda? Você ainda se lembra dos sumérios?

— Sumérios?! — exclamou Anne, desconcertada por aquela repentina e inesperada alusão. História antiga era um de seus temas favoritos. — Esse é um assunto um tanto árido para se falar no almoço, não acha?

— Por muitos anos eu me esqueci dos meus antepassados. Como os brasileiros, eu também tinha memória curta. Mas agora, ao retornar à Suíça, renovei meu interesse pela história da humanidade. Não é uma pena que seja preciso esquecer tudo para que possamos viver de novo?

— *Il n'y a pas de surprise*. Quem garante que no futuro nos lembraremos do que fomos no passado? E quem pode garantir que teremos um futuro? Um dia todos nós nos tornaremos jurássicos. Seremos uns dinossauros um tanto esquisitos, enterrados com nossos Handys. Como as ruínas de Persépolis, vamos desaparecer a qualquer hora da face da Terra, é o que penso. E nossos fósseis não servirão de nada para revelar o que foi nossa civilização. Nem a criogenia conseguirá nos preservar. É triste, eu sei, mas essa é a dura realidade. Apesar de me opor a muita coisa do que diz Dr. Carl, concordo com ele quando afirma que o esquecido não deve nos incomodar. Por que devemos nos preocupar com fósseis, múmias ou ruínas, afinal? Qual é a história por trás de tudo isso, senão as mentiras e as falsas interpretações? De minha parte, prefiro não saber o que aconteceu.

— Então acha que o passado não é importante?

— Sim, claro que é importante. E ao mesmo tempo não é, compreende?

— Não, não compreendo. Às vezes fico confuso em relação a isso. Meu médico diz que sim: é importante se lembrar. Mas ao mesmo tempo acredita que a melhor cura é o esquecimento. Não é uma contradição?

— Às vezes penso que Dr. Carl possui uma estranha nostalgia do passado. Como os talibãs, ele é um terrorista da memória, embora não queira apenas se manter em evidência. Ele tem propósitos mais messiânicos. A amnésia, para ele, é a solução para todos os problemas da huma-

nidade. Depois que a civilização jogou fora a água da bacia e o bebê junto, só resta esquecer do que não é mais útil. É preciso voltar ao essencial, costuma repetir. Mas descobri uma falha grave nessa maneira de pensar. Ao nos livrarmos daquilo que não queremos nos lembrar, o tratamento destrói também aquilo que é essencial, criando uma contradição. Como podemos aprender sem relembrar o que vivemos? Vê o paradoxo?

— Toda filosofia tem sua contradição. Platão negou as formas como reais, Descartes negou o inconsciente como real e os existencialistas negaram a essência como real. E, no entanto, todos eles nos incentivaram a pensar em suas negações como provocações intelectuais. Dr. Carl quer nos incentivar a pensar.

— Esquecer é o oposto de pensar. Ele insiste, porém, que certas memórias são prejudiciais e precisam ser removidas. Essa é uma pré-condição para que deixemos de olhar para trás ou para frente, ou para todos os lados, como uma barata tonta. Mas será que esquecer não nos deixa piores do que insetos confusos?

— Essa é a forma que ele encontrou para abriremos nossas mentes para “a fluidez do universo”, como costuma dizer ele. Ou seja, esquecer o passado é um requisito para a felicidade.

— Quem dera fosse tão simples.

— Mas você deve concordar que não há outra maneira de ser feliz. Pensar no passado nos afasta do presente. Precisamos ter os pés no chão para encarar o futuro.

— Talvez ele tenha razão — replicou Anne, resignada. — Algumas pessoas precisam mesmo esquecer, sobretudo aqueles que voltaram da guerra. Com frequência, os soldados vão para o campo de batalha e, ao voltar para casa, trazem consigo os mortos. Mas os combatentes não são os únicos a serem incomodados por seus fantasmas. Se os fanáticos religiosos fossem amnésicos, creio eu, a humanidade seria mais feliz. Afinal, por que um leigo se preocuparia com as ruínas assírias em Hatra ou Nimrud, se a vida lhe sorri banguela no presente? Com pão e circo, todo o mundo fica satisfeito e ninguém pensa mais nas dificuldades. Mas, sem diversão, as pessoas ficam um tanto enlouquecidas. Se estão inconformadas, ameaçam exterminar toda a humanidade com sua fúria incontrolável.

— Está falando dos talibãs ou dos nazistas?

— De todos eles. Já notou como alguns indivíduos, a qualquer mínima má lembrança, fazem tudo para esquecer as imagens que as incomodam? Iconoclastas não gostam daquilo que força suas memórias a lembrar o desagradável, ou que os obrigam a se recordar de seus ancestrais e sua inalcançável felicidade. Por que reavivar aqueles bons e velhos tempos de épocas mais feli-

zes e menos fanáticas? Apesar de terem sido tão intolerantes quanto hoje, os antigos pelo menos não tinham campos de extermínio.

— E nem bombas atômicas. Embora certos estudiosos digam que Atlântida desapareceu por conta de uma explosão nuclear. Você já leu *A Civilização Perdida*?

— Não é preciso ler um livro para perceber que nossa civilização está perdida. O passado condena os homens do presente e o presente envergonha os homens do passado. Isso causa um pouco de desconforto nas pessoas. Pensar que tudo o que era bom e ruim ficou para trás, principalmente o que foi ruim. As futuras gerações não vão querer lembrar daquilo que hoje as envergonha. Quando olho para a geração dos meus pais percebo que eles nos legaram os mesmos temores de seus pais. O medo é transmissível. É natural que assim adotemos uma atitude re-reativa e extremista frente ao desconhecido. Desse modo, somos todos talibãs.

— *Schade*. Mas você tem razão! No fundo, agindo como loucos desatentos, somos todos uns bárbaros — disse Antoine, intrigado por essa repentina eloquência de Anne, e pensou na época em que vivera no Rio de Janeiro.

Em sua breve permanência nos trópicos, Antoine ficou abismado com a amnésia dos brasileiros e sua insistência em votar nos mesmos políticos que haviam roubado os cofres públicos no passado. Não era à toa, pensava ele, que a população não conseguisse resolver seus problemas recorrentes, sobretudo a corrupção e a pobreza. Envergonhou-se ao perceber que, nesse aspecto, ele mesmo era um amnésico. Antoine, na verdade, não nutria mais nenhuma fascinação por seu passado tropical ou qualquer outro passado, apesar de manter acesa a chama de seus sonhos de adolescente, quando se dedicara a uma extensiva pesquisa sobre os sumérios, lendo os livros de Samuel Noah Kramer e outros assiriologistas. Em sua tenra juventude, Antoine havia sido um perspicaz rato de biblioteca e desenvolvera uma estranha fascinação pelas civilizações do Crescente Fértil. Ainda garoto, ele conhecera a fundo a extinta cultura daqueles antigos povos, suas técnicas e também sua religião. Além de diversos livros sobre o assunto, ele assistira a dezenas de documentários em vídeo e visitara exposições em vários museus europeus e norte-americanos. Em suas viagens pela Europa com os pais, Antoine conhecera a coleção do British Museum (gostara sobretudo das peças exibidas na Room 56), ficara deslumbrado com o Portão de Ishtar em Berlim e, quando estivera em férias com a família nos Estados Unidos, visitara o acervo de placas de argila com inscrições cuneiformes do Penn Museum na Filadélfia e também no Metropolitan de Nova York, além de ter frequentado as exposições de arte mesopotâmica no Louvre e em outros museus da Europa. Nessas visitas culturais, o jovem entusiasmado muitas vezes se admirou dos rústicos desenhos em baixos-relevos e selos cilíndricos, em que observou ornamentações de serpentes enroladas ao lado dos sacerdotes, uma amostra que nossos antepassados médio-orientais sabiam que a força vital estava no núcleo de todos os seres vivos, uma extraordinária informação que os antigos fizeram questão de deixar para a posteridade (apesar de ter sido esquecida por milênios). No ginásio, em suas longas tardes na biblioteca com o *Sumerian Lexicon* ao seu lado, ele instruiu-se no pensamento coletivo daquela que era considerada uma das primeiras mitologias da história da humanidade. Mediante suas leituras dos mitos mesopotâmicos, conheceu encantadamente a cosmogonia suméria e seu hie-

rárquico panteão de divindades, leu atentamente as descrições da criação da natureza e do homem, aprendeu também sobre o surgimento mítico da mulher, sua reverência como deusa e provedora de vida, e seu declínio posterior como divindade feminina (segundo é relatado na história de *Innana no Inferno*). Conheceu ainda o mito da Queda, da expulsão do paraíso e do dilúvio, e a hipotética relação da Arca de Ziusudra com a Arca de Noé feita por renomados *scholars*, e a evolução dos deuses adorados pelos mesopotâmios de Sin em Ur, no terceiro milênio, passando por Enlil em Nippur e Marduk na Babilônia (a partir da metade do segundo milênio), até a completa sincretização dos dois deuses na figura de Bel no primeiro milênio pré-cristão. E soube que, milênios antes da descoberta do código genético no século vinte, os sumérios, por meio de suas beberagens e suas visões místicas, já conheciam intuitivamente esse fantástico segredo passado de geração a geração, e seria transmitido adiante por seus escribas até a queda de Nínive e a conversão, na Idade Média, dos sabeistas ao islamismo, quando a antiga cultura mesopotâmica foi esquecida. Mas o que mais fascinou Antoine em suas leituras mitológicas foi a descrição do casamento sagrado de Enki, o deus do Céu, e Ki, a Terra Ampla (chamada pelos sumérios de Ninhursag).

Nesse precioso mito, narrado nos escritos cuneiformes mais antigos, o intrépido pesquisador leu que a Terra Ampla, ornamentada de prata e lápis-lazúli (além de “diorita, calcedônia, coralina e diamantes”, como cita um *scholar*) seduziu o Céu com seus encantos e Enki, como um amante deslumbrado, a amou e a desfrutou, dando origem aos deuses do panteão mesopotâmico (batizados de Anunnaki) e trazendo assim a benfeitoria chuva sobre a terra. Por um longo período as abundantes águas torrenciais nutriram o solo fecundado com as sementes divinas, e essas sementes frutificaram com o tempo e se multiplicaram para cobrir todo o planeta de vida, cor e movimento. Tempos depois, na farta colheita, Enki (mago e sacerdote divino, assim como artesão da generosa Terra) transformaria os frutos colhidos desse trabalho em valiosas obras humanas. Saber que os sumérios já conheciam o segredo da união dos opostos encantou Antoine. Similar à mitologia grega e ao Tao dos chineses, aprendeu ele, os antigos habitantes da Mesopotâmia também acreditavam que todo o universo nascera de uma união cósmica, representada iconicamente como duas serpentes enroscadas, que os chineses conheciam como yin e yang, e os tântricos denominam de Shiva e Shakti, os dois primeiros *tattvas* ou princípios da filosofia Sámkhya. Esse tema quimérico e improvável para a ciência moderna, contudo, foi transformado em fato irrefutável para Antoine, graças à leitura de outros livros sobre o assunto, mas uma obra teve uma influência crucial em sua juventude.

Nessa distante época de sua adolescência, Antoine descobriu por acaso um exemplar de *The Lost Planet*, um best-seller escrito por um autor natural de Baku chamado Mikhail Saraichev. Um pesquisador incansável (dizem que, ao morrer, ele jurou continuar sua pesquisa em outra dimensão), Saraichev declarava que toda a genialidade dos sumérios havia sido herdada de extraterrestres vindos de um planeta denominado Nibiru, localizado nos confins do Cinturão de Kuiper, e afirmou que os habitantes desse mundo transplutoniano transmitiram aos terrestres uma pequena amostra de sua avançada tecnologia, ao nos visitarem há milhares de anos. Todo o conhecimento que temos da Árvore da Vida, salientou Saraichev, havia sido transmitido pelos seres de Nibiru. Segundo o autor, esse hipotético planeta gelado retorna de tempos em tempos ao sistema solar, quando então seus habitantes vêm até a Terra para estudar a evolução da raça humana e atestar a validade de seus ensinamentos. Saraichev afirmava ainda que a humanidade era um imenso laboratório ao dispor dos extraterrestres para seus propósitos al-

químicos e transgênicos. Toda essa magnífica teoria nasceu das pesquisas e observações pessoais do autor azerbaijano. Apaixonado por astronomia e astrologia desde a infância, Mikhail Saraichev percebeu que, em determinados ciclos astrológicos, os relatos dos antigos povos da Mesopotâmia se referiam a seres superiores, que aqui chegavam para explorar o ouro nas ricas minas terrestres e melhorar nossa espécie com sua engenharia genética, doando aos homens e mulheres, inclusive, seus próprios genes, a fim de aperfeiçoar sua prole. Considerados como deuses pelos primitivos hominídeos, esses seres haviam sido responsáveis pela ordem e o progresso das civilizações em troca do direito de exploração do nobre metal. E viria desses alquimistas cósmicos, afirma o azerbaijano, a paixão dos homens pela preciosidade do ouro.

Na opinião de Saraichev, a história do ouro se confunde com a história da humanidade, e também de todo o universo. Desde o início dos tempos, o metal acompanha o homem em sua trajetória pela geografia terrestre, mas sua origem é ainda mais remota. “Como todos sabem”, escreve ele, “o ouro não existe naturalmente na Terra, mas veio do *outer space*. Assim como o hidrogênio, o elemento mais abundante do universo, tem sua origem no Big Bang primordial, os elementos mais pesados, como o carbono e o oxigênio, nasceram das estrelas-mães, à medida que elas arderam e ainda ardem em bilhões de ininterruptas explosões atômicas, espalhando sua prole de moléculas por todo o universo”. Sabemos hoje, prosseguiu Saraichev, graças ao auxílio de avançados telescópios e detectores, que todo o ouro existente em nosso planeta surgiu da colisão de duas estrelas de nêutrons há milhões de anos-luz da Terra. Durante a formação de uma quilonova, salientou o azerbaijano, uma magnífica alquimia de proporções inimagináveis ocorre no espaço sideral, e o amálgama estelar resultante dessa fusão alquímica forma um campo magnético capaz de espalhar ondas gravitacionais por todos os confins do multiverso. É o terreno propício para o surgimento de matéria fresca e abundante, produzida pelas explosivas reações no interior dos núcleos atômicos. Essa estrela nascente (ou *baby star*), ao gerar novos átomos e moléculas, engendrará elementos químicos que, em todos os seus arranjos estruturais, variam do mais leve ao mais pesado, do mais básico ao mais complexo. Após analisarem o espectro eletromagnético da luz emitida pela nova estrela formada pela fusão de um binário estelar, os cientistas detectaram, maravilhados, a presença do nobre metal em sua constituição. Da combinação de duas estrelas em um binário, um verdadeiro milagre acontece: o milagre do nascimento. Similar a uma afortunada reação química, surge uma nova substância, tão ou mais bela do que os reagentes que lhe deram origem. Dessa forma, descobriram eles, o universo, esse gigantesco laboratório alquímico, transforma matéria em ouro.

“Assim nasce o mais nobre dos metais”, escreveu Saraichev em seu *The Lost Planet*. “Uma estrela surgida de uma fusão de duas outras estrelas se torna o berço de invisíveis mônadas atômicas, organizadas numericamente para adquirir a constituição ideal. E uma vez que esses corpúsculos mágicos estejam livres da atração gravitacional de sua estrela-mãe, as partículas de ouro de uma quilonova serão espalhadas pela imensidão do universo, misturadas à poeira cósmica e incorporadas aos gases de suas galáxias hospedeiras.” Mas como esse ouro chegou à Terra? Indaga o autor azerbaijano. Como os elementos químicos surgidos de estrelas localizadas há milhões de anos-luz de nosso sistema solar vieram parar em nosso planeta? Graças aos meteoritos e asteroides que bombardearam a Terra em seus primórdios, o ouro chegou até nós, escreveu Saraichev. Esses *scavengers* siderais de poeira cósmica, explica ele, ao serem atraídos pela gravidade de nosso planeta, chocaram-se no solo terrestre e foram assimilados pela crosta terrestre, transformando-se em valiosas minas auríferas sob sua superfície da Terra. Ao serem descobertos pelos homens primitivos, essas reservas contribuíram para acelerar a evolução da raça humana e, mais tarde, sua involução com o advento da tecnologia, explica Sa-

raichev. Um notório crítico dos excessos da ciência, o azerbaijano reconhece a importância dos metais para o desenvolvimento da humanidade. Em sua visão, o progresso das civilizações está associado ao domínio sobre a matéria, por meio do qual os homens ascenderam sobre a natureza e a conquistaram, levando ao surgimento do reinado humano sobre os continentes.

O ouro sempre esteve associado à nobreza, prosseguiu Saraichev. Por analogia, o nobre metal nos remete às nossas origens estelares, despertando em nós memórias antiquíssimas de um lar nas constelações e inflamando nosso lado celestial. O primeiro homem que descobriu ouro, escreve o autor, não sabia de seu potencial alquímico. Curioso pelo brilho do metal, o genioso homínide guardou consigo as douradas pepitas encontradas no leito dos rios sem saber o que fazer com elas. A supervalorização do ouro pelos homens primitivos, no entanto, veio com a chegada dos habitantes de Nibiru.

Para Saraichev a origem das espécies havia ocorrido de maneira muito diferente da que imaginara Darwin. Os continentes terrestres mudaram muito sua conformação em milhões de anos, acreditava ele. A separação de *Gondwana* deixou à deriva diversos fragmentos de terra firme, entre eles o continente perdido de Mauritia. Esse microcontinente pré-cambriano, separado da Índia e do Madagascar ainda no início do Paleoceno, ficaria conhecido mais tarde pelos modernos como Lemúria, e seria reconhecido pelos tâmis como *Kumari Kanda*, o berço da civilização drávida. Ali, segundo o autor azerbaijano, teriam surgido os habitantes que antecederam os mesopotâmios e os harapiânicos, os antediluvianos aos quais se referem todos os antigos mitos. Embora os cientistas contestassem a existência de tal continente perdido, Saraichev não via outra explicação para o enorme avanço evolutivo da espécie humana em tão pouco tempo. Por quatrocentos mil anos, segundo ele, os primeiros humanoides não produziram mais do que rústicas ferramentas de pedra. Nos trinta mil anos que transcorreram do fim da era glacial até o surgimento das primeiras aldeias e vilas neolíticas, o *Homo sapiens* aprendeu a domesticar animais e cuidar de pequenas plantações. No entanto, no espaço de apenas oito mil anos, esses pastores e agricultores se converteriam em hábeis planejadores e construtores de pirâmides e zigurates. Como podem ter evoluído tanto em tão pouco tempo, se não fosse por alguma interferência externa? Questionava Saraichev.

Até a chegada dos primeiros extraterrestres, os humanoides remanescentes de Lemúria mantiveram-se dispersos pelo continente em tribos sem qualquer organização urbana. Mais evoluídos intelectualmente, os visitantes do espaço trouxeram consigo tecnologias desconhecidas aos lemúrianos, entre elas a agricultura extensiva e a extração dos metais. Denominados por Saraichev de Annunaki (ou reptilianos), esses visitantes de Nibiru dependiam do ouro para sua sobrevivência, utilizando-o como matéria-prima para seus avançados veículos interestelares. O autor azerbaijano especulava, inclusive, que o metal era empregado como matéria-prima na manutenção de suas sensíveis máquinas. Em troca de novas tecnologias e produtos, os nativos auxiliaram os nibiruanos em sua exploração dos depósitos aluviais e adquiriram com eles os conhecimentos necessários para manipular o metal e utilizá-lo para propósitos mais nobres. Nas iniciações religiosas, explicou Saraichev, o pó áureo era misturado às poções e oferecido aos noviços para que eles pudessem melhorar sua concentração e alcançar estados superiores de consciência. Com sua utilização ritual, o ouro passa a ser usado então para propósitos mágicos. Esse é o início da formação de uma classe sacerdotal nas sociedades primitivas, responsável por fazer uma ponte entre o Grande Pai adorado pelos reptilianos e a elite dominante. Após ensinarem aos humanos sua nobilíssima ciência, os nibiruanos embarcaram de volta para seu planeta com suas naves carregadas de ouro, deixando à humanidade seu precioso legado. Alguns deles, entretanto, permaneceram na Terra, misturaram-se aos nativos, e aqui tiveram filhos, netos e bisnetos.

Por muito tempo, conta o azerbaijano, os humanos e os descendentes dos reptilianos conviveram pacificamente no mesmo espaço geográfico, até que um evento de proporções cataclísmicas provocou sua migração para outros continentes. Conhecido como o Grande Dilúvio, esse evento levaria o conhecimento dos extraterrestres para diversas partes da Terra. No decorrer do Neolítico, escreve Saraichev, os inquietos reptilianos se espalhariam por todo o Paquistão e pela Índia, alastrando-se então até o Tigre e o Eufrates, desenvolvendo-se em cidades cada vez mais urbanizadas até culminarem na civilização suméria. Por difusão genética, a herança dos nibiruanos se incorporaria ao genoma dos outros povos do Médio Oriente, da África e da Europa (entre eles os celtas, especulava o pesquisador azerbaijano). Essa interação entre diferentes espécies proporcionou um imenso melhoramento genético no *Homo sapiens*. Segundo Saraichev, o avançado progresso da civilização mesopotâmica foi possível graças aos descendentes dos reptilianos, que ele diferenciava dos outros povos por possuírem um conhecimento mais avançado de metalurgia. A hipótese de que os sumérios eram uma raça à parte da evolução humana, escreve ele, foi muito defendida por alguns assiriologistas no início do século vinte, e o autor azerbaijano concordava com alguns deles. A notável organização social suméria, afirma o autor, assim como sua arquitetura e suas técnicas de fabricação, haviam sido inteiramente herdadas dos nibiruanos. Entre essas técnicas, estava a manipulação dos metais.

Por conta de seu papel sagrado nos rituais dos nibiruanos, afirma Saraichev, o dourado metal passou a ser muito valorizado nas antigas sociedades. No século vinte, ao escavarem as antigas cidades da Suméria, os arqueólogos ficaram abismados com a quantidade de ouro encontrado nas tumbas dos reis e rainhas de Ur. Na Idade do Bronze, escreve Saraichev, imperadores e faraós eram os maiores consumidores do metal, e sua alta demanda nos rituais sagrados terminou por afetar a economia das primitivas sociedades. Por conta de sua importância para a nobreza e para a classe sacerdotal, as reservas do metal eram as mais cobiçadas pelos impérios. Dos egípcios até os pré-colombianos, todas as elites deviam possuir alguma quantidade do precioso metal para diferenciá-las das outras classes sociais. Considerado inicialmente como um presente aos deuses, o ouro passaria mais tarde a ser utilizado como moeda de troca entre os povos, e seu acúmulo seria considerado como uma medida da fortuna dos impérios. Uma vez que o poder econômico dependia dessas reservas, os homens começaram a digladiar por sua posse. Diversas guerras ocorreram no passado por conta do vil metal, afirma o autor azerbaijano. Como sabiam bem os egípcios e os babilônios, assim como os assírios e os hebreus, quem possuísse os maiores tesouros detinham também o poder sobre seus inimigos. Mais recursos, mais armas, mais vitórias: lutar pelo metal era uma necessidade os povos neolíticos. Sem ouro não havia magia, reconheciam os alquimistas, para quem “é preciso ouro para fabricar ouro”. E sem ouro não havia glória ou status econômico.

Dos primeiros descobridores do precioso metal na Lemúria até os cruzados medievais, prossegue Saraichev, a humanidade passou por uma frenética busca pelo precioso metal. O *Gold Rush* americano do século dezoito da era cristã, ocorrido na Califórnia, teve seus predecessores históricos ainda na Antiguidade. Persas, gregos e romanos todos eles guerrearam pelo precioso metal. Na Idade Média, ao cultivarem os segredos alquímicos dos sumérios e babilônios, herdados dos nibiruanos ainda no Neolítico, os judeus monopolizaram as finanças em todo o mundo ocidental e médio-oriental. Mantidos a sete chaves nos documentos sagrados, esses segredos haviam sido guardados para que somente os iniciados fossem capazes de apreciá-los. Considerados descendentes diretos dos reptilianos por Saraichev, os judeus controlaram por milênios os estoques de ouro e administraram as grandes fortunas ligadas a eles. Boa parte do ouro do planeta encontrava-se em suas mãos. E a Igreja, ameaçada pelo Islã em seus próprios domínios, estava consciente desse fato. O poder não podia continuar nas mãos erradas, acreditavam os estrategistas do Vaticano. E os papas decidiram mexer as peças desse imenso tabuleiro que era a geopolítica do mundo antigo. Formados, a princípio, para auxiliar na guerra contra os muçulmanos, os templários ganharam o apoio da Igreja na defesa da Terra Santa. Treinados como guerreiros e também monges, eles aos poucos adquiriram também os segredos

aprendidos com os árabes e judeus, e se tornaram os Guardiões do Tesouro da Igreja. “Toda guerra exige imensos recursos”, escreve Saraichev, “admitem tanto as autoridades políticas quanto as autoridades religiosas, e os papas do passado reconheciam a importância de possuir grandes reservas de metal precioso em seus tesouros”. Concentração de ouro, porém, é concentração de poder, e a Igreja, temendo que os hermeticistas e alquimistas dominassem o mundo, resolveu pôr um fim a essa ascensão dos templários, declarando-os hereges e inimigos da fé cristã. Temerosos da invasão das ideias orientais aos seus domínios, os papas tentaram cortar a conexão do Ocidente com o Oriente, mas já era tarde demais. Uma avalanche de novas ideias invadiu as universidades e os mosteiros, graças à tradução dos clássicos pagãos e dos pensadores islâmicos e hebraicos. Com mais recursos econômicos e intelectuais, os escolhidos de Jeová passaram a ameaçar também os reinos europeus. Em pouco tempo, salienta o autor azerbaijano, os judeus assumiram o controle do mercado financeiro europeu, e o poder dos sacerdotes cristãos sucumbiu à influência econômica dos descendentes dos reptilianos.

No fim da Idade Média, prossegue Saraichev em sua preleção histórica, o ouro encontrava-se concentrado nos tesouros dos impérios, graças às guerras e ao seu terrível poder de mudar o equilíbrio de forças e as fortunas. A abundância de alguns poucos, contudo, pode levar à carência de muitos outros. “Devido às incertezas em relação ao futuro trazidas pelas guerras, ao longo da história”, escreveu Saraichev, “a Europa passou por períodos de grande escassez de metais preciosos. Essa escassez, contudo, piorou muito com a Reforma e seus conflitos religiosos subsequentes. Sem o dourado metal, estava cada vez mais difícil para os beligerantes europeus manterem seus exércitos e pagarem os mercenários necessários para liderá-los. Como os estoques estavam concentrados nos tesouros dos reinos mais poderosos, muitos deles administrados por judeus na Holanda e na Inglaterra, os reis da Espanha e de Portugal, desfavorecidos pelas más decisões financeiras de seus predecessores, viram-se em uma situação desfavorável. A solução escolhida foi procurar os metais preciosos em novos territórios. Era preciso encontrar ouro, concluíram eles, custe o que custar. Explodiu assim a febre mercantilista na Europa, e iniciou-se uma busca desesperada por novas reservas em outros continentes. A expansionista corrida do ouro, contudo, trouxe bons resultados a curto prazo para os europeus, mas desastrosas consequências a longo prazo. As minas do Novo Mundo estavam repletas de abundantes quantidades de metais, e sua exploração por portugueses e espanhóis prometia uma era dourada para os soberanos ibéricos e seus reinados. A redescoberta da América foi uma oportunidade não só para os reis, mas também para os aventureiros colocarem as mãos nos tesouros pré-colombianos. E eles a aproveitaram de modo bárbaro e atroz, com requintes de crueldade e insensibilidade às sociedades que ali existiam antes de sua chegada. Como resultado, essa insaciável sede áurea levou à matança de milhares de índios e à destruição de diversas culturas no continente americano. A maior parte dos historiadores concorda hoje que essa *Gold Rush* mercantilista apenas serviu para concentrar ainda mais as riquezas nas mãos de poucas pessoas. Todo o ouro adquirido na América por espanhóis, franceses, ingleses e portugueses, foi parar, com o tempo, nas mãos dos judeus”. Essa concentração de poder pelos financistas, pensava o autor azerbaijano, era responsável pela incômoda situação planetária vivida na modernidade. Saraichev tinha uma teoria meio maluca, influenciada por diversas teorias da conspiração elaboradas no século vinte, na qual os judeus estariam “escondendo o ouro” para manter seu poder sobre as finanças mundiais. Da descoberta da América até a Revolução Industrial, os financistas migraram da Holanda para o novo continente com suas fortunas e seus segredos, fazendo girar a Grande Roda que é o capitalismo. Após a Primeira Guerra Mundial, contudo, os americanos demonstraram ao mundo que a economia global era extremamente volátil, e as crises capitalistas resultantes da especulação financeira eram uma convincente prova da flutuação dos mercados e seu impacto sobre a vida das pessoas, sobretudo dos menos favoreci-

dos. Inconformados com o poder dos financistas de levar nações inteiras à bancarrota, alguns indivíduos revoltaram-se contra os detentores do ouro, acusando-os de manipularem a economia ao seu bel-prazer. Ao desconfiarem que toda a riqueza do mundo estava nas mãos dos judeus, os nazistas resolveram se apropriar de suas fortunas e também de seus segredos. Afinal de contas, o nobre metal não era utilizado apenas como dinheiro. O ouro era nossa conexão com as galáxias. Quem o possuísse, pensavam eles, dominaria todo o planeta. Mas Saraichev não acusava apenas os alemães de terem sido gananciosos e ávidos para colocar as mãos nas fortunas dos judeus. Para ele, a Igreja havia sido conivente com o holocausto simplesmente para aumentar seus estoques auríferos, que se encontravam cada vez mais escassos. Os ambiciosos fascistas, entretanto, foram derrotados pelos financistas americanos, e, após o equilíbrio de poder ter sido restaurado, com o fim da Segunda Guerra, o segredo associado ao ouro se manteve guardado nos cofres mais seguros do mundo, sob a proteção de seus milenares guardiões suíços. Vendo seus tesouros minguaem, acrescentou Saraichev, o Vaticano voltou-se para a especulação imobiliária e resignou-se a perder a hegemonia econômica para os financistas judeus da América. Essas crenças do autor azerbaijano ganharam assim o status de verdade para o jovem Antoine.

Ao terminar sua exposição histórica, condenando as ideologias religiosas pelas Guerras do Ouro, o azerbaijano expunha sua pessimista opinião sobre o futuro do planeta Terra. Segundo Saraichev, a luta pelo ouro havia sido o maior entrave para a felicidade dos ocidentais, uma vez que os homens distorceram os ensinamentos originais trazidos pelos extraterrestres há milhares de anos. A matéria agora possuía mais valor do que o ser humano, ao contrário do que nos ensinaram os nibiruanos. Para o autor, ao esquecermos as lições ensinadas pelos habitantes de Nibiru, nós perdemos nossa conexão com a verdadeira divindade e a nossa real identidade. A Terra, afirmava Saraichev, era um planeta perdido. Daí o título de seu livro.

Após essa fantástica leitura, Antoine acreditou piamente em tudo o que leu. A partir de sua interpretação de Saraichev, o curioso jovem passou então a crer que os seres humanos eram descendentes de alienígenas (considerados por ele como “anjos cabalísticos”, utilizando o mesmo termo empregado pelos livros apócrifos da Bíblia, entre eles o Livro de Enoque), e havíamos perdido, por conta de nossa ganância e nossa miopia, a conexão com nossas origens estelares. E ainda acrescentara a essas crenças fantasiosas suas próprias ideias e delírios idiossincráticos.

A juventude é um terreno fértil para invenções e fantasias. Por ter tido uma frutífera adolescência, na qual leu muitos livros de ficção científica e histórica, Antoine gostava de dar asas à imaginação. Concordava com Saraichev em alguns pontos, mas preferia acreditar que muito antes dos nibiruanos, os extraterrestres já mantinham contato com a Terra. Conferindo um sentido esotérico à teoria da evolução das espécies, como formulada por Darwin, ele passou a crer que os seres humanos eram um produto de milhões de anos de experimentos genéticos feitos por raças mais avançadas vindas de outras galáxias. Em sua opinião, entre todos os homínídeos, o *Homo heidelbergensis* foi a espécie escolhida para essas experiências biológicas dos extraterrestres, e discordava com veemência do Pai do evolucionismo. Os homínídeos, pensava Antoine, eram apenas parentes melhorados dos símios. Explicava sua crença com base nas mais recentes descobertas antropológicas da comunidade científica. Segundo ele, di-

ferente dos australopitecos e do *Homo erectus*, os primeiros *heidelbergensis* possuíam um cérebro mais desenvolvido e uma aparência mais harmoniosa, apesar de seu aspecto símiesco. A evolução biológica perpetrada pelos extraterrestres havia finalmente selecionado o mais apto de todos os espécimes, da qual surgiria o *Homo sapiens*. Por sua excelente adaptação ao seu ambiente, essa era a espécie ideal para o propósito desses supostos aliens, que buscavam assim encontrar uma nova variedade biológica para povoar a Terra e vê-la se tornar com o tempo uma civilização tão avançada quanto a deles, para que um dia pudesse conquistar as estrelas, espalhar-se pelo universo e conhecer seus criadores. Um projeto que, no entanto, não teve muito sucesso. Como o animal mais bem-adaptado entre todos os outros animais terrestres, o *Homo sapiens* logo começou a desenvolver habilidades audaciosas e a se multiplicar exponencialmente, até o ponto de ameaçar sua própria continuidade e a continuidade de outras espécies.

Apesar de sua crença na evolução natural, influenciado pela visão pessimista de Saraichev, Antoine opinava que o experimento alienígena havia fracassado. Ou seja, acreditava ele, toda a humanidade era um falho experimento genético das avançadas civilizações extraterrestres do passado. E ele fazia questão de expor suas opiniões para quem quisesse ouvi-las. Mas, evidentemente, a hora do almoço não era a melhor hora para falar delas.

Enquanto Anne, alheia ao estado reflexivo de Antoine, continuou a saborear seu pedaço de sobremesa, Antoine estava distraído a pensar em suas conversas com Dr. Carl. Todas aquelas histórias de mortos-vivos, seres iluminados, *inner critics* diabólicos (e nietzschianos) excitaram sua imaginação. O jovem estava entusiasmado pela filosofia do médico. Ele o ajudara a organizar melhor as milhares de informações que coletara em sua juventude. Ao refletir em todas as coisas que aprendera com o diretor de Büngzli, Antoine fez mais uma viagem no tempo. Relembrou assim uma de suas visitas recentes ao médico, com quem teve uma pequena discussão sobre os sumérios, um episódio que trouxe ao distraído paciente uma certa nostalgia. Nessa ocasião, Dr. Carl falou coisas maravilhosas sobre os antigos habitantes da Mesopotâmia e exercitou suas mirabolantes explicações históricas, às quais o jovem escutou com prazer e admiração. Como aquele homem podia saber tanta coisa? Perguntava-se Antoine. Julgava o médico uma espécie de herói prometeico. Pensar em Dr. Carl provocou um sentimento enaltecido no jovem e fez com que se lembrasse de um trecho da Epopeia de Gilgamesh:

Ni-šir-ta i-mur-ma ka-tim-ti ip-tu

Ub-la të-e-ma šá la-am a-bu-bi

Ur-ħa ru-uq-ta il-li-kam-ma a-ni-iħ u šup-šu-uħ

Šá-kin i-na NA.RÚ.A ka-lu ma-na-aħ-ti

Ele viu o Segredo, descobriu o Oculto,

Ele trouxe saberes antediluvianos

Ele partiu em uma longa jornada, indo até o extremo da exaustão,

Mas depois reconquistou a paz

E inscreveu suas proezas em uma pedra

Antoine lembrou assim mais um dos seus encontros com Dr. Carl, acontecido alguns dias antes. Naquela inesquecível ocasião, Antoine encontrou o médico em seu consultório, sentado em uma confortável poltrona enquanto lia os comentários do *Brahma Sutra* ao lado de seu inseparável gato. Depois de deixar sua leitura, Dr. Carl escutou atentamente o paciente confessar sua fascinação pelo Oriente. Ao falar mais do que pretendia, o paciente fez o médico sorrir compreensivo, e ele, espirituoso, lhe mostrou sua coleção de arte mística. Narrou um mito do *Matsya Purana*, explicou a visão dos hinduístas sobre o início dos tempos, quando o Ovo Cósmico (ou *Brahmandasana*) se abriu para modular e transformar a frequência fundamental no imenso espectro de frequências que existe no universo. Após citar uma passagem do Zohar, Dr. Carl mostrou ainda suas estatuetas harapianas, falou sobre o simbolismo do Peixe na Antiguidade e sobre expansão da vida em direção ao Uno. Antoine ouviu tudo boquiaberto. O médico compartilhava com ele a ideia de que o homem havia surgido de uma espécie superior, mas que essa espécie não viera do espaço sideral, mas vivera no fundo dos mares há milhões de anos. Os golfinhos, segundo ele, são o resquício biológico de uma civilização perdida, e as ruínas do Vale do Indo são sem vestígios culturais. Com todo o seu amor pelo saber, Dr. Carl falou admirado sobre os sumérios e sua religião cósmica baseada na astrologia, exibiu a Antoine sua estátua de Nabu, o adorado deus babilônio da sabedoria, e depois sua estatueta de Durga, a deusa guerreira dos hinduístas, e falou de como, graças às idiossincrasias culturais e políticas, as deusas tornaram-se deuses no decorrer dos milênios da história humana. “Por milhares de anos”, disse o médico, “os homens adoraram as divindades, adotando-as como modelo de comportamento. Suas imagens eram a única coisa impressionante para seus cérebros pré-industriais. Para os antigos povos, cada homem e mulher possuía um potencial divino latente dentro si, ainda que desconhecido”. Para Dr. Carl esse potencial era algo que já existia no ser humano, e precisava apenas ser despertado. Explicou, por fim, o simbolismo da serpente, figura que, embora tenha sido rechaçada pelos hebreus, era amplamente adorada em todas as culturas antigas, dos sumérios até os hindus como representação da força vital.

Após essa digressão histórica, o médico referiu-se, enfim, ao tratamento empregado na clínica. Disse a Antoine que seu método estava baseado na ciência dos antigos povos, sobretudo dos mesopotâmios, egípcios, hebreus, chineses, gregos, romanos e indianos, da qual extraíra as principais técnicas utilizadas no Mnemodetox. Segundo essa ciência, explicou Dr. Carl, um indivíduo precisava aperfeiçoar não apenas o corpo físico para atingir o ponto máximo de um zigrate ou *gopuram*, mas também sua mente. “Os antigos acreditavam que, ao refinar corpo e mente, despertamos nosso potencial genético. Esse despertar, para eles, era uma forma de alcançar não somente a cura para todos os males, mas também o status de divindade”, disse ele. O método empregado em Büngzli, esclareceu Dr. Carl, possuía o mesmo propósito. Ao deixar a clínica, reintegrado e feliz, cada paciente adquiria um status divino.

Sentado à mesa do refeitório junto a Anne, Antoine estava mergulhado nas águas abissais das abstrações filosóficas e fantasias cósmicas, viajando distraidamente nas altas esferas do pensamento. Como um tipo *fantasy prone*, havia momentos em que sua mente de súbito saía do ar. Escutar o médico falar em despertar seu potencial divino o fez sonhar. Ao perceber esse avan-

çado grau distrativo de Antoine, Anne constatou que o abstraído rapaz somente retornaria à realidade se alguém o despertasse bruscamente de seu flamar mental com um beliscão no braço ou cortando as asas de sua imaginação.

- Por que está falando justamente dos sumérios? — replicou a jovem paciente, interrompendo as divagações de seu companheiro de mesa, fazendo uma pausa na degustação da sobremesa.
- Por que essa supervalorização?

Anne observava Antoine, indagativa. O prolongado silêncio do rapaz a inquietara.

- Não acha os antigos mesopotâmios fascinantes? — retrucou ele.

Ao expor essa intrigante pergunta, Antoine olhou ligeiramente para Anne em busca de aprovação. Ela, porém, concordava em parte com a opinião alheia e nada comentou. Ainda que a Antiguidade a interessasse mais sob a ótica da moral e menos pela perspectiva antropológica ou religiosa, não quis se aprofundar no assunto. Certas discussões, pensava Anne, deviam ser reservadas apenas aos entendidos. Para não criar nenhuma controvérsia, contudo, preferiu não proferir qualquer opinião. Anne sabia muito bem que certas questões históricas podiam acirrar os ânimos, despertar os patriotismos, causar polêmicas e insuflar o charivari entre as pessoas. Acostumara-se assim a omitir suas opiniões ou expressar qualquer julgamento precipitado sobre as culturas do passado. E existia uma boa razão para esse receoso zelo.

Convencida de que as religiões monoteístas e suas doutrinas eram as principais responsáveis pelo relativismo moral dominante na pós-modernidade, Anne voltou-se para a história da tradição judaico-cristã como seu principal objeto de estudo e também como alvo de ataque. Para a estudante ginásial, ainda que as religiões tivessem lutado a favor dos direitos humanos no passado (graças, sobretudo, à teoria ética de Tomás de Aquino), sua intolerância à diversidade religiosa, no fim da Idade Média, incentivou, com sua ortodoxia e dogmatismo, a negação da lei natural. Por ser oporem à objetividade das ciências, as ideologias religiosas não possibilitaram o surgimento de um saber absoluto, como idealizava Hegel, mas sim a difusão de saberes relativos, com diferentes interpretações da verdade, e incentivaram também a diluição da sabedoria pagã em rasas regras de conduta, desprezando assim a boa medida grega. Além disso, como celeiros ideológicos, os grupos religiosos eram terrenos propícios para os *power hungry* e para os fanáticos. “Ao impor suas doutrinas às pessoas”, escreveu Anne, “as religiões desrespeitaram o livre arbítrio e desestimularam a criatividade do indivíduo. Esse caráter positivo e impositivo da lei monoteísta vem de suas origens mesopotâmicas. Quando os antigos povos semitas se estabeleceram nos centros urbanos da Mesopotâmia, eles incorporaram seus bárbaros costumes tribais às leis das cidades de sua época, com isso suas verdades adquiriram um caráter legal. Um império sobrevive de impostos, e a desorganização das leis e dos negócios era um incômodo entrave ao desenvolvimento comercial e à construção de obras públicas. O péssimo estado das estradas e vias de acesso, a falta de infraestrutura sanitária e a dificuldade de escoamento da produção impediam o progresso e geravam incerteza e confusão. Dessa maneira, a multiplicidade de costumes e crenças era um obstáculo à ordem necessária para o

crescimento. Mas como lidar com toda essa anarquia sem adotar uma rígida forma de controle sobre a massa acéfala, que prefere apenas seguir seus instintos? Além dos instintos incontroláveis e dos maus costumes, no entanto, existiam ainda outros obstáculos à organização estatal. As eternas disputas entre os monarcas e as tribos dificultavam o diálogo e a harmonia entre as partes. No passado acádio, os reis, com o firme apoio dos sacerdotes, ditavam o que era certo e o que era errado. As punições eram brandas ou severas de acordo com o humor dos reis, e as pessoas não tinham direitos, apenas deveres. No século dezoito anterior à era cristã, a Mesopotâmia estava fragmentada pelo relativismo de seus governantes absolutistas e suas crenças e visões díspares da realidade. Cada cidade-estado tinha suas próprias leis, e as decisões jurídicas cabiam apenas ao poder executivo dos reis, o que criava sérios obstáculos à correta aplicação dessas leis. O que era determinado por um juiz podia ser, portanto, desfeito a qualquer momento pela autoridade acima dele. Como era possível, de tal forma, ser justo em uma sociedade em que o rei tinha controle absoluto sobre o destino das pessoas?” A justiça unida à moralidade não faz o justo, mas o carrasco, pensava Anne. A justiça do carrasco, por sua vez, apenas causa rebeliões, como anotou a estudante em seu caderno de História, interessada em analisar o contexto histórico em que surgiu a moralidade ocidental. “Antes mesmo de Maquiavel, os babilônios viveram o dilema social entre o justo e o útil, e discutiram a ética da política. Se a justiça é apenas uma questão de conveniência, ninguém leva a autoridade a sério, promovendo assim um comportamento deplorável dos cidadãos e levando à corrupção da sociedade. Como trazer, nessa situação, a ética para a política? Segundo Platão, uma sociedade justa deve ter os três tipos de alma: concupiscente, irascível e racional. A racionalidade, contudo, nunca foi um quesito fundamental para um bom governante. Há quatro mil anos, no entanto, os homens eram menos racionais do que são hoje. Todos seguiam apenas a lei da selva. Presos a seu fanatismo religioso, os reis não eram tão piedosos quanto seus deuses. Foi preciso apelar à Razão para que houvesse alguma mudança.” Ao fundar o Império da Lei, prosseguiu Anne, Hamurábi pretendia frear qualquer tirania, promovendo assim um governo mais justo ao preparar um terreno propício para uma sociedade de cidadãos mais conscientes. Segundo o código jurídico babilônico, ninguém estava acima da Lei, nem mesmo os reis e sacerdotes. Esse foi o primeiro passo em direção a uma forma de governo democrático, que ainda esperaria mil anos para ser sistematizada pelos gregos. O nascimento do direito positivo, contudo, introduziu uma nova era na humanidade: a era do controle das massas. “Com a Lex Talionis, os delitos passaram ser punidos de acordo com o princípio da retribuição, ou seja, todo crime tinha a punição própria, independentemente de quem o cometeu (ou, como diria o *Mikado* de Gilbert & Sullivan: *the punishment fits the crime*). Embora tenha quebrado o ciclo vicioso de *vendettas* sangrentas e rebeliões, o direito positivo babilônico considerava, no entanto, a punição como a única forma de se conduzir adequadamente os cidadãos. Mas, como sabemos hoje, o direito positivo não educa. Em uma época em que a educação não era o fio condutor das ações, tanto o estatutário Código de Ur-Nammu quanto o Código de Hamurábi eram apenas formas legais de se exercer controle sobre a crescente população urbana. Tanto as penas talianas quanto as penas pecuniárias procuravam sanar os danos morais por meio de um primitivo princípio de reparabilidade. E mesmo que esses princípios tenham sido respeitados pelo povo, raramente eram obedecidos pelas autoridades. Na Antiguidade, por conta de questões políticas, os governantes não se importavam de educar a população, uma vez que o incentivo à construção de escolas significava pagar menos tributos aos templos, dos quais dependiam o destino da nação, uma vez que essas primitivas sociedades seguiam somente os auspícios de seus sacerdotes. Doutrinar, obviamente, era e é mais fácil do que educar as pessoas. Em consequência disso, as leis recebidas de Shamash, o deus dos oráculos, orientaram somente a aplicação da justiça, mas não a conduta moral da civilização babilônica. Moralmente as pessoas ainda precisavam da religião para guiarem suas vidas. Dessa forma, era papel dos sacerdotes orientar os fiéis a

seguiem os bons costumes. Afinal, não basta obedecer à lei. É preciso também temer aos deuses e às autoridades. Uma vez que os hábitos mudam a cada estação, é preciso também seguir um firme código de conduta que não mude de acordo com as novas tendências. A obrigação moral consiste na obediência aos mandamentos divinos e não nos mandamentos da moda. A ação moralmente correta é aquela ordenada por uma entidade superior porque, respeitada por todos, impõe obediência absoluta. Por conta desse artifício, a lei do Estado não pode estar acima da lei da divindade”. Na opinião de Anne, a tradição ocidental surgiu desse paradigma baseado em uma autoridade incontestável. Desobedece-la muitas vezes levava a resultados imprevisíveis e desagradáveis. A obediência absoluta, porém, tem suas vantagens. O fato de acreditar em um só deus, fizeram com que os judeus fossem mais obedientes às leis dos babilônios.. “Desde seus primórdios tribais, a história dos judeus foi marcada pela violência. Como um povo nômade, eles haviam adotado o temor e a circunspeção como estratégia de sobrevivência em terras estrangeiras. Ao conviver com seus anfitriões babilônicos na Idade do Bronze, eles se aprofundaram em sua cultura e se apegaram aos costumes estrangeiros (ainda que, no íntimo, preservassem em sua memória traumático o abuso com que foram tratados em Sodoma e Gomorra). Esse contato com uma nova cultura foi benéfico para a tradição hebraica. Deixariam mais tarde de ser apenas pastores e agricultores e se dedicariam exclusivamente aos negócios. A matemática babilônica, como sabemos, foi o maior legado recebido pelos hebreus, e eles se tornaram com o tempo excelentes matemáticos. Da aritmética dos babilônios eles copiaram aquilo que era útil para seus negócios, mudaram as aparências e mantiveram sua essência, unindo assim o belo e o bom ao valoroso. Não é de admirar, desse modo, que o mono-teísmo tenha se tornado uma ideologia mais adequada ao seu estilo de vida. Para uma classe de comerciantes, o útil das leis deve estar unido ao agradável dos lucros.” Apesar de aceitarem a legislação presente nas metrópoles mesopotâmicas e adotarem a ciência dos babilônios, prosseguiu Anne, os hebreus mantiveram, contudo, seus costumes tribais e sua cega obediência a Deus, julgando os costumes dos infieis estrangeiros como bárbaros (embora Abraão compartilhasse com eles a sua reverência a Marduk, julgava Anne, apoiada em sua leitura dos ensaios hermenêuticos bíblicos). Desse modo, seus princípios morais sobressaíram-se do direito vigente na Babilônia, para o qual ninguém estava acima da lei. Ao adaptarem o Código de Hamurábi aos seus costumes, eles criaram assim uma sociedade à parte, obediente apenas às regras de sua tradição. Com sua moralidade atrelada à religião, escreveu Anne, eles não reconheciam a razão como condutora das decisões políticas. “Por milênios, graças à lei mosaica, a justiça estará atrelada à moralidade, ainda que aplicada e relativizada pelo poder dos governantes. Carentes de um sistema de pensamento filosófico e de raciocínio lógico, os antigos hebreus seguiram apenas as visões de seus profetas e suas revelações divinas. Esse contraste entre razão e revelação afetou a *paidéia* da tradição judaica, e influenciou posteriormente a cultura cristã com consequências psicológicas terríveis para os pobres batizados. Uma educação baseada no pecado e na culpa criou, milênios mais tarde, um sujeito contraditório. Milênios de maus-tratos afetou a masculinidade do homem moderno. Senhor de um corpo que evoluiu milhões de anos para se autorregular por meio da adaptação à natureza, o Homo sapiens precisava sobreviver agora em uma sociedade cheia de caminhos imperfeitos, em que havia sinais vermelhos por toda parte, um mundo em que tudo é proibido porque tudo é pecaminoso. Essa visão herdada dos judeus foi profundamente absorvida pelo cristianismo. Assim como Freud viu sexo em tudo, a Igreja também viu pecado em tudo. Com suas confissões, os padres exortaram as pessoas a tratarem sua natureza animal como algo vergonhoso. Como resultado, as pessoas ficaram mais dissimuladas e passaram a agir mais às escondidas. A dissimulação é a maior adaptação humana a um meio social punitivo. Mediante a camuflagem social, as pessoas aprenderam a se resguardar da rejeição do grupo, escondendo seus verdadeiros desejos e intenções. E essa estratégia de dissimular o que desejam intimamente criou um irresistível

lado *Nutty Professor* nos indivíduos, que surge nos momentos mais inesperados, atuando em um papel tão sinistro que nem mesmo Jerry Lewis saberia interpretar. Ao mesmo tempo submisso e autoritário, esse cientista maluco tenta convencer as pessoas de sua bondade e delicadeza. Ao esconder tudo o que é vergonhoso aos outros, no entanto, apenas porque seus princípios morais condenam e discriminam, esse exemplo de gentileza e generosidade pode estar nutrindo um monstro dentro de si. A agressividade passiva é tão nociva quanto a violência a olho nu.” Com essa opinião, a estudante desvendava o segredo da longevidade de uma tradição, relacionando-a à opressão e à hipocrisia que reinaram por toda a História.

Assim como procedia em seus diários, Anne anotava nos cadernos de escola tudo o que pensava, inclusive suas opiniões sobre as injustiças do mundo. A jovem, de fato, detestava qualquer tipo de atitude passiva-agressiva ou retaliativa (mesmo fofocas maldosas ou comentários sarcásticos). Para uma jovem criada com todas as regalias da vida moderna, ter uma autoestima em baixa era inadmissível. Na Suíça, como uma consumidora exigente, Anne se acostumara a usar seus direitos para protestar contra aquilo que achava um abuso, sobretudo a qualidade dos serviços e dos produtos que comprava. Sua moral era aquela do consumidor pós-moderno. Anne primava pela agilidade, pelo respeito e pelo bom atendimento. Zelosa de seus hábitos civilizados, ela também utilizava esses mesmos princípios em outras áreas de sua vida. Na política, a jovem costumava votar contra os políticos abusivos; na economia, Anne procurava escolher o que havia de melhor para se consumir; e nos relacionamentos amorosos, ela evitava se relacionar com quem ferisse sua autoestima e seu juízo estético (mesmo que enganasse às vezes). Qualquer abuso era intolerável. Essa opinião também se estendia às suas crenças religiosas. As religiões, com suas doutrinas e imposições insensatas e insanas, eram, para Anne, ideologias fascistas e não deviam ser levadas a sério.

Desde sua mais remota juventude, Anne não se importava com a existência de Deus. Seu agnosticismo, contudo, não tinha motivação sentimental. Ela havia passado amargamente do estágio estético para o estágio ético do indivíduo (como é expresso no pensamento filosófico de Kierkegaard), e adotara, ao abandonar suas fantasias e sonhos juvenis, um apurado senso crítico. Suas raízes estavam na vitória científica da razão sobre as crenças absurdas das religiões e suas superstições populares. Por acreditar nos valores civilizados, ela encarava com ceticismo qualquer tentativa de dar ares sobrenaturais a uma autoridade ou a um costume (entre eles o *toucher du bois*). Em sua opinião, a Teoria do Comando Divino que reinara absoluta no passado era uma grande bobagem. Não existia para ela um Eu Superior nos seres humanos. Esse argumento havia sido criado pelos sacerdotes para manter seu rebanho obediente e em dia com seus dízimos. A moralidade e a lei, quando estavam explicitamente conectadas com a religião, apenas reforçavam o poder da autoridade e levavam a tremendos abusos, fazendo com que a política fosse mais uma questão de conveniência do que de consciência. Segundo a estudante, a moralidade religiosa, por conta de sua incapacidade de ser justa, não servia de princípio moral superior a ser seguido pelas pessoas. Mas, afinal, o que era um princípio moral superior para Anne? Em sua reflexão filosófica, entretanto, ela não estava preocupada em pensar em soluções, mas apenas revisar os erros do passado. Ao crer que a verdade está nas Escrituras e não na lei natural, pensava Anne, os religiosos de sua atualidade não se responsabilizavam por seus próprios atos e preferiam repassar a uma entidade transcendental a culpa por seus infortúnios e também por todas as misérias alheias, estando assim livres para fazer tudo o que desejavam, sem levar em conta o direito do outro e até mesmo o destino de sua nação, se

esse raciocínio for expandido a uma escala coletiva. “É prudente e também sensato obedecer aos comandos de qualquer autoridade, mesmo de Deus. Mas tal obediência não é moralmente obrigatória. Para ser obedecida, uma ordem precisa ser razoável. Quando Deus ordena a Abraão que sacrifique seu filho mais querido, essa é uma ordem incompreensível à maioria das pessoas por sua irracionalidade. Não há lógica em tal provação absurda, além de demonstrar uma crueldade inenarrável e um tremendo mau gosto. Por mais que Kierkegaard tente nos convencer que tal ato é um salto de fé, ou um cumprimento da vontade divina, essa atitude é uma exceção abominável para a maioria das pessoas, sem qualquer coisa de louvável ou autêntico como pretendia Heidegger. Dizer que Deus é bom porque está escrito na Bíblia não é um motivo para se acreditar em sua bondade. Seguir cegamente uma ordem não faz da pessoa um crente, mas um louco ao estilo do Coronel Kurtz. Todos os indivíduos escolhem seus modelos de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. Quando passamos do estágio sensorio-motor para o estágio operacional formal, segundo a concepção de Piaget, nosso conceito do que é bom também se altera. Na infância, a mãe é nosso maior exemplo de bondade. A benevolência do pai surge à medida que a criança deseja se tornar mais independente da figura materna e necessita de uma orientação mais específica para se guiar no mundo. A criança, no entanto, ainda não conhece seus limites, e seus pais são responsáveis por ensiná-la do jeito mais delicado ou da forma mais grosseira. Se um pai é repressor, sua figura estará sempre associada ao que é coercivo. E como algo coercivo pode ser bom? Muitos teóricos positivistas desejariam subordinar a lei natural ao direito positivo, mas logo constataram que aquilo que é bom para uma pessoa nem sempre é bom para todos, e vice-versa. A punição tem seus efeitos negativos. Essa é a maior dificuldade de se subordinar o que é coercivo ao que é bom. Por conta disso, os princípios morais e os desejos individuais sempre entrarão em conflito com os costumes. Se não existisse o desejo, esse conflito inexistiria, e surgiria assim a ordem. Esse é o pensamento por trás das religiões monoteístas. Negar para ordenar. Mas não nos livramos da sujeira simplesmente jogando-a para debaixo do tapete. O desejo subsiste porque faz parte da estratégia de sobrevivência das espécies. Enquanto existir um homem e uma mulher, sempre haverá uma multiplicidade de desejos. Uma multidão é uma massa de desejos de todos os tipos e gêneros. E negá-los não é a melhor forma de se obter ordem. Desejos precisam ser polarizados. Como todos os publicitários reconhecem, desejar o bem é a melhor estratégia para se doar dinheiro às causas humanitárias. Não se pode, contudo, desejar o bem apenas negando o mal. Sem polarização não é possível haver ordem. O maior motivo para o fracasso de uma democracia está na incapacidade dos políticos de polarizarem o pluralismo de desejos dos cidadãos, ou seja: fazer com que eles desejem a mesma coisa. E esse também foi o motivo do fracasso das religiões. Se o Bem varia de acordo com os grupos, castas ou culturas, então nunca existirá justiça. Subordinar o direito positivo à lei natural seria a única maneira de fazer valer os direitos humanos. A crença em Deus está baseado em um valor e não em um fato. Como podemos, entretanto, acreditar em algo que não é factível? A moralidade não pode estar atrelada a uma entidade superior, porque precisamos de exemplos concretos de bondade em nossa realidade cotidiana. Afinal, somente podemos encontrar esses exemplos no mundo real, não em algo transcendental. A bondade divina pode ser reconhecida apenas por meio das criaturas. Uma pessoa crente, no entanto, dirá que o ser humano não é naturalmente bom, ou seja, a bondade está fora do homem. Para ser considerada uma boa pessoa, um indivíduo precisa ser perfeito; e os seres humanos, obviamente, não são perfeitos, diria esse crente pessimista diante das injustiças do melhor dos mundos. Essa descrença no homem, penso eu, apenas leva à falta de *amour propre*. Quem não ama o outro, não pode amar a si mesmo, uma vez que o Outro está em nós. Negar isso é ver um mundo de sombras.” Para Anne, o pensamento cristão também compartilhava desse descrédito humanitário. Afinal, “maldito o homem que confia no homem”, escreveu ela, citando Jeremias XVII, 5. A união do pessimismo judeu com o ceticismo platônico, credi-

tava Anne, criou uma ideologia de descrença na humanidade.

Na opinião da estudante, devido a uma visão pessimista da natureza humana, os teólogos cristãos haviam atrelado toda a moralidade a uma entidade superior, e essa consciência transcendental, punitiva e abusiva, se tornou assim o único ser confiável. Tudo o que emana da divindade é bom, tudo o que emana de suas criaturas é ruim, sistematizaram eles. A palavra de Deus revelada aos homens ganha o estatuto de lei, uma lei cuja verdade nunca deve ser questionada. Essa atitude excessivamente zelosa tinha, porém, seus inconvenientes, questionava Anne. Como é possível ordenar uma sociedade cujo desejo concupiscente impõe-se constantemente como ameaça à ordem?

Uma das coisas que Anne mais prezava em sua educação suíça havia sido a questão do corpo. No *Gymnasium*, havia um professor que a estudante admirava muito. Esse professor de *Sportunterricht* despertou suas primeiras fantasias românticas de adolescente. Adepto da educação progressiva e da *Freikörperkultur*, ele havia sido influenciado pelas ideias vitalistas de Werner Zimmermann e de August Forel, e observava com afincos seus princípios libertadores e revigorantes. “*Kraft ist leben! Vigor é vida!*”, dizia o docente durante suas aulas no ginásio de esportes. Em suas folgas escolares, diziam os estudantes, o vitalista costumava visitar os balneários nudistas em Engadine Bad Scuol e praticar *nude hiking* nas montanhas a fim de, afirmava ele, *die Batterien zu aufladen* (ou seja, para recarregar suas baterias). Segundo a lenda cultivada no ginásio de esportes, o educador incentivava seus alunos a praticarem esportes sem roupa, porque acreditava que, ao eliminar a culpa do corpo, esse saudável hábito evitava, de acordo com ele, “a repressão do espírito humano”. Por sua simpatia ao professor suíço (apesar de desdenhar seu desavergonhado apelo à nudez e sua esperança em um mundo menos vergonhoso de seu próprio corpo), Anne assimilou sem muita reflexão essas ideias em sua filosofia emergente. Para ela, a culpa do corpo explicava muito do que acontecera na História. “Surgidos entre os escravos romanos, os primeiros cristãos eram pessoas oprimidas. Vivendo em uma sociedade repressora, era natural que elas buscassem qualquer meio de se libertar desse jugo maldito. Como nos mostram as constantes revoltas nas colônias romanas, desde o início da era cristã o povo já ansiava por libertar o corpo”, escreveu a estudante em seu caderno de História. A sujeição do corpo à moralidade, segundo Anne, explicava o caráter repressor das religiões monoteístas. Nesse ponto a estudante achou necessário se aprofundar um pouco na alma das vítimas da opressão religiosa. Relembrando suas aulas de psicologia, Anne quis explicar a doença moral da humanidade do ponto de vista psicanalítico. “Embora, de acordo com Freud, a unidade do eu seja imaginária”, escreveu Anne, “o ego de um indivíduo é, antes de tudo, corporal; uma vez que a percepção visual do corpo é a base do imaginário. Dessa forma, se uma pessoa tem uma imagem distorcida de si mesma, ela não tem controle sobre seu corpo, e não sabe como agir em situações que exijam sobriedade e firmeza.” Na opinião de Anne, por não educar o corpo e a mente em conjunto, as religiões monoteístas apenas formaram indivíduos sem qualquer autocontrole. A falta de uma educação sensual e mesmo estética impedia uma visão integral da realidade, uma realidade em que corpo e mente estão em sintonia. “O cristianismo demorou dois mil anos para elaborar uma teologia do corpo, e também para aprender a lidar com aquilo que sempre foi considerado vergonhoso. A repulsa ao sexo e o repúdio às mulheres, enquanto seres sexuados, inteligentes e sensíveis, gerou um mundo opressivo. Como razão principal por trás do mal-estar da civilização, parafraseando Freud, as religiões monoteístas perturbaram a paz e a saúde mental das pessoas com sua moralidade baseada na culpa.

Na modernidade, a hipocrisia legada da religião trouxe a desobediência civil. Dessa forma, existem dois tipos extremos de sujeitos na sociedade pós-moderna: o sujeito falsamente moralista, aquele que não pratica o que prega, uma vez que seus desejos se chocam com os princípios do grupo; e o sujeito sem qualquer religiosidade, amoral e individualista, que pouco se importa com o direito alheio. A dissonância cognitiva resultante gerou uma espécie de esquizofrenia na psique humana.” O caráter hipócrita das religiões monoteístas, pensava Anne, era o que mais contribuía para sua decadência. Mas a obrigação de acreditar cegamente que a justiça está atrelada a Deus, segundo Anne, fez com que pessoas como Lutero deixassem de aceitar a moralidade imposta pelos papas. Para a estudante, ao evoluir historicamente, a sociedade percebeu que as decisões da Igreja eram injustas e que as religiões trouxeram às pessoas apenas problemas sociais e psicológicos. “A cega obediência à lei mosaica e a hipocrisia associada a ela são características próprias das tradições patriarcais. A negligência causada pela atitude hipócrita dos relativistas, contudo, tem consequências terríveis para a sociedade, entre elas a misoginia.” O maior erro das religiões monoteístas, segundo Anne, foi ter culpado as mulheres por todos os pecados do mundo, responsabilizando-as por todos os males da humanidade. “E a origem desse erro está ainda nos primórdios hebraicos da civilização ocidental, quando os judeus da Antiguidade associaram a atração feminina à tentação diabólica.” O erro primordial, na opinião da estudante, estava na visão masculina das mulheres, quando Adão viu que estava nu e colocou a culpa em Eva.

As crises ensinaram muito aos judeus em sua Diáspora pelo mundo, pensava Anne. Inclusive a lidar da melhor maneira possível com seus fracassos. Uma vez que não podiam culpar Deus por seus infortúnios, os homens sempre encontram um bode expiatório no gênero feminino. Essa visão equivocada da mulher teria consequências irreparáveis para a memória dos cristãos, de acordo com a jovem. “As fogueiras da Inquisição apenas manchariam ainda mais as páginas da tradição, demonstrando que a misoginia patriarcal pode chegar a extremos ignominiosos. Essa é uma história que nunca será narrada em seus livros sagrados.” Nessa parte das anotações de Anne, o texto da estudante adquiriu um tom tão passional quanto o de Marguerite de Valois em seu *Le Discours sur l'excellence des femmes*. Por suspeitar que a tradição ocidental havia tomado um rumo pernicioso ao mudar seus paradigmas sociais, Anne resolveu abordar o desprezo do patriarcalismo às mulheres, crente que a raiz dos males da civilização estava na rejeição da feminilidade. “Os hebreus, surgidos de diferentes tribos espalhadas pelo Oriente Médio, compartilharam com seus primos semitas uma relação de amor e ódio pelas mulheres. Muito antes de Aristóteles, eles cultivaram a ideia da subordinação da mulher como base para a justiça. Ainda hoje essa submissão é necessária para a felicidade de um casal que busca seguir a lei mosaica. O declínio do poder feminino na Antiguidade foi um sinal de que as primitivas sociedades escolheram a força e a violência como forma de apaziguar e resolver seus próprios infortúnios.” A compaixão e a sedução não eram páreas para as armas, acreditava Anne. O repúdio antológico da mulher por Moisés é um reflexo da decadência da figura matriarcal nas sociedades patriarcais, onde as mulheres ainda hoje são vistas como arquétipos da instabilidade e da rebeldia contra a autoridade. Responsáveis por desestabilizar o grupo, os caprichos femininos sempre provocaram insegurança nos homens e alimentaram seus piores pesadelos. De acordo com essa opinião consensual, repassada de geração a geração de homens, as mulheres eram imprevisíveis demais para serem confiáveis. Afinal, que loucuras as mulheres não fizeram e ainda fazem por amor ou por desejo? Ou mesmo por desespero? Por terem abandonados seus filhos, as matriarcas foram desprezadas por sua falta de fé em Deus e por sua incapacidade de superar as dificuldades com coragem e persistência. Impotentes para resistir à repressão do autoritarismo e para enfrentar com determinação a tirania dos homens de

seu tempo, elas passaram à memória coletiva como um retrato da descrença. A condenação da fragilidade emocional feminina pelos hebreus é uma reação instintiva dos homens ao trauma da separação materna. Se, por um lado as matriarcas sofreram o menosprezo dos memorialistas, as mulheres mais ousadas, em contrapartida, se tornaram temidas por desprezarem a autoridade e também por terem levado a satisfação de seus caprichos ao paroxismo da loucura. Assim como Asherah, Amathlaah e Joquebede, também Lilith, a primeira consorte de Adão, passou a simbolizar a exceção à lei divina, a mulher que nega a autoridade, a insubmissa e pecaminosa. Como símbolo da insubordinação feminina, a amante de Belzebu representava para os antigos judeus a mulher adúltera, a mulher desobediente à vontade de Deus, e que, por isso, recebe a danação eterna por sua rebeldia e seu inconformismo. Todas essas mulheres, frágeis ou rebeldes, sofreram o *damnatio memoriae* das futuras gerações de judeus, ou foram consideradas insanas pela sociedade de sua época, uma vez que agiam contras as normas vigentes. O que é a loucura, porém, senão a negação das leis impostas pelos homens? Indagou-se Anne. “A tradição nos ensinou a odiar nossas mães e tias solteiras por sua insanidade temporária diante de pressões intoleráveis. Os homens dessa tradição, amantes do poder absoluto, não toleram qualquer desobediência aos seus princípios. Como todos os loucos, as matriarcas e feiticeiras foram esquecidas por divergirem dos padrões masculinos. Todos eles pertencem ao que é diferente e, portanto, ao que devemos ignorar. Mas o ignorado sempre volta de alguma outra forma.” No decorrer dos séculos, escreveu Anne, essas esquecidas figuras femininas seriam pouco a pouco assimiladas à memória dos povos. Elas reapareceram na História sob diversos disfarces. Como sacerdotisas, bruxas, adúlteras, falsas Cinderelas, ou mesmo como Lady Macbeth (com seu *milk of human kindness*), entre tantos outros papéis dramáticos ou tóxicos. Na modernidade, as mulheres que encarnaram esses arquétipos se converteram em estereótipos de um mundo politicamente correto. As bruxas foram incorporadas ao rol das mulheres sexualmente insatisfeitas, assim como as rainhas más passaram a personificar as mães frustradas, aquelas figuras odiadas por sua chaticice. Em uma sociedade em que a conduta é regida pela moral e não pela justiça, a mulher que desrespeita a autoridade masculina ainda é vista como a encarnação da fúria destrutiva das antigas deusas. Na Grécia antiga, esses estereótipos assumiram formas mitológicas e inspiraram os dramaturgos a recriarem a imagem feminina na sociedade. Ao cometer um grave delito, esgrimindo contra a lei positiva de Creonte, Antígona é transformada no símbolo da mulher trágica, vista como a louca que desafiou as leis dos homens, precedendo em séculos a Joana D'Arc. Como os hebreus, os gregos julgavam a desobediência feminina como indesejável e intratável, e as consequências de seus atos rebeldes deviam ser punidos pela justiça divina. O teatro grego explora a riqueza dessa tradição milenar, lançando luz sobre seus modelos femininos para entender os arquétipos da mentalidade humana. Clitemnestra, Fedra, Medeia, Electra, todas essas personagens teatrais simbolizavam, para Anne, a tragédia decorrente da insurreição feminina, a personificação de ideias perigosas à sociedade. “Enquanto os gregos iluminaram a feminilidade trágica, porém, os hebreus a lançaram nas sombras da História. Desse modo, a cultura ocidental manterá por milênios essa reputação da mulher como responsável pela Queda da humanidade. Na tradição judaico-cristã, ela sempre representará o conflito essencial do homem religioso: odiar aquilo que ama. E, ao mesmo tempo, desejar aquilo que odeia”, escreveu a estudante em seu caderno de História.

Nesse ponto, influenciada por interpretações culturais, a dissertação de Anne tomou um rumo inusitado, e seus filosofemas e suas divagações filosóficas ganharam contornos antropológicos. Essas peripécias intelectuais eram características de sua intensa fase estudantil. Em sua época de Gymnasium, seu raciocínio abstrato e sua memória enciclopédica estavam no auge, e sua aguda inteligência funcionava a pleno vapor. Sua base intelectual era sólida: havia sido uma

boa aluna em história, filosofia, psicologia, sociologia e também antropologia (fizera, inclusive, uma elogiada dissertação sobre Lévi-Strauss). Suas notas eram excelentes, e sua dedicação aos estudos era impecável. Mas ao adquirir precocemente sua independência intelectual, a estudante logo passou a expressar suas próprias opiniões com veemência. Após ter estudado diversas culturas, Anne acreditava na irrefutabilidade de certas verdades. Uma dessas verdades, pensava a estudante, afirma que todos nós somos reflexos de nosso tempo e de nossa cultura. Em seu modo de pensar, toda coletividade tem sua própria interpretação da realidade. Essa certeza incontestável levou Anne a acreditar que algumas coletividades interpretaram mal a realidade que viviam e agiram de acordo com suas falsas suposições. A crença arraigada das tradições patriarcais de que a mulher era pecaminosa não passava, segundo ela, de um grande equívoco cultural. O tirânico patriarcalismo, escreveu a estudante, estava por trás de todos os males da civilização. Por conta dele, as mulheres se submeteram à opressão dos esquemas masculinos e escravizaram-se aos seus padrões e modelos, inclusive estéticos. Anne concordava com as filósofas feministas nesse ponto, para quem os homens exploraram as mulheres, quando, logo no início da revolução industrial, elas foram absorvidas pelo nascente mercado de trabalho como alternativa à mão de obra escrava. Essa exploração masculina introduziu um tenebroso período de opressão e mediocridade para o gênero feminino. As mulheres foram arrancadas dos seus lares, obrigadas a trabalhar por um mísero salário e a se sustentar com migalhas, e foram convertidas em meras secretárias, gerentes ou operárias, cansando sua beleza e sua inteligência, perdendo sua atração e gerando filhos incapazes de serem afetivamente independentes, que se tornariam, mais tarde, os futuros líderes de uma humanidade claudicante, cada vez mais apegada às máquinas para executar tarefas tão simples quanto se comunicar ou sorrir. “A exclusão do diferente é o resultado da reação dos relativismos culturais à globalização da economia, e também uma prova de que as pessoas desconhecem que todo o planeta é um grande organismo vivo. E como todo organismo, ele tem seu lado luminoso e seu lado sombrio”, escreveu Anne. Em sua opinião, quando o terrorismo revelou ao mundo a vergonhosa faceta da humanidade, exibindo seu Mr. Hyde por tantos anos humilhado em seu porão escuro, os filósofos e cientistas finalmente abriram seus olhos para a realidade. A causa de toda essa loucura está na negação daquilo que existe de mais fundamental nos seres: cuidar, alimentar e amar. Os homens reclamam que, ao se emanciparem, as mulheres adquiriram os mesmos vícios cultivados por eles. Mas como poderia ser diferente? Que outros valores lhe restaram depois da destruição de sua base familiar e daquilo que mais amavam?

Anne, em sua opinião formada, desdenhava tudo o que era estritamente criação dos homens, uma vez que em suas invenções artificiais encontrava-se a negação dos valores femininos. Segundo a estudante, desde os gregos, os idealismos e as abstrações masculinas pouco contribuíram economicamente para a manutenção da *oikos*, como descobriu Xantipa. As mulheres sempre tiveram coisas mais práticas com que se preocupar. O realismo feminino sempre incomodou os homens. Por toda a evolução humana, as questões corporais foram uma constante preocupação. Afinal, existe algo mais concreto do que o corpo? “Enquanto Descartes confabulava a independência entre mente e corpo”, escreveu Anne, “seu organismo cartesiano estava lentamente definhando e se autodestruindo, seguindo seu ciclo de crescimento, maturidade e morte. Os homens esquecem que também são corpo. Ao negarem a realidade do corpo, os maus filósofos apenas incentivaram as pessoas a serem menos ativas e mais sedentárias. Procuraram doutrinar as pessoas e esqueceram-se de doutrinar a si mesmos. Se os religiosos praticassem mais esportes e mais amor, não se preocupariam tanto com a vida dos outros.”

Essa opinião antirreligiosa de Anne estava centrada em seu amor pelos esportes. Desde criança ela praticara esqui nas montanhas, fizera montanhismo, nadara e chegou até mesmo a atravessar os cantões suíços sobre o selim almofadado de uma bicicleta. Essa preferência esportiva influenciaria a escolha de seus futuros namorados. A filosofia, no entanto, sempre a perseguiu, apesar de sua relutância em discutir doutrinas com seus pares, algo que ela detestava fazer. Todos seus namorados, sem exceção, eram atraídos pela filosofia. Ainda que fossem esportivos e dinâmicos, eles possuíam um estranho dom para divagações metafísicas. Evidentemente era difícil ser um casal harmônico quando corpo e mente estão em duas realidades diferentes. Na flor da idade, Anne queria ter um filho. Queria oferecer a ele tudo o que não recebera dos pais na infância. Por outro lado, planejara ter esse rebento com um homem valoroso, um homem que fosse um melhor pai do que havia sido seu genitor. Desejava encontrar um homem incontaminado pela culpa cristã. Um homem que fosse mais amável do que punitivo ou autoritário. Essas expectativas, entretanto, começaram com o tempo a interferir em seus relacionamentos, criando um abismo intransponível para concretizar seus sonhos. A perspectiva de Anne era diferente da perspectiva de seus namorados. Enquanto eles se esforçavam para serem deuses olímpicos, ela tentava, por sua vez, convencê-los a serem bons pais de família. Essa diferença de visões, contudo, era irreconciliável, e o fracasso das relações de Anne estava ligeiramente vinculado à mesma forma de pensar que ela condenava nos doutrinadores.

Todo o pensamento de Anne pode ser resumido nessas combativas páginas de um caderno de História. Essas ideias serviram como guias pelos caminhos de sua juventude, do *Gymnasium* até o término de seu primeiro namoro. Mais tarde, ao fim de sua *prime of life*, viu todos os seus sonhos ruírem e caírem por terra, concomitante ao fracasso seus relacionamentos. E ela nem mesmo se deu ao trabalho de saber o que houve de errado. Era rebelde e impulsiva demais para suportar homens autoconfiantes em demasia. Sua própria impaciência era responsável por abortar suas relações ainda em seu início. Ela esperava demais de um projeto que exigia tempo, dedicação e, sobretudo, paciência. Frustrada por suas expectativas não realizadas, era natural que Anne se sentisse desmoralizada e um tanto pessimista em relação à sua situação existencial. Deixara, inclusive, de acreditar em muitas das coisas que defendera em sua adolescência.

Em sua época de estudante, porém, Anne ainda não vislumbrava o futuro que teria pela frente. Ao término de sua pesquisa ginásial, contudo, ela concluíra que todas as teorias morais idealizadas pelos homens malogravam em considerar o ponto de vista das mulheres sobre o assunto. Dos babilônios na Antiguidade aos muçulmanos na Idade Média, incluindo ainda os teólogos cristãos, até chegar aos psicólogos evolucionistas da Modernidade, os valores femininos foram excluídos dos sistemas filosóficos, acreditava Anne. Com isso menosprezou-se o amor e a compaixão como princípios universais, retirando da humanidade a delicada alma da Virgem (uma vez que, nessa época juvenil, embora não acreditasse em Deus, Anne aceitava o ideal cristão de uma mulher caridosa, impoluta e honesta). Por um lado, a jovem rejeitou a moral religiosa e o imperativo categórico como fundamentos para um comportamento ético civilizado. Em contrapartida, duvidava da eficácia da reciprocidade em um mundo extremamente competitivo, onde a política era um jogo, e as mulheres, como peões em um tabuleiro de xadrez, serviram apenas para serem sacrificadas como bodes expiatórios. Ao fim de um longo período de estudos, Anne refletiu na repressão sofrida pelas mulheres através dos séculos e chegou a uma importante constatação. Todos os livros que lera, todas as obras filosóficas e as opi-

niões dos autores consultados, segundo ela, apenas reforçaram o que já tinha em mente. As mulheres eram seres oprimidos, concluiu. Ao longo da história, elas tiveram seus direitos negados pelo poder masculino e pelas leis impostas pelos homens. Até o século vinte, elas não puderam votar, não possuíram voz ativa, não puderam protestar e nem lutar por seus direitos. Apesar de ter se passado tanto tempo após sua graduação ginásial, Anne ainda mantinha algumas de suas convicções de adolescente. Por essa razão, sempre que escutava alguém elogiar as “tradições dos antepassados” e sua opressão masculina, Anne ficava desconfiada. Quem agora, afinal, seguia as tradições? O que restaram das forças opressivas do passado? Admirar os sumérios por terem sido responsáveis pelo “Dawn of Conscience” do ser humano (como diria Dr. Carl inspirado no egiptólogo James Breasted) era um equívoco. O que restara desse grande feito dos nossos antepassados senão uma nostalgia por um estado mental mais sano em outras eras? Desse modo, ao perceber a influência de Dr. Carl naquele interesse de Antoine pelas antigas civilizações, Anne quis mudar de assunto. Primeiramente porque não gostava de discutir tais assuntos com os leigos. O que, afinal, sabiam eles da situação histórica das mulheres? O que sabia Antoine sobre a moralidade relativa dos tempos modernos? Ou sobre os valores perdidos e o niilismo do início do terceiro milênio? Em suma, toda aquela conversa seria inútil, ponderou a jovem. Além do mais, ela queria saborear sua sobremesa sem ter uma indigestão.

— Por que falar dos mesopotâmios? Não tem um assunto menos indigesto para falar durante o almoço? — disse Anne a Antoine, ao fim de sua reflexão. — Se quer falar de História, posso lhe dar uma aula do que aprendi no Gymnasium. Posso falar do Império Kushita e da língua meróitica, ou ainda das diferenças linguísticas e culturais entre o Talmud babilônico e o de Jerusalém. Posso citar também todos os meus trabalhos escolares sobre o Período Amarna egípcio, o papel dos druidas em Stonehenge, os costumes etruscos na pré-história romana, as inscrições indecifradas do Vale do Indo, o período Merovíngio e a Renascença Carolíngia e Macedônica na Alta Idade Média europeia, a importância comercial do Caminho da Seda em Bactria ou Samarcanda para o Império Kushan e a China da era Ming, ou ainda a relevância estratégica da Liga Iroquesa para os Estados Unidos nas Guerras dos Castores. Ou, quem sabe, você gostaria que eu abordasse todos os massacres históricos feitos em nome da liberdade?

— Está dizendo que toda a História é apenas uma luta pela liberdade? Isso inclui também a libertação da matéria?

— Cada um tem sua própria interpretação histórica da civilização. Apesar de Delacroix pintar a corajosa camponesa em *La Liberté guidant le peuple* como uma valente revolucionária de seios de fora, infelizmente foram os homens que escreveram os livros de História. Por isso as pessoas não sabem que sempre existiu uma luta por liberdade.

— Não somos hoje livres o suficiente? Somos tão livres que esquecemos a civilidade. Imagine o que pode acontecer se houver ainda mais liberdade.

— Todo nosso conhecimento histórico e nossa filosofia vieram de culturas patriarcais. A civilidade nos foi imposta. É natural assim que tenhamos esquecido o essencial. Percebe como as

mulheres são apenas sombras do passado? Não foram apenas os vencedores que escreveram a História, mas sobretudo os homens.

— Você se sente uma sombra?

— Que mulher não se sente uma sombra quando é a última a saber das novidades?

— Está dizendo que foi esquecida? Seus pais não sabem que está aqui em Büngzli?

— Não estou falando disso. Por toda a História o trabalho das mulheres foi desvalorizado. Quem se lembra das pensadoras neopitagóricas da época helenista no Egito, por exemplo? Ou da contribuição das pesquisadoras à matemática e às ciências? Ou mesmo das médicas da Salerno medieval, das promotoras dos salões iluministas ou ainda das sufragistas do século vinte?

— Puxa! — replicou Antoine, um tanto assustado por aquela súbita revelação dos conhecimentos históricos de Anne, encabulado. — Agora me senti um néscio historiológico. Desculpe se falei alguma besteira. Na verdade, sei pouca coisa do passado da humanidade.

— Devia saber. Descobriria que não somos apenas meras consumidoras compulsivas. Sem as mulheres, sabia muito bem Goethe, as ideias não frutificariam e nem os autores venderiam livros.

— Estou vendo que você se aprofundou mais no assunto do que eu — disse Antoine, olhando para os livros ao lado de Anne. — Nunca me interessei pela História além do aspecto religioso.

— A História tem muitas outras coisas interessantes além das religiões. Aliás, esse é o seu aspecto mais sombrio.

— Mais interessantes? O que pode ser mais interessante que a busca pela reunião com o cosmos?

— Estou vendo que você não sabe mesmo muita coisa do passado.

— Sei alguma coisa. Sei, por exemplo, que as pessoas viviam com medo. Tudo dava medo. Um trovão era uma manifestação da ira de Marduk. A noite era populada por seres de outro mundo. Deuses, demônios e bruxas estavam à solta, sempre prontos a trazer infortúnios e doenças

às pessoas, assim como más colheitas, pragas e inundações. As pessoas passavam fome, estavam sujeitas a todo tipo de doença, usavam roupas surradas e possuíam abrigos inadequados. Sem falar da sujeira das cidades e da ameaça constante dos estrangeiros. E, além disso, as pessoas ainda temiam as rigorosas leis do talião. Ou você se mantinha na linha, ou perdia olhos e dentes.

— Há quatro mil anos, as pessoas eram mais inocentes. Foi preciso esperar três mil anos para que os governos se preocupassem, enfim, com a educação de seus cidadãos para que as pessoas pudessem acreditar que os infortúnios tinham causas naturais e que as bruxas eram apenas mulheres mal-amadas.

— Então o medo era necessário para educar as pessoas?

— Um severo controle social imposto pelas autoridades evitava que os indivíduos fossem mais destrutivos do que são hoje. O temor às leis era necessário em tempos bárbaros.

— Como os tempos mudaram, não acha? Somos hoje mais livres, mas a criminalidade nunca foi tão alta. Posso falar isso porque vivi no Brasil. Uma vez me roubaram a bicicleta em plena luz do dia, enquanto eu nadava na lagoa. Ser livre para roubar também é liberdade. Sem falar de outras liberdades que presenciei. Em alguns lugares, as pessoas nem mesmo precisam seguir regras, sobretudo nos bastidores do poder. Em toda parte é um *toma lá da cá*. Hamurábi teria ficado satisfeito de viver nos trópicos. Olho por olho, dente por dente.

— A Lex Talionis não envolve apenas o princípio de retribuição, se quer saber. Conforme o Código babilônico, a punição devia ser tão grave quanto o crime. Daí a importância da proporcionalidade. Se alguém rouba uma maçã ou uma bicicleta, recebe a mesma pena.

— Mas não funciona assim na prática. Os menos favorecidos geralmente pagam por seus crimes, sobretudo se não tiverem um bom advogado. Assim são as coisas nos trópicos. O que é um *nonsense*. Por que um político condenado por corrupção deve ficar apenas alguns anos na cadeia, mesmo tendo prejudicado, por negligência, a vida de milhares de pessoas, enquanto um pobre coitado pagará boa parte de sua vida por um crime menor? Isso é justo? Não é à toa que as pessoas se revoltam e decidam fazer justiça com as próprias mãos.

— Há uma explicação para isso. Alguns costumes estão tão arraigados em nossa memória ancestral que não conseguimos nos desfazer deles. É o que chamo de *bad habits*. Ainda hoje as pessoas fazem justiça com as próprias mãos porque punir é uma atitude natural nos seres vivos, mesmos nos animais e insetos, e não apenas porque desconfiam das autoridades. Por outro lado, a punição tem um forte peso psicológico dentro da sociedade. Em muitos casos a proporcionalidade é excessiva. Em geral, desconhecemos a boa medida. Guilhotina, injeção letal, pelotão de fuzilamento: a sociedade inventou diversas maneiras de dar cabo de uma *persona*

non grata.

— Existem situações intoleráveis, você deve concordar. Os antigos deuses também se excederam em suas punições. Talvez o estilo babilônico de punir tenha algumas vantagens sobre os castigos mitológicos impostos pelos deuses aos homens, como ser girado eternamente no calor do Tártaro em uma roda em chamas ou ter o fígado comido pelas aves.

— Deixo os tormentos do inferno para os inimigos de Dante Alighieri. Pessoalmente prefiro a punição legal.

— Sério? Prefere perder sua liberdade?

— Nunca fomos realmente livres. Aprendemos a viver em cativeiro. Historicamente a falta de liberdade nos ensinou mais sobre a democracia do que a punição física, que apenas conduz à decadência moral. Violência apenas gera mais violência. Acredito que a prisão pode regenerar um indivíduo, embora muitas pessoas fiquem pior do que eram antes.

— Você falou em proporcionalidade. Com toda a nossa liberdade, somos muito mais violentos agora do que éramos antigamente. Será que nossas leis e sua falta de boa medida são realmente efetivas? Duvido que os babilônios tenham sido tão violentos quanto nós.

— Os assírios eram bem violentos, eu garanto. Como a Lex Talionis, a boa medida dos gregos nasceu dos excessos do uso da força. Os gregos, no entanto, descobriram que os castigos divinos não levam a nada. Um bom exemplo disso é o castigo de Ulisses impingido por Netuno, narrado por Homero na *Odisseia*. Como os babilônios, os gregos também acreditavam na força da moral do grupo, que consideravam divina. Eu compartilho essa crença.

— Prefere então ser julgada pelo grupo? Não acha que esse tipo de punição também tem seus extremos? Segundo consta, na Antiga Grécia os condenados eram obrigados a beber cicuta.

— Não é verdade. A pena capital era aplicada apenas em último caso, quando o acusado não aceitava outras penas. Existia a opção do exílio e do ostracismo, mas muito preferiam morrer a serem exilados. Eu teria escolhido a segunda opção. Viver longe do que amamos nos faz valorizar o essencial. E evita heroísmos e mártires.

— Você está nesta clínica para cumprir alguma espécie de penitência?

— Digamos que quero apenas esquecer coisas das quais até hoje me arrependo amargamente.

E que, obviamente, não vou contar a você.

— Eu posso contar a você o que me envergonha.

— Não preciso saber de suas intimidades.

— Não tem nada a ver com sexo. É algo mais sentimental. Você riria se eu contasse.

— Então conte, se vai fazer você feliz.

— Sou um desencantado.

— Bem-vindo ao clube.

— Dr. Carl abriu meu olhos para a realidade. Agora vejo tudo com mais nitidez, sabe? As coisas estão muito mais claras agora. Como fui tolo de me apaixonar por uma mulher que não me amava. Foi tudo uma mera ilusão. Ainda não a esqueci por completo, confesso. Mas, em breve, estarei livre de suas lembranças. E quando chegar esse momento, serei um homem mais feliz.

— Por toda a História os homens foram felizes ao esquecerem as mulheres. Toda a tradição ocidental está fundamentada no esquecimento, como disse Freud. A separação da mãe é o grande trauma da humanidade. E todos querem esquecer aquilo que é insuportável — disse Anne, em um tom pessimista.

Essa declaração de Anne fez Antoine ficar alguns segundos em silêncio, pensativo. Não esperava ter sua confissão convertida em um atestado de que o esquecimento era a causa de todo o mal da humanidade. Sentiu-se um pouco envergonhado de ter dito algo indelicado ou impensado. Desconhecia, porém, que os motivos para Anne estar internada em uma clínica de desmemorização eram muito parecidos com os seus. A jovem paciente também queria esquecer os homens de sua história. Ao contrário de Antoine, contudo, Anne guardava mais rancor do que vergonha de seu passado. Era uma espécie de Síndrome de Amargura.

— Confesso que não sei nada de História — disse Antoine, por fim. — Nunca achei que existissem coisas mais importantes do que a religião.

— O que é a religião senão uma compensação para a falta de justiça no mundo? — replicou Anne.

— Por que fala tanto em justiça? Você por acaso se sente injustiçada?

— Quem não se sente injustiçado?

Esse pessimismo de Anne com as leis não era recente. Na verdade, a jovem vivenciara, exatamente uma semana antes da chegada de Antoine, um pequeno infortúnio com as regras adotadas pela clínica do Dr. Carl. Devido a mais uma de suas explosões temperamentais, conhecia, portanto, a dor psíquica trazida pela exclusão do grupo. Não era fácil ser rejeitada por sua falta de controle. Ali, no próprio refeitório, almoçando com outros comensais, Anne arremessou sua bandeja ao chão, reagindo a um comentário de uma paciente. Essa violenta reação provocou não só um grande alvoroço entre os pacientes, mas também gritos contidos e perplexidade, além de uma porta arrebentada. Por conta da quebraadeira causada por sua explosão emocional, Anne seria obrigada, durante toda a semana, a fazer suas refeições no quarto, longe dos outros pacientes. Uma punição justificada, concordou a jovem. O que mais a envergonhou nisso tudo, porém, não foi seu próprio comportamento em público. Pela primeira vez desde sua chegada, ela se sentiu malquista e malvista pelos outros internos e descobriria o peso social de ser rejeitada pelo grupo. Uma pessoa cumpridora dos seus deveres e obrigações, Anne analisou sua atitude explosiva com um certo amargor. Sentiu naquele instante a contradição entre seus altos princípios morais e sua incontrolável natureza instintiva. Ao ser vista como uma fonte de embaraço para as outras pessoas, Anne julgou a si mesma uma inconveniente. Mas a punição real não veio com a exclusão da clínica e sim como um simples castigo.

Ao contrário das silenciosas regras do grupo, as normas de Búngzli eram bem claras em relação à disciplina. Dr. Carl era bastante enfático nesse ponto. Apesar das punições serem brandas, ele procurava preservar a harmonia e a tranquilidade da clínica impondo determinadas diretivas de comportamento (entre elas, não utilizar aparelhos eletrônicos ou comer chocolate). O diretor era intransigente em relação a manter o bom nome de sua clínica, que era reconhecida em todo o mundo como um refúgio paradisíaco para aqueles que buscam esquecer suas persistentes más lembranças e reaprenderem a ser felizes. E ele não podia tolerar que ninguém perturbasse essa imagem valorizada tanto comercial quanto profissionalmente. Afinal, a maior das consequências das explosões temperamentais de Anne era a mudança no clima emocional de Búngzli. O efeito maligno de sua geniosidade era facilmente notável nos pacientes e funcionários da clínica. Sempre que tinha um surto, ela suspeitava que todos a olhavam como se fosse uma aberração.

Após o desafortunado episódio da semana anterior, Anne passou a reconhecer melhor a desconfiança nos olhos dos pacientes e enfermeiros. Podia sentir que a temiam. Constatou, porém, que aquele clima negativo mais a incomodava do que a contentava. Desse modo, Anne decidiu parar de fazer cena. E já era hora. Não havia nada melhor do que sumir por algum tempo. Mesmo sendo apenas uma autopunição voluntária, contudo, a pena de Anne não seria considerada uma punição moral. Era apenas uma expiação de uma culpa detectada em si mesma. Assim como Ulisses aprendeu uma importante lição ao ser separado de Penélope e Telêmaco pelos caprichos de Netuno, Anne via nessa estoica decisão um resgate da boa medida

grega. Essa expiação, contudo, surtiu o resultado esperado. Para a felicidade de todos, a reclusão da jovem traria de volta a Büngzli a paz perdida. A ordem havia sido restaurada.

Relembrar o lamentável episódio da semana anterior deixou Anne um tanto ressentida. Enquanto saboreava sua sobremesa, ela chegou até mesmo a sentir um sabor levemente amargo em suas papilas gustativas. As recordações de sua reclusão autopunitiva ainda eram um pouco dolorosas para ela. Naquele instante, ao degustar a torta de maçã, sentiu em suas papilas uma nota ácida que não percebera no começo. Seria apenas uma mera impressão? Ou teriam utilizado os confeitheiros maçãs verdes na receita? Indagou-se ela, outra vez absorta em alguma reminiscência gustativa. Outra má lembrança infestou seus pensamentos trazendo lembranças terríveis de sua adolescência, época em que ela passara algum tempo em um internato. Anne preferia não pensar nem no pretérito distante, nem no pretérito recente. Sabia, porém, que sua prisão voluntária havia sido necessária. A medida, pensava ela, era uma forma de evitar um agravamento desnecessário em seu delicado estado de nervos. Desse modo, evitava as contingências do acaso e suas consequências fatais, que sempre lhe traziam uma incômoda ressaca moral. Por conta de suas explosões emocionais, a jovem paciente ainda não estava muito segura de si, e sentiu-se confusa. Estava lidando com uma força maior do que ela mesma, afinal. Era preciso, para lidar com essa *force majeure*, tomar precauções mais sérias.

Anne havia aprendido a lição. O explosivo episódio no refeitório havia lhe custado não apenas uma punição, mas também uma penitência. Ao final de seu isolamento de quarenta e oito horas, a jovem paciente insistiu em permanecer trancafiada em seu claustro particular, recusando-se a almoçar com os outros pacientes. Dr. Carl, estranhando aquele teimoso comportamento, solicitou a uma enfermeira que convidasse a paciente para participar da terapia de grupo das segundas-feiras. “*Leave me alone!*”, disse Anne em voz alta, imitando Greta Garbo, quando bateram à porta para chamá-la. O médico decidiu então deixá-la em seu quarto por mais algum tempo, considerando que Anne estava passando por mais uma terrível fase negra em seu inferno pessoal, e somente ela mesma saberia enfrentá-la da melhor maneira possível. Em sua sincera opinião, disse o diretor, a paciente devia encarar sua distímia como um inimigo personificado e corporificado, ou como um Enkidu, o adversário que os deuses sumérios aranjaram para conter a húbri de Gilgamesh. Ou, pior ainda, como o monstro Humbaba. Graças a essas manifestações monstruosas e admiráveis, era necessário praticar seu autocontrole com bastante dedicação. Somente assim Innana sairia do inferno.

— Por que estamos falando de leis, afinal? — interrompeu Antoine. — Não falávamos dos sumérios?

— Você disse agora há pouco que os babilônios não eram violentos. Eu discordo — disse Anne.
— No passado, as leis eram tão violentas quanto a violência que procuravam controlar. Não romantize demais as coisas.

— *Na Klar!* A fraqueza não era bem tolerada naqueles tempos. A sociedade precisava de guerreiros capazes de vencer o inimigo e não de criminosos mesquinhos.

— Bárbaros guerreiros, você quer dizer. Quando penso na barbárie perpetrada pela justiça primitiva desses povos, imagino uma cena de filme de horror repleta de zumbis sem braços, sem pernas, sem olhos e sem dentes. Violência apenas gera mais violência — repetiu ela, erguendo seus olhos do prato e encarando Antoine com firmeza.

— Às vezes os demônios podem ser mais poderosos do que nós. E nesse caso as leis humanas são incapazes de detê-los. São como uma praga de gafanhotos.

— Nesse ponto concordo com você. Afinal de contas, por que viemos parar nessa clínica, *n'est ce-pas*? Por que escolhemos ficar longe de tudo e de todos? Mas não creio que deixamos os demônios lá fora. Eles nos acompanham por toda parte. É como se tivéssemos saído de um inferno e entrado em outro.

— Por mais que nos refugiemos no fim do mundo, nunca estaremos inteiramente livres de nós mesmos, não é mesmo? Mesmo nas montanhas ou nos desertos, os santos reclamavam que eram perseguidos por seus demônios. Não há como escapar de algo que está dentro de nós.

— Algumas pessoas sabem controlá-los. Outras são totalmente incapazes disso. Na verdade, a maioria das pessoas é incapaz de resistir a uma tentação. Nosso mundo é demoníaco — disse Anne enquanto separava outro pedaço de torta.

— Estamos mais demoníacos agora. Tivemos, porém, tempos mais piós.

— Tempos em que as pessoas viam bruxas por toda parte, não acha?

— Tanto homens quanto mulheres possuem uma aversão natural à autoridade. Precisamos aprender a unir amor e respeito. Mas, sinceramente, acho uma tarefa impossível nas circunstâncias atuais. As leis são duras porque os seres são naturalmente inquietos e rebeldes. Livres, no entanto, os homens podem ser piores do que os animais. Rousseau entendeu tudo errado. Na natureza não existe bondade. É cada um por si.

— Mesmo quando as mães protegem seus filhotes? Você entendeu tudo errado. Rousseau falava da bondade natural das mulheres e não do bom selvagem. O contrário é correto: na sociedade não existe bondade. Essa é a lei da selva de pedra. Todos contra todos, sobretudo contra seus opostos. As pessoas desprezam o que não compreendem. Até hoje os homens veem as mulheres como seres das trevas. Por isso as culpam por seus infortúnios.

— Nossa natureza inferior sempre incomodou as pessoas — disse Antoine, animado pelo interesse de Anne. — No futuro, a ciência terá decifrado todos os fenômenos do universo, mas dificilmente compreenderá as profundezas da alma humana.

— E muito menos as mulheres. Sempre seremos vistas como seres infernais.

— As pessoas temem o que não conhecem. Nas antigas religiões, o inferior era tão respeitado quanto o superior. Por temer o diferente, todos deviam fazer suas honras. Por isso os sacerdotes e os reis respeitavam as sacerdotisas.

— Desde que não saíssem de sua caverna medonha e assustassem as pessoas com sua aparência diabólica.

— Você fala como se as mulheres tivessem uma atração oculta pelo demoníaco.

— Pessoas muito sensíveis são presas fáceis dos demônios. Por esse motivo, não deviam viver em sociedade.

— Por isso existiam tantas freiras na Idade Média. Era uma forma de manter as mulheres longe das tentações infernais.

— Dante não colocou os viciosos no Inferno por acaso. Desde a mais remota Antiguidade, o inferno simboliza a decadência humana. Os antigos faziam questão de se lembrar dos deuses que o habitavam. Li em algum lugar que, no final do inverno, os pagãos costumavam honrar os deuses infernais. Os invernos costumavam ser bem rigorosos no passado, e sobreviver a eles era um bom sinal. Muitas pessoas morriam de fome e de frio. Por isso acreditavam que o inferno abria suas portas nessa época do ano para receber os mortos e reviver os adormecidos.

— Talvez hoje morram mais pessoas no inverno do que no passado. Mesmo com tanta abundância de alimentos e conforto, as pessoas se sentem insatisfeitas, sozinhas e melancólicas. Para elas, as portas do inferno estão sempre abertas. Mais do que nunca deveríamos honrar as deusas infernais. Devemos a elas nossa indignação.

— Nunca deixamos de honrá-los. Temos muitos relatos bíblicos sobre sociedades decadentes, sociedades em que o Inferno era mais adorado do que o Céu. Para os sumérios, o inferno era o reino da Deusa Negra Ereshkigal, que eles chamavam de Kur, um lugar tenebroso e opressor, para onde iam os descrentes e os devotos pobremente enterrados.

— É preciso ser mais que uma *Überfrau* para resistir a tanta opressão. Para impressionarem as pessoas, as mulheres às vezes precisam ser um pouco infernais. Existe realmente algo de demoníaco no poder feminino, não acha?

— Em minha adolescência, fiquei muito impressionado ao ler sobre as deusas sumérias infernais — continuou Antoine, sem perceber o tom irônico de Anne. — Eu era bastante imaginativo, sabe? Lembro de ter tido pesadelos terríveis com Lamashtu, a devoradora de crianças. Assim como outras divindades infernais: Alû, Gallu, Lilith, Utukku, entre outras. Minha imaginação estava populada de deusas assustadoras.

— A imaginação masculina tem seus fantasmas primordiais. Entre eles a Mãe Negra, a mais terrível das mães. Aquela que vive em eterno combate com seus demônios.

— Meus pesadelos demoníacos afetaram profundamente minha infância. Eu era uma criança bem impressionável, sabe?

— Você parece ter ficado bastante impressionado com o imaginário dos sumérios — observou Anne. — Concordo que eles ainda possuem seu charme. E deixaram um importante legado para a história da demonologia. Associar as mulheres com os demônios foi um golpe magistral na autoestima feminina. Mas acredito que você teria ficado ainda mais impressionado se tivesse lido o *Dictionnaire Infernal* do De Plancy.

— Adolescentes em geral são impressionáveis — disse Antoine, e fez uma breve pausa antes de prosseguir. — Eu admirava toda aquela cultura antiquíssima em minha juventude. Todos esses povos mesopotâmios tinham uma mitologia bem intrigante. As deusas eram adoradas em sua forma mais expressiva, ou seja, como mulheres belas e ameaçadoras. Seus adoradores acreditavam fielmente que as sacerdotisas dos templos, por conta de sua magia íntima, tiveram um papel fundamental para aproximar o homem dos Céus e da Terra, que é, afinal, a fonte da vida e da eletricidade do mundo, e devia ser, dessa forma, respeitada e cultivada por todos que seguiam esse código de ética natural. Por estarem em contato com as forças ctônicas, essas sacerdotisas forneciam aos homens o poder necessário para que eles ascendessem ao Céus. Essa era, segundo os mesopotâmios, a maneira correta de “elevar o espírito”, como você mesma disse. Ao controlarmos nossa natureza inferior, evitamos nos preocupar com o certo ou com o errado.

— Magia íntima? — indagou Anne, estranhando o termo citado. — Não é engraçado como os homens sempre sonham com mulheres poderosas? É típico das fantasias masculinas. Não existem mais sacerdotisas, se quer saber. Suas últimas representantes tiveram o azar de viver em uma época que a Igreja seguia a mesma Lex Talionis que os babilônios legaram aos hebreus. Restaram assim apenas as bruxas medíocres, aquelas que vivem para incomodar as pessoas com seus demônios de estimação.

— O homem medieval não era muito diferente dos seus antepassados. Ele também vivia com medo. A diferença é que, na Idade Média, os trovões não eram mais símbolos da ira divina. Essa foi a grande vantagem de se esquecer Júpiter e os deuses olímpicos. Ganhamos um pouco mais de autoconfiança.

— O poder da natureza sempre fascinará os seres. Mas a natureza também tem suas falhas e defeitos. Por séculos a tendência humana ao pecado tirou o sono dos inquisidores.

— Você deve concordar que os fortes não toleram ver suas próprias fraquezas nos outros. Agora há pouco, quando peguei a colher no chão, estava pensando nisso. A lei da gravidade também tem suas falhas.

— Assim como as leis dos homens. Com a lei mosaica aprendemos que a força deve superar a sensibilidade e a diplomacia. Não se guia um povo no deserto com diálogo e adulação.

— *All we need is power* — retrucou Antoine, refazendo o verso da canção do Beatles. — Como a gravidade, o poder do amor tem suas desvantagens.

— Nisso eu concordo. Que efeito tem o amor frente ao poder da autoridade? Você deve ter ouvido falar do rapto de Prosérpina. Os gregos antigos aceitavam que o infernal é incontrolável. Não se pode parar uma frente fria ou um vulcão em erupção com orações.

— É realmente lamentável que tenhamos mudado tanto os paradigmas, exorcizando os demônios em vez de controlá-los. Dr. Carl acha que a decadência mental dos homens é consequência do esquecimento das deusas. Quando as sacerdotisas desapareceram, ele me disse, pouco a pouco sua profunda sensibilidade foi esquecida, e as sociedades mergulharam nas trevas do obscurantismo.

— Estou vendo que andou conversando bastante com seu médico. Ele também lhe disse que, quinhentos anos depois, com as forças ctônicas relegadas às alcovas, as herdeiras das sacerdotisas foram queimadas nas fogueiras e obrigadas então a viver às escondidas como criaturas da escuridão? Não acha esse um quadro desolador?

— E as deusas passaram a ser consideradas como entidades demoníacas, o que é realmente lamentável — disse Antoine, resignado. — Não é à toa que, nos tempos cristãos, as pessoas vissem bruxas por toda parte. E tivessem terríveis pesadelos.

— Seus pesadelos estão apenas expressando o medo natural dos homens pelas mulheres. As pessoas nunca vão entender as “forças ctônicas” — disse Anne e, com os dedos, traçou aspas

imaginárias no ar. — Nem todas as mulheres são más, se quer saber. Mesmo quando somos sedutoras e misteriosas estamos apenas seguindo nossa natureza. Mortícia, por exemplo, não é tão má quanto aparenta. O mesmo não posso falar dos homens.

— Existe uma verdade gnóstica nessa afirmação de que os homens são naturalmente maus. Os sumérios também acreditavam nesse fato abominável. Para eles, um mau homem era também um mau imitador de Tamuz, o deus das colheitas. Era um sujeito incapaz de se sustentar por si mesmo, inapto para plantar e colher seu próprio alimento. Um homem incapaz de amar. Quando os amoritas absorveram a cultura suméria, eles a adaptaram, com algumas modificações, aos seus costumes religiosos. E herdaram também seu conceito de justo e injusto.

— E um homem que não encarna Tamuz, pensavam eles, nunca verá as mulheres como Ishtar, certo? — indagou Anne, em um tom zombeteiro. — Li bastante sobre mitologia no ginásio, se quer saber. Aprendi muita coisa sobre a mentalidade masculina do passado. Para os antigos, os maus homens não sabiam cuidar nem preservar a natureza. E esses bárbaros não valorizavam a verdade porque, de fato, a ignoravam.

— De que vale um homem que não sabe cultivar sua terra e seu espírito? A mitologia suméria era realmente encantadora com seus deuses ctônicos e celestiais, e seus rituais de fertilidade e suas sacerdotisas, além de outras coisas bem curiosas, entre elas os loucos divinos e os possessos.

— Ah, então temos aqui mais um fã do *Exorcista*? — indagou Anne, em um imperceptível tom de surpresa.

— Nunca assisti, para falar a verdade. Mas estudei bastante sobre possessão demoníaca, um assunto que sempre me interessou desde a infância. Minha professora na escola primária dizia que eu era possuído. Ela até mesmo me apelidou de *besessen*. Pela primeira vez me senti alguém importante.

Anne apenas olhou Antoine, interrogativa. *Besessen*? Aquilo explicava muita coisa, julgou ela, sem saber que outros sentimentos se passavam na alma daquele *blue angel*. O jovem paciente, porém, aproveitou seu silêncio para deixar seus pensamentos alçarem voo. Tudo o que instigava sua eloquente imaginação despertava nele o desejo de voar para bem longe. Nesse instante, Antoine relembrou o que seu médico, exibindo conhecimentos tão avançados quanto ímpares, havia falado sobre os possessos da Antiguidade.

O episódio ocorrera alguns dias antes no consultório do médico, onde Antoine e o diretor de Búngzli se encontraram para mais uma entrevista. Assim que o enfermeiro saiu pela porta, Dr. Carl recebeu o paciente com a costumeira cordialidade profissional e pediu que ele se sentasse. Mais à vontade por conta das conversas anteriores, o jovem espatifou-se no sofá. Rodeado de

almofadas com desenhos inspirados no estilo Thanjavur, ele sentiu-se confortável naquele recinto em que móveis de madeira maciça, quadros com temas de mitos hindus e tapeçarias coloridas, ornamentadas com desenhos de mandalas, se combinavam com o design contemporânea da mobília do consultório. O médico não precisou perguntar como o paciente estava se sentindo, pois sua descontração era autoevidente. Como uma criança curiosa, Antoine ansiava por mais histórias, e Dr. Carl não o decepcionou. Assim que abriu a boca para iniciar mais uma de suas digressões, um clima nostálgico instalou-se no recinto, como se os dois interlocutores tivessem sido transportados para uma outra época histórica.

Nesse instante, como se estivesse na corte de um faraó no Egito Antigo, o gato do médico arregalou bem seus olhos, mirou seu dono e ficou em posição de guarda, sentado sobre as patas traseiras, relaxado e ereto com as orelhas apontadas para cima e para frente. Incontáveis outras vezes, naquela nobre posição, o bichano havia presenciado Dr. Carl falar apaixonadamente aos seus pacientes sobre o passado da humanidade e os males da modernidade. Como de praxe, o médico falou um pouco sobre o tratamento de desmemoriação aplicado em Bünzgli. Citou os benéficos efeitos iniciais do Mnemodetox e referiu-se às suas bases filosóficas, fortemente amparadas na tradição histórica da medicina.

Segundo ele, os estudos da mente iniciaram-se há cerca de cinco mil anos na Mesopotâmia, quando os médicos e curandeiros da Antiguidade, acostumados a tratar apenas os males físicos, constataram que existiam certas enfermidades que se restringiam apenas ao cérebro humano. Entre elas estava a epilepsia, uma anomalia considerada até hoje pelos pesquisadores como um fenômeno psicofísico inexplicável. “Como era muito comum na Antiguidade, tudo aquilo que não possuía uma explicação lógica estava associado a uma causa sobrenatural”, disse o médico. “Desse modo, as doenças neurológicas ou mentais foram relegadas pelos antigos ao domínio do sagrado, e as pessoas que padeciam desses males eram veneradas como favoritas dos deuses.” Os primeiros médicos, explicou Dr. Carl, ficaram fascinados pelos movimentos desordenados e a total perda das funções motoras dos epiléticos, e comodamente associaram a repentina crise a uma manifestação divina, ou seja, a um tipo de possessão espiritual. Assim como as belas mulheres eram as escolhidas de Vênus, continuou o médico, os possesores passaram a ser os preferidos de Dionísio. Para a medicina arcaica, esse favoritismo queria dizer que o indivíduo possesso possuía um contato mais próximo com a divindade do que o homem comum. Entre os antigos povos civilizados daquela distante época, explicou Dr. Carl a Antoine, os sumérios foram um dos primeiros a aceitar a possessão espiritual como uma forma de divinização do corpo, mostrando que a mente também é capaz de atuar na realidade física. Mas teria mesmo a mente alguma influência sobre o mundo real? Perguntariam os cientistas, dezenas de séculos depois do desaparecimento dos sumérios e seus *brain hacks*. Essa indagação, porém, permaneceu sem resposta, até o surgimento da neurociência.

Na opinião de Dr. Carl, a mente e o corpo agiam em conjunto, influenciando-se mutuamente. Ele acreditava que cada pessoa era capaz de modificar seus genes por meio de sentimentos como o amor, a compaixão e a fé. No entanto, em vez de injetar DNA modificado em alguma parte do corpo, visando alcançar algum gene-alvo, era necessário apenas enviar um comando mental aos nossos cromossomos para que essa transformação fosse possível. Segundo ele, a cura divina, que tanto intrigara os estudiosos e religiosos por milênios, era uma clara manifestação da psique atuando no físico, uma constatação que o médico chegara após estudar as antigas civilizações. Para os habitantes da Suméria (e para os babilônios alguns séculos depois deles), havia um limite muito estreito entre o reino do visível e do invisível, entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, descobriu Dr. Carl. E a ponte entre esses dois mundos estava na linguagem. “Os mesopotâmios”, prosseguiu ele, “acreditavam que todas as doenças do corpo e mente eram causadas por *gidims*, ou espíritos malignos que traziam enfermidades. Suas más influências eram responsáveis por adoecer primeiro a alma e depois o corpo. Para expulsar es-

ses incômodos invasores, os curandeiros entoavam encantamentos lidos em tabuletas de barro preenchidas de escrita cuneiforme, nas quais estavam gravadas orações a determinados deuses (ou demônios). Em voz alta, eles pediriam a bênção divina para livrar o enfermo dos espíritos invasores e, ao notarem alguma reação do enfermo, procederiam a um demorado processo de desintoxicação mental por meio de vocalizações em diferentes frequências e volumes. Por várias horas, eles repetiriam seus poderosos encantamentos, procurando penetrar na perturbada mente do paciente, quando então os hemisférios cerebrais do enfermo podiam ser ressinchronizados. As palavras, enquanto impressões poderosas, podem aproximar as pessoas do sagrado. E essa aproximação era bem-vinda pelo cérebro. Afinal, quem não gosta de afeto ou *lullabies*?”. Ao estimular a enfraquecida vontade do enfermo, disse o médico, os *ashipus* (ou sacerdotes exorcistas) buscavam incentivar o próprio corpo a se curar, forçando a mente a parar sua excessiva atividade e prestar mais atenção aos processos internos. Uma vez que o possuído soubesse lidar com as vozes de seu inconsciente e de seu *inner critic*, ele voltava novamente a observar a realidade com interesse renovado. Livre de seus maus pensamentos, o paciente recobrava, enfim, a lucidez perdida.

Historicamente, considerava o médico, esse método de exorcismo dos sumérios era uma primitiva forma de engenharia genética e *brain hack*. Essa técnica servira, inclusive, de inspiração para Dr. Carl elaborar o Mnemodetox (embora nesse método a consciência fosse despertada alquimicamente e não por meio de encantamentos). O médico considerava essa uma das maiores contribuições dos antigos à modernidade: fazer a consciência atuar no corpo. De fato, Dr. Carl possuía suas próprias teorias sobre a possessão. Em um artigo intitulado *The Psychopathology of the Monomaniacal Processes*, ele explica os riscos à saúde mental advindos dos efeitos prejudiciais da ativação contínua do eixo HPA (ou eixo hipotálamo-pituitária-adrenal) e suas consequências indiretas sobre todo o organismo como resultado da prolongada excitação na hipófise e na amígdala, e do aumento dos glicocorticoides na corrente sanguínea. Entre os riscos citados pelo médico estava, sobretudo, a monomania. No texto, direcionado tanto para os profissionais de saúde quanto para o público em geral, o neurocientista fala sobre os perigos da Rede de Modo Default do cérebro entrar em curto-circuito e analisa diversos casos notáveis de possessão demoníaca, inclusive de Anneliese Michel, a jovem epilética tratada como endemoniada pela Igreja, nos anos setenta do século vinte. Para o médico, cada pessoa possui sua própria medida da maldade. Cada sujeito, segundo ele, possui uma predisposição própria ao mal (ou para fazer mal a si mesmo). No entanto, o que é tóxico para um indivíduo, pode não ser tão prejudicial para outro. É aquilo o que os cientistas chamam de resiliência, escreve o médico. “Cada indivíduo reage de maneira distinta às pressões evolutivas. Às vezes uma simples rejeição ou um trauma afetivo pode provocar uma impressão ruim na memória, gerando más lembranças e disforia, disfunções que, inadequadamente tratadas, podem com o tempo se tornar uma indesejável monomania, de acordo com a gravidade do *inner critic* de cada indivíduo”, destacava o autor.

A possessão, escreve o neurocientista em seu artigo, é um exemplo extremo do que pode chegar a obsessão sem um tratamento adequado. No quinto século antes de Cristo, explica Dr. Carl, Hipócrates já reconhecia, em sua obra *Peri Hieris Noûsou*, que a epilepsia e outras doenças mentais possuíam causa natural e sua origem estava nos desequilíbrios químicos do corpo, alertando para os inescrupulosos que, aproveitando-se da situação, tentavam vender, por um alto preço, curas e tratamentos milagrosos para essas condições supostamente incuráveis. Ao final de seu artigo, o médico aproveitou para (como de costume) alfinetar as autoridades e seus colegas de profissão ao declarar que, por toda a história da psiquiatria, uma combinação fatal de farmacopéticos mal administrados, negligência médica e identificação incorreta de doença mental levou muitos enfermos à insanidade ou mesmo à morte. Acusava ainda as religiões de agirem equivocadamente como autoridades em saúde mental e ocuparem a função de sanitaristas psíquicos e caçadores de vampiros. Censurava a Igreja por incentivar a formação de exorcistas e a utilização do exorcismo como um método antiquado para salvar a alma dos

sujeitos com problemas mentais. Como demonstra a História, a melhor maneira encontrada pelos sacerdotes do passado para curar os enfermos da alma foi oferecê-los como sacrifício aos deuses. Para Dr. Carl, era inconcebível que, apesar dos avanços da ciência, as pessoas ainda acreditassem que existiam espíritos ruins que se apossavam das almas mais sensíveis e as obrigavam a agir de maneira incompreensível. Tais crenças primitivas e obsoletas, escreveu o médico, não foram capazes de impedir as tragédias do passado, e nem seriam capazes de evitar outras tragédias no futuro. Por fim, concluía o autor do artigo, os agressivos métodos empregados pelos padres não eram mais eficazes para tratar doenças psíquicas. Há milhares de anos, os egípcios e sumérios sabiam que era preciso ser mais gentis com aqueles que sofriam de monomania, uma disfunção muito comum em pessoas excessivamente religiosas ou sem qualquer tipo de fé. Mas demoraria séculos, explicou o diretor, para que a medicina reconhecesse a importância do afeto na saúde mental, e constatar que ele é capaz de alterar de maneira muito sutil nossos genes.

Na opinião do Dr. Carl, ao atuarem na psique humana, as primitivas técnicas neurocientíficas utilizadas pelos curandeiros da Suméria para editar um genoma defeituoso eram tratamentos eficientes para muitos casos de obsessão maníaca. Por meio de comandos e encantos, o propósito dessas técnicas era desviar a atenção do enfermo de si mesmo para que assim voltasse a se atualizar com sua realidade, relaxando um pouco o seu tormento interior. Essa era, segundo Dr. Carl, uma forma eficaz de dominar uma mente descontrolada pela monomania e seus nocivos efeitos fisiológicos. Mas os sumérios, frisoou o médico, foram além da mera reprogramação mental para resolver casos de obsessão maníaca. Exercitando uma forma mais avançada de xamanismo, eles procuravam, em seus antiquíssimos rituais e práticas, combinar não apenas cores, sons e aromas, com a intenção de atuar nos sentidos do possesso, distraíndo-o de seu massacrante *inner critic*, mas também afetar sua psique transtornada e despertar sua consciência. Nos documentos sumérios, disse Dr. Carl, as invocações e preces, escritas em um tom mais severo e ameaçador, rogam aos deuses para expelirem os demônios que invadiam os corpos de suas vítimas. A descoberta dessas descrições impressionaram os estudiosos. No século dezoito, ao examinarem os documentos desencavados pelos arqueólogos das ruínas do Iraque e traduzidos pelos assiriologistas, os cientistas constataram que os encantamentos mágicos dos sumérios haviam sido utilizados também por outras civilizações da Idade do Bronze. Egípcios, chineses, hindus e hebreus, todos esses povos desenvolveram suas próprias técnicas para tratar seus possessos. Copiados e recopiados por gerações e gerações de escribas, os rituais de exorcismo dos mesopotâmios sobreviveram aos tempos, adaptando-se às diferentes religiões e influenciando diversas outras culturas.

O impacto da magia suméria espalhará-se por todo o Oriente Médio, disse o médico. Para Dr. Carl, essas práticas eram evidências importantes do conhecimento dos antigos sobre o relacionamento entre o genoma e a psique humana. Segundo ele, as invocações divinas dos curandeiros sumérios eram uma tipo de sugestão hipnótica associada à reinicialização mental, e sua prática contínua exibia o avançado conhecimento científico daqueles povos. “Os antigos reconheciam o poder do inconsciente, ou seja, das memórias que estão guardadas nas áreas mais profundas de nosso cérebro. Aquilo que hoje chamamos de Inferno da Mente”, disse o médico em um tom admirado. “Sabiam, inclusive, que o mal reside no próprio homem.” Ao relatar todas essas histórias, Dr. Carl demonstrava um entusiasmo contagiante, que não passou despercebido ao seu paciente. Considerando-se um renovador de uma antiga tradição, ele reputava o Mnemodetox como um resgate de práticas milenares. Um verdadeiro achado, dizia ele. Estarrecido por todas aquelas palavras, pouco usuais mas oportunas, Antoine não escondeu seu prazer de escutar o espirituoso diretor falar sobre coisas tão distantes. Estava abismado. Então os demônios estavam dentro de nós?

De fato, absorvido nas palavras do Dr. Carl, Antoine acompanhava tudo com redobrada aten-

ção. Ele mal percebera que, durante a conversa, o gato havia voltado a dormir tranquilamente no tapete. O assunto não parecia interessá-lo. Antoine, em contrapartida, sentiu-se iluminado. Há muito tempo o jovem paciente não tinha uma conversa tão esclarecedora. Todo aquele assunto o interessava bastante. Queria assimilar todos aqueles valiosos ensinamentos em sua fraca memória, da melhor forma possível. A neurociência dos povos antigos fascinava Dr. Carl, e Antoine também compartilhava desse mesmo fascínio. Diante do interesse do paciente, a digressão do especialista ganhou assim a forma de uma palestra histórica sobre a trajetória da medicina e dos segredos antigos através dos tempos, oferecendo-lhe de passagem um generoso acréscimo de informações esotéricas, todas elas hermeticamente interpretadas.

Para explicar a origem histórica da ignorância dos homens sobre a natureza humana, o médico contou então um pouco da evolução da medicina através dos tempos. Segundo ele, o desaparecimento do avançado conhecimento dos sumérios dos anais da História teve uma grande repercussão na medicina ocidental, uma ocorrência que lançou o Ocidente em uma Segunda Idade das Trevas. Tudo o que os antigos mesopotâmios sabiam sobre a mente e o corpo ficaram soterrados sob os escombros da Biblioteca de Nínive. No obscurantismo sobre o corpo humano que durou até o fim da Idade Média (mesmo com o *revival* empreendido pela Escola Médica Salernitana) estava, segundo Dr. Carl, a origem de todos os males da civilização ocidental. A péssima saúde mental do sujeito pós-moderno devia-se ao seu esquecimento da importância dos afetos para a reprogramação mental, do abandono da animalidade sagrada e suas manifestações inconscientes, entre elas os sonhos, considerados muito importantes para os antigos povos. Em seu curso através das eras, a medicina viu, por conta da ignorância histórica do homem medieval, o corpo humano ser tratado separadamente da psique. Uma vez que, no final dos tempos, somente a alma seria salva, o corpo não devia ser levado tão a sério. Esse descaso persistiu com os renascentistas, embora a mente passe a se tornar tão importante quanto a alma. Com a Modernidade, no entanto, a mente humana sofreu também uma revolução. Em nenhuma outra fase histórica, disse Dr. Carl, existiram tantas teorias e formas de pensar o mundo. Os medos inconscientes apoderaram-se da realidade, gerando um pânico global e levando assim a uma tremenda confusão global.

Como um rebento de uma geração inconformada com a irresponsável revolução *hipster* do século vinte, Dr. Carl era contra todos as metodologias empregadas pelos sociólogos, psicólogos e psiquiatras de sua época, todos eles discípulos de Rousseau e adeptos de uma pedagogia que pretendia trazer, segundo os comentaristas, os jovens de volta “à inocência de que foram cruelmente arrancados por uma ordem social doente”. Em sua opinião, a genuína revolução mental ainda estava por vir, uma revolução que incluísse também o Sensível e não apenas a Razão. Explicou que, influenciado pelas descobertas dos médicos mesopotâmios, elaborara o Mnemodetox como uma ciência do inconsciente. Um entusiasta dessa antiga ciência, o médico afirmou que o objetivo de seu método era efetuar uma verdadeira transformação na mente de seus pacientes. Para ele, lamentavelmente, após a decadência trazida pela tecnologia química, a secreta arte da alquimia da alma, desenvolvida pelos sumérios com suas explorações do inconsciente, era a única alternativa para o sujeito pós-moderno. Apegados unicamente à razão e destituído de qualquer fé, esse indivíduo insone e confuso perdeu todo o amor pela beleza e pela vida. Era necessário redescobrir a magia da existência humana, com todos os seus nobres sentimentos e prazeres estéticos. Como um apreciador das artes e ciências dos antepassados, Dr. Carl defendia um retorno à magia como um meio de se alcançar um estado superior de consciência. Em sua opinião, o nível de atenção das pessoas estava cada vez mais baixo.

Para o médico, o progresso científico havia sido uma involução no desenvolvimento da consciência humana, uma vez que, ao mergulhar nossa atenção no lamaçal das distrações químicas e eletrônicas, as pessoas se esqueceram de si mesmas e substituíram os modelos valiosos da História pelos modelos duvidosos da Propaganda. Referiu-se aos grandes homens e mulheres da Antiguidade, idolatrados como exemplos de justiça e coragem, e criticou os modernos pela sua adoção de modelos vazios. Explicou que o principal motivo por não enxergarmos a realidade como mágica, segundo ele, estava na visão dualista do cosmos adotado pelos cartesianos, uma visão aceita como paradigma depois que os filósofos ridicularizaram os mitos e metanarrativas, e abandonaram seus *role models*. O resultado disso foi a desvalorização dos papéis tradicionais do homem e da mulher, com sua substituição por modelos frágeis e superficiais, sem qualquer *epistemic trust*. Os ídolos de Hollywood passaram assim a ser mais importantes do que os heróis de verdade. Confiamos apenas naquilo que Francis Bacon denominou de *Idola Tribus*. Multiplicaram-se assim as crenças infundadas, espalhando as superstições. E aconteceu, enfim, o que Platão previra há mais de dois mil anos atrás. Vivíamos, segundo o médico, em uma época de sombras, em que figurantes e atores ruins atuavam em um palco às escuras, um tempo em que os ídolos e falsas noções estavam profundamente enraizados na mente humana.

Ao perceber que Antoine estava atento à sua palestra, Dr. Carl citou a idolatria como um estágio necessário no desenvolvimento da humanidade, e associou o esquecimento de nosso potencial divino ao declínio dos ídolos. A civilização industrial consumista, segundo ele, objetificara o sagrado e enaltecera o super-homem, graças à visão dualista da ciência, que substituiu a visão monoteísta da religião. Mas esse modelo antropocêntrico criado pela ciência era vulnerável demais para evoluir espiritualmente. O médico fez uma digressão histórica para falar da decadência do paganismo, da Queda do Império Romano e do surgimento do cristianismo. Ele considerava o pensamento cristão e seu idealismo por um mundo perfeito livre dos pecados da carne e do erro humano como o grande responsável pela idolatria da máquina na Modernidade. “Sonhar com um mundo ideal é ignorar que os humanos são imperfeitos por natureza. E a tecnologia apenas acentuou nossas imperfeições. A fraqueza inerente ao sujeito pós-moderno provocou sua dependência da tecnologia e das ideologias. Pior do que tudo isso, porém, é que estamos imitando os modelos errados.” Com o avanço das ciências e o descrédito dos filósofos na fé, homens e mulheres se apearam, segundo ele, a ídolos e ideias vazias.

Dr. Carl opunha-se fervorosamente a qualquer tipo de ideologia. Segundo ele, o advento do pensamento ideológico vulgarizou o sagrado com seus paradigmas. O idealismo religioso e os ideais científicos, costumava afirmar o médico, apenas criaram ilusões. No século vinte, explicou ele, as utopias demonstraram a fragilidade das ideologias e suas desastrosas consequências sobre a vida de milhões de pessoas. O sujeito pós-moderno, acostumado a ver o mundo pela ótica da ciência, ficou sem rumo, perdido em uma realidade destituída de significado. “A ciência”, disse o médico, “nunca encontrará o sentido da vida em um laboratório. O ser humano não é apenas um amontoado de células e moléculas, ou um corpo que apenas serve para mover peças em uma linha de produção. Há muito ainda a ser aprendido pelos cientistas além do código genético e dos sinais extraterrestres”. Segundo Dr. Carl, a vida somente podia ser compreendida ao ser vivenciada. Uma teoria que explique a vida, disse ele, é inútil se não tiver um sentido. Embora tenha refletido muito sobre o propósito da evolução das espécies, Darwin

nunca chegou a nenhuma conclusão, acrescentou o médico. E afirmou que, por possuir seu próprio ritmo e sua própria verdade, cada pessoa deve descobrir por si mesmo o que tem guardado em seu tesouro mnemônico. Por desconsiderar o relógio biológico de cada indivíduo, a sociedade tecnológica fez com que o número de doentes mentais aumentasse drasticamente. E a cura para essa situação crítica, disse o médico, depende apenas do próprio enfermo. Somente ele sabe o que lhe faz bem. Para alcançar tal objetivo, contudo, é preciso uma abordagem não científica, salientou Dr. Carl. “Há milhares de anos, os antigos sabiam que era preciso extrair a cura do próprio doente, analisando seus sonhos”, explicou o médico. “O sujeito moderno, entretanto, deixou de sonhar. E quando deixamos de sonhar, qualquer situação ruim se torna um pesadelo.” Essa última frase, pronunciada com um certo ardor, chamou a atenção de Antoine. Esses *pesadelos* o jovem paciente conhecia bem. Estaria o médico se referindo a ele?

No *intermezzo* da conversa, Antoine quis saber porque a vida moderna havia se tornado insuportável, e Dr. Carl explicou a ele com prazer. Por conta da vulnerabilidade de sua mente humana, disse o médico, todos nós fomos iludidos pelas promessas do mercado e, desviando-nos de nosso curso natural, terminamos nos afastando do espírito. Contaminados pelo sistema babilônico da modernidade, acrescentou Dr. Carl, ganhamos o mundo e perdemos nossa alma. “Fama, sucesso, dinheiro, prazeres, poder, todas essas coisas apenas nos tornaram escravos. Todos nós sabemos os males causados pela sociedade moderna, mas não conseguimos nos libertar facilmente de suas tentações.” Existia, porém, uma saída, afirmou ele.

Por toda a História, disse Dr. Carl, homens e mulheres procuraram diversas maneiras de se aproximar de seus deuses. Uma dessas maneiras, segundo o médico, era abandonar nossos padrões culturais decadentes. “Cremos hoje que o sacrifício é abrir mão de algo valioso, em troca de algo mais valioso ainda. Mas o verdadeiro sacrifício”, salientou o médico, “é aquele que nos aproxima do divino, aquilo que os antigos hebreus chamavam de *Korban*. Afastados do divino pelas ilusões modernas, agora é preciso nos reaproximarmos dele para retornar ao paraíso perdido”. A alma, reconheciam os antigos, é o que existe de mais essencial no ser humano, afirmou Dr. Carl. E sem contato com sua essência, concluiu ele, é natural que as pessoas se sintam vazias e terminem por fundamentar sua identidade apenas naquilo que aparentam ser, ou seja, uma ilusão.

O médico contou então a Antoine o caso de um paciente suíço de Frauenfeld chamado Mattia Büchli. Um conquistador de corações na juventude, Büchli recusou uma a uma as mulheres que se renderam aos seus encantos masculinos, muitas delas de apreciável beleza e graça. Modelos de capa de revista, apresentadoras de canais meteorológicos, beldades da alta sociedade, nenhuma delas o agradava. Nas palavras do suíço (ao comentar seu status de *bachelor*), nenhuma das garotas que conhecera atendia aos seus minuciosos padrões estéticos. Assíduo leitor de revistas masculinas, ele julgava a beleza feminina pelo padrão do mercado. Para o exigente Büchli, nenhuma delas tinha o rosto de uma *sex symbol* ou o pé suficientemente bonito para se tornar sua esposa. Um amante das corridas de Fórmula E, do esquí em Oberwangen, das *demi-marathons* pelos Alpes e também dos membros inferiores femininos, ele procurava uma mulher que possuísse pés tão formosos quanto os de uma estátua grega (e que, se possível, coubessem nos sapatinhos vermelhos de Dorothy, a personagem vivida por Judy Garland no *The Wizard of Oz*). O suíço, porém, chegaria à meia-idade sem encontrar o objeto de seus mais íntimos desejos, um descontentamento que assumiria dimensões incontroláveis. Frustrado por não encontrar seu par perfeito, Mattia Büchli passou a notar defeito em todas as mu-

lheres que via pela frente, o que lhe renderia mais tarde alguns assombrosos pesadelos. Desgostava de seu jeito de vestir, de seu apego às modas e às suas tatuagens, e passou então a ver fealdade em todo e qualquer representante do gênero feminino, uma impressão que, aos poucos, se tornaria uma obsessão. Diante de qualquer mulher, o suíço imediatamente reconhecia uma manifestação demoníaca. Por onde quer que fosse, Büchli imaginava-se perseguido pela grotesca personificação de uma bruxa, uma figura malévola que, com suas garras e dentes afiados, ameaçava comê-lo vivo a todo momento. A princípio, fugia assustado dessa presença imaginária. Procurou de várias maneiras ignorar aquela criatura das trevas, ou até mesmo se disfarçar para não ser reconhecido, andando sempre de óculos escuros pelas ruas. Com o tempo, entretanto, o funesto aspecto dessa aparição aterradora passou a oprimi-lo. O desencantado suíço parecia ver Margaret Hamilton personificando a Bruxa Malvada do Oeste (ainda que não usasse sua mal-acabada e grotesca máscara verde), ostentando um grande e horrendo nariz no rosto, dentes tortos e pés retorcidos, que lhe davam um aspecto aterrorizante. Por onde quer que andasse ou esquiasse, uma voz interior sempre alertava o suíço para os perigos de encontrar aquela mulher terrível. Essa voz, subitamente saída de algum canto obscuro, causava-lhe imenso pânico. Desse modo, Büchli temia a toda hora se defrontar com a manifestação de seus piores terrores psicológicos. Amedrontado por essa arrepiante possibilidade, o suíço fechou-se em casa, temendo cruzar nas ruas com a mais hedionda encarnação de seus pesadelos. Encerrado em seu quarto, sem ver a luz do sol e respirar o ar puro das montanhas, ele passou a se sentir um tanto deprimido. A prolongada reclusão apenas piorou as coisas. Mesmo ao abrigo dessa aparição fantasmagórica, uma voz lhe importunava dia e noite, ameaçando-o com suas fantasias medonhas. Incapaz de controlar essas vozes sinistras, que não cansavam de alarmá-lo do perigo, dizendo que a bruxa o vigiava todo o tempo. O suíço entrou em pânico, recusando-se a sair de seu quarto até mesmo para esquiar ou fazer seu *jogging* diário, abstando-se daquilo que mais gostava de fazer. A vida perdeu assim o seu significado. Embora recluso em seus aposentos, protegido dos perigos externos, o suíço sonhava à noite que era perseguido por um demônio em forma feminina. Em seus sonhos, esse ser medonho o assaltava dos cantos mais improváveis, multiplicado em número e em grau de horror. Coube aos seus parentes, preocupados com o estado de saúde de Büchli, arrancá-lo à força de seu isolamento sepulcral, para que pudesse ser adequadamente tratado. Sua condição era lamentável. Internado então em um hospital psiquiátrico, um especialista o examinou em um rápido exame e recomendou, como tratamento para sua paranoia, a amnésia programada, um procedimento considerado eficiente para esses casos. Transferido para Bünzli a pedido da família, o suíço deu entrada no pronto-socorro em um lastimável estado de prostração, exibindo uma avançada misantropia e uma aguda misoginia. Conversava pouco e evitava qualquer contato com pessoas, sobretudo com mulheres. Mal comia direito, uma vez que tinha medo de ir até o refeitório. Dr. Carl orientou seus ajudantes a removerem da memória do paciente as lembranças ligadas ao seu nascimento. A melhora veio após sua primeira sessão de Mnemodetox, que conseguira aquietar um pouco seus desgovernados pensamentos reptilianos. Após o procedimento clínico, o suíço dormiu doze horas seguidas e acordou uma nova pessoa.

Nada que uma boa noite de sono não faça aos neurônios, diria Dr. Carl. O resultado foi iluminador para Mattia Büchli. Assim que despertou, ele revelou ao seu médico, em sua consulta pós-operatória, ter descoberto finalmente, graças à expansão de sua consciência, como podia se livrar de seus terrores e medos ocultos. Era um achado. Uma luz havia brilhado na escuridão, disse o paciente a Dr. Carl.

Por meio de uma revelação mística, Büchli havia finalmente encontrado a cura para sua própria enfermidade. Estava livre de seus temores. E havia também se libertado de suas compulsões. Não expressou, contudo, sua grande descoberta. Agradeceu ao médico pela iluminação e, após ganhar alta, seguiu sua vida. De volta ao seu lar, prosseguiu Dr. Carl em seu relato, o suíço renascido decidiu então mudar radicalmente todo o seu guarda-roupa. Retirou dele todas as roupas masculinas (exceto camisas e bermudas) e fez uma enorme compra de roupas femini-

nas para renová-lo. Adquiriu também sapatos, bolsas, chapéus e tudo aquilo que rechearia o *closet* de uma atriz de teatro, inclusive maquiagens e brincos. A esse entusiasmo consumista, ele passou a experimentar todas as novas roupas e sapatos adquiridos, combinou diversas cores até encontrar aquelas que se adequassem ao seu exigente gosto. Por fim, satisfeito com sua escolha, vestiu-se com a mais bonita combinação de trajes. Nesse mesmo dia, Büchli saíria às ruas disfarçado como uma elegante mulher. Qualquer um que o visse andar pelas ruas em seu disfarce se convenceria de que estava diante da mais fina representante do gênero feminino. Maquiado e perfumado, o suíço exibia uma notável leveza e delicadeza nos movimentos de seus quadris. Imitava os gestos mais sutis com perfeição. Caminhando pelas vias públicas, ele demonstraria sua transformação até nos mínimos detalhes, altivo e atento. Movia-se com elegância, pisando cuidadosamente na calçada com seus saltos altos e coordenando pernas e braços com harmonia ao segurar sua bolsa. Seus gestos eram inconfundivelmente femininos. Sua maquiagem era impecável e seu jeito de se vestir enganaria qualquer cidadão ou cidadã. Deixou até mesmo os cabelos crescerem e passou a frequentar os salões de beleza para mantê-los sempre bem tratados e penteados. Assim disfarçado, ele acreditava que a bruxa perseguidora não mais o reconheceria na pele de uma mulher. E essa medida deu resultado. Da noite para o dia, a voz que o atazanava parou de importuná-lo e alertá-lo dos perigos iminentes, e subitamente silenciou. Essa repentina melhora teve uma benéfica mudança comportamental no suíço. Büchli sentia-se agora mais seguro ao andar pelas calçadas. Respirava mais aliviado e movia seus quadris com mais desenvoltura. Seus medos retrocederam para as regiões mais remotas de seu cérebro primitivo e ele redescobriu o mundo. A vida voltara a lhe sorrir.

Desse dia em diante, o suíço saíria às ruas sempre em trajes femininos (ainda que, em casa, permanecesse vestido em suas roupas masculinas habituais: camiseta branca, bermudas e sandálias). Na nova indumentária, ele costumava visitar Zurique para fazer compras nas lojas de griffe em Bahnhofstrasse, na Kirchgasse e na Seestrasse, e ir aos salões de beleza para frequentar uma pedicure (para fazer as unhas de seus bem cuidados pés). Sempre comia em lugares que exalavam tanto bom gosto quanto o refeitório de Büngzli (do qual ainda se lembrava com *Heimat*). Essa transformação restaurou o ânimo perdido de Büchli, e o suíço perdeu seus medos e inseguranças. A nova fase lhe trouxe um *Wiedergeburt*, e ele se juntou ao time dos renascidos. Em pouco tempo, sem a presença da antiga voz imaginária para importuná-lo, Mattia Büchli voltou a sair de casa em trajes masculinos e a praticar as atividades que mais gostava. Estava evidentemente curado. Encontrara em si mesmo o poder feminino que nunca presenciou nas mulheres. Durante toda a sua vida ele havia sido iludido por sua visão masculina da realidade, e agora descobrira que existiam outras maneiras de perceber o mundo.

Ao desvelar sua feminilidade, disse o médico a Antoine, o suíço passou assim a entender melhor sua própria masculinidade. Dr. Carl explicou essa complementação do positivo com o negativo a uma necessidade universal dos indivíduos de buscarem sua sanidade mental da melhor maneira possível, agindo de acordo com a sabedoria do seu próprio corpo. Ao despertar seu potencial divino, Mattia Büchli redescobriu sua sanidade e sua integridade. Livre de seus demônios (e cansado dos rituais de beleza femininos), voltou a se trajar como um cavalheiro e se reintegrou à sociedade como um cidadão *straight* e respeitável. De vez em quando, no entanto, vestia-se como mulher na intimidade de seu lar para matar a saudade de sua velha loucura. Apenas por nostalgia, confessou ele ao médico, em um encontro que tiveram algum tempo depois nas montanhas Dolomitas.

— Ao despertar seu lado feminino — disse Dr. Carl a Antoine —, Büchli adotou um outro ponto de vista da realidade, uma perspectiva menos racional e mais sensível, e passou a ver o mundo por um outro ângulo de visão. Talvez ele não tenha gostado de constatar que algumas mulheres são escravas de sua beleza, enquanto outras fazem pouco-caso dela ou até mesmo a abominam. Mas essa revelação só foi possível quando o paciente abandonou seus padrões culturais.

Assim que deixamos de lado nossa programação mental, lembramos que existem coisas mais importantes do que manter as aparências.

— Não compreendo — interrompeu Antoine. — Você acabou de dizer que é preciso abrir mão de nosso passado e esquecer as más lembranças para nos purificar, mas afirma, ao mesmo tempo, que precisamos nos lembrar. Devemos esquecer ou lembrar?

— A genética às vezes é uma loteria, *mein Bub*. Diferente dos polvos, a maioria dos seres humanos não são mais capazes de editar conscientemente seu DNA. O que os yogues do passado fizeram com suas técnicas respiratórias e mentais ao controlar seu destino e renunciar à sua mente, o sujeito pós-moderno é incapaz de empreender, devido à sua falta de intimidade com o corpo. Somos incapazes de agir de acordo com nossos genes. Com o advento da civilização moderna, nós perdemos nossa espontaneidade. Freud estava certo ao dizer que a repressão dos instintos era, em sua época, a maior causa das doenças mentais. Quando o indivíduo escolhe um caminho que vai contra sua natureza, um caminho que conflita com seu DNA, ele próprio sofre as consequências físicas dessa decisão, entre elas a infertilidade e as desordens genéticas. Os antigos aprenderam a obedecer à disciplina tradicional codificada em seus genes, aquilo que os hindus chamam de *parambaya maryada*. Essa obediência aos princípios impregnados em nosso código genético ajudou os humanoides a evoluírem na escala animal. Mas, por conta de todos os abusos da civilização, o cérebro humano se tornou cada vez mais não-determinístico, ou seja, mais caótico. Não podemos prever o que acontecerá dentro de segundos e nem mesmo dentro de séculos. Nosso movimento mental incessante nos impede de refletir e contemplar. Nossos pensamentos nunca param. Temos centenas deles em um único dia. Há milênios, já afirmavam os hindus: a mente é o maior desafio do homem. Costumo comparar o cérebro a uma espécie de *software*, um mecanismo mental em constante atividade. A função da mente é pensar, calcular, prever e organizar. Todas essas funcionalidades são necessárias para que nosso organismo opere de maneira adequada no cotidiano. Repetindo esses padrões, dia após o dia, nos tornamos mais experientes e mais produtivos. A repetição ajuda em nosso processo de aprendizagem. Somos seres imitativos. Pensamos por conta de nossa própria natureza mimética. O cérebro é um repetidor de informações, constantemente digerindo-as e memorizando-as. Existem, no entanto, pensamentos cômodos e incômodos, aos quais denomino de más lembranças, que atrapalham o funcionamento normal do cérebro. São essas lembranças que devem ser tratadas para que alcancemos nossa divindade.

— A mente então impede que nos tornemos mais divinos, é isso?

— Não é tão simples assim, *mein lieber*. A mente é muito mais complexa do que imaginam os neurocientistas. Devemos aprender com os antigos. Os hindus classificam a mente de acordo com seu grau ilusório. A mente que se ilude, ou *Manas*, é diferente da mente iluminada, ou *Vidya*. Todos nossos pensamentos estão sujeitos a *Maya*, a ilusão, o maior obstáculo que nossa mente precisa superar para que sejamos felizes. Na verdade, tenho uma categorização mais estrita para isso. Baseado nos ensinamentos da filosofia oriental, seguindo a tradição de Patanjali, dividi os pensamentos humanos em cinco tipos: *pramāna*, *viparyaya*, *vikalpa*, *nidrā* e *smṛiti*; ou seja: pensamentos indubitáveis, parcialmente dubitáveis, totalmente dubitáveis, e aqueles provenientes da memória inconsciente ou consciente. De minha parte, prefiro dividir os pensamentos incômodos em dois tipos: aqueles criados pela dor sofrida no passado e aqueles criados pela iminência da dor. O indubitável do que foi sofrido muitas vezes se choca com o dubitável do que será sofrido. Somos os únicos animais que sofrem por antecipação. Como eu disse antes, o ser humano é naturalmente conflituoso. Se está bem, ele nunca pensa no futuro. Quando está mal, entretanto, pensa todo o tempo no porvir e sofre com o peso de suas recordações. O incômodo nasce do conflito entre nossos desejos e nossa consciência. Na maior par-

te das vezes, vivemos no piloto automático. Não fomos programados para refletir, mas apenas repetir padrões de comportamento. Usamos mais nosso sistema límbico do que nosso córtex, como está comprovado pela neurociência. Para termos controle mental precisamos lidar com as ilusões, com o sono e com a memória. E como o cérebro é um grande criador de ilusões, devemos começar qualquer tratamento mental por esses aspectos de nossa psique. Comprovei que, por meio do método correto, a mente humana pode ser controlada. E que, por meio desse controle, podemos transformar também nossa genética, uma vez que ambas formam um sistema sinérgico, que chamo de Complexo Corpo-Mente. Por meio de nossa mente podemos editar nosso próprio DNA, como faziam os antigos e como fazem os polvos. Esse é o grande segredo que nos foi legado pelas civilizações do passado. A mente deve seguir a genética, a genética deve seguir a mente, criando formas adequadas de se adaptar continuamente às mudanças. A vida é variação, e variação é evolução. Mas essa variação precisa de uma ordem. Sem ordem, a evolução está em risco. Nós sabemos muito bem o que acontece quando nossas células se multiplicam aleatoriamente. E conhecemos os efeitos nocivos das ações humanas na natureza.

— Quer dizer que variar é importante, mas variar demais é nocivo?

— Variar sem ordem é nocivo. Todo excesso ou falta tem um preço genético, *mein Bub*. Vinte e cinco por cento de toda a população mundial possui algum problema mental. E esse número tende a crescer. Os pesquisadores ainda não conhecem a causa dessa epidemia. Alguns genes associados aos transtornos mentais são bem conhecidos pela ciência atual, mas a ciência descobriu que a cada ano aparecem mais variantes. Os genes são como chaves temporais que ativam ou desativam um comportamento. E essas chaves, muitas vezes, são ativadas por fatores que estão fora do nosso controle. Em uma manobra de salvaguarda, nosso genoma reagirá instintivamente a qualquer ameaça à nossa integridade, provocando assim o movimento da Roda da Fortuna. As mutações genéticas ocorrem como uma reação do corpo a um meio ambiente caótico e hostil. Precisamos nos defender dos invisíveis perigos à nossa volta.

— Estamos condenados a ser infelizes?

— Nosso inconsciente não possui apenas um *death drive*, como pensava Freud. Precisamos também ter prazer. Queremos antes de tudo estar bem física e mentalmente. Todos os seres, afinal, buscam a felicidade. Alguns não são bem-sucedidos em seu intento, outros são mais afortunados. Mas para que esse propósito se torne de vital importância, precisamos superar nossa realidade. A crise global nos trouxe uma situação alarmante. Habitamos um mundo em que dormimos mal, respiramos mal e amamos mal. Nossa água, nossa comida e nossas emoções estão intoxicadas. Tudo está intoxicado. Sem falar que estamos praticamente destruindo nosso meio ambiente.

— Prefiro não pensar nisso.

— Pois devia. Por conta de nossa excessiva utilização dos recursos naturais, em pouco tempo a Terra esgotará todas as suas reservas minerais, vegetais e animais. Os subprodutos negativos dessa superutilização gera uma imensa poluição física e mental. O lixo excessivo polui nossos mares e nossas cidades. O crescente consumo de alimentos tóxicos afeta cada vez mais a psique coletiva. Muitas espécies são extintas, a diversidade se empobrece, e com ela nossa inteligência genética e suas leis ocultas. Com a disseminação de agentes patogênicos e o consequente aumento das doenças e da violência, a própria espécie humana está ameaçada de extinção. E

nós, com nossa inércia inabalável, seremos os responsáveis por nosso desaparecimento.

— Mas existe salvação?

— Na natureza, penso eu, todos os seres devem passar por fases de desintoxicação, *mein Bub*. Há tempo para colher e para recolher o lixo. Durante todo o processo histórico, nossos ancestrais testemunharam períodos de obscurantismo e declínio, fases necessárias para que a própria evolução possa agir profundamente na genética do planeta, encarregando-se de purificar as espécies e aperfeiçoar seus organismos. Os hindus falam de *pralaya*, a dissolução necessária para a evolução. Cada célula de nosso corpo tem sua própria apoptose, o momento de ser desativada e perecer. Mas se ainda são necessárias para o bom funcionamento do organismo, as células desativadas renascem em um novo ciclo. No nosso caso, como seres humanos, o renascimento ocorre quando reaproveitamos o que foi esquecido. Mas, para ser um renascido, é preciso antes esquecer. Esquecer é o primeiro para a purificação. Esquecer nossos erros do passado, nossos holocaustos, nossos ditadores, nossos fracassos, e começar tudo do zero, sem ressentimentos e sem opressão.

— Ou seja, precisamos de uma espécie de apoptose mental antes de renascer no Paraíso?

— Eu não diria tanto, *mein Bub* — disse Dr. Carl. — O renascimento e não a morte é a solução para alguns males. A simbologia da Roda da Fortuna nos ensina que é preciso abandonar o passado para podermos construir o futuro, rejeitando aquilo que não é mais útil, ou aquilo que é tóxico. E esse sacrifício muitas vezes significa abrir mão de nossos relacionamentos nocivos, de nossos velhos hábitos e às vezes de nosso grupo. Somente assim podemos obter a cura.

— Esquecer e purificar — balbuciou Antoine, repetindo um mantra.

— Essas são as duas principais coisas contempladas por um bom tratamento médico: a amnésia e o afastamento dos agentes malignos. Antes de tudo, porém: o esquecimento. Somente quando o paciente estiver iluminado e amnésico será possível sua transformação em um ser mais puro, completando assim seu processo de individuação.

— E então vem a redentora ressurreição — complementou Antoine. — Quando o passado volta renovado.

— Vejo que compreendeu bem meu raciocínio, *mein lieber*. Precisamos compreender o passado para contemplar o que vem pela frente. O apelo heraclítico à mudança é uma mensagem de esperança no futuro. Cada indivíduo tem o tempo certo para iluminar sua consciência, distribuindo sua luz no ambiente em que vive para também iluminar o mundo. Para isso, no entanto, ele precisa se tornar uno com sua realidade. Mas nem todos aceitam muito bem o indivíduo íntegro que segue apenas a sua verdade e seu próprio caminho, muitas vezes tão diferente da direção tomada por sua cultura. O despertar de um indivíduo muitas vezes incomoda os outros. A genialidade nem sempre é bem compreendida pelas pessoas, mais acostumadas à tradição. Os espíritos livres perturbam os moralistas com sua liberdade e sua heterodoxia. O herói que retorna do desconhecido traz mais medo do que esperança ao seu grupo. Por conhecer mitologicamente a fúria de Ulisses em seu retorno a Ítaca, após se deparar com os preten-

dentes de sua esposa, os gregos se precavam dos socráticos arroubos dos gênios, adotando medidas severas contra a húbriis e a extravagância. Eles sabiam que o excesso cega mais do que ilumina. E estar cego é um pouco como estar morto, como constatou Édipo. Para evitar esses acidentes prometeicos, é preciso encontrarmos um equilíbrio entre a escuridão e a luz.

— E somente um despertar cósmico pode nos acordar de nossa tumba, certo?

— *Richtig, mein Bub*. A crença egípcia na ressurreição das múmias está fundamentada em um íntimo conhecimento do código genético. Graças aos ensinamentos de Thot, o mestre de todos os mestres herméticos, e o primeiro a levar sua consciência ao nível intracelular do ser humano, os egípcios descobriram ali seus padrões cósmicos. O corpo humano é um instrumento perfeito, um relógio produzido com as mais finas engrenagens. Cada indivíduo tem seu tempo para chegar à sua própria iluminação, já sabiam os antigos. O gene divino de cada um de nós é ativado na época propícia. Desse modo, em algum dia mítico do futuro, a múmia do Faraó renascerá dos mortos e reinará novamente sobre a terra. Por isso, ao ajustar o relógio biológico dos meus pacientes desregulados, meu método busca reavivá-los dos mortos, possibilitando o êxtase e tornando-os assim seres únicos. Mediante a passagem gradual da Sefira Netzah, a esfera dos sentimentos (ou de Afrodite), para a Sefira Chokmah, a esfera de Sofia, eu procuro levá-los a uma transformação interior segura e à cura de todos os seus males.

— Puxa, às vezes me sinto realmente um tolo diante de tanto conhecimento — interrompeu Antoine, um tanto pasmo. — Gostaria de pensar menos bobagens. Talvez fosse mais feliz. E reencontraria finalmente meu Ser ao renascer dos mortos.

— “Sou onde não penso”, essa é a verdade, *mein Bub*. Os signos, de fato, não são as coisas às quais se referem. Eles são apenas uma parte desconhecida de nossa psique. Neurocientificamente falando, são padrões mantidos em nossas sinapses mais recônditas. São descargas neurais invadindo o espaço de nossa consciência. Ou melhor dizendo: são impulsos inconscientes estimulando o córtex pré-frontal. São aquilo que os hindus chamam de *vruttis*, ou ondas mentais, e que a neurociência denomina de ondas cerebrais, um fenômeno surgido do processo vibratório de comunicação entre os neurônios. Como uma sinfonia, cada parte do cérebro vibra em uma determinada frequência. O concerto, porém, pode às vezes virar uma cacofonia se for mal orquestrado. Somos facilmente perturbados por qualquer estímulo captado por nossos sentidos. Por conta dessa vulnerabilidade mental, os reflexos da realidade externa entram e se instalam em nossos cérebros, trazendo uma série de problemas a quem não possui um ego saudável para bloquear seu assalto sensorial. Em seu cotidiano, o ser humano comum está sujeito a todo tipo de estímulo, sobretudo de caráter negativo. Muitas pessoas não tiveram o treinamento necessário para evitar pensar em bobagens. Com sua falta de disciplina e sua paciência, o ocidental não possui uma mente treinada para a iluminação. Desde crianças nós comemos apenas bobagens, vemos bobagens e escutamos bobagens. É natural que sejamos um pouco tolos ao chegarmos à idade adulta.

— E os tolos não estão interessados no êxtase, *richtig*?

— *Genau!* Evidentemente nem todos os povos da Antiguidade estavam interessados em objetivos extáticos. Enquanto os elamitas e cassitas queriam desfrutar apenas das boas influências dos ídolos, os semitas tornaram-se os herdeiros da tradição esotérica dos sumérios e acádios. Por terem absorvido a ciência de seus anfitriões babilônicos em seus longos séculos de cativei-

ro e convívio, os hebreus converteram-se nos guardiões do conhecimento secreto dos antigos habitantes da Mesopotâmia. Esse respeito à essência divina dos antepassados mesopotâmicos pode ser percebido na reverente atitude adotada pelos judeus em relação aos corpos celestes. Os planetas, na visão mitopoiética dos primeiros povos, não eram apenas um deus ou uma deusa, mas sim anjos celestiais. Os antigos sábios da Babilônia achavam que um deus ou anjo era imanente a um planeta, e esse, por sua vez, representava sua ideia ou conceito, ou seja, o astro era seu símbolo cósmico. Adorando um astro, pensavam eles, também estavam adorando uma divindade, assim como a ideia relacionada a ela. Amar e reverenciar a Ishtar, para os mesopotâmios, era também adorar o Amor com todas as letras. Essa diferença de pontos de vista ditará o destino dos dois povos, quando mais tarde o legado das antigas civilizações foi disperso pelo mundo. Na concepção dos hebreus, a astrologia era uma forma de interpretar a Vontade Divina. Consideravam o céu como a face da divindade. Com essa concepção cósmica, ocorre o último estágio de evolução do culto. Diferente da possessão e da idolatria, a revelação (como nos ensina a Cabalá) vai expor o corpo divino em toda a sua glória.

— A verdade está escrita nas estrelas?

— *Warum nicht?* Não há como separar a verdade do tempo, assim como não podemos dissociar o significado do seu significante, já sabiam os antigos poetas e os neurocientistas atuais. O problema é que o cérebro precisa de um tempo de latência para poder assimilar as informações recebidas e chegar ao significado. É necessário refletir naquilo que nos fornecem as impressões. O sentido ocorre quando todos os elementos se juntam e ganham forma, exibindo assim o quadro geral. Por meio da observação do posicionamento dos planetas e das estrelas, os astrólogos estudam os ciclos cósmicos e também individuais, ou seja, a *durée* bergsoniana, a experiência vivida do tempo de cada ser humano. O céu, pensavam nossos antepassados, é um incomensurável livro escrito pelos deuses e deusas. Ali eles descobriram os padrões que regulam sua vida, conhecendo seu *karma* e seu *dharma*. Mas enquanto os babilônios respeitavam os ciclos como uma dança de ideias em constante renovação, os hebreus viram um propósito profético nos movimentos cíclicos dos astros. Como nem todos os homens e mulheres podiam ouvir a voz divina, era necessário buscar a revelação no rosto da divindade. Afinal, o que é o Céu senão o corpo de Deus? A Cabalá nos ensina que o universo é um imenso corpo em movimento, e que nós fazemos parte dele como células em um gigantesco organismo. Nós giramos com o mundo.

— Espere um pouco.... Está dizendo que todo o cosmos é um organismo vivo?

— Um corpo dentro de outro corpo dentro de outro corpo, e assim infinitamente. Se tudo faz parte do todo, então os planetas, os sóis, as nebulosas e as galáxias fazem parte de um corpo cósmico maior, cheio de energia e vibração. O microcosmo está no macrocosmo de maneira inseparável. Estamos inseridos em um universo consciente e em constante movimento. E esse corpo universal está dentro de outro corpo ainda maior, e esse, por sua vez, em outros corpos ainda maiores. Galáxias dentro de galáxias, organizadas em uma espécie de jogo fractal infinito sob a forma de vórtice inimaginável. Dessa maneira, mesmo o mais microscópico organismo ou mesmo uma minúscula célula é um universo em si mesmo. O todo é também parte. O que nos faz supor que todos os seres humanos fazem parte de um grande todo. Estamos todos no mesmo barco. Vivemos em um universo fractal onde tudo é parte de tudo. Em uma realidade assim, não podemos estar sós. Somos pequenos mas também muito grandes.

etāvānasya mahima-ato jyāyāsh-ca purushah

pādo-asya vishvā bhutāni tri-pād-asya-amrtam divi

O Purusha é maior que toda a Grandeza

Além dos mundos visíveis e fugazes, suas três outras partes descansam na invisível eternidade

— Somente quando despertarmos nossa divindade, poderemos então ser realmente felizes — acrescentou o médico, após recitar esse trecho do *Rig Veda* (Mandala 10, Hino 90).

— É o que acredita? Não sabia que era um otimista — disse Antoine, admirado por ouvir aquelas palavras em sânscrito.

— E não sou. Pensar assim não tem nenhuma paixão ou crença. Sou um homem prático. Todo o universo tem uma parte consciente e inconsciente, conhecida e desconhecida, e todos os sujeitos e objetos nele contidos influenciam-se mutuamente, isso é fato. Einstein não acreditava que Deus jogasse dados, e concordo com ele. Como um imenso organismo, o universo é homeostático e necessita manter o equilíbrio para realizar adequadamente suas funções. Em nosso microcosmo humano, todas as nossas decisões são baseadas apenas nas percepções sensíveis que temos de nossa realidade. Na maior parte do tempo, agimos por impulso. Mas a sociedade é formada pelos pensamentos de bilhões de pessoas. Imagine se todas elas agirem impulsivamente. Por isso vivemos em uma ilusão consensual. Estamos cegos a qualquer tipo de mecanismo oculto atuando em nossas vidas e ignoramos os mecanismos inconscientes por trás de tudo. Mais do que nunca, nós, médicos, estamos hoje cientes dessa visão deficiente do homem em relação ao cosmos. O indivíduo pós-moderno esqueceu que, no remoto passado, fazíamos parte de um todo. Desse modo, ele pensa que está sozinho no universo. Nossa amnésia dos deuses nos fez esquecer que somos um único corpo. Que somos parte e também todo.

— Entendo — replicou Antoine, pensativo. — Perdemos nossa divindade natural.

— Perdemos, na verdade, nossa espontaneidade natural, nossa capacidade de se mover conforme os ritmos e ciclos; perdemos nossa capacidade de amar. A dança perdeu seu poder ritualístico, sua exibição de amor à natureza. Dançamos apenas para comemorar e não para reverenciar a vida.

— Pelos menos nos restou a dança.

— Que um dia também será esquecida quando não houver mais alegria entre os homens.

— Ou seja, não dançaremos no Apocalipse do Fim dos Tempos. Que pena, *nicht?* — comentou Antoine, em um tom desanimado.

— Cada civilização tem a sua própria concepção da realidade, *mein Bub*. Cada cultura possui seu próprio paradigma. Para os chineses, a dualidade faz uma unidade. Outros povos, porém, preferiram acreditar em uma entidade superior muito além da compreensão humana. Essas

diversas concepções fizeram toda a diferença na forma como percebemos o divino. Esquecemos até mesmo que a dança está em tudo, seja no núcleo dos átomos, nos entrelaçamentos das partículas ou no movimento dos astros. A mecânica quântica, a relatividade e todas as teorias científicas ainda não compreenderam essa maravilha conhecida há milênios pelos hindus, pelos chineses e por outros povos antigos.

A perspectiva oriental, continuou Dr. Carl, nem sempre foi muito benquista pelos ocidentais. No Antigo Testamento, explanou ele, ao perder a imanência, cultivada pelo animismo primitivo, a divindade passa a ser experimentada de modo transcendente, fazendo parte assim de uma realidade aquém da realidade cotidiana. Mas, uma vez que está ocupado em contemplar o horizonte, o homem deixa de olhar para dentro de si mesmo. Como Heidegger, o médico concordava que o transcendente havia desviado nosso foco de nós mesmos. Em sua época, a influência da ingênua maneira de pensar dualista se fazia notar por toda parte, das universidades até os palácios reais. O paradigma de uma realidade transcendental moldou a civilização do Ocidente, orientando o pensamento filosófico e as ciências por vários séculos. Os modernistas, sobretudo Darwin, ao escreverem sobre a evolução das espécies, questionaram seriamente a concepção do mundo herdada da tradição judaico-cristã. Segundo essa concepção, os seres humanos estavam mais próximos dos animais do que de Deus. Os povos antigos, por outro lado, possuíam diferentes visões religiosas e históricas, e acreditavam que a evolução se processava de distintas maneiras. Para os israelitas, a história era linear, e seu propósito era unicamente expansivo (“Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a”, como está escrito no Gênesis). Para os mesopotâmicos, por sua vez, mais preocupados com o progresso material, a história era repetitiva como o movimento dos astros, ainda que seguisse uma espiral de círculos abertos em constante expansão, uma visão similar à da ciência moderna. Essa diferença de perspectiva, salientou Dr. Carl, fez com que os povos semitas rejeitassem muitas das práticas herdadas dos sumérios. Esse ponto de vista desconhece a alternância entre o Masculino e o Feminino, e a necessidade de dois polos para se alcançar o Uno. Com a disseminação do monoteísmo ortodoxo, ainda no primeiro milênio pré-cristão, as práticas ancestrais dos antigos mesopotâmios desapareceriam não apenas da religião médio-oriental (extinta com a chegada dos persas e muçulmanos), mas também da tradição judaico-cristã, quando os rituais de adoração da deusa seriam proibidos pelas rígidas leis judaicas promulgadas por Davi e se desvaneceriam de todo o Oriente Médio após a ascensão do islamismo (com a depreciação de figuras sedutoras como Dalila e Salomé, e o esquecimento das antigas deusas de seu passado tribal), permanecendo, contudo, com um conhecimento secreto, sobrevivendo ocultamente nas seitas sufistas, nas sociedades secretas e nas tradições alquímicas egípcias, acreditava o médico. O desaparecimento da cultura suméria e seus escritos foi o início de uma era obscura no curso histórico da neurociência. Dr. Carl comparava essa época da história a um jardim fenecido pela falta de cuidados, equiparável apenas ao abandono da cultura pagã com o advento do cristianismo e a ascensão dos imperadores cristãos ao poder político.

Por mil anos, disse Dr. Carl, graças aos seus Mistérios e suas sacerdotisas, o paganismo grego preservaria a tradição esotérica da Mesopotâmia, assim como sua ciência e algumas de suas técnicas. A astrologia, a magia, a alquimia e todo o ferramental necessário para se lidar com a imprevisibilidade da mente foram utilizados no processo de cura. No entanto, com o colapso da Biblioteca de Alexandria no final do quinto século da era cristã, e também com a perseguição aos pagãos e a quase-destruição da cultura helênica, os antigos mistérios desapareceriam do Ocidente, mergulhando a ciência da psique humana na total obscuridade. Os últimos vestígios das práticas do esoterismo helênico ainda sobreviveriam no Oriente Médio até a Idade de Ouro Islâmica, mas depois seriam esquecidos com a conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos, e o domínio árabe, uma vez que a sua ortodoxia proíbe o culto às imagens e abominava qualquer tipo de iconolatria. Por conta desse ambiente hostil, o imanentismo dos ídolos, com sua dualidade e seu dúbio segredo, teve que ser preservado da destruição pelas sociedades monoteístas como um conhecimento oculto. O interesse pelas ciências da psique somente rea-

pareceria muitos séculos depois, na Baixa Idade Média, graças ao trabalho dos Templários (e indiretamente a Bernard de Clairvaux, um dos trinta e seis doutores da Igreja, um santo agraciado pelos futuros hermeticistas por ter reconhecido os cavaleiros magos no Concílio de Trojes do ano 1129 da era cristão), e seu contato com as tradições alquímicas e com os cabalistas orientais, o que forneceu posteriormente a oportunidade para o *revival* do paganismo, e com ele um interesse renovado pelas ciências da mente e do corpo, e pelas artes liberais e teatrais (entre elas a comédia).

Nesse ponto o médico fez outra pausa na conversa e, baixando os olhos, refletiu se devia contar mais a Antoine. Boquiaberto, o jovem paciente estava admirado por receber todas aquelas informações vindas de um homem tão bem esclarecido. Ele nunca imaginara que tiraria suas mais antigas dúvidas sobre questões que há anos estavam sem resposta. Era como finalmente ser iniciado em ensinamentos práticos e não apenas alegóricos. Distraindo, ele observou o gato se espreguiçar no tapete, retesando toda a sua musculatura, antes de se deitar novamente para outra soneca. Prosseguindo sua preleção iniciatória, Dr. Carl ainda falaria a Antoine sobre o hermeticismo, explicando-o como uma relíquia do passado egípcio dos judeus e sua influência sobre a neurociência, mas seu distraído ouvinte não conseguiu mais acompanhar a esotérica explanação e também não escutou mais nada do que o especialista discorreu sobre o trabalho de resgate renascentista empreendido por Francesco Giorgi, um dos primeiros estudiosos não-judeus (com Marsílio Ficino e Pico della Mirandola) a escrever sobre a Cabalá em seu *De harmonia mundi totius*, obra alquímica que renovaria o interesse dos ocidentais pela Antiga Ciência dos sábios do passado.

Desatento às palavras do profissional, os pensamentos de Antoine estavam bem longe, em algum lugar extratemporal, um tipo de Éden mesopotâmico imemorial, em um mundo de abundância, piscinas ornamentais, palmeiras imperiais e mão de obra barata. O jovem sonhava acordado. Quando deixava sua imaginação criar asas, Antoine não prestava atenção a mais nada, estivesse ele passeando no jardim ou almoçando no refeitório.

Anne não se importou com esses voos mnemônicos do colega. A essa altura da conversa, ela já tinha uma opinião formada sobre Antoine. Era outro distraído, pensou. Como todos os outros.

— Talvez você não ache os antigos mesopotâmios fascinantes como eu — disse Antoine. — Nem todos gostam de mistérios. Por que somos divinos e ao mesmo tempo demoníacos? Onde está a fronteira entre o Céu e o Inferno? Você já parou para se perguntar?

Não, ela nunca parara para se perguntar, respondeu mentalmente Anne. A *demoiselle* acompanhou esse devaneio de Antoine com desdém. Estava há algum tempo tentando degustar sua torta, mas a guloseima parece ter perdido seu encanto.

— Fascinantes — disse Anne, e parou de mastigar para fazer uma observação. — Mas há o outro lado da moeda que talvez você ignore. O que esses povos bárbaros fizeram no passado, ao sacrificar criancinhas e punir os criminosos arrancando-lhes dedos e mãos, é considerado hoje um crime contra a humanidade. Mesmo que ainda seja praticada em algumas culturas atualmente, a mutilação ainda é um ato realmente cruel, sobretudo em meninas. Sabia que, há mais de vinte mil anos, os pais ainda castram seus filhos apenas para preservar sua pureza, elevar

seus espíritos e manter a ordem social? Parece coisa de filme de terror, mas o extremismo religioso é um fato.

— Até hoje as pessoas arrancam dedos e destroem estátuas em nome da moral e muitas delas não são religiosas — replicou Antoine. — Concordo com você. Em nome da moral, os políticos se apropriam do patrimônio público para que os terroristas o depredem. Por toda parte há talibãs. Mesmo nos trópicos, como comprovei em minhas viagens, existem extremistas.

— É engraçado como aquilo que atualmente conhecemos como boas maneiras mudou muito com o passar dos séculos, não acha? — indagou Anne, tocada por essa declaração. — Por esse lado, esses povos primitivos não eram tão bárbaros quanto pensamos. Se os compararmos aos homens-bombas e *serial killers* atuais, eles eram criancinhas brincando de herói e bandido. Matar era uma necessidade em épocas mais escassas. Não os culpo. Diante do perigo, ou você corre, ou vira comida. A não ser que um indivíduo se mantivesse recluso em algum mosteiro, era preciso enfrentar a moral do seu tempo. Nesse sentido, Copérnico teve sorte. Ele jogou a bomba e a viu estourar depois de sua morte. Os curiosos deviam ser cuidadosos. Se vivesse naqueles tempos terríveis, eu tomaria o hábito de freira e teria sido uma Heloísa. E ficaria bem longe de Abelardo.

— Não considero os babilônios tão primitivos assim — respondeu Antoine. — Em muitos aspectos eram mais avançados do que nós. Eles não tinham televisão nem distrações eletrônicas, por exemplo. Dessa forma, seu foco mental era mais aumentado. Por isso sabiam lidar melhor com os demônios e as doenças mentais.

A simples menção desse nome fez Anne erguer seus olhos do prato e encarar Antoine com um certo interesse. O que sabia ele sobre demônios? Desse assunto, ela própria entendia muito bem. Havia passado boa parte de sua vida lutando contra eles. E sabia como ninguém o que era ter um lado negativo. Desde muito cedo foi atraída pelo seu *dark side of the being*. Inclusive havia lido um livro retirado da biblioteca de seu pai, intitulado *The Hidden Face of the Mind* escrito por um parapsicólogo espanhol radicado no Brasil, muito popular por desmascarar endemoniados e possessos em programas de auditório na televisão brasileira, no qual são revelados todos os truques e segredos dos mágicos, mentalistas e curandeiros; mas ainda assim Anne não ficou convencida de que demônios não existiam.

— Talvez você não saiba, mas os sumérios aceitavam sua negatividade com uma certa veneração — disse Anne. — Eles eram mais tolerantes com seus demônios porque os reverenciavam com temor e devoção. Essa era, no entanto, uma relação ambígua. Afinal, aquilo que é temido, não pode ser amado. Como se pode amar o que se teme? Naquela época, era normal dispor-se da vida humana para aquietar os deuses. Acreditavam eles que os sacrifícios humanos pacificavam as forças sinistras do universo, perpetuando a figura do herói em suas memórias. Era uma tentativa de influenciar favoravelmente seus deuses e comover as massas, mesmo sendo uma medida um tanto drástica.

— A morte era vista por eles como uma forma de restauração da ordem. Pode parecer uma medida um tanto radical, mas era a única maneira, no passado, de se lidar com a ansiedade extrema.

— Se a civilização tivesse sido mais tolerante com seu lado negro e encarasse o desconhecido com melhores olhos talvez as coisas fossem diferentes hoje, sobretudo para as mulheres. Não precisaríamos de coisas como cintos de castidade, métodos de castração mental ou mesmo clínicas de desmemorização.

— Tem razão — admitiu Antoine e franziu ligeiramente a testa. — Concordo que os sacrifícios e as mutilações eram atos bárbaros. Mas esses antigos povos precisavam ser muito drásticos para lidar com o desconhecido. Eles viviam em épocas difíceis e ainda não estavam bem-adaptados ao seu mundo. O que a ciência conhece hoje como doenças, epidemias e degeneração eram forças misteriosas e temíveis para eles. Por isso consideravam as pragas e as más colheitas como um sinal de um grave distúrbio na relação entre o Céu e a Terra (até mesmo do ponto de vista político). Mais terrível ainda era a disseminação dos maus costumes e a corrupção dos cidadãos. Era um sinal de desequilíbrio.

— Desequilíbrio? A corrupção sempre foi um problema. Por mais que as sociedades tenham sido intolerantes a ela, sempre existiram corruptos.

— Duvido que houvesse tanta corrupção na antiga Mesopotâmia. Os babilônios (e, de maneira similar, sumérios, acádios, caldeus ou assírios) nos parecem hoje severos demais, mas suas leis eram bastante eficazes, apesar desses povos terem sido bem intolerantes. Eu não teria conseguido viver em tempos assim tão cruéis.

— Nenhum de nós, na verdade. Se vivêssemos naquela época, provavelmente teríamos perdido nossos dedos, mãos e pés. Sem falar de outras partes mais íntimas do corpo — disse Anne, caçoando da expressão séria de Antoine.

— Parece não gostar muito de falar do passado, *nicht*?

— Que me importa todos esses povos e seus mitos rançosos? O que importa Marduk, Jove ou Jeová, clérigos e relíquias? Sacrifícios e punições? Eles são meramente poeira e miragens da mente comum. Nesse ponto prefiro os *hipopotânicos* — disse Anne, com um certo azedume, cansada de toda aquela conversa sem nexo.

— Gosto de imaginar esses povos antigos. Eles me fazem pensar como os tempos mudaram. Os antigos eram bem diferentes de nós. Se o esquecermos, porém, provavelmente nunca conheceremos essas diferenças, esses traços de uma presença agora ausente, que hoje os pós-moder-

nos dizem ser a única coisa que existe. Quantas coisas estão perdidas para sempre por conta de nosso descaso! No futuro, não teremos muito em que pensar. Seremos completamente amnésicos. Precisamos conhecer o passado para contemplar o futuro, é o que diz Dr. Carl.

— Ah, então além de admirador dos sumérios, você também é um filósofo? — indagou a jovem, genuinamente surpresa.

Antoine encarou Anne, sem entender a pergunta. Ela, no entanto, não o questionou por acaso. Após finalizar seu *Matura* (em seu derradeiro ano de estudos, a jovem havia sido uma aplicada aluna, com boas notas em história e excelentes notas em matemática, e até mesmo chegou a apresentar à sua turma, a pedido de sua professora, seu trabalho escolar sobre a Teoria do Equilíbrio de John Nash aplicada à ética e ao jogo político), Anne pensou em cursar filosofia em uma universidade em Berna; um plano, contudo, nunca concretizado. Na época, seu sonho era ser uma espécie de Lou Andreas-Salomé, mas terminou desistindo, ao perceber que essa era uma área nada popular entre os tipos esportistas que ela havia namorado (um deles era um montanhista, e o outro um esquiador olímpico, ou, mais precisamente, um *Alpinen Ski-rennläufer*).

— Filósofo? — replicou Antoine, intrigado. — Um filósofo de verdade, você quer dizer?

— *Tu penses beaucoup*. Não é bom pensar demais. Se continuar assim vai terminar sentado em algum canto como uma estátua eternamente autoabsorvida, igualzinho ao Filósofo de Rodin. Ou pode até mesmo virar um vegetal, como Frau Waldorf — disse Anne e separou com o garfo outro pedaço de torta.

Anne sentia arrepios ao pensar em Frau Waldorf, como se lembrasse de uma *Mater Suspiriorum* em um filme de horror *giallo*. Presenciar a alemã naquele estado deplorável de quase-morte era sempre um instante *memento mori* para ela. Além de arrepios, a mera lembrança de Waldorf evocava em Anne um terrível quadro para o fim de seus dias, em que se via imobilizada em uma cadeira de rodas, molhando-se com a própria saliva, a olhar para o nada. Era uma visão desalentadora. A jovem procurou, no entanto, espantar esses pensamentos desagradáveis.

— Então não cursou filosofia? — reiterou Anne.

A insistente indagação pairou no ar. Por alguns instantes, Antoine ruminou seu confuso teor inquisitivo. Por que a pergunta? Pensou ele, intrigado. Teria Anne algum interesse em filosofia? Suas dúvidas, no entanto, eram infundadas.

Na verdade, a questão apenas exprimia a mera curiosidade da jovem paciente. Apesar de seus

últimos namorados terem sido exigentes leitores, Anne não trazia consigo boas lembranças de nenhum deles. A filosofia havia sido um interesse que acompanhara apaixonadamente Anne desde sua adolescência, mas ela, decepcionada por suas experiências com filósofos e pensadores de plantão, desistiria de estudar ou ler qualquer texto relacionado ao assunto (e com isso, inclusive, deixaria de assistir aos seus programas literários favoritos, assim como os debates e os cafés filosóficos que ela acompanhava na televisão alemã, francesa ou suíça). E a maior razão para nunca ter feito *Geschichte Philosophie* na universidade foi seu encontro dez anos antes em Zurique com uma imigrante brasileira. Anne ainda guardava em sua combatida memória as recordações daquela estranha desventura com Aline Pólvora (assim a chamava Anne, embora o sobrenome fosse, na verdade, uma injusta invenção posterior)

Na época em que conheceu Aline, Anne passava por uma crise de hipermobilismo. No ano anterior, sem nenhum plano para suas férias de outono (e acreditando-se despreparada para os exames finais de *Matura*), a jovem impulsivamente decidiu se transferir da casa da mãe em Berna, onde fazia o *Gymnasium*, para se hospedar em uma mansarda no sobrado da avó em Biel. Pretendia aproveitar suas *Herbstferien* para ler os livros sugeridos por sua orientadora, rever filmes antigos e pensar em seu futuro estudantil após a graduação. Como qualquer outra adolescente suíça prestes a encerrar sua fase ginasial, Anne estava ainda indecisa se seguiria a carreira acadêmica ou faria um curso técnico. Com a aproximação do fim do ano letivo essas preocupações começaram a incomodá-la dia e noite. Incapaz de chegar a uma resolução satisfatória, sua concentração esmoreceu, e ela negligenciou o acurado senso organizacional do qual tanto se orgulhava. Para sanar essa incerteza quanto ao seu *devenir*, a jovem não quis passar suas férias fazendo *zombie scrolling* preguiçosamente nas redes sociais. Temia esmorecer ainda mais sua vontade de estudar. Acreditou assim que ficar algum tempo longe de casa (onde sua mãe nem sempre estava presente) era a melhor maneira de fugir de seus problemas e ficar afastada da irresistível atração do Handy. Na companhia da avó materna, julgou ela, teria outras coisas com que se ocupar. Saindo de Berna, porém, surgiram outras tentações.

No trajeto do trem até Biel, enquanto lia o caderno de classificados do *Neue Zürcher Zeitung* (dobrado em quatro sobre seu exemplar do *Fairy Tales* dos Irmãos Grimm), Anne deu de cara com um anúncio de emprego intitulado “Venha descobrir a Magia e o Mistério do Dia das Bruxas”. No texto do reclame, uma loja em Zurique estava contratando uma estagiária para trabalhar na montagem de uma vitrine para o Halloween. O anúncio, a princípio, não atraiu a atenção da jovem viajante. O que havia de mais em arrumar vitrines, afinal? Mas, seduzida pela ideia de colocar em prática sua veia criativa em uma atividade prática, ela imaginou por um bom minuto algumas maneiras divertidas de vestir os manequins para que parecessem assustadores e atraentes para a Noite de Todos os Medos, e anotou assim o *Telefonnummer* da loja em seu Handy, caso precisasse dele mais tarde.

Assim que chegou a Biel, Anne passou seu primeiro dia de férias acompanhando a avó pelos antiquários e floriculturas da cidade em longos e cansativos passeios. Visitaram a Place du Bourg, as fontes da Justiça, dos Anjos e de Banneret, as torres históricas e sobretudo a Rue du Marché. Nesse inofensivo programa de compras e degustação, Anne conseguiu ficar longe dos livros como pretendia. As preferências da avó pelas compras não a incomodavam, embora pensasse que as miudezas tão adoradas por ela apenas enchiam inutilmente a casa de mais en-

feites e bibelôs. A mudança de ares, contudo, surtiu o esperado efeito benéfico. Ao fim do primeiro dia em Biel, tão logo descansou a cabeça no travesseiro a jovem visitante dormiu o sono dos anjos, exausta pelas longas caminhadas diurnas. E sonhou que pegava o trem para algum lugar desconhecido, onde não conhecia ninguém e tudo lhe parecia estranho. Há algum tempo não dormia tão bem. No segundo dia, porém, a serenidade alpina e as perambulações por Biel despertaram a inquietude natural de Anne. *What a waste of time!* Seu Rolex interno pareceu se queixar. Seu plano inicial era deixar de lado os estudos por alguns dias e esquecer suas preocupações, mas o ócio improdutivo começou a incomodá-la. Em vez de ficar em casa lendo, como planejara desde o início, a jovem despedia seu precioso tempo em infrutíferas *Besichtigung* pela Obergast, observando móveis antigos em *antique shops*, orquídeas e gerânios em *Blumenläden*, e provando bolos e doces em *pâtisseries*. Essa constatação a aborreceu. O que aproveitaria daquelas férias, afinal? No terceiro dia, Anne resolveu voltar para a casa da mãe.

Em seu regresso a Berna, Anne entregou-se aos estudos com ainda mais dedicação. Assim que chegou de Biel, a estudante em férias colocou uma pilha de livros sobre a mesa da sala e prometeu só sair dali quando lesse todos eles. Havia para ela um mundo a se descobrir. Durante dois dias, trancada em casa, a jovem ocuparia o enfadonho interím de sua estada na capital suíça lendo diversos livros de filosofia, psicologia e História, além de artigos científicos e itens de enciclopédia, pretextando encontrar um tema para seu Matura. Estudaria com afinco os mais diversos assuntos. Anotava e comentava tudo o que lhe caía nas mãos, preenchia páginas e páginas de seu caderno de anotações com longas dissertações, exercitando seu senso crítico agora em firme maturação. Queria se dedicar mais a Sofia, buscando se aprofundar nos estudos da alma humana e também desvendar o passado da humanidade, seus segredos e seus equívocos. A um certo ponto desses profundos estudos, entretanto, Anne percebeu que havia algo errado. Apesar de gostar de filosofia, não era aquilo o que queria para suas férias. Seria isso mesmo o que queria fazer pelo resto de seu recesso escolar? Indagou-se ela, insegura. Enquanto tentava se concentrar nos estudos, a dúvida a assaltava com frequência. Se continuasse assim, pensou Anne, suas férias seriam um total desperdício de tempo. Após uma noite agitada, ela acordou no dia seguinte e constatou que estava se cansando à toa. Por que não podia ter férias como qualquer outra estudante suíço?

Empenhada em fazer algo diferente em suas *Herbstferien*, Anne decidiu inovar. Chamada para um entrevista de emprego (o *Telefonnummer* anotado no trem terminou sendo útil, afinal), ela encontrou na oportunidade um bom motivo para se afastar dos livros. No mesmo dia, comprou uma passagem de trem para Zurique e deu adeus a Berna. As viagens, como reconhecem os artistas, têm efeitos inimagináveis sobre a psique humana. Na flor de sua juventude, Anne logo descobriu que precisava de um pouco mais de atividade para acalmar sua inquieta mente. Todo mundo gosta de um pouco de variedade, pensou ela, mesmo o mais ortodoxo sacerdote. Em Zurique, uma vez contratada para seu primeiro emprego, a felizarda jovem se instalaria em um hotel boutique no centro da cidade e durante toda a semana do Halloween trabalharia de vitrinista em uma boutique na Neubau.

Embora o centro financeiro suíço tivesse muito mais novidades do que Biel, Anne não se deixou levar pelas distrações e se entregou com gosto ao novo emprego. Pela manhã fazia seu metuculoso trabalho de separar as peças de roupa e os acessórios para serem exibidos nas vitrines,

subia e descia escadas, movendo os manequins e vestindo-os para apresentar ao público as novas coleções da estação. Cuidava também da parte elétrica, organizando a iluminação e adequando as peças da melhor forma possível. Aquela era uma tarefa que exigia toda a sua atenção. Para se precaver de choques e hematomas, colocava luvas e óculos protetores, demonstrando a todos a seriedade de seu trabalho. À noite, após deixar tudo pronto e organizado na loja, Anne voltava para o quarto de hotel onde estava hospedada perto de Bellevue. Até a hora de dormir, ela passaria seu tempo nas redes sociais, deixando sua mente divagar sem propósito. Ao cair no sono, teria sonhos confusos. Após dois dias nesse ritmo, voltou a fazer perigosas elucubrações.

Certa manhã, olhando pela vitraça da cafeteria em que fazia seu desjejum, Anne refletia nas dúvidas que a assaltavam enquanto saboreava seu *expresso*. Estaria mesmo desfrutando as férias? O trabalho de vitrinista era estimulante, mas não era divertido. Notou então que era preciso procurar atividades mais recreativas do que dispor manequins ou perder tempo em seu Handy antes do dormir. Durante o intervalo do almoço, Anne pegaria alguns livros emprestados na biblioteca pública da Altstadt para ler em casa após o jantar. Achou que eles seriam mais úteis do que o tedioso *zombie scrolling* até tarde da noite. Trocaria, desse modo, o Handy pelas leituras de autores alemães do pós-guerra e dormiria um sono menos agitado. Os livros também ajudariam a jovem a ter sonhos menos confusos. Ainda assim Anne sentiu que faltava algo.

Em seu terceiro dia em Zurique, após passar a tarde instalando uma cabeça de Jack-o'-lantern em um manequim, Anne aproveitou para ir ao cinema. Andando pelas estreitas ruas do centro histórico zuriquense encontrou uma sala de exibição na Brungasse e assistiu a um filme B de terror, divertindo-se muito com o figurino inusitado e as caretas ridículas dos atores, encantando-se com sua improvisação diante das câmeras, as cenas sangrentas, os estereótipos nazistas e sua versão distópica da Suíça. Curiosa por mais novidades, Anne se aprofundaria na cena artística zuriquense. Visitaria a Kunsthaus e todas as galerias de arte da velha cidade, e conheceria com a palma da mão todos os roteiros alternativos da Altstadt. Nessa incessante atividade cultural, intercalando as sessões de cinema com exposições de arte e passeios pelas lojas da Bahnhofstrasse, onde estudava milimetricamente cada *Schaunfester* à cata de novidades, Anne passaria assim o resto da semana flinando pela cidade até que todas as vitrines da loja em que trabalhava estivessem prontas para o Dia das Bruxas, quando então deveria escolher seu próximo destino. Suas *Herbstferien*, afinal, estavam quase terminando, e ela queria aproveitar o que ainda restava.

Apesar de ter dado um grande passo contra a monotonia, ao flinar por Zurique, Anne concluiu que ainda não desfrutara quase nada de sua viagem. E só restavam alguns dias para voltar as aulas! Constatou ela, aflita. Certa manhã, ao cruzar a estação Bellevue a caminho do trabalho, em seu último dia no emprego temporário, Anne teve uma ideia inusitada e, Handy em mãos, montou um plano de última hora. Assim que recebeu o pagamento por seus serviços de vitrinista, ela fez seu *check-out* no hotel, dirigiu-se à Hauptbahnhof, comprou uma passagem para um destino qualquer e embarcou no próximo trem, ganhando o mundo. Nunca se sentiu tão livre. Procurando visitar lugares que nunca estivera antes, Anne se deslocaria até outros cantões do Norte suíço, atrás de todo tipo de feira de queijo ou chocolate, degustação de fondue, festi-

vais de música popular, *yodelling* e mesmo *cow parades* em pequenas vilas em Argóvia, Soleura e Jura. Sedenta por novidades, ia de cidade em cidade, desfrutando qualquer evento que estivesse acontecendo naquele dia. Essas andanças sem destino dariam bons frutos para Anne. Em Basileia, em uma *Zombie Walk*, esbarraria com aquele que se tornaria mais tarde seu primeiro namorado.

O encontro com Markus foi realmente um golpe de sorte para Anne. Tão logo soube que estava diante de um valioso herdeiro, a jovem não desgarrou mais do suíço. Lisonjeado pela atenção de Anne, Markus aceitou de bom grado a companhia daquela bela e impaciente debutante. Apaixonados, os dois passariam memoráveis momentos esquiando juntos pelos alpes bernezes, onde Anne lamentou-se um pouco por sua falta de habilidade no esqui, uma vez que estava diante de um exímio esquiador profissional. Juntos, a brasileira e o suíço fizeram uma viagem a Gruyères para visitar o museu Giger em Château de Saint-Germain (H. R. Giger era o designer preferido dos dois, e Markus era também um colecionador de esculturas bizarras) e, na volta, andaram de mãos dadas pelo Rio Sarine em Friburgo e tiraram fotos na ponte Zähringen, onde selariam seu namoro com o primeiro beijo. Foram felizes enquanto durou sua viagem de descoberta do amor. Mas (*according to folk wisdom*) tudo o que é bom dura pouco.

Com o fim das férias escolares, Anne revelou ao namorado sua intenção de retornar a Berna para terminar o ano letivo e defender sua tese de graduação. Deu a notícia com um ar triste, esperando que Markus não se sentisse enganado. Quando recebeu essa notícia, o esquiador demorou-se um longo tempo em silêncio, refletindo o que acabara de saber. Compreensivo, no entanto, Markus aceitou estoicamente o repentino afastamento de Anne e, bem-humorado, garantiu que isso não era um problema para ele. Sem expressar qualquer decepção, o esquiador reiterou seu desejo de rever Anne em Zurique tão logo ela se graduasse. Ele a abraçou com ternura, assegurando seus sentimentos. Trocaram números de telefone e juras de amor, e prometeram manter acesa a chama de sua florescente paixão. Na despedida, Anne ganharia uma caixa de bombons finos do namorado. Seria um doce e desfrutável memento para aqueles felizes dias cor-de-rosa. Ela receberia o doce souvenir com lágrimas nos olhos.

Um tanto cética quanto ao destino, porém, Anne voltaria melancólica para Berna, saboreando um bombom, como se aquilo fosse tudo o que lhe restara do namoro. Meditava em seu futuro sentimental. Suportaria a saudade? Indagou-se ela. Markus não cogitou em nada semelhante. Outras coisas preocupavam seu espírito aguerrido. Com a separação, o esquiador decidiu se mudar para a casa da família nas montanhas dolomitas, onde aproveitaria para aperfeiçoar ainda mais suas habilidades no esqui. Havia um novo campeonato pela frente, e ele, confiante na vitória, abraçou esse desafio com um entusiasmo quase heroico.

Até o fim do período letivo no *Gymnasium*, Anne se manteria *estranged* de Markus. Às vésperas dos exames finais, havia muito trabalho a se fazer e a estudante dedicaria todo o seu tempo aos estudos. A orientadora de Anne fez com que ela lesse quase oitenta livros para sua tese e, após passar suas férias longe deles, ainda faltava ler um pouco menos da metade da lista bibliográfica. Apesar do *hard work*, Anne estava confiante. No início, apaixonada pelas ciências exatas, ela tinha ambições estratosféricas. Assim como Einstein (embora o físico alemão pas-

sasse mais tempo de sua vida estudantil tocando violino), Anne sonhava em se formar na ETH de Zurique, e fazer parte da galeria de ex-alunos laureados com o Nobel. Suas pretensões, no entanto, mudariam no decorrer dos anos. Quando soube que Einstein havia desenvolvido suas grandes ideias científicas como funcionário de um escritório de patentes, ela esqueceu o diploma e as láureas em matemática, e abraçou a área de humanas. O segredo por trás das grandes revoluções da ciência, pensou ela, era mais fascinante do que suas consequências. Lendo sobre os fatos e as ideias, Anne despertaria seu fascínio pelo conhecimento humano e pela capacidade criativa de homens e mulheres. Todo esse saber, porém, não mais a estimulavam agora, ao fim dos seus longos anos de estudo. O que queria mesmo mais do que tudo naquele instante, era rever o namorado, com quem se correspondia diariamente, duas vezes pela manhã e uma vez à noite. Apesar de estudar com afinco para os exames finais, Anne passaria o resto do ano letivo preocupada com o namoro. Será que ela e Markus dariam certo morando juntos?

Após defender sua tese de *Matura*, enfim, Anne decidiu deixar a companhia da mãe em Berna e juntar-se a Markus em Zurique. Enviou uma mensagem para sua genitora explicando a mudança, um tanto cética se ela a leria de fato, ou aprovaria sua conduta. Essa decisão era inteiramente dela. Já tinha idade suficiente para cuidar de si mesma e decidir que rumo tomaria em sua vida. Anne estava ansiosa para retomar o namoro e saber onde tudo aquilo a levaria. Queria provar que suas esperanças não eram vãs. Queria, acima de tudo, saber se Markus realmente a amava.

Na primeira semana de seu regresso ao centro bancário da Suíça, Anne descobrira um fato inquestionável. O esquiador, definitivamente, não era seu príncipe encantado, constatou ela. Ao conhecer Markus na *Zombie Walk*, Anne pensou ter encontrado, por fim, um pai para seus sonhados filhos, alguém com quem compartilharia as preocupações rotineiras de uma vida em família, as dificuldades do casamento, as queixas da senioridade e também a velhice. Se casasse com o esquiador, herdeiro de uma imensa fortuna, ela deixaria os estudos e se entregaria à vida doméstica tão desejada pelas mulheres suíças tradicionais. Após testemunhar a confiança com que Markus guiou um cortejo de mortos-vivos pelas ruas da Basileia, ela não teve mais dúvidas e passou a acreditar que ali estava o homem certo para tornar seus sonhos em realidade, o herói de suas leituras românticas. Com toda essa falsa convicção, a estudante candidatou-se a outro emprego de vitrinista em Zurique e foi dividir com o namorado um pequeno apartamento de dois quartos na Kreis 2, perto do pitoresco cemitério de Friedhof Manegg. Em seu regresso a Zurique, Anne seria feliz com a nova vaga de emprego, mas não com o namoro.

Enquanto Anne estava afastada, concluindo seu *Matura*, seu dinâmico namorado suíço se empenhou com afinco nos treinos e deixara de lado seu interesse por *zombies*, por cinema de horror ou por romance. A fase de reconhecimento havia passado. A jovem percebeu essa mudança logo ao chegar em Zurique no fim de semana. Desde sua partida para Berna, Markus habituara-se a passar longos períodos fora da cidade. O domingo, de fato, era o único dia em que estava em casa. No resto da semana, o esquiador estava ausente, treinando obstinadamente para a World Cup de esqui na Áustria. Com a proximidade do campeonato, ele reforçara ainda mais seu empenho nas provas. Seu propósito (pelo qual valiam todos os seus esforços) era ganhar a medalha de ouro, e ninguém podia dissuadi-lo desse objetivo. A ambição alpinesca do namorado, no entanto, não era vista com bons olhos pela jovem. Apesar de acompanhá-lo algumas

vezes aos treinos, Anne logo se chateou com aquela obstinada rotina do namorado. O ato de esquiador quando havia tantas outras coisas mais divertidas (e mais íntimas) a se fazer era incompreensível para ela. Não questionou Markus, contudo.

Sozinha em Zurique, Anne tinha agora dois futuros com que se preocupar: o de sua carreira e o de seu namoro. Com Markus ausente de casa, seus receios e dúvidas retornaram com ainda mais força. Sentia-se desamparada. Não tardou muito para que ela começasse a culpar o namorado por sua miséria. A preferência de Markus pelo esqui, contudo, era um tipo de escapatória, um recurso muito utilizado tanto no teatro quanto em situações constrangedoras. No início do namoro, Anne havia sido muito solícita e atenciosa com Markus. Era um “doce de pessoa”, como diriam os brasileiros. No decorrer do tempo, entretanto, ela queria estar sempre ao seu lado, a todo instante, mesmo virtualmente, uma exigência que se tornou um tormento para Markus. Anne enviava mensagens ao namorado a toda hora, às quais o ocupado esquiador não conseguiu responder. Apesar dos apelos de Markus para que ela respeitasse mais sua privacidade, Anne não abriu mão de ser uma companhia inseparável em todos os momentos. Aceitou a princípio não enviar tantas mensagens, mas com o tempo esqueceu a promessa e teimou em saber por onde andava o namorado e o que estava fazendo. Oprimido com toda essa vigilância, Markus sentiu-se sufocado. Anne, reconhecera ele, era definitivamente uma pessoa difícil de se lidar. Logo percebeu que nunca conseguiria satisfazer o desejo da jovem por constante atenção. Além de que, suas reclamações o preocupavam e o mau humor de Anne muito o incomodava. Ao compartilhar os metros quadrados do apartamento de seu *affair* suíço, Anne se tornara uma presença insuportável para o esquiador. Incapaz de satisfazer a namorada (mesmo com chocolates), Markus desistira de querer agradá-la. Era mais fácil para ele conquistar a copa mundial de esqui do que o exigente amor da namorada, um amor que era superior a qualquer desafio alpino. As exigências muitas vezes ridículas de Anne o oprimiam e o angustiavam, e Markus preferia assim a solidão das montanhas, onde se via livre da insistente namorada, retornando ao seu ninho sufocante em Zurique apenas no final de semana. O par romântico de Anne, contudo, nunca expressou abertamente sua angústia à namorada. Diante das escapadas de Markus, a jovem começou a se aborrecer. Em pouco tempo, vítima de suas preocupações juvenis, Anne voltou a se sentir miserável. Aquela preferência irracional de Markus pelo esqui em vez de sua companhia, constatou a jovem, era uma prova definitiva de que ele não mais a amava. No entanto, quando seu *flatmate* retornava para Zurique, no fim de semana, suas dúvidas se amainavam. De sua viagem de volta, o esquiador sempre trazia o melhor chocolate que encontrara pelo caminho para agradar a namorada. Nesse momento íntimo, a jovem esquecia todos os seus mais mórbidos pensamentos sobre o namoro. Reconciliava-se com Markus como se nunca tivesse existido qualquer discordância entre eles antes. Mas esse era um equilíbrio inatingível.

A derradeira gota d’água não tardou a cair. No início do inverno, Markus avisou a namorada que pretendia se mudar para a casa da família nas montanhas, onde estaria mais perto das pistas de treino. Detestando a ideia, Anne sugeriu outra coisa. Após conhecer a família de Markus, Anne achou melhor propor uma alternativa mais radical. Preferia passar a estação fria em um chalé nos Alpes, diante de uma lareira aconchegante e com fondue servido todas as noites por um cozinheiro particular. Sugeriu ao namorado que eles passassem um maravilhoso fim de semana juntos em Saint-Moritz. Markus estava ficando obcecado, segundo ela, e precisava esquecer um pouco o campeonato. Diante desse pedido inusitado, ele apenas riu, delicia-

do, e não pensou duas vezes para responder. “*Unmöglich!* Impossível! Há muita coisa em jogo. Gastei um tempo precioso nessa preparação. Não vou desperdiçar tudo agora”, disse o esquiador. Escolheu assim continuar sua mudança de residência. A resposta deixou Anne contrariada, mesmo depois de Markus sugerir que eles ficassem juntos aos domingos. Ela, no entanto, não queria saber de nada relacionado aos Alpes. Sentiu-se insultada ao ser trocada por um par de esquis. O casal discutiria por quase uma hora, mas não houve jeito. Amuada e irritadiça, a jovem passaria seus dias sem falar com o intrépido esquiador. Graças ao afastamento da namorada, no entanto, Markus ganharia uma medalha de ouro na World Cup de esqui.

A vitória não mudou nada entre eles. A alegria de Markus não entusiasmou nenhum pouco Anne. Desiludida, ela dedicou-se a outros interesses mais frutíferos do que as coisas do coração. Resolveu reler todos os livros de sua bibliografia de seu trabalho de graduação. Coletando informações e recolhendo material, ela tentava assim dar um rumo à sua vida. Após ter concluído o ensino secundário e prestado seus exames para o *Matura*, ela ainda não decidira o que fazer de sua *Akademisches Leben*. Escreveu cartas a diversos departamentos de filosofia e candidatou-se a diferentes universidades, mas sem qualquer convicção de receber uma resposta ou ser aceita algum dia para cursar uma faculdade. Com as frequentes ausências do namorado, Anne passava boa parte de seu tempo sozinha em casa, lendo e saboreando seu *english tea* sem poder compartilhar com outras pessoas seu delicado *terroir*, corroborando na prática a razão de tudo perder o gosto quando se está infeliz. Ainda que os livros espalhados pela mesa de jantar da sala oferecessem uma sensação de segurança e propósito, Anne sabia que eles serviam apenas para minimizar sua desilusão com o namorado. No fundo, era uma forma de se livrar de seus inquietos pensamentos. Ler era sua única escapatória no momento. Anne não sabia o que pretendia fazer de sua vida intelectual. Apesar de gostar muito de ler os pensadores de todas as épocas e se dedicar integralmente às suas pesquisas bibliográficas, ela desconhecía sua real vocação. Entregou-se às leituras mais para esquecer o namorado do que por algum interesse particular, escrevendo longas dissertações sempre que encontrava alguma frase interessante. Sua atividade intelectual era intensa. Chegava a ler dois ou três livros diariamente. Como Virginia Woolf, Anne dedicava-se às suas leituras *non stop*. No fim de seu típico dia de estudo, encontrava-se exausta. Embora esse cansaço lhe passasse uma sensação de falsa plenitude, ela se sentia menos só. Existe, contudo, um limite para a capacidade humana em suportar sua crua realidade (sobretudo se estiver dominada pelo tédio e pelos dissabores).

Certo dia, recebeu uma importante mensagem de uma boutique da Bahnhofstrasse. Queriam contratá-la para expor sua próxima coleção de vestidos e acessórios. A notícia agradou Anne. Ao conseguir seu tão esperado emprego de vitrinista, ela se sentiu um pouco mais valorizada, ainda que sua autoestima fosse sempre alfinetada ao voltar para casa depois do trabalho. O apartamento vazio lhe causava angústia. Pensar em Markus a deprimia. Durante quase um ano, Anne suportara bem as alternâncias do namorado pelas pistas de esqui e seu apartamento em Zúrique, conformando-se com a situação, até que, enfim, sua paciência se esgotou. Nesse ritmo de encontros e desencontros (e condicionamento pavloviano), ela resolveu mudar sua rotina.

Por coincidência, na semana em que conheceu Aline, Anne estava entediada de tanto ficar em casa. Decidiu sair de sua reclusão e deixar a companhia dos mortos do Friedhof Manegg. Não

aguentava mais aquela estagnação no namoro. Soube pelos fóruns e redes sociais que uma nova *Zombie Walk* estava próxima. Naquele ano, o evento teria entre seus participantes a presença de um reconhecido diretor de cinema de terror, um dos preferidos da jovem cinéfila. Aquela novidade entusiasmou a jovem. Mesmo sabendo que Markus não a acompanharia (o namorado apenas enviou uma mensagem agradecendo o convite), ela resolveu ir sozinha ao evento.

Na sexta-feira de Halloween, Anne gastaria sua tarde diante do espelho, montando sua maquiagem de zumbi. Após espalhar *pancake* branco por todo o rosto, ela delineou uma sombra escura ao redor dos olhos, colocou lentes cosméticas verdes, aplicou um pouco de látex na testa e passou um batom vermelho-cereja nos lábios. Desenhou então veias circundando a boca, cobriu-se de cortes superficiais falsos no rosto, jogou um spritz de *fake blood* nas roupas para criar um visual ainda mais fúnebre e, por fim, colocou uma grisalha peruca estilo Bob na cabeça a fim de parecer mais ousada e atrevida, e ficou satisfeita com o resultado. Maquiada como uma *school girl* defunta e trajada a rigor para o evento, a *zombie fan* saiu de casa, dirigiu-se até a estação central de Zurique, onde embarcaria, por fim, no trem do começo da noite para Basileia.

Apesar de sua fantasia chamativa, nenhum passageiro virou o rosto quando Anne entrou no trem. Concentrados em seus Handys (e na saída de áudio de seus headphones), eles ignoraram involuntariamente a recém-chegada e mal notaram a garota maquiada como zumbi com uma gravata escolar frouxamente presa ao pescoço, usando uma saia curta escocesa, meias 7/8 listradas preto e branco, envergando um casquinho esfarrapado sobre uma camiseta xadrez e uma peruca grisalha na cabeça. Esse descaso incomodou um pouco a jovem. Ao ser ignorada, Anne constatou que era tão anônima quanto qualquer outro passageiro do vagão. Se não fosse por sua maquiagem de *zombie*, ela se julgaria uma mulher invisível. Sentiu sua autoestima descer um degrau no pódio da Beleza. Um passageiro menos distraído, no entanto, a observou com uma curiosidade mais insistente do que de costume, deu um sorriso desavergonhado e continuou encarando-a. Anne desviou o olhar. Por mais que ela procurasse não prestar atenção, a insistência selvagem do estranho parecia alfinetá-la. A *zombie girl* lamentou não ter trazido seus óculos escuros. O repentino interesse daquele Humbert Humbert não passou despercebido à jovem. Durante toda a viagem, medida e pesada por aquele impertinente passageiro, Anne ficaria pouco à vontade em seu traje de Debbie Harry zumbi. Incomodada, ela ofereceu então seu assento a um idoso recém-chegado, e preferiu se afastar para o fundo do vagão, longe daquele olhar insolente. Somente quando outras pessoas fantasiadas embarcaram no trem, nas estações seguintes, ela ficaria mais descontraída.

Uma hora depois, ao pisar em seu destino na Altstadt da Basileia, Anne reuniu-se ao estranho cortejo de mortos-vivos no Theodorsgraben-Anlage. Aglomerados nas proximidades do consulado italiano, todos aguardavam o início da caminhada. Era ali o *Treffpunkt* do início da invasão alienígena da cidade pelos insaciáveis *living dead*. Por sorte não estava chovendo e não havia previsão de chuva. A noite, então, prometia para Anne. Uma multidão de *cosplayers*, bruxas, múmias e palhaços assassinos dispersava-se pelo local, aguardando ansiosamente o início da *Zombie Walk*. Fascinada pelas pessoas trajadas de maneira tão pouco usual, ela misturou-se à multidão, atentando-se à multiplicidade de formas bizarras ao seu redor. Sempre de olho

no grotesco look dos participantes, *la belle et jeune mort vivant* desfrutava os estilos e tendências da nova edição do evento. Com suas fantasias de mortos-vivos e *cloun-zombies*, todos exibiam suas realísticas cicatrizes, cortes sangrentos, marcas de mordida, dentes deformados, machucados nas pernas e braços, narizes quebrados, ferimentos em carne viva, pele decomposta e sangue nas roupas, reunidos em uma animada celebração da Diferença. “*Wir sind alle zombies*. Somos todos mortos-vivos”, festejavam eles, repetindo uma espécie de slogan mental. “Queremos carne fresca!” Era divertido ver todo aquele tropel de tipos horripilantes. Durante o fúnebre e horripilante cortejo, enquanto seguia a multidão de *Untoten*, Anne viu-se ao lado de uma estranha e inusitada criatura.

Aline surgiu do meio da multidão como uma deusa ctônica egressa das trevas subterrâneas dos trópicos. Seu aspecto alienígena (mesmo para um evento em que todos eram meio extraterrestres) logo chamou a atenção de Anne. Aproveitando a aproximação daquela garota, que parecia ter saído de um massacre com serra elétrica (ou de uma cena de *Body Snatchers*), a *punk rocker* reparou em seus trajes medonhos. A maquiagem de Aline era rudimentar (uma mistura de papel de seda e látex líquido estava grudada em seu rosto deformado pela maquiagem cada- vérica) e seu figurino improvisado surpreendeu a jovem pelos materiais incomuns utilizados em sua confecção, e ainda pela peculiar combinação de peças. A garota usava uma saia cinza toda manchada de sangue falso, sapatilhas com longas meias brancas 5/8 e uma blusa curta *off the shoulder* com babados, seu cabelo cinza tinha algumas presilhas para mantê-lo no lugar, e seu rosto tinha manchas de barro nas maçãs, as pernas nuas exibiam vários arranhões vermelhos pelas coxas, com suas rubras cores a imitar carne viva. De imediato, despertada em sua intuição de vitrinista, Anne foi atraída pela originalidade da indumentária quase carnavalesca da garota (descobriria depois que eram suas velhas roupas recicladas). Perplexa, Anne fez um elogio em alemão ao aspecto decrépito da brasileira (talvez tenha dito “*Heiliger Strohsack!*” ou “*Mist!*”). Quando a criatura se virou, Anne percebeu melhor o visual da garota. “*Mon dieu!* Que fantasia é essa? Innana no Inferno? O monstro do pântano? *Wie heißt das?*”, indagou a *school girl* zumbi em alemão. Sem entender a pergunta, a acintosa Perséfone tropical parou de andar desengonçadamente e respondeu em português: “Gostou de minha fantasia de Negativa-mor?”, replicou Aline, sorrindo para Anne, animada por aquilo que pensou ser uma honraria. “Danke!”, acrescentou ela, agradecendo à jovem. Surpresa por alguém se endereçar a ela em uma língua familiar e sem saber como ser mais recíproca, Anne apenas respondeu: “*Bizarre!* Isso que é *dress to impress!*”, e reparou com mais atenção naquela figura assombrosa à sua frente.

Em suas feições, Aline trazia um pouco da beleza latina e um tanto mais do encanto da mulher brasileira. Era morena clara e de estatura mediana. Possuía um rosto de maçãs salientes com uma testa pequena e exibía um bonito nariz de botão. Seus cabelos crespos formavam uma juba revolta e impressionante no alto da cabeça, dividida ao meio por um peculiar penteado que acentuava ainda mais a forma estreita da testa e as extremidades do rosto, dando-lhe uma aparência de *goblin*. Essa exuberante cabeleira estava tingida de cinza e parecia envelhecida e sem vida. Seus lábios carnudos, pintados de preto, tinham o arco do cupido bem definido e elevado. Aline não era muito atraente, mas movia-se com graça, acompanhando os trejeitos macabros dos participantes da marcha fúnebre (eles a confundiriam facilmente com uma das dançarinas profissionais que estavam se apresentando no evento). O encontro com Anne deixou a zumbi mais à vontade. “Você é mesmo brasileira?!”, estranhou Aline, surpresa diante da-

quela *zombie girl* de traços europeus e modos delicados. Diante da afirmativa de Anne, respirou com um certo alívio. Enfim, pensou ela, não estava inteiramente sozinha em uma cidade desconhecida. Havia encontrado uma companhia para aliviar sua solidão. Antes de vir à *Zombie Walk*, Aline havia chamado seus colegas brasileiros para acompanhá-la ao evento. Todos eles, porém, sem direito a qualquer folga em seus empregos de dançarinas, garçonetes, factótuns, faxineiras ou esteticistas, terminaram desistindo de última hora, e ela encontrou-se de repente sozinha em meio à desconhecida selva de pedra de Basileia. Vislumbrando agora uma tênue luz na escuridão, Aline achegou-se a Anne como se tivesse ancorado (ou escorado) em um porto seguro. Encontrara finalmente uma parceira com quem se entreter na noite.

Uma vez iniciado, o passeio dos zumbis (ou *Nachspaziergang der Untoten*, em alemão) seguiu até o Markthalle, cruzando por diversas ruas do centro da velha Basileia. Anne e Aline conversaram por toda a travessia da Wettsteinbrücke, e logo descobriram que compartilhavam alguns gostos em comum, entre eles uma admiração quase fanática pelos filmes de Jess Franco. “Que coincidência!”, confessou Aline, abismada. “Não é hilário? Sempre achei que eu era a única pessoa no planeta inteiro que gostasse do diretor de *Vampyros Lesbos*. Como o mundo é pequeno!” Apresentaram-se, comprazidas e encantadas, e decidiram seguir juntas na animada caminhada até *Zombieland*.

Em meio a toda aquela gente fantasiada de aberrações grotescas, Anne e Aline caminharam lado a lado, passando os olhos por todas as aparências destroçadas que surgiam pela frente. Um *zombie* com nariz de palhaço e enormes unhas postiças aproximou-se delas de modo desengonçado, e foi afastado com uma feroz careta de Aline. Um outro morto-vivo, exibindo a boca toda ensanguentada e profundas olheiras no rosto maquiado chegou mais perto das jovens zumbis. Locomovendo-se de maneira torta e desengonçada, o intruso procurou assustá-las com seu aspecto desgrenhado e horripilante, mas provocou apenas risos das duas garotas. Havia algo de leonino em todo aquele desfile de monstruosidades *fake*. A exemplo da brasileira, os suíços também queriam mostrar seu sombrio lado Mr. Hyde. Mas faziam tudo isso de maneira muito ajuizada, algo que chamou a atenção de Aline. “Não é incrível como eles são tão comportados, mesmo quando querem tanto se divertir?”, observou ela. “Se fosse em São Paulo, seria como estar na Noite da Testosterona. Teríamos que nos livrar dos bêbados mais afoitos com cotoveladas, correndo o risco de tomar um banho de cerveja.” Misturados à multidão de figuras apáticas, contudo, existiam realmente mortos-vivos mais afoitos. Ostentando um enorme rasgo pintado na mandíbula (uma minuciosa arte facial que ilustrava também gengivas e dentes), um jovem aproximou-se e, em um tom amigável, indagou a Aline se ela falava alemão. Alheia ao assediador, a brasileira não fez muito caso. No Brasil, acostumara-se a ignorar as investidas dos engraçadinhos e dos afoitos. Ao lado da brasileira, testemunhando essa imperdoável indelicadeza, Anne reconheceu no intrusivo mais um representante da *Bierbauchkultur*, para quem tudo era diversão garantida. O jovem *zombie* suíço, porém, não encontrou o que estava procurando. Ao notar que a brasileira não o compreendera, o *Spaßbremser* tentou dialogar em inglês. “I have beer at home”, afirmou o inoportuno zumbi. “We can talk there, *was glaubst du?*” Ao observar melhor Aline, o suíço percebeu que a garota não era evidentemente uma genuína germânica. Surpreendeu-se ao escutar Aline revelar sua nacionalidade. “Brasileira? Mas você gosta de *photographia deshonestas?*”, indagou ele, empregando o português que aprendera nas aulas de literatura luso-espanhola na universidade e pelos verbetes encontrados em um velho dicionário do século dezenove. Sem entender nada, Aline sorriu

e imitou uma morta-viva agressiva, fazendo um gesto de garras ameaçadoras e escancarando a boca para exibir seu caninos, fazendo o zumbi sentir uma certa repulsa ao ver as obturações expostas naqueles dentes ameaçadores. Outros mortos-vivos, porém, surgiram no caminho. Um palhaço, trajado como o *Joker* do Batman, passou ao lado das duas recém-conhecidas carregando um cérebro e vísceras sanguinolentas. Um garoto com uma faca enfiada na cabeça se aproximou de Aline com trejeitos mórbidos, repetiu três vezes que era tcheco e tentou beijá-la, mas ela o repeliu com o antebraço. “Sai pra lá!”, disse ela, fingindo ser má. “Esses meninos não sabem nem mesmo se aproximar de uma mulher. Veja a idade desse..., como se diz em alemão? *Kind*, ou *Kaind*? É assim que se diz? Não importa. Mal saíram das fraldas e pensam que são grande coisa. Aposto que nunca levaram uma mulher para a cama.” Ensaaiando uma banana com um dos braços, Aline então gritou: “Ei, *Kaind*! Vá retocar sua maquiagem! Você está parecendo um palhaço com essa fantasia ridícula”. Diante dos gritos da brasileira, Anne ficou um pouco envergonhada. “Olha só! Aquele ali é bem agressivo, não acha?”, disse ela apontando para um açougueiro trajando um avental todo manchado de sangue. “Gostei dele. Se tivesse um lugar onde ficar, eu o levaria para casa. Eu gosto de homens assim: bastante malpassados. Gosto de virilidade. Quem sabe hoje eu ache um par romântico? Só tenho receio que seja algum psicopata. Desse tipo eu não gosto.” Procurando se livrar dessa repentina má lembrança, ela contou então a Anne que, certa vez, conhecera um rapaz durante uma Marcha das Malvadas, da qual participara em São Paulo, alguns anos antes, um episódio que mudou para sempre sua visão da crueldade humana.

Nessa ocasião, Aline e suas colegas de partido acompanhavam a multidão de *freaks* e simpaticantes da famosa marcha no centro da cidade, um evento repetido todos os anos na metrópole paulistana, em plena Avenida Paulista. Muitas de suas colegas eram sérias partidárias e militantes, e Aline, naquele dia em especial, queria algo mais do que falar sobre política (em cima dos carros de sons, elas esbravejavam: “Não queremos só bebida!”). No meio da multidão, Aline observou o público masculino com interesse, separando os indivíduos por seu grau de hombridade e pela maneira com que seguravam sua *long neck*. Seduzida por um musculoso e sorridente Adônis a uma certa distância de onde se encontrava, Aline percebeu que ele era diferente de todos os outros rapazes presentes ao evento e resolveu se aproximar, afastando-se assim do seu grupo de amigas. Assim que recebeu um contato visual favorável de seu *crush*, Aline trocou algumas palavras com ele, e ambos iniciaram uma animada conversa.

Frank (esse era seu nome) aparentemente parecia um jovem normal para sua idade: bem-vestido, educado e saudável, uma rara característica nos homens que participavam de marchas feministas, sabia muito bem Aline. O simpático rapaz disse que morava sozinho em um condomínio de apartamentos de luxo em Moema. Um jovem dinâmico, Frank conquistara sua independência financeira após uma longa batalha judicial nos tribunais contra sua própria família. Aconselhado por um advogado, ele acusara os pais de tê-lo maltratado durante toda a infância, negando-lhe uma vida mais amorosa, privando-o de alegria e também de afeto. Por esse imperdoável crime eles deviam ser julgados e punidos. O julgamento, ignorado pela imprensa e pelos moralistas, fez do jovem uma celebridade. Seu relato emocionante conseguiu comover profundamente o júri, e a pobre vítima, apoiada pelo público, ganharia na justiça não só o direito de viver no imóvel que pertencia à sua família, mas também encerrar o pai em um asilo para idosos, acusando-o de ser um *Hannibal Lecter*. Frank contou a Aline um pouco de sua existência amarga e infeliz na companhia dos pais.

A mãe de Frank, contou ele, havia falecido por causas desconhecidas alguns anos antes, depois de ter permanecido por muito tempo internada em um hospital psiquiátrico. Obrigado a viver no imenso apartamento com o pai, o tédio assolava os dias do rapaz. Um homem disciplinado e muitas vezes rígido, o pai de Frank não era dado a extravagâncias e gastava muito pouco com diversão, uma atitude considerada estranha em um país como o Brasil. Essa vida monótona levou o filho a procurar a justiça. Embora tivesse tudo o que desejou na vida, Frank acreditava que tudo o que pertencia aos seus pais também lhe pertencia por direito. Depois de se apossar da fortuna da família, o *sweet-talker* afirmou que não precisava mais trabalhar. Tinha agora tempo de sobra para viver uma boa vida em busca do amor. O jovem, contudo, não contou a Aline toda a sua história. Uma criança difícil desde o nascimento, ele cumpriu todos os três critérios da Triade de MacDonal. Aos dez anos de idade, matou o gato da família e incendiou seu próprio quarto de dormir. Aos vinte, deixou de matar gatos e aventurou-se a caçar seres humanos indefesos. Sua primeira vítima foi uma garota que frequentava as frias madrugadas na Praça Roosevelt. Confessou a Aline que esse episódio marcara o início de sua prolífica carreira assassina. Em um único mês, o *serial killer* lotou seu freezer caseiro com membros retirados de suas vítimas. Marcava encontros frequentes por seu Handy e aproveitava seus *blind dates* para satisfazer seu apetite mortífero. Outras vítimas se sucederiam: trabalhadoras noturnas, moradores de rua e *hobos*. Todas elas serviram de ração para seu exigente pit bull. O rapaz revelou ainda a Aline que, em sua melhor fase, colecionava vários corpos em seu congelador, e afirmou esse fato com tal confiança e seriedade que assustou a garota. Ressabiada, ela quis saber um pouco mais sobre o bizarro colecionador. Seria ele apenas mais uma vítima de uma sociedade insensível que explora, massacra e condena as pessoas à alienação? Exercitando um pouco de psicologia, Aline prosseguiu sua conversa com Frank. Após algumas perguntas básicas, ela soube que, durante o indulto de Natal, o zumbi psicopata havia se recusado a voltar à prisão, onde estava confinado desde sua condenação por assassinato. Com a ajuda de um bom advogado, contudo, conseguiu recorrer e ganhou a causa. Retornou assim às ruas para continuar seu reinado de terror. E confessou a Aline que estava atrás de sua próxima vítima, uma revelação que deixou a garota um tanto atemorizada. Viu em Frank uma ameaça em potencial.

De uma hora para outra, o *Süßholzrasppler* transformou-se para Aline em um *Schürzenjäger*. Olhando para os lados, a garota percebeu horrorizada que suas colegas não estavam por perto. De um palanque improvisado em cima de um carro de som, notou que, com o microfone nas mãos, agressivas e eloquentes, elas estavam ocupadas em gritar seus improperios aos homens presentes na marcha, que participavam do evento apenas para apreciar os seios descobertos das moças mais ousadas. Mal desconfiavam de outras ameaças ainda maiores à sua dignidade. Nesse instante, a heroína exploratória, assustada e horrorizada, percebeu o perigo pelo qual estava passando e procurou agir com rapidez para salvar sua pele daquele açougueiro disfarçado de Adônis. Inventou então uma desculpa qualquer e, afastando-se em direção da multidão, Aline conseguiu se livrar do mórbido rapaz, escapando de se tornar uma celebridade póstuma em algum noticiário policial. Nunca se sentiu tão aliviada ao se afastar da presença de uma pessoa. Seus nervos, mais descontraídos, agradeceram. Aquele foi seu primeiro encontro com o terrível dragão do caos: frio, insensível e ao mesmo tempo sedutor. A apavorante experiência abriu seus olhos. Que susto! Ela poderia ter terminado seus dias em algum freezer repleto de corpos desmembrados. Nunca esteve tão perto de se meter em tremendo apuro. A princípio, gostara de Frank. Aline ficou, de fato, intensamente atraída por ele. Parecia um rapaz saudá-

vel, apesar de mortífero. Mas, ao escutar a íntima confissão de Frank sobre sua predileção facínora, ela mudou tudo o que idealizara em um homem de verdade. Constatou que, quanto mais as mulheres brigavam pelos seus direitos e quanto mais liberdade elas adquiriam, mais os homens se tornavam tóxicos, brutos ou afetados. Reparou mais uma vez nos alegres participantes da Marcha, em toda aquela confusão geral de identidade, e desabafou: o mundo estava perdido! Ao contar seu relato a Anne, Aline sentiu um calafrio, arrepiando-se ao se lembrar dessa periclitante situação pela qual passara com Frank.

Essa era a triste história de um produto inacabado das circunstâncias disfuncionais das famílias e da sociedade brasileira, disse Aline. Ela confessou a Anne que ser vítima de um psicopata poderia ter sido seu destino se não tivesse saído do Brasil. E agora, após mudar sua fortuna, confessou ter encontrado finalmente um país onde até os psicopatas deviam pedir licença para estripar suas vítimas. “Senhorita, posso arrancar um dos seus braços, *bitte?*”, disse a brasileira à sua nova colega, fazendo uma imitação burlesca, e riu agudamente. Estranhando uma risada assim tão divertida após o relato de uma história tão macabra, Anne reparou na perceptível eletricidade de Aline. Havia nela uma excitação vista raras vezes em outras mulheres. Ela era divertidamente sedutora e ao mesmo tempo irritantemente desagradável, um detalhe que deixou Anne encucada. Talvez esse fosse o segredo de sua atração repulsiva, pensou. Ela possuía a indescritível capacidade de divertir e horrorizar ao mesmo tempo, uma qualidade tão característica dos mortos-vivos. Afinal de contas, o que é a afinidade, refletiu ela, senão aquilo que faz dois corpos se atraírem e também se repelirem? Naquele instante, um tanto desconfiada, Anne pensou em deixar a brasileira e seguir sozinha seu caminho, para se juntar aos outros *zombies* menos espalhafatosos, mas algo a impeliu a ficar. E se não encontrasse nada melhor ou mais divertido? Pensou em suas solitárias noites em Zurique e decidiu assim permanecer ao lado daquela estranha companhia. Não se arrependeria depois? Indagou-se ela, lamentando-se por antecipação. Mesmo desconfiada, Anne acompanhou a animadíssima brasileira.

— Veja só como todos me olham — comentou Aline, ao olhar para os lados e perceber a atenção de alguns transeuntes. — Parece que nunca viram uma zumbi do pantanal. Estou me sentindo importante.

— Não se acostume. No instante em que ninguém mais olhar, você se sentirá um lixo — replicou Anne.

— Estou acostumada. Em meu país, nem os mortos nem os vivos valem muita coisa.

— Então deve estar gostando de viver na Suíça.

— Na verdade, desde que saí do Brasil nunca me senti tão à vontade pra fazer o que eu bem entender da minha vida. Antes eu me sentia uma zumbi com tanta opressão. Os políticos de meu país contribuíram muito para enfraquecer a autoestima do povo. Várias vezes tive vergonha de ser brasileira. Por isso decidi viver fora do país. Eu queria saber o que era ser livre de verdade.

Meus colegas brasileiros muitas vezes me questionam por que razão não fui morar em Cuba ou na Venezuela. Dizem que eu me sentiria mais livre vivendo em um país comunista. Mas se eles soubessem que toda a Comunidade Europeia é comunista, ficariam de queixo caído. Aqui o Estado é uma mãe. E eu estou me sentindo poderosa. Deve ser isso o que chamam de empoderamento.

Juntas, Anne e Aline seguiram toda a caminhada até o destino programado para o fim do passeio. Falaram um pouco de suas vidas e de suas distantes famílias durante o trajeto final até Markthalle. Meia hora depois, chegaram ao *after-party*, local de reunião de centenas de *zombies*. Os organizadores do evento orientaram os recém-chegados a formarem uma fila diante do buffet e serviram sopa de abóbora aos esfomeados mortos-vivos (e aproveitaram ainda para vender mementos e outros souvenirs do evento). As duas amigas também ficaram na fila conversando, esperando sua vez de receber a mágica poção da noite. Um casal de mortos-vivos passou ao seu lado saboreando sua sopa em uma embalagem de comida chinesa e Aline observou tudo com os olhos bem abertos. Faminta, ela comeria com vontade duas porções inteiras de sopa, demonstrando um apetite fora do comum. Mais tarde, acometida de uma leve dispepsia, se sentiria mal por ter comido tanto. “Ainda não me acostumei com a comida suíça, entende? Não gosto de comer batata *rösti* e *salsichão* todo dia. Que coisa mais falocêntrica! Isso me embrulha o estômago. Por isso costumo comer apenas croissant com café. É a única comida que consigo digerir. Talvez os suíços sejam alérgicos a toucinho. Imagine se comessem nossa feijoada”, admitiu ela, desgostosa, fazendo Anne rir à vontade de suas caras e bocas.

Terminado o lúgubre desfile (e farta de comer sopa de abóbora), as duas recém-conhecidas já se conheciam relativamente bem. Na caminhada do Markthalle até a estação de trem, algumas quadras à frente, Aline contaria a Anne que havia se mudado para a Suíça há pouco tempo. Disse que vivia em Zurique, onde trabalhava, e estava em Basileia a passeio, apenas para participar da *Zombie Walk*. Confessou ainda não ter um lugar fixo onde morar e nem mesmo onde encostar a cabeça para dormir (ou mesmo uma parede onde pudesse fixar seu retrato de Che Guevara ou de Jean Luc Godard). No dia anterior, por um incidente frívolo e trivial, ela havia sido expulsa de um albergue da juventude em Zurique e, sem teto e sem dinheiro, procurava agora um lugar onde pudesse permanecer alguns dias até encontrar um novo emprego. Aline não suportava mais viver em albergues e WGs. Em todas as hospedarias pelas quais passou, a brasileira tivera algum sério problema com os gerentes, assim como nos alojamentos comuns, onde era tratada como um ser de outro planeta. O maior impedimento de todos para se viver nesses abrigos de estrangeiros, em sua opinião, eram as regras impostas aos moradores, entre elas: não falar alto e nem fumar dentro dos quartos. Sobre o motivo de seu despejo, porém, Aline não quis entrar em detalhes.

— Regras, regras e mais regras — disse a brasileira. — Existem regras para tudo! Como as pessoas conseguem viver assim? Tantas normas atrapalham mais do que ajudam. No Brasil nada funciona, mas somos mais tolerantes aos ruídos. Aqui as pessoas não podem escutar música sem fones de ouvidos. Que absurdo! Sinto saudade do funk barulhento do meu vizinho lá da favela, mesmo com toda sua vulgaridade. Você por acaso mora com um grupo de amigas? — indagou a brasileira, demonstrando um súbito interesse pela situação de sua nova *acquaintance*.

— Até bem pouco tempo eu morava na casa de minha avó em Biel — respondeu Anne. — Eu tinha um quarto na mansarda. Mas atualmente estou vivendo com meu namorado em Zurique. Estamos experimentando morar juntos por algum tempo. Para ver se dá certo, sabe? O lugar fica perto de um cemitério.

— Que inveja! Vocês na Suíça são tão... tão *pra frente*. Não se importam nem mesmo de viver perto dos mortos. Quem dera eu pudesse morar em uma mansarda ou perto do cemitério. Eu me sentiria como uma rainha. Mesmo com todo seu enervante silêncio. Ficaria satisfeita até mesmo de dividir um quarto com quatro pessoas, como eu fazia em São Paulo. Uma vez morei com oito meninas em uma *kitchenette*. De manhã, antes do sair para o trabalho, tínhamos que passar umas sobre as outras para ir ao banheiro.

Na verdade, sem ter onde morar, Aline aproveitava as caminhadas de zumbis para encontrar alguém que a deixasse ficar algumas semanas debaixo de um teto (nos três meses em que ela estivera na cidade vivendo como uma *Gimme Shelter*, ela conhecera quase todos os abrigos da juventude espalhados pelos diversos bairros de Zurique). “Não é fácil encontrar um lugar para se morar. E quando se consegue um quartinho, paga-se uma fortuna! E ainda chamam a Suíça de *nação dos inquilinos*. Espero que não tenha que viver debaixo de alguma ponte”, disse ela e arrotou, demonstrando que a sopa de abóbora não havia lhe feito bem. Diante dessa declaração, Anne ficou curiosa para entender como Aline conseguia sobreviver na Suíça daquela maneira tão improvisada, e quis saber um pouco mais sobre sua insólita companhia. Como era possível alguém viver tão frugalmente em um país tão rico? Será que ela comia mesmo apenas Gipfeli com Kaffee? Em um lugar tão opulento e tão sortido de todas as classes de comestíveis, alimentos nutritivos ou guloseimas, como era possível passar fome em Schoggiland? Para responder a essa questão, a Garota do Pântano fez uma pausa e começou a desmontar sua fantasia. Retirou alguns minúsculos gravetos do cabelo e os jogou na rua. A esse gesto, Anne sobresaltou-se, mas manteve-se calada. Em vez de uma réplica breve, Aline fez um pequeno discurso. Declarou então que ela estava acostumada a improvisar. Todo brasileiro era um grande improvisador, disse Aline. E tudo por uma questão de sobrevivência. Afinal de contas, frisou ela, é preciso dançar conforme a música. Aline culpou a rudimentar modernização do seu país (feita às pressas e sem qualquer planejamento) pela sua própria terrível situação social e econômica. Afirmou, com convicção, que, no Brasil, os mais desfavorecidos viviam no obscurantismo e os mais ricos na obscuridade de seus condomínios de luxo e suas casas em Miami Beach, e o enorme abismo que separava os mais preparados dos menos preparados obrigava os últimos a uma constante correria pela sobrevivência. No meio da pirâmide, disse ela, encontrava-se a classe zumbi, com sua neutra face, em que as pessoas eram escravas de seus apetites e sempre endividada com roupas, eletrônicos e viagens à Flórida (onde costumavam gastar em compras mais do que podiam pagar com seus cartões de crédito). Contudo, Aline explicou, a *zombie class* estava condenada à falência. Em decorrência da instável economia do país e de um falho raciocínio financeiro, a maioria da população se virava como podia (ou melhor: do jeito que lhes convinha), em um *rat race* constante para manter um *lifestyle* insustentável. “Nossa vida é uma espécie de circo ambulante, entende? Vivemos como saltimbancos atrapalhados”, disse a garçonete e balançou os quadris como se girasse um bambolê, fazendo Anne rir um bocadinho, antes da nova pergunta. “E o que queria realmente ser?”, indagou a sorridente punk rocker *zombie*. “Uma palhaça?” Ao escutar aquela palavra Aline franziu a testa e crispou

os lábios, provocando o riso de Anne. A brasileira foi imediatamente contagiada pela reação e riu de volta. As risadas combinadas das duas jovens despertaram a curiosidade dos outros mortos-vivos nas proximidades. Intrigados, eles queriam saber o que era tão hilário, mas perderam o interesse ao escutarem uma língua que não compreendiam. “Eu queria ter sido atriz”, confessou mais tarde Aline, agora um pouco mais séria. “Mas teria sido um desastre no palco. Eu seria apenas mais uma atriz desiludida por nunca ter feito o papel de meus sonhos. Na verdade, nunca tentei atuar. Sou um pouco preguiçosa, sabe?”, disse a frustrada aspirante a artista. “Eu não teria sido uma boa atriz e nem mesmo uma boa pensadora. Assim como não teria sido também uma boa filósofa se tivesse oportunidade. Sou muito subjetiva, entende? Filosofia precisa de um pouco de objetividade e disciplina mental. Nunca fui muito disciplinada. Lembro que costumava recheiar minhas redações de comentários sem nenhuma relação com o tema escolhido pelo professor. Eu não tinha nenhuma ideia do que escrever. O professor sempre me dava nota baixa. Disse que eu devia aprender a manter o foco, como se isso fosse algo que a gente aprendesse na escola”, falou a brasileira e retirou uma presilha da cabeleira, arremessando-a no asfalto. Dessa vez, Anne apenas sorriu, achando graça do jeito exagerado de Aline. Terminado o evento, os mortos-vivos começaram a se dispersar e as duas recém-conhecidas resolveram fazer juntas a viagem de regresso para casa, visto que iriam para o mesmo destino.

— Aquele não é o diretor do filme *Apocalyptic*? — indagou Aline, reconhecendo uma figura em meio à multidão de mortos-vivos em debandada. — Nos vídeos, ele parece mais alto.

Essa observação divertiu Anne. Deliciada, ela não se importou de acompanhar Aline em seu regresso. Ria por dentro e por fora. Era tudo engraçado para ela. Nunca pensou que os brasileiros fossem tão ridículos. Estava desfrutando com prazer aquela companhia atrapalhada e suas asneiras. Não era todo dia que podia rir de graça.

Uma vez na estação de trem de Basileia, as duas novas amigas dirigiram-se apressadas à plataforma de embarque para chegar a tempo de pegar o próximo horário do trem. Falaram de vários assuntos no caminho, sobretudo de cinema e diretores de *horror movies*. Uma vez na plataforma, elas aguardaram alguns minutos antes que o veículo ferroviário chegasse pontualmente no horário previsto, deixando Aline mais uma vez perplexa com a pontualidade e a precisão suíça. Elas embarcaram no vagão quase vazio e foram se sentar no fundo. Instaladas em seus confortáveis assentos, continuaram então sua animada conversa por todo o trajeto até Zurique. Durante toda a viagem, Aline aproveitou para contar a Anne sobre seu caso passageiro com a filosofia, revelando um pouco de sua biografia.

Em sua época de estudante, disse Aline, a conjuntura política e econômica brasileira era instável e imprevisível. Sua situação familiar era ainda pior. Depois que o pai abandonara a família, ela foi morar com a mãe em seu barracão improvisado, em uma das muitas favelas paulistanas. O convívio revelou-se problemático. Apesar das semelhanças, ambas viviam brigando o tempo todo pelos motivos mais triviais. A mãe, ainda por cima, morava com um namorado mais jovem, que a filha achava insuportável. Além desse negativo clima familiar, a genitora reclamava que Aline regressava tarde do trabalho, atrapalhando seu sono e sua vida amorosa.

Para agravar as coisas, a filha e o amante materno não conviviam muito bem entre si. Sempre que Aline estava em casa, o rapaz a olhava longamente com redobrado interesse, e esse atrevimento a enervava. Estivesse na sala ou na cozinha, ele estava sempre por perto, observando os movimentos da jovem. Em pé de guerra, Aline preparou-se para o pior. Mesmo sentindo-se incomodada, contudo, ela não contou nada à mãe. Certa noite, assediada pelo enamorado materno enquanto lavava a lousa, Aline defendeu-se de maneira magistral, golpeando seu ofensor na cabeça com uma panela de pressão. O resultado foi desastroso. No meio da madrugada, mãe e filha tiveram que levar o frustrado e ferido sedutor com uma fratura no crânio à emergência hospitalar mais próxima, onde tiveram que enfrentar o descaso dos aborrecidos e sobrecarregados funcionários do pronto-socorro. No posto de saúde, elas suportaram a zombaria dos populares, e ainda esperariam horas para serem atendidas por um irritadiço médico de plantão. Por conta desse incidente, a pedido da inconformada e aborrecida mãe, Aline decidiu, enfim, sair de casa e foi morar com um grupo de amigas em um pequeno apartamento no Ipiranga (onde o acesso ao banheiro requeria extrema paciência de todas elas, sobretudo quando voltavam do expediente noturno). Resolvida a arrumar um emprego, ela retornou à faculdade de filosofia, após ter trancado seu curso por dois anos seguidos. Estudava à noite, enquanto trabalhava de dia como recepcionista (apenas temporariamente, segundo Aline) para custear seus estudos e pagar as fotocópias dos livros. A intrépida estudante, entretanto, não desanimou.

Uma vez formada em filosofia, contudo, o emprego temporário virou perpétuo. Aline passou a trabalhar dia e noite, fins de semana e feriados. Com isso o emprego passou a ocupar todo o seu dia e também sua noite. Acordava muito cedo, passava horas no trânsito, comia às pressas e, tão logo chegava do trabalho, adormecia de cansaço. Um ano nesse ritmo massacrante, Aline constatou que sua vida não tinha nenhum propósito a não ser (salientou ela) “enriquecer as classes opressoras”. Ainda assim não desistiu de procurar uma alternativa menos angustiante. Ela tentou várias vezes ministrar aulas em diversos colégios particulares ou públicos, mas em todos eles a disciplina de filosofia não era obrigatória e, sem qualquer experiência na área, as doutas diretoras a dispensavam, lamentando que ela não tivesse as qualificações exigidas para a vaga. Sem poder utilizar seu diploma para um propósito superior, Aline perdeu as esperanças. Uma mulher audaciosa e colérica na adolescente, ela se sentia agora desanimada, desmotivada e melancólica. Passava suas noites assistindo à televisão e lendo os poucos livros que restaram de sua faculdade (a maioria deles fotocópias), sem qualquer outro interesse exceto passar seu ocioso tempo, muitas vezes cochilando durante a leitura. Diante desse desânimo, as amigas sugeriram que Aline procurasse uma igreja. Quem sabe não encontrasse um homem fiel ou um jogador de futebol arrependido de seus pecados fora de campo ou de suas gafes na mídia? Animada pela possibilidade, a descrente zumbi foi à luta. No entanto, depois de frequentar todos os templos e terreiros de sua comunidade, Aline terminaria desistindo de encontrar uma fé religiosa e mesmo um marido rico. Mas nunca desistiria de buscar um propósito para sua existência. Encontraria, enfim, consolo nas grandes ideias.

Certo dia, uma colega de trabalho de Aline a convidou para participar de um encontro do partido político em que militava. Era fim de expediente e, enquanto esperavam o ônibus, as duas colegas começaram a conversar despreocupadamente sobre o que fariam aquela noite. Marilena, a irrequieta colega de Aline, sugeriu que elas fossem a uma reunião partidária para saber as novidades. Disse que era um bom lugar para se conhecer gente interessante, e talvez até mesmo sua alma gêmea (quem sabe?), salientou a colega trocista, em um tom brincalhão. O

convite foi prontamente aceito por Aline. Saíram diretamente do trabalho para sua tertúlia ideológica. A primeira reunião em que a recepcionista participou com Marilena abriu seus olhos para o mundo. Ali a realidade finalmente se revelou com todas as suas cores. Aline viu um mundo dividido entre pobres e ricos, oprimidos e opressores, explorados e exploradores, um mundo sem justiça e sem fraternidade, igualdade e liberdade. Descobriu que tudo era uma eterna luta de classes e que os trabalhadores recebiam pelo valor do que produziam e não pelo valor de seu trabalho. Tanta informação abriu os olhos da recepcionista. E ela gostou tanto da experiência que frequentaria sem falta todas as outras reuniões posteriores nas semanas seguintes. Eram encontros animados aqueles. Os partidários formavam um grupo barulhento e falastrão, onde discutiam de tudo e sobre todos. A nova integrante sentiu-se em casa. Como um peixe devolvido à água, Aline estava agora em seu elemento natural. No partido, ela descobriu seres tão solitários, tão excluídos e tão mal remunerados quanto ela. Embora fossem um pouco infantis, a jovem partidária não se importou com esses detalhes de seus novos amigos. Eles possuíam, afinal, objetivos mais nobres na vida, aos quais Aline compartilhava, entre eles excluir o excludente. Sem falar da diversão. O partido para ela lembrava uma visita a Neverland, em que os meninos perdidos se reuniam com Peter Pan para brincar e fantasiar juntos e, em seus disputados sonhos, planejavam desaparecer para sempre com o Capitão Gancho. Os colegas da recepcionista estavam sempre prontos para combater o mal e a barbárie, sonhando com uma paradisíaca ilha sem piratas. Em sua companhia, estavam sempre discutindo em alguma mesa de bar, falando sobre política e praticando *kiss and tell* com os outros membros do partido, um costume grupal tolerável, ainda que odiado (alguns deles, afrontados pela fofoca, vingavam-se expondo publicamente a intimidade do mexiquero). Apesar das diferenças, como irmãos briguentos, eles sempre digladiavam entre si e se reconciliavam em seguida. Havia uma grande cumplicidade entre os partidários. Aline conhecia os segredos mais confidenciais de seus companheiros, uma vez que gostavam de lhe confessar suas amarguras e seus desafetos, e logo constatou que o partido era uma terapia para muitos deles. Em breve, estaria praticamente íntima de todo o grupo. Nas reuniões, discutiam ferozmente sobre seus inimigos políticos, retratando-os como demônios infernais e reacionários tirânicos (ou fascistas, como preferiam chamá-los). Eram eloquentes e graves. Muitos deles pareciam viver para reclamar da vida. Reclamavam do governo, reclamavam dos empresários, reclamavam da classe média, reclamavam do povo indolente e festivo. Exceto por sua ideologia, muitos deles não possuíam carreira, nem família ou mesmo uma educação completa. Sempre irascíveis, eles diziam odiar os ricos e usavam seus ideais de justiça social para racionalizar sua busca de vingança pessoal. No partido, Aline sentiu que estava no meio e no momento certo. Concordava com os colegas em todos os aspectos (ainda que discordasse de muitas de suas perversidades). Sua opinião era também a opinião geral. Feliz e mais animada, ela reencontrou seu *joie de vivre* e seu propósito existencial. Estava mais viva do que morta. Aqueles anos foram considerados gloriosos para a brasileira. Aprenderia mais no partido do que em todo seu obsoleto aprendizado na universidade. Por um bom tempo tudo correria muito bem para a jovem partidária. Sua vida social era agitada e ela desfrutava sua liberdade com a desenvoltura de uma sambista, até que um dia, enfim, perdeu seu emprego de recepcionista.

Mesmo frequentando as reuniões partidárias, Aline apresentava-se todos os dias à recepção da empresa em que trabalhava. Mas sua nova vida não se harmonizava com sua velha vida. Em certa ocasião, ao ser advertida no trabalho por chegar sempre atrasada, Aline protestou contra aquilo que considerava uma “vergonhosa exploração dos trabalhadores pela classe empresarial”. Seu desabafo era oportuno. Inspirada por ideias libertárias, ela não queria mais sofrer a recorrente vitimização sofrida pelas mulheres desde que Hades raptou Perséfone. A rebelde

atitude, contudo, não foi bem recebida por seus colegas de partido (acusaram-na de ser inflexível e dogmática) e muito menos por seu empregador, que a despediu por insubordinação. Sem emprego e sem nenhum lugar para morar (terminara atrasando três meses de aluguel e foi despejada), Aline chegou a um ponto incontornável de não-retorno. Nessa nova fase seus colegas passaram a olhá-la com desconfiança, uma vez que ela não podia mais ser considerada uma trabalhadora. Afinal, existe uma grande distância entre um operário e um desempregado.

A situação nunca esteve tão problemática. Tudo começou a fazer falta, sobretudo um teto. Despejada, a ex-recepcionista tentou a ajuda dos colegas de partido, mas todos eles lhe responderam que os quartos onde viviam estavam lotados. Para encontrar um lugar onde morar, Aline atravessou a gigantesca São Paulo e mudou-se então para a casa da irmã mais nova, uma melancólica *pink collar*, solteira e sem filhos, que frequentava uma das diversas igrejas neopentecostais do bairro em que vivia, na Zona Leste. Com a mudança, a recém-desempregada deixou assim de participar das reuniões do partido para economizar no dinheiro do transporte, agora que deveria passar seus humilhantes dias procurando emprego. Clara, a irmã de Aline, a acolheu sem qualquer entusiasmo. Trabalhando como caixa de loja de departamentos, a irmã ganhava um mísero salário, do qual retirava todo o seu sustento. Embora vivesse uma existência apagada e invisível, ela cultivava profundos sentimentos. Na época, Clara estava apaixonada por um homem que a deixara por uma colega do trabalho. A companhia da irmã não teve um efeito muito saudável sobre a recém-chegada. Diante da antipática melancolia de Clara, Aline perdeu o ânimo e decidiu que precisava mudar. E não bastava mudar apenas de casa ou de cidade. Era preciso mudar país. Queria ir para bem longe do Brasil, onde as pessoas pudessem ser mais alegres e gostassem de assistir a filmes de horror sem perder o sono. Aline teve então uma brilhante ideia, um *insight* que provocaria um movimento anormal de sua Roda da Fortuna, e que decidiria seu novo destino.

Certa noite, durante o horário da telenovela, iniciou-se uma discussão entre as duas irmãs. Aline acusou Clara de ter uma mentalidade primitiva por assistir à televisão, alimentando suas paixões passivas por um homem imaginário, cultivando a covardia e o medo do contato físico, enquanto sonhava com seu príncipe encantado e satisfazia seu repetitivo e insaciável apetite por doces e açúcar (Clara adorava comer bombons enquanto apreciava seu único passatempo). Aline colocou a culpa da mediocridade da irmã nas telenovelas brasileiras. Virando-se para Clara, ela criticou os atores e roteiristas daquela “espúria obra de arte enganadora e desavergonhada, feita para vender propaganda e ridicularizar a inteligência dos brasileiros” (preferiu Aline, em seu franco dizer revolucionário), aborrecendo assim sua companhia de sofá. “Onde já se viu?”, declarou a revoltada telespectadora. “Em que lugar do mundo as pessoas desfrutam o fim de semana em Paris tomando champanhe? Que utopia ridícula! Nem na Suíça os ricos possuem tanta mordomia. Lá sim é o paraíso, e não esse inferno de vida!” Cansada de escutar as críticas e as conversas idealistas de Aline, a irmã explodiu: “Por que você tem sempre que me debochar? Por que você não vai logo para a Suíça e para de me aborrecer? Já tenho coisas demais com que me preocupar”, esbravejou a indignada protestante e, levantando-se do sofá da sala de estar, retirou a televisão da tomada e a levou pesadamente para seu quarto. Maravilhada por aquela ideia tão original, a crítica filósofa de telenovelas (uma função muito comum no Brasil, até para os filósofos mais sérios) seguiu à risca a sugestão. Com a ajuda de seus colegas partidários, Aline conseguiu então levantar fundos para comprar as passagens aéreas. No mês seguinte, tirou seu passaporte, arrumou as malas e, após sua festa de despedida com di-

reito a bebedeira e cefaleia, mudou-se para o país helvético.

“E foi assim que vim parar aqui”, confessou Aline a Anne. “Juro por Deus! Se não fosse pela maldita boca de minha irmã, eu teria ficado no Brasil. Desculpe meu palavreado grosseiro, mas ela me fez passar realmente por maus bocados. Nunca corri tanto! E até que não foi uma decisão tão ruim, entende? Há males que vêm para o bem. Como pode ver, agora estou melhor do que antes. As coisas andam um bocado difíceis ultimamente, mas consigo ao menos me virar sozinha. Apesar de não ter encontrado ainda um lugar decente para morar, nunca ganhei tanto dinheiro em minha explorada existência.” Dessa forma, Aline concluiu o relato de sua biografia. Ao fim dessa saga particular, Anne achou aquilo tudo muito familiar, uma dessas histórias infelizes, tantas vezes lidas e assistidas nos melodramas sentimentais. Era a conhecida saga de uma destemida imigrante na Europa: entrando e saindo de apuros, uma dor de cabeça atrás da outra, matando um leão por dia, às vezes dois. Essa, concluiu Aline, era sua *new life*.

Ao fim do relato autobiográfico de sua recém-conhecida, encantada por tantas aventuras, Anne indagou então onde Aline estava trabalhando. Houve uma pequena pausa antes da resposta, tempo suficiente para a brasileira suspirar fundo. Após mirar a paisagem suíça da janela do trem em movimento, a jovem imigrante respondeu que conseguira um emprego de meio período em um café na Spiegelgasse. “Não parece grande coisa, mas foi o que encontrei, entende?”, disse ela. “Fazer o quê? É melhor do que trabalhar de *call girl*.” Desejava, no entanto, que aquela fosse apenas uma ocupação temporária. Pensava em se casar muito em breve. Casar? Anne ficou surpresa por esse disparate. “Por que não?”, respondeu Aline. “É mais fácil me casar aqui do que no Brasil, acredita? Somos consideradas exóticas, e isso atrai os estrangeiros. Uma amiga me convidou para acompanhá-la a uma *disco*. Ela me disse que é a melhor maneira de conseguir um *permit C*.”

— Então quer se casar com um suíço? — indagou Anne, intrigada, tentando imaginar aquela explosiva figura casada com um nativo das terras helvéticas. — Não duraria dois meses, pode acreditar. Alguns suíços são bastante criteriosos em suas escolhas. Falo por experiência própria. Qual foi a última vez que você fez seus exames ginecológicos? Eles vão querer saber.

— Não me importo em casar e separar logo depois — replicou Aline, ignorando a segunda pergunta. — Sou uma pessoa prática. Não acredito em príncipes encantados.

— Parece um pouco alucinado, não acha? Ser vista apenas como uma fantasia corporificada. É o que chamam de fetiche. Isso é escravidão. Você está presa às correntes da ilusão.

— Sei que não podemos ser servas do corpo. Mas devemos estar conscientes do nosso valor de troca para enfrentarmos a opressão das classes dominantes. Somente assim conquistaremos nossa liberdade. Às vezes, portanto, vale tudo na busca por uma positividade emancipadora. Mesmo que seja um marido.

Positividade emancipadora? Intrigada por aquele termo alienígena, Anne tentou imaginar onde o escutara antes. Não precisou pensar muito para se lembrar. Estaria Aline falando do conceito marxista de emancipação? Ou estava sendo apenas pedante? Logo desconfiou dos jargões materialistas da amiga utilizados antes como “valor de uso e valor de troca”, “emancipação libertária”, “opressão das classes dominantes” e ficou um tanto contrariada. Tinha uma opinião refratária ao socialismo. Para Anne, uma fiel leitora de George Orwell desde sua juventude, os socialistas tinham um conceito equivocado de emancipação. Segundo ela, a liberdade advinha da união e não da separação do sujeito e do objeto. De que vale ser uma esquizoide livre? Era pior do que ser um morto-vivo. O que adianta emancipar o corpo e perder a alma?

— Não penso assim — respondeu Anne, que não via o primado da percepção como uma libertação total dos sentidos na acepção rimbaudiana do termo, e preferia a sensibilidade goethiana como ideal estético. — Todo o conjunto da História é uma preparação para aumentar nossa sensibilidade, e não para diminuí-la. Não podemos ser apenas sentidos-objetos como pensam os filósofos pós-modernistas. Ou apenas mais uma imagem a ser consumida pelos apetites sensuais e fetichistas da sociedade de consumo. Devemos ser também sencientes. Por isso devemos procurar alternativas que fujam da tirania do sexo.

— Não temos outra opção — disse Aline.

— Por que não insiste em dar aulas? É melhor do que ser tratada como um fetiche ou como uma boneca inflável. Talvez você se case com um homem sério no Brasil, ou quem sabe um educador suíço. Aqui há grande disponibilidade de professores de filosofia solteiros, se quer saber, apesar de não serem nada econômicos. As mulheres suíças tradicionais são meio desconfiadas dos tipos sonhadores.

— Homens inteligentes nem sempre são financeiramente atraentes, entende? Os machos beta são um tanto desapegados dos bens materiais. Além de que, preciso de rendimento rápido.

Anne não quis comentar nada, um tanto insatisfeita com a réplica (ela considerava seu namorado um presunçoso *macho alfa negativo*). Naquele ponto da conversa, a *zombie girl* tupiniquim já começava a desagradá-la. Era necessário assim adoçar um pouco a vida. Olhando para fora do trem, a jovem retirou então uma barra de chocolate do bolso do casaco e começou a comer sem pressa. A história de Aline lhe dera fome. No fundo, estava um tanto decepcionada por ter ido a uma *Zombie Walk* apenas para conhecer uma imigrante brasileira. Não quis, porém, parecer distante. “Então trabalha em um café?”, indagou Anne, oferecendo um pedaço de chocolate a Aline, que ela aceitou prontamente. Com o fim dos arrotos, a brasileira sentiu-se um pouco melhor e continuou a conversa. “Não é propriamente um café, na verdade”, respondeu ela, com uma expressão ambígua no rosto. Confessou então que trabalhava em um cabaré, declaração que deixou Anne um tanto desconcertada. Seria Aline uma dançarina? Quis então saber mais detalhes sobre o emprego da imigrante brasileira, e a *zombie girl*, por precaução, se prontificou a explicar. “Não é nada do que está pensando!”, disse ela, procurando esclarecer Anne. “Eu não danço nem tiro a roupa em público, sou apenas uma garçonete. É um tipo de

cabaré, entende? Ou não? Hmm... Como vou explicar? Um cabaré sem dança e sem *strippers*. Um tanto esquisito, não acha? Deve ser normal na Suíça.” A expressão *deadpan* de Aline divertiu Anne, e ela não conseguiu conter um sorriso. “O que se poderia esperar de um país onde os DJs têm o nome de ‘Bobo’?”, completou Aline, bastante séria, como se falasse de uma coisa sinistra, e fez Anne rir um bocado. A jovem divertia-se como nunca. Por um instante, arrependeu-se de ter pensado tão mal da brasileira.

Na estação de trem, as duas garotas desembarcaram e seguiram juntas o trajeto até a saída. Uma vez na Bahnhofplatz, elas trocaram ainda suas opiniões sobre a Zombie Walk (concordaram que, aquele ano, o número de participantes havia triplicado e a sopa de abóbora estava cada vez rala) e, ao despedirem-se na Central, trocaram seus números de telefone, decididas a se reverem em breve. Afastando-se, Aline virou-se de repente e convidou a nova *acquaintance* para visitá-la no café. Quem sabe poderiam conversar com mais tempo? Sugeriu a brasileira, sorridente. “Fica na Münstergasse com a Spiegelgasse! Quase na esquina. Não tem erro!”, gritou ela, provocando um susto em dois suíços que passavam, e então virou as costas. Anne, por cortesia (e esperando divertir-se um pouco mais), despediu-se com um “À bientôt!”. Ao se ver livre de Aline, a jovem suspirou fundo. Será que reveria aquela louca? Pensou ela, ruminando suas dúvidas enquanto se afastava. Mais tarde, avaliando melhor o convite em casa, a jovem decidiria aceitar a sugestão de Aline. Não queria mais passar seus dias sozinha aguardando pela chegada de Markus, enquanto amargava sua solidão. Resolveu assim que iria à velha cidade de Zurique para visitar a nova amiga. Uma decisão que, mesmo após sua internação em Bünzgli, ainda lhe traria más lembranças por muitos e muitos anos.

No refeitório da clínica em Lucerna, diante do pensativo Antoine, Anne comia sua torta doce enquanto ruminava suas lembranças de dez anos antes, ocasião em que conhecera Aline. Mastigava devagar, distraída, saboreando menos a refeição e mais as recordações. Lembrou-se que, após esse convite da brasileira, ela titubeou em aceitar qualquer outra oportunidade de sair com um estrangeiro. No início, Anne pensou em esquecer a promessa de rever Aline. Elas eram diferentes em tantos aspectos, afinal, e Anne não gostava de nada muito heterogêneo. Apesar da diversidade da população suíça, ela preferia cada coisa em seu lugar. Em sua opinião, cada cultura expressa aquilo que mais predomina na sociedade. Como Anaxágoras, um de seus filósofos favoritos, ela acreditava no Princípio da Predominância, ou seja, cada ser é formado de ingredientes heterogêneos e homogêneos, mas cada um de nós, enfim, é aquilo que mais predomina em todo o conjunto. Na opinião de Anne, Aline era como uma receita de um prato salgado em que puseram muito pimenta e, mesmo tendo outros ingredientes, tornou-se um prato muito apimentado. A brasileira, porém, tinha uma predominância do elemento ácido. Aline era incapaz de ficar calada por muito tempo sem falar alguma asneira. Daquele primeiro encontro entre as duas, Anne guardara a impressão que Aline, por conta de seu temperamento colérico, era um tanto explosiva. Seu convite para visitá-la em seu local de trabalho, contudo, deixou Anne resabiada. Um cabaré? Indagava-se, cismada pela suspeita. Ela conhecia bem a Rathaus e sabia que o único cabaré que ali havia era um café galeria. Apesar de toda essa familiaridade, o que ocorreu foi um tanto inusitado. A jovem relembriaria então aquele insólito rendez-vous com Aline em Zurique.

A mudança de Anne da casa da avó para a casa de Markus não atendeu suas expectativas. Ima-

ginou que teria dias mais animados ao lado de um homem bonito, charmoso e esportivo, mas logo percebeu que não era nada do que imaginava. As constantes ausências do namorado a desanimavam tremendamente. Nas frias e solitárias noites em Zurique, Anne sentia-se desamparada e infeliz. Seus fins de semana eram muitas vezes bem monótonos, como costumam ser para grande parte dos suíços urbanos e outros habitantes de suas gélidas cidades, quando permanecem sozinhos em casa por muito tempo. Há semanas sem ver o namorado, Anne procurou se distrair com outra pessoa. E nesse período em particular, ao conhecer Aline, ela viu a oportunidade de ter uma companhia em seus solitários passeios pela cidade. Basta de tanto tédio! Declarou ela. Queria dar boas risadas, ter um pouco de inspiração, ou mesmo uma nova esperança para sua vida. Havia também outros motivos para encontrar Aline. Anne nunca saía com uma imigrante estrangeira antes, ainda mais uma compatriota brasileira. Viu ali a oportunidade de expandir seus conhecimentos. A jovem estava curiosa para saber algo mais sobre o país em que vivera seus avós suíços e do qual pouco se lembrava. Quem era o presidente da República agora? Era um bom homem? Educara seus filhos com base no amor pelo saber ou no amor pelo poder e pelo dinheiro? Todos os políticos corruptos estavam na prisão? O Brasil era um lugar melhor para se viver? Os brasileiros tinham uma boa educação? Talvez valesse a pena saber o que Aline lhe responderia.

Na semana seguinte, a cativada *jeune fille* fez questão de honrar o compromisso com Aline. Embarcou em um metrô na Kreis 2 e seguiu a pé em direção ao velho centro da cidade. Andando pela Rathaus, ela subiu a Münstergasse até chegar à esquina da Spiegelgasse. Quando se aproximou de seu destino, ela sorriu ao constatar que aquele era o célebre Cabaret Voltaire, um lugar que ele visitara quando era ainda adolescente. Diante da superfície espelhada de uma vitrine, Anne deu um retoque em sua aparência. Ela trajava uma undergroundiana *biker jacket* preta de *shiny shiny vinyl* (e sem *boots of leather*) por cima de um vestidinho floral de seda, preto com tons rosados, e calçava *sneakers* brancos sem meia. Essa era sua indumentária básica para sair de casa nos dias quentes. Seu cabelo, cortado à altura do queixo, exibia seu exuberante tom ruivo natural. Uma vez retocada, ela subiu as escadas do café e, no andar superior, procurou um lugar para se sentar no interior do memorável santuário das artes modernistas. O espaço, decorado em um estilo despojado com móveis de diferentes épocas, estava quase vazio. Havia diversas mesas desocupadas àquela hora e uma delas, mais convidativa, encontrava-se perto de uma lareira. Apesar de não ser muito tarde, alguns clientes já pagavam suas contas, prontos para dirigirem-se à próxima atração da noite na cidade (e um tanto decepcionados por não terem encontrado algum artista recitando poesia revolucionária). Antes de se sentar, Anne observou as novidades na decoração. O ambiente havia mudado bastante desde sua última visita. No recinto decorado de móveis antiquados (inclusive um piano) e fotografias antigas, colagens de Schwitters espalhavam-se agora pelas paredes, assim como as conhecidas frases obscenas e objetos experimentais. A visitante observou tudo com familiaridade. Por meio de seus estudos artísticos e suas pesquisas sobre as diversas fases da Arte, a jovem vintista havia conhecido bem o café e sua influência nas artes plásticas e escritas do século vinte, assim como suas origens no início daquele agitado período histórico da civilização ocidental e seus célebres artistas. Sua relação com o Dada era quase íntima. Tinha uma grande admiração pelo *Schnitt mit dem Küchenmesser DADA durch die letzte weimarer Bierbauschkulturrepoche Deutschlands* de Hannah Höch e também por Sophie Taeuber-Arp (sobretudo por seu “Robot King”), com sua engenhosa síntese de dança, marionetes, bonecos, costumes e cenários. Para ela, os dadaístas haviam revolucionado a História da Arte ao mostrar que qualquer um era capaz de ser um artista, qualquer um podia ter uma ideia brilhante e influenciar o mundo, realizando assim o sonho do “Ser Total” sonhado por Nietzsche, o filósofo mais lido

naquela agitada época (Jean Cocteau, inclusive, chamava os barulhentos artistas de *petites Nietzsche*s, como confidenciou ele, certa vez, a Edmund Wilson). Anne sentou-se junto à lareira, em uma poltrona Luís XV, perto de um painel de fotografias (uma delas exibia Hugo Ball vestido como um sacerdote futurista e Tristan Tzara fazendo careta) e ao lado do busto de um sorridente Voltaire. Enquanto esperava por Aline, a *demoiselle* passou os olhos por aqueles familiares registros antigos de uma época pretérita e teve algumas recordações de adolescência (uma vez que, mais jovem, colecionara tudo o que encontrara sobre o legendário *café-théâtre*, sobretudo os figurinos de época). Em sua adolescência, Anne apaixonou-se pelo dadaísmo. Gostava da filosofia irreverente e anarquista dos artistas Dada, de sua extravagância bem-humorada e sua admirável ousadia, e compartilhava algumas de suas ideias (entre elas utilizar a arte como uma arma contra o mau gosto e a incultura). Anne havia sido tão influenciada por essa corrente artística que, anos mais tarde, vivendo em Zurique, ela chegaria até mesmo a desenhar alguns modelitos inspirados nas bricolagens dadaístas para a decoração de uma vitrine, experimentando utilizá-los nos manequins de uma das lojas para as quais prestava serviços de decoração. Considerando os dadaístas os primeiros artistas mortos-vivos modernos (ainda que Baudelaire merecesse o rótulo), a jovem se divertia também com as expressões bizarras dos artistas exibidas em suas fotografias. Uma de seus registros favoritos da época era um velho registro dos primeiros dadaístas reunidos no Cabaré, exibindo-se com seus estilos de vestir *avant-garde*, um comportamento um tanto ousado para aquele tumultuado começo de século. Na fotografia em questão, posando graciosamente como o Velvet Underground ou mesmo uma banda pós-punk do fim dos anos setenta, encontram-se o irrequieto Jean Arp (seria ele o garboso guitarrista do grupo?), o sério Hugo Ball (o vocalista bonachão), a exuberante Emmy Hennings (a corista e estrela de cabaré), o eclético baterista Huelsenbeck e ainda Marcel Janco (no baixo), todos eles em poses seriamente divertidas. Em suas pesquisas nas bibliotecas de Zurique, Anne descobriu diversos livros sobre o assunto, com depoimentos daqueles que viveram esse glorioso período histórico. Os autores falavam sobre as tumultuadas apresentações naquele *café des artes*, testemunhas assentiam a essas histórias e os próprios artistas, em suas autobiografias, acrescentavam suas impressões pessoais. Além de colecionar registros visuais da época, Anne também lera documentos históricos do arquivo de Harald Szeemann sobre a era dadaísta, e ainda assistira a inúmeros documentários com gravações de época e registros históricos em formato de vídeo ou som. Em um filme de curta-metragem, ela escutou o extático Tristan Tzara lendo, enlouquecido, os absurdos poemas de Ball influenciados pela arte africana, em um diabólico frenesi preenchido de encantamentos e abracadabras executados por um Merlin endemoniado.

gadji beri bimba

glandridi lauli lonni cadori

gadjanna bim beri glassala

glandridi glassala tuffm i zimbrabim

blassa galassasa tuffm i zimbrabim

Quieta em seu canto, observando as fotografias, Anne até mesmo havia se esquecido da garçone. Mas ela não demorou para aparecer. “Zimbrabim! Eis quem eu esperava encontrar”, repetiu a jovem mentalmente, quando avistou Aline vindo em sua direção. Ela não parecia em

nada com a *zombie girl* que Anne conheceu no evento em Basileia. Trajada a caráter para o trabalho, ela prendera a cabeleireira em um rabo de galo, expondo ainda mais a testa pequena e seu aspecto de duende. A garçonete trazia consigo, presa à cintura, uma enorme *wallet*, utilizada para dar troco aos fregueses que preferiam pagar suas contas em moedas. Aline acenou ligeiramente para a visitante. Ela estava atendendo um casal de americanos que parecia ter bebido além da conta e, sem nenhum motivo, começaram a discutir alto (ao comentarem a eleição presidencial americana, a conversa esquentou quando eles discordaram em suas opiniões sobre o *Dream Act* e ao descobrirem que ambos eram de partidos opostos, ele republicano e ela democrata, uma condição nada amistosa em tempos difíceis como aqueles, sobretudo depois da escolha de Donald McDrunk para a presidência do Lar dos Bravos, o homem responsável pela maior recessão da história dos Estados Unidos). Eloquente e determinada, a democrata acusava os falsos moralistas republicanos de interferirem na soberania das outras nações em nome do interesse econômico. O republicano insistia que o resto do mundo não era capaz de resolver seus próprios problemas, por isso a intervenção americana era necessária quando se tratava de assuntos de interesse nacional. A americana democrata, citando um trecho do *Theory of Justice* de John Rawls, defendeu que os direitos não estão limitados aos cidadãos de uma sociedade particular, ou seja, todos os seres possuem direitos iguais, inclusive de agir como bem entendem. A soberania e a dignidade são os bens mais preciosos dos povos e dos indivíduos, acrescentou a indignada democrata. Por que, indagava ela, a aplicação dos princípios de justiça devia se restringir a uma única nação? Por que somente os Estados Unidos tinham direito de impor suas doutrinas ao resto do mundo? Os ânimos exaltaram-se quando o republicano, ao acusar o antiamericanismo dos bárbaros imigrantes, expôs uma teoria maluca segundo a qual os muçulmanos queriam impor uma Supremacia Negra nos Estados Unidos ao estimular o ódio racial aos brancos, buscando vingar-se dos séculos de escravidão. Facilitar a imigração era fortalecer o inimigo. Desse modo, concluiu ele, era dever do governo limitar os direitos dos estrangeiros. Ao escutar esse disparate de seu compatriota, a democrata disse que seu colega americano “took leave of his senses” e o chamou de “crazy drunk”. Os Estados Unidos era um país de imigrantes, observou ela. Ao escapar da moral da Coroa Britânica no século dezessete, os puritanos escolheram a liberdade como sua única bandeira. Os ideais libertários atraíram para a nação americana gente de todo o mundo, com suas ideias e seu trabalho, para ajudarem a erguer um império baseado no livre comércio, que seria mais tarde governado por um grupo de oportunistas interessados apenas em sua própria liberdade e alheio aos direitos das outras nações. Mas a liberdade de apenas um grupo ou pessoa tem um outro nome, disse a democrata. “Tiraniam!”, completou ela. Em meio a essa profunda discussão, a desavisada garçonete chegou com a conta. No ato de pagar a bebedeira, os americanos entraram em desacordo com o preço cobrado e armou-se uma pequena confusão no recinto. Incapaz de entender o que diziam os visitantes, Aline não soube como lidar com aquela situação. Sua cômica desorientação diante dos inconformados americanos manifestava-se em sua expressão pasma. Por não entender muito bem o idioma inglês, a garçonete teve dificuldade em dar corretamente o troco, provocando a ira dos visitantes. Após a queixa dos dois embriagados clientes, o gerente foi chamado para acalmar os ânimos, que agiu com presteza e diplomacia para o bom término da situação. Graças à interferência do firme administrador de mal-entendidos, tudo acabou bem. O gerente suíço explicou que a confusão foi causada por um lamentável erro na lista do que foi consumido. Em excelente inglês, fez questão de mostrar aos aborrecidos americanos o que estava sendo cobrado de cada um e detalhou os itens da conta, deixando, enfim, os querelantes mais satisfeitos. Quando os americanos saíram, casmurros e carrancudos, o diplomático assistente olhou com severidade para Aline, e ela apenas o viu partir com uma expressão que divertiu Anne. Raramente tinha a oportunidade de ver um suíço tão aborrecido e uma brasileira tão angustiada. Com a partida dos clientes e do chefe, a garçonete respirou aliviada e foi se juntar

à colega no sagrado recinto dos apreciadores de um bom café.

Assim que se sentou, Aline retirou sua wallet da cintura e, percebendo que estava faltando algo, levantou-se novamente. Em seguida, afobada, desapareceu correndo na direção da cozinha. Reapareceria minutos depois para se juntar à visitante. “Veja só que confusão! Uma discussão boba sobre alguns centavos que faltaram no troco. Aqueles americanos gastaram em bebida mais do que eu ganho no mês e ainda estavam reclamando de alguns meros centavos. Imperialistas!”, disse ela, aparentemente aborrecida e sentou-se ao lado de Anne à mesma mesa. Elas, enfim, cumprimentaram-se, e a visitante, curiosa e sorridente, passou os olhos pelo ambiente. “Esse lugar é antológico para mim”, disse Anne, exibindo uma rara nostalgia. “E também simbólico. Eu gostava de vir aqui em minha adolescência. Considero esse café um modernista templo da anarquia. Um tipo de solo sagrado. Mas os tempos passam, não é mesmo? Eu era meio anárquica nos meus dourados anos rebeldes, sabe? Não foi uma idade fácil. Fui obrigada pelo meu pai a estudar em um colégio de freiras. Eu odiava o internato. Ser anarquista era a única opção que eu tinha, e mesmo assim nunca explodi nada”. Encantada de estar novamente no notório espaço, tantas outras vezes visitado no passado, Anne sentiu-se de novo a adolescente rebelde que queria transformar a realidade e despertar a sensibilidade das pessoas através das artes. Desolada pela lembrança, suspirou e, por fim, completou: “Descobri que minha rebeldia sem causa tinha uma causa, e eu quis me livrar dela. Decidi então que queria mudar o mundo. Eu queria ser uma artista, sabe? Queria viver em um mundo mais gracioso”. “Queria? Você queria mudar o mundo? Foi isso mesmo o que eu ouvi?”, indagou a intrigada garçonne diante daquela inusitada declaração. “Por que está usando o pretérito imperfeito? Não quer mais mudar?”, quis saber Aline, endireitando-se em seu assento. Nesse instante, inflamada pela declaração da visitante, sua curiosidade despertou. “A era das revoluções já passou”, respondeu Anne com um cândido sorriso. “O mundo não precisa mudar. Ele muda sozinho, sem necessidade de nossa interferência ou de nossos sonhos”, verbalizou ela. “E não temos controle das transformações. Percebe como hoje em dia tudo desaparece rápido? Notou como a qualidade do ar, da música e dos filmes está vez pior? Tudo está se desmanchando e degelando para sempre. Por isso acho que as coisas podiam voltar a ser como eram antes. Quando os filmes eram em tons de cinza mais glamorosos e de gostos menos duvidosos. Precisamos mesmo conservar e não destruir”, acrescentou a jovem, provocando mais uma súbita reação de Aline. A alarmada ouvinte não se conteve ao escutar essas palavras e se levantou prontamente de sua cadeira. “Está enganada, minha filha! Conservação? Não precisamos disso. Precisamos sim mudar radicalmente. Essa mudança que você vê é falsa. Apenas as aparências mudam. No fundo, somos como sempre fomos. E somente um abalo moral pode nos mudar de verdade”, disse a garçonne, rebatendo o argumento da visitante, e para isso utilizou a Falácia do Espantalho, seu pretexto predileto. “O sistema patriarcal está falido, amiga. É preciso que o patriarcalismo desabe para que surja alguma esperança. Devemos estar preparadas para esse acontecimento grandioso. Em breve, ocuparemos os cargos mais importantes e mudaremos as regras do jogo. Os tempos mudaram. Novas regras são necessárias, assim como novas leis. Mas, para que esse propósito seja alcançado, as mulheres precisam ir à luta. Somente mudando o sistema poderemos evitar a destruição total do planeta. Veja à sua volta! Os dogmas patriarcais estão ruindo, as famílias estão se degradando e os trabalhadores se encontram cada vez mais infelizes. Outra revolução está próxima, querida. E nela teremos o papel principal. Seremos as guias de uma sociedade mais livre e igualitária. Para fazer esse sonho se tornar realidade, precisamos conservar somente nossa coragem. O resto pode ser destruído”, afirmou a garçonne, com convicção. “E por que tenho que conservar somente minha coragem?”, indagou Anne, endireitando-se em seu assento. “Vamos para alguma guerra?”, comple-

“Então não sabe?”, replicou Aline. Nesse ponto a garçonete mudou o tom de voz e, aproximando-se da garota, falou baixinho: “Aproxima-se o Juízo Final. Dessa vez não teremos jacobinos nem girondinos. O povo será o juiz. Os trabalhadores pesarão os corações daqueles que nada fizeram em nome do futuro, e os parasitas serão lançados no fogo do inferno. E essa época está próxima. Não deixe que roubem sua coragem. Vai precisar dela muito em breve. Viva a revolução!”. Ao terminar seu brado retumbante, a face de Aline estava lívida. Retornando a seu lugar, ela continuou, em um tom grave: “Vivemos tempos terríveis, companheira. Precisaremos pegar nas armas para defender nossos direitos. O mundo precisa de uma nova revolução”. “Precisa mesmo?”, replicou Anne, *nonchalant*. “As revoluções não mudaram nada no passado. Da França até a Rússia, as revoluções levaram apenas ao retrocesso econômico.” “Porque não foram bem-feitas”, disse prontamente Aline, em resposta. “Agora é necessária uma verdadeira reviravolta. Nós, mulheres, tomaremos o poder. Essa será a revolução das revoluções”, salientou a garçonete. Parecia empolgada. Para a sorte de Anne, apareceu o gerente, exibindo uma grave expressão, e chamou a funcionária para uma conversa particular.

Surpresa pelo repentino chamado, Aline levantou-se de seu assento e afastou-se em direção à cozinha. Travou-se uma pequena discussão em uma mistura de alemão suíço e português, que Anne não conseguiu ouvir direito do lugar onde se encontrava. Alguns minutos depois, a garçonete voltou à sala com uma xícara de café e sentou-se sem olhar para Anne, como se precisasse de um tempo para serenar seus nervos. Parecia abalada. “Sem café não sou ninguém”, disse ela, após tomar um gole. “Esse é o melhor café do mundo. Brasileiro tipo exportação. Eu nunca saberia disso se não tivesse vindo para a Suíça! Somente aqui eu fiz o que só atores de televisão e políticos fazem em meu país”. Em seguida, após dar mais um bom gole em sua bebida, respirou fundo e falou do advento de uma nova era, uma época em que não existiriam mais patrões e nem trabalhadores, e todos viveriam como iguais. Uma época em que todos os gêneros seriam mais felizes, sobretudo as mulheres. “E todos serão iguais?”, replicou Anne, um tanto cética. “Sem exceção”, enfatizou a garçonete. “E quem cuidará do caixa? Quem prestará os serviços básicos? Serão, por acaso, os notórios escravos por natureza de Aristóteles? Um *physis doûlos*? Esse tipo, como diria Homero: *‘aphrétor, athémistos e anéstios’*, sem família, sem lei e sem casa? Ou, por acaso, teremos androides para nos servir?”, indagou a jovem *mademoiselle*, desafiadora, após exercitar seu aticismo. “Está falando grego?”, respondeu a garçonete. “Não entendi absolutamente nada do que disse.” “Sim, é isso mesmo”, confirmou Anne. “Quem, senão os antigos gregos, nos fariam entender melhor as contradições da democracia? *Tó doulévein ouch dikaión estin*, diriam eles. A visão que temos dos direitos humanos mudou bastante desde a Grécia. A passagem do tempo fez com que os filósofos da Antiguidade, muitos séculos depois, parecessem contraditórios por terem se subordinado à cultura de sua época. O saber está sempre em expansão. O que julgávamos correto ontem é politicamente incorreto hoje”, respondeu Anne. “Como construções sociais, os homens e as mulheres das sociedades tecnológicas devem seguir as determinações de seu tempo.” Confusa por aquele inesperado rebento de conhecimento filológico, a garçonete nada replicou e, baixando os olhos, resolveu tomar outro gole de seu café, esperando surgir alguma ideia brilhante. Nada surgiu, porém. Sem obter uma resposta de Aline, Anne olhou novamente para as paredes e descansou sua atenção sobre os fotogênicos artistas que posavam orgulhosos em seus memoráveis registros. Em uma delas, Tristan Tzara posa com seu eterno monóculo, a olhar para longe da câmera de Man Ray, mantendo a mão pousada no batente de uma porta branca. Em outra foto, ajoelhado, ele beija a mão de Nancy Cunard, demonstrando seu lado galanteador. Um registro em particular, no entanto, atraiu a atenção de Anne. Ray, Tzara, Jean Cocteau, Ezra Pound e Myrna Loy são imortalizados em uma foto tirada no Jockey Club do Boulevard du Montparnasse

nos novecentistas anos vinte. Ali estava reunido o que havia de mais moderno na poesia, na fotografia, no cinema e no teatro. Enquanto a jovem apreciava aqueles artistas de outros tempos, a garçonne voltou a falar. “Algumas pessoas não se importam de ser tratadas como escravas”, respondeu ela, rompendo o silêncio. “Sempre existirão classes porque sempre existirão diferenças. Haverá quem ordene e também haverá quem obedeça. Por toda parte é a mesma coisa: alguns dão as ordens e outros as seguem. Assim funciona uma sociedade ordenada. Após a revolução todos serão iguais. Todos terão as mesmas oportunidades.” “Muito apropriado”, pensou Anne. “Como se ‘todos’ fosse sinônimo de ‘todo o mundo’”. Dessa forma, continuou ela em sua reflexão, todas os líderes serão semelhantes a androides operando androides. Desdenhosa, a jovem desviou seu olhar da garçonne e continuou olhando as fotografias nas paredes. “Não precisaremos de androides”, continuou Aline. “Todos aprenderemos a amar o dever e não o trabalho, por mais repetitivo que seja. Serviremos a pátria sem pestanejar, na paz ou na guerra. Morreremos lutando. E depois renascemos à maneira de uma Fênix, para repovoar a terra com nossa força e fertilidade. Como disse o camarada Mao: ‘Nós podemos perder milhões de pessoas, não importa. Guerra é guerra. Os anos passarão e com o tempo produziremos mais bebês do que antes’. Espalharemos nossa imensa prole pelo planeta”, declarou a garçonne, entusiasmada, e olhou para o infinito como faria uma atriz dramática em uma peça de teatro popular. Será que ela sabe que Mao, de maneira similar a um imperador chinês da dinastia Ming, tivera inúmeras amantes para atingir esse fértil propósito? Pensou Anne, desdenhosa. Ela, conhecia bem a desastrosa revolução cultural chinesa e lera sobre as consequências das reformas de Mao. Muda e circunspecta, a observar as fotografias nas paredes, a visitante aparentava estar chateada. Ao notar que Anne estava distraída, Aline por acaso quis saber o motivo para todas aquelas fotos antigas à mostra nas paredes de um café. “Não deviam estar em um museu?”, disse a garçonne. Museu? Pensou Anne, transtornada. Ser exibido em museu seria a última coisa que um dadaísta gostaria na vida, sabia ela. Aqueles revolucionários artistas queriam resolver os problemas da arte sem a arte. Para esse intuito, a vulgaridade era uma arma poderosa. Nesse momento, a visitante suspirou, ao constatar que Aline nada sabia sobre dadaísmo, sobre revoluções ou matanças injustificadas, preferindo então ficar quieta. Em silêncio, Anne admirou as fotografias em exibição nas paredes do recinto. Distraiu-se um pouco de seus confusos pensamentos. Será que Aline queria confundi-la de propósito? Em vez de filosofar, Anne preferiu admirar o rico cromatismo das fotos em exibição.

As fotos (mais apropriadas a um museu do que a um café, na opinião de Aline) eram apenas reproduções encomendadas, utilizadas para decorar o espaço. Em uma delas, Hugo Ball está vestido em um geométrico traje de design industrial. Posando para a história, ele se exhibe com um figurino digno do filme *The Day the Earth Stood Still*. Anne sabia, contudo, que os dadaístas cumpriam uma agenda. Vivendo em uma época de grandes transformações sociais, eles sentiam-se um tanto alienígenas em um mundo alienado pelos conflitos bélicos e revoltaram-se contra esse quadro desumanizante e assustador. Para aqueles artistas, pensou a jovem, a maior ameaça à humanidade era que homens e mulheres se tornassem um dia como máquinas, ou como peças vazias e inúteis, mercadorias sem alma seguindo os ditames da economia. Por esse motivo, zombavam da horripilante Profecia da Objetificação Total, que afirmava com convicção: um dia todos seremos objetos. *Umba! Umba!* Ah, o que teriam dito os dadaístas se nos vissem agora? Indagou-se Anne a pensar na história do lugar, sabendo, porém, que personalidades revolucionárias como Aline eram temperamentais demais para conhecerem as sutilezas da História. Anne preferiu não falar nada. Lembrou-se então de seu professor de História no Gymnasium, que escrevera uma tese sobre Goethe (mais precisamente “O Espírito de Negação goethiano e a Caixa de Pandora da modernidade: do mito do progresso aos males do sé-

culo vinte”), ministrando quietamente suas aulas para uma meia dúzia de alunos. Ela nunca imaginaria que aquele circunspeto e tranquilo estudioso algum dia (por uma convocação dos acadêmicos revolucionários de todo o mundo educado de Oxford até Tóquio) fosse pegar em uma arma ou mesmo brandir um anzinho pelas ruas. Aline, contudo, não soube responder quem serviria as bebidas nos cafés, depois que todos se tornassem patrões. Aferrou-se à sua extrema opinião: do jeito que as coisas estavam, não era possível haver progresso. “É preciso tomar alguma ação!”, protestou a garçonne e, levantando-se novamente, disse que precisava atender um casal que ocupava uma mesa próxima, e afastou-se às pressas. Ação? Que tipo de ação? Pensou Anne, interrogativamente, e recordou-se da definição lida certa vez em um artigo de uma enciclopédia: “Ação é a revolta do espírito contra seu aprisionamento na matéria”. E imaginou os dadaístas e sua oposição aos cerebrais expressionistas, que se reuniram mais tarde na Bauhaus em Weimar, exprimindo sua admiração pela técnica, seu encantamento pela Máquina e também seu ceticismo quanto ao futuro da humanidade (para eles os homens comuns nunca conseguiriam dominar as máquinas, ou mesmo entender suas caixas-pretas, tarefa restrita aos tecnólogos e amantes da tecnologia). O que diria Hugo Ball, o dadaísta místico, ao descobrir que a sociedade ocidental se convertera em tudo aquilo que ele mais temia? Ou que ninguém demonstra nenhum tipo de aversão ou mesmo faz qualquer protesto à insensibilidade geral? O dadaísmo, pensou Anne, não foi nada mais do que um protesto contra a materialização desses ideais pessimistas na arte, e que levaram à decadência daquilo que consideravam o baluarte da criatividade. Para eles o problema da arte era a própria arte. Por isso zombavam do senso comum e suas expectativas por algo compreensível, bonito e familiar, atacando a ordem simbólica vigente e seus representantes legais. Consideravam que o maior perigo para a liberdade humana era a insensibilidade dos poderosos, que viam a população apenas como uma cifra manipulável. Anne imaginou, por um instante, o estado da arte (e da época) daqueles terríveis anos.

Enquanto os Zeppelins do *Deutsches Heer* bombardeavam Londres e atacavam Paris na Primeira Grande Guerra, e os nacionalistas digladiavam entre si, exterminando-se nas trincheiras ao defender inutilmente sua pátria contra os invasores, outros europeus se ocupavam com atividades menos violentas, mas não menos ofensivas. Ociosos por terem recusado o alistamento, diversos imigrantes e desertores reuniam-se nos cafés da Spiegelgasse em Altstadt, o velho bairro de Zurique, conhecido por suas ruas íngremes e sinuosas, e também seus inúmeros bares, restaurantes, hospedarias e Variétés lotados de *freaks*. Um desses cafés era um *meeting point* dos artistas refugiados da guerra, muitos deles desertores que buscavam um oásis de humanidade em meio ao desumano deserto cultural daquela triste época. Até as dez horas da noite (horário limite imposto pelas autoridades locais), o lugar convertia-se em um completo pandemônio de gente do *demimonde*, artistas, estudantes, os filhos pródigos da *bourgeoisie* de Zurique, incluindo ainda psicanalistas e psiquiatras (evidentemente cativados por todo esse frenesi dionisíaco). E todos queriam desfrutar desse total desregramento dos sentidos, pensou Anne. Em sua opinião, aqueles inquietos provocadores se sentiam como bárbaros em uma civilização à beira do colapso. As apresentações eram sempre caóticas e cheias de surpresas. Sem levar nada a sério, os participantes gritavam, riam e gesticulavam, fazendo palhaçadas, bufonarias, confundindo e chocando as pessoas, desintoxicando-se e quebrando todos os tabus com seus jogos pueris. Essa era sua forma de expressar seu inconformismo com um sistema falido. Tudo isso a fim de “restaurar a roda fecunda do circo universal para forças objetivas”, diria Tzara, parafraseando o *Zarathustra* de Nietzsche. Slogans como “Dada é abolição da lógica!” e “Dada é abolição da memória!” (ou ainda “Dada é o micróbio virgem”, teria dito Julius Evola em seu *Manifesto Saccaromiceto*), proclamavam eles a revolução do gosto, buscando in-

jetar um pouco de vitalidade na decadente arte europeia do começo do século vinte (uma vez que o expressionismo e o futurismo ainda eram *unwichtige*, sobretudo para os alemães da época, que receberam desdenhosos os dois novos estilos, que seriam mais tarde, com a ascensão do nazismo, vistos pelos censores do partido como arte degenerada, ou *entartete Kunst*, rótulo utilizado pelos hiper-críticos e hiper-rascáveis nazistas alemães). O *brouhaha* dos dadaístas, no entanto, não queria ganhar as ruas, soltar bombas ou fazer terrorismo. Era uma *bedroom revolution*, uma proclamação da cultura *low-fi* não-industrializada e da capacidade de cada indivíduo ser livre para fazer o que bem quiser, sem precisar de autoridades ou do mercado para ditarem as regras. Eles sabiam (acima de todos Hugo Ball) que a arte é o terreno de toda revolução. E que as ideologias (eternas guardiãs do bom senso e poderosas criadoras de utopias), com seu zelo doutrinário, um dia se tornariam obsoletas. Como sátiros e bacantes celebrando um ritual improvisado, os dadaístas comemoravam a mudança das estações, a decadência da moral burguesa, a vitória da barbárie humana, o apocalipse dos mortos-vivos, assim como a morte dos idealismos e de todos os seus militantes, pensou Anne. Seu individualismo heroico, no entanto, foi frustrado pelo triunfo das ideologias radicais que, nas décadas seguintes, subiriam ao poder, entre elas o fascismo e o stalinismo. Anne estudara bem aquela época e conhecia a fundo suas peculiaridades. “Em diversas ocasiões históricas”, refletiu ela, “nos deparamos com homens-deuses que queriam mudar o mundo, como reconheceu Goethe. Homens que assumiram o papel de um deus selvagem conradiano com a intenção de purificar a humanidade de seus medos e realizar os sonhos da coletividade insatisfeita. E essas pretensões transformadoras apenas desaguaram em um futurismo extremista, confluindo décadas depois para o *summer of 68*, o *summer of 88* e, mescladas à religiosidade extremista do *schizoïd man*, convergindo no terrorismo islâmico”. Todas as ideologias confluem para o terrorismo, pensava a estudante. No fundo, as modas políticas aumentavam o ceticismo de Anne quanto às ideologias. Todas as ideologias falharam. E por quê? “Porque se esqueceram do poder existente em cada um, ou da Vontade de Potência presente em cada pessoa, diria Nietzsche. A união de todas as forças traz mais força, mas a união de forças e fraquezas traz apenas instabilidade. Os nazistas sabiam desse fato, e quiseram, por isso, realizar uma limpeza racial. Esqueceram, no entanto, que uma sociedade é formada por todos os tipos de indivíduos. Essa é sua força. Aprendemos a combater as enfermidades e fortalecemos a espécie porque, no passado, aprendemos a distinguir nossas fraquezas.” A fragilidade mental demonstrada pelos indivíduos no início da revolução industrial (e pesquisada pelos psicanalistas), ponderou Anne, ensinou homens e mulheres a lidarem melhor com suas vulnerabilidades. Uma profusão de substâncias artificiais surgiram no século vinte para combater certas condições inerentes aos indivíduos pós-modernos, como a melancolia e a irritação crônica. “Não sabemos lidar muito bem com mudanças rápidas. Mesmo levando milésimos de segundo para processar as informações sensoriais, o cérebro humano possui uma certa lentidão. Os mágicos conhecem bem o truque de enganar a mente movimentando rapidamente as mãos sem que seus espectadores percebam. Ao ferir nosso calcanhar de Aquiles mental, esse truque comprova a lentidão natural de nosso raciocínio. A razão é mais lenta do que a intuição, reconhecem os artistas. Para termos *insights* instantâneos, como provam os *savants* matemáticos, precisamos de algum tempo para fazer cálculos mentais e refletir. O futebol dos filósofos é um jogo que começa muito tempo depois do apito do juiz. Podemos ver, nessa deficiência do raciocínio lógico, o ponto fraco de todas as ideologias. Quanto maior a Vontade de Poder de um indivíduo, maior a probabilidade de uma utopia dar errado, como nos ilustrou George Orwell.” Os tiranos surgem dos sonhos de um grupo, porque sua potente Vontade se eleva acima de todas as outras vontades impotentes, refletiu Anne. E enquanto pensava tristemente no desenrolar dos ideais pela História, ela mal sentiu o tempo passar.

Após ausentar-se por alguns minutos da mesa, Aline logo voltou a se reunir à sua companhia de café. Ela foi recebida com graves palavras. “Muito bem, precisamos agir. Concordo”, disse Anne, querendo retomar o fio da conversa (ela estava ansiosa por escutar as opiniões da garçonete). “E que tipo de ação vamos tomar? Posso saber?” “Claro! Devemos pegar nas armas!”, respondeu Aline, exaltada, assustando um pouco Anne com tanta bravura e firmeza. Influenciada pela luta armada em seu país, a garçonete acreditava que era impossível fazer uma gemada sem quebrar os ovos. Para ela, a revolução devia ganhar as ruas e movimentar bruscamente a Roda da Fortuna (mesmo se milhões de pessoas morressem no processo). Como Lênin, seu teórico favorito (e que, por sinal, morou em um apartamento próximo ao Cabaret, na Spiegelgasse 14, apesar de passar a maior parte de seus dias na biblioteca pública preparando alguma grande conspiração), ela acreditava em atitudes aguerridas. “Por que você está sempre a falar de guerra, baby?”, indagou Anne, ensaiando uma ousada intimidade, buscando acalmar a exaltada colega. “Ora, como por quê? A vida é uma guerra!”, replicou a afrontada garçonete. “E outra coisa: eu tenho cara de bebê, por acaso? Por que está me chamado de ‘baby’? Não sou uma criança, sou uma mulher séria! Eu tenho visão. Tivesse nascido na União Soviética, eu teria sido uma profetisa revolucionária e escreveria livros subversivos. Em breve (grave isso!), os zumbis dominarão a terra.”

Silenciosa, Anne apenas escutou com desdém a exaltada garçonete falar de uma insurreição iminente. Mais uma? Pensou Anne, para quem as revoluções deviam acontecer de cima para baixo, estava cônica que os movimentos celestiais eram tão cataclísmicos quanto os fenômenos etônicos, e as descobertas científicas eram mais importantes do que a guilhotina (considerada por ela como uma invenção medonha). Aquilo que está em cima desce como chuva e o que está embaixo sobe, ao evaporar, assim pensava a jovem, lembrando que, na História, tudo é um eterno ciclo de ascensão e declínio (ou decadência e queda). Após baixar a poeira, todas as revoluções tendem a um novo conformismo. Não estava claro? Anne indagou então a Aline se ela sabia o que era um dadaísta (ou o que era Dada). Intrigada, a garçonete confessou que a palavra lhe era estranha. “Seria alguma marca de chupeta?”, indagou ela. Anne apenas achou graça e constatou que Aline desconhecia que, cem anos antes, o Cabaret havia se notabilizado por ter sido um ponto de encontro de alguns célebres artistas do início do século vinte, que faziam performances absurdas e chocavam o falso pudor dos melindrosos (ou *chatouilleux*) *bourgeois* da época com seu atentado ao bom gosto. “Não sei o que é Dada. Deve ser algo parecido com Momo.” Diante da negativa de Aline, Anne procurou, contudo, evitar um sorriso sarcástico e olhou então para o busto de Voltaire. A efígie escultural do filósofo iluminista pareceu, para Anne, ter sorrido um pouco mais em seu mutismo de pedra. Curiosa ao ver a expressão risonha da colega, Aline abandonou sua atitude militar e escutou Anne definir o significado do verbete *Dada*. A visitante explicou de pronto à garçonete como os fundadores do *café-chantant* selecionaram aleatoriamente uma palavra de um dicionário francês-alemão com um abridor de cartas, e o termo encontrado pareceu fazer bastante sentido nesse momento histórico. Em meio ao caos prolifera o acaso, diria um bom observador.

Com essa elucidação da colega sobre as polêmicas apresentações artísticas ocorridas no antológico lugar, Aline falou sobre o que achava de todo aquele circo improvisado exibido em um cabaré de segunda categoria, em uma época esquecida do século vinte. “Eles apenas improvisavam?”, indagou Aline, cética. “Devia ser uma baderna! Com certeza bem pior do que o car-

naval em meu país. É como juntar vários reis momos em um lugar só. Se não existia nenhuma ordem ou militância armada, como esperavam eles fazer uma revolução? Acreditavam que iam revolucionar as etiquetas seguindo novas etiquetas? Novos hábitos não nascem de velhos hábitos. Por isso odeio etiquetas. Morte às etiquetas!” Para a desatenta garçonete, dadaístas e zumbis eram a mesma coisa, declaração que muito intrigou Anne. O que sabiam os brasileiros sobre ordem? A jovem cliente, no entanto, ficaria surpresa ao constatar que não faltavam apenas os volumes dedicados à arte e à etiqueta social na parca memória enciclopédica de Aline.

— Todos os movimentos artísticos e sociais são consequência do espírito de seu tempo — disse Anne. — Talvez você tenha ouvido falar de Hegel.

— Claro que ouvi falar — replicou Aline. — Outro fascista.

— Para você todo misógino é um fascista. O que é fascismo, afinal?

— Qualquer materialista que tenha lido *O Idealismo Alemão* conhece bem Hegel. Não é o filósofo para quem o espírito humano e não a atividade humana é o sujeito da história? Como pode ter dito tal absurdo? Todo mundo sabe que é preciso colocar as mãos na massa para se criar algo ou senão nenhum espírito vira história. Talvez por isso a Europa inteira tenha parado no tempo. Para mudar é preciso renovar, e para renovar é preciso ter sangue novo. Miscigenar é preciso. Sem miscigenar, a espécie logo entrará em decadência. Eis o meu lema: miscigenar para renovar!

— O espírito e o trabalho se complementam, na verdade — acrescentou Anne. — O espírito está presente na matéria sob a forma da cultura. São as obras do espírito que dão vigor à sociedade. Nesse ponto os dadaístas foram inovadores. Eles queriam dar sangue novo à sociedade decadente do começo do século vinte, sacudindo a letárgica alma dos europeus.

— E conseguiram? Tenho minhas dúvidas. O pouco que sei sobre o começo do século vinte é que a globalização imperialista, ao trazer o branco em contato com outras raças, despertou nos europeus o medo da impotência. Todo mundo sabe que os africanos são exemplos de coragem, determinação e muita garra. Essa constatação mexeu com o brio da raça branca. Nessa época, Lênin escreveu algo sobre “ter chegado a hora da revolução”. Aquele era o momento da mudança. O branco estava fragilizado.

— Tem razão. A influência da cultura africana nos artistas modernos foi um reflexo dessa fragilização da cultura ocidental. Era preciso um pouco de renovação. Ou mesmo de miscigenação.

— A miscigenação é necessária! A ciência poderia provar isso, se não existissem tantos fascis-

tas nas universidades. É preciso diversificar para não ficar obsoleto.

— Os europeus não possuem boas lembranças da miscigenação. Na antiguidade greco-romano, ela trouxe apenas decadência social, libertinagem e doenças. Talvez por isso os suíços endureceram tanto suas leis de imigração.

— O racismo reflete o medo do branco à miscigenação. O medo de miscigenar é o medo de mudar!

— Discordo. Acho que os racistas hoje estão mais preocupados com a infidelidade de suas mulheres do que com a mistura de raças. Já notou como tem crescido a popularidade dos partidos masculinistas? É uma reação à liberdade feminina. As mulheres são livres para escolher seu destino. Não precisam mais ficar presas a um só homem por toda a vida. Sem falar que elas não querem mais ter filhos. Com isso as taxas de natalidade estão caindo drasticamente.

— Melhor que seja assim. Não nascemos apenas para procriar. Nós, mulheres, precisamos ter mais liberdade. Por toda a História tivemos que nos contentar com as migalhas deixadas pelos homens. Para mudarmos as condições materiais em que vivemos, precisamos mudar a cultura. A cultura nos escraviza. Se os antigos gregos tivessem valorizado mais suas *hetairas*, a história provavelmente seria outra.

Então a brasileira estudara um pouco de História antiga? Indagada por Anne se ela conhecia a filosofia grega, Aline disse gostar de Sócrates, porque o filósofo ateniense julgava homens e mulheres semelhantes a iludidos habitantes das cavernas (ou como mortos-vivos, preferia dizer). Por ter vivido no Brasil, ela experimentara, na prática, a validade dessa afirmação. Desde que constatou que as pessoas ao seu redor estavam mais mortas do que vivas, Aline adquiriu uma grande admiração pela sedutora ideia de uma igualdade universal entre os seres, vivos ou mortos. A garçomete confessou a Anne sua adoração pelos zumbis, ainda que nutrisse uma certa estima pelos andróides (e também preferisse as máquinas desejantes de Deleuze aos homens pensantes de Sócrates). A ideia de que um dia todos serão comportados e obedientes cidadãos a cumprir seu dever revolucionário agradava mais ao seu gosto do que pensar no caos tupiniquim. Esse pensamento contraditório de amar a barbárie (ao mesmo tempo que se deseja a civilização) atraiu Aline para a filosofia. Ainda que tenha lido apenas a *República*, ela dizia simpatizar com os platônicos. Desconhecia, porém, outros filósofos além de Platão ou Aristóteles. Após Anne comentar as categorias aristotélicas, a garçomete confessou, de sua parte, nunca ter estudado a sério o mestre estagirita (apesar de considerar Platão um grande profeta por ter tido o mérito de premeditar a utopia socialista, e julgar Jesus Cristo como o primeiro revolucionário da teologia da libertação, louvando ainda Hegel por seu paternalista Estado Absoluto). Ao escutar essa declaração, mesmo perplexa, Anne conseguiu se conter a tempo para não rir, sem fazer qualquer comentário maldoso. Platão, Jesus e Hegel, juntos? Mais descontraída do que sua colega, não se importou com aquilo que achava ser apenas um gracejo passageiro. Sorriu interiormente e depois ficou séria. Como podia conversar com alguém que confunde patriarcalismo com fascismo?

Na verdade, essa impressão superficial causada pela ignorância histórica da garçõete incomodou um pouco Anne, uma ávida consumidora de livros de filosofia. Lera, em sua juventude ginasial, a *História da Filosofia* de Russell, a *Une histoire de la philosophie* de Frederick Copleston (em sua tradução francesa), a *Civilização da Renascença* de Jacob Burckhardt (uma *translation* inglesa de S. G. C. Middlemore, em 2 volumes, editada em Londres no ano de 1878 — uma obra mestra de um autor a quem a jovem admirava por crer que a verdadeira civilização principiava com a consciência da história), e o *Dictionary of the History of Ideas* de George Boas, além de ter lido de A a Z os 22 volumes da enciclopédia de filosofia da biblioteca de seu pai, começando pelos pré-socráticos, passando pelos tomistas medievais e o idealismo alemão, e terminando com o modernismo filosófico do século vinte, tudo em ordem alfabética, iniciando-se com Anaxágoras e finalizando com Xavier Zubiri. Por toda a sua investigativa juventude, os livros foram uma companhia inseparável para Anne. Como uma leitora voraz na adolescência, sempre atrás de conteúdo, ela jamais imaginaria que uma estudante de filosofia não tivesse acesso a essas informações básicas. Seu desconforto aumentou quando escutou Aline declarar não ter lido nenhuma dessas obras. O que teria lido então? Começara por acaso a filosofar pelo *cogito ergo sum* de Descartes? Pensou Anne, preocupada. Afinal, em seu severo ponto de vista, era inconcebível alguém ter feito um curso completo de filosofia e nunca ter estudado Aristóteles ou os pré-socráticos (e, após essa triste constatação, Anne desistiu de perguntar se a garota sabia quem era Ayn Rand, a objetivista, segundo a qual os homens e mulheres deviam agir de acordo com sua razão, argumentando que ninguém tem o direito de impor aos outros a sua própria verdade, para que assim as pessoas não fossem constringidas por ações absurdas).

“De Aristóteles sei apenas que ele considerava a mulher inferior ao homem”, disse Aline, muito séria. “Se ele escreveu esse disparate, que outros absurdos não deve ter escrito? Existe algo mais ilógico? Seu princípio da não-contradição, aliás, é outro despropósito! A lógica aristotélica com seus chavões inúteis, tipo: o que ‘é’ não pode ser aquilo que ‘não-é’, o idêntico não pode ser não-idêntico, um brasileiro não pode ser um suíço. É um equívoco muito fácil de provar. Basta olhar à nossa volta. Esses suíços parecem e não parecem ser o que são. Eles aparentam ser felizes, não é? Mas como alguém pode ser feliz se está preso a um rígido padrão de vida e não se importa de pagar impostos tão altos?” Anne começava a duvidar da sanidade de Aline. Em sua concepção particular, aprendida por meio de uma rigorosa educação socrática (associada à crítica budista do mundo ilusório), a ex-secundarista acreditava que aqueles que não conseguiam apreender a verdade além dos reducionismos viam a realidade de uma maneira um tanto simplista. Aline também concordava com essa afirmação. “Ninguém percebe as coisas da mesma maneira. O brasileiro vive em uma realidade e o suíço vive em outra realidade. Tudo o que vemos é apenas um recorte de uma realidade maior que nunca conheceremos, ou seja, não existe ‘ou isso ou aquilo’. As verdades são provisórias e dinâmicas. A política e as modas estão aí para atestar essa interpretação. Para nossa incompreensível realidade, a lógica clássica não tem mais lugar. Em um momento, você é, no outro não é mais. Uma hora você é nativa, em outra é estrangeira. Os opostos não são eliminados, eles coexistem. Essa é a Lógica do Terceiro Incluído: é possível ser e não ser ao mesmo tempo, estar vivo e morto, ou estar satisfeito e insatisfeito. Em geral, as pessoas são e não são ao mesmo tempo. É a coisa mais comum que existe. Veja como esses suíços nos olham. Para eles não somos grande coisa, apesar de pensarmos o contrário. Eles não sabem nada do que está fora de seu mundo fechado. Pressos ao seu padrão de vida, eles acreditam que não merecemos ter o mesmo status que eles,

porque não somos nativos, não nascemos do mesmo útero que eles nasceram. Isso também é uma forma de opressão, sabia? E quer saber mais? Aristóteles está errado! Tudo é uma *dialetheia*, uma contradição. No fundo, somos todos idênticos como espécie e não-idênticos como pessoas. Dessa maneira, como alguém pode pensar que os opostos não podem coexistir ao mesmo tempo? Só quem tem visão curta não percebe tal absurdo! É uma aporia insolúvel! Além disso, Aristóteles era um fascista.” O *argumentum ad lapidem* final de Aline deixou Anne ainda mais desapontada.

A jovem notou, desgostosa, como Aline abusava dos paradoxos (e do grego) sem entender direito o que estava dizendo. Apesar de estarecida por esse desatino, Anne concordou secretamente com Aline e iniciou um demorado raciocínio lógico e ontológico. “Talvez ela tenha razão. Como imigrante ela sempre vai pensar dessa maneira. Se tivesse uma conta milionária em um banco suíço talvez não pensasse assim. Acho incrível como as pessoas se comportam de maneiras diferentes quando estão em situações diferentes. É como se estivessem usando óculos pela primeira vez. Ficam meio atrapalhadas, esquecem quem são e tudo passa a ser uma questão de identidade. Confundem sua essência com sua identidade sexual ou com sua identidade social ou profissional, e acreditam que encontraram o Ser em uma imagem perfeitamente vendável. Talvez esse seja o Sujeito da sociedade democrática: uma mera identificação com um grupo. De fato, nesse ponto ela está certa. Há ocasiões em que a identidade é o que mais importa. Se um hábito ou comportamento não é o Ser, quer dizer que uma pessoa é e não é ao mesmo tempo, uma vez que precisa usar máscaras sociais e ao mesmo tempo dialogar com suas necessidades mais profundas. Pessoas com transtorno dissociativo de identidade são assim. Ao mesmo tempo que precisam ser elas mesmas, precisam também agir e pensar conforme agem e pensam os outros. Seu conteúdo precisa estar de acordo com o senso comum. Ou seja, devemos ser politicamente corretos e esquecer o que realmente somos. De certa forma, ela tem razão: o princípio da não-contradição é um absurdo. A realidade obedece ao princípio da coincidência dos opostos de Nicolau de Cusa. Tudo é contraditório. Um sujeito pode, de fato, ser dual: consciente e inconsciente, informada e ignorante, mente e corpo, aparência e essência, uno e múltiplo, ator e máscara, uma pessoa sóbria e louca. Uma pessoa pode agir de uma forma enquanto pensa de outra. É uma contradição, mas é real. Estamos todo o tempo transitando entre ser ou não ser. Agimos como atores em uma peça social encenada em uma sinédoque da realidade. E muitas vezes, em nossa encenação existencial, os atributos do ser e do não-ser se confundem. E também nossas qualidades e defeitos. Alguém pode ser famoso e odiado. Uma pessoa pode ser preguiçosa e ao mesmo tempo ingênua, isso é um fato. Em todo o mundo há pessoas ingênuas. Mas a preguiça, sim: essa é passageira. Ou seja, trata-se apenas de uma pseudoqualidade daquela pessoa e desaparecerá com o tempo quando a luta pela sobrevivência for mais forte. A ingenuidade, por outro lado, é mais difícil de se superar. Há pessoas que morrem sem nunca perdê-la. Ela faz parte de uma essência estável, solar e contínua do indivíduo, assim como a inteligência faz parte de nossa biologia. O não-ser é aquilo que vive nas sombras, nos seduzindo com sua pseudoforma. Desse modo, todos nós possuímos uma identidade chiaroscuro. Concordo com ela: Aristóteles está errado. E Chesterton está certo: existem verdades paradoxais. Afinal, que paradoxo não foi o cristianismo? Uma religião que pregava o amor e matou tanta gente. Como um ator shakespeariano, uma pessoa pode ser e não ser ao mesmo tempo. Para viver é preciso renascer. E assim o princípio da não-contradição é falso. Essa garota é a prova concreta dessa verdade. Uma contradição em pessoa. Assim como seria um suíço vivendo no Brasil, ou uma brasileira na Suíça”, refletiu a jovem, em seu julgamento apressado.

Sem tempo para pensar em uma segunda interpretação para aquilo que considerava um disparate, Anne julgou que Aline possuía algum *loose screw*. Sentiu, no entanto, que estava sendo injusta com ela. E apesar de achar a garçonete meio maluca, procurou compreender mais a fundo a estranha mente da brasileira. Observou que Aline era determinada e racional por um lado, e cegamente apaixonada em contrapartida. Anne sentiu-se desconfortável com aquela constatação. Entre outras opiniões, ela discordava da primazia da paixão sobre a razão defendida pela garçonete, embora concordassem em um ponto: os homens nada sabiam das mulheres. Nesse ponto estavam de acordo, concluiu Anne. Além de não terem tido pais amorosos e discordarem da opinião de Aristóteles sobre o gênero feminino, elas defendiam um certo feminismo em suas ideias subversivas. Mas qual seria o feminismo de Aline? Indagou-se Anne em seu íntimo. Que tipo de feminismo praticaria ela? Radical, liberal, racial, interseccional, materialista, nacional-socialista ou individualista? Leria Mary Wollstonecraft, Virginia Woolf, Beauvoir ou Ayn Rand? Uma vez que divergiam em tantas coisas tinham ao menos um porto seguro teórico. “Sou uma mulher da idade das trevas”, respondeu a garçonete a essa questão. Anne quis então saber se a bacharel de filosofia conhecia Cristina de Pisano, sua escritora renascentista preferida. Reconhecida como uma das primeiras feministas, Cristina acusava os filósofos de sua época de terem ignorado as mulheres, razão pela qual elas haviam sido colocadas por boa parte da história em uma condição inferior aos homens, sobretudo pela misoginia do cristianismo paulino (uma vez que os apostólicos admiravam e reverenciavam as Três Marias de Cristo da mesma forma com que os sumérios idolatravam Ninhursaga, Inanna e Ereshkigal, pensava Anne). Para a estudante, se os filósofos tivessem sido menos misóginos teríamos hoje um mundo diferente e menos brutal, em que as mulheres, como boas organizadoras e cuidadoras que são, deixariam a *oikos* e a *pólis* sempre em ordem. Mas o mundo moderno, sem o poder feminino, nada mais era do que um Dogma que se convertera em um Karma universal: “Salve-se quem puder!”. Todo o mundo era agora uma casa mal organizada, administrada por uma política corrupta e chauvinista. Nesse ponto as duas recém-conhecidas não podiam discordar. A duvidosa Anne indagou também se Aline conhecia Louise Labé ou Giordano Bruno, a quem ela admirava por seu panteísmo rebelde e sua memória enciclopédica, além de seu monismo ético e sua fenomenal cosmologia (visto como um pensador à frente do seu tempo, Bruno terminaria seus dias na fogueira, asfixiado pela Inquisição, acusado de ser um herege justamente por crer na existência de infinitos mundos no multiverso, defender a hipótese que a Terra girava ao redor do Sol e afirmar que toda realidade simbólica é apenas uma sombra do luminoso mundo das ideias). Mas a resposta da garçonete foi negativa. Nem os gregos nem os medievais lhe diziam nada, e ela nada sabia sobre a alquimia, antiga ciência para a qual o trabalho de individuação é uma *opus contra naturam*, objetivando um novo nascimento (e também uma *coincidentia oppositorum*).

Aline, de fato, mal sabia o abecedário filosófico, e Anne ficou um pouco decepcionada por ela não conhecer Cristina, Labé ou Bruno. Esses eram seus heróis e suas heroínas renascentistas e medievais de sua adolescência, ainda que ela tivesse um certo carisma pela moderníssima Salomé (Anne a considerava uma das primeiras psicanalistas freudianas, erroneamente vilipendiada como *evil Amazon*, por ter levado Nietzsche à loucura). Aline, porém, ignorava tudo sobre eles, e deixaria Anne ainda mais chocada quando explicou que todos aqueles autores eram apenas uma herança maldita da filosofia helenista do passado, com suas pseudociências e suas superstições em deuses (e deusas), astros e mitos. A perplexa Anne quis saber até que ponto alcançavam as profundezas do conhecimento de Aline. Indagada o que achava da mudança de

paradigma efetuada por Copérnico, a garçonete confessou ignorar tanto a revolução científica renascentista quanto o astrônomo hermeticista que mudaria para sempre a maneira com que os homens veriam posteriormente o universo, possibilitando as viagens espaciais e as admiráveis fotografias de estrelas supermassivas nos confins da galáxia, assim como a descoberta de novos buracos negros, pulsares, quasares e exoplanetas. “É uma pena que as pessoas não se interessem por saber como as ideias evoluíram”, pensou Anne, “mesmo que às vezes elas provoquem uma regressão em vez de um progresso. A História alimenta-se de mudanças de paradigmas. As ideias são necessárias para se encontrar uma solução para os problemas e também para se vislumbrar uma luz no fim do túnel, ainda que muitas delas tenham contribuído para o massacre de milhões de pessoas. Em cada época histórica, as ideias trouxeram benefícios e malefícios. Avesa às novas ideias, a Igreja (embora reconhecida por suas universidades medievais) mergulhou os leigos nas mais terríveis trevas da ignorância por séculos, até que o renascimento científico preparasse, por fim, o advento do Século das Luzes. E hoje, com sua terminologia excludente, a ciência fez de todos nós leigos em diversos assuntos. Não é à toa que os laicos queiram uma revolução. Agora só falta os animais desejarem o mesmo, vivendo nesse planeta opressivo e poluído”. Diante dessa desconversa entre as duas debatedoras, Anne tentou mudar de assunto e decidiu falar sobre política. Como estava a situação no Brasil? Quis saber Anne (pois ignorava tudo o que acontecia fora da Suíça).

Havia um motivo óbvio na raiz dessas dúvidas da jovem expatriada. Vivendo há tantos anos fora de seu país de origem, era natural que Anne desconhecesse completamente tudo sobre sua terra natal. Ignorava os fatos mais importantes que ainda impressionavam sua perturbada colega. A indagação de Anne pareceu acionar subitamente uma *vending-machine* verbal em Aline, ao tocar em um ponto nevrálgico da garçonete. Por uns bons minutos, em um exaltado estado de ânimo, a língua solta de Aline não falou apenas de política, mas sobretudo de políticos e de seu grande ídolo, Barba Napoleão, o homem que marcou a história de seu país. Vale a pena aqui falarmos um pouco dessa figura extraordinária.

Não podemos separar um indivíduo de suas convicções. E quanto mais nobres essas convicções, mais alto ele chegará em sua carreira política. Reverenciado por uma geração inteira de jovens brasileiros, Barba Napoleão era uma espécie de guru que chegara ao poder fazendo valer sua Virtú sobre sua má Fortuna, seguindo fielmente os preceitos ensinados por Maquiavel (embora nosso pícaro nunca tivesse lido *O Príncipe*). Nos últimos anos do governo militar no Brasil, em uma época de grande comoção social pelos desmandos da arbitrariedade, Napoleão viu uma oportunidade única de seguir o trem da História e não quis perdê-la por nada no mundo. Condenado pela justiça por incitar greves de operários e paralisações, nosso Paflagônio aristofânico logo aprendeu os ossos do ofício, acostumou-se aos bastidores da política e rapidamente adquiriu intimidade com o poder. Um astuto negociador, o agente Barba (como era chamado pela polícia secreta brasileira) descobriu na prática, e sem qualquer instrução formal, tudo o que precisava saber sobre psicologia social, geografia, história e demagogia. Graças ao seu carisma e à sua popularidade, ele aos poucos conseguiu angariar fundos para sua luta contra aquilo que denominava de *forças do mal*. Para isso reuniu um diversificado grupo de operários e intelectuais com a firme intenção de formar um partido político. Esse grupo inicial se dividia em dois subgrupos distintos: a ala pacifista, que pregava a resistência não violenta contra o imperialismo (seguindo os princípios do *ahimsa* hindu), e a ala radical, que defendia teozantemente a luta armada. Da ala radical faziam parte os militantes que haviam participado de

diversos grupos guerrilheiros obscuros da obscura história do país, entre eles a AAA (Aliança Armada das Américas, ou A3), do Movimento Revolucionário Sete de Setembro, do Movimento Revolucionário Quinze de Novembro, das Ligas Camponesas Revolucionárias e do reconhecido *Brazilian People's Front* (mais tarde reconhecido como *People's Front of Brazil*, devido às constantes dissidências). Grande parte dessa ala militante do partido recebera treinamento de guerrilha em Cuba, no Leste Europeu e na Cochinchina, para aprender a assaltar bancos, fabricar bombas caseiras, lidar com explosivos e camuflar-se de todas as maneiras possíveis (até mesmo se submetendo a *face transplants* e adotando *fake personas*). Todo esse treinamento preparava seu espírito para a luta armada e seu corpo para as agruras da militância. Eram instruídos a suportar torturas, a lidar com todo tipo de armamento, em diversas situações de combate, além de praticarem uma versão mais perigosa de *paintball* e *airsoft*. Ao unir a popularidade de Barba Napoleão aos ideais revolucionários, a intenção desse seletivo grupo era instalar um regime socialista no Brasil, adaptando-o aos moldes marxistas-leninistas (ainda que possuísse um nostálgico toque de salsa cubana e um forte odor de tabaco de charuto). Com o fim do governo militar e a abertura política, o partido de Barba ganhou cada vez mais adeptos, vindos de todos os segmentos sociais, e nosso herói começou a sonhar mais alto. Pouco a pouco, técnicos de comunicação e marqueteiros glamorizaram a figura do líder, abrilhantando sua imagem e escondendo sua sombra; redatores e editores melhoraram seus discursos sem retórica, corrigindo seus erros de português e sua terrível dicção, e seu apelo às massas populares foi ouvido em todos os cantos do território brasileiro. Demoraria, no entanto, alguns anos para que um operário com ambições presidenciais fosse levado a sério pelos formadores de opinião e pelos intelectuais. Após várias fracassadas candidaturas à presidência da República, aproveitando a crise de confiança dos brasileiros na política, Barba Napoleão foi finalmente escolhido pelo povo para o maior dos cargos públicos de seu país. Eleito presidente, sua popularidade atravessou sertões e escalou montanhas. Em seu discurso de posse, Barba assinalou o princípio de uma nova era. “Minha missão é fazer cada brasileiro comer não só três vezes ao dia, mas quantas vezes quiser”, proclamou ele. Com seu humor cativante e sua astúcia, sempre sorridente e falador, o ex-líder operário prometeu acabar com as desigualdades e erradicar a pobreza. Em sua caravana pelo mundo, levando sua bandeira a outros continentes, Barba conquistou admiradores, fãs e discípulos, arrebatando a simpatia dos povos e ganhando a estima de brasileiros, americanos (um presidente democrata chegou a considerá-lo o mais popular de todos os governantes), e também europeus e africanos, apesar da reserva dos asiáticos (para os resabiados orientais, um homem sempre sorridente não podia ser levado a sério). No entanto, nem tudo seguia o protocolo.

No exterior, durante suas viagens internacionais, o carisma jovial de Barba muitas vezes constrangia sua comitiva, causando terríveis embaraços diplomáticos (em uma visita ao Oriente Médio, o presidente criticou os abstêmios hábitos de seus anfitriões árabes, em Istambul fez uma piada desastrosa sobre mascates, e em Windhoek, na Namíbia, admirou-se da limpeza da cidade e confessou não se sentir na África em meio a tanta beleza e asseio). Ainda que gostassem da contagiante alegria do carismático presidente, os diplomatas brasileiros estavam preocupados com seus excessos alcoólicos. Além disso, seus constantes atrasos para os encontros de cúpula, ou mesmo para as fotografias oficiais das delegações, ameaçavam o protocolo, as etiquetas e o bom senso. Por onde quer que passasse, para o horror dos diplomatas, o visitante desconhecia completamente as etiquetas estrangeiras, causando o furor dos anfitriões, que, indignados pelos disparates, abandonavam os encontros. Ignorando as normas, Barba tinha ainda ataques de verbosidade e discursava sem parar, exercitando seu limitado vocabulário e maltratando a gramática portuguesa. À anagoria verbosidade contrapunha-se a desavergonhada

demagogia. Mas a oratória, mesmo mal utilizada, pode conquistar corações. Apesar de suas espirotuosas e incompreendidas gafes, Napoleão ganhava admiradores por onde quer que passasse e toda a comunidade internacional queria ansiosamente recebê-lo em suas Casas Brancas, Rosas ou incolores. Nas reuniões de cúpula, o herói distribuía autógrafos e ganhava presentes das autoridades e presidentes, que eram tratadas com máxima cordialidade. Nas reuniões mais informais, por sua vez, Barba fazia gracejos e contava piadas, convidando os mais íntimos para um jogo de futebol e algumas cervejas. Adquiriu rapidamente uma popularidade entre os mais altos escalões. Por trás de toda essa simpatia, entretanto, Barba Napoleão cumpria secretamente a agenda política do partido napoleônico.

Enquanto o líder governista seguia à risca sua cruzada rumo à fama mundial, um pequeno grupo de militantes estava determinado a todo custo a colocar em prática os planos revolucionários do partido. Sua ideologia (denominada de *barbarismo* pelos seguidores mais fiéis) era uma versão tupiniquim dos pensamentos utópicos oitocentistas europeus, e continha uma série de peculiares preceitos comportamentais. Com planos de dominação mundial, os militantes acusavam os países ricos (ou *pink pigs on the wings*, como preferia chamar a ala *hipster* do partido) de se comportarem como porcos gananciosos e não como homens, e articulavam uma revolução silenciosa em escala planetária. Eles culpavam os países ricos por explorar os países mais desfavorecidos com seu protecionismo e seus interesses globalistas, e denunciava o Estado mínimo, com sua “mercantilização irresponsável dos serviços públicos” (uma frase que Barba gostava de repetir em seus discursos) pela pobreza e pelas desigualdades, pregando um Estado soberano em que o patrimônio público era, de fato, público. De forma simplificada, esses ideólogos explicavam ao governante da nação as mais espalhafatosas teorias e interpretações históricas, baseadas na síntese hermenêutica de todos os grandes pensadores revolucionários, filósofos pós-modernos e ainda no Novo Testamento (considerado pelos membros da ala católica do partido como um livro subversivo, sobretudo o Evangelho de Lucas, crentes que os apóstolos cristãos eram militantes aguerridos dispostos a libertar o povo da imperialista opressão romana e que o cristianismo havia sido a primeira verdadeira revolução comunista e libertária da História). Discursavam sobre a terrível hegemonia cultural norte-americana, seu imperialismo das informações, sua histórica ânsia por liberdade e sua espionagem invasiva para assegurá-la, discutiam se era melhor seguir o puritanismo dos colonos britânicos ou o predatismo dos colonos portugueses durante a Conquista do continente americano. Opondo-se à ideologia liberal e seu desprezo pelo povo, eles culpavam os criadores da Doutrina Monroe e do Consenso de Washington pela alienação dos Estados Unidos e sua plutocracia, e debatiam até mesmo a opressão sofrida pelos alienígenas nos filmes de Hollywood, um claro sinal e uma prova cabal do caráter alienado dos descendentes dos Patriarcas. Barba Napoleão acreditava em tudo o que lhe contavam seus assessores, mesmo em suas histórias mais incríveis e fantasiosas (inventavam até mesmo que ele tinha potencial para ser um imperador bolivariano, caso todo o continente americano fosse reunido em uma única nação). Para esse núcleo barbarista formado por “zumbis, vampiros e sanguessugas” (como diziam os críticos), Napoleão era o bonapartista certo para possibilitar a realização do sonho partidário de dominação mundial. Entre os mandamentos do sistema de pensamento barbarista estavam: “Não dê a face ao inimigo” e “Somos iguais a todo mundo” (modificada mais tarde para: “Todos os homens são iguais, mas alguns homens são mais iguais do que outros”). Napoleão acolheu essa filosofia com entusiasmo (menos, obviamente, o preceito: “Barbaristas devem se abster de consumir bebidas alcoólicas”). Ainda que não entendesse nada do que os filósofos do seu partido lhe diziam, ele manifestava essa filosofia em todos os seus discursos do presidente. Em Davos, na Suíça, em seu discurso de abertura do Fórum Econômico, o presidente brasileiro defenderia o fim do

protecionismo e apoiaria o combate aos paraísos fiscais, fazendo seus anfitriões se remexerem inquietamente em seus assentos. “Os americanos só enxergaram a América Latina como uma grande farmácia e um grande açougue”, disse ele. Elogiado pelos banqueiros nos fóruns mundiais, Barba era visto como um *ingénue* pelos políticos mais experientes. Quando escutavam seu discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York, os outros presidentes e líderes apenas sorriam. O cultuado brasileiro não era um *cult man*. Eles sabiam que Napoleão desconhecia questões de economia mundial, política externa e línguas, e tinha dificuldades em aprender um mínimo de etiqueta (os costumes estrangeiros o contrariavam, sobretudo a abstenção alcoólica observada pelos árabes). Para seus eleitores brasileiros, o presidente pregava o fim da pobreza e oferecia ao povo *panem et circenses*. Carentes da atenção dos governos por toda a história, eles acolheram seu novo governante de braços abertos. Porém, ao aproximar-se de outros países latinos, diziam seus críticos, Barba tinha ambições mais grandiosas e sonhava com o advento da América Popular por meio da integração de todo o continente americano em um Império napoleônico. “Devemos estar unidos em nossa luta!”, dizia ele, orgulhoso. “A América Latina para os latino-americanos!” Nos foros e encontros, Barba escutava todas as reivindicações populares, fossem elas de grupos terroristas, do narcotráfico, ou de organizações guerrilheiras e criminosas de todas as partes do mundo. Nada ficava de fora. Impulsionado por seu complexo de Ícaro, Barba levou sua missão às últimas consequências, unindo o diverso em um todo coeso. E sua cruzada, a princípio, deu certo. Durante o governo de Barba Napoleão (seus Anos Dourados, como diziam os nostálgicos), os empregos aumentaram, a pobreza foi reduzida e as desigualdades tornaram-se menos aparentes. Nesse período, o presidente promoveu a maior distribuição de renda da história do seu país e quebrou diversos tabus. “Até mesmo os senhores de engenho já sabiam. O pobre é parte da solução dos problemas desse país”, dizia ele, com a face inchada, após proferir mais um de seus longos discursos. Aplaudido pelas massas, o governante ufanava-se como uma majestade adorada por seus súditos. Nem todos, contudo, acreditavam em nosso herói.

Desconfiados dos planos revolucionários do partido napoleônico, os inimigos do presidente vinham a público denunciar os barbaristas por utilizarem métodos de dominação passiva, buscando controlar a mídia de massa, os meios de comunicação e secretamente arruinar as escolas e universidades, inclusive alterando o currículo, os livros de História e as cartilhas de educação sexual. Diziam que eles estavam promovendo um desavergonhado adestramento dos jovens brasileiros, almejando destruir a tradição judaico-cristã com suas táticas neogramscianas e barbaristas. Essas acusações, contudo, eram apoiadas pelas críticas dos formadores de opinião e intelectuais. Apesar de Napoleão ter feito tantas melhorias sociais, os setores mais tradicionais da sociedade o criticavam por não ser um homem suficientemente instruído para governar (o que Barba dizia ser mais um preconceito histórico brasileiro, uma vez que, acreditava ele, não era necessário ser instruído para se governar bem), alcunhando-o maldosamente de *boneco de ventríloquo*, por apenas repetir o que lhe diziam seus companheiros de partido. Além disso, desdenhavam certos hábitos do presidente, que acusavam de beber tanto quanto Boris Yegortsin (o ex-presidente russo que se celebrou por ter sido flagrado certa vez andando pelas ruas apenas de ceroulas, após uma tremenda bebedeira). Mesmo com as críticas, Napoleão era visto como uma celebridade incontestada. Livros e obras artísticas eram produzidos e lançados para atestar seu status quase místico como um salvador da Pátria (todas elas patrocinadas com dinheiro do próprio governo). Cineastas lhe dedicavam documentários, sambistas lhe dedicavam letras, filósofos o idolatravam e poetas o louvavam com versos pobres. Ainda assim, pouco levado a sério pela elite de seu país e pela comunidade internacional, o presidente brasileiro conquistou um importante admirador, ao declarar que Rússia e Brasil eram paí-

ses-irmãos. Esse comentário lhe rendeu a gratidão de Vassili Niva, o presidente russo. Considerando o Brasil um aliado global em meio à hostilidade reinante dos outros países, que ainda retratavam os russos como vilões e canibais de criancinhas, Niva até mesmo chamaria o brasileiro para visitar sua *dacha* à beira do lago Komsomolskoye, onde conheceria a mais pura vodka russa (e deixaria o convidado por três dias de ressaca). O gesto do dignatário traria ainda mais notoriedade ao presidente tupiniquim, alargando suas dimensões continentais. Barba abafaria os comentários com suas carismáticas observações. “Nunca posarei de santo. Vou continuar tomando minha cachaça como sempre fiz.” Entretanto, no Brasil, quando tudo está bem, qualquer sambinha vira Carnaval, e a nudez do Rei Momo foi exposta assim ao mundo de forma inesperada.

No primeiro mandato de Barba Napoleão, um terrível escândalo abalaria a popularidade do presidente, quando um bilionário e dissimulado esquema de corrupção foi descoberto pela polícia, revelando que os colegas do partido de Napoleão tinham planos mais grandiosos do que apenas conquistar o mundo. Pressionados pelos investidores privados da campanha presidencial, muitos funcionários dos altos escalões do governo aceitaram receber propina para celebrar contratos milionários com empresas que prestavam serviço para o Estado, dinheiro que seria usado, segundo eles, para financiar a revolução mundial. Muitos dos políticos envolvidos eram amigos íntimos do presidente. O escândalo, chamado de *Brazilian Corruption Case* pelo The New York Times, acirraria ainda mais as críticas dos brasileiros ao governo bonapartista. Alheio a todo esse burburinho, Barba dizia nada saber do que ocorria dentro de seu próprio partido. O não-saber do presidente, porém, suscitou uma questão filosófica em seus críticos: ao afirmar que nada sabia, não estaria o presidente, como Sócrates, instigando todos ao saber? Iniciou-se uma grande investigação atrás de provas do envolvimento de Barba com os barba-ristas corruptos. Com a revelação do esquema, a imprensa passou diuturnamente a acusar o Robin Wood latino de roubar as riquezas nacionais e dividi-las entre seus companheiros partidários. Estava claro que existia uma relação estreita entre empresários e políticos para dilapidar o patrimônio público, e o partido estava por trás de tudo. Afinal, boa parte dos acusados pertenciam ao círculo social do presidente. Semelhante a um Pôncio Pilatus *bonvivant*, Barba Napoleão lavou suas mãos diante do escândalo, mas queixou-se publicamente (“I will not have my comrades mockwed by the commonwers”, teria tido ele, se fosse um Pilatus pythonesco). Apesar das condenações e a prisão de vários colegas de partido, porém, o presidente conseguiu convencer seus eleitores de que tudo era um plano tramado por seus inimigos políticos para denegri-lo, manchando assim sua imagem pública. Mesmo com o escândalo e as críticas ao seu partido, contudo, Barba Napoleão terminaria seu último governo com a popularidade em alta. Ao fim de seu mandato, ele deixaria orgulhoso o poder, passando aos seus sucessores a missão de continuar o Grande Plano do partido. Vilma Vana, a nova presidente, assumiu marcialmente o poder, designada por seu guru a continuar o progresso conquistado pelo partido. Pertencente à ala radical do partido napoleônico, Vana havia participado, em sua juventude, da Aliança Avançada pela Revolução Armada (ou AARA) e recebido treinamento de guerrilha no Grande Sertão, a exemplo dos bandoleiros que andavam pelas caatingas durante o Estado Novo. Fiel aos ideais partidários, pragmática, valente e um pouco confusa, a governante estava disposta a continuar a trajetória do seu antecessor. Muitos disseram que Vilma era apenas uma marionete sob o comando de Napoleão, que tencionava, de fato, ser eleito para mais um mandato e, quem sabe, falecer no cargo, como o cubano Pedro Páramo, um de seus grandes ídolos políticos. A presidente eleita negou essas acusações e tentou demonstrar que tinha vida própria, apesar de não tomar nenhuma decisão sem antes consultar seu guru. O novo governo, contudo, comprovou-se um completo fracasso. Do dia para a noite, todas as conquistas napo-

leônicas ruíam como um castelo de cartas, e a sorte de Barba mudaria em direção inversa ao seu súbito sucesso.

Tudo começou com um cheiro desagradável vindo da cozinha do restaurante do Congresso brasileiro. Acostumados a almoçar no local todos os dias, os congressistas e seus assessores começaram a reclamar daquele odor insuportável. Factótuns e encanadores foram chamados e pagos com notas superfaturadas. Durante semanas eles vasculharam o incômodo cheiro ruim por toda parte e nada encontraram. O mau odor, contudo, persistiu por mais alguns dias, até que um acontecimento maior desviou por completo a atenção desse detalhe enfadonho. O que ocorreu em seguida torceria os narizes de toda a nação. Graças a uma rotineira investigação de lavagem de dinheiro, a polícia brasileira, apoiada pelos mocinhos do judiciário, revelaria os bastidores de um grande esquema de roubos bilionários da *res publica* perpetrados pelo partido do ex-presidente. O episódio foi manchete nos jornais de todo o mundo. Por meses os resultados da investigação escandalizariam todo o país ao denunciar nos bastidores do poder um enorme esquema de corrupção no governo, vindo a público uma lista de envolvidos de todos os calibres e círculos políticos, sociais e econômicos. De escala nunca antes vista, o novo escândalo envolveria empresários, representantes do povo, cambistas e banqueiros, ou seja, praticamente toda a parte superior da pirâmide social brasileira. Interpelado pela imprensa, Barba Napoleão responderia duramente às críticas feitas ao partido barbarista e seu papel no escândalo. “Ninguém mais do que eu combateu a corrupção nesse país”, ufanava-se o presidente. “Se meus companheiros estão por trás desse escândalo (o que duvido muito), os culpados devem ser punidos.” Esse acontecimento extraordinário, no entanto, destruiria boa parte do patrimônio da principal estatal do país e levaria toda a economia nacional à bancarrota. A grande decepção, porém, veio quando se descobriu as relações de Barba com toda essa podridão. As investigações da polícia revelaram que as empresas envolvidas no fabuloso esquema beneficiavam indiretamente Napoleão com mordomias, benefícios e presentes (entre eles um bode, que se tornaria seu mais querido companheiro). A revelação do esquema provocou um clima geral de insatisfação nos eleitores, sobretudo nos admiradores do ex-presidente. Divididos em suas opiniões, alguns deles voltaram-se contra o mestre, líder e guru, gerando uma dissidência interna no partido. Outros, cegos por sua lealdade, preferiram acreditar que era tudo um complô da oposição. Apesar do vexame público, eles ainda tinham fé em seu líder. Eles iriam às ruas, montando barracas e barricadas, recebendo do partido apenas o dinheiro do lanche e do transporte, para protestar contra essa injustiça ao herói e salvador da pátria, gritando a plenos pulmões que era tudo um plano para denegrir a imagem de seu ídolo. Decepcionada e temerosa, a população não confiava mais em seus governantes, aumentando a antipatia dos brasileiros pelas autoridades, sobretudo pela atrapalhada Vilma Vana.

Com a crise política, os planos do partido barbarista foram por água abaixo. Protestos eclodiram por todo o vasto território tupiniquim desde o Oiapoque antropológico até o Chuí filosófico. Barba Napoleão, contudo, não acreditava em crise. “Crise? Que crise? É apenas uma *marolinha*. Nem mesmo um suíço pode esquiá-la.” A população exigia a destituição da presidente em exercício, acusando-a de ser conivente com seus colegas de partido e encobrir seu mestre. A autoridade suprema, contudo, estava confiante que era tudo uma armação. Uma barbarista fiel a Barba Napoleão, Vilma Vana não deixou as ameaças atrapalharem seus planos expansionistas. Quando convidada a dar explicações, ela repetia a mesma cantilena: “Como o povo, somos apenas vítimas das elites. Sofremos a vida inteira pelas camadas sociais mais desfavoreci-

das e em troca recebemos somente ingratidão. O desprezo leva à insubordinação, e a insubordinação leva à dilapidação. É natural assim que todos queiram levar os espólios da luta”. Uma grave crise política e social instalou-se no país, e levaria anos para ser resolvida. Devido a essa corrupção generalizada do governo, a tão sonhada Utopia do Progresso daquele país latino-americano se converteria em uma distopia digna de um filme de Monty Python (um jornal inglês publicaria: “He’s not the Messiah. He’s a very bawdy boy!”). Novas investigações revelariam mais envolvimento entre políticos e empresários, entre eles diversos acordos tácitos para lavar dinheiro e enriquecer ilicitamente. Os envolvidos nessa esquema, contudo, eram apenas marionetes em um jogo ainda maior, manobrados pelo mesmo *master of puppets*. Todos eles, sem exceção, serviam apenas ao *Zeitgeist* corrente, em que o Bem e o Mal se digladiavam em uma batalha zoroástrica de escala mundial, provocando as flutuações da Fortuna. Como as cegas Moiras, o jogo político glorifica e depois despreza seus atores. Nenhum deles, porém, sabia quem eram os bandidos ou os mocinhos nesse enredo de escola de samba. Denunciado por crimes contra o Estado e chamado a depor diante da justiça, nosso polichinelo sentiu-se gravemente injustiçado por esse complô contra sua honra. “Não há nada em meu nome. É tudo um complô da elite”, dizia Barba Napoleão, fazendo gracejar seus inimigos e sorrir seus colegas partidários. Ainda que usufruísse de todas as regalias que recebera (alheio que o usufruto também constitui posse), Barba apelou para a falta de provas contra ele. Um circo midiático armou-se ao redor das investigações da polícia e muitos palpiteiros pressagiaram o Juízo Final do ex-presidente. No entanto, apesar de confiar no apoio de seus colegas de tantos anos, ele manteve-se irredimível. Mesmo julgado e condenado por seus justiceiros juizes, Barba Napoleão não desistiu de lutar por justiça. Intimado a prestar contas de suas falcatruas e a devolver seus bens público-privados (inclusive o bode que ganhara de presente), ele resolveu apelar para seus eleitores. Como um antigo tirano ubuesco, o ex-presidente sabia que toda tirania é uma falta de habilidade de se atuar com ternura e fez novamente um apelo popular na mídia, congregando a seu favor a simpatia do povo e dos diversos artistas (atores em busca de notoriedade, sobretudo), além dos roteiristas da novela “Brasil, mostra tua outra cara”, cantores populares e outras personalidades do país (conseguiriam quem sabe uma boa publicidade ou uma pequena participação no cinema hollywoodiano, mesmo que fosse um singelo *mise-en-scène* hitchcockiano), todos esses sicofantas defenderiam seu guru contra aquelas injustas denúncias de improbidade e corrupção passiva. Apareceriam na televisão, no teatro e no cinema, falando de uma conspiração contra as artes cênicas, teledramatúrgicas e cinematográficas brasileiras, acusadas por seus inimigos de propagar a filosofia barbarista-tropicalista do notório demagogo, e gritavam “Barba livre!” em público (mesmo sendo vaiados em seguida). A oposição intelectual de Barba Napoleão em massa se levantaria em protesto. Formado por intelectuais, filósofos de plantão, astrólogos, bruxos, jornalistas, ex-libertários e colonistas sociais, um verdadeiro exército de Brancalione acusaria o ex-presidente de ser uma fraude, além de ser licencioso, promíscuo e corrupto, e queriam colocar um vendedor de salsichas no poder, alegando que “a demagogia não é para os devotos das musas, mas para os ignorantes e impudentes”. Ao escutar esses comentários maldosos, lidos nos jornais por seus assessores (ele nunca lia jornais), Barba reagia estoicamente. “A elite me odeia porque acerto mais do que erro. Estão me crucificando porque precisam de um bode expiatório”, costumava dizer ele, reagindo aos borborigmos. Enquanto isso a elite *nouveau riche*, favorecida pelos escândalos e pelas oscilações do câmbio e das importações, estava toda concentrada em seus luxuosos sobrados em Miami, totalmente alheia às reportagens policiais e às manchetes. Vilipendiados pelos políticos barbaristas, os empresários, banqueiros, fazendeiros e oligarcas ignoravam todas as críticas à sua inteligência. Enquanto eram demonizados e culpados em seu país por toda a miséria da sociedade, eles se divertiam promovendo *barbecues* para os amigos em seus ajardinados *backyards* com piscina. Esse *public enemy number one* apontado pelos barbaristas, contudo,

não convenceu a população de que somente a elite lucrava com as crises. Os novos-ricos eram mansos demais para bancarem os vilões. “Ninguém nesse país foi mais perseguido do que eu. Sou uma vítima da História”, queixava-se Barba Napoleão. A justiça brasileira estava disposta a puni-lo por todas as suas excentricidades e sua negação plausível (e *willful blindness*). O escândalo havia assumido proporções desavergonhadas e alguém precisaria pagar pela desonra nacional. Mesmo inconformado pela decisão dos juizes, Barba cumpriu assim uma pequena pena em sua Ilha de Elba no sul do país, amargando a solidão de sua minúscula e fria cela, esperando que um dia o Legislativo votasse uma lei que absolvesse qualquer ex-presidente brasileiro pelos crimes de seu passado. Sua esperança era contagiante. “Eles podem me prender, mas não prenderão meus sonhos. E quando meu coração parar de bater, meus sonhos continuarão batendo no coração do povo”, dizia o ex-presidente presidiário.

A condenação do líder barbarista mexeu com os brios de seus companheiros partidários. No início da pena, o entorno da prisão seria visitado por milhares de admiradores e curiosos, clamando por justiça e rezando pela liberdade de seu líder. Seus seguidores fariam vigília dia e noite ao mestre e guru, montando barracas e recebendo ajuda do partido para pagar o lanche, enquanto os discípulos vinham se consultar com seu conselheiro para assuntos estratégicos, até que, após duzentos dias, a Vigília Barba Livre caiu de duas mil visitas diárias para quase zero. Barba Napoleão foi rapidamente esquecido por seus eleitores. O partido, no entanto, continuou seus planos mirabolantes de conquista, mesmo tendo perdido grande parte de seu eleitorado, e resolveu adotar outra estratégia política, unindo-se assim às *forças do mal* em nome da sobrevivência.

Como nos escreve René Girard, as sociedades primitivas solucionavam suas tensões internas por meio do mecanismo vitimário, um recurso também chamado de bode expiatório. Muitas vezes as vítimas, contudo, se tornam mártires da causa defendida. No caso de Barba Napoleão, o que não o matou o tornou ainda mais forte. Mesmo no cárcere, o folclórico herói brasileiro tentaria ressuscitar sua abalada imagem pública escolhendo um sucessor para seu antigo cargo. Optaria por um teórico do partido para candidatar-se à presidência, mas não contava com os reveses da fortuna. Os tempos haviam mudado. As pessoas estavam cansadas de tantos escândalos. Revoltada, a população acolheu de braços abertos um outro candidato, um certo Palmito Demofante, de linha mais dura (ainda que tentasse exibir uma certa brandura). Bradando por justiça e moralidade, o candidato pregava um discurso “pseudomoralista e sem sustentação prática para melhorar a economia arrasada”, como diziam seus detratores, detectando nessa retórica um complexo de inferioridade. Ganhador de diversos Troféus Limão, o político surgiu como uma alternativa à reinante anarquia dos barbaristas. Apesar das críticas que questionavam o *ethos* do bem-amado opositor, sua popularidade lhe trouxe favoritismo. O povo, contudo, estava indeciso entre sair da frigideira ou ir para o fogo.

O que alavancou a candidatura de Demofante, no entanto, foi uma fracassada tentativa de assassinato por parte de um barbarista, na pele de um anônimo popular dissimulado na multidão, um infortúnio ocorrido durante uma passeata para arrecadar votos. Esse cômico acontecimento mudaria o destino do país (e também do regicida, que seria solto alguns meses depois, alegando uma maléfica influência maçônica na arquitetura do presídio, e se tornaria uma espécie de anticristo). A recuperação do candidato (reforçada pelas orações de milhares de neo-

pentecostais) afirmou seu prestígio messiânico. Mais confiante, Palmito Demofante arrebanhou admiradores por todo o território nacional com seus comentários chauvinistas e suas promessas de exterminar todas as bruxas do país, sobretudo das universidades brasileiras, consideradas por ele um reduto de subversivos barbaristas. “Vamos colocar ordem nessa baderna!”, era o seu lema. “Isso aqui tá parecendo um carnaval”, dizia, comparando o governo barbarista à regência de um Sardanápalo. E um verdadeiro carnaval aconteceu nas redes sociais, com ataques e notícias falsas por toda parte. Diante do fortalecimento do que consideravam a ala fascista (e terrorista) do governo, os barbaristas se melindraram e reagiram a essa ameaça à sua hegemonia indo atrás de um líder à altura de seu antigo mentor.

Escolhido pelo próprio Barba Napoleão, Habib, o candidato barbarista, sorria com candura para as câmeras, como faria qualquer outro sicofanta em seu lugar. Aquela era sua chance da vida. Habib havia esperando anos por aquele momento de exibir seus talentos ao público. Era seu dever levar a doutrina barbarista a todo o planeta e provar que ainda havia esperança em um mundo melhor, governado pelas sombras do barbarismo. Em um país em que a sorte era mais preciosa do que o mérito, o presidenciável devia aproveitar aquela oportunidade única oferecida por Barba Napoleão e embarcar no trem da História. Favorito à vitória do partido barbarista nas urnas, Habib, contudo, não se manifestou contra a bruxaria e o baixo-astral que assolavam seus colegas partidários e também o país inteiro. Sua candidatura foi lançada sob um clima de fim de Carnaval. O entusiasmo inaugural minguou mais rápido do que imaginavam os barbaristas. Assim que iniciou sua campanha, Habib sofreu uma queda de escada e fraturou o tornozelo, um incidente visto como um mau agouro pelo minguante eleitorado. Decidido a levar sua missão adiante, porém, o candidato começaria a corrida eleitoral usando muletas. Com isso as dificuldades dobraram de tamanho. Compelido a percorrer todo o território nacional em busca de votos, Habib logo percebeu que não seria uma tarefa fácil conquistar um povo desencantado com o barbarismo arrastando suas muletas por todo o território nacional. Em sua campanha, portanto, procurou apertar o máximo de mãos por todos os lugares que visitava, nos rincões e sertões brasileiros (ainda que as muletas não o ajudassem muito). Um partidário barbarista sem o carisma de um líder napoleônico, Habib conseguiu poucos votos nas pesquisas eleitorais. Dessa maneira desajeitada, sem receber qualquer apoio de um povo faminto por mudanças, a candidatura de Habib não deu bons resultados nas urnas, como era de se esperar. A população brasileira, que envelhecera repleta de más lembranças, ainda se recordava amargamente de Barba Napoleão, de suas artimanhas políticas, de suas gafes e também do mau cheiro do Congresso. Ao expressar publicamente sua opinião com seu voto de protesto, os populares declararam o candidato de Napoleão mais um fiasco político do partido e votaram em outro vendedor de salsichas para a presidência. Em tempos obscuros, dizem os cientistas políticos e os comentaristas de telejornais, o messianismo prevalece como única esperança de um povo cansado de promessas vazias.

Assim que iniciou seu mandato, o novo presidente eleito, Palmito Demofante (cognome “o Louco”) instituiu o vulgarismo como filosofia no lugar do barbarismo do governo anterior. Uma ideologia criada por Ivano Barbalho, um guru brasileiro expatriado nos Estados Unidos (chamado de Ivanossauro pelos liberais e Ivanosauron pelos conservadores), o vulgarismo era antes de tudo uma filosofia comportamental (com pitadas de paranoia e absurdo), e seu *modus operandi* era mais importante do que seu modo de pensar. Uranista, filósofo e jornalista, o irrequieto Ivano deixou abruptamente o Brasil alegando ser vítima de uma perseguição perpe-

trada pelas forças malélicas do governo barbarista e da maçonaria. Por algum tempo o jurássico pensador foi olvidado e dado como morto, mas esqueceram de enterrá-lo. O morto-vivo agora queria vingança. Possuidor de uma duvidosa determinação, típica dos heróis netunianos de Cervantes, nada escapava ao seu rifle ideológico (considerava-se um exímio caçador de ursos e de contradições). Embora desprezasse o iluminismo, o filósofo vinha de uma geração em que a plutoniana Vontade de Poder estava acima de qualquer outra ambição masculina. Incansável em suas leituras e pesquisas, Ivano procurava encontrar nas regiões tenebrosas da sociedade brasileira um alvo para sua crítica destrutiva e um motivo para exibir sua superioridade intelectual de diletante. Por ver conspiração em tudo, ele era um conspirador nato. Graças às suas teorias, conseguiu nas redes sociais convencer milhares de brasileiros que os reptilianos realmente existiam. Segundo ele, as bruxas e os bruxos comunistas ameaçavam não apenas a moral, mas também a intelectualidade brasileira, que era vista pelo filósofo como corrupta e imbecilizada. Atraídos pelas vulgaridades filosóficas de Ivano, milhares de intelectos enfraquecidos apoiaram entusiasmadamente sua cruzada contra os barbaristas. Sua fama ganhou o mundo e suas declarações bombásticas chegaram aos ouvidos de Demofante. Um subproduto da intelectualidade decadente tão atacada e vilipendiada por Ivano, o líder político era também um reconhecido conspirador e incendiário desde sua época de exército. O presidente aderiu de corpo e alma à ideologia do filósofo brasileiro. Segundo o Princípio da Predominância pré-socrático, aquilo que se sobressai no conjunto é o que dá seu tom final. Assim o comportamento vulgar e excêntrico (um costume herdado das *lower classes* e dos *lower spirits*) predominava sobre a nobreza das causas (a família, a empresa e o poder econômico) emprestando à nova ideologia um sabor prosaico. Por desprezarem o bom senso, os vulgaristas eram reconhecidos por seus impropérios, insultos e palavrões, que usavam extensiva e ostensivamente para chamar a atenção do público leigo para suas ideias. Segundo essa ideologia, de teor elitista e falsamente patriota, a modernidade estava decadente e corrupta, desse modo era preciso voltar aos tempos medievais e recuperar a moralidade perdida da época de Tomás de Aquino (suas *vulgaritates*, contudo, teriam feito o santo corar de *prudencia*).

Em seus fundamentos ideológicos, o vulgarismo era um mescla de perenialismo, antimodernismo, relativismo militante (a verdade mudava de acordo com o alvo) e Vontade de Poder, influências essas mais ou menos discordantes umas das outras. Muitas das teorias aceitas na comunidade acadêmica eram rejeitadas pelos vulgaristas. Tudo o que era contra os valores medievais, segundo eles, era moral e politicamente questionável. No pensamento vulgarista, os nazistas haviam sido comunistas frustrados que queriam implantar uma utopia estadista igualitária (ainda que apoiassem o escravagismo, uma contradição que os vulgaristas não sabiam explicar). Apropriando-se das ideias cristãs sobre um crivo relativista, o vulgarismo acusava a modernidade (sobretudo a Reforma protestante) de ter destruído os mais caros valores da tradição judaico-cristã. Ao denunciar o excesso de liberdade de pensamento como responsável pelo caos da modernidade, a doutrina vulgarista defendia a retirada da filosofia do currículo das faculdades brasileiras, acusando Kant de ter influenciado o terrorismo islâmico com suas aporias que provocavam lesões no córtex pré-frontal das pessoas. Censuravam Nietzsche por ter inspirado os homens a serem deuses (ainda que elogiassem sua ambição prometeica), e também defendiam a retomada do ensino de latim e de grego clássico nas escolas públicas, e o estudo das tragédias de Eurípedes, consideradas como a mais alta forma de arte. Buscando recuperar o poder da Igreja, perdido com as revoluções burguesas e o fim do Absolutismo, a filosofia vulgarista desdenhava a dignidade humana e as limitações ao poder do Estado. Por sua visão retrógrada da realidade, no entanto, essa ideologia obscurantista estava em franca colisão com os valores de uma sociedade laica. Aconselhados por Ivano Barbalho, os vulgaristas

acreditavam piamente que uma conspiração demoníaca estava acontecendo no mundo inteiro, uma batalha entre as forças do mal, representada pelos terroristas islâmicos e pela fauna do espectro fashionista por um lado, e de outro pelas forças do bem, representadas pelos defensores da moral cristã, enfraquecida pelos milhares de processos legais abertos contra os padres e seus abusos. Nas academias, os vulgaristas eram acusados por uns de serem antidemocráticos e opressores, e por outros de serem aristocratas radicais, além de se mostrarem politicamente excludentes (opinião comum a todos), uma vez que, em seus quadros políticos, as mulheres serviam apenas para organizar a copa e escolher a cor do uniforme das crianças. O novo presidente abraçava com fervor essa ideologia tão refratária ao progresso. A palavra de ordem em seu governo era o vulgarismo, proclamou ele. Por onde quer que fosse, ele era ovacionado com unanimidade por seus eleitores e bajuladores, que saíam às ruas para apoiar seus propósitos progressistas e ao mesmo tempo retrógrados. O apoio às barbaridades (ou vulgaridades) de Palmito Demofante, no entanto, não duraria muito. Com essa indefinição entre progresso e retrocesso, a popularidade do presidente vulgarista não demorou muito a decrescer, quando suas ideias impraticáveis perderam a credibilidade, uma vez que a economia não deu nenhum sinal de melhora. Além do falso moralismo, criticavam os intelectuais, o vulgarismo também pregava falsas promessas. Em seus palanques, como sabem os brasileiros, os candidatos comumente desconhecem as condições da nova casa (sobretudo o estado de suas finanças) e prometem mais do que podem cumprir. E o candidato eleito seguiu o mesmo figurino.

Tão logo assumiu a presidência, Demofante encontrou o Tesouro com os cofres vazios. Como um país de funcionários públicos, o Estado brasileiro tinha muitas contas a pagar. Os novos ministros concordavam que era preciso conter urgentemente os gastos. Sem fechar as torneiras era impossível ter um governo sustentável, afirmaram eles, e seu líder teve que se resignar a essa amarga constatação. Mas, assim como qualquer outro vulgarista (todos os funcionários do governo eram doutrinados a não discutirem conceitos filosóficos ou mesmo éticos com não-vulgaristas), o presidente não era um homem diplomático e nem mesmo um bom negociador. Os fins, afinal de contas, eram mais importantes do que os meios. Decretou, de início, um corte de verbas que esvaziou as universidades e levou os estudantes para as ruas. Mesmo atento aos protestos (chamaria os estudantes de “inocentes”), Demofante não voltou atrás em sua decisão. Inconformada, a massa pensante brasileira deixou de pensar. Uma nova Idade das Trevas renunciou-se com esse descaso de Demofante pela educação das futuras gerações. Sua medida mais notória, porém, foi transformar a Amazônia em um pasto para gado. Ruralistas e vulgaristas apoiaram a medida insana e, demonstrando sua inteligência agroclimática, queimaram tudo o que era permitido, a fim de aumentar as exportações do país. Mesmo com o protesto dos ambientalistas e do Papa (e ridicularizado como um bobo da corte em um programa humorístico da televisão alemã), Palmito Demofante não voltou atrás. “Não se metam onde não são chamados! Por que não usam suas verbas de projetos ambientais para reflorestar a Europa?”, respondeu o presidente aos clamores da política internacional e diante da preocupação da comunidade global. “Assim como o mundo civilizado, o Brasil também precisa crescer!” Esbravejou ele, inflexível.

Desde seu tempo de militar, Demofante era conhecido por sua ferrenha intransigência. Como presidente em exercício, soube exercitá-la como nunca, e evitou qualquer tipo de diálogo com a oposição e com as bases populares. Suas milícias, sempre à caça de inimigos, instalaram um clima odioso em todo o país, procurando defender a doutrina vulgarista. Os brasileiros, contu-

do, adoeciam aos poucos com tanta toxicidade. Os intelectuais e carnavalescos não queriam mais se expor ao ridículo de ter o chapéu jogado ao chão. Barbaristas e vulgaristas estavam por toda parte, trocando farpas e flechadas entre si, e diversos clubes e facções se instalaram no *bas-fond* das redes sociais, onde o polemismo, o revanchismo, os expurgos e o escracho público ocorriam o tempo todo. Nesses clubes virtuais, em que participavam todos os gêneros e ideologias, masculinistas e feministas, fascistas e antifascistas atacavam-se ferozmente em um debate sórdido e miúdo. Nessa Guerra de Sexos e Visões, ninguém parecia falar a mesma língua. Para alguns, a Terra era plana, enquanto para outros, tudo dependia do ângulo de visão. Todos, porém, eram unânimes em afirmar sua confusa parcialidade. Mas ampliar a base do diálogo não era uma prioridade do novo governo. Havia coisas mais importantes a se tratar. Embora inamistoso, o presidente possuía um firme ideal. Era preciso desintoxicar o país, segundo ele. Era preciso fazer uma faxina geral no governo, a começar pela corrupção. As falcatruas barbaristas deviam ser punidas! A primeira medida de Demofante para limpar a sujeira do país foi liberar mais agrotóxicos para serem usados na agricultura, poluindo e envenenando assim a água dos rios brasileiros e afetando o desenvolvimento cerebral das crianças. A água envenenada do Brasil alarmou as autoridades suíças, que denunciaram as exportações tóxicas, consideradas perigosas demais para serem utilizadas até na própria Suíça, um negócio chamado de “imoral” pelos especialistas. Imoral ou não, a população não fez muito caso. Considerando um Messias, Demofante estava pronto para levar seu povo através do deserto, rumo à tão sonhada Terra Prometida tropical, idealizada e almejada desde a chegada dos sedentos portugueses à América, quando as águas dos rios ainda eram potáveis.

As primeiras medidas antissociais de Palmito Demofante, porém, não obtiveram o respaldo da oposição política e muito menos da população. Seu único apoio estava nos ajuizados mocinhos da justiça brasileira, nos seus dois filhos mal desenvolvidos (apelidados de Dumb e Dumber) e no baixo escalão do exército. Um adepto das novas tecnologias (sobretudo do Chirper), o presidente era incapaz de escrever mais do que algumas frases em seu perfil nas redes sociais (dizem que, no exército, ele pagou para que redigissem sua monografia de fim de curso). Essa incapacidade de alinhar as frases de maneira coerente rendeu diversos mal-entendidos. “O jeito é deixar de dar entrevistas”, declarou ele, decretando a imprensa e a opinião pública como seus maiores inimigos depois dos barbaristas. Colocaria mais tarde um palhaço para distribuir bananas aos jornalistas diante do Palácio da Alvorada. Com isso o vulgarismo apenas reforçava os preconceitos da sociedade brasileira. A política era realmente uma palhaçada, diziam os populares. Para piorar as coisas, todos os dias Palmito escrevia alguma bobagem em seu Chirper e causava polêmica com sua visão distorcida da realidade. Muitos diziam que ele não era um líder, de fato, mas apenas um mero capitão expulso do exército, que se vingava de uma sociedade que o tomava como louco. Essa incapacidade de dialogar com a sociedade e com os partidos de oposição, porém, inviabilizou o governo de Palmito Demofante. Aos poucos, isolado no poder, o presidente viu-se ocupando uma torre esfumaçada na parte mais remota de Isengard, ao lado de Ivano Barbalho, seu filósofo favorito (mesmo que o velho morto-vivo detestasse a companhia dos tolos). Os dois discordavam em muitos pontos (Barbalho duvidava que a Terra era realmente redonda e que o homem tivesse ido à Lua), embora ambos tivessem o conceito de barbárie como denominador comum. “A barbárie é unânime”, repetiriam eles, corrompendo o sentido de uma frase de Miguel de Unamuno. “*Viva la muerte!*”, acrescentaria o filósofo zumbi, imitando o General Millán-Astray, notório legionário da época do ditador Franco. Essas duras palavras eram uma constante fonte de inspiração para Palmito Demofante. Instigado por seu vaidoso guru caçador de ursos, o cavaleiro da triste figura continuou sua cruzada quixotesca contra as forças do mal, prometendo varrer o país da sujeira deixada por

seus “bárbaros predecessores”, como preferia dizer publicamente nas mídias sociais.

“Bárbaro é a mãe”, disse Barba Napoleão de sua cela na prisão, tão logo recebeu as últimas notícias do mundo político, acompanhando com desdém a caça às bruxas e aos mortos-vivos empreendida pelos vulgaristas. Para o líder aprisionado e indignado tudo aquilo era um grande retrocesso. “Por mais que tentemos mudar o Brasil sempre voltamos ao começo. Parece que estamos andando em círculos. Que país é esse?”, indagou para si mesmo o velho lobo.

A situação pioraria vertiginosamente. A política de contenção de gastos do novo presidente vulgarista era imensamente impopular e as camadas mais pobres da população (e também mais insatisfeitas) não cooperaram com suas medidas contenciosas. Mas o ódio, que não deixa lugar à compaixão, não é capaz de convencer os mais teimosos. Como um burrinho que empaca ao ser tratado como um animal estúpido por seu estulto dono, todo o país parou. Os caminhoneiros deixaram de transportar suas cargas, os professores não ministravam mais aulas aos seus alunos, os motoristas deixaram os passageiros esperando nas estações, os produtos estocavam-se nos armazéns, refinarias e silos, os supermercados não tinham mercadorias, os consumidores não consumiam, a produção industrial parou, as exportações também pararam, e os investidores estrangeiros não queriam mais investir seu rico dinheiro no Brasil. Aquele foi o *The Day Brazil Stood Still* dos brasileiros. Até mesmo os sambistas cruzaram os braços e decidiram que não haveria mais Carnaval. Diante desse quadro desolador, Palmito Demofante abandonou as armas. O que podia fazer contra a oposição da Nação Zumbi? Viu nessa resistência popular, no entanto, uma conspiração contra sua pessoa. Em sua limitada visão da realidade brasileira, onde as desigualdades impediam o progresso, nunca descobriu que, enquanto a força da persuasão governa sem fundamentos sólidos, a força advinda unicamente da autoridade escraviza quem obedece e ilude quem ordena. Era impossível comandar um exército de mortos-vivos. Declarando-se perseguido (sem deixar claro quem o perseguia), o paranoico presidente terminou seu mandato sem fazer quase nada do que prometera, e assim, uma vez mais, a Roda do Eterno Retorno deu outra volta em Macondo. A Terra Prometida continuaria uma *no man's land*, e a esperança dos brasileiros terminou novamente em desilusão e pizza.

De sua cela, Barba escutou as desoladoras notícias das paralisações com atenção, e logo constatou que não valia mais a pena permanecer no Brasil. Graças a seus ardorosos advogados, o ex-presidente conseguiu ainda se livrar de uma permanência mais prolongada na prisão. Saiu de cabeça erguida, declarando que os sonhos não podem ser mortos e orgulhoso de ter encontrado uma namorada durante seu breve tempo de cárcere. Com as doações recebidas de simpatizantes das ideias barbaristas (entre eles Verônica Eibischwurzel, herdeira de um bilionário suíço recentemente falecido), o ex-presidiário abriu uma conta em um banco de Zurique e decidiu recomeçar sua vida na Suíça. A retirada era estratégica. Com o pretexto de fazer um Mnemodetox para limpar a parte ruim de sua biografia, Barba decidiu se mudar para a Europa, a fim de esquecer todas as frustrações e desilusões sofridas com a política. Segundo as línguas malignas de seus detratores, o ex-condenado queria remover da memória as insistentes e abusivas críticas de seus adversários políticos e parentes, livrando-se de seu incômodo passado no Brasil. Embora pudesse desfrutar de dias mais tranquilos na fazenda comprada em nome do filho (um gigantesco latifúndio situado no Norte do país), Barba preferia respirar outros ares, aproveitando-se da liberdade econômica em algum paraíso fiscal europeu. Confiante

na admiração dos saturninos e melancólicos políticos europeus, ele escolheria assim a Suíça para viver sua velhice desmemoriada. A ideia de deixar seu querido país não o desanimou em seu novo propósito. E nem mesmo o inverno europeu o dissuadiu de partir. Quando foi indagado das novas condições de vida que o aguardavam na Europa, ele se mostrou otimista. “Se até nossos jogadores de futebol conseguem tão bem viver fora do Brasil, por que não eu?”, indagou Barba. Desse modo, o demagogo se mandou de seu país, acompanhado de sua costureira *entourage* de simpatizantes, sicofantas e discípulos. A escapada, no entanto, não foi bem-vista pela revoltada população (enfurecidos, berrariam em grupo no aeroporto: “Vá e não volte!”, como se fossem atenienses arcaicos a declamar ferozmente um trecho de Aristófanes: *Kakós Paflagóna tón neóniton kakòn*; ou, em português: “Possam os deuses miseravelmente destruir o paflagônio”). A controversa atitude de Barba levantaria muitas críticas em seu país, e sua reação complicaria ainda mais sua acinzentada imagem, sobretudo por dizer, em entrevistas, que era tudo um complô da elite contra as forças do progresso. O corifeu de brasileiros insatisfeitos fustigaria o *hypócrites* sem piedade: “Os dé prós pán anaidévetai kou methistisi toú chrómatos toú parestikótos”, ou, literalmente: “Sua impudicícia é atroz. Sua cor nem mesmo se altera! *Paíe paíe tón panoúrgon! Paíe paíe!*”, gritavam alguns deles em grego antigo (outros, mais anacrônicos, berravam impropérios intraduzíveis em tupi-guarani: “Iátó! Iátó! Fora, patife!”). Mas Barba não passaria muitos anos fora do país. Em breve, ele estaria de volta ao Brasil para mais um episódio da longa série telenovelsca da política brasileira.

No Brasil, os vivos e os mortos costumam conviver lado a lado no espaço e no tempo das cidades e dos sertões. Séculos de estratificação e desigualdade social fizeram com que os brasileiros ignorassem qualquer contraste nos condomínios e favelas da paisagem urbana, ou até mesmo qualquer absurdo dos seus políticos. Ressurgido dos mortos como um Paul Pennyfeather, Barba retornaria outra vez à vida pública, em uma derradeira tentativa de se redimir de todos os seus erros do passado. De volta ao Brasil (ao enjoar do inverno suíço), ele ainda representaria o último ato de sua própria peça teatral, pisando novamente os palcos da política como um comediante veterano. Confiando na memória ruim dos brasileiros, o ex-presidente tentou se reeleger para seu antigo cargo no governo. Mesmo com seu partido enfraquecido pela impopularidade, Barba demonstrou otimismo. Em uma entrevista coletiva, declarou-se reabilitado e pronto para exercer de novo a presidência de seu país. O partido fez uma enorme campanha publicitária, louvando as obras passadas do seu líder, assim como promessas para um novo Brasil. Mas foi tudo inútil. Os tempos haviam mudado. Anúbis pesou o coração do velho líder e não permitiu que ele revivesse as glórias do seu nostálgico passado. Alçado ao poder por uma massa desiludida, o baixo clero do governo brasileiro precisava tomar medidas drásticas para manter suas promessas de limpar toda a sujeira da sociedade tupiniquim. Os seguidores de Palmito Demofante estavam empenhados em continuar a luta de seu messias frustrado. Era preciso fazer uma faxina geral, diziam eles. A começar pelos cemitérios. Não sabiam, no entanto, que suas medidas retrógradas abririam de vez as portas das regiões infernais. Na iminência do Apocalipse Zumbi, Barba Napoleão preferiu bater em retirada. Com mais uma crise política, o clima de insatisfação generalizou-se ainda mais no arruinado país, e houve, nessa época, uma grande onda migratória de mortos-vivos para outros continentes. Desse cenário farsesco, becketiano e ionequiano, surgiu a aguerrida Aline.

Desde o início de sua militância política, Aline defendera com unhas e dentes de dragão seu ídolo e mestre em todas as crises, crente que ele era realmente inocente. Acreditava piamente

em suas promessas grandiosas e na criação de uma distopia orwelliana, um sonho que ela ainda cultivava com fervor quase religioso, e até mesmo foi às ruas, mascarada e pintada, protestar contra as injustiças e desigualdades. Em meio aos protestos e às bombas de gás lacrimogêneo, ela danificara o patrimônio público e passara alguns dias felizes na cadeia com seus colegas partidários, jurando defender até seu último suspiro os ideais do partido barbarista por um mundo melhor. Como uma militante radical simpatizante do sonho político de Napoleão, a ex-estudante de filosofia e futura imigrante, mesmo com a impopularidade de seu mentor e todas as graves denúncias contra ele, foi tentar a sorte no Velho Continente, atrás de seu super-herói injustiçado. E não se importava de estar longe de seus colegas (eles às vezes a cansavam com suas eternas queixas e arroubos piromaniacos), mesmo que a distância a mantivesse afastada de tudo e de todos. Esperava voltar ainda mais fortalecida de suas peripécias. Queria ser, segundo ela, “a mulher maravilha perdida no País das Maravilhas”. Sua viagem para a Suíça era uma reafirmação de suas crenças inabaláveis. Desistir jamais! Esbravejou ela, segura de si. Esperava assim continuar sua *luta* (termo bastante utilizado por seus correligionários para se referir à sua intermitente batalha contra os adversários de seu guru). E por que o país alpino? Indagou Anne, contrariada. Por que não? A Suíça, revelou a convicta garçonne, era um destino como qualquer outro. Poderia ser até Shangri-la ou Budapeste (um lugar que ela conhecia apenas de nome e admirava porque ali vivera um de seus ídolos de adolescência, um sambista com ambições literárias). Ou poderia ser qualquer outro paraíso fiscal, preferia ela, em que houvesse tolerância e também justiça (sobretudo justiça social, salientou). Poderia ser Liechtenstein ou Antígua, por que não? O que importa, disse Aline, era ter um lugar com bastante dinheiro circulando livremente. Diante daquela resposta, Anne sentiu-se atravessando o Cemitério de Fogo, um lugar ocupado não só pelas almas dos heréticos, mas também pelas almas daqueles que vivem no mundo da Lua.

Curiosa por estar diante de uma fiel discípula de Barba Napoleão, Anne sabia, pelos jornais e noticiários, que o guru político de Aline, com sua Síndrome de Eróstrato, era admirado por boa parte da classe pensante de sua terra natal. Nunca estivera, contudo, na presença de uma de suas mais fiéis simpatizantes. Orgulhosa de seu passado peripatético, Aline aproveitaria aquela ocasião para revelar toda a sua história e tudo o que pensava. Como todo brasileiro, ele considerava-se uma lutadora e admirava os lutadores do porte de Napoleão. Ao citar seu mestre de boas maneiras, a garçonne entusiasmava-se e não escondia sua indescritível admiração por esse Nero sem lira, ao falar um tanto emocionada dos brilhantes discursos de seu ídolo, reconhecidos por seus adoradores e fãs como pura mágica. “Quando Barba falava tudo se iluminava”, dizia Aline ao referir-se ao mestre no pretérito imperfeito, prestando um tipo de homenagem ao desastrado rei-filósofo barbarista, demonstrando uma felicidade servil e ignorando os ensinamentos dos antigos sábios gregos, entre eles o pensador estagirita, que sugeria aos grandes líderes iluminados adquirir não somente *Pathos*, *Logos* e *Ethos*, mas também alguma virtude. Essa admiração de Aline (e dos brasileiros em geral) por gurus políticos era incompreensível para Anne. Era algum tipo de barbaridade latino-americana (ou um *barbarismo*). Sem conhecer Bruno e Cristina (ou mesmo Abelardo e Heloísa), a garçonne nada sabia sobre o poder da memória e não se importava com as coisas do espírito. Anne constatou que Aline era mais parecida com Medeia do que com Henrietta Stackpole, a irrequieta personagem de Henry James em *Portrait of a Lady* (retratada pelo autor como uma dinâmica progressista), para quem a felicidade das mulheres não dependia dos homens (ou de líderes carismáticos). Essa constatação a desagradou. Entre a traída personagem de Eurípedes e a criação feminista de James, Stackpole atraía mais o gosto de Anne (embora as autoras inglesas fossem suas preferidas, pois além de Jane Austen, a jovem admirava Charlotte Perkins Gilman e Nancy Mit-

ford). Aline, porém, identificava-se intensamente com uma dramática personagem de telenovela, até mesmo em seus sentimentos contraditórios. Era capaz de um grande amor e também de um enorme tremor. Essa contradição provocava calafrios em Anne.

— Vai querer beber alguma coisa? — indagou a impaciente garçonete, olhando para a muda e pensativa visitante (diante da recente dificuldade de comunicação entre as duas, Anne manteve-se calada por algum tempo, alarmando sua anfitriã).

De pé, ao lado da jovem, Aline aguardou a resposta com expectativa. O silêncio instalara-se no recinto e parecia impenetrável. Atenta a seus pensamentos, Anne passou um longo instante ensimesmada, até que sua reflexão filosófica fosse quebrada pela súbita interrogação de Aline. Abruptamente interrompida, a pensadora se sentiu perturbada em seu concentrado raciocínio. Existe, afinal, algo mais incômodo do que uma pergunta direta? Cardápio em mãos, Anne despertou de sua demorada reflexão endireitando o corpo e, lendo atenciosamente as opções, percorreu a lista de bebidas com os olhos, estudando-a por um instante. Decidida, por fim, pediu chá. Admirada pela escolha tão singular da visitante, Aline disse, exibindo uma certa seriedade, que beber chá era uma demonstração de distinção de classe. Um hábito exótico elitista, completou a garçonete. Segundo a brasileira, exibindo seus conhecimentos sobre o assunto, aquele era um interessante indicador do modo de autoapresentação adotado para se mostrar um estilo de vida mais sofisticado. Anne apenas riu, deliciada por essa declaração momentânea, considerando-a absurda. “Beber chá é um hábito bem comum na Europa”, respondeu a jovem, amável e jocosa, contendo-se para não parecer muito crítica com a recém-conhecida. “Mas confesso que passei a gostar de beber chá em um colégio para moças em Montreux, onde aprendi um pouco de etiqueta”. “Está vendo?!”, exclamou a perplexa garçonete. “Eu sabia que você era uma privilegiada! Nunca tive oportunidade de aprender etiqueta.” Anne conteve mais uma vez o riso e prosseguiu: “Não há nada de errado nisso. Sou eclética como qualquer garota da minha idade. Gosto de muitas coisas. Ao mesmo tempo que vou a exposições na Art Basel ou a Zombie Walks, vou também aos concertos do Pseudo Dionysos no Le Grand Rex em Paris”, respondeu ela. “Sério?!”, exclamou Aline, olhos arregalados, levantando-se de sua cadeira. “E logo em Paris? Você deve ter pagado uma fortuna! Mas como pode ser tão iludida? Além de vulgarizar o gosto e a moral, a indústria cultural, segundo Adorno, é um instrumento de manipulação das consciências, usada pelo capitalismo para submeter os indivíduos ao consumo conspícuo e condenar as mulheres à reificação consumista”, disse Aline, ainda mais sisuda (o dinheiro, para ela, era um assunto bastante sério). “Na verdade, meu pai pagou os ingressos”, respondeu Anne, provocando ainda mais a indignação da garçonete. “A família e a escola são aparelhos de dominação social”, disse Aline. “Não devemos confiar em doutrinadores. Tudo o que está acima de nós nos oprime e nos domina. A vida, minha filha, é como um teatro de dominadores e dominados. E, nesse caso, você é a dominadora. Argh! Estou me sentindo oprimida”, concluiu a garçonete e, no mesmo instante, cruzou os braços. Permaneceu por alguns segundos fervendo em fogo brando, até que não aguentou mais sua crescente inquietude e levantou-se. De pé, a garçonete levou os punhos aos quadris em uma atitude desafiadora. “Você me oprime!”, acusou ela. Sem se conformar com aquela súbita rivalidade, Anne indagou onde estava a tolerância da colega. O que havia de errado em ser diferente? Ora, considerou Anne, elas estavam na Suíça, um país livre e tolerante às diferenças (“até certo ponto, claro”, acrescentou ela). Por que não podia ser razoável como todo mundo? “Tem razão”, replicou Aline. “Devemos ser tolerantes. Mas não com os nossos inimigos”. Estupefata, Anne quis saber a razão des-

se ódio generalizado pelos desiguais. Afinal de contas, somente existirá inimizade se existir discórdia. E, no caso de Aline, as vibrações não eram muito boas. Diante da intransigente postura da brasileira, Anne sentiu-se incomodada. Em consequência dessa atitude negativa da garçonne e seu ódio dissimulado, a jovem percebeu-se agoniada com a presença intoxicante de Aline. Aquele *copo de cólera* estava começando a envenenar sua alma. Descontraindo sua posição militar de sentido, Aline apenas respondeu que não era ódio, e sim apenas uma reação natural à opressão. Opressão? Na Suíça?! Indagou Anne, estupefata. Estaria se referindo ao preço do aluguel dos imóveis? “Há opressão por toda parte, minha querida. Basta que existam imigrantes, divisões e classes”, respondeu Aline, ao que Anne replicou: “Verdade. Os nazistas também diziam se sentir oprimidos. Na época, essa foi uma boa desculpa para eles declararem guerra ao mundo. Com o propósito de combater o fascismo e o imperialismo, muitos terroristas, revolucionários e ideólogos se tornaram eles mesmos fascistas e facínoras, procurando inimigos imaginários por toda parte. Por toda a História, o quixotismo dos moralistas, em sua cruzada por reprimir seu próprio lado dionisíaco, provocou estragos irreversíveis na sociedade. Em nome do combate à opressão, os pagãos foram dizimados, as bruxas queimadas na fogueira, os índios infectados pelas doenças dos civilizados, as minorias foram humilhadas e os *gulags* mataram mais do que os campos de extermínio na Segunda Grande Guerra. *Si vis pacem, para bellum*”. Diante do incompreensível motejo em latim, Aline, um pouco melancólica, não soube o que responder e foi buscar o chá de Anne. Deixada sozinha, a jovem cliente tentou não desanimar com a embaraçosa situação (sentiu que Aline estava sendo um tanto grosseira e pretensiosa). Tentou tolerar aquela circunstância tão desafiante e *awkward* (Anne preferia usar o adjetivo inglês para se referir às situações desconcertantes) entre as duas. Não era sua culpa se Aline era tão teimosa. O que podia se pensar, enfim, de uma garota que vinha de um país historicamente dependente da matéria bruta (madeira, ouro, esmeraldas, carvão, açúcar, petróleo e futebol)? Sentiu que faltava à brasileira uma certa sutileza. Pensou ainda em suas qualificações como filósofa. Será que no Brasil todos tinham formações deficientes e mentes tão indisciplinadas? Nada sabiam de Aristóteles, nunca leram Platão ou Hegel, e nem conheciam grego antigo? Teria ela lido todas as outras Obras Universais do Espírito?

Quando a garçonne voltou com a bandeja de chá, Anne (procurando mudar o rumo da situação) quis saber o que Aline estava lendo, e ela, ríspida, respondeu que lia sobretudo filosofia política. *Quoi?* Aquele exotismo de Aline surpreendeu a jovem, e Anne descobriria, em seguida, que a garçonne preferia, de fato, os filósofos à filosofia. Aline tinha uma certa queda por pensadores com vidas torturadas, às vezes vítimas de seus próprios métodos (“libertinos, matricidas, suicidas e uxoricidas”, como julgaria injustamente Anne). Esses filósofos eram todos engajados em melhorar a sociedade, propondo que todos deviam seguir seus sonhos (e suas próprias utopias), mas não conseguiam melhorar nem mesmo sua própria situação existencial, culpando a civilização por sua angústia. “E você? Segue seus sonhos?”, indagou a curiosa Anne. “Óbvio!”, replicou a garçonne. “Por sonhar meus próprios sonhos, sempre sigo para onde meus desejos me levam. Nós somos máquinas desejantes. Somos aquilo que sonhamos. O desejo é a única coisa que define nossas vidas. O desejo é a própria essência do homem. O desejo é revolucionário! Por isso adoro os mortos-vivos”, declarou em um tom professoral, citando uma frase decorada em alguma dissertação filosófica. Sua mudança para a Suíça, no entanto, acentuara ainda mais essa concepção de que existia um vazio na sociedade. Embora a sociedade suíça fosse mais igualitária do que a brasileira, faltava-lhe uma certa substância, pensava ela.

— A cerveja, o cigarro, a carne, o café — disse Aline. — Tudo aqui parece sem substância. Até o sexo parece feito sem prazer. As pessoas preferem ter um vazio em suas vidas, mas eu prefiro preenchê-lo. Precisamos ter mais substância.

— Não entendo — replicou Anne, um tanto confusa. — Você disse que adora os mortos-vivos. A filosofia zumbi está baseada no vazio e não no conteúdo. Por que se importa com o essencial agora? Qual é o sentido disso tudo?

— Por que temos que achar um sentido na vida? A felicidade está no paradoxo.

— Como podemos seguir um rumo sem um sentido? Precisamos ter bons orientadores para alcançar nossos propósitos.

— Não confio em orientadores. Todos os orientadores que conheci me deixaram desorientada.

— Nunca seguiu um bom conselho?

— Desconfio de pessoas que dão bons conselhos. Aliás, desconfio de qualquer pessoa que estiver em posição de dar conselhos. Elas apenas dizem que não devemos seguir nossos desejos. Não posso aceitar nenhum tipo de repressão. Eu quero conquistar meus próprios sonhos.

— Manter é mais difícil do que conquistar — disse Anne, deixando Aline sem réplica. — Então não devemos escutar as palavras dos sábios do passado?

— Não devemos nos submeter aos fantasmas criados por nossos ancestrais. Devemos ter vontade própria. Nós temos nossos próprios desejos, amiga. Aliás, é a única coisa que temos de verdade. É inato. Não precisamos que nos ensinem a desejar.

— Os mortos-vivos também desejam — afirmou Anne. — Mas desejam apenas por desejar. Falta-lhes substância. Por isso nunca estão satisfeitos.

Sem ligar a mínima para a abstrusa observação de Anne, Aline continuou a descarregar sua metralhadora ideológica. Demonstrou em seguida ressentimento pela Igreja, ao falar da Inqui-sição e da falta de amor no mundo causado pelas discórdias religiosas e pelas famílias disfuncionais. Ressaltou que seu sonho era *viver sem culpas*. Emocionada, lacrimejou ao exprimir essas palavras. Parecia firmemente indignada. Em seguida, espumando de raiva, Aline exprimiu toda sua indignação com todas as categorias possíveis (os homens, o governo, o povo e a humanidade), demonstrando uma carga emocional quase histriônica em suas palavras. Mais

uma vez, Anne ficou curiosa para saber de onde surgira essa predileção de Aline pela filosofia do ódio, dividida em diferentes categorias: ódio pelo burguês, ódio pelos homens, ódio pelo capitalismo e ódio pela cultura ocidental. A garçonne respondeu que a História era odiosa. Por um lado, disse ela, havia um grande desenvolvimento material, que levou às glórias da ciência moderna e da medicina, e ainda às maravilhas da arte. “Por outro lado”, acrescentou Aline, “tivemos pragas, guerras, escravidão, estratificação social e opressão. A barbárie somente será abolida com o fim da história, quando então não precisarmos mais falar de vitórias e derrotas. E esse fim chegará quando tudo o que foi escrito for queimado e reescrito. Não há nenhum documento da civilização que não seja ao mesmo tempo um documento bárbaro”, complementou ela, distorcendo um pouco Walter Benjamin. Diante dessa assertiva, Anne ficou perplexa. Aquela era uma declaração de aversão ao processo civilizatório, uma oposição ao progresso do espírito tão sonhado por Hegel. Essa era, pensava a jovem, uma afirmação tão absurda quanto dizer que o iluminismo era responsável pelo declínio da humanidade. A civilização evoluía graças às suas vitórias e derrotas. Como poderia ser diferente? Queria ela voltar a viver em uma cultura de caçadores-coletores? Por que não ia morar então na selva junto aos índios? Questionou Anne, incrédula. A garçonne replicou que o maior mal da civilização estava em sua superprodução de abundância. Abundância, explicou ela, traz excesso. Excesso, por sua vez, traz aquisição competitiva, e esta, por sua vez, traz apenas inveja e ódio. “Abaixo a abundância! Riquezas são divergências”, afirmou a garçonne. Ao escutar uma frase tão banal, a curiosidade investigativa de Anne foi de imediato instigada. Seria essa uma afirmação válida? Um julgamento nem sempre leva a uma verdade, como prova a epistemologia e a história jurídica. Subordinar a lógica às causas subjetivas é um tanto perigoso, julgou Anne, exprimindo a Aline sua opinião. Um dos propósitos da epistemologia, argumentou a jovem, era ajudar a ética a verificar se agimos de modo responsável ou irresponsável ao praticarmos crenças infundadas. Se a validação lógica estava vinculada à validação moral, qual seria afinal o propósito da filosofia senão servir aos interesses de determinados grupos? Alerta por estar diante daquele pensamento unilateral, Anne quis saber a razão da garçonne nutrir tanto ódio pelo passado e também uma neurótica hostilidade pela civilização.

— Vai me dizer que também não odeia seu passado? — replicou Aline.

— Até um certo ponto — replicou Anne. — Muitas pessoas odeiam seu passado, aliás. Alguns mais, outros menos. Confesso que odeio um pouco, mas não sairia matando os clientes em uma boate com uma metralhadora.

— Você não tem do que reclamar. Seu pai deve ser um Tio Patinhas. Você sempre estará na zona de conforto. Comprando o que lhe apetecer, viajando para onde quiser e lendo filosofia em grego. E pode ainda se dar ao luxo de estudar História e tomar chá como uma madame.

— Então não lê História? — indagou Anne, buscando ignorar a insinuação de que era uma privilegiada.

— História é coisa para criancinhas — replicou Aline. — Como podemos confiar em uma cole-

ção de relatos de homens perseguindo seus ridículos fins pelos meios mais questionáveis? Tudo o que nos contaram foram vidas de heróis e santos. Hagiografia, na verdade, diria Foucault. Se a História não tivesse sido feita pelos homens, provavelmente não haveria tantas guerras. É o que diz Brecht. Heroísmo e militarismo são apenas demonstrações do sadismo masculino, como escreve Bourdieu. Ou melhor, cita Althusser: uma atrofia causada por um desequilíbrio de gêneros; ou ainda, diria Beauvoir: uma consequência da patologia do patriarcado. Concluindo: a História é masculina. Por isso não é confiável — disse Aline, por fim.

— Mas tudo é História! — disse Anne, abrindo os braços e olhando ligeiramente para os lados, como se as fotografias expostas nas paredes exibissem uma prova irrefutável de seu argumento. Por um instante, ela esperou em vão que seu gesto causasse algum efeito. Aline estava irredutível. Parecia não fazer muito caso das opiniões da nova colega. Por fim, Anne aquietou-se, resignada. Estava um pouco cansada de escutar toda aquele *rote learning* (ou *apostatizê*, no grego). Que tipo de faculdade ensinaria seus alunos a decorar chavões? O que intuitivamente poderiam saber eles do Uno e da Multiplicidade?

— Uma falsa História — contra-atacou Aline. — Tudo é apenas interpretação. Verdades mudam de acordo com seu contexto. Uma verdade suprema depende do absolutamente falso. Sem o falso absoluto não é possível existir o verdadeiro. Após descartamos todas as falsas interpretações em busca de uma única que seja genuína, restará apenas uma. E mesmo essa interpretação pode não ser a verdadeira.

— Entendo — concluiu Anne, calando-se. Pensativa, ela provou devagar seu chá, desfrutando seu delicado sabor, mesmo com um certo amargor, e depois acrescentou: — Então não há uma verdade universal?

— Não há verdades, apenas interpretações. Como eu disse, tudo depende do contexto.

Estarrecida por essa declaração da garçonete, Anne ficou em silêncio, reflexiva. “Então os significantes são mais importantes do que o sentido? *Mon dieu!* Que *nonsense!* E tinha que citar também Derrida?”, pensou a jovem ao perceber a alusão de Aline à *De la grammatologie*, obra em que o filósofo francês afirma que, no ser humano, a linguagem escrita precede a linguagem oral, declarando assim a estrutura subjacente de um discurso mais importante do que seu conteúdo, e a *doxa* mais importante do que *episteme*, entrelaçando esse sentido com o não-sentido e subjugando o significado ao jogo da linguagem e da realidade simbólica, imitando assim a máxima existencialista: “A existência precede a essência”. Sim, pensava ela, a crítica de Derrida ao logocentrismo possuía um mérito. Do ponto de vista das mulheres, essa crítica prova que o discurso masculino excluiu de cena a intuição feminina, ou seja, a intuição de terceiro grau, aquilo que os antigos chamavam de precognição, a apreensão da verdade através da reunião de todos os detalhes relevantes. Para Anne, a desconstrução derridariana abre a Caixa de Pandora do que não pertence ao discurso, deixando escapar não apenas a subjetividade oprimida por séculos de silêncio, mas também todos os vícios, sobretudo de linguagem. As consequências da libertação do discurso inconsciente podem levar à incoerência e a impressão de irracionalidade.

de, o que talvez, pensava Anne, fosse a intenção do filósofo francês. Derrida era para ela apenas um *agent provocateur* similar a Nietzsche, um representante do caos linguístico, a semear a confusão com sua filosofia do subentendido e suas meditações prepuciais, apenas para seu exclusivo proveito ou *jouissance* verborrágica (ou *surplus jouissance*, como diria Lacan). Sua única certeza era sua incoerência. Enfim, ali estava outro desordeiro ideológico, julgava ela (ou um outro falso Pseudo Dionísio, perdido em seu eterno blá blá blá apofático, como preferia se referir a todo esse persuasivo discurso). Assim, ao perceber que por trás do tom relativista na argumentação da garçonete havia um desejo de contradizer apenas por contradizer, sem chegar a qualquer síntese dialética, Anne ficou intrigada. A constatação trouxe consigo uma má lembrança. A linguagem é uma construção social, concordava ela, e realmente possui uma estrutura inconsciente subjacente com suas próprias leis sintáticas ou semânticas. Mas afirmar isso não implica que tudo seja uma construção social. Pensar dessa forma é negar que exista uma verdade além da Torre de Babel. E se Aline fosse mais uma daquelas jovens sonhadoras que acreditam realmente que tudo é uma interpretação e que toda identidade é ditada pela aparência, pelo gênero e pelo comportamento social, e não pela verdade? Por um segundo, ficou muito preocupada. Temia que, em breve, a impetuosa debatedora procurasse negar o Holocausto ou qualquer outro fato incontestável, uma vez que o perdesse seu sentido histórico com a passagem dos séculos por conta do desconhecimento público de sua relevância universal. Acreditava realmente Aline que tudo era uma interpretação? Mesmo se os fatos fossem irrefutáveis? “Afim de contas, o que significa dizer que a existência precede a essência senão uma negação do verídico essencial e da intenção original do discurso?”, indagou-se a jovem, um tanto pensativa. Até aquela altura de sua juventude, Anne havia se deparado diversas vezes com aquela frase, mas nunca tivera tempo de refletir sobre seu significado ou sua significância. Naquele momento, ela mergulhou em uma profunda reflexão, interrompendo por algum tempo sua conversa com Aline. Estava mais desencantada do que intrigada.

Na verdade, o pós-modernismo relativista de Aline fez Anne revisar sua própria posição intelectual. Após ter lido (graças às recomendações de seus professores suíços) centenas de livros de filosofia, literatura, sociologia, antropologia e romances históricos, ela tinha suas próprias opiniões sobre os pós-modernistas, para quem nada era verdadeiro, tudo era ilusório. Anne desdenhava a incoerência e o desdém desses pensadores. Eles acreditavam que as teorias científicas eram apenas construções sociais e não deviam ser levadas a sério, desacreditando assim milênios de experimentações em busca de uma realidade objetiva. Para esses pensadores desiludidos não existia objetividade, tudo era subjetivo. Somos o que acreditamos ser. Não existe um mundo real lá fora. Buda estava certo, diziam eles. A verdade está dentro de cada indivíduo. Cada um é dono de seu próprio nariz e de sua própria certeza, afirmavam eles em seu profundo ceticismo pela linguagem, pelo conhecimento, pela história, pela razão e mesmo pela verdade, considerada apenas como uma metanarrativa sem qualquer valor de fé. A jovem, porém, ainda acreditava que existiam coisas essenciais na vida (entre elas, o amor). Sem uma realidade objetiva, julgava Anne, tanto o autor quanto o público concebem sua própria visão do mundo. Em suma, tudo era uma interpretação solipsística e todos nós vivemos em nossa própria sinédoque da realidade, um microcosmo que imita muito mal o macrocosmo inteiro. Essa breve reflexão revelou a Anne um ponto importante.

— Então tudo é uma interpretação? — indagou ela.

— Claro. Principalmente se não faz sentido — replicou Aline. — Veja as leis suíças de imigração que você citou há pouco, por exemplo. Quanto mais estrangeiros chegam à Suíça, mais a legislação endurece. Ela muda conforme o referendo. Que sentido existe em fazer leis que mudam de acordo com as contingências? Mas nenhuma lei ou barreira pode conter a liberdade. Nem mesmo os Alpes.

— Não existe liberdade infinita. Os direitos terminam onde começam os deveres. Se a Suíça se tornar um caos ninguém vai querer viver aqui. Para mim faz sentido.

— Isso também é uma interpretação. Direitos terminam onde começam os deveres? Você deve ter aprendido essa máxima em alguma escola suíça. Em alguns países não existem direitos nem deveres. Os políticos são os primeiros a nos ensinar essa lição. O patrimônio público é nosso, temos direito a ele. Fazemos dele o que bem entendermos. É nosso dever nos apropriar do que nos pertence.

— Não há liberdade sem disciplina, como sabiam bem os idealistas alemães. Ou, do contrário, milhões de pessoas transformariam os rios em esgotos. Pense no mau cheiro — disse Anne, horrorizada ao imaginar o transparente rio Aar opaco pela poluição.

— Essa é outra interpretação sua. O que é disciplina para você não é para mim. Não tive essa matéria na escola. Além do mais, em meu país todos os rios são esgotos.

Anne suspirou, desolada. Desistiu de argumentar com o relativismo de Aline. Após ter defendido seu *Maturaarbeit* sobre a gênese relativista dos regimes totalitários, ela conhecia bem tanto os perigos do universalismo quanto as armadilhas dos particularismos, fossem eles nacionalistas, religiosos ou individualistas. Havia lido dezenas de livros para provar o macabro resultado do pensamento relativista. Em seu *paper*, Anne tentou demonstrar a implicação concreta de se oscilar entre dois polos ideológicos, as consequências das utopias universalistas (entre elas a República, a Cidade de Deus, o Partido, a Liga das Nações e a Liga da Justiça) e dos nacionalismos românticos, e sua relação com as guerras, as revoluções e os atentados terroristas. Em sua argumentação (iniciada com uma frase de Groucho Marx: “A política é a arte de procurar problemas, encontrá-los por toda parte, diagnosticá-los incorretamente e aplicar as piores soluções”), a jovem procurou mostrar, por meio de diversos exemplos, que todas as ideologias levaram apenas a dois desagradáveis extremos: o moralismo autoritário e o libertinismo, e citou a decadente Roma dos Imperadores, a Igreja medieval, o Absolutismo francês e o Terceiro Reich. Em toda a história, pensava ela, nunca houve um meio termo satisfatório entre essas duas perigosas tendências do espírito humano: a crueldade e a luxúria. “Por conta desse dualismo ideológico, a cultura ocidental sempre teve dificuldade de enfrentar seu destino histórico, e muitas vezes se resignou a ele”, escreveu ela na introdução de sua tese. “Nunca houve muita moderação na história da humanidade. Por mais que as constituições tenham tentado limitar o poder estatal, os governantes sempre encontram uma maneira de exercer o controle total sobre uma nação. A Lei está em todos os textos e discursos, mas o diabo mora nas entrelinhas. A melhor justiça sempre terá brechas. E graças a essas brechas, os piores líderes sobem

ao poder.” Após uma breve exposição de suas ideias sobre o controle estatal em sua tese de *Matura*, Anne desenvolveu então seu trabalho expondo a maneira com que a evolução da justiça está relacionada ao progresso de uma nação, citando de início Savigny, e abordando a desvalorização da lei natural e a supervalorização do nacionalismo na sociedade alemã do início do século vinte. Em seguida, ao falar da importância da ética na justiça, ela referiu-se, de passagem, a Tomás de Aquino. Citaria ainda a política econômica de Röpke no pós-guerra alemão, com sua necessidade de integrar os indivíduos à sociedade e evitar assim os males do militarismo, e finalizaria com uma breve apologia ao planejamento racional para o bem-estar da sociedade. Por algumas páginas de seu *paper*, a jovem desfilou todo o seu conhecimento de ciência política e sua opinião de estudante secundarista. Conhecer os primeiros frutos desse pobre gênio, como diria Cervantes, nos ajudará entender um pouco de sua forma de pensar.

Uma vez iniciada a tese com uma breve introdução (ou *Einleitung*) sobre os males do positivismo jurídico, Anne dividiu sua apresentação em quatro partes: a) de como o desdém pela lei natural e o louvor à paixão nacional levou os oportunistas ao poder (uma breve exposição intitulada de *Über die Verachtung des Naturgesetzes*); b) por que pessoas inteligentes tomam decisões equivocadas; c) por que o autoconhecimento e não as contingências deve servir de base para o juízo moral, e d) a importância de um projeto educacional para uma nação. Na primeira parte de seu trabalho (*Teil 1*), Anne começou sua exposição falando da escola historicista alemã do século dezenove e seu desdém por qualquer lei transcendental ou mesmo baseada em um alto padrão de moralidade, defendida pela concepção naturalista e legalista iniciada com Tomás de Aquino.

Como religião oficial do Estado, a moralidade cristã dominara os costumes na Idade Média. Por muitos séculos, escreveu Anne, a teologia havia influenciado os círculos jurídicos dos grandes centros de decisão da Europa, adaptando a lei do homem à lei de Deus com seus preceitos morais e seus princípios elevados. Mas os novos tempos (sobretudo a Modernidade) viram surgir os nacionalismos, e, com eles, uma aversão às vãs abstrações teológicas e à tendência de se subordinar o direito positivo ao direito natural, que levaram às arbitrariedades da Inquisição e à morte de milhares de inocentes nas fogueiras. Esse desprezo pelo jusnaturalismo estava tão acentuado entre os iluministas europeus que seu maior expoente, Friedrich Carl Von Savigny (na época em que ocupara a cadeira de direito civil na Prússia), um dos grandes defensores da tradição cultural alemã, se negou a aceitar a autoridade do código prussiano quando as autoridades decidiram adotá-lo no país. Ao dar suas lições de direito na universidade, Savigny normalmente oferecia uma interpretação baseada no direito romano, considerado obsoleto pela maioria dos estudiosos, rejeitando a criação de códigos universalistas, vista por ele como uma inovação ofensiva à tradição. O jurista pensava que as regras deviam se adaptar às culturas, e não o contrário, como queria o novo código, ao impor às instituições tradicionais um direito acima dos costumes. Em sua busca pela objetividade, Savigny acreditava que a vontade do legislador deve estar expressa na lei, e essa lei é um consenso baseado na consciência jurídica de um povo e não de uma classe. O jurista germânico justificava sua atitude conservadora explicando que nenhuma universalidade estava acima da nacionalidade, como escrevera ele em seu *Vom Beruf unserer Zeit für Gesetzgebung und Rechtswissenschaft* (A vocação do nosso tempo para a legislação e jurisprudência):

In der Geschichte aller bedeutenden Völker nämlich finden wir einen Uebergang von beschränkter, aber frischer und lebensvoller, Individualität zu unbestimmter Allgemeinheit.

“Na história de todas as nações importantes, encontramos uma transição da individualidade circunscrita, porém fresca e vigorosa, para a universalidade indefinida.”

Anne estudara esse trecho com bastante atenção. Para Savigny, um homem contrário à lei natural ou mesmo a uma Suprema Lei, a legislação de um país devia ser uma expressão das convicções de um povo específico e não estava baseada em princípios universais, mas sim no *Volkgeist*, uma comunidade espiritual ligada por uma cultura, por aspirações e ideais comuns. Ou seja, julgava a estudante, por conta dessa consciência orgânica crescente do espírito do povo, a soberania das nações devia estar acima dos direitos individuais compartilhados por todas as nações, desprezando assim os direitos humanos. Na opinião de Savigny, as culturas estrangeiras não deviam se sobrepor à cultura nacional e não deviam ameaçar os costumes locais. Influenciada pela matriz filosófica hegeliana (para quem o sujeito da história não é o indivíduo, mas o Espírito Objetivo), essa visão tradicionalista se coadunava com o romantismo alemão e sua sacralização e mitificação do passado, opondo-se ao projeto de modernização do iluminismo, considerado por Savigny abstrato demais e nada natural, uma vez que desrespeitava a soberania das nações. Para Anne, contudo, existia uma falha visível nesse apego aos costumes tradicionais defendida pelo jurista, costumes pelos quais toda justiça devia se basear, ou seja: o direito consuetudinário possuía graves deficiências. O futuro da Alemanha provaria que essa visão de uma justiça doméstica era prejudicial a uma sociedade globalizada. Surgida alguns anos depois da *Bürgerliches Gesetzbuch*, a Constituição de Weimar (um documento carente de princípios éticos ou políticos) permitiria, com seu relativismo frouxo, que as leis fossem manipuladas pelos fascistas, revelando um total desprezo pelos direitos humanos. Citou assim a *neue Sachlichkeit* surgida após a Primeira Guerra Mundial, que procurou romper as normas do *Kaiserreich*, trazendo novos costumes para a sociedade alemã. E como as modas exercem um grande fascínio sobre as mulheres, elas aderiram às novidades com fervor. A Nova Mulher alemã simbolizava a abertura e a liberalidade da modernidade. Por trás dos anúncios e da propaganda, contudo, a mulher moderna era ainda uma trabalhadora mal remunerada, que devia suportar as despesas extras do novo estilo para manter seus empregos e sustentar o consumismo. A feminilidade pós-Weimar não era muito diferente da feminilidade pré-Weimar, demonstrando que a flexibilidade dos costumes também possui suas desvantagens.

Na visão conservadora dos juristas do século dezoito, Anne buscava explicar o surgimento do nazismo. Esse respeito dos conservadores ao *Volkgeist* (explicou ela citando Leo Strauss), esse sectarismo nacionalista, escreveu Anne, permite que os princípios bárbaros sejam tão defensáveis quanto os princípios civilizados. Por conta disso, prosseguiu ela, esse apego à lei da tribo levou ao canibalismo e aos atos terroristas, princípios tão relevantes quanto os princípios civilizados. “Vivemos em um mundo faustiano em que o poder inverteu o que é bom e ruim”, escreve Anne. “Em um mundo em que o bárbaro é a vítima, as pessoas não seguem mais mandamentos. Ao contrário do que pensava Kant, não podemos seguir um imperativo sem uma compensação sentimental. O ser humano busca a satisfação acima de tudo. Afinal, na prática, o prazer é o maior critério para a felicidade, embora a razão e o bom senso sejam necessários para a boa compreensão entre as pessoas. Essa busca contínua por autogratificação, contudo,

deve estar de acordo com os parâmetros de seu grupo. Para o correto funcionamento de uma sociedade, os princípios abstratos devem estar acima dos costumes populares e dos desejos individuais. Queremos prazer e lucro, mas precisamos também evitar a prisão (ainda que muitos políticos não pensem assim). Afinal, a moralidade não está na lei. Estudos comprovam que sua morada está no corpo, como um sexto sentido, controlada por um gene responsável pela conservação da espécie. Os indivíduos precisam estar satisfeitos para estarem juntos. Kant esqueceu que o corpo necessita estar feliz para que a alma possa seguir os imperativos da moral burguesa. A Necessidade deve andar lado a lado com o Dever”, prosseguia a dissertação de Anne. A essa altura do texto, a estudante resolveu recheiar um pouco seu discurso com explicações fundamentais. Antes de tratar da questão da moral iluminista e sua influência negativa sobre os rebeldes relativistas, ela precisou fazer uma pequena digressão para falar daquilo que existia de mais básico na ética.

O respeito pelo outro, escreveu Anne, nunca foi uma constante histórica. Tanto o Prazer em Freud quanto o Saber Absoluto em Hegel são sempre adiados para o futuro, quando puderem ser concretizados na velhice. O jogo dialético entre o princípio da realidade e o princípio do prazer aponta para uma síntese posterior em uma época de paz, maturidade e reflexão. Mas como o futuro está ausente no agora, o Prazer e o Sentido tornam-se ideias impossíveis de serem alcançadas, salientou Anne, uma insatisfação que provoca o desacordo entre hedonistas e idealistas, entre os apaixonados e os racionalistas. Toda a História está marcada assim pela impossibilidade do amor entre os homens. Nesse ponto (afirmava nossa predicante), mestres e escravos, colonizadores e colonizados, predadores e vítimas, possuem algo em comum. Além da arrogância e do predatismo nocivo que marcou a História, os homens compartilham o mesmo desejo de preencherem um grande vazio, um vazio maior do que a fome, a pobreza, a miséria e a ignorância. Ou seja, sem respeito pelos direitos humanos, toda política é uma ameaça à vida.

Aplicada aluna de ciência política no ginásio, Anne havia estudado todas as formas de governo, fascistas ou democráticos, e conhecia seus prós e contras. A política, concluíra a estudante, era conduzida pelos homens, e os homens seguiam apenas suas próprias leis, o que termina por relativizar o que é, de fato, certo ou errado. Segundo Anne, essa ausência de ética na política, no início do século vinte, criou o cenário ideal para a ascensão de Hitler ao poder, com fatais consequências históricas para o espírito humanitário. Apegados ao rígido positivismo jurídico de sua época, os profissionais legais não denunciaram as injustiças cometidas pelos nazistas, legitimando um estado sem lei, uma condição em que a justiça não é mais justiça, ou como escreveu Tomás de Aquino: “Quando a lei humana não mais reflete a lei natural não é mais uma lei, mas uma perversão da lei”. Como o santo católico, Anne concordava que devia existir uma lei que estivesse acima da lei dos homens, ou, do contrário, tudo mergulharia no caos. E esse corpo jurídico não devia estar baseada apenas na Razão, pensava a estudante, mas na capacidade humana de imaginar o sofrimento alheio, dada a vulnerabilidade humana que todos compartilhamos, mesmo com outras espécies animais. Somente estimulando a sensibilidade, escreveu Anne, podemos compreender melhor a realidade. Para isso, porém, era necessário abandonar nossos preconceitos e adotar um comportamento mais compreensivo e compassivo em relação aos outros.

Na segunda parte de sua dissertação (*Teil 2*), Anne questionaria essa devoção das pessoas (mesmo as mais inteligentes) às crenças coletivas, surgidas da pressão social e dos modismos políticos, crenças que, em suas versões mais extremistas, levaram ao fascismo e ao fundamentalismo religioso. Embora fosse necessário para viver em sociedade, o bom senso, segundo ela, comprometia a capacidade racional das pessoas com consequências ruins para o bem comum. Por que razão a própria razão é a maior inimiga da racionalidade humana? Indagava-se Anne. Por que pessoas inteligentes votam mal ou tomam decisões ruins?

Para responder a essa complexa questão, Anne usou alguns dos recursos retóricos aprendidos em suas leituras filosóficas. Em sua opinião, esclarecer a razão para tal pergunta não era objetivamente uma tarefa fácil. Como milhares de pessoas educadas podiam pensar que as bruxas, os judeus ou os imigrantes eram os culpados por todos os males do mundo? Por que as pessoas eram enganadas por seus *mind traps*? A resposta estava fora do terreno da razão e abrangia o lado sombrio da psique humana, para quem não existe nem o bem nem o mal. Por conta dessa imoralidade natural do *Homo sapiens* e desse resquício dos primitivos hominídeos, muitas vezes questionamos a natureza humana por sua ambiguidade. Se somos naturalmente imorais, como preferem acreditar alguns teóricos, por que nascemos com um senso moral? Será que as emoções também são relativas? Fazendo uso de seus conhecimentos de antropologia, Anne relacionou a existência de emoções verdadeiras à existência de verdades universais. “As emoções não são relativas”, explica ela em seu seminívbio texto. “Os juízos estéticos são relativos, mas não os juízos éticos. Todos os seres humanos se sentem mal quando são tratados como coisas. Esse é um fato incontestável. Em qualquer parte do mundo, um ser humano normal socorrerá uma criança em risco de vida ou correrá diante do perigo. Certas ações são absolutas.”

Na penúltima parte de sua tese (*Teil 3*), a aguerrida dissertadora expôs sua própria análise da crise da civilização pré-novecentista e sua relação com a cegueira das massas. Referindo-se às duas primeiras guerras mundiais, Anne explica como o progresso tecnológico induziu os civilizados a voltarem à barbárie, orgulhosamente cegos pelos maus costumes herdados de seus ancestrais. O que é a tirania senão o tratamento do abuso com mais abuso? Segundo ela, esse paradoxo somente poderia ser explicado pela crise moral que se seguiu à revolução industrial, quando toda a Europa ficou vulnerável às ideologias radicais e ao extremismo nacionalista, graças às rápidas e inquietantes mudanças sociais impostas pela industrialização acelerada e a tecnologia em rápido desenvolvimento. Nessa época, atraídos pelos salários pagos pelas indústrias, milhares de homens e mulheres deixaram suas vilas, suas famílias e seus lares, desarraigados de suas origens culturais por complexas forças econômicas. Seus vínculos com a tradição e crenças de seus pais foram assim corroídos, e eles se viram isolados, passíveis às desumanas decisões feitas pelos investidores, acionistas e consumidores. Separados de suas raízes e desamparados, mantidos nos limites das fronteiras simbólicas, restou a essa multidão sem rosto aderir aos movimentos extremistas, afiliando-se a ideologias radicais ou nacionalistas, aos partidos políticos, sindicatos e clubes, forjando assim uma nova identidade para si mesmo, e apontando como seus inimigos os proprietários de terras e das fábricas, os empresários, os empregadores ou ainda os americanos (acusados de entupir o mundo com seu *capitalist dump*). Sem um canal para serem ouvidos, esses oprimidos terminam elegendo uma voz que expressasse seus temores e seus desejos. E quantos oportunistas não verbalizaram as queixas desses injustiçados, mudos e descontentes? E até mesmo foram ao extremo de sacrificar vidas humanas para atingir seus fins? Questionou Anne em seu texto. Aqueles que tiveram a sorte de

subir ao poder nunca deram muito valor aos seus eleitores, escreveu ela. Em sua opinião, fortalecidas pelos movimentos populares, as ideologias mataram inutilmente milhões de inocentes, manchando assim as páginas da História. “Por conta de seu poder genocida, essas invenções humanas nunca foram a melhor solução para os problemas da humanidade”, escreveu Anne. “E também por conta de seus pressupostos e hábitos, pessoas inteligentes fazem escolhas estúpidas.”

Sem autoconhecimento, prosseguiu Anne, muitas vezes adquirimos comportamentos inconscientes. Para a jovem, ninguém devia seguir cegamente seu destino. Ela acreditava que as pessoas deviam se guiar por sua própria natureza superior, uma vez que, ao contrário do que pensam os existencialistas, não podemos mudar nossa natureza inferior sem alterar nosso genoma, como comprovou a ciência do terceiro milênio. Desse modo, na última parte de seu texto (*Teil 4*), ela diferencia essência (ou natureza superior) de destino (ou natureza inferior):

“Ao contrário do que pensam a astrologia, as religiões, a genética ou Groucho Marx, a essência humana é revelada pelas obras dos indivíduos e não pelos astros, ou pelo pecado original, ou pelo genoma ou ainda pelo ridículo. Nossa essência não deve ser confundida com nosso destino, assim como a vida não deve ser equiparada à morte, a viagem igualada a sua chegada e nem a verdade confundida com sua interpretação (afinal, o que é a interpretação senão a descoberta de novos sentidos e evidências? Toda observação é uma probabilidade, e também uma transformação, como afirmam os físicos). Não é surpresa que as pessoas pensem que as aparências são essenciais. Talvez essa confusão seja explicada pelo momento histórico. No início da revolução industrial, testemunhas do progresso crescente da civilização e da decadência dos valores, os filósofos aderiram às religiões orientais e passaram a dizer que tudo é uma ilusão, deixando assim de ser amigos do saber e aderindo à amizade pelas palavras e pelas estruturas subjacentes, e abandonando a amizade entre as pessoas. A fenomenologia, o positivismo lógico e o estruturalismo questionaram o discurso como condutor da verdade, e as palavras ganharam assim o status de verdade em si mesmas, como pistas que levam ao sentido. Em uma época em que o vasto campo científico confundia os pesquisadores, o estruturalismo se propôs a criar um modelo arquetípico para a infinita multiplicidade de fenômenos e situações estudadas. E a linguagem, com suas infindáveis transformações do sentido, foi escolhida para ser esse modelo, vindo a se tornar mais importante do que as ideias essenciais. Com isso a forma passou a ser mais importante do que o conteúdo, segundo a ótica estruturalista. Mais tarde, os pós-estruturalistas criticariam duramente os esquemas lógico-matemáticos de seus antecessores, esquemas que mais confundiam do que esclareciam, pensavam eles. Convencidos que o significativo é o veículo da verdade, esses intelectuais se empenharam em desconstruir tudo o que encontravam pela frente. Cardápios de restaurantes mexicanos, contos de fadas, propagandas de televisão, programas de auditório e até mesmo shows de música pop. Tudo é passível de desconstrução. Ao desconstruir, iniciamos um círculo vicioso, um processo sem fim de interpretação e reinterpretação. E cada nova interpretação um exército de hermenutas e exegetas, com seu babélico desprezo pela verdade universal, criam novas reinterpretações. E se tudo é apenas interpretação, então não pode existir uma única verdade. Esse é um silogismo óbvio. Ver a realidade por esse ângulo é um tanto enganoso. Há uma troca de perspectiva nesse modo de apreender o mundo, nesse artifício de intercambiar o verdadeiro pelo falso. Seria dizer que somente a existência é o que importa, desprezando assim o sentido da vida e o objetivo original da filosofia que é o autoconhecimento. A criação de um homem ou uma mulher

supera qualquer biografia ou interpretação. Em sua natureza superior, o indivíduo é mais surpreendente do que imaginamos. As decisões baseadas em altos padrões de justiça provam que as conseqüências são mais positivas do que desastrosas. Deixar as decisões para nossa natureza inferior e seus apetites incontrolláveis é seguir cegamente nosso destino de maneira irresponsável, e apenas promove o individualismo exacerbado. A verdade não pode ser confundida com sua interpretação. A tradição filosófica, porém, nos ensina que a reconciliação do sujeito com sua essência perdida é mais importante do que buscar interpretações para a realidade. Culpar o materialismo americano ou chinês pela miséria do mundo, ou dizer que o ateísmo é a causa dos distúrbios mentais, ou que o feminismo das mulheres árabes causou a extinção das *burkas*, isso é também aceitar uma criação coletiva. Mas nenhuma dessas interpretações é verdadeira. Assim como a imparcialidade mata a paixão, contextualizar uma verdade também pode destruí-la. Ao sujeitar o indivíduo ao seu destino, os relativistas preferem as contingências imprevisíveis da fortuna às providências necessárias da vida, herdadas de nossos ancestrais e conquistadas por suas repetidas e bem-sucedidas estratégias evolutivas. Essa atitude um tanto negligente, no entanto, traz surpresas sempre indesejáveis. Afinal, como podemos ter um futuro se não existe um plano concreto a se seguir? É um pouco como morar em uma casa malcuída e ficar à mercê das condições climáticas a cada mudança de estação. Contextualizar a verdade, a lei ou a essência não é a melhor maneira de nos esclarecer sobre o que é falso e incerto. O esclarecimento nos dá uma visão do futuro. Não podemos enfrentar o destino de morar em uma casa caindo aos pedaços, mas podemos criar um projeto para melhorar sua estrutura. E esse projeto deve estar baseado em sua planta arquitetônica, ou seja, em sua essência. Assim como uma casa improvisada é inabitável, uma alma perturbada pelo relativismo não consegue viver em harmonia com seu mundo.”

Para concluir sua tese, Anne aborda, no *Fazit*, analisa as estratégias encontradas por algumas nações europeias para enfrentar suas crises históricas, citando sobretudo as reformas postas em prática por Röpke na Alemanha na segunda metade do século vinte, quando o país sofreu as duras conseqüências de duas grandes guerras. Nessa época, derrotada pelos aliados, a nação germânica estava passando por uma difícil crise econômica e moral, e precisava se recuperar dos efeitos nefastos do recente conflito internacional. Era necessário não apenas reerguer a economia, mas também o ânimo do povo. Segundo a jovem, ao criar um projeto lúcido para o futuro de seu país, o pensador alemão tencionava elevar moralmente toda a sociedade, um sonho que se tornaria realidade nos anos em que foi conselheiro de Konrad Adenauer. Uma vez que há sintonia entre os indivíduos, acreditava o político alemão, podemos pensar em uma época de paz. Esse era o sonho de toda uma geração de jovens. Embora não fosse o sonho de Anne. A estudante era o tipo de idealista que gostaria de uma sociedade menos patriarcal, menos racionalista e mais integrada, uma espécie de grande família. Assim como acontece na sociedade, afirmava, em cada família existe os indivíduos mais organizados e aqueles que, por sua vez, vivem ao sabor dos acontecimentos. Para Anne, dar ferramentas adequadas aos desajustados, aos loucos, aos revolucionários e aos imigrantes insatisfeitos, como forma de integrá-los na sociedade do melhor modo possível, era um ato louvável, ainda que impraticável. A jovem era pessimista em relação a essas perspectivas.

Em uma época em que o separatismo entre povos e gêneros apenas levanta obstáculos para a harmonia entre os países, acreditava ela, somente uma sistemática integração cultural possibilitará que as nações finalmente consigam mudar seus destinos. Às travas mentais do obscuran-

tismo, sucederia o bom senso e a organização. Somente por meio de um projeto social integrado, os perigos do relativismo e oscilações ideológicas poderiam ser evitados, assim como o surgimento de perigosas gangues e seu subsequente poder paralelo dentro da sociedade. Em um país em que todos possuem iguais oportunidades, um cidadão pode obter o equilíbrio metafísico entre aquilo que idealiza e o que pode realizar. Ou seja, resumiu ela, as desigualdades excessivas afetam as pessoas, impedem uma visão do futuro e o progresso de uma nação. A estudante finalizou, portanto, o trabalho final de seu último ano de ensino secundário, referindo-se à necessidade de se “criar um projeto para as nações da mesma forma com que as pessoas elaboram um projeto para suas existências”, ou seja, elaborando uma visão real não positivista da sociedade, adaptando as inovações ao seu estilo particular, seus costumes e sua cultura. Para esse intento, um projeto educacional de grandes proporções era necessário para tirar uma nação do atraso. Semelhante a um arquiteto planejando a estrutura de uma casa para seus futuros habitantes, os governantes deviam pensar nas necessidades das gerações posteriores sem esquecer as conquistas e virtudes das gerações passadas. E a educação era uma peça-chave no propósito de fazer com que as pessoas pudessem valorizar sua memória e seu patrimônio cultural, contribuindo assim para a valorização da vida. Quando os governantes agem como educadores, escreveu Anne, cooperam para que todo o país cresça física e mentalmente de maneira saudável. Em resumo: uma nação deve progredir à maneira de uma família funcional, em que pais e filhos vivem em harmonia. Com esse otimista raciocínio, Anne concluiu seu *Fazit*. Uma vez terminada sua dissertação, a estudante ficou muito satisfeita pelo modo com que uniu o final e o início de seu texto, falando justamente dos polos ideológicos e da harmoniosa reconciliação entre eles. Achou aquele um desfecho justo para sua argumentação sobre a gênese do relativismo e sua relação com a estupidez humana.

A apresentação do trabalho final de *Matura* de Anne tinha tudo para comover seus professores. Apesar de expor a sincera opinião da autora e uma pesquisa baseada em uma imensa bibliografia, a tese de Anne não foi exatamente um sucesso acadêmico. Ao fim da apresentação oral, os examinadores da banca gracejaram um pouco com aquela ousada comparação do destino das nações à arquitetura de uma casa, e a equivalência feita pela estudante entre um governo ideal e uma família funcional. Ainda assim, deram uma boa nota ao trabalho da sincera bacharelanda. Superconfiante, Anne não se importou com os comentários. Em sua opinião, mesmo um sério trabalho acadêmico devia ter um toque pessoal do autor. A honrosa menção à sua residência doméstica, porém, estava relacionada ao seu momento histórico, o que justifica o tom subjetivo do seu texto.

Na época em que escreveu sua tese, Anne vivia ainda com a mãe em Berna, e o convívio das duas não era um dos melhores. *Prima facie*, ela via-se encrencada com os costumeiros problemas domésticos. A ocupada matriarca passava tanto tempo fora de casa que alguns reparos necessários foram negligenciados e, aos poucos, se tornaram insuportáveis. Anne detestava tomar banho gelado e queixava-se sempre à mãe, que prometia (sem nunca cumprir) resolver todas essas questões assim que voltasse de viagem. Cansada de reclamar da calefação a gás, do péssimo estado das calhas e do encanamento, a filha tinha que suportar desconfortavelmente os invernos suíços. A referência de Anne à casa onde morava não era casual. Para ela, semelhante ao lugar em que vivemos, uma existência devia ter um bom planejamento doméstico, além de constante cuidado e manutenção. Nada melhor do que ter uma casa segura e confortável, pensava Anne. Afinal, não era o conforto um tema importante para os suíços? Por que não

poderia assim mencionar a casa onde morava em seu texto? Todo incômodo merece ser mencionado, opinava Anne. As mudanças, acreditava, começam com meras contrariedades. Adaptando-nos a elas, porém, ocorre a transformação de nosso destino em uma obra de arte. Mas havia uma contradição nessa defesa autopoiética de Anne. Ainda que se simpatizasse com aquelas ideias construtivistas, ela não conseguia arrumar o vazamento na pia da cozinha, ou mesmo chamar um bombeiro para detectar o problema. Abstraída demais em seus estudos, Anne preferia então passar parte de seus dias a limpar com um pano de chão a água que escorria dos vazamentos, incapaz de pensar em uma solução melhor. Enfim, Anne não era dona de seu próprio destino. Apesar disso, ela discordava de Aline e de suas opiniões políticas.

Na visão da jovem bacharelada, Aline não possuía o conhecimento básico necessário para entender sua realidade. Após ter estudado dezenas de livros de economia política, geopolítica e política exterior, Anne não gostava de discutir sobre o assunto com leigos. Desse modo, ao escutar Aline falar sobre a necessidade de se ter grandes líderes para guiar uma nação, ela ficou desanimada. Em sua opinião (baseada na leitura dos livros ginasiais), se não podemos definir nosso próprio destino por meio de nossas próprias capacidades, a existência será sempre contingente e duvidosa. Se as pessoas não são capazes de tomar alguma iniciativa, sempre dependerão de bons líderes para mudar o país, afirmava ela. Anne questionava a razão pela qual o povo devia esperar a ação dos políticos, quando na verdade era necessário apenas que mudasse seus hábitos. Leitora de David Hume (lera toda a bibliografia do autor na preparação de seu *paper*), Anne acreditava que os maus costumes eram responsáveis pelo *mau destino* das pessoas. Os *bad habits*, assim como os *bad genes*, estragavam os indivíduos, fossem eles homens comuns ou presidentes da República. Por conta de hábitos inconscientes e costumes enraizados, julgava ela, os poderosos se corrompiam, os corpos e mentes adoecem, e milhões de anos de estratégias evolutivas eram jogadas fora, afetando toda a sociedade e sua ética. Ou seja, a opinião de Aline não podia ser desprezada, concluiu Anne.

— Tudo bem — disse a jovem para Aline, tentando ser diplomática e compartilhar sua opinião (confiante na máxima anglo-saxã *share is care*). — Estou de acordo que cada um interpreta a realidade à sua maneira. Mas em uma coisa você concordará comigo: como pode haver alguma ordem se todos fizerem apenas o que desejam?

— Ordem? — replicou Aline. — O que é ordem? Outra invenção logocêntrica masculina? Todas as filosofias são apenas falsidades. Não servem para nada. Todos os pensamentos da Antiguidade até hoje foram tentativas inúteis de dar ordem ao caos e não adiantaram de nada. A História não pode ser levada a sério, entende? A vida não tem um plano. O que importa é existir. Custe o que custar.

Naquela ocasião, sentada à mesa com a garçonete enquanto saboreava seu chá, a jovem pensava em todos os autores e livros que lera durante seus anos estudantis, e em nenhum deles encontrara escrito que a existência precede a essência, como subentendera na fala de sua companheira. Será que eles todos estavam errados? E se, de fato, somos predestinados a seguir nossa natureza inferior? Se a existência precede a essência, pensou ela, então tudo é permitido e legítimo, não há limites para nada. Afinal, sem nos basearmos em leis, como diziam os existenci-

alistas, estamos livres para controlar nosso destino e nossas vidas. Uma vez que as verdades dependem de seu contexto e cada indivíduo possui sua própria verdade, a liberdade é a chave para a felicidade. Anne aprovava tudo aquilo. Ela também sonhava em ter sua própria liberdade. Havia uma certa beleza em pensar que um indivíduo devia ser livre para planejar sua própria existência. A jovem concordou então que ter sua própria liberdade era a única forma de evitar o despertar dos *bad genes*. Se não seguirmos epigeneticamente nossa cultura, tudo se arranja de maneira natural. Apenas um ponto, porém, preocupava a jovem. E se a liberdade nos levar aos *bad habits*? O mau destino, sabia ela, advinha dos maus costumes. E maus costumes significavam casas com vazamentos e sem aquecimento. Significavam passar frio no inverno. Por conta desse receio, Anne preferia viver com a mãe, mesmo a contragosto. Apesar de sua genitora nunca estar em casa, ela tinha tudo o que precisava para ter uma boa saúde. Assim, em sua *comfort zone*, preservaria melhor sua natureza superior. Para ela, como citara em sua tese, essência e destino não eram a mesma coisa. Cada homem e cada mulher, afirmava a jovem, possui uma parte imutável e também uma parte mutável. Ainda que não soubesse o que era o *dharma* tão respeitado pelos hindus e orientalistas, Anne acreditava que havia uma ordem por trás de todas as coisas e, ao mesmo tempo, existia algum grau de livre arbítrio na natureza. Na opinião da jovem, todos nascem livres para decidir o que fazer de sua vida, mas as circunstâncias forçam as pessoas a abdicarem desse direito. Dentro de uma sociedade organizada, as pessoas seguem suas deveres, mas nunca perdem seus direitos, inclusive de serem livres. Durante sua existência, porém, cada indivíduo passará pelo processo de abdicar de sua liberdade. Em sua juventude, cada indivíduo sonha em abraçar o mundo e, depois que se torna adulto e conhece melhor sua realidade, percebe que, sem planejamento, é impossível concretizar seus sonhos, resignando-se assim a ser uma mera engrenagem de uma imensa máquina. Como parte de uma humanidade que havia esquecido de planejar sua vida para ter liberdade, Anne havia chegado a essa mesma constatação. A maioria das pessoas havia abandonado seus sonhos. Habitando na penúria de uma casa malconservada, Anne conhecia bem a diferença entre ter ou não um sonho ou um plano. Mas ela mesma não tinha planos para seu futuro.

Agora que terminara a escola secundária, Anne ainda não se decidira se estudaria filosofia ou investiria seu tempo em uma carreira diplomática. Depois de participar de um Modelo de Organizações Internacionais, a jovem quis fazer uma graduação em relações internacionais em Genebra, cidade em que vivera na infância. Desistiu da ideia, porém, ao pensar que teria que morar novamente com o pai por mais alguns anos. Receava perder seus *good habits*. Ela tinha muitas dúvidas sobre que rumo devia tomar. Continuar seus estudos de filosofia na faculdade? Arrumaria um emprego em um escritório de nerds? Ou gastaria toda a mesada recebida do pai em compras? No final, preferiu seguir sua sina, desiludindo-se com seus planos fabulosos, o que a levaria anos depois a ser internada em uma clínica de desintoxicação autobiográfica.

O destino é um *jokerman*, pensou Anne consigo mesma (embora desdenhasse qualquer espécie de determinismo). “Cada ser nasce, envelhece e morre”, refletiu ela. “E os filósofos não são exceção.” Antes mesmo de vir ao mundo, o lado filosófico (e sonhador) de Anne foi abandonado. Naquela distante época de seus dezenove anos, o encontro com Aline apenas despertou mais dúvidas na *giovannissima* estudante. Talvez pensar não fizesse realmente ninguém feliz, refletiu ela. Por outro lado, viver sem pensar era sinônimo de uma vida vazia e repleta de decisões equivocadas, o que não era de todo ruim se tivesse uma memória curta. Pensar ou não pensar? Para aliviar seu dilema, Anne tomou uma importante resolução. “Não quero mais

ser filósofa. Chega de tanta abobrinha! Pensar demais me cansa mentalmente. Eu terminaria tendo insônia o resto de minha vida. Além disso, os filósofos acham que são super-homens, e as filósofas valorizam mais a cabeça do que o cuidado com seu corpo. Os homens, contudo, preferiam acreditar que seu destino é maior do que sua própria essência e se apegam à fama. Mas apenas morrem como todos os outros homens.” De súbito, Anne lembrou-se de um pequeno poema que fizera no ginásio sobre aquele tema:

*Filósofos lutam contra as Moiras,
mas sofrem o mesmo destino de Orestes:
no fim sempre sucumbem
às ardilosas tramas da Fortuna
Predestinado a ser ladrão, Sócrates
preferiu ser pensador
e morreu envenenado,
expondo um inquietante paradoxo
Querendo o bem, fazemos o mal
Descartes, educador de rainhas,
após provar que corpo e mente,
como duas paralelas,
somente se encontram no infinito,
passaria à posteridade como um gênio maligno
e um homem intoxicado pela razão
e pelo arsênico
Outros, muitos outros vieram,
esquecidos ou lembrados por sua triste sina
Nietzsche teve o trágico fim de um pensador
Amante de Sofia e desprezado por Salomé
ele se resignou
ao seu dionisíaco demônio
Ao buscar ser autopoietico,
terminou mitopoético
envenenado por seu ódio
e impotente em sua vontade*

*E Sartre, o sátiro insaciável,
cego como uma toupeira
e controlado por seus apetites,
perdeu sua pose de senhor de seu destino
deixando mais dúvidas do que verdades
Como ser livre sem fazer o mal?
Assim terminam sempre os super-homens
envenenados, loucos ou cegos
O que, afinal, podem eles fazer
contra sua própria natureza?*

Talvez Aline tivesse razão, refletiu Anne. Por falta de autoconhecimento, homens, mulheres e filósofos estavam destinados a seguir suas próprias verdades, presos a uma eterna e inútil busca por sua identidade. A História é apenas uma interpretação das vidas públicas de indivíduos dos quais nunca conheceremos suas vidas privadas, sua verdadeira história ou aquilo que gostariam de ter se tornado. Reconstruímos as identidades reescrevendo suas biografias. E a cada reconstrução causamos um dano à sua autenticidade. Se tudo é apenas interpretação, de que vale a história? Se cada um vive à sua maneira, acima ou abaixo da lei, por que se importar com a verdade? Mas, acrescentou a jovem, em um ponto muito importante a garçonete estava errada. “Não”, pensou Anne. “Deve existir algum propósito. Sem os outros não temos motivação para criarmos nosso próprio destino. O que pode fazer uma mulher ou um homem sozinho? O que faria Dom Quixote sem Sancho Pança?” Os impérios não nascem da vontade de um só indivíduo, refletiu ela, lembrando-se de alguma citação filosófica. Se tivesse que conquistar sua liberdade sem a ajuda de ninguém, refletiu ela, um sujeito teria que exercer todas as funções, o que lhe tomaria demasiado tempo. Por outro lado, seguir apenas seu destino é aceitar a escravidão e a humilhação, o que contraria a essência de cada ser humano. Ou seja, sua natureza não se resume a dar marteladas, carregar tijolos, apertar botões em uma fábrica. Jean Valjean fugiu da prisão para provar que era um homem e não um pobre-diabo. Em situações desfavoráveis, um indivíduo com alguma habilidade é capaz de fazer qualquer coisa para ter uma vida melhor (podendo até mesmo roubar para isso). Mas um ladrão ou malfeitor não precisa seguir seu destino, como demonstra Vítor Hugo em sua obra mais famosa. Por provar os fatos e denunciar suas consequências, pensava Anne, a história não podia ser desprezada. Negá-la era equivalente não somente a negar a subjetividade de milhares de pessoas, que passaram pelo mundo e deixaram suas marcas, mas também negar seu testemunho e sua contribuição para a verdade dos fatos, seja sob a forma de uma tabuleta de argila com a descrição de um sonho, ou ainda sob a forma de um manuscrito relatando sua visão de mundo. Para os existencialistas, no entanto, não existiam verdades ditas absolutas. De época para época, diziam, a verdade dos fatos é contestável. A cada novo governo, os partidos vencedores editam seus próprios livros de História. Anne concordava com os existencialistas, mas descobrira um radicalismo ilusório nesse pensamento revisionista. Embora os documentos tenham sido reescritos tantas vezes ao longo dos tempos, em algum lugar do passado o testemunho das pessoas que viveram os fatos contribuiu muito para que a verdade não fosse esquecida por completo. Os fatos, acreditava a jovem, estão em nossos genes, guardados sob a forma de traumas, men-

tiras e enganos, vivenciados de geração para geração, e transmitidos através das eras. Cada um de nós preserva em sua memória a semente da verdade. E apesar de encerrarmos essa semente na parte mais profunda de nós mesmos, nada sabemos sobre ela. Ainda assim as árvores continuam a dar frutos, sem se importar se são amargos ou venenosos. Querendo o bem da espécie, não nos importamos de fazer o mal, em nome de sua preservação. Essa aparente contradição acentuou o ceticismo de Anne. Talvez ser mãe (ou uma *Hausfrau*) fosse uma opção melhor do que ser filósofa, pensou ela. Enquanto a filosofia busca arduamente a luz da sabedoria, a maternidade faz nascer a cada nove meses uma verdade, ignorando seu teor ou seu destino. Ao nascer, cada ser encerra sua própria poesia. Saímos do útero e ganhamos o mundo motivados a encontrar um sentido para nossas existências e passaremos a vida inteira atrás de algo que já está em nós mesmos (ainda que os existencialistas declarem o caráter secundário de nossa essência). O que é mais importante a busca ou a epifania? Razão e intuição trilham caminhos distintos para revelar o mesmo conteúdo. Por esse motivo, refletiu Anne, exaltar a existência é afirmar que as árvores existem apenas por conta de suas sombras ou de seus frutos, ignorando o fato que carregam consigo a semente da vida. Mas ser mãe seria a melhor das opções? Questionou-se. “Não sei mais se gostaria de ter um filho. Já existe bastante gente louca no mundo”, julgou ela. “Além de que, uma mulher fértil não é obrigada a ter filhos. Existem outras escolhas. Em vez de seguirem seus destinos, muitas mulheres preferiram ser apenas elas mesmas, existindo apenas por existir, sem realizar nenhum Grande Plano que incluísse aumentar a taxa de natalidade ou de doentes mentais da população. Para o mercado é uma vantagem ter novos consumidores. Aumenta as estatísticas. Não devemos, contudo, nos prender aos números. A liberdade é o nosso destino. Essa é uma verdade incontestável. Nascermos para ser livres e construir nossa própria vida. Ou será que até isso é uma invenção masculina?” Mesmo que Anne aceitasse as explicações existencialistas para essa aspiração autopoiética (segundo as quais “navegar é preciso, viver não é preciso”, ou, como diria Anaxágoras: “A vida é uma jornada”), ela sabia que devia existir algo mais do que apenas ser livre e desfrutar a longa viagem até os portões do Hades. Toda a civilização está estruturada em um acordo tácito entre os seres, pensava ela, um acordo que mantinha todo o tecido social incorruptível e funcional. Segundo o contrato social, as liberdades dos indivíduos e nações não deviam exceder os limites do bom senso, correndo o risco de iniciar conflitos e guerras indesejáveis. “Devemos manter os limites por uma questão de sociabilidade”, refletiu Anne. “Esse é o princípio de todas as leis. Nossos desejos sempre serão limitados pelo desejo alheio. Nunca existirá liberdade infinita, como bem sabiam os idealistas alemães. Desde criança somos ensinados a encobrir nossos instintos, a controlar nossas emoções e evitar escândalos, a fim de nos tornarmos cidadãos livres e responsáveis. Ser civilizado implica ser um pouco menos selvagem e esconder o que realmente desejamos”. Para Freud, pensava a jovem, a repressão dos impulsos pelo sujeito civilizado era um fato inegável. Aí residia a causa de todos os males da civilização. Por outro lado, a sociedade seria um caos se todos fizessem apenas o que têm em mente e obedecessem apenas aos seus instintos, como mortos-vivos. Controlar as pulsões primárias possibilitou aos homens evoluírem dos primatas para o metrosssexual pós-moderno. E essa inibição nos fez olvidar o que temos de verdadeiro e mais precioso, deixando para trás nossa infância perceptiva. Por isso nem tudo é interpretação, defendia Anne, lançando um olhar crítico sobre as declarações existencialistas. “Deve existir alguma verdade dentro de nós, apesar de não sabermos qual é”, teimava. Ela concordava com a afirmação de que a existência precede a essência, como mencionara Aline, embora acreditasse que um sujeito paga um alto preço por seguir apenas seus impulsos, uma vez que ele pode se tornar escravo de seus instintos, ignorando sua natureza humana e prendendo-se a esquemas viciosos, nocivos e bestiais, convertendo-se assim em um Mr. Hyde antissocial. Esse é o destino da maioria das pessoas que escolhem ser livres acima de tudo e de todos. Julgando-se sábias, são apenas parvas. Afinal, o que sabem elas sobre si mesmas?

— Então não é importante ter uma ordem? A História não nos ensina a perceber uma unidade? — indagou Anne.

— Existe apenas multiplicidade — replicou Aline, sem demonstrar nenhuma comoção. — E aquilo que é múltiplo possui diversos valores. Vivemos em um mundo em que cada pessoa tem seu preço. O trabalho de uns vale mais do que o trabalho de outros. As mulheres nunca valeram muito na História. Está na hora de mudar esse quadro.

— Então deveríamos valorizar o que é sensível, não acha? A sensibilidade ocorre antes do juízo crítico, como nos ensinam os estetas. Toda arte nasce da apreciação. E somente a arte pode nos leva ao Ser. E quem melhor que as mulheres para conduzir a humanidade ao Ser? Se os homens nunca demonstraram sensibilidade, respeito e bom senso, alguém precisa demonstrar.

— O Ser é aquilo que existe, minha querida. Somos aquilo que queremos ser. A arte é uma ilusão. Em uma sociedade consumista, o desejo está acima de qualquer sensibilidade. É o desejo quem deve escolher. Ou eu quero, ou não quero.

— Mesmo que seja uma escolha determinada pelas circunstâncias? Para sua informação: o desejo tem duas faces. A sensibilidade, porém, nos leva à verdade universal que é a arte. Quando gosto de algo belo, sou eu mesma. Você notou que essas fotografias estão na parede para serem apreciadas? Consegue perceber sua beleza?

— Não tenho um gosto tão apurado quanto o seu. Não vejo beleza na História. Aliás, não vejo beleza em quase nada. Só vejo crueldade e repressão. Esse é um mundo opressor.

Essa afirmação de Aline trouxe a Anne uma triste constatação. Ao perder sua sensibilidade, teria Aline se afastado do Ser? Indagou-se a pensativa jovem. Teria perdido sua essência e seu bom senso? Seria mais uma sociopata pós-moderna? Uma *feminopata*? Com essas profundas questões ontológicas, Anne revelava assim um pouco de sua própria formação intelectual. Desde sua segunda infância, ao escrever seus primeiros textos em um surrado diário, ela aprendeu a valorizar suas opiniões. Por isso não se importou muito com os comentários dos examinadores de sua tese de *Matura*. Ela era uma jovem de fortes convicções. Durante sua adolescência, tudo o que lera e anotara nos livros, refletira, pesquisara e digerira havia cooperado para construir sua forma de pensar o mundo. Para compreendermos seu pensamento muito peculiar, precisamos conhecer seu *Bildungsroman*.

Embora seus pais fossem protestantes, Anne tinha uma certa admiração pelo catolicismo e seus rituais paramentados, suas preces e seus templos magníficos. E ainda que não praticasse

nenhuma das duas vertentes do cristianismo, nunca rezasse e nem mesmo seguisse qualquer uma das dezenas de categorias de ateísmo, ela possuía uma forte convicção que as pessoas precisavam comungar de alguma forma. Desde que passara algum tempo em um internato, influenciada pelas noviças, Anne aprendera latim (pelo qual estudara o tomismo de Aquino), um pouco de grego ático (lera uma parte da *Odisseia* no idioma original de Homero, em especial o encontro de Ulisses com Nausicaa, seu trecho preferido: ἄφαρ δ' ἀπειθαύμασ' ὄνειρον) e grego bizantino (lera a *Alexiade* de Anna Comnena e o *Digenes Akritas* na tradução bilingue de John Mavrogordato). Essa foi sua iniciação no paganismo clássico. Entusiasmada pelas culturas pré-cristãs, a jovem pediu ao pai para comprar a coleção completa da Loeb Classical Library da Harvard University Press e passou uns bons meses exercitando sua imaginação com os pensamentos dos antigos greco-romanos. Sentia-se uma alma pagã, e imaginou que, se tivesse vivido na Idade Média ou no Renascimento, teria sido uma Heloísa, uma Cristina de Pisano ou uma Louise Labé. Mas ao mesmo tempo que amava os pensadores pagãos, nutria uma certa atração pelos cristãos. Naquela distante época, acreditava ela, somente as freiras e as aristocratas podiam ser intelectuais. Era um privilégio ser alfabetizada em um mundo de obscurantismo geral, afirmava ela, onde somente nobres, monges e freiras tinham acesso aos livros. Mas a jovem não se satisfaria em ser uma humilde freira. Preferia ser a filha de um cordeiro próspero ou de um astrólogo da corte (de preferência, dono de uma portentosa biblioteca), ou mesmo uma baronesa. Imaginava que, fazendo parte da nobreza, poderia fazer planos mirabolantes para sua vida, sonhava ela. Anne, porém, não tinha nenhum plano, nem prático nem divino. Como qualquer jovem da sua idade, ela possuía uma opinião muito particular sobre as religiões. Antes de terminar o ginásio, Anne julgava que todo o edifício moral criado pela religião não podia ser desprezado, mesmo que fosse completamente ilusório. Havia ainda um respeito pela tradição religiosa de seus pais, fundamentada na oposição a qualquer tipo de arbitrariedade. O protestantismo tinha o seu valor, pensou Anne. Ao terminar sua graduação ginásial, contudo, ela se tornou um tanto cética em relação a qualquer tipo de crença. Durante suas pesquisas para a tese de Matura, ela passou a encarar com um certo desdém as fantásticas teorias dos teólogos e até mesmo a duvidar da existência de um bondoso ser transcendental que estivesse preocupado com o destino dos homens e também das mulheres. Apesar de seu agnosticismo, Anne concordava que havia uma inteligência superior no universo, mas acreditava, no fundo, que essa inteligência pouco se importava com a humanidade. Dessa forma, pensava ela, cada um devia se virar por si mesmo, sem buscar a aprovação de um ser superior. Ainda que inspirasse a comunhão entre os indivíduos, as doutrinas religiosas, segundo ela, apenas estimulavam a dependência das pessoas ao grupo e às suas verdades fabricadas. Essa era sua opinião sincera sobre as teologias. Todas as religiões não ensinavam mais que a confeitaria, considerava ela, lembrando os versos pagãos de Fernando Pessoa, um poeta a quem muito admirava (sua *Poesia Completa* era propriedade da biblioteca do pai e dormiu muitas vezes junto à cabeceira da cama da filha). As religiões eram mais uma invenção humana, um subterfúgio criado para manter os indomáveis (ou os loucos furiosos) sob controle, distribuindo chocolates mentais e *psychocandies*. Apesar de ser uma invenção útil, contudo, concordava Anne, era também um mal necessário. Segundo ela, a história, filosoficamente falando, é a evolução da ignorância humana. Em outras palavras: saímos de uma barbárie pré-histórica e fomos para uma outra barbárie mais sofisticada, com bombas atômicas, exércitos tecnológicos, androides, armas químicas e todos os tipos de formas imagináveis de nos mantermos afastados uns dos outros e de nós mesmos. Os homens não confiam em si mesmos, pensou Anne. Essa é a verdade. E essa desconfiança pode se manifestar de maneiras bem destrutivas, como demonstra a História. Como é possível, no entanto, esperar a salvação de uma espécie que busca constantemente sua própria destruição? Um pouco de controle era necessário, sustentava a jovem. Ou, do contrário, tudo se torna um caos. Cultivando esses pessimistas

pensamentos, Anne aceitava a vida como ela é: massacrante e cruel (ou como descreveu Thomas Hobbes: “Desagradável, brutal e curta”), e ao mesmo tempo louvava o papel das ilusões como ferramenta de proteção contra o autoextermínio global, uma vez que, por toda a história da humanidade, os indivíduos, em sua maior parte, sempre viveram como confusos seres irracionais. Dessa forma, enquanto meditava em silêncio, Anne olhou para Aline e pensou no destino de Laura Marx. Quantas vezes os ideais de liberdade dos homens não seduziram os inocentes e ingênuos? Quantas vezes os sensíveis se tornaram vítimas dos bárbaros?

Atraídos pelos ideais de um mundo melhor, refletiu Anne, muitas mulheres sacrificaram suas vidas para educar as gerações futuras, e nada receberam em troca por seu sacrifício e sua renúncia. Até quando as crenças e ambições dos homens ainda levariam as mulheres à degradação? Ela conhecia um bocado de biografias de vidas combativas que tiveram fins trágicos, assoladas pelo desprezo e pela pobreza. Mulheres que lutaram contra os preconceitos e a discriminação, mesmo enfrentando o desdém dos homens, sacrificando sua saúde, sua beleza e sua imagem pública, e nunca foram lembradas por sua bravura ou por seu martírio. Por toda a história, julgara Anne, concordando com Aline, os homens chegaram ao poder graças às mulheres, às quais exploraram com suas promessas e suas mentiras. Em algum ponto da evolução, quando as condições climáticas se tornaram muito caóticas, eles assumiram o poder e destruíram as deusas de seu pedestal histórico. A ordem das estações foi então substituída pela ordem da consciência masculina. Por todo o curso da civilização, as deusas deram lugar aos deuses, as sacerdotisas foram substituídas pelos sacerdotes, e Dido por Eneias. Aline pensava que a história era um artifício masculino para explicar seus atos bárbaros de invasões e massacres, e justificar seu domínio hegemônico sobre os mais vulneráveis, refletiu Anne. Nesse ponto ela estava de acordo com a garçonne. O passado havia sido cruel com as mulheres. “As mulheres e não os homens são responsáveis pelo nascimento da filosofia”, comentou certa vez em seu diário. “Foram as heteras e as sacerdotisas, essas grandes observadoras da natureza humana, do mundo dos homens e de seus mecanismos sociais, que possibilitaram o surgimento do amor pelo saber. Todo saber nasce da orientação. As primeiras filósofas (embora elas não utilizassem essa autodenominação) eram valiosas conselheiras. Em suas escolas, longe das restrições das *oikoi*, elas ensinavam aos estrangeiros, *outsiders*, mulheres livres e ex-esposas; pessoas, em geral, marginalizadas pelas rígidas leis atenienses. Peritas nos Mistérios e nas artes da sedução, elas trariam conforto e orientação aos homens que retornavam do Peloponeso, impuros e manchados de sangue inimigo, consolando-os de suas atrocidades e más lembranças, e dariam um propósito à vida daqueles que haviam sofrido os horrores da guerra e suas consequências na sociedade. Esse público ansiava por esclarecimento e por um pouco de atenção, e ninguém melhor do que as filósofas para explicar a realidade do ponto de vista feminino, mais atencioso e compassivo. Quem deseja, deseja aquilo de que é carente, explicavam elas. Essa era uma época em que a liberdade de expressão era vedada aos *metoikos* e escravos, em que a maioria das mulheres, restrita ao papel de reprodutoras, não tinha voz pública, onde qualquer inovação na maneira de pensar era considerada como heresia ou impiedade, e condenava pensadores como Anaxágoras ao vergonhoso exílio. Foi nessas condições históricas que as filósofas introduziram a *parrésia* como um antídoto à opressão masculina e revelavam, com sua sinceridade quase infantil, aquilo que era proibido aos mais necessitados de conhecimento. E assim atraíram também a atenção daqueles mais ávidos por esclarecimento e consolo. Egresso de uma guerra nascida da arrogância humana, Sócrates juntou-se a esse grupo de carentes de atenção, descrentes e curiosos, e aprendeu muito com suas generosas mestras. Aspásia de Mileto ensinaria ao aprendiz um pouco de retórica e eloquência, e Diótima de Mantinea, além da maiêutica, lhe ensinaria que o Eros é o amor do belo e do bom. Essa talvez tenha sido a maior

revelação ensinada pelas filósofas ao futuro mestre platônico. O aprendizado do amor, segundo as iluminadas mestras, é uma iniciação nos Mistérios. Somente amando alguém podemos alcançar o foco necessário para se chegar a um estado superior de consciência. Sem amor, nada somos, expunham elas. Diante desse pensamento, Sócrates encontrou a cura para seu pessimismo de ex-combatente. O ateniense aprenderia rápido com as grandes conselheiras e, em pouco tempo, seria considerado o homem mais sábio da pólis, segundo o Oráculo. Como afirma Sócrates, ao citar Diotima no banquete na casa de Agathon, somente ao apreciar a beleza um indivíduo é estimulado a buscar a verdade, possibilitando a ele gerar assim a genuína virtude, tornando-o caro aos deuses, uma vez que não existe nada mais verdadeiro do que a visão do que é bom e belo. Essa constatação é o primeiro passo para a mudança, dizia o filósofo grego. Toda transformação do ser é autopoietica, e somente é possível pelo reconhecimento da personificação divina em si mesmo. Esse poder de transformar os seres fez com que Sofia fosse mantida pelos filósofos gregos na mais alta estima durante toda a era clássica, assim como fariam os primeiros cristãos, séculos depois. Os gnósticos diriam que ela era a Noiva de Cristo, pela qual os homens alcançariam a redenção e o Reino de Deus. Os platônicos, contudo, perderam seu trono filosófico, e a ciência aristotélica passou a reinar pelos séculos seguintes. No transcurso dos milênios, contudo, os filósofos abandonaram o amor pelo saber e se apegaram ao amor pelo sentido, em uma busca vã pelo significado das palavras e por decifrar as regras dos jogos da linguagem. E, por fim, abandonariam o amor e se apegariam apenas ao saber. Nas mãos dos oportunistas, a filosofia se converteu em poder, uma vez que dominar as palavras é também dominar as pessoas, seduzindo as mais sensíveis entre elas. E, como todo poder se converte em opressão, persistiu assim o eterno retorno do controle masculino sobre as mulheres e a velha afirmação da arrogância humana, responsável pelas guerras, pelo obscurantismo e pela impossibilidade de um paraíso na Terra”. Ao refletir na triste situação histórica das mulheres, Anne resignou-se ao destino (ainda que o desdenhasse) e relaxou sua intransigência. Pensou que Aline talvez estivesse certa em abominar a história como um relato da escravidão, da discriminação, da exploração entre os povos e classes, e das trágicas consequências da toxicidade masculina. Mas, segundo a jovem, a garçonne estava equivocada ao dizer que a História não era importante. O desenvolvimento histórico da humanidade não podia ser simplesmente subestimado por conta de suas tragédias e revoluções malsucedidas. Mediante a análise dos fatos é possível planejar um mundo melhor, pensava ela. Assim como Aline, Anne era também bastante idealista e combativa (e, às vezes, muito teimosa), embora cada uma delas seguisse uma diferente corrente feminista. Por conta de sua educação católica, ela ainda sonhava em uma comunhão entre as mulheres e os homens. Ao contrário de Anne, porém, Aline preferia a segregação. Com seu feminismo militante, Aline desprezava os homens, ainda que intimamente superestimasse os super-homens, aqueles tipos másculos, grosseiros e insensíveis. Havia algo de brutal em preferir a dureza à sensibilidade, pensou Anne. De sua parte, a jovem pensadora preferia um feminismo mais feminino e sensível.

Secretamente, enquanto saboreava seu chá morno, Anne concordava e, ao mesmo tempo, discordava da brasileira. Os homens brasileiros não deviam ser lá muito sensíveis, pensou a jovem. Talvez por isso as mulheres fossem tão rudes. Saberá Aline que tanto a simetria quanto o equilíbrio e a beleza eram aquilo que havia de mais sublime para os gregos? O que sabia ela da notória Boa Medida grega? O que sabia sobre a história do pensamento humanista da Grécia até o advento da estupidez moderna? “Todas as filosofias são apenas falsidades”, era o que dizia a garçonne a Anne. “E também não possuem nenhuma utilidade prática. E por que teriam?” Toda a alexandrina biblioteca do conhecimento humano não significava nada para os homens comuns, pensou ela. Se desaparecesse da noite para o dia, eles apenas continuariam seu

caminho, incólumes e alheios à sua importância. “Mas não se pode desprezar algo apenas porque não serve para nada”, ponderou Anne. “Olhai os lírios do campo. Observai sua beleza. Considerai como crescem; não trabalham, nem fiam. Mesmo que ninguém note sua existência, as flores estão aí, belas e vistosas. E crescem sem depender de nossa insensibilidade. Sem que o saibamos, todo o edifício da História está presente em nós. Somos criação e também construção. O homem não é apenas um ser social, mas também uma construção social, com todas as qualidades e defeitos de sua civilização.” Após essa reflexão bíblica, a jovem mergulhou mais uma vez seus lábios na borda da xícara. O chá estava quase frio.

“Não, minha cara”, respondeu Anne mentalmente a Aline. “Você está enganada. Não podemos esquecer a história. Tiranos mataram milhões de pessoas como se elas fossem apenas números, manchando para sempre as páginas da história, em nome da tradição, da justiça, da liberdade, da fraternidade e da igualdade. Isso é fato. Nem tudo é interpretação. *Zimbrabim!*”

Esses decisivos pensamentos, contudo, nunca foram verbalizados, uma vez que Aline rompeu o silêncio meditativo da jovem, pigarreando para limpar a garganta. O interregno havia aumentado seu desassossego e ela não quis mais esperar. A misofonia de Anne não aceitou muito bem o agressivo ruído. Os rompantes da garçonete sempre a surpreendiam.

— Amanhã não virei trabalhar — disse ela, despertando subitamente a atenção de Anne. — Fui despedida.

— *Quoi?*

— O gerente disse que minha matemática é sofrível. Até recomendou que eu tome aulas particulares com um professor.

— Sério? Isso é bem ruim.

— Ruim? Estou péssima. Fui vítima de outro homem. Mais uma vez. Mas vai melhorar. O que não me falta é fé.

— Quais são seus planos?

— Tenho apenas um plano. Depois que me casar, terei outra vida.

— É o que acredita? Que vai se casar com um suíço milionário? Vai vender seu corpo?

— Acredito na liberdade. O corpo é meu e faço dele o que quero. Além disso, meu futuro marido não precisa ser um milionário. Basta ter um teto. Não quero ficar morando na rua. Aqui faz muito mais frio do que em São Paulo no inverno.

— Então crê na liberdade infinita de ser um senso-objeto? Quer ser para sempre uma escrava?

— Há outra possibilidade? — indagou Aline. — Eu sou toda errada. Esse é meu destino. Meu país está repleto de ex-escravos que nunca se libertaram de verdade porque nunca perceberam que são livres. Eu quero pensar que sou livre, mesmo não sendo. É melhor do que ser livre e não perceber que é um escravo de sua liberdade.

A brasileira fez então uma pausa dramática e Anne, por um milésimo de segundo, sentiu pena de sua miserável condição humana. Ou talvez não fosse tão miserável assim, raciocinou ela afirmativamente. Afinal, somos nós que escolhemos nosso destino. Nosso presente não é mais do que um reflexo de nossas escolhas, repetiu a jovem em seus distraídos pensamentos.

— E você? O que faz da vida? — quis saber Aline, procurando mudar de assunto.

— Eu? Bem... Recentemente consegui o *Matura* em filosofia. Passei em todos os exames básicos, principais e adicionais, e recebi uma boa nota em meu trabalho final de graduação. O tema que escolhi foi *Positivismo Jurídico e o Volkgeist: a origem do Estado Totalitário e suas implicações no destino das nações, nos direitos humanos e na antipatia entre os povos*.

— Uau! Fiquei curiosa pelo tema que você escolheu. O que o relativismo moral tem a ver com o totalitarismo?

— Tudo. Os tolos geralmente não sabem votar — disse Anne e pousou sua xícara no pires. “Assim como aqueles que se acham espertos. Por não se importar com o essencial, eles escolhem o supérfluo”, refletiu ela.

A jovem fez essa afirmação sem demonstrar seu costumeiro tom zombeteiro. Após ter estudado a ética de diversas épocas e lugares, Anne tinha uma curiosa maneira de ponderar o certo e o errado. A ética de Platão exortava os cidadãos a serem mais virtuosos, pregando ao mesmo tempo que ninguém está acima da lei, mesmo que ela seja injusta. A ética cristã substituiria a Lei por Deus e diria que nada está acima de Deus, mesmo que Ele seja injusto (como se queixaria Jó), desse modo o crente devia se conformar com as limitações e ser virtuoso até superar as adversidades ou cair em tentação. Com o Iluminismo, o bem comum baseado em um contrato social inauguraria uma era de hipocrisia nunca antes vista na História. A promessa ilumi-

nista da conquista utilitária da felicidade por meio do progresso científico e material degringolou em uma cultura estanque. O imperativo categórico, sem qualquer apoio no sentimento, oferecia apenas uma abstrata Regra de Ouro sem uma contrapartida prática nos costumes e nos corações de homens e mulheres. Nos séculos do industrialismo e do instrumentalismo, essa ética idealista seria desafiada pela ética materialista utilitarista para quem a justiça devia ser para todos, sem depender da Lei ou de Deus. Todos, sobretudo os mais desfavorecidos, deviam ser tratados de forma justa. O homem devia ser capaz de transcender qualquer lei ou crença e governar a si mesmo, à maneira de um super-homem nietzschiano. O novo *ethos* trouxe uma desastrosa revolução nos costumes, e os indivíduos deixaram de respeitar regras douradas, imperativos ou ainda o amor cristão pelo próximo. Como novos deuses, esses super-homens colocaram-se acima de qualquer verdade. Esbarraram, porém, em suas próprias consciências. Descobriram que tudo tem um teto, até mesmo os cornos. Afinal, sem consciência somos piores do que os alces. A intuição e o sentimento sozinhos não podem nos levar à felicidade. E sem felicidade não há bondade, refletiu Anne. A ética freudiana irá mais além e dirá que somente ao nos livrarmos de qualquer tipo de culpa, desafiando a censura do Superego, poderemos ser felizes e ser donos de nosso próprio destino, como sonhava Nietzsche. Contraditoriamente, esses super-homens fizeram enormes danos aos seus semelhantes e dissemelhantes ao se tornarem *supergollums* insaciáveis por sua Vontade de Poder. Para Anne, qualquer prejuízo era errado, por menor que fosse. Se uma simples dívida financeira era uma falta grave, a morte de milhões de pessoas era gravíssima. Se a Lei, Deus, o Super-homem e o Superego estavam errados, quem estaria certo? Anne deixara centenas de comentários nos rodapés das páginas de seus livros de ética e convenceu-se que todos os sábios modernos estavam errados. Ainda não sabemos escolher nossos próprios líderes, concluiu ela. Ao crer que eram donos de seus destinos e que podiam tomar suas próprias decisões, os modernos equivocaram-se. Assim como eles julgaram os erros dos gregos e de outros pensadores antigos, eles também seriam julgados por seus equívocos. As gerações subsequentes condenarão com mais gravidade as gerações anteriores, pensava a jovem. Por seus desconhecimentos, erros e omissões, e sobretudo por sua cegueira. Kant criticou o uso abusivo das ideias transcendentais pela religião e a dependência de dogmas religiosos para se pensar a realidade. Para a teologia, tudo era uma questão de acreditar em algo razoável. Hegel, por sua vez, criticou a cegueira intolerável de Kant, com seu falso moralismo, que nega a emancipação individual e sua possibilidade de reconhecimento universal por meio da cultura e do espírito, um moralismo pior do que o religioso em sua negação de uma realidade externa ao homem, uma realidade que não pode ser conhecida pela razão. Derrida, por fim, criticou Hegel por seu logocentrismo. Pensar tudo como racional e luminoso era uma pretensão que nos torna cegos às intenções ocultas e estruturas inconscientes que regem o discurso, nos faz ignorar a existência da negatividade, além de criar identidades totalizantes que negam o diferente, dando assim origem ao fascismo e outras aberrações do ego. Entretanto, apesar de denunciarem suas próprias limitações, os pensadores nunca conseguiram superá-las. Para criticarem a si mesmos, todos eles utilizaram a razão, esse instrumento por excelência da dívida. Depois de desnudarem todos os reis, os filósofos nos tornaram mais céticos, indisciplinados e cínicos. E todas essas críticas, segundo Anne, apenas fizeram surgir mais tiranos, mais indulgentes e mais hipócritas. Ela estava convencida que a raiz de todo mal estava na monstruosa e insensível inteligência de um *control freak*, e na inteligência perniciosamente de seu eleitor autoiludido.

— E o exame de filosofia foi difícil? — indagou a impaciente Aline, mudando de assunto.

— Passei com facilidade. Eu conhecia todos os textos filosóficos do exame. Uma das questões discursivas era bem fácil. O examinador pedia para diferenciar entre ética deontológica e consequencialista, criticando a posição de Cálicles no *Górgias* de Platão.

— A posição de Cálicles?! No *Górgias*? Puxa! Eu não saberia responder à questão, juro! Nunca li o *Górgias* de Platão. E da *República*, li apenas um resumo. Para falar a verdade, há anos não leio mais livros. Não tenho paciência. Sou meio preguiçosa de ficar consultando dicionários, sabe? Prefiro ler artigos. Esses dias li um trabalho intitulado “A invenção de Sócrates” em que um filósofo de meu país afirma que a Verdade e a Beleza são invenções gregas, apenas reiterando minha opinião de que as ideias são apenas construções sociais. Gostei muito do artigo. Esse texto devia ser obrigatório para qualquer adolescente matriculado no ensino médio.

— Você lê sobre filosofia grega? Que bom saber.... Achei que não tinha interesses mais profundos — disse Anne, *nonchalant*. — Ainda se lembra onde se encaixam as ideias de Sócrates na relação entre a Verdade e a Beleza?

— De Sócrates pouco conheço, para ser sincera. Mas sei que ambas, a verdade e a beleza, são apenas idealizações criadas por gente ociosa. Os ideais mudam de tempos em tempos. Por isso, as verdades são relativas. Aliás, tudo é relativo. O que é bom e belo para um suíço, não é bom e belo para um brasileiro. E vice-versa. Além disso, nós mulheres não devemos ser escravas da beleza. Para ter liberdade, precisamos ser um tanto descuidadas. Precisamos viver sem culpas. Você por acaso depila as axilas?

— Mas você sabe ao menos o que Platão fala sobre a beleza no *Banquete*? — replicou Anne, referindo-se à explanação de Diotima de Mantineia sobre como os homens poderiam alcançar a forma ideal da Beleza, partindo da beleza física para a beleza moral, atingindo assim o amor à sabedoria por meio da apreciação da verdadeira beleza.

— Claro! Isso todo estudante de filosofia tem que saber — respondeu e, em seguida, recitou de memória tudo o que sabia, repetindo, como um papagaio, palavra por palavra. Não falou, contudo, aquilo que Anne queria ouvir.

— E sobre a diferença entre a causa final e a causa eficiente de Aristóteles? Sabe alguma coisa? — continuou Anne, em sua insistente sabatina. — Uma revolução é uma causa eficiente ou uma causa final?

— Causa final, óbvio! — replicou a irritada ex-garçonete. — Qualquer pessoa sabe disso. A causa final é enforcar o último burguês com as tripas do último sacerdote!

Após essa manifestação de *bravado*, a desdenhosa Anne suspirou e passou um bom tempo em

silêncio, tentando digerir a indigesta declaração de cunho nada filosófico, proferida pela brasileira. Relembrou a primeira vez em que, recém-chegada à Suíça, comera miúdos. Sentiu o estômago embrulhar. Não estava acostumada a ver as pessoas reagirem como cães raivosos. Como poderia continuar uma conversa que havia chegado ao aviltante ponto da regurgitação? O clima emocional ficara insuportável, percebeu a jovem. Nesse instante, ao notar a grave expressão no rosto da brasileira, Anne entendeu toda a situação. Ali estava ela, diante de uma aborrecida desempregada prestes a vender sua alma. Não sentiu nenhum remorso diante dessa constatação. Além de ignorar as sutilezas da linguagem, pensou Anne, a ex-garçonete negava-se ainda a dialogar abertamente de maneira civilizada. E se não podiam dialogar, opinava Anne, do que falariam, ou pensariam? Havia alguma outra maneira de fazê-la pensar? Indagou-se ela, desdenhosa. Era uma tentativa inútil. Não se pode ensinar filosofia a alguém de barriga vazia (ou com indigestão), pensou ela. “Prefiro causar uma reviravolta em minha cabeça do que girar a famigerada Roda da Fortuna. É melhor do que essa ideia estapafúrdia de revolução”, refletiu Anne, expressando sua opinião definitiva sobre as ideias de Aline. Por fim, balançando a cabeça, sentiu-se como Gulliver em sua visita acidental aos Yahoos. Chegara ao ponto em que qualquer comunicação era impossível. Como discutiria com alguém que acreditava apenas em sua própria verdade? Nesse instante, ela finalmente soube o significado do termo *lavagem cerebral*, um termo frequentemente encontrado em relatos de sobreviventes de campos de concentração e *gulags*, para se referir aos monstros humanos que exterminaram friamente seus semelhantes em nome do Senhor das Armas. As impressões de Anne, porém, não eram as mesmas de Aline. Para a ex-garçonete, a jovem era apenas uma pessoa hiper-racional, retrógrada e *eruditoide*. Anne, por sua vez, achou Aline uma pessoa confusa, equivocada e meio alucinada. Nesse crítico momento, as opiniões das duas jovens eram irreconciliáveis. Enquanto Aline repudiava o bom-mocismo de Anne, a visitante, por sua vez, desdenhava o que julgava ser um mau-caratismo em Aline, um produto daquilo que considerava uma *má educação* generalizada do brasileiro médio. Enquanto uma delas era apenas uma imigrante em um país estrangeiro preocupada apenas com sua própria sobrevivência, a outra era (do ponto de vista sociocultural) uma garota ocidental, rica e supereducada vivendo em uma democracia pós-industrial. Suas cosmovisões eram completamente opostas e irreconciliáveis. Dessa forma, o repúdio mútuo as obrigava a não aceitar nenhuma opinião contrária à sua própria opinião. À maneira de Esaú e Jacó, as recém-conhecidas pareciam não estar de acordo entre si e nem mesmo estavam abertas a qualquer tipo de diálogo. Ao existencialismo revolucionário de Aline opunha-se tenazmente o essencialismo libertário de Anne. Por algum tempo, uma nuvem negra pairou sobre suas cabeças. Mas, já afirmava um astuto escritor oitocentista, a discórdia não é tão feia quanto se pinta.

Naquele instante, por alguma momentânea inspiração, Anne teve uma epifania. E se Aline estivesse certa? E se ela mesma estivesse sendo cética demais? Desde sua mais tenra idade, Anne sempre havia duvidado do que lhe contavam seus pais. Eles não sabiam responder às suas perguntas mais corriqueiras: por que hibernamos no purgatório depois de morrer? Por que Papai Noel se tornou um funcionário de um shopping center? Ele declarou falência? Costumava indagar a infante Anne aos pais. Desde menina, ela sempre duvidara de tudo o que lhe contavam, sempre questionando as histórias inventadas por seus pais. E assim, insatisfeita pelas respostas que ouvia, converteu-se em uma adolescente cética e entediada. Os livros ajudaram a aliviar um pouco o típico tédio da juventude. No ginásio, depois de deixar o internato, ela começou a ler “O Desespero Humano” de Kierkegaard, um exemplar de capa dura retirado sorrateiramente da biblioteca de seu pai. Achou sua escrita fluida e compreendeu com clareza o pensamento do autor. Abandonaria, porém, a leitura um pouco mais tarde, quando soube que,

segundo o filósofo dinamarquês, a busca por verdades individuais é mais importante do que a busca por uma verdade única. A adolescente não concordava em absoluto com essa premissa. Em sua opinião, essa busca idealista devia ser o maior propósito do ser humano, embora acreditasse que a verdade estava fora dos indivíduos e não em seu interior. Recém-chegada do internato, ela ainda ruminava as loas de Tomás de Aquino à sabedoria transcendental e à lei natural e, por isso, desdenhou a negação da verdade universal pelo pensador oitocentista. Mas, e se ele estivesse certo? Durante dois anos, a fim de provar que Kierkegaard estava errado, a adolescente leu dezenas de livros de filosofia, sempre anotando à margem os diferentes pensamentos e sistemas filosóficos, e acrescentando a eles suas próprias opiniões. Quanto mais lia, mais angariava dúvidas. As ideias contradiziam-se, discordavam entre si e até mesmo se anulavam. Como era possível uma síntese dialética? No fim, descobriu que uma soma de verdades não dava uma única verdade. E se, de fato, cada indivíduo possuísse sua própria verdade? Para responder a essas perguntas, a jovem foi ainda mais fundo em sua investigação. Foi atrás então de uma ideia universal, uma ideia que fosse aceita por todos os filósofos em todos os tempos. Não queria aceitar que existisse uma multiplicidade de verdades, ainda que a unidade estivesse comprometida por ideias tão contundentes. Se Deus estava morto, uma vez que era apenas uma criação humana, como era possível provar uma verdade universal? Tudo o que criamos até hoje, inclusive as coisas mais belas, foram inspiradas nessa ideia. Confusa com todas essas contradições, Anne nutria as mesmas dúvidas de qualquer outro jovem em sua fase niilista. Para refutar as máximas existencialistas do filósofo dinamarquês, a curiosa adolescente estudou os argumentos neoescolásticos e, além do tomismo, aprendeu economia, política, história, psicologia e sociologia, e não chegou, enfim, a nenhuma conclusão. Sem o Absoluto não havia como provar o Absolutismo de certas ideias. A única forma de alcançar a verdade era através da crença, constatou Anne concordando com Kierkegaard. Mas se cada um de nós possui uma crença própria, somente existirão verdades próprias, concluiu ela. A descoberta custou-lhe uma juventude de desânimo intelectual e noites maldormidas, e a filosofia deixou, enfim, de ter qualquer interesse para a jovem. Anos depois, após defender sua tese sobre a relação do positivismo com o relativismo, voltaria a se interessar novamente pela ética, quando então seu primeiro namorado, com seus estudos budistas, demonstraria sua inutilidade. Tudo é uma ilusão, constatou ela. Ainda que exista o desejo, e ele seja, de fato, necessário para a felicidade, não devemos ser guiados apenas por nossos instintos. Algum tempo depois de seu encontro com Aline no Cabaret Voltaire, Anne relembrou por acaso Kierkegaard, a busca por sua própria verdade e sua defesa do livre arbítrio humano.

E se Aline estivesse certa, afinal? Ponderou Anne. Por que se preocupar com uma verdade universal? Cada corpo, mediante o gosto, sabe o que é certo e errado para si próprio. Por meio da homeostase, cada organismo lida de maneira diferente com o Dragão do Caos, autorregulando-se em torno de um ponto *optimum* e alcançando o equilíbrio interno e também externo (uma vez que o sujeito em harmonia consigo mesmo está também em paz com o mundo). Ao desafiar a moral do grupo, Kierkegaard propunha que a engessada moralidade cristã devia dar lugar à lucidez de cada indivíduo. Cada pessoa sabe o que melhor lhe convém. Somente nós mesmos somos capazes de descobrir o que nos é caro e valioso, ainda que um observador externo julgue que isso nos faça mal. O que o grupo julga bom para um indivíduo não é bom para todos, afirmava o filósofo. A moral da comunidade é diferente do certo e errado de cada um de seus membros. A imposição de um equilíbrio externo sobre nosso equilíbrio interno era prejudicial àquilo que possuíamos de mais íntimo. Cada corpo sabe o que é bom e belo para si, um conhecimento que está guardado em suas memórias mais profundas, refletiu Anne. Ao chocar a sociedade burguesa, Hugo Ball e seus companheiros queriam demonstrar que a moral estag-

nada estava matando a essência individual e retardando a evolução de cada um de nós. E sua ação revolucionária era uma revolta do espírito contra a rigidez da matéria. Cantavam assim a vitória da liberdade corporal sobre o controle gregário, desprezando as autoridades e suas leis obsoletas. Anne gostava de imaginar a arte se rebelando contra o mercado em nome da liberdade de expressão, ainda que esse fosse um pensamento um tanto irônico, uma vez que ela nasceu do útero da economia burguesa. Em sua mente essencialista, ela apoiava a ousadia dos dadaístas. Seu propósito de ridicularizar a obsolescência da moral era uma maneira de abrir os olhos das pessoas para a sabedoria do corpo. De fato, pensava ela, o que é certo para nosso corpo será muitas vezes imoral para o grupo. Para que exista arte é preciso que o artista negue os padrões impostos pela sociedade. A beleza não pode ser padronizada, ou do contrário se vulgariza, opinava ela. Dessa forma, qualquer tipo de repressão aos instintos criativos ia contra a certeza do corpo. Esse pensamento, contudo, levantava uma questão contraditória. Apesar de reprimir a criatividade humana, a moral do grupo era necessária para a ordem coletiva. Se matar é errado, e reprimir nossos instintos mais selvagens também é errado, indagava-se a jovem, o que estava certo, afinal? Inconformada por não achar respostas para tão inquietantes indagações, Anne passaria boa parte de sua adolescência ruminando essas questões éticas, até esclarecê-las, enfim, por meio de seus estudos da mitologia grega.

Certa vez, enquanto preparava um trabalho escolar, no ginásio, Anne se deparou com o mito da Maldição da Casa de Atreu e a história de Orestes, uma leitura que a deixou muito impressionada na época. A maldição, descobriu ela, estava ligada à incapacidade do homem primitivo de apelar à razão para fazer justiça, quando a *vendetta* pessoal era mais eficaz do que o veredito dos tribunais. Na época da guerra de Troia, buscando apaziguar os deuses a fim de derrotar os insolentes troianos, Agamenon sacrifica a filha para eliminar os obstáculos ao avanço de seu exército contra o inimigo. Em represália pela morte de Ifigênia, Clitemnestra, a mãe ferida, assassina o marido para satisfazer seu desejo por justiça. Em meio a esse rubro cenário contaminado pelo ódio matriarcal, Orestes é atormentado por um pungente dilema. De um lado, a tradição o obriga a seguir seu destino: era dever do filho matar os assassinos de seu pai, revelou Apolo ao jovem; um dever que, declarou o deus, está acima de qualquer outro. Por outro lado, sabia Orestes, o matricídio era um ato repugnante aos deuses e aos homens. Como vingaria o pai sem punir a mãe? Diante desse terrível dilema, Orestes viu-se em meio a grandes dúvidas e sofreu calado uma agonia inconfessável. Oscilando entre dois polos, ele enfrentou seu próprio antagonismo interior. Escutaria a voz da razão ou a voz do coração? A decisão chegou depois de muito sofrimento mental e tormentos psíquicos. Sob a pressão de Apolo, o deus da luz, que exigia vingança contra um atentado ao Princípio Paterno, nosso Raskólnikov grego decidiu então revidar a morte do pai e a consciência perdida. No entanto, após executar o desonroso matricídio, assassinando a própria mãe, o sofrimento de Orestes se intensifica quando ele se vê perseguido pela culpa, manifestada pela inoportuna presença das Fúrias, que o acompanharão dia e noite sob a forma de um ininterrupto tormento mental advindo de uma *mea culpa* imperdoável. Nesse ponto da história, Anne constatou o inextricável papel dos instintos, tanto em nossas ações quanto em nossas reações. Ao vingar Agamenon, Orestes apenas seguiu os ditames de seu corpo, sua moral de primeiro grau, onde “não matarás” é um mandamento desconhecido. Mas, ao fazer justiça com as próprias mãos, ao cometer um abominável matricídio e um ato imperdoável pela sociedade da época, Orestes despertou as mais terríveis forças da natureza, simbolizadas pelas perversas filhas da Mãe Primordial. Sua única forma de escapar à morte seria assim apelar para um senso moral superior à moral do grupo. O tempo trouxe a Orestes um pouco de juízo. Ao implorar a Atena, o herói trágico foi, enfim, julgado no tribunal do Areópago e inocentado pela deusa da Razão, ali representada pelos cidadãos atenienses do

júri, reunidos para cuidarem do caso e dar seu veredicto final. Redimido de sua culpa, Orestes recebeu a clemência divina e livrou-se de suas más lembranças, encerrando assim seu tormento psicológico e a narrativa mitológica. Esse desfecho muito impressionou Anne. Ainda na pele de uma estudante secundarista, ela compreendeu muito bem, ao conhecer o mito da Casa de Atreu, a distinção entre o desejo (essa força primordial que busca satisfazer apenas seus caprichos), o juízo do corpo (esse juiz cruel e desumano que nega instintivamente o outro), e o juízo lógico, para o qual todos os seres possuem direito à vida. Sabia, porém, dos perigos da Lógica, sobretudo quando ela seguia o gosto duvidoso daqueles que estavam no poder. Ao se deparar com uma lei mais profunda do que a lei dos homens, a jovem compreendeu que existiam coisas mais essenciais pelas quais lutar. Com a idade, porém, esqueceria suas descobertas juvenis.

Naquele encontro com Aline no Cabaret Voltaire, as opiniões de Anne não haviam mudado muito. Como uma estudante ao descobrir o fascinante mundo do intelecto, sua forma de pensar ainda era muito influenciada pelo pensamento individualista dos dadaístas e pela oposição dos existencialistas às certezas pré-fabricadas, para os quais era proibido proibir. Por isso, ao se lembrar de Orestes e da importância do Universal, a visitante notou que algo não estava certo no discurso da ex-garçonete. Ela julgara que Aline estava errada ao seguir a moral do grupo e colocar toda sua fé em um super-homem, um ser trágico capaz de levar uma nação inteira à Grande Tragédia. Como na Alemanha nazista, pensou Anne, a moral de segundo grau de Aline não estava em harmonia com a moral universal, e o “não matarás” da tradição judaico-cristã havia perdido seu poder. Anne percebeu assim, naquele encontro infeliz, uma discrepância de moralidades, *upbringing* e gostos, aquilo que faz com que pessoas de diferentes *backgrounds* pensem de maneiras distintas e muitas vezes incompatíveis. Apesar de seu amor-próprio e sua fé inabalável mas ilusória, Aline estava equivocada, pensou Anne. Os homens não são perfeitos, sabia ela, mesmo com sua pouca experiência no assunto (seu pai e seu ex-namorado eram as figuras masculinas mais exemplares dessa triste constatação). Segundo a jovem, para superar ou esconder suas vulnerabilidades, os homens se tornavam frios e insensíveis, e ao menosprezarem seus próprios sentimentos, eles se convertiam em pais e filhos tirânicos e cruéis. Embora compreendesse a indignação da ex-garçonete, no entanto, o juízo corporal de Anne soou mais forte do que a voz do bom senso. Com sua teimosia revolucionária, Aline fez brotar em Anne uma indisfarçável antipatia. Como era possível confiar em uma pessoa que desprezava o essencial? Ou em alguém que promovia o ódio em vez da conciliação? Questionou-se ela, durante seu malfadado encontro. Existia uma estranha contradição na humanidade. Algumas pessoas, pensou a jovem, amavam a ilusão. Ela, pelo contrário, se achava uma pessoa desiludida e cultivava um ceticismo idiossincrático. Desse modo, entre a fé ilusória e não ter fé, Anne preferia a incerteza (mesmo que esta lhe trouxesse apenas persistentes dúvidas).

Apesar de ser ferrenhamente apegada ao seu essencialismo libertário (com um toque feminino e feminista, uma vez que defendia o direito das mulheres de reivindicarem para si mesmas um saber diferenciado do saber dos homens), Anne sentiu suas bases estremeecerem. Duvidava agora de sua própria capacidade de duvidar. Havia tantos absurdos no mundo que era impossível combater todos eles. O relativismo era inevitável. Estava na própria *human nature*. O encontro com Aline pareceu assim despertar Anne de seu sono dogmático. Se o corpo já nasce com sua própria verdade, raciocinou ela, toda tentativa de educá-lo era inútil. “Ou seja”, refletiu, “estamos fadadas à má educação. Nascemos com um conhecimento a priori do mundo e tudo o que aprendemos apenas desperta o que já sabemos.” Diferente de Kant, porém, Anne

chegou a uma diferente conclusão para a Controvérsia Inatista. “Existem, de fato, ideias preconcebidas”, pensou ela. “Todos estão cegos por seus preconceitos, essa é a verdade. Até mesmo Kant, ao pensar a realidade subjetiva como incompreensível, estava também cego à verdade. É um tipo de miopia. A inteligência não liberta os pensadores dos seus hábitos e crenças. Muito pelo contrário: quanto mais inteligentes somos, mais nos iludimos” Como Aline, refletiu Anne, milhões de outras pessoas pensavam que sua visão da realidade era a correta. E discordavam das visões alheias apenas por discordar. O bom senso é absurdo, diziam elas. O consenso é apenas uma construção social. Para aplicar esse ponto de vista reducionista, opinava Aline, era necessário virar o mundo de cabeça para baixo, mesmo que morressem milhares ou milhões de inocentes. Como esses gênios, outros também acreditavam que haveria uma revolução, e que todos as pessoas ruins e todos os maus políticos se dissolveriam no ar e, no final, reinaria a paz na Terra (ainda que às custas da exclusão daqueles que se opunham a esse propósito utópico). Parmênides estava certo ao dizer que o ser humano é uma verdade paradoxal. Queremos o bem e também o mal. Somos e não somos ao mesmo tempo. *Sic et non*. Toda a filosofia, compreendia agora a jovem, era uma incoerência. Ao contradizer Hume, o próprio Kant terminou por se contradizer. Tudo é incerto, pensou ela, até mesmo a filosofia kantiana. Para Hume, a síntese entre a causa e o efeito estava fundamentada na observação, e toda observação é incerta. Kant não aceitava essa posição. Existem coisas certas e incertas, afirmou o alemão. Anne sabia que essa afirmação era contraditória. Como observador, que certeza tinha o filósofo de Königsberg, o inventor da improvável coisa-em-si? Ou ainda os descobridores do gênio maligno, da Vontade de Poder e do inconsciente? Ainda na Idade Média, com sua máxima “nulla demonstratio, quae est ab effecto ad causam est demonstratio simpliciter”, Duns Scotus já argumentara sobre a impossibilidade da razão conhecer o que está fora dos seus domínios, ou seja, jamais atingiremos a causa por meio dos seus efeitos, pois uma vez que perdemos a intuição direta das causas e das essências, perdemos também o contato com o Uno. Antes mesmo da física quântica e Heisenberg, um filósofo iluminista propôs a incerteza de tudo. Como os céticos gregos (sobretudo Aenesidemus), Hume argumentava que a realidade não pode ser acuradamente julgada pelos observadores humanos e, por isso, não podia haver um conhecimento absoluto da realidade, uma vez que cada pessoa possui uma percepção diferente do mundo em que vive. Assim como Aline percebia a dura realidade suíça à sua maneira, Anne também adotara sua própria perspectiva e concordava com o filósofo. Que certeza tinha Aline? Ou ela própria? “Olhamos para fora e descobrimos o mundo”, refletiu a jovem, “mas nada sabemos de nossa própria natureza”. Certa de pertencer a uma minoria pensante, Anne entristeceu-se. Aquela revelação a deixou um tanto chateada. Com suas certezas tão incertas, ela nunca achou que estaria errada. Sua própria incoerência a aborreceu.

Era inconcebível, pensou a jovem, ser racional e insana ao mesmo tempo. Como era possível encontrar uma direção dessa forma? Ao acusar Aline de ser uma barata tonta, Anne percebeu sua própria contradição. Ela que tanto odiara o *bullying* na escola (um sinal de fraqueza mental de certos indivíduos, pensava Anne), agora manifestava instintivamente seu lado *bully*. Estava claro que pertencer a uma classe de gente racional não assegurava um lugar no paraíso ou nos Campos Elísios (afinal, ela havia lido Luciano de Samósata e sabia que os filósofos eram um tanto ridículos quando faziam propaganda no mercado de escravos). Anne preferia ser apenas racional. Não queria fazer parte de uma *intelligentsia* esnobe. Escutar Aline falar o que ela julgou serem “facécias deselegantes em uma conversa tão pouco *highbrow*”, instigou Anne a pensar que, além dos maus hábitos, o estudo de filosofia afetava gravemente a inteligência das pessoas (em seus estudos filosóficos, ela também investigou a biografia dos filósofos e chegou à mesma conclusão desoladora). Com seus princípios inabaláveis, Anne viu em Aline ape-

nas mais um representante da pós-modernidade, mais um sujeito iludido pelas tentações midiáticas e pelos modismos. Por essa constatação infalível, a desventura no Cabaret Voltaire incomodou Anne na parte mais profunda de sua mente adolescente. Culpou Sofia por esse embaraço. E com esse desencanto pela filosofia, Anne se desinteressaria por qualquer outra disciplina das Sete Artes Liberais (*trivium* e *quadrivium*) ou da *Studia humanitatis*. Desistiu assim do ensinamento superior. Nada daquilo lhe faria bem. Poderia ser um dia uma inválida ou uma cega, mas não uma filósofa. No semestre seguinte, de posse de seu certificado de *Matura* em Berna, ela o guardaria em uma caixa dentro da gaveta do criado-mudo de seu quarto de mansarda, de onde nunca mais o retiraria, deixando-o repousar indefinidamente em sua inutilidade. Nesse momento, ela perdeu o amor por Sofia, renunciando à sua corte. Ao mesmo tempo, por sua vez, o mundo perdeu uma pensadora. E a perda não foi sentida por ninguém, nem mesmo pela ex-estudante. Ela resignou-se a seu destino com um profundo suspiro. Afinal, de que vale o Amor contra a Insensatez? Pensou a jovem desiludida, lembrando então um trecho de Louise Labé.

Le plaisir qui provient d'Amour, consist quelquefois ou en une seule personne, ou bien pour le plus, en deus, qui sont, l'amant et l'amie. Mais le plaisir que Folie donne, n'a si petites bornes. D'un mesme passetems elle fera rire une grande compagnie. Autrefois elle fera rire un homme seul de quelque pensee, qui sera venue donner à la traverse. Le plaisir que donne Amour, est caché et secret: celui de Folie se communique à tout le monde. Il est si recreatif, que le seul nom esgatie une personne.

“O prazer que provém do Amor às vezes consiste em uma única pessoa, ou mais comumente consiste em duas pessoas, a dizer: amante e amigo. Mas o prazer que dá a Insensatez não possui limites tão estreitos. No tempo que passa com alegria, ela fará rir uma grande companhia. Em outra ocasião, ela fará um homem rir ao pensar em alguma inesperada lembrança. O prazer que dá o Amor é oculto e secreto, o prazer da Insensatez se comunica a todos. É tão recreativo que qualquer um se alegria à simples menção de seu nome.”

Sim, afirmou Anne, o que pode Sofia face à Folia? O que pode a Razão diante da Paixão, ou o prazer diante da *jouissance*? Por que os homens agem diferente do que pensam? Séculos construindo regras e leis que existem apenas para serem quebradas. Sem Folia, o mundo seria menos gracioso. Sem *Folie*, não existiria Shakespeare ou Balzac. Apesar de inspirar as artes, a comédia humana provocou o desdém da justiça e da religião. As leis apenas temperam as loucuras dos homens, mas são inúteis para contê-las por completo. Sabendo disso, certos políticos usaram seu poder para driblar as leis e satisfazer sua insaciável sede por prazer. Assim como o folião se exhibe no Carnaval, mostrando sua fantasia em público e aliviando suas mágoas e frustrações existenciais, os poderosos querem apenas gozar de seu efêmero momento de glória. A vida é muito curta, sabiam bem os pré-socráticos no início da filosofia. Curta e nem sempre gloriosa, diriam os platônicos, séculos depois. Mas a arte é mais duradoura do que a vida, re-bateriam os filósofos hedonistas das gerações seguintes. E o que é a arte senão a inspiração para a existência? No entanto, de que vale a arte ou a filosofia em um mundo bárbaro? Perguntariam os dadaístas, tão céticos quanto os pensadores pirrônicos da linhagem de Enesídemo de Cnossos. Resignada, Anne desistiu de Sofia.

Anos depois, Anne desistiria também de qualquer tipo de estudo filosófico, preferindo a companhia dos livros históricos, lidos na privacidade de seu quarto. Nessa distante época, sempre mantendo o hábito de estudar diletantemente o que mais lhe agradasse, Anne leria tudo o que encontrasse sobre a década de cinquenta do século dezoito na Europa, sobretudo na França absolutista; correlacionando a revolução da beleza feminina no Iluminismo com o empoderamento das mulheres, que culminaria mais tarde nas estrelas pop da era hollywoodiana. Fascinada pela corte francesa oitocentista, a jovem chegaria até mesmo ao ponto de iniciar uma novela histórica feminista, na qual Maria Antonieta era uma heroína injustiçada pelas masculinas forças revolucionárias lideradas pelos jacobinos. Ela, no entanto, desistiria de escrevê-la quando percebeu que, sem querer, estava elaborando uma biografia de Aline. Por algum tempo, a conversa no Cabaret Voltaire ainda deixaria Anne impressionada. Essa conversa ficou guardada em sua memória como mais uma de suas más lembranças relacionadas à filosofia. Talvez tudo seja mesmo uma interpretação, pensou a ex-estudante naquele distante passado, e não existam, de fato, verdades absolutas. A filosofia seria, afinal, seu destino? Ou sua essência? “Meu destino não é filosofar”, concluiu ela. Essa foi a única lição que Anne tirou de seu encontro com Aline. O restante seria descartado como extravagâncias de uma imigrante recém-chegada à Europa. E, por conta dessa decepção, ela se afastaria da filosofia por tempo indeterminado, ainda que diversas outras vezes a reencontraria em seu caminho, sob a forma de livros ou mesmo de pessoas. Os livros filosóficos, porém, eram os menores de seus males. Por sorte ou por azar, todos os seus namorados gostavam de filosofia. Mas essas futuras relações muito contribuiriam para agravar o desencanto da *demoiselle* com a arte do pensar. “Hoje em dia é difícil ser uma livre pensadora”, escreveu Anne em seu diário, no dia em que tomou sua decisão. “Eu seria considerada uma antiquada ou uma subversiva. Por toda a história os filósofos apoiaram ou desafiaram o poder vigente. Seria impossível filosofar sem ser sócio de algum clube ou ser encarcerado em uma masmorra. E mesmo quando as pessoas são livres para pensar, elas o fazem de acordo com seus padrões. Desse modo, de que vale a filosofia?” Graças a um decepcionante encontro em uma cafeteria em Zurique, portanto, Anne perdeu de vez sua vontade de ser uma amiga do saber. Ela havia crescido uma menina preocupada tanto com os estudos quanto com seu futuro. As preocupações, no entanto, apenas reforçaram sua solidão. Em muitas ocasiões, ela havia se sentido abandonada, vítima do medo e da insegurança (como diriam os repórteres policiais de algum país ultraviolento). E assim, naquele instante, sentiu um pouco de medo do porvir. Quem diria que, um belo dia, faria um tratamento para esquecer todas as suas preocupações?

Sentada à mesma mesa que Antoine no refeitório, Anne lembrou o fim do duelo de titãs com uma imigrante brasileira que, naquele mesmo dia, perdera seu emprego. Durante o grave silêncio, sucedido ao término daquela peça teatral sem risos nem choro, o chá esfriou nas xícaras. Anne estava certa que, de acordo com o Princípio da Predominância, Aline era mais negativa do que positiva. Aline, por sua vez, não estava certa de coisa alguma. Mudas e estranhas uma à outra (e separadas, como diriam os psicólogos, pela barreira de seus vieses cognitivos), elas respeitaram a desagradável solenidade do momento. Somente um velório seria mais sério do que aquele clima fúnebre entre elas. Anne era a mais afetada pela *discomfiture* de Aline. Não estava ofendida pela bravata da ex-garçonete, mas se sentia deslocada de seu espaço e tempo. Sem assunto para continuar a conversa, a embaraçada Anne manteve-se calada por um longo instante, olhando para a anárquica decoração do lugar, as fotografias, os quadros nas paredes, o busto do sorridente e sardônico Voltaire com seu ar de debochado ceticismo. A jovem permaneceria mirando aquela figura histórica com um ar pensativo, até que, por fim, levantou-se de sua cadeira e decidiu partir. Conformadas àquele encontro desanimado e infruti-

fero, Anne e Aline despediram-se secamente, e o gênio da decepcionada *jeune fille*, olhando em direção à luz do futuro, viu apenas escuridão e incerteza. Separadas pela distância física e temporal, elas nunca mais se reveriam. Cada uma delas seguiria seu próprio destino, ainda que as lembranças se mantivessem intactas, mesmo muitos anos depois.

No *tram* de volta para casa, retornando de seu frustrado encontro, Anne lamentou sua sorte ao tentar desajeitadamente manter uma conversa razoável com uma recém-conhecida. Assim que se despediu da conterrânea brasileira e rumou para a estação de Bellevue, Anne tentou não pensar muito na discussão que tiveram durante o chá. Em alguma parte de seu inconsciente, porém, as palavras ainda ecoavam, inquietas, atormentando seus pensamentos. Assim como uma digestão malfeita, havia algo não resolvido e não racionalizado em toda aquele discurso. Aquela noite, dormindo em seu solitário quarto com vista para um campo-santo, Anne teria um pesadelo em que reencontrava Aline andando pelas ruas. Trajada agora como uma *zombie*, ela movia-se cegamente pelo Cemitério de Fogo, uma pálida aparição onírica seguida de perto por um vira-lata macilento. Distanciando-se na escuridão, ela recitava um poema de Hugo Ball:

jolifanto bambla o falli bambla

grossiga m'pfa habla horem

égiga goramen

Depois daquele distante encontro no café em Zurique, Anne seguiu seu rumo previsível (após se separar do namorado esquiador, alguns meses mais tarde, ela decidiu passar o Natal com a avó em Biel, e somente retornaria para a capital suíça no verão seguinte, quando a ex-garçone-te já havia voltado para o Brasil) e assim não teria mais notícias de Aline por um bom tempo, até vir a saber posteriormente, pelo seu perfil nas redes sociais, que ela se tornara uma professora universitária em seu país de origem (graças a um colega de partido), ensinando seus alunos a não confiarem nos antigos livros de História, que dizia terem sido escritos por simpatizantes de Israel. O ceticismo histórico de Aline deixou Anne um tanto perplexa, sobretudo a polêmica visão dos judeus defendida pela brasileira. Segundo Aline, o Holocausto era apenas mais uma interpretação entre diversas outras interpretações históricas feitas pelos homens, como a Inquisição, o Iluminismo, as Revoluções, as Grandes Guerras, as Guerras Santas e os atentados extremistas islâmicos. Por toda parte existia bastante informação falsa disponível, e todos os dias novos fatos eram publicados, aos quais não havia como comprovar sua veracidade, uma vez que dependiam de evidências. A História é uma caixa de Pandora, dizia Aline. Para a nova *pundit* do momento, até mesmo a Questão Palestina não era mais do que um revanchismo dos judeus contra os árabes, um ato inspirado na Conquista de Canaã por Josué e seu *herem* contra os inimigos infiéis. “Patriarcalistas!”, declarava ela, ao falar dos israelenses, execrando assim com seus insultos todo o “arcabouço histórico da tradição judaico-cristã” (escreveria Aline em seu perfil nas redes sociais). Os comentários da *influencer* logo angariaram elogios e adulações de seus leitores, e também, como ela esperava, críticas acirradas dos ofendidos. Aline armou assim sua própria guerra santa contra o fascismo e tudo o que representava a arrogância masculina. Com suas opiniões polêmicas, a brasileira conquistou finalmente o poder tão desejado. Das redes sociais para as livrarias foi um passo. O assédio da imprensa e o

louvor do público a tornaram uma celebridade da noite para o dia. Essa súbita popularidade abriu as portas para um novo mundo, e Aline ganharia rapidamente um público fiel para seus posts antissemitas e suas fantasias com super-homens e machos alfa. Era convidada para mesas-redondas na televisão e feiras literárias, ocasiões em que distribuía autógrafos, abraços e sua imprescindível *doxa* sobre qualquer assunto do momento. Mais tarde, sem que Anne soubesse, Aline escreveria um livro em que louvava Espinosa como o primeiro materialista dialético, celebrando-o como um mártir da causa epicurista (“a vida é apenas para ser vivida”, dizia ela) e, paradoxalmente, também das causas utópicas (“somente sonhando podemos ter uma vida que vale a pena ser vivida”), opinando que somente um homem de alma feminina poderia pensar a matéria como algo sensível. Além de Espinosa, ela também dava palpites a respeito de Aristóteles, destilando em sua crítica todas as suas pérolas do saber. Entre seus equívocos notáveis estava sua afirmação que, na lógica aristotélica, a incerteza é um tipo de propriedade dos seres e dos objetos, como provara a mecânica quântica, confundindo assim alhos com bugalhos. Ao ler essas informações postadas no perfil de Aline e também suas declarações bombásticas sempre escritas sobre um fundo vermelho, Anne perderia completamente o interesse pela ex-garçonete, deixando seu jacobinismo perdido em algum remoto canto de sua memória. Após a malfadada noite no Cabaret Voltaire, o encontro com Aline foi logo esquecido, como um ligeiro virar de página de um aborrecido livro (mesmo tendo passado no Teste de Bechdel). E Anne provavelmente esqueceria Aline para sempre, caso Antoine, ali sentado à mesma mesa no refeitório, não a fizesse lembrar de sua fase zumbi em Zurique.

Enquanto Antoine olhava para o teto do refeitório (os lustres de Murano sempre o deslumbravam com seus cristais cintilantes), Anne despertou de seus nostálgicos pensamentos. Suas memórias apagaram-se subitamente, sem qualquer repercussão maior em seu humor. Passados tantos anos, desde seu encontro com Aline, aquelas remotas lembranças já não despertavam mais nenhuma emoção (exceto uma certa piedade pela desafortunada ex-garçonete). A filosofia, porém, nunca a deixou em paz. Por onde quer que fosse, Sofia sempre a surpreendia quando menos esperava. Talvez Antoine tivesse razão em seguir as recomendações do médico para repensar seu passado. Estaria ela de novo diante de outro filósofo?

— Não fiz filosofia — respondeu Antoine para o alívio de Anne, sem entender que relação havia entre a filosofia e os sumérios.

De fato, Antoine nunca se interessara muito por abstrações filosóficas. Seus estudos das antigas civilizações haviam sido despertados apenas por um interesse passageiro em sua juventude. Em sua adolescência, ele havia lido tantos livros sobre o assunto que terminou por se tornar um verdadeiro aficionado por extraterrestres. Passou inclusive a crer que a vida na Terra surgira de um planeta chamado Nibiru e o Homo Sapiens surgira de uma raça alienígena, por meio de uma mescla dos códigos genéticos dos *aliens* e dos hominídeos (mais tarde, mudou de opinião e passou a crer que os vírus eram os descendentes dos alienígenas). Mas Antoine logo deixou de acreditar em toda essa ficção científica depois de uma decepção amorosa vivida em Interlaken, quando finalmente saiu de sua Bolha e decidiu ganhar o mundo. Além disso, a viagem ao Brasil (país em que descobriu o real significado da palavra *extraterrestre*) serviu para asfixiar de vez a sua fé no Cosmos. Nunca se sentiu tão alienado. Sua permanência nos trópicos era, de fato, a causa única de seu transtorno mental, e a desmemoriação era uma verdadei-

ra cruzada, com o intuito de provar a inexistência daquele país tropicalista. Agora desmemoriado do último ano de suas recordações autobiográficas, Antoine não estava absolutamente convicto de que o Brasil realmente existisse. Quem podia imaginar um lugar tão absurdo? Talvez tudo tivesse sido apenas um pesadelo.

— E o que um violinista gostaria de esquecer? — indagou Anne, inconformada com a resposta de Antoine.

Por uma brevidade quase interminável, Antoine ficou em silêncio, meditando naquela abrupta pergunta. O que responderia ele a Anne? Sua meditação, porém, não foi muito longe, pois o jovem não possuía concentração suficiente para se aprofundar em questões tão abissais. Antoine olvidara praticamente tudo o que, no passado, tivera algum valor sentimental para ele. Seus estudos de música, as audições eruditas e as viagens a trabalho, seu extenuante esforço para se tornar um novo Paganini, os inúmeros concertos e apresentações para presidentes, generais, ditadores e rainhas. De tudo isso, restara apenas um imenso vazio mnemônico. Todas essas lembranças estavam esquecidas para sempre. E por que se esquecera de tudo? Ele não sabia o motivo, deveras. Não se lembrava como havia ido parar em Búngzli, e nem mesmo por que razão estava ali internado. Teria sido algum acidentado caso amoroso? Algum trauma sentimental de infância? Por mais que se questionasse sobre seu histórico, Antoine preferia manter tudo como estava, buscando adaptar-se às exigências e transitoriedades do tempo sem se preocupar com o que passou. A vantagem de não possuir agora nenhuma conexão com suas memórias passadas fazia com que ele estivesse livre de preconceitos. Não julgava mais nada como antes. Por que deveria se preocupar? Ninguém se importava com ele. “Y tampoco me importa. Jo me olvidaré de todo. Soy libre para hacer solo lo que me gusta”, repetiu ele, imitando um hippie argentino que conhecera no Rio. A amnésia, porém, tinha também suas desvantagens.

Ainda que se sentisse mais feliz sem suas lembranças, Antoine logo percebeu que havia certos detalhes desconcertantes que ele não sabia explicar. Não sabia, por exemplo, responder às perguntas mais básicas sobre suas origens. De sua família ele possuía apenas uma vaga lembrança, mas era inútil saber precisamente o que era real e o que era ilusão. Quem eram seus familiares? O que faziam? Em que cidade ou país viviam eles? Todas essas dúvidas demonstravam bem seu confuso estado de espírito pós-desmemoriação. Por que tudo era tão diferente (e por que as pessoas agora falavam de maneira tão divertida? Teria o Brasil virado uma Suíça?). Essa incapacidade rememorativa, porém, não chegava a ser um problema tão sério. Apesar desses desencontros mnemônicos, Antoine não tinha nenhuma queixa de seu tratamento.

Um pouco após sua chegada a Búngzli, ao fim da primeira sessão de Mnemodetox, Antoine se sentiu como uma múmia ressuscitada dos mortos, depois de acordar de um sono de milênios e se deparar com outra realidade, olhando tudo com estranheza e temor. Tudo era inusitado, desconhecido e irreconhecível. Sua nave espacial, imaginou ele, parecia ter pousado em um planeta classe C, anos-luz distante de sua *Homeland*. Aos poucos, contudo, o fato de nada saber lhe trouxe uma segurança fenomenal, deixando-o atônito diante daquela magnífica epifania. Sentiu-se mais ousado e confiante, qualidades que ele nunca possuíra em sua incerta, desequilibrada e instável existência. A mudança o surpreendeu. *Ignorance is bliss*, pensava ele,

contente e sereno, como qualquer outro suíço em sua *comfort zone*. Mesmo desmemoriado das lembranças de sua família, Antoine estava feliz. Nunca se encontrou em tão bom humor e tão radiante. Nunca, desde o fim de sua infância, sorria tanto. Estava tudo perfeito. Nada estava fora do lugar. Jurava que Büngzli era o próprio paraíso reconquistado. E isso era apenas o começo, assegurou o médico. Em breve, estaria livre de todas as suas más lembranças. Que grande progresso! Exclamou mentalmente Antoine.

Graças a uma única sessão de Mnemodetox, boa parte da memória autobiográfica de Antoine havia sido *suspensa* (esse era o termo empregado por Dr. Carl, para quem a memória não se perdia, apenas permanecia flutuando em alguma espécie de limbo), e sua breve e acidentada passagem pelo Brasil estava quase toda esquecida (sobretudo os detalhes sórdidos de suas desafortunadas peripécias). O processo de Amnésia Autobiográfica efetuada pelo médico livrara o jovem de diversas lembranças que há muito o incomodavam. Apesar de ter sido submetido a apenas duas sessões, Antoine sentia-se um pouco melhor do que antes, quando os pesadelos e fantasmas o perseguiram durante todo o sono, agravando sua insônia e fazendo dele um melancólico taciturno. Agora, livre de uma parte de seu passado, ele não se incomodava mais com as más lembranças, mesmo aquelas mais recentes. Havia, evidentemente, recordações ruins que Antoine não tinha mais acesso. Entre elas, estava uma discussão que deixara o jovem paciente bastante desgostoso em sua última viagem à América do Sul. E como Antoine nunca mais se recordará desse episódio tão decepcionante, nós o narraremos aqui.

Nessa ocasião nada especial, Antoine havia discutido inutilmente com um religioso nativo, um pastor protestante carioca que queria lhe vender uma revista proselitista repleta de ilustrações retrô da Bíblia, e que pregava ardentemente contra as “Falsas Doutrinas da Babilônia” (como estava anunciado na capa da publicação), exibindo um ardor e uma teatralidade digna de um ator canastrão. Um conhecedor das civilizações do Tigre e Eufrates em termos arqueológicos, religiosos e também históricos, Antoine sabia muito bem que as *falsas doutrinas* somente surgiriam séculos depois com os cultos de massa, quando as religiões foram utilizadas como instrumento político pelos donos do poder, ou seja, com a ascensão dos credos monoteístas e seus dogmas. Constatou, com um certo pesar, que o nível de educação superior do seu interlocutor não era muito elevado. Ainda assim quis ouvir o que o pastor tinha para lhe dizer. Por se considerar uma pessoa de mente aberta, Antoine não era refratário a qualquer tipo de crença religiosa, e escutaria toda a palestra com paciência. Antes de tudo, o servo de Deus expôs ao jovem um pouco de sua vida pregressa, “inquieta, desregrada e pecaminosa”, uma vida em conluio com o Diabo, segundo ele. Desde a infância até maturidade, confessou ele, adquirira o hábito de frequentar a todas as festas de sua turma ginásial, seguindo apenas as inclinações da carne, e dispendendo cada centavo de seu salário com diversões comprometedoras. Após gastar inutilmente tudo o que possuía, chegou então à ruína física e mental. Mas a religião o salvou. Em uma sessão de exorcismo, ele livrou-se de seus demônios. Como um curandeiro sumério, o pastor transformou sua psique aos brados e berros. Sofrera, ao ser batizado, uma completa reprogramação cerebral. O pecador arrependido contou então a Antoine um pouco de sua reabilitação espiritual, um relato de como um homem vicioso se converteu em um homem virtuoso graças aos poderes da fé. “Desde criança eu quis ser pastor”, disse ele. “Querida ser um empresário rico e poder ter um carro importado. Era meu sonho de consumo. Veja a que ponto cheguei. Nunca imaginei que um dia teria uma casa na Flórida para guardar minha coleção de automóveis.” O conteúdo da conversa era banal, mas ao proferi-la vinham lágrimas aos olhos do

religioso. Para provar a Antoine que o pecado destruiu a humanidade, o homem de Deus entrou em detalhes históricos sobre as civilizações do passado. Citando versículos bíblicos (Reis e Crônicas), ele explicou o motivo do declínio dos babilônios do ponto de vista de Sodoma e Gomorra, falou do cativeiro hebraico na Babilônia como uma punição pela desobediência às Leis divinas, e de como a fidelidade a Deus leva à bênção e à glória, enquanto a infidelidade leva à maldição, à ruína e ao vergonhoso exílio. “A causa da perdição está na idolatria”, prosseguiu ele. “Devemos adorar aquilo que é autêntico e de bom quilate, e queimar e derreter todas as imagens de má qualidade. O ouro do bezerro não pode ser falso. A prosperidade vem para o homem crente naquilo que é bom e verdadeiro. Somente assim estaremos mais perto de Deus.” Segundo o pastor, os hebreus haviam aprendido uma dura lição ao se afastarem de Jeová, mas não os mesopotâmios. Na opinião do religioso, o império babilônico havia chegado à mesma decadência luxuriosa da Roma dos imperadores por conta da vida promíscua de sua elite dominante. Ao escutar aquela crítica leiga do legado dos sumérios, Antoine ficou um tanto decepcionado com a pregação do inflamado literalista e seu apego à verdade universal do texto bíblico. Para o esclarecido leitor das Escrituras, toda a História era apenas uma obra demoníaca, um espetáculo horrendo de depravação e luxúria, encenada por imperadores, profetas, tiranos e oportunistas. “O demônio está por toda parte, sobretudo nos livros profanos e em suas ideias revolucionárias. Todos eles pregam o fim da religião para que haja paz na Terra. Dizem que a religião é o ópio do povo. Tudo o que esses autores escrevem são ideias infames e blasfêmias. Por isso nunca leio nada a não ser a Bíblia.” Aquela declaração do ilustre pregador deixou Antoine ainda mais desanimado. O servo de Deus tentou lhe vender um exemplar de um livro intitulado “O Fim das Teologias”, em que o autor demonstra que a Razão dos teólogos apenas levou à ascensão de Lúcifer e à decadência das camadas mais pobres. Pregava assim uma teologia em que a conversa fiada do voto de pobreza cristão era ridicularizado (pois, acreditava ele, em um mundo de imenso progresso material, a pobreza estava associada à indolência e ao fracasso) e a prosperidade era incentivada a qualquer custo. “E você leu esse livro?”, indagou Antoine, folheando algumas páginas do exemplar cedido. Sem pensar muito, o pastor respondeu que não. Era um homem ocupado demais com a Palavra de Deus, disse ele. “Sério?! Qual foi a última vez que você levou sua mulher para um jantar romântico?”, indagou Antoine, mas não esperou seu interlocutor responder. “Diga-me uma coisa: como pode discutir as opiniões do autor, se não as conhece? Como pode criticá-las?”, insistiu o jovem. “Não precisamos criticar as palavras das autoridades, mas apenas as palavras dos leigos. Devemos seguir o que nos ensinam os bons e também os bem-sucedidos”, respondeu o líder religioso. “Pensar demais apenas desperta nossos demônios. Portanto, devemos pensar apenas o necessário.” “E como sabe se alguém é bom, se não pensar em suas ações?”, replicou Antoine. “Pessoas boas conquistam o mundo. Os resultados são mais importantes do que os métodos”, concluiu o pastor. A essa resposta, Antoine não conseguiu deixar de pensar no nazismo, para o qual os fins justificavam os meios, e sentiu um calafrio. A maior decepção do jovem, contudo, foi descobrir que o religioso era um homem bem diferente de Jonathan Swift ou Laurence Stern, dois célebres pastores protestantes em séculos mais gloriosos do passado. Na verdade, o carioca nunca tinha lido nenhum outro livro na vida a não ser o *Textus Receptus* da Bíblia. Ele não sabia, por exemplo, quem havia sido Gilgamesh ou Hamurábi, e desconhecia que Nabucodonosor (a quem ele acusara de ser o “destruidor de nações”, o mais bestial dos imperadores, o maior responsável pelo terrível cativeiro dos hebreus) havia sido o restaurador do império babilônico, e que sua loucura, segundo afirmavam alguns estudiosos, era devido às consequências de um avançado grau de licanotropia. “Nabucodonosor?” indagou o evangélico. “O Senhor que se tornou Escravo? Veja o que faz a luxúria com os homens, meu jovem. Com o tempo eles se tornam pior do que animais.” O pastor também nada sabia da diferença entre sumérios, amoritas, assírios e caldeus, ou mesmo sobre o êxtase dos antigos, provando assim que seu conhecimen-

to histórico era quase nulo. “Esses infiéis e idólatras adoravam deuses de três cabeças e deusas de seis braços”, comentou. “Como alguém pode adorar tais monstruosidades?” Mas o que sabia aquele crente fiel sobre o significado daquelas três cabeças? Saberria ele que as três faces simbolizavam a vitória sobre o passado, o presente e o futuro? Ou ainda que um homem que domina sua rebelde natureza instintiva e seu passado (e também é capaz de prever seu destino) era considerado um deus pelos antigos? Antoine ficou ainda mais desapontado quando soube que o religioso se candidataria a deputado nas próximas eleições brasileiras, com grandes chances de ser eleito pela maioria da população (por sinal, bastante decepcionada pelo barbarismo vigente na política). A julgar pelo passado daquele sujeito, pensou o jovem, seu futuro era previsível. O pastor, pensou Antoine, havia derrotado todos os seus demônios, menos o pior deles: Mamon, o demônio nietzschiano. Ao controlar seu destino, muitos homens não percebem que se converteram em escravos de seus controles. Essa constatação fez Antoine refletir nas dificuldades que encontraria pela frente em sua permanência no Brasil. Quantos pecados ainda esperavam por ele? Indagou-se, pensativo. “Os demônios sempre existiram e sempre existirão”, pensou Antoine, “porque são parte do ser humano. É notável como os homens que não tiveram uma mãe generosa ou tiveram uma mãe generosa demais, desenvolvem o demônio da ganância. Seu senso de generosidade está defeituoso. Ele sempre vai querer mais e mais, e nunca estarão contentes com nada. A má educação, a falta de disciplina e autocontrole, a pobreza, todos esses fatores contribuem para que as pessoas desenvolvam mais seus defeitos do que suas qualidades. É natural assim que vivam em função de seus instintos demoníacos.” Aquele encontro foi, de fato, desconcertante para Antoine, e ele concluiu que o Diabo nada mais é do que a própria estupidez humana. “O mal está em nós”, concluiu Antoine, percebendo que seu interlocutor estava tão equivocado sobre a fé dos antigos povos quanto enganado sobre si mesmo. Nesse instante, julgou ter encontrado um mediocre satanista (um desses sujeitos que iam aos shows do Celtic Frost com *t-shirts* de bandas de *black metal* com imagens de Belzebu e Asmodeus) e teve vontade de fugir dali, sem ao menos se despedir. O choque de conhecer pela primeira vez um fanático hipócrita foi demais para o jovem (sobretudo ao constatar depois que, na igreja do gárrulo pastor, o exorcismo era o tratamento mais utilizado para os possessos coléricos — resultando, muitas vezes, em fraturas e traumatismos cranianos — e o afogamento era o tratamento preferencial para os melancólicos).

Felizmente, para Antoine, essa má lembrança havia sido apagada por completo de sua memória, e ele nada se recordava da espantada expressão do pastor, ao vê-lo sair correndo para o mais longe possível daquela que julgava ser uma perigosa criatura. Por isso, diferente de Anne, ele nunca se lamentaria de ter tido um encontro tão infeliz em seu passado. Seu tratamento o prevenia de lembrar essas memórias traumáticas, uma vez que suas sinapses haviam sido adormecidas pela desmemoriação. Após uma primeira sessão em Bünzli, ele esqueceria esse infeliz encontro no Brasil tão rápido quanto um vendedor que perde um freguês apressado. E assim ficou satisfeito ao descobrir que estava livre daquilo que seu médico chamou de Transtorno de Más Lembranças.

Como explicara Dr. Carl ao jovem paciente, esse reconhecido transtorno, catalogado só recentemente no Manual de Diagnósticos e Estatísticas de Transtornos Mentais e Autobiográficos, era uma anomalia psicossomática causada por repetidos traumas de separação, uma condição patológica que afeta sobretudo a amígdala. O neurocientista explicou que, mantida em constante *overdrive*, essa parte da fisiologia cerebral encontra-se sempre pronta a uma resposta

padrão *Fight Flee Freeze*, um termo técnico que ilustrava bem a reação básica de Antoine aos religiosos. O cérebro humano, explicou o médico, é um produto de milhares de anos de convivência em um terreno hostil. Dependendo das circunstâncias, prosseguiu ele, a amígdala pode instigar aquilo que ele chamava de *Emotionale Entführung*, uma vez que as pessoas comprometidas por essa anomalia costumam fugir alucinadas diante de uma situação de perigo. Após ter tratado diversos casos similares, Dr. Carl conhecia bem esse transtorno e confabulava abundantemente sobre suas consequências. Estudara diversos casos e se aprofundara em seu diagnóstico. Conhecia bem seus sintomas e seus efeitos sobre as mentes mais vulneráveis. Com uma certa frequência, acrescentou ele, esse distúrbio traz incômodos *flashbacks* emocionais, fazendo com que os enfermos sintam uma completa perda de controle sobre seus processos mentais, originando condições secundárias como pânico, melancolia, pensamento obsessivo ou explosões furiosas. Antoine, por sorte, agora estava livre desse mal. Podia agora respirar mais aliviado, uma vez que sua amígdala funcionava sem dificuldades. Sem as dolorosas interferências do tálamo, as sensações estavam livres para chegar ao córtex e deslumbrar a consciência. Era como ter desbloqueado seus *chakras*. Que maravilha! Pensou Antoine. Como sua vida mudara da noite para o dia!

Sentado no refeitório diante de Anne, abstraído da realidade e do almoço em andamento, Antoine lembrou sua primeira experiência com o Mnemodetox. Em seu regresso dos trópicos, o jovem havia chegado a Büngzli em um estado lastimável, similar a um morto-vivo, com sérias dificuldades de locomoção e até mesmo para ficar de pé, movendo-se de maneira precária e desengonçada. Os exames demonstraram que seu cérebro se encontrava bastante deteriorado pelo mal-uso. Em sua recepção, os enfermeiros o conduziram de maca até a Unidade Intensiva, o acomodaram em uma poltrona. Instalado sob o Capacete de Deus (ou Capuz de Deus para os mais íntimos), ele foi submetido ao procedimento de desmemoriação. Após seus neurônios terem sido hiperpolarizados até diminuírem sua oscilação inadequada até um ponto em que pudessem vibrar em frequência theta, suas sinapses foram repolarizadas, conduzindo assim o paciente a uma sensação de plenitude e serenidade. Por uma hora, Dr. Carl e sua equipe operaram seus equipamentos, desativando e paralisando as áreas mais excitadas daquele cérebro enfermo, procurando mantê-lo estável, garantindo que todas as suas funções motoras e reguladoras estariam sob controle, e suas memórias essenciais não fossem comprometidas. Enfim, após passar por essa bem-sucedida sessão emergencial, o melancólico paciente sentiu-se literalmente um outro homem. A água havia se transformado em vinho.

De bom humor, Antoine levantou-se da poltrona de operação e fez aquilo que lhe deu mais vontade. Tocou violino, riu e contou piadas. Ficou inteiramente impressionado por sua transformação. Ter sido poupado de tanto sofrimento em uma única sessão trouxera a Antoine uma paz de espírito nunca antes experimentada. Mesmo sua frustrada acrobacia extática no pátio não o desanimou.

Por conta dessa fabulosa transformação, aquela primeira sessão tivera um impacto inexplicável nos neurônios do paciente recém-chegado. Nunca dormira tão bem desde sua partida do Brasil, constatou Antoine. Ao acordar no dia seguinte, algo mais controlado e satisfeito, ele levantou-se da cama e atravessou o corredor da clínica em direção ao pátio. No caminho, passou pela lavanderia e, sem ser visto, pegou escondido a escada dos funcionários e rumou para fora

do prédio em um passo decidido. Chegando ao seu destino, plantou a escada ao lado do chafariz, subiu os degraus e, de pé, ficou no alto da útil estrutura, com as mãos descansando à frente do corpo, imóvel e mudo como um monge estilista. Dali ficou olhando para “o azul frescor do céu” (como ele mesmo preferia dizer), suspirando de vez em quando, apalermado, como se procurasse inspiração divina naquela deliciosa hipálage, antes de ser novamente retirado dali por uma truculenta dupla de enfermeiros e levado de volta os seus aposentos.

Diferente dos outros pacientes, Antoine queria apenas demonstrar seu estado de graça. Por isso seu entusiasmo não minguou por conta da recepção nada amigável de seus novos colegas. Após a segunda sessão, Antoine procurou alternativas menos perigosas para expressar sua imensa sensação de bem-estar. Invaso por um súbito arrebatamento de alegria na manhã seguinte, ele subiu em uma rocha ornamental do jardim, levantou a perna direita e, equilibrando-se em uma perna só, ficou de olhos fechados a movimentar os braços para cima e para baixo, semelhante a um deus hindu (dessa vez, por não oferecer nenhum risco de queda, os enfermeiros o deixaram ali a balançar os braços como um equilibrista praticando seu exercício em uma *slackline*).

Ao testemunharem essas ações incompreensíveis nos novos pacientes, os médicos apenas assinalavam com um lápis seus questionários e faziam anotações em suas fichas médicas (o processo de cura possuía quatro fases, mas apenas duas eram as mais comuns: a *Fase 1* era o pleno êxtase e a *Fase 2* era a melancolia minguante — pois, como sabiam, os melancólicos passavam por todas as fases do ciclo da Lua: cheia, gibosa, nova e crescente). Embora Dr. Carl fosse um homem generoso, queria que tudo estivesse sob controle. Apesar dos especialistas acreditarem que a Fase Cheia era tão passageira quanto todas as outras fases, o diretor da clínica pensava de outra maneira (uma vez que sempre discordava das opiniões de terceiros, sobretudo de seus subordinados mais inexperientes). Sua opinião era mais filosófica.

Para Dr. Carl, mais habituado àqueles malabarismos espetaculares e outros comportamentos estranhos dos pacientes desmemoriados, essas ações mirabolantes era o principal efeito da amnésia nos melancólicos (aliado ao autoengano provocado pela excessiva distração). Livres de suas más lembranças, esses pacientes costumavam ter um súbito e irresistível arroubo poético (ou dançante, dependendo do lugar e do clima), fruto de uma espécie de inexplicável deslumbramento místico, fenômeno que o especialista levava bastante a sério, considerando-o um indício de um avançado estado de consciência, preliminar ao êxtase religioso. Esse era um evidente sinal que o tratamento surtira o efeito esperado. Havia, no entanto, um *colateral effect*. A pureza resultante desse estado de graça deixava os pacientes um tanto manipuláveis, e eles costumavam acreditar em qualquer bobagem que ouviam. “Não há como ser íntegro sem ser inocente. E ser inocente é ser passível de engano”, dizia o médico. “Por esse motivo, a amnésia precisa ser acompanhada de reeducação.” Uma vez que, completou Dr. Carl, o tempo sempre traz a Razão, assim como um dia claro de sol surge após uma violenta tempestade.

Enquanto observava Anne comer seu almoço, Antoine mergulhou fundo nas lembranças de suas primeiras sessões na clínica. Decorra uma semana desde que chegara a Bünzli, mas pareciam anos. A felicidade tem esse poder de alongar o tempo, refletiu ele. De fato, a sessão

trouxera ao jovem um inédito e inusual estado psicológico. Nunca se sentiu tão alerta, tão atencioso e tão consciente. Passado o efeito inicial do Mnemodetox (e após ganhar uma certa sobriedade), Antoine teve que conhecer as regras de Bünzgli e um pouco mais de seu tratamento. Para os necessários esclarecimentos sobre esses dois assuntos, após tomar seu tardio café da manhã, ele foi guiado por um enfermeiro e cordialmente recebido pelo médico em seu consultório.

A visita viria a calhar. O jovem paciente estava curioso para saber o que acontecera com sua memória depois da última sessão. Queria saber de tudo. Que milagre era aquele, afinal? Ele nunca se sentira tão bem e ao mesmo tempo tão desorientado, declarou Antoine ao recostar-se no sofá do consultório. Ao seu lado, esparramado em um felpudo tapete, o dorminhoco gato do médico ressonava baixinho. Vendo o paciente exibir um ar inquieto, Dr. Carl fez questão de falar um pouco mais sobre a importância da memória. Antes disso fez uma breve retrospectiva histórica, em um *tour* mental pela Antiguidade.

Segundo explicou Dr. Carl, a partir dos gregos (para quem Mnemósine era uma das mais adoráveis deusas), o estudo da memória, ou Mnemotécnica, tornou-se de vital importância para os pensadores antigos. Naquele tempo, um estudioso realmente sério devia conhecer toda a ciência de sua época. Por esse motivo, disse o médico, a Biblioteca de Alexandria hospedava gente de todas as partes do mundo antigo, interessada em conhecer o trabalho dos grandes autores de sua época. Citou os primeiros mnemonistas gregos como Simônides de Ceos, Metrodorus de Escépsis e Carnéades de Atenas, todos eles muito admirados por Cícero, e referiu-se de passagem a nomes mais tardios como Raimundo Lúlio e Leibniz, polímatas célebres por suas pesquisas sobre sistemas mnemônicos e sobre a Arte Combinatória, um estudo que, muitos séculos depois, abriria caminho para a invenção dos cérebros artificiais. O médico estimava esses pensadores como mentes brilhantes mal compreendidas em seu tempo. Para esses estudiosos, como frisou Dr. Carl, a memória não era apenas uma ferramenta ou um artifício linguístico, mas também um meio de se atingir o Absoluto. Eles se maravilhavam em pensar que todo o corpo de informações contido no cérebro humano, toda a experiência vivida por um indivíduo, podia ser codificada na distribuição de galáxias em nosso universo. Como retrato do cosmos, a mente é infinita, afirmavam. Nasçíamos, no entanto, com apenas uma pequena porção dessa infinitude. Era preciso, portanto, conquistá-la mediante alguma esforço. E essa conquista era uma forma de libertação da finitude de nossas vidas. Uma capacidade mnemônica expandida, alegavam esses estudiosos, era sinônimo não só de liberdade de pensamento, mas também de espírito. Assim pensava, por exemplo, Giordano Bruno, o maior de todos os magos filósofos, para quem (seguindo o pensamento dos antigos gregos) a memória era uma dádiva dos céus, e a salvação dos indivíduos viria da descoberta de seu potencial mnemônico. Com sua impressionante capacidade de recitar seis mil versos hexâmetros datílicos em grego homérico, os rapsodos da *Iliada* e da *Odisseia* ilustraram bem esse deslumbrante pensamento. Esses hábeis versejadores sabiam mais do que ninguém dos fantásticos poderes da memória e maravilhavam a todos com suas mentes deslumbrantes, capazes de recitar obras inteiras sem esquecer nada (como os tântricos ao memorizarem todos os *Ágamas* e *Tantras*, os mil nomes da Deusa no *Sri Lalita sahasranama stotram*, e os brâmanes ao decorarem todos os quatro Vedas e também os diversos *Upanishades* e *Brâmanas*). Admirados e também temidos pelos homens comuns, os antigos poetas da Grécia antiga exibiam seus talentos únicos à população em troca de alguns óbolos (ou, de preferência, um convite para participarem de algum simpó-

sio com a presença de músicos e heteras). Com o transcorrer dos milênios, porém, os gostos mudaram. As guerras espalharam o pessimismo na população, e as pessoas deixaram de valorizar os feitos do passado. Nem todos pagariam mais para escutar narrativas mitológicas em forma de versos. Além de que, homens de boa memória eram um problema para as autoridades. “Por causar temor aos políticos e aos filósofos”, explicou Dr. Carl, “a mnemotécnica (assim como a adivinhação e a invocação dos demônios) foi considerada como bruxaria na Idade Média. Atualmente, graças à ciência e suas invenções tecnológicas, aquilo que vemos como algo natural, seria visto como magia negra pelos antigos, uma vez que opera com forças desconhecidas além de nossa imaginação. Essa associação do feérico com o passado é natural no ser humano. Desde crianças associamos as histórias de carochinha contadas por nossos pais a uma outra realidade, e guardamos essas memórias infantis como imagens maravilhosas. É um resquício de nossa primeira idade. Existe algo mais mágico do que nossas lembranças da infância?” A evolução científica, continuou o médico, trouxe vantagens tecnológicas e desvantagens humanísticas. A ciência, segundo ele, nos revelou o poder oculto da mente e descobriu que, aquilo que se passava por magia, não era apenas um dom natural do ser humano, mas também das máquinas. Com a Modernidade, o sonho leibniziano de uma linguagem universal se concretizaria com a invenção dos computadores e os avanços da nanotecnologia e da física quântica. Por conta dessas descobertas, o mercado tecnológico criaria equipamentos com gigantescas memórias digitais, dispensando assim nosso trabalho de memorizar as coisas mais importantes e tornando obsoleta a fantástica capacidade mnemônica do cérebro humano, reservada apenas aos *savants*. Vendo no conformismo do sujeito pós-moderno à eficiência das máquinas uma razão para deixar de exercitar as incríveis habilidades herdadas de nossos ancestrais, Dr. Carl lamentou a mudança de certos paradigmas históricos e suas violentas transições da Ascensão para a Queda.

A História foi cruel com a memória, pensava o médico. Aquilo que, no passado, foi um dom divino, converteu-se mais tarde em um empecilho. E seu declínio, explicou ele, começou com a Renascença. Como parte da retórica, a mnemônica era muito valorizada pelos monges escolásticos e doutores em teologia, antes da redescoberta dos textos gregos e latinos, e a difusão da filosofia pagã pela Europa. O impacto desse conhecimento esquecido sobre a memória dos monges foi fenomenal. Por muito tempo (quase mil anos, de fato), em virtude das dificuldades da época medieval, os livros eram um luxo para poucos. Para ter acesso ao conhecimento, os monges eram obrigados a copiar obras consagradas, chegando mesmo a memorizá-las por inteiro. Mas a inundação de obras pagãs e a invenção da imprensa mudou a ótica teocêntrica dos medievais tardios. Com o Renascimento artístico e científico, o antropocentrismo voltou a ser moda, desvalorizando a cultura geral em favor da especialização. Ao defender uma linguagem mais humana e menos divina, Erasmo de Roterdã será o primeiro a atacar a retórica escolástica, acusando-a de mascarar os fatos com suas sutilezas e floreios sem fim, abolindo assim tantos seus excessos quanto suas técnicas tradicionais. Agredida pelos humanistas, a retórica passará então por uma reforma acadêmica e se desvinculará do digressivo discurso teológico para adquirir um tom mais direto, sem piruetas linguísticas ou filológicas. Desse modo, devido a esse descrédito dos renascentistas, aconteceu aquilo que os alemães costumam afirmar diante de uma perda irreparável: “Das Kind mit dem Bade ausschütten” (ou, em português, “a água do banho foi jogada fora com a criança”). Mas essa renovação seria apenas o começo. Por obra de Petrus Ramus (e depois dele Francis Bacon), prosseguiu Dr. Carl, os renascentistas refutariam por completo o excesso de ênfase no estilo e inventariam uma retórica com menos *purple prose*, retirando dela *inventio*, *dispositio* e *elocutio*, ou seja, suas três principais partes. No início do século dezessete, simplificado e enxuto, restará ao discurso retórico clássico apenas

apresentação e estilo, restringindo assim sua utilização aos pastores religiosos e políticos, até que, finalmente, seria extinta pelos ingleses da Royal Society setecentista, que baniriam a arte da memória, rejeitando todas as “amplificações, digressões e inchaços de estilo” (associando-a negativamente à prática mágica) e reduzindo dessa forma os cinco cânones da retórica (*inventio, dispositio, elocutio, memoria, pronuntiatio*) ao mero estilo (ou *elocutio*). Sem o recurso da memória, opinava Dr. Carl, a retórica empobreceu-se e esgotou a capacidade do pensamento moderno de lidar com objetos mentais. Essa decadência, segundo ele, explicava a razão dos filósofos iluministas serem poucos imaginativos (com exceção de Voltaire e alguns poucos). Admirador dos grandes estudiosos da memória do passado, o médico acreditava que todo o avanço da ciência e da tecnologia, graças ao apoio da mídia de massa e da arte industrializada, havia cooperado para poluir nossa mente com informações inúteis, arruinando-a com bobagens, e tornando o *Homo aestheticus* um desmemoriado incurável. Por conta desse golpe fatal na memória (ou sua *damnatio*), seria preciso, séculos depois, purificá-la e enriquecê-la novamente. Em uma época em que a mente estava tão intoxicada de poluição visual e informática, dizia Dr. Carl, uma vigorosa desintoxicação era mais do que necessária para trazer de novo a liberdade de pensamento a homens e mulheres, vítimas de uma terrível tecnologia que os transformava em mortos-vivos. Para esse propósito libertário, afirmava ele, seu método de desmemorização era o tratamento perfeito para as pobres memórias do terceiro milênio. Somente ao esquecer é que podemos lembrar, esse era o seu lema.

— Esquecer é então a cura para todos os males? — indagou o curioso Antoine.

— *Nahezu* — respondeu Dr. Carl. — Quase todos os males, *mein Bub*. A não ser que você tenha prejudicado a vida de milhões de pessoas. Nesse caso é impossível esquecer um crime tão estúpido e estúpido. Na maioria das vezes, contudo, vale a regra.

Os efeitos positivos da desintoxicação autobiográfica, continuou Dr. Carl, eram indiscutíveis e indubitáveis. O êxtase decorrente das sessões era apenas uma pequena amostra do que acontecia quando a memória de um paciente estava livre de impurezas. Alcinhado por ele de Êxtase Agnóstico, o fenômeno era um sucesso entre seus pacientes. Todos aqueles que passaram pela clínica atestavam a eficácia da fórmula mágica do Dr. Carl. Após as sessões de Mnemodetox, livres de suas memórias ruins, eles podiam agora se movimentar com desenvoltura por Büngzli e gargalhar sem se incomodarem com as críticas. Durante esse curto momento de intensa alegria, era muito comum saírem repentinamente para o pátio da clínica aos pulos e saltinhos, ensaiando originalíssimos passos de dança como se fossem um Nijinski ou uma Isadora Duncan (ou mesmo uma Lotte Goslar a dançar um número circense em sua coreografia intitulada *Intoxicação*), enquanto escutavam uma música imaginária tocando em algum lugar do cérebro. Mesmo alguns pacientes mais idosos se revelavam animados exibicionistas, entre eles o senhor Tagliaferro.

O empolgado octogenário era um fã de Fred Astaire, mas nunca dançara diante de um público antes, até que, após ser desmemoriado, ensaiou alguns passos de sapateado no salão principal da clínica diante dos perplexos enfermeiros e médicos, demonstrando seu amor pela dança e também uma certa ousadia para sua avançada idade (quando queria dançar, ele sorria de um

jeito galanteador para as enfermeiras mais jovens). Além do seu paciente mais velho, disse o médico, as mulheres também costumavam exibir seus talentos dançantes sob o efeito do Mne-modetox. Entre elas, estava Madame Otoko (sua vagarosa dança com leques chamava atenção pela graciosidade e delicadeza), Madame Lempiszka (era uma boa dançarina, mas seus repentinos strip-teases sempre obrigavam os enfermeiros a cobri-la apressadamente com um *robe de chambre*) e também Cindy, a mais extravagante de todas as dançarinas, graças ao seu jeito bizarro de balançar seu esqueleto. Excitada pelo ritmo do punk rock ressoando em alguma parte de seu sistema límbico, a jovem cantora pop costumava se contorcer e pular enlouquecidamente. Dançava com tanta empolgação que os enfermeiros deviam acalmar seus *pogos* com urgência, antes que ela se machucasse seriamente.

Todo esse estado de graça e gáudio do Êxtase Agnóstico havia sido estudado com interesse pelo médico, que ocupava seu tempo a catalogar as mais diferentes reações dos pacientes desmemoriados em seu acervo de casos. Em sua opinião, ao redescobrir uma habilidade há muito perdida, uma pessoa está apenas ativando a herança genética de seus antepassados e criando novas sinapses em seu cérebro. Ou seja, cada indivíduo possui um savant dentro de si. Para o médico, um riquíssimo conhecimento estava escondido dentro de nós (e não se resumia apenas a recitar números). A dança, a música, a poesia e todas as artes estavam guardadas nos genes de todos os povos, opinava Dr. Carl. Ele chamava os genes de *arquegramas*, uma espécie de linguagem escrita antiquíssima impressa em nossa memória ancestral. Segundo ele, todas essas informações estavam gravadas em nossos cromossomos, mantidas como heranças de nossos antepassados. Nosso código genético pode ser lido como um livro, como reconhecem hoje os antropólogos ao examinarem os restos mortais dos antepassados de uma determinada cultura e descobrirem os primórdios de sua evolução. Enciclopédias imensas ocultavam-se nas bibliotecas de nosso genoma. Desse modo, o corpo humano é um imenso texto ainda indecifrável, em que estavam escritas todas as estratégias de sobrevivências do Homo sapiens, suas línguas e também suas coreografias, assim como todos os versos e cores memorizadas por homens e mulheres de todas as épocas. O despertar do potencial genético dos pacientes, porém, não estimulava apenas sua sensibilidade artística.

Além de dançarem freneticamente, os amnésicos tinham também outras reações imprevisíveis e inconfundíveis. Muitas vezes, atacados de uma súbita hilaridade, eles começavam a rir sem parar. Alguns deles riam de tal maneira que era necessário acalmá-los à base de injeções intravenosas, ou, do contrário (como aconteceu com Crisipo de Solis, o notório filósofo grego), eles morreriam de tanto rir. Outros, mais poéticos, recitavam versos, pensando ser um Shakespeare ou um Jean Follain. Estufavam o peito e declamavam emocionados seu amor pela natureza. E fora os dançarinos e os liristas improvisados, havia ainda aqueles que falavam línguas, exercitando um tipo de glossolalia ininteligível. Entre os casos mais notórios, o médico citava um de seus pacientes mais antigos, um sueco de Malmö chamado Arnold Långstrump, um exemplo muito particular dos fabulosos efeitos do Mne-modetox.

Um homem tímido e calado em seu estado de vigília, Långstrump nunca demonstrara seus talentos ao público, preferindo cultivar seu *low profile* e evitar quaisquer contatos sociais, até que, durante um surto extático pós-operatório, começou a se dirigir às pessoas em mandarim, uma língua que sabia apenas algumas poucas palavras como *Dibuixi* ou frases como “Xie xie” e

“Niˇ shui dé haˇ o ma?”. Além de falar frases inteiras em chinês, o vocabulário do sueco era abundante e diversificado. Os médicos ficaram estarelecidos diante desse fenômeno peculiar. Onde o paciente havia aprendido aquela língua? Perguntavam-se eles, perplexos. Como ninguém sabia falar bem o idioma, os médicos chamaram um dos enfermeiros da clínica na época, um imigrante chinês radicado há alguns anos na Suíça, para conversar com o polivalente multilíngue e entender o que estava se passando. Após uma breve conversa sobre poesia chinesa da Dinastia Song (em que discutiriam Cai Xiang, Su Shi, Madame Huarui, Lu You e Yang Wanli), o enfermeiro certificaria a nova habilidade de Långstrump e diria que o paciente estava muito bem, e possuía agora um gosto poético peculiar. Diante dessa constatação, mesmo sem entender direito o que havia causado o fenômeno, Dr. Carl liberaria, por fim, o paciente com Síndrome de Savant. Depois de deixar Büngzli, o sueco continuaria falando fluentemente mandarim, e era capaz de se comunicar até mesmo com os atendentes chineses nos restaurantes que frequentava no centro de Berna. Entusiasmado por sua nova habilidade linguística, o iluminado poliglótico resolveu se mudar de vez para a China, onde, por muitos anos, serviria como consultor da ONU para assuntos relacionados aos direitos humanos (segundo o exemplo de Dag Hammarskjöld, e esperando não cair de helicóptero). Apesar de ter testemunhado outras síndromes despertadas por um *turn on* nos mais recônditos circuitos do cérebro, Dr. Carl nunca mais viu nada parecido. Orgulhava-se, porém, de ter presenciado uma das grandes maravilhas da mente humana: nossa incrível capacidade de memorizar qualquer coisa, útil ou supérflua. Uma capacidade que era muito vantajosa por um lado e desvantajosa por outro.

— Cada paciente tem sua face terrível — disse o médico. — É uma tendência natural do ser humano. Nascermos com um lado divino, mas preferimos seguir nosso lado diabólico. Graças a ele, podemos produzir obras maravilhosas e criar fabulosas invenções. E também produzir ilusões às quais nos escravizamos, e que, alimentadas com frequência, terminarão por adoecer nossa alma. A medicina ainda é incapaz de prever todas as doenças, sobretudo as mentais. Quando as toxinas se acumulam nos tecidos nervosos, muitas vezes é tarde demais para proceder a um tratamento. Da mesma maneira, apesar das pessimistas previsões dos cientistas e experts, a ciência não pode prever realmente o que acontecerá no futuro se as pessoas continuarem seguindo apenas suas ilusões. Ao analisar o comportamento de um único indivíduo, podemos saber o que ele fará amanhã, mas não podemos antever o que acontecerá a toda a humanidade se continuarmos a destruir nossas vidas e nosso planeta como fazemos hoje. Divididos pela discórdia, os homens são incertos e cruéis. Nosso destino é indeterminado. Ainda assim a ciência crê no determinismo, alegando que tudo obedece às precisas leis da matemática. Concordo com os cientistas que todo homem tem um destino e que existem leis universais, mas prefiro acreditar que, assim como as partículas, cada homem é imprevisível. Há uma indeterminação nata em cada indivíduo. Cada um de nós reage de maneira diferente aos estímulos. Cada um possui uma certa capacidade de mentalizar e perceber o mundo à sua volta. Somente o ser humano é capaz de escolher o que vai fazer de sua vida, para o bem ou para o mal. Sem nós, os objetos e seres do universo continuariam agindo como agem e agiram há milhões de anos. A presença do Homo Sapiens na Terra, no entanto, faz com que nosso futuro seja indefinido.

Mas o caso de Långstrump era apenas um dos muitos exemplos dessa imprevisibilidade da raça humana, salientou Dr. Carl. Para ilustrar os fabulosos efeitos resultantes da desintoxicação autobiográfica, ele contou a Antoine outro extraordinário relato de mais um de seus me-

moráveis pacientes, um acadêmico de Heildeberg chamado Friedrich Eischenheimer, que se internara em Bünzli para tratar de suas obsessões filosóficas. Um experiente pesquisador e professor de filosofia em uma universidade alemã, Friedrich passava por uma profunda crise da meia idade, resultante de uma difícil separação conjugal. Assolado pela solidão e pelo desencanto, esse homem de temperamento racional e soturno voltou-se para o trabalho como uma maneira de lidar com seus fantasmas familiares. Iniciou assim uma profunda investigação sobre a *Naturphilosophie* de Schelling, estudando o idealismo alemão e a tradição romântica de seu país. A fim de pesquisar os manuscritos dos filósofos idealistas do passado, Friedrich viajava com frequência a Weimar na Turíngia em busca de manuscritos esquecidos em empoeiradas bibliotecas, vasculhando o trabalho de pensadores e filósofos dos séculos peregrosos. O acadêmico pesquisou o trabalho de homens como Jakob Böhme, Georg Ernst Stahl, Christian Wolff, Wilhelm Gottlieb Tennemann, Johann Gottfried Herder e sobretudo Friedrich Wilhelm Joseph Schelling. Como seu homônimo predecessor, Friedrich procurava, do ponto de vista filosófico, compreender a natureza em sua totalidade, buscando encontrar nela uma organização subjacente. No século dezoito, por meio de seu monismo idealista, Schelling afirmou que a mente está implícita na natureza assim como a natureza está implícita na mente, ou seja, o real está no racional e o racional está no real, e ambos estão dialeticamente entrelaçados, um pensamento que antecipa em algumas décadas as teorias da física quântica. Ao estudar o trabalho de Schelling, Friedrich interessou-se principalmente pelo seu aspecto evolucionário. Para o filósofo idealista, o universo está gradualmente evoluindo de um grau menor para um grau maior de completude e complexidade, e o vir-a-ser é uma dimensão essencial de tudo o que é real. Essa visão, contudo, apresentava um sério problema argumentativo para Friedrich. Se tudo está fragmentado e separado, como pode ser Uno? Inspirado pelo conceito de Identidade Absoluta de Schelling, Friedrich iniciou um intenso trabalho de investigação que consumiria vários meses de pesquisa e o levaria com o tempo a uma violenta crise *workaholic*. Empenhado na tarefa deixada por Schelling de mostrar como a mente está implícita na natureza e como a natureza está implícita na mente, ele aprofundou-se em seus estudos sobre o idealismo alemão. A noção de incondicionado sustentado pelos românticos, entretanto, levantava questões controversas. Se existe realmente uma identidade absoluta, raciocinava Friedrich, então tudo está determinado por suas leis, e assim todo o universo é um gigantesco mecanismo vivo. Entretanto, ponderava ele, deve existir algum grau de liberdade na natureza, uma vez que, como sistemas em si mesmos, os corpos possuem radicais e moléculas livres que agem em todo o organismo, causando mutações e doenças degenerativas. As mutações cromossômicas, segundo o acadêmico, são a prova irrefutável de que existe livre arbítrio. Consultado por Friedrich, porém, um biólogo na universidade responderia que mesmo os processos de degeneração celular são programados. Os organismos, disse o cientista, precisam morrer para que outros mais fortes e vigorosos possam assumir a tarefa de perpetuar a espécie. Além disso, as mutações ajudam na adaptação do organismo às doenças e às suas condições ambientais extremas. Sem elas os seres vivos não se adaptariam às mudanças. Um geólogo entrevistado pelo alemão acrescentaria ainda que mesmo os continentes são afetados pela passagem do tempo. Se observarmos a Terra em seus bilhões de anos veremos que mesmo aquilo que nos parece imutável sofreu a ação de forças ctônicas e tectônicas. A matéria, da mais bruta até a mais sutil, está em constante transformação, ainda que imperceptível. Mas se havia um determinismo no universo, indagou Friedrich, por que existia o caos? Por que o Uno se tornou múltiplo? Algum dia o múltiplo voltará a ser Uno? Durante todo seu intenso esforço intelectual, procurando respostas para tantos enigmas, Friedrich muitas vezes se esquecia de comer ou se exercitar ou socializar. Mesmo nos curtos intervalos de suas longas jornadas de investigação, ele raramente tinha algum contato com pessoas (exceto com os bibliotecários). Muitas das respostas que encontrou, no entanto, não satisfizeram seu espírito investigativo. À maneira de

Lucrécio, saiu então do campo da filosofia e partiu para o campo da física. No decorrer de sua pesquisa, Friedrich terminou se apegando a um tipo de atomismo democritiano a fim de explicar os constantes vínculos e separações tanto entre as moléculas quanto entre os seres. Afinal, se os seres humanos são apenas coleções de átomos, eles não podem ter qualquer livre arbítrio, constatou ele. Passou assim a acreditar que tudo o que existe no cosmos se atrai e se repele segundo a Lei Universal da Atração. Embora essa lei explicasse muita coisa, outras questões surgiram, porém. Seria a atração o motivo pelo qual o Uno se tornou múltiplo? Seria essa a razão pela qual o que antes estava unido terminou por se separar? Estaria o universo se expandindo porque existia uma força maior atraindo todas as coisas? Essas eram as novas questões levantadas pelo pesquisador. Segundo o monismo idealista de Schelling, o livre arbítrio de um sujeito estava limitado por outros sujeitos e por seu próprio corpo. Nossas intenções ou desejos estão intrinsecamente limitados pelas estruturas físicas de nossos organismos. Mente e corpo estão firmemente entrelaçados entre si, de modo que somente podemos ser livres se excluirmos a unidade psicossomática essencial que agrega essas duas partes, o que levaria à destruição de ambas. Aprofundando-se nas questões materialistas levantadas por seus antecessores, Friedrich analisou as teorias mais aceitas da mecânica quântica de sua época: as interpretações de Copenhagen, a de von Neumann-Wigner e a Interpretação Conjunta. Ele vasculhou cada uma de suas teorias a fim de entender melhor a possibilidade de um livre arbítrio na natureza. Para cada uma dessas hipóteses, constatou, mesmo que todos os processos quânticos envolvam alguma indeterminação, as ações livres não podem ser aleatórias. Não existe uma consciência que precede o universo, certificou ele. Viemos do nada e ao nada voltaremos, concluiu o alemão. Em suma: existe, de fato, um destino, pensou Friedrich. E se os próprios átomos seguiam um curso determinado, por que não as pessoas? Tanto os seres humanos quanto as partículas possuem comportamentos semelhantes: eles escolhem um caminho, são atraídos uns pelos outros, se entrelaçam, mantêm-se unidos ou se separam, oscilam e depois decaem. Firmemente apegado à ideia de que a atração universal explicava muitos dos fenômenos macrocósmicos e microcósmicos, o pesquisador utilizou-se da dialética para elaborar suas explicações. Segundo o acadêmico, se tudo o que existe está dividido em positivo e negativo, a atração universal devia também possuir um aspecto sombrio e fatídico. Ao mesmo tempo que as coisas nasciam e se reproduziam por conta de uma força atrativa, elas também sofriam o efeito da destruição e da separação. Havia, porém, uma lei nesse eterno ciclo de nascimento e morte, suspeitou o alemão. Com isso, voltou sua atenção para a Lei de Coulomb para entender o que destruía a ligação entre as moléculas. Prosseguindo suas investigações cosmológicas, Friedrich tentou provar que a perda da atração era responsável pela desunião entre os pares, e essa perda estava associada de alguma forma à força presente em cada parceiro. Mas o que seria essa força? Procurando levar sua teoria da realidade para o campo afetivo, o pesquisador encontrou nas afinidades eletivas de Goethe a explicação para a impossibilidade de existir um relacionamento feliz entre os casais. Assim como os átomos, afirmava ele, as irreconciliáveis diferenças entre homens e mulheres eram responsáveis pela durabilidade ou o fim dos vínculos e dos relacionamentos. Na opinião do estudioso, todos os seres estavam sujeitos às mesmas leis que regiam as partículas químicas, e comparava as relações humanas a um mero intercâmbio de átomos em um vazio infinito, encontrando-se aleatoriamente no espaço e no tempo. Existiam, contudo, alguns *flaws* na teoria do pesquisador alemão que o impediam de ver a ordem por trás de todas essas abstrações. Como nos ensina o *Vaisheshika Sutra* de Kanada, o *dharma* governa todo o universo, das minúsculas partículas até os gigantescos corpos celestes. Na antiga filosofia indiana, o aleatório é apenas aparente e o caos universal é explicado pela nossa incapacidade de ver a ordem oculta. Procurando descobrir uma organização por trás de tudo, inspirado pelo pensamento oriental, Friedrich entregou-se à sua gargantuesca tarefa com ainda mais afinco. “Se pudéssemos reconhecer que homens e mulheres são como átomos

que se atraem e se repelem, veríamos que há um determinismo no fato de existir tantas incompatibilidades entre os seres. Em um casal, a discórdia já existe desde o início da relação”, pensou ele. “Somos atraídos pelas aparências porque não conseguimos perceber que existe uma determinação oculta. É nosso destino ser atraídos por alguém e depois repudiados, se não somos capazes de notar as incompatibilidades entre nós. Mas estamos, de fato, fadados a nos unir apenas a quem somos realmente compatíveis? Existe uma escala de compatibilidade?” Essa convicção de que existia uma ordem universal nas relações humanas aos poucos se tornou uma obsessão para o acadêmico. Em seu monismo materialista, Friedrich não conseguia ver mais o *espírito da coisa*, mas apenas a coisa em si. Estava possuído por sua monomania. Cego por seu viés fiscalista da realidade, ele se recusava a ver algo além da matéria. O alemão transporia assim sua visão do mundo para outras áreas humanas: a economia, a sociedade e a cultura; para ele todas as ligações atômicas eram mantidas por algum tipo de força. Os grupos sociais, os consumidores e produtores, os artistas, os pensadores, todos eles se mantinham unidos porque existia compatibilidade entre pessoas e ideias. Mas o que ordenava todas essas ligações? Questionava-se ele. Seria a atração ou o tempo? Verificou assim uma contradição em grande parte das relações humanas: ao mesmo tempo que somos atraídos por nossos semelhantes, também somos capazes de repudiá-los, ainda que, na natureza, a ligação entre os átomos seja mais estável do que as relações humanas. Mas o que faz a atração entre duas pessoas virar repulsão com o tempo? Havia uma falha no atomismo que Friedrich não conseguia entender. Teria o tempo um efeito degradante sobre a atração inicial? Crente que a sujeição à passagem dos anos era a causa da relatividade da atração, o pesquisador mergulhou ainda mais em sua pesquisa sobre o materialismo monista. Devia existir uma lei única, válida tanto para os átomos quanto para as pessoas, imaginava Friedrich. Afinal, tudo é matéria, dizia ele, concordando com Espinosa. E se tudo é matéria (inclusive o que pensamos), a mente também deve estar sujeita à entropia universal. Ao contrário do que pensava Schelling (para quem a mente e a natureza estão integradas em um único corpo), para Friedrich não existia um espírito que animava a matéria, encarregado de organizá-la e aperfeiçoá-la. O acaso, pensava ele, era o grande responsável por mover tudo o que existia, das órbitas dos planetas às nuvens de partículas. Na nova concepção do pesquisador, a atração era responsável por unir e a entropia era responsável por separar os corpos. Esse raciocínio do pesquisador alemão, no entanto, expressava seu lado pessimista. Após o fracasso de seu casamento, Friedrich Eichenheimer não acreditava mais em conceitos como *alma* ou *espírito*, e nem mesmo em termos como *alegria* e *felicidade*. Não havia mais nada de solar ou luminoso em meio às sombras de suas ideias e às quimeras de sua razão. O acadêmico queria encontrar explicações racionalmente demonstráveis para o fim das ligações entre as coisas e os seres. Mas seria mesmo a entropia a causa de todas as separações? Friedrich estava determinado a provar que, de fato, o caos era a ordem. Sua obsessão o levou, como uma espécie de Dr. Fausto das ciências, a passar noites em claro debruçado sobre os livros, procurando comprovar suas hipóteses. Não encontrou, porém, a explicação tão procurada. Por conta de suas incessantes elucubrações mentais, a saúde de Friedrich Eichenheimer encontrava-se seriamente abalada, e seu organismo logo deu o alerta. Estava obeso e, por conta da pressão alta, tinha suores e calafrios. Seu sono era péssimo, vivia sonolento e suas mãos tremiam. O caos que percebia no mundo à sua volta se apoderara de seu próprio corpo.

Antes que pudesse terminar sua tese de doutorado, Friedrich sucumbiu, enfim, ao cansaço e à melancolia, e caiu em um profundo estado de desânimo. Atendido na emergência de um hospital, o médico plantonista sugeriu que o paciente fosse internado em uma clínica psiquiátrica. Seu estado era grave, resumiu ele. Porém, após passar algumas semanas em tratamento com

medicamentos, Friedrich não obteve nenhuma melhora. Sentia-se cada vez mais cansado e esgotado. O afastamento dos livros deu-lhe um descanso temporário, mas sua obstinação ainda o dominava. Liberado duas semanas depois pelo psiquiatra responsável por seu caso, o alemão buscaria tratamento na Suíça e consultaria depois um psicanalista em Aargau, que explicaria a obsessão pelos livros do consulente como uma forma de sublimar seu relacionamento conjugal fracassado. O sério e comedido profissional recomendou que ele tirasse férias e parasse de se preocupar com átomos. Afinal, existiam outras coisas mais importantes na vida, entre elas, desfrutar uma noite fria tomando um bom vinho e comendo fondue diante de uma lareira. Essa explicação do especialista, entretanto, não aliviou a enfermidade do alemão. Consultado mais tarde em Uri, um neurocirurgião examinou as imagens de ressonância de Friedrich e, após detectar uma grande deterioração em seu cérebro subcortical, diagnosticou que a causa de seu sofrimento estava nas más lembranças de seu casamento arruinado. Segundo o especialista, o paciente precisava ser urgentemente desmemoriado para tratar sua memória obsessiva. Sua monomania estava atrapalhando a sua vida social. De fato, conhecido por seu fervoroso materialismo (obtido depois de milhares de horas dispendidas em leituras filosóficas, científicas e neurocientíficas), o acadêmico alemão terminou adquirindo um problema mnemônico com sua mania e não conseguia pensar em mais nada a não ser em átomos. Esse pensamento repetitivo terminara por arruinar sua saúde mental, e o Mnemodetox seria o tratamento mais recomendado para seu caso. Seguindo a orientação do especialista, Friedrich decidiu se internar em Bünzgli, onde ficaria aos cuidados do Dr. Carl.

Ao receber o novo paciente em seu consultório, o diretor ficou muito interessado naquele caso extremo de monomania. Após examinar seu conterrâneo, o diretor estudou os exames do novo paciente com atenção e, ao diagnosticar uma grave dessincronia entre seus hemisférios cerebrais, traçou o melhor plano para curar sua melancolia e seu pensamento obsessivo. No dia seguinte, Friedrich seria submetido à sua primeira sessão de desmemoriação, onde teria, de súbito, uma reveladora iluminação.

Apesar de não ter se tornado um poliglota inspirado como Arnold Långstrump, após a desmemoriação Friedrich Eischenheimer experimentou uma revelação divina. Depois de um demorado processo de suspensão de suas más lembranças, o obcecado alemão, agora de mente límpida e aberta, teve uma reação atípica para os padrões da clínica. Em um repentino roubo poético, Friedrich recitou de memória os primeiros versos das *Elegias de Duíno* de Rilke (uma esquecida passagem lida quando ele era ainda um adolescente), que o médico fez questão de repetir para Antoine:

*Denn das Schöne ist nichts
als den Schrecklichen Anfang, den wir noch gerade ertragen,
und wir bewundern es so, weil es gelassen verschmäh,
uns zu zerstören. Ein jeder Engel ist schrecklich*

Pois a Beleza não é nada

senão o Terrível Começo, que mal somos capazes de resistir, e a quem somos reverentes porque calmamente ela desdenha nos aniquilar. Todo anjo é terrível

É o espírito e somente o espírito que mantém mente e corpo unidos, constatou Friedrich, maravilhado. A busca pela beleza matemática, entendeu ele, levou os cientistas a se divorciarem da realidade. Mas o segredo estava justamente nela e não em sua interpretação. A ordem está dentro e fora de nós, pensou o alemão. Há, constatou ele, uma onipresença na realidade que tudo organiza, colocando cada coisa em seu devido lugar. A própria realidade, aliás, é essa onipresença, constatou Friedrich. E percebeu que, de fato, o espírito é apenas uma metáfora utilizada para simbolizar a organização inerente a tudo, a lei universal que opera por trás de todas as coisas. Que metáfora fantástica! Admirou ele, abismado por sua descoberta. Existe, de fato, uma lei única, concluiu o alemão. Teria Schelling chegado à mesma conclusão? Friedrich foi arrebatado por uma intuição fenomenal que resumia toda a sua pesquisa. Finalmente tinha a resposta para todas as suas dúvidas. Essa epifania poética mudaria por completo a vida do sorumbático paciente alemão. Segundo Dr. Carl, depois de anos utilizando apenas um lado de seu cérebro, o pesquisador alemão conseguiu de novo resincronizar seus hemisférios, e esse grande feito provocou uma imensa transformação em seu comportamento. Reanimado pela súbita iluminação, ele renasceu para uma nova vida. Um ateu convicto e implacável em seu materialismo, o ex-acadêmico converteu-se, enfim, ao pitagorismo cabalista e passou a escrever textos filosóficos em que celebrava os números como princípio de tudo e a matemática como aquilo que produz a Beleza universal. O mais adorado número, segundo ele, era o três, simbolizado pela parte numérica do Pi, número do qual nasceu a expansão do finito em direção ao infinito representado por sua parte fracionária. Essa concepção universal concordava com a Trindade cristã e com o hinduísmo, para o qual a Grande Mãe criou o universo por meio da Trimurti védica. Havia algo de muito especial no número três, afirmou o alemão, pois estava relacionada à frequência fundamental do universo, da qual surgiram todas as outras frequências do espectro eletromagnético. Conhecida pelos hindus como *Pranava*, a frequência fundamental explicava a origem de todas as coisas existentes. Essa cosmogonia numerológica explicava tanto a realidade objetiva quanto a ontologia. Para Friedrich, como um relógio biológico com um ritmo próprio, cada indivíduo tinha o seu próprio tempo. E as pessoas mais compatíveis entre si eram aquelas que possuíam ritmos semelhantes, pelos quais entravam em sincronia e harmonia com seu grupo. O processo de individuação, contudo, podia mudar a frequência de uma pessoa, e ela entrava então em choque com seus semelhantes, causando dissonâncias. Essa falta de sintonia podia levar não apenas a conflitos, mas também às guerras. Afinal, pensava Friedrich, os grupos podiam ser considerados como diversos indivíduos vibrando na mesma frequência. A mudança na sincronia de um ser vivo, no entanto, era uma demonstração do livre arbítrio presente na natureza. Cada indivíduo possui um potencial próprio, que desperta no tempo certo e leva à transformação de sua frequência vibratória, afetando os outros indivíduos muitas vezes de maneira desordenada. Essa transformação demonstrava que a desorganização era inevitável, ou seja, o próprio caos é determinístico, e todas as crises são inevitáveis. Indivíduos e partículas, concluiu o alemão, obedeciam às mesmas leis. Dessa forma, os números podiam explicar tanto os mistérios das ciências exatas quanto das ciências humanas, assim como o destino e o livre arbítrio dos homens e mulheres. Por trás de tudo existe a matemática, afirmava Friedrich. Ela provava, inclusive, a existência de Deus. Recorrendo ao mesmo artifício filosófico de Friedrich Heinrich Jacobi, o iluminado alemão percebeu que tudo

aquilo que existe fora do pensamento humano também é divino. Ou seja, o antropocentrismo era uma bobagem. “Não existe um deus antropocêntrico, construído pelo pensamento e pela insegurança humana. São os números que ordenam o universo”, afirmava o alemão. Emocionado por essa descoberta, ele passou a acreditar que os números eram a ordem subjacente por trás da realidade, uma ordem que somente poderia ser desvendada mediante o conhecimento das leis matemáticas. Eram eles a causa de todos os fenômenos e também da eterna atração e repulsão entre os corpos, que obedeciam assim à infinita escala de compatibilidades existente no cosmos. Exaltado por essa ideia, Friedrich elegeram o número irracional Pi como Absoluto supremo e concreto (em lugar da abstrata Identidade Absoluta de Schelling), e criou uma nova filosofia, chamada Piexatismo, um sistema inspirado no Pietismo, um sistema filosófico para o qual todo o universo era regido por uma Lógica inexorável, ainda que desconhecida, um segredo milenar guardado a sete tumbas desde os egípcios, e que estava por trás dos mecanismos da natureza e de todo o universo. Segundo a crença criada pelo acadêmico alemão, Pitágoras (e Platão depois dele) procurou expressar na linguagem vulgar as fantásticas intuições dos antigos sábios, entre eles Thot, o maior de todos os matemáticos, segundo o alemão. A matemática, pensava Friedrich (exibindo uma óbvia influência estruturalista), é a linguagem universal por excelência, aquilo que existe de mais belo; e tanto o discurso consciente quanto o inconsciente obedecem às suas preciosas leis. Paralelo a toda essa idiossincrática mitologia, cosmologia e filosofia, o novo profeta piexatista apregoava também a existência de anjos, denominados por ele de gênios matemáticos (encarnados, segundo ele, em diversas fases históricas, na forma de pensadores tão inspirados quanto Imhotep e Hermes Trimegisto, ou representados por savants como Mozart e Gauss), além de acreditar que, de tempos em tempos, avatares (ou gênios excelsos, como preferia dizer Friedrich) surgiam para resolver os problemas ainda insolúveis da humanidade, procurando instalar uma geniocracia no mundo, um governo baseado no poder dos números.

— Todo anjo é terrível — repetiu Antoine, lembrando o verso final, e emudeceu, emocionado ao escutar essa história. — Assim como todo demônio.

Possuidor de um coração rilkeano, o jovem paciente lembrou-se oportunamente de suas leituras juvenis da *Encyclopaedia of Religious Knowledge* de John Newton Brown em que se lê: “Os filósofos pagãos e poetas concordavam com a existência de seres inteligentes, superiores ao homem; como é mostrado por São Cipriano em seu tratado sobre a vaidade dos ídolos; pelos testemunhos de Platão, Sócrates, Trimegistus e outros. Eles foram reconhecidos sob diferentes denominações; os gregos os chamavam de *daemones* e os romanos *genii*, ou *lares*. Epicuro parece ter sido o único entre os velhos filósofos que absolutamente os rejeitava”.

— Na! — disse Dr. Carl, em um tom um tanto exaltado, após escutar Antoine repetir os versos de Rilke, e seus olhos brilhavam com a luz da mais pura inteligência. — *Das ganze Wunder dass wir von der Poesie gelernt haben!* Ah, todas as coisas maravilhosas que aprendemos com a poesia, *mein junger Mann!* *Ist das nicht sensationell?* Que fonte inestimável e inesgotável de sabedoria, não acha? Poucos, porém, compreendem a beleza que existe por trás desses versos. E pela simples razão de que precisam estimular as camadas superiores de seu neocórtex para entender e apreciar um poema que fala do êxtase proporcionado por uma encantadora visão celestial.

— A beleza é terrível por despertar o gênio? — indagou Antoine, ainda intrigado pelo poema.

— Como nos conta Homero em sua *Ilíada*, diante da Beleza os homens podem perder a razão. Não existe outra força de impacto assim tão grande na mente humana. Mais do que nos inspirar a viajar a outros mundos, a visão do belo também provoca nossos instintos mais selvagens. Ficamos fascinados. O tentador apelo da Beleza pode provocar escaramuças homéricas, como nos contam os mitos, entre eles o Julgamento de Páris. O que é a *Ilíada* senão a história da luta entre a razão e a paixão? A Origem de toda a dualidade humana? Como o Gênesis, o mito hele-nista fala de como o belo se separou da verdade e do bem, rompendo a harmonia cósmica e ge-rando o heterogêneo e o caos. A *Ilíada* é uma *psychomachiae* em que a Sabedoria e a Justiça de Atena, aliadas à Fidelidade e Persistência de Hera, triunfaram sobre a Lei da Atração de Afrodite. A ciência, a ética e a estética, juntas no mesmo mito. Existem forças mais fenomenais do que essas? Consciência, concentração e energia? A História é apenas uma batalha zoroástri-ca das deusas contra os demônios do ego. São elas, as divindades, as inspiradoras de todas as artes e toda a sabedoria, que o próprio Homero definiu em sua Odisseia como sendo o “conhe-cimento do bem e do mal”, uma vez que podem manifestar paixões terríveis. O conhecimento do bem e do mal, *mein Bub*. Uma definição muito feliz, penso eu. A escolha de Páris pode ser considerada o começo de tudo. Todas as histórias e contos de fadas nos falam das armadilhas da sedução. E isso se estende também aos mitos gregos. A Odisseia narra as atrações do mun-do ilusório de Netuno e o reencontro do arguto herói homérico com suas origens, após atravessar o oceano da ilusão para tornar a ver aquilo que lhe é mais valoroso e mais verdadeiro. É uma fantástica viagem da consciência, que nos ensina a reconhecer o essencial por trás da rea-lidade simbólica, assim como a importância de ter prioridades em nossas vidas para aprender a valorizar o que nos é realmente caro. Ulisses desfez o que começou Páris ao ser seduzido pela beleza de Helena. A religião autêntica, acredito eu, é um reencontro do herói com seu lumino-so Reino interior que é a memória, um exemplo da luz da sabedoria superando a cegueira da estupidez. Apesar das tentações não nos permitirem ver a verdadeira beleza, devemos com-preender o que nos provoca o juízo estético. Compreender, julgar e aprender. Além de inspira-dor e apaixonante, o belo deve ser justo como Atena e verdadeiro como Penélope.

— Por toda a minha vida as Musas me inspiraram apenas desespero e sonatas tristes, e *lieders* melancólicos— disse o paciente, um tanto tristonho, e suspirou. —Quantas vezes não toquei *Spiegel im Spiegel* de Arvo Pärt? Ou escutei *Ich bin der Welt abhanden gekommen* de Mah-ler? Nunca soube a diferença entre inspiração e melancolia.

— O discernimento de um indivíduo amadurece com o tempo, *mein lieber* — disse Dr. Carl e aspirou um pouco de rapé de uma caixinha retirada do bolso do jaleco. — É natural que passemos nossa juventude tomando decisões equivocadas. Não temos ainda experiência suficiente para avaliar as opções disponíveis. Somente ao envelhecer percebemos que devemos temperar tudo de maneira proporcional, ou sofreremos as consequências de nossas ações e opiniões. A verdadeira beleza é perigosa não pelo que provoca, mas por aquilo que revela, *mein Bub*. O po-eta, como um vidente, irradia o futuro no presente, como uma antena que, ao captar os sinais mais distantes, traduz e modula sua mensagem em uma música de timbre único. É o que cha-mo de sincronização, um fenômeno ligado à sensibilidade artística. Ao vibrar na mesma fre-

quência de seu tempo, um artista expressa os temores e esperanças de sua geração. Desse modo, ele consegue captar as mais finas nuances do seu tempo. Mas a mensagem traduzida nem sempre agrada a todos. A verdade nem sempre é bonita de se ver. Alguns até mesmo a acham feia. A visão do que existe de mais essencial afeta profundamente as pessoas. Ela nos força a perceber o mundo de outra maneira. E descobrir uma nova dimensão transforma nosso jeito de pensar, alterando nossa percepção da realidade. Dependendo da magnitude de nossa descoberta, ela é capaz de mudar até mesmo nossa maneira de agir. Apenas para citar um exemplo conhecido, quando Tolstói chegou aos seus sessenta anos, descobriu que vivera sua existência mundana como um niilista, como um sonâmbulo errando pela vida, até ser então despertado, como Ulisses, para o que havia de mais importante sobre a face da Terra. Sua nova fé na vida o fez renascer. O notável russo aderiu assim à resignação absoluta dos ascetas e à sua repugnância pelas tentações da carne. A beleza é terrível, *mein lieber*. Ou melhor, a beleza é imprevisível! E é justamente isso o que os versos de Rilke nos dizem: “Abra seus olhos! Abra sua mente! Você precisa mudar sua vida!”. Contudo, o homem comum (sinédoque que utilizo para me referir à maioria do contingente da raça humana) ainda não está preparado para correr esse risco. Os tempos modernos criaram um ser humano estilizado, preso a seus próprios moldes e gostos superficiais, um mero consumidor de imagens enlatadas. O *Homo aestheticus* de nosso tempo é insensível ao essencial. Ele está interessado apenas no que é valioso para o mercado, esse juiz tirânico que nos impõe seu próprio conjunto de valores sempre em renovação. A beleza mercado serve apenas para vender sabonete, margarina, shampoo ou roupas. São os profissionais da retórica atual que definem o que é bom e belo. Todos os designers, editores, fabricantes e estilistas ditam as tendências atuais. E os cidadãos, em seu anseio pela experiência, aceitarão tudo passivamente, sem refletir ou ponderar. Eles não querem correr o risco de sair de sua acomodação estética e enfrentar o desconhecido. Ou passar ainda pelo vexame de sua ignorância e aceitar o óbvio como um rei nu. Mal sabem elas que estão apenas repetindo um padrão, uma fala aprendida na televisão ou em algum texto publicitário. Mas os reconhecidos *social patterns* não possuem nada de novo. São apenas uma repetição com uma roupagem diferente. Como disse certa vez Charles Franklin Kettering: “As pessoas estão sempre muito dispostas para o novo, desde que ele tenha o mesmo aspecto do velho”. Por trás da máscara do novo, há sempre o mesmo. O ser humano comum gosta naturalmente de ser enganado. Ter mais do mesmo dá uma sensação de segurança. E satisfaz seu juízo estético pouco desenvolvido.

— Os gostos não mudam com facilidade.

— *Genau, mein Bub*. De modo similar aos genes, os gostos são transmitidos de uma geração para outra, mantendo o básico e alterando o que é acessório. Por esse motivo, os consumidores estão presos a uma espécie de eterno retorno. Iludidos por um ideal de vida baseado em modismos, dominados pelo imperativo da velocidade e das estações, eles são prisioneiros de suas expectativas, do prazer imediato, das ilusões do mercado, com suas regras e surpresas banais. Esses compradores mal-informados são insensíveis ao que é sutil demais para ser percebido. Eles ignoram que o mercado explora a riqueza do olhar infantil e sua percepção do essencial, utilizando sua ingenuidade para vender fantasias efêmeras. Imaginar a eternidade, mesmo vagamente, confunde aqueles que se satisfazem com o fugaz. A simples ideia os amedronta, deixando-os inseguros e desconfiados, pois faz com que pensem no impensável. Apesar de buscar a experiência do belo, a maioria das pessoas não consegue perceber seu sentido. A dimensão

estética do homem comum tem uma finalidade unicamente decorativa e não vai muito além das aparências. A vida para esse consumidor passivo é uma eterna busca por prazeres momentâneos e diversões repetitivas. A cada estação, contudo, sempre atrás da última novidade para satisfazer seus indolentes sentidos, esses insensíveis observadores consomem apenas decepções e enganos. Em virtude de seu gosto atrofiado, esses bárbaros cidadãos votam em políticos pouco refinados ou mesmo amorais, indivíduos bastante similares a elas mesmas, pois querem apenas desfrutar do momento sem se importar com o futuro. Por estarem presos ao conforto e às funcionalidades do seu mundo cotidiano, esses homens e mulheres comuns (denominados por Parmênides de “hordas desprovidas de julgamento”) não foram sensibilizados para apreciar a beleza. Essa é uma constatação bastante compreensível. Afinal, como você quer que um indivíduo acostumado a lidar a maior parte de seu tempo apenas com frias máquinas possa se interessar por arte ou mesmo desfrutar intimamente uma obra que necessita ser contemplada com muita atenção? Assim como os telespectadores de programas de auditório, o *commoner* quer apenas se divertir com coisas superficiais. Algo que lhe dê prazer imediato e não exija muita concentração. Sua atenção é volúvel demais para que ele se detenha em algum detalhe mais particular. Estão condenados assim a permanecerem diante de suas telas como mortos-vivos.

— Confesso ter sido um morto-vivo — disse prontamente Antoine. — Vivi no Brasil em um permanente estado de hipnose. Também fui seduzido pelas aparências. Quis ser famoso e popular. No Rio de Janeiro, sonhei até mesmo em me apresentar em um programa de auditório com meu violino. Os programas de calouros são o passatempo preferido dos brasileiros.

— Muitos ainda são seduzidos pela fama, *mein lieber*. O problema é que a glória promovida pelo mercado é ilusória. O que se vende em um programa de televisão é apenas uma falsa visão de um futuro hipotético. Ou de uma utopia, se preferir. A meu ver, esse cultivo do ilusório somente mantém esses insones mortos-vivos mais inquietos dentro de suas sepulturas sensoriais. Essa estética do supérfluo, porém, não se compara à verdadeira Beleza, com seu poder de nos emocionar e nos extasiar, incitando nosso cérebro a entrar em ressonância e a vibrar em uma frequência mais alta. O ideal estético dos gregos, dos renascentistas, dos românticos e até mesmo dos dadaístas, não está na excessiva publicidade de nosso tempo com suas modas efêmeras, ou sequer nas constantes seduções do mercado. Nas sociedades globalizadas, é necessário existir um padrão que guie o gosto coletivo, mas cada indivíduo, em contrapartida, possui seu próprio gosto estético. Os sinais da beleza física são milenares na raça humana. Cada etnia ou grupo possui os seus. Cada membro de um determinado grupo aprende a reconhecê-los desde a infância. Ainda que saibamos o que de imediato agrada nosso gosto, o verdadeiramente belo é invisível aos olhos destreinados. É preciso que aprendamos a distingui-lo em suas formas mais minuciosas e quase imperceptíveis. Esse é um fato justo e esteticamente necessário, uma vez que a frequente superexposição torna tudo banal demais para que possa ser admirado por sua qualidade ou distinção excelsa. Do mesmo modo com que um piloto de corrida não consegue desfrutar a paisagem movendo-se a duzentos quilômetros por hora, ao observarmos rapidamente as coisas não somos capazes de perceber as sutilezas. O excesso de velocidade estraga a apreciação do tênue momento do desabrochar. Por isso o belo deve ser mantido longe do olhar vulgar ou se torna banal. Quem olha com rapidez e superficialidade, sem esperar o momento certo, é incapaz de ver a beleza em seu auge. É o que já diziam os antigos taoístas há milênios: assim que a Beleza é conhecida pelo mundo como bela, ela se torna

feia.

Até esse ponto da conversa, Antoine escutava tudo interessadamente. O oportuno silêncio do médico contribuiu para que seus nebulosos pensamentos sobrevoassem um pouco o sombrio vale de suas dúvidas. Teria também ele um gosto superficial? Indagou-se ele. Nesse instante, enquanto médico e paciente estavam calados, o gato entreabriu os olhos e, sonolento, ergueu a cabeça por um instante, lançando uma mirada preguiçosa em direção aos dois interlocutores. Desinteressado pelo que viu, recostou-se novamente no tapete e voltou ao seu tranquilo sono felino. Desatento a esse gesto, Antoine estava ocupado com interesses menos mundanos. Ao pensar em sua vida, refletiu em suas tentativas de ser feliz e culpou sua falta de observação por seu desencanto com as mulheres e com o Brasil. Abriu-se ao médico e confessou ser um sujeito desiludido.

— A maioria dos meus pacientes são pessoas desiludidas, *mein Bub*. Desde crianças, elas foram forçadas pelos pais a acreditar em Papai Noel ou em outros personagens fictícios criados pelo mercado. Foram iludidas por um falso ideal de beleza herdado do grupo e, após descobrir a verdade, perceberam ter sido enganados. Indivíduos fascinados por imagens são casos perdidos. E quanto mais apaixonados estão por suas ilusões, mais decepcionados ficam.

— Sei o que está querendo dizer. Quando eu era adolescente, fui loucamente apaixonado por Sophia Loren em *Ieri, Oggi e Domani*. Ah! A inesquecível Anna... Era a mulher mais bela que já conheci. Ao vê-la pela primeira vez, meu cérebro ficou desregulado. Eu não conseguia parar de pensar nela. Até mesmo chegar a ter um sonho em que a admirava, embevecido. Minha admiração, porém, nunca foi recompensada. Descobri que, como uma personagem fictícia, ela nunca me amaria de verdade. Essa constatação me deixou mais sóbrio. Portanto, posso me considerar também um desiludido de terceiro grau, uma espécie de romântico amargurado.

— Entendo muito bem o que está dizendo, *mein Bub*. Não existe estimulante mais poderoso para a atividade cerebral do que a paixão. Os efeitos de um sistema límbico superexcitado são bem documentados pela neurociência. O cérebro de um apaixonado passa por uma incrível metamorfose durante o processo. O produto final, no entanto, nem sempre é muito agradável.

Para ilustrar seus pensamentos, Dr. Carl falou ao paciente sobre os efeitos da paixão. A princípio, explicou o médico, ao cultivar o hábito de pensar continuamente na pessoa amada, o indivíduo apaixonado adquire um desejo quase patológico de querer estar sempre ao lado do objeto de sua paixão, um fenômeno conhecido como *limerence* pelos neurocientistas (embora o diretor de Bünzgli preferisse usar o termo *monomania*). Dr. Carl explicou então a Antoine as consequências fisiológicas dessa monomania no cérebro humano. Uma vez ativado pelas emoções, continuou o médico, a hipófise e o *nucleus accumbens* liberam uma grande quantidade de substâncias químicas no sangue, afetando assim todo o organismo do sujeito e deixando-o em um estado eufórico. A partir desse instante, os pensamentos do sujeito *infatuated* não conseguem mais se aquietar, e qualquer mínimo sinal de rejeição pode converter o intenso afeto em desilusão. A aversão do objeto amado é um duro golpe para o *bewitched*. Ao sentir que está prestes a perder aquilo que mais ama, o apaixonado entra em colapso, e uma série de reações desagradáveis acontece em seu organismo. Esse é, segundo o médico, um dos estágios mais avançados da *limerence*. “É um estado temporário de loucura”, explicou Dr. Carl. “Uma vez apaixonado, o sujeito passa a sofrer de insônia, perda de apetite, melancolia e confusão. Por ter sua atividade reduzida, a amígdala e os córtices frontais e pré-frontais privam o sujeito

de sua função executiva. Seus hormônios ficam desregulados. No estágio patológico, contudo, a estimulação contínua eleva essas substâncias a um nível crítico no organismo. Uma vez afetado por essa inundação hormonal, o córtex pré-frontal se desconecta e o indivíduo é incapaz de julgar com sobriedade. Surge então o pensamento obsessivo. O sujeito não consegue pensar em outra coisa. Agindo descontrolada e desordenadamente, ele pode ficar até mesmo insano ou delirante, aprisionado pela imagem daquilo que lhe parece o mais belo e mais prazeroso no mundo, mas que, ao mesmo tempo, o faz sofrer. Ele quer satisfazer seus apetites e não é capaz. Ele quer amar, mas sofre terrivelmente ao fazê-lo. Ele quer ir atrás do que deseja, embora negue. É um cabo de guerra. Forças antagônicas agem em seu cérebro, e as consequências podem ser terríveis para um sujeito despreparado. Por isso o desiludido precisa ser tratado com muito cuidado. Seus excitados circuitos neurais ainda não estão prontos para receber o conhecimento que os iluminará e conduzirá o indivíduo à lucidez.”

— Passei algumas vezes por esse estado — disse Antoine, após um rápido suspiro. — É uma sensação horrível. Nunca pensei que sofreria tanto ao me apaixonar.

— Do ponto de vista da neurociência, *mein Bub* — disse Dr. Carl —, a paixão é apenas um distúrbio neuroquímico que envolve o *striatum* e o lobo da ínsula, com um efeito dominó em outras partes do cérebro, excitando o sistema límbico e os neurônios responsáveis pela nossa reação básica de lutar ou fugir. Dos subterrâneos da mente, os ecos chegam até seus pavimentos superiores. Uma vez superestimulado, o córtex visual ficará boa parte do tempo ocupado com imagens do objeto do desejo. Incapaz de se atentar a qualquer outra coisa exceto o ser amado, é natural que o sujeito fique um tanto obcecado no decorrer dos dias. Mas, filosoficamente falando, a paixão é mais do que um simples distúrbio mental. Ela também tem um papel iniciático. Se o sujeito consegue superar o caos que se apodera de seu ser ao ficar apaixonado, ele será capaz de dominar também todas as outras paixões. Poderá transmutar-se assim em um herói estoico. Se, por outro lado, o apaixonado sucumbe à desordem, se torna finalmente um sujeito desiludido, crendo que o amor é apenas um mal passageiro. E se, além disso, for uma pessoa muito sensível, terminará com a alma atormentada pelas más lembranças.

Essa declaração do médico estava firmemente apoiada em sua própria experiência clínica com diversos tipos de enfermos mentais. Todos os anos, Büngzli recebia dezenas de sujeitos desiludidos com o amor para integrar seu quadro de pacientes, todos eles em busca de um tratamento para suas almas adoentadas e amarguradas. Após ter examinado e tratado cada um deles, Dr. Carl conhecia bem os estragos provocados pela *limerence*. Em sua opinião, a paixão frustrada adoecia a alma, e se não fosse tratada adequadamente adoeceria também o corpo. Se não fosse pela amnésia, disse o médico, essa enfermidade anímica progrediria então a um ponto de não retorno, e os danos poderiam ser irreparáveis.

— A paixão nos dá asas — disse Dr. Carl. — Mas a queda pode ser fatal. Graças ao Mnemodetox, evitei dezenas de suicídios wertherianos e danos ao patrimônio público, provocados por sujeitos desiludidos. Com o tratamento, tanto os tipos melancólicos quanto os coléricos são beneficiados pelo esquecimento. Livre de suas memórias ruins, eles podem voltar a pensar de maneira mais produtiva.

— Sei como é — disse Antoine. — Passei anos sem produzir nada. Confesso que a desilusão me deixou um tanto prostrado. Não tinha mais ânimo para tocar o violino. E, além disso, eu me tornei um poeta sem inspiração.

— Os desiludidos, contudo, podem ser mais dramáticos do que os poetas sem sua Musa, *mein lieber*. Com o desencanto, eles se tornam insensíveis a qualquer beleza. São incapazes de apreciar o mundo à sua volta. Entretanto, quando sua sensibilidade desperta por meio da desmemóriação, acontece um fenômeno admirável. Como um míope livre de sua miopia, ele parece voltar a ver.

— Ou seja, o ser apaixonado é como o Mr. Magoo?

— A paixão muda nossa maneira de ver o mundo, *mein lieber*. Um sujeito deslumbrado é muito fácil de se iludir, *wie wir wissen*. O desejo turva sua visão e impede que ele veja o óbvio. Mas não devemos confundir ilusão com beleza. Devemos estar aptos a ver o essencial. E para isso precisamos ser treinados. Ou melhor, precisamos treinar nosso olhar.

— Não é uma contradição? Se a verdadeira beleza nos inspira a amar, não devia ser visível a todos, sem precisar de uma preparação adequada? Sem precisar de tempo?

— A beleza é somente a promessa da felicidade, como nos escreve Stendhal. O sujeito prematuro ainda não está pronto para descobrir a verdade, *mein Bub*. Mesmo a verdade do amor. Uma vez que não foi iniciado nos Mistérios de Afrodite, ele precisa passar pela saga de Psiquê antes de reencontrar Eros. Na adolescência, o amor é muitas vezes doce e também amargo se mal correspondido. Um ser despreparado para distinguir os sabores emocionais pode muito bem confundir uma simples paixão com amor e constatar que foi enganado por sua falsa convicção. Eis o perigo. Ao confundir o sensível com o insensível, corremos o risco de vulgarizar o belo. Afrodite e Atena são deusas distintas. Mas o doente do amor não sabe disso. Sempre que olhar novamente para aquilo que o apaixonou, deixará de apreciar sua verdadeira beleza, a causa primeira de qualquer atração física.

Dr. Carl demorou-se um pouco a refletir no passado. Ficou pensativo por um momento e um tanto emocionado por suas lembranças. Raramente tinha a oportunidade de reavivar sua memória. Diante desse silêncio do médico sempre tão loquaz, Antoine rememorou o que, momentos antes, o diretor, neurocientista e pesquisador dissera sobre o êxtase proporcionado pela visão da verdadeira beleza. O jovem paciente estava mais interessado nesse tema excitante do que na pretensão do médico de expandir sua consciência por meio do conhecimento histórico. Desde criança tinha curiosidade por tudo o que instigasse sua imaginação a ir além dos seus limites, encorajando-o a conhecer o *mysterium tremendum*. Quis voltar então ao assunto que mais o intrigara durante todo aquele estranho diálogo. Pensou nas palavras iniciais de Dr. Carl e lembrou o que ele falara antes sobre a iluminação de Friedrich Eichenheimer ao recitar, em êxtase, os místicos versos rilkeanos. Afinal de contas, por que o iluminado paciente recitara Rilke? Seria por algum sentimentalismo patriótico? Descobriu ele que fazia parte de uma Grande Alma? O jovem não compreendia a relação que existia entre a paixão nacional e a beleza universal. Estaria falando da paixão nacional dos brasileiros ou dos suíços? Os motivos pessoais do médico, contudo, seriam incompreensíveis para quem não era iniciado no assunto. Ao relatar o poético episódio, Dr. Carl, na verdade, pretendia não apenas justificar favoravelmente o êxtase de um fleumático maravilhado pelo efeito iluminador da amnésia, mas também a eficácia de seu método. Por outro lado, ele julgava essas ações mirabolantes como des-

necessárias, uma afirmação que seu atento paciente não compreendeu muito bem. Antoine estava, nesse instante, interessado na gênese da paixão, e sobretudo em considerações nacionalistas. Não seria a paixão nacional uma forma de êxtase coletivo? Como seria o futebol para os brasileiros, as sambistas para os cariocas e as montanhas para os suíços? Questionou-se. Antoine, porém, estava ainda mais intrigado pela reação emocional do paciente alemão e a razão pela qual escolhera aqueles versos apaixonados. Por que Rilke? Indagou uma vez mais o paciente ao seu médico, admirado por aquela surpreendente escolha (*Malte Laurids Brigge* havia sido uma das leituras mais memoráveis de sua adolescência).

— Porque Rilke é o último poeta romântico e o primeiro dos modernistas, embora não compartilhasse com eles seu experimentalismo radical — replicou o médico à pergunta do paciente. — Como os poetas modernos, Rilke esqueceu a princípio os heróis e os mitos do passado, e foi atraído pelas ideologias do início do século vinte. Mas depois de uma longa crise existencial, causada pelos horrores da guerra, ele retornou aos seus propósitos superiores. Entre esses propósitos estava alcançar a estética do vir-a-ser tão almejada pelos antigos chineses.

— Está dizendo que os modernos se afastaram do essencial?

— Desde os gregos, a estética valorizou mais o conteúdo do que a imagem. As obras de arte eram valorizadas pela harmonia entre sua forma e sua mensagem. O modernismo, no entanto, nos ensinou a amar a velocidade, a técnica, o controle e o domínio sobre a matéria, e aprendemos a desprezar o sentido. A vida para os modernistas não tinha mais sentido, como repetiram os existencialistas. O olhar poético, no entanto, está associado à contemplação, ao deixar-se fluir, ou ainda ao *panta rhei* heraclítico. É preciso apreciar o sentido. Os tempos modernos, no entanto, fizeram com que abandonássemos a atitude contemplativa em relação ao mundo, e passamos então a ver tudo com superficialidade. Somos incapazes de ir além das aparências porque esquecemos como fazê-lo. Em consequência desse esquecimento, vivemos em uma época em que nada mais eleva nosso espírito, nada nos dignifica ou nos instrui. Na era das máquinas, a poesia se tornou uma luz na escuridão. Por isso acho válido que sejamos mais otimistas. Tudo o que estou lhe dizendo é uma forma de estimular a reflexão, *mein Bub*. Assim como Rilke, estou tentando abrir seus olhos para o divino.

Até aquele momento, Antoine acompanhava tudo com interesse. Ao lado do diretor, seguindo seu passo ritmado, ele meditava em questões nunca compreendidas. Concordava com a maioria das ideias do médico. De fato, tudo não passava de uma ilusão, repetiu Antoine para si mesmo. Durante a silenciosa pausa, ele aproveitou para refletir nas palavras do médico, enquanto apreciava o montanhoso cenário pela janela do consultório. Seria tudo aquilo uma mera fantasia? Ao perceber que o olhar do paciente fitava o límpido horizonte, Dr. Carl virou-se em direção à janela. Sob seus olhares atentos, os Alpes voltaram a adquirir vida, “mergulhando suas testas na água”, como escreveu um notável autor suíço do começo do século vinte. Aquela cena era familiar a qualquer observador mais atento da passagem das estações. Com seu ar vibrante, sua amena umidade e sua agradável temperatura, a primavera emprestava à paisagem um frescor contagiante. As montanhas sorriam, frescas e radiantes. A vegetação irradiava seu verde revigorante e enternecedor. Com o bom tempo, a proximidade daqueles picos

cobertos de neve oferecia uma atmosfera mais cálida à estação. A pitoresca visão não deixou de ser, porém, uma advertência para Antoine, ao inspirar nele um certo respeito. Afinal, em outros tempos, ali existiram dragões que, como a memória do passado, renasciam ao serem lembrados e expiravam ao serem esquecidos. Esse pensamento pertencia a seu rol de questões nunca respondidas. Por que, na memória dos povos, sempre existiu a figura mitológica do dragão? O médico diria, talvez, que fosse uma ideia inata, um conhecimento a priori armazenado em um gene, apenas esperando a oportunidade de se revelar por meio de uma intuição epifânica. Para Antoine, porém, a explicação não era tão simples.

— Há tanto o que descobrir sobre a natureza — comentou Antoine, encantado pela deslumbrante vista. — Tudo ainda é um grande mistério.

— *Aber das wahre Geheimnis der Welt ist das sichtbare, nicht das Unsichtbare, mein Bub* — continuou Dr. Carl, exercitando sua língua materna. — O verdadeiro mistério está naquilo que vemos.

Aquelas palavras flutuaram como nenúfares no lago escuro da mente de Antoine. Havia alguma formosura em suas sílabas, apesar de sua austeridade. Afobado por chegar ao seu cerne, o jovem não foi capaz de conceber toda a maravilha por trás dessa linguagem abstrata e contentou-se em catar apenas os fragmentos concretos. Mas estava ansioso para juntar todas essas partes em uma síntese extraordinária do pensamento do médico, sem obviamente escapar ao seu verdadeiro sentido, como pecou em fazer Eutífron ao ser confrontado pelas constrangedoras especulações filosóficas de Sócrates (afinal, o piedoso é realmente aquele amado pelos deuses?). Por ter lido diversos livros sobre o assunto, Antoine conseguia perceber bem o teor esotérico das palavras do médico, ainda que desconhecesse a profundidade de seu impacto. Dessa maneira, escutava tudo com muita atenção, embora o socrático médico não revelasse suas reais intenções. Dr. Carl queria, de fato, mostrar ao paciente a grandeza do seu método. Para isso, o médico expôs a Antoine sua douda erudição sobre os monges medievais, dos quais estudara as obras e investigara suas mentes focadas e argutas.

— Os místicos de outrora buscavam um estado mental em que não há mais separação entre sujeito e objeto — afirmou Dr. Carl, rompendo o silêncio. — Ou seja, entre o eu e o Outro, o acima e o abaixo, o certo e o errado. Nesse estado meditativo encontra-se a verdadeira beleza, aquela de medida justa, sem excesso nem escassez. Esse é o estado tão almejado pelos poetas em sua busca pela leveza e pela distância. O que chamamos hoje de *peace of mind* era muito comum nos tempos de antanho, quando as pessoas dedicavam menos horas aos seus Handys. E o foco proporcionado por essa condição privilegiada capacitou alguns de nossos antepassados a ver além do óbvio.

Em um remoto passado, explicou Dr. Carl, os místicos hindus, entre eles os *mantradastras* (os célebres videntes dos hinos védicos) e os *rishis*, concentraram-se no Espírito e, iluminados por sua luz, transmitiram aos homens a mensagem dos Céus. Considerados poetas, taumaturgos e profetas visionários (ou clariaudientes) em seu tempo, sábios da mais alta estirpe, esses seres

conectados com o infinito revelaram a divindade aos bárbaros, provocaram a reflexão dos filósofos e sensibilizaram o gosto dos artistas. Mediante a beleza, alcançamos a verdade, reencontrando a integridade perdida da infância. Diante da visão do belo, o poeta, assim como o místico, une os opostos em si mesmo: passado e presente, criança e adulto, masculino e feminino, o sujeito que admira e o outro que é admirado. O que admiramos nos outros, admiramos em nós mesmos. A capacidade de sentir, constatar e rir nos torna mais humanos, e ao contemplar nossa própria humanidade nos completamos e nos tornamos mais íntegros.

— Como? — indagou Antoine, muito interessado em conseguir tal intento.

— Cada homem possui uma mulher dentro de si, assim como cada mulher possui um homem em seu interior. Mas eles estão separados, e é preciso reuni-los. Infelizmente poucos sabem desse fato. A neurociência divulgou ao mundo os grandes segredos do cérebro, mas não revelou o maior de todos os segredos.

— Mesmo? E você sabe qual é?

— *Na klar!* A alquimia está nos mínimos detalhes. Quando existe uma perfeita harmonia entre duas pessoas, elas se tornam tão unidas que se comportam como se fossem um só indivíduo. Nada pode separá-las. Elas se tornam o Ouro dos Filósofos e o Elixir da Longa Vida, aquilo que os magos do passado, sejam eles tântricos ou cristãos, sempre almejavam: a transformação da *prima materia* no mais puro dos metais. Esse também é o propósito da poesia. Assim como a magistral sincronia de um casal bem sintonizado, a poesia busca fundir a sensibilidade e o ritmo às palavras, mesmo esbarrando nas limitações da linguagem. Ao expor o subentendido, pesar e medir forma e conteúdo, o poeta une o sensível, o racional e o irracional por meio de metáforas, sons e imagens, dominando o ilusório, superando os limites linguísticos e alcançando a liberdade de pensamento. O que é tudo isso senão uma espécie de alquimia?

Ao escutar aquela explicação fenomenal do médico, Antoine ficou fascinado por essa poética transmutação do criador em sua própria criação, em que vida e obra se confundem e se complementam, como explicou o médico. Dr. Carl prosseguiu então seu raciocínio supernatural e citou a importância de se atingir esse estado de completa união com o cosmos. Segundo ele, a Unidade era um dos preceitos e arcanos básicos das filosofias monistas da antiguidade, muito populares entre os pensadores mais puristas como Espinosa, mas repudiadas nos séculos vindouros pelas religiões ocidentais como uma superstição pagã (ainda que o dogma católico aceitasse o número *três* como sagrado e repudiasse a feminilidade sagrada envolvida em seu simbolismo). A decepção do modernismo com sua formação católica reavivou o interesse pelos mitos e pela ciência daqueles que viveram antes de Cristo.

Em uma remota época do passado, afirmou o médico, o monismo havia sido a primeira religião dos homens. Quando as nascentes civilizações, ainda alheias aos fetiches do mundo simbólico, puseram-se a venerar a natureza, a realidade era única e perfeita. Nesse distante passa-

do da humanidade, os antigos ainda mantinham um contato estreito com os fenômenos naturais; trovões e raios eram percebidos como sinais divinos, e os eclipses eram vistos como augúrios de grandes catástrofes. A racionalidade, contudo, trouxe ao homem um certo desdém por essa ingenuidade dos primitivos. O ceticismo científico nasce dessa desconfiança insuperável. Por que devíamos acreditar em falsas histórias e explicações pouco convincentes? Indagaram-se os primeiros filósofos. E assim nasceram as crenças racionais pré-socráticas, aquelas que usavam a razão para explicar a fé e o absoluto, especulando sobre a origem do universo e sobre a natureza da mente (ou *nous*, como preferia chamar Anaxágoras). Outras ideologias viriam depois, cada uma delas interpretando a verdade segundo seus preceitos e preconceitos, elegendos super-homens para ocuparem os lugares vagos no Olimpo e novas interpretações para se adequarem ao exclusivismo humano. Essas visões exclusivistas do mundo culminariam na dualidade iluminista e posteriormente no relativismo pós-modernista. No terceiro milênio, contudo, o monismo voltaria novamente a ocupar a mente dos homens, disse o médico. “Vivendo em um mundo cada vez mais fragmentado”, salientou Dr. Carl, pensando em Friedrich Eisehnheimer. “É natural que os indivíduos desejem novamente a Unidade. Apesar dos cidadãos ignorarem a relevância da unificação das crenças, muitos estudiosos ainda acreditam na importância do Uno.” Na visão monista, acrescentou ele, o universo é um imenso e belo organismo de dimensões infinitas, um esquema cósmico regido pela Lei da Atração, onde tudo se atrai e se repele, unindo-se, interagindo gegenseitig e separando-se no devido tempo. Ou seja, tudo o que existe é uma coisa só, uma substância única, no dizer de Espinosa, aquilo que existe em si e por si, e da qual se derivam todas as realidades. O universo é o sonho de um deus adormecido, como diriam os hindus.

Abismado pelas palavras do médico, Antoine quis saber mais. Nesse instante, sua curiosidade atingira o ponto mais alto do Pilatus. Constatar que a poesia continha tantas promessas o motivou a fazer mais perguntas.

— Está dizendo que nossos mais remotos antepassados viam tudo como uma coisa só? Como um todo brilhando ao nosso redor como um milhão de sóis? — indagou Antoine, relembando a letra de *Across the Universe*.

— *Es ist wahr* — respondeu o médico. — Somos parte de um todo. Assim como os bebês, começamos nossa escalada vital em um estado primordial de mínima consciência, inseridos e acomodados no útero materno, protegidos das farpas da realidade. E somente depois vamos adquirindo aos poucos uma visão mais panorâmica, com menos opacidade e mais clareza. Mas antes que a realidade se torne mais óbvia, precisamos ver novamente o mundo como crianças. Já reparou como somos mais curiosos em idades mais tenras? O infante quer brincar com todas as coisas, descobrir como elas funcionam, explorando-as como se fizessem parte de suas fantasias. De fato, a vida começa e termina como um sonho. E eu diria mais: um sonho dentro de um sonho dentro de milhões de outros sonhos, dos quais um dia acordaremos apenas se chegarmos à iluminação, ao presenciar aquilo que os hindus chamam de *surya-koti-prakaśa*.

— Ao buscar o Uno no Múltiplo?

— *Genau* — disse o médico. — Prefiro chamar esse preceito de “Retornando ao Uno”, parafraseando Plotino, o pensador egípcio neoplatônico, herdeiro da antiga tradição filosófica grega e adepto da investigação alexandrina. Com a popularidade dos mistérios e iniciações na Antiguidade, muitos filósofos também aderiram a esse preceito, crentes na natureza oculta da verdade. Eles fizeram uma síntese entre o pitagorismo e o platonismo, mesclando os números místicos de Pitágoras ao Mundo das Formas de Platão. Estudaram os mistérios e memorizaram os arcanos, teorizando assim sobre o mundo de ideias e sua florescência terrena, crendo em uma realidade única e ao mesmo tempo dual, alternando-se como a noite e o dia, tristezas e alegrias, uma realidade repleta de múltiplas possibilidades. Esse monismo neoplatônico influenciaria os primeiros teólogos cristãos e seria a base filosófica da Primeira Patrística. Teólogos como Clemente, Tertuliano e Orígenes, não abandonaram de todo seu paganismo (motivo pelo qual a Igreja Católica deixaria mais tarde de reverenciá-los em seu calendário de santos). Para eles, as ideias pagãs e as ideias cristãs se complementavam, como o dia e a noite. Essa influência da cultura grega no cristianismo, no entanto, criará uma nova versão do monoteísmo judeu, que se aproximará, em muitos aspectos, do dualismo maniqueísta adotado pelos gnósticos, um conceito que influenciaria imensamente o pensamento agostiniano. Essa variedade dualista de transcendentalismo religioso estará presente na obra de todos os pensadores medievais, inspirados pelas ideias de Pseudo Dionísio. Ela veio engatinhando dos médio-orientais, chegando depois aos gregos, propagando-se pelos romanos e espalhando-se por todos os europeus através dos séculos, até consolidar-se com o Iluminismo. Antes mesmo de Descartes, os teólogos medievais, um tanto embriagados de aristotelismo, abririam mais tarde o caminho para uma visão dualista entre corpo e alma, entre *res extensa* e *res cogitans*. Corroborada pelo cartesianismo, essa concepção do mundo proclamava a separação entre as realidades subjetiva e objetiva. A partir desse ponto histórico, a humanidade adota o dualismo científico e deixa de engatinhar como um bebê, passando a andar com suas próprias pernas. Doze mil anos após deixar as cavernas, inventar a roda e circular por todo o mundo, nosso infante cartesiano se converterá em um adulto aborrecido, que, ao perder sua curiosidade pela realidade sensível, vê sua realidade como um estorvo e suas fantasias como importunices de seu gênio maligno.

Diante de seu atento ouvinte, Dr. Carl falou sobre o dualismo cartesiano e sua relação com o bem e o mal. Na concepção dualista, disse o médico, a realidade é terrível. O mundo material, pensavam os primeiros teólogos, não tem salvação. A realidade em que vivemos só traz sofrimento. Devemos assim procurá-la em outro mundo, diziam. Essa concepção de uma realidade indesejável e perdida surgiu com o monoteísmo ainda no tempo do cativo hebreu na Babilônia. Embora esse acontecimento histórico tenha mudado por completo a história hebraica e a confiança em seu único deus, ele serviu, por outro lado, para que os rabinos se aprofundassem ainda mais em suas escrituras para saber o que tinham feito de errado. Desde a chegada de Moisés à Terra Prometida, as doze tribos judaicas nunca foram muito unidas, e foi esse o motivo de seu desaparecimento. Sempre houve entre elas constantes conflitos e discussões sobre suas concepções religiosas, uma vez que os elementos zoroastristas do judaísmo ainda não haviam sido completamente abandonados. Após séculos de discussão e reflexão, o monoteísmo hebreu adaptou alguns traços dualistas às suas escrituras, entre elas o Torá e o Talmud, traços que serão mais tarde aperfeiçoados pelos cristãos. Essa influência dualista judaica no cristianismo surge desde os seus primórdios paulinos, quando os pagãos e judeus convertidos modelaram a nova ideologia, e culminará com as cruzadas contra os muçulmanos e a perseguição do demônio e das bruxas na Idade Média. A contradição das religiões monoteístas, com seu desdém pelas forças ocultas, possibilitou o despertar de um pensamento diabólico na cultura ocidental. O dualismo científico surgido no Iluminismo é apenas um reflexo do pensamento teo-

lógico ocidental desenvolvido na Europa medieval. Antes um reformador do que um inovador, Descartes ajudou os ocidentais a pensarem de forma mais correta, ainda que sua filosofia possuísse suas próprias contradições. Se existem duas realidades, como os homens podem agir na natureza e a natureza nos homens? Espinosa, por sua vez, não compartilhava dessa simplista forma de pensar. Essa era uma visão um tanto limitada da natureza, acreditava o filósofo holandês. Nesse ponto, disse Dr. Carl, surgem as primeiras divergências no emergente pensamento iluminista. Segundo ele, os dois filósofos possuem visões opostas, e a diferença entre elas criará um divisor de águas na filosofia ocidental. “Na Idade da Razão”, continuou ele, “Kant será assim o continuador da Reforma cartesiana, e Hegel será o defensor da visão monista de Espinosa. Enquanto Kant influenciou a ciência modernista, Hegel, com sua busca pela síntese entre os opostos, deixou para a posteridade uma esperança romântica de que somente um Espírito Absoluto traria de novo a paz ao mundo. Influenciados por essa perspectiva otimista oferecida pela Idade das Luzes, Karl Marx e Comte darão início à era das ideologias. Ao acrescentarem um componente utópico à dialética hegeliana, os marxistas sonharão com um mundo unido pela Ditadura do Proletariado, enquanto os positivistas defenderão a Ditadura da Razão com o propósito de levar Ordem e Progresso ao mundo.” Nascido como uma promessa de paz entre os homens, concluiu Dr. Carl, o monismo europeu terminou por levar ao totalitarismo e também a outras ideologias e idealismos fascistas, provando que, ao conferir um sabor ocidental ao orientalismo, os pensadores ocidentais apenas criaram quimeras abomináveis.

— Por essa razão o monismo oriental é tão diferente de sua versão ocidental, *richtig*? Menos mórbido, talvez?

— Cada cultura encara Eros e Tanatos à sua maneira, *mein lieber*, como percebeu Freud ao conceituar o princípio do prazer e o princípio da realidade. Assim como o amor, a morte sempre nos acompanhou por toda a História. Pragas, pestes e epidemias dizimaram milhões de pessoas e, sem o devido controle das autoridades, demonstraram nossa fragilidade diante do desconhecido e a vulnerabilidade dos governos autoritários e absolutistas. Na Antiguidade, nossos antepassados veneravam as forças ctônicas por conta de seu poder destruidor. Saturno e Plutão não eram apenas mitos ou planetas a serem temidos. Nem mesmo as deusas infernais eram somente sinistros fantasmas a atormentar a imaginação das pessoas em seus pesadelos. Os pagãos as reverenciavam e respeitavam, embora os cristãos as demonizassem. Ainda hoje, no entanto, os orientais aceitam os demônios como parte de nossa natureza, assim como a morte faz parte de nossas vidas. No Oriente, as pessoas possuem uma concepção diferente do outro lado da realidade. Morte e vida se complementam. Seguem, dessa maneira, o autêntico monismo, em que luz e sombra fazem parte do mesmo cosmos. De minha parte, sou um dualista não-dual, o que pode parecer uma contradição, mas não é, se pensarmos que a união de um espermatozoide e um óvulo geram um ser único. A união gera unidade. Esse é o ângulo de visão da alquimia. Como os chineses e os hindus, prefiro unir duas partes distintas em um todo coeso, fabricar ouro a partir do metal vulgar. Esse é o enfoque oriental.

— O Oriente é mesmo fascinante, *nicht wahr*? Em minha adolescência, meu sonho era viver em um *ashram*. Talvez ali eu encontrasse a paz necessária para desenvolver meus poderes psíquicos. Será que ainda existem os ginosofistas?

— Há milhares de anos, os hindus já possuíam um completo sistema filosófico que abarcava o corpo, a alma e o espírito em uma ciência psicossomática. O que os sadhus vivenciaram na Índia, com sua visão dos planos superiores, foi repassado tempos depois aos helenistas da época de Alexandre, que fizeram seu sincretismo com a magia egípcia, criando assim a primeira escola esotérica do Ocidente. Nessa escola, aprendia-se a educação do corpo e da mente, uma prática mais tarde abolida pelos cristãos, e que renderia muita dor de cabeça à Igreja e também à medicina, quando a superpopulação começou a sofrer o efeito das epidemias. Em minha opinião, um corpo mal-educado é um desperdício para a natureza. É como alguém que viveu uma existência sem ter tido nenhuma experiência realmente engrandecedora.

A maior diferença entre os ocidentais e os orientais, explicou o médico, é a incapacidade do ocidental de ver o óbvio na realidade. Para um estudioso hindu, disse ele, um pensador com excesso de peso não poderia ser considerado um bom pensador, uma vez que um condicionamento mental sano depende de um perfeito condicionamento físico. Não é possível correr uma maratona sem estar bem preparado, salientou o médico. Desde o início da civilização ocidental, os gregos louvaram a beleza física e a boa saúde como essenciais para a beleza moral, mas essa concepção mudaria radicalmente na Idade Média. Segundo Dr. Carl, os teólogos cristãos preferiam acreditar que sua heroica busca mística pelo Uno não envolvia o corpo, uma evidente demonstração de sua falta de clareza e perspicácia. Na opinião do médico, concordando com Hegel, a História nunca se mostra por completo a não ser no futuro, quando o saber se tornará um dia universal, de modo que os homens do presente, assim como os homens do passado, estão condenados a fazer especulações vazias a respeito do porvir, apegando-se a ideias que serão, mais tarde, ultrapassadas. Para o homem moderno, continuou ele, o fato de nossos antepassados ignorarem a obviedade do corpo (e às vezes sua obesidade, salientou o médico) era uma boa prova de que estavam cegos pelo espírito de seu tempo.

Como adendo à sua explicação, Dr. Carl contou então a história de um jovem paciente suíço, que se hospedara em Bünzli alguns meses antes. Maxime Binggeli (assim se chamava) era um homem desalentado e incrédulo com a medicina, após ter passado décadas sofrendo com sua inquietude mental. Portador de uma terrível melancolia, ele chegou à clínica com graves problemas emocionais. Por dois anos, após consultar diversos especialistas em distintas cidades suíças, ele utilizou praticamente toda a lista de farmacopéticos recomendados pelos psiquiatras (inclusive os experimentais) sem que melhorasse seu humor de morto-vivo. Considerava-se um melancólico incurável. Descrente em qualquer cura, Maxime sentia-se preocupado e desesperado. Para trabalhar, recorria a um coquetel de medicamentos que apenas agravavam seu estado e o fazia escrever poemas tristes durante seu ofício de redator em uma agência de publicidade. Após viver alguns anos em *Zombieland*, ele decidiu, enfim, pela desmemoriação. Em seu primeiro dia em Bünzli, Dr. Carl o examinou atentamente, constatou alarmado sua deplorável condição neuropsíquica e marcou uma sessão para o dia seguinte. Vira muitos casos como aquele antes, em sua clínica, e recomendou a Maxime Binggeli uma desmemoriação total de suas más lembranças. A sessão inicial de Mnemodetox funcionou otimamente bem sobre o humor do jovem, e seus efeitos o surpreenderam bastante, dando-lhe um novo alento e reanimando-o. Pela primeira vez, depois de anos, Binggeli conseguira dormir sem sua medicação. Passaria dias maravilhosos desfrutando a serenidade de Bünzli e seus passeios peripatéticos com Dr. Carl. Com isso, deixou de uma só vez todos os farmacopéticos e também seus

livros existencialistas. Queria agora encontrar um sentido para sua vida. Viver apenas para satisfazer seus apetites era desfrutar de uma existência inútil, concluiu ele. O suíço constatara que os existencialistas estavam errados. Assim como Cioran, Binggeli também se cansara de seu próprio ceticismo. Precisamos encontrar um sentido, acreditava ele. Ou não valeria a pena viver. O médico tentou convencê-lo então a fazer uma viagem ao Oriente, mas Maxime relutou. Segundo Dr. Carl, ele estava bem e poderia ir para casa a hora que quisesse. Estava perfeitamente sano agora, confirmou. Mas o jovem queria ir além desse benfazejo efeito preliminar do tratamento e expressou ao médico seu desejo de se submeter a uma segunda sessão de Mnemodetox. Após refletir um pouco, o especialista concordou. Afinal de contas, o máximo de ruim que poderia acontecer ao paciente era um êxtase ou uma enxaqueca.

A segunda sessão foi ainda mais profunda do que a primeira. Durante duas horas, as sinapses do sistema límbico de Binggeli foram repolarizadas e sua memória, livre dos entulhos encefálicos, rejuvenesceu com a neurogênese decorrente da desintoxicação. Por meio do processo de poda sináptica, suas conexões inativas foram removidas e a organização de seu cérebro foi alterada, mediante a transformação de sua neuroplasticidade. Quando terminou o procedimento, o desacordado jovem foi levado até o jardim e deixado sozinho, sentado em um banco de madeira, sob a observação de um enfermeiro. Mais consciente, após ser desmemoriado, Maxime Binggeli viu-se em uma desconhecida dimensão do espaço-tempo, em um estado mental radiante e celestial. Observou tudo com curiosidade, maravilhou-se com detalhes nunca percebidos e, perplexo, se reconheceu no olhar dos outros pacientes. Olhou para si mesmo, para suas mãos, para seus braços, bateu seu rosto e seu nariz, pegou em seu cabelo. Aquele era ele, de verdade! Um homem de carne e osso, como todos os outros homens vivos. Não era mais um *zombie*. Mirou então as pessoas ao seu redor com novos olhos. E gostou do que viu. Naquele instante, cada uma delas era como uma mãe ou um pai para ele. Ao perceberem sua perplexidade, eles o olharam amistosamente e sorriram. Essa hospitalidade comoveu Maxime. Ficou exultante. Queria abraçar a todos e saber como estavam, queria compartilhar com eles sua alegria. Aproximou-se de um idoso interno e fez várias perguntas a ele, procurando escutá-lo com calma e atenção. O sexagenário brasileiro disse ao jovem colega que havia sido um funcionário público aposentado no Brasil e vivera por muitos anos no Rio de Janeiro. O suíço ficou curioso para saber mais detalhes e o idoso senhor não se intimidou. Maxime escutou atenciosamente o fatigado senhor contar que ser funcionário público no Brasil era um lento e penoso suicídio. Havia passado boa parte de sua vida convivendo com a corrupção e a decadência humana, confessou o brasileiro, sofrendo ainda as consequências das más decisões políticas, sem poder falar nada ou expressar sua indignação, e tudo aquilo fez dele um morto-vivo. Estava na Suíça, concluiu ele, para ver se reencontrava sua identidade perdida. Comovido pela triste história contada pelo idoso senhor, o renascido suíço sensibilizou-se e, aconchegando-se ao seu lado, o abraçou. O sofrimento dos brasileiros despertou sua enferrujada empatia. Quis ouvir também outros internos ali presentes, um por um. À medida que os ouvia, alegrava-se ainda mais. Maxime passou a gostar de cada um deles, sem distinção de nacionalidade, classe ou etnia. Afinal, todos eles eram de carne e osso como ele. Todos eram irmãos! Surpreendeu-se o jovem, diante dessa constatação. A cada história que ouvia, a cada comoção, a cada abraço, sentia-se mais humano. Ao voltar a amar as pessoas, Maxime Binggeli admitiu para si mesmo que sua vida havia mudado e começou a chorar desconsoladamente como uma criança. Por anos, constatou o jovem suíço, ele havia levado a vida apenas como um jogo e percebera agora que havia passado toda sua existência se intoxicando de alimentos com pesticidas, *fast food* tóxico, radiação eletromagnética e todo tipo de toxinas (inclusive propaganda invasiva e conteúdo obsceno). Decidiu assim abandonar a sociedade. Não queria mais continuar vivendo daquela maneira

fraudulenta e artificial, onde enganava a si próprio o tempo todo ao acreditar que a felicidade estava em viver como um apático *i-zombie*, incapaz de decidir qualquer coisa por conta própria. Ouvira o médico lhe falar dos gregos, para quem não havia distinção entre os bons e os bravos. Os covardes não possuem energia para ousar ou tomar decisões importantes, dizia ele. Somente os corajosos podem viver plenamente. Esse pensamento enobreceu o espírito do suíço. De volta para casa, após receber alta de seu médico e deixar Lucerna, Maxime manteve sua firme resolução e eliminou todas as suas dezenas de contas nas redes sociais, seu blog e sua página de psiconauta, onde trocava suas experiências farmacêuticas com outros melancólicos. Quis até mesmo cancelar sua conta de correio eletrônico, mas refletiu melhor e preferiu não se exceder (era ali, pensou ele, onde recebia todas as faturas de seu cartão crédito e a conta do telefone). Por fim, jogou seu Handy e seu computador no lixo. Depois de toda essa limpeza eletrônica, respirou um pouco mais aliviado, mas, uma vez sozinho em sua imensa sala de estar, sentado de pernas cruzadas em seu tapete circular, Maxime sentiu-se envergonhado. Por que tanto radicalismo? Por que tanto ódio e revolta? Indagou-se ele. *Schließlich*, o que as pessoas tinham a ver com o mal que fizera a si mesmo? Mais sábio e refletido (e menos esquizoide, frenético e enlouquecido), ele percebeu que não precisava ser tão radical dessa maneira. Não era necessário se isolar da sociedade para se desintoxicar, ponderou Maxime. Bastava ele mesmo parar de usar toxinas e se intoxicar com lixo eletrônico, constatou ele, arrependido. Comprou um Handy novo, fez outra conta nas redes sociais e desculpou-se então aos amigos por ter ficado temporariamente amalucado. Precisava se livrar do excesso, disse ele. Poucos, porém, compreenderam seu gesto. No entanto, passou a utilizar sua conta nas redes sociais com mais parcimônia. Entrava apenas uma vez por mês, e mesmo assim apenas por alguns minutos. Deixou também de assistir a seriados no canal de vídeo por assinatura e passou a ler mais livros. Resolveu fazer uma dieta natural, evitando os alimentos tóxicos e industrializados, evitou o consumo cultural excessivo (inclusive de propaganda), e adotou, com isso, um estilo de vida minimalista. Doou grande parte de suas roupas, muitas das quais não usava há anos, leiloou boa parte de seus móveis e eletroeletrônicos, vendeu seu espelho de dois metros quadrados, trocou a cama Queen Size por uma cama de solteiro e, após se desfazer de seu sofá de quatro lugares, mudou-se para um apartamento menor. Além disso, Maxime decidiu também mudar de vez seus hábitos perniciosos, tais como assistir a vídeos populares, enviar mensagens a toda hora para os grupos dos quais participava e postar bobagens apenas para ser adulado pelas pessoas. Iniciou assim um diário escrito a lápis, onde escrevia poeminhas absurdos e fazia desenhos humorísticos. Por meio de mensagens, Binggeli perguntava com mais frequência como estavam seus amigos e passou a praticar exercícios físicos diariamente, e com isso encontrou tempo para dormir melhor e refletir sobre tudo o que aprendera da tóxica sociedade pós-industrial em que vivia. Aos poucos, descobriu um propósito para seus dias e seguiu finalmente uma direção existencial. O suíço tirou férias sabáticas de seu emprego de publicitário, viajou o mundo, trabalhou como voluntário em países de alto risco humanitário e até mesmo morou em uma favela no Rio de Janeiro, em uma das visitas que fez ao Brasil para ajudar a limpar o lixo das praias. Um ano depois de ter deixado Bünzli, ainda feliz da vida, Maxime Binggeli enviou da África uma carta escrita a mão para seu médico, agradecendo-lhe por ter mudado para sempre sua triste existência.

— A revolução dos costumes nos anos 60 e 70 do século vinte — disse Dr. Carl —, com seu romantismo *kitsch* e sua rebeldia recreativa, foi uma demonstração que o homem comum conscientizou-se da importância de se unir corpo e alma, sem a necessidade dos dogmas restritivos de um Superego institucional. *Turn on, tune in, drop out*, pregavam os hippies naqueles anos paranoicos da Guerra Fria. Os jovens daquela época queriam realmente mudar o mundo com

seus cabelos compridos e seu comportamento dionisíaco, um estilo de vida que levaria os sujeitos esquizoides a extremos cruéis. Mas a extravagância não leva à liberdade. É uma pena que os excessos da geração *hippie* tornaram essa obviedade tão banal e tão mesquinha. As gerações posteriores nos mostraram que essa revolta de homens e mulheres contra seus próprios pais apenas ajudaram a bilionária indústria farmacêutica alternativa a tornar seu paradisíaco sonho de paz e amor em um pesadelo, um pesadelo vivido em um mundo violento e cada vez mais desumano. Ou seja, a revolta dos filhos contra sua tradição familiar é apenas a repetição de um ciclo mercadológico. A indústria sempre soube utilizar o *Zeitgeist* a seu favor. Novos negócios surgem com as novas tendências, crescem até a estratosfera e depois explodem como uma bolha. Os jovens de hoje serão os pais do futuro, e um dia a revolta de seus futuros filhos e netos será vista como uma imitação de sua própria revolta. As gerações seguintes irão se comparar com um mundo cada vez mais feio e triste, e vão culpar seus antecessores por essa amarga herança. Esse é o script de nossos tempos. As novas gerações desprezam as velhas gerações pelas suas excentricidades passadas e ao mesmo tempo criam novas bizarrices. Velhas crenças dão lugar a novas tentações. O que sobrou do retorno ao Uno dos hippies senão uma grande ressaca após os excessos dos festivais e orgias? O que restou das iluminações dos místicos medievais e pós-modernos? Diante de nosso pessimismo, os teólogos da Idade Média teriam dito que não somos tão livres quanto pensamos, e nem tão inteligentes e evoluídos. Nosso corpo ainda é um grande mistério, tanto agora quanto foi no passado. Somos sexualmente mais informados, mas afetivamente mais tolos. Sem as iniciações necessárias, os jovens sofrerão as consequências de sua desorientação em um mundo cada vez mais confuso. Todo ser humano é único de corpo e alma, e nosso destino é uma esfinge que nenhum Édipo científico conseguiu decifrar até agora. Por isso coube aos neurocientistas, como sucessores dos psicanalistas na investigação da alma humana, dizer o que ainda nos falta para sermos felizes.

— E o que nos falta? — indagou Antoine, exibindo um interesse redobrado na possível resposta.

As dúvidas de Antoine eram autênticas. No Rio de Janeiro, ele havia passado tanto tempo distraído que nunca procurou sanar suas perpétuas incertezas. Com sua vinda para Bünzli, Antoine mudou por completo sua perspectiva da realidade. No Brasil, mesmo que não se lembrasse muito bem, ele vivia ao sabor dos ventos. Como todos os brasileiros, Antoine desdenhava a palavra *felicidade*. Todas as canções de amor referiam-se a ela, ainda que fossem um tanto pessimistas e parecessem mais lamentações do que hinos à alegria. É impossível ser feliz sozinho, repetia ele. Mas o jovem não pensava mais assim. Para Antoine agora, a felicidade existia apenas nas canções românticas. Em um mundo fragmentário, concluiu, todos sobrevivem como podem, cada um por si e contra Deus. A negatividade de seus pensamentos pessimistas desanimou Antoine, impedindo-o de encontrar o sonhado futuro ao lado de sua amada, como tantas vezes fantasiara em seus momentos mais inspirados. Por esses melancólicos motivos, Antoine estava agora imensamente curioso para saber o que faltava para as pessoas serem realmente felizes.

— Nada nos falta, *mein lieber* — disse Dr. Carl. — Se existe saúde, conhecimento e segurança, temos tudo o que é necessário para sermos felizes. Paradoxalmente, a insatisfação faz parte de nossas vidas. O maior empecilho à nossa satisfação são nossas próprias expectativas. Quere-

mos que tudo seja exatamente como imaginamos. Esse é o maior problema da felicidade. No momento em que a buscamos, esquecemos de nós mesmos. Sempre que corremos atrás de algo positivo, estamos sendo negativos. A partir do momento em que negamos algo, dissuadindo-nos de que não é bom, e surgem assim as diferenças. Dessa forma, aquilo que é vago passa a ser claro. Ao comer o fruto proibido e despertar sua inteligência sensível, Eva percebeu a realidade de maneira objetiva. Essa é uma das ações mais importantes do ser humano. Ver o mundo como ele é. Perceber o sensível nos diferenciou do restante dos animais, possibilitando nossa evolução intelectual e também artística. Essa nova visão do mundo, porém, cooperou paradoxalmente para criarmos mais ilusões e símbolos. Deixamos assim o deslumbramento com a realidade objetiva e nos acomodamos à nossa realidade simbólica. Passamos a viver assim em um mundo da fantasia. Nossa liberdade paradisíaca termina onde começa a realidade. Onde existem limites, no entanto, não podemos aprofundar nossas consciências. Após experimentarem o fruto do conhecimento, os pais da humanidade mudaram sua percepção da realidade, não gostaram do que viram e se decepcionaram amargamente. Essa desilusão fez com que eles adotassem novos modelos do que era certo ou errado. Ao aludir às sombras na caverna de nossa sensibilidade, Platão expõe nossa incapacidade de se aprofundar nas diferenças aparentes. Essa constatação marca o início da tradição metafísica, uma tradição que, no transcurso dos milênios, se tornaria cada vez mais cega à diferença ontológica, aquela que procura distinguir as essências sem o auxílio das ilusões das formas. Cada corpo é diferente de outro corpo, sobretudo em seu grau de saciedade. Alguns se satisfazem somente com muito, outros com muito menos. Cada mente é única. Para um neurocientista, essa é uma afirmação óbvia. Nunca existirão duas mentes iguais. Grande parte da humanidade, no entanto, ainda crê apenas em aparências, uma vez que os ritos iniciáticos desapareceram e não fomos ensinados a ver a realidade como é de fato, sem máscaras e sem ilusões. O problema é que quando percebemos as diferenças aparentes deixamos de observar as diferenças essenciais, e assim surgem as dualidades. E com elas a confusão. Ao diferenciar luz e sombras, o mestre ateniense iniciou os jovens de sua época nos mistérios da filosofia e pavimentou o caminho para o antropocentrismo renascentista que levaria mais tarde a uma profunda crise ambiental nos revolucionários séculos industriais e tecnológicos. Ao adotar a Razão como guia, a humanidade deixou de perceber o que significa ser humano. Aprendemos, porém, que não estamos sozinhos no mundo, e alguns até mesmo creem que a raça humana não está sozinha no universo. Ao expandirmos nosso conhecimento, nos aproximamos de um Saber absoluto e descobrimos que, atentando-nos ao diferente, não existe apenas o consciente e aquilo que está presente, mas também aquilo que não está presente, ou não é percebido. Talvez por isso, ao lamentar nossa solidão, ficamos tão preocupados. Qual é, afinal, nosso papel nesse gigantesco esquema cósmico? Nosso antropocentrismo é intolerável. Todo o sistema solar, concluíram erroneamente os cientistas, é um conjunto de gases, fusões nucleares, poeira estelar, sóis e planetas, em que não há nenhum sinal de vida inteligente. É o que todos pensam. Nós, terrestres, acreditamos assim que a vida é apenas biológica. Nunca nos atentamos que a Grande Ausência à nossa volta é o Cosmos, porque não podemos olhar além da escuridão das noites estreladas e ver, como Platão, mundos povoados de ideias por toda parte ou escutar a música das esferas. O diferente está nos animais, nas plantas, nas montanhas, na Terra, e também nos sóis e planetas, e até mesmo nas galáxias. O diferente está também em nós, ainda que não o percebamos. Não estamos sozinhos nessa imensidão cósmica como sempre imaginamos. Essa falta de visão holística impediu que fôssemos mais felizes no passado. Por conta dessa miopia de nossos ancestrais, alguns indivíduos, mais esclarecidos e precavidos do que a maioria, creem que somente poderemos ser felizes um dia se abrirmos nossa mente para a infinita possibilidade do Outro, aceitando que as dualidades só nos trouxeram infelicidade e admitindo que precisamos recuperar nossa integridade perdida. O monismo converteu-se então no novo propósito do sujeito pós-

moderno, esse habitante de um mundo desintegrado que nunca lhe deu oportunidade de conhecer seus mistérios. Esperançosos, os monistas ainda almejam a reunião do homem com o universo por meio da superconsciência, embora os meios sejam duvidosos. Esse intento, porém, oculta um problema subjacente a toda busca. A partir do instante em que buscamos um ideal, ele nos escapa. Assim com a felicidade, sempre que queremos alguma coisa com insistência, estamos sendo negativos. Cada coisa tem seu tempo. Estamos à mercê das eternas convoluções da Fortuna, e devemos saber esperar a sorte nos sorrir. Uma vez que estamos em perpétua transformação, as oportunidades surgem para todos.

— Mas o que há de errado em buscar a reunião cósmica? Em sermos completos?

— A física nos ensina que o positivo e o negativo se intercambiam todo o tempo, da mesma forma com que elétrons ora se movem como partículas, ora se movem como ondas. É muito raro, na natureza, duas forças se coligarem por muito tempo. Após nos reunirmos, seremos de novo separados. Ao fim da gestação, o bebê precisa vir ao mundo. É inevitável. Mas essa esperança da união cósmica sempre comoverá o coração dos otimistas. Com a influência monista, surgiram diversas ideologias que procuraram repudiar a dualidade cartesiana, entre elas o ambientalismo radical que imperou no início do século vinte, proclamando que somente o Uno salva. Esse repúdio aos cartesianos apenas trouxe mais desunião. No entanto, como fizeram as religiões monoteístas no passado, ao negarmos a dualidade estamos negando também as diferenças, e nos afastamos ainda mais dos outros. Sabemos hoje que as ideologias totalitaristas causaram mais estragos do que progresso. A felicidade não vem da negação, *mein Bub*, mas da aceitação. Devemos aceitar o negativo para sermos mais positivos. Somente ao aceitar o mal (e perdoá-lo) uma reconciliação é possível.

Com essas palavras, Dr. Carl praticamente resumiu toda a sua filosofia para Antoine. Por ter mudado suas concepções eurocêntricas durante sua longa permanência no Oriente, o médico tornou-se um homem decepcionado com as conquistas da Razão, apesar de admirar pessoas razoáveis e racionais. Ainda assim ele aceitava a irracionalidade e o absurdo da vida por acreditar que somente mediante a aceitação do negativo é possível trazer a felicidade aos seus pacientes. Para esse nobre intuito, pensava Dr. Carl, era necessário amestrar suas mentes, equilibrando seus hemisférios cerebrais. Seu método focava-se assim em expandir a consciência de todos aqueles seres distraídos, frustrados, mal-amados e um tanto perversos. O médico aceitava suas manias e os incentivava a exprimi-las da melhor maneira possível, utilizando a dança e a poesia. Para ele, havia uma positividade intuitiva na expressão do negativo. Embora acreditasse em anjos, deusas e demônios, Dr. Carl era um homem sóbrio em relação à realidade de sua clínica. Não procurava iludir seus pacientes com histórias e fantasias positivistas, mas apenas fazê-los aceitar a negatividade do mundo, principalmente aquela resultante da tecnologia. “Apesar de seus perigos, devemos aceitar a tecnologia”, dizia ele. “Mesmo com todos os seus problemas e suas tentações não podemos condená-la. Ela é apenas uma evolução da inteligência humana, mesmo que de maneira negativa. Por toda a história surgiram diversos movimentos negacionistas. Do *advaita* hindu, passando pelo idealismo alemão e o fascismo e ao logocentrismo, até chegar à *deep ecology*, os pensadores negaram o sobrenatural, a natureza, o corpo, o inconsciente, o estrangeiro, os índios e os negros, as mulheres, o dualismo e a civilização. Até mesmo a metafísica, da qual se originou a própria filosofia, foi negada e condenada

em nome de um naturalismo extremista. Essa condenação da barbárie, da civilização e da metafísica pelas pessoas esclarecidas gerou um pernicioso tribalismo primitivo, que rejeita a visão de que todos possuem direitos iguais, mesmo os vegetais, as cochonilhas e os fungos.”

De fato, ao versar sobre os estragos provocados pelos movimentos de negação, Dr. Carl falava com conhecimento de causa. Ele vivera intensamente a febre New Age do final do segundo milênio, com seus melancólicos *muzaks* e seus entusiasmados psiconautas, suas práticas de yôga terapêutico e suas obsessões cosméticas com o corpo, ao qual buscavam manter sempre higienizado, abstando-se de comer carne animal ou comida industrializada, e praticando uma rígida dieta alimentar, enquanto cultivavam uma indulgente liberdade sexual cantando *Revolution* dos Beatles. Apreciadores de filosofia oriental, ervas e fungos, eles abdicaram de sua tradição familiar e passaram a seguir costumes aos quais nunca se adaptavam, buscando assim criar seus próprios métodos. Em sua adolescência, o futuro médico testemunhou ainda a invasão de academias de yôga, dos instrutores de tai chi chuan e tantra de sabor ocidental, com seus deslumbrados frequentadores e admiradores de *batik*, *reiki*, e ainda os seguidores de gurus milionários e dietistas. Em certa ocasião, participou até mesmo do *Om* comunal em um Rainbow Gathering realizado em Ticino. Nessa época, as seitas e crenças religiosas sincréticas multiplicavam-se por toda parte da Europa e América. Com elas surgiram os oportunistas e os gananciosos. Diversos guias e mestres enriqueceram às custas de seus discípulos, aproveitando-se de suas credices e ilusões. Ao chegar ao topo do Zigurate do Ego, esses falsos mestres viravam profetas messiânicos, prometendo conduzir seu público a uma viagem cósmica até a Nave-mãe para levá-los de volta a Nibiru. Com suas novas doutrinas, esses guias excêntricos julgavam ensinar seus discípulos a maneira correta de viver, fazendo-os crer na emergência de uma nova era e prescrevendo receitas espirituais tão distintas quanto tomar beberagens, suar bastante, meditar com cristais e *dreamcatchers*, ou se abster dos prazeres mundanos e entregar-se às suas fantasias. Esses profetas amestravam seus seguidores ensinando-os a evitar o consumo de combustível fóssil para não emitir carbono na atmosfera e o consumo de carne animal para evitar a destruição da Amazônia, buscando ainda diminuir a poluição mental do planeta, ao afirmar que assim eles estariam protegidos das más vibrações ambientais e da negatividade das classes menos favorecidas, ao se refugiarem em suas torres de marfim. Visando capturar a atenção de seus espectadores, discípulos e telespectadores, muitos desses oportunistas fizeram previsões absurdas como o fim do mundo no calendário Maia, a Segunda Vinda do Salvador e até mesmo o retorno dos extraterrestres. Todos eles, no entanto, fracassaram em sua clarividência positivista. Enquanto se distanciavam da base da pirâmide, em seu esforço para atingir seu cume, seus seguidores constataram que viviam mais uma Ilusão Coletiva e se desiludiram amargamente com seus falsos mestres e gurus. Um belo dia, o sonho acabou. Com a passagem do milênio, eles venderiam seus *cannabis shops* e seus cafés, cookies e fungos psicodélicos, seus estúdios de yôga, seus restaurantes de comida orgânica e comprariam passagens aéreas só de ida para a França (seguindo um destino diferente de seus predecessores hippies, que preferiam passar o resto de seus dias aos pés do Himalaia ou em alguma praia do Havaí, Bali ou Bahia), buscando assim esquecer seus sonhos infrutíferos e suas desilusões desfrutando uma epicurista boa vida antes do inevitável fim. Apesar de ter sido influenciado culturalmente pela *X generation*, Dr. Carl decidiu, por sua vez, ser mais que um simples profeta. Ele ainda acreditava na eficácia da esquecida ciência da Antiguidade (e em sua lucratividade). Herdara o experimentalismo e a curiosidade de sua geração, mas tornara-se, com o tempo, um homem prático.

— Está tudo mais claro agora — comentou Antoine, após um longo suspiro. — Compreendo a melancolia dos antigos. Sem saúde, é impossível ser feliz. Você está certo. O corpo nem sempre foi tão óbvio como é hoje.

— O corpo sempre foi óbvio, *mein lieber*, como tentaram nos mostrar os adamistas, os cátaros e alguns suíços adeptos do nudismo a céu aberto, ao buscarmos resgatar o estilo de vida dos gregos antigos. O problema é que as palavras das autoridades sempre guiaram nosso ponto de vista. O transcorrer dos séculos e o descrédito nas religiões não mudou muita coisa. Aceitamos melhor a nudez agora do que nossos antepassados, ainda que o cidadão nunca tenha se acostumado com ela ao vivo e a cores nas ruas. Mas não podemos esquecer que os pagãos viam o corpo de maneira diferente dos cristãos. O Carnaval é uma prova disso. Tive a oportunidade de conhecer a Bahia no mês de fevereiro e posso dizer que os antigos não estranhariam o paganismo dos brasileiros.

— Entendo o que quer dizer. Os antigos pareciam mais felizes do que nós com suas orgias babilônicas, egípcias, dionisíacas e vaticanas. Eles viviam em uma época em que a nudez não era um tabu. Hoje, quando os suíços tiram a roupa em público, estão demonstrando que nossa civilização chegou ao lamentável ponto de se envergonhar de seu próprio corpo. Mas não estão muito afastados dos homens da Idade Média, acredito eu.

— *Vielleicht*. Nosso *Homo religiosus* medieval preferia a punição ao prazer por achar que seria recompensado em outra vida. Como sabe, o autoflagelo foi uma invenção cristã. A salvação exigia o arrependimento, e esse, por sua vez, exigia a vergonha. Os ocidentais demorariam séculos para voltar a encarar a nudez como algo natural, mas até hoje certos cavalheiros ainda se incomodam em ver o corpo feminino da maneira que veio ao mundo. Em alguns lugares, tirar a roupa em público é considerado uma demonstração de algum transtorno mental, ainda que em outros seja apenas considerado arte ruim.

— Nesse ponto os antigos eram um tanto estranhos. É verdade que, no século dezenove, as mulheres não deviam mostrar os tornozelos?

— Os antigos não viam o óbvio com bons olhos. Até hoje os árabes ainda ficam contrariados ao ver uma mulher muito bonita de rosto descoberto ou um homem de cabelos compridos. Às vezes, aquilo que escapa aos padrões morais de uma cultura também pode agredir tanto a visão quanto o gosto.

— Quer dizer que os medievais nunca imaginaram estar diante do divino ao presenciarem o corpo nu? Que absurdo! — interrompeu Antoine. — Teria imaginado Botticelli as consequências de se expor a beleza da Vênus?

— O que não fomos ensinados a ver não existe, *mein lieber*. É aquilo que eu chamo de Paradig-

ma do Óbvio — replicou Dr. Carl. — Alguns teólogos da Antiguidade, entre eles Agostinho, tinham uma visão deturpada do corpo (apesar do santo de Hipona concordar com Platão que os sentidos, assim como o intelecto, são fontes de sabedoria). Na Idade Média, tanto a saúde do corpo quanto aquilo que as pessoas faziam com ele era considerado de interesse da Igreja. Para esses teólogos, a saúde física era mais um problema do que uma solução, e levantava questões controversas em um mundo de pessoas famintas por um lado e luxuriosas por outro. De que modo as pessoas podem salvar suas almas se estão presas aos seus instintos e apetites? Perguntavam-se eles, diante de uma incontornável aporia. Até pouco tempo atrás essa questão foi uma grande incógnita para a Igreja. Como reunir os fiéis sem lhes dar nada em troca? Indagavam-se os sacerdotes. Dois mil anos depois nada mudou. Atualmente as pessoas precisam cada vez mais de prazer e satisfação material, e os antigos métodos de controle (excomunhão, penitências forçadas e punições galileanas) não impedem que o indivíduo moderno procure viver à sua maneira, compensando as loucuras do mundo com sua própria loucura. Mas como lidar com um público de milhões de fiéis indisciplinados? Antigamente era mais fácil impor restrições ao que se podia fazer com seu próprio corpo, inclusive exibi-lo ou não. A solução mais fácil encontrada pelos sacerdotes foi proibir o que pensavam ser um atentado ao pudor. A chegada da modernidade mostrou que as normas da Igrejas ficaram obsoletas. Os artistas modernos criaram seus próprios limites. Os hipsters foram ainda mais além. Era proibido proibir. A miopia dos antigos religiosos os impedia de ver não apenas sua própria nudez, mas aquilo que existe de mais óbvio. Ou seja, somos animais divinos: temos uma parte animal e uma parte celestial, que, unidas, formam nossa animalidade sagrada. Somos *body and soul*. E não podemos negar isso.

O médico verificou então seu relógio de pulso e, despertado por algum súbito pensamento, resolveu encerrar sua palestra com Antoine. Desculpou-se ao jovem por ter que se retirar, explicando que precisava atender outro paciente. Embora um tanto desapontado pelo repentino fim da conversa, Antoine logo conformou-se com a interrupção e acompanhou o médico até o corredor principal da clínica. Ali, no hall de entrada, Dr. Carl disse aguardá-lo no dia seguinte para uma nova conversa e despediu-se de seu paciente.

Ainda embevecido pela recente palestra, Antoine observou o médico se afastar em direção ao seu consultório, deixando-o pensativo a ver navios e cruzeiros intergalácticos. Ficou a sonhar por algum tempo. Em sua privacidade, Antoine tinha a mania de fantasiar as mais deslumbrantes abstrações, ainda mais se despertassem sua incontrolável imaginação e seu flexível sistema simbólico. Então não podemos negar o corpo? Um tanto cético, o jovem ainda tinha dúvidas a serem esclarecidas. A indagação ganharia aos poucos mais volume e forma, e se juntaria ao seu rol das questões não respondidas (desde criança, existiam dezenas delas anotadas em um amarelado caderninho de estudante). De fato, Dr. Carl o incomodava com seus profundos questionamentos. Suas palestras despertaram algumas velhas questões da época de sua adolescência, o que não deixava de incomodá-lo. Gostou, no entanto, de saber que seu médico nutria uma especial predileção por memorizar versos. Fez renascer assim seu interesse pela arte poética. Lembrou-se que possuía uma coleção da *Mini Library of Poetry in English* em seu Handy, com quinhentos volumes de diversos poetas e períodos, e decidiu que era hora de apreciá-los um a um.

A partir daquele dia, inspirado pelos versos de Rilke, Antoine começou a ler mais poesia. Com o intuito de apreciar a sensível disposição de um poema, observando sua métrica e sua justa proporção, levou adiante a recomendação médica de que medir troqueus e anapestos como uma forma de treinar a paciência e aperfeiçoar o controle mental. O exercício foi produtivo. Em algumas horas passou os olhos por todos os gêneros de poesia, de Catulo até John Donne, mas seus poemas eróticos logo o distraíram de seu propósito, e ele abandonou sua biblioteca de literatura inglesa e retornou então aos provençais. Ali redescobriu sua Musa. Saboreou nesses versos a presença dos mais sutis movimentos da natureza e seus sentimentos correlatos.

*Quan chai la fuelha
dels aussors entressims
el freg s'erguelha
don seca 'l vais e'l vims,
del dous refrims
vei sordezir la bruelha:
mais ieu sui prims
d'Amor qui que s'en tuelha*

*Tot quan es gela,
mas ieu no puese frezir
qu'amors novela
mi fa'l cor reverdir*

Quando cai a folha
dos mais altos cimos,
e o frio se agrava
aviltando o avelã e o salgueiro,
de seus doces gorjeios
vejo silenciar o bosque:
mas eu permaneço perto do Amor
quem quer que o abandone

Tudo está gelado
mas não consigo congelar

pois um caso de amor

faz de novo meu coração bater mais forte

Uma vez lidos os galantes versos provençais do *miglior fabbro del parlar materno*, Antoine relembrou uma de suas paixões de adolescente, um caso passageiro mas intenso de seu tempo de estudante. Como Arnaut Daniel, o jovem se sentia um tanto nostálgico. Essa era uma lembrança ruim ainda não removida pela amnésia autobiográfica do Dr. Carl. Havia na amarga reminiscência algo de insuperável (e a amnésia programada ainda não conseguira removê-la). Por mais que desejasse, não conseguia resistir àquela repentina lembrança. Mesmo que o motivo de seu *puppy love* fosse apenas uma estudante ginásial, todo o mundo de Antoine ruiu ao conhecê-la. Em seu ponto de vista mais maduro, a experiência foi aquilo que mais se aproximara de uma visão da verdadeira beleza e, ao mesmo tempo, de uma experiência infernal. Sentiu-se assim um tanto melancólico diante dessa remota recordação. Pousou seu livro de poesia no peito e contemplou o teto do quarto por um bom instante para sua viagem no tempo.

Antoine conhecera Melinda no *Gymnasium*, numa época de sua vida em que o amor era algo ainda misterioso e assustador; uma palavra muito reconhecida nos romances e novelas, encontrada com frequência por ele ao folhear Arnaut Daniel, Dante, Ludovico Ariosto, Pierre de Ronsard, Shakespeare e outros imortais, lidos durante suas visitas à biblioteca, ainda que, na prática, ele soubesse muito pouco desse sentimento tão querido pelos poetas. A romântica palavra estava por toda parte: nos livros, nos filmes e nos seriados, mas Antoine não captara seu real significado até experimentar uma *teen infatuation* por uma estudante suíça. Embora passados tantos anos, ele nunca descobriu o que tanto o atraía naquela garota de feições graves e expressão enigmática. Talvez imaginasse que, por usar óculos, ela era mais inteligente do que todas as outras meninas da sua turma (ou até mesmo mais interessante). Por vê-la passar mais tempo na companhia dos livros do que nos pequenos grupos de estudantes, Antoine imaginava que Melinda fosse talvez mais sensível do que suas risonhas e pueris colegas de classe, mais interessadas em fofocas e bobagens do que em histórias. E assim, quando se via sozinho a cultivar sua imaginação sentimental, o jovem estudante pronunciava o nome de sua amada como faria um apatetado Humbert Humbert ao soletrar o nome de Lolita: devagar e amorosamente. “Me-lin-da”, repetia ele, exercitando a língua no céu da boca. Fantasiando o amor de modo tão nobre e exaltado, ele se sentia em um *princedom by the sea*. Confiante e pleno de expectativas, o estudante esperava sua chance de se ver a sós com o objeto de seu romantismo pós-moder-no, a mulher dos seus sonhos adolescentes. A oportunidade, porém, não tardou muito.

Certa manhã, Antoine encontrou Melinda na biblioteca, sentada ao redor de uma mesa redonda, mergulhada profundamente na leitura da autodestrutiva biografia da trágica e bela Edie Sedgwick. Diante daquela terna cena, Antoine oscilou entre a indecisão e o arrebatamento, refletindo se devia ou não se juntar à colega, nutrindo ao mesmo tempo temor, desejo e ânsia. Titubeou por vários segundos em silêncio, preterindo qualquer avanço, até que seu apaixonado ardor venceu finalmente sua insegurança. Dirigindo-se então à mesa onde estava Melinda, o acanhado estudante pediu licença para se sentar e recebeu dela um indiferente aceno de cabeça. O silencioso gesto foi tudo o que aconteceria entre os dois durante todo aquele encontro casual. Todo o tempo em que ficou sentado ao lado de sua grande inspiração do momento, o jovem não conseguiu lhe endereçar nenhuma palavra (e nem mesmo ousou balbuciar alguma

tolice). Nunca imaginou que uma simples atração por uma garota fosse lhe causar tanta aflição e desejo, ou mesmo constrangimento e sofreguidão. Ali diante de sua musa, intimidado e inibido, ele não sabia o que falar ou o que comentar, e também não se atrevia a interrompê-la em sua empolgante leitura. Ele folheava desatentamente sua revista de ficção científica russa novecentista, passando as páginas com displicência, um olho no livro e outro em Melinda. A cada página que virava, controlava-se para não encarar a dona daquele rosto compenetrado. Totalmente concentrada em seu livro, a estudante nem mesmo percebeu a presença e o flagrante desconforto de Antoine, um sinal facilmente captado pelos sentidos femininos mais antenados. Imersa em uma paisagem de parágrafos e letras, navegando por páginas e histórias, ela nem sequer deu uma ligeira olhadela para o lado ou mesmo ajeitou os óculos no nariz, sem romper sua fixidez do relato que recheava as folhas de seu livro. Naquele instante, ao perceber que Melinda não notaria sua presença, Antoine sentiu-se a pessoa mais ignorada de toda a Terra. De uma hora para outra, todo seu ardor juvenil se esfriou e sua passiva admiração pela amada desmanchou-se como cubos de gelo expostos ao sol.

Nos dias seguintes, as flores, o céu e as montanhas perderam o brilho e encanto para Antoine. A deslumbrante paisagem suíça tão apreciada por ele perdeu seus atrativos. Após a desilusão com Melinda, suas expectativas amorosas esmaeceram abruptamente, e ele deixou, enfim, de ser um *beta orbiter* para voltar ao seu mundo distante em outra galáxia. O episódio lhe serviu de lição.

Anos depois, ao desconfiar que Melinda possuía um leve autismo, Antoine entendeu que tudo não passara de um *faux pas*, uma desencanto passageiro, e que sua imaginação lhe pregara mais uma de suas enganosas e costumeiras peças. Ao relembra sua paixão juvenil, descobriu também o significado da palavra *desilusão*, uma emoção pouco encontrada fora dos livros de Henry James (um autor que ele ainda desconhecia). Com a passagem dos anos e das décadas, no entanto, esse primeiro desencanto seria substituído mais tarde por um estranho distanciamento, embora pouco se lembrasse desse episódio de sua adolescência. A recordação daquela garota desligada, porém, nunca seria esquecida e encontrava-se agora em sua lista nada pequena de más lembranças a serem removidas pelas futuras sessões de Mnemodetox. Por ter sido sua primeira decepção amorosa, o ocorrido foi tratado de maneira sentimental e reverente. No triste dia de sua desilusão estudantil, Antoine escrevera na contracapa de seu caderno um trecho de um poema de James Joyce:

Welladay! Welladay!

For the winds of May!

Love is unhappy when love is away!

Ai! Ai!

Para os ventos de Maio!

Infeliz é o amor quando o amor se vai!

Após lembrar seu primeiro fracasso sentimental, Antoine despertou de suas amargas divagações e retornou sua atenção ao presente. À sua frente, Anne comia despreocupadamente o pedaço da torta presenteada. Constatou que agora, passado tantos anos depois de conhecer Melinda, ele descobrira alguns truques efetivos para chamar a atenção das mulheres. Só não desconfiava que um artifício tão bobo quanto uma torta de maçã fosse tão efetivo nesse caso. Para ele um prato bonito e saboroso não era propriamente uma visão da beleza.

O excelente apetite de Anne deixou Antoine um tanto encabulado. “Como ela consegue comer algo que tem um efeito tão nocivo à saúde psicossomática e ao espírito?” O jovem observou a cena um tanto acabrunhado. Aquela constatação lhe trouxe lembranças sem qualquer ternura. Doces, afinal, haviam sido um problema regular para Antoine desde sua infância, quando ele, ainda um desajeitado garoto, costumava preocupar seus pais com suas indigestões e seu mal-estar habitual ao comer o que não lhe apetecia, mesmo ao provar um simples sorvete de baunilha. Sua débil fisiologia foi motivo de diversas idas ao médico da família, que, nessas ocasiões, sempre lhe recomendava um laxativo para a dispepsia. Além da alimentação, as emoções foram também um problema para Antoine por boa parte de sua vida, com as quais nunca convivera bem. Essa desarmonia entre corpo e mente muitas vezes lhe tirou o sono.

Em sua adolescência, a insônia fez com que se sentisse um zumbi inquieto e insatisfeito, comprovando a máxima platônica de que, ansiosos, somos seres das sombras e escravos de nossos apetites. Existiria mesmo uma estreita relação entre o fisiológico e o emocional como pregavam os chineses? Seria a doença apenas um desequilíbrio entre o Yin e o Yang, entre nossa satisfação ao comer doces e nossa consciência do que é proibido? Relembrando agora a conversa com seu médico, Antoine sentiu uma certa vergonha por ter ignorado seu próprio corpo por tanto tempo. Ao descobrir, ainda em sua adolescência, que tinha um humor de montanha-russa, ele decidiu dedicar mais tempo ao seu físico e à sua alma. Como um ser das profundezas, ele precisava se aprofundar em si mesmo. Que outra coisa um sujeito emotivo podia fazer além de se emocionar? A música foi a maneira que encontrou para expressar suas emoções adormecidas e melhorar seu *bad mood*. Quando começou a trabalhar na orquestra, no entanto, suas longas audições melômanas e suas constantes viagens o tornaram um tanto preguiçoso, e ele negligenciou seu físico de nadador. Mas a alma, como explicou Dr. Carl, não podia ser separada do seu par biofísico. “Na degustação e no amor, é preciso que corpo e alma estejam unidos”, costumava dizer o médico. “Satisfeito o corpo, satisfeita também a alma. E vice-versa. *Mens sana in corpore sano!*”. As palavras do especialista da mente humana ressoaram com força nos sensíveis pensamentos de Antoine. “É verdade. Corpo e alma devem estar unidos e satisfeitos”, rememorou Antoine, intimamente. A frase havia soado um tanto magistral quando o médico a pronunciara, e agora, tomado de um súbito clarão de consciência, o jovem paciente tornou subitamente a si.

Perturbado pelo suave ruído dos talheres ao seu redor, Antoine voltou seus olhos para Anne. Indiferente ao que se passava na alma de seu novo colega, ela comia com gosto. Para um observador distante, a cena era enternecedora e, ao mesmo tempo, curiosa. Anne mastigava sua porção com ternura, aparentemente deliciada com a torta que recebeu de presente. Não era todo dia que recebia uma *double portion* de carboidratos (monossacarídeos e dissacarídeos). Mas havia algo de infantil em sua degustação. Anne parecia seguir cegamente um velho hábito.

Havia um automatismo em tudo aquilo. Comer chocolate era um ritual familiar para ela. Durante toda sua vida, a jovem jamais perdera uma oportunidade de comer algo que adoçasse um pouco mais sua aborrecida existência na Suíça. Mergulhada em um oceano de sensações, Anne desligou-se por um ínterim de sua aborrecida realidade. Nesse instante, veio à mente de Antoine a imagem de Melinda lendo concentradamente seu livro, e ele pensou no que seu médico havia lhe falado sobre os níveis de atenção.

Por ter passado anos alheio à realidade, Antoine era capaz de se manter bastante tempo em um estado de alta receptividade. Reconhecia com facilidade que nem todas as pessoas possuíam a mesma atenção plena que ele. Em sua fase iludida, Antoine buscava se fixar naquilo que o seduzia. Mas nada agora exercia nele um poder hipnótico. Nem sobremesas, nem doces e nem as princesas. “Seria ele o último romântico?” Indagou-se Antoine, agora desperto de suas incontroláveis confabulações digressivas. Melancólicos são tipos facilmente *distráveis*, e Antoine não se furtava àquela categoria. Em sua abstração ainda ecoavam as palavras do médico sobre anjos, sobre Rilke e sobre a beleza divina. Havia sido uma verdadeira iniciação! Pensou Antoine, admirado.

De volta à realidade do refeitório, Antoine observou tudo com um ar distraído. À sua frente, Anne apenas comia sua torta de maçã, completamente alheia às elucubrações de seu companheiro de mesa. Pensativo, Antoine a observou saborear outra porção, deliciada. Concentrada de corpo e alma em provar a magnífica guloseima, Anne nem mesmo se importou com a longa pausa na conversação. Antoine, por sua vez, esforçou-se em lembrar onde eles haviam parado. Coçando levemente a têmpora direita, procurou relembrar algo muito importante. Do que falavam mesmo? Pensou e repensou, até que, enfim, se recordou da pergunta feita um pouco antes por Anne. O que um violinista gostaria de esquecer? Era uma questão usual. E seu teor era realmente razoável. Somente existimos quando nos situamos em um palco, concluiu ele. “As pessoas se situam no tempo de acordo com seus papéis e máscaras. É uma estratégia necessária para preservar sua autoimagem”, refletiu ele. “Minha existência foi uma mudança de estações. Saí da primavera diretamente para o inverno. Fui do céu ao inferno com apenas uma passagem de avião. Eu era um violinista e agora sou um desmemoriado”, pensou Antoine. Pela primeira vez desde que conhecera Anne, Antoine sentiu por ela uma genuína ternura.

O que um violinista gostaria de esquecer, afinal? No refeitório, agora mais vazio (alguns pacientes haviam deixado o recinto e dispersaram-se pela clínica), a pergunta ressoou novamente nos pensamentos do jovem paciente, despertando-o de suas divagadoras lembranças. Ainda ruminando o relato do médico, ele sentiu-se incapaz de responder a essa questão com a devida agilidade e presteza. Imersa em sua experiência gustativa, Anne não reparou no íntimo dilema de seu companheiro de mesa. Suspirando profundamente, Antoine voltou-se então para as largas janelas envidraçadas do refeitório e deixou sua alma retornar ao presente.

— Você quer saber o que um violinista gostaria de esquecer? — indagou Antoine.

— *N’a pas d’importance* — disse ela, após terminar sua mastigação. — Você nem mesmo deve

se lembrar do que tem para esquecer. Também não me importo de saber. Perguntei apenas por curiosidade.

O desinteresse de Anne, contudo, deixou Antoine intrigado. Falar de sua própria biografia não era o assunto preferido para uma conversa não trivial (toda a vida, ele sempre se sentiu *like a rolling stone*), mas ainda assim seria uma maneira de avaliar melhor sua absorta interlocutora. Se Anne fosse um tipo melancólico como ele, talvez ela demonstrasse alguma condescendência por sua combalida alma. Quem sabe ela fosse mais empática ao conhecer melhor sua vasta variedade de estados mentais e emocionais dispersa por uma extensa gama de escalas pianísticas (utilizando aqui uma analogia musical). O *daemon* musical de Antoine, contudo, era um tanto caótico. Suas músicas favoritas variavam da psicodelia mais agressiva até a calmaria do rock sueco, do experimentalismo do krautrock dos Shocking Seventies até a surf music; escutava o folk de Bob Dylan, o herói supremo dos hipsters (*Jokerman* era uma das músicas favoritas do jovem violinista, depois de *Gotta Serve Somebody* da trilogia da fase cristã do reconhecido cantor folk americano) e o funk de James Brown, passando pelas variações eruditas de *Sfærernes musik* (ou Música das Esferas) de Rued Langgaard até as *Oceanides* de Sibelius, além de Stockhausen, Xenákis, Cage, Messiaen, jazz do pós-guerra novecentista, Penguin Orchestra, Philip Glass, as islandesas do Amiina e os intermezzos psicogeográficos de Brian Eno. Por conta desse gosto musical eclético era difícil descrever exatamente o que se passava na alma do jovem musicista. As emoções de Antoine seguiam os embalos de uma *playlist* esquizofrênica, e sua melomania refletia seus infinitos estados de espírito e de humor. Talvez por esse motivo nunca tenha sido bem-sucedido como músico. Era difícil para ele se fixar em um único gênero. Estava descobrindo ainda o que realmente era valioso.

— Para falar a verdade, eu não queria ter sido um violinista — confessou Antoine.

Anne ouviu a declaração sem qualquer surpresa. Mais um desiludido com a Arte? Indagou-se ela, especulativa. Antoine tentou relembrar o motivo pelo qual se tornara músico, ainda em sua tenra adolescência. Em suas crises, costumava passar horas pensando no assunto. Antes de se decidir por uma profissão, ele optou apenas por unir o útil ao agradável e se esqueceu de que havia um fosso intransponível entre gostar de tocar um instrumento e ser um músico profissional. Para o jovem músico, o violino era mais do que um simples passatempo e convertera-se em uma extensão do seu corpo. Criara uma relação tão íntima com seu instrumento que julgou vibrar em uma escala diferente dos outros seres humanos. Julgou também que seria incompreendido por conta dessas peculiaridades e adquiriu uma certa timidez no contato com as pessoas. Procurou, no entanto, superar essas limitações com a própria música. Ficou surpreso consigo mesmo quando passou em um processo seletivo para preencher uma vaga de violinista em uma orquestra. Pela primeira vez, ao tocar com outros músicos, Antoine acreditou que era uma pessoa realmente importante. Sentiu-se um iniciado. Mas um acontecimento sentimental tratou de mudar essa opinião.

A princípio, Antoine devotava um irrestrito respeito ao seu trabalho como violinista e tinha um zelo pela rotina de ensaios e viagens, acompanhando a orquestra pela Alemanha, Suíça, Liechtenstein e países vizinhos. Durante todo o ano, Antoine seguia uma agenda repleta de festi-

vais de música erudita e apresentações pela Europa, apreciadas tanto pelos melômanos quanto pelos promotores de eventos em que os músicos com frequência eram chamados para se apresentar. Em um destes festivais, em Interlaken, o jovem violinista conheceu a grande paixão de sua vida, um caso passageiro e rápido (durou, afinal, apenas um dia) que marcaria sua carreira como músico, uma cantora lírica que lhe deixou amargas lembranças.

Apesar de Antoine pouco se recordar de seu rosto ou de sua voz, a cantora havia afetado enormemente o rumo de sua juventude. Conhecida em um *perfect day*, essa nova e efêmera paixão inflamou os desejos do violinista, embora a experiência não tenha tido um final feliz. Antoine agiu como aprendera nos livros e declarou-se à jovem com um vigor intimidante. A cantora recebeu suas palavras com precaução e não se comoveu com as declarações do brasileiro. “Você não pode me amar”, disse ela, ao perceber as pretensões do rapaz. “*Du kennst mich nicht!* Você nem ao menos me conhece!”. “*Ich liebe dich und das ist alles*”, respondeu Antoine. “Amo-te exatamente porque não te conheço”. “Isso não é amor”, respondeu a garota ao seu *cocicombical* pretendente e, levantando-se do banco da estação ferroviária, segurou a alça de sua bagagem de mão e se afastou em direção ao trem que a aguardava. Observando-a na janela enquanto o vagão se afastava, Antoine ainda mandou um beijo melancólico. Ela podia ser insensível ao seu amor, pensou o jovem, mas ele nunca renegaria seus próprios sentimentos. Essa indiferença frustrou, enfim, as fantasiosas expectativas de Antoine, assim como seu desejo de amar e ser amado. Foi como ser sacudido de um profundo sono.

Diante dessa recusa da cantora, a autoconfiança de Antoine foi gravemente abalada. Sentiu que algo se despedaçara dentro dele. Perdeu assim o interesse por tudo. O fracasso amoroso o deixou tão arrasado que, durante várias semanas, derrotado por sua frustração, ele não conseguiria sair de casa nem mesmo para ir à padaria da esquina. Antoine passava seus dias na cama, mirando o teto com um ar melancólico, até perceber a gravidade de seu estado. Ao notar sua ausência dos ensaios, o maestro telefonou diversas vezes para o violinista, e o convenceu a procurar ajuda. Por recomendação médica, Antoine foi obrigado a se afastar da orquestra por um breve período de tempo, até melhorar seu melancólico estado mental.

Naqueles dias tortuosos, atormentado pela desilusão e pelo desgosto, Antoine esqueceu-se completamente do violino, dos ensaios, do mundo exterior, das musas e do macrocosmo. Tomado de uma tristeza tão profunda, nem mesmo a natação o animava. Viajou pela Suíça, aproveitou para nadar em diversos lagos, desfrutando a natureza e a paz das montanhas, sem conseguir se livrar de sua persistente melancolia. Passaria noites em claro remoendo suas mágoas, imerso em atormentados pensamentos. Contudo, após se recuperar desse resfriado da alma, mudou sua perspectiva existencial. Ao fim de sua licença médica, retornou aos ensaios e à rotina de trabalho na orquestra, mas nada mais seria como antes. Desmotivado e sem inspiração, ele não tocava com a mesma empolgação do início de sua carreira de violinista, quando era capaz de se exercitar por longas horas em seu instrumento, treinando exaustivamente uma peça difícil e complexa, em busca de uma execução quase perfeita de um concerto para violino. Agora seu entusiasmo pela música fenecera drasticamente. Todo aquele exaustivo esforço de ensaios e viagens apenas o esgotava. Mais do que as apresentações com a orquestra, Antoine preferia as horas livres, desfrutando o lazer e o ócio, longe dos penosos concertos. Nesse momento de quietude, ele distraía-se a escutar o que, de fato, agradava ao seu gosto musical. Em seu

Handy havia todos os gêneros de música, desde pré-rock de raiz, passando pelo rock clássico, progressivo, punk e pós-punk, até o gélido pós-rock. Mesmo sendo um músico profissional, Antoine nunca fez distinções exclusivistas sobre o que devia ou não escutar. Em sua mente, a música profana e a música erudita eram dois mundos que se complementavam com harmonia. A delicadeza das melodias instrumentais casava-se perfeitamente com a cacofonia das canções populares. Mas os tênues limites entre essas duas esferas musicais desapareceram quando o violinista resolveu seguir carreira solo e dar um rumo diferente à sua vida.

Embora a resolução de abandonar a orquestra tenha sido uma decisão muito pensada, a falta de motivação foi a grande responsável por Antoine perder seu lugar na orquestra. Ao escutar o músico verbalizar sua intenção de deixar o grupo, o maestro não ficou nada surpreso (e tampouco seus colegas, embora alguns deles tenham acatado com alívio essa resolução). Após acertar as contas, Antoine despediu-se de todos e seguiu sua vida. Demoraria algumas semanas para digerir sua nova situação. No decorrer do tempo, entretanto, conformado com o afastamento, traçou o rumo que tomaria como músico independente. Precisava agora ser mais ou menos. Estava, portanto, na hora de despertar sua adormecida criatividade. Em sua nova fase, Antoine enveredou por outros caminhos musicais. Queria agora tocar por conta própria, fazer suas próprias composições e (quem sabe?) ser bem acolhido pelo público.

Nos primeiros dias de sua nova liberdade, sentiu-se inseguro e um tanto arrependido. Era preciso agora se acostumar à rotina de homem livre. Seu plano, a princípio, era desfrutar o novo status, recarregar suas baterias e estar pronto para a próxima etapa. Planejou passar algumas semanas em Barcelona, mas pensou nos bárbaros turistas e nos assaltos, e desistiu. Com mais tempo à sua disposição, o jovem músico dedicou-se totalmente à sua inspiradora musa sonora, exibindo seus talentos como violinista nos grupos que o convidavam para fazer participações especiais em pequenos festivais em Lausanne, Friburgo e até mesmo em Genebra. Mais inspirado, seu estilo de tocar ganhou uma suavidade apelativa própria de um cantor pop. E a mudança lhe trouxe também popularidade. Apesar de nunca ter esquecido sua frustração amorosa, ele atirou-se às turnês pela Europa como uma forma de distrair sua mente da lembrança da única mulher por quem se apaixonou de verdade. A nova agenda de shows mantinha Antoine bastante ocupado e bem longe do seu antigo eu. Além de conviver com os tipos mais excepcionais e extraordinários, as viagens lhe trouxeram ainda algumas surpresas.

Certa vez, em um festival em Montreux, enquanto aguardava nos bastidores de um concerto sua vez de tocar, Antoine encontrou-se lado a lado com um músico suíço de ascendência egípcia, um tecladista de formação clássica. Patetik Motriz (como se apresentou ele a Antoine) era um músico veterano que participara de alguns grupos famosos no passado, quando os hipsters ainda não eram dinossauros. Como Antoine, ele tocava de tudo. Além de jazz, exercia seu talento em diversos outros estilos, até mesmo bossa-nova. Um pouco antes, ele se apresentara no palco, encerrado sua *jam session* com grande ovação. O violinista adorou sua performance e seu carisma. No intervalo para o próximo show jazzístico, Antoine e Patetik Motriz trocaram suas impressões e pontos de vista sobre as outras apresentações daquela noite no festival, e também sobre o tamanho da plateia e sobre a recepção do público, compartilhando ainda suas preferências musicais (ambos gostavam de John Coltrane e Panderecki). O suíço, um viajante inveterado, simpatizou-se de imediato com o jovem, sobretudo ao saber que An-

toine era brasileiro. Acometido de uma súbita e irresistível nostalgia, o tecladista contou ao jovem violinista uma parte da história de sua agitada e extravagante existência pelo mundo.

Em sua juventude, Patetik Motriz passara pelas mais inusitadas ocupações: havia sido cozinheiro de uma escola pública em Llanabba, mordomo em Blandings Castle, piloto de monomotor no Afeganistão, vendedor de tapetes persas no Grand Bazar, promotor de safáris na Disneylândia e fotógrafo no mercado Tsukisuji em Tóquio, além de ter vivido em Hong Kong, Líbano, Cairo, Marrocos e outros lugares da África e do Oriente Próximo. Enquanto viajava pelo mundo e exercia seus *moonlights*, o jovem *trotamundos* confraternizava com músicos locais em animadas *jam sessions*, pagando-lhes um almoço a cada gravação (nessa época tão liberal, Motriz não tinha preocupações com royalties ou questões contratuais). Nessas *jams* o músico coletava sons, timbres, ritmos, harmonias, estilos e inspirações para produzir seu próprio *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (ou seu *Pet Sounds*). Graças a esse contato com gente de todas as partes do globo terrestre, Patetik Motriz considerava-se um músico universal, um artista planetário, para quem as fronteiras físicas não existiam, e as fronteiras simbólicas eram meros aborrecimentos. “Em toda minha carreira, a música foi meu visto de trabalho. Com ela não existe desigualdade entre os homens. A música traça caminhos mágicos através de territórios inexplorados da arte e vai além dos acentos e maneirismos nacionais. Viajei todo esse planeta e posso afirmar: somos todos uma grande família”, costumava dizer ele. Motriz contou a Antoine sobre suas viagens pela África para pesquisar material para seu próximo álbum e fez seu ouvinte imaginá-lo tocando marimba em uma tribo isolada no meio da savana africana. Narrou histórias engraçadas sobre os hábitos das diversas culturas que conheceu e relatou algumas de seus fiascos e atentados às etiquetas locais. A conversa se estendeu um pouco mais a partir do momento que Patetik falou de suas aventuras na América. A parte mais interessante e fabulosa desses relatos (e que muito encantou Antoine) foi a época em que o músico viveu no Rio de Janeiro, ocasião em que adotaria o notório ocularcentrismo dos cariocas.

As peripécias de Patetik pela América começaram pelo lugar mais propício de todos. Em uma de suas viagens tropicais ao Brasil, nos *Happy Years*, o suíço apaixonara-se pelos encantos das desinibidas garotas de Ipanema (e até mesmo se casaria com um delas em uma cerimônia hippie neopagã na França) e também pela música nativa, arrebatado por seu ritmo e colorido sonoro, chegando mais tarde a gravar um álbum com um grupo de percussionistas da cidade-símbolo do Carnaval. Maravilhado pela Cidade Maravilhosa, Patetik decidiu passar algum tempo no Brasil, e sua esposa brasileira fez questão de levá-lo para conhecer os pais e se aprofundar nos mistérios de seu país a fim de desfrutar outras delícias tropicais além da prestigiosa feijoada carioca. No Rio, o músico suíço foi recebido como uma estrela pop de primeira grandeza. Cercado de admiradores, perseguido pela imprensa, pelos hippies mais elitizados e pelas tietes, sua divindade manifestou-se olímpicamente. Após se hospedar algumas semanas no Copacabana Palace, Patetik Motriz instalou-se com seu piano de cauda em um casarão em São Conrado com uma vista quase suíça da Baía da Guanabara. No alto de seu zigurate, o suíço sentiu-se como se pertencesse à família real inglesa ou mesmo ao panteão dos grandes astros da música. Sua fama rodou os meios artísticos de limusine. Ávidos de estrelismo e glamour hippie, todos queriam conhecer seu trabalho. Na capital carioca, Motriz conviveu intensamente com a cena musical da cidade, conhecendo diversos músicos e artistas. Durante um show em um festival na paradisíaca Região dos Lagos, assistiu com a esposa à apresentação de um quinteto que fugia um pouco à irrelevância geral das bandas brasileiras. Encantado pela desco-

berta, decidiu empresariar aqueles jovens músicos, almejando assim montar um supergrupo, com o qual pretendia excursionar pelo mundo. O experimento, porém, revelou-se um completo fracasso.

No primeiro encontro com os músicos, Patetik imaginou altos voos para a nova banda. Seduzidos pela promessa dos altos cachês dos shows internacionais, o quinteto enxergou no músico suíço um meio de satisfazer suas próprias expectativas profissionais. Queriam ser famosos e mostrar seu trabalho pelas *ramblas* do planeta. Patetik Motriz, entretanto, era um artista exigente demais para os padrões cariocas. No estúdio montado em sua mansão em São Conrado, ele exigia nada mais do que a perfeição dos músicos. A seriedade de seus ensaios, porém, contrastava com o jeito praiano dos brasileiros, que começaram a tocar juntos apenas por diversão. Como músicos, eles eram extremamente indisciplinados e não possuíam conhecimento básico de ritmo e harmonia tradicional, jazzística ou moderna (e nem sequer tinham ouvido falar de Paul Hindemith ou Schönberg). Em pouco tempo, o *band leader* estava servindo de professor para aqueles garotos sem formação musical, e eles aprenderam aceitar seus métodos tão logo perceberam a seriedade com que conduzia os ensaios. Ainda no primeiro ensaio de estúdio, Patetik ganhou o apelido de *Swiss Dude*, mas o suíço pouco se importou com essa demonstração de intimidade. O importante é que eles aprendessem bem suas músicas, ensaiando-as até nos mínimos detalhes (e sem erros). A conversão da banda em um grupo de estudo, no entanto, não agradou a todos. As intermináveis *jams* e o duro sacerdócio dos ensaios diários apenas despertou a impaciência daqueles inquietos brasileiros.

Ao fim de três meses de uma intensa maratona musical, insatisfeito com o rumo tomado pela banda, o guitarrista declarou que tudo aquilo era um tédio, despertando então a rivalidade de Patetik. O clima negativo entre o astro e o *guitar man* deixou o baterista furioso. Conhecido por suas *amoks* temperamentais, o baterista da banda perdeu a paciência. Estava de “saco cheio” daquela situação, ejaculou ele durante um ensaio. Se queria diversão por que não ia à praia? Bradou o baterista ao guitarrista, desafiador. Os músicos trocaram palavras de baixo calão e todos concordaram que o rebelde integrante devia levar os ensaios da banda mais a sério. Após essa discussão, no entanto, o irritado guitarrista decidiu deixar o grupo e seguir carreira solo. Patetik respirou aliviado com essa saída.

Com a deserção do opositor, o músico suíço sentiu que o ânimo dos brasileiros ficou um pouco mais acirrado após o triste episódio. Talvez agora, pensou Patetik Motriz, eles levariam os ensaios mais a sério. Mal desconfiava ele que se tornaria a próxima vítima. Certo dia, depois de um ensaio, os músicos se reuniram com o tecladista e mentor para conversar de assuntos menos artísticos. Desgostosos, eles reclamaram das despesas com alimentação e transporte (um deles morava em Jacarepaguá), e também da falta de uma agenda de shows. Queixaram-se ainda mais dos longos e infrutíferos ensaios. Estavam cansados de tocar sem prazer. E, para piorar as coisas, os membros da banda ainda exigiam que Patetik pagasse suas contas no bar da esquina. Afrontado por essas exigências, o suíço se revoltou com os músicos. Como podiam tratá-lo assim, depois de tudo o que fizera por eles? E ficaria ainda mais vexado ao constatar que sua esposa brasileira também estava do lado da banda (sobretudo do baterista). Diante desse motim, o capitão pronunciou-se com amargura. Não havia muito tempo, expressou Patetik Motriz, percebeu que os músicos estavam querendo se aproveitar dele. E verbalizou tam-

bém outras suspeitas. Há algum tempo desconfiava que o baterista da banda e sua esposa brasileira tinham um caso. Acusou assim sua esposa de traí-lo com um reles baterista e (apontando o dedo para o amante) falou com desprezo de seu modo de tocar. Nunca vira um músico tão sem ritmo, declarou o suíço. Desabafando suas mágoas, Motriz disse não suportar mais um minuto aquela constrangedora situação (sem falar do crítico estado de suas finanças). “Então é assim que vocês tratam os *gringos*? Nós lhe ensinamos a tocar direito e vocês nos respondem com grosserias?”, queixou-se ele. Nesse momento, sentindo-se esnobado pelo severo instrutor musical, o baterista teve um severo *temper tantrum* e, furioso, resolveu expulsar o *gringo* do seu deslumbrante casarão. Para piorar as coisas, a esposa de Patetik apoiou a banda contra todas as desgostosas ejaculações verbais do marido, e pediu que ele se retirasse de sua casa. A discussão chegou assim ao seu clímax mais perverso. Patetik Motriz estava pasmo. Mas o que podia fazer o suíço contra dois amantes e uma banda de músicos insatisfeitos senão protestar? Trocaram entre si palavras de baixo calão e xingamentos, e os brasileiros ameaçaram jogá-lo morro abaixo. Motriz ficou atemorizado. Não coube outra saída ao desapontado suíço. Apesar de achar tudo aquilo muito patético, ele deixou sua própria casa (e seu piano de cauda), e desceu até a praia, onde afogaria suas mágoas contemplando o Cristo Redentor. Dois dias depois, voaria sozinho para a Europa. Na imprensa brasileira da época, o episódio foi manchete do Pasquim, o famoso jornal carioca: “Suíço deixa o Rio sem a faca e sem o queijo na mão.”

A partir daquele dia, Motriz decidiu que nunca mais tocaria com músicos que não soubessem os rudimentos do ofício. Além de perder tempo ensinando-os, ainda receberia seu desprezo. O suíço ainda residiria outra vez na América, contudo, onde viveria outras aventuras (ele se ariscaria até mesmo a visitar a selva amazônica, uma peripécia que daria assunto para outra série peripatética). Apesar do humilhante incidente, o músico ainda guardava uma grande admiração pelo Brasil e pelas mulheres brasileiras, e fez Antoine sonhar um pouco com seu país de origem. “Conte-me!”, suplicou o violinista ao tecladista, superinteressado em satisfazer sua curiosidade. “Como são as brasileiras? São realmente animadas?” “São como todas as outras mulheres, meu caro”, respondeu Motriz com sua fleuma suíça. “O gênero feminino é muito previsível em sua imprevisibilidade. Concluí isso depois de ter viajado o mundo inteiro e conhecer mulheres de todas as partes do planeta. Todas elas são iguais. Não importa o país ou a nacionalidade. A psique feminina é uma só, uma mistura de ternura e conflito”, disse o suíço, pensando em sua ex-esposa brasileira. E mudando de assunto, Patetik retornou ao fio de sua conversa repleta de reviravoltas.

De volta à Suíça, após sua passagem pelo Brasil, Patetik Motriz continuou sua carreira solo. A nova fase não impediu que o suíço fizesse parcerias com outros músicos famosos ou mesmo montasse alguns *combos* para breves excursões. Relembrando essa época, Motriz falou de seus trabalhos artísticos e de sua discografia, todos eles conceituais. Em um deles, intitulado “Patetik!”, ele narra musicalmente a história da humanidade desde os primórdios, passando pela chegada das máquinas e, por fim, dos extraterrestres (Antoine ficou bastante interessado nessa última parte). Em seu primeiro álbum apresenta uma espécie de história de *science fiction* com muitas narrativas simbólicas e retornos figurativos, e também intermináveis situações iterativas. Cada álbum de Motriz era uma aventura diferente. Mesmo possuindo uma extensa obra artística, contudo, o músico confessou que seu tempo já havia passado. “Não se faz mais música como antigamente”, dizia. “Qualquer arranjo mais complicado distrai a atenção comum. Ninguém mais sabe apreciar a verdadeira música. Temos que nos contentar em fazer

jingles.” Resignado, ele afirmou que não podia mais rivalizar com os músicos pop atuais e seus shows pirotécnicos de luzes e coreografias estereotipadas. Segundo Motriz, houve um tempo em que a música possuía algo mágico, como no Antigo Egito. E, apesar de vivermos em uma época obscura, a Arte das Musas não perdera ainda seu poder de nos fazer sonhar, mesmo com a industrialização, a reprodução em larga escala e a incompetência dos músicos. A magia do novo Zeitgeist era ordinária e desgraciosa como a de um mentalista iniciante, e Motriz lamentou que as novas gerações não amassem tanto a música quanto sua geração. Por ser mais gratificante, ele preferia tocar em cruzeiros no Caribe e em pequenos festivais de música. Queria estar perto de pessoas que ainda eram capazes de ver alguma mágica em se expressar musicalmente, revelou Patetik.

Entusiasmado por aquela confissão, Antoine expressou seu desejo de sair pelo mundo para tocar seu violino, fazendo Motriz se lembrar de sua juventude e suas aventuras e desventuras equatoriais, tropicais, temperadas e destemperadas. Surgiu assim uma amizade instantânea entre eles. Pareciam, inclusive, se conhecer há anos. O encontro se encerraria nesse ponto. Haviam conversado bastante, e Antoine até mesmo se esquecera que devia subir ao palco. Pronto para sua apresentação instrumental daquele noite em Montreux, Antoine despediu-se do tecladista, mas não sem antes receber de Patetik um convite para visitá-lo em seu estúdio. Houve, porém, uma certa relutância do violinista em contatá-lo mais tarde.

Nessa época, influenciado pela cultura DIY do final dos *nineteen-seventies* (e pelo The Clash, inclusive), Antoine estava em uma fase minimalista e já assumia uma atitude mais individualista e ousada, e via as produções musicais das gerações passadas como ultrapassadas. Aceitou, contudo, o convite de Patetik Motriz. Sua curiosidade soou mais alto. Na visita que fez ao bem equipado estúdio de Motriz, descobriu que o suíço tinha uma indisfarçável preferência por longos solos de teclados, sempre executados com todo o *panache* possível, em um estilo *whirlwind and flamboyant*, e fazia ainda uma música excessivamente elaborada para seu gosto juvenil (além de pagar somas módicas aos seus músicos de sessão). Achou tudo aquilo obsoleto e desnecessário. O Zeitgeist musical havia mudado, sabia Antoine. Além disso, Patetik tinha uma estranha propensão por certas paronímias e confundia, em seu *dogberryism*, tulipas com cenouras (ou *tulips* com *turnips*), e deixava Antoine um tanto intimidado. Embora o jovem violinista desdenhasse essas esquisitices de Patetik, eles conseguiam se entender tocando juntos. A amizade entre os dois músicos, porém, não duraria muito.

As diferenças musicais entre Antoine e Patetik eram irreconciliáveis. O irreverente modo de tocar do brasileiro não trazia boas lembranças ao suíço. Trazia-lhe desagradáveis recordações de seus amargurados anos no Rio de Janeiro. Antoine, por outro lado, mais curioso pelo Brasil do que pelo repertório daquele deus da música, estava mais interessado em escutar suas histórias do que sua música. Apesar das diferenças, esse memorável encontro artístico com Patetik deixou fortes impressões em Antoine. Diante das novas possibilidades, o jovem violinista ficou mais animado para exibir seus talentos pelo mundo. Nos anos seguintes, ele entraria e sairia de diversas bandas, até conseguir experiência suficiente para montar seu próprio grupo. Queria ousar e experimentar como um Frank Zappa ou um John Cage. Chegou até mesmo a formar uma banda chamada de *The New Shadows*, na qual exploraria o quase inexplorado rock de 75 bpm (e rpm), mas a formação foi encerrada algum depois tempo, quando Antoine deci-

diu, sob os protestos dos outros membros do grupo, comprar um mellotron, um tipo de sintetizador rudimentar com naipes artificiais de cordas e sopros, atendendo a mais uma de seus experimentos musicais absurdos (em outra ocasião, a fim de brincar com a acústica, Antoine sugeriu que eles gravassem uma música dentro de uma piscina). Sem saber se estavam diante de um louco ou de um novo Syd Barret, os membros do grupo não concordaram com a introdução desse som alienígena e resolveram debandar. Aquele antiquado instrumento, queixaram-se eles, fazia a banda soar como as primeiras gravações do Tangerine Dream. Experimentou com instrumentos analógicos, orquestrações, *time signatures*, timbres orgânicos e até mesmo gravações de sons amplificadas de insetos e animais. Mais tarde, desiludido pelas reações negativas de seus colegas, o jovem músico escutaria todos os vinte álbuns favoritos de Kurt Cobain e montaria uma banda punk chamada Trinity Misery. Seria outro fracasso. Sem qualquer formação musical, os membros da banda passavam o tempo bebendo e fazendo imitações de músicos famosos, sem levar a sério as pretensões de Antoine de ser um herdeiro espiritual da *old school*. Restou então ao ex-violinista seguir a carreira solo e ser um músico itinerante como Daimo Suzuki. Nunca encontraria um parceiro como Jon Anderson ou Vangelis, pensou ele. Seu destino era ser *solo* na vida. Tornou-se, enfim, um homem-orquestra, um *one-man band* ao estilo de Mike Oldfield com seu arsenal de sequenciadores, *samplers*, *vocoders*, *drum machines* e *keyboards*, em vez de instrumentos presos ao corpo, almejando ser outro Andreas Wollenweider. Apesar de todo esse experimentalismo artístico, Antoine sentiu-se frustrado por nunca ter feito parte de um supergrupo.

— Você não queria ser violinista, é isso? — indagou Anne. — O que queria ser então?

— Passei por várias fases em minha vida — continuou Antoine. — Na juventude, me apaixonei pela poesia. Quis ser um poeta inspirado e viver apenas para as musas. Não deu certo. Quando me tornei músico deixei para trás essas ideias ingênuas. Na minha adolescência, eu queria ter sido um punk esclarecido, um Mozart ou um Paganini, ou ao menos um Harry Houdini. Mas desanimei quando pensei na rapidez com que o Sistema me assimilaria. Logo perderia meu *Teen Spirit* e seria apenas mais um *dolly rocker*. Ou um *mocker*.

— Que tipo de punk queria ser? *Do-it-yourself* ou *Do-it-for-me*? — indagou Anne, em um tom trocista.

— Um punk apenas. Tendo o Acaso como Deus. Mas em vez de me tornar um *petit monstre*, eu quis ser um monge e abandonar definitivamente o Sistema. Queria estar sempre em contato com os espíritos superiores.

— E resolveu cantar *Dies Ira* ou o *Te Deum*, em vez da *Carmina Burana*? Ou talvez *Catulli Carmina*?

— Canto gregoriano nunca fez meu estilo. Além do mais, prefiro a música do século vinte. Em minha juventude toquei muitas peças do século dezoito: Haydn, Scarlatti, Christian Bach, Liszt

e os românticos, mas depois mudei completamente meu gosto musical. Foi como gostar dos New Romantics e depois escutar Jesus and Mary Chain. Da noite para o dia, eu fui atraído para um estilo mais agressivo, ruidoso e melancólico. Na verdade, as composições em Dó Maior de Mozart nunca me atraíram muito. As peças escritas no aristocrático Si Bemol maior, por outro lado, possuem um contagiante entusiasmo juvenil, entende? Conhece *Dom Giovanni*? *Oh, guarda, guarda che bella gioventù, che belle donne!* — cantarolou Antoine.

— Fora Maria Antonieta, nada me interessa dessa época. Ela sim vivia em uma Bolha exclusivíssima. Talvez por essa razão tenha sido escolhida como bode expiatório na Revolução Francesa. Sempre que uma mulher se destaca da multidão, todos querem logo degolá-la.

A engenhosa réplica de Anne deixou Antoine sem resposta. O ex-violinista de orquestra quis saber se a garota conhecia tanto quanto ele de arte e música. Descobriu que, em matéria de pintura, seu gosto era bem diversificado. A jovem gostava da Renascença Holandesa e Italiana, dos pré-rafaelistas, dos impressionistas franceses, de Van Gogh e dos dadaístas, sobretudo Man Ray e Schwitters. Em se tratando de música, ela tinha uma sensibilidade peculiar ao barroco, mas não desprezava Mozart, Brahms ou Mahler, apesar que Wagner era apenas barulho para ela. Dizia detestar músicas *machine-made*, feitas mais para andróides do que para pessoas de carne e osso, ainda que, de vez em quando, ela escutasse Kraftwerk.

— Você também está aqui para ficar amnésica, certo? — indagou Antoine, procurando, enfim, entender o que uma garota aparentemente saudável como Anne estava fazendo em Bünzli.

— *Mon dieu!* Claro que não! — disse Anne, após interromper outra garfada em sua fatia de torta, deixando de lado seu *witticism* anterior. — Estou aqui apenas para apreciar a paisagem e a hospitalidade suíça. E, de quebra, controlar um pouco minha irritação.

— Ah! Aposto que está praticando o Controle Estoico da Raiva de Dr. Carl — falou Antoine, um tanto confiante, pois havia lido sobre todos os tratamentos da clínica em um panfleto. — Você tem remorsos, não é? Por isso quer se livrar de suas más lembranças?

— *Ce n'est pas ton affaire!* — respondeu Anne, um pouco ofendida pela pergunta, voltando novamente sua atenção para o pedaço de torta no garfo, abocanhando-o e iniciando uma lenta mastigação.

Falar de seu passado não era o assunto favorito de Anne. O pouco que ainda se lembrava de sua infância amargurante a deixava desanimada. Apesar de não ter tido pais opressivos, ela possuía memórias ruins da primavera de sua vida, memórias das quais ela preferia não se recordar. Essas más lembranças sempre a incomodaram, sobretudo seu vergonhoso passeio com os pais pela Grécia e pelas ilhas jônicas, quando demonstraram, na célebre capital grega, desconhecer que o Partenon havia sido o templo de Atena na Antiguidade, local onde os gregos

arcaicos, durante seus festivais olímpicos, faziam suas apoteóticas hecatombes, ocasiões em que exibiam seus corpos atléticos e suas divinas musas, e também lutavam, argumentavam, atuavam, satirizavam e divertiam-se, bebendo vinho misturado com água, em uma autêntica manifestação da verdadeira civilização, celebrando uma espécie de espírito protodadaísta. Se tivesse escutado todas essas histórias, pensou Anne, ela teria tido uma infância mais feliz. Teve, contudo, que se iniciar nos mistérios gregos por conta própria. Lamentou assim ter pais tão mal-informados.

— É a primeira pessoa que encontro por aqui com memórias rancorosas. — disse Antoine, observando a muda reação da garota. — Quer esquecer alguém que odeia muito?

Diante da impertinente questão, Anne não respondeu de imediato. Suas papilas gustativas estavam ocupadas demais em saborear seu pedaço de torta para que se atentasse à provocação. Demorou um segundo para poder digerir a perturbadora pergunta e, em seguida, ao levar outro pedaço de torta à boca, degustou uma nota mais ácida em sua língua. Até esse ponto, a guloseima deliciava seu paladar com seu sabor adocicado, mas agora algo mudara em seu gosto. A sensação inicial de sublimidade gustativa se dissipara um pouco, da mesma forma com que uma magnífica pintura perde sua atração e seu brilho original após ter sido vista centenas de vezes. O poder do tempo desgasta a beleza, como constataram as beldades de Hollywood. Neste instante, Anne pensou no restaurado *Juízo Final* de Michelangelo, exibido na Capela Sistina, tantas vezes visto e revisto em visitas e exposições de documentários da História da Arte. Desde sua adolescência, ela sempre se interessou pela pintura e passava horas lendo as biografias dos pintores nas enciclopédias do pai. A vida do mestre de Caprese a interessou em especial. Além das criações do célebre artista renascentista, também lhe agradava a série de obras pictóricas de Botticelli, apreciada certa vez no museu de Uffizi em Florença, disposta em sete pinturas que representavam as três virtudes cristãs — fé, esperança e caridade — e as quatro virtudes clássicas — prudência, temperança, justiça e fortaleza. Ainda menina, ao contemplar as obras renascentistas, Anne concluiu que o tempo exercera um efeito magnífico em sua peregrina beleza. A pátina dos milênios enobrecera as formas dessas pinturas e esculturas. Por outro lado, o passar dos séculos teve um efeito nefasto na mente dos homens. Diferente da genialidade, o gosto nem sempre sobrevive ao tempo. *Ars longa vita brevis*. Em silêncio, a degustar lentamente sua refeição, Anne aborreceu-se ao pensar que estava envelhecendo e ninguém ainda a imortalizara. Em breve, nenhum olhar mais artístico ou sensível prestaria atenção a ela. Mal chegara à maturidade e já se sentia velha. Principalmente quando alguém a obrigava a relembrar seu angustiante passado. Defrontada com aquela pergunta tão direta sobre sua intimidade, a jovem sentiu que Antoine estava sendo novamente insensato, imprudente e indelicado. Preferiu que ele fosse um cavalheiro e parasse de fazer perguntas. Ah, se todos os homens tivessem as sete virtudes! Desejou Anne, em segredo. O cavalheirismo, pensou, era definitivamente uma coisa do passado. Após exercitar seu raciocínio ético-estético, Anne refletiu, enfim, na indagação de Antoine. Tais desconfianças nunca lhe passaram pela cabeça. Será que ela queria mesmo esquecer algum pesaroso caso do passado?

— Não quero esquecer ninguém — replicou Anne. — Quero apenas parar de me irritar, só isso. *Seulement*. Simples assim!

— Entendo... Os tipos coléricos são naturalmente odiosos. Segundo Dr. Carl, a falta de autocontrole os converte em sujeitos notáveis. Seu destino é muitas vezes inglório, não acha? Alguns deles se tornaram notórios matadores e *serial killers*. Mas refazendo à questão anterior: quem você quer parar de odiar?

Incomodada por aquele aborrecido comentário, Anne parou de mastigar sua porção. A insistência de Antoine começava a irritá-la. O gosto da torta em sua boca, antes tão doce e macia, passou a ficar um pouco mais amargo.

— Se quer mesmo saber... Quero parar de odiar tipos que fazem muitas perguntas — respondeu Anne com franqueza. — Está satisfeito com a resposta? Agora dá para ficar quieto?

— Então não pode me falar como se sente?

— *Mon dieu!* Virou analista agora?! Por que quer saber?

— Só por curiosidade — replicou Antoine, meio na defensiva.

— Melhor não tocarmos nesse assunto, *d'accord?* Vou acabar me irritando e sei muito bem o que pode acontecer quando me irrita.

— Sua irritação é tão incontrolável assim?

— Bem perturbadora e bem desagradável às vezes — respondeu Anne.

— Quer me falar sobre suas más lembranças?

— Esse é um tipo de assunto que prefiro não falar com estranhos — disse a jovem, aborrecida, e demorou-se em um prolongado silêncio.

— Tudo bem. Eu entendo como se sente — replicou o rapaz, baixando a cabeça, como se pretendesse com esse empático gesto criar um certo *rapport* com a jovem.

Anne surpreendeu-se com aquelas palavras. Em toda sua adolescência, nenhuma de suas amigas ou nenhum de seus namorados lhe falara “eu entendo como se sente”. E a razão era simples: eles verdadeiramente não entendiam como ela se sentia. Ninguém era capaz de decifrá-

la. E ela não podia culpá-los por isso. Anne nunca abriu sua *privacy box* para suas colegas ou amigas, nunca fez sequer uma menção à sua vida interior. Aquele repentino interesse de Antoine fez com que Anne abrisse mão de sua relutância em falar de si mesma. Talvez ele não fosse tão indelicado quanto pensava (apesar de ser um tanto atrapalhado). Anne contou mentalmente até dez, exercitando seu autocontrole. Sentiu-se mais calma ao fim da contagem.

— Diga-me uma coisa: você ainda sonha? — indagou Antoine, depois de permanecer um tático instante em profundos pensamentos.

— Eu nunca paro para pensar em meus sonhos — disse Anne, mastigando agora lentamente o restante de sua fatia de torta de maçã; deglutiui, por fim, e continuou: — Agora que você falou, me lembrei de um sonho corriqueiro em minha adolescência. Tem toda uma história por trás dele. Desde criança, após visitar Paris na companhia de meus pais, admirei as lojas de griffe na Champ Elysées, com suas diversas opções de cores, tecidos e marcas. E nesse sonho eu estou perdida em uma dessas lojas, procurando escolher uma roupa. Há tanta coisa deslumbrante para experimentar, e eu não consigo me decidir por nada. Sempre fico confusa. No final, tudo se torna um pesadelo. Muitas e muitas vezes tive esse mesmo sonho angustiante. Simplesmente não sei o que escolher! Na verdade, meus sonhos de adolescência são um tanto aborrecidos. Você não ia querer ouvir se eu contasse.

— Vamos, conte! Será um prazer ouvir.

— Não é nada demais. Na maior parte desses sonhos estou fazendo compras, tentando escolher uma roupa ou uma boneca. Outras vezes me vejo em um leilão e desejo mais do que tudo comprar um Monet com nenúfares, avidamente tentando oferecer o melhor preço e, no último momento, um sexagenário escocês de *kilt* de tweed, Deerstalker e cachimbo de cabaça na boca faz uma oferta duas vezes maior do que a minha. É revoltante. Hoje nem gosto mais de Monet!

— Quem tem alexitimia — disse o desapontado Antoine, que encontrara o termo entre as centenas de outros distúrbios psíquicos listados no Manual de Diagnósticos consultado na biblioteca do Dr. Carl — geralmente costuma ter sonhos bem comuns, tais como andar na rua indo para o trabalho, fazer compras ou estar com o carro parado em um engarrafamento monumental.

— Ou estar no espaço sideral, orbitando ao redor da Terra. Ou ainda atravessando o aeroporto às pressas porque seu portão de embarque mudou. Esses são meus sonhos mais comuns.

— É um pouco repetitivo sonhar a mesma coisa. Se bem que nunca sonhei orbitar a Terra.

— Tem razão. É meio exasperante. Mas não me lembro de nada interessante, além de sonhar

que estou fazendo compras.

— A maioria das pessoas tem sonhos de consumo. Embora eu nunca tenha sonhado com nada tão mundano.

Na pausa que se seguiu à queda do talher, Antoine confirmou sua convicção anterior à conversa de que Anne não era uma garota muito profunda (para ele somente pessoas superficiais tinham sonhos de consumo). Após essa desagradável conclusão, ele ficou quieto, aparentando estar um tanto desapontado. Esperava ter encontrado em Anne uma pessoa com quem pudesse ter uma conversa mais cativante (e que não fosse um *chit-chat* em que falassem apenas sobre o clima), mas encontrara outra garota com Síndrome de Insatisfação Consumista. Sentiu que sua missão havia fracassado. Suspirou fundo, dando-se por vencido.

Nesse ponto é preciso voltarmos um pouco no tempo para compreender melhor a frustração do rapaz. Como nos ensina a psicologia, ao ser acusado de uma determinada infração, um sujeito pode reagir de três maneiras distintas: ele pode assumir sua *mea culpa*, pode ainda negar peremptoriamente o que fez, ou mesmo inconclusivamente suas ações. Ao comunicar certos fatos de forma indireta, dando margem a diversas interpretações e julgamentos, aquele que omite a verdade procura disfarçar suas reais intenções, eximindo-se de qualquer responsabilidade por seus atos. Desse modo, quando confrontado, esse sujeito pode dizer que não agiu por mal. Ao fingir que nada fez de errado, ele pode culpar a situação ou a um terceiro por suas ações, declarando-se inocente de qualquer acusação. Ou seja, a culpa é exclusivamente do outro. Ele é apenas uma vítima das circunstâncias. É o que chamamos de negação plausível, um recurso utilizado para isentar alguém de qualquer culpa, colocando-o em uma posição passiva diante de uma acusação direta, culpando assim a situação e as pessoas por suas falhas. Essa postura, no entanto, nem sempre é confortável ou satisfatória. Afinal, a mentira tem pernas curtas. Por isso vamos logo desmenti-la. Para explicar o insólito encontro ocorrido no refeitório, faremos aqui uma breve recapitulação de todo o esforço de Antoine para a realização desse inusitado e decisivo rendez-vous com Anne.

Antes de tudo, é preciso esclarecer o óbvio. Na verdade, o encontro de Antoine com Anne no refeitório não foi tão casual quanto aparentou ser. Um pouco antes do almoço, o jovem paciente encontrava-se em um humor admirável. Deixara há pouco a companhia do Dr. Carl em um estado reflexivo e abstraído, digerindo ainda as dúvidas residuais da conversa. Durante sua última conversa o médico lhe explicara sobre a próxima fase de seu tratamento e sobre o Êxtase Agnóstico. Eles haviam discutido também sobre os tipos coléricos e o especialista citara indiretamente uma de suas pacientes. Seria Anne a garota de quem lhe falara Dr. Carl?

Desde sua chegada do Brasil, Antoine sofreu uma repentina transformação em sua frágil psique. Sua primeira sessão de Mnemodetox teve um efeito magnífico em sua mente. A princípio passou por um instante de confusão, sem saber direito onde se encontrava, depois do qual veio um período de indizível serenidade. Um clarão pareceu se acender em seus pensamentos. Era como se o sol surgisse entre as nuvens de um dia condenado pelo mau tempo. Antoine regozi-

jou-se com a novidade. De uma hora para outra, todo o seu mundo se transformou para melhor. Ou seja, nada era mais como era antes. Parecia ter retornado ao paraíso depois de passar pelo Sétimo Círculo de um inferno dantesco. Aberto a uma outra dimensão cósmica, como teria dito Dr. Carl, Antoine apreciava agora uma nova realidade, percebendo detalhes que antes lhe pareciam insignificantes. Olhava para as coisas e para as pessoas como faria uma criança, absorvendo cada minúcia e cada gesto. Dessa maneira, uma nova perspectiva surgiu diante dele. Sentia-se agora mais confiante e seguro, e olhava as pessoas diretamente no rosto. Até mesmo voltou a ter fé em sua própria felicidade, sem depender de ninguém (sobretudo de uma musa) para se sentir inspirado. Diante desse quadro otimista, Antoine estava convencido que esse era o caminho certo a seguir. De tudo o que experimentara antes, o Mnemodetox era, para ele, o melhor meio de alcançar seu propósito de encontrar a felicidade. Buscou assim se instruir com seu médico para realizar aquilo que Dr. Carl chamava de Casamento Sagrado, o estado de integridade conquistado ao unir os opostos por meio de uma alquimia psíquica (ou aquilo que Shakespeare chama de *marriage of two minds*). Após sua conversa com o diretor de Bünzli, Antoine estava convencido de que uma mulher colérica como Anne poderia ajudá-lo a alcançar seus objetivos místicos. Ela era exatamente o seu oposto, concluíra ele. Mas seria a pessoa certa?

Sentido pela má receptividade de Anne, Antoine havia passado boa parte da manhã ruminando seu primeiro contato no pátio com a jovem impaciente. Ocupada demais em operar sua máquina óptica, a concentrada fotógrafa tratou o intruso com assustadora indiferença, e mal prestou atenção às suas impertinências. Apesar desse decepcionante descaso, o ignorado Antoine estava convencido que poderia reverter a situação a seu favor. As mulheres mais difíceis, pensou ele, precisavam ser conquistadas com bravura.

Ao entrar no refeitório no horário de almoço, Antoine ainda digerira as impressões negativas de seu infeliz contato com Anne. Por que ela o tratara com tanta indiferença? Perguntava-se, inconformado. No buffet, serviu-se meio às pressas, apanhando aleatoriamente o que encontrava pela frente e acrescentando à sua bandeja (pegou até mesmo um pedaço de torta de maçã, justo ele que nunca comia doces) e depois procurou um lugar para se sentar. Ao perceber que Anne se encontrava perto de uma parede envidraçada, Antoine estacou por um segundo. Não era a fotógrafa mal-humorada? Indagou-se ele. Em seu canto solitário, diante de uma soberba visão do exterior da clínica, Anne fazia sossegadamente sua refeição. Antoine seguiu em frente e sua marcha pela imensa sala do refeitório (em andamento *vivace*) não passou despercebida pelos outros comensais.

Ensimesmados, os pacientes faziam seu almoço do mesmo modo vagaroso de sempre, apreciando a cor e textura da comida, deliciando-se a cada bocado com seu aroma e seu sabor. Mas, ao vislumbrarem a figura do jovem paciente, eles interromperam sua sacramentada refeição. Desviando seus rostos do prato para o recém-chegado, observaram Antoine atravessar o refeitório com a bandeja nas mãos. Atentos a essa suspeita movimentação, eles testemunharam o novo comensal se esgueirar entre as mesas, à procura de um lugar para se sentar. Por um segundo, mostraram-se temerosos com sua chegada. Ao constatarem, contudo, que Antoine não se dirigia até eles, suspiraram, mais aliviados.

O alívio dos aflitos comensais era, de fato, justificado. Eles sabiam muito bem o que aconteceria se Antoine os abordasse enquanto almoçavam. Estavam receosos de serem perturbados por mais um interrogatório sem fim. Desde sua chegada à clínica, alguns dias antes, o dinâmico paciente os atormentava com sua curiosidade psicanalítica, aguçada por sua permanência em Büngzli e por sua convivência com pessoas tão distintas. O fato é que Antoine estava mais sociável do que nunca. As sessões de Mnemodetox conseguiram harmonizar seu temperamento melancólico com seu lado sanguíneo, tornando-o um pouco mais expansivo. Quis logo fazer parte do animado círculo dos pacientes mais participativos. Procurou assim descobrir o que eles gostavam, pensavam e sonhavam.

A princípio, as perguntas corriqueiras converteram Antoine uma espécie de *people pleaser*, um simpático colecionador de graças sociais. Carentes de atenção, os internos aceitavam de bom grado a aproximação do rapaz. O interrogatório subsequente, no entanto, trazia sérias complicações para sua privacidade. Invidados em sua intimidade, eles sentiam-se um tanto constrangidos pelas perguntas, ainda que não fosse a intenção de Antoine. Suas inconvenientes questões tinham dois distintos propósitos. Um deles era praticar seu alemão (em desuso desde sua curta estada no Brasil) e o outro era saber a que tipo psicológico pertenciam aqueles pacientes. Em geral, sua conversa iniciava-se com uma trivial pergunta sobre o tempo (uma espécie de *trifling smalltalk*, no dizer dos ingleses), sobre o tratamento e os médicos. Aos poucos, o colóquio tomava um rumo mais embaraçoso, quando alternava para assuntos mais íntimos como sonhos e segredos pessoais, e assumia então um tom bastante inquisitivo, assustando os puritanos e tímidos comensais, surpreendidos por aquela repentina mudança no tom da conversa. Antoine fazia perguntas indiscretas do tipo “Você sempre assistiu à RTS Un na televisão aberta suíça? Ou prefere escutar as notícias em alemão?”. Às vezes eles não respondiam, sem compreender ao que se referia o jovem quando falava em “assistir à televisão” (na verdade, Dr. Carl não incentivava aquele perigoso hábito aos seus pacientes e nem qualquer acesso à *mad box*, afirmando tratar-se de uma invenção demoníaca).

Na verdade, após iniciarem seu tratamento, todos os internos de Büngzli haviam alterado seus hábitos de entretenimento de maneira radical. Essa renovação comportamental fazia parte do seu tratamento. Normalmente eles preferiam escutar um programa de rádio narrado em romanche na RadioTelevision Rumantscha na SRF1, confirmando a opinião de Antoine que os amnésicos haviam, de fato, perdido o hábito de observar imagens dinâmicas em uma tela. Desmemoriados, muitos deles preferiam admirar imagens fixas e estáveis como as nuvens ou as montanhas (chamadas por Dr. Carl de *focal things*), em detrimento das céleres e descontínuas imagens cinematográficas. Alguns pacientes, entretanto, ainda assistiam à televisão como era o caso de Zahi Hakimi (ele era fascinado pela programação do History Channel).

Internado há alguns meses em Büngzli, o ex-pesquisador era um caso à parte entre os pacientes do Dr. Carl. Após ter tocado por muitos anos em uma banda de *math rock*, Hakimi decidiu se dedicar à sua verdadeira paixão. Graduado em estudos orientais na universidade do Cairo, ele especializou-se em egiptologia e resolveu seguir totalmente à nova carreira, graças aos royalties adquiridos com suas composições musicais (duas delas, inclusive, fizeram grande sucesso entre os *nerds* universitários americanos). Zakir Hakimi iniciou assim uma extensa pesquisa histórica sobre a décima oitava dinastia do Antigo Egito, em que tentaria provar que um

eclipse influenciara a decisão de Aquenáton, o notório faraó egípcio, a mudar a capital de Tebas para Akhetaten, alterando assim o curso da História. Se o eclipse de 15 de agosto de 1352 BC havia ocorrido, de fato, no quinto ano após a coroação do jovem faraó, conjecturava o acadêmico, o evento poderia ter influenciado profundamente sua reforma religiosa nos anos seguintes, com notáveis consequências na história da humanidade. Um dos métodos utilizados por Hakimi para corroborar essa hipótese foi a utilização da astrologia, que ele empregou para calcular a data de nascimento de Aquenáton. Entre as muitas datas prováveis para o acontecimento, ele escolheu 1366 BC, ano que coincidia com uma conjunção de Júpiter e Netuno, um aspecto astrológico reconhecido por ter trazido ao mundo tanto papas e líderes religiosos quanto visionários e sonhadores; o ano de 1367 BC, marcado por uma oposição de Júpiter e Saturno, um aspecto que simboliza um duelo cósmico de Titãs; e também 1368 BC, ano em que ocorreu uma conjunção de Saturno com Urano em Sagitário, um aspecto comumente associado aos ideólogos, reformistas, revolucionários e *schemers*. Em sua pesquisa, o egiptólogo e astrólogo amador procurou retificar o mapa astral do faraó por meio de progressões, trânsitos e arcos solares (narônicos ou duodenários), associando cada aspecto planetário aos principais eventos dos dezessete anos do seu reinado (a coroação, a transferência da capital para Akhetaten, o festival de Sed, o falecimento dos filhos e de Nefertiti, e seu desaparecimento final). Após escolher diversos candidatos para o mapa final, Hakimi foi atrás de pistas nos documentos egípcios reconhecidos pela comunidade de egiptólogos.

A maior dificuldade para obter informações astronômicas nesses documentos, sabia Zahi Hakimi, era a falta de conhecimento dos tradutores sobre a religiosidade egípcia. Como astrólogo, Hakimi sabia que os egípcios tinham hieróglifos apropriados para os eventos celestiais e, contrariando o consenso entre seus colegas de profissão, interpretou o hieróglifo Akhet como “eclipse solar”, suspeitando que os egípcios, um povo muito supersticioso, evitavam falar abertamente desse acontecimento tão grandioso e agourento. O estudioso chegou até mesmo a cogitar que Aquenáton havia nascido durante um eclipse solar, mas consultou seus mapas e não encontrou nada para validar o fato. Com o propósito de confirmar suas suspeitas, ele estudara diversas pinturas em tumbas e sepulcros, debruçara-se sobre uma imensa variedade de inscrições em templos e um punhado de documentos escritos em papiro. Lera ainda as Cartas de Amarna em acádio-cananeu e decifrara rebuscados hieróglifos em busca do conhecimento astronômico egípcio perdido nos incêndios de Alexandria. Apesar do vasto volume de informações coletadas, Hakimi ainda não conseguiu traçar o mapa correto de Aquenáton. Em uma visita a um centro espiritista no Brasil, ele consultaria até mesmo uma *channeler*, uma bela *bachelorette* que dizia incorporar o espírito de Nefertiti (e era também autora de um livro intitulado *O Faraó e Eu*, uma alusão ao filme *The King and I* com Yul Brynner e Deborah Kerr).

Essa breve peripécia no Brasil não foi de muita ajuda para o egípcio. Ele partiu cético para os trópicos e voltou ainda mais cético do que antes. A princípio não conseguiu entender com os brasileiros deixavam seus museus arderem em chamas e se importar tão pouco com sua memória e seu patrimônio histórico. As brasileiras também acentuaram sua desconfiança. Ao conhecer a *channeler* no centro espiritista no interior de Minas Gerais, Hakimi quis que ela tirasse todas as suas dúvidas. Diante daquela encarnação de Dorothy Eady, o egiptólogo não se fez de rogado e tentou convencê-la a contatar o espírito do faraó, a fim de saber mais detalhes sobre sua existência terrena no Egito Antigo. Ouviu muitos murmúrios desconexos antes de reconhecer algo valioso. De posse de um gravador de áudio, escutou com atenção a *channeler*

relatar as maravilhas de uma nação unida por um único deus, em uma época em que a idolatria descontrolada levou a sociedade ao caos. Hakimi não descobriu, no entanto, nenhuma novidade nessa psicofonia. Repetiria várias vezes a gravação da conversa em seu quarto de hotel sem encontrar o que esperava. Embora não compreendesse bem o português, nada do que a brasileira contou ao egípcio em estado de transe era novo para ele. Didaticamente, o espírito de Nefertiti falou de sua família, dos anos vividos ao lado do faraó em seu palácio na Cidade Sagrada e de como havia perdido a vida por conta da peste. Nada comunicou sobre datas ou outros acontecimentos relevantes, deixando assim Hakimi um tanto decepcionado. Após sair de Alexandria, no Egito, para uma pequena cidade em Minas Gerais, sua viagem parecia ter sido em vão. Ele partiria do Brasil com a impressão de ter feito papel de bobo, apesar de ter se sentido muito atraído pela voz sensual da *channeler*, que ouviria sempre que sentisse sozinho ou desanimado.

A visita ao Brasil não desmotivou o egípcio a terminar sua tese sobre Aquenátôn. Por fim, com tudo o que havia recolhido em suas viagens, o pesquisador montou um rigoroso esquema de datas, organizou suas anotações e escreveu um artigo denominado *Retificação cronológica do reinado de Aquenátôn segundo um método astrológico baseado em dados arqueoastronômicos*, em que propôs uma nova cronologia para a décima oitava dinastia egípcia, esgrimindo que a rainha Nefertiti e o marido governaram o Egito, de fato, de 1357 a 1340 BC. Essa conclusão alteraria o início do reinado de Tutancâmon sete anos antes da data usualmente reconhecida para o seu nascimento, reestruturando por completo os períodos faraônicos subsequentes. A comunidade científica, contudo, não encontrou argumentos convincentes no artigo do colega. Em carta à revista que publicou o artigo, um *scholar* refutou a nova cronologia dizendo que a maioria dos arqueólogos e historiadores não estava convencida das revisões radicais propostas por Hakimi. Essa conclusão foi um balde de água fria na cabeça do pesquisador. O egípcio ficaria arrasado pela reação da comunidade e sobretudo pela zombaria dos colegas mais próximos, para os quais a pretensão de Hakimi de reescrever a história era megalomaniaca. Frustrado com essa recepção de seus colegas, o egiptólogo recolheu-se ao seu silêncio, indignado por tanta insensibilidade e sofreu com o tempo sua própria *damnatio memoriae*.

Reconhecido em Búngzli como um paciente solitário e contemplativo, Zakir Hakimi adquiriu o hábito de recitar versos sempre que via o sol brilhar no horizonte. “O night, spread thy wings over me as the imperishable stars”, lembrando o epitáfio escrito na pedra tumular de Howard Carter, o notório arqueólogo britânico, descobridor do sarcófago de Tutancâmon. Transtornado por sua frustração profissional, Hakimi nunca se recuperou da negativa recepção pública ao seu trabalho. Queria ser imortalizado como um faraó e terminou se sentindo humilhado como um carregador de pedras funerárias. Essa decepção obrigou o egiptólogo a abandonar sua nascente carreira, deixando assim uma mancha em sua memória. Apesar da má lembrança, contudo, ele continuaria secretamente suas investigações sobre o Antigo Egito, tanto no reino dos vivos quanto no reino dos mortos (dizem que teria se apaixonado pela bonita *channeler* brasileira). Após uma década de pesquisas, nada encontrou de concreto para demonstrar sua hipótese de que um eclipse mudara por completo a história do mundo (uma vez que, segundo ele e Sigmund Freud, Aquenátôn havia influenciado Moisés, e o profeta hebreu era, reconhecidamente, o fundador da tradição judaico-cristã e, portanto, de toda a civilização ocidental). De suas incursões ao deserto e às ruínas de Amarna, e de todas suas investigações pelo Egito restaram apenas sua predileção por documentários e filmes de época (*Cleópatra*,

com Elizabeth Taylor, era um de seus preferidos).

Na clínica, Zakir Hakimi era também reconhecido por seus frequentes lapsos de memória. Podia relembrar muito bem o que acontecera há milênios, mas comumente era incapaz de separar o que era real e o que era fictício. O ex-pesquisador confundia os retratos com os fatos, chegando, inclusive, a confessar para Antoine, em uma de suas amigáveis entrevistas, que estivera no Oriente Médio e conhecera pessoalmente Lawrence da Arábia. Afirmou, convicto, que o sujeito em questão era um homem bem-apegoado com a aparência de Peter O'Toole, com os mesmos olhos azuis e um inconfundível acento irlandês. Antoine gostava quando o egiptólogo relembrava seus tempos de pesquisador. Julgando-se um sacerdote egípcio, costumava recitar alguns trechos dos *Textos das Pirâmides*, um documento epigráfico escrito em hieróglifos do Antigo Império encontrado pelos arqueólogos na Tumba do faraó Unis (mais precisamente no frontão oeste da antecâmara):

Rassáta! Hatpáta!

Rassák náfir ma hátap!

Rassá Úsit ma 'ánah!

Desperta! Que a paz esteja contigo!

Que você desperte bem e em paz!

Desperta Ísis em vida!

Outros pacientes não tinham memórias tão vívidas do passado quanto Zahi Hakimi, o que levou Antoine a se questionar se eles realmente se lembravam dos sonhos da noite anterior ou se eram apenas invencionices. Por conta da amnésia, muitos dos internos não conseguiam se recordar de certos detalhes com precisão (onde estavam, com quem estavam e se havia animais por perto). Outros ainda nada se recordavam, para a decepção do jovem investigador. Diante das perguntas indiscretas de Antoine, esses amnésicos preferiam se afastar quando encontravam aquele sujeito inoportuno pelas redondezas. Se pudessem se esconder debaixo das mesas, eles o fariam com presteza. Mas era impossível fugir daquele tipo tão insistente. Consolavam-se em aguardar o desfecho de sua sorte. E, naquele exato instante, ao perceberem que Antoine não se dirigia às suas mesas, respiraram mais à vontade, utilizando mais o abdômen do que a parte superior de seus pulmões, como lhes ensinara Dr. Carl, aplicando assim uma técnica utilizada em caso de um *distress* diante de situações difíceis (sobretudo ao lidar com estranhos).

Ao circular entre as mesas do refeitório, Antoine ignorava por completo o efeito causado por sua presença. Em sua bandeja, além de seu prato de comida, talheres e guardanapo, Antoine trazia também uma garrafa de água mineral e um pedaço de torta. Sem sequer ensaiar uma *data venia*, ele se sentou diante da concentrada jovem leitora e, separando os talheres, iniciou sua refeição. Anne nem mesmo ergueu os olhos do livro emprestado por seu médico. Nesse instante, ela queria apenas satisfazer sua curiosidade sobre a filosofia do Dr. Carl e sua defesa

do irracional como complemento necessário à racionalidade. Como uma esfinge impassível, Anne nem ao menos notara a proximidade de Antoine, ou demonstrara qualquer interesse em sua chegada. Aquela indiferença fez com que o rapaz se lembrasse amargamente de Melinda. Assim como sua antiga colega de ginásio mergulhada em sua compenetrada leitura, os olhos de Anne pareciam estar distantes. Aquela má lembrança trouxe uma amarga constatação ao jovem paciente.

Era a segunda vez aquele dia que Antoine se sentia ignorado por Anne. Desde o início de sua internação em Bünzli, todos haviam sido solícitos com ele (embora fugissem às vezes). Nunca até então havia sido tratado com frieza ou desdém. Qualquer outro conviva de Bünzli, mesmo distraído por sua aproximação, teria desviado o olhar do prato e dito um “Salü!”, um “Ciao”, um “Cześć” ou um “Hallo”. Nosso intrépido detetive, no entanto, não desanimou com o desdém alheio, e logo pensou em algum modo de chamar a atenção de sua absorta e petulante companhia de mesa. A desacompanhada garota estava concentradíssima em sua quiche de queijo, saboreando-a com a vagareza degustativa de uma gourmet, e não parecia interessada em fazer graças sociais. Antoine logo percebeu que qualquer comentário sobre o tempo pareceria despropositado naquela ocasião. Falar diretamente sobre sonhos também seria contraindicado. Em meio a esse dilema, procurou outra maneira de iniciar uma conversa amigável. Encontrou uma solução um tanto radical.

A queda do talher de Antoine despertou em Anne mais enfado do que curiosidade. A provocação fez com que antigos temores aflorassem em sua alma prematuramente envelhecida. Apesar de tentar seguir as instrutivas recomendações de seu médico para manter o controle sobre sua raiva, ela ainda não esforçava muito para melhorar seu *self control*. Por todo seu considerável tempo de permanência em Bünzli, Anne tentara inutilmente praticar aquilo que Dr. Carl chamava de “Método Silva para Coléricos”.

O especialista, com toda a calma de um professor de matemática da escola básica explicando os rudimentos da álgebra a um noviço, ensinara seus pacientes coléricos a controlarem suas emoções, instruindo-os a inspirar fundo, retendo o ar nos pulmões por alguns segundos e, antes de expirá-lo, contar mentalmente até vinte (contar até dez acalma o instinto, explicava ele, mas até vinte desperta o bom senso), esvaziando a seguir sua mente do objeto odiado. O médico sugeria que, após esse controle respiratório, eles escrevessem um escabroso palavão em um papel e, após soletrá-lo devagar, o rasgassem em picadinhos, fazendo assim uma pequena bola amassada com as mãos, que seria jogada, enfim, no lixo mais próximo. O maior problema, no entanto, era que Anne raramente conseguia se lembrar de aplicar esse método quando se sentia furiosa (por todo seu internamento, somente uma única vez ela foi capaz de escrever *Salaud* em um pedaço de papel). Seu genioso pavio podia detonar sua dinamite emocional antes mesmo que ela pudesse estalar os dedos. Dr. Carl aconselhou assim Anne a praticar o método quando não estivesse *in distress*. Ao aplicar essa ginástica mental, disse o especialista, ela aos poucos condicionaria suas reações emocionais. O médico confessou que, por conta dessa técnica, ele próprio se tornara um mestre do autocontrole, graças a um indiano que conheceu em Tamil Nadu.

O encontro ocorrera em uma de suas viagens à Índia, quando era ainda um jovem buscador do Espírito. Em visita a Tiruchirapalli, viu certa vez, em um parque da cidade, um tâmil praticando seus exercícios respiratórios ao ar livre sob uma esteira. Sentado em *padmāsana*, de olhos fechados, um idoso senhor alternava, com um dos indicadores, o fechamento e a abertura de suas narinas, concentradamente deixando o ar entrar e sair dos seus pulmões. Aquela cena deixou o jovem médico muito impressionado. Desde que chegara a Tamil Nadu ainda não vira ninguém praticando *yōga* em público. Curioso por esse exercício do hindu, Dr. Carl aproximou-se e, após aguardá-lo terminar sua prática, ajoelhou-se em sinal de respeito (segundo o costume indiano), tocou com a testa no chão e, erguendo-se, perguntou ao sexagenário tâmil se ele podia ser iniciado naquele método de respiração. Intrigado por esse pedido, o hindu estudou o alemão de alto a baixo, como se o lesse por inteiro, sorriu e indagou, em inglês: “*are you a physician? Você é um médico?*”. Ao que o alemão replicou, admirado: “sim, como sabe?” A resposta positiva e interrogativa deixou o indiano satisfeito, e ele, sorridente, convidou o aspirante a se sentar. Retribuindo a hospitaleira recepção, Dr. Carl aproximou-se do hindu e instalou-se ao seu lado com as pernas cruzadas. Mais à vontade, relatou suas viagens pelo Oriente. Resumiu ao indiano tudo o que vivenciara naqueles meses fora de casa. Falou de sua busca espiritual, de todos os lugares que conhecera, e de como estava cansado de ser enganado pelos falsos gurus. Encantado por essa confissão, o tâmil contou também um pouco de sua própria história. Em um tom mais sério, disse que, em sua juventude, havia participado do movimento de resistência à imposição do hindi como idioma oficial em Tamil Nadu, e fizera parte das agitações anti-hindi em Chennai. Naquela importante época de sua juventude, aprendeu o essencial sobre a vida. Na prisão daria mais valor à sua liberdade. Somente damos valor a algo quando o perdemos, disse o sexagenário. Após se formar em direito, acrescentou ele, veria o mundo dos homens com menos entusiasmo. Todas as lutas sociais eram inúteis, assegurou o tâmil, pois não transformavam homens e mulheres, mas apenas a sociedade. Sem mudar o indivíduo, entretanto, a sociedade se altera apenas superficialmente. A verdadeira transformação está no interior das pessoas, disse ele. Para isso, no entanto, devemos ser senhores de nós mesmos. Lamentou que as coisas houvessem mudado tanto com o transcorrer das décadas. Transformar o mundo se tornou mais importante do que transformar a si mesmo. Esse ideal dos antigos hindus, salientou o indiano, degenerara em desejos mesquinhos. A engajada juventude de sua época havia dado lugar à indulgência consumista e ao vale-tudo por dinheiro. As pessoas agora, segundo ele, estavam interessadas apenas em *easy money*. Até mesmo quando se interessavam pelos deuses estavam apenas atrás de retorno pecuniário. Para elas o conhecimento era medido segundo seu valor em dólar ou em rúpias. Queriam apenas ser iniciadas em ritos pelos quais pudessem pagar o bilhete de entrada. “Tudo agora é *show business*, até mesmo a política. Deixamos de servir para sermos servidos. Com isso os indianos perderam o interesse naquilo que exige cuidado e reflexão”, disse o sênior hindu. Ele era o último dos moicanos, confidenciou o tâmil a Dr. Carl, o último representante de sua linhagem, uma longa tradição de mestres e discípulos, datada de tempos medievais, e talvez até mesmo da Antiguidade clássica indiana. O douto hindu explicou tudo isso em um inglês entremeadado de palavras em tâmil, enquanto as pernas do seu ouvinte formigavam, incitando-o a mudar de posição a curtos intervalos de tempo. Em um tom neutro, o professor confessou que ninguém mais queria aprender línguas mortas ou a ciência dos antepassados, e que futuramente todo o conhecimento acumulado em milênios de história seria esquecido, quando a sabedoria antiga fosse substituída por manuais técnicos e todos os tâmis fossem obrigados a falar hindi para que a Índia se tornasse uma potência unida pela mesma língua. As pessoas agora estavam interessadas apenas em negócios e aparências, concluiu o indiano, e pouco se importavam em enriquecer seu espírito. Com isso, explicou, esqueceram o essencial. Satisfeito com essa explicação, o hindu ficou algum tempo em silêncio, como se pensasse na Deusa. Por

fim, convidou o médico para visitá-lo em sua casa, onde poderia ensinar a ele algumas técnicas de seu *sádhana*. Onde morava? Indagou o aspirante a *chela*, exercitando sua curiosidade juvenil. Se perguntasse por “Abhijit, o professor de sânscrito” nas redondezas, respondeu o indiano, qualquer um saberia informar seu endereço. Em seguida, levantou-se com uma agilidade surpreendente para um sexagenário, recolheu seus apetrechos e partiu sem se despedir.

No dia seguinte, não foi muito difícil para Dr. Carl encontrar Abhijit nas imediações do parque público. Na mercearia mais próxima (uma típica *maligai katai* a exhibir em seu abarrotado interior todas as cores do arco-íris), informaram-lhe que a pessoa procurada morava em uma mansão distante apenas algumas quadras de onde o médico encontrara o professor pela primeira vez. O zeloso aspirante chegou pontualmente na hora marcada, reiterou diante do hindu sua intenção de aprender e servir, e Abhijit, sorridente, concordou em instruí-lo, baseando-se no antigo preceito “o mestre escolhe o discípulo”. Mostrou ao visitante sua coleção de arte mística, com quadros e estatuetas de Durga, Kali, Bala, Parvati, Matangi, Lakshmi, Kamakshi, Saraswati e Mahishasura Mardini. Possuía também uma grande biblioteca, repleta de obras em sânscrito, inglês, francês e até mesmo em russo. De todas essas línguas, contudo, Abhijit nutria uma verdadeira devoção pelo sânscrito. “A língua é nossa mãe”, disse o professor. “Nós a chamamos de *mātrika*. Saber sânscrito é ter a mãe de todas as mães em nossos pensamentos. É difícil para um não hindu compreender isso. O ocidental possui um certo desdém pela dimensão sagrada da língua. Ao estudá-la de um ponto de vista preconceituoso, ele não consegue ver nada além da miopia do seu próprio ego. É preciso ter uma profunda compreensão de uma cultura para saber a importância da língua como meio de se perceber a dimensão transcendental. Sem essa compreensão, todos os *scholars* ocidentais só escrevem asneiras.” Nesse dia, admirado pela sabedoria do hindu, Dr. Carl teria sua primeira lição de língua védica (memorizaria todo o alfabeto devanágari e também alguns parágrafos do *Pañcatantra*). Nos meses seguintes, aprenderia várias outras lições de sânscrito e ficaria versado nos mais diversos princípios da filosofia hinduísta, sobretudo do Sámkhya e do Tantra.

Por quase um ano, o médico faria visitas periódicas ao seu novo mentor e receberia dele valiosos conhecimentos. “Antes de tudo, devemos cultivar o autocontrole”, explicou o hindu. “Foi por meio do controle das funções do corpo que conseguimos nos diferenciar dos animais e conquistamos assim as mais nobres virtudes e qualidades. *Ya devi sarvabhuteshu, buddhi ruupena samsthita*. No Sámkhya, *Buddhi* é o vínculo entre a Prakrti e o Purusha, entre o material e o espiritual, mas pode ser também traduzido como intelecto. A sensibilidade da deusa está no intelecto, é o que nos dizem os versos em sânscrito do *Devi Mahatmya*. Contudo, nem sempre é possível ascender ao mais nobre quando estamos firmemente presos à matéria e aos desejos carniais. Em muitos casos, não podemos ir contra a nossa natureza. Afinal, certos defeitos são intratáveis. Somos criaturas repetitivas e erramos por imitação. Mas somos capazes de direcionar nosso corpo para entrar na linha e vibrar na mesma frequência do Purusha. Para isso devemos superar tanto nosso orgulho quanto nossa vergonha. Ninguém nasce um ébrio. Basta mudar seus hábitos para deixar de sê-lo por completo. O controle das tentações leva à paciência. A paciência leva à disciplina, a disciplina à sobriedade e a sobriedade à oportunidade. Parece uma fórmula simples, mas demanda um grande esforço. A iluminação não chega para todos porque poucos se esforçam para alcançá-la com dedicação. Os iniciados devem abrir mão de um bocado de coisas, inclusive do convívio social e dos pequenos prazeres da vida, para que assim sejam capazes de atingir seu propósito de se transformar em seres mais

aperfeiçoados. É um imenso sacrifício à Deusa. Mas, no final, Ela nos recompensa o dobro, com suas dádivas e *siddhis*. No entanto, a maioria das pessoas prefere perder seu tempo alimentando seu ego e nutrindo seus próprios inimigos. Elas estão satisfeitas em serem apenas meros consumidores de ilusões, escravas das tendências do mercado e preocupadas em manter as aparências. Além disso, quem se atreveria a dissolver seu próprio ego e jogar fora sua vida, arriscando-se a ser um *jackhole*, ou um João-ninguém pelo resto de sua existência?” Apesar de frequentar a mansão do guru todos os dias com certa diligência, Dr. Carl não foi imediatamente iniciado pelo indiano como esperava. Ouviu muitas histórias antes de seu treinamento, até que Abhijit resolveu sacudir o corpo e a alma do jovem médico. Para começar sua iniciação, seu instrutor prescreveu-lhe uma dura rotina de trabalho e fez com que todos os dias o aspirante acordasse cedo (de preferência quatro horas da madrugada), respirasse profundamente até ficar hiperoxigenado e fizesse vigorosos exercícios físicos para ganhar mais saúde e vigor, entre eles correr, caminhar nas brasas e nadar no rio Kaveri. Aprendeu a praticar *bhastrikā* para limpar as vias aéreas e controlar seus *vrittis* (seguindo assim os milenares ensinamentos de Patañjali: *yogash chitta vritti nirodhah*), e a meditar todos os dias. Após meses nesse rígido treinamento, quando viu que o jovem médico estava robusto e vigoroso, o indiano passou então ao novíço algumas técnicas de *yôga* para alongar e descontraír a musculatura, para livrá-lo de qualquer tipo de tensão física, instruindo-o a praticar uma hora de meditação pela manhã, à tarde e no final do dia, a fim de aumentar sua concentração e sintonizar sua vibração com o *Pranava*, mantra que contém em si um conhecimento antiquíssimo do corpo sonoro do Brahma, ou Absoluto, um importante conhecimento recebido pelo médico ao ser iniciado na origem do universo.

Embora férrea, a disciplina agradou o alemão. Desde criança estava acostumado a ser organizado, persistente e paciente, além de ter hábitos saudáveis como nadar, correr e praticar esportes. Os primeiros resultados dessa revigorante fase de purificação logo começaram a aparecer, inicialmente como um magnífico acréscimo de energia. Fortalecido e mais viril, o iniciado sentiu-se também mais leve, mais concentrado e mais purificado. Conseguia executar todas as suas tarefas do dia a dia com perfeição e permanecer horas meditando em *padmāsana* (ainda que suas pernas sempre formigassem). O jovem médico aperfeiçoou assim sua persistência e procurou escutar seus sons interiores, como lhe orientou o guru. Mesmo fatigado por tanto esforço, o instruído obedeceu a todas as prescrições do instrutor e demorou mais alguns meses para descobrir que o persistente e inaudito *tinnitus* que percebia em algum absconso lugar do seu cérebro (e confundira erroneamente com ruídos fantasmas causados por falhas nos neurônios auditivos) era a tal vibração mística mencionada pelo hindu no *Pránava Diksha*. Em seguida, satisfeito com esse resultado, Abhijit instruiu seu pupilo a tentar ver uma espécie de “luz brilhando entre os olhos” quando estivesse em meditação profunda. Concentrando-se em seu *kūtastha*, disse ele, toda a energia (ou *Shakti*) seria direcionada para os níveis superiores de consciência. Mas o médico, por mais que se esforçasse, nada conseguiu visualizar. “*Enta piraccinaiyum illai*”, disse o instrutor, em tâmil. “Não tem importância. Leva mesmo algum tempo para chegar até lá. Para algumas pessoas pode levar décadas. Mas não desanime.” Satisfeito com o progresso do tutelado, o guru ensinou então Dr. Carl a obter total controle sobre seus esfíncteres e fluxos energéticos, aplicando a ciência do *Ram Nām Likhita Japam* para limpar seus chakras e eliminar o karma acumulado nos órgãos, enquanto visualizava yantras e vocalizava mantras, a fim de treinar seu corpo para um evento mágico. O objetivo, segundo ele, era “despertar a deusa”, cruzando do domínio terreno para o domínio do numinoso-fantástico. “Existem dois elementos essenciais em todos os seres e coisas: consciência e energia” explicou Abhijit. “Venerá-los nos permite reconhecer nossa própria natureza divina inata. Gra-

ças à energia da Shakti, a consciência pode ter a força necessária para atingir seus grandes propósitos. Sem Shakti não há Shiva.” Fez assim o alemão decorar todos os hinos e cânticos de Lalita Tripurasundari, o *Saundarya Lahari* de Shankara por inteiro, além de trechos do *Devi Mahatmya* e de todos Tantras que mencionavam a Shakti, iniciando-o assim no significado de cada palavra em sânscrito e sua conexão com a antiquíssima filosofia hindu. Ensinou-lhe a pronúncia correta dos mantras, instruindo-o na ciência do Sri Vidya em seu nível mais básico. Após preparar Dr. Carl física e emocionalmente, Abhijit transmitiu ao aspirante o precioso conhecimento da mais poderosa filosofia comportamental hindu e falou sobre os seis piores inimigos de um indivíduo: a ira, o desejo, os ciúmes, a inveja, o orgulho e a confusão. Toda a existência humana podia se resumir à vitória sobre nosso lado desumano, disse o hindu, citando o Bhagavad Gita. Em um dos relatos do livro sagrado, Krishna fez Arjuna perceber que os maiores adversários de um indivíduo estão dentro dele mesmo. Ele deve vencer sua própria inércia para ganhar a luta contra seus demônios, disse o indiano. Abhijit acrescentou que o médico teria a vida inteira para controlá-los, mas que, uma vez vencida a batalha, o *sádhaka* seria recompensado com uma grande benção. A vitória sobre esses inimigos mortais de homens e mulheres era a própria vitória sobre o karma negativo, disse ele. Poucos mestres, no entanto, ensinavam seus discípulos a conquistá-la. “A iniciação incorreta corrompe a vida de uma pessoa. Um mestre que ensina um discípulo a pensar apenas em dinheiro faz dele um mau discípulo, e com o tempo ambos adquirem um mau karma. Como médico, você deve mostrar aos seus pacientes que sabe cuidar de si mesmo. Ou, do contrário, eles não terão confiança em suas palavras. Por isso devemos ser exemplos para outras pessoas e demonstrar a elas que conseguimos vencer nossos próprios demônios. Somente assim poderemos viver em paz com o mundo e transformá-lo em um lugar melhor”, concluiu o indiano. Com isso, declarou o mestre tâmil ao terminar seu discurso, o discípulo estava finalmente iniciado e pronto para sua longa jornada em busca da iluminação e da glória espiritual. Elaborou, mediante a ciência do *jyotisha*, o mapa astral do iniciado e prognosticou que, após um ciclo completo de *dashas*, ele conheceria as diversas facetas das Mahavidyas, teria esquecimentos e recordações, assim como pequenas alegrias e tristezas, mas finalmente renasceria como Garuda (ou como uma Fênix), mesmo que estivesse predestinado a ser um João-ninguém para o resto de sua vida. Por fim, tendo transmitido tudo o que sabia ao médico, o guru disse que ele devia agora seguir seu caminho da melhor forma possível, segundo seu *dharma*. “It’s up to you now!”, afirmou Abhijit, sorridente. Aconselhou ainda que ele mantivesse continência social, cultivasse bons hábitos de relacionamento e se precavesse de um contato prolongado com pessoas nocivas ou tagarelas, evitasse falar demais e se afastasse de mulheres tipo Kali, para que não infernizassem sua vida, preferindo em vez disso a companhia de mulheres tipo Parvati (aquelas que, segundo ele, sabem apreciar as artes, a alimentação natural e a jardinagem, e sabem com isso conservar sua semente da juventude e cuidar de sua beleza e de sua vida), pois aprenderia com elas a cultivar e preservar a força vital, e, se ele fosse um homem bom e atencioso, ela o conduziria ao êxtase e ao *moksha*. Enquanto não encontrasse seu par tântrico, no entanto, sempre que achasse necessário, o neófito podia se dedicar à prática do Kamakala Dhyana, desde que evitasse verter inutilmente seu precioso *ojas*. Após essa última visita, o iniciado seguiria quase à risca as recomendações do mestre (ainda que, algumas vezes, tenha se envolvido com *shaktis* do tipo Kali e se arrependido amargamente) e, na semana seguinte, deixaria a Índia e partiria para a China, até regressar, enfim, à Europa, meses depois. Em sua despedida, o jovem médico agradeceu Abhijit com lágrimas nos olhos. Descobriria a verdade em tudo o que o guru lhe ensinara, embora duvidasse da leitura de seu destino feita pelo hindu. Mesmo fadado a ser um *jackhole*, Dr. Carl sabia que a astrologia védica era cheia de falhas (segundo ele, por se basear no zodíaco sideral em vez do zodíaco tropical, no qual confiava mais), e decidiu que, em vez disso, seria um homem bem-sucedido.

No início, logo após voltar à Alemanha, Dr. Carl, exercitou todos os ensinamentos transmitidos pelo hindu com dedicação. Após ter adquirido um notável controle respiratório, ele passou a controlar também outras funções fisiológicas como a micção, a excreção, a ejaculação e o sono, conforme lhe ensinara o guru. A vantagem de todo esse controle fez com que conseguisse manter um extraordinário foco em qualquer imagem, obra de arte, objeto ou senso-objeto, ou mesmo examinando um paciente durante a anamnese preliminar ao tratamento. Gabava-se de poder passar horas em total concentração. “Pratique, pratique, pratique”, repetia ele aos seus pacientes. “A prática faz o mestre. Ou o médico, se for um empírico como eu. Um empírico fiel, porém, ao ponto de vista fenomenológico e que procura não infringir o empirismo científico. Mesmo para refrear nossas emoções negativas, um pouco de artimanha também se faz necessária.”

Todas as técnicas aprendidas pelo médico no Oriente eram prescritas durante o tratamento de desintoxicação em Bünzli. Algumas delas surtiam efeito, outras não, pois nem todos possuíam a concentração necessária para levá-las a cabo. Em último caso, quando os pacientes não conseguiam seguir as recomendações do Dr. Carl, havia ainda um recurso tecnológico. O médico inventara um tipo de relógio (fabricado na Suíça, naturalmente) que podia medir excitação ou estresse por intermédio de leituras de condutância epitelial aumentada pela perspiração. Ao captar qualquer acréscimo na temperatura corporal da pele, o aparelho alertava para qualquer mínima alteração hormonal. Por meio de uma lógica interna, a engenhoca emitia um sinal ao paciente, avisando-o de alguma mudança em seu estado emocional ou mesmo da proximidade de alguma crise psicológica. A invenção tinha também outras funcionalidades. Graças às alterações nos batimentos cardíacos, era possível saber que tipos de hormônios haviam sido liberados na corrente sanguínea. Além disso, ao avisar de alguma alteração fisiológica mais drástica, o dispositivo incluía uma voz de robô, que sugeria ao paciente contar até vinte, caso ele se distraísse. Anne, contudo, não gostava de escutá-la. Ao pronunciar seus avisos intermitentes em três idiomas diferentes (“Attention, s’il vous plait! Attention, please! Attention, bitte!”), o peculiar efeito *vocoder* do artefato evocava um trecho de *Trans-Europe Express* do Kraftwerk em suas lembranças. Um tanto constrangida por esses insensíveis e espalhafatosos comandos de voz, ela sentia-se um Dr. Bowman alertado por um computador tagarela, a bordo de uma nave espacial na órbita de Júpiter. Impaciente com esses alertas robóticos, Anne preferia escutar em algum canto de seu cérebro sua própria voz da autoridade lhe dizer: “*Thimú kráti!* Fica fria!”. Somente ao soar esse gongo psicológico ela era capaz de controlar um pouco sua irritação.

O método de Controle Estoico da Raiva promovido por Dr. Carl consistia de diversas técnicas, todas elas baseadas em pensamentos de filósofos estoicos romanos. Sua prática era uma aplicação de uma série de procedimentos muito elementares mas de difícil execução. Uma das técnicas utilizadas pelo médico era retirada da filosofia de Epiteto (considerado por Dr. Carl como um dos maiores sábios da Antiguidade ao lado de Hipócrates, Asclepiades, Herófilo, Celso e Galeno), e consistia em fazer um exame de consciência toda vez que uma pessoa tivesse uma emoção negativa. Segundo essa abordagem, o paciente devia examinar as impressões que despertaram as sinapses em seu sistema límbico e entender suas repercussões no resto do corpo (sobretudo em seu ritmo respiratório). Durante algum tempo, era necessário lembrar todas as suas sensações e todas as memórias que viessem à tona, de modo a imaginar um quadro

geral. As impressões deviam ser primeiramente examinadas e testadas, e descartadas em seguida se não fossem válidas ou fossem apenas absurdas, evitando dessa maneira conter qualquer abrupto ataque de raiva. Essa era a maneira que o estoicismo de Epíteto lidava com as emoções, um método muito utilizado pelo médico em sua clínica como preciosas recomendações aos pacientes coléricos. Dr. Carl gostava, inclusive, de citar frases inteiras do célebre filósofo estoico.

“Tenha em mente que não é insolente quem ofende ou agride, mas sim a opinião segundo a qual esse sujeito é insolente. Quando, portanto, alguém o provocar, assegure-se de que foi seu próprio juízo que o provocou. E assim, em primeiro lugar, tente não se confundir com as aparências: uma vez que, ao ganhar tempo e descansar a mente de esforços inúteis, você será capaz de se controlar com mais facilidade.”

Apesar de seu forte embasamento na filosofia estoica latina, as sugestões do médico eram, porém, inúteis para Anne. Ela não estava muito motivada para combater sua raiva (apelidada de *Amok*, uma referência à cultura nórdica, uma predileção adquirida após ler, em tradução alemã, as sagas islandesas, entre elas a *Heimskringla* e a *Völsunga*). Quando irritada, Anne chegava facilmente ao *Furor Teutonicus* (ou seja, uma raiva irrefreável e frenética). Quem por infelicidade a visse durante um surto a confundiria muito bem com um daqueles seres magníficos que despertaram a admiração dos escandinavos medievais por sua bravura e resistência, os temíveis guerreiros nórdicos da Era Viking alcunhados de *Berserker*, que lutavam furiosamente em transe nas sangrentas batalhas, sem que ninguém pudesse contê-los. Como se cultivasse um mau hábito, Anne deixou que sua raiva criasse raízes e assumisse proporções incontroláveis. Ao contrário de Antoine, a jovem descuidara dessas partes apodrecidas, e elas, no decorrer do tempo, tornaram-se flores do mal *d'une beauté sinistre e froide* (segundo a pena de Baudelaire), enfeitando alguma parte sombria de sua psique. Nutri-las era a única fonte de satisfação atual de Anne. Afinal, sem esse intrigante artifício, que prazer havia na arte, no amor, na perversidade ou mesmo na rebelião? Mas não foi apenas a maneira abrupta de Antoine que a irritou tão profundamente. O ruído do talher chocando-se contra o piso era o menor de seus males.

Na verdade, Anne estava passando por uma fase nada satisfatória em sua prolongada permanência em Bünzli. Depois de quatro meses sem obter resultado em seu tratamento, tudo a irritava. Qualquer outro ruído (além, claro, daquele provocado pelo choque de um talher no piso cerâmico) teria despertado ainda mais a ira da jovem. Nos últimos meses, descrente em seu tratamento, ela chegara, por fim, ao seu clímax mais negativamente plutoniano possível. Distanciada dos outros pacientes e negligenciada pelos pais, ela imaginou-se sozinha morando em Marte. Nessas condições extremas, o isolamento muito contribuiria para elevar seus níveis de hormônios a uma escala nunca alcançada, tornando assim sua própria fisiologia uma Estação no Inferno. Ultimamente sentia-se em um delicado e suscetível estado de nervos, como se estivesse prestes a menstruar. Internada pelo pai depois de um surto doméstico (em que quis quebrar toda a coleção de xícaras da avó), ela atravessava agora uma nova fase em sua vida. A mudança para Bünzli, contudo, não melhorou em nada o seu humor abalado. Mesmo tendo transcorrido um considerável tempo de tratamento na clínica, ela ainda irritava-se com extrema facilidade, uma reação que algumas vezes adquiria tons um tanto dramáticos (e também

quase mortíferos, se contarmos os inúmeros objetos atirados pelas janelas: porcelana chinesa, livros de filosofia, travessieiros de penas de ganso, obsoletas fitas de vídeo padrão VHS e álbuns de vinyl de bandas como Kleenex/LiLiPUT, Yello, Double, Mittagessen, The Vyllies, The Tickets, Le Beau Lac De Bâle, Technicolor, The Zero Heroes, Ping Pong, Looney Tunes e Grauzone, considerados pelos disc-jockeys suíços como raros exemplares de uma Era de Ouro da música helvética). Esses surtos de fúria e os acidentes de convívio geravam muitas vezes protestos dos outros pacientes, criando uma séria perturbação coletiva e causando um momentâneo caos psicológico na clínica, uma vez que muitos dos internos ficavam transtornados por aqueles arroubos emocionais, exibindo assim um nervosismo fora do comum.

O *distress* de Anne preocupou o médico desde o princípio. Um atento observador de seus pacientes, Dr. Carl viu na garota um caso interessante de extrema irritabilidade, causada pelo déficit de atenção e de afeto. Em sua opinião de especialista da mente humana, a atenção era um ingrediente essencial para manter as pessoas mais calmas e seguras. “Ao olhar com atenção uma planta, podemos perceber, por suas folhas amareladas, que ela não está mais extraindo nutrientes do solo. E concluímos assim que ela precisa de adubo. A mesma coisa funciona com certas pessoas”, pensou ele. Agindo com presteza, Dr. Carl decidiu aplicar na paciente uma das técnicas de seu Controle Estoico da Raiva. Ela devia, recomendou o médico, prestar mais atenção às suas variações de humor. Somente assim perceberia melhor seu lado animal reprimido e sua Sombra (citando o jargão psicanalítico). “Antes de tudo precisamos domesticar nossas próprias feras. Um sujeito excitável”, disse ele, “deve aprender a lidar sobriamente com suas reações emocionais negativas. Ou, do contrário, perderá a boa medida”. Quando a técnica não deu certo, no entanto, Dr. Carl resolveu adotar outra tática. O médico recomendou então a Anne um programa completo de autocontrole emocional e a utilização do seu relógio alarmante, sobretudo quando estivesse prestes a se irritar. Nesses momentos perturbadores, qualquer mínimo autodomínio sobre suas emoções era bem-vindo, explicou Dr. Carl, mesmo que custasse algum esforço.

Até certo ponto, aliás, a jovem paciente seguiu as recomendações médicas e foi capaz de controlar seus maus pensamentos, e também sua *Vergangenheitsbewältigung* (ou seja, a reconhecida habilidade germânica de lidar com sua má memória). Mas tudo tinha um limite. Em sua última explosão, alguns dias antes de conhecer Antoine, Anne ficou tão desgostosa consigo mesma que permaneceu uma semana inteira sem sair de seu quarto, punindo-se por seu ridículo comportamento no refeitório depois de arremessar um prato ao chão.

O exacerbado episódio, de fato, despertou na jovem uma incômoda autocrítica, e ela resolveu dar uma lição em si mesma, sem que seu médico soubesse. Encerrada em seu quarto, Anne decidiu cumprir penitência por todo aquela dramaticidade desnecessária. Estava amargamente arrependida por ter perdido mais uma vez seu controle. Essa foi a semana mais terrível desde o início de seu internamento. A reclusão fez com que revivesse em pensamentos sua adolescência em Berna, uma acerba época de sua primeira juventude, quando extrapolou os limites da paciência de seus pais, obrigando-os a puni-la com a reclusão em seu quarto. Quantas vezes não experimentara esse enfadonho castigo, após aprontar mais uma de suas cenas bombásticas em casa? Em pouco tempo, contudo, a clausura a entediou. Mesmo em seu elemento natural, cercada de livros, origamis e fotografias, Anne preferia acima de tudo uma boa fração de ar

puro. No final, a decisão de se manter isolada não foi tão ruim para seu ardoroso *free spirit*. Até mesmo adquiriu uma certa tolerância aos outros pacientes. Em sua memória semântica, eles eram apenas amnésicos sem modos e sem etiquetas, adultos regredidos a um estado infantil. Acostumou-se a andar entre eles como se visitasse um cemitério. Por esse motivo, a chegada de Antoine à sua mesa não a perturbou muito, até que sua refeição fosse interrompida por uma *force majeure*.

A primeira reação da *jeune fille* ao ouvir o talher cair no chão foi respirar fundo e iniciar sua íntima contagem numérica. Aderindo a uma zelosa precaução, Anne seguiu a recomendação do médico e buscou manter uma postura neutra, evitando assim comprometer de novo seu tratamento com outra repentina explosão emocional. Sua neutralidade, no entanto, foi abalada pela suspeita. Todos aqueles rostos olhando em sua direção fizeram a situação parecer um tanto *awkward*. Na seriedade de suas expressões duras, percebeu uma velada censura. Pareciam culpá-la pelo incômodo. Aqueles olhares repreensores a intimidaram. Com isso Anne não conseguiu chegar mentalmente até o fim de sua contagem e desviou os olhos do prato para o sujeito sentado à sua frente.

Naquele embaraçoso instante, Anne sentiu um certo desconforto ao constatar que estava novamente diante de Antoine. “*Mon dieu!* Esse tonto de novo!” pensou ela. Apesar de ter encontrado o trapalhão no espaçoso pátio da clínica, algumas horas antes, Anne considerava que as fugazes impressões trocadas entre eles não eram dignas de uma segunda avaliação. Descobriria agora que estava enganada. Embora tivesse deixado para trás seus estudos de filosofia grega, Anne ainda guardava consigo alguns conceitos preciosos (Aretê e Aleteia, sobretudo) e utilizava seu raciocínio dedutivo com frequência. Antes de julgar algo como falso, reconhecia ela, era necessário provar sua falsidade. Era preciso, antes de tudo, examiná-lo racionalmente de todos os ângulos, com provas e contraprovas. Ou seja, somente após verificar a validade das premissas gerais é possível identificar uma falácia. É preciso que todas as evidências sejam validadas antes que seja emitido um veredito final, reza a lógica aristotélica. Talvez Antoine não fosse tão tonto quanto imaginara, pensou Anne. Por esse motivo decidiu finalizar sua refeição, em vez de se levantar e partir, como faria se estivesse muito aborrecida. Quis saber até que ponto chegariam as excentricidades daquele novo paciente. Por isso não se importou com os olhares do público voltados para sua mesa. “Que olhem! Fazer o quê?”, pensou ela. “A vida é assim: ao buscar apenas seus próprios *rewardings*, cada pessoa coopera para que o mundo fique ainda mais caótico e confuso.” Contra o imprevisível, concluiu, não existe alternativa senão tentar manter o controle. Sua contagem respiratória, no entanto, terminou na metade por conta de algo mais premente do que sua resignação ao caos passageiro.

Impaciente com o trapalhão, Anne estava prestes a se levantar e partir. Por sorte (ou por azar), a sobremesa de Antoine atraiu o ávido olhar da jovem comensal e sua curiosidade se inflamou por um átimo, triunfando sobre seu juízo lógico. Todos os seus silogismos e deduções desapareceram por encanto. Diante da torta triste e abandonada, Anne quis saber que destino teria aquela saborosa *Delicatesse*. Por um impulso irresistível deixou de lado seu raciocínio dedutivo e cedeu aos seus desejos mais instintivos. Essa novidade teve um efeito instantâneo nos estranhos e misteriosos processos que acontecem no sistema límbico de um sujeito distraído. A sedutora visão gastronômica serviu para controlar o aborrecimento de Anne, criando uma bar-

reira artificial para sua raiva e bloqueando o rio de lava emocional que corria por suas veias após a queda do talher. “Não vai querer sua sobremesa?”, essa foi a única frase que conseguiu exprimir sua surpresa. Contudo, quando seu companheiro de mesa demonstrou seu desprezo por doces, foi a vez do juízo ético-estético da jovem ser abalado (“que feio!”, pensou ela). Ao constatar que Antoine estava desperdiçando a guloseima por conta de seus receios infundados, Anne sentiu um desdém de grau moderado (em uma escala que ia do nível 1 — pouco-caso — até o nível 5 — desprezo total).

Há algum tempo Anne aprendera que as manias masculinas não tinham explicação lógica. Lembrou-se de uma ocasião em que Markus decidiu seguir o hábito de tomar chá de cardo, ao ler em algum lugar que o *Silybum marianum* era utilizado na medicina chinesa tradicional para desintoxicar o organismo e promover assim o fluxo da bile. Como qualquer outro suíço, Markus tinha também suas superstições relacionadas à saúde física. Cética com essa preferência, Anne escutou os argumentos do namorado sem fazer qualquer comentário. Ela, que nunca se interessara em melhorar sua péssima concentração, apenas suspirou diante dessa esquisitice dietética. Sabia que os esportistas estavam sempre em busca de um elixir da juventude para melhorar seu desempenho nas competições e tomou aquilo como mais uma excentricidade do namorado. Mesmo depois que Anne deu a Markus uma revista científica com um artigo intitulado *Instilling of hope and subject expectancy effect on the consume of herbal medicines*, ele não desfez o hábito. Era um homem persistente. Mas quem podia entender a persistência dos homens? Costumava se perguntar a jovem. Muito deles teimam em manter suas opiniões mesmo sabendo que são falsas. E ali diante dela, sentado à sua frente, estava outro *freak* com manias incompreensíveis. Para Anne, os inventores de dietas eram compulsivos infelizes que não encontraram uma maneira melhor de refrear seus impulsos incontroláveis. Somente alguém com sérios problemas mentais não gostava de chocolate, pensou ela.

Na conversa que se seguiu, Anne logo percebeu o grau de amnésia de seu interlocutor. Talvez não se lembrasse nem mesmo dos bons modos à mesa ou dos hábitos mais básicos. Apiedou-se ao pensar que Antoine devia ter um problema sério para se levantar da cama pela manhã (ou até mesmo para manter sua higiene bucal), e seu desdém foi substituído por uma certa compaixão. Ao deduzir que Antoine era provavelmente um amnésico de grau avançado, ela sentiu uma súbita simpatia pela combalida memória do paciente trapalhão. Talvez ele não tivesse deixado a colher cair de propósito, concluiu Anne. Sua coordenação motora provavelmente não era mais a mesma. *Pauvre diable!* Anne percebeu que devia ser cautelosa caso estivesse realmente diante de outro perigoso excêntrico. O que poderia esperar de um violinista que queria ser punk? Ou mesmo de um punk apaixonado por poesia? Afinal, Antoine não era nenhum John Cale. Sua aparência militar não negava sua predileção pela ordem, mas Anne, por sua experiência, reconhecia os tipos desiludidos e também os frustrados.

Durante o tempo que ficara reclusa em seu quarto, Anne refletira melhor em seu passado. Desde criança, ela sempre tivera tudo o que quisera, exigindo que seus pais atendessem aos seus pedidos mais absurdos. Quantas vezes, de castigo em seu quarto após uma cena bombástica, ela não ficou horas chorando tentando chantageá-los com seu mau humor? Em certa ocasião, seu pai, extremamente aborrecido pela excessiva dramatização de Anne, deixou ao lado da cama da filha uma revista aberta no artigo *Crying crisis episodes and its relation to children*

with Empress Syndrome. Anne ficou tão curiosa pelo título que começou a lê-lo no mesmo instante. Depois de dois capítulos, descobriu que possuía o que o autor chamava de “baixa tolerância à frustração”, percebendo assim que dali em diante não seria mais atendida em seus caprichos. Ou ela aprendia a negociar, ou não teria mais o que tanto desejava, concluiu a adolescente.

As táticas utilizadas por Antoine para chamar atenção de Anne fizeram com ela relembresse suas crises de choro de criança. Houve um tempo em que ela podia passar horas chorando, até que restasse apenas lágrimas de crocodilo. Em sua infância, ela não tinha outra arma contra os pais a não ser protestar aos prantos, procurando ser insistente até os limites da paciência materna, ou quando finalmente suas tentativas fossem frustradas pelo racionalismo paterno. Em sua adolescência, ao constatar que era uma pessoa mortal como qualquer outra, Anne perdeu todas as suas ilusões e desceu de sua torre de marfim. Percebeu, resignada, que estava envelhecendo. “Memento mori”, costumava dizer para si mesma. “Eu mal vivi e já estou chegando ao meu fim.” Começou então a passar mais tempo sozinha em longas reflexões, lendo livros ou divagando sobre algum assunto científico ou filosófico. Com frequência, no entanto, suas fantasias consumistas retornavam com mais força. Após passar algum tempo nas redes sociais, assaltada pelas novidades, ela sentia vontade de sair, comer em um restaurante badalado, ir a apresentações ou exposições, comprar uma roupa bonita ou fazer uma viagem divertida. Seus pais, após diversas discussões, muitas vezes aceitavam suas demandas sob condições que nunca a satisfaziam. Ela podia fazer o que quisesse desde que não ultrapassasse o limite de seu cartão de crédito. Anne não gostava dessas limitações. Mesmo assim visitou a Europa inteira, fez compras em Paris, frequentou shows e exposições, e logo se desiluiu. A realidade estava muito aquém do que sonhara. Suas fantasias infantis haviam perdido seu colorido e seu encanto. As cidades pareciam mais cinzentas do que imaginava e as pessoas cada vez mais velhas e queixosas. Nem mesmo Paris, que tanto a impressionara na infância, parecia agradá-la mais. A Cidade Luz agora parecia feia e cinzenta em sua pátina, um detalhe que passaria despercebido aos incautos turistas que a visitavam todo ano, atraídos pelas imagens divulgadas na mídia e desatentos às mudanças do clima, da política e da paisagem. Anne passou uma adolescência melancólica e solitária, uma fase negra preenchida de passeios a cemitérios e leituras dos existencialistas franceses. Nesse período, um artigo lido em uma revista chamou sua atenção em especial. No texto em questão, um filósofo analisa o papel de Tanatos como o Grande Outro hegeliano.

No artigo intitulado “The death-driven hegelian ontogeny and the Myth of Sisyphus”, o autor chama a morte de Senhor Absoluto, um ente invisível que nos diz para continuar incansavelmente a corrida da vida, a despeito de nos sacrificarmos por uma causa inútil. Anne identificou-se de imediato com essas palavras. Em seu texto, repleto de citações em alemão, o filósofo explica que todo o processo que leva da substância à subjetividade, do imediatismo dos desejos para a mediação da razão é todo motivado pela ideia da morte. Nosso dia a dia, argumenta o autor, não é mais do que uma corrida em que o fim volta ao início, e os seres humanos buscam vencer esse eterno retorno aspirando à imortalidade, uma missão impossível quando tudo o que fazemos e tudo pelo que lutamos é facilmente esquecido. Ainda que muitas vezes a pesada rocha do destino role montanha abaixo, escreve ele, os indivíduos precisam prosseguir seu caminho sem perder o rumo. Para terminar a sisífica tarefa que os deuses nos infligiram precisamos ter coragem em aceitar o conflito e superar as adversidades. Sem o confronto não há ex-

periência, afirma o autor. E sem experiência não há saber. O filósofo conclui então seu discurso afirmando que o Mestre e o Escravo hegeliano é uma metáfora atemporal, um mito freudiano que ilustra o desconhecimento do ser humano sobre sua integridade psicofísica, e narra sua infundável busca pelo conhecimento e suas limitações diante das dificuldades e da morte.

Ao concluir a leitura do texto, Anne pensou um pouco em sua própria existência. Todo esse discurso existencialista alimentou ainda mais o fogo de seu pessimismo. Havia tanta coisa ainda por saber, e tanto a descobrir. Talvez vivesse cem anos e nunca aprenderia tudo. Sua inexperiência a desanimava. Como chegaria ao saber universal com tantas limitações? Ela não era dona de seu nariz, não se sentia livre ou independente, e ainda por cima era uma brasileira vivendo na Suíça. Se pudesse fazer uma comparação com a dialética hegeliana, Anne diria que ainda estava engatinhando em direção à liberdade. No primeiro estágio de sua vida, ela foi guiada apenas por seus impulsos consumistas, e suas fantasias infantis apenas a tornaram uma consumidora voraz e exigente. Em sua adolescência, no segundo estágio dialético, ela aceitou os limites de seu círculo social e decidiu atuar não mais como a filha obediente que era, mas como uma adolescente rebelde. Nessa época, mais madura, ela decidiu negar sua fase pueril e assumiu uma atitude mais incrédula em relação ao mundo adulto. Afinal, não era mais uma menina. Agora podia caminhar por suas próprias pernas e fazer o que bem quisesse. Ao terminar seu *Gymnasium* e buscar conhecer melhor o mundo, Anne chegou a uma definição mais compreensiva do que era ser *mulher* em contraposição ao ser uma *garota*. Ao unir a emoção ao intelecto, ela finalmente saiu da esfera privada de sua família para a esfera pública e, mais ousada e independente, quis seguir o mesmo caminho dos filósofos. Como sujeito pensante autônomo, Anne deixara para trás a jovem fantasiosa e idealista que havia sido e, ao ganhar a cidadania global, integrou-se ao seu tempo, refletindo o espírito de sua geração. Durante todo esse processo, ao expandir sua própria subjetividade a novos limites e altitudes, Anne ganhou mais liberdade para pensar e agir. Mas ainda faltava algo. Em suas noites insones, ela era assaltada por diversas incertezas. Por mais que dissesse para si mesma que era livre, seus sentimentos diziam o contrário. Se toda a realidade era um reflexo de uma relação Mestre e Escravo, como podia ser livre em um mundo oprimido pela presença da morte? Cheia de dúvidas, ela passaria boa parte de sua juventude visitando cemitérios e lendo epitáfios em diversas línguas, memorizando poemas de Sylvia Plath, Anne Sexton ou Alejandra Pizarnik, ou ainda tentando encontrar em Tanatos um consolo para seus melancólicos dias sem esperança. Suas futuras relações amorosas também não ajudariam em nada a desfazer sua sensação de abandono diante do Senhor Absoluto, uma desilusão que transpareceria anos depois no seu descontentamento geral com a vida, com as pessoas e com seu tratamento. Antes de ser internada em Bünzgli, ela adquirira uma irritação constante, uma reação emocional que apenas refletia seu pessimismo e sua falta de confiança nos médicos. Por isso compreendia bem quando as coisas começam a ficar um tanto caóticas ao seu redor. Quando, por exemplo, as pessoas ficavam descontroladas e os talheres caíam das mesas.

Talvez Antoine quisesse apenas chamar atenção, pensou Anne. Ou estivesse, como ela própria, apenas insatisfeito com seu tratamento. Deu assim uma certa razão aos seus motivos. De vez em quando, pensou ela, também sentia vontade de demonstrar sua indignação. Gostaria de deixar cair o prato no chão, gritar ou subir em cima da mesa, fazer algo indecoroso ou chocante. Ao indignar-se um sujeito exibe sua verdade, sabia ela. Por que então se irritaria com a verdade? Os costumes são os pais das falácias. Se todos se importassem com a verdade não existi-

ria mais hipocrisia, constatou Anne. Por se encontrarem presas ao falacioso, refletiu a jovem, as pessoas não mais se indignavam. Invejou um pouco o comportamento de Antoine. Queria poder ser tão livre. Desde seu internamento, abriu mão de tantas coisas, inclusive de sua liberdade. De vez em quando Anne gostaria também de fazer algo que não costumava fazer. Comer chocolate, usar um perfume, assistir a filmes e jogar o decoro pela janela, mesmo que todos estivessem olhando. Antoine não era certamente tão tonto quanto imaginara, declarou Anne para si mesma. Havia algo de interessante em sua maneira desajeitada. Evidentemente, Anne não podia saber exatamente o que era. Resolveu então investigar.

— Todo mundo tem sonhos de consumo — disse Anne. — Você não?

— Depois que voltei do Brasil, meus sonhos mudaram para melhor — replicou Antoine. — Desde minha adolescência, tenho um sonho recorrente. Nele eu me encontro em um parque abandonado de alguma cidadezinha perdida no tempo, andando em um trem fantasma. Há escuridão e vultos por toda parte, e estou sozinho. É uma situação angustiante. Eu aguardava com ansiedade para ver uma luz no fim do túnel. Talvez esse sonho tenha alguma relação com meu passado. Passei uma fase sombria na América, sabe? Eu vivia na escuridão.

— As cidades brasileiras não possuem iluminação urbana? Deve ser como morar em Sumvitg.

— O que adianta iluminar as ruas e obscurecer as consciências? Há escuridão pior do que a cegueira? Sem iluminar a consciência não podemos ver o céu.

— Então não apreciou a bela visão do Cruzeiro do Sul?

— Eu nunca soube identificar o Cruzeiro. E sempre que eu perguntava ninguém sabia me informar. Os brasileiros não se importam em olhar o céu ou encontrar a luz. Eles nunca estão satisfeitos com seus governantes, com sua situação política e econômica, ou consigo mesmos. Eu ficaria satisfeito se ao menos encontrasse uma vela brilhando na escuridão. Às vezes me sinto vivendo na Idade das Trevas. Talvez por essa razão meus sonhos são tão obscuros.

— Faz sentido.

— Dr. Carl analisou meus sonhos e me disse que, em breve, verei finalmente a *Lux Occulta* — continuou Antoine, desatento ao desinteresse de Anne. — Esse é o ponto culminante da desmemorização.

— Está brincando? Quando acontecerá esse fato miraculoso?

— No momento propício. Mas não depende apenas de minha vontade. Corpo e mente devem estar prontos para a iluminação. Não sou suficientemente sensível para tanto. Ainda tenho um pouco da brutalidade do homem tropical.

Nesse ponto Anne evitou fazer uma *mocking face*. No intervalo em que permaneceu enclausurada em seus aposentos ruminando sua vida, ela perdeu um pouco de sua reserva em relação às fantasias masculinas. Ela sabia que Homero e outros poetas haviam deificados as mulheres com o propósito de *instilling of hope* nos homens. Essa visão idealizada, no entanto, apenas lançou a humanidade nas trevas das paixões guerreiras, em que as mulheres serviram de troféus para as paixões dos homens. Por todo o curso dos milênios, a fé e a razão raras vezes estiveram em harmonia. Para que a História realize um dia o sonho de Hegel e sua maestria sobre as Trevas da Ignorância, Atena e Afrodite não deviam estar separadas, acreditava ela. Somente quando o sensível no homem se aliar ao inteligível é possível a iluminação, refletiu ela, lembrando algo que Dr. Carl lhe dissera. Antoine talvez estivesse se iludindo. Como pensava ele em alcançar tão grandioso objetivo esquecendo-se de si mesmo? Indagou-se Anne. Ou será que ele sabia alguma coisa que ela não sabia? Nesse instante, uma luz brilhou em alguma parte oculta dos inquietos pensamentos de Anne, e ela despertou epifanicamente. Havia chegado a uma conclusão sem utilizar premissas gerais, e nem mesmo um *Modus Ponens* ou um *Modus Tollens*. E era tão simples quanto fazer uma soma matemática na escola primária. Não era necessário, portanto, que todos os homens fossem sensíveis e inteligentes, concluiu ela. Um só era o bastante. Bastava apenas que um único homem demonstrasse ser diferente dos outros e toda a espécie humana estaria a salvo da destruição. Bastava que um único lemming sobrevivesse ao suicídio coletivo para que a *Wheel of Life* continuasse a girar. Não era Tanatos o Senhor Absoluto, mas a Fortuna (e, no caso, seria uma senhora e não um senhor). E ali, diante dela, estava um bruto que se reconhecia como bruto, uma prova de que Hegel estava errado ao dizer que a sensibilidade se torna obsoleta com o progresso histórico. Antoine era a perfeita encarnação do herói em busca do equilíbrio entre a Razão e a Paixão. Anne viu algo de belo em seu jeito atrapalhado. Ele realmente não era tão tonto quanto imaginara.

E não era mesmo. Um aficionado por música desde a infância, muito cedo Antoine aprendeu a prestigiar as Musas. Além de tocar seu violino, ele também fazia versos desajeitados e ainda rudes, procurando desenvolver seu talento poético. A Arte estava em seu sangue. Afrodite, no entanto, o abandonou algumas vezes. Após diversas desventuras, inclusive no Brasil, o jovem aprendiz perdeu muito de sua aspiração às valiosas artes do passado e deixou para trás tudo o que havia aprendido em nome do utilitário e do prático. De volta à Suíça, no entanto, o tratamento mudara sua sensibilidade, e ele agora reaprendia aos poucos a gostar de conteúdos mais refinados. Um novo mundo se abriu para ele.

As conversas que tivera com Dr. Carl, logo após sua chegada em Bünzgli, abriram os olhos e a mente de Antoine. Em um desses passeios pelos arredores da clínica, o médico recitou os poemas chineses antigos (Li Bai, em especial) e falou de como o contato do Ocidente com o Oriente reviveu o romantismo na Alemanha, graças a Leibniz e Goethe (e seu fascínio pelo *Abhijñānaśākhantam* de Kalidasa). Antoine ouviu tudo com interesse e atenção. “Durante o período romântico a sensibilidade oriental despertou o espírito dos ocidentais, por tanto tempo ador-

mecido pela razão iluminista”, disse Dr. Carl. “Com o Iluminismo, nosso lado inventivo trouxe um progresso nunca visto antes pela humanidade, mas esse progresso não foi vantajoso em alguns aspectos. A tecnologia nos afastou do contato imediato com a realidade e também do divino. O racionalismo desprezou nossa essência.” Desse modo, ao despertar o interesse de seus pacientes pela poesia, Dr. Carl queria ensinar a eles uma forma mais poética de viver. Ao utilizar mais a razão do que intuição, segundo ele, perdemos a sincronia de nosso cérebro. É preciso reaprender a resincronizá-lo, disse Dr. Carl. Explicou então a Antoine como os poetas aspiraram ao divino e à imortalidade ao buscarmos o divino em si mesmos. “Cada um de nós tem um talento especial, *mein Bub*. O Reino de Deus está realmente dentro de nós, como eu próprio constatei”, disse o médico. “Possuímos incríveis habilidades desconhecidas em nosso código genético, armazenadas secretamente em nossos genes. A capacidade de amar é uma delas. Graças a esse sentimento a espécie foi preservada e a humanidade chegou ao patamar que tem hoje. Se os indivíduos não cuidassem uns dos outros, teríamos sido extintos. Somente o amor é capaz de editar nosso código genético sem que necessitemos de qualquer engenharia. Discordo daqueles que acham que nossos genes são egoístas. Existe beleza em nós, acredito eu. É possível alterar nossa má programação. Por conta de seu poder de transformação, acredito que o amor é aquilo que existe de mais belo no ser humano”. Depois de demonstrar seu fascínio pelo mais nobre dos sentimentos, o médico voltou aos poetas. Para ele, a busca pela Beleza romântica não era apenas uma aspiração mística, mas um propósito a ser seguido por qualquer pessoa, fosse ela religiosa ou não. Segundo o médico, o maravilhoso guiou nossas vidas desde sua Antiguidade, possibilitando a criação das cidades e das grandes obras de arte, até que um dia, com o surgimento da abstração matemática e do raciocínio lógico, perdemos o interesse pelo mágico e pelas coisas sensíveis. Ao abandonamos nossa sensibilidade natural e nossa imaginação infantil, disse ele, deixamos também de lado, em nome da objetividade, nossa subjetividade natural da infância, e adquirimos assim uma visão mecânica do cosmos. Ao questionar os mitos e ao criticar os sonhos e as fantasias das crianças, acrescentou Dr. Carl, nós desprezamos nossas origens. Esquecemos assim nossa animalidade sagrada, aquilo que existe de mais divino em nós.

Dr. Carl explicou ao perplexo Antoine que, ironicamente, esse afastamento adulto da sacralidade natural da criança deu origem às religiões. A infância, com sua graça e seu apelo pueril, inspirou as utopias dos teólogos e dos materialistas dialéticos depois deles. O paraíso perdido da primavera da vida tornou-se assim um propósito transcendental, disse o médico. À medida que a humanidade envelheceu, contudo, deixou de escutar a voz de sua *inner child* e habituou-se a escutar apenas a voz da razão. Deixamos de ser o centro do universo e passamos a fazer parte ativa dele, como observadores e também agentes de transformação. No Renascimento, essa mudança de paradigma contribuiu com um enorme salto em direção ao progresso e com um duro e mortífero golpe no pensamento teológico. Com a teologia, a salvação estava em algum lugar além, nunca no aqui e no agora, disse o médico. A ciência, porém, mudou essa maneira pueril de pensar o mundo, mas não ofereceu também alternativas seguras de salvação. Ao alimentar falsas expectativas em relação ao futuro, a teologia tornou os homens mais indulgentes. Com o avanço tecnológico, por outro lado, o progresso científico nos converteu em céticos amorais, segundo Dr. Carl.

A perda da inocência, afirmou o médico, transformou o sujeito moderno em um indivíduo sem esperança. O sujeito urbano, solitário e dependente da tecnologia é uma figura oposta ao sujei-

to primitivo, gregário e senhor de seu corpo e de suas ferramentas. Ao nos afastar do essencial, a civilização nos enfraqueceu, disse Dr. Carl. Por isso, concluiu ele, um *return to innocence* era mais do que necessário agora, aprenderia Antoine naquela consulta. “Somente livre dos padrões culturais poderemos ser felizes”, memorizou o jovem paciente, quando o médico se calou.

Ao fim da explanação do Dr. Carl, abismado por tanta informação, Antoine não sabia o que dizer. A palestra do médico, entretanto, convenceu o jovem paciente que a doença da humanidade estava no esquecimento e não nas más lembranças, como insistia o diretor de Büngzli. Esquecer as coisas ruins era preciso. Em contrapartida, as coisas boas deviam ser lembradas. Por termos abandonado o sagrado, concluía Antoine, havíamos nos afastado do Uno e também do Outro. Uma reaproximação agora era necessária, repetiu ele, imitando Dr. Carl. Mais ainda: havia a necessidade de uma verdadeira transformação. Era preciso renascer! Aquele dia, ao encerrar sua conversa com o médico, Antoine levou consigo, flutuando em seus neurônios e em sua nuvem mental de pensamentos, bastante material para refletir nos momentos privados. Havia, contudo, mais dúvidas do que certezas. Voltar a ser criança, pensou ele, seria a cura para todos os males?

Agora lembrada, essa conversa com Dr. Carl reavivara algo intimamente adormecido em Antoine. Ao conectar sua memória individual à memória coletiva, o jovem paciente mergulhou em uma nova dimensão do pensamento, uma região muito além das indagações comuns, inacessível a qualquer outra pessoa que estivesse por perto.

— E então? — insistiu Anne, interrompendo as divagações de seu companheiro de mesa.

— Do que estávamos falando mesmo? — indagou Antoine, quebrando o longo silêncio entre eles.

— Pelo visto não estava prestando atenção — comentou Anne, ligeiramente indignada. — A conversa deve estar muito interessante.

— *Pardonnez-moi* — desculpou-se Antoine. — Ando meio distraído, sabe? Esse incômodo *day dreaming* é um dos efeitos perturbadores do meu tratamento. Dr. Carl me explicou o que acontece quando ficamos amnésicos. As pessoas ficam meio transtornadas, entende? No bom sentido, digo. Sabia que há casos de pessoas que falam a língua dos anjos quando estão em transe? Ou até mesmo entoam hinos em sânscrito?

— Ultimamente tenho acreditado em qualquer coisa. Nunca vi e ouvi tantos absurdos. Deve ser como viver no Brasil.

— Não chega nem aos pés. Mas estou saindo do assunto, *nicht*? Onde paramos?

— Estávamos falando de sonhos repetitivos — disse Anne, após revirar os olhos e suspirar, demonstrando impaciência.

A distração de Antoine já começava a irritar a jovem. Por que continuar aquela conversa sem pé nem cabeça? Sonhos definitivamente não a interessavam. Segundo ela, nada de edificante ou mesmo construtivo existiam neles, como acreditavam os psicanalistas ou surrealistas. Ao contrário de Antoine, Anne não tinha nenhum interesse por suas profundezas psíquicas. Ela era impaciente demais até mesmo para refletir naquilo que sonhava. Diante da má memória onírica de Anne, Dr. Carl (para quem os sonhos desconexos apenas revelavam uma excessiva atividade neural no sistema límbico) teria feito uma anotação em seu diário. Mas Antoine, como um analista inexperiente, preferiu não tomar nota. Silenciaram.

O animado colóquio chegou assim a um breve e embaraçoso interlúdio. Frustrado pela confissão da jovem, Antoine contentou-se apenas em observá-la comer. Sob o olhar de seu desapontado interlocutor, Anne separou outro pedaço de sua torta, levou-a à boca, mastigando apressadamente em seguida. Esse gesto pareceu surtir um rápido efeito em seu humor. À medida que sua taxa de açúcar no sangue aumentou, sua irritação diminuiu em igual proporção, e ela suspirou longamente, agora mais relaxada. Enquanto Anne saboreava sua guloseima, Antoine manteve-se pensativo. Observando a jovem com atenção, ele estava mais interessado em associar o belo com o útil. Como uma mulher tão bonita era incapaz de se lembrar de seus próprios sonhos? Pensou Antoine.

— Você tem sonhos bem comuns — disse ele. — Deve ter uma rotina bem chata.

— Chata?! — replicou Anne e largou o talher no prato, incapaz de conter uma impulsiva reação; o comentário de Antoine não surtiu um efeito agradável no humor da jovem comensal. — Você chama minha rotina de chata?! Está sendo bonzinho. Óbvio que é chata! — acrescentou, por fim, mirando o rapaz e voltando depois sua atenção para o prato. “Que ódio!”, pensou ela, com a irritação agora à flor da pele. De tão aborrecida, deixou o francês de lado.

Embora o primeiro encontro entre Anne e Antoine tenha sido apenas relativamente irritante para ela, o reencontro minou por completo o autocontrole da jovem paciente. Seu aborrecimento subira rapidamente da escala três para a escala sete (segundo os parâmetros de sua fisiologia emocional). Ao perceber os tremores na alma de sua nova colega, Antoine resolveu mudar o rumo da conversa. Não valia a pena persistir em um assunto que não cativara sua ovinde. Para ele, o único propósito daquele *lunch talking* era conhecer um pouco mais a intimidade da jovem e desfrutar da poesia de suas imagens oníricas. Mas, se o assunto a desagradava, por que insistiria em continuar um infrutífero diálogo?

— Cada tipo psicológico tem sua peculiaridade, mesmo ao sonhar — disse o *youngster*, revelando uma descoberta feita por ele mesmo ao longo do tempo, após conhecer um pouco os sonhos dos outros pacientes da clínica.

Uma semana após sua chegada na clínica, Antoine podia ser considerado um colecionador de sonhos de todos os tipos e tamanhos. Em sua nova fase cenóbica (ainda que fosse mais afeito ao estilo ascético de Bünzli, nos últimos anos vividos no Brasil, ele havia adotado uma tendência mais girovaga), ele adquirira um repentino interesse pelas profundezas da alma. Conversando com os outros pacientes, ele costumava rascunhar seus relatos oníricos em um minúsculo caderno de anotações, um apetrecho que sempre levava consigo no bolso do casaco. Ali, em seus rabiscos e arabescos, ele apontava e colecionava tudo o que havia de mais bizarro. Havia sonhos com seres zoomórficos, querubins, viagens por estranhos planetas e até mesmo onirismos eróticos. Seriam os inconscientes daquelas pessoas assim tão peculiares? Descobriu que, além dele, muitas outras pessoas possuem um lado infernal. A descoberta o motivou a continuar sua pesquisa.

Onde quer que estivesse, no refeitório, no pátio ou nos corredores, Antoine tinha o hábito de abordar seus novos colegas em seus momentos mais delicados, sobretudo quando estavam distraídos a olhar tolamente para o céu, sentindo-se *up the clouds*, enquanto desfrutavam o limite muito tênue entre o prazer e a anedonia sentados em um banco do pátio a contemplar seu próprio cosmos (ou seu umbigo). Aproveitando-se de tais condições, Antoine confiava que os distraídos pacientes estariam em um estado mental mais adequado para se recordar de seus sonhos. A princípio, eles não se importavam com esse súbito interesse do colega por suas memórias oníricas. Apesar desses candidatos à amnésia estarem habituados a revelar aos seus médicos seu retrato psicológico, eles nunca falavam de sua secreta atividade noturna (sobretudo de seus sonhos eróticos), receosos que pudessem ser mal interpretados. No entanto, eles deixavam-se contagiar pelo repentino interesse de Antoine e cediam à sua curiosidade. Uma vez recebido amigavelmente, o jovem iniciava a conversa com uma observação e uma pergunta inócua: “Tive um sonho incrível essa noite. Quer ouvir?”, indagava ele, exibindo um radiante e irresistível sorriso. Se concordassem, Antoine contaria então um relato cheio de detalhes bizarros, em que revelaria um mundo cheio de cores, formas e sensações, contaria pormenores imaginativos, e terminaria sua preleção com um “Wunderbar!”. Após contar aos colegas o teor de suas fantasias, Antoine virava-se para eles e iniciava seu interrogatório pela frase: “*Und du?* Como foi sua noite?”, perguntava, convidativo. Se eles abrissem a boca e iniciassem uma conversa, Antoine fazia questão de saber se também haviam dormido bem na noite anterior, se haviam sonhado com coisas belas, ou se tinham tido ainda algum pesadelo. Ludibriados pelo interesse do rapaz, eles terminavam contando não apenas sobre a qualidade de seu sono, mas ainda sobre tudo o que se recordavam da noite anterior e de sua existência passada. Ao escutar seu desprevenido confidente confessar que sonhara com o elemento água, o jovem aproveitava então para investigar minúcias como: “Você se encontrava em um rio, no mar, em um lago, ou em uma piscina?”. Com as obstinadas e impertinentes perguntas de Antoine, aqueles ingênuos pacientes falavam, enfim, mais do que desejavam, muitas vezes revelando profundas e embaraçosas lembranças. Distraídos em sua tagarelice, eles faziam questão de relatar detalhadamente tudo o que se recordavam ao curioso inquiridor. De fato, ao escutar a íntima vida onírica dos internos, Antoine nunca se esquecia das mais insignificantes particularidades. “Ao voar em seu sonho, você abriu os braços ou simplesmente pairou no ar como um balão? Ergueu as

mãos para o ar? Assim? Ou assim?”, costumava indagar o jovem aos perplexos sonhadores, imitando um paraquedista. Ao constatar que eles não entendiam a pergunta, Antoine explicava: “Vou tentar explicar melhor. Muitas vezes quando sonho que estou voando, abro os braços como se fossem asas, entende? No momento em que estou caindo no vazio, ergo um pouco mais as mãos à altura da cabeça, *in dieser Art, siehst du?*”. Diante de toda essa espontaneidade e preciosismo, esses deslumbrados ouvintes estabeleciam um *rapport* quase religioso com Antoine. Bastante animados pela atenção dispensada, eles confiavam ao jovem suas reminiscências surreais. E ele, atencioso, anotava tudo, detalhe por detalhe. Não deixava escapar nem mesmo as minúcias menos aberrantes. Com a prática, adquiriu paulatinamente uma extraordinária habilidade em fazer os colegas contarem suas histórias.

Mesmo que não possuísse qualquer experiência clínica, Antoine não se intimidou em praticar seu método pessoal de análise dos sonhos. Era um jovem curioso e sem melindres. Naqueles últimos dias, essa curiosidade exagerada se tornou uma espécie de hobby, uma atividade prazerosa mas criteriosa. À maneira de um experiente psicanalista, ele aprimorou sua técnica de extração de sonhos por meio da análise e interpretação do seu conteúdo linguístico. Ao escutar atentamente os relatos de seus colegas e suas metáforas, ele anotava qualquer sinal revelador de melhora ou de recaída. Graças ao esse exercício constante, Antoine aperfeiçoou sua habilidade psicanalítica de reconhecer padrões mentais, colhendo dos seus analisados não só seus estados de ânimo mas também suas esperanças e seus temores. Mesmo sem entender nada de teoria de objetos relacionais, psicologia do ego, teoria do apego ou de *mentalizing*, Antoine chegou ao sentido por trás daquelas almas enfermiças e compreendeu melhor sua traumatizada psique. Suas descobertas eram, na realidade, autodescobertas. Ao escutar os sonhos de seus colegas, ele aprendia um pouco sobre seus próprios sonhos. Constatou existir realmente um padrão em todos aqueles relatos oníricos. Seria, de fato, o inconsciente uma linguagem, como pensavam os psicanalistas estruturalistas? Uma linguagem feita de sintomas, símbolos e imagens, em vez de palavras? Contar um sonho é *metaphorize*, pensou ele. Colocando em palavras o que pensamos, criamos metáforas e narrativas, trazendo nossa imaginação mais íntima para o mundo real. Entusiasmado por essas constatações filosóficas, o jovem quis saber mais. Seria possível chegar na causa das más lembranças por meio dos sonhos? Suas investigações, contudo, esbarraram em uma inesperada limitação. Incomodados pelos interrogatórios do rapaz e pela invasão à sua privacidade, os pacientes se afastavam de Antoine quando ele estava por perto. Não queriam ser tratados como objetos de estudo. Alguns deles, inclusive, apressavam o passo e fugiam. Outros, surpreendidos enquanto contemplavam o jardim, recusavam-se a falar. Apenas escutavam quietamente Antoine contar suas histórias, e não cediam à insistente curiosidade do jovem investigador. Havia, porém, os mais comunicativos.

Ao senhor Tagliaferro agradava mais do que tudo entabular uma boa prosa. Ele não se importava em absoluto com as inoportunas perguntas do rapaz. Um nato contador de histórias, o italiano se entusiasmava diante de qualquer interesse alheio em escutá-lo. Estava acostumado com a atenção de um público cativo. Em sua carreira política, ficou famoso por seus longos discursos no plenário, em que exercitava sua memória, sua ideologia e sua retórica clássica (com influências de Cícero, Quintiliano e algumas pitadas de Sêneca). Desse modo, Tagliaferro habituara-se a revelar tanto quanto manter reservado, comentar ou se omitir, procurando sempre manter um equilíbrio entre sua vida pública e sua vida privada.

No terceiro dia após sua chegada, Antoine encontrou o italiano no pátio, recitando em voz baixa um trecho de um conhecido poema de Cesare Pavese.

*Se n'andò ch'io ero ancora un bambino portato da donne
e lo dissero morto. Sentii poi parlarne
da donne, come in favola, talvolta;
uomini, più gravi, lo scordarono*

Eu era apenas um bebê quando ele partiu,
e disseram que ele estava morto. Então ouvi as mulheres
mencionarem seu nome algumas vezes, como uma lenda
Mas os homens, que eram mais sérios, o esqueceram.

Abordado pelo jovem paciente, Tagliaferro não se intimidou em contar seus sonhos mais corriqueiros. Ele adorava falar de qualquer coisa, surreal ou mesmo irreal, que tivesse experimentado em seus longos anos de vida. Seus relatos, no entanto, tinham um caráter ligeiramente sentimental e nostálgico, uma vez que estavam associados às suas mais remotas reminiscências românticas do passado. Durante uma animada conversa, Antoine soube que o italiano ainda sonhava com seu amor de infância, uma garota que ele conhecera em Milão, quando ainda era um estudante da *scuola primaria* em Brera, um romance imaginário ocorrido em uma época em que Tagliaferro (ainda um garoto na puberdade) principiava a descobrir o mundo feminino.

Como qualquer garoto de sua idade, Tagliaferro passou a perceber algo de diferente nas meninas de sua turma. Muitas vezes, em meio a uma aula, o italiano surpreendia-se a olhar com curiosidade para suas colegas. Seus gestos, suas expressões e seus movimentos ganharam para ele conotações antes despercebidas. Era como se Tagliaferro nunca antes tivesse reparado nelas. Esse interesse fora do comum, contudo, não era compartilhada por seus imberbes colegas do sexo masculino, que ainda desconheciam aquela terrível fase de desejos púberes do jovem mancebo. O estudante, por outro lado, vivenciava sua própria batalha pessoal contra seus hormônios juvenis (além de cultivar pensamentos pecaminosos, imaginava romances com as musas do cinema italiano dos anos 50 noventaistas). Embora participasse em atividades escolares que envolviam tanto meninos quanto meninas, o jovem Tagliaferro sentia que precisava satisfazer de algum jeito sua incontrolável curiosidade pelo sexo feminino. Contudo, sabia ele, aproximar-se das meninas exigia uma certa coragem, um atributo que ele nunca exercitara antes. Seu pai, que seria um possível conselheiro nesses assuntos tão particulares, quase nunca estava por perto para aconselhá-lo, sempre ocupado com os negócios da família (ele tinha uma cantina no Centro Storico, um lugar muito frequentado pelos membros da máfia local, e o filho muitas vezes o ajudava a servir os pratos). Sem a ajuda da autoridade paterna, o garoto não teve oportunidade de escutar sequer um conselho encorajador ou estimulante (ou saber ainda o que o pai pensava das mulheres). Mesmo assim a motivação para iniciar-se no universo fe-

minino urgia em seu íntimo, exigindo que Tagliaferro criasse sua própria confiança e se dispusesse a dar o primeiro passo em sua nova fase. A coragem necessária, no entanto, não nasceu de uma hora para outra, e o cauteloso mancebo contentou-se apenas em apreciar de longe suas pubescentes colegas.

A psicologia, com seus estudos do comportamento humano, considera essa passagem da infância para a fase adulta como um evento crucial na vida de uma adolescente. Mas a ciência da alma nunca se importou com as consequências literárias dessa amargurada transição. Para um jovem repleto de hormônios, em um período de extrema inquietude, tanto autocontrole pode ter um alto preço. E as aventuras de adolescência que costumam acompanhar essas crises sempre levam a situações inusitadas e imprevisíveis, com resultados geralmente nada agradáveis, como nos ensina o jovem Holden Caulfield. Para um apanhador no campo de centeio, a juventude é sempre uma caixinha de surpresas. Tagliaferro, porém, nunca foi tão inconstante em sua fase estudantil. Talvez por esse motivo a única coisa que restou de sua época de ginásio foram as boas lembranças.

Em certa ocasião, um pouco após o início do ano letivo, uma nova colega ingressou na turma de Tagliaferro. Em uma nebulosa manhã de outono, Giulia surgiu na vida do estudante como uma brisa. Guiada pelo professor de gramática latina, ela entrou pela porta da sala de aula pisando com segurança e, dirigindo-se até o quadro-negro, pegou um giz e escreveu seu nome em sua escura e lisa superfície. As oito letras escritas a giz ficaram na lousa, impassíveis e ousadas, revestidas de mistério e sedução. Convidada a soletrá-las, a nova aluna disse letra por letra, e então virou-se para a turma e pronunciou seu nome completo em uma voz alta e clara. Tagliaferro ficou perplexo ao escutar a menina se expressar de maneira tão confiante. Sua graciosa voz deixou-o tão encantado e absorto que, cinco minutos depois, o professor de latim teve que arremessar um giz na cabeça do distraído aluno, quando esse, ainda em devaneio, exitou em responder à pergunta do educador sobre a conjugação do substantivo *puella* no vocativo da primeira declinação do substantivo feminino. *Puellae? Puellam?* Indagou-se o atordado estudante. A apatetada reação era compreensível.

Giulietta deixara o jovem Tagliaferro tão impressionado que ele mudou por completo sua perspectiva sobre o universo feminino. O que antes era tratado com mera curiosidade, agora se tornara constante objeto de estudo. Por toda sua juventude levaria consigo essa boa lembrança de Giulia. E mesmo após alcançar a maturidade, ele nunca esqueceria aquela garota extraordinária e talentosa. E existiam muitos motivos para essa admiração do estudante. Ostentando um aspecto angelical e uma graça encantadora, Giulia era uma das alunas mais aplicadas da turma. Filha de um advogado que se mudara recentemente para a cidade, a *signorina* exercia um poder sutil sobre os meninos com sua seriedade e sua perspicácia. Ela nunca se atrasava ou faltava às aulas, e suas notas escolares eram as melhores entre todos os estudantes. Com frequência ela costumava exibir sua pura inteligência juvenil diante dos colegas, sobretudo durante as aulas de História, quando aproveitava para exercitar sua excelente memória dos fatos históricos, e durante as aulas de Matemática, em que demonstrava seu aguçado raciocínio lógico-matemático ao resolver laboriosas equações no quadro-negro com sua letra elegante e sua maneira segura de deduzir soluções inovadoras para os problemas mais difíceis. Além disso, possuía uma grande sensibilidade artística, muitas vezes demonstrada nas aulas de italiano,

quando recitava de memória, com sua bela voz branca, alguma poesia do *novecento* para os colegas embaçados, o que agradava muito a Tagliaferro (sua nascente admiração pela arte poética até mesmo melhoraria suas notas na disciplina). Todos esses dotes especiais de Giulietta a converteriam na inesquecível paixão platônica do estudante, uma figura que ele idolatraria e até mesmo reverenciaria em seus delírios oníricos. Seus fantasiosos momentos de ócio foram inteiramente dedicados à sua mais nova amada. Sua paixão era seu passatempo. Quantas vezes, deitado em sua cama olhando ocioso para o teto, não se pegou pensando em Giulietta? Quantas vezes não fantasiou uma cena em que trocava algumas palavras com sua musa? Abraçava-a em sonhos, beijava-a, acariciava-a. Imaginava ainda as conversas, os passeios de mãos dadas, os sorrisos gentilmente trocados. Agora um homem em progresso, o menino descobrira o amor (ainda que em um estágio um tanto primitivo) e saboreava o doce sentimento com regozijo, esperando ansiosamente rever a cada manhã a sua musa inspiradora, e ser surpreendido por suas palavras, seus gestos e suas ações. Tudo o que Giulietta fazia o arrebatava e o deixava sem fala.

Naquele mesmo ano letivo, durante uma apresentação na aula de História, Giulietta exibiu a todos os colegas de turma seus conhecimentos sobre o *Risurgimento* italiano, aproveitando a ocasião para discorrer sobre a música do aristocrático e patriótico Verdi, e cantar, no final, um pequeno trecho de Aída. Tagliaferro quase entrou em êxtase. Executada com uma graciosa e minuciosa gesticulação à la Maria Callas, a canção arrebatara o adolescente. Diante da repentina mostra do talento de Giulietta, Tagliaferro ficou sem fôlego. Ao ouvir a cativante voz da menina, o estudante ficou-se hipnotizado, completamente absorto na apresentação operística. Pela primeira vez teve *goosebumps* intensos, de eriçar os pelos dos braços e da nuca. Em outra ocasião, a pedido do mestre, a cantora mirim interpretou a *Sempre libera deggio* do Ato I, Cena 5 da *La Traviata*, e levou Tagliaferro a uma espécie de arrebatamento religioso. Aquela era a música preferida de sua falecida mãe. A constatação fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Nunca se sentiu tão emocionado. Pela primeira vez entendeu o que era estar *perduto d'amore*. Desconhecia o que se passava com suas emoções, que iam e vinham como ondas, impulsionadas pela visão de uma menina em flor. Giulietta ainda daria outras demonstrações de seus talentos em sala de aula, mas nenhuma delas seria tão emocionante quanto essa performance lírica. Esse prelúdio inesquecível havia sido um momento marcante na juventude do estudante italiano. Durante todo o semestre, ele frequentaria as aulas com mais entusiasmo, sempre ansioso para ver a musa se exibir com sua voz admirável e sua encantadora beleza juvenil. Essa animação melhorou até mesmo suas notas nas disciplinas, inclusive em matemática e latim, matérias que ele detestava (sobretudo porque o professor estava sempre a arremessar pedaços de giz em sua testa). Entretanto, ao fim do ano letivo, para o desencanto de Tagliaferro, Giulietta se mudaria com os pais para o *quartiere* de Porta Nuova, e o adolescente, decepcionado, nunca mais veria sua paixão da juventude (a não ser em seus sonhos). Passaria assim seus dias sozinho em seu quarto, melancólico e desanimado. Esse foi o primeiro trauma de toda a sua amargurada convivência com as mulheres. E talvez o pior de todos. Não foi à toa que, após tantos anos, agora idoso, ele ainda se lembrasse saudosamente de Giulietta. Por toda sua vida, o italiano procurou a *moglie* perfeita. Uma mulher decidida, maternal, imponente, esperta e *bellissima*. Uma mulher que tivesse o mesmo brilho de Giulietta (ou a mesma beleza). E, obviamente, nunca encontrou.

Não era de se admirar que, tanto tempo depois, encerrado em Bünzli, ao contar seus sonhos

para Antoine, o maduro e saudoso Tagliaferro ainda relembresse Giulietta com intensa nostalgia. Ela era, afinal, a recordação mais feliz de toda sua existência já senil. Esses *ricordi del passato* eram um bom motivo para se reavivar sua enferrujada memória. Havia dezenas de recordações para serem revividas. Uma dessas tênues lembranças era muito especial para o italiano, considerada a mais inesquecível de todas as suas recordações da adolescência.

Nessa ocasião tão particular, Tagliaferro estava em um tipo de evento anual da escola organizado pelos professores e funcionários, em que os alunos liam seus trabalhos escolares em frente à turma. Durante a leitura dos textos, na qual os estudantes se revezavam em um pequeno palco improvisado, o desinteressado jovem divagava. Sentado na plateia, ele olhava ao seu redor, procurando se distrair com algo mais interessante. Desviou assim os olhos da apresentação e viu Giulietta a pouca distância dali, agachada em um canto, envolvida em algum ato pouco usual. O adolescente estranhou aquilo. Curioso por essa inusitada cena, Tagliaferro desviou o olhar das apresentações e flagrou a colega aplicando curativos nos joelhos. Ocorreria que, ao brincar na companhia das amigas durante o recreio, Giulietta caíra e sofrera alguns arranhões, esfolando assim sua delicada pele da rótula. Uma vez terminada a brincadeira, ela resolveu cuidar de seus ferimentos. Demonstrando um atencioso cuidado, a concentrada colegial tratava seu machucado com uma minuciosa delicadeza. Atenciosa, ela aplicou o curativo com uma eficiência quase profissional, demonstrando sua característica seriedade. Ao final da aplicação, verificou mais uma vez o resultado e, satisfeita, ergueu-se. Por fim, arrumou o uniforme e ajeitou o cabelo com graça e agilidade. Contudo, ao perceber que era observada, sorriu, e olhou com cumplicidade para Tagliaferro, provocando uma grande comoção no admirado observador, sentado há alguma distância dali. Distraída pelas vozes, ela se afastaria depois, sem olhar para trás. Ainda perplexo, o estudante ficaria sem reação. Ao assistir àquela encenação tão íntima e comovente, representada única e exclusivamente para ele, Tagliaferro entrou em transe. Sentiu um momento de sublimidade. Ali estava alguém que sabia cuidar de si mesmo, constatou ele, abismado. Aquela era uma visão divina. Naquele instante reconheceu em Giulietta a manifestação de um ser angelical. Com quem teria aprendido a se cuidar tão bem? Perguntou-se o embasbacado adolescente. Por conta desse meigo e cuidadoso gesto, Giulietta se tornaria uma figura inesquecível para Tagliaferro. Muitos anos depois, já um homem-feito (ou *self-made*), ele voltaria a rever a cena em seus sonhos de adulto, em que a colegial sempre reaparecia usando curativos nos joelhos. O italiano comparava essa recordação infantil, uma das mais felizes de sua vida, a uma memorável e enternecedora cena de um filme de Fellini. Mas essas memórias, com o tempo, aprisionaram o mais idoso paciente de Bünzli na desconfortável cela do seu passado. Era um tipo de apego inescapável. Alguma coisa em sua pessoa teimava em nunca envelhecer.

Ao escutar essas histórias, Antoine ria por dentro, deliciado. Ele nunca escutara nenhuma outra pessoa falar com tanta nostalgia de sua juventude. Tagliaferro, no entanto, era um dos poucos pacientes ainda capazes de se lembrar com doçura de seu esquecido passado, um fato até compreensível para Antoine. Muitos dos internos de Bünzli não possuíam boas lembranças de sua juventude, e ele mesmo pertencia a essa categoria. As memórias de Antoine estavam repletas daquilo que Dr. Carl chamava de “terrores infantis”, essas más lembranças ocasionadas, segundo ele, por uma superexposição a cenas chocantes em vídeo durante seus sombrios anos como um morto-vivo diante da televisão. Agora internados na clínica, em um tratamento de desintoxicação de suas memórias traumatizadas, os pacientes terminavam se esquecendo de

boa parte de seu passado e, como Anne, eram péssimos em contar histórias ou mesmo narrar seus sonhos. Muitas das páginas do livro de suas memórias haviam sido arrancadas, e essa supressão narrativa comprometia uma melhor compreensão de sua história. A jovem, porém, não sabia contar sonhos apenas por má vontade, e sim pelo simples motivo de que ela não achava nada de incomum neles.

Diferentemente de Tagliaferro, Anne não guardava boas lembranças de seu passado e nem mesmo tinha muita coisa para falar de sua vida inconsciente. Sua memória onírica estava recheado de aborrecidas recordações do dia a dia, e ela não fazia questão de refletir sobre sua atividade cerebral noturna ou suas fantasias. Seu interesse pelo mundo subterrâneo e subconsciente da mente humana era quase nulo. Essa constatação terminou frustrando as expectativas de Antoine. Ele esperava escutar algo excitante, mas Anne não possuía em seu repertório nenhum sonho digno de nota, fora alguns sonhos de consumo. Antoine não conseguiu esconder seu desapontamento.

— Então sonha apenas que está fazendo compras no shopping? — indagou Antoine, um tanto decepcionado. — Não é capaz de se lembrar de nada mais interessante?

A jeune fille, que costumava comprar *Stilton cheese* na Fortnum & Mason em Londres, em sua época de consumismo mais desenfreado, nada respondeu (não gostava que questionassem seus hábitos de consumo). Antoine, porém, aguardou ansiosamente um *reply*, que Anne não se importou em satisfazer. Diante daquela difícil pergunta, ela parou por um instante sua degustação, suspirou e olhou para um ponto distante mais adiante. Em um canto esquecido do refeitório, ela viu Frau Waldorf, a paciente catatônica.

A quieta senhora estava sentada em sua cadeira de rodas, estática como uma estátua viva a contemplar o infinito. Como de costume, ela se mantinha na mesma postura curvada, grave e indecifrável em sua mudez sepulcral, o olhar apático fitando o vazio. Apagada e alheia aos colegas, Frau Waldorf era a mais misteriosa de todos os pacientes de Bünzli. Todos se apiedavam dela ao conhecer sua triste história. Após perder sua capacidade de apreciar as sensações que chegavam ao seu córtex danificado, nada mais impressionava seu apático cérebro. Aquela imagem fez Anne se condoer um pouco em seu íntimo. Como era viver sem ter em que pensar? Imaginou os sadhus e os monges budistas meditando em suas cavernas, completamente alheios ao mundo dos homens. Será que não pensar em nada era mesmo o ideal? Refletiu ela, tentando relembrar algum caso memorável de pessoas totalmente amnésicas. O que teria dito Rosemary Kennedy se pudesse falar de seu túmulo? Não conseguiu, contudo, deixar de pensar na pergunta e esforçou-se para acessar alguma recordação mais recente que ajudasse a respondê-la. Os mortos-vivos apenas deixam rasos testemunhos do *dark side of life*, pensou Anne, e ela não se recordava de ter lido nenhum relato parecido nos últimos dois mil e oitocentos anos. O que teria dito Tirésias sobre o Outro Lado da Vida? Sua tentativa de estimular uma memória tão remota, no entanto, foi inútil. Diante da frustração, ela voltou sua atenção para a paisagem vista da janela. O panorama montanhosa não lhe inspirou nenhuma poesia. Sob o olhar de Antoine, ela deixou sua mente sem lembranças (e sem sonhos) vagar pelo espaço.

Na verdade, os sonhos de Anne não tinham nada de especial. Alterada pelas sessões de Mne-modetox seletivo, sua memória encontrava-se em um franco estado de paralisia. Embora não tivesse notado nenhuma alteração em seu estado mental após quatro meses de internação, ela passara por algumas sutis transformações em sua percepção da realidade. Havia, por exemplo, ocasiões em que esquecia objetos fora de lugar, e até mesmo os abandonava em lugares pouco usuais (como aconteceu certa noite ao deixar sua escova de dentes no travesseiro). Essas constantes distrações a perturbavam. Talvez o tratamento estivesse, de fato, fazendo algum efeito em seu cérebro, mesmo que as mudanças fossem quase imperceptíveis. Após essa constatação, a jovem paciente confessou a Antoine não se lembrar de ter tido qualquer sonho fora do comum recentemente.

— Caramba! — respondeu ele, perplexo, ao escutar a negativa da jovem. — Agora entendo o que queria me falar Dr. Carl sobre cada humor revelar um tipo de sonhador. Talvez você tenha um temperamento mais fleumático. Os fleumáticos, segundo ele, são muito conhecidos por sua lentidão de raciocínio. Eles sonham em *slow motion*.

— Não sou lenta e nem fleumática — reagiu Anne, limpando a boca com um guardanapo e do-brando-o energicamente, demonstrando assim seu aborrecimento. — Mas confesso que não tenho tido muitos pensamentos profundos ultimamente. Para falar a verdade, eu nunca tive muito tempo para me lembrar do que sonho. Nesse aspecto sou meio lerda. Por outro lado, fico furiosa com bastante facilidade — disse ela, respirando fundo, e pousou o guardanapo sobre a mesa. — E você não vai querer me ver furiosa, eu garanto.

— Eu nunca fico furioso — disse Antoine.

— Mesmo?! Nunca fica aborrecido ou chateado às vezes? — a irritação de Anne começava a crescer.

— Há bastante tempo que não me chateio. Depois que comecei a desmemoriação tenho estado até mesmo mais exultante. Às vezes até me pego sorrindo à toa quando olho para o céu.

— Não acredito... — disse Anne, ainda mais aborrecida. — Como é possível que nunca se irrite? Ninguém é bom o bastante, ou mau o bastante, para se manter sempre no controle. Veja o meu caso!

— Apenas não consigo sentir nada negativo por ninguém. Simples assim. Dr. Carl me assegurou que uma parte do tratamento produz esse efeito colateral. Com o avanço do tratamento, vamos serenando. Por isso não sinto mais nenhum tipo de raiva — explicou o jovem paciente.

— Nem mesmo uma leve irritação?

— Não que eu me lembre.... — replicou Antoine e coçou a têmpora.

— Se continuar conversando comigo certamente ficará exasperado, inquieto ou ao menos entediado. Eu afugento as pessoas. Ou melhor: são elas que me afugentam — confessou Anne, franzindo a testa e olhando para seu último pedaço de torta no garfo. “Por que sempre encontro esses sujeitos azucrinantes em meu caminho? Que ódio!”, pensou ela, irritada.

Após seus quatro meses de tratamento, a irritação de Anne se encontrava agora em um grau crítico. E nesse ponto próximo ao *no return*, era necessário fazer algo imediatamente antes que fosse tarde demais. Lembrou-se então da recomendação do médico (“*Wir müssen das Böse ausrotten!* Devemos arrancar o mal pela raiz!”, dizia ele), respirou fundo e começou a contar até vinte, para arrefecer um pouco o calor de suas emoções. A sistemática obediência à contagem numérica logo surtiu o efeito esperado em seus abalados nervos. Soltando o ar dos pulmões, Anne relaxou os ombros e endireitou sua postura. Mais calma, ela segurou novamente o garfo, pegou o pedaço restante de torta e o abocanhou com uma boa garfada, como se nada tivesse acontecido. Suas papilas gustativas agradeceram com prazer.

— *Bleib ruhig* — disse Antoine, tranquilamente, ao presenciar Anne mastigando de boca cheia.
— Não é recomendável comer quando se está irritado. Atrapalha a digestão, sabe? É melhor manter a calma quando estiver comendo.

— Estou calma!

— Caramba! Seu humor é mesmo bem volátil. Essa é uma das características de um temperamento colérico, foi o que me disse Dr. Carl — continuou ele, observando Anne mastigar ansiosamente sua fatia de torta. — Por que se irrita com tanta facilidade, posso saber?

— Esse é um assunto que também não costumo discutir com estranhos — respondeu Anne, após deglutir uma boa porção de torta. Percebendo o embaraço de Antoine, respirou fundo, e cedeu: — *Zut!* Estar nessa clínica não é exatamente o momento mais feliz de minha vida, entende? — disse ela e fez uma breve pausa em sua mastigação. — Como pode ver não há nada para se distrair nesse lugar. Os pacientes são desligados e muito pouco interessados em fazer novas amizades. As salas temáticas são ridículas, sobretudo a Sala Vermelha. Quem, exceto Madame Lempizska, obviamente, sentiria vontade de observar gravuras eróticas do século dezoenove? Tudo é um enfado. Estou cada dia mais entediada.

— Eu estou contente aqui — falou o *junger Patient*, em um tom satisfeito. — A rotina tem seu encanto. Os pacientes são bem amigáveis e me contam seus sonhos. Parecem gostar de mim.

— Contente?! — o tom de voz de Anne subiu um intervalo de quinta aumentada. — Esse lugar maldito é pior do que um convento. E olha que fui interna em um colégio de freiras por quase um ano.

— Sério? — replicou Antoine, genuinamente interessado. — Como aconteceu?

— Não gosto nem de lembrar. Foi mais uma das ideias malucas de meu pai, como sempre — disse Anne, mais expansiva, e respirou fundo. — Ele devia achar que, convivendo com gente comum, eu poderia ser mais civilizada e também mais obediente. Para falar a verdade, o internato me deixou profundamente entediada no começo. E ainda por cima me proibiram de usar meu Handy. Achei uma medida excessiva. *Très bien!* Concordo que gente agitada precisa aprender a relaxar de verdade. Mas um pouco de emoção também é necessário, não acha?

— Fotografar não a distrai?

— Não tanto quanto eu gostaria. Ficaria contente se encontrasse outras coisas mais estimulantes pra passar o tempo. Toda essa desintoxicação mental apenas me deixa entediada. De vez em quando eu gostaria de assistir a um *filminho* para me distrair — falou Anne, ornamentando gestualmente com aspas imaginárias a cinéfila palavra, ao mover com o rapidez os indicadores e médios das duas mãos. — E nem precisava ser uma comédia, entende? Eu me contentaria com um *B-movie* do Roger Corman.

Ser alijada daquilo que mais lhe dava prazer fez Anne ficar ainda mais inconformada com tudo. Há algum tempo não recebia notícias de sua família e sentia que seus pais não pareciam fazer muito caso de sua ausência. Todos aqueles meses, nem sua mãe nem seu pai telefonara para saber como ela se sentia ou mesmo como estava progredindo em seu tratamento. A *jeune fille*, contudo, acostumara-se àquele descaso. Seus despreocupados genitores, afinal, não eram aquilo que se pode chamar de “pais corujas”, os tipos que estavam o tempo todo atrás dos filhos, querendo saber o que estavam fazendo, com quem estavam saindo ou mesmo se precisavam de dinheiro. Mas o que teria acontecido com eles, afinal? Esse desconhecimento era uma espécie de dúvida persistente para Anne. Desde criança ela sentira essa ausência dos pais. Em sua imaginação infantil, indagava-se onde estavam e por que não podiam estar com ela. A jovem lembrava-se dos anos de sua adolescência, passados melancolicamente a olhar para as nuvens da janela do seu quarto, esperando a vida se tornar um pouco mais alegre e agraciada de plenitude e conforto. Acostumou-se, no entanto, a esperar e deixou de ter qualquer esperança. Embora sua família tivesse vindo do Brasil, faltava um pouco de calor tropical em seu lar. Mesmo quando seus pais estavam presentes, relembrou ela, era como se não estivessem ali de corpo e alma. Essas recordações ainda lhe causavam um certo desgosto.

— O lugar me agrada mesmo assim. E a vista é sensacional — disse Antoine e contemplou pela parede de vidro a deslumbrante visão dos Alpes Suíços no horizonte ao longe. — Tudo é muito bem organizado e os funcionários são muito atenciosos. E, melhor de tudo, os médicos não nos

entopem de medicamentos. Pelo menos nunca me obrigaram a tomar nada. É verdade que não temos certas liberdades aqui, pois nem tudo é permitido. Faz parte do tratamento, *nicht wahr?* — concluiu ele e lembrou-se de sua frustrada tentativa de voar, após saltar de uma estátua no jardim.

— Também não me obrigaram a nada. Mas se os enfermeiros tentassem me atordoar, eu reagiria como Bruce Lee — disse Anne e, por pouco, não imitou o Hu Zhua (a Garra do Tigre) com as mãos, controlando-se a tempo.

Apesar de ter crescido longe da violência das grandes cidades (seu pai migrara para a Suíça justamente com a intenção de proteger seus filhos desse mal dos trópicos), Anne aprendera alguns golpes de Kung Fu, uma tática necessária em sua época de estudante em Berna, quando frequentava a escola cantonal. Com sua professora de origem chinesa, ela aprendeu o básico de autodefesa pessoal para se escudar dos imigrantes muçulmanos provenientes dos Bálcãs, que costumavam molestar as colegiais com ofensas e gestos provocativos, consideradas por eles como infiéis (a Alá e aos homens), além de serem vistas como exageradas e degeneradas aos olhos de sua tradição. Embora muitos imigrantes fossem pessoas honradas e trabalhadoras, seus filhos às vezes eram uns pestinhas. A princípio, esses *terribles provocateurs* nunca se aproximavam de Anne. Apenas a encaravam de forma ameaçadora, deixando-a embaraçada. Às vezes, contudo, eles a insultavam diretamente, proferindo palavras que ela não entendia direito (mesmo que desconfiasse que eram nomes feios). Outras vezes ainda, ofendidos pela diferença das garotas, eles se tornavam um tanto agressivos. Para se proteger daqueles *little beasts*, Anne procurou aperfeiçoar suas habilidades com os punhos e com as pernas. Precisava mostrar a eles que as meninas não eram tão indefesas quanto pensavam. Muitas vezes ensaiou alguns golpes no travesseiro para exercitar sua fúria. Sozinha em seu quarto, ela costumava treinar o Huen Sau, o Pak Sau, o Lan Sau e outras posições de defesa diante do espelho. Além disso, Anne também havia frequentado aulas de karatê para moças na *finishing school*, ainda que nunca tenha dado um soco direto no abdômen de alguém ou um chute em alguma sensível parte da fisiologia masculina. Antoine, entretanto, pareceu não se importar com a bravura da jovem.

— Que magnífico esse panorama, não acha? — confessou Antoine, olhando pela parede de vidro. — Aqui a vista é soberba, as instalações são ótimas, e tudo é maravilhoso. É como estar em um reino encantado. Estou realmente contente de estar aqui.

— Reino encantado? *Huch Gott!* O que está dizendo?! — disse Anne, de cenho franzido, sem se importar agora de usar exclamações em alemão. — Como consegue ficar contente em um lugar tão enervante? Aqui é pior do que um hospício do século dezoito na Inglaterra. *Je m'ennuie!*

Ao perceber que seu repentino rompante verbal perturbara o moroso almoço dos pacientes sentados às mesas próximas (alguns rostos até mesmo viraram-se em sua direção), Anne baixou os olhos e ficou quieta no mesmo instante. Consciente de sua crescente irritação, ela passou a mastigar ainda mais devagar, seguindo o conselho de Antoine para comer lentamente.

Após algumas vagarosas mastigações, o ritmo a tranquilizou e Anne conseguiu deixar sua irritação ferver em fogo brando.

— Eu nunca imaginaria alguém contente em um lugar como esse — completou ela, após terminar de mastigar seu pedaço de torta, e olhou de viés.

Anne pronunciou a última palavra de sua sentença com dificuldade. Algo a distraía. Ao olhar de relance ao seu redor, percebeu o ruído habitual de talheres e copos, no momento em que eram recolhidas pelas assistentes do refeitório, tarefa à qual se dedicavam sempre que algum comensal deixava sua mesa sem levar a bandeja com seus despojos alimentares. Aquela movimentação pareceu despertar um pensamento angustiante na jovem.

— *En attente, en attente, en attente* — repetiu Anne, baixinho.

— Você disse que está há quatro meses está em Büngzli? — indagou Antoine, desatento a essas mudanças de ares. — Deve estar prestes a ter alta.

— Quem dera. Sinto que estou levando de novo uma rocha até o topo da montanha.

— Não desanime. Em breve, estaremos livres para desfrutar uma *new life*.

— Isso é o que você pensa. *We'll never get out of here. We'll die in Büngzli* — disse Anne, a parodiar Casablanca, o filme hollywoodiano.

De fato, o internamento não estava fazendo nada bem a Anne. Seu *ennui* agravara-se bastante desde sua chegada à clínica, ainda no começo do inverno. Ela preferia estar em Antichton a permanecer mais tempo enclausurada naquele inferno branco. Sua demorada estada lhe trazia desagradáveis lembranças do início de sua juventude, entre elas o atormentado ano passado em um internato de um convento em Brig, no Alto Valais, cidade situada no sopé da encosta norte do Passo do Simplon, quase na fronteira italiana, uma experiência considerada por Anne como desastrosa e traumática (mais uma das terríveis tentativas de seu pai de colocá-la nos eixos, e que, naturalmente, não tinha como dar certo). Mas tudo aquilo havia sido necessário e inevitável. Crescer exige certos sacrifícios. O destino precisa seguir seu curso. Afinal, não se pode deter o rio, diriam os chineses. Por isso, comparando o internato com Büngzli (mediante sua infalível lógica), no fim dava na mesma. *Cela m'est egal*, dizia a jovem. As promessas dos médicos a desanimavam. A princípio, falaram em dois meses, depois três, mas o tempo se distendera e se prolongara na razão inversa de sua paciência.

Há quatro meses na clínica, Anne ainda não percebera nenhuma melhora. Chegou à conclusão

que nada podia curá-la de sua enfermidade. Sentia-se lograda e desanimada pelos infrutíferos e tediosos meses passados em Büngzli. Ser privada de fazer o que mais gostava a amargurava. E, além dessa angustiante sensação, a asséptica clínica não contribuía de maneira nenhuma para diminuir sua irritabilidade.

Ao constatar que Anne estava descontente com seu internamento, Antoine ergueu os olhos em direção às mesas vizinhas e contemplou o refeitório. Desapontado por saber que ela julgava Büngzli como um hospício, observou as coisas e as pessoas à sua volta com um olhar mais crítico. Apesar da atmosfera monótona, o amplo espaço inspirava tranquilidade e descanso. Talvez as pessoas não fossem muito animadas, pensou ele, mas também não eram tão selvagens quanto os brasileiros que conhecera no Rio, embora não fossem tão divertidas. Antoine admirava o ânimo dos cariocas. Como sabiam se divertir, aqueles malandrinhos! De longe, os comensais pareciam frágeis e solitários. Dispersos pelo recinto, ali estavam os mesmos pacientes, sentados nos mesmos lugares, diante das mesmas mesas espalhadas pelo refeitório, nas quais se encontravam sozinhos. Havia uma beleza sutil em todo aquele arranjo. Antoine suspirou, comovido. Nada mudara.

Do lado de fora do espaço gastronômico, a visão das montanhas emprestava uma estranha calma ao lugar, deixando seus ocupantes muito à vontade, como se pudessem ficar ali eternamente. Tocado pelo repousante cenário, Antoine sentiu uma leve dor do peito (às vezes tinha refluxo quando comia o que não lhe fazia bem) e suspirou fundo. Como seria depois que estivesse curado? O pensamento de que logo deixaria a clínica o desanimou. Nunca em sua vida ele se habituara a um lugar tão plácido e organizado (no Brasil, tudo parecia tão caótico). E nunca esteve tão conectado com tudo e com todos. Como uma pessoa podia se sentir desconectado naquele paraíso? Pensou ele, um tanto desdenhoso.

Apesar de não se comparar à clínica Burghölzli em Zurique, Büngzli era uma vasta propriedade comprada alguns anos antes por Dr. Carl, graças à fortuna obtida com o imenso e repentino sucesso de seu Método de Desintoxicação Autobiográfica. Um artigo no *The New York Times* descreveu o sanatório como “um lugar *high life* em que os pacientes sorriem o tempo todo e parecem estar totalmente confiantes em seu médico”. A arquitetura de Büngzli era uma réplica daquela exibida na clínica Préfargier, localizada às margens do lago Neuchâtel, a uma hora e trinta e oito minutos de trem distante dali. A fachada do prédio principal transmitia imponência e em seus arredores, tão apreciados pelos visitantes, encontrava-se um amplo e verdejante gramado, assim como um pitoresco paisagismo. Em suas instalações modernas, o diretor oferecia aos seus internos o que havia de melhor em questão de hospedagem e acolhimento. A princípio construída com a crua simplicidade da arquitetura do começo do século vinte, a clínica aos poucos incorporou elevadores, escadas mais amplas, água quente, aquecimento a gás e fantásticos vasos sanitários japoneses *high tech* nos banheiros. Ali trabalhavam dezenas de funcionários, distribuídos em enfermeiros, encarregados da limpeza, camareiras e jardineiros, além dos supervisores, médicos, psicólogos e cozinheiros, que serviam um pequeno e exclusivo círculo hermético de pacientes, fazendo tudo para agradar os visitantes e atender às suas mais peculiares e intrigantes exigências. Os funcionários revezavam-se em três turnos, durante os quais cuidavam de todas as necessidades básicas e extraordinárias daquele seletivo grupo de internos. A cada verão, Büngzli recebia exatamente uma dúzia de *very important pe-*

ople em suas dependências. Seduzidos pela propaganda no Health Channel (o médico investia bastante em publicidade, como uma forma de cativar novos clientes) e atraídos pela possibilidade de se verem livres para sempre do incômodo de suas persistentes e recorrentes lembranças ruins, esses esperançosos telespectadores estavam resolvidos a experimentar o fabuloso método do Dr. Carl e suas técnicas miraculosas. Conhecido como uma celebridade de celebridades, o diretor orgulhava-se de sua clínica e seu acolhimento especial, que se diferenciava das outras instituições frias e impessoais espalhadas pelo resto do mundo, projetadas no estilo anglo-saxão ou latino-americano, com seus métodos inadequados e brutais, onde os pacientes eram tratados apenas como cifras e números. O toque paternal do médico era considerado uma marca registrada de seu estabelecimento e podia ser visto por toda parte (em uma enorme placa na entrada, lia-se: “Genieße deinen Aufenthalt” em alemão, e também “Enjoy your Stay” em inglês; que os mais céticos, gracejando, recitavam: *Grace, honour, praise, delight*). Esse extraordinário tratamento, dispensado pelo diretor a todos os internos, fizera crescer a fama do Dr. Carl e espalhar sua notoriedade pelo mundo, aumentando a demanda mundial por turismo religioso. Afinal, pensava o médico, um bom atendimento não se propõe apenas a suavizar em seus pacientes a tensão inerente ao que é estranho, mas também fazê-los permanecer um período maior em Büngzli, “desfrutando das boas coisas da vida”, como estava escrito nos panfletos promocionais. A filosofia hedonista do diretor era sua marca registrada, com sua visão baseada no conceito de *Wahlverwandschaft*, um termo técnico da ciência do século XVIII traduzido para o alemão, um termo retirado do livro *De attractionibus electivis*, uma criação do químico sueco Torbern Olof Bergmann, e que inspiraria a célebre obra “As Afinidades Eletivas” de Goethe. Segundo essa concepção filosófica-empresarial, o indivíduo devia interagir livre e ativamente com seu mundo e com seus semelhantes, buscando descobrir quem lhe agrada ou desagrada, e com quem se harmoniza ou é dissonante. Por conta desse caráter associativo experimental, Büngzli e seus jardins circunvizinhos eram descritos por ele como um “refúgio alquímico no qual os elementos humanos são reunidos como moléculas no mesmo espaço para se observar a reação resultante”, uma espécie de *reality show* sem espectadores. E todos aqueles que desfrutavam uma breve residência em seu prédio regressavam para suas casas satisfeitos pelo acolhimento recebido e pela admirável eficácia experimentada, tendo intermináveis elogios ao tratamento e ao diretor. De acordo com os felizes beneficiários desse inédito *joie de vivre*, o avançado método de controle mental do Dr. Carl era uma forma ágil, segura e prática não apenas de se livrar de suas lembranças indesejáveis, mas ainda uma maneira deleitável de restaurar a tranquilidade e o bem-estar às suas infelizes vidas. Eles chegavam à clínica como seres caprichosos, melindrosos e insuportáveis, e saíam de lá como alegres crianças em um piquenique. O médico explicava que o segredo do sucesso de seu método estava em sua confiança nos avanços da ciência, com sua capacidade de despertar o potencial genético humano e sua tecnologia a favor do bem-estar existencial. Na opinião do especialista, desde que a medicina progredira ao ponto de possibilitar a remoção das memórias indesejáveis das mentes amarguradas, a vida nunca havia sido tão prazerosa para os hóspedes de sua clínica (sim, *hóspedes* era um termo mais carinhoso para designá-los, uma vez que o médico preferiu unir o conceito da hospitalidade ao *Sorge* heideggeriano). E esse acolhimento se refletia no respeito e na gratidão dos seus clientes. Uma prova disso era que todos eles, com pouquíssimas exceções, voltavam felizes para casa, amnésicos e despreocupados, e retomavam suas existências (e *comfort zones*) mais confiantes e lúcidos, considerando o médico como uma espécie de guru. Em virtude do trabalho do Dr. Carl, atores de Hollywood, cantores pop de todas as partes do mundo e outras celebridades podiam ter uma vida normal após a desmemoriação, esquecendo-se para sempre de seu incômodo passado e de suas mágoas pretéritas. Desajustes sociais, separações, falências, amores obsessivos, pais cruéis, ou qualquer outro tipo de má recordação, uma vez removidos da memória, traziam de volta a felicidade àquelas

pessoas antes tão angustiadas. Segundo o médico, ao se desintoxicar de sua negatividade mne-mônica, o indivíduo atormentado estava novamente livre da opressão de seu superego, apto a retomar sua vida em sociedade, sem culpas, sem rancores e sem maus hábitos. Celebidades com suas carreiras em baixa davam a volta por cima, retornando às suas grandes atuações do passado para arrecadar bilionárias bilheterias e serem premiados pela Academia de Cinema. Políticos sanguíneos, muitos deles condenados por corrupção, esqueciam as manchas em sua carreira política e se tornavam grandes filantropos. Sem contar também, além desses tipos privilegiados, com inúmeros outros artistas de todas as nove artes, jornalistas bipolares, cientistas em uma avançada faixa do espectro de autismo, velhas estrelas do rock em crise de popularidade ou jovens cantores que gostariam de ser esquecidos pelos fãs para ter uma vida comum (e olvidar suas vidas desregradas), líderes e políticos obcecados pelo poder, diretores de empresa em *burnout*, engenheiros desiludidos com limitações técnicas e intelectuais desiludidos. Muitos desses artistas e profissionais haviam passado por Búngzli desde sua inauguração. Todos os anos eles eram bem recebidos na clínica, obedeciam às recomendações médicas e logo se adaptavam às regras do lugar, à rotina de sessões de Mnemodetox, passeios matinais e terapias de grupo. Às vezes levavam um mês para ficarem aptos a entrar em transe extático ou ter uma visão mística. Outras vezes, porém, nos casos mais graves, necessitavam um tempo maior para serem curados. Mas à medida que ficavam desmemoriados, recebiam alta em sua internação e desapareceriam da noite para o dia, sem deixar nada para trás (nem mesmo lembranças). Após terem sido curados, sentindo-se muito agradecidos ao diretor, os ex-pacientes recheavam generosamente a conta bancária de seu médico, demonstrando um alto nível de satisfação com o tratamento, contentes por terem feito um bom negócio. Anos depois, esses redi-vivos se lembrariam saudosamente daquele deslumbrante lugar em que as vidas brilhavam em êxtase, sorridentes e amáveis, um lugar que, porém, causava mais dissabor do que prazer a Anne.

Búngzli seria o último lugar na Terra que Anne escolheria para fazer turismo. Não sentia mais qualquer prazer em sua angustiante permanência. E sua única maneira de compensar a sensação experimentada por seu internamento era desfrutar as fantásticas sobremesas da cozinha suíça. Terminada, enfim, sua última fatia de torta, Anne suspirou e permaneceu alguns segundos desfrutando o banquete. Depois, ainda insatisfeita, separou um minúsculo pedaço de pudim no pratinho ao lado, levou-o à boca, provou seu sabor agridoce e suspirou, apreciando a porção com considerável serenidade. Ao testemunhar o voraz apetite da jovem paciente, Antoine a fitou por um instante, admirado. Por que as pessoas nunca estão satisfeitas? Refletiu ele. Percebendo-se observada, Anne retribuiu o atônito olhar de seu colega, intrigada. O que estava olhando? Indagou-se ela, mantendo seus olhos por um milésimo de segundo na expressão pasma de Antoine e encarando-o com uma certa gravidade. Por um tênue átimo, eles se entreolharam mudamente, estudando-se, como se o observador e o observado se confundissem e não houvesse mais distinção entre um ou outro. Embebecido pela tonalidade Hazel dos olhos de Anne, Antoine não conseguiu se desgrudar daquele olhar terno e ao mesmo tempo indagador. Havia uma beleza incomparável nessas duas qualidades. Essa união contemplativa durou até o momento em que Anne quebrou o encanto, desviando os olhos e retornando sua atenção à sua sobremesa. Surpreendido por aquela mirada admirável da jovem paciente, Antoine sentiu faltar o fôlego. Estava impressionado. Se pudesse guardar algumas lembranças depois que ficasse amnésico, aquela seria uma delas. Nunca se sentira tão arrebatado. Como poderia esquecer aquele olhar magnífico?

Mesmo que não estivesse acostumado a se lembrar de qualquer detalhe fisionômico em um primeiro encontro (era um péssimo fisionomista), Antoine estava fascinado por aquele gracioso rosto e foi imediatamente capturado pela bonita cor dos olhos de Anne. Havia de algo de encantador em seu brilho e vivacidade. Dependendo do ângulo e da luz, eles pareciam ainda mais belos. Como Antoine logo percebeu, a coloração de suas íris ganhavam um tom azulado ou verde-claro de acordo com os pontos cardeais, um aspecto fascinante para ele. A vivacidade daqueles deslumbrantes olhos se destacava com leveza na face pálida da *demoiselle*, em que as sardas, espalhadas pelas suas maçãs do rosto e também pelo nariz, transmitiam uma graça quase infantil. Além disso, os traços angulares emprestavam uma certa expressividade àquela enigmática fisionomia. A testa de Anne, ligeiramente franzida, revelava uma seriedade desafiadora. Desde que a vira no jardim pela manhã, aquela grave beleza de Anne atraía a atenção de Antoine. Percebeu que havia algo bastante familiar na amarga suavidade daquele rosto jovial.

— De certa forma, estou contente aqui — disse Antoine, por fim, quebrando o silêncio e desviando seu olhar para as mesas vizinhas. — Não tenho do que reclamar. Desde meu regresso do Brasil, eu me acostumei a ter pouca liberdade. Como sabe, as leis na Suíça são bem restritivas, tanto para os imigrantes quanto para os próprios suíços. Mas nós nos acostumamos a tudo, certo? Não desistimos nunca. Esse é o lema dos brasileiros. E você se admiraria do que eles são capazes de suportar. É o que chamam de “paciência de santo”. Obedecer às regras não chega a ser um problema para mim, contanto que haja algum divertimento. Já que você mencionou as outras dependências da clínica, vou lhe dizer o que penso. Eu gosto das salas temáticas. São instrutivas e estimulantes. Mesmo a Sala Vermelha com sua História do Erotismo de Safo até Hokusai tem algo de belo. A arte japonesa me atrai bastante. Fora isso também gosto das pessoas. O *staff* é gentil e atencioso. Além do mais, os outros pacientes me fazem boa companhia. Quando não estão sonâmbulos, claro... Ontem esbarrei no corredor em um senhor alemão que atravessou o meu caminho e me obrigou a se desviar dele. Sem nem mesmo abrir os olhos, ele chamou-me de *sorglos*. *Sorglos!* Escuta essa! Ele foi o descuidado, e eu sou um *sorglos!* *Ach! Da kann man ja nur lachen...*

— Aposto que ele estava sonhando que havia esbarrado em alguém — disse Anne, com um ar ausente (agora um pouco mais calma) e, em seguida, retornou à sua seriedade habitual e à sua sobremeda.

— É possível. Talvez sonhasse, inclusive, que eu era um pedestre atravessando perigosamente a rua no sinal vermelho.

— Ou que você era um cão vira-lata.

— Na natureza há tantas coisas que não entendemos, *nicht?* E existem também outras forças bizarras que não conseguimos perceber — disse Antoine e, olhando de novo pela janela do refeitório, avistou as montanhas à distância e suspirou.

— Forças bizarras?

— E incontroláveis.

— Como ataques de raiva, por exemplo?

— Eu estava pensando em vulcões — disse ele e, apoiando o indicador em seu lábio superior, continuou: — Teriam tido os Alpes Suíços alguma atividade vulcânica há milhões de anos? Às vezes gosto de pensar nessa cadeia de montanhas como uma gigantesca série de vulcões adormecidos.

— Então imaginou mal — disse Anne, agora um tanto séria, e tentou se descontraír movimentando os ombros para aliviar a tensão — São apenas dobras geológicas.

— De qualquer modo, gosto dessa clínica. E não somente pela paisagem. Pude comprovar que o método de Dr. Carl realmente funciona.

Pfui! Em seus pensamentos, Anne desdenhou aquela afirmação otimista demais para seu gosto. A jovem ainda tinha dúvidas em relação à eficácia de seu tratamento; uma desconfiança justificável pelo seu estendido tempo de internamento, mas injustificada por seus resultados tão evidentes em sua memória de longo prazo. Ela nunca se esforçara muito para lembrar episódios de sua vida muito distantes no tempo. Ou, do contrário, teria notado que esquecera boa parte de sua juventude. Teria tido o Mnemodetox realmente alguma eficácia? Sobre o Método de Desmemoriação do Dr. Carl, vale a pena aqui fazer uma breve interlúdio, uma vez que é a sua maior invenção.

O engenhoso estratagema clínico do médico, além de tratar distintamente cada uma dos *quirks* típicos das mentes atormentadas de seus pacientes, também tratava de suas manias com todas as suas mais minuciosas e caprichosas variações sobre o mesmo tema: as más lembranças. Personalidades de fronteiras, sujeitos paranoicos ou depressivos, cada um deles recebia uma atenção especial, condizente com sua condição psicológica. As acomodações em Büngzli haviam sido planejadas com o propósito de atender as necessidades mais peculiares de seus hóspedes. Todos os internos eram instalados em alojamentos decorados sob medida para seu caprichoso gosto, dos quais podiam desfrutar do deslumbrante panorama alpino e do ar fresco que soprava das montanhas. Além de espaçosos e aconchegantes quartos, a clínica oferecia diversas suítes temáticas aos seus internos, e ainda salões, *craft shops* e *lounges* para todos os gostos. Esses ambientes eram projetados para a estimulação sensorial de determinados pacientes.

Preparada especialmente para os melancólicos, a Sala Vermelha era um grande espaço com

coleções de arte, em que eram exibidas gravuras eróticas, ilustrações românticas do século dezenove e da *The Gilded Age*, quadros pré-rafaelistas, arte déco e pop art (uma reprodução de *Girl with Hair Ribbon* de Roy Lichtstein fazia parte da coleção, além de fotografias em branco e preto com antológicas cenas de filmes da Era de Ouro de Hollywood). Contígua à Sala Vermelha, encontrava-se a Sala dos Prazeres, com seu odor de incenso de olíbano e seus objetos feitos para estimular todos os sentidos, fossem visuais, auditivos, olfatórios ou táteis (para o paladar, as refinadas criações culinárias do *chef* da clínica eram suficientes). Segundo o médico, devido aos danos provocados por anos de exposição televisiva a imagens excitantes, os pacientes melancólicos aos poucos deviam reaprender a apreciar de novo o mundo real. Na opinião do neurocientista, havia uma enorme diferença na forma com que o cérebro percebe a telerealidade e a realidade objetiva, e estimular essa percepção perdida era a chave para a cura dos problemas mnemônicos de seus pacientes. Uma vez que despertavam sua sensibilidade, ativada em seus mais profundos genes, eles assumiam seu temperamento artístico e passavam a desfrutar o silêncio e a quietude de maneira contemplativa. Para os pacientes mais sensíveis Dr. Carl idealizara a sala de meditação, um lugar feito especialmente para aqueles que desejavam cultivar um pouco de *peace of mind* ou mesmo estados superiores de consciência, se recém-submetidos a uma sessão de desmemoriação. Decorado com um domo dourado no teto, o espaço minimalista era frequentado por quase todas as *ladies* do grupo de meditação (mas não por Anne, impaciente demais para suportar quarenta minutos com o traseiro em uma almofada dura tentando se concentrar ao som de *Silence is golden* do The Tremeloes). Além da *meditation room*, havia ainda a *lounge* de pássaros, a sala preferida dos pacientes com tendências dissociativas. Em seu interior, havia minúsculos rouxinóis mecânicos que imitavam os pássaros reais. De inspiração chinesa, esses autômatos eram um doce regozijo para os olhos e para os tímpanos. Trepados nos galhos de uma grande Árvore da Vida cabalística, os pássaros mecânicos chilreavam e gorjeavam seus fabulosos agudos para o deleite dos pacientes de ouvidos mais apurados e sensíveis. De acordo com as explicações do Dr. Carl, esses sons inibiam as vozes inconscientes que perturbavam tanto os esquizoafetivos, distraíndo-os de seus demônios. Cada um desses espaços era proposto para atrair a atenção dos internos que possuíam uma grave incapacidade de concentração, procurando exercitar, por meio de estímulos adequados, seus córtices cerebrais danificados.

O médico havia pensado em quase tudo. Para aqueles que precisavam de ânimo, Búngzli oferecia estímulo e acolhimento, dois ingredientes necessário para superar suas dificuldades iniciais, entre elas a apatia e a indolência. E para quem precisava de paz de espírito, a clínica proporcionava um pouco de sossego e tempo para reflexão, ingredientes necessários para quem queria esquecer o passado. Dessa forma, todos os internos recebiam um tratamento especial, respeitando seus *quirks* e manias (menos a hipocondria, naturalmente, considerada pelo médico como um vício intolerável). A teoria humorística do médico tinha também um aguçado lado ético. Ao classificar cada paciente segundo os quatro temperamentos de Hipócrates, Dr. Carl conseguia oferecer a cada um deles um tratamento personalizado, um tratamento que não perturbasse seus hábitos de maneira agressiva, respeitando suas peculiaridades e obedecendo assim à Regra de Ouro (ou *Faustregel*, como preferia chamar) de Búngzli: trate os pacientes proporcionalmente ao que você gostaria de lucrar com eles. Para cada humor um tratamento, dizia ele, repetindo sua filosofia de vida baseada nos ensinamentos hipocráticos. Praticava, porém, um humorismo mais avançado do que o do Pai da Medicina ocidental.

Sob uma ótica neurocientífica, o diretor e cientista defendia a ideia de que as doenças deviam ser interpretadas como um desequilíbrio dos fluidos cerebrais. De acordo com essa hermenêutica (uma concepção muito similar ao yin-yang dos chineses), todas as enfermidades são causadas pelo *imbalance* de polaridades opostas: consciência e energia, mente e corpo. Segundo o médico, os humores cerebrais estavam associados não só ao efeito dos neuro-hormônios sobre a psique humana e seu bloqueio das conexões sinápticas, mas ainda à maneira com que uma pessoa reage ao inferno provocado por seu desequilíbrio hormonal. Desse ponto de vista, o eficaz balanceamento dessas substâncias orgânicas era a melhor forma de manter a saúde física e mental de um indivíduo. Apesar do declínio do humorismo no século dezanove, com o advento da intensa experimentação científica e o desenvolvimento da indústria farmacêutica, Dr. Carl ainda utilizava uma versão pós-moderna desse obsoleto pensamento médico, para o qual era possível obter o perfeito equilíbrio humoral por meio da ação do próprio corpo, sem o auxílio de agentes externos ou substâncias alienígenas, utilizando apenas o fabuloso sistema de sinalização endógena do organismo, ou seja: a cura encontra-se no próprio organismo. Seu método enfatizava que, como cada doença era o resultado de um maior ou menor desequilíbrio dos hemisférios cerebrais, a principal responsabilidade de um profissional era estabelecer precisamente a situação única de cada paciente, caso a caso, em prol de sua cura. Além de se apoiar na discrasia dos distúrbios mentais, Dr. Carl também seguia o pensamento de Anaxágoras, o filósofo pré-socrático de Clazômenas, para quem a mente, ao tentar ordenar tudo de maneira muito rígida, causava um desajuste neuro-hormonal no cérebro dos indivíduos mais suscetíveis, trazendo-lhe diversos transtornos psicológicos e fisiológicos. Desse modo, tratar a mente era também tratar o corpo. Ao estudar o sutil relacionamento entre o psíquico e o físico, o médico buscou mesclar diversas técnicas de sincronização cerebral, selecionando alguns artifícios extraídos da tradicional medicina grega, chinesa, hindu e até mesmo suméria. Após muitos anos de pesquisa, em que estivera atrás de um método que atuasse tanto na mente quanto no corpo, ele foi encontrá-lo no mundo greco-romano da Baixa Antiguidade, fonte da qual surgiu todo o arcabouço teórico e prático da cultura ocidental. Desde Platão até a psicanálise, aprendeu ele, os caminhos da filosofia e da medicina haviam se entrecruzado várias vezes, influenciando-se mutuamente. Da escola pneumática grega, para a qual todas as doenças aconteciam por conta do Princípio do Calor Inato, até a escola materialista de Asclepiades de Bitínia (para quem, por inspiração da filosofia de Demócrito, a saúde era uma questão da correta movimentação dos átomos e dos fluxos energéticos pelo corpo), Dr. Carl estudou todos os velhos manuais de medicina escritos nas mais diversas línguas arcaicas, investigando não apenas os tratamentos e teorias ali descritos, mas também a maneira de pensar dos grandes médicos e filósofos da Antiguidade. De Hipócrates (o célebre Pai da Medicina), adotou a teoria humorista; e de Asclepiades, o atomismo democritiano (e ainda a paciência, a simpatia e os bons tratamentos aos enfermos mentais). Nem todas as antigas técnicas, entretanto, eram praticáveis nos tempos modernos. A teoria dos fluxos de energia do mestre de Bitínia era difícil de ser posta em prática sem ser um tântrico ou um taoísta, uma vez que exigia uma grande disciplina e uma imensa dedicação, e o médico preferiu seguir assim o método hipocrático, menos ambicioso e mais simples (apesar das pretensões filosóficas dos médicos da Escola Epissintética, sobretudo Arquígenes, e seus colegas da Escola de Alexandria criada por Herófilo). Utilizando-se de um raciocínio dedutivo e da intuição clínica, a filosofia humorista proporcionara a Dr. Carl uma forma de tratar seus pacientes de acordo com seu *Stimmung*, um termo muito utilizado por ele para se referir à maior ou menor presença dos diversos tipos de bile (ou hormônios, conforme o caso) no organismo de cada indivíduo. A categorização dos temperamentos em humores e o conhecimento íntimo da psique humana adquiridos pelo neurocientista em sua clínica, porém, era somente uma maneira prática de se gabar de sua monstruosa memória enciclopédica, um talento que, dizia ele, o capacitava a diagnosticar e classificar um paciente em apenas um pis-

car de olhos, tudo graças à sua poderosa intuição. Ao categorizar os enfermos por meio de seu mapeamento neuropsicológico, o médico oferecia a eles um cardápio variado com diferentes opções de tratamento. Em uma lista que variava da Amnésia Autobiográfica até o Êxtase Agnóstico, Dr. Carl tinha um poderoso arsenal de técnicas para todos os fins. De acordo com o humor do paciente, ele indicava o método mais adequado ao seu temperamento. Além dos tratamentos convencionais, havia ainda o Controle Estoico para os coléricos e o Foco Aumentado para os melancólicos. A taxonomia psicológica do médico, contudo, não era bem-vista pelos pacientes mais céticos, entre eles Anne. Ela acreditava que o profissional era um tanto reducionista ao resumir incontáveis personalidades humanas em somente quatro tipos de humores.

Na verdade, Dr. Carl preferia os dois extremos do espectro humorista. Como empresário, tratava seus pacientes também como clientes. Havia uma certa visão mercadológica em suas concepções filosóficas. Em sua opinião médica, os melancólicos e coléricos (ou biliosos, como eram tecnicamente chamados na Idade Média, devido à Bile Negra) toleravam mais o Mnemodetox do que os tipos fleumáticos e os sanguíneos; os primeiros por serem imunes à atração da amnésia, e os últimos por medo (ou por teimosia). Mas, em termos de mercado, essa constatação tinha diversas implicações financeiras, o que afetava negativamente todo o custo de um tratamento. Dessa maneira, sua classificação dos pacientes era mais prática do que teórica. Internamentos mais demorados tinham um custo maior (hospedagem seis estrelas, sessões, refeições e tratamento VIP), portanto, custavam mais caro. Anne, porém, não sabia desse fato. E nem que seu pai havia pago ao médico uma pequena fortuna para mantê-la internada pelo tempo que fosse necessário. Para ela, existia algo de errado com a abordagem do diretor. A demora em obter resultados estava diretamente associada à ineficácia do método empregado por Dr. Carl. Na opinião da jovem, um tratamento eficaz é aquele que é bom para todos e não apenas para um ou outro, como acontece com os placebos. As dúvidas de Anne em relação ao poder curativo do método do neurocientista não afetavam Antoine. O enfoque filosófico do diretor de Bünzgli despertou plenamente a imaginação do engenhoso paciente.

Há anos Antoine procurava uma maneira segura de alcançar sua tão sonhada e desejada felicidade. Após experimentar todas as tentadoras alternativas encontradas por sua geração e pelas gerações passadas, ele ainda não descobrira um método que não provocasse algum malefício em sua saúde mental. Existia, por outro lado, um diferencial no método do diretor de Bünzgli que o destacava de tudo o que Antoine experimentara antes. Praticante de vários métodos orientais, o jovem se sentia frustrado por nunca ter chegado à iluminação, e tivera sérias dúvidas sobre a eficácia daquelas técnicas tão pouco adaptadas aos costumes ocidentais. No Brasil, ele tentara seguir uma dieta vegetariana e fazer jejum com frequência, enquanto era obrigado a tolerar as pessoas nos restaurantes se empanturrando com enormes hambúrgueres estilo americano. Procurara se manter puro quando a maioria das pessoas se encontrava em um frenético processo de autointoxicação. Respirava fundo para trazer mais energia para seu corpo enquanto ao seu lado os fumantes cariocas poluíam seu precioso ar. Assim como os jejuns e abluções, Antoine experimentara também enemas para limpar as vísceras e as entranhas, e preferia vestir roupas mais leves e mais frescas, de forma a deixar o corpo mais sadio e mais preparado para os exercícios espirituais, além de praticar diversas técnicas psicofísicas pertencentes a épocas em que os homens não eram tão consumistas, poluidores, poluídos e desatentos. No entanto, nunca se atentara à necessidade de purificar também sua memória e suas emoções. As sessões de Mnemodetox abriram os olhos de Antoine para esse desapercibido detalhe. Mas

seria a amnésia o melhor método de purificação? Apesar de acreditar nos efeitos benéficos do tratamento, ele ainda tinha uma dúvida mais filosófica do que prática. Seria o método do Dr. Carl realmente eficiente para um ocidental? Estariam os ocidentais preparados para a iluminação? Essa dúvida foi motivo para mais uma das preleções do médico, repleta de digressões e minúcias eruditas, que levou Antoine às profundezas da excêntrica filosofia do médico.

Um aficionado da filosofia oriental há muitos anos, Antoine quis saber do médico, durante um de seus passeios, se era possível ser um iluminado sem ser um hindu. Antes de responder a essa pergunta, Dr. Carl fez uma pequena digressão para falar do modo com que os ocidentais renegaram a capacidade de encontrar sua própria cura, o que afetou sua independência mental. Incapazes de pensar por si mesmos, qualquer *insight* os impressionava facilmente. Alguns pacientes ficavam tão impressionados que decidiam mudar de vida. Para Dr. Carl, o poder curativo da iluminação era indiscutível. O desprezo da religião pelo potencial de cada indivíduo (sobretudo pelos místicos, considerados pelos religiosos como hereges mercedores da condenação à fogueira), afirmou o médico, apenas acentuou a influência negativa das doutrinas sobre homens e mulheres. Doutrinadas e amestradas, as pessoas perderam sua independência intelectual. Em seguida, Dr. Carl falou sobre os tipos de êxtase, enfatizando sobretudo o êxtase agnóstico, a especialidade do seu método.

Enquanto percorria os arredores de Büngzli com Antoine, o médico explicou que, ao combinar o melhor do Ocidente (com sua tecnologia baseada em máquinas) e do Oriente (com sua tecnologia baseada na disciplina mental), o Mnemodetox procura despertar o intelecto e a sensibilidade dos pacientes. Por não seguir nenhuma doutrina, assegurou Dr. Carl, a desmemorização é o melhor dos métodos para tratar as más lembranças. “Para o oriental, esquecer é uma forma de controle mental. Desde criança ele é ensinado que tudo é uma ilusão. Ao evitar as falsas promessas da sociedade, somos capazes de manter nossos pensamentos sob melhor controle. O *self control*, como reconhecem os suíços, é o primeiro passo para o crescimento individual. Uma vez senhores de nós mesmos, a verdade pode surgir espontaneamente, e com ela a solução para todos os nossos problemas. Com meu método qualquer um é capaz de chegar à iluminação, independentemente de ser um ocidental ou não ter genes adequados”, disse ele. Antoine, no entanto, expressou sua dúvida sobre essa afirmação. “Se todos são capazes de chegar ao êxtase, por que não existem mais pessoas iluminadas no mundo?”, indagou Antoine. Em sua saga espiritual no Brasil, o jovem paciente havia participado de diversos grupos esotéricos e escolas de yôga, e descobriu os perigos da moral do grupo e dos doutrinamentos. Dr. Carl explicou ao paciente que o homem pós-moderno estava pagando um alto preço por se esconder atrás de ideologias e doutrinas. Ver o mundo pela lente dos padrões culturais, segundo ele, atrofiou nossa percepção da realidade. O apego aos padrões e a religiosidade anódina do sujeito pós-moderno, disse o médico, o tornou insensível à verdadeira beleza. E a origem desse apego estava não só no dogmatismo religioso mas também científico. Com o triunfo do aristotelianismo na Idade Média, prosseguiu Dr. Carl, os escolásticos criaram uma visão baseada na ação conjunta da observação e na contemplação, da Razão e da Fé, uma afirmação da realidade natural como um todo, incluindo os corpos e as mentes. Suas reacionárias visões do universo, porém, foram desprestigiadas pelos resultados observacionais da nova astronomia durante o Renascimento, e os filósofos desacreditaram os teólogos. Para os novos pensadores medievais, como Duns Scotus, a fé e o conhecimento são coisas distintas, e uma conjunção desses dois princípios não é possível nem recomendável. Essa importante constatação vinda de um

escolástico inspirou os cientistas naturais da Renascença a continuar suas pesquisas sem a interferência das crenças e superstições. Mas essa evolução do pensamento científico para o completo racionalismo, disse Dr. Carl, teve consequências questionáveis sobre a vida humana. “O excesso de informações provocado pelo avançado tecnológico impede que o homem comum perceba a verdadeira beleza, *mein Bub*. A sobrecarga neural trazida pela vida urbana não permite que sejamos pessoas mais atenciosas, o que impede que desenvolvamos nosso potencial genético. Diante do excesso, nos tornamos insensíveis e, ao mesmo tempo, perturbados.” E a única solução para sanar essa inquietude mental do sujeito pós-moderno, explicou o médico, estava na reinicialização do cérebro. Ao acionar as lembranças do início dos tempos, a realidade de volta a nos parecer mais bela e interessante.

Por toda a História, disse Dr. Carl, o cuidado com a mente sempre foi negligenciado pelas pessoas. Nesse ponto, disse ele, todas as religiões monoteístas falharam, e a tecnologia do início do terceiro milênio apenas agravou essa ignorância dos problemas mentais. Foi necessário criar assim (graças ao método desenvolvido por Dr. Carl) uma nova tecnologia, uma tecnologia mais humana para lidar com nossas necessidades emocionais e afetivas. Ao remover as más lembranças dos pacientes amargurados, segundo ele, o Mnemodetox propicia ao paciente uma visão mais clara de sua realidade, possibilitando sua iluminação e sua felicidade. Na opinião do médico, o senso comum viciou nossa observação, turvando nossa capacidade cognitiva. Isso nos impediu de ver o óbvio. Para Dr. Carl, um reconhecido colecionador de arte mística, havia algo de diabólico na beleza pós-moderna, uma vez que era uma invenção de gênios descontrolados com intenções duvidosas. Essa beleza mais escondia do que revelava. Contou então a Antoine um pouco da história do *daemon* humano, desde Sócrates, na Antiguidade clássica, até sua redescoberta por Freud no século dezenove. Falou da corruptibilidade do belo na Idade da Razão e da decadência da animalidade sagrada com a Modernidade, e de como a genialidade dos modernos levou à nossa dependência da tecnologia. Antoine ouviu tudo admirado, e o médico, diante do interesse do paciente, prosseguiu sua palestra proferindo seu ponto de vista sobre o assunto.

Embora julgasse a tecnologia uma criação demoníaca, Dr. Carl acreditava, por outro lado, que ela também poderia levar à salvação humana se fosse utilizada de maneira adequada. Mas, para isso, era necessário primeiro mudar nosso ponto de vista sobre a realidade. “Por conta da influência cultural, das modas e seus modelos vazios, das interpretações e dos dogmas, o indivíduo moderno perdeu a fé em si próprio”, disse o médico. “Os dogmatismos e as ideologias nos afastaram de nós mesmos. Os paradigmas, concluíram os estudiosos, trouxeram apenas pontos de vista divergentes. Ao desvendar, porém, os segredos do código genético, a medicina do terceiro milênio descobriu que cada um de nós sabe instintivamente a melhor forma de curar nossos males. Ou seja, cada pessoa possui uma verdade única. Cada um sabe o que é melhor para si mesmo. Deveríamos assim utilizar a tecnologia para buscar essa verdade.” No entanto, para mudar o paradigma científico atual, prosseguiu o médico, devíamos ir além dos padrões adotados pela cultura. Assim como a astrologia desempenhou um importante papel no passado, era preciso agora inventar uma nova ciência, capaz de ler o indivíduo como um mapa astral. Somente quando a ciência se voltar para dentro de nossa alma, salientou o médico, descobriremos a salvação. Na opinião do Dr. Carl, era necessário abandonar a Razão em prol de uma Fé mais pura, para que assim os indivíduos pudessem de novo reencontrar a felicidade.

*śraddhayāgniḥ samidhyatē śraddhayā hūyatē havīḥ
śraddhām bhagasya mūrdhani vacasā vēdayāmasi*

Com a fé, o fogo está aceso; com a fé, a oferenda é consagrada

Com a fala, eu me comprometo à fé do alto da felicidade

Após recitar esse trecho do Rig Veda (mandala 10, hino 151), o diretor prosseguiu sua palestra. Em sua opinião, uma combinação de lucidez e crença era necessária para tratar os males da alma. E nem todos possuíam um equilíbrio perfeito entre esses dois princípios. Por esse motivo a cura dependia apenas do próprio paciente. Se ele (ou ela) não acreditasse no tratamento, concluiu o médico, era impossível chegar ao êxtase e ao esclarecimento. Segundo Dr. Carl, o primeiro passo para o autoconhecimento era “abrir a mente”. Uma mente aberta, segundo ele, está além dos padrões impostos pela cultura. Essas palavras deixaram Antoine empolgado. Sempre que ouvia a palavra “êxtase” ou “mente aberta”, algo se acendia em seu ser. Se o tratamento tinha mesmo esse poder de despertar as pessoas, seu entusiasmo era uma prova disso. Nunca se sentira tão animado antes. Passou a crer assim que o método do Dr. Carl era o melhor de todos os métodos.

Um ruído de colher tocando o fundo de um pratinho raso despertou Antoine de seus devaneios, e a lembrança da conversa com Dr. Carl evaporou-se repentinamente dos seus pensamentos nebulosos. Todo o refeitório se iluminou então com sua realidade nua e crua. Sentada à sua frente, Anne havia parado de comer sua torta e o encarava com uma expressão interrogativa. Ainda contemplando o cenário montanhoso do exterior, Antoine digeriu as palavras de seu médico. “É preciso que os pacientes acreditem na acurácia de seu tratamento e persistam até que faça efeito”, lembrou o jovem paciente. “Ou, do contrário, eles nunca despertarão sua luz interior. Nunca chegarão ao êxtase!”

— Acredita mesmo que esse método de desmemorização funcione? — questionou Anne, antes de experimentar outra porção de seu pudim. — Tenho lá minhas dúvidas.

— Eu tenho fé que funciona — replicou Antoine.

— Ter fé é como acreditar em Deus — disse Anne. — É ilusório.

— Pelo visto você não acredita.

— Sou uma mulher prática. Não existe bondade no mundo — replicou a jovem e, devorando outra porção de pudim, sentiu a guloseima derreter em sua boca.

— Um ser cem por cento bondoso não pertenceria a essa realidade — disse Antoine, defendendo seu argumento. — A bondade de Deus somente pode ser reconhecida por suas criaturas, é o que diziam os teólogos medievais. Acredito que nem todo o mundo é mal. Ou, do contrário, já estaríamos todos mortos. Algum maluco já teria apertado o *red button*.

— Dizer que há bondade nas pessoas é como dizer que Deus é bom. Não é uma afirmação lógica. É um valor e não um fato. Se uma entidade não é boa, porém, como pode ser chamada de Deus? Por que eu deveria crer em uma ilusão de bondade?

— Então não acredita em Deus porque Ele não é bom? E quem disse que aquilo que é bom é o correto? Mesmo a bondade tem uma medida. A bondade excessiva, por exemplo, pode virar indulgência e corromper as pessoas. Aprendi isso em minhas viagens à América. Quando os governos oferecem tudo o que é bom para os cidadãos sem pedir nada em troca e permitem que seus cidadãos façam o que bem entender, a sociedade se torna caótica. Muita química causa confusão.

— As pessoas sempre foram confusas. Os princípios morais ensinados pelas religiões não foram capazes de se adaptar aos novos costumes da sociedade. Vivemos em tempos mais velozes do que a Idade Média. Até o sacerdote mais octogenário prefere pegar um avião do que andar de carruagem até outro país.

— Por outro lado — acrescentou Antoine —, todos recebem uma avalanche de informações tão grande que não sabem mais validar as coisas segundo os velhos critérios medievais. Como podemos alcançar a luz dessa maneira?

— Concordo — disse a jovem, limpando os lábios com o guardanapo. — Os tempos mudaram. Não conseguimos mais distinguir o que é certo e o que errado de acordo com a moral cristã. Esquecemos nossos pecados. Somos corrompidos todo o tempo pelas tentações sem nem mesmo perceber.

— É natural. Esquecemos também que aquilo que é superior é bom. Desde os tempos de Eva, somos atraídos pelo que não conhecemos. E muitas pessoas não sabem distinguir o que é imposto a elas. Por outro lado, nem tudo o que é coercivo é ruim, se leva em conta o bem comum. Um mal menor pode causar menos estrago do que um mal maior.

— Chama a obediência irrestrita de mal menor? — disse Anne, séria. — Ter fé exige um salto no escuro, como escreve Kierkegaard. E nem todo mundo está preparado para correr o risco. A queda pode ser fatal.

— O que é um salto de fé, senão o ato de se deixar cair no vazio, crendo que não vamos mor-

rer? — replicou Antoine. — É preciso ter muita coragem para tal atitude.

— Confesso que sou covarde nesse sentido. Não gosto de me arriscar com o duvidoso.

— Talvez por isso não goste do método. O duvidoso também traz angústia.

— Entendeu agora minhas dúvidas com o tratamento?

— Eu me sinto bem com as sessões — confessou Antoine. — Nunca estive tão fluido em toda minha vida. Sinto que estou no lugar certo. Sabe quando você percebe que está finalmente na direção correta? Dá uma certa alegria. É uma sensação boa, entende? Está vendo? Podemos encontrar o divino nesse mundo.

— Grande coisa. Você chegou agora. Não conhece ainda o que se esconde por trás de toda essa bonita fachada. Quantos desenganados não podem estar hoje encerrados no porão? Ou enterados no jardim? Talvez até mesmo a mãe de Norman Bates tenha sido uma paciente de Bünzli.

Anne parou por um instante para pensar no que acabara de dizer. Desde o início de seu internamento, ela guardava consigo essa impressão de que havia alguma coisa escondida nos bastidores da clínica. Por ter assistido a dezenas de filmes de terror e suspense, ela imaginava que existia algo de macabro em coisas muito bem organizadas. Cada paciente de Bünzli lhe transmitia uma estranha suspeita. O que teria, por exemplo, acontecido com Frau Waldorf, a paciente do quarto 21? Embora existisse toda uma publicidade dos casos exitosos da clínica, inclusive de gente famosa, ninguém nunca se referia aos casos malsucedidos. Que múmias não se escondiam no porão?

— Está querendo me assustar? — indagou Antoine.

— Então não sabe do porão? — disse Anne.

— Está enganada. Não há porão.

— É maneira de dizer, seu bobo. Os loucos não precisam estar em porões. Podem estar à nossa frente, falando com você como se fossem pessoas normais. O óbvio é imperceptível ao olhar inculto. Até que um *click* os transforme em Mr. Hyde, e vulcões adormecidos entrem em erupção.

O Método Carl Wilhelm era realmente eficaz? As opiniões de Anne e Antoine diferiam bastante nessa questão. O internamento em Bünzgli não era tudo aquilo que Anne esperava. Suas expectativas iniciais haviam sido frustradas pela prolongada demora no tratamento, que a mantinha longe de casa e de sua rotina de compras e viagens (no próximo verão, pretendia passar algumas semanas em Barcelona, de preferência um mês antes da alta temporada com a chegada de sua “bárbara horda de turistas”, como preferia dizer ela). Decepcionada e entediada, seu diálogo com o mundo exterior converteu-se em um maçante monólogo interior, no qual repetia sempre as mesmas dúvidas. Em suas consultas periódicas ao médico, quando Anne falava sobre as trivialidades do tratamento e verbalizava suas incertezas, Dr. Carl a retribuía com questões mais específicas sobre seu estado (“Espero que esteja contando até dez como lhe recomendei”, repetia o especialista a cada nova consulta. “Como está sua memória? Lembra-se de seus pais?”). No decorrer de sua permanência em Bünzgli, a jovem parou de se preocupar com a eficácia do seu tratamento e decidiu se ocupar de algo mais produtivo.

Passados quatro meses, entretanto, Anne dispndia mais tempo em seu quarto lendo algum livro, e não fazia questão de ter contato com os outros pacientes ou participar de atividades de grupo. Para que perder tempo com tanta inutilidade? Em consequência, logo começou a apresentar súbitas mudanças de humor, escalando gradualmente para um estado mais bombástico e imprevisível, situação que pioraria no decorrer do tempo, até se consumir em explosivas manifestações de *temper tantrum*. Uma dessas terríveis explosões deixaria profundas marcas na popularidade de Anne, afetando sua autoimagem e sua *limited public image*. O dramático episódio, digno de uma telenovela de baixa produção, ocorreria na semana anterior ao seu encontro com Antoine, um episódio que deve ser aqui merecidamente lembrado.

Tudo aconteceu durante o horário de almoço, quando Anne decidiu se sentar no refeitório ao lado de uma das pacientes do Dr. Carl, uma alemã chamada Bertha Bergbaum. A quinquagenária tinha uma história nada comum em sua biografia. Ela havia passado boa parte dos *Savages Seventies* na Alemanha Oriental, errando de cidade em cidade com seus pais, procurando fugir da crise econômica do bloco comunista naqueles terríveis anos de carestia e racionamento, até que um belo dia, em sua errante juventude, deixou o trailer da família para nunca mais voltar. Com a queda do Muro de Berlim, no fim dos *nineteen-eighties*, as fronteiras físicas e simbólicas literalmente ruíram, e tudo o que era sólido se desmanchou no ar. Resolvida a desfrutar sua liberdade, a jovem alemã decidiu atravessar a fronteira e ir morar em Basileia, atraída pela cena artística local e sua fauna de *junkies*, punks e *yuppies*. Bertha sentia-se mais à vontade misturada à multidão. O anonimato coletivo aliviava a sensação de abandono, cultivada desde o início da adolescência, assim como a incômoda constatação de que não tinha uma família ou uma pátria. Por alguns anos vivendo no semicantão, ela fez parte do movimento *underground* suíço e participou da *Jugendunruhe* em outros centros urbanos, vivendo os excessos de sua inquieta geração. Como *groupie*, Bertha costumava ir a todos os shows do The Young Gods, do Einstürzende Neubauten ou do Celtic Frost, em suas escapadas para Zurique, Berna, Friburgo ou Lausanne, atrás de alguma dionisíaca noite de bebedeira com os amigos e amigas. Mas a agitada alemã, apesar de ter vivido intensamente sua juventude, era um genuíno repositório de más lembranças. Após diversos relacionamentos fracassados e amizades rompidas por desentendimentos, desavenças e separações, Bertha ficaria desencantada com sua vida social e deixaria temporariamente a Suíça, retornando assim à sua terra natal. De vol-

ta ao seu país de origem, um lugar em que não possuía mais vínculos sociais ou familiares, ela decidiu continuar seus estudos e seguir uma vocação profissional. Passada sua fase rebelde, a alemã se dedicaria à vida acadêmica e se afastaria das *squat parties* por algum tempo. Mais disciplinada, graduou-se em economia pela Goethe-Universität de Frankfurt e recebeu um diploma, capacitando-se a assumir qualquer cargo na área financeira. Uma vez egressa da faculdade, contudo, Bertha enfrentaria o desemprego nos anos da Alemanha reunificada, procurando sem sucesso uma colocação nos departamentos financeiros das rígidas empresas alemãs do antigo lado ocidental. Durante todo esse tempo longe da Suíça, entretanto, Bertha Bergbaum nunca esqueceria seu aventureiro passado nos cantões helvéticos, com suas alegres noites de ócio e diversão juvenil (e também seus dias de ressaca e *schlechte Laune*). Com a escassez de oportunidades no saturado mercado alemão, a alemã decidiu tomar novos rumos. De volta ao país alpino, ela passaria algum tempo indo de um escritório para outro, até ser finalmente contratada pela filial de um banco suíço em Basileia, organização na qual trabalharia por muitos anos em um cargo rotineiro e sem novidades, cercada por um pequeno e quieto grupo de funcionários do setor de cobrança.

Em seu retorno à Suíça, Bertha Bergbaum logo se habituaria à organizada rotina helvética, apesar de suas constantes queixas em relação aos próprios suíços. Ainda que não fosse muito popular entre os colegas de trabalho por conta de sua intimidante franqueza, Bertha sempre fazia questão de expressar o que pensava. Com isso se tornou a funcionária mais impopular de todo o banco. Ao ignorar que a maneira direta dos teutões incomodava os reservados suíços, ela passou a ser reconhecida por sua exagerada deferência e superioridade, insistindo em preferir suas reclamações em alemão standard. Os colegas, por sua vez, reagiam fazendo piadas germanofóbicas em alemão suíço, atingindo-a de maneira indireta. Mas Bertha não se importou com o *bullying* psicológico e os reprimidos gracejos dos colegas. Em vez de se queixar, ela preferiu ignorar o clima tenso no trabalho. Essa introspecção tinha algumas vantagens. A falta de apreço e a impopularidade entre os colegas fizeram com que Bertha se focasse totalmente em suas tarefas, desprezando as distrações sociais. Graças à sua energia e dedicação às tarefas do departamento, a carreira profissional de Bertha foi financeiramente exitosa, e ela alcançaria uma boa posição no banco, conquistando em pouco tempo o cargo de *Abteilungsleiter*, ou gerente departamental. Nessa posição, a alemã seria temida e invejada por muitos de seus atrevidos colegas de trabalho, que secretamente alcunharam a chefe de *Maleficent*, e se riam dela, zombando de seu mau humor e sua insistência em falar um alemão ao qual não estavam habituados. Embora tenha procurado ignorar aquelas línguas maldosas, esse ruído mental terminou afetando outras áreas da vida da alemã. Sua vida amorosa também não foi uma das melhores. Uma frequentadora assídua de *single bars*, Bertha conheceu dezenas de estrangeiros e tivera inúmeros casos passageiros que apenas agravaram seu hábito alcoólico. Nos anos seguintes, com a pressão do cargo e a solidão, a gerente ganharia peso e seria acometida por uma persistente melancolia, agravada por seu temperamento altamente colérico e, sobretudo, pelo seu alcoolismo, que a levaria mais tarde a um surto nervoso e a uma eventual hospitalização. Com a saúde em declínio, seu rendimento no trabalho decaiu sensivelmente. Para melhorar seu desânimo, Bertha entupiu-se de medicamentos e terminou adquirindo um hábito inconstruível de se automedicar sempre que estava indisposta, desanimada ou insone. Os colegas logo notaram suas indisfarçáveis olheiras e sua insegurança em tomar decisões mais difíceis. Sua conhecida eficiência começou a demonstrar alguns deslizes.

Certa ocasião, em uma *one-to-one*, um diretor chamou a atenção de Bertha para seu aspecto cansado e distraído. Sugeriu que ela tirasse umas férias. O conselho surtiu o efeito de um balde de água fria sobre uma cabeça despreparada. Preocupada em manter seu emprego, a alemã consultaria diversos profissionais de saúde mental, e cada um deles a diagnosticaria de uma forma distinta. Um psicólogo, após constatar que a paciente possuía sete das nove *traits* relacionado à *borderline personality disorder*, identificou-a como uma Personalidade de Fronteira e especulou que sua saída definitiva da Alemanha era uma prova cabal de que ela nunca havia conseguido assumir sua identidade germânica, após ter passado por anos de abuso e maus-tratos na infância. Sugeriu que ela aprendesse alemão suíço e procurasse ser mais amigável com os colegas. Um outro especialista, um psiquiatra consultado mais tarde, falaria a ela sobre sua distímia crônica, um distúrbio que atrapalharia seriamente sua agitada vida amorosa, em virtude de suas inseguranças e ciúmes de um lado, e por conta de sua apatia e falta de libido, em contrapartida. Recomendou um coquetel de medicamentos e insistiu que ela não ingerisse ou misturasse os comprimidos com whisky. Outro especialista, dessa vez um homeopata, a diagnosticou como hipocondríaca e receitou a Bertha passeios ao ar livre, montanhismo e *Nacktbaden*. Ao término dessa maratona a clínicas e especialistas, um profissional de saúde especializado em neurociência, examinou suas imagens de ressonância e, ao notar um grande desequilíbrio entre os hemisférios cerebrais, explicou que o caso da paciente era grave: seu cérebro estava tão dessincronizado que ela precisava ser urgentemente desmemoriada. Alarmada por tantos diagnósticos ruins, a alemã retirou de sua conta bancária todas as suas economias, boa parte delas investidas em fundos de ações na América Latina (uma aplicação que nunca rendera muito dinheiro), e decidiu pedir alguns meses de licença do trabalho. Por fim, após ter entrado em contato com a clínica do Dr. Carl por telefone, comprou uma passagem para Lucerna.

Na chegada de Bertha Bergbaum a Büngzli, o solícito diretor escutaria com atenção a ex-gerente reclamar de seu trabalho, falar sobre sua melancolia, sua ira incontrolável e seus maus hábitos. Após ouvir todas as queixas da nova paciente, o médico a diagnosticou como colérica e receitou três sessões de Mnemodetox. Queria ter certeza que apagaria da memória de sua conterrânea apenas os desagradáveis aspectos suíços de sua biografia. Ela também devia seguir, explicou Dr. Carl, um rigoroso programa de Controle Estoico da Raiva. Assegurou assim à paciente que ela se sentiria bem melhor se conseguisse controlar sua raiva reprimida por tantos anos, uma vez que havia sido obrigada a suportar um emprego tedioso e humilhante. Ao fim das três sessões, Bertha se esqueceria de todos maus-tratos e abusos que a deprimiram no passado. Esqueceu-se de seus irritantes colegas de ofício, de suas decepções amorosas e até mesmo de sua frustração por nunca ter tido um filho. Enfim, após as sessões de Mnemodetox, Bertha encontrava-se agora bem melhor do que na época de sua chegada. Em sua última semana de tratamento, ela aguardava ansiosamente a liberação do médico para viver aquilo que Dr. Carl dizia ser seu *Wiedergeburt*. Estava confiante que poderia agora ter uma nova vida, após se tornar uma renascida. Uma vez que tinha total controle sobre sua agressividade e sua assertividade (sentia-se até mesmo mais atraente), Bertha decidiu deixar o emprego e ser livre para amar e ser amada. Desejava agora morar no Brasil, onde pensava em continuar seu regime alimentar para emagrecer e também aprender a dançar samba (e quem sabe conhecer um amante latino).

Na ocasião da *Amok* de Anne, Bertha encontrava-se sentada a uma mesa junto à parede envi-

draçada do refeitório, comendo despreocupadamente sua salada Caesar. Quando a jovem se aproximou com sua bandeja, a alemã reparou por um milésimo de segundo na aparência da recém-chegada. A princípio, Bertha tratou Anne com cordialidade e deferência. Elas haviam se visto algumas vezes no pátio da clínica, mas nunca tiveram a oportunidade de ter uma conversa. Assim que a jovem se sentou, elas trocaram civilidades básicas e as duas recém-conhecidas falaram em seguida de assuntos triviais. Informaram-se das previsões meteorológicas e médicas, e até mesmo compartilharam sua ânsia de voltar para casa. De repente, aproveitando a pausa na conversa, Bertha fez uma observação *en passant*, enquanto Anne comia um enorme pedaço de torta de maçã. “Fettkuchen, nein?”, quis saber a alemã, olhando com um certo descredito para a guloseima. Agora mais preocupada com a silhueta, Bertha procurava evitar comer doces. Desde que melhorara seu humor (e mais animada por ter perdido alguns quilos), cultivava sua renovada beleza e sua harmoniosa forma física, ambas conquistadas com as sessões de Mnemodetox. Remoçada, a alemã havia cortado de vez qualquer tipo de sobremesa ou alimento comprometedor. Anne, por sua vez, estranhou a observação da colega. Embora tenha percebido que a alemã falava de sua sobremesa, ela não se importou com o breve comentário e continuou comendo como se nada tivesse acontecido. Mesmo sem granjear qualquer atenção alheia, Bertha comentou em seguida que uma moça tão bonita devia aprender a manter melhor a silhueta e não comer como uma louca (“eine schöne Mädchen sollte sich nicht wie eine Verrückt verhalten”, disse ela). Um pouco de autocontrole eleva a autoestima, completou ela. Além de que, aconselhou a alemã, seria melhor se Anne incluísse alimentos mais saudáveis em sua refeição, além de cuidar melhor do corpo, comer menos chocolate e tratar de beber mais água. Eram medidas importantes para evitar retenção de líquidos e a sensação de estufamento, disse Bertha. Em sua opinião (quis ser realmente franca), mesmo que as gordurinhas nos quadris deixassem o corpo um pouco mais atraente aos olhares voyeurísticos, esse descuido sugeria às outras pessoas um evidente sinal de descuido com a aparência. Essa era a louvável opinião de alguém que passara toda sua juventude cultivando seu lado sombrio. E Bertha, de fato, experimentara intensamente as aflições do corpo quando era mais jovem. Todas essas questões que atormentavam as mulheres da juventude até a meia idade eram, para a experiente alemã, meras preocupações do passado, e Bertha conhecia como ninguém todos os dilemas e dúvidas das jovens modernas. Como provar as delícias da vida sem engordar? Como ser atraente sem exibir de maneira escancarada seus atrativos? Desde criança, a alemã se martirizara com a indecisão de revelar ou esconder qualquer detalhe comprometedor de seu físico, mesmo quando as modas incentivavam as adolescentes a serem mais ousadas. Nostálgica, Bertha contou a Anne um pouco de seu passado na Alemanha. Falou das farras e das extravagâncias, e de como era ousada e procurava se vestir de maneira liberal, sem se importar com *dress codes*. Deu uma risadinha ao se lembrar de sua remota adolescência nos *nineteen-eighties*, quando as jovens alemãs aderiram às roupas mais justas, provocando resultados constrangedores nas ruas. “Admiro as brasileiras”, confessou a sorridente alemã. “Elas não perdem a sensualidade mesmo quando estão acima do peso.” Bem humorada, Bertha comentou então que Anne parecia um tanto *sexy* ao andar, finalizando sua observação com um risinho nervoso. “Mas não se preocupe. *Mollig is gut*, no seu caso”, completou a sorridente alemã. “Fica mais atraente.”

Para a alarmada jovem, contudo, o comentário de Bertha soou um tanto ofensivo. A palavra *mollig* (ou “gordinha”) vibrou incomodamente em seus tímpanos, acertando, de modo rasteiro e desagradável, o alvo errado, e desencadeando a cólera da jovem. Ao se sentir desafiada, Anne sentiu o sangue ferver em suas veias e artérias. Estava injuriada. Sem conseguir contar até dez, ela deixou a emoção dominá-la por completo, até que um súbito *rush of blood* chegou à sua cabeça, turvando sua visão embaçada pela raiva. Por um segundo tudo ao seu redor pareceu ter

adquirido um tom avermelhado e sanguinolento. O que aquela alemã maluca estava tentando lhe dizer? A quem se dirigia nesse tom? Na concepção da enfurecida Anne, Bertha estava censurando categoricamente sua aparência, ao insinuar que ela estava um pouco acima do peso e, por isso, um tanto gorda. Aquilo era uma verdadeira e intolerável afronta. Não podia suportar tal atitude ofensiva. Levando então adiante o mal-entendido, incapaz de controlar sua repentina mudança de humor, Anne afastou bruscamente a cadeira e deu um safanão na bandeja sobre a mesa, derrubando-a com violência no chão e quebrando pratos e copos. Ao colidirem estrondosamente no piso, os cacos dos objetos metálicos e vítreos provocaram um enorme e assustador ruído, para o horror de todos os comensais ali presentes, sobretudo de Bertha. Um gongo pareceu soar à distância. A arena estava livre. “*J'en ai marre! Basta!*”, berrou Anne, com força, encarando a alemã com uma expressão cheia de fúria. “*Molliq bist du!* Gordinha é você!” A jovem enfurecida ergueu-se subitamente de seu assento, causando um ruído alto com a cadeira e assustando ainda mais os pacientes nas mesas vizinhas, que se viraram aterrorizados em sua direção. A cena era inusitada para aqueles quietos e distraídos cidadãos. Temendo uma briga inevitável, eles pareciam esperar por uma tragédia de proporções telenovelas e, ansiosos, permaneceram imóveis diante daquele *triller* ao vivo, experimentando um momento de angustiante suspense. Contudo, ao perceber a comoção geral ao seu redor, a jovem ficou quieta por um instante, arfando pelo nariz, exitando se jogaria a bandeja de Bertha no chão ou partiria furiosamente para cima da alemã. Mas todos aqueles olhos cravados em sua pessoa a impediram de fazer algo pior. Nesses segundos de indecisão e expectativa, Anne pode perceber pela primeira vez o medo no rosto dos pacientes. Assídua espectadora de filmes de terror, ela reconheceu uma situação familiar em suas lívidas expressões. Aquelas pálidas faces exibiam o visível estado de choque diante do inevitável. Relembrando seus filmes prediletos, a jovem reconheceu naqueles rostos lívidos a pura manifestação do terror e apreensão. Sentiu-se um monstro em um filme de Ed Wood, um personagem mais digno de pena do que de medo. Após essa rápida erupção de lava vulcânica, Anne afastou-se da mesa e, reprimindo um impronunciável nome feio, emitiu um urrado “Grrr!”, balançou energicamente os braços, grunhiu e saiu do refeitório, desaparecendo em direção ao corredor. Ao fim dessa explosão furiosa e barulhenta, o estrondoso episódio chegou ao seu desfecho, provocando alívio em alguns e choque em outros (depois do ocorrido, Bertha Bergbaum teria que passar por uma última sessão de Mnemodetox).

Ao entrar em seu quarto, Anne bateu a porta com tamanha força que o estrondo foi ouvido por toda a clínica. Naquele momento, esqueceu-se completamente das recomendações médicas quanto ao controle respiratório e à consciência corporal. Era incapaz de perceber qualquer outra coisa, exceto o alvo de sua fúria. Ainda nervosa, a jovem agarrou o travesseiro sobre a cama e, rasgando o tecido da fronha, arrancou todas as penas de ganso de seu interior, espalhando-as por todo o quarto com fúria. Arrancou também a cortina e jogou tudo o que pôde no chão, até que não encontrou mais nada para quebrar, danificar, romper ou rasgar. Por fim, sentou-se na cama, exausta por ter extravasado toda sua raiva. *Verdammt!* Praguejou ela, com força, procurando aliviar sua fúria. A efervescente emoção, porém, ainda perduraria por algum tempo. Abatida pelo esforço, Anne cairia pesadamente em sua cama, onde ficaria deitada, olhando o teto branco do quarto por algum tempo, a ruminar todo o ocorrido com um certo pesar.

Ao refletir mais tarde sobre sua encenação, Anne constatou que havia realmente excedido seus limites. Aquele clímax dramático no final, ao fechar a porta com excessiva força, poderia ter

sido muito bem evitado se ela estivesse consciente de sua fúria. Se fosse um filme, pensou, teria sido apenas um pífio encerramento antes do “The End”. Sentiu assim um misto de culpa e desgosto ao imaginar sua sofrível atuação de vilã. Nunca chegaria aos pés de Bette Davis, *the Bloody Betty*. Aquele dia estava arruinado, ponderou ela. Por conta de sua reação furiosa, Anne havia perdido a chance de desfrutar a promissora tarde (pretendia montar seu álbum de fotografias depois do almoço e arrumar seu quarto). Todo seu plano foi em vão. Mas como tudo aquilo acontecera tão de repente? Seria alguma má influência astral? Subitamente (refletiu ela sobre o ocorrido), um simples e certo comentário sobre sua aparência desmoronou o frágil e vacilante muro de sua paciência, demolindo suas defesas e ateando fogo em seu curto pavio de pólvora emocional. Não deu tempo sequer de contar até dez, concluiu Anne. Após uma longa hora de reflexão, no entanto, o transtorno inicial causado pela *Amok* da jovem paciente seria esquecido, permanecendo apenas a famigerada culpa, intensificada ainda mais pela chegada do médico aos seus aposentos.

Dr. Carl entrou no quarto de sua paciente acompanhado de uma arrumadeira e uma enfermeira. O médico ultrapassou a porta danificada do quarto e aproximou-se da jovem com cautela. Anne estava deitada na cama, imóvel, olhando fixamente para o teto. Circulando pelo aposento, ele observou todo o estrago sem falar nada. Viu as penas de ganso espalhadas pelo piso, os tecidos rasgados, cortinas arrancadas, e testou a fechadura danificada pela forte pancada. Solicitou à arrumadeira que organizasse aquela bagunça. Ao verificar que a maçaneta não funcionava mais, ergueu as sobrancelhas e, suspirando, virou-se para a paciente com um olhar indagador. Sem perceber a mínima reação da jovem, Dr. Carl sentou-se então ao seu lado, aguardando que ela notasse, enfim, sua presença. Esperou pacientemente por alguns instantes, até que Anne se prontificasse a uma conversa. Aguardou sem aguardar, sabendo que o silêncio era o direito mais sagrado de um paciente. Anne, porém, muda e quase catatônica, não quis falar com o diretor da clínica. O motivo era óbvio: estava envergonhada demais para se explicar. “*Nichts zu sagen?*”, disse Dr. Carl, ao fim de sua inútil espera. “Tudo bem. Um pouco de silêncio fará bem a você. Recomendo quarenta e oito horas de *mauna*. Nada como um jejum de palavras para organizar as ideias. Praskovya trará suas refeições no quarto, *richtig?*” “Mauna Loa ou Mauna Kea?”, pensou Anne, indagativa. Dito isso, o diretor e a enfermeira se retiraram do quarto, deixando para a estarecida arrumadeira o trabalho de organizar a bagunça. Dois dias apenas? Indagou-se Anne, cética. Pensou ser uma punição bem leve por sua desmedida erupção emocional. Ela merecia mais do que isso, disse para si mesma. Afinal, havia sido uma cena intolerável, julgou ela. Preferiu ficar uma semana em clausura.

No primeiro dia de seu isolamento autoimposto, Anne montou em seu Handy uma extensa lista de livros que gostaria de ler (e que certamente levaria consigo para uma ilha deserta), e optou por iniciar seu ciclo de leitura com um exemplar que a acompanhara por todas as suas diversas fases existenciais. Decidiu assim passar seus reclusos dias deitada na cama com seu exemplar de Oscar Wilde encostado ao rosto, lendo bem de perto os ornamentados parágrafos do *The Portrait of Dorian Gray* como se quisesse sugar mentalmente cada palavra do texto. Desde sua adolescência (mais notadamente aos doze, aos quatorze, aos vinte e aos vinte e cinco anos), ela lia e relia a obra do escritor irlandês, uma leitura que atravessou diversas estações de sua alma juvenil. Mesmo desgastado pelo manuseio, o velho livro acompanhou Anne em todas as suas andanças pela Suíça e por outros países da Europa durante suas férias. Relê-lo era um dos poucos prazeres que restaram da primavera de sua vida. No primeiro dia de sua reclu-

são em Büngzli, ela atravessou as páginas do livro com uma vagareza apreciativa, degustando parágrafo por parágrafo, frase por frase, palavra por palavra. Vez ou outra pousava o exemplar no peito e dedicava-se a uma longa e detalhada reflexão sobre a decadência do dândi inglês do *fin de siècle*. A ideia de uma pessoa apodrecer por dentro enquanto mantinha sua aparência eternamente jovem sempre a atormentara. Ela compreendera bem a metáfora inspirada no Mito de Narciso (embora não conhecesse seu contexto). No fundo, Anne via-se também em rápido declínio, como se estivesse se deteriorando aos poucos pela ação de algum vírus maligno. Isolada do resto do mundo, a melancólica paciente possuía uma certa atração por tipos decadentes, ainda que preferisse a decadência inglesa à francesa, que considerava mais afetada e *fake*. Ela era capaz de fazer um estudo histórico sobre a decadência artística desde os romanos, de Ovídio a Petronônio, incluindo ainda os iluministas, os modernistas, a pop art e as *pop stars* narcisistas do início do terceiro milênio. Dorian Gray, no entanto, era o retrato da Inglaterra do século dezoito, refletiu Anne, uma nação que sofria as mais negativas consequências da revolução industrial. Amante da era vitoriana, a jovem tinha uma visão sóbria do Reino Unido do século dezenove.

Proprietária de um império planetário, sabia Anne, a *New Jerusalem* oitocentista desfrutou um momento sem precedentes em sua história. Das Américas até a Ásia, as emergentes nações deviam dinheiro aos ingleses e todas elas temiam suas poderosas esquadras. Latinos, chineses, indianos, africanos, todos esses povos sofreram a opressão dos súditos imperialistas da Rainha, uma relação hegeliana em escala global entre Mestre e Escravo. A Pax Britannica trouxe, porém, uma separação entre o progresso material e a moralidade vitoriana da época. Enquanto por um lado os ingleses amavam a realeza e seu *high standard* moral, muitos viviam, por outro lado, uma existência vulgar em Whitechapel, morando em alguma espelunca sombria. Os filhos dessa sociedade, atormentados pela imensa desigualdade social, preferiam se divertir em lugares menos nobres, bem distante do Palácio de Buckingham, circulando entre os *deans* e refugiando-se nos *lodges* malcheirosos do East End. Como escreveria Harold Perkin em seu *The Origins of Modern English Society*, os ingleses oitocentistas haviam se tornado *inhibited, polite, orderly, tender-minded, prudish and hypocritical*. Enquanto as histéricas atormentavam os primeiros psicanalistas com suas reclamações sem fim e sua insatisfação com o mundo, nas escuras ruas londrinas, os esquizoides degolavam suas desafortunadas vítimas, demonstrando que esse abismo social entre ricos e pobres estava afetando gravemente a saúde mental da população. A crise dos anos oitenta da Gilded Age representava a insensibilidade, a brutalidade, a destrutividade e a crueldade maliciosa trazida por uma sociedade puritana e hipócrita, fazendo o West End abrir os olhos para problemas há muito ignorados pelas autoridades, como a pobreza, a superlotação, o mau saneamento, a imoralidade e o crime. Cada inglês agora tinha seu Mr. Hyde oculto nas sombras de suas ruas úmidas e sufocantes, e seu príncipe herdeiro na figura do insaciável Edward VII. Nada mal para os súditos de uma rainha que passava a maior parte do seu tempo alcoolizada. Mesmo ciente dessas contradições, Anne deixara-se atrair por esse contexto histórico da Inglaterra, seu niilismo e sua violência. No fundo, ela também tinha um Jack the Ripper dentro de si. Ou seja, não era apenas ela que habitava na periferia da alta sociedade. Sua própria geração era uma retrato do novo milênio. Essa constatação animou Anne a reler o livro que marcara sua juventude.

Durante a leitura, Anne concentrou-se no principesco vocabulário wildiano e diversas vezes voltou as páginas da obra atrás de seus trechos prediletos e dos parágrafos que mais agrada-

ram seu juízo estético. Dentre esses trechos, ela leu e releu a parte em que o galã da história abandona Sybil Vane, desprezando a mulher que o amava e o reverenciava, apenas por julgar medíocre a sua atuação como atriz em uma encenação de segunda categoria. A frieza e o orgulho ferido demonstrados pelo personagem principal eram familiares a Anne. Aquela memorável passagem do romance de Wilde adequava-se muito bem ao seu humor cinzento de reclusa. O trecho marcava para ela o clímax da novela, quando Dorian Gray se revela um homem insensível e sem escrúpulos, provocando o fascínio de seu amigo Lord Henry, intrigado pela degradação moral do jovem. Nesse ponto do enredo, após ser informado do suicídio de Sybil, em uma conversa crucial com seu ex-pupilo arrependido, Lord Henry fala com ironia sobre a tardia e inútil resolução tomada pelo jovem em se casar com a atriz, justo no auge da crise emocional que levaria ao terrível infortúnio.

Sometimes, however, a tragedy that possesses artistic elements of beauty crosses our lives. If these elements of beauty are real, the whole thing simply appeals to our sense of dramatic effect. Suddenly we find that we are no longer the actors, but the spectators of the play.

“Às vezes, no entanto, surge em nossa vida uma tragédia que possui elementos artísticos de beleza. Se esses elementos de beleza são reais, a coisa toda apela ao nosso senso de efeito dramático. Subitamente descobrimos que já não somos mais os atores, mas, de fato, os espectadores da peça.”

A força dessa literária passagem fez Anne pensar nos acontecimentos mais recentes ocorridos em Bünzgli. Estaria ela, com seus *freak outs*, descobrindo a verdadeira beleza da arte dramática? Apesar de ter um apurado senso teatral, Anne preferia ser apenas uma mera espectadora e não uma atriz iniciante desempenhando o papel de um personagem trágico, ainda que, em suas maiores atuações, ela desprezasse o metódico distanciamento de Stanislavski. O que é atuar, afinal, senão a imitação levada ao seu extremo? O teatro não era a grande arte de Anne. Não queria ser uma Sybil Vane ofeliana condenada ao desamor. Preferia a contemplação alegre e ingênua das atuações alheias. Em seu tempo livre, ela gostava de assistir aos filmes franceses ou americanos dos Anos Dourados de Hollywood, e nutria uma especial afeição pelas atuações de Greta Garbo, John Barrymore e Joan Crawford no filme *Grand Hotel*. Como *Dorian Gray*, aquela obra hollywoodiana tinha um importante significado histórico para ela. O filme, que retrata a morte de um nobre perdulário por um bruto industrial, tornou-se para Anne uma alegoria da era moderna — sem falar da notável atuação de Garbo, a quem ela admirava. Sua cinefilia, porém, não ia além dos limites da apreciação de fã. Trocar de lugar com uma artista em um palco, não estava de modo algum em suas intenções; justo ela, que nunca pensara em subir em um proscênio. Confinada ao centro das atenções de um pequeno público de distraídos, ela sentia-se fora de seu domínio natural e preferia ficar nos bastidores, mantendo-se nas sombras como uma completa *low profile*. Por conta dessa timidez de palco, concluiu que sua vocação não era ser atriz. Apesar de fazer suas cenas de vez em quando, ela atuava mal. Não sabia fazer expressões dramáticas e nem caras-e-bocas. Além disso, decorar falas também não era o seu forte. Interjeições, trejeitos e gestos pareceriam totalmente falsos dentro de sua teatralidade natural. Enfim, Anne nunca teve nenhuma afinidade pelas artes cênicas. Se dependesse dela, as peças de Molière, Ésquilo, Shakespeare ou Strindberg não teriam um público. Era verdade que, quando estava mais disposta e animada, ela gostava de tagarelar sobre to-

dos os tipos de assuntos (em sua fase cinéfila, Anne discutia em seu blog sobre cinema com qualquer um que ousasse zombar de algum filme do qual ela gostasse muito, ou que ainda contrariasse a opinião de Roger Ebert, seu crítico favorito), mas sabia que ela mesma não tinha nenhum talento para atuar em um palco. Não (negou Anne): o teatro em definitivo não era sua vocação. Se a visse atuando, Dorian Gray provavelmente teria ficado furioso com sua sofrível performance. Absolutamente não, diria a jovem. Não nascera para atuar e nem mesmo adotaria a dramatização cênica como hobby. De todas as artes e *divertissements*, a fotografia era a única ocupação que ainda lhe agradava um pouco. Atrás das câmeras, enquadrando rostos e capturando expressões, Anne se sentia em seu elemento natural. Preferia observar a ser observada.

Anne, de fato, não tinha outros hobbies para cultivar além de fotografar retratos. Por sugestão da mãe, tentara se dedicar à pintura. Nas outras oportunidades que tivera de explorar seus talentos ocultos, ela desperdiçou inutilmente seu tempo. Não esperou muito de seu lado artístico. Com algum esforço, conseguira manejar os pincéis com desenvoltura, misturando as cores na paleta e deslizando-as cuidadosamente pela tela. Muito disciplinada, Anne aprendera a fazer arranjos para naturezas-mortas e pintar lagostas, flores, queijos e vasos ornamentais. Adquirira uma certa habilidade no manuseio de solventes e tintas, colorindo detalhadamente suas *still lifes*, e até mesmo sonhara em ser como Clara Peeters e (quem sabe?) pintar seu próprio *Stilleven met kazen, amandelen en krakelingen*. Mas, quando começava uma obra, faltava-lhe o ímpeto necessário para ir até o final. Por mais que se esforçasse, nada conseguia pintar. Com o tempo descobriu que, diferente dos verdadeiros artistas, ela não tinha paciência para ficar horas debruçada sobre uma tela, misturando exaustivamente as tintas à maneira dos impressionistas, até encontrar uma determinada tonalidade cromática, ou ainda dando vazão à sua explosiva criatividade, imitando os modernos. E o motivo para seu desânimo era simples. Anne não conseguia se focar muito tempo naquilo que não possuía real interesse para ela.

Acompanhada dos personagens literários, os dias de reclusão de Anne não foram tão desagradáveis quanto ela previu. Apartada do convívio dos outros internos, ela temperou suas emoções, e o frio e o fervente se amornaram em sua inquieta alma. A jovem paciente não se incomodava em absoluto de fazer suas refeições longe dos outros pacientes. Na companhia dos livros, ela se sentia mais à vontade do que na presença de estranhos. Com seu tempo livre dedicado por completo às suas leituras, Anne leu quase toda a produção do romance inglês do século dezenove de Jane Austen a George Meredith, incluindo ainda Henry James. As longas leituras, porém, apesar de tornarem seus dias menos aborrecidos, logo a fatigaram. Longe de tudo e de todos, seus pensamentos rebelaram-se e ganharam os contornos improváveis de informes nuvens ameaçadoras. Quando não estava lendo, Anne dedicava-se a repetir mentalmente seus mantras costumeiros (de preferência os conhecidos “Ninguém gosta de mim” e “Eu mereço”). Filha de pais muito exigentes, desde criança Anne cultivou um *inner critic* impiedoso. Em sua adolescência, vítima da voz ameaçadora da razão, ela às vezes perdia seu *amour propre* e, com o tempo, passou a se martirizar mentalmente. Nessas ocasiões, seu autodepreciativo diálogo interior era mais intenso e desanimador do que de costume. Falava consigo mesma o tempo inteiro, menosprezando-se e culpando-se por todo os males do mundo. Acusava-se de ser uma *bad girl* desleixada e irresponsável. Por seus deslizes imperdoáveis merecia desaparecer da face da Terra e purificar o mundo, deixando a sociedade à mercê dos tolos e dos mortos-vivos. Aguentar essa ladainha sem fim, considerava ela, era como escutar um Jiminy

Cricket diabólico atormentando-a todo o tempo. Nem mesmo escutar *Marble Index* de Nico (seu álbum preferido para os tristonhos dias sem contato humano) em seus fones de ouvido aliviava a terrível sensação de estar em uma espécie de inferno astral. Nas solitárias horas em reclusão, os pensamentos negativos eram seus piores inimigos.

No entanto, uma semana depois desse compulsório autoisolamento punitivo, as flutuações de humor de Anne chegaram a um momento de grande calma. Em suas fases mais sombrias, ela se sentia um tanto desgostosa consigo mesma. Assim que sua fácil irascibilidade atenuou-se, no decorrer do tempo, a jovem logo recuperou seu perdido *amour propre* e tolerou melhor seu isolamento autoimposto. A reclusão lhe trouxe assim uma certa paz de espírito. A mudança no humor da paciente logo chamou a atenção de seu médico. Ao receber da enfermeira a notícia que sua paciente estava mais calma, Dr. Carl resolveu, enfim, que era hora de Anne deixar sua masmorra.

Certa manhã, em uma visita aos aposentos da jovem, o diretor sugeriu que ela voltasse a almoçar com os outros internos no refeitório. Com a mente mais serena e mais animada pela notícia que Bertha recebera alta e havia deixado Bünzli, Anne aceitou de imediato a sugestão de sair de sua prisão domiciliar. Afinal, um pouco de vida social não lhe faria tão mal, refletiu ela, desde que mantivesse apenas um mínimo contato com as pessoas. Recuperada por completo de sua *Amok*, Anne não pretendia mais jogar pratos no chão ou quebrar portas. Queria parecer uma pessoa *normal* (no sentido clínico). Agora mais controlada, ela sentiu que poderia agir de maneira mais polida na presença dos outros internos e respirar com lucidez quando se sentisse provocada. Havia aprendido a lição. Se o método ensinado por Dr. Carl era a melhor forma de dominar sua ira, por que não tentar praticá-lo? Seguindo, enfim, a sugestão do médico, a paciente se juntou aos outros internos no refeitório para seu exercício de civilidade em grupo. O amplo e silencioso ambiente, projetado e decorado segundo os princípios chineses, propiciou uma pacífica atmosfera para sua primeira refeição depois de sua clausura. Buscando evitar qualquer contato indesejável com os outros pacientes, no entanto, Anne levou dois livros para ler no refeitório. Um deles era o exemplar recomendado por Dr. Carl (um de seus sucessos de venda) e o outro uma obra emprestada da biblioteca da clínica, intitulada “How the Taste Shaped the Civilization — Society, Psychology and Aesthetics”. Embora preferisse algo menos técnico para ler durante o almoço, Anne sentou-se à mesa com sua bandeja e terminou folheando distraidamente o exemplar que o médico lhe recomendara, lendo dinamicamente os parágrafos, até ser seduzida por algum trecho mais interessante, quando então se deixou absorver pela leitura. Enquanto a jovem comia e lia, o silêncio dos comensais nas mesas vizinhas era o próprio silêncio dos inocentes. Um sossego plácido e benfazejo pairava no refeitório enquanto Anne fazia seu almoço, mastigando sua salada e ao mesmo tempo absorvida em sua concentrada leitura. E essa paz duraria um bom tempo, até que o incidente do talher interrompesse seu cativante exercício.

— Então se acha um vulcão adormecido? — interrompeu Antoine as más lembranças da jovem, retomando a conversa (e curioso para saber que loucos se escondiam no porão de Anne).

— Muito pelo contrário — replicou Anne. — Estou na ativa ainda. E, diga-se de passagem, te-

no erupções ocasionais.

— Caramba! Não admira que tenha sonhos tão comuns. Sua mente parece mais um vomitório. Acostumou mal seu cérebro. Sonhos precisam ser alimentados com boas impressões.

Alimentar os sonhos? Após escutar a enigmática declaração de Antoine, Anne olhou para o último pedaço de pudim no prato à sua frente, a flutuar impassivelmente em meio à doce calda, e suspirou. Exibindo a expressão de uma estudante diante de uma explicação incompreensível, ela ficou em silêncio, olhando para seu companheiro de mesa. Sentindo-se um tanto empanurrada depois de comer tanta sobremesa, Anne pousou o talher no prato. Fez assim uma pausa momentânea em seu exercício sensorial e estudou o espaço.

Neste instante, acompanhada de outros enfermeiros, Praskovya, sua enfermeira, sentara-se a uma mesa próxima. Vislumbrando os recém-chegados e a ajudante do Dr. Carl entre eles, Anne aborreceu-se. Desde que a enfermeira ficou encarregada de separar as encomendas do correio, a jovem nunca mais recebeu sua remessa de chocolate. “Será que ela se esqueceu do nosso acordo?”, indagou-se Anne, enfasiada, ao desconfiar que Praskovya estava escondendo as caixas de bombons que sua avó lhe enviava toda semana de Biel. Ou talvez, pensou ela, Dr. Carl, com suas proibitivas recomendações médicas, também estivesse por trás de tudo aquilo.

Há algum tempo, Anne vinha refletindo nas secretas atividades que aconteciam na clínica, longe dos olhos dos pacientes e do diretor. No início de sua internação, quando Praskovya se oferecera para entregar-lhe as encomendas da avó, Anne achou muita gentileza da parte da enfermeira. Não estava de todo isolada do mundo, pensou ela. Mas, de uma hora para outra, tudo mudou. Ciente das recomendações médicas, a enfermeira deixou de ser amigável, e as roupas, os livros e as caixas de bombons deixaram de ser entregues. Sem chocolate, seu humor piorou ainda mais. Sentia-se agora mais irritada e entediada. Mirando Praskovya, Anne procurou discernir uma certa duplicidade no comportamento da enfermeira. Como alguém podia ser tão solícita e ao mesmo tempo tão reservada? O que esconderia ela? Nem tudo na clínica era muito claro para Anne. Desde o início de seu internamento, a curiosa jovem logo notou que algumas coisas estranhas aconteciam em Bünzli. A relutância dos médicos em discutir os casos malsucedidos, as pessoas que desapareciam de uma hora para outra, o estado catatônico de Frau Waldorf. Que outras coisas horríveis não esperavam por ela?

Ao melindrar-se com aquele desagradável pensamento, a jovem paciente notou então que sua irritação ainda subsistia com firmeza, deixando-a um pouco transtornada. Mas era necessário controlá-la. “Seria melhor se eu não tivesse comido tanto”, queixou-se ela. “Ou falado tanto.” De fato, a conversa com Antoine tomara um rumo imprevisível. As incômodas questões travadas entre eles a fizeram relembrar algumas coisas de seu passado. Acanhada por ter se revelado demais a um estranho, Anne resolveu falar de outros assuntos mais triviais.

— O que mais você sonha? — perguntou ela. — Além de luzes no fim do túnel?

— Às vezes sonho que estou em alguma praia no litoral carioca — respondeu Antoine. — Um sonho bem recorrente, na verdade. Nele eu me vejo sentado em frente ao mar sob um calor de quarenta graus. A princípio, parece uma cena normal de verão, mas depois se converte em algo bizarro. Em meu último pesadelo litorâneo, testemunhei um pai enterrar o filho na areia escaldante. Foi terrível.

— Um pesadelo infernal, devo dizer — disse Anne, estimulando sua memória. — Nunca sonho com natureza. Nem mesmo praias superpopulosas. Não tenho boas lembranças delas. No verão, as praias brasileiras devem ser um inferno.

— Como me disse meu médico, é normal termos pesadelos na infância. É um tipo de reorganização dos caos da mente, segundo ele.

— Mesmo? Que interessante! Nunca tinha pensado nisso.

— Aprendi também que os pesadelos são efeitos de um cérebro dessincronizado.

— Nesse aspecto não tenho do que reclamar. Durmo como uma pedra. Uma única vez tive um sonho ruim com parque de diversões.

— Sério? Em que parque?

— Tuilleries.

— Você já brincou no Jardin des Tuilleries? — indagou Antoine, visivelmente interessado.

— Por muitos anos passei férias com meus pais em Paris. Até que eles enjoaram e decidiram ir para a Espanha. Depois que se entediaram do litoral espanhol, resolveram conhecer a Itália, a Grécia e a Turquia. Praticamente conhecemos todas as praias do Mar Mediterrâneo.

— Que coincidência! Eu também visitei o Jardin des Tuilleries em minha infância.

— Claro, muitas crianças visitaram. O que isso tem a ver?

— E também deve ter assistido a um espetáculo de circo no Cirque d'Hiver, *richtig*?

— Que novidade há nisso? Muita gente foi ao Cirque d'Hiver quando era criança.

— Tem razão — disse Antoine. — Talvez não seja nada demais. Mas não tenho boas lembranças de minha visita a Paris. Até hoje tenho pesadelos com circo. E também com parques desertos.

— Imagino. Parques de diversões são ótimos cenários de filme de terror. Pânico também é diversão. Confesso que sou fanática pelo cinema de Hollywood e pelos seriados de televisão, mas de vez em quando gosto de assistir a algo menos pasteurizado. *Horror movies* me divertem bastante. *The Funhouse* é um dos meus preferidos.

— Ontem sonhei que estava em um trem fantasma — continuou Antoine, desatento —, e meu pai estava do lado de fora apenas observando. Ele nem ao menos me acenou quando entrei no túnel escuro. Parecia estar distraído com seu Handy. Meus pais era um tanto estranhos, sabe? Nos meus pesadelos, eles sempre estão distraídos com alguma coisa.

— Você deve ter dito uns pais bem perversos.

— *Sicherlich* — disse o jovem e suspirou, desanimado. — Pode apostar.

Nesse instante, tocada por essa demonstração de desalento, Anne sentiu uma certa empatia pelo melancólico rapaz. O que não teria passado Antoine antes de chegar a Bünzgli? Por quais sofrimentos e torturas terríveis não passou no Brasil? Teria sido enterrado vivo sob o calor de quarenta graus? Até aquele momento, ela nunca se importara muito em saber alguma coisa sobre os outros pacientes. Não via nada de interessante em suas maneiras estereotipadas e seus hábitos imutáveis. Antoine, porém, era o oposto de todos eles. Em seu estado normal, ele era admirável e genioso, apesar de seus imprevisíveis e inesperados arroubos de tagarelice. A amnésia proporcionada pelo tratamento havia transformado seu casmurro silêncio anterior, e ele agora “soltava o verbo”, como diriam os brasileiros. Após ter se livrado das más lembranças do Brasil, Antoine falava sobre tudo o que lhe passava pela cabeça, especialmente se algo tivesse lhe despertado a curiosidade. E esses arrebatamentos aconteciam quando menos se esperava.

De repente, para a surpresa de Anne, Antoine mudou de assunto e passou a falar sobre seu interesse de leitura atual: a mortificação dos santos. Por conta de um inédito espírito religioso, o jovem estava fascinado pelas experiências místicas daqueles indivíduos corajosos e ousados, que desafiaram a intolerância da sociedade do seu tempo, e também as doenças e a morte. Assim como eles, Antoine também buscava alguma positividade em um mundo negativo. Nos últimos dias havia lido uma dezena de hagiografias e ficções históricas (*As Tentações de Santo*

Antônio de Flaubert era uma de suas preferidas). Além das biografias dos santos hindus (entre elas, a *Autobiografia de um Yogue* de Paramahansa Yogananda), leu tudo o que encontrara em seu Handy sobre as vidas de Agostinho, Aquino, Santo Anselmo e Santa Teresa, entre outras santidades. Entusiasmado, ele falou da renúncia de Santo Agostinho e o sofrimento de Santa Mônica, e também contou dos estranhos hábitos desses homens e mulheres peculiares, detalhando a Anne os esforços sobre-humanos desses indivíduos para alcançar a beatitude e a sanidade mental. Embora muitos deles tenham sido bem-sucedidos em sua jornada espiritual, salientou Antoine, seus métodos eram um tanto incompreensíveis para os homens modernos, que os julgavam uns fanáticos. Empolgado, Antoine contou que São Francisco se referia ao seu corpo como um burrinho e o tratava de modo severo e atroz. À maneira de um faquir, explicou ele, o santo costumava ficar desnudo na neve profunda sofrendo estoicamente a dor causada pelo congelamento dos tecidos. Mesmo os estigmas em seu corpo eram suportados sem queixas ou lamúrias. “Como eram impassíveis os santos, não acha? Fenomenal!”, disse o jovem, admirado (depois de suas conversas metafísicas com o médico, ele adotara esse exclamativo “Fenomenal!”, que às vezes preferia substituir por “Caramba!”). Depois falou também de São Bento, de seu austero *Ora labora* e de seu hábito de lançar-se sobre roseiras bravas para que os espinhos penetrassem em sua carne, almejando assim sentir a dor da crucificação e reproduzir fielmente o sofrimento de Cristo em seu *Imitatio Dei*. Todas essas descrições dos mártires e humilhações sofridas por esses servos de Deus, e todas as imagens de sanguinolência e sacrifício, porém, horrorizaram Anne, e a jovem logo se desinteressou do assunto. Seus olhos flanaram curiosos pelo refeitório.

Muitas das mesas vizinhas estavam vagas, notou Anne. A essa hora o cenáculo estava quase vazio, salvo por alguns retardatários pacientes e enfermeiros que ali ainda almoçavam tardia-mente, ocupando as mesas próximas ao *buffet*. Do outro lado do paredão de vidro, o jardim colorido pelos raios do sol destacava-se diante das pupilas de Anne. Silenciosa, ela observou a cena com atenção. Não se lembrava de ter visto ninguém se levantar e sair do refeitório. Por que sempre tinha a impressão que as pessoas estavam desaparecendo de algum modo misterioso?

Ao perceber que sua colega se distraía, Antoine calou-se. Após conversarem sobre sonhos recorrentes, a fúria da natureza, forças bizarras, parques de diversões e ainda sobre as mortificações dos santos, os assuntos se escassearam e ambos permaneceram em um respeitável silêncio. Existe um instante em que até mesmo os mais animados diálogos precisam de um *refreshment*. Mudos em sua pausa, eles pareciam nutrir uma inédita cumplicidade. Se por acaso um observador mais atento circulasse por ali e se detivesse por um momento a contemplar Anne e Antoine sentados silenciosamente à mesma mesa, notaria sem qualquer esforço de observação uma fantástica familiaridade entre eles. Curioso, ele se perguntaria: afinal, quem eram aqueles dois jovens tão distintos e ao mesmo tempo tão parecidos?

O primeiro encontro de Anne e Antoine merece agora uma pequena digressão em nosso relato. Chegamos, enfim, ao prometido retrospecto dos primórdios de nossa narrativa. Recapitular o imprevisível rendez-vous daquela manhã esclarecerá a razão pela qual eles adquiriram uma familiaridade tão rápida em um curto espaço de tempo, embora o veloz e superficial encontro tenha deixado uma desagradável impressão em Anne (ela achou o jovem imprudente e ofensi-

vo), ainda que tenha deixado uma impressão inteiramente contrária em Antoine (ele se impressionou com sua atraente beleza e sua ousadia, ainda que Anne parecesse distante e intangível). Após adiar esse episódio em nosso distante preâmbulo, podemos agora passar a esse primevo acontecimento com a devida atenção.

Desde sua chegada à clínica, Anne percebera um clima alienígena em Bünzgli, o que muito a intrigou, a princípio. Apesar do tratamento de primeira classe, as pessoas não pareciam estar ali presentes de corpo e alma. Viviam aparentemente em outra dimensão cósmica, acreditando ter retornado ao mundo de sonhos de sua infância, habitando uma paradisíaca *Fantasy Island*. Anne, porém, sentiu-se excluída dessa fantasia coletiva, em que atores de cinema e outras celebridades, cantores pop, políticos e ex-políticos, para fugir de seus compromissos contratuais e de seus aborrecimentos cotidianos, retiravam-se para seu mundo de fantasias. Refugiados em sua própria bolha imagística, esses pacientes do Dr. Carl podiam agora esquecer os problemas práticos do seu dia a dia e as exigentes e aborrecidas trivialidades de seu cotidiano, que os obrigavam a lidar diariamente com diretores perfeccionistas, críticos exigentes e fãs decepcionados (além da insistência da mídia e dos *paparazzis*, no caso dos artistas, e da cobrança dos eleitores, no caso dos políticos). Longe de casa, os internos deixavam para trás os impostos a serem declarados, as promessas não cumpridas e seus mirabolantes planos frustrados, preferindo viver uma realidade mais pura e menos vulgar. Assim que chegou à clínica, Anne notou naqueles rostos uma total ausência de preocupação com o mundo exterior. Essa autossuficiência quase suíça a deixou desconfiada, preferindo evitar qualquer tipo de conversa com estranhos. Foi obrigada, contudo, a tolerar as manias de seus colegas (um tanto excêntricas para seu gosto) e também suas extravagâncias. O difícil convívio logo aborreceu a jovem. Como poderia curar sua ciclotimia colérica na companhia daqueles “maníacos autoindulgentes”? Indagou-se Anne, indignada. Sua tolerância, porém, desapareceu assim que se esgotou sua paciência. Aos poucos seu aborrecimento se acumulou até se tornar, enfim, um gêiser prestes a entrar em erupção. O episódio do refeitório foi a gota d’água para que sua *Amok* se manifestasse com toda a pompa possível.

Mesmo arrasada pela experiência, Anne aprendeu com sua explosão emocional uma importante lição sobre convívio social. A reclusão serviria para que ela (em seus próprios termos) “re-pensasse melhor seu comportamento e estudasse mais atentamente sua atitude diante dos novos desafios”, além de refletir sobre sua teimosia em evitar participar de qualquer atividade em grupo, algo que ela detestava. Sabia que não seria fácil conviver com os outros pacientes se não fosse capaz de manter um certo autocontrole sobre sua ira. Caso seu tratamento se prolongasse por mais tempo, concluiu ela, teria que encontrar outra maneira de suportar uma enfadonha permanência em Bünzgli. Precisava relaxar um pouco. Decidiu então encontrar um passatempo.

Outra vez dona de sua liberdade ao fim de sua reclusão de *hikikomori*, Anne resolveu se distrair de sua inquieta voz interior. Para isso reabilitou a velha Polaroid que ganhara de presente do pai quando ainda era menina. Mesmo distraído, pensou ela, seu pai às vezes era capaz de boas ações. Em suas longas ausências de casa, o intrépido viajante costumava regalar a aborrecida filha com um ou outro *souvenir* de viagem, procurando reanimá-la em seu regresso do estrangeiro. Intimamente ele sabia que a filha gostava de fazer coleções de tudo o que lhe agra-

dava (de bonecas a livros, de roupas a ursinhos de pelúcia), embora a cada nova fase a menina abandonasse suas antigas paixões e se dedicasse a novos hobbies. Comprada em um antiquário em Milão, onde estivera alguns anos antes, viajando a trabalho, a Polaroid era uma forma do pai de Anne despertar o interesse da filha pela fotografia, ao mesmo tempo que ganhava o seu minguado apreço. O presente, contudo, foi parar no fundo de uma gaveta.

Anne ganhara a Polaroid em uma difícil fase de sua infância. Na época, a adolescente fazia companhia à mãe em Berna, e o casamento dos pais estava por um fio. As longas viagens do pai afetaram o humor materno, e os dois cônjuges já não se entendiam mais. Ressentida com o descaso paterno pela mãe, a jovem não se importou nem um pouco com o mimo trazido da Itália. Como as bonecas e os ursinhos, as máquinas fotográficas serviram de enfeite para o gabinete particular montado em seu quarto. Mais tarde, amargurada pela separação dos pais, ela guardaria sua coleção no fundo da mais recôndita gaveta de seu closet, onde seria esquecida por grande parte de sua adolescência (e faria o mesmo com todos os outros presentes recebidos do pai: uma Minolta, uma Canon EDS 500, uma Olympus Trip 35, uma Olympus Pen, uma Verilisa, uma Polaroid colorpack 80, uma Rolleiflex e uma Leica). Agora, sem ter do que se ressentir em seu distante passado, Anne encontrara uma utilidade para a Polaroid. Resolveu que a Oitava Arte seria uma boa oportunidade de soltar um pouco o vapor de sua efervescente inquietude. Retirando-a de seus pertences, limpou a máquina e testou seu funcionamento. Satisfeita com o *checkout*, decidiu que estava pronta para iniciar suas sessões fotográficas. Desse modo, reconciliada com sua máquina, procurou aproveitar seus incômodos meses em Bünzgli. Teria agora outra atividade tão deletável quanto as leituras. Antes de tudo, porém, precisou se acostumar ao equipamento.

A fotografia logo se tornou um sério passatempo para Anne. De alguma forma muito particular, tirar fotos a distraía. Como todos os outros internos, ela também queria se desligar do mundo, ocupando-se em uma atividade que lhe desse algum prazer momentâneo. Fotografar era agora sua maneira de esquecer o *ennui* do internamento. Mas o hobby nasceu da falta de opção e não de um apreço a priori pela arte. Por isso Anne levou um certo tempo para se acostumar com a nova atividade.

A princípio Anne não viu nenhuma graça em fotografar com sua Polaroid. O antiquado equipamento a deixava desajeitada, e ela encontrou uma certa dificuldade em manusear a câmera. Não conseguia operá-la e ao mesmo tempo focalizar os objetos. Com isso as fotos saíam muitas vezes horríveis; tremidas e sem definição. Anne teve então que reaprender a lidar com a máquina, e logo descobriu que não era tão difícil manejá-la. Desconfiou, no entanto, que fotografar era mais do que saber lidar com uma câmera fotográfica. Aos poucos passou a prestar mais atenção aos pacientes, testemunhando suas expressões faciais e suas peculiares posições físicas, e descobriu finalmente uma maneira de retratá-los sem deformá-los ou fazê-los parecer contorcionistas de circo. De uma hora para outra os pacientes despertaram o interesse de Anne, e ela encontrou neles uma inesgotável fonte de inspiração. Acocorados, braços erguidos para o céu ou encurvados a perseguirem borboletas e pássaros, desfrutando o dia em suas atividades extraordinárias, eles serviriam de tema para as fotografias da jovem. Anne encantava-se quando os contemplava silenciosos e ternos, distraídos e vulneráveis, absorvidos em seu próprio mundo, a observar e serem observados, exibindo contentamento, curiosidade ou me-

lançola em seus semblantes. Ela gostava de captar em sua lente as tênues expressões naqueles rostos distraídos, procurando apreender o que passava em suas mentes amnésicas. O esforço inicial para aprender a fotografar havia sido recompensado. O efeito desse exercício perceptivo foi salutar para a jovem paciente, uma melhora muito bem reconhecida por Dr. Carl.

Certa manhã, enquanto Anne, sentada na grama, apreciava o fruto de seu trabalho fotográfico, Dr. Carl aproximou-se silenciosamente e ficou parado a pouca distância de onde ela estava. Por cima dos ombros da absorta paciente, ele observou com curiosidade as fotos espalhadas pela verde superfície. Sua presença não demorou muito para ser percebida pela jovem. Aquela invasão à sua privacidade não passou em branco a Anne, apesar de sua reação não ter ido além de um simples olhar de curiosidade. Normalmente reagiria com algum insulto a tal afronta, mas preferiu reservá-lo ao território de seus pensamentos mais íntimos. “*Du kannst mir den Buckel runterrutschen. Dane-se!*”, pensou ela. Contudo, respirou fundo e procurou não ser antipática com o médico.

Apesar de não estar à vontade com curiosos por perto, Anne procurava se comportar com civilidade em sua presença. Era necessário, afinal, demonstrar alguma simpatia mesmo pelos intrusos mais ousados, mesmo que fossem responsáveis por nosso bem-estar. Dr. Carl, contudo, procurou não ser indelicado. Uma das fotos atraiu particularmente sua atenção.

— *Na, du?* — disse ele, olhando para Anne. — Importa-se que eu dê uma olhada?

Anne apenas deu de ombros. Não, não se importava. Agachando-se ao lado da paciente, Dr. Carl segurou um dos instantâneos de Anne e o aproximou do rosto. Na foto, a pálida Otoko contempla o infinito.

— Para uma principiante, suas fotos exibem uma qualidade artística excepcional — disse o médico, pronunciando seu *feedback*.

— Acha mesmo? — replicou Anne.

— São excelentes. *Sie sehen umwerfend aus! Wirklich gut!* Quem sabe mais tarde não possa exibi-las na próxima exposição fotográfica na Sala Vermelha? — indagou o médico à *jeune fille*.

— Está brincando? São horríveis! Veja essa foto: Lempizska parece estar embriagada.

— Nem toda expressão é agradável aos olhos. Mas ela vai gostar de ver a si mesma sob um novo ângulo. Pensa em exibi-las depois?

— Não tenho certeza se eles gostarão. Talvez fiquem horrorizados.

— Tente — disse Dr. Carl, com uma certa firmeza. — Não vai custar nada.

Depois desse dia, Anne continuou sua atividade sem dar ouvidos à sugestão do médico, julgando que era mais uma demonstração do seu extravagante humor. Diversas outras vezes, Dr. Carl elogiaria as fotos tiradas pela paciente, com a intenção de incentivá-la a continuar praticando. Queria assim convencê-la a manter o hábito de fotografar, explicando cientificamente que aquela nova atividade tinha um efeito catalisador (ou mesmo cristalizador, como preferia dizer ele, referindo-se a um termo utilizado por Stendhal no século dezoito) no cérebro, uma vez que, ao buscar reconhecer novos padrões e procurar organizá-los no hipocampo, novas sinapses eram criadas.

Essa explicação ocorreu em mais uma de suas consultas com o médico. Nessa ocasião, sentada no sofá do consultório enquanto o gato dormia ao seu lado, Anne teve que escutar Dr. Carl falar da importância da observação atenta. Segundo ele, era através dela que seus pacientes podiam alcançar o *awareness* necessário para a cura.

— Observar nos torna mais conscientes do que somos? — indagou ela, curiosa.

— Expandir a memória — respondeu Dr. Carl — é uma forma de expandir a consciência. Quanto mais memória um sujeito possui, mais abrangente ele se torna, como já intuam os grandes pensadores do passado, seduzidos pelo poder da retórica.

Havia algo de evolutivo na grande capacidade mnemônica humana, ensinou o diretor. Biologicamente, pensava Dr. Carl, esse fato talvez tenha sido o que diferenciou o *Homo sapiens* dos outros animais e possibilitou nosso domínio sobre a natureza, embora a memória genética das outras espécies não possa ser desprezada ou subestimada, e nem mesmo a memória das coisas.

— Por ter desenvolvido um cérebro mais seletivo e mais vigilante do que a maioria dos animais — prosseguiu Dr. Carl —, os seres humanos possuem uma atividade mental incessante e variada. Diferente das rochas (apesar de sua memória geológica) e dos outros seres vivos, nossa memória de curto prazo está sempre ativa, em um constante escrutínio do que experimentamos há meros segundos ou algumas horas atrás, sempre criando novas possibilidades. Por conta dessa atividade mental, sabemos lidar melhor com as dificuldades. Em compensação, nossas memórias de longo prazo são menos utilizadas no dia a dia, pois dependem bastante da capacidade reflexiva de cada indivíduo. Algumas pessoas conseguem refletir mais do que outras, acredito eu. De acordo com a idade, maturidade ou tipo psicológico de cada um, somos capazes ou não de despertar nosso sétimo sentido (ou terceiro olho). Algumas pessoas demoram uma vida inteira sem nunca conseguir utilizá-lo. A maioria delas prefere, por isso, nunca refletir, o que é natural em um mundo repleto de distrações. Normalmente fazemos questão de ignorar o passado. Isso é compreensível diante do incômodo causado pelas más lembranças e por nossos erros. Temos, de fato, uma capacidade mnemônica limitada. Evitamos exigir muito

de nosso intelecto para que assim possamos ser mais felizes e mais relaxados, sem as constantes preocupações que ameaçam nossas vidas. Essa limitação do cérebro humano, no entanto, impede que sejamos mais inteligentes e mais conscientes. Todas as tentativas da ciência de armazenar uma gigantesca quantidade de informação em um nanoscópico espaço da matéria sempre esbarrarão na capacidade do cérebro de assimilá-las e na teimosia das pessoas em aceitá-las. Entretanto, somente poderemos conceber o Saber Absoluto se expandirmos nossa habilidade de reter o conhecimento. Mais acesso à memória, mais consciência. E o contrário também é válido. Quanto mais conscientes, mais nos lembramos. Mas entre ser feliz e ser mais inteligente, o que escolheriam a maioria das pessoas? É compreensível dessa forma que muitos preferam esquecer do que lembrar. Um ser sem memória, porém, está mais próximo do mineral do que do divino. Essa é a contradição da felicidade. Somos mais felizes se nos preocupamos menos com os outros. Por outro lado, graças à nossa ignorância, negligência e descaso, o planeta e a humanidade sofrem as consequências negativas de nossa falta de atenção. Surge assim a questão: devemos ou não nos preocupar com as outras pessoas? Para resolver esse dilema precisamos treinar nossas mentes para manter o equilíbrio entre o Eu e o Outro, entre o sujeito e o objeto. Devemos ser felizes mas vigilantes. Somente assim podemos expandir nossa consciência em direção ao Grande Saber.

— E como a observação atenta aumenta a memória, posso saber?

— Focalizar uma imagem estimula o córtex visual e o lobo temporal, as duas regiões do cérebro em que estão armazenadas as memórias episódicas mais profundas. Quais mecanismos são afetados por esse estímulo, porém, ainda não sabemos precisamente. A ciência não é capaz, por enquanto, de entender apenas com o auxílio da razão o que acontece em nossa alma. Nesse caso, a intuição é um instrumento mais poderoso do que o raciocínio lógico. Observe o rosto de uma pessoa, por exemplo. Alguns indivíduos guardam bem as fisionomias, outros nem tanto. Para algumas pessoas é mais fácil lembrar do cabelo, da voz ou do chapéu, do que do rosto. Por trabalhar uma parte pouca utilizada de nosso cérebro, guardar fisionomias pode ser um interessante exercício mnemônico. Assim como reconhecer expressões faciais.

— Reconhecer uma expressão facial é um exercício mnemônico? — indagou a jovem. — Parece algo tão simples. Não preciso me esforçar muito para reconhecer quando alguém está com fome ou irritado.

— As expressões não refletem apenas nossos sentimentos — respondeu ele. — Além das reações instintivas, existem também as intenções sociais. Por isso reconhecer é um ato mágico, *meine liebe*. Se pudéssemos ver os rostos não como reflexos de emoções ocultas, mas como uma forma de comunicação não verbal, poderíamos compreender melhor as pessoas.

— Ou seja, nem sempre a alma transparece nas expressões? Por isso precisamos interpretá-las? — replicou Anne, incomodada, suspeitando que falava uma bobagem.

— *Richtig!* Mas nem todos as pessoas são capazes de interpretar adequadamente uma expressão facial, apesar de serem capazes de reconhecer um rosto como um rosto. Alguns indivíduos possuem um dano em seu lobo temporal medial inferior que compromete gravemente sua habilidade de reconhecer faces, uma condição conhecida como prosopagnosia. Devido a algum tipo de cegueira ocular ou mental, grande parte da população possui algum transtorno de percepção facial. Pude descobrir muitas coisas interessantes durante as sessões de mapeamento mental de meus pacientes. A maioria das pessoas possui a parte executiva de seus cérebros em um estado bastante excitável, o que termina provocando uma falha de sincronia e comprometendo suas habilidades mentais de imaginar e racionalizar. Por conta dessa falta de sincronismo, os indivíduos pós-modernos não conseguem se concentrar totalmente em uma única atividade. Sem foco, nossas interpretações são tão equivocadas quanto uma fotografia desfocada ou um instrumento sem calibração. Como um violino desafinado, os resultados dessa anomalia mental não são agradáveis nem aos tímpanos e nem aos neurônios. Afetado pela dessincronização, as sinapses do giro fusiforme desses sujeitos funcionam com dificuldade, atrapalhando o reconhecimento de padrões externos, ou seja, a capacidade de reconhecer os padrões mentais e sentimentos nas outras pessoas, aquilo que os psicanalistas chamam de *mentalizing*. Essa limitação de mentalizar os sentimentos alheios pode chegar ao ponto de comprometer a habilidade perceptiva de um indivíduo. Nessa fase, ele é incapaz de prestar mais atenção aos detalhes e vê tudo de maneira muito vaga e nebulosa.

— Como se estivesse míope — interrompeu Anne, e lembrou suas primeiras fotos.

— *Jawohl*, um míope perceptivo. Bem dito, *meine liebe* — procurou retificar o médico. — Quando os hemisférios cerebrais estão dessincronizados, não conseguimos perceber muitos detalhes nos rostos das pessoas e nem mesmo na superfície das coisas. É, na verdade, uma condição de quase-morte cerebral, que obriga esses pacientes a perceberem apenas o que é de seu interesse.

— *Je comprends* — replicou a jovem paciente, aproveitando para fazer um comentário animador. — É como nos filmes de terror, quando os zumbis se erguem das tumbas, *n'est-ce pas?* Guiados por seu instinto imortal, seus cérebros ainda reconhecem o cheiro de carne humana.

— *Gut platziert, meine liebe*. Mesmo os mortos podem ser valiosas testemunhas. Embora costumem dar pistas falsas.

— Os mortos alimentam os vivos. E não o contrário, como vemos hoje. Muitas vezes somos guiados pelas ideias de pessoas que nem existem mais. Penso que dependemos mais do passado do que imaginamos. E seguimos pela vida como se as ideias dos mortos fossem nossas próprias ideias. Por isso nos decepcionamos tanto.

— *Genau*. O instinto, porém, é cego, *meine junge*. Precisa ser guiado — disse Dr. Carl. — O cão-guia do instinto não pode nos servir como única orientação. Por esse motivo, costume in-

dicar o exercício fotográfico aos meus pacientes como uma forma de combater a prosopagnosia, um problema que atrapalha bastante a eficácia do Mnemodetox. É preciso estimular novamente a comunicação intracerebral a fim de nos aprofundarmos em nossa memória. Sem a capacidade de reconhecer rostos, o indivíduo não pode ter consciência de suas lembranças mais arraigadas e nem de seu próprio corpo, uma vez que não é capaz de perceber sensações mais sutis e desfrutar suas emoções mais profundas e pensamentos mais refinados. O sistema límbico precisa ser estimulado para que as lembranças venham à tona. Essa uma medida necessária para melhorar a percepção da realidade. Afinal, como vamos lidar com aquilo que não conhecemos se nem ao menos temos consciência que existe?

Por ser um assunto de suma importância, esse propósito de recuperar o reconhecimento facial nos pacientes prosopagnósticos empolgava Dr. Carl. Todos os casos clínicos que passaram por Bünzgli ajudaram a recheiar páginas e mais páginas de anotações sobre o tema. Para um neurocientista, havia uma importância evolutiva na capacidade humana de reconhecer expressões. Com o intuito de explicar essa habilidade (assim como sua falta), recorreu aos primeiros estudos sobre a percepção ainda no século dezenove e referiu-se de passagem a Bleuler, um dos primeiros psiquiatras a aplicar as teorias de Freud sobre o inconsciente e cunhar o termo *autismo* como um diagnóstico dos tipos melancólicos autoabsorvidos. O médico mencionou ainda os psicanalistas lacanianos para explicar que o sujeito, no estágio do espelho, filtra tudo pelos olhos de seu ego hipertrofiado ou fragmentado, um defeito visual que não permitia a ele se identificar com nada além de uma imagem refletida na realidade, vendo nas pessoas que o rodeiam apenas aquilo que os estudiosos da psique humana denominam de “pequeno outro”. Na opinião de Dr. Carl, o surgimento da alteridade de um indivíduo está ligado à sua primordialidade natal. Antes mesmo da criança nascer, explicou o médico, o contexto simbólico representada pela linguagem já está presente aprioristicamente em seus genes. O nascimento seria apenas o coroamento de um esquema cósmico (ou até mesmo astrológico, salientou ele), o momento em que todos os potenciais e energias se incorporavam aos genes para um dia se manifestarem na vida do neonato.

— Ao nascer ingressamos em uma nova realidade — disse o médico a Anne. — E essa realidade repete o início dos tempos, quando surgiu o som originário, aquilo que os hindus denominam de *Shabda Brahman*. Cada vez que alguém nasce, o universo é recriado. No instante crucial em que o bebê chora, ele é inserido em um mundo de sons, cheiros e imagens que lhe são estranhos e atraentes ao mesmo tempo. Imerso então nesse ambiente sensível e excitante, o recém-nascido está apto a fazer parte de sua nova realidade. Um novo espaço sensorial espera por ele, pleno de novidades. E esse admirável mundo já vem todo estruturado para ele, repleto de símbolos, padrões, costumes e aspirações. Anterior ao seu nascimento, os pais teceram para o novo ser todo um brilhante futuro pela frente. Ao crescer, a criança acolherá tudo o que recebeu de seus genitores, até mesmo as promessas e os ideais (ou a falta deles), acreditará em todas as suas palavras e se surpreenderá com atos que muitas vezes não correspondem aos ditos e histórias que lhe foram contadas, decepcionando-se ou aceitando passivamente a realidade como ela é. Graças a esse esperançoso plano parental, o recém-nascido assimilará sua cultura, aprenderá a agir em grupo e com o tempo aceitará sua moral e seus costumes, ele fracassará ou será bem-sucedido em suas escolhas, cairá e aprenderá a se levantar, e um dia se tornará também um pai ou uma mãe. Todo esse esquema familiar, chamado de Grande Outro, é o que determina o futuro indivíduo. Sua existência é um projeto iniciado com um desenho indefinido.

vel e depois acrescentado de diversos outros detalhes arquitetônicos, até que, entre recursos e ações, sonhos e planos, esse rascunho seja transformado (se tudo der certo) em uma obra-prima. E tal projeto pode ou não fracassar dependendo de diversas condições pessoais, sociais e culturais. Do estudante inexperiente até o cidadão consciente e vigilante, o sujeito aculturado superará diversos obstáculos ao deixar a infância para trás. Ao ingressar na vida adulta, ele terá que enfrentar a intolerância do mercado e uma competição muitas vezes injusta com os pequenos outros, mesmo nas relações com seus semelhantes e dissemelhantes. A princípio, esse Grande Outro possui uma dimensão reduzida e, ao aumentar gradualmente de tamanho, passa a envolver toda uma pátria, um continente, ou até mesmo a englobar todo o planeta. Limitado a princípio por sua família, o novo indivíduo ficará depois cerceado por instâncias cada vez maiores de regras e esquemas, que vão tolher sua liberdade e sua capacidade de criar e evoluir, e contra quem ele se revoltará indignadamente ou com quem negociará seu destino dependendo de suas habilidades em lidar com dificuldades, sejam elas próprias ou de outras pessoas. Será sua luta contra a rivalidade do meio que determinará seu sucesso ou seu fracasso. E essa resistência libertará sua coragem, que despertará, por sua vez, sua fé.

— Por isso vim parar aqui — replicou Anne. — Fé exige muito esforço e paciência. Quero saber apenas do que dá certo. Se algo não faz efeito, fico logo desanimada.

— É preciso algum esforço para ser feliz, *meine liebe*. Não é possível alcançar o Saber Absoluto sem o confronto, como escreveu Hegel. Para atingir o mais alto grau de abstração, o indivíduo verá rolar a rocha que carregou consigo mesmo até o cume da montanha. E essa batalha sisífrica com o Outro (pequeno ou grande), muitas vezes pontuada de ascensões e quedas, é o que definirá a história de um homem ou de uma mulher.

— Essa batalha eu já perdi há tempos.

— Não desanime. Até as pessoas mais bem informadas ignoram certos detalhes importantes na realidade simbólica. Na maioria das vezes o que procuramos está bem diante de nossos narizes.

Em seguida, referindo-se à contribuição dos filósofos para esse tema, Dr. Carl falou dos fenomenologistas novecentistas, entre eles Merleau Ponty, do qual citou a obra *Phénoménologie de la Perception*. Devido às descobertas da ciência moderna, pensava ele, os filósofos afastaram-se da ontologia em direção à psicologia, em sua tentativa de aproximar o Ser do Outro (grande ou pequeno) e o sujeito do objeto, uma separação levada a cabo desde o início do Iluminismo, quando pensadores como Kant passaram então a olhar de maneira mais atenta a realidade objetiva em suas investigações filosóficas.

Um contra-iluminista convicto, Dr. Carl tinha suas próprias opiniões sobre o fracassado projeto engrandecedor do Iluminismo. Ao delimitar o domínio da razão com suas Críticas, Kant desprezou os estudos do inexplicável, do qual fazia parte tudo o que agia em nossas vidas, mas

não tinha explicação lógica. O Iluminismo renunciou assim às influências dos astros, desdenhou o papel dos sonhos e recusou a existência do inconsciente e da memória. E o que é tudo isso senão o cosmos? Assim como o macrocosmo, explicou o médico, o microcosmo também faz parte desse conhecimento inexplicável tão desprezado pelos iluministas. Segundo ele, em um esforço para superar o coercivo dualismo kantiano, pensadores modernos como Ponty propunham que devíamos voltar novamente a atenção para o corpo, que, desde o Iluminismo, passou a ser visto pela ciência apenas como objeto de estudo e não como a chave para desvendar os segredos do universo. A atenção expande-se diante do Outro. Dessa forma, ao explorar positivamente o Outro, alcançamos uma consciência mais ampliada do mundo. Na opinião desses filósofos, o racionalismo científico trouxera uma objetividade salutar a uma realidade obcecada por falsas crenças. De um certo ponto de vista, o interesse especulativo dos cientistas em tratar tudo como objeto de análise é genuíno, afirmou Dr. Carl. Afinal, o que existe de mais objetivo do que nosso próprio corpo? Contudo, os filósofos do passado, segundo Ponty, ocuparam-se demais em racionalizar o mundo com seus sistemas e dedicaram-se muito pouco a percebê-lo com atenção. “Por séculos”, disse Dr. Carl, “filósofos como Descartes, Kant ou Hegel, com suas perigosas e enganosas dualidades, críticas, negativas e dialéticas, negligenciaram a sensibilidade corporal, submetendo a matéria à servidão da mente. Com o surgimento da psiquiatria, seus discípulos, imitando seus mestres incontestáveis, adotaram intoleráveis maneiras de controle das funções fisiológicas normais, sobretudo por meio de restrições perceptivas e repressões (sem falar ainda da negligência afetiva). Essa separação entre mente e corpo, cérebro e biota, trouxe apenas infelicidade ao mundo. Em meu método, porém, decidi mudar de paradigma. Não há mais punição, não há remorsos, apenas autoconsciência. Essa é a fórmula para a felicidade”. Ao voltar seu interesse para a percepção, continuou o médico, Ponty efetuou um *turning point* no pensamento filosófico. Queria assim livrar a filosofia da prisão do maléfico solipsismo da tradição ocidental e seu distanciamento da realidade consensual. Para o filósofo francês, as pessoas deviam aceitar o Outro como parte de sua realidade e também como cocriador do universo em que habitamos. Para esse propósito, no entanto, era necessário redescobrirmos as sensações e os sentidos, reaprender a ver, escutar e tocar, experimentando novamente o mundo com uma mente livre de preconceitos. Ao afirmar o primado da percepção, prosseguiu Dr. Carl, a louvável intenção do pensador francês era fazer com que cada indivíduo pudesse se realizar como ser humano, uma tese sustentada também pelo filósofo espanhol Xavier Zubiri, outro pensador muito admirado pelo médico, e estudado com diligência em sua maturidade. Nesse instante, Dr. Carl aproveitou a oportunidade para contar a Anne um pouco do que aprendera da obra do pensador basco.

Egresso do neoescolasticismo, Zubiri seria influenciado pela fenomenologia de Husserl em sua juventude, quando ainda era um seminarista. Atormentado por suas dúvidas sobre o catolicismo, oprimido e espremido entre a ortodoxia dos dogmas e a ignorância geral da população, o aspirante se debateu entre sua Razão (com seus ditames de obedecer à tradição teológica) e seu Sentimento religioso. Zubiri escolheu, contudo, a filosofia em vez do sacerdócio, e dedicou-se a estudar todos os grandes mestres de seu tempo, entre eles Heidegger e Ortega y Gasset, elaborando, ao fim dessa exegese do pensamento modernista, sua própria síntese da ontologia e da epistemologia ocidental de sua época. Nesse ponto, afirmou o médico, a filosofia de Zubiri é um grande avanço da filosofia ocidental em direção à forma de pensar oriental, em que o inteligível e o sensível sempre estiveram juntos. É preciso que algo nos agrade para ser compreendido, disse o médico. Dr. Carl considerava o sistema filosófico do espanhol um dos precursores do método empregado em Bünzli, nutrindo assim uma genuína admiração por aquele mestre novecentista. Em seus escritos, Zubiri sugeria que a filosofia ocidental superasse

o *cogito* cartesiano e o *razonismo* de Kant por meio de uma reconciliação do sujeito com o mundo e do cultivo de uma inteligência senciente aliada à razão, assumindo uma atitude na qual sentir e inteligir não eram mais dois atos separados como pensavam os iluministas e os fenomenologistas do passado, mas sim duas potências de uma única faculdade e ambas de igual importância. Ou seja, para Zubiri, pensar e sentir não deviam estar separados. Sentir e inteligir, ensinava ele, são dois momentos da unicidade da apreensão da realidade. Ao perceber algo, somos invadidos por diversas sensações, que serão unificadas por meio da intelecção sensível, antes de passar ao filtro de nossos juízos. A realidade, segundo o filósofo espanhol, é mais do que um mundo de objetos, seres e pessoas. Ela está presente, escreve Zubiri, na percepção do sujeito como algo único e particularmente seu, capaz de ser conhecida de maneira nua e crua, sem o anteparo de conceitos ou ideias. Embora concordasse com todas essas ideias, Dr. Carl acrescentou a elas suas próprias opiniões como neurocientista e como entusiasta das religiões orientais.

Neurocientificamente falando, explicou Dr. Carl, a percepção da realidade é fragmentada por nossa visão de mundo, ou seja, pelo filtro de nosso tálamo, que não é nada mais do que os padrões de nosso ego. Desse modo, cada pessoa percebe a realidade de modos distintos. Segundo o médico, aquilo que os objetos possuem de mais íntimo, seu “de suyo” se perde em nossa apreciação comum. Para observar a realidade de maneira mais rica é necessário assim que tenhamos nossos sentidos e nossa razão em condições perfeitas. Em sua opinião, Kant, Heidegger e Zubiri ainda acreditavam em um sujeito ideal, o sujeito que possui um aparato racional completo, perfeita e plenamente funcional. A revolução industrial, contudo, criou um sujeito que perdeu essa funcionalidade perceptiva. O *modern man* é um sujeito disfuncional, um sujeito para o qual a realidade é um aborrecimento constante. Uma vez que não obedece mais seu relógio biológico, apenas o relógio social, esse indivíduo não está mais em harmonia com seu próprio tempo. No início do século vinte, Bergson compreendeu bem a importância dessa sincronia da mente com o tempo individual, e alertou para os perigos de seguirmos o tempo das máquinas. O diretor de Büngzli concordava com o filósofo francês. Para ele, somente quando estamos sincronizados com nosso tempo biológico podemos desfrutar nossa realidade. Agindo de outro modo, somos vítimas da dessincronia do Complexo Corpo-Mente e as doenças psicossomáticas subsequentes a ela. Em condições normais (ou seja, enquanto desfruta de uma boa funcionalidade psíquica), o indivíduo não tem que sair de si mesmo para encontrar a realidade, uma vez que ela já está presente e atualizada em sua percepção. Esse é o sujeito transcendental de Kant e de Husserl, que possui um raciocínio saudável e operante, e é capaz de perceber, sem esforço, o *de suyo* das coisas. Na opinião do médico, somente esse ser contemplativo, funcional e sano consegue apreender a realidade prévia, enquanto a maioria dos seres não contemplativos percebem a realidade como símbolos ou modelos mentais, contrariando a filosofia realista de Zubiri, para a qual o real existe antes da apreciação e do juízo. Embora possa parecer uma extensão da filosofia existencialista de Heidegger, esse conceito zubirista de uma realidade prévia se diferencia do conceito de *dasein* heideggeriano, explicou Dr. Carl, para quem o ser está presente em sua realidade como um artesão, sempre pronto a transformar seu mundo com sua instrumentalidade e sua criatividade. Tanto para Zubiri quanto para Heidegger a realidade é transformada pelo homem. Dr. Carl, no entanto, acreditava que o indivíduo, pelo contrário, adaptava-se à sua realidade. Ou seja, no início de sua vida era mais ativo do que passivo, mas aos poucos era vencido pela passividade. “Segundo Zubiri”, disse o médico, “o idealismo moderno fechou o homem dentro de si, desligando-o da sua franca abertura ao mundo e desvirtuando-o de seu ser autêntico e original para assumir a incômoda máscara social do ego. Com sua separação entre fenômeno e nûmeno, Kant fez surgir um tipo de

indivíduo alheio ao real e apegado a esquemas culturais. O sujeito moderno necessita, na opinião de Zubiri, reconquistar a unidade primária com a realidade, ou seja, precisa se reintegrar ao seu mundo. Concordo com o espanhol nesse ponto, mas penso que isso só é possível se esse sujeito estiver com seu juízo perfeito”. Na visão do filósofo basco, prosseguiu Dr. Carl, devemos adotar uma atitude aberta em relação à realidade. Conformer o mundo a uma soberba perspectiva egocêntrica, segundo ele, leva apenas ao solipsismo faustiano de teor hitlerista, uma orientação considerada pelo médico como o mais grave tipo de alienação. Quantas obras como *Mein Kampf* e *Zaratustra* ainda não serão escritas pelos atormentados gênios do seu tempo? Quantos desajustados não se tornarão mestres de marionetes? Somente quando o sujeito se distancia do real como realidade simbólica, ele é capaz de transcender e perceber o real enquanto real. Esse sujeito transcendental tão almejado por Husserl não deve estar, contudo, separado do mundo objetivo. Sua atitude ativa e calculada é o que faz com que ele transforme seu mundo. Desse modo, o eu e o outro, o sujeito e o objeto, passam a conviver em comunhão na mesma realidade, e o indivíduo se torna uno com seu mundo. Para Dr. Carl essa união era fundamental para a cura de um paciente. Ele compartilhava muitas das ideias de Xavier Zubiri, que considerava fundamentais para seu próprio pensamento, entre elas a concepção de que essas duas realidades (a realidade do eu e a realidade do outro) se intercambiam e se complementam, como concebiam os chineses.

Na opinião do diretor de Bünzli, ao unir o inteligir e o sentir em uma única unidade, Zubiri aproximou-se da maneira oriental de pensar o mundo e afastou-se do rumo que o pensamento ocidental tomou com a chegada do Iluminismo. Segundo o médico, Kant, com sua Unidade Sintética da Apercepção Transcendental, criou um reducionismo vicioso que isola o sujeito do seu mundo e o aliena das outras pessoas. O *razonismo* kantiano, contudo, havia sido corrigido pelo *reísmo* zubiriano. Para o filósofo basco, os outros estão inclusos em nós, uma noção compartilhada pelos antigos pensadores taoístas. De acordo com os estoicos sábios da China antiga, a relação que temos com os outros é tão importante quanto a maneira com que agimos no mundo objetivo. O yin está em yang, assim como yang está em yin. As duas realidades se complementam como fogo e água, terra e ar.

— E o que tudo isso tem a ver com as expressões faciais? — indagou Anne, já impaciente.

— Todas as coisas se atraem, *meine liebe* — respondeu Dr. Carl. — É um princípio universal, como expressou Newton (o alquimista, não o físico), ao meditar nos mistérios do Segundo Arcano. Todas as coisas possuem um lado positivo e negativo. Somos atraídos e também atraímos. O outro exerce influência sobre nós. A gravidade devia ser chamada de atratividade, na verdade. É uma lei atuante em todo o nosso universo e que rege nossas vidas. Como todos os corpos, celestes ou não, saímos do centro quando somos atraídos. É o que se conhece por distração. Nos humanos, esse fenômeno tem consequências nem sempre positivas em seu dia a dia. Em um mundo de distraídos, somos desatentos seres sem atenção, passíveis de cometer os mais graves deslizes e equívocos. Por conta das distrações, os aviões se chocam em terra, prédios desabam, balsas afundam e sistemas ficam caóticos. Nessa situação, o funcionamento do cérebro é falho. Tudo à nossa volta nos passa despercebido, não conseguimos nos deter ou nos focar em nada. Não conseguimos perceber nem mesmo uns aos outros. Olhar o outro, contudo, nos tira de nossa autoabsorção. Ao *nonlook* do sujeito oprimido, que nega e rejeita, há

ainda a alternativa do olhar contemplativo, sereno e ligeiro, ainda que profundo. Ao nos manter alertas e mais atentos aos outros, deixamos nossa realidade essencial em direção à realidade formal, como expressou Zubiri. A linguagem constitui-se assim em nossa ponte entre o subjetivo e o objetivo, moldando-se, contudo, às regras de cada gramática. O indivíduo e sua linguagem estão presos à forma, adaptados à sua cultura. Ela molda os comportamentos e os gostos do sujeito urbano. Nesse sentido, a forma tem poder sobre o conteúdo, *meine junge Frau*. Ela afeta a maneira com que percebemos a essência das coisas e das pessoas, ao sensibilizar nossos corpos e mentes. A forma é o veículo do essencial e, portanto, da sensibilidade. Amamos aquilo que nos atrai. Todos nós somos sensíveis à forma. É a sensibilidade que nos mantém unidos.

— Como? — indagou Anne, exprimindo mais surpresa do que curiosidade.

— Você não concorda que a forma é o que nos aproxima das pessoas? Que é a forma o que nos une? Assim como também nos afasta? Certas pessoas não se harmonizam com outras.

— *Je suis d'accord* — replicou Anne. — É o que chamam de antipatia.

— *Nicht nur das, meine liebe*. Somos regidos pela atração, e a atração age sobre nosso emocional. Por meio da Lei da Atração Universal, estamos todo o tempo influenciando e sendo influenciados, e assim todos se afetam mutuamente. Estamos todos unidos por um elo invisível que abarca toda a humanidade. Ninguém, afinal, é uma ilha. A linguagem faz com que nós possamos transmitir nossa realidade para outras pessoas. Hoje as informações viajam através das redes de comunicação e afetam a percepção de milhões de homens e mulheres. Por um lado positivo, somos capazes de compartilhar nosso conhecimento com elas. Por outro lado (não tão positivo), podemos interferir ativamente em suas vidas. Nós influenciemos as pessoas à nossa volta, mesmo sem perceber. E uma vez que haja uma interferência do sujeito em seu mundo (mesmo mediante uma simples expressão facial), seus pensamentos, imagens e atos repercutem em outras pessoas, comovendo-as. As emoções, contudo, podem causar resultados inesperados nos indivíduos. Aquilo que nos atrai pode também nos ferir, alternando assim o amor com o ódio e alterando a polaridade da atração para a repulsão.

— Sei bem o que é isso — disse a jovem, lembrando seus fracassos amorosos, e suspirou.

— Assim como amamos o que nos atrai — continuou Dr. Carl —, também nos afastamos daquilo que nos ameaça e perturba nosso ego. A reação básica de um sujeito ao se sentir ferido ou ameaçado é negar o outro. Essa negatividade, contudo, tem um forte efeito multiplicador. Ao negar o mundo, o mundo também nos nega aquilo que é bom. Do ponto de vista clínico, o indivíduo infeliz tende a atrair para si mesmo os maus fluidos de seu ambiente. Ou seja, o negativo atrai o negativo. Por onde quer que vá, esse sujeito observa apenas o óbvio e vê apenas o que desagrada a ele. Com isso ele vê apenas maldade e dissonância à sua volta, ignorando os aspectos positivos. Sua falta de atenção, advinda de seu próprio distanciamento e pessimismo,

impede que esse sujeito demonstre aos outros o que possui de mais seu. E também evita que ele perceba o essencial nas outras pessoas. Mantendo-se alheio ao mundo, em pouco tempo sua atenção começa a definhir, e ele se transforma em um morto-vivo. A negatividade, contudo, tem efeitos perniciosos na saúde.

Dr. Carl acreditava que, ao contrário das religiões, o racionalismo havia tornado os indivíduos mais descrentes e desconfiados. Segundo ele, ao nos incentivar à autoabsorção, os sistemas filosóficos apenas nos tornaram mais ausentes e distantes da realidade. E o descaso provocado por essa ausência teve um efeito terrível sobre o mundo em que vivemos. O resultado dessa autoabsorção alienante levou os distraídos a um solipsismo obscuro, cegos aos poderes da luz. O desespero, segundo ele, é a consequência final do obscurantismo advindo da falta de crenças positivas. O idealismo frustrado criou o niilismo, pensava o médico. Por contrabalançar todo esse pessimista histórico de incontáveis *ismos*, Dr. Carl ensinava aos seus pacientes uma filosofia baseada em uma espécie de hedonismo estoicista, em que os ideais eram temperados com uma boa dose de humor, e a sobriedade com o *joie de vivre*. Ele procurava fazer com que eles abandonassem sua excessiva autorreflexão por alguns instantes e agissem no mundo, desfrutando-o como ele era naquele fugidivo instante. Por esse motivo, as terapias de grupo eram importantes para despertar o interesse dos internos por seus semelhantes, ao mesmo tempo que os ensinava a ser um pouco mais descontraídos. Dr. Carl sempre enfatizava a importância do convívio social para o tratamento de todos os seus pacientes. Uma vez seguidos os passos dessa filosofia prática, os amnésicos adquiriam uma nova maneira de ver a vida. Renascidos, retornavam transformados e felizes para casa.

Essa abordagem parece ter feito sucesso em Bünzli. A cada ano o médico recebia dezenas de pessoas em busca de um tratamento para suas más lembranças. Elas chegavam à clínica com grandes esperanças no poder curativo do método do diretor. E não se importavam de pagar uma pequena fortuna para conquistar seu bem-estar espiritual. Queriam apenas obter alguma melhora para sua atenção deficiente e para sua infelicidade. Procurando livrar-se de seus bloqueios mentais, laços cárnicos e más lembranças, elas aprendiam a aceitar a negatividade ao seu redor, a maldade de certas pessoas e também os maus políticos. Com o auxílio da filosofia zubiriana e das descobertas genéticas, acreditava Dr. Carl, a neurociência havia encontrado a chave para a reabilitação daquelas pessoas afligidas pelas doenças da desilusão e da amargura, causadas pela negação da realidade e do Outro, e também pelos efeitos colaterais dos excessos racionalistas, expressos em seu ceticismo, em seu pessimismo e também em sua descrença com a política. Uma positividade ativa, dizia ele, era o único remédio contra a pessimista negatividade passiva. Para ser curado, pensava o médico, o paciente precisava não apenas entender seus problemas e aceitá-los, mas também se reconciliar com um mundo sensível dominado pela fria tecnologia. Na opinião do médico, crente em uma positividade emancipadora progressiva do indivíduo, o conjunto da História é uma preparação para o sujeito se tornar um objeto de sua própria percepção sensorial, ao integrar corpo, alma e espírito, unificando-os em uma Trindade ontológica, sob os auspícios da Feminilidade Sagrada. Como um ser mais sensível e positivo, ele passaria então a aceitar e a fazer ele mesmo parte de um contexto maior, contribuindo para sua evolução pessoal e para a evolução do Espírito. Porém, diferente do idealismo hegeliano (para quem o Espírito se mostra gradualmente), Dr. Carl acreditava que o Reino de Deus se manifestava todo o tempo, em qualquer lugar ou pessoa, e nós, com nossa falha percepção e nossa teimosia, não conseguíamos apreendê-lo.

— E que relação existe entre as expressões faciais e toda essa filosofia absurda? — indagou Anne, amofinada.

— Tente conversar com um papagaio ou com uma pessoa surda, *meine liebe*, e você compreenderá melhor esse raciocínio — respondeu o médico, parecendo um tanto impaciente com a teimosia da jovem. — Precisamos aguçar nossos sentidos. Falar sem escutar, ver sem perceber, tocar sem sentir, tudo isso demonstra uma insensibilidade do cérebro ao Outro. O cuidado começa com o reconhecimento. Poucas pessoas conseguem perceber microexpressões em rostos alheios, ou mesmo familiares. Essa habilidade extraordinária exige treino. E pouquíssimas pessoas podem ver a poesia e o expressionismo da vida ao seu redor. Nossa *inner passivity* impede uma visão mais positiva da realidade, mesmo em sua negatividade cotidiana. Como a miopia poética, a cegueira de rosto é mais comum do que se imagina. Existe, porém, uma outra incapacidade mental pior do que a cegueira.

Por conta do culto à beleza padrão, falou o médico, muitas pessoas possuem aquilo que os psicólogos chamam de Viés Facial, uma das limitações à integridade psíquica dos enfermos da alma. O cérebro, explicou ele, é uma ferramenta altamente associativa. Por isso o ser humano é um imitador nato (mesmo de novelas de televisão). Uma vez que associamos o que é bom ao que é belo, baseando-se apenas no critério do gosto pessoal, somos passíveis de todo tipo de engano, confundindo o exterior com o interior, o aparente e o latente. Deixamos assim de perceber o essencial nas pessoas e a data de validade das mercadorias. “Ao escolhermos nossos próprios modelos”, disse o médico, “adquirimos um conjunto completo de padrões culturais que nos permite dizer se algo ou alguém é atraente ou não. Mediante esses mesmos padrões, começamos a julgar também sua competência e seu valor”. Segundo ele, havia uma explicação neurocientífica para esse fato. A padronização da beleza pelo mercado, explicou o médico, condiciona também nosso cérebro a reagir rapidamente a qualquer ligeira diferença em todo o rosto – do formato das sobrancelhas à estrutura óssea. Um décimo da duração de um piscar de olhos, ou quarenta milésimos de segundo, é o tempo necessário para que, ao observarmos uma face, tenhamos uma impressão acabada da personalidade de uma pessoa. O Viés Facial seria assim uma forma de julgarmos os outros apenas por um breve olhar em suas expressões, dizia o médico. Da mesma maneira com que julgamos os objetos ao nosso redor, também somos afetados por nosso julgamento.

Nem todos, porém, possuíam a habilidade de reconhecer microexpressões, reconhecia o médico. Em geral, explicou Dr. Carl, observamos um padrão facial e, por meio de uma analogia, o localizamos em nossa memória semântica, essa parte do cérebro responsável por filtrar o que é agradável e aceitável segundo nossos gostos e experiências passadas, dando sentido às novas percepções. Conforme nossas lembranças, medimos confiança e honestidade observando alguns marcadores estéticos bem característicos nas expressões faciais, fazendo-nos confiar em pessoas que exibam um rosto inocente e desconfiar de pessoas com uma fisionomia séria ou franzida. “Um mundo hiperconectado exige que sejamos rápidos em nossos julgamentos”, continuou Dr. Carl. “Essa prontidão é necessária para nossa sobrevivência urbana e também para a tomada de decisões, ainda que seja ruim para a apreciação estética, uma vez que ela requer um exercício de atenção mais demorado. Dessa forma, ao observar ligeiramente um ros-

to, criamos uma impressão completa de uma pessoa antes mesmo que ela nos dirija a palavra”. Em suma, disse Dr. Carl, nosso estilo de vida impede que prestemos mais atenção ao mundo à nossa volta, cooperando assim para a decadência do *Homo sapiens* enquanto espécie. Essa opinião do médico havia sido motivo de debate nos meios científicos. Em um artigo publicado na revista *Journal of Advanced Psychology*, Dr. Carl defendia que os psicólogos deviam encontrar maneiras positivas de combater o Viés Facial, ao afirmar que sua obrigação era ajudar seus pacientes viesados a estudarem melhor os rostos alheios, decifrando suas mensagens veladas. Na opinião do neurocientista, um cuidadoso processo de decisão e interpretação devia advir do estudo do rosto. Para ele, o reconhecimento da realidade em que vivemos vem de uma expansão da consciência, e essa expansão sobrevém da observação atenta das expressões faciais. O preconceito, contudo, era um obstáculo à iluminação. Dr. Carl concordava com o filósofo francês Emmanuel Levinas para quem o infinito aflora no semblante do outro, revelando sua alteridade acolhedora mesmo quando existe um estranhamento. Segundo o médico, a epifania do rosto era um movimento para além do eu, tão transcendental e tão sublime quanto uma criança que reconhece pela primeira vez o sorriso de sua mãe, ou tão terrível quanto um encontro com um terrorista ou um psicopata. Essa epifania era um meio sadio de se revelar o *de suyo* zubirista, como preferia frisar.

Segundo Dr. Carl, a expressão facial era um reflexo da interioridade do sujeito, um desvelador não só de suas emoções e pensamentos mais íntimos, mas também daquilo que esse sujeito quer nos comunicar. Como Merleau Ponty, o médico acreditava que o objeto sensível também possuía uma sensibilidade própria, ou seja, o objeto é sensível ao sujeito, assim como sujeito é sensível ao objeto, como descobriram os cientistas ao estudar as barreiras de corais australianas e seu efeito entristecedor sobre nossas vidas.

— Os cientistas não podem negar a importância das influências — continuou Dr. Carl. — As pessoas se influenciam, as partículas se influenciam, nós influenciemos as partículas, o sujeito influencia o objeto assim como o objeto nos influencia. Uma vez que tudo é vibração, ao entrarmos em sintonia com o que percebemos, adquirimos uma espécie de harmonia com o mundo. Ou seja, as vibrações podem se interferir harmoniosa ou desarmoniosamente. Quando alguém está de mau humor, seu *distress* também no afeta. Nesse instante, nós percebemos o Outro e ele também nos percebe, ao reconhecer sua influência sobre nosso humor. E esse reconhecimento mútuo acontece com frequência de maneiras imperceptíveis.

Na Idade da Razão, salientou o médico, os cartesianos deixaram de reconhecer o objeto e a intuição advinda de sua impressão como influência, e assim negaram o poder da alteridade. Séculos depois, a filosofia tentou resgatar essa unidade do eu e do outro, ao se reaproximar do objeto com um olhar menos analítico e mais contemplativo. Em seus estudos, porém, os fenomenologistas da escola de Husserl haviam restringido a alteridade à nossa própria subjetividade, tornando-a assim misteriosa, sombria e impenetrável. Essa atitude ainda deixa um sujeito afastado de outro sujeito. A única forma das pessoas se reconhecerem na fenomenologia husserliana, explicou Dr. Carl, é quando seus egos transcendentais se iluminam, o que somente pode acontecer em ocasiões muito especiais, como ocorre, por exemplo, na apreciação artística. Ao admirarmos o conteúdo de uma obra podemos nos conectar com sua essência, disse o médico. Na maioria dos casos, contudo, as pessoas estão apressadas demais para refletir no

Outro. Elas não possuem uma atitude contemplativa em relação ao mundo. Nossa impossibilidade de conhecer as outras pessoas, disse o médico, também impede que sejamos conhecidos por elas. Embora influenciado pela fenomenologia, Ponty resolveu ir mais além. Havia, para ele, algo errado em sua época. A revolução industrial, com suas máquinas, sua produção em série e sua abundância material, havia transformado a maneira com que homens e mulheres percebiam sua realidade. Se antes nos víamos como parte de um pequeno grupo, a globalização nos fez cidadãos do mundo. O sujeito criativo passou a se considerar como um ser único em meio a um universo de imitações. Essa autoafirmação egocêntrica teve consequências irreparáveis para a humanidade. Ao incentivar o individualismo, afirmava Dr. Carl, a modernidade mudou nossa concepção da realidade.

Segundo o médico, o desequilíbrio yin-yang planetário estava seriamente comprometido pelo excesso de competição, sobretudo entre os gêneros. Por influência dos homens, as mulheres haviam se tornado cada vez mais competitivas, e seu desinteresse pelos aspectos mais sensíveis da natureza humana causara consequências sociais terríveis nas novas gerações. As guerras do passado foram substituídas pela desleal concorrência mercadológica e pela fome corrida atrás de ouro, e todos, independentemente de gênero ou raça, eram recrutados para lutar em seu *front*. Mas todos esses soldados do mercado batalhavam apenas por ilusões, afirmava Dr. Carl. Lutamos apenas por lutar, sem nenhum nobre propósito senão salvar nossas almas da miséria existencial. “Vivemos na Era de Marte, uma era em que existe competição por toda parte”, disse ele. “Todos estão competindo todo o tempo por atenção, dinheiro e fama. Isso afeta a função reflexiva das pessoas, impedindo que sejam mais empáticas, tornando-nos menos sábias e mais estúpidas em sua *rat race* sem sentido. E não adianta dizer aos homens para erguerem os ombros, estufarem o peito e falarem grosso, como sugerem alguns intelectuais com seu chauvinismo retrógrado. Estamos em uma época na qual o desemprego e as crises econômicas (e não apenas as mulheres) fazem a autoestima masculina encolher.” O autoritarismo, segundo o médico, não é a melhor solução para resolver o problema da competição entre homens e mulheres. Assim como os propósitos dos mercados, as tiranias eram frágeis castelos de cartas. Todos os ditadores do século vinte, viram seus sonhos ruírem por terra da noite para o dia. O que diria Stálin do que se tornou a Rússia trinta anos depois de sua morte? O que diria Hitler sobre a Alemanha atual? “A vulnerabilidade dos autocracias pode ser vista nas epidemias e nas crises que assolam o mundo. Quando os governos descuidam da saúde pública, a população sofre as consequências. Mais armas e menos leitões, apenas demonstra um descaso das autoridades pela vida humana. E qual é a causa de tudo isso senão a decadência do princípio feminino? Ao concorrem com os homens e entre si, as mulheres perderam seus papéis de nutridoras e cuidadoras, com resultados negativos para as crianças e para os adolescentes. Estamos fazendo com que os mais novos imitem o que existe de mais condenável nos mais velhos, perdendo precocemente sua pureza e sua curiosidade. Em algumas gerações, teremos uma multidão de desajustados habitando as aglomerações urbanas, fazendo com que a existência nas cidades se torne cada vez mais insuportável.” Para Dr. Carl, ameaçado pela competitividade, o princípio materno estava fadado a desaparecer e com ele a necessidade de se manter a espécie. E o princípio feminino, representado por Vênus, estava cada vez mais desacreditado e esquecido, uma vez que as pessoas não nutriam mais afeto umas pelas outras. Em breve, acreditava o médico, toda a humanidade sofreria as consequências danosas das doenças físicas e mentais, e acabaria como os dinossauros. “Sem amor, sem apego seguro e sem cuidado, o mundo está ameaçado pela esterilidade. Toda essa corrida atrás de ilusões apenas torna as pessoas estéreis e insensíveis. Precisamos de menos competição e mais empatia. Somente assim teremos mais atenção”, afirmou Dr. Carl.

Mais do que em nenhuma outra época da humanidade, disse o médico, o nível de atenção do Homo sapiens esteve tão baixo. O sujeito novecentista precisava de mais atenção do que seus antecessores. No século vinte, ser percebido era mais importante do que perceber. Essa foi a era dos famosos, das estrelas e das celebridades. No início do modernismo dos comportamentos, Freud e seus discípulos reconheceram o narcisismo como a origem de todos os males. Por isso, acreditava Dr. Carl, era necessário agora, no terceiro milênio, estimular novamente a sensibilidade das pessoas para o outro. Era preciso mudar o foco do eu para o outrem. A união das percepções sensíveis, pensava ele, motivava o entendimento entre os seres, uma condição necessária e essencial à reflexão, a um bom relacionamento e à diplomacia, assim como o fim das rivalidades e das eternas guerras entre os homens e também entre as mulheres. A percepção sensível, como acreditava ele, era um tipo de intercomunicação entre o sujeito e o objeto, o ser e o não-ser, uma ponte entre dois mundos, uma possibilidade de negociação entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva por meio do sensual e do consensual. Ao percebermos as expressões faciais, frisou Dr. Carl, criamos uma conexão entre o ser e o outrem, abrindo espaço para a apreciação estética de um lado e, em contrapartida, para todas as ansiedades e expectativas. Na opinião do médico, o reconhecimento facial havia sido um fator essencial para a sobrevivência da espécie e para o desenvolvimento interpessoal. Graças à empatia resultante desse reconhecimento, aprendemos a cuidar uns dos outros. Sem esse recurso, disse ele (discordando um pouco com Darwin, de quem, em geral, Dr. Carl discordava), a raça humana estaria fadada à extinção e ao desaparecimento, uma vez que não mais nos reconheceríamos como pertencentes à mesma espécie. Essa intercomunicação, contudo, estava agudamente ameaçada pela cegueira de rosto que acometia uma boa parte da população urbana. E que ele, como profissional de saúde, estava interessado em erradicar.

Dr. Carl propôs então a Anne um exercício simples. Denominado de *redução fenomenológica*, o exercício consistia em observar as faces de cada uma das *Dasha Mahavidya*, por meio da contemplação de uma série de imagens religiosas da Deusa, que fazia parte de sua coleção de arte oriental. Seu objetivo era fazer a paciente acessar a memória coletiva através de suas representações universais e despertar assim certas impressões inconscientes, a fim de iluminar o consciente. No entanto, para que esse propósito fosse atingido, enfatizou Dr. Carl, era preciso suspender qualquer atitude natural preconceituosa, redirecionando a atenção para dentro de si mesmo e acolhendo abertamente as lembranças que surgissem após a observação. Para os hindus, explicou o médico, a verdade única é sentida em dez diferentes facetas. Segundo ele, cada manifestação da feminilidade sagrada pode ser comparada às fases da Lua. Sombria em sua fase nova (representada por Kali), luminosa em sua fase cheia (na figura de Tripurasundari) e cinzenta e envelhecida em sua fase minguante (simbolizada por Dhumavati), cada aspecto da Lua estava representada no rosto humano. Abrindo uma gaveta de sua mesa, o médico retirou uma caixa de mogno, em que estavam guardados dez coloridos desenhos ilustrados em estilo medieval, comprados de um tâmil shaktista em Maharashtra em sua passagem pela Índia. Em cada uma das belas ilustrações da amostra, sobressaía-se uma figura divina: a tez morena escura de Kali, com sua vermelha língua sangrenta pendendo da boca escancarada; a expressão enlouquecida de Tara; o olhar compassivo de Bhunaveshvari; o aspecto feroz de Bhairavi, com sua tez vermelha vulcânica; a aparência aterrorizante de Chhinnamasta; a tez acinzentada de Dhumavati de olhos injetados de sangue em uma expressão em que se combinavam raiva e dor; o semblante benévolo de Bagalamukhi; os olhos brilhantes de Matangi, com sua tez esmeralda e seu papagaio; e finalmente a tez dourada de Kamalatmika, em seu aspecto mais gracio-

so. Retirando os desenhos de seu invólucro, o médico os ofereceu à sua paciente para que fossem examinados. “Observe a face de cada um das deusas com cuidado. Depois feche os olhos, respire fundo e deixe as lembranças afluírem. A respiração é o canal de comunicação entre o consciente e o inconsciente. Estar consciente da respiração abre as portas de nossa memória”, disse Dr. Carl.

Meio a contragosto, Anne fez o que o médico lhe sugeriu. Após olhar as expressões de cada uma das manifestações da Grande Mãe e fechar os olhos por um instante, ela respirava fundo e refletia um pouco. Demorava-se então alguns segundos visualizando mentalmente a imagem contemplada. Quando completou todo o exercício, vivenciando cada uma das deusas, a jovem retornou as gravuras à mesa. A princípio, sentiu-se um tanto abalada com a experiência (apesar de não demonstrar nada ao médico). Dr. Carl, porém, percebeu a transformação, estudando algumas de suas microexpressões. A testa da paciente estava um pouco mais franzida do que o normal, os cantos dos lábios crispavam-se e alguns músculos faciais, como o nasal e o depressor do lábio inferior, haviam se contraído. O exercício, enfim, surtiu o efeito esperado pelo médico.

As sensações surgidas da observação e da contemplação das deusas despertou em Anne um misto de impressões negativas, lembranças desagradáveis e provérbios. Ela sentiu violentas emoções à visão de Kali, Tara, Bhairavi e Chhinnamasta. Relembrou sua fúria explosiva no refeitório ao refletir na temível face da Deusa Negra, e uma frase inesperada surgiu em seus pensamentos, após contemplar a ilustração de Chhinnamasta: “quem procura contentar a todos os seus demônios, termina por perder a cabeça”. Outras emoções (não tão violentas quanto as primeiras) também a perturbaram. Recordou-se pesarosamente de Aline ao contemplar Dhumavati e sentiu uma certa inquietação. A figura cinzenta e envelhecida despertou seus temores mais arraigados, como se tivesse visto o retrato de Dorian Gray. Por outro lado, outras faces estimularam sentimentos mais positivos em Anne. Encantou-se com o esplendor dos finos traços de Kamala (toda banhada em néctar pelos elefantes, ela se exhibe com graça distribuindo dádivas ao mundo em forma de flores de lótus, lindamente trajada e adornada como uma Bonequinha de Luxo), e comoveu-se ao perceber a benevolência no rosto de Shodashi, Bhuvaneshvari, Bagalamukhi e Matangi. Cada um desses semblantes tocou em uma região desconhecida das sensíveis cordas de seus sentimentos. As compassivas expressões faciais das deusas, em especial, despertaram nela seu obliterado instinto maternal, o que a perturbou um pouco.

Desde que vendera suas bonecas, ainda no fim de sua juventude, Anne deixou para trás qualquer tipo de sentimento materno. Envelhecera, de fato, uma garota aborrecida. Por todos aqueles anos a jovem não tivera muitas oportunidades para exercitar sua compaixão, apesar de ter exercitado inúmeras vezes sua raiva. E estava tão acostumada à sua irritação que estranhou essa repentina sensação de acolhimento trazido pela contemplação das deusas. Por falta de uso, seus sentimentos mais positivos se encontravam um tanto enferrujados. Há muito tempo não cuidava de ninguém. A última criança que ela pegara no colo havia sido para fazer um favor a uma mãe no metrô. Foi um contato tão rápido que mal deu tempo de sentir algum amor pelo rechonchudo infante. Por outro lado, também não costumava ver moradores de rua passando frio ou fome no inverno, nunca acolhera nenhum desabrigado, refugiado ou vítima

de algum cataclismo ou guerra. Por que teria compaixão?

— O outro está em nós, *meine liebe* — disse Dr. Carl, ao perceber o estado emocional da paciente após o exercício. — O ato de tornar claro o que é vago, e consciente o que antes era indistinto, desperta em nós profundas emoções, lembranças ou sensações. A memória é o outro lado do ser, aquilo que muitas vezes não temos consciência. Assim como a atividade poética, a contemplação ativa é um exercício contínuo de alteridade, de sintonia com nossos sentimentos. Por meio dela podemos perceber o outro que existe em nós!

Sentada no sofá, diante do loquaz diretor de Büngzli, Anne escutou atentamente toda a explicação do exaltado neurocientista. Embora seu raciocínio juvenil acompanhasse tudo com uma certa autocrítica, ela concordava com ele. Talvez o médico tivesse razão, ponderou a jovem paciente. Ela nunca reparara muito nas expressões das pessoas à volta e nem mesmo havia parado para observar mais atentamente seus detalhes, ou mesmo interpretar seus sinais. Nunca se preocupara em perceber o *de suyo* das pessoas, manifestado no mundo aparente. Poucas vezes ela se atentara para os pequenos gestos e para as expressões faciais das pessoas. Teria cegueira de rosto como dissera o médico?

Naquela manhã, ao fim da conversa, Anne sairia do consultório de seu médico um tanto pensativa. Ela atravessaria os corredores da clínica alimentando suas dúvidas como quem cuida de uma fogueira fora de controle. Possuía, afinal, uma inteligência sensível? Ela sempre se achara a menina mais inteligente de sua turma do ginásio, e agora percebera que se enganara. Não era tão inteligente quanto pensara. Mais séria, Anne refletiria outras vezes sobre essa questão.

Desse dia em diante, com o intuito de comprovar a suspeita de que havia sido um pouco insensível com as pessoas ao seu redor, Anne passou a fotografar os internos com mais atenção, retratando-os nas mais diversas poses, fossem elas contemplativas ou não. Aproveitava os momentos em que os meditados estavam escutando os pássaros, abstraídos a observando atentamente a vida animal em todas as suas minúcias. Para a jovem fotógrafa, retratar os pacientes tornou-se um exercício produtivo. Ela gostava de admirar as enigmáticas expressões naqueles rostos sonolentos, quando esses se encontravam ociosos ou extasiados após uma de suas sessões de Mmemodetox. Eram uma inspiração para seu trabalho. Absorvida em seu hobby, ela demonstrava um certo ar de contentamento.

Na segunda semana de seu entusiasmo fotográfico, Anne atirou-se com prazer ao novo passatempo. Demonstrando seu inédito gosto pela arte da fotografia, ela consumira dois dos três pacotes de filmes que trouxera consigo de Biel. Esse foi um período bem produtivo em sua internação. Durante esse tempo, ela aprendeu rapidamente os truques e as técnicas para obter fotografias cada vez melhores. Suas habilidades com a câmera evoluíram com rapidez. Dois dias depois, o passatempo e aprazível exercício se converteria em uma ocupação mais séria. Estudava agora diversas maneiras de melhorar o enquadramento e tirar fotografias mais profissionais. Sua técnica de fotografar, aperfeiçoada com a constante prática, exigia que ela se mantivesse à distância de cinco a oito pés de seu modelo, a fim de conseguir uma boa profun-

didade de campo. Graças a esse truque, aprendido em uma revista de fotografia artística, ela era capaz de conseguir a peculiar textura embaçada das fotos de Polaroid, dando às imagens um aspecto antiquado e *low fi*. A essa técnica se somavam novas formas de melhorar o foco do primeiro plano e desfocar o plano de fundo, que a jovem fotógrafa experimentava com frequência para conseguir um resultado cada vez melhor. Para obter uma foto mais centralizada, Anne mantinha-se a um pé de distância do sujeito, a fim de retratar o mais fielmente possível sua expressão. E assim que percebia alguma minúcia mais interessante, ela abria, com um *click*, o obturador de sua câmera para capturar a luz e gravava mais uma imagem do mundo à sua volta. Procedendo assim, aproximando-se em um momento, afastando-se em outro, ela havia registrado dezenas de expressões faciais, que variavam das mais perplexas às mais ausentes, ou mesmo provocantes. Em pouco tempo montou um álbum de fotos.

Entre as melhores fotografias do acervo de Anne, estava um retrato de Lempiszka posando como uma diva do cinema, charmosa e sedutora, sorrindo à semelhança de uma Madonna renascentista ou mesmo de uma Helena Modrzejewska. E havia ainda Otoko, com sua palidez excepcional, posando como uma misteriosa Mortícia oriental. Até mesmo Frau Waldorf, sempre sentada em sua cadeira de rodas, terminara sendo capturada pelas inquietas lentes de Anne. Cabisbaixa e braços curvados diante do peito, ela se mostrava compenetrada, à maneira de uma mãe amamentando seu filho. Em todas as fotografias, modelos femininos e também masculinos eram retratados de modo a enfatizar suas particularidades mais sensíveis. Cada um daqueles registros faciais exibia algum traço peculiar de um paciente ou enfermeiro. Praskovya, a enfermeira-chefe, um tanto circunspecta, posava com um ar de sábia matrona. Lempiszka, em uma pose sedutora, demonstrava um olhar diabólico, exibindo o ar contente de quem acabou de comer um chocolate. Além das expressões aborrecidas, enfezadas e lunáticas, porém, havia ainda outras mais luminosas ou mesmo beatíficas. Essas últimas fotos eram as preferidas de Anne. Em transe extático, alguns pacientes demonstravam uma alegria radiante em seus rostos, semelhante à das deusas hindus, o que muito atraiu sua atenção. As novas descobertas aumentaram o entusiasmo da jovem fotógrafa e emprestaram um tom mais profissional à absorvente atividade. Muito mais do que fazer *selfies* para melhorar sua autoestima (como se acostumara a fazer em seu perfil nas redes sociais), ela descobrira agora uma nova utilidade para sua câmera fotográfica.

A transformação do hobby de Anne em um trabalho mais profissional aconteceu gradualmente, por lentas e cuidadosas etapas. Antes de suas sessões fotográficas, ela seguia um elaborado ritual: logo que acordava, vestia-se com esmero, tomava seu café da manhã e rumava para o pátio com sua máquina de tiracolo. Observava os arredores com curiosidade, procurando algo que lhe chamasse a atenção. Tão logo encontrasse o que buscava, ela apontava a câmera na direção desejada e instantaneamente capturava mais um retrato. Tirava muitas vezes duas ou três fotos de diferentes ângulos. Nessa absorvente atividade o tempo fluía. Seus *takes* duravam cerca de uma hora, tempo suficiente para tirar quase uma dúzia de fotos. Ao fim desse intervalo, ela recolocaria seus óculos escuros, juntaria todos os instantâneos na mochila e se recolheria à sua ilha particular em um canto do jardim, abrigando-se debaixo da sombra de um velho carvalho. Ali, sentada na grama, observava o resultado de sua sessão criativa, examinando retrato por retrato, procurando apreciar suas mais imperceptíveis minúcias. Será essa uma expressão de alegria? E aquela outra? Será de prazer ou melancolia? Indagava-se, a olhar com atenção um instantâneo de um paciente em êxtase, tentando decifrar o retrato e seu segredo,

muitas vezes sem qualquer sucesso. Diante do que julgava ser uma expressão extática, contudo, sua curiosidade se aguçava, demorando-se mais um pouco em seu exame. Silenciosa e pensativa em seu canto sagrado, ela estudaria esses retratos fotográficos em formato Polaroid com atenção, completamente absorta em sua atividade contemplativa, sem ao menos desconfiar que era observada por um olhar mais vigilante.

A pouca distância dali, sentado a uma mesa no terraço do refeitório saboreando seu chá, Dr. Carl tomava notas. Assim como Anne, o médico costumava todas as manhãs fazer uma pequena excursão pelo pátio, oportunidade em que aproveitava para acompanhar a evolução de seus pacientes (ou hóspedes), rever suas fichas e tomar anotações em sua inseparável prancheta. Enquanto observava Anne fotografar, ele releu uma antiga observação escrita ainda do início do tratamento da jovem:

“A maior dificuldade dos pacientes coléricos é relaxar um pouco. Apesar de serem capazes de um pequeno e significativo contato com os outros internos, eles preferem evitar qualquer envolvimento interpessoal, esforçando-se para que não suspeitem de alguma atitude hostil de sua parte. Mantendo-se à distância das pessoas, eles buscam preservar sua individualidade indeterminada, ainda presa ao primeiro estágio hegeliano de processo de individuação. Esses pacientes ainda não conseguiram vencer seus medos e superar a incômoda voz de seu *inner critic*. Ainda não são capazes de se aproximar das pessoas como seres sensíveis. Talvez seja um temor arraigado, uma má lembrança relacionada à infância e a presença da negatividade em suas vidas, que faz com que esses sujeitos não se atentem ao olhar dos outros, ainda que interiormente necessitem de receber algum tipo de reconhecimento. A busca contínua por atenção impede que elas prestem atenção nas outras pessoas. Sua visão do mundo ainda é limitada por sua miopia. Em sua incapacidade de ver a realidade de maneira mais atenciosa, elas não conseguem perceber os sinais de confiança no rosto das outras pessoas. Em consequência, estão sempre desconfiadas. Agindo nas sombras, esses pacientes estão evitando não apenas os olhares alheios, mas também disfarçar sua insegurança. É um tipo de atitude defensiva similar à dos camaleões. Vulneráveis ao olhar do outro, esses sujeitos simplesmente se camuflam, furtando-se a qualquer aproximação. No fundo, eles querem ser deixados em paz para não serem incomodados por seus próprios receios e dúvidas em relação a si mesmos. Entre perceberem e serem percebidos, eles preferem dissimular. *Das stimmt: Sie wollen in seinem privaten geistigen Raum zu bleiben*. Para isso criam um espaço particular, uma redoma onde creem estar protegidos de qualquer interferência externa. Essa redoma, porém, limita sua confiança e os mantém retraídos e isolados, impedindo a chegada da luz. A fim de evoluir para o próximo estágio, elas precisam sair de seu asteroide psicológico e aprender a reconhecer o outro como sujeito sensível e não apenas como objeto, passando assim ao segundo estágio antitético do processo de individuação. Somente assim um *Wiedergeburt* é possível.”

A ficha médica de Anne possuía dezenas de comentários desse gênero. Desde que ela chegara a Bünzli, quatro meses antes, quando o outono estava nos seus estertores e o inverno principia a soprar sua gélida brisa sobre os Alpes, o médico fizera diversas anotações no espaço da ficha de Anne reservado às observações. Dr. Carl levava a sério sua classificação dos humores. Com o pressuposto que a beleza intimida, pensava ele, essa bolha psicológica em que vivem os coléricos também os mantinha isolados completamente do mundo exterior. A razão para esse

Entfremdung, julgava o médico, estava em sua incapacidade de se identificar com aquilo que não gostavam. Segundo Dr. Carl, o senso moral atrofiado dos coléricos faz com que eles passem do juízo estético para o juízo ético muito rapidamente, atrapalhando sua capacidade de tomar decisões corretas. Eles utilizavam assim um atalho cognitivo e avaliavam as pessoas de acordo apenas com seus padrões estéticos. Por isso, dizia o médico, eles procuram imitar aqueles que fazem parte de sua intimidade, *soi-disant*, família e amigos, afastando-se do que lhe parece estranho. Na ausência de outros participantes em seu microcosmo, entretanto, a redoma dos coléricos autoabsorvidos expande-se de maneira incontrollável, englobando toda a realidade. Para Dr. Carl, esses enfermos mentais viviam presos a uma espécie de autoabsorção perniciosa, considerada, em seu ponto de vista, o maior mal da humanidade pós-cartesiana depois do individualismo niilista. Em sua opinião, essa característica psicológica se distribuía em diversos *flavours*, abrangendo um complexo espectro psicológico. Para diferentes pessoas, pensava ele, havia também distintos tipos de solipsismos e solilóquios.

O médico tinha uma tese original, jamais defendida em cátedras ou exposta em revistas científicas, de que os quatro tipos humanos da teoria humorista não correspondiam apenas aos quatro elementos da natureza, mas também aos elementos básicos da alquimia humana. De acordo com essa teoria, um paciente podia apresentar dois temperamentos diferentes que não se harmonizavam, como, por exemplo, a cólera e a fleuma. O elemento fogo, para ele, representava o temperamento colérico, e o elemento água, por sua vez, estava relacionado aos fleumáticos. A inter-relação entre esses dois elementos foi o artifício encontrado por Dr. Carl para tratar um sujeito desafinado (para denominar esse estado desarmonioso do ser, ele preferia usar um termo mais musical). Desde remotas épocas, estudara o médico, os antigos sabiam dos benefícios da reunião da água com o fogo, sobretudo em situações críticas como incêndios e comoções públicas. Segundo a milenar filosofia chinesa do *I Ching*, o hexagrama *Ji Ji*, designado como Após a Conclusão, simboliza o fogo sobre a água, e corresponde ao momento em que tudo foi concretizado e alcançado. A água sobre o fogo, por outro lado, é simbolizada pelo hexagrama *Wèi Ji*, denominado de Antes da Conclusão, e representa a transição do caos à ordem. No pensamento orientalista do médico, essas duas ideias podiam ser combinadas harmoniosamente. Na amnésia, acreditava Dr. Carl, ordem e caos podiam conviver lado a lado, graças ao processo de sincronização das ondas cerebrais efetuado pelo Mnemodetox. Como um hábil DJ mixando duas *tracks*, o médico operava nos subterrâneos da mente, buscando sintetizar seu ritmo com as regiões mais elevadas. Era como uma peça de Karl-Heinz Stockhausen, dizia ele, em que os fragmentos de sons cacofônicos se uniam para formar um equilibrado cenário sonoro. Era o sonho de Schönberg: poder ter uma harmonia sem utilizar as escalas tradicionais. Inspirado nos ensinamentos dos orientais e no suprassumo da ciência ocidental, o método do Dr. Carl conseguira o feito de harmonizar o cérebro e a mente humana, ao fazer o enfermo alcançar novos estados mentais. Mediante o Mnemodetox o paciente podia obter finalmente o autocontrole necessário para esquecer o passado. Por terem perdido sua fé, seu espírito, seu foco e seu propósito, segundo Dr. Carl, os enfermos humorísticos deixaram de ver a vida como um palco e passaram a vê-la como um desolado campo de batalha (ou uma *Wasteland*). Enquanto os fleumáticos, feridos e desiludidos, habitavam seu esconderijo secreto como um meio de fugir de uma realidade opressiva, dolorosa e inquietante, os amargurados coléricos, com seu acúmulo de más lembranças e suas mágoas passadas, a enfrentavam abertamente, vivenciando, dia após dia, uma inglória luta existencial contra seus demônios. Aproximar a água do fogo, em seu entendimento, era uma forma de trazer um pouco mais de *joie de vivre* a esses pacientes atormentados. Sua maior dificuldade, porém, era fazer com que os coléricos umedecessem um pouco sua natureza temperamental, arrefecendo seu calor excessivo com

uma certa ternura e sensibilidade. Um propósito nem sempre fácil de se alcançar. Na prática (sabia muito bem o médico), lidar com esses sujeitos era um tanto intimidante.

Enquanto Anne fotografava, o médico não deixou de observar a evolução do tratamento da paciente. Por julgá-la um tanto incorrigível e intratável, ele a escolheu como seu principal alvo de interesse. Via na paciente um grande potencial. Simpatizava-se com ela não só por sua beleza, mas também por sua inteligência excepcional (embora soubesse que, emocionalmente, a *jeune fille* ainda tivesse muito a aprender). Ao perceber que Anne encontrara um passatempo para se descontraír, Dr. Carl escreveria uma pequena nota em sua ficha médica:

“Hoje pela manhã a paciente decidiu seguir minha sugestão de se dedicar a um novo passatempo para treinar sua atenção. Parece que está se saindo muito bem. Ao reconhecer novos padrões, ela está estimulando sua sensibilidade. Esse é o princípio do despertar.”

Essa era a trigésima terceira anotação escrita pelo médico na ficha da paciente. Mas nenhuma havia sido tão otimista quanto essa. A ficha médica de Anne era, na verdade, uma tentativa de impor ordem ao caos. Em diversas oportunidades, Dr. Carl percebera a fleuma da paciente dar lugar à ira em um passe de mágica. Durante os primeiros meses de internamento, o humor de Anne se tornara tão imprevisível que deixou o médico um tanto confuso em seus esforços para diagnosticá-la da melhor maneira possível. Os comentários escritos na ficha da paciente eram um retrato fiel daquela “jovem e torturada alma”, como preferia denominá-la. As flutuações de Anne o deixavam confuso. Às vezes ela parecia estar de bom humor, outras vezes, porém, parecia muito aborrecida, revelando uma incoerência em suas anotações. “Aparentemente a paciente está reagindo bem às sessões”, lia-se em um dos registros diários. Em outra anotação, feita alguns dias depois, escreveu: “*Schade!* A paciente teve outra recaída essa manhã no refeitório”. Entre sucessos e fracassos, Anne seguia sua vida em Bünzgli.

Após o relapso no tratamento com sua *Amok* no refeitório, a geniosa *mademoiselle* exibia agora uma sensível melhora. Uma semana desde sua última explosão de fúria, Anne estava comportadíssima e mantinha um invejável autocontrole. Ninguém, contudo, nem mesmo uma sibila, poderia prever o que viria pela frente. Acostumado aos altos e baixos dos coléricos (sua intuição clínica havia sido aperfeiçoado por anos de observações minuciosas), Dr. Carl encarava essa mudança positivamente. Para ele, uma transformação estava a caminho. Os outros médicos, por sua vez, nunca estavam certos se o exílio voluntário de Anne era um bom ou um mau sinal, especialmente quando a presenciavam reclusa em sua invisível bolha protetora (chamada às vezes simplesmente de *Blase*), mergulhada em profundas lembranças como se fosse uma *Bubble Girl* (a contraparte feminina de um *Bubble Boy*, nome emprestado de um conhecido garoto americano que, nos *nineteen-seventies*, passou boa parte de sua vida em uma redoma de plástico, por conta de seu frágil sistema linfático e sua severa imunodeficiência). No entanto, os médicos sabiam que, uma vez deixada em seu espaço afetivo, ela não ameaçava a paz em Bünzgli.

Na verdade, a *Blase* de Anne era mais do que seu território particular, uma área à qual nin-

guém podia se aproximar (por um justificável temor de provocar sua ira fácil). Naquele espaço reservado, Anne sentia-se em casa. Protegida do mundo alienígena de Büngzli, a jovem mantinha-se em sua intocável privacidade. Ninguém podia incomodá-la sob a pena de provocar sua fúria. Assim como sua presença não perturbava a tranquilidade dos outros internos, a presença alheia também não a incomodava. Desde que, obviamente, não ultrapassassem certos limites, Anne não se importava de compartilhar o jardim com os outros internos.

O jardim de Büngzli exercia um fascínio todo especial sobre os visitantes. Seguindo as recomendações do Dr. Carl (e sua perceptível influência da filosofia taoísta), o paisagista responsável pelo projeto procurou criar um desenho milimetricamente organizado para harmonizar tanto a beleza doméstica quanto a beleza artística (dizem que, além das técnicas geomânticas do Feng Shui, ele aplicara a notória Proporção Áurea tão utilizada pelos pintores e escultores renascentistas, e também experimentara distribuir os elementos decorativos e as plantas segundo a seqüência de Fibonacci, aplicando um rigor matemático em todo o arranjo, como faria um Da Vinci ou um Michelangelo). Aquele era o cenário perfeito para se contemplar a natureza manifestada em seus elementos: uma árvore com uma boa sombra, o gramado exuberante, as pedras ornamentais, os arbustos, as plantas e suas flores, e o céu ensolarado à la Sarmacanda. E naquele precioso instante, o jardim tinha um apelo irresistível. As nuvens eram adoráveis, os pássaros eram graciosos, e tudo parecia cheio de cor e vida. Nesse espaço privativo exclusivo, Anne mergulhava em um mundo distante da dura e fria realidade que a cercava, onde não havia amnésicos nem melancólicos para perturbá-la. Ali se dedicava a um agradável interlúdio a contemplar suas fotografias favoritas, como faria um colecionador de borboletas cercado por seus exemplares de *Agraulis Vanillae*, *Fritillarias*, *Nymphalis californica*, *Danaus plexippus*, *Daphnis nerii* ou uma rara *Maculinea alcon*.

Ao contrário dos dias anteriores, a manhã do encontro de Anne com Antoine estava ensolarada e calorosa, um acontecimento digno de comemoração por parte dos enfermeiros (na copa, abririam até mesmo um Pinot Noir para confraternizar com mais um aniversariante do mês). A troca de estações era agora bem perceptível. A primavera sinalizava aos poucos o fim de um longo e terrível período.

O inverno não havia sido um dos melhores para Anne. Durante os primeiros meses em Büngzli, o isolamento apenas piorou sua situação. Além da umidade, dos humores melancólicos e da sonolência excessiva, o clima chuvoso das últimas semanas havia trazido somente nuvens ameaçadoras sobre o Lago Lucerna e sobre o estado mental de Anne. Sentiu-se mais letárgica e sem motivação. Em dias assim (muito comuns no inverno suíço, mas não tanto na primavera), o cinza matutino estimulava seu lado dorminhoco. Desanimada demais para se levantar de seu confortável e morno leito, ela preferia se manter na cama por mais tempo, até chegar a hora da segunda refeição da manhã, quando seu estômago reclamasse dos ácidos e começasse a fazer ruídos engraçados. Enquanto não tivesse fome, Anne se manteria à vontade no seu elemento natural, imersa em sua confortável letargia. Quando estava deitada na cama, ela tinha mais empatia por seu colchão, seu travesseiro e suas cobertas do que por qualquer ser humano sobre a face da Terra. Dessa vez, porém, diferente dos outros dias, havia sol lá fora. Graças a uma boa noite de sono, a presença da luz ativou a melatonina natural em seu jovem cérebro, despertando seus sentidos e reavivando seus instintos.

Aquele era um dia esplêndido, propício à floração dos pessegueiros e ao desabrochar das emoções mais inspiradoras. Ao abrir os olhos e se surpreender com os calorosos raios solares na janela, Anne se espreguiçou com vontade e, após pular da cama, foi saltitante ao banheiro para lavar o rosto. Uma vez diante do espelho, reparou feliz em sua tez revigorada pela boa noite de sono. Estudou por alguns segundos a bem-disposta imagem refletida na superfície espelhada à sua frente e, dando-se por satisfeita, dirigiu-se ao *garde-robe* embutido do seu quarto. Sem qualquer pressa, escolheu meticulosamente uma roupa para sair, enquanto escutava *Sunday Morning* do Velvet Underground em seus fones de ouvido conectados ao seu aparelho portátil de áudio (recheado com uma coleção de álbuns obscuros dos Swinging Sixties e da Disco Era, e músicas de *dream pop* dos Awesome Eighties). Em frente ao espelho, Anne combinou diversos vestidos, calças, saias e blusas, até que, por fim, encontrou um *dress blend* que agradasse ao seu exigente gosto. Despiu-se então do pijama em padrão xadrez e iniciou um ritual muito particular. Tomou banho, secou-se, perfumou-se, vestiu-se e penteou-se em frente ao espelho. Uma vez arrumada, Anne passou uma leve base no rosto, colocou uma leve sombra nos olhos e, para dar um toque final, coloriu os lábios com um batom *rouge*. Trajou então um casaco bem justo de veludo vermelho-cereja semelhante a um redingote sobre uma blusa leve, *legging* de montaria preta e botinhas com lapelas de tecido xadrez, e um cachecol também enxadrezado, que enrolou em volta do pescoço. Aquele era seu traje preferido para um clima apenas levemente frio. Vestida em seu habitual apuro, com seus fones nos ouvidos e segurando sua máquina fotográfica a tiracolo, a jovem paciente saiu do quarto, fechou a porta atrás de si e seguiu radiante pelo corredor.

No caminho até o pátio, Anne deslumbrou-se ao perceber a claridade aconchegante do dia. Sabia que a exposição é um elemento crítico para os fotógrafos e que alguns lúmens a mais significavam fotos mais detalhadas e definidas. Desejou assim que todos os dias fossem tão ensolarados como aquele. Nada como um dia cheio de luz! Exclamou ela em pensamentos. Talvez agora conseguisse uma boa foto, ou mesmo a Grande Foto (almejava agora atingir a magnitude de um Man Ray). Nossos desejos mais românticos, no entanto, nem sempre podem ser atendidos em tempo hábil, mesmo nos dias mais perfeitos, sabia ela. Dessa forma, pensou, temos que capturar o momento. *Carpem diem!*

Animada para iniciar sua sessão de fotos, Anne saiu em direção ao pátio em um passo firme, exalando determinação e exuberância. Em sua aparência tudo era radiante e vivaz: a cor vibrante de seu casaquinho vermelho, o vigoroso tom rubi em seus lábios, sua maneira quase saltitante de andar de botinhas. Ao percorrer os corredores da clínica com sua câmera nas mãos, ela deixou para trás as más lembranças de seus reclusos dias e resolveu aceitar o tempo presente. Uma vez no pátio, ela inspirou e expirou fundo pelas narinas o ar matinal, sentindo seu refrescante perfume. Tudo estava mais luminoso, mais fresco e mais vivo. Aquela sutil transformação na paisagem surpreendeu Anne. Não seria esse um irrefutável sinal da calmaria após a tempestade? Indagou-se ela, tentando ser razoável, e olhou em volta para confirmar sua convicção embrionária de que teria um *perfect day*.

Apesar da amena temperatura, o começo de primavera em Lucerna transcorria com manhãs ainda frias e o pico do Pilatus mantinha intacta sua galante cobertura de neve. As primeiras

horas matinais (as favoritas da maioria dos pacientes) eram ótimas para um passeio pelo pátio, uma atividade bem mais prazerosa do que ficar dormindo até tarde, desfrutando sua *Frühjahrs müdigkeit* (ou letargia da primavera), como eles costumavam fazer no início da estação. Haviam passado, afinal, boa parte de sua vida adulta sem poder se deliciar com a plenitude do ócio das manhãs, ocupados apenas consigo mesmos e seus umbigos. Em Bünzli, porém, tinham tempo de sobra para apreciar a paisagem. Sob a sombra das castanheiras, alguns deles observavam os pássaros ou as borboletas sobrevoando as plantas, em que desabrochavam as primeiras flores. No clima cálido da manhã, esses absortos ociosos se aqueciam ao sol, contraindo e descontraindo seus membros superiores, à maneira de um felino a se espreguiçar vigorosamente até estalar as articulações. Outros, deitados relaxadamente de costas no gramado com as mãos apoiadas atrás da cabeça, admiravam as nuvens, olhando para o firmamento. Rostos apontados para o céu, abstraídos da realidade ou lívidos de prazer, eles pareciam desfrutar férias às margens do Mediterrâneo. Os pacientes mais dinâmicos e menos contemplativos, por sua vez, preferiam ficar sentados nos bancos do jardim, onde apreciavam as rosas vermelhas e os minúsculos pássaros escondidos nas copas dos carvalhos que se estendiam ao longo do pátio e serviam de abrigo do sol. Estar em Bünzli, imaginavam eles, era como se encontrar em um paraíso esquecido. Ainda mais quando não havia nada para lembrar ou se preocupar.

A maioria dos internos de Bünzli estava há mais de quatro meses em tratamento, e alguns deles se encontravam mais amnésicos do que outros. O método do Dr. Carl afetava distintamente cada indivíduo. Ao reprogramar seu cérebro, cada paciente adquiria uma renovada capacidade perceptiva e expandia sua sensibilidade. No pátio ou no jardim, espalhados por todas as partes da clínica, eles se reencontravam com o mundo. Vendo agora tudo como se fossem crianças, esses sujeitos deixavam seus julgamentos de lado e percebiam as pessoas como pessoas, e não mais como borrões na paisagem. Essa nova habilidade era aquilo que Dr. Carl chamaria de exercitar o ser-para-os-outros, o instante em que o ser-para-si de um indivíduo dá lugar ao *dasein*, e ele vive assim uma percepção conjunta do espaço, passando a sentir o que os outros também sentiam. Antes alheios por completo da realidade à sua volta, esses pacientes agora aceitavam o mundo como realmente era: maravilhoso e espetacular, amargo e cruel, celestial e infernal. Para testemunhar esse *new world*, portanto, era preciso estar mais próximo possível de suas formas e cores. Assim, graças assim ao deslumbramento que proporcionava aos internos, o passeio matinal passou a ser uma rotina imperdível. Esse hábito, contudo, causava alguns constrangimentos ao *staff* da clínica.

Muitas vezes, quando os pacientes desfrutavam seu costumeiro transe catatônico (a cada dois dias, mais precisamente, após uma sessão de Mnemodetox), os enfermeiros eram obrigados a ir buscá-los no jardim, segurá-los pelo braço e levá-los de volta para seus quartos em cadeiras de rodas. Alguns deles, distraídos em seu passeio, costumavam se omitir de deveres básicos, tais como se alimentar, escovar os dentes, agasalhar-se com um casaco nos dias mais frios ou pentear os cabelos depois de sair do banho. Não era raro vê-los sonambúlicos caminhando pelo pátio, vagando em um mundo de fantasias, uma atitude nada louvável para um cidadão sóbrio. O próprio médico os incentivava a sonhar acordados como uma maneira de tornar suas mentes mais flexíveis, até que pudessem chegar com facilidade a um ponto limítrofe em que realidade e sonho se misturassem. Segundo Dr. Carl, esse estado transitório entre a vigília e o sono ajudavam os pacientes a ter mais epifanias. Acreditava que, em estágio hipnagógico, eles

eram mais suscetíveis e receptivos ao mundo sensível, e eram capazes de perceber coisas que normalmente não perceberiam em seu estado mental ordinário. Dotados de uma mente mais clara e perceptiva, eles alcançavam aquilo que o médico chamava de Estado Agnóstico, em que podiam se abstrair da realidade consensual, romper seus nós cárnicos e expandir assim suas consciências rumo à iluminação. Nem todos, contudo, estavam interessados em abstrações, epifanias e nirvanas.

Mais sóbria (e também mais cética) do que aqueles amnésicos epifânicos, Anne circulava pelo pátio à procura de uma boa foto. Quem passasse por ali admiraria seu jeito gracioso de levar a câmera fotográfica junto ao rosto para flagrar algum momento fotogênico (sempre fechava um dos olhos ao acionar, por um décimo de segundo, o diafragma da máquina) e diria que ela levava bastante a sério seu passatempo. Mas Anne despendia mais esforço do que o necessário em uma atividade que outros julgariam apenas uma distração. Buscava, antes de tudo, a foto perfeita. Às vezes, no entanto, nada encontrava de interessante. Quando os pacientes se ausentavam para suas sessões, a Fortuna afastava-se e as chances desapareciam. Outras vezes, porém, ela era recompensada com preciosas expressões faciais. Nas fotos agraciadas pela boa sorte (e pela boa luz), eles posavam boquiabertos olhando para alguma nuvem sedutora, distraídos e desgrenhados, atraídos por alguma minúcia que pareceria muito importante para eles, mas não para alguém de fora de seu paracosmos. Nesse valioso instante mágico, distraídos e despreocupados, Anne podia flagrá-los do jeito que mais gostava: desfeitos da cama, mal agasalhados e despenteados. Incentivada por essa riqueza de material, ela colocava então em prática seu talento para a fotografia e tirava uma foto após outra, absorta em seu arrebatamento artístico. No exato momento em que enquadrava a objetiva de sua câmera na direção do senhor Tagliaferro (o italiano estava sentado em um banco de madeira, lendo seu exemplar de *Lavorare Stanca* de Cesare Pavese), ela ouviu de repente uma voz ressoar às suas costas.

— *Salii!* — saudou Antoine com uma repentina efusão verbal.

O tom e a inflexão dessa inoportuna voz chamaram instantaneamente a atenção de Anne. Havia algo de muito familiar em seu timbre artificialmente anasalado. Surpresa pela súbita saudade, ela retirou os fones dos ouvidos (interrompendo sua audição de uma música do Slowdive) e olhou para trás, desconfiada. Ao constatar que a voz pertencia a um rapaz trajado como se estivesse pronto para sair em uma caminhada pelas montanhas, a jovem pensou que Antoine era mais um dos inúmeros visitantes de Bünzli que, com certa frequência, vinham conhecer o lugar, esperando ter também sua chance de ser um dia desmemoriado. Essa constatação a irritou. Muito incomodava Anne ter visitantes por perto, sobretudo quando a observavam de uma maneira quase analítica. Embora aconselhados a se manterem a uma certa distância dos pacientes, eles eventualmente adquiriam uma ousada desenvoltura e arriscavam algum contato mais direto, algo que Anne detestava, pois, em geral, costumavam lhe fazer perguntas descabidas, atrapalhando assim sua concentração e interrompendo sua sessão de fotos. Nessas ocasiões, a fotógrafa reagia de sua maneira usual, cultivando pensamentos nada amigáveis. *Kuso!* Exclamava interiormente, aborrecida, lembrando impropérios em outras línguas (nesse caso, o japonês). Será que não podia trabalhar sem ser perturbada? Era necessário ter sempre alguém com “o bafo em sua nuca”, a interromper seu trabalho? Talvez, raciocinou ela, devesse colocar em suas costas um aviso como aqueles que se usam em quartos de hotéis: “Ne

pas déranger!” (ou em alemão: “Bitte nicht stören!”).

— *Guete Morge* — respondeu Anne, sem muito entusiasmo, em alemão suíço.

— *Wie goots?* — indagou Antoine.

— *Dangge, guet, und Sii?*

— *Alles Gueti* — disse Antoine e, em seguida, abriu os braços e espreguiçou-se. Deixou então de lado seu alemão e passou a falar em português: — Você escolheu uma boa hora para fotografar. É o momento mais luminoso da manhã. Veja como o céu está limpo, as montanhas brilham ao sol e o ar está fresco como nunca. Tudo parece exalar luz! — disse ele e respirou fundo o rico, doce e resinoso buquê do *Pinus Cembra* com seu balsâmico e frutado aroma, facilmente perceptível nos 436 metros de altitude que separavam Lucerna do nível do mar.

De súbito, Anne olhou hesitante para Antoine. Exalar luz? Ela estava mais intrigada por escutar um idioma infrequente do que pela curiosa sinestesia proferida. Em seu dia a dia, o português era uma língua pouco falada e escutada, mesmo em Lucerna (apesar que, alguns quilômetros dali, houvesse uma pequena comunidade portuguesa em Weggis, onde ela fizera um passeio, muitos anos antes, para praticar *boomerang* com seu ex-namorado). Em muitas ocasiões, ela escutara a língua lusitana falada com um acento tupiniquim pelos brasileiros que ali viviam, uma pronúncia que irritava seus ouvidos (sobretudo quando as palavras no plural perdiam o “s” final). Era, de fato, uma legítima surpresa para ela ouvir alguém falando em sua língua materna. Anne crescera escutando o idioma em casa (seus pais costumavam conversar discretamente no vernáculo gaulês, mas sempre discutiam em português). Desde que deixara a casa da mãe em Berna, praticando mais o francês e o alemão, ela se desabituara à língua lusitana. O português do rapaz, contudo, possuía uma familiaridade inegável (ainda mais por pronunciar corretamente “montanhas” com um “s” no final) Por essa razão, curiosa, Anne encarou Antoine com interesse. A insólita constatação a intrigou. Sua sorte parecia ter mudado para pior. Quem era aquele sujeito? Outro visitante de Marte? “Ah!”, exclamou ela para si. “Que outras surpresas estão me aguardando?”

— Você é novo por aqui? — quis saber Anne, abrandando seu tom de voz e disfarçando assim sua crescente irritação.

Apesar de falar fluentemente sua língua materna, nem sempre era agradável para Anne exercitar seu português com um estrangeiro. Desde que viera de Biel, ela conversara naquele idioma apenas com seu médico (ele vivera um bom tempo em Portugal e, apesar de seu acento da Baviera, ela compreendia satisfatoriamente bem o que dizia Dr. Carl, mesmo quando trocava o gênero de certas palavras em português — além da Língua de Camões, o médico também falava fluentemente inglês, espanhol, francês, italiano; lia em grego antigo e moderno, latim, ara-

maico e hebraico; e sabia um pouco de tâmil, árabe, sânscrito, mandarim, japonês e islandês). Além disso, escutar a língua falada por seus pais durante as discussões domésticas trouxe algumas más lembranças à jovem. Anne, contudo, preferiu ser a mais natural possível e não demonstrar seu desagrado a Antoine, que pareceu, por sua vez, desembaraçado em responder àquela inesperada questão.

— Estou aqui há uma semana — disse Antoine, exibindo uma certa empolgação. — E me parecem anos, na verdade. Tudo é tão familiar, tão conhecido, tão...

— *Mon dieu!* Uma semana apenas? — replicou Anne, tentando não demonstrar interesse por aquela repentina revelação. “E ainda não aprendeu boas maneiras?”, pensou.

— *Dieu* em francês vem da raiz *div* que significa “radiante”, sabia disso? — perguntou Antoine, mas ficou encabulado com a falta de interesse da garota. — É engraçado seu jeito de falar. Soou-me familiar. Será que nos conhecemos antes? Por acaso você viveu em Genebra ou no Rio de Janeiro? Ou talvez tenhamos nos conhecido em alguma outra vida. Acredita em transmigração das almas?

O que havia de engraçado em seu jeito de falar? Anne não entendeu aquela observação inusitada e, sem saber o que responder, baixou os olhos para sua máquina fotográfica. Sentiu-se constrangido pela ousadia do rapaz. Rio de Janeiro? O silêncio não durou muito.

— Meu nome é Anne... — disse ela, ignorando a pergunta do rapaz, ainda que estivesse bastante intrigada pelo comentário, e depois complementou, baixinho: — Se quer mesmo saber.

— E eu me chamo Antoine. *Enchanté*... — respondeu o jovem, sorridente. — Eu a conheço de algum lugar, embora não me lembre bem. Fui recente desmemoriado, sabe? De onde será que eu a conheço?

— Respondendo à sua primeira pergunta: sim, eu vivi no Rio; mas meus pais imigraram para a Suíça quando eu era ainda uma meninota. Não me lembro muita coisa de minha infância.

— Talvez nos vimos antes em algum lugar da Suíça. Morou em Genebra? Ou Berna? Ou Zurique? — indagou Antoine, em um tom esperançoso. — Seu rosto não me é estranho.

— Você se lembra de mim?

— Vagamente. Tenho uma ligeira impressão que já nos vimos — completou Antoine, franzindo

a testa e, após uma breve sondagem, sem conseguir lembrar de onde conhecia a jovem, acrescentou um tom levemente interessado à sua voz. — E você? Lembra-se de mim?

— Absolutamente nada. Nunca vi ninguém mais estranho — disse Anne, agora mais aborrecida do que desconfiada.

Nesse momento, uma enorme *cumulonimbus* encobriu o sol. De frente um para o outro, Anne e Antoine buscavam relembrar com dificuldade de onde se conheciam. Diante do recém-chegado, a jovem fotógrafa não sabia o que dizer. Um *strange stranger* surgia do nada e começava a lhe encher de perguntas sem cabimento ou contexto, atrapalhando sua sessão fotográfica e perturbando sua concentração. Por que a Fortuna às vezes era tão imprevisível? Indagava-se ela, um tanto perplexa por pensar novamente no destino, um pensamento que sempre a perseguia ao entrar em contato com estranhos. Com seu poder indomável, o karma de Anne agia nos momentos mais inoportunos. Na verdade, ela detestava ser interrompida quando estava ocupada. Não gostava de parar o que estava fazendo para dar atenção a um desconhecido. Distrações a impacientavam, e ela, apreensiva, era incapaz de dialogar com civilidade. Em momentos de grande concentração, ela não conseguia pensar em nada a não ser em concluir o que estava em andamento. Aquele encontro era, de certo modo, mais uma interrupção indesejável do que um acontecimento extraordinário, pensava a jovem. Nada comparável, por exemplo, ao encontro do Linus Larrabee e Sabrina Fairchild. Não havia nenhuma promessa de alegria naquele *Chance Meeting*. Ou seja, tudo era apenas um mero *déchéance*, um *gap* em seu fluxo de pensamento. Após uma breve pausa, Anne ficou impaciente e quis seguir seu caminho. Parte de seu ambiente de trabalho, o jardim a seduzia com suas possibilidades estéticas, com suas vistosas e atraentes cores, realçadas pelo sol da manhã e pelas douradas nuvens no firmamento, que pareciam saídas de uma tela de Jacob van Ruisdael. Antoine, por outro lado, queria continuar a conversa. Estava interessadíssimo em Anne. Naquele instante, sua curiosidade encontrava-se no ápice.

O sentimento, contudo, não era mútuo. Anne não demonstrou o mesmo entusiasmo por conhecer Antoine. Sem encontrar qualquer receptividade em sua colega, o jovem *provocateur* desviou por um instante seu olhar para a escultura do centro do pátio e ali pousou sua atenção. Aquela visão doméstica estimulou de imediato sua memória. A estátua lhe lembrou coisas boas e ruins (sobretudo coisas ruins). “Talvez eu precise de um lugar mais alto para saltar”, pensou ele, mirando o telhado da clínica.

— *Bien... excusez-moi! J'y dois aller* — disse Anne, segurando firmemente sua máquina diante do peito, como se exibisse o motivo de sua pressa. — Preciso ir. Vou fotografar mais um pouco.

— *Comme t'en veux* — respondeu Antoine com polidez. — Fique à vontade. Não quero atrapalhar. Estarei por aqui até terminar meu tratamento. Quem sabe voltemos a conversar.

“Tomara que não”, pensou Anne e (despedindo-se com um “adiéu!”) afastou-se na direção do

jardim, na mira de algum tentilhão. Quando estava cansada de fotografar pessoas, Anne encontrava nos pássaros uma alternativa mais tranquilizadora e um tema mais alegre para suas sessões artísticas. A serenidade do reino aviário moderava o excesso das emoções humanas com suas ruidosas manifestações. À procura de um novo alvo para suas fotos, Anne distanciou-se do pátio para sondar o jardim. Alguns metros adiante encontrou um pardal trepado em uma árvore e tirou dele uma bonita foto, apesar do minúsculo animal ter ficado muito pequeno no enquadramento do instantâneo. “Por que aquele *fou indiscret* pensou que eu vivi em Genebra?”, indagou-se Anne, ainda um tanto chateada, segurando sua máquina a tiracolo. “E se, por acaso, encontrá-lo de novo por aí? Seria outra coisa a mais para me aborrecer. Que modos abomináveis... Onde ele aprendeu a se dirigir às pessoas dessa maneira?”, pensou a jovem, exercitando seu *criticism*. “Esses inoportunos estão sempre se intrometendo onde não são chamados. E bem na hora em que eu estava tentando tirar uma boa foto. Que ódio! Quem aquele *type* pensa que é? *Une petite bête, naturellement...*”, concluiu, um tanto aborrecida. Sentindo-se insultada pela inoportuna observação, Anne tentou imaginar então que tipo de *danshi* seria Antoine (ela preferia utilizar o termo japonês *danshi* para se referir aos homens). Desde que começara a fazer um curso de línguas orientais em Berna, alguns anos antes, ela aprendera um sistema especial de classificação (inventado pelas japonesas) que levava em conta o grau de agressividade dos tipos masculinos. Esse sistema era um pouco parecido com o esquema dos verbos utilizados no *kobun*, ou japonês arcaico. Cada verbo (fosse ele um *ichidan*, um *nidan* ou um *henkaku*) possuía o seu próprio sabor e especificidade. Assim como os verbos arcaicos, cada tipo masculino possuía seus próprios atributos. Anne havia memorizado alguns deles. Seria o novo paciente um *soshoku-kei* (ou seja, o equivalente a um homem herbívoro, um sujeito similar a um *yakitori* — um prato preparado com frango frito)? Indagou-se a jovem. Ou, pelo contrário, seria ele um *danshi* clássico (chamado de *nikushoku-kei danshi*, termo utilizado para designar os homens carnívoros)? Antoine, no entanto, demonstrava ser um tanto inquieto e desengonçado. Anne sabia que os *soshoku-kei danshi* não eram muito dinâmicos. Eram sujeitos sossegados. Talvez Antoine estivesse em um meio-termo entre esses dois tipos. Moderadamente ativo, embora exageradamente receptivo. Quem sabe não seria um *roru kyabetsu danshi* (o equivalente ao *yoshoku*, um prato feito à base de repolho cozido recheado com carne)? Apesar desse raro tipo aparentar ser um herbívoro, ele comparava-se, de fato, a um carnívoro disfarçado (ou um lobo na pele de cordeiro). Anne, no entanto, não viu nada de bestial em Antoine. Sua mansidão provocava dúvidas na jovem. Havia ainda a possibilidade de Antoine ser um *asura bekon-maki danshi* (aquele tipo que se comparava a um prato composto de aspargo envolvido em bacon), homens aparentemente carnívoros, mas que, transcorrido algum tempo, revelavam-se herbívoros em sua essência. Algumas dessas categorias masculinas Anne conhecia muito bem de seu convívio escolar com imigrantes e estrangeiros de todas as partes do mundo. Alemães, suíços (de diversos cantões), franceses, italianos, espanhóis, latinos, cada nacionalidade tinha suas peculiaridades, ainda que todos se parecem entre si. Além desses tipos comuns, existiam, por fim, os extremos como o *zasshoku-kei danshi*, o homem onívoro, e os *zesshoku-kei danshi*, homens considerados com interesse zero em mulheres, que Anne confessava não ter muito conhecimento. O recém-conhecido, porém, não se encaixava em nenhuma dessas classificações. Teria finalmente encontrado um *zesshoku-kei*? Talvez nada disso fosse válido para rotular Antoine. Talvez ele fosse apenas mais um desligado, concluiu Anne.

Antoine, por sua vez, ao ver Anne se distanciar em direção aos arbustos do jardim, percebeu um gosto diferente na boca. Passou a língua pelos dentes e, ao sentir gosto de sangue em sua boca, constatou que suas gengivas estavam sangrando. Nesse momento, olhou para o firma-

mento e suspirou profundamente como um clássico melancólico, contemplando por algum tempo o céu coberto por uma enorme nuvem em forma de cordeiro. Absorto, ele procurou esvaziar sua mente de quaisquer dúvidas ou preocupações. Sorriu ao relembrar que estava amnésico e que o Brasil era agora uma página virada em sua vida. O recente encontro com Anne, entretanto, não saiu de sua cabeça. Tinha a ligeira impressão de já ter visto aquela garota em algum outro lugar. Mas quando? Ou, melhor ainda, onde? Desde que iniciara seu tratamento de desmemoriação, sua memória já não era mais a mesma, até mesmo para reconhecer certos sotaques ou acentos, antes facilmente reconhecíveis. No Brasil, acostumara-se à divertida palatalização das consoantes oclusivas das regiões mais ao Norte do país, e também à monotonação dos ditongos decrescentes orais e à ditongação das vogais antecedendo as sibilantes nas regiões mais ao Sul (sem falar do sigmatismo e da anquiloglossia dos presidentes brasileiros). Andando pelas ruas do Rio, estava habituado a todas as peculiares características dos dialetos regionais falados pelos brasileiros. Mas, de volta a Suíça, tudo lhe soava familiar em sua estranheza. Agora acostumado ao modo de falar do carioca, parecia ter reconhecido sons familiares na fala de Anne. Teria notado um chiado em sua pronúncia do “mas”, na sentença “mas meus pais”? Era um sibilo suave e quase imperceptível, muito característico do acento carioca, que fazia “mas” soar como “máish” ao se pronunciar o “s” final como uma fricativa pós-alveolar surda, quando essa se encontra diante de outra consoante também surda mas não fricativa. Como “meus pais”, porém, não havia sido pronunciado como “meush páish”, ele pensou então que estava imaginando coisas. Encantara-se à toa. Talvez ele tivesse ouvido apenas o que queria ouvir. Havia sido de novo traído por suas lembranças. Certas memórias ainda o confundiam. Sua mente divagava com facilidade a qualquer mínimo detalhe. Uma ligeira intolerância surgira em seu estado de pureza mental, como uma criança inconformada com um brinquedo desgracioso. “Bobagens”, pensou ele. “Nada disso tem mais importância agora. Estamos na Suíça! Temos línguas distintas para pessoas distintas.” Esse pensamento pareceu tranquilizar o jovem sonhador, e ele respirou fundo, aliviando assim sua ansiedade. Algum tempo depois, o gosto de sangue saiu de sua boca.

A certa distância dali, afastando-se em direção ao jardim, Anne fotografou alguns pacientes adormecidos no gramado. Distraiu-se tirando fotos de suas expressões serenas, até que as nuvens subitamente revelaram os luminosos raios do sol da manhã. Hipersensível à claridade, a jovem levou seus óculos escuros ao rosto e foi procurar refúgio sob as sombras das árvores. Enquanto Anne refugiava-se da luz, Antoine buscava iluminar seus pensamentos.

A aparição do Sol teve um efeito tranquilizador no jovem paciente. Uma das coisas boas do Mnemodetox, refletiu ele, era essa capacidade de pensar mais claramente. De fato, o céu suíço afetava positivamente sua mente. Quando vivia no Rio de Janeiro, ele acostumara-se às altas temperaturas dos ensolarados dias cariocas, com seus intranquilos banhistas semidesnudos a dividir cada palmo de areia com os vendedores ambulantes, os hippies anacrônicos sentados com seus badulaques e miçangas no calçadão da orla, os farmacêuticos ilegais disfarçados de pagodeiros e os larápios de plantão. O calor misturado à visão das favelas provocava-lhe sentimentos contraditórios. Admirava-se das pessoas que todos os dias desciam o morro para ir trabalhar na Cidade Maravilhosa, muitas vezes em busca de um sonho particular por uma vida melhor, e ali encontravam um pesadelo coletivo. Sempre que contemplava as favelas, Antoine não deixava de pensar nos aberrantes contrastes sociais dos países latino-americanos e respeitava os cariocas por sua luta inglória. A cena era realmente tocante, para não dizer assustado-

ra. Por um átimo, Antoine sentiu uma certa saudade do Brasil. Tudo o que se podia imaginar acontecia naquele país repleto de peculiaridades. Por mais que alguns se esforçassem para melhorar, outros, mais acomodados, preferiam deixar tudo como estava. Em consequência disso, o trem do progresso nunca saía do lugar. Era tudo tão caótico! Apesar de uma nação tão bagunçada e as pessoas não pensarem com clareza, porém, havia algo de profundamente humano em toda aquela desorganização, pensou Antoine.

Parado no meio do pátio, banhado pelos raios do sol da manhã, Antoine sentiu uma aconchegante sensação de bem-estar invadir sua atormentada alma. Sentia-se realmente bem com seu tratamento. Respirava até melhor agora. O ar parecia penetrar em seus pulmões e levar oxigênio ao seu cérebro com mais eficiência. Percebeu seus músculos mais energizados e seus órgãos internos funcionando a contento. Reanimado e recarregado, ele vagou pelo pátio em direção ao jardim. Não demorou muito e voltou a pensar em insondáveis questões taxonômicas (relembreadas de suas conversas com Dr. Carl). E se a garota fosse mesmo uma colérica? Indagou-se ele, meditando, penetrando no vistoso jardim de Büngzli, e deambulou a esmo por entre suas plantas e arbustos, apreciando o cheiro das flores e das resinas silvestres, e sentindo-se um tanto melancólico ao refletir em seu recente encontro.

Anne, de fato, afetara a sensibilidade estética de Antoine. Comparando a garota a um violino, ele diria que a jovem era um tanto desafinada para seu gosto (embora possuísse um lirismo mahleriano). Talvez fosse ela a paciente a quem Dr. Carl se referira em suas conversas anteriores, pensou Antoine. Teria encontrado finalmente a mulher que o tiraria de sua inércia melancólica? Indagou-se ele. Permaneceu algum tempo pensativo, em uma demorada reflexão sobre a diferença entre os variados tipos psicológicos. Caminhou por um bom tempo pensativo, até que, uma vez no jardim, ficou a olhar para o céu. Em momentos muito particulares da manhã, ele sempre se admirava ao voltar os olhos para as nuvenzinhas brancas que flutuavam acima de sua cabeça. Cultivava memórias recônditas de seus livros infantis, com suas ilustrações rechonchudas e suas histórias mirabolantes, lidos quando ainda era um colegial (Hillaire Belloc era seu favorito). Ele adorava ler seus relatos divertidos de uma infância perdida (na época, as bucólicas e misteriosas histórias de Arthur Machen o deliciavam e o faziam sonhar com *strawberry fields*, além de outros autores eduardianos, de preferência Jerome K Jerome, Lord Dunsany, Thomas Hardy, Edgar Wallace e P. G. Wodehouse, ou mesmo autores fantasistas mais tardios como Mervyn Peake e Michael Ende). Ainda que tenham sido a base de toda sua educação sentimental, dessas leituras Antoine guardara apenas algumas reminiscências superficiais. Quantas vezes, distraído, não imaginara alguma cena retirada das *Mil e Uma Noites*, ou das *Aventuras de Gulliver*? Passara boa parte de sua infância contemplando o céu azul como uma tela em que desenrolavam as mirabolantes cenas e imagens de suas mais loucas fantasias. Contudo, ao olhar para o azulado firmamento, Antoine exercitou uma atitude mais aberta e reflexiva, seguindo as orientações de seu médico, uma vez que tinha sido recentemente iniciado por Dr. Carl nos mistérios da fenomenologia.

Todos os pacientes de Büngzli eram incentivados a exercitar uma atitude fenomenológica diante do mundo. O exercício mental, muito empregado pelos filósofos da Escola de Husserl, era um meio eficaz de atingir o estado contemplativo necessário para se perceber os fenômenos com mais clareza. Essa tarefa de observar atentamente o objeto de análise devia, contudo, ser

exercida com intencionalidade e livre de qualquer tipo de julgamentos. “Consciência é sempre consciência de algo (e esquecimento de outrem), diziam os fenomenologistas”, explicou Dr. Carl. “Desde que Husserl afirmou que o sentido (ou *Sinn*) é preexistente à experiência como parte da consciência, os estudiosos passaram a observar a realidade por outro ângulo. Até aquele momento, a observação científica preocupava-se apenas com evidências, ignorando aquilo que não é evidenciável. Para o mestre alemão a atitude natural, não-fenomenológica, faz com que as pessoas olhem o mundo de maneira ingênua, como se habitassem em uma realidade apenas de objetos. Mas os objetos, na verdade, dependem do ponto de vista e do nível de atenção do observador, ou seja, eles estão atrelados à consciência, e a consciência, por sua vez, é sempre consciência de algo. Mediante a intencionalidade e mediante também a um ato consciente, essa consciência cria sentido como compreensão de algo que é, de algo essencial. Essa concepção da realidade é conseguida por meio da redução eidética, um procedimento metódico de reeducação sensorial que leva à percepção das essências. Ao contemplarmos as aparências como ilusões, podemos ir mais longe e nos aprofundar em sua verdade. Dessa forma, o eu da filosofia (ou seja, o eu que pensa) precisa superar o eu mundano a fim de penetrar no que é real. ‘Superar’, afirmo, no sentido de mantê-lo sob controle, sem negá-lo ou rejeitá-lo. Para o fenomenologista, o mundo é pressuposto como base do trabalho mental, ele existe a priori em nossa consciência. Por isso precisamos estar mais atentos ao que vemos. Há mais coisas sobre o Céu e a Terra do que podemos imaginar, penso eu. Mas, uma vez conscientes do mundo em que vivemos, deveremos descobrir posteriormente outras respostas para novas questões. Será o real, de fato, real para nós?” Embora utilizasse algumas técnicas desenvolvidas por Husserl, Dr. Carl tinha, entretanto, algumas restrições ao método fenomenológico. Essa “subjetividade transcendental absoluta” almejada pelo notório filósofo morávio, segundo o médico, não devia levar ao solipsismo, mas a uma maior compreensão de nós mesmos e da realidade que nos cerca. “Como um espectador desinteressado, o ego fenomenológico não é apenas um mero polo de experiências e atos, mas visa ganhar, por meio da empatia, um acesso aos outros. Para esse intuito, é preciso que o ego se reduza à pura consciência, buscando olhar sua realidade como um lugar não apenas de aparências, mas também de essências. Por meio dessa prática o indivíduo pode voltar a perceber o mundo como um espaço compartilhado com outros seres. Essa apreensão das essências nos aproxima mais do Outro, escreveu o Pai da Fenomenologia. Por meio da intersubjetividade, o eu transcendental husserliano se insere no mundo tanto como observador quanto como participante.” O médico definia essa consulta subjetiva à experiência vivida como uma “maneira oriental” de ver o mundo, referindo-se aos japoneses e sua capacidade de ver alma em todas as coisas, mesmo nos pequenos objetos do dia a dia. Ou ainda naquilo que não parecem objetos, como os robôs, andróides ou filmes de animação. Iniciado pelo médico em seu método fenomenológico, Antoine logo passou a praticá-lo sempre que podia.

Distraído a contemplar o firmamento, Antoine admirou a visão do céu cerúleo. Que espetáculo! Nesse ponto, pensou ele, Büngzli havia sido agraciada com o que havia de mais belo na face da Terra. Nuvens em forma de *barbe à papa* flutuavam sobre os cumes das montanhas, seguindo uma atrás da outra, formando uma fila simétrica a se mover em andamento *rallentando*, arrastando-se vagarosamente para fora do campo visual do observador. Toda essa suave movimentação celestial chamou a atenção de Antoine. Seria aquilo um exército de mercenários em marcha para uma decisiva batalha em uma terra distante? Ou talvez o exército de *yoguinís* de Lalita Tripurasundari preparando-se para enfrentar os demônios de Bandhasura? Ou seriam apenas tuaregues vagando no deserto do Saara montados em seus vagarosos camelos? Ao exercitar suas fantasias, Antoine imaginou uma morosa caravana passando no céu, se-

guindo um rumo indeterminado, provavelmente rumo ao onírico Oriente. Qual seria seu fabuloso destino? Quis saber o jovem sonhador, fantasiando como de hábito. Por fim, voltando a si, Antoine assumiu uma atitude mais natural (ou seja, uma contemplação sem intencionalidade) e sorriu. Ver as nuvens como viajantes espirituais fez com que sentisse menos melancólico. Quis, nesse instante, conversar com alguém.

Nada como sonhar um pouco para melhorar o humor dos tipos fantasiosos. Embora tenha tido suas fases tristonhas, Antoine considerava-se um otimista. Desde criança, suas fantasias o ajudaram a ter esperança em um futuro melhor, e também a tolerar seus pensamentos negativos. Ao amadurecer, no entanto, perdeu sua capacidade de fantasiar e se converteu em um jovem um tanto triste e amuado. Mas as fases de cada indivíduo mudam de acordo com as estações. A fase ruim de Antoine havia passado e sua passagem por Büngzli acenava agora com boas possibilidades para o futuro. O maior benefício que ele percebera no tratamento do Dr. Carl foi um acentuado aumento em seus *daydreams*. Seus sonhos até mesmo pareciam mais coloridos. Essa mudança em seu estado mental o animou. Sentiu-se mais feliz com a renovação de sua antiga capacidade de imaginar coisas. De fato, desde sua chegada a melancolia não mais o perseguia com seus efeitos deletérios. Seu humor melhorara bastante com as sessões de Mne-modetox. Por enquanto, confabulou Antoine, o método do Dr. Carl era um sucesso, e ele não tinha do que reclamar. Nunca conversou tanto em sua existência.

De fato, os primeiros resultados do tratamento trouxeram a Antoine um otimismo nunca antes experimentado. Após duas sessões de Mne-modetox, recuperado da confusão inicial e de outros efeitos colaterais da desmemoriação, suas memórias do passado tornaram-se cada vez mais indefinidas e distantes, e ele não conseguia se lembrar muito bem dos dois anos que vivera no Rio de Janeiro. Sentia-se agora mais animado, mais energizado e até mesmo mais viril. Além do esquecimento das más lembranças tropicais, a amnésia inicial do tratamento trouxe também uma sensação de leve torpor, semelhante àquela experimentada durante a sonolenta travessia de um túnel ou uma decolagem para o espaço sideral, antecedendo alguma viagem fantástica em um sonho de categoria C (sonhos quiméricos, segundo a classificação do jovem sonhador). Esse inusitado efeito do tratamento intrigava Antoine. Em uma das conversas com seu médico, ele procurou saber mais sobre essa excêntrica peculiaridade do Mne-modetox.

Sentado na confortável poltrona de seu consultório, Dr. Carl pacientemente explicou a Antoine que muitos desses efeitos colaterais indesejáveis do tratamento não podiam ser de todo suprimidos, exceto por conta de algum tipo de medicação, um recurso ao qual o especialista era totalmente avesso. Segundo ele, esse torpor estava vinculado a um sensível avanço no processo de desmemoriação. À medida que o paciente desativava uma parte de sua memória, explicava ele, outras eram ativadas em contrapartida. Era um bom sinal, certificou o especialista. A neurogênese era um dos efeitos mais benéficos da amnésia, salientou ele, apesar da confusão inicial experimentada pelo paciente. Até que construam novas conexões neuronais, o amnésico parecerá um tanto desorientado. O médico explicou, por fim, que esses desagradáveis efeitos logo passariam, e Antoine, aliviado, aceitou aquela afirmação sem questionamentos. O Mne-modetox, afirmava Dr. Carl, era um processo quase seguro (exceto por alguns raros casos de catonia, provocados por uma aguda perda de memória motora). Em suas conversas anteriores, o especialista fizera questão de revelar ao paciente a evolução de seu método. Esse *medi-*

cal chat ainda se conservava fresco na renovada memória do jovem paciente.

Por muitos anos, Dr. Carl esforçou-se com afincos para aperfeiçoar um método seguro de desmemoriação. Em sua época de estudante na faculdade, ele dedicara-se exaustivamente a uma investigação mais profunda sobre a mente humana, um tema que o fascinou desde quando ganhou seu primeiro modelo do corpo humano na infância (tenra e passageira fase em que aprendera a montar e desmontar tudo o que encontrara pela frente). Esse interesse não feneceu depois de sua graduação e seu doutorado. Após terminar seu ciclo de palestras internacionais, um pouco antes de abrir sua clínica, o pesquisador decidiu pôr em prática tudo o que aprendera em suas viagens pelo mundo (ainda que suas incursões orientais tenham sido mais frutíferas do que as ocidentais). Viveu em diversos países da Ásia, investigando as diversas técnicas dos yogues, sadhus, tântricos, taoístas e monges budistas, conversou com sacerdotes, homens santos e *jivanmuktas*, coletou dados e até mesmo experimentou alguns de seus métodos. Foi um período frutífero em sua vida. Meditou em cavernas, peregrinou aos lugares sagrados, fez abluções e jejuns prolongados (nos quais podia comer apenas um pouco de papa de arroz com *ghee*), e até mesmo jogou pétalas aos ídolos das deusas e realizou um *abhisheka* derramando leite no *lingam* de Shiva em um templo hinduísta, em Tamil Nadu. Os novos hábitos transformaram sua alma germânica, e ele adquiriu aos poucos uma aversão pelos costumes ocidentais, assim como os teosofistas antes dele. Julgava deplorável o desdém ocidental por aquilo que era considerado sagrado pelos indianos. Demoraria, entretanto, um bom tempo tentando se adaptar a uma nova cultura, até perceber que os hábitos mais arraigados não podem ser facilmente mudados. Aprendera muito com os mestres hindus, mas sentiu que era hora de voltar para casa. Após retornar do Oriente e fazer seu doutorado nos Estados Unidos, Dr. Carl decidira fazer uma séria pesquisa sobre o êxtase religioso. Para esse louvável intento, entrevistou dezenas de pacientes que passaram por algum tipo de experiência sobrenatural (desde abduções alienígenas até transe extáticos, incluindo ainda delírios alucinatórios com dragões, serpentes gigantes, ou mesmo entrevistas com Satã ou com um *illuminati*). Seus relatos contribuíram com relevantes informações ao médico, sistematicamente catalogadas e comentadas. Com as sessões amnésicas, ele passou a recolher o resultado de seus experimentos, sempre anotando diligentemente as falhas a serem melhoradas. Em seus primórdios, o tratamento não possuía uma taxa satisfatória de aceitação. Os desmemoriados reclamavam de sua confusão mental, de sua incapacidade de memorizar até mesmo um pentâmetro iâmbico, e queixavam-se também das inesperadas visões celestiais. Essa fase inicial da pesquisa exibia mais erros do que acertos. Foram anos de duro aprendizado. Após se ver livre do trabalho monótono e *soul crushing* do atendimento hospitalar, o experiente investigador decidiu ser um pioneiro em um novo caminho dentro da medicina. Dr. Carl contou a Antoine um pouco de suas primeiras experiências cirúrgicas.

Do início de sua carreira até seu apogeu em Büngzli, o médico havia coletado centenas de informações que ele julgava serem muito importantes para atingir seu propósito empresarial de conquistar uma fatia do mercado terapêutico. Buscou criar assim um produto que fosse simples, atraente, eficaz e vendável. Queria encontrar um método que unisse o útil ao agradável, ou seja, a saúde mental dos pacientes à saúde financeira de Büngzli. Mediante sua pesquisa sobre a leucotomia de Egas Moniz, ele se aventurou a cortar fisicamente as conexões do córtex pré-frontal de seus pacientes utilizando um laser. Tencionava assim tornar seus pacientes mais atentos ao bloquear seus incontroláveis impulsos instintivos e desbloquear seu raciocínio

lógico intuitivo. A princípio, o procedimento pareceu exitoso e eficiente, até que as vítimas, descontroladas e angustiadas, começassem a desenvolver um fabuloso apetite por comida e a ganhar tanto peso corporal que era necessário despachá-las para uma clínica de emagrecimento. Outros ainda, incapazes de sentir qualquer emoção ao reconhecer rostos familiares, desenvolveram Síndrome de Capgras (transtorno também conhecido como *l'illusion des sosies*, em que, crentes que seus maridos haviam sido substituídos por impostores, as esposas se queixavam de ter um estranho dentro de casa). No final, o procedimento de cortar o cérebro teve um resultado frustrante. Com esses primeiros fracassos, o médico tentou ser um pouco mais cuidadoso e resolveu então experimentar de um método menos agressivo ao *nucleus accumbens*, região do cérebro responsável pelos prazeres da mesa.

No novo método (chamada de versão Beta 2), Dr. Carl fez diversas melhorias técnicas. Antes de efetuar qualquer intervenção cirúrgica em um enfermo, era necessário fazer antes uma exploração de suas regiões cerebrais, mapeando as áreas mais profundas desse complexo órgão. Instrumentos de última geração, dotados de uma impressionante precisão matemática, esquadrinhavam as fronteiras do cérebro em busca de determinados padrões neurais (entre os vinte e dois padrões *maiores* e os cinquenta e seis padrões *menores* reconhecidos pelo médico). Estimulados pela exibição de uma sequência de imagens fotográficas, os nervos óticos ativavam determinadas regiões do cérebro e um sistema especialista fazia o mapeamento das sinapses ativadas. Por conta da mimética natural realizada pelos *mirror neurons*, essas sinapses armazenavam as impressões captadas na realidade objetiva sob a forma de padrões mentais, transformando a realidade consciente em memória inconsciente, criando assim uma ponte entre o real e o virtual, o objetivo e o subjetivo. Efetuado então todo o mapeamento do cérebro do paciente, a equipe médica do Dr. Carl trabalhava com agilidade para identificar a localização exata das regiões precípua a serem tratadas. O primeiro passo da desmemoriação era mapear as más lembranças. O mapeamento da memória era uma das partes mais importantes do método adotado em Bünzli, sem o qual não podiam ser executados os passos seguintes. Uma vez detectadas as regiões mais críticas do cérebro do seu paciente, o cirurgião abria em seguida diversos orifícios no crânio a fim de atingir as áreas mapeadas. Finos eletrodos eram introduzidos nas aberturas craniais em um ângulo correto até atingir o córtex cerebral. Após esse procedimento, injetava-se ar no tecido, e a equipe médica era guiada ao alvo previamente mapeado. A ponta do eletrodo era então aquecida e encostada no tecido nervoso, provocando uma minúscula lesão no delicado órgão. A cada microqueimadura, o paciente era instado a se lembrar de algo de sua história. O médico lhe fazia perguntas, e ele respondia de acordo com o que se recordava. Essa era a maneira de, pouco a pouco, medir o efeito do procedimento sobre o cérebro em operação. Muito cuidado devia ter tomado nessa fase. Se essas lesões fossem feitas no córtex, na amígdala e no hipocampo cerebral, eram capazes de apagar uma boa parte de sua biografia. Essa técnica, entretanto, tinha também suas desvantagens. Por conta desse tratamento tão invasivo e imprevisível (era normal o eletrodo aquecido afetar alguma parte do sistema límbico ou alguma outra região limítrofe ao alvo, afetando para sempre a vida sexual do pobre sujeito) e de resultado incógnito, os pacientes costumavam sofrer uma completa infantilização, caso a região incorreta fosse danificada. Uma vez que o córtex ou o tálamo havia sido lesionado, as consequências eram imprevisíveis. Alguns regrediam a um estado tal que era necessário reeducá-los novamente em uma escola primária. Muitos deles nunca voltavam a aprender ou memorizar novas informações, pois eram incapazes de fixar o que aprendiam. Esses insucessos demonstravam apenas que o método estava ainda longe de alcançar os resultados esperados. E assim, para não transformar sua clínica em um *kindergarten*, o médico resolveu procurar outro método mais eficiente.

Meses depois, ao empregar uma antiga técnica desenvolvida no século vinte pelo neurologista Friedrich Megendorfer, o médico encontrou, por fim, o que tanto procurava. Baseada na capacidade do corpo humano de gerar eletricidade e transformar energia nervosa em energia positiva, a técnica era capaz de alterar profundamente o estado mental do paciente. Por esse novo método, Dr. Carl adquirira um maior controle operacional. A intervenção cirúrgica não envolvia nem cortes no cérebro, nem furadeiras ou eletrodos aquecidos, e era completamente indolor (se fosse feita uma prévia anestesia, obviamente). Incorporado à versão Beta 3, outras grandes melhorias foram acrescentadas ao tratamento padrão, entre elas a não-invasividade. A testada e aprovada versão Alpha Plus se converteria assim em seu carro-chefe, ao inovar com distinção profissional sua maneira de operar neurocirurgicamente. Esse era o método atualmente utilizado no tratamento da maioria dos pacientes de Bünzli. O próprio Antoine, logo após sua chegada, passaria por esse mesmo processo com bastante êxito, reafirmando a segurança da nova técnica desenvolvida pelo médico. Bastou apenas uma sessão de Mnemodetox para que Antoine se surpreendesse com os primeiros e risonhos resultados do método.

Embora não possuísse qualquer lembrança de sua entrada na Unidade Intensiva de Mnemodetox, Antoine seguiu à risca todas as instruções dos enfermeiros para se manter calmo e aguardou, sentado sob o aparelho de desmemoriação (um modelo apelidado de Alexandre Godfrey, em homenagem ao inventor do primeiro secador de cabelo, uma engenhoca que utilizava um fogão a gás para seu aquecimento). A princípio, incomodou-se um pouco com as erupções do inconsciente. Lembranças e mais lembranças surgiam uma atrás da outra. Antoine sentiu-se então em um liquidificador, chacoalhando e girando em um carrossel de emoções. Mas as lembranças logo cessariam e sobreviria um estado semelhante ao sono. Nesse estágio seminebuloso, imagens fixas permaneciam por alguns minutos projetadas na região entre suas sobrancelhas: um triângulo, três triângulos, nove triângulos, ou dezenas deles distribuídos em círculos, coloridos mosaicos e arabescos, além de pétalas de flores, cidadelas, deusas hindus, mandalas e *yantras*. Noventa minutos mais tarde, ao ser finalizada a sessão, os efeitos levaram o paciente a um novo platô perceptivo. Com sua mente mais clara, Antoine levantou-se da cadeira cirúrgica e caminhou executando movimentos suaves e vagarosos como um dançarino de Butô. Sentiu-se nesse instante mais contente e sociável (sem falar da sensação de ter um terceiro olho entre as sobrancelhas). Ampliada pela sincronia entre os hemisférios, sua imaginação estava no auge. Tudo parecia mais colorido e vibrante. Ao término de sua sessão inicial, o paciente não reclamou de nenhum incômodo físico ou enjoo, apesar de permanecer algum tempo em uma completa inépcia para pensar em qualquer coisa. Que engraçado! Observou ele. Percebeu, alguns minutos depois, que estava em um lugar desconhecido e não sabia o motivo. Era tudo tão estranho! Um bocado mais sóbrio ao término do procedimento, o sorridente médico tocou com cuidado o paciente e mostrou a ele seu velho violino. Indagou se Antoine conseguia identificá-lo, e o desmemoriado o observou com curiosidade. Ao reconhecer o instrumento, enfim, o jovem sorriu e se encheu de confiança. Tomado de uma impetuosa empolgação, aventurou-se até mesmo a tocar seu violino. Queria presenciar uma vibrante música surgir da sensibilidade de suas cordas.

Instigado pelo médico, Antoine segurou seu violino e o posicionou entre o queixo e o peito. Por um instante, sentiu a delicadeza do instrumento, percutindo suas cordas com o dedo em um contínuo pizzicato a fim de testar sua afinação. Explorou todo seu corpo de madeira, apalpan-

do suas curvas com suavidade. Satisfeito, pegou o arco que o médico lhe estendera e constatou que ainda era capaz de deslizá-lo sobre as cordas do violino e tirar delas o mais fino som. Com habilidade, Antoine conseguiu executar toda a Sonata do Diabo, sua peça favorita no instrumento. Ele aprendera a tocar a obra setecentista de Giuseppe Tartini quando ainda era criança, uma fase de sua vida em que podia aproveitar seu tempo livre dos estudos para ensaiá-la à exaustão. Executou afinadíssimo toda a composição, movimentando-se com desenvoltura, sem errar sequer uma nota. Fez tudo com apurado esmero e um profissionalismo impecável. Por fim, após essa bem-sucedida tentativa com o violino, Antoine tentou em seguida relembrar seu nome e o fez arduamente (confundiui com o aporuguesado “Antônio”, mas logo percebeu o engano). No entanto, foi incapaz de se lembrar do nome de seus pais e também quem ele era, o que fazia ou onde vivia. Ele podia relembrar uma complexa peça musical, mas não era capaz de lembrar seu próprio nome. Estaria então amnésico? Indagou-se, estupefato, como se tivesse experimentado subitamente uma revelação epifânica.

Ao recuperar-se do choque, Antoine finalmente constatou que estava, de fato, pré-amnésico. Achou aquilo incrivelmente engraçado. Começou a rir por tímidas etapas, dando risadinhas com o nariz, retendo-as na garganta e depois, aos poucos, aumentando o volume do som emitido. Enquanto ria, o ar saía e entrava em seus pulmões em rápidas e contínuas golfadas, expandindo-se com força, até que, enfim, gargalhou alto pela primeira vez, uma risada tão pouco familiar que ele próprio se assustou com sua rica sonoridade. Sentiu-se incrivelmente bem. Após muitos anos sem rir, ele descobrira de novo o que era estar alegre. Era uma hilaridade jovial e descontraída, um regozijo que vinha do fundo da alma (se é que a alma tem fundo). E como ria! Para um homem há tantos anos desabituaado a rir, ele tinha uma risada sonora e consistente, como se tivesse inalado Gás do Riso.

— Caramba! — disse Antoine para si mesmo, estarrecido. — *Unglaublich!* Que incrível! Não me lembro de nada!

— Recorda-se alguma coisa do Brasil? — indagou o médico.

— Nada, nada!

— Tem certeza? Qual é a capital brasileira?

— Buenos Aires?

Nos dias seguintes, Antoine foi reeducado em itens essenciais de convívio social e voltou a se lembrar das coisas que aprendera nos trópicos (piadas de português, gíria carioca e outras bobagens). Ainda assim não conseguia parar de rir ao se lembrar de algum detalhe hilariante de sua viagem ao Brasil. No Rio, ele conhecera diversos personagens burlescos e fanfarrões, entre eles um respeitado cidadão carioca, que era funcionário público de dia e sambista à noite, e

que lhe confidenciou que todo brasileiro era meio James Bond. Sim, por que não? Afirmava com convicção o malandro, exibindo um indisfarçável sorriso. Afinal, quem melhor que o admirável espião para unir heroísmo ao hedonismo? A lembrança divertiu Antoine, e ele não conseguiu conter um *giggle laugh*. Antoine agora ria de tudo. E foi desse modo abobalhado que, certa tarde, ele recebeu uma ligação telefônica de seu pai.

Nessa ocasião, Antoine estava no pátio rindo para si mesmo, quando foi chamado por um enfermeiro para atender a uma ligação telefônica. A princípio, estranhou ter recebido um telefonema. Quem poderia ser? Interessado no progresso do tratamento do filho, o pai de Antoine telefonou de Sydney na Austrália, onde se encontrava a negócios. Ele queria saber das novidades. Durante a ligação, porém, o primogênito não reconheceu a voz do seu progenitor. Por conta de sua amnésia, Antoine não conseguiu se lembrar de quem estava falando. E mesmo se a voz do outro lado da linha tivesse dito “sou seu pai”, ele teria pensado se tratar de algum trote. Desconfiado, Antoine escutou os votos de recuperação rápida do pai com um certo desdém. Ali estava ele ao telefone, constatou, tentando entender o que seu interlocutor lhe dizia, como se estivesse ainda no Brasil, diante de um vendedor de telemarketing ocupado em anunciar novas promoções de um produto recém-lançado. Escutou tudo com atenção e não se incomodou quando seu pai disse que precisava desligar, pois tinha um compromisso importante. Após alguns minutos de uma lacônica e entrecortada conversa telefônica, Antoine recolocou, enfim, o telefone no gancho com a sensação de que falara com um estranho. Ao fim dessa inusitada cena, contudo, ele não se sentiu pessimista ou melancólico como de costume. Antes teria se sentido um tanto *down*, mas nada aconteceu. Tudo agora era motivo de alegria. Não conseguiu conter uma sonora risada. “A partir de agora será assim”, pensou Antoine, sorridente e confiante. “Um passo para um lado, um passo para o outro. E tudo passará em brancas nuvens”. E, então, após contemplar por algum tempo uma passageira nuvem esteatopígia (olhando-a com um interesse quase erótico), continuou seu pensativo passeio pelo pátio, espreitando os pacientes a se contorcer ao sol como se praticassem Surya Namaskara.

Seu encontro com Antoine, entretanto, não foi nada divertido para Anne. Escondida no jardim, ao abrigo do sol, ela lançou ainda uma última olhada por entre os arbustos à sua volta e avistou, de relance, o jovem paciente afastando-se em direção a um banco situado sob a sombra de uma imensa árvore. Antoine estava perdido em pensamentos. Distraído, ele quase tropeçou em um paciente deitado na grama. Desculpou-se, atarantado, e continuou seu caminho, pensativo e um tanto vexado por não ter prestado atenção onde pisava.

“*Dommage*. Outro amnésico...”, pensou Anne, desolada ao testemunhar aquele deslize. “Como a maioria dos outros internos. Todos eles esquecidos de si mesmos”. Observou então, com certa tristeza aqueles impressionantes mortos-vivos de Büngzli. Avistou Tagliaferro, Otoko, Lempizka e, a certa distância, Alvarenga, o poeta desmemoriado (dedicado, neste instante, à minuciosa tarefa de identificar os pássaros por seu canto canoro), e teve uma leve e incômoda sensação de estar sozinha, internada em uma espécie de asilo de lunáticos ou um mundo sub-lunar (ou ainda habitando uma ilha solitária cercada por um arquipélago de amnésicos). “Tsc, tsc, tsc”, fez soar ela, desdenhosa, movimentando levemente a língua e balançando a cabeça.

De fato, Anne não tinha intenção de ficar amnésica. Ela queria apenas esquecer certas recordações que comprometiam seu humor e a faziam infeliz. Não esperava nada mais do que isso. Ela não possuía remorsos ou amarguras assim tão intoleráveis ou impossíveis de serem esquecidas. Por que alguém desejaria perder sua memória, se não fosse para aliviar o peso de uma alma sobrecarregada de arrependimentos e inquietações? Anne não conseguia imaginar nenhuma outra razão para uma medida considerada tão extrema. Julgava a amnésia um procedimento muito arriscado para ser seguro. Além do mais, tudo aquilo era um luxo desnecessário para ela, um modismo passageiro, tal como pular de pontes parisienses, fazer *parkour* ou escalar edifícios altíssimos, atividades que mais traziam efeitos colaterais do que o alívio esperado, refletiu ela. Bastava-lhe, nesse caso, remover apenas algumas lembranças desagradáveis de seu passado e não sua memória autobiográfica inteira. Ela se daria por satisfeita se conseguisse esquecer apenas seus romances frustrados. Afinal, o que somos nós sem nossa integridade física e psíquica? Um *pauvre diable*, pensou Anne.

Antoine, por outro lado, tinha dúvidas menos existenciais sobre Anne. Os ensinamentos do médico haviam influenciado sua maneira de pensar. Que tipo de pessoa era Anne? Antoine queria agora, acima de tudo, saber com quem estava lidando. Seria ela um tipo melancólico? Ou seria um tipo sanguíneo fazendo-se passar por colérico? Mergulhado em uma profunda e inquietante reflexão, Antoine meditava nos traços característicos de cada um dos tipos psicológicos descritos por Dr. Carl. O médico iniciara o paciente na caracterologia dos mais diversos tipos existentes. Havia pessoas frias e mornas, secas ou úmidas, assim como havia pessoas ativas, valorosas, comunicativas, acolhedoras, calorosas e úteis. Como seria Anne? Interessado no assunto, ele recebera, emprestado de seu médico, diversos livros de medicina clássica (obras de Hipócrates e de médicos chineses, entre eles o *Huangdi Neijing*), além de manuais de psicologia e guias alimentares do *ayurveda*. Por sua própria conta, à semelhança de um aplicado botânico, ele reconhecera a exata taxonomia de muitos dos pacientes internados em Búngzli. Podia agora organizá-los, sem dificuldade, em gêneros, famílias, ordens e classes. Alguns deles, por exemplo, eram facilmente discerníveis, como era o caso de Madame Lempiszka e sua indisfarçável erotomania.

Nos dias de sol, Lempiszka costumava se exibir pelo pátio com sua sombrinha vermelha aberta, pavoneando-se com sensual desenvoltura em sua maneira coquete de andar, e ela não se importava de se apresentar um tanto *overdressed* ao seu público. Além dos lábios pintados em um indefectível tom de vermelho, sua maquiagem exibia o charme de sua idade, acentuando ainda mais seu olhar penetrante e inquisitivo. Com seu andar desengonçado, ela observava e era observada pelos outros pacientes ali presentes. *Dressed to kill*, ela procurava seduzi-los com sua beleza novecentista. E não se importava de mostrar um pouco mais do que o necessário. Aquilo que nasceu para ser visto, devia ser exibido em todo o seu esplendor, acreditava ela. Detendo-se às vezes em seu caminho para exercitar seu olhar sedutor, Lempiszka estudava atenciosamente as reações, atrás de um provável alvo para seus encantos. E mesmo se ninguém reagisse às suas investidas, ela ainda assim não desistiria de uma furtiva aproximação. Ao simpatizar-se com um paciente (como era o caso de Antoine), a polonesa costumava abrir um sorriso cativante ao passar por ele no pátio, exibindo seus frágeis dotes físicos, em mais uma tentativa de seduzi-lo com sua definhante beleza. Mas Lempiszka não se deixava intimidar pela indiferença dos homens aos seus encantos femininos. No pátio, ela costumava desfilar com naturalidade, caminhando com sua sombrinha aberta para proteger sua beleza do sol. An-

dava como se desfilasse na passarela, girando sua sombrinha no ar de um jeito travesso. De vez em quando lançava uma olhadela para ver se alguém a observava. Bastava apenas que um único rosto se voltasse em sua direção, e Lempiszka se sentiria o centro das atenções (ou a Rainha da Cocada Preta, como diriam os brasileiros). Empolgada pela receptividade, ela muitas vezes abandonava seu *stage prop* e executava uma ligeira pirueta no poste do jardim, chamando a atenção de quem passasse. Seu público, no entanto, mais preocupado em desfrutar seu passeio pelo pátio, distraía-se e ignorava seus requebros e gestos. Abstraídos de tudo, eles mal se atentavam ao charme da polonesa, absortos e concentrados em seu deslumbramento estético junto à natureza. Assim que percebia essa falta de reação do sexo oposto, a polonesa aquietava-se e desistia de seu improvisado *pole dance*. No entanto, sem deixar se desanimar por esse descaso dos olhares masculinos, a desapontada madame seguiria sorridente seu caminho, movendo os quadris de modo menos chamativo. Essas frustrações de Lempizska, porém, explodiam mais tarde de formas inusitadas. Os enfermeiros já conheciam bem suas manias. Muitas vezes, quando menos se esperava, a polonesa subitamente desnudava-se em público, acarretando um indesejável rebuliço entre os pacientes. Vexados, eles não sabiam em que direção olhar. Por conta desses surtos exibicionistas da polonesa, eles estavam sempre alertas, sempre prontos a entrar em ação para alguma eventualidade. Considerada uma colérica do tipo erótico, Lempiszka era um caso raro entre os pacientes. Em contrapartida, Madame Otoko era seu completo *Gegensatz*, com sua intratável melancolia oriental.

*Ibuseku mo kokoro ni mono wo nayamu kana
yayoya ikani to tohu hito mo nami*

Sou eu quem devo me preocupar com minhas dores
já que ninguém se importa

Reconhecida por todos como a paciente mais simpática e amável de Büngzli, Otoko nunca falava mais do que algumas palavras com estranhos, apesar de saudá-los de modo cortês e educado. Desde o início de sua internação, ela seguia um costume irrevogável. Sempre que alguém passava, ela sorria com cordialidade, dizia *Ohayō gozaimasu* e curvava-se reverente, muitas vezes sem receber o mesmo tratamento, fato que a deixou um tanto confusa a princípio. Tão logo ela se deparava com alguém em seu caminho, costumava cumprimentá-lo com um leve sorriso e um delicado e cerimonioso *ojigi* (a conhecida mesura ao estilo japonês). Aquele era seu jeito muito particular de abordar os transeuntes, um gesto que eles, por pressa ou distração, preferiam ignorar. Essa indiferença chamou logo a atenção de Otoko. Constatou que esse não era o costume em vigor na clínica. Ninguém se importava muito com cerimônias. Essa fracassada tentativa de sociabilidade fez com que Otoko deixasse de experimentar qualquer contato com o mundo exterior. A mudança de paradigma cultural foi um choque para a japonesa. Quando ainda vivia na Terra do Sol Nascente, ela escutara falar da barbárie dos ocidentais, mas nunca se importou muito com as histórias que seus compatriotas lhe contavam dos povos bárbaros do Ocidente, após retornar de mais de suas viagens turísticas à Disneylândia. No Japão, Otoko aprendera que um *gaijin* seria considerado um indivíduo mal instruído ou rude se não respondesse a uma mesura a ele dirigida, uma atitude considerada como um sinal de imperdoável grosseria para os japoneses, além de uma grande falta de apreço pela cultura alheia.

Ela sabia que, em um distante passado nipônico, diversos homens combateram aquilo que entendiam como a Praga da Ocidentalização (ou, em japonês, *Seiyō-ka Ekibyō*), e lutaram bravamente para evitar suas consequências fatais, sendo que alguns deles até mesmo cometeram *harakiri*, martirizando-se pela pátria ao fazer a justiça de um homem só, apenas para manter a tradição e salvar a dignidade da nação japonesa, uma dignidade que Otoko, como boa tradicionalista, nunca deixava esmorecer. Diante daquela falta de cortesia, ela sentiu-se ultrajada pela falta de civilidade e pela atitude insensível dos ocidentais e se retirou para a *privacy box* de seu quarto, fixando na fechadura da porta um aviso escrito com pincel, em que se lia “Jama shinaide!” em *kanji* e *hiragana*. Mas seu amor pela natureza era mais forte e, algum tempo depois, ela voltou a frequentar o pátio, resignando-se a conviver com seus desatentos (e desatenciosos) colegas de modo distante. Nas manhãs de sol, a japonesa permanecia no jardim, olhando os pássaros e as flores, desfrutando seu mais querido passatempo, embora procurasse se manter o mais afastada possível dos outros internos. Após algumas sessões de Mnemodetox, contudo, seu temperamento dócil passou a se manifestar espontaneamente. Na última semana, livre de grande parte de suas más lembranças, a japonesa pouco se importou que não fosse correspondida ao cumprimentar as pessoas. Ser útil às vezes é melhor do que ser feliz, pensou ela. “Se a alegria de alguém depende das outras pessoas, ela ou ele nunca será plenamente feliz. A insatisfação vem tanto da falta de contrapartida dos outros quanto de nossa limitação em agradar a todos. A reciprocidade exige uma energia extra muitas vezes gasta inutilmente, pois as pessoas não dão valor ao trabalho paciente. Conseguir a felicidade geral requer um heroísmo muitas vezes irreconhecido, que precisa ultrapassar as barreiras sociais e étnicas, além dos gostos pessoais. Ser útil, por outro lado, exige menos esforço. As pessoas contentam-se em ser bem atendidas”, refletiu a japonesa, tendo em mente uma das suas leituras do *Makura no Soshi* de Sei Shōnagon, especialmente a parte intitulada *Quando me ponho a imaginar*.

“Mulheres que serviram no Palácio, ainda que mais tarde tenham se casado para se dedicar a uma pacata vida doméstica, são chamadas de Madame, e recebem o mais respeitoso tratamento. Na verdade, as pessoas muitas vezes consideram que essas mulheres, por terem se exibido publicamente durante seus anos na Corte, não possuem graça feminina. Que orgulho deve ser, no entanto, quando elas são chamadas de Atendentes Assistentes, ou convocadas para o Palácio para um dever ocasional, ou ainda ordenadas a servirem como enviadas especiais do Imperador durante o Festival de Kamo! Mesmo aquelas que permanecem em casa, nada perdem por terem servido na Corte. De fato, elas se tornam muito boas esposas.”

Por essa honrável razão de respeitar e servir, Otoko manteve seu costume de cumprimentar as pessoas do modo tradicional: sorria, fazia sua mesura e dizia “yoroshiku onegai shimasu”. Sempre que cruzava com algum desconhecido em seu caminho da hospedaria até o pátio ou do refeitório até a Sala Vermelha, ela repetia o mesmo ritual, ainda que as pessoas não retribuíssem à saudação ou correspondessem ao seu cumprimento com um sorriso ou mesmo um aceno. Fizesse sol ou chuva, Otoko nunca deixava de saudar os residentes, médicos, funcionários, enfermeiros e ou mesmo os visitantes de Büngzli. Movida por uma determinação imperturbável, ela fazia questão de se curvar diante de todos aqueles que cruzassem seu caminho, mesmo sem obter deles nenhuma reciprocidade. Repetia tudo com o máximo esmero. Ao encontrar qualquer pessoa, a japonesa inclinava primeiro a cabeça, quase encostando o queixo no peito, e depois descia o tronco até a altura do abdômen, retornando à posição ereta após aguardar um segundo. Em seguida, afastava-se, arrastando seus *zōri* pelo chão, e chamando a atenção

com a ruidosa rapidez de seus passinhos curtos: cht-cht-cht-cht. Quem a via no jardim nunca deixaria de notar seu jeito feérico. Nem todos, contudo, eram tão amigáveis e respeitosos como Otoko. Como era o caso de Tagliaferro.

Um colérico do tipo amargurado, o octogenário era reconhecido por sua exagerada pantomima gestual, muito perceptível a todos, sobretudo quando Tagliaferro ensaiava os gestos típicos do norte da Península italiana. Seu temperamento era variável e imprevisível. Em situações normais era um falastrão espirituoso. Brincava com as enfermeiras, fazia gracejos e contava piadas dos habitantes do Sul da Itália. De mau humor, porém, ele exibia às vezes a seriedade de um chefe da máfia (“porca miseria!”, costumava dizer) e outras vezes a descontração alegre de um bonachão milanês bem-vestido. Era ainda um gourmet exigente (o que lhe rendeu o apelido de Scior Carera, alusão derivada de uma estátua em Milão, célebre no século dezenove por ter recebido insultos e outras mensagens políticas satíricas durante o domínio austríaco). Por essa inconsistência temperamental, o idoso paciente não tinha muitos amigos em Büngzli. Como resultado, passava por inquietos dias na clínica. Sem ter com quem conversar, ele preferia passar seu tempo lendo poesia do *novecento* e do *trecento*, orgulhando-se de memorizar não só os versos de Dante Gabriel Rossetti, mas também de Dante Alighieri (sobretudo de seu *Inferno*).

Ao rir dessa espontaneidade às vezes exagerada de Tagliaferro, Antoine simpatizou-se com o idoso italiano. Apesar de sua tagarelice, o jovem considerava o octogenário o mais divertido de todos os internos. Simpatizava-se com Otoko e tinha um certo receio de Lempiszka, mas gostava das conversas do italiano. Cada paciente tinha uma peculiaridade idiossincrática muitas vezes hilariante para ele. Após se rir das manias de cada um deles, Antoine refletiu por último (*last but not least*, no dizer dos anglófilos) em Alvarenga, o mais excêntrico de todos eles.

Antoine não sabia precisar muito bem o perfil psicológico do poeta brasileiro. Dizendo-se um herdeiro dos poetas concretistas de seu país, ele amava recitar os modernos e desconstruir os clássicos, aos quais idolatrava (além dos trovadores provençais, os simbolistas franceses e os românticos ingleses, que faziam parte de sua bibliografia recomendada). Há um mês internado em Büngzli, Alvarenga era, diria Plauto, um Sileno velho e barrigudo, um homem moreno de estatura baixa com uma respeitável calva (segundo ele, causada por anos de uso do boné nas praias cariocas). Apesar de seu ar casmurro, ele exibia, por trás de seus óculos fundo de garrafa e seu nariz de couve-flor, um olhar curioso e vivaz. A julgar por seu magro aspecto, ele aparentava estar seriamente doente e movia-se em uma anêmica lentidão. Sua situação era mais digna de *Penia* do que de *Poietai*, diriam os antigos gregos. Anne soube pelos enfermeiros (eles sempre costumavam tagarelar baixinho sobre o estado de saúde dos pacientes quando conversavam andando pelos corredores) um pouco de sua biografia.

Ainda jovem, Alvarenga imitara com sucesso os poetas do passado, ensaiando invenções linguísticas e fazendo pichações em muros com versos ruins. Crente que era um artista nato, passou a publicar traduções duvidáveis em que exibia seu talento de intérprete e reinventor. Apesar de nunca ter sido muito popular em sua época, ele era respeitado em seu pequeno círculo de amigos, que o elogiavam e o louvavam, mesmo quando nada publicava. Seus poemas surgiam a conta-gotas. Em sua fase madura, porém, a inspiração o abandonou definitivamente, e nem mesmo sua mudança para Paris o ajudou a recuperá-la. Acusou a incultura (dizia que o Brasil era um país que menosprezava seus verdadeiros artistas) e o descrédito dos brasileiros

por seu fracasso literário. Reclamava que nunca encontrara um editor de verdade como T. S. Eliot, mas apenas míopes leitores recém-saídos da faculdade de Letras, que liam apenas literatura feminista e o repudiavam por fazer uma poesia politicamente incorreta. De fato, os críticos haviam sido duros com Alvarenga. Consideravam suas traduções de Rilke muito idiossincráticas, e condenavam sua leitura baseada em uma visão unicamente materialista do místico poeta e firmemente fundamentada na teoria que expressa a afirmação “traduzir é trair”, uma teoria bastante apreciada nos meios acadêmicos do século vinte, mas caída em desuso no século seguinte, quando as ferramentas de tradução passaram a ser mais valorizadas do que a *expertise* dos tradutores. Maltratado pela crítica e esquecido por seus leitores, o amargurado poeta brasileiro decidiu parar de escrever. Vivendo em uma época em que as letras sexistas de *funk* carioca, *limericks* e poematos satíricos eram o que existia de mais próximo ao poético, Alvarenga, com uma certa tristeza, pensou na inutilidade de continuar fazendo poesia séria quando ninguém a levava mais tão a sério. “Platão e Malasartes triunfaram sobre os poetas”, dizia ele. A decisão, entretanto, custou-lhe dias e dias de insônia. Se parasse de escrever, pensava ele, que motivo havia para continuar vivendo? Brincar com as palavras e com a linguagem era seu único passatempo, e também sua única maneira de provar ao mundo que não era apenas mais um néscio (ou “boçal”, preferia dizer) como tantos outros em seu país de origem.

Certa manhã, após passar a noite inteira refletindo em seu destino, o poeta saiu de seu apartamento nas proximidades do hotel de la Monnaie e dirigiu-se à Pont Neuf, a pouca distância dali. Plagiando Paul Celan, Alvarenga escalou o parapeito da ponte e, mirando mais abaixo as águas do Rio Sena, contemplou a própria morte. Era chegada sua hora, refletiu Alvarenga. Nunca pensou que as águas do rio parisiense inspirariam seu próprio fim. E nunca pensou também que chegaria tão longe ou tão alto. Deixara sua terra em busca de novas possibilidades e terminaria seus dias comido pelos peixes. Mas nada restava a fazer. Afinal, que motivos teria para viver se Hera, Atena, Afrodite, Penélope, Nausícaa e a Garota de Ipanema o abandonaram? Tentou até mesmo fazer um verso pobre, mas não conseguiu pensar em nada inspirador ou muito apropriado para aquele relevante momento (nem mesmo uma redondilha de Manuel Bandeira). Sentiu-se um inútil completo. De que valia um poeta que não sabia fazer sequer um epítáfio? Improvisou assim alguns versos livres de memória.

Veio, veio, em um voo viário,

pétreo

Veio em um vislumbre, uma vil palavra, veio,

veio pelas vias, aviltada e vilipendiada,

queria vir, queria vir

Aqueles versos fizeram o poeta refletir em sua condição existencial. Nunca gostara muito dos existencialistas franceses (achava-os petulantemente e superficiais), mas encontrara em sua filosofia um tema para reflexão. O que é, afinal, viver? Qual o seu propósito? O vir-a-ser era angustiante. Ele queria vir, mas não sabia como. Somente os fortes e abonados podiam se dar ao luxo de ser eles mesmos. A incapacidade de se tornar o que pensava ser motivou Alvarenga a saltar da ponte. “Pensava ser” porque, no fundo, não sabia quem era. Nunca havia parado para pensar em sua autenticidade. Seu público era inculto, afirmou Alvarenga para si mesmo. Por esse motivo, pensava ele, seus versos eram ignorados. Heidegger estava errado, considerou ele. Em um mundo cruel, o *vir-a-ser* é impossível, refletiu o poeta, amargurado. Sem sentido a vida se torna insuportável, concluiu o Alvarenga. Todas as questões existenciais dos filósofos eram inúteis diante da realidade. “Vivemos em um tempo em que ninguém se importa com ninguém. O que estamos fazendo pelos outros? Que cuidado estamos tendo com a vida humana,

afinal? De que vale estar vivo se ninguém se importa?” Esse pensamento motivou Alvarenga a prosseguir em sua ação dramática. Do alto da ponte, o angustiado poeta olhou então para baixo e inclinou o corpo. Nesse instante, sentiu um calafrio. O vislumbre da imensa distância entre a ponte e rio despertou seu antigo medo de altura. Viu-se como James Stewart em *Vertigo* e até mesmo souou um pouco. Procurando ignorar sua acrofobia, Alvarenga ensaiou outra tentativa e contemplou mais uma vez as águas do Sena. Precisava encerrar logo aquela encenação hitchcockiana. Preparou-se novamente para saltar. Um temor repentino, porém, o paralisou. Sentiu nesse momento faltar a coragem necessária para dar cabo de seu plano e desistiu mais uma vez de seu intento. O fracasso de sua segunda tentativa o desencorajou por completo. Perdida a coragem, enfim, Alvarenga terminou por desistir do macabro intento de tirar a própria vida. Ainda não era sua hora, pensou ele. Quem sabe em outra ocasião? Esperava ter uma morte menos patética. Talvez (conjeturou o poeta) atropelado por um bonde, como ocorreu com Gaudí.

Ao descer da ponte, Alvarenga foi surpreendido por um pequeno público que o observava à distância. Sentiu de súbito um mal-estar ao simples pensamento de ter que encarar toda aquela gente (*paparazzis*, jornalistas e curiosos haviam testemunhado sua dramaturgia). Notou também que um veículo policial se aproximava. Todos os olhavam curiosos. Pareciam esperar um discurso ou mesmo a declamação de um poema. Mais preocupado com a polícia, contudo, Alvarenga baixou a cabeça, incomodado pela atenção do público, e cruzou rapidamente a ponte em um passo apressado, sem nenhuma vez olhar para os lados. Ao regressar ao seu apartamento, ainda guardava aquela sensação de ter sido observado em um ato íntimo. O resto de seu dia, no entanto, foi tão ruim quanto sua manhã. Desafortunado em sua empreitada (e perturbado pela súbita e indesejável notoriedade), o malogrado Alvarenga se tornou ainda mais melancólico e meditando após descobrir, ao assistir à televisão em casa, que havia virado notícia na imprensa internacional. Sua fracassada proeza lhe granjearia uma popularidade nunca antes alcançada. Em uma semana, o poeta venderia mais livros do que em toda sua ignorada existência (embora, para sua infelicidade, a musa continuasse muda).

Interessado no célebre caso de Alvarenga (em que viu uma grande oportunidade para exercitar seu programa Foco Aumentado para Mentes Distraídas), Dr. Carl entrou em contato com o único membro da família do poeta. Esse primo distante, um certo Paulo Abelha (conhecido como “O Vampiro Carioca”), era um escritor de sucesso que, fugindo dos altos impostos brasileiros, trocara a vista da Pedra da Gávea no Rio de Janeiro pela luxuriante visão do Mont Blanc na Suíça de sua residência em Genebra (e assim passou a ser chamado de “O Vampiro Genebrino”). Em sua conversa telefônica com Paulo Abelha, Dr. Carl manifestou ao romancista sua intenção de tratar a memória ruim do poeta, demonstrou sua admiração pelo poeta e sugeriu internar Alvarenga a fim de reabilitá-lo de sua angustiante condição existencial. Falou do método, de seus casos de sucesso (muitos deles desenganados pela medicina), citou as celebridades que passaram por Bünzgli e referiu-se à sua missão de levar a felicidade a pessoas desiludidas como Alvarenga. Acrescentou ainda que o único custo para o escritor seriam as despesas de transporte do padecente poeta até Lucerna, onde ele seria, assegurou o médico, muito bem recebido em sua clínica.

Paulo Abelha, que não via Alvarenga há décadas, escutou tudo atentamente (sem entender muito bem, entretanto, as altruístas intenções do médico), mas não expressou sua sincera opinião ao prestativo médico. Após viver boa parte de sua vida no Brasil, o resabiado escritor brasileiro estava desconfiado de alguma malandragem. Procurando esclarecer as dúvidas do escritor, contudo, Dr. Carl disse a ele que, por se encontrarem em um crônico estado mental de confusão e desespero, decorrentes de sua memória ruim e sua incapacidade de reviver as boas lembranças, os suicidas fomentavam o pessimismo na sociedade, um sentimento que o médico abominava. O Mnemodetox, enfatizou Dr. Carl, seria a melhor forma de tratar os pro-

blemas mnemônicos de Alvarenga. Somente a amnésia, disse ele, faria com que o brasileiro voltasse a ser o poeta inspirado que sempre foi, restaurando-lhe a musa perdida e também a glória da poesia brasileira. Explicou tudo isso a Paulo Abelha e procurou ainda expor o lado agradável de se envolver nessa história. Viajar até a França, salientou ele, poderia servir de inspiração para algum futuro livro. Poderia de novo trazer alegria e esperança aos seus leitores com seus relatos fantásticos.

A explicação do médico comoveu o escritor. Alvarenga seria a última pessoa de quem se lembraria em sua vida. Pensar naquela figura tão distante de seu passado lhe despertou profundas memórias. Abelha relembrou sua juventude no Brasil, suas parcerias, iniciações, ilusões e desilusões. Naquela distante época, de muita pulcritude e inocência, ele e muitos de seus amigos sonhavam com uma sociedade alternativa (alternativa, nesse caso, ao inferno da ditadura militar), um projeto utópico que seria cruamente abortado pelo fim do Sonho e pela morte de John Lennon. O escritor brasileiro relembrou ainda (dessa vez com um certo pesar) a dificuldade de se viver em seu próprio país, pensou em todos os milhões de complexos vencidos um a um (inclusive o reconhecido complexo de vira-latas), e também em muitos de seus colegas e amigos que terminaram seus dias na sarjeta ou na prisão. Foram dias terríveis aqueles. Aprendera, contudo, a rir de todos os seus infortúnios. Era um vencedor, afinal. Conseguira, como poucos de seus conterrâneos, manter acesa sua *joie de vivre*, graças à alegria natural dos brasileiros. Aliás, pensou ele, se não fosse pelo humor do brasileiro, provavelmente nunca teria chegado à Suíça. Saíra do Brasil não apenas para fugir dos impostos, mas também sonhando com um futuro melhor para o mundo. Talvez, imaginou Paulo Abelha, Büngzli fosse uma tentativa menos utópica de se criar uma sociedade mais livre e mais justa. Ainda havia esperança, concluiu ele. O Sonho não estava morto de todo. Estava, na verdade, meio morto e meio vivo. E esperança era sua matéria-prima e sua moeda de troca. Devia, por isso, acreditar em Elpis. Graças a essa luz no fim do túnel, aliás, tornara-se um grande escritor. Sem falar que os alemães, pensou ele, eram melhores que os brasileiros para resolver problemas complexos, crises culturais ou ainda complexos psicológicos. Uma vez que não haviam sofrido o trauma da escravidão, eles sempre se erguiam das cinzas diante das derrotas. Desde sua juventude nos *Happy and Crazy Years*, Abelha admirava os hippies alemães por suas comunas, sua inteligência e suas avançadas ideias ecológicas. Por que não confiaria agora em um deles?

Os argumentos do Dr. Carl convenceram Paulo Abelha. Vendo ali a oportunidade de uma boa história, o escritor aceitou o acordo. Desse modo, conquistado pela retórica médica e seduzido pelas possibilidades literárias, o primo altamirante de Alvarenga prontamente manifestou sua aceitação em internar o poeta (apesar de relutar em pagar suas despesas de transporte). Havia, no entanto, um problema, acrescentou o médico, diante da aquiescência de Abelha. Ninguém sabia o paradeiro do poeta, disse Dr. Carl. Era preciso encontrá-lo. Esse detalhe desanimou Paulo Abelha, mas sua decisão estava tomada. Um tanto contrariado, o brasileiro aceitou o encargo.

Em Paris, Paulo Abelha começou sua busca pelos cafés de Montmartre. Visitou diversas cafeterias nas proximidades do Moulin Rouge, e imitou o reconhecido hábito dos parisienses de apreciar um bom café. Em cada uma delas, o escritor repetia o mesmo ritual: entrava, sentava-se a uma mesa e, como de costume, lia um livro em seu Handy enquanto saboreava uma bebida quente. De vez em quando olhava ao redor, apreciava os *habitués*, os turistas e os amantes com um certo interesse literário. A situação não deixava de ter uma certa comicidade para o brasileiro. Atuava ali como um dos detetives de suas histórias, observando tudo com circunspecção, atrás de uma pista qualquer de seu primo boêmio. A intervalos regulares, Paulo Abelha olhava ao redor procurando reconhecer algum rosto familiar e depois, sem êxito, retornava à sua leitura. Quando terminava sua bebida, pagava a conta e rumava para outro café nas imediações, para continuar sua busca. Após algumas tardes em uma inútil excursão pelos cafés pa-

risienses, no entanto, o escritor logo percebeu que o primo não era um homem de hábitos diurnos e mudou então sua heurística. Passou assim a frequentar as casas noturnas do *arrondissement*, praticando a investigação tão necessária à sua especialidade literária (adorava romances noir e fizera várias pesquisas sobre a região). A nova tática logo provou sua eficiência.

Naquela noite, as mesas do interior do Madame Arthur estavam todas ocupadas pelos frequentadores habituais e pelos velhos sátiros de sempre. Ainda assim, observando tudo com um olhar distante de um espectador inteiramente desinteressado do espetáculo, o escritor conseguiu encontrar o primo embriagado em um canto solitário. Acompanhava a apresentação dos transformistas com uma expressão sonolenta e abstraída. De vez em quando, porém, regressava de seu estado morto-vivo. Em um certo momento, confundiu um dos atores do palco com uma bela mulher e assobiou alto. Mandou também beijos na direção do palco. Ao reconhecer o primo, Paulo Abelha aproximou-se um tanto encabulado e se apresentou. Disse que viera levá-lo embora. Suas tentativas de convencer o primo a acompanhá-lo, no entanto, foram inúteis. Alvarenga não queria partir do lugar que considerava sua segunda casa. O escritor reconheceu aquela teimosia. No passado, ao lidar com seus amigos brasileiros (muitos deles boêmios inveterados e *hard drinkers*), aprendera a discursar improvisadamente. Elaborando assim um dos discursos mais difíceis de sua carreira de escritor, Paulo Abelha tentou convencer o primo de que ele precisava mudar de vida. Lamentou, a princípio, as notícias ouvidas na imprensa e confessou-se surpreso ao saber que o primo se encontrava em uma situação tão precária. Disse a Alvarenga que o álcool seria sua ruína, se ele continuasse aquele relacionamento tóxico. Explicou que a decadência do poeta tinha um paliativo e até mesmo uma cura, se Alvarenga aceitasse sua proposta de interná-lo em uma clínica na Suíça. Mostrou-se otimista com o método do Dr. Carl, após avaliar os comentários de seus ex-pacientes. O escritor tentou ser demagogo e ao mesmo tempo realista em seu discurso improvisado. Seu subtexto, porém, apenas entristeceu ainda mais Alvarenga. Ele não queria ser *tratado* como se fosse um doente. Era antes de tudo um ser humano! Indignado, o poeta pediu outra bebida. Mas Paulo Abelha procurou interferir. Cancelou o pedido no balcão e decidiu ser franco com Alvarenga. Será que podiam falar em um ambiente mais privativo? Indagou ele ao primo. O poeta apenas acenou uma fraca afirmativa com a cabeça, desanimado, e recitou Pierre Reverdy:

Je suis dur

Je suis tendre

Et j'ai perdu mon temps

À revêr sans dormir

À dormir en marchant

Eu sou difícil

Eu sou terno

E perdi meu tempo

Sonhando sem dormir

A dormir andando

Decidido a partir, o escritor pagou a conta do bar e, ajudando o primo beberrão a se equilibrar nas duas pernas, arrastou-o para fora do café. Não demorou muito para chegar um táxi. Ao parar seu veículo para pegar seus passageiros, o motorista, um iraniano expatriado, reconheceu

Alvarenga de imediato e abriu um sorriso. Ele já havia conduzido o poeta para casa em outras ocasiões, e também estava a par da publicidade causada pela sua malsucedida proeza na Pont Neuf. Para o taxista, Alvarenga era uma pessoa quase familiar. “Un peu pompette aujourd’hui, mon cher monsieur?”, indagou o condutor com certa formalidade, ao abrir a porta de trás do táxi para os passageiros entrarem. “Votre ami est maintenant un homme célèbre”, disse o iraniano ao escritor, querendo aludir à nova fama do poeta. Alvarenga não pensava o mesmo. “Que vaut la gloire sans joie?!” berrou ele, obrigando o primo a tapar um dos ouvidos. “De que vale a glória sem a alegria?” Em seguida, virou-se para Paulo Abelha e o apresentou ao iraniano. “Quero que conheça uma pessoa incrível, Mr. Taxman! Esse é meu primo brasileiro. Depois de séculos vivendo no Paraíso, ele veio finalmente me guiar pelo Inferno. É um verdadeiro Virgílio, o poeta eterno! *Enchanté!*”, vociferou outra vez Alvarenga, deixando o iraniano incomodado. Paulo Abelha apressou-se a tranquilizar o taxista. “Ne t’inquiète pas, monsieur”, disse ele, meio sem jeito. “C’est mon pauvre cousin du Brésil. Pardonnez-moi. Os brasileiros costumam ser bem expansivos quando bebem. Somos um povo alegre, como pode ver”, explicou o escritor ao pasmo iraniano. Feitas as devidas explicações, Paulo Abelha pediu então ao motorista para ajudá-lo a carregar o ébrio para o interior do veículo. Apesar de possuir uma estatura mediana, Alvarenga era pesado o suficiente para fazer o escritor e o motorista se esforçarem um pouco mais para aconchegá-lo no banco de trás. O poeta ainda gritou mais alguns improperios para os passantes (declarou que estava se despedindo do Nono Círculo do Inferno dantesco), mas, por fim, sossegou. Estava um pouco mais sóbrio. De volta ao seu assento, o motorista ligou o veículo e conduziu seus passageiros pela noite parisiense, enquanto falava de seus costumes. Disse que em seu país as pessoas não bebiam tanto, e que beber era um hábito pouco recomendável para os zoroastristas e para os muçulmanos. O taxista iraniano passou todo o trajeto falando das virtudes da abstinência alcoólica, sobretudo a vantagem de manter os *daevas* sob controle. Paulo Abelha achou a conversa tão interessante que tomou nota em seu Handy. Serviria mais tarde para inspirar um texto motivacional de sua coluna semanal em um jornal brasileiro.

Ao chegarem ao apartamento, perceberam que Alvarenga havia adormecido. O escritor e o taxista iraniano tiveram uma certa dificuldade para levá-lo até a entrada do prédio. “C’est lourd!”, disse o motorista. “Os bombeiros teriam dificuldade para retirá-lo do Sena”, comentou ele e, dispensado de seus serviços, se despediu dos passageiros. Uma vez encontrada a chave do apartamento no bolso do casaco de Alvarenga, Paulo Abelha conduziu o poeta até seu quarto e o deixou desabar na cama. Esperou algum tempo para que ele ficasse mais sóbrio, mas o primo quis ainda recitar versos modernistas. “Que a terra gema em sua mole indolência!”, bradou o poeta. O escritor constatou assim que aquela não era uma boa hora para decidir o destino do ébrio poeta. Resolvido a conversar com Alvarenga em uma ocasião mais apropriada, Paulo Abelha não se importou de dormir em um velho sofá na sala. Durante o café da manhã, no dia seguinte, ele falou ao primo da proposta de Dr. Carl e também da clínica em Lucerna, e Alvarenga escutou tudo com atenção, embora amargando sua ressaca. Falou também da desmemoriação como a única maneira de curá-lo e referiu-se ao tratamento como “um primor da ciência”. Ao fim da preleção do escritor, o poeta apenas perguntou: “Esquecerei também os versos que fiz?”. Surpreso pela questão, Paulo Abelha apenas respondeu que não era a pessoa indicada para esclarecer essas dúvidas. Acrescentou, porém, que escutara coisas muito boas sobre a clínica do Dr. Carl e seu Mnemodetox. “Não deve ser pior do que saltar de uma ponte”, disse o poeta e, resignado, resolveu então aceitar a proposta. Uma hora depois estava de malas prontas para partir para a estação de trem. Mas não sem antes ter certeza que o primo cuidaria de seus preciosos livros. O escritor deu sua palavra.

Na estação de trem de Lucerna, Alvarenga foi recebido pessoalmente por Dr. Carl. Um admirador de longa data do brasileiro, o médico considerava o poeta um melancólico em alto grau e acreditava que somente uma desmemoriação completa poderia curá-lo. O médico mostrou ao poeta suas acomodações e o apresentou à sua enfermeira. Abriu a janela do quarto e comentou

sobre a bela visão do Pilatus no exterior. Todo esse cuidado, no entanto, era estratégico. O profissional, segundo as línguas venenosas espalhadas pela mídia, procurava fazer, por meio de sua boa ação, uma certa publicidade para seu negócio, aproveitando-se não somente da repercussão causada pela malograda façanha de Alvarenga diante dos meios de comunicação (visuais ou hipervisuais) e pelo assédio dos jornalistas, mas também do interesse dos debatedores de televisão, que realizavam educadas mesas redondas para discutir a popularidade das clínicas suíças de *assisted suicide* e as altas taxas de suicídio dos cidadãos europeus, e citavam anedoticamente o poeta como um triste exemplo das consequências da má memória (e sua fatal combinação alcoólica). Afinal de contas, a notícia que “o poeta suicida da Pont Neuf” estava internado em Bünzgli, atrairia ainda mais atenção do público para o trabalho inovador do médico.

A imprensa, entretanto, logo perdeu o interesse pela falta de novidades, e o público esqueceu do desengonçado poeta. Seu longo período afastado dos holofotes lançou Alvarenga no ostracismo. Seu tratamento, porém, não correspondera às promessas de Paulo Abelha. Desde sua chegada a Bünzgli, Alvarenga ainda não percebera nenhuma melhora em seu estado. Mantinha ainda o mesmo humor melancólico de antes, agravado um pouco mais pela crise de abstinência. Sua expressão macambúzia não negava seu desconsolo. Ao observar o poeta à distância, Antoine notou algo muito familiar em Alvarenga, mas não conseguiu definir bem o que era. Uma aura diabólica parecia circundá-lo, um brilho sobrenatural percebido somente pelos mais atentos. Nesse momento, sentado silenciosamente em um banco de madeira, o poeta deitava-se a contemplar os pássaros, em seu *gökotta*. Seria ele um tipo sanguíneo? Indagou-se o jovem paciente. Na História, tantos poetas provarem-se atores, constatou ele. Quantos artistas e pensadores não foram seduzidos pela ilusória musa inspiradora?

Os modelos de Alvarenga, porém, eram outros. Os grandes poetas haviam sido homens autênticos, pensava ele, e por isso trágicos, como reconheciam os gregos da época clássica. No século dezoito, a poesia reconquistou seu deslumbrante posto desde a decadência do paganismo, e os poetas voltaram a ser os heróis do passado. Byron, o maior de todos os românticos, viveu sua própria tragédia na Guerra da Grécia. Ezra Pound, considerado o maior de todos os poetas modernos, teve que sofrer seu castigo prometeico nas mãos de seus próprios compatriotas, uma vez julgado como traidor da pátria e diagnosticado como louco. Alvarenga tinha uma admiração especial por aquele injustiçado herói da poesia do século vinte. Para ele, os *Cantos* de Pound eram um relato poético de uma odisseia do herói trágico pelo Inferno da estupidez humana, retornando ao seu lar e à sua família através dos escuros mares da Razão, após ter perdido todos os seus companheiros e esquecido todas as suas vitórias passadas. Alvarenga compreendia profundamente essa distância entre o Ser e a realidade do seu tempo. Quantas vezes o mundo dos homens não exerceu sua sedutora atração sobre os artistas, convertendo a vida em arte e as glórias em mágoas? Não costumavam esses observadores das estrelas, declamarem odes a um Novo Mundo na Terra ou nos Céus, encantando seus contemporâneos, para depois serem esquecidos pelas futuras gerações?

*Much have I travell'd in the realms of gold,
And many goodly states and kingdoms seen;
Round many western islands have I been
Which bards in fealty to Apollo hold.*

Há muito vagueio pelos reinos de ouro

e vi Impérios e Estados prodigiosos

Por várias ilhas ocidentais rondei

Mantidas por bardos a Apolo fiéis

“Em vez de ouro, entretanto, encontrei apenas bananas”, complementava o poeta, tristonho, ao relembrar esses anacrônicos versos românticos. Alvarenga não tinha boas lembranças de sua pátria, esse impávido colosso surgido do caos. Desde sua primeira viagem ao exterior, ele suspeitava que nascera no lugar e no tempo errado. Tinha a firme convicção de que teria sido um artista melhor se seus pais fossem franceses ou italianos (ou se tivesse nascido no século dezanove). Esse pensamento o perseguiu por toda a sua juventude, amargando seu espírito e seus versos, até que, na velhice, conformou-se em ser mais um produto de uma amamentação malfeita, parafraseando (erradamente) um dramaturgo pernambucano radicado no Rio de Janeiro, para quem ser grande “mesmo em cuspe à distância” era um sufocante estorvo. Em sua juventude, o brasileiro havia estudado os escritos de Heidegger (atraído pela sua defesa de uma *poesis* artística ou de um *fazer sensível* como alternativa à cultura das máquinas) e de Husserl (por sua “reabilitação ontológica do sensível” através da adoção de uma atitude mais aberta em relação ao mundo), mas logo se desencantou com o rumo histórico tomado por essas ideias (nesse caso, o fascismo e o solipsismo). Desiludido com a cultura patriarcal europeia, aderiu ao neoantropofagismo de sua época e passou a frequentar a decadente boemia carioca. Julgando-se um revolucionário, Alvarenga reinterpretou a brasilidade à sua maneira, acusando seus compatriotas de se conformarem com o indulgente estilo de vida tropical (com sua mistura de samba, suor e feijoada), e de louvarem a dispepsia e a ressaca. Viveria por muitos anos confinado a sua torre de marfim, até perceber que seu isolamento apenas o afastara das musas. Na maturidade, porém, Alvarenga admitiu desfrutar do mesmo *habitus* comum de todos brasileiros. Bebia sua cerveja, flertava com o popularesco e adorava apaixonadamente as mulheres cariocas. Afinal, ninguém é de ferro, justificava ele. Não era fácil (costumava dizer Alvarenga aos seus colegas, referindo-se à sua condição humana) sobreviver de Espírito em um país em que as pessoas trabalhavam como loucas, no ritmo das máquinas, sem tempo para coisas mais sensíveis do que apertar parafusos e botões, mais preocupadas com o crescimento do país do que com seu próprio crescimento pessoal. Que valor, afinal, podia ter um homem se ele não podia unir ao útil também o bom, o belo e o verdadeiro?

O pensativo Alvarenga espantou suas lembranças com um gesto de afastar moscas e voltou-se para o quadro naturalístico descortinado à sua frente. Em seguida assobiou para um pássaro pousado no galho de uma árvore (um martim-pescador de plumagem azul-cerúlea). O bonito espécime não fez muito caso do poeta. Em vez de responder ao assobio, o pássaro voou para longe. Alvarenga não se irritou com o descaso da natureza, reforçando ainda mais a possibilidade de que ele não era mesmo um sujeito colérico (apesar desses tipos serem reconhecidos por sua dramaticidade, sobretudo quando frustrados). De fato, os médicos ainda não sabiam conceituá-lo muito bem (assim como os brasileiros não sabem ao certo o que é ser brasileiro).

Dr. Carl não considerava Alvarenga, em suas palavras, um paciente *ideal* (em sua opinião, os latinos não eram muito disciplinados). Estava, na verdade, um pouco decepcionado por tê-lo aceito como interno. O poeta era rebelde e desobediente (dizia detestar médicos, aos quais consultava apenas em casos extremos), e costumava cabular as sessões de Mnemodetox sempre que podia. Assim como Anne, Alvarenga também não seguia as prescrições de seu médico, julgando-as desnecessárias. Por ter tido uma saúde de ferro em sua juventude abstinência, ele ignorava a existência de doenças e de médicos. Nos recessos de sua alma romântica, o brasileiro era uma eterna criança. Em circunstâncias mais descontraídas (mais comumente depois do almoço), o poeta costumava recitar versos de memória para quem quisesse escutar. Quando se lembrava de algum trecho marcante, no entanto, suas más lembranças se reavivavam, e ele,

melancólico, quedava-se em profundo silêncio. Em certa ocasião, algumas das recordações do seu passado no Brasil foram recobradas ao reler um conhecido poema português, que dizia que o poeta era um fingidor. Esse pensamento o incomodava. Desagradava-lhe pensar que sua vida havia sido uma ilusão. Desde que tentara forjar seu suicídio, Alvarenga recebera diversas críticas dos leitores, todas elas guardadas amargamente em sua memória ruim, e ao ouvir o trecho “Finge que é dor, a dor que deveras sente”, ele sentiu-se atacado em seu íntimo. De tão amofinado com o verso, Alvarenga chegou até mesmo a sentir um aperto no peito e imaginou, nesse instante, que estava finalmente à beira da morte. Era apenas refluxo gastroesofágico, contudo. Além de não digerir bem a comida suíça, seu fígado cirrótico já não era mais o mesmo.

Ao ver Alvarenga sentado em seu solitário lugar, Antoine relembrou as primeiras lições de Dr. Carl, quando este lhe ensinara sobre as características dos tipos sanguíneos. Segundo o médico, os biliosos raramente procuravam ajuda psicológica. Quando se sentiam inseguros, eles compensavam sua vulnerabilidade mediante o uso da força e da influência direta, buscando assim obter vantagens sociais e popularidade em seu círculo de amizades, uma tática que ele considerava uma mistura de hipocrisia e tragédia (comparação impensável para Antoine que nunca conhecera pessoalmente nenhum tipo sanguíneo — e muito menos um hipócrita trágico). Seria Alvarenga um bilioso?

— Os tipos sanguíneos acreditam piamente em si mesmos, e de modo equivocado — disse Dr. Carl — A autoconfiança é uma qualidade muito valorizada em nossa época empreendedorista, mas precisa ser contrabalaneada com um pouco de juízo. A fé precisa ter uma base racional, como nos ensinou Aquino, ou, do contrário, se torna uma ilusão. Tive alguns pacientes sanguíneos em minha clínica. Após analisá-los bem, cheguei a uma conclusão estarrecedora. As falsas situações surgem de uma mente acostumada com fantasias quixotescas, penso eu. Os políticos, em geral, são capazes de esconder sua incapacidade de raciocinar logicamente inventando mentiras desavergonhadas e enganando seus eleitores com promessas que nunca cumprirão. Com isso, podem iludir milhões de pessoas, causar escândalos onerosos e levar seu país à bancarrota — prosseguiu o médico, mudando para um tom de voz mais grave. — Admirados pela população como ícones ideológicos, os políticos sanguíneos veem-se como seres divinos. Julgam que nada pode demovê-los de seu intento de chegar ao topo da pirâmide social. Com o tempo, entretanto, adquirem uma indisfarçável mania de grandeza.

— E então se tornam tiranos? — indagou Antoine.

— Ou apenas sujeitos grosseiros, se são mal instruídos. Políticos sanguíneos podem ser lastimáveis. Nunca se sabe o que esses tipos podem fazer com o dinheiro público quando acreditam em sua própria grandiosidade. Cultuados como Salvadores da Pátria, eles se sentem como representantes do Olimpo. Creem que estão acima das outras pessoas e merecem ser adoradas como deuses. Sua megalotimia, no entanto, é muitas vezes limitada pelas leis dos homens, e eles geralmente terminam sendo perseguidos pela justiça e execrados pela opinião pública. Embora condenados por dilapidar seu país e mentir ao povo, esses sanguíneos sem escrúpulos nunca aceitam o veredicto dos juízes e preferem pensar que estão acima de tudo e de todos. Um dia, porém, a verdade vem à tona, e eles se desiludem, terminando assim seus dias amargando sua existência equivocada e inútil, procurando, por fim, um tratamento de desmemoria-

ção. Por minha própria experiência clínica, considero um sanguíneo hipócrita um sujeito realmente patético, uma espécie de Mikado tragicômico — disse Dr. Carl, repetindo uma frase que, popularizada pela imprensa, se tornou tão famosa quanto o trecho de uma ópera de Gilbert & Sullivan.

— Esses sujeitos não devem ser muito agradáveis de se conhecer.

— Nem todos. Tive alguns pacientes desse tipo. Quando demonstram seu lado apazível, são pessoas adoráveis. Mas procure não conhecê-las quando estão de mau humor. Elas são terríveis. Compreendo, porém, a necessidade ocasional da hipocrisia nos sanguíneos. Como dizem os portugueses: para não ofender, a civilidade nos ensina a dissimular. Sabemos que a civilização deve imperar sobre a barbárie e sobre a falta de controle emocional do barbarismo político, com suas mentiras e sua popularidade vulgar.

A aversão do médico aos tipos sanguíneos era evidenciável, mesmo para quem não o conhecesse bem, e Antoine não deixou de notá-la. De fato, Dr. Carl, em sua adolescência, não havia sido muito popular entre os sanguíneos de seu país, mais apegados aos seus costumes do que às inovações. Por isso, em vez de enfrentar a dura cátedra das universidades alemãs, preferiu estudar em Lisboa, onde finalizou sua tese sobre Egas Moniz, trabalho em que saudou com entusiasmo o moderno psiquiatra, considerado como um pioneiro da pesquisa cerebral avançada, título que rendeu ao cientista lusitano um Prêmio Nobel (apesar que os portugueses, anos depois, quiseram anular a premiação). As teorias do célebre médico do século dezenove, inclusive, inspirariam Dr. Carl a elaborar seu revolucionário método de desmemorização (ele elaboraria um conjunto de normas chamado de A Regra de Ouro da Neurociência, ou “O que não se deve fazer ao cérebro humano — um guia de boas práticas neurocientíficas”).

Na época da Intentona da Biblioteca, Egas Moniz era um republicano que havia aderido ao sidonismo, tencionando pôr fim à anarquia reinante em Portugal naqueles difíceis tempos de crise do sistema liberal, potencializada ainda mais pela irrupção das massas na política. A emergência no país de novas classes e novos partidos políticos, acompanhada de insistentes reivindicações e agressivas manifestações populares, chocava-se enormemente com a velha ordem social monárquica. Graças à subida de Sidónio Pais ao poder, Moniz aceitaria o convite para ser embaixador e depois ministro, durante o breve governo do mártir presidente. Entretanto, com o golpe e a ascensão dos democratas ao poder, desiludido e decepcionado após ter sido destituído de seu cargo por seus inimigos partidários, Moniz abandonaria de vez a política e, mudando de direção, decidiu finalmente abraçar a medicina, aderindo a uma causa mais nobre e asséptica do que lavar as mãos diante da corrupção pública. Por conta de seus insucessos e frustrações virou um homem da ciência. Mais tarde, após ter se tornado um médico bem-sucedido na área psiquiátrica, seus inimigos diriam que o desengajado especialista foi mutilar cérebros para se vingar da “caótica massa pensante” portuguesa. Sem dar a mínima para essas críticas, Egas Moniz conformou-se estoicamente em ser um verdadeiro açougueiro cerebral e foi premiado por seu excelente trabalho na higiene mental pública. Em virtude de seu espírito positivista, seus admiradores o chamariam de “o místico da objetividade”.

A princípio, ao conhecer o trabalho do cientista português, Dr. Carl se entusiasmara por suas ideias progressistas. Encontrara na figura de Moniz um exemplo a ser seguido. Como seu mestre, o médico também acreditava que era possível curar os males da sociedade mediante os avanços da neurociência. Ao se aprofundar na obra do cientista oitocentista, entretanto, o pesquisador se deparou com algumas gritantes diferenças em suas maneiras de pensar. Ao contrário de seu admirador, Moniz não estava interessado em melhorar o cérebro humano. Lobotomizando cérebros, retalhando nervos, arrancando pedaços de massa encefálica, o colérico médico queria não só ter um passatempo bem remunerado que o deixasse longe da política, mas também se livrar de seus próprios demônios. Analisando mais a fundo a obra do português, o discípulo decepcionou-se com a superficialidade do mestre e decidiu abandonar suas pesquisas sobre a obra do cientista, ao constatar que Egas não havia sido nada mais do que um tipo sanguíneo do tipo Beta (existiam ainda os tipos delta e gama, dependendo do nível de degradação do *Alpha Male*). A descoberta da sanguinidade do neurocirurgião português deixou Dr. Carl desanimado. Semelhante aos antigos helenos, o médico acreditava que os sanguíneos tipo Beta eram uma ameaça para o progresso da humanidade, e citava o exemplo de Alcibiades na Grécia antiga. Ele conhecia bem as terríveis consequências da húbris humana. Dessa forma, a aversão que o médico sentia por seus compatriotas alemães estendeu-se também aos lusitanos. Para o pesquisador, eles eram os descendentes mitológicos de Ulisses (considerado o fundador de Olissipo, da qual se originaria a futura Lisboa, e também o descobridor dos Setes Mares, o milenar predecessor da cultura lusitana) e se sentiam como heróis perdidos nos labirintos marítimos do terrível Netuno. Seria um padrão? Indagou-se ele, apreciando mentalmente aquela ideia inexplorada.

Nessa fase da vida, as sementes da psicanálise já começavam a se desenvolver na alma do jovem médico. Sentia agora necessidade de ampliar seus conhecimentos da psique humana. Após abandonar o guru positivista, Dr. Carl passaria então a estudar intensamente a História antiga em busca de inspiração. Graças aos seus estudos da Grécia arcaica e da Roma antiga, ele redescobriu o papel da psicologia na medicina e nos negócios, e a relacionou a um estilo de vida impecável. Em suas anotações científicas, começou a fazer apologia à análise profunda dos pensadores, utilizando um enfoque neurocientífico. Na vida dos homens célebres, dizia ele, estava a chave para a compreensão das contradições humanas. Por saber que não existia nenhum outro pesquisador sério no assunto, ele resolveu estudar as obras de todos os grandes cientistas de sua época. Não seguiu, no entanto, as convicções de nenhum deles, se tornando assim um mestre sem mestre. “Apes enim quodammodo debemus imitari, quae vagantur et flores carpunt, deinde quicquid attulere disponunt ac per favos dividunt et sucum varium in unum saporem mixtura quadam et proprietate spiritus sui mutant”, citava Dr. Carl, referindo-se a um trecho de Sêneca em latim clássico, um dos seus autores preferidos da Era Dourada da literatura romana (como classificou Wilhelm Sigismund Teuffel em seu *Geschichte der Römischen Literatur*). “Devemos, de fato, imitar as abelhas, que percorrem diferentes flores para sugar seu néctar”, traduzia literalmente o médico para seus ouvintes ocasionais. Novos ciclos vieram, passaram-se as modas e chegaram outras, e Dr. Carl, com o tempo, evoluiu ainda mais em sua pesquisa histórica. Através de seu empirismo persistente, o médico elaborou finalmente o seu célebre método, em que mesclava as tradicionais teorias humorísticas com o elevado humor oriental. Manteve, porém, sua aversão pelos sanguíneos, e preparou um tratamento exclusivo para os tipos coléricos e melancólicos. Dessa forma, evitava a egomania dos sanguíneos e suas armadilhas políticas (dizem que ele recusou ter o presidente americano Donald Mc-Drunk como cliente, depois que este abandonou suas pretensões megalomaniacas, após ter mergulhado os Estados Unidos em uma Idade das Trevas). E ainda que hospedasse alguns de-

les em Büngzli, tratava-os com uma certa reserva e com máxima deferência. Por esse motivo, mantinha pacientes como Alvarenga sempre em *low profile*, pois temia que o brasileiro contagiasse os outros internos com seu pessimismo. Não existe nada pior do que um tipo sanguíneo negativo, dizia Dr. Carl.

O médico, entretanto, ignorava que suas reflexões sobre os tipos psicológicos eram levadas bastante a sério por seu curioso paciente. Dessa forma, ao se indagar se Alvarenga era ou não um sanguíneo ameaçador, o pensativo Antoine seguiu seu caminho pelo pátio, sem perceber que estava sendo observado pelos atentos olhos de Anne. Escondida atrás de um arbusto, enquanto fingia fotografar os pássaros (seu lado dissimulador emergia quando ela estava interessada em alguém), a jovem donzela observou mais uma vez os traços do rapaz. De um ponto de vista realista, imaginou ela, Antoine não era assim tão repugnante. Naquele momento, contudo, sua beleza efébrica era o que menos a intrigava. Em um piscar de olhos, Antoine subiu ao topo de uma rocha ornamental e, mantendo o equilíbrio apenas em uma perna, movimentou os braços como Nataraja.

— Que sujeito *bizarre* — disse Anne, espreitando Antoine mais uma vez.

Nesse ínterim, ao presenciar a estranha cena, Anne ruminou a primeira impressão que tivera de Antoine em seu encontro inicial. Sua energia irrequieta, sua imaginação fora de controle, sua impaciência e seus lapsos de memória a deixaram um tanto desconfortável na presença daquele jovem fauno. O pensamento reforçou aquilo que ela já sabia: aquele não era um sujeito comum. Antoine recordava Anne mais um *soshoku-kei* do que um passivo *zesshoku-kei*, um tipo que ela se lembrava com certa tristeza (em uma *Zombie Walk*, anos antes, conhecera alguns mortos-vivos em estado quase vegetativo). Em toda sua existência, Anne tivera lamentáveis experiências relacionadas a esses tipos. Recordou-se de seus namorados da época de *Kantonsschulle* com sua predileção por livros esotéricos ou pelas obras de Erich von Däniken (um terrível gosto literário, em sua opinião). A lembrança fez com que mergulhasse em profundos pensamentos.

Recolhida em um canto do jardim, segurando sua câmera fotográfica, Anne pôs-se a pensar com certa amargura em sua acidentada vida romântica. Sua biografia era uma história sem final feliz. Tudo o que haviam falado do amor nas baladas e nos filmes, e também tudo o que estava escrito nas novelas de época, era uma completa ilusão, concluiu ela. Habituada a pensar sempre de maneira muito racional, Anne acreditava que a lei do magnetismo amoroso (em que os iguais se atraem e os opostos se afastam) era um tanto questionável do seu ponto de vista particular. Na prática, pensava, é comumente mais fácil nos afastar do que nos aproximar uns dos outros (comprovando a máxima de que simpatia é uma qualidade rara no ser humano). Por essa razão, os encontros fortuitos costumavam sinalizar para Anne algum problema à vista. Suas experiências passadas haviam se convertido com o tempo em má memória. Lembrou-se com azedume de suas amigas passageiras e também de seus buliçosos (e belicosos) namorados. Em toda a sua adolescência, ela sempre amou e odiou seus interesses românticos e, embora procurasse se relacionar com quem julgava compatível ao seu exigente gosto, muitas vezes atraía pessoas de interesses opostos aos dela para iniciar relações que costumavam ser tão cur-

tas quanto um resfriado. No caminho entre o amor leonino e a harmonia libriana, esses relacionamentos sempre se perdiam nos ajustes virginianos. Eram relações intensas que podiam durar apenas alguns meses, encerrar-se de uma hora para outro e, após seu término, repetir-se anos depois, terminando inesperadamente, por fim, muitas vezes com efeitos dramáticos, tais como discussões acaloradas, objetos jogados pela janela, livros rasgados e guerra de almofadas; um final apoteótico para um espetáculo tão pífilo e infimo, aquilo que os ingleses chamariam de *Much Ado for Nothing* (ou os franceses de “*beaucoup de bruit pour rien*”). Anne, contudo, não podia culpar seus ex-namorados. Eles eram como anjos telúricos, espíritos livres aprisionados à Terra, que não se importavam em ser amados ou odiados, e a jovem julgava-se justamente o contrário (*aut nihil aut unique* — ou ser especial ou nada — era esse seu lema). E não porque ela quisesse propositalmente crer nessa autodefinição, mas pela simples razão que era exigente demais e abominava qualquer tipo de exceção pessoal (ainda mais quando eles decidiam passar o fim de semana nas montanhas e deixá-la em casa amargando sua solidão). Semelhantes a uma bomba-relógio, essas contrariedades infernizavam suas relações e terminavam por explodir um dia com efeitos desastrosos e dispendiosos (em certa ocasião, durante uma briga, jogara um abajur globular estilo Bauhaus pela janela, uma perda irreparável na decoração da casa, reiterando a máxima do design moderno, para o qual “a forma segue a função” — até mesmo servindo como arma).

Pensar agora em seus ex-namorados fez com que Anne revivesse os fantasmas de seu passado romântico. Anos depois, recapitulados pela jovem, esses amores instáveis não aparentavam ter sido tão terríveis quanto o retrato que ela pintara na época em que ocorreram. Todos os homens que amou em sua juventude tinham algo em comum. Eles eram homens incríveis: sabiam no mínimo quatro línguas, pertenciam a boas famílias, amavam o trabalho com paixão e gostavam de filosofia, política e religião, discutiam os mais diversos assuntos sem exibir qualquer preconceito e gostavam de ouvir a opinião da namorada. Cada um deles, porém, possuía *quirks* insuportáveis.

Anne conhecera Markus por acaso em uma *Zombie Walk* pelas ruas da Basileia e logo descobriu que estava diante de um Midas. Um comprometido protetor dos negócios familiares, Markus administrava a companhia náutica da família, comparecendo assiduamente às três reuniões mensais da diretoria para honrar seus compromissos profissionais e discutir novos investimentos. O suíço, no entanto, não pensava apenas em cifras e métricas. Nos seus dias livres, ele dedicava-se ao que realmente gostava de fazer. Apaixonado pelas altitudes, Markus nunca perdia, durante suas folgas, uma oportunidade de esquiar nas montanhas e usufruir as bonanças do ócio bem afeiçoado. Dia e noite, ele ocupava seus pensamentos com o esporte alpino, acompanhando os noticiários meteorológicos, assistindo aos programas esportivos na televisão e fazendo aula com *ski gurus* para aperfeiçoar sua técnica e sua concentração. Até mesmo nas horas vagas, ele procurava melhorar sua performance nos esquis meditando e estudando um pouco de budismo tibetano. A relação de Anne com Markus teria sido maravilhosa se ele não a tivesse trocado por uma medalha de ouro em uma competição internacional de esqui, fato que marcara amargamente as lembranças da jovem. Relembrar esse ocorrido sempre entristecia Anne. Era inevitável que suspirasse longamente à mera recordação do ex-namorado.

Ao olhar para seus antigos relacionamentos, Anne pôde refletir melhor em sua vida romântica.

Todas as suas experiências amorosas, confabulou ela, revelaram-se frustrantes e vexatórias. Envergonhava-se, inclusive, de lembrá-las. Seus namoros, lamentava, haviam sido um completo fiasco, uma demonstração de que seu destino sempre atrapalhava aquilo que planejava para sua existência. Sua sina era sempre encontrar homens esportivos e dinâmicos, que não tinham muito tempo para ela. No início do namoro, eles eram amáveis e atenciosos, queriam agradá-la e a mimavam com caros presentes, até que, diante da indiferença de Anne, a trocariam por algo mais interessante. Considerando-se uma vítima das circunstâncias, a jovem culpava o destino por sua infelicidade existencial. Por isso, em matéria de amor, Anne não se considerava uma mulher de sorte.

Havia, de fato, um padrão perturbador nos relacionamentos amorosos de Anne. No início da paixão, o casal possuía uma agenda cheia e procurava manter seus neuro-hormônios e neurotrofinas sempre nas alturas alpinas. Em plena fase de reconhecimento, o namoro ia de vento em popa, e Anne estava sempre fazendo planos com seu novo namorado. Nas folgas do trabalho, eles costumavam viajar juntos pelos cantões suíços a passeio, onde aproveitavam para fazer turismo, esquiar ou experimentar as comidas típicas de cada região. Nesse ponto do romance, tudo fluía como um barco a remo cruzando o Lago Lugano em um dia de sol. Mas a partir do momento em que o par amoroso de Anne cometesse algum imperdoável deslize, os ventos logo mudariam de direção e o namoro se convertia então em um campo de batalha. A impaciência de Anne, despertada pelas exceções masculinas (entre elas, esquiar nos fins de semana), afogava sua parca tolerância e provocava-lhe faniquitos. Em vez de comunicar abertamente seu aborrecimento e discutir o que a irritava, entretanto, a jovem fazia questão de encontrar as mais ridículas maneiras de contrariar o indefeso parceiro. A situação agravava-se quando se iniciava a temporada de esqui. Nesse período, todas as suas queixas e lamúrias, toda sua indiferença, além dos boicotes e acusações, eram utilizados como armas para sabotar a relação. “Não posso estar com uma pessoa que prefere uma pista de esqui à minha companhia”, reclamava ela para si mesma, desgostosa. “Como toda mulher, gosto de um pouco de doçura. Não quero migalhas. Quero amor de verdade.” Sua tática preferida, no entanto, era a chantagem emocional. A uma eventual e pequena desavença sobre qualquer assunto, Anne amuava-se. Para piorar, seu namorado não sabia lidar bem com a situação. Acostumado a pessoas mais cooperativas e simpáticas, Markus, por exemplo, muitas vezes ficava perplexo com aquele comportamento incompreensível da namorada e não sabia como agir. Pensou, inclusive, que devia ser algo típico das mulheres brasileiras. Incapaz de verbalizar suas queixas reprimidas e demonstrar seu desapontamento, contudo, Anne nada fazia para explicar seu mau humor, alimentando pouco a pouco a lareira de sua ira contida. Ainda que os namorados a levassem para esquiar nos lugares mais cobiçados, ou para jantar nos restaurantes mais disputados, tentando agradá-la de todas as formas possíveis, Anne via com desdém essas amistosas tentativas de domesticá-la. Confundindo simpatia com persuasão, ela teimava que tudo aquilo era apenas uma tática masculina para distraí-la. Repetidamente frustrado em seus esforços, o confuso enamorado reagia da maneira mais comum possível ao desânimo da namorada, deixando de convidá-la para sair ou para acompanhá-lo em seus passeios alpinos. Anne, por sua vez, interpretava essa reação como um sinal de que seus namorados não mais a amavam. Em pouco tempo esse distanciamento gerava em Anne uma insuportável apreensão que, aos poucos, despertava o sono das Moiras. Nas frequentes ausências de seu par romântico, suas queixas intensificaram-se. Seus desprendidos casos amorosos muitas vezes não eram dignos de sua confiança. Ao percebê-los mais felizes ao voltar de suas viagens, Anne deixou de acreditar que eles se ausentavam de casa apenas para treinar na neve ou escalar as montanhas. Devia haver algum outro motivo, pensava ela, e esse motivo era óbvio: eles queriam estar longe dela. Queriam ter

mais tempo para si mesmos, para respirar ar fresco e relaxar um pouco, mantendo-se distantes da namorada. Ou seja: sua presença os sufocava. Mas como ela podia confiar em uma pessoa que a evitava? Indagava-se a jovem em suas longas reflexões sentimentais. *Once trust was broken*, as reclamações de Anne escalariam os Alpes, quando ela então passaria a culpar seus namorados por seu constante tédio. Sua negatividade, porém, aumentou sua irritabilidade. Uma vez que os ventos haviam mudado de direção, a qualquer mínimo gesto provocador ou a qualquer palavra mal dita, a jovem sempre encontrava alguma razão para reclamar ou se queixar de algo. O afável e paradisíaco convívio do casal convertia-se então no cinzento inferno da rotina.

O segredo de qualquer futuro esconde-se naquilo que fazemos todos os dias, é o que nos dizem os observadores do comportamento humano (e como já reconheciam as sibilas na Antiguidade pagã). Tanto os risos quanto as queixas profetizam nossas alegrias e também nossas dores futuras. Após ter tido um dia ruim no trabalho e não receber sua devida dose de atenção diária, Anne sempre acusava os namorados de serem desatenciosos e insensíveis com ela. Quando eles reagiam cnicamente a essas acusações, seu aborrecimento aumentava, acumulando cada vez mais ressentimentos em sua memória. Essa coleção de más lembranças serviria apenas para que ela se tornasse cada vez menos amável em sua *liaison amoureuse*. Ao seu conjunto de suposições e criações mentais voluntárias ou involuntárias, somavam-se também as más lembranças. A jovem começou então a ter fantasias diabólicas. Quanto mais o namorado se afastava dela, mais Anne delirava, alimentando quimeras no bestiário de seus pensamentos infernais. Imaginava-os divertindo-se sem ela, desfrutando da boa comida e da *bonne vie*, enquanto ela própria ficava sozinha em casa. Passou então a desconfiar que estava sendo traída. Um tanto paranoica, Anne costumava sequestrar o Handy de seu par amoroso, apenas para saber o que estava fazendo na surdina. Queria confirmar se havia outra pessoa na relação. Essa enciumada atitude paranoica da namorada, porém, não chocava seus pares.

Divertidos agradavelmente por essa exagerada demonstração de ciúmes, os namorados de Anne encaravam o mau humor da jovem de modo paternalista. A cada conflito, em vez de resolver a tensão com discussões vazias, eles tentavam disfarçar seu próprio mal-estar regalando a namorada com presentes caros, especialmente caixas de bombons finos. Mas, uma vez que a desconfiança escalara os mais elevados píncaros, não havia mais volta. Como a semente do amor ainda não germinara, havia pouco espaço para o perdão. Dessa forma, fadadas desde o início ao fracasso, as relações amorosas de Anne encontraram um fim dramático e traumático.

As más lembranças desses dramas amorosos perturbaram bastante a paz de espírito de Anne com sentimentos contraditórios. Ao mesmo tempo que amava aqueles sujeitos positivistas e bonachões, ela também os detestava. Eles se tornaram motivo de desdém para Anne. Desse modo, pensar em seu passado romântico sempre a amargurava, tornando seu estômago mais ácido do que o habitual. A essas lembranças, seus olhos lacrimejavam um pouco e, ao mover a língua na boca, sentia até mesmo um certo azedume (sem falar da costureira dorzinha no coração). Apesar de frequentemente ter sido presenteada com chocolates e outros mimos, todos os homens que passaram por sua vida não lhe trouxeram muita doçura. Eles eram racionais demais para entender sua irascível sensibilidade. Embora Anne tivesse um temperamento forte e decidido, seus namorados sempre a intimidaram com seu intelecto aguçado e com sua lu-

cidez exasperante. Essa postura de superioridade desagradava a jovem. Com sua sofisticação intelectual e sua sensibilidade irônica, eles terminaram deixando-a insegura. Sentia-se como se vivesse na caverna do Barba Azul, tendo que suportar a solidão das noites frias sem a morna companhia de seu parceiro de cama, porque ele preferia coisas mais intelectualmente estimulantes do que ficar com a namorada. Cansada dessa situação insuportável, Anne preferia ficar sozinha a estar mal acompanhada. Apesar de se arrepender depois, em seus solitários meses em Biel, quando amargaria o mesmo destino de uma Psiquê abandonada por seu amado Eros.

Psyche vero humi prostrata et quantum visu poterat volatus mariti prospiciens, extremis affligebat lamentationibus animum, sed ubi remigio plumae raptum maritum proceritas spatii fecerat alienum, per proximi fluminis marginem praecipitem sese dedit. Sed mitis fluvius, in honorem dei scilicet, qui et ipsas aquas urere consuevit, metuens sibi, confestim eam innoxio volumine super ripam florentem herbis exposuit.

“Depois que seu marido sumiu de vista voando pelos céus, desesperada e extremamente aflita pelas lamentações que afligiam sua alma, Psiquê se atirou em um rio próximo; mas, por temer a sorte da jovem e para honrar ao deus do amor, tão acostumado a inflamar suas ondas, as águas não permitiram que ela se afogasse e a arrastaram, incólume, para junto às floridas ervas de suas margens.”

Por ter se desiludido muito cedo com o amor, Anne perdera toda a esperança de um dia chegar a um final feliz. Ela obviamente esperara demais de seus relacionamentos. Queria, no fundo, que seus namorados a tratassem como uma princesa. Queria que eles realizassem todas as suas fantasias retiradas dos filmes de Hollywood e das novelas georgianas e vitorianas que costumava ler (entre essas fantasias novelescas estava o episódio final de *Pride and Prejudice* em que Mr. Darcy pede a mão de Elizabeth Bennet em casamento). Lamentava-se, contudo, por ter escolhido errado seu herói. Constatou que os homens que passaram por sua vida nunca tiveram interesse em atender seus caprichos mais íntimos, nunca se deram ao luxo de perguntar o que ela estava sentindo, nunca a amaram de verdade.

Sim, pensou Anne, talvez Antoine fosse diferente dos outros. Talvez fosse apenas um inofensivo *soshoku-kei*, refletiu a jovem, esses tipos ruminantes que preferiam passar mais tempo introversos em suas absorventes atividades do que dando atenção a quem realmente merecia. Mas seria ele tão autoabsorvido quanto imaginava? Não estaria ela, refletiu Anne, apenas exercitando sua intolerância natural aos homens passivos? Afinal, ela nunca se atraía muito por homens que a vissem como uma musa. Em resumo, ela não tinha nenhum motivo para se orgulhar de sua biografia amorosa. Suas experiências passadas haviam sido, de fato, um tanto confusas e dinâmicas (para não dizer turbulentas).

Do ponto de vista filosófico, as acidentadas peripécias de Anne e seus namorados eram uma demonstração prática do pensamento hegeliano sobre a negatividade. Por divergir em gostos, hábitos e prioridades, seus interesses seguiam diferentes direções. Quando Anne queria um romântico programa a dois, seu desinteressado parceiro preferia ir esquiar ou fazer monta-

nhismo. Mesmo quando viajavam juntos, ele sempre tomava a frente das atividades do casal, terminando por aborrecer a namorada. Nunca houve uma verdadeira conjunção harmoniosa entre Anne e seus namorados. Eles tinham sua própria rotina e seus próprios gostos. E, para piorar a situação, ainda detestavam os *horror movies* que ela tanto adorava. Diante das diferenças irreconciliáveis entre seus estilos de vida, surgiu assim um intransponível abismo entre o positivo (representado por suíços otimistas, bem-sucedidos e esportivos) e o negativo (representado por uma jovem brasileira aborrecida e entediada). Os romances de Anne podem ser melhor compreendidos à luz da filosofia idealista alemã.

Na dialética hegeliana, a negação é a força que permite a progressão do indivíduo a um novo patamar existencial, partindo da indeterminação do duvidoso para a determinação do certo, espiralando em direção ao Absoluto. Tornar-se um indivíduo ou um cidadão consciente, segundo Hegel, exige que passemos da indiferenciação indeterminada da não-identidade para a distinção determinada da identidade, do eleitor iludido em um país sul-americano para o agente universal cômico e comprometido com sua coletividade. O sujeito, afinal, não é nada mais do que parte de um todo (ele é, como escreveu Hegel, um ínfimo membro de sua cultura, uma peça substituível e contingente). Anne, porém, não alcançara qualquer novo patamar em seus relacionamentos com homens excessivamente positivos e otimistas. Ao conservar consigo o duvidoso, ela deixou de apreciar as gloriosas conquistas alheias. Via tudo com desdém. Enquanto seus felizes namorados ganhavam medalhas de ouro esquiando as mais altas montanhas ou arrebatando grandes prêmios por defenderem suas volumosas teses de filosofia, ela ficava em casa ruminando sua triste ausência derridariana. Passava seus dias procurando os rastros daqueles homens vitoriosos e autoconfiantes, atrás de sua presença distante, mas encontrando apenas seus próprios demônios, esses eternos entes insatisfeitos que atormentam as mentes ociosas. Quanto mais se comunicava com eles por seu Handy, mais Anne se sentia infeliz. Por mais que ela tentasse entrar em contato com o positivo, mais negativa se tornava. Muitas vezes sozinha no apartamento vazio, confrontada com suas vozes demoníacas, Anne tentava ocupar sua mente da melhor maneira possível para não enlouquecer de aflição. Ela tinha tudo o que precisava, não lhe faltava chocolate nem livros (as bibliotecas dos namorados estavam repletas de exemplares de filosofia e literatura). Estava rodeada de abundância e excesso. Ao mesmo tempo, porém, ela percebia uma completa falta de *jouissance* em sua vida. Estava cercada de conhecimento e também de trevas. As noites de Zurique, apesar da farta iluminação artificial, pareciam ainda mais escuras. Para onde quer que Anne olhasse via apenas isso: diferenças e mais diferenças. Por toda parte esbarrava somente com pessoas diferentes dela. Quando poderia encontrar finalmente um igual, um semelhante? Ou mesmo seu par perfeito? Perguntava-se com frequência, assistindo uma velha comédia romântica de Hollywood com Cary Grant e Katharine Hepburn, ou um dramalhão com Ali McGraw e Ryan O'Neal. Quando, indagava-se ela, desfrutaria do mútuo compartilhável entre duas pessoas, de uma reciprocidade verdadeira entre iguais? Será que um dia poderia viver em harmonia com um homem? A jovem buscava as respostas para essas questões em suas maratonas de filmes americanos. As comédias hollywoodianas, no entanto, eram uma realidade bem diversa daquela vida por ela.

As dúvidas de Anne advinham de seu pessimista realismo filosófico, para o qual a crenças estão separadas da realidade. Existia, segundo ela, uma completa independência entre a consciência e a realidade das coisas. De seu ponto de vista, tudo era apenas diferença. E além de

distintos, pensava Anne, os opostos costumavam também ser incompatíveis. Seus namorados, por exemplo, nunca desejavam o mesmo que ela. E a incompatibilidade de seus gostos e visões era notável. Anne percebia neles somente oposição, defeitos e exceções. O ideal hegeliano de propor uma afirmação da vida confrontando-a com aquilo que a nega, é uma tortuosa contradição, refletia Anne em suas meditações filosóficas.

Sozinha em seu apartamento em Zurique, deixando de lado seu exemplar da *Fenomenologia do Espírito*, ela buscava uma certeza ao meditar na filosofia negativista do pensador idealista alemão. O eterno conflito entre indeterminação e determinação era a própria essência da vida, escreveu Hegel, e aceitar esse confronto era também dizer sim para o negativo. Anne, porém, não se conformava em aceitar sua infelicidade diante de seus namorados felizes. Era um paradoxo angustiante. Não se pode amar e odiar ao mesmo tempo sem o risco de se passar por louca, pensava ela. Os demônios ficam incontroláveis, sabia muito bem. Demente e amnésico, Nietzsche pagou um preço alto pela negação da moral cristã, da razão cartesiana e do amor, deixando sua vida à mercê de Dionísio e seus sátiros. Em sua positividade afirmativa, o filósofo alemão aceitou o negativo, o combate, o diferente, como queria Hegel; seguindo a premissa que enfrentar o negativo nos torna mais positivos. Por outro lado, afastou-se de todos aqueles que amava, crente que o Outro era seu maior adversário. O grande problema da intolerância é ser intolerante consigo mesma, e o mesmo vale para a tolerância excessiva. Perder a razão e o senso comum é evitar a felicidade com os outros e também adiar sua própria felicidade, aprendera Anne. Buscar o positivo evita a dor ao nos afastar do que nos faz sofrer, ponderou ela, ainda que essa busca faça com que os outros sofram. “Como o torcedor de um time de futebol”, escreveu ela certa vez em seu diário, “a maioria das pessoas pensa que somente elas podem ser felizes quando seu time for campeão. Esquecem, contudo, que muitos choram enquanto poucos se alegram. A embriaguez da vitória cega esses foliões às necessidades alheias. Ao tentar ser feliz, o ébrio está negando a felicidade do outro (sobretudo quando ergue demais o tom de voz), e muitas vezes não percebe sua negatividade. Por outro lado, o excesso de preocupações traz infelicidade e as pessoas não conseguem enxergar a realidade com bons olhos. A alegria desmedida e o pessimismo andam juntas. De fato, os dois extremos são perigosos. Somos seres altamente reativos. Quanto mais sentimos falta, mais buscamos freneticamente a satisfação. Por isso o melhor mesmo é me aquietar. Quem sabe um dia encontre a pessoa certa?”, refletiu ela.

Com esse pensamento duvidoso, o namoro de Anne tomou outro rumo. Ao negar o outro, constatou a jovem, ela estava se afastando da integração e da harmonia com seus namorados. E ser negativo é, de fato, diferenciar-se dos demais. Porém, em uma sociedade que esconde sua insegurança em relação ao estrangeiro e sua aversão às diferenças, ninguém quer ser o terceiro excluído, acreditava ela. A não-identidade para qualquer civilização, seja ela ocidental ou oriental, é sinônimo de ser um pária, condenado a viver errando pelo mundo, sem pertencer a nenhum grupo ou país. E são sempre os excluídos que sofrem o peso da opressão dos incluídos, dos idênticos e dos que se julgam iguais (mesmo que a igualdade seja apenas aparente). Por isso ninguém quer ser excluído, refletiu Anne. Ninguém quer, afinal, ficar de fora da diversão. E Anne, com seus *affairs* suíços, se sentia deixada de fora das vidas de seus felizes e bem-amados namorados, como se não tivesse sido convidada para uma exclusivíssima festa particular. Era natural assim que os negasse, procurando preservar sua própria identidade, ficando-se a um ilusório porto seguro. Estava apenas cumprindo o conflito fundamental da

vida, cedendo por um lado e rejeitando pelo outro. Antes o negro do que o cinzento, pensava. Desde que deixaram a infância para trás, ponderou ela, as mulheres estavam condenadas ao negativo, à opressão de uma sociedade que exigia delas etiquetas, boas maneiras, beleza e sucesso com os homens, enquanto lhes retiravam o direito à felicidade, pois elas, pressionadas por todas essas exigências absurdas, apenas se tornaram mais iludidas e infelizes. Por que negaria isso? Sua negação, porém, era mais uma forma de exclusão do que uma evolução em direção ao Entendimento pleno e à Reconciliação do sujeito com o objeto, como pensava Hegel. Somente negando a vida, podemos vivê-la, salientava o filósofo (ainda que isso implique a solidão, o distanciamento e até mesmo o fascismo, essa completa aberração do egoísmo). Mas quem exclui também se exclui, como nos escreve Hans Magnus Enzensberger. Negar o outro é negar a sensibilidade e o bom senso alheio, recusando desse modo as oportunidades de conciliação e de crescimento. É negar ainda a dialética e a síntese, teria dito Hegel diante dessa barbaridade. Essas revelações iluminaram as dúvidas da jovem.

Em sua fase hegeliana, Anne descobriu, enfim, o irresistível poder da exclusão. Preferiu, no entanto, evitar o sofrimento e a indeterminação, e cultivou uma negatividade passiva. Em suas leituras do idealismo alemão, ela descobriu que o Espírito se aperfeiçoa negando o que não é perfeito, recusando uma após a outra as formas imperfeitas e as limitações físicas e materiais, em sua busca pela melhoria contínua. A evolução é negativa no sentido que temos que superar nossas falhas para nos adaptar à vida, mesmo que isso resulte no confronto com o positivo e seus indesejáveis resultados existenciais. O impasse faz girar a Roda da Fortuna. Diante do Senhor Absoluto (e do sabe-tudo) é que surge o escravo, o campônio, o operário e a namorada rebelde. A revolta é a única maneira do indivíduo progredir em direção à certeza, concluiu Anne. Para a jovem, ser ela mesma era mais importante do que abdicar de sua identidade, mesmo mal formada. Preferia ser como Isabel Archer (a heroína de *Portrait of a Lady*, condenada a um casamento infeliz com um oportunista) e conviver com as consequências de suas escolhas existenciais, ainda que isso acentuasse ainda mais sua falta de amor e sua insatisfação. O trajeto em direção à universalidade deve passar necessariamente pelo caminho do desespero, escreveu Hegel, na aurora do turbulento século dezenove. Anne, entretanto, ainda não sabia lidar muito bem com sua ira e seu poder antitético. Assim, ao se sentir excluída, era evidente que ela também excluísse seus namorados, expulsando-os de sua vida. E, às vezes, de maneiras bem violentas, como veremos mais adiante.

Dessa maneira, após todos esses breves e explosivos relacionamentos, Anne deixou de acreditar na tênue durabilidade de suas ligações amorosas e passou a crer com veemência nos princípios do niilismo afetado: conhecer, desprezar e ignorar. No *Fédon* de Platão, ao citar os perigos do ceticismo, Sócrates nos fala da aversão de certos homens ao raciocínio lógico. Da mesma maneira que existem aqueles que odeiam a Razão, explica o mestre grego, existem também aqueles que odeiam os homens. A misantropia, contudo, não nasce apenas do engano de se confiar demais em quem não merece confiança. São as decepções subsequentes que criam os misantropos. Ao julgar que todos os homens são iguais, o sujeito desapontado torna-se um defensor de razões contraditórias e passa a crer que ninguém mais é sincero ou confiável. Para Anne todos os homens eram iguais. Seus fracassados relacionamentos acidentais do passado, entretanto, ensinaram muito à jovem.

Na opinião de Anne (consolidada após quatro meses internada em uma clínica), tudo o que possuía um princípio, também possuía um fim, o que criava, por sua vez, um maléfico pessimismo inerente a qualquer novo começo. Ela, de fato, não acreditava mais em *happy ends*. Em sua opinião, finais felizes e potes de ouro no fim do arco-íris existiam apenas em contos de fadas e nas ingênuas comédias românticas de Hollywood (apesar de dar boas risadas ao assistir a *Some Like It Hot*, uma produção da *Golden Age* com Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon). Desse modo descrente e cético, ao se manter sempre em sua bolha protegida, sem querer perturbar ninguém e sem querer ser perturbada, Anne procurava evitar as desagradáveis e infelizes surpresas da atração. Percebeu que não valia a pena se esforçar por algo que a deixaria em um dilema inquietante, e que não terminaria nem em amor, nem em amizade. Envolver-se com alguém, pensava a jovem cinéfila, significava ainda vivenciar extremos incompatíveis: ou amava loucamente, ou desprezava com igual intensidade. Nesse ponto ela conhecia muito bem seu parco autocontrole (quando estava apaixonada, sempre saía um pouco fora de si).

Refeita de sua reflexão autobiográfica, a decidida Anne deixou o jardim. Uma vez com seus fones nos ouvidos, ela afastou-se em direção ao prédio principal da clínica escutando Nico (*aka* Christa Päffgen). No caminho, ao contemplar ao longe o cristalino lago de Lucerna, imaginou-se andando de bicicleta pela costa de Ibiza. Com esse agradável pensamento, cantarolou uma parte da letra da doce canção que zumbia em seus fones (nesse caso particular, *These days*). Dali seguiria até seu dormitório onde se recolheria por algumas horas, até a hora do almoço.

Naquela luminosa manhã no pátio, tanto Anne quanto Antoine ficaram impressionados um pelo outro (negativa e positivamente). Mais tarde, na silenciosa solidão de seu quarto, ao refletir no *unexpected meeting* com o mais novo paciente de Büngzli, Anne se encheu de dúvidas. Quem era aquele sujeito intrometido e tão *cheeky*, afinal de contas? Antoine fazia com que ela se lembrasse da imagem de Mary Poppins cantando sozinha no espelho, na cena em que a *fairly nanny* mostra aos irmãos Banks como organizar seu bagunçado quarto. Nunca antes haviam conhecido alguém tão familiar e tão estranho ao mesmo tempo. Seus namorados suíços eram civilizados demais para se interessarem por conversas bizarras, e comportados demais para demonstrar qualquer atitude extravagante (ou até mesmo querer saber mais sobre a intimidade de um desconhecido). Ao pensar em Antoine, ela teve um certo receio de relembrar amargamente sua histórica *maladie d'amour*. Aquele encontro a deixou curiosa e ao mesmo tempo temerosa. Não quis, contudo, demonstrar nenhum interesse por sua ousadia e suas perguntas impertinentes. Ela receava que, ao remexer em seu baú de lembranças, afetaria negativamente sua memória, estimulando seus instintos mais incontroláveis. Sua antipatia era apenas um reflexo de suas emoções contraditórias. Estava diante de um rapaz garbo e jovial, pensava ela, mas queria, ao mesmo tempo, estar bem longe dele.

De sua parte, Antoine ficou um tanto frustrado pela insensibilidade demonstrada por Anne em seu breve reconhecimento mútuo. A baixa receptividade da jovem, sua antipatia, sua falta de entusiasmo por conhecê-lo e sua frieza o decepcionaram um pouco. Essa reação fez com que se lembrasse das mulheres que conhecera no passado. Na Europa ou na América, em sua busca romântica, Antoine nunca encontrara seu par perfeito. Não podia chamar suas paixões de amor, e nem mesmo denominar de musas as mulheres que conhecera. Foi apenas desprezado

e ignorado por elas. Patetik Motriz estava certo, pensou ele: as mulheres eram previsíveis em sua imprevisibilidade. A esse pensamento, Antoine resignou-se com o insensível tratamento de Anne. Em toda sua curta existência, na verdade, ele nunca havia sido recepcionado de modo entusiástico por ninguém (com exceção do Brasil, onde os nativos fingiam adorá-lo em troca de favores e até o apelidaram de “nosso alemãozinho”), a não ser quando era recebido como um Richie Rich nas rodas de samba. No Brasil, todas as pessoas que conhecera demonstraram apenas exibiram um indisfarçável interesse financeiro por ele. Mal tinham paciência para escutá-lo ou louvá-lo por ter tocado em uma orquestra internacional. Ainda assim, sua esperança de ser reconhecido não o abandonou. Talvez Anne não estivesse no melhor dos seus dias, considerou o jovem. Se tivesse outra chance, pensou, gostaria de conhecer um pouco mais aquela garota tão alheia e tão remota. E quem sabe poderia desfazer a má impressão que tivera em seu contato inicial. Mas Antoine começava a duvidar da sorte.

Durante o almoço, em meio a reflexões e divagações, as dúvidas de Antoine e Anne ardiavam brandamente como fondue ao fogo. As contraditórias impressões experimentadas aquela manhã ainda estavam frescas nas memórias dos dois jovens, de modo que, ao se reencontrarem no refeitório algumas horas mais tarde, sentados à mesma mesa, uma espessa camada de gelo se interpôs entre eles. Demorou um pouco para que Anne percebesse que não estava falando com um *minus habens*. Após a torta de maçã entrar na história, eles iniciaram um lento reconhecimento, pontuado por ligeiros desentendimentos e distintas opiniões, até que a conversa tomou um rumo inusitado, reavivando a atração de Antoine e a antipatia de Anne. Embora a mortificação dos santos e seus pesadelos não interessassem muito à jovem, Antoine conseguiu despertar o lado *flâneur* de Anne ao se referir às suas férias escolares em Paris. Com isso a curiosidade de ambos chegara finalmente a um seu clímax paroxístico. Quem era aquele sujeito tão intrometido e tão irritante? Indagava-se ela. Quem era garota petulante e esnobe? Intrigava-se Antoine. Enquanto almoçavam, eles estudavam-se com redobrado interesse, disfarçadamente ruminando suas impressões passadas. Ao contrário de Antoine, Anne estava convencida que o rapaz tinha algum parafuso solto. Em sua memória de curto prazo, o recém-conhecido era apenas mais um de tantos outros sujeitos bizarros que ela conhecera em seu aventureiro passado. Suas brincadeiras fizeram com que ela ficasse desgostosa, irritadíssima e inquieta, e Anne reagiu com rispidez a certas perguntas, deixando o *junger Mensch* um tanto desapontado, o que reforçou a impressão de Antoine que ela era uma pessoa intratável, obtusa e intransigente. Além de não ter boas lembranças de seu passado e nem mesmo conseguir se recordar de seus sonhos (o que era um pecado irreparável, segundo ele), Anne não era nada cordial, achou Antoine. A conversa entre eles, contudo, não arrefeceu.

— Então não se recorda nada de Paris? — disse Anne, retirando outra porção de sua saborosa sobremesa, a última antes do fim. — *Dommage!* Perdeu uma memória imperdável.

Na verdade, pensava Anne, era imperdoável que alguém viajasse pelo globo terrestre e não se lembrasse do maior destino turístico planetário. Paris era o que existia de mais assustadoramente belo para ela. Desde sua infância, ao admirar as ilustrações e histórias da *Bibliothèque rose illustrée* (sobretudo do *Le Club des Cinq* e de Fantômette “Mille pompons!”), Anne imaginara um dia viver na capital francesa. Quantas vezes não sonhara fazer compras na Champs-Élysées ou nas Galeries Lafayette? Após dezenas de visitas, a cidade se tornara quase que sa-

grada para ela, um verdadeiro *Axis Mundi*. Sua efervescência cultural, tão louvada pela *lost generation*, pela *beat generation* e pela *punk generation*, sua mescla de arquitetura tradicional e futurista, arte e técnica, seu cosmopolitismo e suas lojas de griffe, tudo atraía sua fértil imaginação e seus sonhos de consumo. As viagens que fizera à Cidade Luz talvez fossem as únicas boas lembranças que ainda lhe restaram do passado. Tudo o que comprara de mais maravilhoso e raro havia sido em alguma loja de Paris. Por que alguém removeria até mesmo as memórias do que existia de mais deslumbrante e sublime? *A jeune fille* não conseguiu entender os motivos de Antoine para querer se tornar um amnésico. Esquecer o centro do mundo era como estar perdido em alguma nebulosa distante no limbo intergaláctico. No íntimo, Anne se considerava uma *parisienne*, e achava absurdo que alguém não tivesse um espírito sensível, combativo, exigente e bem-vestido.

Enquanto Anne comia seu derradeiro pedaço de pudim, Antoine a observou com atenção redobrada. Ela trajava uma blusa de seda e, por cima desta, um *cardigan* leve de cor clara. Usava calças jeans que lhe deixavam os tornozelos à mostra e calçava sapatilhas pretas bem limpas. Ainda que parecesse por demais casual para a ocasião, sua maneira de se vestir estava bem mais apropriada àquela estação do ano do que a indumentária dos outros internos de Büngzli, que não se importavam em absoluto em adequar sua vestimenta ao clima, trajando-se despreziosamente como se morassem no litoral brasileiro. Amnésicos e meio sonambúlicos, eles costumavam fazer seus passeios matinais apenas de pijama. Nesse estado de total despreocupação era natural que fossem um tanto negligentes em seu trajar. Anne, porém, preferia se mostrar mais apresentável (ou menos desleixada, diria ela). Com a chegada da primavera e seu *april sky*, após passar todo o inverno usando pesados casacos de pele para se proteger do frio, ela agora abusava das roupas mais leves e não levava consigo nenhum outro acessório, exceto seus inseparáveis óculos escuros no rosto (um *oversized* Yves Chantal Marwitz com lentes *round* marrons da mesma cor da armação). Além de usá-los para proteger sua hipersensível visão do assalto dos raios ultravioletas, ela os levava consigo para qualquer excursão ao mundo exterior em dias de sol. Esse esmero de Anne talvez tenha sido isso o que tanto atraiu Antoine quando a viu fotografando no jardim.

No pátio ensolarado, desfilando com sua câmera, Anne parecia uma imitação juvenil de Greta Garbo, uma celebridade muito idolatrada pela jovem fotógrafa em sua adolescência (ela assistia a todos os filmes da estrela hollywoodiana e lera todas as biografias já escritas sobre a outrora popular atriz sueca, e até mesmo enfeitara a parede de seu quarto de adolescente com uma foto em que a notória musa do cinema mudo, andando em sua velhice incógnita pela East 52nd Street em Manhattan, vestida casualmente e usando enormes óculos de sol para esconder o rosto do público). Tão enigmática quanto a Esfinge Sueca, Anne exibia sua afetação natural ao se mover de um lado para outro para examinar um ângulo ou perceber uma expressão facial mais interessante. Entretanto, ao contrário da diva do cinema, a jovem não possuía uma beleza fatal e irresistível como a da deusa hollywoodiana, ainda que atraísse alguns olhares mais atentos aos seus atributos físicos. Ao vê-la tão concentrada e tão bela, Antoine deixou-se seduzir pela jovem cinéfila.

O encontro posterior no refeitório não mudaria essa impressão inicial do *young dreamer* (embora novas impressões tenham surgido). Mesmo sabendo que, na próxima sessão de Mnemo-

detox, esqueceria aquela fisionomia agridoce, Antoine esforçou-se por gravar as feições de Anne, estudando seu rosto com atenção. Havia nela um sutil contraste entre a pálida tez e o tom vivo de seus róseos lábios, por um lado, e sua expressão séria, uma minúcia estética que emprestava a ela um tom fatalista (ainda que não a fizesse uma *femme fatale*). O olhar de Anne, em contraste com o nariz afilado de ponta arrebitada, conferia um ar grave à sua expressão facial, perturbando a delicadeza de seu semblante pontilhado de sardas e emprestando-lhe uma certa graça juvenil. Das maçãs do rosto até a mandíbula, uma suave linha contornava sua fisionomia levemente angular, evidenciando um queixo quase escultural. Ciente que as sardas eram uma raridade em qualquer população, inclusive europeia, o jovem paciente apreciou ainda mais os traços daquela irascível *mademoiselle*, devoradora de livros, filmes, tortas de maçãs e também de pudins. Como uma pessoa podia combinar tão bem o doce e o amargo? Pensou ele, intrigado por esse paradoxo. Essa evidência reforçou ainda mais sua convicção de que, além de possuir uma rara beleza, Anne era também uma *avis rara*.

— Satisfeita? — indagou Antoine, ao ver Anne pousar os talheres no prato, imitando a posição cinco e quarenta e cinco de um relógio analógico.

— A torta estava realmente uma delícia — disse a jovem, limpando a boca com o guardanapo de tecido axadrezado. — *Merci!*

— Caramba! Uma vez assisti a um filme de terror em que os monstros devoravam sua vítima com essa mesma voracidade — disse Antoine, comentando a visível glotonaria da faminta *mademoiselle*, enquanto coçava a nuca.

— Gosto de filmes de terror apenas quando são convincentes... — disse Anne, sem se importar com o passageiro comentário à sua gula e mais animada por escutar alguém falar de seu assunto favorito. — Na maioria das vezes, porém, apenas me fazem rir. Já assistiu *The Evil Dead*?

O êxtase de Anne eram os filmes de horror. Uma sessão horrorífica, para ela, não era apenas divertimento, mas também uma forma de atingir a sublimação de seus medos mais terríveis. Ao assistir a um *horror movie*, pensava Anne, o grotesco, o inexplicável e o inimaginável se uniam na mesma arte, e essas três qualidades definiam seu conceito artístico de cinema, servindo, na prática, como uma válvula de escape para seus estados emocionais mais angustiantes. Após uma experiência visual chocante, ela se sentia um pouco mais relaxada do que o habitual. Sua vinda para Bünzli, porém, interrompera um hábito cultivado desde a adolescência. Durante anos, ela havia sido uma fanática por filmes de terror e suspense. Agora, longe da magia do cinema de segunda categoria, Anne teve que se contentar em reler seus trechos preferidos dos livros de Edgar Allan Poe, Mary Shelley, Bram Stoker, E. F. Benson, M. R. James, William Hope Hodgson e Lovecraft, que ela preservava em uma das inúmeras coleções de sua biblioteca digital.

— Esse não é o tipo de filme que me comoveria — disse Antoine. — Sangue demais não me agrada, entende?

— Também não gosto de ver muito sangue — replicou Anne. — Mas um pouquinho só não faz mal. Por isso me agradam os filmes de zumbi. É uma sanguinolência comestível. Você sabe que tudo aquilo é falso, como todas as coisas bizarras. Todo o cenário, o figurino e os atores estão produzidos para amedrontar as pessoas. E suas maquiagens são maravilhosamente ridículas.

— Você gosta de filmes de zumbi?! — surpreendeu-se Antoine e passou a língua pelas gengivas.
— Essa é nova.

— Por que não? O mundo está dominado pelos mortos-vivos. Eles estão por toda parte, espalhados pelas clínicas de desmemoriação e por toda a pirâmide social. Estão nas ruas e na televisão, falando de si mesmos e de suas origens humildes, de seu amor pelos maus governantes e também de sua crença que Platão era um fascista. É uma condição patológica bem comum agora. Assim como em um forte resfriado, a maioria das pessoas já experimentou estar entre a vida e a morte. Quem nunca se sentiu um zumbi às vezes?

Antoine descobriu assim o lado fanático de Anne por *zombie movies*. Essa paixão, no entanto, surgiu por conta de uma estratégia de *coping*. Desde que passara a viver com sua avó materna em Biel, o hábito de assistir a filmes de terror ajudara Anne a tranquilizar seu temperamento colérico. Aquele talvez fosse o único remédio para sua ansiosa angústia. O suspense dos filmes e seus finais horripilantes sempre acalmavam seus nervos. Ao término de cada sessão, sentia-se mais descontraída e tranquila. Nesse ponto considerava-se uma pessoa que precisava expulsar suas aflições de vez em quando (ou mesmo exorcizada, como Regan MacNeil). Não gostava, contudo, que o médico se referisse a ela como um tipo colérico (mesmo indiretamente). Na opinião do especialista, esses inquietos sujeitos viviam angustiados e insones, razão pela qual eram tão temperamentais. Ser rotulada de *bad temper* a irritava.

Mas não era apenas esse o motivo da indisposição da jovem. Ao constatar o lento progresso de seu tratamento, Anne acumulara dúvidas e mais dúvidas. Por que, perguntava-se, o médico escolhera uma abordagem tão pouco eficiente? Não lhe agradava pensar que havia uma cura específica para diferentes tipos de pessoas, como preferia crer o neurocientista, reduzindo tudo a uma questão de temperamentos e humores. Ela considerava tal classificação absurda. Com tantas categorizações psicológicas (entre elas, classificar os pacientes como racionais, afetivos, reflexivos ou pragmáticos), a ciência progredira em cima de generalizações e não de particularidades, opinava ela. Dr. Carl e sua filosofia humorística fazia a jovem se sentir como um rato de laboratório (por mais que ele comparasse seu cérebro a um diamante bruto).

— Por que optou pela desmemoriação completa? — quis saber Anne, depois de limpar suavemente a boca com um guardanapo de tecido xadrez.

— Se vamos ficar amnésicos, para que adiar tanto? — respondeu Antoine.

— *Pourquoi?* Mas por quê?!

— Nunca gostei muito de minhas memórias, sabe? Tudo o que tive em meu passado foram decepções. Que boas recordações restaram? Nenhuma! Por mim voltaria a ser criança.

— Tem más lembranças de alguém que amou? — indagou Anne, subitamente interessada.

— Talvez — disse Antoine, distraidamente, exibindo um interesse contrário ao de Anne, mas logo lembrou-se de algo importante: — Na verdade, foi uma dessas paixões rápidas e intensas, sabe? Nossa relação durou apenas um único dia. Foi uma atração meteórica, para falar a verdade. Um desses fenômenos espasmódicos da natureza. Vivemos um dia mágico e inesquecível. Mas, depois de nos despedirmos, ela não quis mais me ver de novo. Disse que estava apaixonada por outro homem, e pensava em se casar com ele. Após termos tido um dia romântico a sós, ela me disse isso com a maior naturalidade do mundo. Teria percebido que eu estava apaixonado por ela?

— Será que ela estava apaixonada por você?

— Não me importei com esse detalhe.

— Você ao menos lhe contou de sua paixão? Muitos homens não sabem conversar com as mulheres, entende? Outros ainda nem ao menos conseguem criar *rapport*. Se fosse mais confiante, você teria feito a pergunta certa.

— Eu não faria essa pergunta a ela. Seria ridículo. Ela poderia rir na minha cara se eu tentasse. E isso seria realmente humilhante. Como se já não bastassem minhas decepções familiares, eu teria que engolir mais esse duro golpe íntimo. Apesar disso, nunca a esqueci. Aliás, até hoje não consigo esquecê-la. Mesmo agora, após duas sessões de desmemoriação, ainda tenho vagas lembranças dela. É verdade que não sou tanto quanto antes, mas preferia não me lembrar o motivo de minha partida para o Brasil.

— Partiu para o fim do mundo apenas para esquecê-la?

— Eu não tinha outra opção. Na época, achei que somente uma longa viagem teria um efeito

restaurador em minha memória. Mas me enganei. Mesmo longe da Europa não consegui me livrar de meus fantasmas. Para qualquer lugar que eu fosse, ela me acompanhava em meus pensamentos. Por vários anos, tentei me livrar de suas lembranças de todas as maneiras e não consegui. Viajei por vários países da Europa, da África Setentrional, da América do Norte e visitei também a América do Sul. Percorri o mundo inteiro, mas não consegui apagar minhas recordações. Mesmo nos ermos mais distantes da civilização não consegui esquecê-la. Muito tempo depois, pensei em ir atrás daquela garota e resolver minhas pendências. Esperava, quem sabe, que ela me reconhecesse depois de tantos anos. Tive medo de revê-la, no entanto. Temia descobrir que eu não era mais nada para ela. A visão de alguém que você ama e deseja muito, mas não o ama, às vezes pode ser estarrecedora. Ou aterradora. Por isso evitei saber a verdade. Para não trazer tantas más lembranças, não é mesmo? E assim me tornei esse medroso amoroso que você está vendo agora. Lembra-se de *Mon oncle d'Amérique*? Já ouviu falar da teoria das inibições de Henri Laborit? Pois sou desse jeito: um completo inibido. Tenho, inclusive, sérias dificuldades de me concentrar. Às vezes, para mim, até mesmo pensar é difícil. Fico confuso e inseguro. Os medrosos possuem uma noção bem limitada do mundo, sabe? Pensamos com dificuldade.

— Falta de prática. Você precisa organizar melhor os seus pensamentos. Deve colocar cada coisa em seu devido lugar. Com o tempo você aprende a pensar com mais clareza. Ou, como queria Sócrates, aprende a pensar e a ser mais lúcido. Aliás, “a lucidez é o estado de uma mente instruída e sem medo”. “Você precisa ter fé!” Não é o que vive repetindo nosso querido diretor? Nosso objetivo é ensinar as pessoas a pensarem com clareza e coragem! — disse Anne, imitando Dr. Carl em um tom zombeteiro. Contudo, ao perceber a expressão intrigada de Antoine, decidiu logo mudar de assunto: — Crê que a desmemorização vai curá-lo por completo?

— Acredito piamente. Você fala como meu médico. Sempre cita os gregos.

— E as boas lembranças que restaram de sua infância? — indagou Anne, ignorando a observação *en passant*. — Não se importa de esquecê-las?

— Também não tenho lembranças agradáveis de minha infância, sabe? Todas as minhas recordações são ridículas. Quando era um garoto fazia coisas que um europeu estranharia. No Brasil, eu evitava qualquer tipo de contaminação social. Ao sair com meus pais para um passeio pelas ruas do Rio, era costume sairmos de carro blindado. Lembro da vez que eles me levaram à praia pela primeira vez. Ao circular pela orla, fiquei um pouco temeroso no início, mas eles me disseram que eu precisava me acostumar à presença dos nativos e também aos seus hábitos litorâneos. Estava na hora de conhecer o mundo. Precisava aprender a distinguir acima de tudo os mocinhos dos bandidos. Meu pai pediu que observasse bem as pessoas e fizesse essa distinção. A tarefa foi uma tortura. Eu não conseguia discerni-los. Uma vez presenciei um assalto. Um menino de oito anos pegou a pistola de brinquedo presenteada pelo pai e quase fez uma senhora ter um infarto no calçadão. Também vi um garoto bem-vestido tentando levar a bolsa de uma velhinha. Fiquei confuso com tudo aquilo. Em outra ocasião, dois policiais levaram aos tapas um menino para a delegacia, enquanto um homem de terno roubava a carteira de um cidadão distraído. Fiquei com a impressão que o sonho de todo garoto era ter uma arma

e a fantasia de toda menina era namorar um vendedor de entorpecentes. Deve ter sido meu primeiro trauma. Lembro que naquela noite tive um terrível pesadelo. Além disso, por causa do calor insuportável, era costume nos refrescarmos tomando limonada suíça comprada dos ambulantes. Tinha um gosto horrível. Era apenas água, limão e açúcar, sem nada de suíça. Mas, sinceramente, não me lembro de muita coisa de minha primeira infância. Apenas me recordo que fazia sol o ano inteiro e o calor era de matar.

— Não brinca... E de sua adolescência? O que ainda lembra?

— Pouca coisa. Quase nada, na verdade. Meus primeiros anos na Suíça estão no limbo.

— *Mon dieu! Es-tu sérieux?* Nada, nada? Quem sabe você era um grande instrumentista e não se lembra.

— Disso eu me lembro. Eu era um violinista medíocre, apesar de que o público me considerava um prodígio. No começo, eu me esforcei bastante para ser um grande concertista como minha mãe. Com muita dedicação consegui ficar tão bom no violino quanto ela no piano. Mas quando me tornei um *spalla* de uma orquestra nunca mais nos encontramos. Passei anos excursionando pela Alemanha, fazendo apresentações em cidades ou vilarejos, e muitos desses lugares estavam apenas alguns quilômetros de onde ela morava. Ainda assim, vivendo há alguns anos no país da Floresta Negra, minha mãe nunca foi me ver tocar. E também nunca respondeu aos meus convites ou telefonemas. Jamais entendi a razão. Será que fiz algo ruim a ela? A lembrança sempre me importunou. Por isso, mesmo após ser aceito em uma orquestra, terminei me acomodando. De jovem prodígio me tornei com um tempo um mero violinista de terceira categoria. Talvez porque minhas opiniões mudaram muito no fim de minha adolescência. Para um músico profissional, deixar de gostar de música é uma experiência terrível. Um bom músico deve gostar do que toca. E não era meu caso. Se não fosse por uma tradição familiar, eu nunca teria me tornado um violinista.

— Sua mãe nunca viu você tocar? Sério mesmo?! — indagou Anne, intrigada. — Ela devia ser bastante ocupada, *n'est ce-pas?*

— Como concertista, minha mãe era profissionalmente uma mulher muito ocupada. Lembro, porém, que foi graças a ela que iniciei minha carreira no violino. Eu era um menino muito desajeitado e tímido, até mesmo com os instrumentos musicais, e ela me incentivou a tocar para me desinibir. Comecei tocando piano, mas sempre o desafinava com minha maneira bárbara de martelar os acordes. Segui com entusiasmo o conselho que ela me deu: “largue o piano e mude para o violino”. Disse que os violinistas possuem mais liberdade de movimento. Lembro que minha primeira apresentação foi um completo fracasso. Mesmo assim, ao terminar o *Gymnasium*, decidi cursar música. Quando comuniquei à minha mãe essa decisão, ela nada disse. Vieram as viagens para fora do país e passamos a nos ver com menos frequência. Por conta de nossos compromissos profissionais, raramente nos víamos. Depois que minha mãe

passou a viajar para a Inglaterra, nós ficamos ainda mais afastados por conta de sua agenda cheia. As datas nunca eram propícias. Quando meu pai aceitou a separação, fui morar com ele. Meu pai também nunca estava em casa. Com o tempo me senti um pouco abandonado, para falar a verdade. Por uma questão profissional, minha mãe trocou Genebra por Londres, e nunca mais nos falamos desde então. Fiquei ainda mais ressentido. É como se ela não estivesse mais interessada em mim, entende?

Essa dolorosa confissão despertou lembranças profundas em Anne. Ela também não tinha uma boa relação com a mãe. Na época em que moraram juntas, elas mal se viam. Por conta da profissão, a mãe de Anne estava a maior parte do tempo ausente de casa. O trabalho a distanciava da filha. Chegaram ao ponto de parecer estranhas uma à outra, mesmo vivendo sob o mesmo teto. E nenhum das duas pareceu se importar com esse estranhamento. Desde que deixara Berna, Anne nunca mais tivera notícias da mãe. Ainda estaria viva? Indagava-se às vezes.

— Entendo — disse Anne, compreensiva. — Já minha mãe nunca fez uma torta de maçã em meu aniversário, acredita? Na minha formatura, ela apenas mandou um recado, dizendo que não podia comparecer porque estava viajando a trabalho. Quando desisti de fazer faculdade, ela também não se importou. Minha mãe era uma figura estranha, às vezes. Tinha uns romances terríveis. Certa vez, pelo telefone, ela me disse irritada que eu era parecida com meu pai. Disse que eu era dramática demais. E ainda comentou que eu nunca terminava nada daquilo que começava. Meus pais nunca foram muitos participativos. Não lembro muita coisa deles agora. Talvez esteja mesmo perdendo minha memória aos poucos, quem sabe? Mas você falou de sua mãe no pretérito perfeito. Ela ainda está viva?

— Não sei — respondeu Antoine. — Há algum tempo atrás soube que ela abandonou o piano por conta de problemas de saúde. Ficou internada algum tempo internada em uma clínica em Valais e, depois que teve alta, nunca mais voltou a tocar. Queixou-se que perdera sua paixão pelo piano. O tratamento lhe fez bem, contudo. Saiu de lá outra pessoa. Estava mais exultante e ousada, segundo me contou meu pai. Ele a visitou na clínica e notou nela uma profunda mudança. Parecia mais feliz. Expressou até mesmo sua intenção de sair em uma longa viagem sabática como sempre desejava e que sua agenda nunca permitiu fazer. Queria comprar uma passagem de navio para Point Nemo no oceano Pacífico, ou para qualquer outro lugar em que estivesse o mais perto possível do fim do mundo. Talvez sonhasse em visitar alguma Ilha da Fantasia, ignorando que nenhum cruzeiro se aventuraria a ir tão longe.

— Em vez de ir para o fim do mundo, ela podia ter ido para o Brasil — comentou Anne, com um certo escárnio, e logo acrescentou: — Por que sua mãe entrou em crise?

— Desconheço a razão — disse Antoine, olhando para o lado, como se quisesse reavivar a memória. — Creio que tinha alguma relação com meu pai. Ela sofreu bastante após a separação, sabe? Para se recuperar de sua recaída, ela decidiu passar alguns anos em um *ashram* cinco estrelas em Rishikesh, e gastou uma fortuna ajudando seu guru a reconstruir a mansão que ele comprou à beira do Ganges para receber seus amigos mais íntimos. Deve ter recebido um mi-

lhão de discípulos de todas as partes do mundo em seu *ashram*, e ainda cobraria ingresso. Minha mãe ajudou o guru como pôde, até que ficou descapitalizada e teve que retornar à Suíça. Após seu regresso, decidi se desmemoriar em uma clínica. Felizmente sua amnésia foi um sucesso. Converteu-se em uma santa, no final das contas.

— E esqueceu-se de você, obviamente — comentou Anne, *nonchalant*.

— *Sicherlich* — respondeu Antoine a olhar pensativamente para cima à esquerda, tentando lembrar algo. — Ou não. Não sei. Como eu disse, é uma pena que ela nunca me viu tocar. Se ela tivesse me elogiado ao menos uma vez, uma única vez, eu teria sido um músico melhor.

— E mesmo assim você decidiu continuar sua carreira?

— No começo eu queria apenas ter o que minha mãe teve: um público que me aplaudisse de pé. Mal sabia eu que ter um público não é o mesmo que ter uma família. Ainda assim decidi ser um concertista tão reconhecido quanto ela. Talvez minha mãe ficasse orgulhosa de mim, se ainda tivesse suas memórias e lembrasse quem sou — falou Antoine em uma tristonha entonação que deixou Anne preocupada.

— Se ela se lembrasse, provavelmente iria se orgulhar de você, com certeza. Você seguiu seu exemplo. Foi um bom menino — disse Anne em um tom mais sério.

— E de que vale seguir um exemplo tão inconstante? Decidi ser um violinista como ela, tudo bem. Eu sempre gostei de música e cultivei meus dons. Mas valeu a pena? Valeu mesmo a pena ter me esforçado tanto? Ainda me lembro de meu teste de aptidão musical na faculdade. Era uma banca examinadora com os melhores violinistas de todo o cantão. Qualquer um teria ficado nervoso diante de tantas sumidades. Naquela audição, eu toquei com prazer e confiança. Minha concentração ainda estava boa, e eu consegui manter o foco. Os examinadores ficaram bem admirados de minha performance e bastante intrigados ao descobrirem que eu nunca tive um professor de solfejo. A princípio, eu me senti um herói. Tocar em uma orquestra era o sonho de todo jovem violinista. Estar diante de um público era uma responsabilidade enorme. Ao mesmo tempo que havia uma excitação, havia também uma seriedade quase militar. Eu me sentia orgulhoso de pertencer a um grupo, a uma família de cem músicos que mal se cumprimentavam. No decorrer do tempo, porém, esse orgulho vazio foi passando, minha concentração piorou, e a disposição foi minguando, até que, por fim, me conformei em ser apenas um coadjuvante de uma *spalla* argentino que colocaram em meu lugar. Terminei perdendo a primeira posição. E justo para um argentino. Para um brasileiro, isso é uma verdadeira humilhação. É pior do que ser eliminado da Copa do Mundo pela Alemanha. Você gosta de futebol? Comparados aos suíços, os brasileiros possuem uma ginga e uma classe inigualável. Confesso que me tornei um fã desse esporte. No Rio de Janeiro...

— Já sei... — apressou-se Anne a interromper o saudoso amnésico. — Você me contou que foi a um estádio de futebol e quase morreu pisoteado. Não me interessa por futebol, se quer saber. Prefiro os fatos da vida. Quer dizer que perdeu sua posição na orquestra apenas por desânimo? Que tolice!

— As coisas não eram tão boas quanto imaginei que seriam. Tornei-me um herói sem adoradores.

— E também um herói sem nenhum caráter? — continuou Anne, em um tom cada vez mais de bochado. — *A zero heroe?*

— Não é como costumam chamar o tipo sanguíneo? Um homem de peito inflado, mas que nunca vai muito longe? Um desses entusiasmados gerentes de empresa em início de carreira, que se esforçam para mostrar serviço, antes que as coisas comecem a andar mal e eles se revelem despreparados para o cargo.

— *Quel fou!* Que louco deixaria um cargo tão prestigiado apenas por falta de motivação?

— É bastante trabalhoso ser um *spalla* em uma orquestra. Você precisa dar sempre o melhor de si, o tempo todo. Não há folga. Dormimos pensando em partituras. E não me agradava mais fazer tanto esforço por quase nada.

— Quase nada? Não lhe pagavam bem?

— Eu nunca fui amado, sabe? E também nunca amei sem me iludir com minhas fantasias. Nunca amei de verdade. Meu médico me disse que somente quando um sujeito está aberto ao mundo ele pode amar de verdade. Mas, para ser um sujeito aberto, é preciso ter coragem. E eu não tive coragem de me abrir quando foi necessário. Por esse motivo sou um medroso. Não corro mais riscos. Amar é perigoso.

— Nesse ponto somos parecidos. Se não vale a pena lutar, para que então tentar, *n'est ce-pas?*

— Sim, claro. Como a Raposa e a Uvas, *weißst du?*

— *Bien sûr!* E você? O que pretende fazer no futuro? Tem algum plano genial para sua nova vida?

— Plano? Para que planos? Para que deixar o futuro nos preocupar? Ninguém sabe como será o futuro. Você tem planos? Somente quem se aferra ao *social game* tem planos. Amnésicos perdem seu condicionamento. Não se preocupam com nada. Não querem participar da loucura da civilização. E não fazem planos.

— Claro que tenho planos! Eu ficaria contente se me livrasse de minha raiva em um ano — replicou Anne, mais serena. — O que acho improvável, para ser sincera. Dr. Carl me prometeu que em três meses eu teria alta. Estou aqui há quase quatro meses e ainda não percebi nenhuma melhora. Pfui! Desconfio até mesmo que esse tratamento está fazendo justamente o efeito contrário. O que me irrita um pouco, entende? Bem, não quero mais falar sobre isso, ou acabarei me aborrecendo ainda mais. *Dis-moi*: como se sente depois de suas sessões?

— É uma experiência indescritível — disse Antoine, abrindo um sorriso. — Próxima ao sublime, eu diria. É como estar em um mar de ondas de alegria. Você já teve alguma experiência do gênero?

— Mar de ondas de alegria? Nunca mesmo.

— Pois eu sim. Lembro-me da primeira vez que subi o Weissfluh em Davos com meu pai, quando ainda era uma criança. Escorreguei encosta abaixo em um trenó, como Heidi se atirando no Vazio até chegar ao vale. Caramba! Foi uma experiência quase mística. Senti uma profunda e serena alegria, quase extática. Nada comparado a uma sessão de Mnemodetox, obviamente.

— Então ainda tem recordações de sua infância?

— Claro! Dr. Carl me disse que não podemos perder a memória da primeira infância. Ou, do contrário, a amnésia se torna perniciosa. É preciso manter alguma coisa de nosso passado para salvaguardar a sanidade. Sobretudo as boas lembranças. Eu não gostaria de perder essa lembrança do Weissfluh. Marcou minha infância.

— Eu gostaria de ter boas recordações de meu passado — queixou-se Anne e suspirou. — Geralmente só me lembro de coisas ruins.

Ligeiramente tocada por essa súbita confissão, Anne mirou o céu com seus belos olhos esverdeados e respirou fundo. Ao refletirem a morna luminosidade da primavera suíça, contudo, coloridos por alguma passageira melancolia, seus olhos adquiriram uma tonalidade azulada. Aqueles espelhos da alma pareciam refletir profundas lembranças em sua bela superfície. Anne também esquiara em Weissfluh, ainda em sua infância, mas não tivera nenhuma experiência *quase mística*, como dissera Antoine. Por um átimo imperceptível, seus pensamentos

voltaram no tempo, recolhendo sensações perdidas há muito tempo. Como Antoine, ela também tinha seus momentos memoráveis (ainda que tivesse esquecido a maioria deles). Após desabafar sua frustração, Anne pensou em suas recentes experiências em Bünzli, e sua melancolia deu lugar aos remorsos. Relembrou sua explosão de fúria no refeitório, a autopunição, o isolamento e a expiação de sua culpa. Durante quatro meses, ela apenas amargou ainda mais seu *ennui*. Toda essa indesejável interrupção em sua vida não lhe trouxera nada de significativo. Fora, obviamente, o fato de ter voltado a fotografar, que outra coisa havia acontecido de bom? Além de comer em demasia, a outra parte mais incômoda da internação era lembrar todas as lembranças ruins que marcaram sua amarga infância, recuperadas durante o processo de mapeamento cerebral, um procedimento necessário para a amnésia, segundo seu médico. Era uma espécie de sacrifício para a jovem. Anne não suportava mais tudo aquilo. A cada nova sessão, ela aborrecia-se com seu passado, sempre se queixando dos engordativos efeitos colaterais do tratamento. Para confortá-la, ele iniciava mais uma de suas palestras sem fim.

Apesar de Anne não gostar das digressões do médico, ouvi-las a distraía. Por isso não se importou muito quando, ao escutar a paciente reclamar da lentidão de seu tratamento, Dr. Carl a apresentou com uma detalhada descrição neurofisiológica do processo de desmemoriação. Em um discurso mais técnico, ele explicou que, durante as sessões seletivas, memórias profundas às vezes vinham à tona, afetando os *pathways* do cérebro do enfermo e alterando a comunicação entre os neurônios do córtex pré-frontal e do sistema límbico, através do Circuito de Papez. Essa erupção emocional (ou *rush of sensations*) era um estágio preliminar do Mnemodotox, um efeito provocado pela ação das nanopartículas de ouro coloidal no aumento da atividade enzimática. Em termos simbólicos, toda a desmemoriação poderia ser considerada uma manifestação ctônica, quando os elementos inferiores da natureza ganhavam força e venciam a resistência da gravidade (ou da inércia) e irrompiam no cérebro, afetando sua fisiologia com resultados inesperados. Nesse ponto não custa nada falarmos um pouco de todo o processo.

Antes de cada sessão, o paciente era convidado a relaxar em uma cadeira cirúrgica. O ambiente era preparado para que ele se sentisse o mais confortável possível. Como fundo musical, Mozart recheava o espaço com suas sinfonias jupiterianas trazendo serenidade e um clima auspicioso. Como fundo olfativo, por sua vez, um delicado perfume de olíbano aromatizava a Unidade de Desmemoriação. Iniciava-se assim o procedimento. Um enfermeiro pingava algumas gotas no nariz do paciente, e os atentos médicos esperavam a reação. Administradas por via nasal, a milagrosa solução do Dr. Carl propagava-se pelo nervo olfativo do sujeito e se distribuía por todo seu encéfalo, procurando seu alvo nos misteriosos recônditos do tecido nervoso. Projetadas para se ligarem a determinadas proteínas nas terminações pré-sinápticas dos neurônios, essas nanopartículas ultrapassavam a resistência da barreira hematoencefálica e atingiam os receptores serotoninérgicos espalhados pelo hipocampo e córtex pré-frontal. E uma vez atingido o alvo, acontecia então um milagre, e o paciente, se a Fortuna lhe fosse grata, entrava em transe extático.

Esse grande efeito inspirador do tratamento era uma fantástica conquista médica do Dr. Carl. Após anos de pesquisa, sem ter encontrado um meio eficiente de vencer essa resistência do mecanismo de defesa cerebral contra qualquer tipo de medicamento inaceitável, o médico soube aproveitar o avanço da nanotecnologia para realizar finalmente seu objetivo de preencher

os cantos mais inexplorados do cérebro humano com sua fórmula mágica. Todas as outras soluções utilizadas haviam falhado em passar pela proteção natural do cérebro. Responsável por livrar o encéfalo de suas neurotoxinas endógenas e também por absorver substâncias exógenas presentes no sistema circulatório, a barreira hematoencefálica agia como uma fortaleza medieval e não permitia que nenhum invasor ou agente secreto penetrasse em seus domínios. Mas, uma vez relaxada a defesa por conta da nanominiaturização de suas moléculas, as partículas espalhavam-se pelo órgão e se alojavam nos neurônios subcorticais. Quando esses neurônios eram opticamente estimulados, na segunda etapa da sessão, neurotransmissores eram massivamente liberados como batedores avançados e atingiam uma multiplicidade de alvos receptores. O efeito da ação conjunta de neurotransmissores e enzimas (denominado pelo médico de *Efeito Entourage*) proporcionavam uma intensa sensação de bem-estar e tranquilidade, o sujeito relaxava por completo suas defesas e ocorriam assim as epifanias suprarracionais tão esperadas. Nessa fase transitória, salientou Dr. Carl, era possível desativar seletivamente determinados grupos de neurônios, responsáveis pelas desagradáveis más lembranças armazenadas na memória. Com a descontração muscular (ou *inner bliss*, como preferia dizer o médico), o relaxamento induzido pela aplicação da solução combinada à ação do laser mergulhava o paciente na fase N1 do sono e libertava profundas memórias. Sem as defesas do ego, o conteúdo inconsciente manifestava-se ao ser examinado à oportuna luz da consciência, um processo semelhante à revelação do negativo de um filme fotográfico nas velhas câmeras novecentistas. Nessa fase, visões hipnagógicas misturadas a *insights* iluminadores eram comuns. O paciente assistia a tudo, maravilhado. As aguçadas epifanias, segundo ele, preparavam o paciente para a terceira e última parte da sessão, que era a limpeza mental. Por meio da desintoxicação das substâncias endógenas acumuladas no tecido nervoso, um fenômeno incrível acontecia no cérebro do paciente. Conhecido como o Efeito Iluminador, a desmemoriação produzia uma espécie de experiência transcendental. Submetido a um profundo estado de relaxamento, o sujeito começava a produzir ondas theta, e todo seu cérebro entrava em sintonia com a vibração fundamental do universo, conhecida pelos hindus como *Pranava*. Dr. Carl comparava a entrada nesse estágio a um tipo de renascimento. Era a coroação de todo o Mnemodetox. Nesse estado de harmonia com o cosmos, o renascido paciente sentia-se novamente como parte de um Todo Universal, desfrutando assim sua reintegração com o cosmos. Nem todos aqueles que se submetiam a esse procedimento, contudo, experimentavam esse grandioso fenômeno, uma vez que essa etapa nem sempre era completamente alcançada por alguns deles.

Em algumas pessoas, explicou o médico a Anne, as erupções do inconsciente traziam memórias não tão aprazíveis ou engrandecedoras. A liberação das memórias ruins costumavam provocar reações negativas nos sujeitos mais irascíveis. Muitos desses coléricos ainda não eram capazes de lidar emocional e racionalmente com seu passado e nunca relaxavam suas defesas egoicas. Isso impedia enormemente o progresso do tratamento, afirmou Dr. Carl, causando assim uma indesejável demora no tratamento.

Atenta às palavras do médico, Anne compreendeu muito bem a explicação, sobretudo a parte das reações negativas trazidas pelas más lembranças. Para ela, em particular, algumas recordações do passado eram bastante desagradáveis de se recordar. Sempre que pensava em seu passado, Anne ficava melancólica. Muitas das lembranças liberadas na sessão de Mnemodetox ainda lhe causavam mais desgosto do que epifanias. Em sua última sessão, apenas para exemplificar, a jovem lembrou-se da vez em que seu pai a esquecera em um *vaporetto* em Veneza,

durante um de seus remotos passeios com a família ainda na infância.

Nessa lamentável ocasião, Anne aventurara-se pelos bricabraques da cidade flutuante do Vêneto em companhia de seu distraído genitor. Há algum tempo ela estava atrás de uma boneca para completar sua coleção particular e ainda não a encontrara. Queria o brinquedo perfeito para coroar como imperatriz de seu próprio *hinamatsuri*. Mas Veneza, com seus canais, sua laguna, suas ilhas e sua arquitetura renascentista, não impressionara a garota. Após percorrer diversas lojas, seguida de perto pela figura paterna, a exigente menina não encontrou nenhum exemplar interessante (ela queria comprar uma *bambola* de madeira), e assim pai e filha dirigiram-se até o terminal de balsas no Grande Canal para embarcar no *bateô* que os levaria de volta ao hotel. Enquanto aguardavam o horário da embarcação, o pai de Anne resolveu olhar as máscaras expostas na vitrine de uma loja de quinquilharias ali perto. Entre Bautas, Voltas e Zannis, e outras variedades carnavalescas dos *Bals masqués* da Renascença italiana, ele ficou particularmente atraído por uma *Medico della peste*. Encantado pela descoberta, explicou à filha que durante a Peste Negra aquela máscara havia sido um aparato higiênico muito utilizado pelos médicos para atender os enfermos infectados pela *Yersinia pestis* (embora a máscara em questão tivesse sido inventada no século dezessete). Falou um pouco das condições de vida na Idade Média e das inúmeras dificuldades encontradas pelo médico para atender aos pacientes, sobretudo por conta do mau cheiro. Apontou para o longo bico da máscara e comentou que ali eram colocados alguns ramos de lavanda para afastar os odores desagradáveis exalados dos corpos enfermiços. Apesar de um pouco enojada por essa observação, a menina escutou o pai sem protestar. Queria saber aonde chegaria tudo aquilo. Abstraido, ele referiu-se à peste como uma consequência da negligência das autoridades com a saúde pública. Ao adoecer, explicou o pai de Anne, as pessoas não eram isoladas do resto do grupo, colocando em risco toda a população. Aqueles eram tempos ingênuos, em que os homens associavam os vírus e as mulheres aos demônios. Demonstrou sua admiração pelos médicos dessa remota época, que arriscavam suas vidas para manter a sociedade livre das doenças e proteger as futuras gerações das terríveis e virulentas mutações viróticas. Essas figuras, porém, foram respeitadas por um lado e satirizadas por outro, salientou o genitor. Citou o *Decameron* de Boccaccio, para quem a peste era uma cura para as vicissitudes da vida urbana. Os artistas, essas antenas da sua geração, sabiam a causa primária de todas as doenças. Homens como Petrônio, Luciano e Dante sabiam que a ganância e a luxúria estavam na raiz de todos os males do homem civilizado. Enquanto uns desfrutavam a *dolce vita*, outros padeciam uma existência miserável nos cortiços pestilentos. Predestinado a viver em sociedades corruptas, continuou o pai de Anne, o homem renascentista médio estava fadado à pobreza e à decadência. Era natural que assim ficassem facilmente doentes. Para esses pobres coitados os serviços de saúde apenas chegavam quando estavam moribundos. A *maschera* em questão, disse o contador de histórias, era um vestígio dessa ironia do destino humano. Com toda a sua seriedade e seu zelo, todos os santos, sacerdotes, salvadores e médicos do passado da humanidade, incapazes de salvar o que não tinha salvação, pareciam ridículos aos novos tempos. Eles haviam se martirizado para que os outros pudessem sobreviver à peste e não receberam nenhum reconhecimento por seu sacrifício. Na Renascença, ao representarem a comédia do imaginário coletivo dos antepassados medievais, os atores da *commedia dell'arte* retratariam comicamente a grave presença dos sanitaristas de outrora, responsáveis por cuidar das vítimas daquela epidemia incontrollável, que impiedosamente ceifava as vidas dos cidadãos dos grandes centros urbanos da Europa medieval. Aquela máscara, resumiu o pai de Anne, representava não só a comicidade quanto o drama da peste vivido por nossos ancestrais, mas também o drama humano. A cada nova epidemia, constatamos que somos frágeis e vulneráveis, e que somos a solidariedade que nos salvar.

Ao lembrar a precariedade do passado, os erros e acertos das autoridades, o pai de Anne ficou a contemplar longamente a expressão da máscara, uma autêntica *Medico della peste*. Ficou pensativo a imaginar aqueles difíceis tempos vividos por nossos antepassados, que de vez em quando se repetiam como um eterno retorno. Esse relato paterno, contudo, não interessou a menina. Às vezes, quando seu pai iniciava mais uma de suas preleções, Anne simplesmente se desligava. Ela estava mais preocupada em cruzar o canal e voltar ao conforto do hotel do que interessada em ouvir histórias da carochinha. A menina recebeu com alívio a notícia de que a embarcação havia chegado e, afastando-se de seu distraído genitor, dirigiu-se ao veículo náutico para encontrar um lugar onde pudesse se sentar para assistir a um filme em seu Handy. Nesse instante, o pai de Anne ainda estava dentro da loja de máscaras, admirando o fabuloso trabalho dos artesãos venezianos e prestigiando os frutos de sua tradição milenar. Impaciente para esperar a minuciosa inspeção do absorto saudosista, Anne afastou-se do seu genitor e embarcou no *vaporetto* com os outros turistas, esperando que ele logo percebesse sua ausência e fosse atrás dela. A menina sentou-se então ao lado de um casal de americanos e, após enviar um recado para a mãe em seu Handy, comunicando que estava voltando ao hotel sem ter comprado nada, retomou o filme que havia começado a assistir ainda em sua última travessia de barco (no caso, *Summertime* com Katharine Hepburn e Rossano Brazzi). “This girl has a taste a bit old fashioned, hasn’t she?”, disse a sexagenária americana para o marido, ao notar que a menina acompanhava com os olhos um velho filme de Hollywood. “A bit or a lot?”, indagou seu parceiro, dando uma ligeira olhada para o Handy de Anne. Atenta à conversa, a garota não se importou com o comentário e nem ao menos pestanejou. Bastante absorvida em seu filme, ela mal notou que o barco estava prestes a partir. Somente quando o capitão finalmente anunciou a partida e o veículo entrou em movimento, Anne constatou, aterrorizada, que seu pai não havia embarcado. O *vaporetto* já se encontrava no meio do canal quando a menina observou, aflita, o retardatário pai chegar afobado ao atracadouro com suas compras, trazendo no rosto uma expressão desolada, enquanto a embarcação se distanciava no Grande Canal. Deixando as sacolas de lado, ele ainda acenou para a filha, procurando confortá-la. Mas a sensação de ter sido esquecida foi demais para a menina. Amargurada, ela relembrou o constrangimento de ser deixada sozinha em um barco. Além da surpresa surgida pelo inesperado, Anne ainda temeu ser raptada por dois estranhos que viajavam no mesmo trajeto. Pela primeira vez se sentiu um tanto preocupada com seu destino. Um pouco depois da partida, a senhora americana confessou à menina que precisavam de uma *baby sitter* nova para cuidar de seu neto na casa em que moravam em Ohio (sua empregada mexicana havia pedido demissão para ir trabalhar em uma rede de lanchonetes *fast-food*). Não queria ela conhecer os Estados Unidos? Indagou a americana, dirigindo-se a Anne. Com um certo orgulho, a sexagenária contou ainda que, em casa, eles assinavam dezenas de canais de TV, inclusive aqueles que só passavam filmes nostálgicos, assegurando à menina que nunca lhe faltaria diversão. Ressabiada diante dessa indecente proposta, Anne foi procurar o capitão do barco. Queria denunciar às autoridades aquela escancarada tentativa de sequestro. Ao encontrar o responsável pela embarcação, porém, a garota ficaria ainda mais constrangida. Ela não soube responder as perguntas em vêneto do capitão, um dialeto que ela não compreendia direito, mesmo com seus bons rudimentos de italiano (ansiosa por viajar pela primeira vez a Veneza, a menina lera um livro didático inteiro dedicado à língua, quando então, uma vez na Itália, descobriu que os italianos são apaixonados por seus dialetos). Incapaz de dizer ao capitão que um passageiro ficara para trás, Anne teve que se conformar àquela absurda situação. Constrangida com o casal de americanos, ela pediu a permissão do comandante da embarcação para permanecer o restante da travessia na cabine (ao que foi prontamente atendida). Seguiria o resto da viagem observando

o hábil piloto guiar com destreza seu veículo pelas águas venezianas. Embora preocupada com o pai, a garota não deixou de admirar, por todo o percurso, a beleza da arquitetura renascentista ao longo das vias fluviais da cidade. Confessou que era mais bonita do que nos filmes. Após desembarcar do outro lado do canal, Anne somente reencontraria o pai algum tempo depois. Deixado para trás, ele fez sua travessia em uma lancha alugada até a estação seguinte, onde reencontraria a aborrecida filha. “Você não tem salvação!”, disse Anne ao revê-lo.

Apesar das desculpas paternas, a menina passaria o resto do passeio de mau humor, mergulhada em um inquietante silêncio. De volta à Suíça, para piorar o desconsolo provocado por essa malfadada viagem a Veneza, Anne teve que suportar por algum tempo a terrível visão da máscara medieval comprada por seu genitor, que enfeitaria a sala de estar da casa de sua família em Genebra.

Certos objetos, reconhecem os antiquários, possuem um inestimável valor sentimental para seus proprietários. Outros, no entanto, trazem apenas desagradáveis recordações. Vestígio de um episódio desastroso de sua infância, a máscara veneziana se tornaria um *memento* despiciendo para Anne, mesmo quando Dr. Carl explicou, anos depois, que o adereço simbolizava a doutrina miasmática-humoral, segundo a qual as doenças eram causadas pelas más condições do sangue e da fleuma, da bile amarela e da bile negra, identificados como os principais humores e temperamentos na velha tradição hipocrática. Toda essa explicação não convenceu a jovem. Essas curiosidades históricas não apagariam suas más impressões da máscara e também suas recordações daquela visita à Itália, em sua infância. Rememorar aquelas desagradáveis lembranças sempre deixava Anne um tanto tristonha. E apesar de decorridos tantos anos desde aquela malograda viagem a Veneza, essa era ainda uma memória intacta em sua peripatética autobiografia.

Por conta dessas lembranças, o tratamento de Anne ainda não conquistara grande avanços. Sempre que passava por uma sessão de Mnemodetox, ela despertava sua memória desagradável de suas experiências passadas, sobretudo as recordações de seus ex-namorados. Entretanto, se havia algo mais incômodo para Anne do que relembrar seus relacionamentos românticos eram os sentimentos que nutria por seu pai. Apesar de receber dele tudo o que precisava (e, com isso, nada lhe faltasse), sentia um estranho vazio ao pensar em seu genitor. Lembrava-se apenas do *businessman* ocupado que saboreava com pressa seu café da manhã lendo dinamicamente seu jornal, folheando as páginas da seção financeira e com o preço das ações, antes de partir em alguma viagem para um país distante. Somente naqueles rápidos instantes domésticos, Anne ainda percebia sua presença, mas era, na maior parte do tempo, apenas ausência. Às vezes ficava meses sem receber notícias dele. E até mesmo agora nada sabia de seu destino, ou mesmo se estava vivo. Era tudo um grande mistério.

Desde que pisara os pés em Lucerna, Anne sabia que nada mais seria como antes. Sua temporada em Büngzli havia sido marcada por uma descida ao Inferno rimbaudiano. A cada sessão de Amnésia Autobiográfica, Anne sentia um intenso desgosto e uma persistente melancolia ao recordar os sombrios episódios de sua vida pregressa, sem falar ainda da frustração de relembrar aquilo que mais gostaria de esquecer. Sessão após sessão de mapeamento mnemônico,

Dr. Carl tentara aliviar sem sucesso o peso da bagagem emocional da paciente, mas Anne ainda não vira nenhuma melhora em sua constante irritação e em seu mau humor. Muito pelo contrário, pensava ela. A cada dia que passava, sentia seu *ennui* dominá-la cada vez mais. O tratamento trouxera mais desvantagens (afinal, engordara quase um quilo) do que vantagens. A verdade é que ela não teve escolha. Sem qualquer liberdade para selecionar um tratamento melhor, submeteu-se sem muitas exigências à internação. Anne lembrava-se dos primeiros dias em Büngzli, quatro meses antes, quando seu pai concordara em gastar uma pequena fortuna para que ela se submetesse ao Mnemodetox.

Anne havia passado uma fase terrível depois do fim de seu último relacionamento amoroso. Vivendo com a avó materna, ela nunca se sentiu tão só em toda a sua vida. Havia um abismo entre as suas gerações. Aos poucos seu estado emocional piorou, preocupando sua única parente próxima. Na época, durante o clímax de sua angústia, seu pai, alarmado pelo estado da filha, resolveu interceder. Ele veio diretamente de Moscou, onde se encontrava a negócios, com a firme intenção de enviá-la a uma clínica de tratamento. Exibindo um ar grave, o genitor de Anne repassou suas preocupações à filha. Suas condições inspiravam cuidados, disse ele, com essas exatas palavras. Reafirmou ainda seu interesse em interná-la, e Anne foi obrigada a acatar tudo sem protestar. Por conta de seu crítico estado mental, a inquestionável determinação do pai de tratar sua ciclotimia nervosa com uma internação parecia a coisa certa a se fazer naquele momento. Agora, no entanto, passados alguns meses, a jovem paciente estava arrependida por não ter se oposto à decisão. Naquela hora, podia ter esbravejado como sempre fazia, mas estava vulnerável demais para protestar. Ou podia ter ao menos se oposto silenciosamente àquela ideia absurda. Afinal, ser submissa não era bem seu feitio. Acostumara-se muito cedo a protestar contra as decisões dos pais e fazer ouvir sua voz quando era contrariada. Na verdade, desde a infância ela havia sido atendida em todas as suas exigências, e seus pais nunca lhe negaram nada. Em casa, morando com sua família, seu querer era poder. Morando com a avó em Biel, entretanto, sentiu-se impotente. A monstruosa angústia que tomava conta de sua alma era muito maior do que seu desejo de bradar sua liberdade. Constatou que precisava de ajuda.

Na época da visita do pai à casa de sua avó materna em Biel, Anne não tinha condições de julgar o que era melhor para ela. Vencida pelas longas noites sem dormir, Anne presenciaria seu pai tomar uma séria resolução sem antes de consultá-la. No dia em que ele chegara de Moscou, ela não soube como reagir ao vê-lo sentado com um ar desolado e sério na sala de estar da casa da avó. A presença do pai costumava trazer para a filha algum mau augúrio. Anne havia passado a adolescência inteira distanciada de seu misterioso genitor e, de repente, quando o viu conversando gravemente com sua avó, logo suspeitou de algo ruim. Soube então que ele estava ali para levá-la embora. Anne recebeu a notícia apaticamente. Na expressão facial do pai, recordou-se ela, viu estampada apenas uma dramática máscara kabuki, em que não era possível vislumbrar uma veemente preocupação com seu estado emocional. Era incapaz de perceber a intensidade da inquietação paterna ou seu desassossego. Relembrou as cenas de seus filmes favoritos de Hollywood e em nenhuma delas reconheceu aquela expressão séria. Quis recordar algum papel interpretado pela rebelde Bette Davis ou por alguma outra heroína do cinema, mas não conseguiu lembrar de nada. Diante daquela circunspecta e desconfortável situação, Anne nunca diria “não quero” ou “não vou” ao seu pai. Sentia-se vulnerável e frágil para reagir como a adolescente rebelde. Aceitou então acompanhá-lo, no dia seguinte, em uma viagem de

trem para um destino incerto. E descobriu assim seu inédito lado submisso.

Quando chegou a Lucerna, Anne logo percebeu seu pai mais aliviado. Após deixá-la aos cuidados do médico, o progenitor apenas a abraçou frouxamente e afirmou que ela talvez nunca mais se lembraria daquele momento. “Novos tempos virão”, disse ele, enfim. Ao se despedir da filha, o pai de Anne fez então um cara desolada, baixou os olhos e espremeu os lábios. Por um segundo pareceu estar encabulado. Cabisbaixo, meditou por alguns instantes antes de partir. Enfim, após essa ligeira reflexão, virou as costas sem dizer nada e, vacilante, entrou no táxi que o levaria ao aeroporto, deixando a perplexa jovem a ver navios e *vaporetos*. Ao recordar-se da exasperante despedida, Anne sentiu um certo amargor na boca. Até o momento, ela ainda não esquecera aquela má lembrança. E também a desagradável impressão de que havia sido abandonada.

Quatro meses se passaram sem que Anne tivesse qualquer notícia do pai. A lembrança ruim da despedida paterna às vezes a agonizava, assim como muitas outras más recordações de seu passado. Havia muitos momentos de sua vida que ainda teimavam em serem lembrados. O dia em que terminou com seu namorado, o dia em que deixou sua mãe em Berna para ir viver em Biel, o dia em que desistiu de fazer filosofia, e o dia em que seu pai a abandonou em uma clínica, todos essas memórias retornavam quando menos esperava. De fato, as sessões de Mnemodetox ainda não haviam removido grande parte de sua memória ruim. O método possuía suas falhas, pensava ela. Seria aquele, afinal, o tratamento mais adequado para o seu caso? Indagava-se ela, com frequência. Essa dúvida foi repassada ao seu médico ainda no início da interação, em um interessante e comunicativo (*talkative*, diriam os ingleses) episódio.

Sentados à mesa de varanda sob um guarda-sol, enquanto tomavam chá, Anne reclamou ao médico que seu tratamento não estava funcionando. Dr. Carl explicou à paciente que, por conta da diversidade dos tipos psicológicos, cada pessoa tinha seu próprio ciclo de desenvolvimento. A eficácia do tratamento, segundo ele, dependia do estado mental do paciente. Embora o Mnemodetox fosse um grande avanço na medicina (e também um método elogiado por celebridades em todo o mundo, salientou ele), sua eficiência dependia de um fator essencial. Para esquecer o passado, afirmou o médico, era necessário um estado mental adequado. O paciente precisava, segundo ele, ser um pouco mais reflexivo.

Diante dessa explicação, Anne se opôs ao ponto de vista do médico. A filosofia não era mais útil em uma época em que pensar não era lucrativo, disse ela. O hábito de refletir caíra em desuso, sintetizou Anne. Discordando da opinião da paciente, o médico replicou-a referindo-se ao papel da filosofia na Antiguidade e sua influência sobre estadistas, e aludiu ainda à sua contribuição para a política no Renascimento. Citou Maquiavel e suas controversas estratégias para manter os príncipes no poder. O surgimento dessa relatividade moral, segundo ele, foi um divisor de águas na História. Com o pensamento maquiavélico, a ética passou a ter dois mundos distintos: a lúdica e luxuriosa realidade dos poderosos, e a injusta e agonizante realidade do homem comum. “A Modernidade trouxe uma nova função para a filosofia”, disse Dr. Carl. “Sua relação com o poder a tornou preciosa para os estrategistas e indispensável para os aventureiros. Na era da tecnologia ainda precisamos validar o conhecimento de alguma forma,

tecer planos de ação, pensar qual a melhor decisão a ser tomada, elaborar soluções a curto e a longo prazo. Mais importante do que a informação é saber o que fazer com ela.” Descrente com os filósofos modernos, Anne replicou que isso era uma corrupção do ideal dos gregos. Os antigos pensadores, disse ela, aspiravam apenas ao esclarecimento e não vislumbravam um propósito utilitarista para suas habilidades mentais. O médico concordou com a paciente, mesmo acreditando que homens como Epicuro mudaram esse conceito. “Nosso comportamento é tão importante quanto nossa maneira de pensar. Por agir instintivamente, o ser humano imita irrefletidamente. Seguimos modelos duvidosos. A ignorância, nesse caso, é perniciososa. Estar consciente de como agir é tão importante quanto pensar a ação. Apenas quando sabe agir, uma pessoa pode ser feliz de verdade.” Anne concordou com essa afirmação, mas voltou a tocar no caráter ilusório da felicidade e citou Nietzsche, o mais otimista e o mais infeliz dos filósofos. Dr. Carl de novo aquiesceu à opinião da paciente e disse que, apesar de mudar nossa perspectiva do universo, a filosofia moderna tornou os homens mais pessimistas. “Apesar de ser um gênio, Nietzsche nada sabia sobre controle emocional, biorritmo e ciclos circadianos, e desconhecia por completo a causa de suas crises psíquicas. Seu descontrole era notório. O Senhor Dinamite era capaz de dizer notórias sandices para seus amigos mais íntimos. O que prova que nossa maneira de pensar nem sempre está de acordo com nosso comportamento.” Dessa vez Anne teve que admitir que o médico estava certo. Ela reconhecia que gente inteligente às vezes costuma agir de maneiras bem estúpidas. Replicou, no entanto, que uma pouco de senso crítico era importante para as pessoas, mesmo para a *commoner*. Essa foi, segundo ela, a grande contribuição da Modernidade ao pensamento humano. “*Genau*”, disse Dr. Carl. “Mas pessoas supercríticas tendem a ser mais rígidas, menos tolerantes e menos amáveis do que a maioria das pessoas. Sem falar de sua atitude pessimista em relação à vida.” O pessimismo dos modernos, salientou ele, apenas estimulou a insensatez humana.

Para explorar essa ideia, o médico fez então uma breve palestra sobre a loucura através dos tempos e de como a genialidade humana, despertada no século vinte, levou o sujeito pós-moderno à completa dependência da tecnologia. Dr. Carl lamentou o fato e comentou que, sem nenhum controle específico, o domínio da natureza pelos homens (e dos homens sobre as mulheres) apenas acentuou nossos defeitos morais, ameaçando nossa liberdade de expressão e ameaçando a perpetuação da espécie. Ele criticou os *influencers* atuais, pessoas sem nenhuma fibra moral, cujo comportamento leviano era imitado por milhões de fãs em todo o mundo, indivíduos sem qualquer senso crítico mais profundo. Nesse ponto, ressaltou o médico, os modernos falharam redondamente. Homens e mulheres estavam mais compulsivos do que antes. E um pouco mais insanos. Contudo, acreditava Dr. Carl, a mesma loucura que levou a humanidade à decadência seria também responsável por salvá-la. Ao reaproximar os homens do divino, disse o médico, o lado irracional humano pode encontrar a cura para os males modernos. Para exemplificar essa ideia, ele citou o kabuki japonês e suas máscaras, utilizadas em outros tempos para representar a natureza humana em todas as suas nuances, positivas ou negativas. “Ao exibir o sombrio lado humano, as máscaras nos ensinam a olhar os indivíduos além de nossos padrões mentais e sociais”, disse ele. Essa era a abordagem empregada em Bünzli. Ao encarar as pessoas de outra maneira, afirmou o médico, podemos mudar radicalmente nossa perspectiva da realidade.

A mente, prosseguiu Dr. Carl, devia ser tratada junto com o corpo. Para ter uma mente sana, ressaltou, era preciso ter um corpo são, e explicou à sua paciente a importância dessa sincro-

nia. “A educação da mente não é tão simples quanto a educação do corpo. Estamos habituados a pensar de maneira incorreta, e mudar esse mal hábito pode levar mais tempo do que educar o físico. Estar atento aos pensamentos devia ser uma regra, mas a maioria das pessoas ignora esse fato”, disse ele. “Quando somos capazes de prestar atenção em nós mesmos, alteramos nosso ponto de vista. Passamos assim a atuar no mundo, e o mundo, por sua vez, atua em nós.” Essa capacidade, contudo, continuou o médico, precisa ser exercitada, e somente por meio da reflexão ativa e da observação de nossas emoções esse feito era possível. Falou então da filosofia oriental e de suas valiosas descobertas sobre o universo humano, referiu-se ao *Natya Shastra* e listou os oito rasas, ou emoções, segundo a estética hindu (*Rati, Hasya, Soka, Krodha, Utsaha, Bhaya, Jugupsa e Vismaya*). Citou a fenomenologia de Husserl, que julgava ser esse o método ocidental mais próximo ao pensamento do Oriente, e expressou sua admiração pelos filósofos dessa escola, que encontraram, por meio da intuição, uma forma de observar além das aparências. Considerou essa proeza como um grande avanço. Esse tipo de clarividência, familiar aos orientais, era ainda novidade para os céticos ocidentais. Por essa razão, confessou o médico, ele ensinava o método fenomenológico a todos os seus pacientes. Queria, desse modo, que eles fossem também um pouco mais clarividentes.

Anne, contudo, lamentou que, por conta de seus demônios, fosse ainda incapaz de perceber qualquer evidência de mudança desde que chegou a Büngzli, e questionou se o método serviria para ela. O médico respondeu que era preciso ter paciência. No passado, disse ele, a insegurança das pessoas quanto ao futuro levou à sua dependência dos oráculos. Mas, graças a esse apego a crenças enganosas, a moral foi gravemente afetada, e surgiram assim as ideologias religiosas como novos guias para a humanidade. Com a modernidade, a ciência substituiu as visões dos antigos profetas e suas ideias utópicas. Essa troca de papéis proporcionou um grande avanço no pensamento humano, mas a própria ciência chegou ao seu próprio grau de incerteza. Essa incerteza, frisou Dr. Carl, apenas aumentou a Ansiedade Cartesiana do sujeito pós-moderno. E a ansiedade, disse ele, era um impedimento para a clarividência. “Além de observar seus pensamentos, o paciente precisa também escutar a si mesmo”, acreditava o médico. Segundo ele, um mundo de múltiplas ideias fez com que o sujeito pós-moderno perdesse o foco e se desviasse do que era essencial. Falou da origem da discórdia no começo dos tempos e da Teoria das Causas, tão discutida por filósofos como Aristóteles, Averróis, Tomás de Aquino e mesmo por David Hume. Conhecer a Causa Primeira, na opinião do médico, era essencial para entender o mundo em que vivemos, ainda que não possamos compreender essa Causa apenas com o uso da Razão. Dr. Carl concordava com Hume que a dúvida era necessária. Sem ela, disse ele, não podemos prosseguir nosso caminho em direção à iluminação. “Por isso é importante para um médico conhecer a subjetividade de cada paciente. Conhecendo sua maneira de pensar, podemos conhecer seus hábitos. E se conhecemos seus hábitos, sabemos seu destino e podemos mudá-lo sugerindo novos rumos. Se, porém, o indivíduo consegue romper o ciclo do eterno retorno, está livre para encarar sua vida como ela realmente é, sem ilusões.” Anne replicou que era difícil seguir às regras do tratamento. Ela não estava acostumada a obedecer ordens, confessou.

Dr. Carl esclareceu mais uma vez à sua paciente a importância de seguir as diretivas do método. Segundo ele, a desobediência aos princípios era a causa de todos os males. Afinal, não se pode esperar lealdade de um traidor. Obedecer à natureza é um mandamento da evolução biológica. Existe uma moral na espécie, responsável por gerar confiança entre os membros do

grupo e perpetuar seus valores. Aja corretamente e sobreviverá, está escrito em nossos genes. Mas para agir corretamente é preciso estar consciente de nossas ações, salientou Dr. Carl. É a consciência que nos guia, afirmou ele, e contou como os seres iluminados ajudaram a tirar a humanidade da Idade das Trevas, um fato do qual poucos ainda se lembravam. Para o médico, a memória é o elo de conexão do homem com seu passado. Somente por meio desse vínculo podemos conhecer a Causa Primeira. Por isso, acrescentou ele, é importante desintoxicá-la, para que o essencial transpareça e a iluminação aconteça. Mas Anne, cética, reclamou que não conseguia se desintoxicar. O médico mais uma vez reiterou a importância de se observar além das máscaras.

Ao detectar um vestígio da filosofia existencialista na maneira de Anne pensar, o médico procurou esclarecê-la que o existencialismo, com sua ênfase no aparente e no superficial, apenas gerou seres sem consciência, guiados apenas por seus piores instintos. Era necessário, no entanto, ir além dessa visão limitada da realidade. Havia mais mistério no mundo do que imaginávamos em nossos mais loucos sonhos. Não basta afirmar que somos donos de nosso destino. Para ele, a liberdade tinha certos limites.

Dr. Carl contou então a Anne um relato que escutara de um colega na Alemanha, alguns anos antes de vir para Suíça. Diante dessa digressão anedótica, a jovem não esperou escutar nada interessante, mas acompanhou tudo atentamente. O médico narrou sua história de maneira cívica, sem muitos prolegômenos ou arabescos. Um septuagenário banqueiro suíço, disse ele, um desses ricos *bachelors* sem filhos ou herdeiros, estava convencido que a previsibilidade do ser humano era um obstáculo para a evolução espiritual de homens e mulheres. Um ex-membro do Clube de Roma II, uma organização formada por empresários, experts, *think tankers* e gênios da tecnologia como Bill Sluices, Hugs & Besos e Lucky Bienenwabe, ele estava desiludido com as tentativas dos cientistas, políticos e intelectuais de evitar uma catástrofe demográfica a nível mundial. Aqueles eram tempos difíceis, e os defensores dos direitos humanos estavam muito preocupados com o destino do planeta e seus habitantes. Segundo ele, a espécie humana nunca seguiria um plano de desenvolvimento. Homens e mulheres procuravam agir com originalidade, mas terminavam encurralados nas mesmas armadilhas de seus pais. Ou seja, todos as pessoas estavam condenadas a trilhar cegamente o caminho traçado por seus antepassados. Um fanático partidário do livre-arbítrio absoluto, o banqueiro havia se tornado com o tempo um determinista exagerado. E era também dado a certos esoterismos hermetistas (ou hermetismos esotéricos). Em sua opinião, baseada nos ensinamentos tradicionais, somente alguns poucos sujeitos privilegiados, encontrados nos subplanos superiores do Selo de Salomão, são capazes de atrair as graças da Fortuna, enquanto aqueles que trilham os caminhos dos subplanos inferiores (mais ligados aos instintos e, por isso, desafortunados por suas más escolhas), estavam condenados à escravidão cármica, aquilo que Nietzsche chamou de Eterno Retorno. Sem a influência da Fortuna, pensava ele, nenhum livre-arbítrio é páreo para o determinismo natural da espécie. Em suma, nem mesmo o maior dos magos podia competir com a própria sorte (ou com uma revolução social). Ao ouvirem essas observações derrotistas, seus colegas de Guilda, porém, diziam que o banqueiro era um pessimista incorrigível e o acusavam de subestimar os próprios esforços de sua subida aos escalões mais altos das finanças internacionais. Então tudo o que ele conquistara até ali havia sido por conta da boa fortuna? Indagam-se esses aristocratas. Reunidos para um agradável chá das cinco em um clube de gentis-homens, eles discutiam animadamente se era possível a um indivíduo ter sucesso na vida sem as benes-

ses da sorte. Debateram com entusiasmo a corrupção natural dos gananciosos e a preguiça dos conformistas, até que a discussão chegou a um impasse irresoluto, quando discordaram quanto à questão de um sujeito dos subplanos inferiores ser capaz ou não de alcançar o topo da pirâmide social sem vender sua alma. Alguns acreditavam que era possível, outros que não. Como um homem que vivera quase todo o século vinte, o fatalista banqueiro era um tanto cético em relação ao esforço daqueles que se encontram na base da pirâmide. Em tom de troça, disse que, caso encontrasse um único indivíduo que não fosse corrompido pelo poder e pelo dinheiro em sua escalada social, deixaria toda sua riqueza como herança para essa *avis rara*. Diante dessa absurda confidência, os colegas riram-se do banqueiro, afirmando que era mais fácil ele doar todos os seus bilhões a uma instituição de caridade do que encontrar um honesto herdeiro. Desafiado, o septuagenário fez uma aposta: se ele encontrasse tal sujeito, doaria a esse felizardo toda a sua fortuna; caso contrário, os colegas cederiam ao clube os melhores vinhos de suas adegas, inclusive seus Romanée-Conti Grand Cru. Todos aceitaram de bom grado o acordo de cavalheiros.

Obstinado em ganhar a aposta, o banqueiro dispensou os serviços de seu chofer e decidiu ir à luta por sua própria conta e risco. Não seria uma tarefa fácil encontrar um sujeito incorruptível, pensou ele, mas a sorte estava do seu lado. Em certa ocasião, passeando em trajes casuais pela Viaduktstrasse em Zürich West, com seu buldogue inglês, o magnata foi abordado na rua por um mendigo, que lhe pediu uma pequena ajuda monetária. De olhos baixos, o necessitado revelou que era um ex-professor ginásial. Contou que sofrera alguns reveses na vida e que, após um infortúnio ocorrido em sua carreira acadêmica, vivia agora nas ruas, mendigando esmolas. O banqueiro escutou tudo com atenção e ouviu mais uma daquelas tristes histórias muito comuns aos desafortunados. Suspeitando que os problemas aos quais se referia o mendigo eram mais do que simples dificuldades em encontrar trabalho, o banqueiro viu ali a chance de colocar suas teorias sobre a natureza humana em prática e ganhar, enfim, a aposta feita com os colegas. Para levar a cabo seu plano de encontrar uma pessoa digna de seu pequeno império financeiro, ele assinou um cheque vultoso e o ofereceu ao pedinte. A princípio, o pobre homem estranhou aquele gesto, mas aceitou de bom grado. Qual não foi sua surpresa, no entanto, ao ler o valor escrito no cheque. A cifra alcançava mais de seis dígitos, constatou ele. Sorridente, o banqueiro disse então ao admirado indigente que ele podia fazer o que quisesse com aquele cheque. Assegurou ao sujeito que era um homem rico, e aquela quantia não lhe faria nenhuma falta. Ainda perplexo pela dádiva recebida, o pedinte agradeceu seu benfeitor, e eles se despediram sem mais delongas. De volta à sua mansão, o multimilionário solicitou à sua secretária que agendasse para ele uma reunião com seu advogado.

Reunido com seu fiel escudeiro e assistente, o banqueiro contou seus planos. Referiu-se à aposta com os colegas de clube e providenciou que um detetive fosse contratado para seguir o afortunado mendigo, asseverando que não devia perdê-lo de vista por hipótese alguma. O banqueiro confessou ao seu advogado que nada de assombroso acontecesse (confessou ter achado o mendigo um pouco tolo), e o instruiu a aplicar todas as medidas necessárias para reaver o dinheiro caso o felizardo começasse a gastar seu polpudo galardão com bebidas e outros vícios. Aguardaria assim as novidades em casa, confiante que seu *private detective* o manteria informado. Mas qual não foi a surpresa do banqueiro quando, um belo dia, o detetive lhe relatou que o ex-indigente, cujo nome era Bertolt Kamezind, comprara um terreno e construía nele uma escola. Segundo o Auguste Dupin suíço, o ex-professor voltara à ativa

e dedicava todas as suas energias ao seu novo empreendimento, gastando nesse projeto praticamente toda a fortuna que ganhara. Curioso, o banqueiro quis saber quais eram os planos de Bertolt e aguardou para ver o que aconteceria em seguida. Teria finalmente encontrado seu herdeiro?

Alguns meses se passaram e a escola de Bertolt prosperou imensamente, contabilizando um bom número de alunos. O professor ensinava em sua instituição uma modificação do método de Pestalozzi, com algumas significativas variações adaptadas aos novos tempos e com um pouco mais de maiêutica. Segundo seu método, a função principal dos educadores não era apenas ensinar as crianças a desenvolverem suas habilidades inatas, mas também protegê-las dos avanços da tecnologia, incentivando as crianças a praticarem o escotismo e a ter mais contato com a natureza. Afastados de seus Handys (os aparelhos eram proibidos de entrar na escola e seu uso era desestimulado), os alunos dedicavam mais tempo às práticas ao ar livre, às atividades em grupo e à meditação, e com frequência saíam em excursões pelos Alpes suíços, aprendendo a amar as maravilhas naturais de seu país e apreciar as belezas nativas. Livres para pensarem por si próprias, essas crianças fixavam melhor o que aprendiam, eram mais criativas e participativas, exercitavam seus talentos com facilidade e criavam vínculos saudáveis, atingindo o propósito pestalozziano de despertarem suas competências, buscando a excelência em tudo o que faziam. “São as virtudes que fazem os bons tempos”, esse era o slogan eleito por Bertolt, inspirado nas palavras de Agostinho de Hipona. O método fez imediato sucesso entre os preocupados pais suíços. Com o sucesso de seu método, a fama de Bertolt Kamezind difundiu-se por todo o país. Surpreso por esse progresso excepcional, o banqueiro mudou sua atitude cética. A princípio, ele duvidou do propósito educacional daquele súbito inovador pedagógico, mas conformou-se aos poucos à ideia de ter encontrado realmente um sujeito decente. Pensou ter perdido a aposta com os colegas de Guilda e esteve a ponto de resignar-se à derrota. Estivera enganado quanto ao poder do Destino. Esperou, no entanto, para ver o que, por fim, aconteceria ao novo Sócrates. E a sorte ia de vento em popa para a escola de Bertolt. Uma franquia do novo método educacional foi aberta e outras escolas se espalharam pela Suíça. O ex-indigente tornara-se agora uma espécie de guru das famílias suíças. Quase todos os pais, desesperados com os descontroles da tecnologia, queriam matricular seus filhos em uma das escolas da rede inaugurada por Bertolt. O efeito dessa mudança de comportamento sobre a indústria de Handys, contudo, provocou a grande fúria dos empresários. Em breve, uma imprevisível reviravolta abalaria a sorte de Kamezind.

A queda nas vendas de produtos e serviços tecnológicos despertou a atenção dos analistas e executivos do mercado, atemorizando os acionistas. Sentindo-se ameaçadas por aquelas inusitadas tendências pedagógicas propagadas pelo método de Bertolt, as poderosas Guildas reuniram-se para debater o problema. Os números não mentiam. O comportamento dos consumidores havia mudado. As vendas caíram desastrosamente desde que Kamezind começara a pregar sua nova filosofia ao mundo. Se continuasse assim, em breve teriam prejuízos bilionários. Precisavam tomar uma providência imediata contra aquele inimigo socrático que se infiltrara entre os consumidores e mudara seu ponto de vista. Estavam de acordo que aquela ameaça devia ser eliminada. Desse modo, empresários e banqueiros concordaram que não podiam tolerar aquela interferência danosa em seus negócios e decidiram agir com presteza. Alguns meses depois, uma milionária campanha foi feita então para desmoralizar o educador. Para isso, investigadores desenterraram o passado de Bertolt Kamezind como *hard drinker* e como um in-

corrigível mulherengo. Dia após dia, vídeos espalhados pelas redes sociais expunham a vida pregressa do professor, retratando-o como um mendigo maltrapilho pelas ruas de Zurique que se tornou um empresário de sucesso. Paralela à exposição de seu passado como indigente, a moral de Kamezind era também duramente atacada pelas *fake news*. Chamavam-no de perverso e enganador, e diziam que a intenção de seu método era unicamente de corromper as crianças suíças. Eram acusações gravíssimas. As revelações sobre Bertolt Kamezind alastraram-se rapidamente pelo país. Não demorou muito para que a campanha surtisse o efeito esperado.

Diante de tantas acusações e de todas essas tentativas de desmoralizá-lo, Bertolt, um homem incapaz de fazer mal a uma mosca, não soube se defender. Era verdade que havia sido um mendigo. Não podia negar seu passado. Todo as pessoas passavam por dificuldades. Também o chamavam de perverso. Mas quem não era perverso nesse mundo corrupto? Indagou-se ele. A imprensa e o público reagiram mal a essa declaração. O escândalo estava feito. Acusações choveram de todos os lados. Humilhado e desconsagrado, Bertolt Kamezind desistiria de sua escola. Ferido pelo escândalo, vendeu tudo, doou todo o dinheiro que ganhara com seu negócio e, resignado, retornou às ruas. Desiludido com o sistema, Bertolt terminaria seus dias errando como um típico *hobo* solitário pelas paisagens e cidades da Suíça, sem nenhum tostão no bolso e sem ganhar nada com sua tentativa de mudar de vida.

Ao tomar conhecimento do famigerado destino de seu escolhido, o banqueiro suíço confirmou suas suspeitas. Comunicado por seu detetive em seu escritório de vinte metros quadrados, ele suspirou fundo. Juntando os dedos diante do peito, em um *Merkel-Raute* reverso, dedicou-se a uma longa meditação. O destino humano é realmente inexorável, refletiu ele. Sem o amparo de Atena, o que pode fazer um homem contra os sombrios poderes das Fúrias? Utilizando seus conhecimentos de mitologia grega, o banqueiro tentou entender o destino. Mesmo quando decidimos agir segundo nosso livre arbítrio, conclui ele, somos limitados por nosso karma. Essa conclusão, contudo, não o deixou satisfeito. Vencedor da aposta com seus colegas de Guilda, o desiludido milionário decidiu mesmo assim doar toda a sua enorme fortuna para uma instituição de caridade.

— A liberdade social é algo que não dura muito, *meine liebe* — disse Dr. Carl, ao fim de seu relato. — Por isso não devemos se apaixonar por ela. Ela é fugaz demais para ser possuída. Se abrirmos bem os olhos, podemos vê-la desaparecer de um momento para o outro em um espetáculo angustiante. É muito bonito dizer, como fazem os existencialistas, que temos liberdade para agir como planejamos. Mas, na prática, nem tudo segue como o inconscientemente planejado. Estamos limitados por nosso *dharma*, o princípio segundo o qual cada coisa ou ser ocupa seu lugar no universo, cooperando para sua integração harmoniosa. Muitos filósofos ocidentais ignoraram esse princípio e se iludiram ao crer que somos capazes de ser super-homens.

— O que você tem contra os existencialistas? — replicou Anne, irritada, pois em sua fase negra, logo após se separar de seu primeiro namorado (ocasião em que apenas os trajes de cor escura faziam parte de sua indumentária), costumava andar pelas ruas de Zurique com um exemplar de *O Estrangeiro* debaixo do braço.

Embora entendesse bem o ponto de vista do médico, Anne não gostava da ideia de estar sujeita aos caprichos da natureza. Em seu ceticismo, ela não acreditava no Destino. Mas nem sempre foi assim. Na época em que ainda era uma estudante, ela cultivava um essencialismo baseado na sensibilidade artística de cada indivíduo, um pensamento segundo o qual as pessoas já nascem com dons, talentos e qualidades que as distinguem uma das outras, e sinalizavam sua maior ou menor capacidade de ter sucesso na vida. Essas ideias estavam fundamentadas no conceito de justiça distributiva. Para Anne, foi a excelência e não a liberdade que ergueu as bases da civilização ocidental, e, justamente por almejar o excelente, a humanidade devia se guiar em seu caminho em direção à perfeição. Esse atributo, contudo, existia internamente em todas as pessoas em forma potencial. No tempo certo, acreditava a jovem, o potencial humano era ativado por fatores propícios ao seu despertar. Ou seja, as pessoas nasciam virtuosas e, após receberem os incentivos adequados, suas virtudes eram realçadas pela família ou pela sociedade, quando desabrochavam por meio da educação e dos estímulos positivos, que pavimentavam o caminho para o autoaperfeiçoamento. Esse pensamento juvenil, contudo, mudou com o passar dos anos. Após os fracassos em suas peripécias sociais e amorosas, Anne deixou de acreditar que as pessoas estavam destinadas a serem boas ou más, segundo seu *modus operandi*. “O mundo molda as pessoas de acordo com as condições em que vivem”, refletiu a jovem. “Sem um solo adequado, a semente não germina. Por mais que algo exista em estado embrionário, nunca florescerá sem as condições ideais. Essa limitação impede que realizemos nossos sonhos mais íntimos. Afinal, como pode haver amor onde todos semeiam ódio ou indiferença?” Indagou Anne ao médico.

— Creio nos Princípios Superiores — respondeu Dr. Carl, e respirou fundo antes de continuar: — Penso que, ao guiarmos nossos instintos de maneira adequada, também podemos traçar nossos destinos. Uma pessoa odiosa pode se transformar em um sujeito amoroso se aprender um pouco de autocontrole e esquecer as mágoas de seu passado. A sofrósina é um dos princípios fundamentais do meu método. Como os existencialistas também acredito que um pouco de livre-arbítrio é importante. Nesse ponto temos algo em comum. Não devemos ser totalmente submissos. Os existencialistas acreditavam que cada homem é dono de seu destino, e eu concordo com eles nesse ponto. Em outros pontos, contudo, somos irremediavelmente opostos. Depois de duas grandes guerras, os europeus aprenderam um pouco mais sobre responsabilidade coletiva. Devemos seguir o destino da nação? Ou devemos nos apegar apenas àquilo que cremos? Relegar o destino dos homens e mulheres ao coletivo pode ser danoso para sua evolução, como nos mostra a História. Por conta disso, a falha causada por tratar a humanidade de com imparcialidade deve agora ser expiada por todos nós.

— Devemos então seguir o destino da coletividade? Mesmo se nos levar para o abismo? O fascismo surgiu do patriotismo.

— Não é esse o destino ao qual me refiro, *meine liebe*. As nações possuem propósitos bem diferentes daqueles almejados por seus cidadãos. Eu acredito no destino coletivo, aquilo que os hindus chamam de *dharma*, uma lei que rege todos os indivíduos dentro de um planeta e vai muito além do âmbito das nações. Uma lei que procura harmonizar os direitos e os deveres de um indivíduo.

— Destino coletivo? — replicou Anne, intrigada. — Que coisa mais hegeliana... Por que os fascistas e os existencialistas sempre recorrem a um Arbítrio Puro, após negarem que a natureza humana não pode nos levar à felicidade?

— Os fascistas não estavam interessados em Justiça Substancial, ou seja, na justiça para todos. E muito menos os existencialistas, para quem a liberdade está acima da justiça. Os indivíduos mais intelectualmente privilegiados pensam que o povo é uma massa acéfala. A maioria das pessoas desconhece o que seja o *dharmā*. Na crença de Sartre, uma vez que não há uma força superior ou um Deus para guiar homens e mulheres, as pessoas estão a cargo de sua própria existência, ou seja, estão condenadas a serem livres. O mundo dos existencialistas é um mundo sem direito e sem deveres, uma vez que todo direito corresponde a um dever, e os deveres impedem que sejamos livres. Com sua rebeldia sem causa, eles não entenderam bem o que é a lei cósmica do *dharmā*. E duvido que conhecessem aquilo que os antigos hindus denominavam de *purushartas*: *karma*, *artha*, *dharmā* e *moksha*. Ao negarem o papel de uma essência preexistente em nossa evolução, os existencialistas superestimaram a ação do homem sobre a natureza. A origem de todos os males de nosso século está na mentalidade extremista dos indivíduos de hoje. Sem a conjunção harmônica das antíteses, do espírito com a matéria, do abstrato com o concreto, do absoluto com o relativo, da essência com a existência, o indivíduo pós-moderno adotou uma atitude radical diante da vida. Em consequência disso, nosso planeta sobreaquecido está passando por perigosas mudanças, e a humanidade encontra-se cada vez mais ameaçada pelo obscurantismo e pelos preconceitos. O individualismo excessivo trouxe consequências terríveis ao mundo em que vivemos. Nós nos esquecemos que somos um único corpo. Que somos parte e também todo. Esquecemos que todos possuem uma alma e que, para ser feliz, essa alma precisa viver em harmonia com a *Anima Mundi*, o princípio fundamental da vida. Nosso destino é fazer parte de um todo.

— Você está sendo determinista. Agora a medicina tem uma visão neoplatônica do homem? A humanidade precisa mesmo ser salva? E se tiver chegado nossa hora, como aconteceu com os dinossauros?

Por que o médico tinha sempre que falar do paraíso e de Adão e Eva? Exasperou-se Anne e torceu involuntariamente o nariz. Às vezes o médico soava-lhe um tanto romântico e piegas, e a jovem se aborrecia, acentuando ainda mais sua antipatia pelo especialista. Cansara-se de ouvi-lo falar de genes divinos e seres iluminados. Estava cansada de suas digressões e exercícios estilísticos. Além de ficar ressabiada com suas referências à melhoria genética, à harmonia entre homens e mulheres, e ao zeloso cumprimento do dever, comparando-o a um Josef Mengele ou mesmo a um Coronel Walter E. Kurtz. As conversas do médico sobre a decadência biológica como responsável pela degeneração social, contudo, não convenceram a jovem. Ela estava mais preocupada com a eficácia de seu tratamento. Desejava logo ter alta. Queria mais do que tudo estar longe de Bünzgli, poder voltar a comer chocolate, fazer compras e assistir aos filmes de zumbi preferidos.

— Todos os seres possuem um potencial latente — disse Dr. Carl. — Mas cada pessoa o desper-

ta no tempo certo.

— *D'accord* — disse Anne, por fim, após um profundo suspiro. — Preciso esperar. Esperar apenas por esperar.

— A paciência é o primeiro passo para a iluminação. No Oriente, quando os discípulos ficavam muito impacientes, os mestres os encarregavam de tarefas cada vez mais complexas. É uma forma de treinar seu autocontrole. Procure descontrair e prestar mais atenção nas pessoas ao seu redor, *meine liebe*. Descobrirá coisas muito interessantes. Você não está sozinha no mundo.

Naquela distante conversa com Dr. Carl, ocorrida na área externa da clínica, médico e paciente participavam de mais uma de suas muitas entrevistas, desde sua chegada a Büngzli no fim do outono. Sentados à mesma mesa sob um guarda-sol, enquanto bebiam chá, Anne olhou para as montanhas e sentiu-se um tanto melancólica (justo ela que, por natureza, era sempre agitada). Sempre que discutia seu tratamento com o médico, ambos terminavam falando sobre a busca da felicidade e dissertariam sobre filosofia e sobre o paraíso perdido, mas o médico não lhe daria nenhuma esperança. Estava farta de tudo aquilo. Seu desejo de ir para casa fez com que sentisse uma ausência quase dolorosa em sua jovem alma. Uma ausência que Anne agora pretendia preencher da melhor maneira possível, mesmo que engordasse um pouco.

No refeitório, de volta ao presente, Antoine observou Anne em seu sagrado momento gustativo. Enquanto comia devagar seu pudim, ela parecia estar alheia à sua presença. Sentindo-se um tanto empanurrada, pousou a colher de sobremesa e observou ao redor com seus belos olhos em tom Hazel. Atento a esse detalhe, Antoine mais uma vez apreciou a beleza da jovem e refletiu sobre sua significância.

Seria que Anne, interiormente, era tão bela quanto por fora? Pensou Antoine com seus botões. Ao descobrir em si mesmo um lado sensível, o jovem reconciliou o sujeito apreciador com o objeto apreciável. O belo é um meio de se chegar à verdade, concordava o jovem com Dr. Carl. Assim como o olfato não se engana (segundo Nietzsche), aquilo que é verdadeiramente belo é inegável, mesmo para o ser mais insensível. Nada está no intelecto sem antes ter passado pelos sentidos, concordava ele com o filósofo dionisíaco. Duvidava, porém, que Anne pensasse o mesmo. Essas preocupações estéticas ocuparam o tempo de Antoine durante a pausa na conversa. Mergulhou por um longo instante em uma silenciosa reflexão. A quietude do rapaz, no entanto, preocupou a jovem. Para um sujeito tão afobado e tagarela quanto Antoine, essa súbita mudança deixou Anne um tanto intrigada. Em que ele pensava? Por um milésimo de segundo, encarando seu colega de mesa, ela tentou interpretar sua expressão facial, como lhe recomendara Dr. Carl, mas sem qualquer sucesso. Embora tivesse aprendido a distinguir certas expressões nas fotografias tiradas dos pacientes, Anne não se considerava boa o suficiente para interpretar os sinais evidenciados no rosto de Antoine. Com isso (e para não interromper o fluxo de pensamento daquela inquieta mente juvenil), ela preferiu ficar calada, esperando que o jovem pensador acordasse de seus devaneios e lhe revelasse mais uma de suas bizarras refle-

xões.

Desse modo respeitoso, pacífico e solene, sentados no refeitório que se esvaziava aos poucos, Anne e Antoine permaneceram em silêncio sem saber como continuar a conversa. O que mais podiam falar? A jovem paciente não queria mencionar seu tratamento ou reclamar de seu médico, assuntos que a desagradavam. Desde sua última entrevista com o diretor, ela guardava consigo um impronunciável pressentimento de que seu internamento era uma farsa. No começo, pensou que seu pai provavelmente estava lhe pregando outra peça, e que o médico era seu cúmplice. Essa suspeita apenas piorou com o tempo e deu origem a outras suspeitas. Como podia confiar em um profissional que estudara no Oriente e baseava seu tratamento nos ensinamentos dos médicos e filósofos gregos do passado? Na opinião da jovem, Dr. Carl era apenas um tipo pragmático, para quem a filosofia devia fornecer ideias que fossem ao menos rentáveis para sua conta bancária. Seu sofisticado método, segundo Anne, era apenas um apinhado de antigas práticas médicas, melhoradas e renovadas, graças aos últimos avanços da ciência e da tecnologia biomédica, e reunidas então em um conjunto de técnicas que, embora fossem duvidosas, eram melhor do que nada (“Satius est enim anceps auxilium ubi experiri quam nullum”, como escreveu Celsus em seu *De Medicina Liber II* Cap. 10, uma frase em latim retirada de um dos volumes da *Phrody's Medical Encyclopedia*, que Anne decorara ao folhear alguns livros do médico antes de sua consulta). Ou seja, concluía ela, o tratamento era apenas um paliativo, uma forma de fazê-la mudar certos hábitos, como comer chocolate escondida ou assistir aos seus *horror movies*. Por mais que achasse tudo uma farsa, no entanto, Anne ainda não havia conseguido desmascarar o médico.

Durante o chá com Dr. Carl, Anne pensou com tristeza em seu tratamento. Será que algum dia conseguiria se ver livre de seus males? Na verdade, ninguém podia saber se a eficácia do método era devida ao seu efeito placebo ou por conta de algum desconhecido princípio mágico descoberto fortuitamente por Dr. Carl, que alegava ter encontrado em suas viagens ao Oriente o segredo da Pedra Filosofal e do Elixir da Juventude. Seus ex-pacientes, no entanto, não tinham do que reclamar.

Desde crianças ensinados a querer ter sempre mais e a querer ser mais amados e mais famosos e mais ricos, os internos de Bünzli agora se contentavam em ter menos e exigir menos, satisfeitos em serem iguais a todo mundo. Desfrutando agora a alegria e a modéstia epicuriana descobertas na clínica, esses amnésicos se sentiam felizes consigo mesmos, aceitando aquilo que consideravam feio ou indesejável em sua aparência ou em seu caráter, e até mesmo tolerando sua própria negatividade natural. Gostavam agora de dançar, cantar e de exhibir seus talentos antes desconhecidos. Quando recebiam alta, amnésicos e ao mesmo satisfeitos, voltavam para casa totalmente transformados. Era a glória. Dr. Carl, porém, não acreditava em milagres.

A cura de seus pacientes, entendia o médico, era apenas a revelação do seu *dasein* heideggeriano e do *an-und-für-sich* hegeliano, a “desvelação” de um ser ocultado por sua ignorância. E essa revelação não tinha nada de milagroso. Acostumadas à escuridão, disse ele, os desesperados assustam-se com qualquer sinal de luz, por menor que fosse. Segundo Dr. Carl, a civilização chegara a tal ponto que as pessoas haviam se esquecido de si mesmas, preferindo se fixar

em monitores e telas e ilusões, refugiando-se em tolos escapismos. E esse esquecimento, acreditava o médico, era responsável por afetar a saúde de toda a humanidade, uma vez que o sujeito comum ignorava que todos fazem parte de um gigantesco e interdependente ecossistema. As consequências desse distanciamento dos indivíduos, segundo o médico, estavam refletidos na violência do cotidiano, no desprezo pelo diferente, no ódio tribal, racial e classista, e na falta de amor entre as pessoas, dizia ele. Além dessas graves declarações sobre o mau estado da saúde mundial, algumas das opiniões profissionais do Dr. Carl tornaram-se proféticas. Uma de suas profecias malucas pregava que futuramente a sociedade chegaria a um ponto de não retorno, em que os mortos-vivos dominariam a sociedade inteira e, guiados pela ambição dos oportunistas de conquistar o mundo, todo o planeta seria dominado por *zombies* insaciáveis. *Das Ende ist nah*. Era o tão romantizado *Zombie-Apokalypse*.

Embora gostasse de filmes de terror, Anne escutava com um certo temor seu médico afirmar que o Apocalipse Zumbi estava próximo. Ao olharmos para trás, dizia Dr. Carl, podemos prever o que vem pela frente. Esse Apocalipse, segundo ele, era apenas a repetição do que já ocorrera em um passado recente, e citou o precedente de Hitler na Alemanha nazista e Barba Napoleão no Brasil. Sempre que queria citar os efeitos nefastos da decadência social, ele fazia alguma comparação entre os dois países. O ex-presidente havia sido seu paciente alguns anos antes, e Dr. Carl reconheceu no estadista um subproduto de uma cultura zumbi parecida àquela da sociedade alemã do início do século vinte.

Na Alemanha da época do primeiro pós-guerra novecentista, disse Dr. Carl, imperava o monopólio econômico dos financistas judeus americanos, credores dos endividados e derrotados alemães às voltas com as pesadas reparações de guerra e com a hiperinflação. Esses *businessmen* desfrutavam de um lucrativo mercado de entretenimento nascido das pressões internacionais pela retomada do crescimento e o pagamento de dívidas. O renascimento econômico e cultural da *Golden Age of Weimar* trouxeram uma prosperidade artificial à sociedade alemã e encorajaram o desperdício e a extravagância. A economia alemã, de fato, prosperou nos primeiros anos do pós-guerra, mas a inflação atingiu em pouco tempo uma escala estratosférica. Mais interessada em combater a recessão econômica do que a corrupção dos costumes, a administração da República de Weimar relaxou as leis e deixou os investidores explorarem livremente a vida cultural das grandes cidades alemãs, uma medida que visava recuperar a economia destruída pelos anos de militarismo. Por conta dessa atitude das autoridades, houve um tremendo desequilíbrio social no país. A extrema pobreza das ruas de Berlim e Munique contrastava com a decadente riqueza dos seus cabarés. O trabalho noturno era executado quase exclusivamente por mão de obra feminina, em sua maioria viúvas (denominadas *Kriegewitwe*) e órfãs dos soldados mortos na guerra. Com a abdicação do imperador e a chegada da democracia, uma geração mais jovem invadiria o mercado de trabalho com sua ânsia por liberdade, inspirada pelas novas modas e pelo espalhafatoso estilo de vida dos americanos. Durante a guerra, ao obrigar milhares de mulheres a trabalharem nas fábricas para sustentar seus lares depauperados, o imperador havia apenas adiado o ímpeto dos alemães pela modernidade e pela industrialização. O progresso represado, contudo, chegou finalmente à Alemanha.

Os primeiros sinais da mudança surgiram no comportamento dos alemães, sobretudo das alemãs. Nos tempos de paz (e recessão), uma nova mulher surgiria dos escombros da guerra. Em

busca de diversão, fama e fortuna, a sociedade alemã viu surgir um competitivo mercado de trabalho feminino em que as mulheres entravam com a faca e também com o queijo. Longe da obrigatoriedade doméstica de seus lares, elas se sentiam aptas a enfrentar o mercado e conquistar sua liberdade. Embora a *Neue Frau* modernista fosse uma realidade inegável, por trás de seu glamour, contudo, ela era apenas uma engrenagem na máquina de entretenimento masculino. Dr. Carl via nessa contradição a raiz de todo o mal. Aumentar o consumo em uma economia falida era uma estratégia reconhecida pelos governantes desde o Império Romano, com seus coliseus, seus escravos malnutridos e seus soldados mercenários. O glamour tem um preço. Procurando se igualar aos homens, disse ele, as alemãs adotaram um estilo de vida pernicioso e nada saudável. Mais vulneráveis às substâncias tóxicas e às doenças ginecológicas, elas aos poucos sofreram uma degradação visível na aparência e na moral. Embora alertadas para os perigos, muitas delas decidiram ignorar os avisos dos médicos e especialistas e entregaram-se a uma falsa liberdade. Durante a epidemia de doenças venéreas que assolou a Alemanha, Marlene Dietrich gabava-se de suas dezenas de *dalliances*. A abolição das normas sexuais contribuiu enormemente para o declínio social da nação alemã, pensava o médico. Dr. Carl, como estudioso da saúde pública, acreditava que essa corrupção dos costumes, ao contrário do que pensavam os nazistas, não havia sido provocada pela genética ruim dos judeus, mas sim pela consanguinidade dos próprios alemães, uma consequência de séculos de isolamento geográfico e social. Enfraquecidos pela pouca diversidade, salientou ele, as espécies passam a adquirir traços degenerativos. Tanto as mulheres quanto os homens sofreram as consequências dos genes ruins, segundo ele. Incapazes de trabalharem duro, opinava o médico, os cidadãos nascidos desse decaimento genético entregavam-se à indolência e aos ganhos fáceis.

O investimento estrangeiro na Alemanha do entreguerras piorou ainda mais essa situação, continuou o médico. Em sua opinião, a tragédia da guerra levou ao colapso da economia alemã, ao desequilíbrio social e também à revolta de sua sociedade tradicional contra os abusos da modernidade, convertendo toda a nação germânica em um mundo de Dr. Mabuse, em que as favelas e os cabarés estavam por toda parte, mesclando pobreza e luxúria na mesma paisagem urbana. Refletindo o *Zeitgeist* anticapitalista que vinculou a crise econômica do entreguerras às falhas morais dos homens de negócios e dos consumidores de maior poder aquisitivo, a degeneração da sociedade que se seguiu a essa nova ordem cooperaria depois para a ascensão do Terceiro Reich ao poder. Aproveitando-se dos sérios problemas da Constituição de Weimar e seu Artigo 48, Hitler assumiu o governo como chanceler alemão, violando a Lei de Concessão de Plenos Poderes e instituindo o racismo como ideologia política do Estado, com efeitos devastadores, inclusive com a subsequente perseguição aos judeus, acusados pelos nazistas de serem a fonte de toda a decadência vivida na Alemanha. Em breve, todo o país estaria tomado por mortos-vivos obedientes ao seu Führer. O povo alemão seguiu à risca apenas aquilo que apontava seu mestre de marionetes e aceitou com entusiasmo seus planos de conquistar o mundo, conduzindo mais tarde a uma crise maior do que a estagnação econômica. Com a derrota na Segunda Guerra, contudo, os alemães aprenderiam uma dura lição sobre os perigos dos cargos plenipotenciários e criariam mais tarde mecanismos mais seguros para impedir o surgimento de outro maníaco, disse o médico. Os governantes levariam anos para recuperar uma sociedade desequilibrada por suas próprias contradições, mas conseguiriam, enfim, tornar a Alemanha uma democracia justa e funcional. No Brasil, por outro lado, continuaria Dr. Carl, a decadência tinha uma origem distinta daquela observada na Alemanha. Embora ambos os países tenham sofrido o trauma do militarismo e mantivessem as más lembranças do passado histórico em sua memória coletiva, havia uma diferença fundamental no desenvolvimento das duas nações. Segundo o médico, foi o atraso intelectual (e não o progresso desproporcional

do intelecto, como ocorreu na Alemanha) a causa dos maiores problemas do Brasil.

Do Império até a República, disse o médico, os brasileiros foram vítimas indefesas de seus governos populistas e sofreram imensamente com o descaso dos maus governantes, mais preocupados em sanar suas contas externas do que oferecer à população uma existência mais digna. Em vez de escolherem líderes que investissem no aprimoramento espiritual da população, os eleitores preferiam eleger um governante que atendiam apenas ao interesse de determinados grupos, investindo o dinheiro público em áreas onde a presença do Estado não era fundamental. Diante desse quadro, os mais educados (ainda que *arm im Geist*) viravam as costas aos absurdos da política. Dessa forma, agiram como aquele sujeito que nada percebe (τυφλοὶς τὰ τ' ὤτα τὸν τε νοῦν τὰ τ' ὄμματα, como escreveu Sófocles em seu *Oedipus Rex*). Herdeiros da pragmática filosofia portuguesa que ensinava a deixar tudo como está, os apaixonados ideais de liberdade dos intelectuais brasileiros do século dezenove esbarraram com a fria realidade das nações e seus insolúveis problemas sociais. Enquanto o povo se amontoava nas favelas das grandes cidades, vivendo em casas de papelão sem saneamento básico, ano após ano era o mesmo eterno retorno: os governantes civis davam lugar aos caudilhos, e esses, por sua vez, aos oportunistas. Toda a América Latina sofreu socialmente com seus anos de militarismo, e o alegre retorno à democracia converteu-se em uma enorme ressaca de dimensões continentais. A angústia da falta de liberdade dos brasileiros somou-se à sua ansiedade ao pensar em um futuro incerto. Como fazer mais com tão pouco? Diante desse quadro, a população não se importou de esquecer sua história e eleger um amnésico para guiá-los. Se a cegueira era geral, melhor que um míope guiasse os outros cegos. Quem queria se lembrar de seu passado abominável, afinal? A democracia revelou uma grave contradição daquele país, disse Dr. Carl. Havia uma imensa vontade de crescer e progredir, o país era desconumal e os recursos incalculáveis. Em contrapartida, após terem sido expulsos da corte imperial, os portugueses nada haviam deixado no país senão cofres e Casas Grandes vazias e ex-escravos vivendo em favelas ou nas ruas. Os recursos eram imensos e, ao mesmo tempo, escassos. Gastava-se muito, mas nunca sobrava dinheiro suficiente para se investir no crescimento do país. Havia uma completa irresponsabilidade com as contas públicas. Uma parte dos recursos era desviada para o pagamento de dívidas internacionais e outra parte era depositada na conta bancária dos políticos em paraísos fiscais. Em termos de contradições, o Brasil era o campeão do mundo. Em pleno século vinte, o país conquistaria diversos campeonatos esportivos, enquanto a pobreza e a violência batiam seus próprios recordes. Muitos críticos associavam essa derrocada social às decisões tomadas pelos governantes nas décadas seguintes à proclamação da república e ao fim do império, quando os militares assumiram o poder e resolveram adotar o lema de Ordem e Progresso para o país. Influenciados pelas ideias estrangeiras e pressionados pelos credores ingleses, os políticos queriam satisfazer apenas os interesses de seu grupo de positivistas, e a população sempre ficava em segundo plano. A desunião política diluía qualquer tentativa de progresso para o Brasil. Não era surpresa alguma, observou Dr. Carl, que sempre surgisse algum oportunista faminto por poder. Desde o reinado português, a sociedade brasileira oscilava assim entre o paternalismo dos ditadores e o predatismo dos oportunistas. Os anos de crise não ensinaram nada à população. Uma vez entusiasmadas pela ilusão do crescimento, as pessoas esqueciam rapidamente as roubalheiras e abusos do passado. Com a chegada da democracia e da Bossa Nova, o país mudou da água para o vinho e, após a Segunda Guerra Mundial, os brasileiros pareciam finalmente ter encontrado a luz no fim do túnel. O ritmo da corrida espacial e o fantasma da Guerra Fria chegaram aos trópicos. Em tempos de instável dualismo ideológico, as ditaduras surgiram como soluções paliativas para as crises. O populismo caudilho, pensava o médico, era um reflexo da admiração dos latino-americanos pelo patriarca generoso e

salvador da pátria, possuindo, portanto, um atraente elemento psicossocial para os brasileiros. A política estimulava seu espírito esportivo. Em um país rico e monumental, por que não investir em grandes obras? Perguntavam-se os donos do poder. A ordem vem do progresso! Diziam governantes e governados. Durante os governos militares, o Brasil desfrutaria um breve milagre econômico, conquistando finalmente seu espaço entre as grandes nações. Cada brasileiro se orgulhava de ter uma televisão em sua casa, complementando seu garantido pão de cada dia com o circo do mercado de entretenimento. Por alguns anos, *walking and singing*, o país viveu o tão sonhado progresso positivista dos militares republicanos. Uma reforma geral assolou o território nacional de norte a sul. E essa febre progressista não podia parar. Mesmo com a crise do petróleo, os estrategistas escolhidos pelo governo decidiram que a economia devia continuar a crescer a qualquer custo e optaram por prosseguir com suas obras faraônicas, revelando mais uma das contradições brasileiras. Como era possível crescer com uma população de mortos-vivos? Sem nunca terem conhecido um pouco de ordem, os brasileiros tornaram-se obcecados pelo progresso e esqueceram o rumo. Com seu inabalável propósito de resolver as insolúveis contradições do país, tecnocratas e burocratas investiram massivamente naquilo que os especialistas chamavam de “matriz energética do país”, procurando dar mais fôlego a um gigante cansado (ou um Frankenstein pantagruélico), mas não contavam com a retração da economia mundial e o endividamento externo. Investir em obras faraônicas não era mais a melhor opção para o país, como logo descobriram os estrategistas. Com a desaceleração econômica, os ardorosos sonhos dos generais extinguiram-se por encanto, e uma realidade mais pessimista surgiu em seu lugar. Foram-se as ditaduras e ficaram as dívidas. Mais uma demonstração de que a ansiedade pelo progresso impede um planejamento sustentável. Preocupados apenas com seus alvos e desatentos aos ventos das mudanças e das reformas, os militares não eram bons planejadores e tomaram péssimas decisões econômicas. A redemocratização herdou desse período obscuro todas as despesas do crescimento descontrolado da economia e da ilusão positivista de seus governantes. E elas precisavam se pagar, mesmo ao custo de grandes sacrifícios. Impossibilitado de continuar seu desenvolvimento, o país amargou quase duas décadas de recessão, e durante esse interlúdio navegou em um mar morto. A partir do retorno à democracia, cada novo governo passou a enfrentar os mesmos problemas de orçamento e planejamento dos governos anteriores. Mal instruídos, os políticos eram incapazes de lidar com o caos econômico e social, e preferiam cuidar de seus próprios negócios. Afinal, não há como desenvolver um país endividado e sem dinheiro, diziam os presidentes e seus planejadores, culpando seus predecessores e os regimes positivistas de seu antanho histórico, que estavam mais preocupados em pagar seus empréstimos e engordar suas contas bancárias do que resolver os problemas básicos da população. Por conta desse descaso das autoridades e da corrupção, acreditava o médico, aquele desastrado país tropical nunca teve um governo capaz de, em meio ao caos, planejar direito seu futuro e, no raiar do novo milênio, esquecida por completo do seu passado, uma enorme população de mortos-vivos tomava conta das cidades e dos campos, mumificados diante de seus aparelhos de televisão, monitores, *games* e Handys.

Contudo, prosseguiu o médico, a falta de investimento social ainda perseguia toda a Nação Zumbi como uma incômoda sombra. Toda a América do Sul era agora apenas uma mina de ouro que se esgotara. Era natural assim, afirmou Dr. Carl, que os oprimidos sul-americanos se tornassem rebeldes de causas perdidas e votassem em Barba Napoleão para presidente, julgando-o uma espécie de messias. Para Dr. Carl, os simpatizantes do militarismo do passado brasileiro não possuíam a mínima estrutura física e psicológica para desenvolver uma nação independente, incapazes de trocar as bermudas do povo pelas calças (ou jogar fora as mule-

tas). Fragmentada entre mortos e vivos, a população desnutrida impedia um avanço da sociedade, disse o médico. Nas primeiras décadas do terceiro milênio, salientou ele, despreparados para o mercado de trabalho devido à sua educação deficiente e à sua saúde precária, a pirâmide social do país ficou distorcida e irreconhecível, algo que teria intrigado um arquiteto egípcio dos tempos de Imhotep. Afetadas pela desnutrição física e cultural de uma população cada vez mais míope, anêmica e amnésica, as grandes cidades brasileiras se enchiam de *homeless people* e subempregados, alimentando o narcotráfico, o mercado negro, os corredores dos hospitais, o poder paralelo e a violência, e impossibilitando o progresso econômico do país, instaurando de vez um nocivo atraso psicossocial, semelhante àquele sofrido pela Alemanha no início do século vinte. O médico, porém, via alguns importantes paralelos entre as duas nações.

Enquanto os alemães, dizia Dr. Carl, preferiam esquecer o passado de modo sóbrio, os brasileiros, por outro lado, festejavam conquistas mundiais e vitórias imaginárias, relembando as glórias passadas e votando em oportunistas e carreiristas para a presidência. Mas, derrotados em seu próprio campo e frustrados pela corrupção no governo e nos mais baixos escalões, eles apenas culpavam seu azar e, conformados, assobiavam ao final “Always look on the bright side of life”, esperando que, nas próximas copas mundiais de futebol e nas eleições seguintes, tivessem melhor sorte e pudessem ser os verdadeiros abençoados por Deus ou Mamon. Sempre esperançosos, apesar de seus governos mancos, os tupiniquins brindavam ao fato de ainda estarem meio vivos (e brindavam *con mucho gusto*), uma atitude razoável e compreensível em doentes imaginários, como explica Binswanger ao considerar a alegria na tristeza como uma manifestação de uma sintonia com o mundo, que expressa a nostalgia pelos Anos Dourados e ao mesmo tempo uma esperança em dias melhores. Dr. Carl, entretanto, acreditava que esse sofrido otimismo não era muito convincente. O pensamento popular no Brasil, em sua opinião, ainda estava cheio de contradições. Enquanto por um lado a sociedade brasileira incentivava a solidariedade diante das calamidades e dos campeonatos mundiais, por outro lado, diante da insegurança pública, estimulava o individualismo (“Jeder für sich und Gott gegen alle”, disse ele, citando um esquecido herói tupiniquim) e sobretudo o nepotismo. Havia uma epidemia de transtorno dissociativo nas pessoas. Uma parte da população lutava bravamente sem se importar como terminaria sua peleja diária, e outra parte não se importava de que maneira terminaria a bebedeira. Para os brasileiros, sempre tão otimistas, o último lugar nas Olimpíadas do Progresso não era tão importante quanto a vitória na Copa do Mundo. Esse pensamento, contudo, apenas intensificava a sensação de que tudo era uma grande farsa. Dr. Carl tinha uma hipótese curiosa sobre isso. O Brasil era apenas um sonho distante dos progressistas. Segundo ele, mesmo que um dia ficasse definitivamente comprovada a inexistência (ou existência) do Brasil, ainda assim continuariam a existir brasileiros. Esses otimistas incorrigíveis nunca deixariam de acreditar em sua pátria, mesmo se descobrissem que era tudo uma ilusão. Podiam não ganhar a corrida desenvolvimentista como país, mas se redimiam muito bem no futebol, dizia o médico, um curioso fenômeno social que conseguia unir todo o povo com sua mescla de esporte, samba e carnaval, catalisando não só os sonhos de grande parte da população em todos seus segmentos sociais, como também em seus aspectos emocionais e patrióticos. Muitos desses anseios reprimidos, entretanto, não tinham uma catarse adequada e adoeciam a alma dos indivíduos mais sensíveis.

O maior de todos os problemas dos brasileiros, porém, pensava o médico, era o desequilíbrio humorístico. Enquanto alguns comemoravam o Carnaval, outros viviam na *Zombieland*, de-

monstrando a desigualdade de temperamentos. Havia, porém, uma tendência ao estado morto-vivo, como demonstravam as pesquisas. Os brasileiros continuavam votando em maus políticos, comprometendo assim a situação geral da nação. Para Dr. Carl, o crescimento absurdo da população de *zombies* no Brasil era terrível para aqueles que queriam se manter sãos em meio a toda essa insanidade nacional. O diretor, inclusive, recebia cada vez mais clientes brasileiros em Bünzgli, muitos deles atrás de um tratamento neuropsiquiátrico para se livrarem de suas impurezas mentais e sua ansiedade existencial, esperançosamente à procura de sua tão aguardada paz de espírito (e de seu humor perdido). Eles juntavam-se às dezenas de outros enfermos, vindos de toda parte do mundo, que acorriam ao célebre sanatório mnemônico suíço em busca de uma cura para seus corpos sem alma. Dr. Carl via nessa busca um sinal profético que existia alguma esperança contra o Apocalipse Zumbi.

Assim como João de Patmos, Dr. Carl acreditava na iluminação como uma arma contra a ignorância (apesar de não abusar das metáforas bíblicas). “*Ho hagios hagiastetō eti*”, costumava dizer ele, em grego. “Quem quiser ser são, santifique-se agora. No auge do Império romano, toda a Europa estava à beira de uma catástrofe coletiva. A população imperial (patrícios e plebeus) havia perdido a fé nas autoridades e nas forças superiores. E um mundo sem fé, acreditam, é um lugar infernal para se viver. Graças ao heroísmo e ao sacrifício de um único homem, o colapso total foi evitado. A fé ajudou a vencer a promiscuidade e o vírus da discórdia, e as pessoas voltaram a respirar aliviadas, sem temer as loucuras do próximo imperador. Épocas assim, penso eu, fazem com que os homens santos representem o Mal como um insaciável Dragão que ameaça a pureza da Deusa. Tiranos, ditadores e facínoras são facilmente reconhecíveis pelas mentes mais treinadas. Nas crises surgem os heróis de visão. Acredito que os visionários são as antenas do seu Zeitgeist. Conectados ao Espírito, eles são os primeiros a reconhecerem as crises de grandes proporções, esses ciclos negativos que de vez em quando se repetem na História, abrindo os olhos da indulgente humanidade. Vivemos tempos difíceis para a sanidade mental. Há cada vez mais *toxic heads* na sociedade, e não precisa ser um médico para perceber que isso não vai acabar bem. Se continuarmos nesse ritmo, em um futuro próximo não teremos mais gente sã. A realidade simbólica tornou-se hoje maior que o próprio homem e o engoliu por inteiro. Somos escravos das mídias e de suas ilusões. O Dragão da luxúria ameaça de novo a pureza do amor da Grande Mãe. Por mais que as leis tenham tentado evitar que o caos se espalhe pelo planeta, as nações terminaram criando gigantescos Leviatãs e deixando-o livres para se espalhar pela Terra. Com suas medidas preventivas que nada previnem, suas intervenções e negligências, os maus governos e desgovernos são responsáveis por grande parte dos problemas mentais da população. As epidemias, desse modo, não são mais do que reflexos das más políticas. Aqueles que criticam a decadência deviam culpar os oportunistas e os maus governantes, e não a mim, pela degeneração da espécie humana. Enquanto o povo está mergulhado nas trevas da desinformação, são os políticos que desfrutaram seus dias em suas casas de praia e seus iates, amnésicos do mal que causam aos seus ignorantes eleitores. Como podem, no entanto, estar tão satisfeitos com essa luxuosa vida após deixar tanta gente na miséria emocional? E ainda me acusam por ter um modesto chalé no Alpes!” Mas justamente por conta dos governos e do colapso mental generalizado da população, que Dr. Carl alcançou um sucesso instantâneo em seus negócios, ao colocar suas teorias e métodos em prática e assim ajudar seus pacientes a esquecerem o mal pelo qual passaram, utilizando para isso sua clínica como seu laboratório de pesquisa. Como cientista, por outro lado, ele possuía opiniões avançadas para sua época. Suas teorias neurocientíficas definiam não apenas seu negócio, mas também sua forma de pensar o mundo e tratar seus pacientes.

Em sua busca pela pureza mental, pensava Dr. Carl, o enfermo necessita inicialmente ter consciência de sua enfermidade, e saber que parte dela é causada por forças externas às quais não temos nenhum controle, e outra parte é provocada por forças inconscientes ou semiconscientes contidas em nós mesmos, às quais muitas vezes também não temos controle. Segundo o médico, as doenças surgem primeiro na alma, manifestando-se nos nódulos que servem de ligação entre a parte sutil e a parte densa do organismo, e somente depois, ao se manifestar como uma dor insistente, aparecem seus sintomas. Devido ao *game of life*, pensava ele, algumas pessoas sofrem duramente as consequências do dualismo entre o dever e o prazer, ou entre o estar-no-mundo e o querer estar-fora-do-mundo, um dilema tão bem exemplificado pelo inspirador diálogo de Krishna e Arjuna no Bhagavad Gita, e que nos mostra a coexistência entre o *Dasein* de Heidegger e o *Sein-für-nichts* dos existencialistas franceses, explicou ele, exercitando mais uma de suas analogias filosóficas e religiosas.

*jātasya hi dhruvo mṛityur dhruvaṁ janma mṛitasya cha
tasmād aparihārye ṛthe na tvaṁ śhochitum arhasi*

A morte é certa para aquele que nasceu, e o renascimento é certo para quem morreu. Portanto, não se deve lamentar o inevitável

A maioria das pessoas desconhece o poder das influências externas, embora perceba suas consequências, costumava dizer Dr. Carl. O equilíbrio do Complexo Corpo-Mente é muito sensível às mudanças. “Há milênios os chineses, com seu I Ching, aprenderam que o Tao pode ser afetado pela influência de um único indivíduo. Basta que um ditador tome uma péssima decisão. Basta que uma só pessoa fique doente para que toda a comunidade seja afetada.” O que ocorre em um único organismo, afirmava o médico, pode se espalhar por um grupo, por uma cidade e até mesmo por todo o planeta. Durante a última epidemia viral, ele defendera que o próprio homem faz com que os vírus presentes em seu corpo sofram mutações, ou seja, o próprio ser humano é responsável por adoecer outros seres, quando uma parte do código genético de um indivíduo enfermo ganha vida própria e sai do seu organismo para invadir outros organismos. “Existem boas e más transformações. Qualquer alteração pode comprometer o equilíbrio do Todo, como ocorre com as mutações. Ao se corromper, um gene pode colocar em risco todos os outros seres. Não é o que acontece com um vírus?”, indagou ele. “Afinal, o que é o vírus senão uma corrupção do material genético dos animais? Um pedaço de DNA que se tornou rebelde ao seu criador, assim como Satã desobedeceu ao seu Senhor, ainda no início dos tempos bíblicos.” Na opinião do Dr. Carl, as mutações genéticas ocorrem a todo o tempo na natureza. E os seres vivos, como seus hospedeiros, estavam encarregados de transmiti-las entre si. “Estamos com frequência intercambiando material genético com outros indivíduos, espalhando pelo ambiente nossas mutações, que surgem sob a influência de forças ainda desconhecidas para nós. A ciência ainda não sabe como surgem os vírus, esses invisíveis agentes de destruição cósmica, e ignora que a realidade está dentro de nós, seja ela prazerosa ou desagradável. Dessa forma, aquilo que ocorre nas mais altas esferas e nos profundos recessos do nosso ser se materializa na realidade nua e crua em que vivemos.” O mundo, afirmava o médico, atualiza-se graças a esse intercâmbio entre o sutil e o denso, que é responsável por mover o *Axis Mun-*

di. O que seriam dos homens e mulheres, afinal, sem as evoluções e revoluções da Fortuna? “Os renascentistas acreditavam que as virtudes, sejam elas boas ou más, vinham dos céus”, continuou Dr. Carl. “Ou, melhor dizendo, elas eram presentes dos deuses (ou dos astros). Os cientistas nunca compreenderão a influência das forças astrais porque não possuem sensibilidade para tanto. Assim como cada um de nós é afetado diferentemente por um vírus (embora os sintomas sejam parecidos), certas forças atuam com maior ou menor intensidade em nossa psique. Seu efeito é inteiramente subjetivo, embora possamos percebê-lo quando somos infectados por algum micro-organismo. Nossa ciência materialista não poderá evoluir sem aceitar que todas os seres possuem uma sensibilidade própria. Tudo é influenciado por tudo, de maneira distinta. Desde o comportamento dos elétrons, das formigas, das massas e dos oceanos, tudo está sujeito às vibrações. Tanto no plano microcósmico quanto no plano macrocósmico, todos os seres e objetos, do mais interior ao mais exterior, são afetados por boas e más vibrações. A Terra é influenciada pelo eletromagnetismo e pela gravidade do Sol e pelas vibrações de todos os outros planetas do sistema solar, como sabiam os pitagóricos com sua música das esferas. As marés são afetadas pelos movimentos lunares. A flora bacteriana em nossos intestinos afeta nosso humor. As massas são influenciadas pelo humor dos líderes. Os líderes são afetados pelo humor do mercado, e esse, por sua vez, é afetado pela abundância ou pela escassez da natureza, que depende das mudanças climáticas e de nossa ignorância ecológica. Somado a tudo isso, temos ainda nosso cérebro, responsável por digerir todo esse caos de sensações. Qualquer mínima flutuação nas vibrações ambientais pode afetar a unidade de processamento do organismo, causando tensões na musculatura e reações espontâneas nos neurônios. *Wie du sehen kannst*, o bom funcionamento do corpo está interligado à sensibilidade da alma. Almas menos sensíveis são menos afetadas pelo que ocorre no universo. Outras, porém, sofrem as consequências de se viver em uma realidade cada vez mais confusa. E como sofrem!”, expôs Dr. Carl com eloquência.

O corpo e a mente, resumiu o médico a Anne, estão ambos inevitavelmente sujeitos ao seu mundo. E uma vez que tudo se influencia, em maior ou menor grau, vibramos de acordo com a frequência de nosso habitat. Como *beings-in-the-world*, explicou ele, estamos em constante diálogo com outros seres e coisas, experimentando e aprendendo novas sensações, e recebendo novas informações. Estamos a cada instante nos guiando de acordo com as coisas e os entes ao nosso redor, como se cada um de nós vibrasse e dançasse conforme uma música universal. Dessa forma, segundo Dr. Carl, uma imensa sinfonia estava em progresso, uma demonstração fantástica de que tudo age em perfeita harmonia apenas por amor à beleza e à ordem. Essa ação conjunta, contudo, não se resumia apenas ao sujeito com os outros sujeitos, mas ao indivíduo consigo mesmo. Todo o organismo, exemplificou o médico, funciona como uma grande orquestra. Se um instrumento desafina, a sinfonia inteira se converte em uma desagradável cacofonia de sons, como se a execução magistral de uma peça de Bach se convertesse em um cacofônico experimento musical de Schönberg ou Stockhausen. Uma simples disfunção assim afeta todo o bom funcionamento do organismo, aumentando sua bile negra e contribuindo para adoentá-lo caso a anomalia não seja tratada. Por conta do descuido de seu maestro, disse Dr. Carl, um organismo em perfeita ordem podia se converter em um conjunto desordenado e incoerente, se suas partes não trabalham mais em harmonia. E uma vez que a parte física de um indivíduo é debilitada, sua psique também sofre as consequências. Essa interação desarmônica entre *body and soul* iniciava-se no cérebro, propagava-se pelos hormônios até a musculatura, afetando, por sua vez, todas as partes do corpo. Ou seja, o bem-estar geral é determinado pelo bom estado de um órgão. Uma sociedade, ressaltou o médico, não é muito diferente. Se o mais importante dos órgãos, que era o cérebro de uma nação, encontrava-se desafinado,

todos os outros órgãos também desafinam, por conta de um efeito cascata. De maneira similar, uma nação inteira pode ser prejudicada pela falha em único órgão. O comportamento do todo é ditado pelo comportamento das partes. E assim um sujeito com um fígado fraco pode ter também um cérebro falho e uma alma decadente, pelo simples fato de que seu desequilíbrio biopsíquico prejudica todos os movimentos atômicos em seu organismo, como pensava Asclépiades de Bitínia, tornando os coléricos mais irritados, os melancólicos mais deprimidos e os sanguíneos mais soberbos. Parafraseando a medicina ayurvédica, Dr. Carl citava as seis fases de uma doença (acumulação, agravamento, transbordamento, dispersão, manifestação e diversificação) para expor sua filosofia médica. Segundo ele, a progressão das doenças era um indício do grau de decadência fisiológica alcançada por um paciente, de maneira muito semelhante à corrupção de uma sociedade. Após ter se manifestado através dos sintomas, a enfermidade espalhava-se por meio dos fluxos do corpo, contaminando todo o organismo com suas toxinas, micro-organismos e mutações genéticas, chegando assim ao seu estágio final de diversificação. Nesse estágio, talvez o mais perigoso, o novo material genético passava a ter vida própria e era capaz de se espalhar por todo o corpo, intoxicando-o por completo.

Na visão do médico, qualquer conflito entre o físico e o mental (assim como entre o povo e os governantes) terminará por bloquear o fluxo de energia nos meridianos do corpo, ou aquilo que a medicina tradicional chinesa conhece como *chi*, perturbando o bom funcionamento dos centros energéticos, intoxicando o sangue e afetando assim as glândulas e a produção de hormônios (ou biles, como pensavam os antigos), responsáveis diretos pela comunicação bioquímica entre as diversas partes do corpo. Prejudicado pelo excesso ou pela falta de um determinado hormônio, um órgão perde seu equilíbrio, torna-se disfuncional e definha, diminuindo sua performance e enfraquecendo, por sinergia, todos os outros órgãos, principalmente o cérebro, ou seja, a unidade responsável por guiar todo o organismo, demonstrando a interdependência entre corpo e mente, entre governantes e governados. Assim como o *Apocalipse* era uma desvelação simbólica das forças do mal com o propósito de combater sua má influência, disse Dr. Carl, o tratamento era a revelação de nossas impurezas mentais. Para chegar à iluminação, contudo, devíamos aprender a nos desintoxicar, nos livrando daquilo que corrompe o corpo e a psique. Desse modo, somente o paciente era responsável por sua própria cura, uma vez que ele conhece a si mesmo melhor do que ninguém, e só ele sabe como se livrar do mal que está nele mesmo.

Será? Indagou-se Anne, com um certo ceticismo. Será que ela realmente sabia se livrar dos seus demônios? Pensou a jovem intimamente, ao escutar essa afirmação do médico.

Enquanto o chá esfriava, Anne acompanhou o pensamento hermético do Dr. Carl sem se importar com o sistema filosófico que o animava, um apanhado de ideias influenciadas por suas leituras do Zohar e da Cabalá, para quem a descida das emanções da Coroa até o Reino, da Sefira Keter à Sefira Malkut, é uma metáfora para a diversificação do Uno, um sinal da Queda divina, um acontecimento pré-diluviano que marca o momento em que a humanidade esqueceu a divindade do corpo e decaiu da ordem macrocósmica ao caos microcósmico. Tudo isso, segundo o médico, explicava a origem das doenças e da insatisfação humana. Em algum ponto de sua evolução, acreditava o médico, o *Homo sapiens* teve que enfrentar as incontroláveis forças da natureza e se viu fragilizado e só. “A humanidade aprendeu muito em sua puberdade

existencial”, disse o profissional. “Para suportar essa impotência advinda da inexperiência, nós criamos métodos criativos de lidar com nossas dificuldades, liberando os temores de nosso imaginário. Inventamos os heróis, aqueles que conseguem vencer todas as obstáculos e dificuldades. Inspirados neles, os homens encontraram uma solução para os seus problemas. Com a passagem dos milênios, porém, os indivíduos se afastaram das mitologias e ignoraram sua própria sabedoria natural, abandonando com ela todas as estratégias de homeostasia repassadas pelas gerações anteriores. Ao adoecer, o indivíduo pós-moderno recorre à medicina quando é tarde demais para ser curado.” Uma vez que tenha chegado ao estado terminal, prosseguiu Dr. Carl, é muito difícil tratar adequadamente um doente com falência múltipla dos órgãos. Semelhante a um aparelho eletrônico após receber uma sobrecarga, seu fluxo energético está danificado demais para ser novamente regulado. Não há mais comunicação entre as distintas partes do corpo, os fluidos não circulam, e assim o organismo perde seu equilíbrio e seu vigor. Transportado pelas artérias, atravessando os capilares e o sistema linfático, o alimento não nutre mais as células e os tecidos definham. Incapaz de alcançar a copa da árvore corporal, a seiva estagna nos canais bloqueados por detritos tóxicos e, com o tempo, todos os órgãos falam e fenecem. “O paciente deve ser tratado antes de sua Queda”, disse Dr. Carl. “Os sintomas demonstram apenas as falhas de nossa programação cultural, a interiorização de leis que são diferentes das leis internas de cada organismo, e que muitas vezes se chocam umas com as outras. Como nos diz o mito, somente reconquistaremos o paraíso quando renascermos das cinzas. No passado, a figura da Fênix trouxe conforto aos antigos por simbolizar a esperança trazida pela purificação, quando abandonamos o velho e liberamos espaço para o novo. Para tratar um indivíduo com a alma enferma é preciso fazer uma reinicialização total de seu *self*, removendo todas as toxinas possíveis do corpo e da mente, purificando-o do que é tóxico, para que então possa retornar ao estágio inicial adâmico de saúde. E somente conseguimos isso iluminando o sujeito e fazendo-o perceber que existem outros sujeitos e objetos sensíveis. Esse é primeiro passo para seu renascimento. Por isso faço questão de deixar cada um de meus pacientes o mais à vontade possível. Eles precisam do ócio necessário para contemplar o mundo. Dessa forma, estarão aptos a entrar em contato com o divino.” Dr. Carl, como de hábito, reiterou sua crença nas capacidades latentes de cada paciente. Essa era sua concepção de cura: des-pertar novamente o espírito daquele que sofre.

Ao terminar seu chá com o médico, Anne se dirigiu aos seus aposentos com a sensação de que era uma pessoa impura. Estaria ela realmente intoxicada por suas emoções negativas? Essa dúvida a deixou preocupada. Essa era a segunda vez que, após um encontro com Dr. Carl, sentia sua autoestima em baixa. Aquela desagradável sensação havia ocorrido também ao chegar a Bünzgli, alguns meses antes, quando Anne recebeu seu diagnóstico.

Responsável direto pelo tratamento de todos os enfermos que passaram por Bünzgli, Dr. Carl possuía sua exclusiva coleção mnemônica de fichas mentais dos diversos casos que passaram por sua clínica, apesar de manter um vasto acervo de históricos médicos armazenado digitalmente ou em papel, comprovando sua ilibada reputação de grande memorialista. Entre seus antigos pacientes, havia nomes famosos de ex-governantes e outras celebridades agora incógnitas, conhecidas apenas pela sua nobre origem (entre eles, duques, condes e outros membros da decadente aristocracia alemã, alguns deles descendentes dos Hohenzollern e dos Hohens-*taufen*, sem falar ainda dos ex-ditadores africanos e latino-americanos). No conteúdo dessas fichas abundavam diversas anotações sobre categorias tão díspares quanto gostos artísticos,

más lembranças, abusos, obsessões, manias e vicissitudes, que o especialista julgava dignos de observação. Nesses documentos clínicos, “M” e “C” eram as duas letras mais utilizadas pelo médico para classificar seus pacientes, demonstrando a popularidade de seu método entre os tipos melancólicos e coléricos.

Quando foi informada do diagnóstico do médico, logo no início de seu tratamento, Anne sentiu-se ofendida pela franqueza alemã do profissional (como se sentiria qualquer outro suíço). Depois de tratar centenas de casos, Dr. Carl conseguia agora categorizar os internos com destreza, exibindo sua extensa experiência clínica. Por ter lidado tantas vezes com os tipos coléricos (e por ter visto de perto alguns mortos-vivos e até o Diabo em pessoa), o especialista era capaz de identificá-los quase de imediato, o que deixava os pacientes um tanto embaraçados em sua presença. Assim, em sua primeira entrevista com Anne, ele automaticamente rabiscou com uma caneta vermelha um enorme “C” (de *choleric*) em sua ficha médica. “Tipos coléricos como você precisam estar mais atentos às outras pessoas”, disse ele. “Somente assim poderá se reconciliar com seu mundo.” Coléricos? Teria ouvido bem? Indagou-se Anne, indignada. Ele a estava chamado de colérica?

Enquanto o médico expunha seu diagnóstico, algo dentro da paciente borbulhava como lava ardente. A jovem, porém, conteve-se para não insultá-lo. Anne não estava acostumada a ser taxativamente categorizada, ainda mais ao ser chamada por um termo que a repugnava. Toda essa rotulação apenas desagradou seu gosto tão exigente, ofendendo assim suas reconhecidas regras de boa etiqueta. Talvez ele estivesse certo, refletiria ela mais tarde. Talvez ela fosse mesmo uma colérica, como lhe dissera o médico. O que a desagradava, porém, era aquela maneira indelicada e direta de lhe dirigir a palavra. Nesse primeiro contato com o médico, a jovem paciente aceitou seu diagnóstico como um ataque à sua frágil psique e irritou-se. Não podia suportar aquilo. Era demais para sua paciência e sua autoestima. Sairia vexada do consultório.

O amargo episódio terminaria criando um cisma inaudito entre Anne e o diretor. Nos dias seguintes, ela até mesmo evitaria as entrevistas periódicas com Dr. Carl, pretextando não estar se sentindo muito bem e adiando assim qualquer novo encontro com seu desafeto. Recusava-se, inclusive, a falar do médico sob qualquer pretexto, ainda mais a um inoportuno estranho. Por isso, sentada agora no refeitório diante de Antoine, Anne preferia não entrar no assunto. Não queria falar também de seu tratamento e nem mesmo de sua intimidade clínica. Por que alguém precisava saber de sua cólera? Afinal, nem mesmo sua ginecologista sabia de suas constantes irritações e achaques nervosos, um carrossel emocional que Anne mantinha oculto como um segredo guardado nos cantos mais inóspitos de sua mansão abandonada.

— Não gosto da desmemorização seletiva — disse Anne, interrompendo o silêncio entre ela e Antoine. — Além de ineficaz, é bastante demorada.

— Por que não optou por um método mais rápido? — indagou Antoine.

— Dr. Carl temia que eu me aborresse demais com uma súbita perda de memória. Achou que pioraria meu estado. Talvez seja melhor assim. Não me agrada pensar em ser desmemoriada de todo. Eu não gostaria de me sentir perdida em uma ilha deserta. Ou quebrar pratos.

— Tenho a impressão que um tratamento tão lento como esse deve ser angustiante — disse Antoine, coçando uma das têmporas. — Eu não suportaria ter minha memória estimulada dia após dia, espalhando minhas más lembranças pelo universo. Embora eu me sinta às vezes como um Frankenstein, prefiro um método mais rápido e indolor. Eu não suportaria recordar a pior parte do meu passado.

— Tampouco eu — concluiu Anne e suspirou. — A espera me dá cada vez mais nos nervos. *Es geht mir auf die Nerven.*

Que tipo de paciente seria Anne? Indagou-se Antoine, observando-a por um instante, um tanto intrigado com sua declaração temperamental. Seria uma melancólica como ele? Iniciado nos mistérios do método do Dr. Carl, Antoine estava ainda eletrizado por suas ideias. Essa inquietude mental do jovem violinista reativou memórias recentes. Relembrou então a ocasião em que o médico lhe descreveu seu sistema de classificação psicológica (alinhada de *Psychologische Taxonomie*) logo no início de seu tratamento, ao fazer o diagnóstico de sua enfermidade da alma. Essa é uma conversa que merece aqui ser lembrada.

No dia seguinte à sua conversa sobre poesia chinesa, quando caminharam pelas margens do lago para respirar o ar puro e apreciar os Alpes, Dr. Carl levou Antoine até seu consultório para tomar chá. Assim que chegaram, o diretor de Büngzli convidou o paciente a se sentar no *recamier*, chamou a copeira pelo interfone e expôs então seu parecer profissional. Segundo o médico, Antoine exibia todos os traços de um tipo melancólico. Em sua primeira análise do paciente, o especialista reparou seu jeito amuado, seus ombros caídos, sua mudez e sua confusão, e anotou um “M” (de *melancholisch*) em sua ficha (ele mais tarde desconfiaria, após a primeira sessão de Mnemodetox, que Antoine, na verdade, era meio fleumático e meio melancólico). O diagnóstico de melancolia, por outro lado, não desagradou ao *youngster*, habituado a ler nos livros de poesia sobre os tipos que “suspiravam olhando para o vazio com a dor persistente de um coração partido” ou sobre os românticos incuráveis ao estilo de Thomas de Quincey. Antoine gostou da classificação (apesar de que, às vezes, se considerasse um fleumático sonhador). A definição era bem adequada ao seu ânimo decaído e à sua frustração em estar aprisionado às quatro dimensões terrenas. Em seguida, Dr. Carl leu a Antoine seu histórico familiar e analisou todo o seu mapa genético (o médico sempre solicitava ao laboratório um exame completo do DNA de seus pacientes, inclusive de sua ancestralidade), revelando a ele seu perfil completo, psicológico e biológico, ao analisar imagens do seu cérebro, seus diagramas genéticos com mapeamento dos cromossomos e exames com taxas hormonais (além de seus desenhos infantis rabiscados durante o teste de Karl Koch), e finalmente explicou a ele como seria seu tratamento.

A amnésia completa era o método preferencial aplicado aos melancólicos, declarou Dr. Carl a

Antoine. Segundo o médico, a perda gradual de memória acentuava ainda mais o vulnerável estado desses pacientes, agravando sua condição clínica. Prescrevia assim um tratamento diferenciado para eles, com três fases distintas: esquecia-se do passado recente, em seguida o passado mais remoto (incluindo as memórias da adolescência), e, por fim, as más lembranças da segunda infância. Destacou que, por ser muito perigoso esquecer a primeira infância, as lembranças dessa fase deviam ser mantidas na memória autobiográfica do paciente, por pura e simples precaução. Ou, do contrário, o infeliz amnésico teria que retornar ao *kindergarten*.

— Os melancólicos precisam de um tratamento diferenciado — disse Dr. Carl. — Não podemos apenas tratá-los de maneira improvisada, como fazem outros médicos em suas clínicas. Esses pacientes passaram toda a sua existência sem receber atenção adequada, dependentes de farmacopéticos e outras substâncias. Nunca conheceram o verdadeiro *joie de vivre*. Aceitamos assim suas manias e incentivamos sua independência, estimulando sua criatividade e sua maneira de ser. Receitamos a eles uma dieta biopsíquica adequada para seu temperamento sensível, procurando despertá-los de seu sono existencial. Se os pacientes gostam de poesia, eles se sentem estimulados a recitar versos de memória. Se gostam de dançar, deixamos que usem o salão e também o sistema de som da clínica, equipado com um excelente gramofone Columbia conectado a potentes alto-falantes de última geração. Se gostam de falar línguas, são conduzidos até a capela para falar com seus anjos pessoais ou escutar a música das esferas. Ou seja, cada um recebe um tratamento apropriado a seu gosto. Como você é um bom apreciador da música erudita, sugiro uma abordagem mais personalizada. Incentivaremos que toque livremente seu violino para estimular sua memória musical. Assim não esquecerá suas peças e canções favoritas. Podemos, por exemplo, remover apenas as lembranças dos itens de conteúdo melodramático, deixando apenas aqueles registros mais estimulantes. Você gosta de Ravel ou Respighi? Ou prefere Stravinski a Mahler? Talvez goste de algo mais experimental. Não importa. Preservaremos o que emociona positivamente, eliminando o que negativamente nos afeta.

— Quer dizer que ainda preservarei minha memória musical? — indagou Antoine. — Que interessante... Não é muito complicado fazer isso? Remover uma parte da memória e deixar outra intacta? Eu poderia me tornar um *savant* como Mozart e ficar famoso quando voltar à sociedade.

— Riscos sempre existem, *mein Bub*. *Wie wir wissen*, a memória autobiográfica assemelha-se a um extenso rizoma subterrâneo com todas as suas ramificações inconscientes espalhadas por um grande terreno. *Aber es ist eine harte Arbeit*. Para uma árvore muito crescida (assim como um cérebro já maduro), mapear todas essas ramificações seria uma tarefa quase impossível. Além de existir o perigo de afetarmos colateralmente outras partes envolvidas. Uma vez, porém, que saibamos onde está o problema, agimos com presteza para eliminá-lo. *Die harte Arbeit hat sich gelohnt*. Por esse motivo, recomendo um tratamento especial de desmemoriação aos tipos melancólicos. Em vez de cortamos a gema apical da planta danificada como fazem os tratamentos convencionais, correndo assim o risco de perpetuar seu crescimento irregular, preferimos arrancar o mal pela raiz, eliminando os sintomas da melancolia mediante a amnésia completa. *Es ist viel schneller und nahezu schmerzfrei*. É bem mais rápido e quase indolor — disse o médico e, levantando o indicador da mão direita, acrescentou: — *Nahezu*.

Logo na primeira sessão, expôs Dr. Carl, o enfermo esquecia de imediato todo seu passado mais recente. Amores perdidos, desgostos e ressentimentos ainda frescos eram totalmente esquecidos com a iluminação trazida pelo despertar de seu sistema de sinalização endógena. A partir da segunda sessão, o paciente em tratamento era então submetido a uma extração de suas lembranças mais profundas, ocasião em que era removida a maior parte de sua memória ruim. De todo o processo, essa etapa era a mais demorada (para um sujeito mais jovem, era necessário passar duas ou três vezes pelo procedimento de Mnemodetox; se possuía uma idade mais avançada, contudo, ele ou ela precisava de várias e várias sessões, e seu tratamento poderia durar meses) e também a etapa mais penosa, estágio que o médico denominava de Extração de Dente de Siso ou *Weisheitszahnentfernung*. Essa era a parte mais importante do tratamento e também a mais delicada.

Nesse estágio do Mnemodetox, eram removidos todos os traumas datados de uma época da vida do enfermo em que a mente ainda não tinha suas proteções psíquicas e se encontrava vulnerável demais para reagir aos abusos e horrores da fase infantil. Um intensivo processo de desintoxicação mental ocorria durante as sessões na Unidade de Terapia Mnemônica. A princípio, eram esquecidos os filmes de terror assistidos precocemente e depois as cenas de violência gratuita, e as imagens chocantes vistas em vídeos caseiros. Muitas dessas imagens, no entanto, não podiam ser apagadas pelo tratamento. Na opinião de Dr. Carl, o risco de remover alguns dos traumas visuais de um enfermo podia desestimular sua assertividade, abalando sua autoestima e afetando sua maneira de lidar com o mundo, deixando-o assim um tanto lerdo e temeroso. Desse modo, imagens muito memoráveis e de importância coletiva (como os atentados terroristas, por exemplo) não podiam ser removidas, mas apenas isoladas dos pensamentos cotidianos, de modo que eram inacessíveis à memória de curto prazo. Durante essa etapa, o enfermo se livrava de sua má educação televisiva, limpando a imaginação de boa parte de sua poluição mental. Por fim, na última sessão, eram removidas as más lembranças de segunda infância. Essa fase do tratamento era uma das mais importantes, uma vez que grande parte do sofrimento de um paciente estavam em recordações herdadas dessa difícil fase da vida. Maus-tratos, abusos por pais castradores e outras negligências parentais seriam, após essa sessão crucial, esquecidos por completo. Restava assim, ao término do processo, um sujeito renovado, tão puro quanto uma criança pequena (com a diferença de ter ainda a experiência e a intuição de um adulto).

— Extração de Dente de Siso? O procedimento é tão doloroso assim? — indagou Antoine, ao ponderar sobre a segunda fase do tratamento.

— Se for feito de modo gradual, nem tanto — respondeu Dr. Carl. — Os coléricos resistem bem ao Mnemodetox seletivo, ao contrário dos melancólicos, que são mais intolerantes a esquecimentos. Por se aborrecerem a qualquer mínima falha de memória, os tipos coléricos são tratados mais suavemente, de maneira gradativa, como faria um bom domador de cavalos, evitando assim perdas muito bruscas de memória. O progresso do tratamento, contudo, nem sempre é satisfatório para alguns, devo confessar — disse o médico e pensou em Anne.

— Perder gradualmente a memória deve ser muito desanimador. É como ter um cérebro com

Alzheimer. Eu ficaria muito aborrecido se esquecesse onde coloquei minha escova de dentes, ou onde deixei o caderno com minhas anotações.

— Toda insatisfação é um impedimento para o sucesso, *mein Bub*. E é também um desafio. Por isso, os tipos coléricos precisam aprender a ter um pouco de paciência para chegar ao céu, como nos provam os exemplos dos diversos santos coléricos como São Paulo, São Gerônimo e São Francisco. Coléricos tendem a ser impacientes e mesmo cruéis quando chegam ao extremo. Os tipos mais negativos são ambiciosos, obsessivos e buscam a glória a qualquer custo. Um colérico negativo fará tudo para alcançar seu objetivo, inclusive pela automortificação. Semelhante a uma Fênix precoce, contudo, eles consomem-se em chamas antes mesmo de alcançar a Êxtase — concluiu Dr. Carl, pensando novamente em sua mais inquieta paciente.

— Prefiro os santos melancólicos, como Santo Antônio ou Tomás de Aquino. Eles não se matariam fazendo penitência — disse Antoine, que tinha uma grande admiração pelo *hagios* católico, embora seus interesses fossem bem diversos do que racionalizar sua própria fé.

— Se não fosse pela amnésia — continuou o médico, sem prestar muita atenção ao devaneio de Antoine —, esses pacientes ficariam tão inquietos que seria impossível controlá-los. Os coléricos são realmente impossíveis quando estão ansiosos. Seus surtos de fúria não são apenas homéricos, mas também kafkaescos. Eles comovem e intrigam, influem e provocam, além de afetar o clima de todo o ambiente. Tenho uma paciente que é um caso excepcional. Ela está em Bünzgli há alguns meses e ainda não obteve nenhuma melhora em sua ira. Acostumada às inesgotáveis excitações da vida moderna, ela terá que aprender a moderar seus apetites e a exercitar sua paciência. *Wie du weißt*, os coléricos começam a ficar titilados desde crianças e seu sistema límbico é bastante excitável. É natural que, acostumados a um arsenal de excitações, eles não desenvolvam uma *inner life*.

Dr. Carl expôs então os efeitos do Mnemodetox nos melancólicos. Explicou que o estado pós-operatório da primeira sessão era um tanto desconcertante, até mesmo para os pacientes mais bem preparados. Apesar de serem instruídos detalhadamente antes do procedimento, eles ainda assim ficavam bastante confusos após serem desmemoriados. Os efeitos colaterais da Amnésia Autobiográfica eram um tanto embaraçosos para aqueles desacostumados com um pouco de alegria, confessou o médico. Além disso, por conta da excessiva distração causada pela amnésia, os pacientes precisavam de um cuidado redobrado, sendo necessário chamar sua atenção para certos hábitos nada convencionais, adotados após serem desmemoriados. Muitas vezes, ao sair da cama pela manhã, eles dirigiam-se ao refeitório sem sequer trocar de roupa, ou ainda quase despídos (em certa ocasião, Lempiszka apareceu apenas de camiseta para o Zmorge). Para quem passava por ali, era comum vê-los sentados à mesa de pijama, tomando distraidamente seu café na maior naturalidade, como se estivessem nos trópicos. Seus lapsos de memória costumavam causar também alguns embaraços aos funcionários da cozinha. Com uma certa recorrência, eles esqueciam a hora do almoço e apareciam famintos no refeitório atrás de comida, querendo aliviar sua súbita compulsão alimentar, obrigando os cozinheiros a atenderem seus mais inusitados pedidos (Alvarenga, por exemplo, tinha desejos ocasionais de comer melancia). Outras vezes ainda, eles esqueciam os horários de suas consultas e sessões, e

os enfermeiros deviam levá-los às pressas para a Unidade de Terapia Mnemônica em uma cadeira de rodas. Mantê-los na realidade prática para cumprir seus compromissos era um exercício contínuo e, às vezes, exaustivo (fatigados por toda essa correria, os enfermeiros faziam festinhas com mais frequência). Além de todas essas precauções em seu estado de vigília, outros cuidados eram necessários quando ficavam em um estado letárgico ou quase cataléptico após a desmemoriação. Devido à sua baixa animosidade pós-operatória, os esmorecidos pacientes melancólicos deviam ser estimulados a aprender algo novo; uma tarefa nada fácil, uma vez que eles preferiam passar seu tempo a olhar as nuvens. Essa reação melhorava um pouco no decorrer do tratamento, quando as sessões se tornavam cada mais empolgantes.

De fato, o êxtase provocava uma repentina mudança em sua percepção. Para quem estava acostumado a ver a realidade cinza e monótona, esse novo ponto de vista era chocante. O súbito acontecimento transformava seu psiquismo e sua fisiologia em todos os aspectos imagináveis, afetando sobretudo seu humor. Mais animados, os pacientes ficavam mais independentes e também mais dinâmicos. Contudo, como acontecia frequentemente na sessão posterior, eles podiam se tornar um tanto imprevisíveis.

A segunda sessão de Mnemodetox causava um efeito fantástico nos melancólicos, prosseguiu Dr. Carl. O estado de clareza proporcionado pela amnésia trazia a eles uma lucidez nunca antes experimentada em suas confusas existências. Agora mais sóbrios, eles desfrutavam pela primeira vez as maravilhas de uma mente sem lembranças. Esse inédito descobrimento era uma espécie de revelação divina. Acostumados por sua inteira existência a serem introvertidos e amuados, eles sofriam uma transformação notável. Da noite para o dia, tornavam-se mais desinibidos e perceptivos, prontos a exibir suas habilidades ocultas, até mesmo se comportando inusitadamente diante das outras pessoas. Extáticos, eles dançavam pelo pátio exibindo seus talentos reprimidos. Inspirados, cantavam alto e faziam versos. Outros tentavam voar, como se tivessem adquirido asas angelicais, imaginando-se como modelos em uma pintura de Marc Chagall, explicando mais tarde sua atitude radical como uma espécie de malabarismo estético (“It’s not a flight, it’s just a stylish way to fall”, diria Cindy, que, antes de ser internada, tentara saltar do prédio de vinte e seis andares em que vivia em Nova York, após uma bacante bebedeira). Diferente desses iluminados e surpresos pacientes, no entanto, Antoine aceitou tudo com naturalidade. Ao final de sua segunda sessão, reconheceu o êxtase agnóstico como um estado já experimentado antes e se entregou completamente ao seu apelo.

Desde criança, ao desfrutar seu *bliss of solitude*, Antoine habituara-se a sonhar acordado, desfrutando aquilo que Tomás de Aquino chamaria de *Imaginary Visions*, ou seja, fenômenos psíquicos que se manifestavam através do *inward eye* de cada pessoa. Recolhido em algum distante canto do parque, Antoine abstraía-se da realidade mundana. Ao recostar-se em uma árvore, o infante fechava os olhos e instantaneamente percebia figuras geométricas tridimensionais fluando em um ponto incerto entre suas sobrancelhas, onde surgiam e desapareciam ao sabor das ondas de sua imaginação. Por algum tempo a visão dessas figuras mutantes fascinou o menino. Ele maravilhava-se com sua multitudine de formas e cores, relacionando-as a sons, palavras e aromas, criando assim uma coleção de associações sinestésicas em sua memória. Essas visões se manifestavam mesmo durante as brincadeiras infantis. Ao soltar pipas, via-se sobrevoando um outro mundo, percorrendo paisagens distantes na Cochinchina, na Atlânti-

da, na Lemúria, na Ciméria, em Mu, nas Cidades Invisíveis ou em Shangri-la. Por conta dessas incursões à terra dos sonhos, Antoine sentia uma grande dificuldade de brincar com os colegas em sua época estudantil. A falta de imaginação daqueles “pequenos parvos” (como os chamaria anos depois) sempre o chateava. Ele queria mais do que jogar bola ou figurinhas. Preferia a companhia de seu Mickey Mickeranno às enfadonhas e repetitivas brincadeiras de seus colegas de turma. Queria muito mais. Queria se aventurar em alguma viagem exploratória pela galáxia do universo Jedi e seus cavaleiros do lado luminoso da Força, e viver grandes desafios combatendo os vilões espaciais.

Os estados subjetivos de Antoine em sua meninice eram bem peculiares. Enquanto a maioria dos meninos e meninas da sua idade buscavam ser populares e brigavam por atenção, Antoine estava mais interessado nas maravilhas da natureza. Tudo para ele possuía algum interesse cognitivo. O mundo natural era uma constante fonte de informação estética. Tudo o atraía para uma beleza que somente ele era capaz de ver, e os outros, alheios às suas fantasias, não podiam apreciar. O mundo das pessoas era cinzento e sem graça, comparado a seu colorido universo imaginário, pleno de descobertas e sortido de recursos inesgotáveis. O garoto gostava do que aprendia na escola, sobretudo quando seus professores falavam sobre arte e contavam histórias dos grandes homens e suas vidas nem sempre exemplares, ocasião em que fantasiava ser um viajante do tempo. Essas informações, contudo, apesar de serem interessantes, não eram tão atraentes quanto os seres feéricos. Melhor do que as fantasias históricas durante a aula eram ainda suas próprias histórias imaginárias, para as quais criava um começo (um vilão invadiu *Paradiseland*), um meio (um herói decidiu combatê-lo) e um término (nesse ponto o herói podia sofrer um fim trágico ou triunfar vitorioso sobre seus inimigos). Outras vezes tri-lhava em sua bicicleta (ou seu *hobby horse*) um caminho dourado repleto de campos de girassóis, espantalhos dançarinos e corvos falantes, duendes telúricos e dominós astronômicos. As fantasias barrettianas de Antoine eram muito mais excitantes do que as maçantes interpretações históricas relatadas por seus professores. Muitas vezes, porém, elas se mesclavam à realidade, incorporando-se em encenações sem plateia, e Antoine imaginava-se em meio a uma revolução popular como um herói incompreendido, guilhotinado no final por pregar a paz entre os homens. Junto a esse teatrinho pessoal surgiu com o tempo um carrossel de emoções no menino, preenchido pela intensidade com que inventava e vivia suas próprias histórias, encarando seus próprios super-heróis (com magníficos e curiosos superpoderes, entre eles a habilidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo). O menino passava horas nessas frutíferas brincadeiras, nas quais vivenciava magníficas batalhas com seus mais temíveis e imbatíveis inimigos. Durante o combate imaginário, Antoine se comportava de modo valente e impetuoso, imitava com ruídos vocais o estalar das espadas se chocando, o disparar dos raios laser e dos tiros de canhão, procurando seguir fielmente o roteiro inventado por ele, mas ainda era impotente diante do Grande Outro, quando derrotado por seu vilão ou monstro sentia-se melancólico e injustiçado. Assim refletia ele em seu íntimo o que acontecia no insensível mundo dos adultos. Esse humor acabrunhado, nascido de suas derrotas íntimas, costumava persistir por algum tempo, chamando a atenção das pessoas próximas. Em casa, seus pais achavam que o jeito amuado do filho era apenas consequência de suas mudanças hormonais. Às vezes era irrequieto e insuportável, outras vezes era quieto e calado. Essas alternâncias de estados subjetivos, no entanto, refletiam o que se passava em sua própria família, acompanhando a ciclotimia de seus pais em suas constantes mudanças de residência (em um único ano vivera com eles em Genebra e em Berna). Devido a esses altos e baixos, sua adolescência possuía mais vales do que montanhas.

Com a chegada da puberdade, os estados mentais de Antoine mudaram. As conhecidas formas geométricas que visitavam suas fantasias foram aos poucos perdendo sua definição e sua frequência de aparição, até que ele, por fim, nunca mais voltou a vê-las. Antoine deixou para trás suas *revêries* e seu *day dreaming*, e abandonou suas excursões imaginárias pelas outras dimensões do espaço-tempo (e não presenciou mais os elementais, as deusas e imperatrizes, os sábios e os heróis, ou mesmo conversou com seus amigos imaginários). Das fantasias da adolescência restariam apenas vagas lembranças, descritas apenas grosseiramente em suas poesias. Muitas vezes em sala de aula, distraído, ele costumava escrever dois ou três versos ao lembrar com saudade sua liberdade mental perdida. O tempo transcorreu célere e até mesmo a poesia foi abandonada, engolida pelas más lembranças que um dia o levariam a ser internado em uma clínica de desintoxicação.

Agora, no entanto, após ser desmemoriado, as visões infantis de Antoine voltaram renovadas. Ali estavam os majestosos mosaicos das catedrais góticas, a complexidade das figuras pitagóricas baseadas em padrões numéricos que se repetiam ao infinito, as mandalas, os fractais e as inefáveis qualias (as formas subjetivas dos filósofos), além das intuições nascidas dos aspectos entre os astros em revolução por suas órbitas a executar sua eterna dança cósmica. Cada pequena coisa possuía um atrativo. Cada ser possuía uma formosura própria. E com isso todo o universo se tornou novamente belo. Tudo se encheu de cor e vida. Repentinamente todas as coisas adquiriram uma beleza extraordinária, emitindo minúsculos arco-íris multicoloridos, emanando uma aura graciosa e atraindo o olhar para os mais ridículos detalhes. No jardim, cada pequeno feixe de grama ou semente vibrava de vitalidade, e ele vibrava com elas. Como afinados instrumentos musicais executando uma sinfonia de Brahms, tudo estava em perfeita harmonia. Viu cada elemento da natureza (ou elemental, como preferia chamar) executar seu trabalho essencial, auxiliando no crescimento das plantas, na formação das nuvens e da chuva, e na polinização das flores, catalisando todos os processos naturais e fazendo florescer a vida. Imaginou gnomos, sílfides e salamandras, movendo-se pela terra, pela água e pelo ar, colorindo o jardim com suas delicadas formas e sua alquimia, da qual fazia parte a umidade, os gases atmosféricos, a matéria morta do solo e da luz, procurando transformar e unir todos os elementos em uma amálgama dourada, aperfeiçoando e embelezando ainda mais a natureza, trazendo assim o Céu para junto da Terra. Nesse instante de máximo deslumbramento, Antoine sentiu uma alegria inenarrável ao presenciar o trabalho das forças invisíveis dos elementos manifestando-se na realidade objetiva. Sentiu um grande amor por todos os seres. Ao perceber-se como parte do cosmos, o adolescente chorou de emoção. As lágrimas desceram-lhe copiosamente pelo rosto. Nunca se sentiu tão completo e tão radiante. Nunca a natureza lhe parecerá tão bela. Tudo era pura vibração e harmonia. Mas seu êxtase não durou muito. Uma lembrança urgente veio despertar o amnésico de sua iluminação, rompendo seu estado de deslumbramento. Como é possível ser parte de um todo e ser tão só? Queixou-se ele, tristonho. Em sua meninice, Antoine nada sabia sobre os pensamentos filosóficos ou religiosos do passado, e não achou nenhum consolo em Sofia. Ao pensar na criança que havia sido na primavera de sua existência, o jovem constatou que sua *inner child* havia envelhecido. Assim como seu corpo, sua mentalidade também havia mudado. Ele não tinha mais a mesma energia vibrante de antes, que o permitia sair correndo ou dançar como um deus indiano, ao atingir sua glória existencial. A sessão de Mnemodetox abriu seus olhos para um novo mundo. Mas seria toda essa renovação a verdadeira felicidade? Indagou-se o paciente, tomado de um repentino ceticismo. Apesar de tudo ter voltado a ser maravilhoso como em sua infância, aquilo ainda não

era o verdadeiro êxtase, sabia ele. Havia algo mais. Aquela alegria ainda não estava completa. Percebeu então que esse novo estado mental apenas fazia parte de uma longa seqüência de outros estados. Aquele era apenas o trecho de uma viagem que se percorre do vale até as montanhas. E ele não chegara ainda ao seu destino. Queria mais. Queria alcançar o ponto mais alto de seu zigurate, onde se sentiria maravilhosamente perto dos céus e dos deuses, e onde também poderia contemplar o movimento dos astros, seus efeitos sobre os seres, suas consequências boas ou ruins, e vislumbrar o futuro da humanidade. Esperava assim que a próxima sessão lhe trouxesse o clímax tão almejado. Por isso, quando seu médico falou sobre as etapas do tratamento, Antoine procurou ouvi-lo com muita atenção.

Dr. Carl explicou que as duas primeiras sessões de Mnemodetox eram apenas estágios preliminares à profunda transformação alquímica pela qual passaria o paciente nas etapas seguintes. A primeira sessão afetava moderadamente sua Rede de Modo Default, liquefazendo as convicções (ideológicas ou não) do sujeito, suas teimosas exceções, seus pontos de vista, seus princípios morais e preconceitos, seus gostos e padrões, e apressando a dissolução de seu ego disfuncional. A sessão seguinte dissolveria ainda mais suas conexões neurais enferrujadas, livrando-o de seu excessivo bom senso e de seus estereótipos, voltando assim sua atenção para os movimentos do corpo e sua expressão gestual. Nesse ponto, desfeitos os nós de seus padrões morais, o amnésico se sentia mais livre, até mesmo para ensaiar alguns passos de dança, ainda que timidamente. A partir da terceira sessão, contudo, as coisas mudavam de maneira um tanto dramática e acontecia um milagre.

Após ter sofrido a traumatizante dessincronização da puberdade e a perda de contato com a sonhadora natureza primordial da infância, explicava Dr. Carl, o cérebro desses enfermos sintonizava-se outra vez à realidade, um evento considerado extraordinário para muito deles, depois de anos de alienação e isolamento social, fadados a viver como mortos-vivos. “O despertar advindo da harmonia dos hemisférios sincronizados traz, por sua vez, os pacientes de volta à luz. É como se eles subitamente renascessem de forma espetacular da matéria inerte”, disse o médico. Era, segundo ele, como se uma bola de fogo de repente explodisse dentro de suas cabeças, liberando todas as energias reprimidas por anos de bloqueio mental e por sua rígida adequação aos padrões sociais. Qualquer alteração na psique se refletia no comportamento. E o paciente então simplesmente começava a dançar, ensaiando seus primeiros passos em direção à felicidade. Desmemoriados de grande parte de suas más lembranças, os amnésicos não tinham palavras para descrever aquela nova realidade. Uma vez livres de qualquer bloqueio aos seus mais absurdos pensamentos, esses desmemoriados renasciam das cinzas existenciais e o mundo inteiro se enchia novamente de graça e alegria. Iluminados, eles podiam agora contemplar sua *Realität* como era, de fato: sem símbolos, sem convenções ou opiniões alheias. E maravilham-se com seu esplendor e sua novidade. Muitas vezes, após sua terceira sessão, caminhando devagar pelo pátio com uma expressão admirada e um sorriso em seus rostos, os amnésicos olhavam tudo com curiosidade, e contemplavam o jardim, os pássaros e a paisagem como se os percebessem pela primeira vez. Cada minúsculo detalhe encantava esses amnésicos contemplativos como se fosse algo completamente novo. O que antes passava despercebido agora despertava sua atenção e sua curiosidade. Muitas vezes riam deliciados por conta de alguma constatação absurda. Quem os visse nesse instante, intimamente tão deslumbrados e delirantes, diria que esses pacientes eram os seres mais desligados do mundo. No fundo, no entanto, nunca se sentiram tão completos e tão felizes em toda sua vida.

— A desmemoriação traz mesmo a felicidade? — indagou Antoine.

— Em grande parte dos casos, *mein Bub*. Quando o paciente é cooperativo e também dedicado. De outra forma, ele perde a confiança em seu tratamento quando esse se prolonga demais. Com boa vontade, o processo é rápido e eficaz. Com má vontade, porém, todo o procedimento pode durar meses — falou o médico, pensando desoladamente em Anne.

Ao testemunhar o desalento do médico, Antoine levantou-se do sofá e, dirigindo-se até sua mesa, ficou frente a frente com Dr. Carl, como se quisesse consolá-lo. Curioso, o pensativo médico despertou de sua reflexão.

— Quanto a ser cooperativo pode contar comigo — disse o animado paciente ao diretor, exibindo sua empolgação. — Não vou decepcioná-lo.

— Garanto que em pouco tempo se tornará um novo homem, *mein Bub*. *Du wirst ein neuer Mann werden!* — disse Dr. Carl, agora de pé, e descansou por um momento sua mão direita sobre o ombro do jovem.

Ao reagir com tal entusiasmo, no entanto, o médico teve um súbito *self awareness* e afastou a mão do ombro de Antoine. Assim que o paciente voltou ao seu assento, Dr. Carl aconchegou-se em sua poltrona e revelou, como se estivesse a ensinar um grande segredo profissional, por que motivo a desmemoriação completa era considerada o tratamento ideal para os melancólicos. Segundo ele, esses tipos psicológicos eram desanimados demais para suportar um tratamento de longo prazo (nesse ponto o especialista aceitava a opinião de Freud, para quem a terapia psicanalítica de um melancólico podia durar toda a vida, por conta de sua inabalável *inner passivity*). Desde a infância, esses pacientes nunca foram motivados pelos pais a agirem em prol de sua felicidade (a não ser através da autogratisação imediata), o que causava todo tipo de dependência emocional ou química.

Outra razão para aplicar o Mnemodetox completo nos melancólicos, explicou o médico, era seu escasso autocontrole mental. A melancolia era um golpe devastador tanto em seu *amour propre* quanto em sua concentração. Suas obsessões os assolavam dia e noite, tanto em seu estado de vigília quanto durante o sono, refletindo-se em sérios pesadelos, que terminavam por afetar seriamente sua saúde biopsíquica, seus hábitos e suas relações amorosas (se existiam). Quando surgia então uma má lembrança, eles perdiam o controle. Sem saber lidar com os pensamentos infernais trazidos por suas imprevisíveis e incômodas memórias, eles assumiam seu lado sombrio, manifestando perturbadores desejos inconscientes, que comprometiam gravemente seu cérebro e seu complexo Corpo-Mente, afetando assim seu humor e sua relação com o mundo. Intoxicados pela bile negra, os distímicos (como eram chamados pela psiquiatria) tinham uma grande dificuldade de se relacionar com as pessoas à sua volta, tornando-se aquilo que os alemães chamam de *Assi*, uma situação que terminava por comprometer sua vida amo-

rosa. Desse modo, frisou o médico, os relacionamentos revelavam-se uma constante fonte de dor de cabeça para esses angustiados. Incapazes de controlar suas emoções ao lidar com as pessoas, essas tristes figuras eram parceiros terríveis: exigentes, extremamente dependentes e impacientes demais para perceberem sua própria impaciência. No decorrer do tempo, suas reclamações sem fim terminavam infernizando a mente dos outros e delas mesmas, acentuando ainda mais sua sensação de isolamento e seu incômodo existencial. Prosseguindo sua palestra, Dr. Carl deu uma boa explicação para esse insuportável sofrimento psicofísico dos melancólicos.

— *Wie es ist bekannt, mein lieber* — disse o médico —, nosso corpo possui um fascinante aspecto vegetativo. Assim como nas plantas, a seiva bruta é absorvida pelas raízes e transportada até a copa, distribuindo para toda a árvore os nutrientes necessários para sua sobrevivência. De modo bastante similar, nosso cérebro absorve os estímulos vindos do nosso inquieto ambiente, dos quais se nutre para manter vivo todo o organismo. Mas devemos nos alertar quanto aos perigos dos extremos. Assim como as plantas abandonadas a um solo pobre e enfraquecido produzem apenas frutos insípidos, um indivíduo relegado a um ambiente social muito restrito não nutrirá sua imaginação de forma adequada. Por outro lado, o homem ou a mulher entregue a uma cultura de constante excitação não desenvolverá a reflexão necessária para sincronizar seu cérebro, o que perturbará até mesmo sua maneira de sonhar.

Os sonhos, explicou Dr. Carl, pertencem ao passado pré-cosmogônico humano. Pertencem a uma época em que a individualidade estava em seu incerto começo. No mundo atual, essa incerteza traz consequências terríveis para a evolução psíquica desse indivíduo. Inseguro em seu crescimento, o sujeito oscilará entre a indeterminação pré-individual e as exigências da sociedade, da mídia e do mercado, para que ele se torne um cidadão com uma identidade definida e determinada. A maioria, no entanto, prefere permanecer no limbo, sujeita ao caos da indeterminação. E os pesadelos são reflexos desse caos. “Aquilo que não é descartado, por outro lado”, disse Dr. Carl, “recheará o depósito do inconsciente ou de nossa criptomemória reptiliana, como lembranças nunca processadas pelo córtex, e poderão ressurgir um dia nos sonhos, se forem estimuladas por alguma nova ameaça. Eis a gênese dos pesadelos.” Tudo o que afeta o corpo, também afeta a mente, disse o médico. Corpo e mente, comprovava o médico, influenciam-se mutuamente. Com frequência, as pessoas adoecem por conta de sua indisciplina mental. O sujeito pós-moderno não consegue se controlar. Um problema que, a nível coletivo, pode ser danoso para uma sociedade.

— Antes de tudo, *mein Bub*, somos seres reativos — disse Dr. Carl. — Somos sensíveis às mínimas provocações. E quando somos guiados por nossos sentimentos, não estamos mais no controle de nossas vidas. Multiplique esse efeito borboleta por uma superpopulação de antenas sensitivas, e teremos uma histeria coletiva. Ou um pesadelo em massa.

— Sei como é — disse Antoine, familiarizado com o assunto. — No Rio de Janeiro, eu tinha pesadelos todas as noites. Eu e, imagino, a maioria da população.

— Nem todos são afetados da mesma maneira, contudo. Algumas pessoas se tornam insensíveis ao excesso de informação sensorial. Para o melancólico, por outro lado, a memória é como uma bomba-relógio sincronizada com o que acontece à sua volta, uma espécie de relógio interno que obedece às engrenagens de um relógio maior, um mecanismo cósmico incompreensível pela sua grandeza, que a ciência nunca entenderá se não estudar seus ciclos. É inegável que os enfermos mentais vivam altos e baixos. *Wie weißt du gut genug heute*, tudo na natureza funciona em ciclos de constante renovação. A Lua exemplifica, em uma escala macrocósmica, o que acontece com frequência em escala nanoscópica ou intergaláctica. Flutuações eletromagnéticas ou emocionais acontecem todo o tempo, em maior ou menor grau, como reconhecem os físicos quânticos. O observador perturba o observado. Ou melhor: o observador impressiona aquilo que observa. Dessa maneira mudamos o mundo à nossa volta sempre que observamos com atenção. Nós afetamos não só as pessoas com nosso olhar, mas também todas as coisas que julgamos insensíveis, até mesmo as partículas.

Para ilustrar essa observação, Dr. Carl iniciou mais uma de suas preleções que reunia em si tanto conhecimento científico quanto filosofia. Segundo ele, desde a descoberta que os elétrons se comportam como ondas ou como partículas (um fenômeno que intrigou a Razão e levou ao surgimento do Princípio da Incerteza), a ciência passou a aceitar a ideia que tudo na realidade é cíclico. Tanto o ciclo de crescimento dos seres quanto o ciclo dos planetas é acompanhado por diversas fases. Assim como as estações são pautadas pela rotação da Terra em torno do Sol, os humores seguem a revolução da Lua ao redor do planeta. A vida social é regulada pelas estações, mas poucos sabem que nossa *inner life* é regulada pelos movimentos lunares. Temos dentro de nós algo que está sintonizado com os ritmos naturais. Ali está a chave de nosso biorritmo, ou seja, dos ciclos de nosso corpo.

— Os antigos tinham um profundo conhecimento do relógio da natureza — disse o médico —, e agiam conforme seus movimentos oscilatórios, obedecendo às estações da alma e seguindo seu próprio tempo. Embora tenhamos abandonado essa profunda sabedoria, ela é ainda válida em nossos dias. Para sermos felizes precisávamos apenas nos adaptar às eternas alternâncias e transformações de yin e yang, como sabiam os chineses há milhares de anos, e também George Boas, ao afirmar que os eventos cosmológicos e históricos se repetem regularmente, afetando toda a vida na Terra. O cidadão urbano, porém, está exposto a todo tipo de informação e reage muitas vezes exageradamente a elas. Ele não consegue mais se adaptar ao seu relógio biológico. Seu sistema nervoso é supersensível a qualquer pequena distração. Os psicólogos sociais, por meio da publicidade, souberam como ninguém explorar essa vulnerabilidade do cérebro humano para manipular as pessoas a consumirem mais produtos. Já notou que nas propagandas as pessoas estão sempre sorrindo? As pessoas são atraídas por esse artilheiro psicológico. É a neurociência a serviço do mercado. Desde criança, somos treinados a associar certos padrões com satisfação. É uma forma de enganar nosso cérebro. Somos facilmente seduzidos por uma combinação de cores, expressões e contextos que nos lembrem coisas boas. Por essa razão, reagimos passivamente a tudo o que acontece ao nosso redor, com consequências muitas vezes imprevisíveis para nossa saúde. A publicidade comercial, porém, é apenas um exemplo do que se pode fazer com essa vulnerabilidade da psique. Somos influenciados também pelo estado geral do ambiente em que vivemos. O sensível equilíbrio corpo-mente pode ser perturbado tanto pela poluição física e mental quanto pela decadência de um país. O pessimismo pode ter um efeito nefasto na sociedade. Qualquer exposição desagradável à negatividade externa des-

perta nosso juízo ético de maneiras inusitadas. Esse é o poder da ansiedade. Escondida em algum canto de seu porão inconsciente, a bomba moral de um sujeito pode, ao explodir, provocar um tremendo estrago em seu cérebro, minando sua positividade e diminuindo sua fé e sua confiança no mundo, além de transformar meros cidadãos em assassinos em massa. Dessa forma, o melancólico se entrega de corpo e alma ao seu pessimismo, criando um repetitivo ciclo de autoflagelação mental e passando gradualmente à degeneração física. Aqui em minha clínica, evitamos ao máximo que os pacientes pensem em coisas desagradáveis. A origem dos pensamentos depreciativos está em nossa memória, nas raízes de nossa árvore mental, arraigados em nosso passado. Por esse motivo, se não prestarmos atenção, esses pensamentos podem emergir de uma hora para outra, como parte de nosso ciclo vital.

— As más lembranças também são cíclicas?

— Tudo tem seu tempo, *mein Bub*. Assim como a Lua cresce, enche e depois mingua, tudo na natureza passa por fases de nascimento, crescimento, maturação e morte. Velhos hábitos devem dar lugar a novos hábitos. É normal então que certos pensamentos apareçam e desapareçam com alguma frequência, em um ciclo de altos e baixos, de crises e também vales. Por isso é importante cultivarmos um ambiente propício para o novo. Cada espaço físico possui diferentes níveis de estímulo, e o que se passa na mente é apenas um reflexo do que se passa fora dela. Os seres humanos não resistem a determinados climas e cargas emocionais provocados por estímulos inadequados ou excessivos. Temos um limite para suportar tanta estimulação, e quando atingimos esse limite estamos sujeitos a todo tipo de enfermidades mentais. Um ser humano normal não pode suportar tanta realidade, diria o poeta. Incapazes de se adaptar, muitos terminam surtando. É aquilo que nós, médicos, chamamos de Síndrome Geral de Adaptação, um fenômeno que compromete nossos instintos e nossos genes.

— Confesso que nunca consegui me adaptar às minhas frustrações do passado. Sobretudo as românticas.

— Todos possuem algum tipo de frustração, *mein Bub*. Em alguns neurotipos, as frustrações iniciam-se bem cedo, ainda na infância, começando geralmente na puberdade e seguindo por toda a juventude, provocando tristezas, ressentimentos e melancolias que acompanharão o paciente por toda sua existência caso não sejam diagnosticadas e tratadas. Se não for tratado de maneira adequada, o sujeito desenvolverá com o tempo um círculo vicioso de más lembranças, e passará então a viver ao sabor das flutuações de suas crises. Por isso o mal precisa ser arrancado pela raiz. Somente assim poderíamos estabilizar os altos e baixos das emoções.

— E não ficaremos presos a um carrossel — disse Antoine, concordando com o que ouviu.

— Ou a uma montanha-russa — acrescentou o médico. — Depende da gravidade da crise.

— *Verstehe ich sehr gut.* Minha própria infância foi cheia de contraltos e baixos profundos. Ninguém melhor do que eu reconheço o significado dessa palavra. Gravidade. Até a alma sente seus efeitos.

— Estar sentado em um cavalinho emocional repetindo sempre e sempre as mesmas emoções, ciclicamente, é o que chamo de Memória em Curto-Circuito. Essa é a principal causa da monomania. É um fenômeno comum na maioria das pessoas. Somos seres repetitivos. Temos *mood swings* o tempo todo. Amanhecemos de um jeito e vamos dormir de outro. Durante o dia diversos estados emocionais se alternarão à medida que mudamos de ambiente. Não temos consciência da rapidez com que nossos pensamentos se alteram. Estamos preocupados demais com nossa sobrevivência e manutenção para perceber os tons emocionais de nosso diálogo interno. Aprendemos a pensar de acordo com o mundo em que vivemos. Desde que éramos crianças nossos pais nos ensinaram a cultivar nossos pensamentos de maneira equivocada, e aceitamos passivamente tudo o que a cultura nos oferece, criando assim um padrão mental repetitivo em nossas vidas. Por isso é normal seguirmos determinados hábitos por toda a existência. E se esses hábitos forem ruins, terminam por afetar nosso destino de forma negativa.

— Quer dizer que não nos ensinaram a cultivar bons pensamentos?

— Cultivar bons pensamentos nos dá segurança, serenidade e esperança, *mein lieber*. Por isso os antigos pensavam tanto em seus deuses e deusas. Era uma forma de purificar suas mentes. Sem pureza mental nunca teríamos descoberto como manejar o fogo ou mesmo inventado a roda. A miopia do ego não nos deixa perceber o essencial. As ideias surgem quando a mente está aberta às novidades. Uma mente fechada e rígida nada produz de novo. Para as mentes fechadas, o desconhecido sempre será um lugar medonho para ser explorado. Ao elevar nossos pensamentos acima da negatividade do cotidiano, transcendemos para uma outra realidade e, observando nossa realidade de uma certa distância, podemos compreendê-la melhor. Ao gritar “Eureka!”, Arquimedes intuiu, com seu fabuloso *insight*, que compreender é abrir a mente para o mundo e aceitá-lo como realmente é. O espírito se manifesta tanto por meio da meditação quanto por meio da alegria da descoberta. O *Homo Ludus* é como uma criança que vê em seus brinquedos uma constante fonte de achados prazerosos e novas possibilidades. Com suas obras e suas ideias, os artistas e filósofos nos ensinam que o espírito está em todas as coisas, seja nos objetos, seja nas formas naturais, nas palavras ou nos livros. Quase tudo à nossa volta nos transmite algum tipo de informação valiosa. Por isso faço questão de rodear meus pacientes de coisas belas e criar um ambiente agradável para todos. Precisamos arrancar as ervas daninhas de nossa natureza, podando os galhos secos ou muito crescidos, retirando as folhas mortas, acrescentando adubo à terra e fertilizando o solo, enriquecendo-o para que as rosas cresçam fortes e saudáveis.

Durante a pausa que se seguiu, Dr. Carl olhou para sua caixinha de rapé e apreciou a delicada figura da divindade feminina pintada em seu tampo de casco de tartaruga. Emocionou-se ao pensar em seu significado e deu um longo suspiro. Embora fosse um homem de grandes ideias, preferia a simplicidade ao jogo de palavras, e detestava ler autores como Derrida, Lyotard ou Sartre e seus vaidosos parágrafos. Apesar de ter estudado a essência das ideias desses pen-

sadores, a filosofia dos modernos não o atraía. Faltava-lhes, dizia ele, um certo apreço pelo sensível e pelo sagrado. Era preciso não apenas pensar, mas também sentir, afirmava Dr. Carl. Ao exercitar assim sua sensibilidade ao contemplar a deusa, o diretor de Bünzli refrescou suas lembranças.

— É uma pena que o jardim da maioria das pessoas não seja nada bonito de se ver. Se é que elas possuem algum — disse Dr. Carl, mantendo, porém, a mesma lisura da expressão facial de Chance, personagem interpretado por Peter Sellers em *Being There*. O médico tinha uma predileção especial por esse filme americano novecentista, no qual um jardineiro se torna conselheiro do presidente dos Estados Unidos, graças aos seus crípticos comentários recheados de observações naturalistas com teor filosófico, considerados como valiosos conselhos políticos. Gostava do jeito *ingénue* dos jardineiros hollywoodianos.

— Quem dera se todos tivessem um bonito jardim, mesmo os brasileiros — disse Antoine, embevecido pelas palavras do médico e entusiasmado por toda aquela preleção bucólica.

— Seria o ideal. Somente assim teríamos uma humanidade melhor.

— Como sonhava Johannes Itten? — indagou, referindo-se ao célebre membro da primeira Bauhaus e também o mais conhecido seguidor suíço do Mazdaznan, um culto do fogo derivado do Zoroastrismo, para quem a Terra devia ser semelhante a um jardim, um lugar mais harmônico, onde homens e mulheres voltariam a viver como divindades.

Tels qu'un dieu aux énormes yeux

Bleus et aux formes de neige, la mer et

le ciel attirant aux terrasses de marbres

la foule des jeunes e fortes roses

Como um deus de enormes olhos azuis

e formas de neve, o céu e o mar

atraem aos terraços de mármore

uma multidão de rosas jovens e fortes

Dr. Carl recitou de memória esses versos e ficou em silêncio, saboreando-os. A imagem das jovens rosas fortes inspirava nele uma secreta veia poética. Sonhava em transmitir essas palavras sagradas por todo o planeta. Nesse instante, contemplava gerações e gerações de pacientes retornando à sociedade, após reconquistar sua liberdade, sua beleza e sua felicidade.

— Mas será que as novas gerações se importarão em cuidar desse jardim? — questionou Antoine.

— *Warum nicht?* — continuou o médico. — É preciso que elas preservem o que possuem de melhor ou incorrerão no erro de desprezar sua própria essência. Aqueles que mantêm um jardim bem cuidado e limpo, com plantas bem podadas e nutridas, veem a vida por um ângulo paisagístico mais atraente. Sua paralaxe é alegre e esperançosa, e eles percebem a realidade com outros olhos. E assim seu passeio pelo mundo é agradável, e sua existência mais feliz do que a maioria das pessoas. Essa contente e afortunada minoria será responsável por sonhar com um mundo melhor para a raça humana. Os indivíduos restantes, porém, pouco cuidadosos com seus jardins, notarão apenas uma feia visão do lado de fora de sua casa e reclamarão a vida inteira da paisagem, pensando ter nascido no lugar e na época errada. Como pode ver, *wie du sehen kannst*, dependendo do ângulo, nossos padrões mudam, e também nossos objetivos e propósitos. Por isso acredito na perspectiva do cosmos como a visão de um grande jardim, em que uma borboleta pode desfrutar as flores sem ter restrições à sua liberdade, apenas pelo prazer de polinizá-las.

— Mas como poderemos ter uma boa perspectiva se vivemos em um jardim descuidado, sob a sombra do medo?

— Esse é o ponto, *mein lieber*. O medo impede a felicidade. Onde não existe segurança, não existe amor. Onde há ódio, não podemos cultivar rosas. Cada país do mundo tem seu próprio karma e seu próprio *dharma*. Paralelo ao destino de uma nação, devemos também seguir nosso próprio destino. De maneira similar, a Lua acompanha a Terra em sua viagem pela galáxia.

— *Du hast recht!* Tem razão. Depois que deixei a Europa, comecei a dar mais importância à questão da nacionalidade. Viver fora da Suíça me abriu os olhos para um novo ângulo existencial. No Brasil, eu vivia com desconfiança e cheio de dúvidas. Os brasileiros são naturalmente pessimistas, apesar de afirmarem o contrário, e acho que acabei incorporando essa sensação de que não existe amanhã, esse medo de que a qualquer hora tudo pode desmoronar. Terminei assim me acostumando a uma paisagem cinzenta e monótona. É engraçado como somos sensíveis ao que acontece ao nosso redor. Será que podemos comparar um país a um grande jardim? Às vezes nos orgulhamos dele, sobretudo quando a seleção ganha o campeonato de futebol, um lugar no pódio ou uma medalha de ouro, e assim nosso patriotismo nos traz alguma alegria. Outras vezes, no entanto, olhamos para o paisagismo malcuidado e sentimos uma certa tristeza pelo que vemos, não é mesmo? — disse Antoine e fez uma pausa, após ter uma intraduzível má lembrança. Dois segundos depois, prosseguiu: — Não seria interessante se pudessemos repetir apenas o que há de bom no passado? Lembrar de nosso belo jardim nacional antes de ter sido abandonado aos insetos e parasitas?

— O passado da maneira que conhecíamos não voltará jamais, *mein Bub*. Os campeonatos e medalhas conquistados serão esquecidos se não planejarmos as conquistas futuras. Uma tene-

brosa atualidade obscurece as glórias passadas. E o pretérito retornará apenas como aquilo que deve ser esquecido, uma vez que se tornou uma má lembrança. Quando deixamos de olhar para trás, o tempo presente e o tempo futuro sempre estarão contidos no tempo atual. O que poderia ter sido e o que já foi apontam para um único fim que é sempre presente. Para os melancólicos, o passado não pode ser revivido sem angustiá-los. Ele é nosso grande desgosto e também nosso maior trunfo, ainda que esse fato nos traga mais pesar do que alegria. Ao olhar para trás, o paciente melancólico vê uma vida mais bela e aprazível, um verdadeiro paraíso. E agora, encarando seu presente como um feio jardim, esse sujeito infeliz prefere se refugiar em seu espaço imaginário e reviver seu paraíso perdido. É o que chamamos de escapismo, uma estratégia muito utilizada quando se vive sob a sombra do medo que intoxica a alma. Contudo, para que nossa mente se torne de novo um bonito jardim paradisíaco, precisamos arrancar as ervas daninhas, podar as plantas e retirar os insetos nocivos. É importante que haja pureza.

— Ah, de novo a pureza! — exclamou Antoine, ainda mais admirado — Estou vendo que é um sentimentalista como os alemães do começo do século vinte, com seu *Volkstum*.

— Não sou um sentimentalista. É impressão sua. Talvez tenha sido um tanto romântico em minha juventude. Hoje, porém, me considero apenas um realista prático, e não tenho mais essas paixões nacionalistas. Creio que, como você, exagerei um pouco quando era mais jovem. Mas não perdi de vista a pureza.

— Não era isso que Hitler queria ao vislumbrar a Era do Terceiro Reich? A pureza?

— *Wie du weißt, mein Bub*, os sentimentais são os piores políticos. Eles insistem que o paraíso está em algum lugar no futuro, quando na verdade está em algum lugar no presente. *Schade!*

— Concordo com essa afirmação. O Paraíso não está fora de nós — concluiu o jovem paciente, exibindo agora um ânimo visivelmente exaltado.

— A crença nos mitos, para os primeiros filósofos, foi um tipo de sentimentalismo ingênuo, algo parecido a acreditar em Papai Noel. Dessa forma, eles desdenharam o poder da memória coletiva, a magia natural dos indivíduos, a necessidade humana de imitar, fazer analogias, adotar padrões de comportamento, adaptar-se ao seu meio e evoluir. Por desconhecer o aspecto biológico da evolução das espécies, Platão e seus seguidores desdenhavam a diversidade natural humana e sua tendência à multiplicidade de padrões. Ela impedia, segundo eles, que as pessoas vissem o Uno, uma vez que existiam inúmeras perspectivas da realidade e infinitas distrações. Essas diferentes interpretações conduziram a distintos comportamentos, alguns exemplares, outros deploráveis para a sociedade. Os platônicos não viam com bons olhos toda essa luxuriosa corrupção dos costumes, e teriam ficado chocados se conhecessem as redes sociais de nossa modernidade pós-industrial. Imitando seus deuses, seus heróis e ídolos, alguns homens fizeram imensos estragos na sociedade em que viviam. Com a Modernidade e a decadência dos papéis masculinos e femininos, passamos a conhecer nossos heróis apenas por

meio de livros e de filmes, ou seja, por meio de narrações. Se essas narrações nos impressionam, procuramos imitá-las. Mas quem garante que nossas imitações serão bem-feitas? Teria Hitler imitado Nietzsche corretamente? Teria tratado Eva Braun melhor do que o filósofo alemão tratou Salomé após a separação? Por outro lado, nossa imitação pode ser despertada muitas vezes por fatores desconhecidos. Ao contrário do comportamento padronizado dos seres sociáveis, a diversidade biológica é uma tendência da natureza (embora não esteja imune à nossa interferência, como nos provam os engenheiros genéticos). Cada novo bebê, ao nascer, carrega consigo dezenas de mutações genéticas. Nascermos prontos para se adaptar a um mundo em constante transformação. Mas podemos reagir imprevisivelmente às situações, sobretudo quando são caóticas. Nesse instante, deixamos os modelos de lado e passamos a agir de maneira irracional. Ao fim da guerra, enfiados em seu *bunker* à espera da inevitável chegada dos invasores, os nazistas abandonaram seus modelos e sua etiqueta. Acredito que os antigos pensadores gregos estavam corretos ao afirmar que todo exagero é prejudicial ao conjunto de indivíduos. A Antiguidade nos demonstrou as consequências ruins das superstições e das crenças infundadas, e de todos os exageros e extravagâncias das religiões, assim como a Modernidade nos mostrou as consequências negativas trazidas pelas ideologias políticas e pelos auto-denominados super-homens. A adoração do inconsciente e do irracional apenas levou à devastação moral da humanidade. Sem reconhecer valores, o certo e o errado, sem aceitar nenhum tipo de moralidade ou regra de conduta, as fundações do conhecimento e da ética entraram em colapso. As consequências dessa dissolução social e psicológica foram duas guerras infames e o vergonhoso Holocausto. Após refletirmos sobre nossa história, nos certificamos que os grandes pensadores do passado estavam certos, assim como todos os utopistas estavam errados. Precisamos de lucidez e não de sentimentalismo, *nicht wahr?* Sem fazer planos não podemos seguir viagem. Ter um roteiro é importante para chegarmos ao nosso destino. Somente assim teremos algum progresso espiritual.

— Mas almejar a pureza não seria uma forma de sentimentalismo?

— *Ich dachte schon so.* Eu também pensava assim antes. Em minha juventude, por conta de minhas leituras dos românticos alemães e minhas audições de Wagner, passei a acreditar na superioridade da cultura alemã. Durante muitos anos fui um assíduo estudioso da alma germânica e me sintonizei com os ideais oitocentistas: o Saber Absoluto, o Fim da História e a Reconciliação do idêntico e do diferente. Eu devia ter parado meus estudos em Novalis e me contentado apenas em ler fragmentos líricos e escutar Brahms, mas fui muito além dos românticos. Descobri outros ideais mais realistas e mais práticos. Aderi aos pensamentos de Humboldt, Hegel e Schelling, até me decepcionar com todos eles (embora ainda venere um pouco Goethe). As ideias desses pensadores pós-iluministas, contudo, continuarão sendo seguidas pelas incontáveis gerações que virão pela frente (se ainda se dedicarem à reflexão e à recriação dos mitos). A partir do Romantismo, a arte se apegou demasiadamente à política e tomou um rumo irreversível. Quando entramos na era dos ideais, aquilo que era objeto de admiração converteu-se em um idealismo tirânico, responsável por levar a humanidade a mais uma Idade das Trevas. Os mais sensíveis da população sofreram as consequências dos diversos *ismos* que subiram ao poder, afetando os conceitos estéticos e também a arte e seus criadores. Semelhantes a fanáticos obsessivos obedecendo a uma compulsão irresistível, os artistas entregaram-se à arte pela arte, uma espécie de ascetismo estético decadente, uma vez que os paraísos artificiais são tão prejudiciais à saúde psicofísica quanto a negligência do espírito. Com essa entrega

veio a autoindulgência e vimos não um progresso, mas um atraso espiritual na sociedade.

— Certos sentimentalismos às vezes podem ser bem violentos, não acha?

— As paixões extremistas podem destruir tudo o que encontram pela frente. Os fanáticos religiosos do passado fizeram um grande estrago na sociedade do seu tempo. Em minha singela opinião, o extremismo nem sempre é bom para o cérebro. E é bastante tóxico às vezes.

— Eu conheci muitas paixões tóxicas nos trópicos. Os latino-americanos, assim como os árabes, gostam de saborear um pouco de veneno.

— Existem diversos tipos de paixão, *mein Bub*. Surgidas do frenesi religioso, as paixões políticas foram um grande problema por toda a História, com seus fanáticos e sicofantas, que levaram à intolerância e às guerras. O transcorrer dos séculos aumentaria o fanatismo dos ideais políticos e traria consigo as paixões revolucionárias. A Reforma de Lutero foi uma revolta do filho protestante contra o despotismo do pai tirânico católico, embriagado por sua fé autoindulgente e corrompido pelo poder, como nos conta Dostoiévski em seu *Grande Inquisidor*. A Igreja dessa época estava tão rígida e estagnada quanto o Império Romano nos tempos de Cristo. Era preciso mudar o que estava obsoleto e improdutivo. Nesse ponto concordo que os extremismos são importantes para se mudar um insatisfatório status quo, garantindo assim o futuro da humanidade e da espécie humana. Sem mudança não há progresso, *nicht wahr*? Mas concordo também que as consequências das reformas e revoluções podem ser extremamente negativas às vezes. Há paixões que nos elevam a alma e outras que tornam nossa vida um inferno, e essas geralmente são as mais intoxicantes. Enquanto a Inquisição puniu os gênios e os loucos, as revoluções massacrariam milhões de pessoas sanas e deixariam milhões de outras insanas. *Wie du sehr gut weißt*, as paixões sinalizam uma necessidade de corrigir um desequilíbrio, implantando outro desequilíbrio em seu lugar. A ira, apenas citando um exemplo prático, pode ocorrer diante de uma injustiça e sua subsequente comoção. E, injustiçadas, as pessoas podem até mesmo apresentar seu lado mais monstruoso, o que pode trazer incalculáveis infortúnios a toda a humanidade. Por conta dos terroristas, éramos muito infelizes no começo do século vinte e um. Quando os árabes descobriram o poder do esquecimento, porém, o mundo ficou um pouquinho melhor. É certo que não podemos julgar um povo por seus terroristas. Tive alguns *sheiks* como clientes. Posso afirmar seguramente: todos eles sempre foram bastante generosos, demonstrando apenas que esquecer o passado aumenta nossa fé no Absoluta, nossa confiança nos outros e no futuro.

— Mas além dos extremismos, existem ainda outras paixões que nos tiram do chão e nos elevam às alturas. Não eram os místicos homens apaixonados?

— *Wichtig!* Paixões que nos arrebatarem também nos tornam melhores, *mein lieber*. Certas paixões são capazes de nos levar ao pico de uma montanha e abrir nossos olhos para uma nova visão da realidade.

— Como a fé?

— Por que não? *Wie ich schon sagte*, a fé pode ser cega, surda e muda, e ainda assim faz mais bem do que mal, se não for levada aos extremos mortíferos. Descrentes não são criaturas persistentes, *stimmst du nicht zu?* Eles são desmotivados demais para explorar o desconhecido e encontrar um rumo para suas vidas. Estão muito apegados à sua zona de conforto para se depararem com uma solução para seus problemas emocionais. Para eles a segurança do conhecido é mais confortável do que aquilo que não entendem. E essa apatia é até fácil de compreender. O indecifrável e o incompreensível podem nos enlouquecer às vezes, e desorganizar por completo nossas vidas, desviando-nos de nosso caminho prévio e atrapalhando a ordem das coisas. E o que é a sociedade sem uma ordem? Muitas vezes, em nome da lei, preferimos o conforto das opiniões formadas a enfrentar as contradições.

— Ter fé não é uma contradição? — perguntou Antoine, bastante interessado na conversa. — Crer em uma mentira sem o saber, ou acreditar naquilo que não sabemos se é verdade.

— Em nosso mundo existem duas verdades apenas: a verdade do Espírito e a verdade dos homens. A verdade do Espírito não pode ser alcançada pela Razão, por isso não é acessível a todos. E o que é a verdade dos homens, *mein lieber*, senão uma construção social, como dizem os pós-modernistas? As teorias científicas tentam provar de maneira racional aquilo que pertence ao terreno da sensibilidade, aquilo que não pode ser apreendido pela razão. De forma intuitiva, cada indivíduo pode chegar diretamente à verdade, ainda que precise de uma certa disciplina. O próprio olfato é uma prova de que sabemos se algo cheira ou não bem. Outro método é a experiência subjetiva mas comprovável, como é o caso do Mnemodetox. Concordo com Imre Lakatos, para quem um único cientista é suficiente para que uma teoria seja considerada cientificamente válida, e discordo do externalismo científico, para o qual só existe ciência quando há um consenso externo da comunidade. O importante, creio eu, é que um método dê repetidamente bons frutos para que uma tese possa se tornar universal. Se examinarmos os resultados produzidos pela verdade alcançada pela fé e os compararmos à comprovação verificada pela investigação científica, teremos resultados mais satisfatórios com a primeira do que com a última. Em sua busca pela felicidade geral, a fé de milhões de pessoas realizaram mais feitos do que toda a ciência em séculos. Sem essa fé não teríamos reconstruído nossas cidades depois de todos os cataclismos pelos quais já passamos. Acreditar no futuro fez com que criássemos visões do futuro, e muitas dessas visões se concretizaram em nosso urbano dia a dia. A neurociência comprovou que o cérebro se satisfaz com determinados padrões. Alguns deles são responsáveis por nossa satisfação pessoal e bem-estar, aquilo que os psicanalistas denominaram de princípio do prazer. A maioria das pessoas pauta sua vida por esses padrões repetitivos. Desse modo, somos impulsionados mais por nossos desejos do que pelo *death drive* freudiano e seu princípio da realidade. Gostamos do que cheira bem porque nossos *rewarding centers* são ativados no cérebro, sinalizando para nosso córtex que está tudo sob controle. Acreditar que algo é bom nos dá mais confiança e prazer do que o consolo de uma explicação racional. Nesse ponto o sentimento vai além da análise.

— Por isso nenhuma ideologia terá sucesso se não levar em conta os valores pessoais de cada um de nós. Um sistema de crenças não pode englobar todas as crenças. A cura é algo pessoal, não é mesmo?

— *Du hast recht*. O que pode fazer Freud frente aos milagres da fé? Seguimos mais os ditames do coração e do olfato do que as sentenças da fria lógica. Desde sua mais tenra infância o ser humano é guiado pela sua imaginação. Por isso, é natural que seja sempre enganado pelas coloridas atrações sem fim do Baphomet ou de Maya. O poder dos hábitos está em sua atração irresistível de repetir sempre o esperado, embora sejamos muitas vezes traídos por eles. Vivendo em um mundo ilusório, *mein Bub*, cada pessoa segue apenas as aspirações de sua alma inferior e os hábitos herdados de seus pais. Para a psicanálise, o indivíduo age segundo seus piores instintos, buscando satisfazer apenas seus apetites carnis. Em sua busca irrefreada por satisfação, ele nada aprende sobre si mesmo e permanece com um autoconhecimento quase nulo, de modo que as doenças mentais surgem por conta de sua própria ignorância. Para a magia, em contrapartida, ao buscar o autoconhecimento o indivíduo age segundo os instintos divinos, por meio de padrões mentais ou morais que o ajudem a se adaptar ao seu mundo, a conquistar seus desafios e a viver em harmonia com o ritmo cósmico. Nesse sentido, por libertar o cérebro humano em vez de escravizá-lo, a magia bem aplicada (e aplicada para o bem) se diferencia da fria e lógica tecnologia. Uma preocupação central das práticas mágicas é suprimir as contingências e eventualidades, estabilizando os ritmos cósmicos e ordenando a natureza. Um pouco de ordem é realmente necessário. Se não fosse assim, de que outra maneira sobreviveríamos a um ambiente hostil? Freud via a religião como uma bobagem e tratava seus pacientes religiosos com um certo desdém, como se fossem crianças mal-educadas, e não percebeu o poder da imaginação humana tanto como um *life drive* quanto um agente responsável pela autorregulação do organismo. Nossa natureza é criar. Criamos ação, criamos valores, criamos relações, criamos associações, criamos ordem, criamos vida. Mas também criamos crenças. Precisamos de crenças para nos levar aos nossos objetivos, superando a satisfação imediata dos sentidos e nos poupando para juntar forças para alcançar nossos ideais. Sem um propósito, andamos em círculos. É necessário ter fé em nosso trabalho e em nossos empreendimentos, ou do contrário nunca sairemos do lugar. Quantos homens de negócio não acreditaram piamente em si mesmos e se tornaram pioneiros bem-sucedidos em sua área? — disse o médico, e parou para refletir um pouco, pensando, de certo, em seu próprio caso. — A paixão não deve ser subestimada, *mein lieber*. No entanto, mesmo com a importância da fé, há uma ciência por trás do sucesso, um passo a passo para a felicidade. E, após muita pesquisa de campo, eu a descobri.

— Você a descobriu? E qual é? — indagou Antoine, curioso.

— Quando o coração e a mente estão em harmonia, *meine liebe*, tudo é possível. E a cura é apenas uma questão de tempo.

O médico falou então a Antoine sobre os efeitos neurofisiológicos da fé religiosa. Por meio de pesquisas realizadas ainda nas primeiras décadas do século vinte um, disse Dr. Carl, os neurocientistas haviam feito um minucioso estudo de diversas imagens de alta resolução do interior

do corpo humano, retiradas dos cérebros de budistas em avançado estado de meditação, de freiras católicas rezando em silêncio, de muçulmanos resmungando suas preces a Alá e até mesmo de tântricos hindus em comunhão com a Deusa, e chegaram a interessantes conclusões. Alguns cientistas já haviam publicado estudos sobre a relação entre o dano funcional no córtex pré-frontal com o fundamentalismo religioso e explicaram a extrema religiosidade a uma atrofia no hipocampo, mas nunca se detiveram sobre os efeitos da fé no cérebro humano. Com seu aparato tecnológico de última geração, pesquisadores analisaram o modo com que os rituais, hinos e cânticos praticados pelos religiosos afetavam seu psiquismo, e atestaram seu poder de alterar o *Attentional Spectrum* desses sujeitos (um aumento que, em muitos casos, chegava a oitenta por cento da escala de atenção), categorizando-os como pessoas superatenciosas e hiperfocadas. Em adição a essa análise, eles fizeram ainda um estudo dos resultados provocados pela visualização de imagens religiosas em contraste com a utilização frequente de dispositivos eletrônicos pelos *i-zombies*. Segundo os pesquisadores, enquanto o vício distrativo dos Handys provoca no cérebro uma perda funcional de integração nas redes neurais por conta de seus *reward pathways* disfuncionais (ou seja, sua desorganização mental), as imagens religiosas estimulam sentimentos profundos nos sujeitos, elevando sua positividade. Os investigadores científicos revelaram que, além de diminuir a atividade nos lobos parietais, afetando a orientação do tempo e do espaço, tanto os exercícios espirituais quanto as imagens sagradas estimulam de maneira ímpar os centros de prazer no cérebro. “Ao ser exercitada pela imaginação, a mente humana se transforma. Livre das más lembranças e das preocupações, o sujeito se descontraí e relaxa suas defesas e preconceitos. A transição dura alguns segundos. A princípio, ele entra em um estado de elevada empolgação, seus neuro-hormônios funcionam a pleno vapor e o indivíduo se sente capaz de sair voando pelos ares. Nesse instante, ele está psicossomaticamente equilibrado e feliz. Com o aumento do prazer a atividade nas redes neurais do córtex é ampliada, os hormônios se regularizam e todo o Complexo Corpo-Mente se transforma. Nesse estado de consciência expandida, o sujeito chega a tal ponto que não mais pode conter tanta alegria”, disse Dr. Carl. “Os estados eufóricos fortalecem as conexões entre os neurônios. O aprendizado é mais eficaz quando se dá em um momento de alegria, como sabem os educadores. E quando aprendemos algo fantástico, a estrutura do cérebro muda, e com ela nossa atitude mental. Células que disparam juntas, permanecem unidas: esse é o princípio do processo de iluminação. Uma vez que descobrimos essa conexão entre a alegria e a descoberta, unimos a verdade (ou *sat*) à consciência (ou *chit*) e à felicidade (ou *ananda*), e nos iluminamos. Essa é a chave do êxtase.” Medidos com meticulosa precisão no laboratório de Büngzli, disse Dr. Carl, essas evidências científicas eram desconhecidas do público em geral, ainda que o médico e neurocientista, pouco tempo depois de seu retorno do Oriente, tenha escrito um ignorado artigo em uma publicação científica americana intitulada *Psychoneurotheology*, onde explica que a fé é capaz de produzir um efeito extasiante no cérebro, similar ao encontrado nos mais eufóricos estágios da paixão.

Depois de ter presenciado dezenas de transes extáticos e possessões, Dr. Carl estava bem a par do que acontecia no cérebro durante esse clímax espiritual. “Ao aumentar a presença de neurotrofinas no sistema nervoso”, afirmou o médico, “a euforia causada pela êxtase libera uma quantidade enorme de neurotransmissores, elevando o humor a uma nível paroxístico. Os mesmos mecanismos neurais de *rewarding* e transe subliminal estimulados tanto pela tecnologia quanto pelas imagens eróticas funcionam de maneira igual nas experiências religiosas, mas essas possuem a vantagem de não ter as desagradáveis ressacas emocionais provenientes de uma queda brusca de serotonina no sistema nervoso, como acontece com aqueles que utilizam indiscriminadamente seus Handys para fins autogratiﬁcantes”. O médico era um inimigo

declarado da tecnologia *addictive* dos dispositivos eletrônicos e nunca perdia a oportunidade de condenar seu uso excessivo (inclusive os proibia em sua clínica, assim como os chocolates). Em comparação ao estado de confusão mental trazido por essas engenhocas, afirmava ele, as atividades religiosas tinham um efeito de autorregulação homeostática no cérebro e, por conseguinte, em todo o corpo. Esse equilíbrio neuro-hormonal do organismo, segundo Dr. Carl, era a comprovação incontestável de que o aumento da autoconfiança de um indivíduo pode produzir milagres. Se a fé removia montanhas (ou depressões), como concluíram os neurocientistas, esse fato estava comprovado pelo bom humor das pessoas superatenciosas e dos extasiados, acrescentou o médico. Sua passionalidade e sua empatia eram contagiantes.

— Concordo que a paixão não pode ser subestimada — disse Antoine, visivelmente confuso. — Li a biografia de diversos santos e mártires, e cheguei à conclusão que eles eram homens realmente apaixonados pelo invisível. E que, graças à sua paixão pelo divino, fizeram coisas inimagináveis. Aprendi com eles que a Razão somente não traz a felicidade. E agora você me diz que podemos ser irracionalmente felizes.

— Não creio que os santos seriam considerados felizes de acordo com os padrões modernos — respondeu o médico. — Optaram, contudo, por uma felicidade que nós, os pós-industriais, não reconheceríamos como ideal. Eles escolheram o silêncio das altas esferas da consciência, nos mundos superiores, longe dos homens, sacrificando assim o amor por seus semelhantes. É natural que tenham sofrido tanto.

— Que façanha incrível essa! Conseguir viver longe dos homens! Eu também gostaria de ser assim tão desapegado da realidade mundana. Viver, por exemplo, como Santo Antônio em sua caverna — falou o animado jovem, imaginando as desventuras psíquicas do notável santo pré-medieval. — A santidade me atrai mais do que a certeza. Se tivesse vivido na Idade Média, eu teria sido um monge dominicano. Habitaria minha cela solitária, procurando contemplar as Formas ideais, em paz com meu corpo e com meu espírito. Mas com tantas más lembranças, eu não chegaria nem mesmo a ser um “santo do pau oco”. Pensar demais em meu passado não me deixa alcançar a santidade.

Antoine havia sido obcecado pelo misticismo na adolescência e nunca deixava de ler algum livro sobre o assunto, apenas para se manter informado. Ele lera há algum tempo o *Altväterleben*, uma tradução alemã do livro *Vitae Patrum* (ou *Vidas dos Pais do Deserto*), uma biografia de diversos santos e eremitas romanos, egípcios e palestinos da antiguidade tardia. A leitura abriu sua mente para o inefável. Ele adorava ler sobre as absurdas mortificações desses bravos homens de tempos remotos. Dr. Carl não parecia compartilhar o entusiasmo de seu paciente.

— Buscar a pureza mental foi o propósito de todas as religiões do passado, *mein Bub* — disse o médico. — Por conta do materialismo excessivo de nossa época, porém, elas estão agora em rápido declínio. As Formas ideais deixaram de ser interessantes, assim como a harmonia psicossomática. Quando as religiões desaparecerem de vez, o mundo estará poluído demais psicologicamente para notar sua falta. E só restará então o Mnemodetox como solução para tantas

mentes intoxicadas. Com a vantagem, *natürlich*, de não se deixar sufocar pelo amor divino. Todo exagero envenena, costume dizer para meus pacientes. Assim como o excesso de luz, a clareza também pode nos cegar. Daí a importância da iniciação. Devemos estar preparados para contemplar a Suprema Luz das Luzes da qual nos fala o polímata persa Xaabe Aldim Surauardi e também outros filósofos iluminacionistas. O propósito da concentração é transcender nossa dispersão mental, o principal obstáculo para se apreender sensivelmente a realidade. Ao afirmar que precisamos conhecer as sombras para alcançar a luz, Giordano Bruno nos ensina que devemos nos acostumar de antemão às formas grosseiras antes de nos aventurarmos a conhecer as divinas Formas platônicas. *Solve et coagula*, esse era o lema da velha alquimia. Diferente dos solitários alquimistas, porém, os monges medievais desconheciam que a *prima materia* é um ingrediente necessário para se fazer ouro. Apesar de ter nos ajudado a dissolver o ego, o cristianismo também nos ensinou a rejeitar a carne, considerada pelas autoridades religiosas dos primeiros milênios como decadente e viciosa. Esse foi um erro primário, uma vez que mente e corpo trabalham juntos para que o indivíduo seja iluminado. Para um apreciador da Musa, *mein Bub*, não creio que agradaria tanto a você viver como um monge medieval.

Na Idade Média, explicou Dr. Carl, o amor pagão pelo corpo e pela dança foi substituído pelo desprezo cristão pelos inocentes prazeres dos sentidos. Por conta dessa translação de costumes, as técnicas eróticas deram lugar aos métodos de tortura física e psíquica dos europeus medievais. Muitos dos antigos feriados pagãos e seus excessos foram abolidos pelos papas, embora alguns deles tenham sido incorporados às festas cristãs. O motivo desse *damnatio memoriae* foram as más lembranças de um passado de abusos, que ainda estavam impregnadas na memória dos ex-escravos do decadente império romano. Quando os apóstolos pregaram o evangelho nas malcheirosas ruas da Roma antiga, foram eles que escutaram atentamente suas palavras sagradas e, ao se converterem à nova religião oficial, viram a oportunidade de conquistar sua liberdade e praticar os costumes de uma nova tradição, apesar de serem considerados bárbaros pelos romanos (para quem os cristãos comiam criancinhas). Como uma religião do corpo e do afeto, disse Dr. Carl, o cristianismo procurava unir as pessoas mediante a pureza física e mental, afastadas e separadas entre si por conta da desconfiança e do medo, em uma época de promiscuidade, doenças venéreas e pestes. Nascia assim a primeira ideologia religiosa realmente popular (que os historicistas pró-naturalistas chamariam, séculos depois, de “ópio do povo”), um sistema de ideias imune ao controle das elites. Esse foi o grande temor dos imperadores ao perseguirem esses primeiros revolucionários religiosos, que seguiam as ideias de um homem santo de corpo e alma. Eles temiam que, em breve, os cristãos dominariam o mundo com suas ímpias crenças populares. As perseguições, contudo, apenas fortaleceram sua fé e sua ascensão ao poder. A História tem suas reviravoltas, afirmou Dr. Carl. A Queda do império romano traria uma nova hegemonia sobre o mundo antigo. Em trezentos anos, as invasões bárbaras erradicaram a cultura clássica e seu legado, e os cristãos, agora donos do poder, imporiam um novo moralismo aos costumes vigentes, no qual o corpo seria visto como fonte de todos os pecados e a raiz de todo mal, conforme ensinavam os teólogos da Primeira Patrística. Esse moralismo, no entanto, não estava fundamentado na razão, mas apenas na crença. Qualquer expressão corporal, disse o médico, estava ligada à sedução e às tentações de Dalila, aos pecados originais ou modernos, aos prazeres carnavais que deviam ser reprimidos para se alcançar, segundo os crentes, a pureza da alma. A purificação do corpo leva à pureza espiritual, diziam eles. Historicamente, continuou o médico, a visão somatológica dos três primeiros séculos da era cristã foi distorcida de um lado pelo paganismo carnavalesco e sua profanação dos valores sagrados, e de outro pela ambição dos discípulos de Paulo e seu propósito

revolucionário, para quem o corpo era apenas um servo da alma. Com isso, procurando mitigar os pecados da carne, as vicissitudes do ego aumentaram em proporção direta à postura moralista. Um falso moralismo tomou conta das sociedades religiosas e as práticas consideradas pagãs ficaram relegadas à alcova. Um cenário nada animador para a saúde da população, disse Dr. Carl. As coibições e proibições teriam efeitos danosos sobre a psique das pessoas mais sensíveis. Milênios depois, Freud explicaria a epidemia de histerismo da era vitoriana como resultado de uma repressão geral dos *rewards centers* individuais por conta da rígida moral vigente, com consequências drásticas e irreparáveis para a coletividade, e que levaria à fragorosa e malograda revolução dos costumes na segunda metade do século vinte.

— Cada geração desdenha os costumes e a moralidade das gerações passadas — disse o médico. — Não podia deixar de ser diferente na Antiguidade. Os primeiros reformadores cristãos viram a sociedade romana como decadente e sem salvação. Corrompidas pelos prazeres mundanos, as práticas pagãs deixaram uma impressão ruim nos cristãos do início da nova era. Para a moralidade emergente do cristianismo, a decadência pagã da época era um reflexo do excesso de prazeres sensuais e da autoindulgência das elites, que levaram à intoxicação e à contaminação de toda a sociedade e, conseqüentemente, à proliferação de doenças e epidemias. Tanta indolência contribuiu apenas para o descaso dos cidadãos com a religião e com a política. Não é à toa que surgiram homens como Calígula ou Cômodo.

Antes da vinda do esperado Messias cristão, explicou Dr. Carl, homens e mulheres haviam se esquecido completamente do Espírito, abandonando os velhos rituais sagrados de fertilidade por suas imitações sem sentido, apenas por recreação e autogratificação. Segundo ele, o *Zeitgeist* funciona por polaridades: uma época negativa é seguida de uma época positiva, como as alternâncias de um motor em rotação. Dessa forma, a positividade ingênua instaurada pelos primeiros cristãos foi mais tarde substituída pela grave negatividade da ortodoxia medieval. Durante vários séculos, a Igreja determinou o comportamento dos seus fiéis, instaurando rígidas regras de conduta e uma moralidade baseada apenas nas aparências, sem qualquer contraparte na vida prática. Somente as almas mais puras podiam ser salvas, diziam. Mas muitos sacerdotes agiam diferente do que pregavam. *Tue das was ich sage, aber sage nicht das was ich tue*, pareciam afirmar eles. Foram necessários mais alguns séculos para que alguns psicanalistas novecentistas despertassem novamente a atenção das pessoas para a sacralidade do corpo e sua conexão com o mais Alto. Na Antiguidade, entretanto, os fiéis que antes exerciam a magia pagã passaram a acreditar na mensagem cristã e sua teleologia ilusória.

— O tão esperado bebê da salvação, porém, foi jogado fora junto com a água da bacia — prosseguiu o médico. — As mensagens de paz seriam deturpadas pelas gerações seguintes de fiéis, mais preocupados com as pragas, as pestes, a fome e as guerras do que com a redenção em outro mundo, e a Reforma surgiu para questionar a forma com que a Igreja pregava suas ideias e vendia ingressos para o espetáculo celestial do fim dos tempos. Por ser obra dos homens, sobretudo dos copistas, todo o arcabouço teórico da religião católica apresenta erros de interpretação, como se revelaria mais tarde nas investigações filológicas do século vinte. O diabo está nos detalhes, *mein lieber*, sobretudo dos versículos. Talvez os teólogos tenham entendido tudo errado e interpretado todo o ensinamento bíblico de acordo com a moral do seu grupo e condizente com seus preconceitos sociais, fossem eles racistas ou classistas. Mas essa deturpa-

ção das escrituras não é o único responsável pela decadência do cristianismo nos milênios seguintes. Em sua época, o mestre dos mestres esperava apenas que as pessoas memorizassem sua mensagem, mesmo sem compreendê-la por inteiro, uma vez que a compreensão correta dependeria do receptor certo. Afinal, a missão do mensageiro é apenas propagar a informação preciosa para que ela não desapareça, sem se importar se ela será interpretada corretamente por seus destinatários. As distorções futuras são uma mera casualidade no caminho da transmissão da mensagem divina. Sabia o mensageiro, contudo, que sua mensagem seria mutilada e distorcida nos séculos seguintes a ponto de ficar irreconhecível? Teria previsto que o corpo, aquilo que existia de mais sagrado e essencial para os cristãos, seria mais tarde confundido com a fonte de toda impureza da sociedade?

— Está dizendo que o cristianismo original era uma religião do corpo? — indagou Antoine.

— Do corpo e do afeto. Quando o Verbo se faz carne (assim como quando os neurônios atuam nos genes), o humano e o divino se reconciliam e se reintegram na mesma unidade, *mein Bub*. A corporeidade do espírito foi um dos princípios esquecidos pelos cristãos quando a salvação da alma se tornou mais importante do que a manutenção da saúde psicofísica. As ideologias atraem seus simpatizantes por motivos alheios aos verdadeiros interesses deles. Todas as religiões nasceram de uma coleção de ensinamentos básicos, amparados em uma tradição anterior a elas. Seu legado teve, contudo, de se adaptar aos novos tempos. Os ensinamentos religiosos e suas doutrinas fundamentais serão então acrescidos de novas informações e crenças, que mais tarde acabarão por corromper sua originalidade, ocasionando o declínio dos dogmas e, por fim, o seu desaparecimento. Aconteceu em todas as antigas civilizações. As ideias, afinal, estão submetidas às mesmas leis evolutivas da natureza. Ou seja, todas as ideologias se corrompem com o passar do tempo. Apenas para exemplificar um caso típico, a religião egípcia estava, em seu início, firmemente baseada no mito de Hórus e no culto ao Faraó. A ressurreição após a morte era seu dogma mais importante. Com o transcorrer dos milênios foi acrescida de tantos outros deuses e cultos espúrios que o dogma da ressurreição terminou se diluindo por completo no caos das superstições e simpatias, como nos contam os Papiros de Oxirrínco. Hoje sabemos, ao estudar a História, que uma sociedade supersticiosa e um povo mergulhado na ignorância de seus temores inexplicáveis termina sendo vítima de suas próprias fraquezas, sobretudo quando guiada por líderes sedentos de Poder e Glória. As escolhas irrefletidas daqueles que estão no poder terminam por se refletir na vida privada dos seus cidadãos, prejudicando toda a moral do grupo. O que aconteceu no Egito, assim como na Babilônia e mesmo na China, foi apenas a repetição do costumeiro ciclo de vida dos mitos e egrégoras. Velhos deuses devem dar lugar aos novos deuses. A História prossegue seu curso. Seguindo o progresso histórico, as antigas crenças dos egípcios foram substituídas pelas novas crenças trazidas pelos invasores, perderam sua mensagem original e desapareceram sob o manto das eras. A mesma coisa aconteceu com a religião dos gregos, dos celtas e, sobretudo, dos romanos. Crendo-se deuses, os imperadores inspiraram um estilo de vida luxurioso e pouco saudável na população, e os valores religiosos do passado terminaram sendo esquecidos. A Igreja preencheu o vácuo deixado pelo poder dos teocratas e converteu-se na maior potência anticultural do planeta e fez desaparecer dezenas de religiões menores e outras crenças étnicas consideradas espúrias. Os sacerdotes cristãos, por sua vez, crendo-se donos da verdade, terminaram por esquecer a própria mensagem original de sua doutrina. A Regra *de* Ouro foi substituída pela Regra *do* Ouro, corrompendo-se justamente por aquilo que também combatia. E no momento em que o

propósito de uma religião deixa de ser a pureza e a saúde mental, é necessário então substituí-la por uma nova.

A própria história do cristianismo, disse Dr. Carl, repetia o mesmo ciclo das outras religiões anteriores. Todas elas se iniciavam com um *protevangeliu*m, pregavam a salvação com a vitória do bem sobre o mal, atingiam seu auge de popularidade, corrompiam-se pelo poder, perdiam a credibilidade (e também os fiéis), decaíam e, por fim, desapareciam. Ao esquecer suas origens, as pessoas terminam por ignorar a verdade. No terceiro milênio, poucos fiéis ainda se interessavam por conhecer os primórdios de sua religião. Mesmo convivendo com a incontralável lascívia dos pagãos, prosseguiu o médico, os primeiros cristãos tomaram coragem para enfrentar a lei romana e saíram das catacumbas, onde se abrigavam das perseguições dos imperadores, ganhando assim os espaços públicos dos templos e multiplicando-se em uma grande diversidade de credos e sincretismos. As crises são antecedidas pelas ilusões e sucedidas pela esperança, afirmou Dr. Carl. Em um cenário dominado pelas paixões e vicissitudes pagãs, dissolver os velhos ensinamentos por meio de novas crenças era a única maneira de preservar a tradição em uma sociedade corrompida pelo vício, como faria um alquimista ao manipular o Nígreo. Surgiram assim os hermeticistas cristãos, os protetores dos símbolos sagrados e dos segredos da criação, chamados na época de *gnostikos*, que reconheceram em Cristo a reencarnação de Hermes Trimegisto e o filho andrógino da Barbelo dos filósofos sethianos, e viram na mensagem do Messias uma reabilitação do que havia de mais sagrado no conhecimento antigo (na visão do médico, Jesus Cristo era um hermetista de mais alto grau e considerava que, em sua época, os gnósticos eram a elite espiritual do cristianismo primitivo, ou seja, eram eles os verdadeiros cristãos). À luz da ciência moderna, prosseguiu Dr. Carl, a *gnosis* era uma forma de libertação da centelha divina no corpo, e o Demiurgo (ou Yaldabaoth, como preferiam chamá-lo) representava a negatividade do mundo, incorporando as misteriosas forças naturais tão estudadas e admiradas pelos físicos contemporâneos, e que tanto impedem quanto ajudam a despertar a divindade em homens e mulheres. Segundo eles, a síntese entre o positivo e o negativo nos ajudaria a desvendar os mistérios do mundo ilusório dos sentidos e alcançar um novo degrau evolutivo. Para aqueles antigos gnósticos, disse Dr. Carl, os ensinamentos de Cristo continham toda a tradição esotérica oriental, desde os sumérios e hindus tântricos até os egípcios e hebreus, uma herança transmitida de forma alegórica às massas por meio de seus mitos e histórias. A essa tradição eles uniram os ensinamentos de Platão e Thot, criando uma espécie de neoplatonismo cristão com um forte teor hermeticista. A filosofia, desse modo, tornou-se um importante instrumento soteriológico, fundamental não apenas para a salvação das almas, mas também para a cura das doenças. A gnose era compreendida como um meio de se chegar à pedra filosofal, ou seja, a união dos opostos. Como alquimistas da alma, explicou o médico, alguns *gnostikos* dispensaram a decadente magia egípcia da época e o politeísmo greco-romano com seus sacrifícios sem sentido e descobriram no corpo sua *prima materia*. Ao contrário dos pagãos, no entanto, eles viram em seus rituais uma maneira de alcançar a redenção em vida, ao contrário do que pensavam os ortodoxos, para quem somente existia salvação após a morte. Por conta de suas ideias divergentes dos nascentes dogmas da Igreja proto-ortodoxa, homens como Marcião, Valentim, Basilíades, entre outros, seriam tratados duramente pelos heresiologistas das gerações seguintes (entre eles Ireneu, em seu *Adversus Haereses*) por pregarem o exercício da magia cristã como um caminho para se encontrar o Reino de Deus na Terra, uma prática contrária aos lúgubres ritos catacumbicos dos primeiros cristãos, alheios ao simbolismo tradicional dos gnósticos, suas alegorias mitopoéticas, para os quais os rituais mágicos eram o ponto alto dos ensinamentos sagrados. Ao acreditar na importância do corpo na liturgia, a filosofia dos gnósticos foi desprezada por aqueles que não entendiam sua venerá-

vel adoração por Sofia e sua sabedoria redentora pelo Logos, o que lhe rendeu o ódio e a incompreensão da população, até que, mais tarde, o cristianismo se tornou a religião oficial, com a ascensão de Constantino, intensificando o poder dos papas e bispos, quando suas autoridades seriam auxiliadas por um amplo policiamento ideológico praticado pelos fiéis em todo o império, transformando a Igreja no principal instrumento de dominação na Idade Média europeia. Esse revés da Fortuna, salientou o médico, efetuou uma verdadeira revolução dos costumes no mundo antigo, contribuindo para a hegemonia do catolicismo paulino e sua eficácia como sistema de controle social.

A nova ideologia mudou as velhas regras, continuou Dr. Carl. Com a chegada da Igreja ao poder, todos os cidadãos que pensavam fora do padrão institucionalizado pela doutrina cristã passaram a ser perseguidos por suas crenças dissidentes. No primeiro Concílio de Niceia, os eclesiásticos decidiram por unanimidade a direção a ser tomada pela nova religião do império romano. Com a criação do Credo Niceno surgem os cânones da ortodoxia doutrinária que definirão o que é aceito e o que é herético. Os arianos (avessos à crença na Trindade) foram banidos da Igreja assim como todos aqueles que não seguiam as determinações doutrinárias do Concílio, entre eles os grupos gnósticos de Alexandria. Acusados pelos cristãos de serem demoníacos, sedutores e um tanto depravados, além de serem incompreendidos pelos misóginos teólogos da época (Irineu, inclusive, costumava chamar as profetisas marcosianas de “mulheres tolas”, demonstrando a misoginia dos primeiros cristãos), os gnósticos, seguindo o conselho de Sócrates, mantiveram-se longe das funções públicas, afastados do opressivo clima de perseguição, e dos assuntos mundanos, procurando assim preservar suas tradições. Nesse ínterim, disse o médico, esses herdeiros do neoplatonismo desenvolveram seus próprios processos de individualização, assim como eficientes métodos de camuflagem social para se protegerem os ataques dos leigos. Muitas autoridades, inclusive na própria Igreja, estudavam os conhecimentos secretos dos pagãos, embora fingissem desconhecê-los, temendo serem queimados na fogueira como hereges. No entanto, quando a Carta Festal de Santo Atanásio condenou os livros apócrifos no Anno Domini 367, eles viram a perseguição da Igreja bater em suas portas, ameaçando os ensinamentos transmitidos a várias gerações por antiquíssimas linhagens de mestres e discípulos. Para evitar o desaparecimento da tradição esotérica do passado, os gnósticos esconderam então sua *Lux Occulta* e seus manuscritos em Nag Hammadi, nas cavernas do Mar Morto, distante dos olhos ímpios e vulgares. Esses documentos seriam preservados mais tarde sob a forma honorífica de um *Jung Codex*, uma biblioteca do saber ancestral dos gregos, hindus, hebreus, egípcios e sumérios, esperando assim que as gerações futuras acolhessem aquelas ideias avançadas demais para sua época, crentes que a posteridade os redimiria, quando o conhecimento secreto dos antigos, graças aos seus novos gênios e magos, renascesse da obscuridade. Nos séculos medievais, prosseguiu Dr. Carl, os cristãos discriminariam quaisquer outros métodos que promovessem a saúde do corpo e da mente, e não se resumissem apenas à oração e o autoflagelo, considerando dessa forma as técnicas heterodoxas como heréticas, reprimindo assim qualquer manifestação religiosa das antigas práticas herdadas pelos gnósticos (como aconteceria com os paulicianos, os bogomilistas, os cátaros e os templários). O progresso da Europa no século onze levou ao esplendor religioso da Igreja e também à barbárie das guerras sem fim que se propagaram por todo o mundo medieval do Oriente à Europa, até que a Reforma e o Renascimento artístico despertassem novamente o amor dos indivíduos por Sofia. Com o renascimento cultural, o elogio à loucura dos esclarecidos e a união do bom e o belo nas artes plásticas, o sagrado deixou de ficar restrito aos templos e ganhou as ruas com a popularização dos ícones e a liberdade criativa dos artistas. A opressão dos romanos na Antiguidade, contudo, transformou-se na opressão cristã na Idade Moderna quando o medo provocado pelas per-

seguições gerou desconfiança nas pessoas. Na Renascença, a Igreja passava tempos difíceis, alarmada pela autonomia do pensamento humanista e pela vitória dos muçulmanos no Oriente, com o controle de Jerusalém e a Queda de Constantinopla. Motivada pela perda de fiéis por conta do desencanto, das pestes, das pragas e das más colheitas, a Bula papal de 1484 (denominada *Summis desiderantes affectibus*) deu aval à intolerância religiosa e iniciou um tenebroso período de caça às bruxas. Por conta do temor da Igreja de perder seu poder político, milhares de bruxos confessos e bruxas inconfessas, gênios e tolos, pereceram nas fogueiras da intolerância. Essa opressão, no entanto, provocaria a ira da população revoltada com os abusos da Igreja, e a Reforma protestante cooperaria para o declínio do cristianismo como cultura hegemônica. Aos poucos, com o acelerado andar da História, as religiões deixaram de seduzir os fiéis e perderam seu encanto e sua atmosfera medieval. Assim como a religião egípcia na era romana, o cristianismo havia iniciado seu declínio moral no final da Idade Média, desgastado pela Cisma do Oriente, pelo Papado de Avignon, pelo mau exemplo dos papas, pela Inquisição, pelas vendas de indulgências e pela Reforma, provocando a revolta dos fiéis e sua cisão ideológica, fragmentando-se em centenas de seitas e crenças absurdas que pregavam mensagens que não tinham mais nenhuma relação com a mensagem original. Amar ao próximo como a si mesmo e evitar as tentações converteram-se em mandamentos vazios nos séculos vindouros. Foi natural assim, disse Dr. Carl, que a Razão ocupasse o lugar da Fé como salvadora da humanidade.

Como médico, Dr. Carl tinha uma visão realista do mundo e da História (apesar de se simpatizar com o dualismo não-dual e o gnosticismo). A natureza e a matéria, segundo ele, não podiam mais ser desprezadas pelos religiosos. Para um homem que estudara a evolução da saúde pública através dos tempos, o desprezo e a ignorância estavam por trás de todos os males da humanidade. Dr. Carl acreditava que as religiões monoteístas haviam trazido mais trevas do que luzes ao mundo ao ignorar a magia do corpo. Ao desdenhar o conhecimento dos gnósticos, os primeiros teólogos cristãos negaram a corporeidade dos indivíduos. Com isso, a Igreja demoraria séculos para elaborar uma teologia do corpo. Após séculos de obscurantismo, quando a ciência passou a olhar o corpo humano não apenas como a região tenebrosa do pecado, mas como uma fonte de iluminação e também como uma importante conexão com o espírito, as religiões mudaram seu ponto de vista sobre a integridade do indivíduo. Não bastava apenas salvar a alma. Era preciso também salvar o corpo e seus genes, o repositório de toda a Ancestralidade, como pensavam os antigos egípcios. O renascimento da filosofia através do Iluminismo fez ressurgir de novo uma visão holística do universo e do homem, Unida à magia, a ciência atingiu finalmente o tão esperado Albedo dos alquimistas. Como uma obra de arte que representa imperfeitamente a obra divina, disse Dr. Carl, o corpo poderia reconquistar finalmente sua sacralidade perdida pelo advento das religiões de massa e sua intolerância à liberdade de expressão, depois de ter sido visto por milênios como a própria representação do Yaldabaoth, considerado a fonte de todos os pecados. Criado à imagem e semelhança do macrocosmo, mesmo passível de adoecer e se corromper, o corpo humano é um meio para se chegar ao Inferno e também um instrumento para se alçar aos Céus, acreditava o médico.

— Todas as possibilidades se encontram adormecidas em nós, *mein Bub* — disse o médico. — Esperando apenas o tempo certo para seu fantástico despertar.

— E enquanto não despertam — complementou Antoine —, vagamos na escuridão. Vamos pela vida ignorando ter nascido com um tesouro enterrado no jardim.

— *Richtig, mein lieber* — continuou Dr. Carl. — Mas, se nascemos com um potencial tão fantástico e promissor, por que o desprezamos? Perguntaria você, diante do que acabei de expor. Como o corpo, antes considerado uma imagem divina, passou a ser considerado como algo tão impuro e repulsivo? Por que foi tão desprezado na Idade Média? E eu diria que há uma boa explicação histórica para isso, *wenn du es wirklich wissen willst*. Ainda na baixa Antiguidade, após atingir seu primor, a nobre cultura suméria da Idade do Bronze terminou sendo devastada por séculos de más colheitas, inundações, pragas e também pelas invasões bárbaras. As culturas que vieram depois dela corromperam sua pureza original e vulgarizaram os deuses, idolatrando apenas suas imagens sem se preocupar com seu sentido. Ao buscarem a ordem social através do monoteísmo, os hebreus abdicaram do culto à imagem para que as pessoas voltassem a perceber o espírito e obedecer à lei divina. Essa medida foi necessária para afastar as ilusões que dominavam a mente do povo. Em um mundo em crise, o monoteísmo foi a melhor solução para o caos das crenças espúrias e das superstições. O paganismo entrou em decadência porque esqueceu o verdadeiro sentido da idolatria. Seus rituais vazios haviam perdido seu significado original e os fiéis apenas repetiam fórmulas inócuas. Os primeiros cristãos ainda se ressentiam das múltiplas crenças pagãs e seus modismos religiosos que terminaram por corromper os costumes e enfraquecer a classe sacerdotal. Os pagãos, por outro lado, nunca se preocuparam muito em cultivar o abstrato e a verdade associada às ideias. A hipocrisia das pessoas imperava em todos os níveis da sociedade, do Senado ao Imperador, das latrinas a céu aberto até os balneários nudistas. Seu hedonismo exigia que os pagãos vivessem no presente, uma vez que nada esperavam do futuro. Essa falta de planejamento apressou seu fim. Como demonstro em meu livro *The Science of the Irrational Mind*, a sociedade pagã foi dominada por seus maus hábitos, e a descrença deu lugar à insanidade coletiva. A corrupção do corpo na época romana converteu o desfrutar das sensações em um desregramento sensorial. Corrompidos pela luxúria, os senhores e senhoras romanos tornaram-se um mau exemplo para seus escravos. O império dos sentidos convertera-se assim em um abominável tabu para a moralidade cristã da época. Quando os gnósticos apareceram (sobretudo os montanhistas, os cainitas, os carpocracianos e outras seitas libertinas), todos eles foram brutalmente condenados pela Igreja proto-ortodoxa, que desdenhava o papel da sexualidade, da dança e da música para a salvação da alma, além de acusá-los de deturpar os ideais cristãos com seus costumes bárbaros. Algo semelhante aconteceria na Índia, quando o estilo de vida tântrico se tornou muito popular na dinastia Chandela e inspiraria a construção dos templos de Khajuharo. A liberdade sexual e o dragão da gula, no entanto, muitas vezes contrariavam as regras da sociedade com sua luxúria. Os brâmanes da época ficaram um tanto chocados com tanta ousadia vinda das *lower classes*. A revolução dos costumes é muitas vezes mais eficiente do que as revoluções sociais. As artes sempre caminharam paralelas ao comportamento social. Quanto mais mundana for uma sociedade, mais a arte se vulgariza e perde seu valor. O espírito do tempo é corrompido, e o equilíbrio do Tao é quebrado, como pensavam os antigos chineses. É natural assim que a moralidade da tradição atue para que a arte se recomponha, muitas vezes com medidas severas. É preciso existir um equilíbrio entre o sutil e o grosseiro, entre o kitsch e o *tasteful bon goût*. Aquilo que é *slick-fashioned* geralmente surge da harmonia de duas forças opostas. Quando a expressão da criatividade humana é reprimida, porém, o sujeito busca outras alternativas não tão saudáveis para expressar seus anseios e sentimentos. Poderíamos dizer então que o Apocalipse de João é de mau gosto pela sua mistura intragável de barroquismo e simbolismo, e ao mesmo tempo podemos elogiá-lo por incorporar toda a mitologia cristã em

um único documento. O que importa, enfim, é o seu resultado harmônico, que pode ou não vibrar em ressonância e provocar o deslumbramento de seus apreciadores.

— Quer dizer que, ao rejeitar os apetites da carne, os monges medievais apenas lutavam contra a sombra da perversão pagã? — indagou Antoine. — Estavam agindo como um filho que abomina o comportamento do pai corrupto?

— Por muitos séculos — disse o médico —, Agostinho foi adotado como um modelo para uma sociedade dualista (ou maniqueísta, se preferir), uma sociedade de profundas desigualdades, em que as pessoas tinham que controlar sua expressão corporal de maneira estrita, valendo-se de artifícios doentios como o isolamento, a punição e a mortificação. Não é à toa que tanta gente tenha ficado histérica ou neurótica durante o obscurantismo medieval do corpo, tolhendo a manifestação artística de suas sensíveis almas. Há quem diga que a Idade Média foi a Idade da Neurose, uma fase em que homens e mulheres buscaram os mais bizarros canais de expressão para seus anseios e seus desejos reprimidos. Para um indivíduo alcançar a santidade era necessário um esforço titânico contra a repressão social de seu tempo e contra sua autorrepressão. Na atualidade, por outro lado, temos mais liberdade, mas esquecemos de nós mesmos. Ao contrário do indivíduo medieval, o indivíduo pós-moderno perdeu contato com o que possui de mais íntimo. Desprezada a alma e também sua sensibilidade, não é possível obter o prazer do espírito e a felicidade advinda da harmonia de todas as partes. E sem alegria, não há *joie de vivre*, como sabem muito bem as crianças e o *Puer Aeternus*. Ao se afastar das boas coisas da vida, o ascetismo condenou os homens e mulheres à melancolia.

— Então não devemos seguir o exemplo dos santos?

— Será que eles queriam mesmo dar um exemplo? — replicou Dr. Carl. — Talvez estivessem apenas seguindo seu próprio método, como muitos outros depois deles, místicos ou não. Esses grandes abandonados não foram os únicos a encontrar na sublimação uma cura para os males de suas almas. Abandonar o amor dos homens pelo amor divino é um ato realmente louvável. A inspiração do Espírito é infinita. E existem várias maneiras de se chegar a ele. Cada indivíduo, de fato, segue seu próprio método, *mein Bub*. Ou, em uma linguagem mais vulgar: *jeder verrückt mit seinem Wahnsinn*. Alguns preferem o caminho mais suave, embora sem muitos prazeres, outros percorrem trajetos tortuosos para alcançar a grande satisfação no fim da jornada. Cada um de nós sabe o que é melhor para si mesmo. Cada um possui sua própria medida. Podemos temperar demais um prato e, ao exagerar na medida, torná-lo salgado. Ou podemos ainda evitar o sal e deixar o prato insosso. Ao criticar o ideal ascético, Nietzsche viu na busca dos anacoretas pelo amor divino a negação da vida e do prazer, aquilo que o genioso filósofo pensava ser uma existência sem paladar. Mas sua dualidade entre o espírito esclarecedor e o espírito curioso era uma mostra de sua própria condição psicológica. Tanto Apolo quanto Dionísio, acredito eu, afirmam a vida. Sem alegria, a existência não tem graça. Sem luz, porém, nada cresce e frutifica. Sem luz, não há milagres. Ao condenar os ascetas, o dionisíaco filósofo alemão estava criticando sua própria sombra paterna. O ascetismo é, de fato, uma negação do homem social de Aristóteles, aquele que segue não apenas a moral do grupo, mas também seus costumes. Concordo apenas em parte com essa afirmação. Alguns indivíduos

nunca conheceram o prazer porque tiveram uma infância amarga demais para usufruírem um pouco dessa tenra fase da vida. Entra aí o entendimento da psicologia. Todo psicólogo sabe que o abuso da força física ou verbal, a frieza afetiva e a negligência marcam intensamente o temperamento de uma criança, assim como a falta das pequenas alegrias infantis. Penso que a genealogia do ascetismo está no jeito com que um indivíduo lida com aquilo que Nietzsche chamou de Vontade de Poder. Nem todos conseguem se recuperar da humilhação sofrida em um momento de fragilidade. Com todas as suas intimidações e coerções, um adulto tirânico afeta para sempre a imaginação das crianças e faz com que elas cresçam medrosas, inseguras e intolerantes a riscos. Penso que todo *bullying* tem um efeito nefasto sobre nossa massa encefálica, sobretudo em um mente ainda pueril. Afetados pela pressão repentina, nós mudamos completamente nossa maneira de ver a realidade e interagir com o mundo. Uma vez desintegrados, não nos sentimos mais em casa entre os homens. Ansiosos e angustiados, nossa casa se torna *unheimlich* como observou Heidegger nos *Roaring Twenties*. Por mais que sejamos bem acolhidos depois, a realidade sempre nos parecerá má demais ou fria demais para aqueles que conheceram o inverno na primavera de sua existência. Hoje a psicologia conhece bem os estragos causados pelos maus-tratos. Uma pequena lesão no córtex pré-frontal é suficiente para dar origem a um fundamentalista religioso, uma vez que o sujeito fica obstinadamente preso a uma *idée fixe*. Sabemos que os traumas afetam profundamente a existência dos indivíduos, por isso é necessário mudar a maneira com que tratamos *unsere Kinder*. Estímulo positivo e segurança é tudo o que uma criança precisa em doses disciplinares na infância. As crianças de nossos dias estão conhecendo muito cedo o Dragão da maldade. Se a disciplina leva ao sucesso, a punição, por sua vez, leva à indignação e ao exagero. Os jovens crescem inseguros e confusos. É natural então que se tornem adultos descontrolados e angustiados pelo seu passado. Qualquer abuso é prejudicial para a memória. Por isso os gregos viam em qualquer falta de tolerância ou modéstia uma vicissitude condenável. Tanto a alegria quanto a força excessiva produzem resultados desastrosos na educação de um aspirante à sabedoria. Uma mente que vê em tudo uma relação de forças impede o convívio sadio do sujeito com seu mundo.

— Acredita que, ao se afastarem do mundo dos homens, os anacoretas estavam apenas buscando reencontrar sua sanidade mental abalada pelas más lembranças?

— Certas lembranças são intoleráveis, *mein Bub*. Em linguagem técnica, é o que chamamos de *Posttraumatische Belastungsstörung*. Por terem sido punidos em uma época em que eram vulneráveis demais para se defenderem, alguns indivíduos mantêm o amargor como seu principal tempero psicológico. E muitas delas não se importarão de conhecer o que é a doçura (ou mesmo o salgado e o umami). Por não saber o que é o sabor doce, elas nunca conseguirão se entreger completamente ao prazer, uma vez que faltará a seus relacionamentos um pouco mais de delicadeza e empatia. Cada tipo humano sofre do seu próprio jeito. Confundindo qualquer abertura ao outro com uma demonstração de fraqueza, os coléricos preferem desfrutar o sabor amargo de suas vidas. Eles muitas vezes chegam ao ponto máximo de suas ambições, mas nunca estão satisfeitos com os resultados. Quando envelhecem, passam a desdenhar todas suas boas lembranças. E cada gesto passará a ser visto como uma demonstração de força. Eles confundirão prazer com lascívia, e essa, por sua vez, com fraqueza. Como médico, penso que é muito importante conhecer bem a psicologia de um paciente. Ali, em seu cérebro, se encontra a chave para sua felicidade e também para sua insatisfação. Não adianta combater os anseios da carne e culpar nossos apetites por nossos fracassos, martirizando-nos e afetando assim toda

nossa saúde apenas porque não temos um pouco de controle mental. Existe uma medida para tudo. Da mesma maneira com que um monge afetivo não pode viver completamente sem um pouco de amor humano, um pagão não pode sobreviver apenas de prazer. Ambos precisam satisfazer suas aspirações, ou, do contrário, tornam-se homens melancólicos. E a melancolia é um obstáculo à Graça divina.

— Tem razão. A vida precisa de um pouco de doçura, concordo. Não podemos ser felizes se não cultivarmos a alegria. E um santo não pode ser uma figura triste e errática como um Dom Quixote alucinando na prisão de seus aposentos e sonhando com as festas dionísias do passado.

— *Natürlich, mein Bub*. Está em nossa essência se aventurar a conhecer o mundo. E também se alegrar com nossas descobertas e sucessos. Devemos, porém, cultivar a alegria em doses moderadas, como nos ensinaram os antigos gregos. Os sentidos precisam de disciplina. Por esse motivo, penso que você vai gostar bastante da desmemoriação completa. Terá não só muitas alegrias mas também a sobriedade de um anacoreta. Um homem amnésico pode ser considerado tão puro quanto um santo.

— Mas uma coisa não consigo entender. Se os santos eram tipos assim tão melancólicos como dizem, como conseguiram alcançar a graça divina?

— Existem diversos métodos de desmemoriação, *mein Bub*. Viver longe do mundo dos homens faz bem para a memória. Nada melhor do que o silêncio e o isolamento social para nos livrar das memórias indesejáveis e da bagagem emocional negativa do passado, embora eu acredite que um pouco de contato humano seja necessário para um bom equilíbrio mental. Silêncio e tempo, nada mais. Eis o remédio clássico para nos curar das más lembranças.

— Pena que às vezes pode levar décadas.

— E muitas vezes uma vida inteira. Tempo, *mein lieber*, eis a palavra! Desde os gregos, grandes conhecedores do poder terapêutico das águas do Letes, o tempo sempre foi o melhor dos métodos de desmemoriação. Depois deles, os estoicos aperfeiçoaram ainda mais a filosofia grega do esquecimento, adotando também o *self control* e a meditação como maneiras de ajudar a combater os males da memória. Em sua *Arte do Amor*, Ovídio nos fala das diferentes formas de esquecer o passado. Entre seus artifícios está o distanciamento daquilo que nos faz sofrer, uma maneira de acalmar os pensamentos ruins, evitando assim as más lembranças. Outra abordagem é substituir o que nos traz sofrimento por aquilo que nos dá prazer. A neuroplasticidade do cérebro substitui as velhas conexões por outras novas. Os antigos romanos sabiam muito bem como curar as enfermidades causadas pelas paixões. Nada melhor do que uma deusa para substituir outra. Os latinos clássicos eram realmente sujeitos apaixonados e devotos. Devemos a eles nossa educação sentimental. Eram neurocientistas antes mesmo de existir a neurociência. A melhor forma de nos livrar de uma *idée fixe* é substituí-la por outra ainda mais impressionante. Se morreu de amor como dizem, Lucrecio nos provou muito bem

essa máxima. O sublime tem um poderoso efeito sobre a memória. Quando nossa imaginação não consegue descrever o indescritível e o inefável, novas sinapses são criadas em nossos cérebros, disparando os neurônios que despertarão o gene divino e gerando assim epifanias magníficas. Diante de uma forte impressão todas as outras impressões se tornam secundárias. Com isso, os desiludidos e amargurados passam a ver de novo a magia do mundo à sua volta. Em seus primórdios, a medicina era mágica. Os primeiros cientistas, ainda no antigo Egito, ficaram deslumbrados ao descobrir que a natureza, como manifestação da Deusa, é maravilhosamente perfeita, até nos seus mínimos detalhes. E também ficaram desapontados ao constatar que o homem, ao aniquilar a magia e desprezar a natureza, passa a ser a fonte de todo o mal. Os magos do passado nos fizeram perceber a alternância da atração irresistível da Vênus na juventude pela autoridade temporal de Saturno na velhice. As mudanças trazem coisas boas e ruins, embora sejam inevitáveis. Ou seja, tudo se transforma o tempo todo, graças a um eterno jogo de atração e repulsão. Mas tudo está também sujeito à ação aperfeiçoadora de Cronos, o deus devorador. Desse modo, somente o tempo é capaz de curar aquilo que o próprio tempo vitimou.

A arte dos antigos, explicou Dr. Carl a Antoine, popularizou os nobres sentimentos e descobriu um alívio para as incontroláveis paixões humanas e seus acidentes emocionais e sociais. Mas, finda a Antiguidade, os poetas e filósofos pagãos, com seus louvores à vida natural e suas descobertas contemplativas, foram esquecidos pelos católicos medievais, que adotaram métodos mais artificiais para reconquistar sua saúde mental perdida. A medicina deixou a magia para trás e aliou-se à prática experimental da ciência. Passaram-se séculos e os cientistas, mediante erros e acertos, redescobriram melhores formas de tratar as más lembranças, entre elas a desmemorização autobiográfica. O diretor de Bünzli orgulhava-se de sua invenção. Com o Mne-modetox, Dr. Carl havia revolucionado o mercado terapêutico, e a ciência encontrou finalmente o caminho para a felicidade humana. Esquecer sem culpa, costumava dizer ele, é a cura para os males da memória.

— Confesso que tenho algumas ressalvas ao esquecimento pela espera ou pela distância — interrompeu Antoine. — Frequentei diversas religiões e gurus, tentei todas as técnicas recolhidas em livros e em vídeos, e não obtive nenhum sucesso. Fui até mesmo parar no Brasil, seguindo o conselho de um argentino que tivera uma experiência mística durante um ritual indígena. Esses antigos métodos não funcionam mais. São muito genéricos. Prefiro os novos métodos. Um método que me aceite como eu sou.

— Por isso inventei um método adequado a cada tipo psicológico — disse o médico. — Para cada indivíduo é necessário um tratamento personalizado, *mein Bub*, algo que a medicina do passado nunca se atentou por conta de sua visão reducionista. Sabemos que os melancólicos aceitam muito bem a amnésia total. Em virtude de sua obsessão pelo passado, eles necessitam de um enfoque mais direto. Quanto aos coléricos, sou ainda um tanto reticente em relação a qualquer tipo de tratamento de choque. Por sua sensibilidade aguçada, pequenas irritações excitam seus nervos e abalam seu autocontrole. Uma vez perdido seu *self control*, eles são passíveis de sofrer um surto inesperado e provocar acidentes inoportunos. Desse modo, não adianta apenas limpar a mente dos tipos coléricos. É preciso também discipliná-la para que esses sujeitos não se tornem reincidentes e cometam mais qualquer disparate ou parvoíce. Mas confes-

so que não é nada fácil essa tarefa. Coléricos são sujeitos realmente incontroláveis.

Nesse momento, Dr. Carl lembrou-se de Anne e, novamente sem citar nomes, revelou a Antoine que, em Bünzli, os coléricos eram os pacientes mais trabalhosos, sobretudo quando perdiam seu parco autocontrole e intoxicavam a atmosfera do lugar com suas emoções negativas. Segundo ele, esse comportamento transgressor chocava a todos, despertando seus traumas mais arraigados. Donos de cérebros excitáveis, os coléricos sabotavam seu tratamento por qualquer mínima frustração. Em consequência disso, todo um trabalho de meses era jogado fora. Para ilustrar esse pensamento, Dr. Carl referiu-se a uma paciente que, em seus ataques de raiva, costumava quebrar pratos durante o almoço, deixando Antoine curioso.

— Os tipos coléricos me parecem um tanto exagerados — comentou Antoine.

— *Du hast recht*. Tem razão. O ódio os torna sujeitos intratáveis — disse o médico, após suspirar profundamente. — Assim como os anjos, os coléricos são terríveis. E não apenas os homens. Mulheres coléricas ficam insatisfeitas com a falta de dinamismo. Elas gostam de um pouco de ação. É natural que se aborream tanto em ambientes sem desafio. Contudo, não vejo isso de forma ruim. Por serem tão dinâmicas, elas às vezes podem ajudar os melancólicos em sua busca pela santidade. Assim como a chama de uma vela depende de seu pavio, a iluminação requer o auxílio da energia do corpo. Sem energia não podemos escalar as montanhas.

Śaktiśaktimatoryadvat abhedah sarvadā sthitaḥ

Atastaddharmadharmivāt parā śaktiḥ parātmanah

Assim como o poder não está separado daquele que o possui
a suprema Shakti não está separada da suprema Realidade

Um longo suspiro seguiu-se a esses versos, após Dr. Carl saborear mentalmente o trecho do *Vijñana Bhairava Tantra*. Haviam se passado anos desde de sua viagem à Índia, mas ele ainda se lembrava com clareza de sua idealista juventude. Alguns segundos depois dessa lembrança, continuou sua conversa com Antoine.

— Embora não possamos compreender totalmente a realidade à luz da razão, podemos ter uma experiência direta dela com todos os nossos sentidos. Precisamos deles para perceber a realidade do que vemos, ouvimos e sentimos, e se não os usarmos de maneira correta, eles se embotam com a falta de uso, sobretudo nosso *sixth sense*. E embotados os sentidos, como nos provam aqueles que possuem algum grau de demência, a mente começa a definir. A realidade exige que estejamos focados em nosso ego para que possamos nos manter vivos. Com isso deixamos de perceber as energias externas ou internas à nossa volta. Sem sensibilidade, no entanto, não podemos estar conscientes de nada fora de nossas bolhas pensativas. Um certo grau

de *awareness* é importante para termos uma vida mais plena e feliz. Assim como um pouco de paixão, creio eu. A vida precisa de um certo tempero, *mein Bub*. A maioria das pessoas prefere se fechar aos encantos de Vênus e viver sua existência enclausurada em uma sinédoque da realidade. Mas devemos estar atentos a um mundo muito mais amplo do que nossos estreitos limites existenciais. Devemos parar nosso diálogo interno e simplesmente acreditar. Mesmo depois de todas as rejeições, separações, desobediências, desistências e dissidências pelas quais passamos, devemos ainda ter fé nas pessoas. Nesse sentido, a insatisfação das mulheres coléricas pode ser de grande valia para você. Como uma fera faminta, elas estão sempre atentas a tudo.

— E como uma mulher colérica poderia me ajudar? — falou Antoine.

— Só vai descobrir ao encontrá-la, *mein lieber* — disse o médico, com um sorriso. — Não existe nada mais emocionante do que conhecer uma mulher cheia de paixão. Um encontro desse nível é sempre um acontecimento fenomenal. Ela vai deixá-lo bastante ocupado, pode ter certeza. Imagine um encontro de Kali e Shiva, se me permite uma comparação mitológica hindu. A princípio se sentirá prostrado no chão, mas depois aprenderá a agir com mais naturalidade, seguindo o ritmo da música que somente ela consegue escutar. Esse encontro seria uma espécie de dança cósmica.

Sorridente, o médico pareceu desfrutar aquele pensamento tão exótico. Admirador dos musicais de Hollywood (e de Ginger Rogers em especial), Dr. Carl acreditava na dança como um instrumento de cura. Resquíio do homem primitivo em nosso código genético, a dança nos une à natureza, como percebeu Igor Stravinski ao compor sua *Sagração da Primavera*. O médico também compartilhava esse pensamento modernista e sua pretensão de despertar o artista que existe em cada indivíduo. Quando, por algum incompreensível acaso, seus pacientes exibiam-se pelos corredores ou pelo pátio dançando e sapateando, ele via esse precioso momento tanto como uma manifestação de seus talentos artísticos quanto de uma alquimia em curso. Já havia presenciado exposições de *ballet*, mazurka, polka, foxtrote, bon odori, hula, chá-chá-chá, samba, *tap dance* e até uma fabulosa apresentação da *Dance of Electricity*. No entanto, em toda sua experiência como médico, nunca tivera a oportunidade de ver um jovem casal exibindo seus talentos coreográficos em Bünzli, e assim ele se contentava em admirar Ginger Rogers e Fred Astaire (“The Carioca” e “Cheek to Cheek” eram seus números de dança favoritos) em sua sala de projeção particular, desfrutando um de seus raros momentos de ócio após uma extenuante jornada de trabalho. Era seu jeito pessoal de se descontrair das loucuras de seus pacientes e dar um pouco de ordem ao caos de seu dia a dia. Sabia ele, porém, que o cinema era uma idealização da realidade, e que essas cenas dançantes, tão enternecedoras nas fantasias do passado, dificilmente se repetiam na vida real. No fundo, o médico era um nostálgico. Aqueles musicais da Golden Age de Hollywood, sabia ele, eram apenas um resquíio de uma época mais inocente, em que as pessoas assistiam com prazer às estrelas de cinema em sua exibição dançante, e ao final dos créditos voltariam alegres para casa, sonhando com um mundo melhor. Os tempos, entretanto, haviam mudado de modo fragoroso. A *Golden Age* deu lugar à *Iron Man Age*, e os musicais foram reduzidos a meras curiosidades. Dr. Carl, contudo, ainda possuía uma esperança de que um futuro dançante ainda surgiria pela frente, quando os mortos-vivos voltassem a usar seu corpo de forma autônoma e livre. Com o Mnemodetox,

mesmo os mais relapsos podiam ser curados, essa era a opinião do douto especialista sobre seus pacientes (apesar de ter dúvidas quanto a alguns deles). Ah, se todos fossem mais cooperativos como Antoine..., lamentou-se o diretor, imaginando a possibilidade de Anne um dia executar um sapateado no tablado do salão de dança da clínica.

Naquele instante, era inevitável para Dr. Carl não pensar em sua mais difícil paciente. A excessiva inquietude de Anne ainda intrigava bastante o médico. Ele nunca havia tratado uma paciente tão indisciplinada. Além de não seguir nenhuma de suas recomendações, ela tinha uma séria dificuldade de concentração e fazia apenas o que lhe agradava. Como resultado, durante aqueles quatro meses Anne tivera apenas uma ligeira melhora em seu mau humor. Remover somente suas más lembranças, concluiu o médico, não era suficiente para apaziguar sua ira, uma vez que seu circuito neural da raiva, hipersensível pelo uso excessivo, devia ser tratado com bastante cuidado (de modo muito similar a desarmar uma bomba caseira de fios trocados). Anne era teimosa em demasia e seguia com dificuldade as normas de seu tratamento, que proibiam, entre outras coisas, comer chocolates ou usar perfume (dois itens considerados muito perigosos pelo especialista por desenvolverem recordações repentinas, reativando sinapses adormecidas). Por conta dessa hipersensibilidade e indisciplinada, Dr. Carl recomendou a desmemoriação seletiva a Anne. Não viu outra solução para sua inquietude. Sabia, contudo, que teria que lidar com a imensa e incontrolável impaciência da jovem.

O método seletivo de Mnemodetox exigia tempo e também uma extraordinária disposição dos pacientes. Diferente da desmemoriação completa, esse era um tratamento receitado somente para os casos em que o sujeito era incapaz de tolerar grandes esquecimentos. Embora a modalidade completa pudesse ser receitada para um tipo colérico, os melancólicos podiam desfrutar melhor seu rápido efeito rejuvenescedor, uma vez que sua memória de curto prazo não possuía o mesmo peso de sua memória de longo prazo. Por outro lado, ao ficarem completamente amnésicos, os coléricos sentiam-se confusos e irritadiços devido aos frequentes lapsos de memória (e chegavam até mesmo a praguejar quando frustrados). Ao remover uma lembrança após outra, a modalidade seletiva era melhor tolerada por eles, ainda que o processo fosse mais prolongado. Além do mais, o demorado tratamento amplificava demasiadamente sua gula. Mas seria Anne mesmo uma colérica? Pensou Antoine, curioso, após relembra sua instrutiva conversa com seu médico.

Sentado agora à mesa do refeitório, as recentes lembranças trouxeram de volta o ânimo com que Antoine ouviu as palavras de seu médico. O diálogo com Dr. Carl teve um efeito reanimador em seu psiquismo. Comoveu-se ao saber que podia entrar em contato com espíritos similares ao seu (espíritos que, como ele, buscavam também chegar ao êxtase). Uma esperança renasceu no túnel negro de seus melancólicos pensamentos. Naquela semana, ele abriria sua alma para todas as pessoas que encontraria em seu caminho: pacientes, médicos, enfermeiros e até mesmo aos ocupados jardineiros. Essa abertura revelou uma habilidade desconhecida do jovem.

Apesar de sua melancolia, Antoine era um clássico doente sociável tão ao gosto de Molière (sem precisar, porém, fingir estar à beira da morte), ainda que o fosse de maneira um tanto

dissimulada. Logo após sua primeira sessão, mais adaptado ao ambiente de Büngzli, Antoine buscava, por curiosidade, conhecer melhor os outros internos, esperando assim encontrar talvez um melancólico como ele próprio. Graças a esse súbito interesse, o jovem deixaria de lado os filmes guardados em seu Handy e também suas preferências poéticas por Novalis e Heine (leituras que o absorviam por horas). Movido por sua bisbilhotice, Antoine passaria as manhãs seguintes no pátio, observando os olhares dos letárgicos pacientes deitados nos bancos, a mirar o céu com uma expressão vazia. E ficaria admirado ao testemunhar suas incríveis performances. Ele os vira recitando poesia italiana do *ottocento*, haicais da era Tokugawa ou trovas provençais, ou ainda dançando como Pina Bausch, ou mesmo falando a língua dos anjos. Tudo aquilo o inspirava. A busca revelou-se frutífera, por fim. Logo Antoine se deparou com pessoas tão *outsiders* quanto ele. Era comum flagrar esses melancólicos no jardim suspirando tola-mente, com seu ar distraído a contemplar um pássaro, ou ainda sentados na grama, a admirar o paisagismo, o olhar meditabundo, às vezes lacrimejando ao fitar nuvens calipígias. Mas nem todos os pacientes de Büngzli podiam ser classificados como melancólicos.

Estaria mesmo diante de uma colérica? Questionou-se Antoine, entre cético e quase certo. Ao perceber Anne tão satisfeita após comer sua sobremesa, ele resolveu tirar suas dúvidas.

— Você não está em tratamento apenas para deixar de comer como uma louca, estou certo? — indagou subitamente o jovem paciente, mirando a *jeune fille*.

Diante da inesperada pergunta, Anne suspirou fundo e, sem jeito, desviou os olhos de Antoine para algum outro ponto no infinito. A menção ao seu apetite voraz fez com que ela se sentisse um tanto desconfortável em seu assento. De súbito, seu nível de excitação nervosa subiu rapidamente de um momento para o outro. Mas lembrou-se de Bertha e começou a contar até dez. Não conseguiu, porém, disfarçar seu incômodo.

— Não fique nervosa — disse Antoine ao notar a reação da garota. — Meu médico me explicou que os tipos coléricos não são intratáveis. Existe também uma cura para seus males.

Anne não deixou a observação *en passant*. Estaria Antoine afirmando que ela era um tipo colérico? Indagou-se, agora mais irritada. Detestava lembrar o diagnóstico do médico. Falar sobre seu tratamento a aborrecia. E detestava também o especialista por ter feito aquele injusto parecer sobre sua saúde mental. Sentia-se estigmatizada. O termo era, segundo ela, apenas uma denominação animalesca (ou mesmo bestial). Além disso, não estava de acordo com a filosofia do bem-estar do Dr. Carl. Era positivista demais para o seu gosto. Há muito tempo pa-rara de acreditar em pensamento positivo e outras bobagens *new age*, pensava Anne.

— Estou vendo que seu médico fez uma lavagem completa em seu cérebro — disse ela, em seu conhecido tom crítico. — Por que não mudamos de assunto? Não quero falar sobre meu tratamento e nem sobre terapeutas. Vamos falar de algo menos aborrecido.

— Por que detesta tanto Dr. Carl? — perguntou Antoine, após uma curta pausa.

Anne desviou o olhar de Antoine e, mirando para o alto, suspirou. Depois cruzou os braços e ficou pensativa. Por um segundo, o tom sério da pergunta pareceu tolher seu lado queixoso, e ela, confusa, sentiu-se incapaz de dar uma resposta racional. Afinal, as emoções são mais rápidas do que o raciocínio, não restam dúvidas. Indesejavelmente, Anne lembrou-se de sua primeira conversa com Dr. Carl ao chegar a Bünzli alguns meses antes, ocasião em que entabularam uma longa e aborrecida conversa sobre o assunto. A lembrança, para ela, não era nada agradável.

Nessa conversa, ocorrida no consultório do profissional alguns meses antes, Dr. Carl explicou a Anne como funcionava o tratamento por meio do Mnemodetox. Iniciou pelo básico: a psique do sujeito pós-moderno. Falou da tendência atual dos jovens a imitar modelos virtuais, uma vez que os modelos reais estavam ausentes ou eram contraditórios, e também de sua própria confusão mental ao perceber que esses modelos eram incrivelmente enganosos. Após discorrer longamente (de um ponto de vista filosófico) sobre a alma humana e sua complexa dinâmica, passou a divagar sobre sinapses, córtices, lobos cerebrais e o *nucleus accumbens* (segundo ele, a parte mais admirável do cérebro por conta de sua importância ancestral), um assunto que costumava servir de introdução a seu pensamento inovador sobre a mente, especialmente quando estava diante de alguém com bastante paciência para ouvi-lo. Discorrer sobre os tipos psicológicos era seu assunto favorito (apesar de deixar Anne impaciente). Ele era capaz de ficar horas palestrando sobre o grau de eficácia de seu método para cada um desses neurotipos. Ao encontrar uma oportunidade para mais uma de suas preleções gratuitas de psiquiatria clínica e neurociência (ao perceber que despertara a curiosidade de um paciente mais atento), ele sempre se estendia em exageradas divagações históricas. Para os tipos coléricos como Anne, no entanto, mais insensível e desdenhosa à loquacidade masculina, todo esse palavreiro recheado de jargão científico a deixava entediada, e ela permanecia desatenta à maçante explicação enquanto observava o gato do Dr. Carl brincar com seu novelo de lã (felinos não eram proibidos no consultório, desde que não pulassem nos visitantes). Sua desatenção, no entanto, tinha uma razão mais lógica. Segundo ela, a empolgação do especialista era descabida, ainda mais para um médico que se julgava um revolucionário (ou um protestante moderado, como preferia se denominar). Não sabia, porém, que sua opinião muito particular também era compartilhada por outras pessoas. Para a maioria delas, especialistas ou não, a filosofia de Dr. Carl não dizia nada. Tudo aquilo era um *Samba de Uma Nota Só*, teria dito Alvarenga.

Apesar de ser um neurocientista respeitado e de seu método de desmemorização ser um imenso sucesso no mundo inteiro, Dr. Carl era considerado por muitos membros da comunidade médica como um grande charlatão, ou mesmo um medicastro, acusação à qual ele respondia, dando de ombros: “Os cientistas são cegos às novas ideias e não enxergam nada diante de seus narizes. Pode parecer paradoxal, mas a própria ciência que quebrou tantos dogmas no passado e derrubou as torres ilusórias da fé, agora possui seu próprio dogmatismo. O discurso científico não pode ser o único discurso que temos sobre a realidade. Não podemos falar apenas sobre os fatos. Sem problematizar os fatos não podemos criticar os critérios utilizados para falar sobre o mundo. O olho que vê as coisas não se vê. O método científico, porém, não prova tudo. O método é falho”. É necessário existir uma pluralidade de métodos, dizia o médico, parafrase-

ando Paul Feyerabend. Segundo ele, o descrédito e a rejeição das novas ideias pelos cientistas estavam associados à tendência psicológica de manter-se preso a crenças ou noções desacreditadas. “Alguns historiadores da ciência”, replicou Dr. Carl em uma carta publicada no *Journal of Psychedelic Research*, “argumentam que a resistência às contribuições pioneiras de obscuros cientistas foi bastante frequente no passado, constituindo o bloqueio mais formidável para os avanços científicos. Embora a ciência moderna tenha surgido daquilo que os antigos gregos chamavam de *epistemê*, ela adquiriu um caráter dogmático com o decorrer dos séculos. As contribuições de outras áreas menos científicas foram aos poucos desdenhadas como não-científicas ou pseudocientíficas. Antes do Iluminismo, a astrologia não estava separada da astronomia, assim como a numerologia não estava ausente da filosofia, como nos demonstrou Pitágoras. Essas disciplinas tradicionais, com seus milhares de anos de empirismo, contribuíram enormemente para o que hoje conhecemos sobre as leis universais. As ciências do passado nos transmitiram as preciosas leis herméticas. Cada uma dessas ciências naturais gregas fazia parte de uma vasta área de conhecimento herdada dos egípcios e mesopotâmios, e que seria mais tarde codificada pelos árabes medievais na Alquimia e pelos judeus na Cabalá, promovendo a evolução do pensamento humano”. Em consequência dessa virtuosa e valiosa herança do passado, afirmava o médico, a humanidade atingiu um imenso progresso científico. Em contrapartida, devido ao esquecimento, alcançamos também um abissal atraso espiritual. “Descobrimos a cura para várias doenças, mas ainda não descobrimos a fórmula da felicidade”, escreveu Dr. Carl. “Somos uma espécie bem-adaptada ao nosso planeta e às suas variedades climáticas e morfológicas. Esse sucesso genético, contudo, não nos torna melhores do que os outros animais. O comportamento de muitos seres terrestres nada mudou em milhões de anos, enquanto o *Homo sapiens* é um inquieto por natureza. A evolução das espécies, porém, está baseada em padrões bem definidos e não em adaptações ocasionais. Não é só a moda que exerce influência sobre o ritmo com que a humanidade progride, mas também o estabelecido, o normalizado e o aceito. Ainda hoje os animais se comportam como seus pais se comportavam há milênios. Os seres humanos, pelo contrário, estão sempre transgredindo, experimentando, inventando e buscando novas maneiras de se adaptar. Mas cada nova invenção traz apenas hábitos ruins e novos distúrbios mentais. Veja o caso dos Handys. Esses dispositivos foram projetados por seus fabricantes para servirem de vício distrativo para as pessoas, e terminaram nos transformando em *zombies* irrefletidos. Sua onipresença prende a atenção das pessoas provocando uma epidemia de cegueira perceptiva. Essas viseiras tecnológicas apenas arruinam com os cérebros de nossas crianças e jovens. Em sua ânsia por lucros astronômicos, as tecno-oligarquias lançam a cada dia, com avassaladora intensidade, novidades cada vez mais apelativas, buscando manter um círculo vicioso em seu público, e nós, como ratinhos recebendo seu torrão de açúcar, aceitamos esse bombardeio sensorial sem qualquer reclamação. Ao ativar os *reward pathways* dopaminérgicos a curtíssimo prazo, os estímulos recompensadores provocados pelas mídias sociais, sob a forma de *flatteries* advindas de nossos parceiros, amigos e familiares, nos converteram em verdadeiras cobaias de laboratório, e a indústria tecnológica soube explorar ao extremo as fraquezas humanas por adulação. Ao contrário dos camundongos, no entanto, além de novidades e estímulos frequentes, as pessoas não querem apenas ser seduzidas e iludidas, elas precisam também atingir parâmetros mais elevados. Elas não se contentam apenas com reconhecimento, rostos sorridentes, aplausos e adulações. Querem sempre mais. A ânsia por aceitação incentiva os fabricantes a chegar aos extremos para oferecer satisfação imediata ao seu público. Dessa forma, o mercado está sempre tentando superar as últimas inovações criando padrões superiores inalcançáveis. Isso vale tanto para as ilusões das mídias sociais quanto para coisas mais concretas. Podemos comprar um novo produto, mas sempre vamos compará-lo a um produto melhor, mais bonito e mais durável, algo que nos satisfaça mais nossas fantasias do que nossas necessidades. A moda segue sempre

atrás dos *high standards*. São esses padrões que permitem a equivalência entre sobrevivência e aptidão. Somos, afinal, seres adaptativos. Graças a essa admirável capacidade, evoluímos através das eras. As espécies melhoram a cada geração, mantendo, contudo, aquilo que possuem de mais precioso. Assim como as mutações genéticas excessivas podem prejudicar nosso organismo, as rápidas mudanças sociais também podem alterar nossa percepção da realidade. Ao adotar o princípio da incerteza da mecânica quântica, a ciência trouxe apenas ceticismo e insegurança às pessoas. Mas existe algo em nós que sempre buscará o familiar e o reconhecido. Ainda que gostemos de novidades, algo em nós é refratário ao acelerado ritmo do relógio social. A indústria tecnológica deve agora estar atenta à disrupção provocada por seus produtos. É preciso inovar sem arruinar. Esta é a lei do progresso garantido. Nenhuma moda persiste se não estiver ancorada no conhecido e no usual (dá a explicação para que os jalecos sejam atemporais). Como os comerciantes de ilusões, os cientistas não estão preocupados com o sentido da realidade ou com o propósito da vida, porque nunca a encararam como uma linguagem. Todas as nossas descobertas são apenas sons desconexos. Não se enquadram na harmonia universal pitagórica, para a qual os números e os fenômenos são manifestações divinas. É preciso um pouco mais de imaginação para entender a totalidade em que estamos imersos ou mesmo a razão de evoluirmos para nos adaptar às mudanças. As teorias científicas de unificação como a Teoria de Tudo são vazias sem compreender o sentido do Todo. E sem compreender a totalidade não podemos ter uma visão do que temos pela frente. É como trilhar um caminho sem saber onde vai dar. Ainda acredito na capacidade humana de imaginar um futuro melhor ao aprender com seu passado. Assim como também creio no Saber Absoluto, na totalização de tudo o que experimentamos, uma ideia milenar simbolizada pelo deus hindu de três faces. Essa totalização, porém, só pode ser realizada por meio de uma alquimia interior, e esse processo magistral exige que encaremos também a matéria escura e nossos medos como parte essencial de nós. Precisamos unir os opostos, e para que isso ocorra devemos primeiro encarar o que ignoramos. Nem todos, contudo, estão preparados para a verdade. Vivemos por tanto tempo na escuridão que somos agora facilmente afugentados por qualquer sinal de luz. Por isso não me importo que meus críticos falem mal de meu método, acusando-o de ser um modismo *new age*. Eles ignoram o *Zeitgeist* atual e nada entendem sobre arte ou sensibilidade, apesar de respeitarem a inspiração dos artistas e sua esperança em um mundo mais agradável de se viver. Na ignorância dos cientistas existe um pouco de despeito. Todos eles queriam ser um Carl Sagan e nunca conseguiram. E simplesmente por falta de imaginação.” Nos comentários a essa corajosa carta do médico (escrita em resposta aos seus inúmeros críticos), diversos cientistas, profissionais de saúde, psiquiatras, neurocientistas se manifestaram, expondo suas opiniões contrárias em todos os tons de vermelho e cinza. Outros comentaristas mais sarcásticos (sobretudo os críticos portugueses), se referiam ao seu método como uma Nova Humanitas. E além de atacá-lo por aspirar rapé, também publicavam charges do médico em seus periódicos dominicais (em uma delas, veiculada no tabloide *O Farsesco*, o profissional era retratado como Freud com um charuto entre os dentes, atendendo seus clientes atrás de um balcão de farmácia com a fala: “Ao vencedor, as batatas!”). Dr. Carl rebatia o golpe baixo argumentando que aspirar rapé era o único mau hábito de um homem pragmático. Apesar disso, seus inimigos (sobretudo os filósofos de tendência existencialista) não poupavam críticas aos seus métodos, contrários ao que julgavam como agressivas técnicas científicas (ainda que nunca tenham atacado os stalinistas por utilizarem técnicas de lavagem cerebral nos simpatizantes do regime soviético). Para esses filósofos, o Mnemodetox era imoral porque era também antiético, e vice-versa. Sobretudo por usar o prazer para tratar os enfermos e fazer o absurdo da vida ser, de fato, absurdo; um debate que se perpetuou sem nunca chegar a uma síntese (afinal, a dialética tornara-se um instrumento ideológico e debates ideológicos nunca tinham fim). O médico, por sua vez, não se importava com as querelas científicas ou mesmo filosóficas. Para

um homem pragmático, o importante era ter dinheiro em caixa para manter sua clínica. Recursos abundantes dão liberdade, pensava ele, e a liberdade nos amplia a experiência (ao contrário do que escreveu David Hume). Essas ideias, porém, não o poupavam de avaliações negativas. As principais críticas ao método do Dr. Carl apontavam para a humorística divisão dos pacientes em melancólicos e coléricos. Afinal, por que escolhera aquela classificação tão reducionista e tão antiquada? Quis saber Anne.

— O metabolismo catabólico do corpo varia de acordo com o humor do paciente, *meine liebe*— disse Dr. Carl e, distraído por um ruído na fechadura da porta, olhou para a entrada do consultório. — A mente interfere na matéria, isso é inegável. As obras da sensibilidade humana estão por toda parte. Que melhor evidência existe do desprezado gênio maligno?

Enquanto Anne refletia na frase do médico, a porta do consultório escancarou-se e, trazendo uma bandeja com o chá, entrou a copeira. Resfolegando, ela aproximou-se sorridente da mesa do médico e pousou as chávenas com cuidado. Sem tirar os olhos da bandeja, retirou as xícaras, o conjunto de chá e os potes de açúcar, dispondo-os sobre a mesa. Após servir o diretor e a paciente, cada um ao seu tempo, a copeira retirou-se com a bandeja vazia, tão silenciosa e animada quanto entrou. Anne observou a intromissão com curiosidade. Sentiu-se um pouco mais inquieta.

Desde o início da conversa, Anne mantivera seu aborrecimento em fogo brando. A interrupção, contudo, serviu para despertar seu adormecido senso crítico e sua irritação subjacente. Detestava quando o médico fazia suas palestras sem fim. Julgava perder inutilmente seu tempo. Ela apenas escutava tudo com uma enorme vontade de escapar à primeira oportunidade. Ao aguardar uma escapatória, sua impaciência escalava montanhas. O médico, por outro lado, não parecia se importar em alongar a conversa.

Alheio ao que se passava no espírito de sua paciente (mesmo sendo um notável observador), Dr. Carl saboreou a quente bebida com satisfação. Sua referência indireta à paciência (ou à sua ausência) e ao humor de Anne, no entanto, pouco acrescentavam ao que a jovem já sabia de si mesma. Ao perceber a falta de interesse da inquieta paciente, Dr. Carl iniciou então uma insutiva e detalhada preleção sobre a caracterologia médica clássica.

— Mas voltemos a falar de seu tratamento — prosseguiu o médico. — Cada tipo psicológico possui peculiaridades elementares em seu Complexo Corpo-Mente. Nos tipos coléricos, o metabolismo mais acelerado faz com que as pessoas pareçam mais dinâmicas e agitadas. Esse dinamismo afeta também sua forma de pensar. Eles são notórios por não prestarem atenção às recomendações médicas. Nos melancólicos, o metabolismo opera em um nível muito baixo, o que explica a lentidão do funcionamento de suas glândulas, resultando em certos agravamentos da fleuma corporal e complicando seu aspecto soturno. Por conta da sonolência, sua atenção também é sofrível. Os fleumáticos, por outro lado, devido ao seu formidável apetite, tendem ao sobrepeso, predispondo-se à obesidade ou à diabete. Por isso passam mais tempo pensando em comida e não se preocupam em manter a forma. Como pode ver, cada alma precisa

ser tratada com cuidado e atenção. Cada paciente exige uma atenção especial. Durante o Mne-modetox, os coléricos, por exemplo, suportam bem uma grande perda de memória, ao contrário dos melancólicos. Por se aborrecerem com seus frequentes esquecimentos, eles não toleram uma amnésia abrupta, ou seja, suas lembranças devem ser gradualmente removidas. Ou, do contrário, temos que lidar por muito tempo com mais um ranzinza.

— Deve ser por causa do excesso de lembranças desagradáveis, creio eu — disse Anne, desanimada ao escutar as indiretas do médico. — Eu mesma tenho tanta coisa ruim em meu cérebro que ele mais parece uma encanação velha e desgastada em uma casa precisando de reforma. Parece que envelheci vinte anos nesses quatro meses. Na verdade, me sinto uma velha bruxa rabugenta. Às vezes penso que cheguei aos setenta anos sem nem mesmo ter completado meus trinta anos.

— Adquirimos experiência ao aprendermos com nossos erros, *meine liebe*. Você é ainda muito jovem para refletir em tudo o que fez de errado. O cérebro, em sua juventude, é uma fábrica de equívocos. Do ponto de vista neurocientífico, o indivíduo amadurece quando seu cérebro se estabiliza, ou seja, quando suas sinapses subcorticais ficam estáveis, ocorrendo uma boa comunicação entre o córtex e o sistema límbico, harmonizando assim os hemisférios cerebrais. O diálogo interno fica mais sóbrio com a idade. Por isso nos lamentamos menos.

— Cometi todos os erros possíveis em minha juventude, mas ainda não os esqueci — confessou a jovem. — Por isso continuo me lamentando. E se esse tratamento não der certo, me lamentarei até o fim da vida.

— Aprendemos com nossos fracassos, *nicht wahr?* — continuou o médico, desatento ao que dissera sua paciente. — São eles que enriquecem nossa memória, se soubermos separar as boas das más lembranças.

— Sou um completo fracasso em tudo — disse Anne, em um tom pessimista. — Principalmente no amor.

De fato, a vida amorosa de Anne, como a de muitos outros pacientes de Bünzli, havia sido uma série de falhas tentativas de se adequar a pessoas exigentes demais ou negligentes demais. Ainda que nenhum dos homens que ela conhecera tenha sido um psicopata, um maquiavelista ou um sádico, a jovem sofrera bastante ao tentar adaptar seus próprios gostos aos gostos alheios (e seu espelho a outros espelhos). Como resultado conheceu aquilo que os poetas chamam de sofrimento da alma, um incômodo ao qual já estava familiarizada, uma vez que esses doloridos *pangs* a acompanharam por toda sua ressentida existência, iniciados ainda em uma tenra idade. Desde criança, havia sido ensinada a fazer apenas o que mais apreciava e a ditar suas próprias escolhas. Seus pais nunca a contrariaram ou negaram suas vontades, e evitavam ao máximo provocar seu temperamento abrasivo. Anne foi uma criança autoconfiante, muito inteligente e um tanto *spoiled*. Em sua adolescência, com a separação de seus genitores,

seu humor passou a ser ainda mais ácido, o que lhe rendeu um espírito independente e rebelde (passou até mesmo a escutar mais *gothic punk* e a se vestir toda de preto). Sua rebeldia, no entanto, causaria alguns sérios problemas em seus relacionamentos. De repente, sem que esperasse, viu-se confrontada a abrir mão de seu individualismo, desafiada a ter uma paciência que ela definitivamente não possuía, e a conviver com pessoas tão individualistas quanto ela.

— Muitos de meus pacientes tiveram experiências amorosas difíceis — disse Dr. Carl. — Não é obrigação de um médico conhecer os detalhes do histórico sentimental de seus pacientes, *meine liebe*, mas estamos lidando com a memória, o bem mais precioso da nossa espécie. Ela é, de fato, o foco do tratamento neuropsicológico. Se os responsáveis pela felicidade de um indivíduo não sabem o que o faz infeliz, como podem ajudá-lo a ser feliz? É dever de um médico conhecer as memórias desagradáveis de um paciente. Somente assim poderá saber o que o faz sofrer. A genealogia dos distúrbios principia-se pelo corpo. Assim que nascemos entramos em contatos com todo tipo de estímulos negativos e toxinas, sujeitando nosso organismo às mais variadas perturbações em sua vibração natural. Os traumas começam nos músculos e nos órgãos, disparam uma violenta rajada de hormônios que atingem em cheio nosso cérebro, trazendo sequelas permanentes em nossos cromossomos. A partir desse instante, temos um problema a ser resolvido, ou melhor, esquecido. Ao se transferir diretamente para outras partes do Complexo Corpo-Mente, as más lembranças nos dizem muito sobre a saúde mental de um sujeito. Por mais abstratos que sejam nossos pensamentos, eles são reflexos de nosso *hardware*, nossa parte física e perecível. Os sentimentos, por sua vez, nascem dessa interação harmoniosa entre *software* e *hardware*, manifestando-se muitas vezes em nossas feições e órgãos. Enfermidades da alma como a amargura, a angústia e o desespero manifestam-se visivelmente em todo o corpo, afetando seu funcionamento e provocando o aparecimento de doenças psicossomáticas. Para tratar adequadamente esses males, penso eu, os médicos precisam conhecer a biografia e as condições da memória de seus pacientes. Ela é um reflexo do que acontece no cérebro. Nosso estado emocional afeta nossas recordações, ou seja, nossas sinapses. Cada tipo humano é afetado de maneira diferente pela frustração amorosa impressa em suas ligações sinápticas. Alguns se esquecem com o passar do tempo, outros nunca esquecem. Cada um de nós possui uma memória única. As lembranças de um melancólico não são as mesmas de um colérico. Seria injusto fazer comparações entre extremos tão distintos. É como comparar um país alpino a um país tropical. Assim como suas almas e seus humores, seus corpos também são diferentes. Algumas pessoas são mais ácidas e outras básicas, azedas ou doces, grosseiras ou gentis. Por isso me interessei em saber a causa de suas más lembranças. Ali está a razão para a desarmonia psicofísica.

— Quer mesmo saber meu histórico? — disse Anne, pousando sua xícara sobre o pires com um certo ruído. — Posso resumi-lo em poucas palavras: me apaixonei pelas pessoas erradas. Esta-va iludida que ia dar tudo certo, mas me enganei. Nunca consegui me adaptar aos seus caprichos e às suas exceções pessoais, principalmente seu amor pela adrenalina. Não tive paciência com meus ex-namorados.

— *Ich verstehe*. O Outro exige paciência e cuidado, *meine liebe*. Ele também tem seus direitos. Por isso, o amor também deve assumir regras. A paixão incontrolável traz resultados muitas vezes homéricos em uma relação. E não é apenas uma constatação mitológica. Ao analisar a

psique humana, os investigadores descobriram como uma simples lembrança pode influenciar nossa maneira de agir. Tudo começa como uma impressão, depois se torna uma imagem, adquire uma carga emocional e, por fim, se converte em uma metáfora, ou seja, em um padrão repetitivo, e esse, por sua vez, rege o nosso comportamento por toda a vida, afetando também as pessoas próximas a nós. Dessa forma, não percebemos como afetamos os outros com nosso passado. O amor exige liberdade, ainda que necessite seguir certas regras. A fim de termos uma boa relação amorosa, precisamos ser mais flexíveis, embora dentro de certos limites.

Nesse instante, Dr. Carl pousou devagar sua chávena sobre a mesa, colocou a mão no bolso do jaleco e o remexeu à procura de alguma coisa. Retirou então uma caixinha e estava prestes a abri-la quando, após um súbito *awareness*, interrompeu o ato. Retomou, em vez disso, sua conversa com a paciente. “Dentro de um relacionamento”, explicou ele, “um *bachelor* não pode mais continuar seu estilo de vida pré-marital, preferindo se manter puramente dependente de seus caprichos e suas vontades. Limitado pelas obrigações matrimoniais, ele descobrirá que seus desejos entram em conflito com uma vida conjugal harmoniosa, provocando a desregulação emocional e conduzindo, por conseguinte, aos conflitos interpessoais. A resolução desses conflitos pode ser resolvida pela punição psicológica ou por estratégias de fuga. Com isso, o relacionamento pode perder muito do seu valor, ou até mesmo se dissolver completamente. Se um dos parceiros não se submeter voluntariamente à experiência da emoção negativa, receberá em troca uma força igual e contrária, sendo repellido por seu par, tornando-se assim vítima da culpa e da vergonha”. A harmonia, disse o médico, exige acordos tácitos entre as pessoas. Se eles não são obedecidos, um dos lados se sentirá ofendido pela falta de bom senso do outro. Ou seja, concluiu ele: alguém tem que ceder. Isso vale tanto para os relacionamentos amorosos quanto para qualquer outro compromisso entre duas pessoas. Existem casos, porém, em que um das partes não quer ceder.

— A mítica subjugação de um parceiro ao outro — disse o médico — é reconhecida há milênios pelos indianos sob a forma de Shiva e Shakti, que representam ritualmente a cerimônia de casamento tântrico, em que a esposa é adorada como uma deusa. Esse antigo simbolismo oriental da submissão do homem à mulher nunca foi bem-visto no mundo moderno, onde as mulheres foram por muito tempo submissas aos homens, uma situação que terminou por afetar a sociedade do terceiro milênio. Vistas como objetos em um mundo reificado, elas se sentem oprimidas pelos obscenos olhares dos homens. A opressão masculina levou as mulheres pós-modernas a uma revolta que atrapalha suas relações com o mundo autoritário, violento e cruel dos homens; um tipo de rebeldia que leva apenas ao caos e à confusão de papéis. O que é esse excesso de liberdade das mulheres de hoje senão uma revolta contra um Outro opressor e abusivo?

Em várias mitologias, disse o médico, o Pai Tirânico que devora os filhos provoca a Fúria do universo feminino, geralmente com consequências imprevisíveis para todos. Sem se deter muito na analogia entre o mito e a realidade, Dr. Carl voltou à caracterologia.

— Os tipos coléricos nunca conseguem amar sem odiar — disse ele, após finalmente aspirar um pouco de rapé retirado de sua caixinha. — Está em sua natureza extremista cultivar emo-

ções exageradas e, às vezes, contraditórias. *Liebe oder Hass*. Ou amam ou odeiam, sem meio-termo. Outras vezes amam e também odeiam.

“Sim, como eu: amo e odeio”, pensou alto Anne e amassou a folha de papel do teste psicológico que Dr. Carl lhe dera para preencher com perguntas do tipo “Qual era o nome de seu primeiro cachorro?”, ou “Qual filme mais detestou depois do *Titanic*?”.

O médico, contudo, não percebeu o expressivo silêncio da paciente (nesse momento de braços cruzados), e prosseguiu em uma explanação neurocientífica das duas principais emoções humanas. Segundo ele, o córtex pré-motor (parte do cérebro responsável pela expressão corporal) e também o córtex pré-frontal (pelo qual somos capazes de prever os atos de nossos semelhantes) eram as duas regiões cerebrais mais ativadas pelo ódio. Durante uma sessão de Mne-modetox, era comum o paciente visualizar uma pessoa odiada ou alguém que detestava em diferentes graus (pouco, médio ou muito). Essa visão estimulava seus sentidos, acionando assim o sistema motor (músculos, articulações e ossos) para um eventual ataque ou defesa. Uma reação primitiva típica, afirmou Dr. Carl.

— O amor, por outro lado — continuou ele —, faz com que certas zonas do córtex pré-frontal sejam desativadas, deixando as pessoas incapazes de julgar ou mesmo raciocinar direito. Um sujeito apaixonado pode ficar facilmente fora de si. Se o indivíduo não tiver nenhum controle terá grande dificuldade em perceber a realidade de maneira sóbria. Por isso dizemos que a paixão nos deixa cegos, obscurecendo nossa capacidade perceptiva. Sem moderação, até as coisas mais dóceis podem fazer mal. O excesso leva ao abuso, o abuso leva à indignação e a indignação leva à revolta. Amor e ódio não podem conviver no mesmo cérebro. O ódio desativa uma pequena parte do córtex, desligando momentaneamente os sentimentos mais positivos de um sujeito, não permitindo que o indivíduo confie nos outros, julgando que todos à sua volta estão contra ele, mesmo as pessoas que ama, inclusive tratando-as de maneira abusiva. Lidar com duas emoções antagônicas, contudo, tem seu preço. A mente e o coração entram em conflito, e o resultado é aquilo que chamamos de agonia amorosa.

— Sei bem o que é isso — confessou Anne, *en passant*.

A jovem paciente amassou a folha de papel que tinha em mãos, fez uma pequena bola e jogou no gato do médico. O bichano deu um salto repentino e cravou suas garras no objeto, mantendo-o por um segundo entre suas patinhas. A astúcia animal irritou Anne. Na verdade, ela e o gato não eram bons amigos. Ao vê-lo tão brincalhão, ela invejou sua felicidade. Talvez o médico tivesse razão, pensou a jovem. “Em certos aspectos, os animais estão mais adaptados do que os seres humanos. Não precisam trabalhar em empregos chatos para sobreviver, por exemplo. E são até mesmo mais felizes”, refletiu Anne. O felino, porém, logo perdeu o interesse pela novidade e, após largar a bola de papel, voltou preguiçosamente ao seu confortável lugar no tapete. Embora atento a esse jogo sem jogadores, Dr. Carl observou tudo sem falar nada.

— O sistema da raiva é muito excitável, *meine liebe*. Novas sinapses ali criadas desencadearão efeitos sempre adversos, um tipo de condicionamento cerebral ruim para o indivíduo como um todo. O rancor colérico, porém, tem algumas graves consequências genéticas. Nosso corpo reconhece as emoções negativas como uma ameaça à conservação do organismo, assim como um grupo social vê o mau elemento como um perigo para sua organização. Em nossa memória ancestral, o ódio interno é uma forma da espécie humana de se livrar de um indivíduo mal preparado para viver em sociedade.

— Está dizendo que os coléricos extremos estão condenados à morte caso não façam um tratamento de desmemorização? Que bobagem... Há bilhões de solitários no mundo e muitos deles ainda estão vivos.

— Se não é alimentado, o amor fenece — disse o médico, olhando com desdém a folha amassada no chão. — É como uma planta. Se falta água, ela murcha. E se continuar sem umidade, ela vai murchando até secar e morrer. Acredito que uma das causas da apoptose é a falta de uso de uma célula e não apenas seu envelhecimento. Segundo Hipócrates, os tipos coléricos instáveis são impacientes e muito rancorosos, o que os torna socialmente imprestáveis. Um tratamento para curar suas más lembranças é um tanto complexo, e também pode ser bastante demorado. É preciso livrar suas memórias de todos os resquícios de rancor e ódio, uma tarefa nem sempre fácil. O paciente colérico pode passar anos em uma existência instável e infeliz. Uma vida assim é bem odiosa — concluiu Dr. Carl e limpou o nariz na manga do jaleco.

“Odiosa. Exatamente como eu”, pensou novamente Anne em sua costureira irritação e, sem querer, deu uma pisada de leve no rabo do gato. “Detesto que me chamem de colérica”, concluiu. No mesmo instante, o felino se afastou dando pulinhos pela sala à procura de um refúgio em que estivesse protegido de um tipo *l'arnacoeur*, como diria Anne, que preferia usar suas próprias denominações para os tipos humanos.

Crescida em Genebra, na Romandie suíça, Anne aprendera bem as sutilezas da língua francesa e se orgulhava de ter sido a melhor aluna da turma. Possuía boas notas em redação, gramática e línguas estrangeiras, e considerava-se uma expert em literatura francesa decadentista. Devido ao seu proeminente galicismo, a jovem criara sua própria classificação dos tipos humanos, ainda na adolescência. Segundo seus critérios, todos os pacientes de Büngzli podiam ser rotulados como tipos *au coeur brisé* e *l'arnacoeur*. O primeiro tipo seria semelhante a um amante fracassado que tivera sérias decepções amorosas (e passaria o resto de sua existência procurando se sentir protegido e seguro). Os pacientes que se encaixavam nessa categoria costumavam participar das partidas de *jass* no pátio ou dormir sempre acompanhados de seu ursinho de pelúcia. Eles buscavam obter afeto até nas mínimas coisas. Apesar de desiludido, o tipo *au coeur brisé* nunca esquecia o grande responsável pela sua decepção, preferindo muitas vezes culpar a causa de seu sofrimento por toda a vida, semelhante a um monge que abandonou o mundo devido a um desapontamento amoroso, dedicando sua nova vida ao sagrado, buscando assim sublimar, na figura do Eterno Feminino, seus anseios mais íntimos com resignação e firmeza. Diferentemente dos tipos *au coeur brisé*, o tipo *l'arnacoeur* exercia uma parte bastante ativa na decepção dos outros por sua paciência em escutar as pessoas e sua intolerância ao

ennui a dois. Como um autêntico tipo *l'arnacoeur*, com suas frequentes exigências por atenção e sua irascibilidade ao ser contrariada, a ira de Anne se tornaria o pivô de diversas desilusões amorosas. Seu passado romântico era uma coleção de paixões repentinas, muitas vezes seguidas de explosões de fúria e amargos arrependimentos. E a única razão para essa desastrosa sequência de fracassos românticos devia-se justamente à sua baixa tolerância a qualquer aborrecimento (e que era um número bem próximo de zero).

No começo de cada novo relacionamento, Anne até que se esforçava para não se aborrecer com seu namorado. Buscava ser tolerante e paciente, e evitava fazer comentários a suas extravagâncias e exceções (entre elas escalar montanhas altíssimas ou passar horas esquiando). Ela procurava agradar e, sobretudo, ser agradada (o que nem sempre era possível). A qualquer mínima contrariedade, porém, seu humor mudava de uma hora para outra, e um antagonismo pernicioso pairaria como uma nuvem negra sobre a relação. Depois de algum tempo surgia então uma persistente impaciência e uma aversão ímpar por seu par amoroso, o que inevitavelmente apressava o fim de um romance já fadado ao fracasso. As lembranças de suas explosões de fúria e suas calamitosas consequências ainda incomodavam um pouco a jovem. Em seu íntimo, sentia-se ainda insegura em expor ao especialista seu frágil estado emocional e seus equívocos do passado. E seu médico, com suas categorizações, não estava ajudando em nada a melhorar seu humor destruído por seus fracassos amorosos. Ela não via Dr. Carl como alguém a quem pudesse confiar sua vida ou confessar seus pecados. Em virtude disso, não havia progredido nada em direção à cura. A causa de todo o seu aborrecimento estava nessa frustração com o tratamento e com o incômodo proveniente da ansiedade. Alarmava-se, contudo, quando o médico falava do poder mortal e maléfico de sua ira.

— Odeio esse tratamento, para falar a verdade — confessou Anne. — Sinto que estou perdendo meu tempo.

— Existe tempo para tudo, *meine liebe*. Tempo para lembrar e tempo para esquecer — replicou Dr. Carl, em seu costumeiro tom paternal. — Talvez agora seja tempo de lembrar.

— Nesse ponto você está certo. Nesses quatro meses lembrei mais do que esqueci. Por esse motivo não acredito na eficácia do método.

— Quando estamos sozinhos temos mais tempo para pensar nos motivos de nossa solidade, ainda que não o façamos. Mas quando estamos acompanhados raramente agradecemos a sorte. Ter uma companhia faz com que as pessoas ignorem seus fracassos anteriores no amor. Para uns, ignorância é felicidade, para outros, infortúnio. Vê a diferença? As lembranças nos trazem importantes questionamentos. Mas não devemos questionar as lembranças. Devemos questionar o que nos levou ao erro. Devemos identificar a causa raiz. As evidências demonstram apenas os frutos de nossas ações. Poucas vezes reconhecemos se esses frutos são doces ou amargos. Somente quando provamos seu sabor, somos capazes, enfim, de apreciá-los. Mesmo o amargor de nossas recordações nos ensina muito sobre nós mesmos. Diante do fracasso, não nos perguntamos onde fracassamos. Primeiro porque, uma vez equivocados, buscamos o

consolo da culpa alheia. E depois disso, porque não temos tempo para refletir onde erramos. Certas coisas não podem ser esquecidas. Sobretudo quando não queremos esquecê-las.

— Está dizendo que eu não quero esquecer minhas más lembranças de propósito? Você acha que eu gosto de me sentir culpada?

— A culpa não só define as pessoas, mas também uma cultura. Para entender nosso lado irracional, precisamos deixar um pouco de lado o bom senso. Existem diversos motivos para que uma pessoa se irrite. Um deles é incapacidade de nos aceitar como somos. O seu caso, portanto, não é tão grave. Você envelheceu rápido demais e perdeu sua flexibilidade. Precisamos ser flexíveis para fluir com as mudanças. Só podemos nos esquecer do velho se nos abrimos para o novo. Dê uma chance ao seu coração, *meine liebe* — disse Dr. Carl, por fim. — Somente assim terá uma vida mais valorosa.

Talvez o médico tivesse razão, refletiu Anne. E essa certeza a irritava. Mas não se aborrecia com o diretor de Büngzli apenas porque ele se achava o dono da verdade. Havia algo mais. Havia um certo repúdio, embora o negasse ao refletir sobre ele. Por que então detestava Dr. Carl? Essa era a pergunta de Antoine que provocou uma agitação interior em Anne. Lembrar das razões pelas quais abominava seu médico sempre afetava o apetite da jovem paciente, mesmo se estivesse concentrada em degustar alguma deliciosa iguaria. Nesse momento, o sobrepasto podia ser saboreado também como pasto e antepasto. Desse modo, seu almoço perdia qualquer sentido ritualístico e as partes leves, salgadas e doces se mesclavam umas às outras, sem qualquer critério. Diante da pergunta de Antoine, Anne deixou de lado seu último pedaço de pudim, suspirou novamente e encarou com seriedade seu atento interlocutor sentado à sua frente no refeitório. Devia dizer a ele que achava todo o seu tratamento uma grande perda de tempo?

Cotovelos apoiados na mesa, Antoine estava ligeiramente inclinado na direção da jovem, como se esperasse a derradeira confirmação de suas expectativas. Seria Anne quem ele suspeitava? A mulher enérgica e dinâmica que despertaria sua força interior? Com essa questão tão franca, Antoine chegara ao clímax de sua aproximação. Havia finalmente conhecido alguém compatível. Seria ela a mulher colérica que Dr. Carl mencionara sem citar nomes? A *Shakti* que ele tanto esperara conhecer? Os sinais eram transparentes. Anne não conseguia esconder sua cólera, mesmo quando tentava ser delicada. Afinal, por que ela detestava tanto seu médico? Quis saber Antoine, alheio aos mistérios da ira feminina. Entretanto, ainda contrariada pela insistente pergunta, Anne decidiu não responder. Ter lembrado o nome feio pelo qual Dr. Carl a chamou trouxe à jovem uma sensação incômoda. Era mais uma má lembrança como tantas outras. Todos os homens de sua vida só lhe traziam recordações ruins. Desviou assim sua atenção de Antoine, olhou ao seu redor e percebeu que o refeitório se encontrava quase vazio.

Havia mais mesas vagas do que ocupadas no cenáculo de Büngzli. Os comensais haviam abandonado seus postos. À exceção dos enfermeiros, que sempre chegavam mais tarde para almoçar, restavam ainda alguns pacientes retardatários, que, mesmo após limparem seus pratos com miolo de pão, ainda passavam o tempo olhando para o pano de mesa, mesmerizados por

seu padrão geométrico e seu arrojado design gráfico, uma tradição muito conceituada e também um passatempo bastante apreciado pelos suíços, tão onipresente quanto a fonte tipográfica Helvetica, os canivetes e as apresentações de *yodel* na SRF 1 (além dos desfiles de vacas leiteiras na TV aberta). Anne, porém, não desconfiava de seus fantasiosos motivos para permanecerem no refeitório.

Recostada em sua cadeira, Anne procurava agora controlar um pouco o desconforto que a indagação de Antoine lhe provocara. Por amor à sua relativa paz de espírito, ela havia prometido para si mesma que não discutiria mais os critérios de classificação psicofisiológica de Dr. Carl. Para ela, tudo aquilo era um *nonsense* psiquiátrico. Onde já se viu um neurocientista que tinha o hábito de aspirar rapé?

— E então? — repetiu Antoine.

A insistência do novo colega estimulou ainda mais o descrédito de Anne nestas categorizações tão utilizadas pelo Dr. Carl. Quando o diretor falava sobre seu Complexo de Electra (o que ele acreditava ser a razão por trás da incontrolável ira da jovem paciente), Anne zombava do lado freudiano do médico, contrariada por aquela absurda avaliação. A fim de controlar o incômodo resultante de seu crescente desgosto pelo assunto, ela ignorou a indagação de Antoine. Mantendo um certo decoro à mesa, Anne arrumou sossegadamente seus talheres no prato, colocando-os na posição cinco e quarenta e cinco de um relógio analógico. Após limpar os cantos da boca com o guardanapo, a jovem o deixou sobre a mesa, ao lado do prato. Satisfeita por ter comido uma porção de torta de maçã e um pedaço de pudim como sobremesa, ela pousou, por fim, as duas mãos no ventre e suspirou.

— Puxa! Acho que agora engordei um quilo — disse Anne, um tanto farta da *double portion* de sobremesa. — Nunca comi tanto em minha vida. Deve ser por isso que me sinto agora uma baleia. E olha que eu estava bem abaixo do meu peso antes de ser internada. Podia usar qualquer uma das minhas calças jeans. Mas, na última vez que me pesei, me senti uma ogra. Pela primeira vez na vida, senti minhas calças apertarem. De qualquer forma: *Merci!* A torta estava deliciosa — concluiu ela, agradecida.

A satisfação de Anne com seu repasto gastronômico, no entanto, despertaria dúvidas em qualquer um que a conhecesse em momentos menos descontraídos. Um profissional da área médica que passasse por ali, naquele instante, estranharia a descontração da jovem. Na verdade, desde que avistara Antoine pela manhã (ocasião em que eles trocaram algumas ligeiras palavras), era a primeira vez que Anne conseguia relaxar um pouco ao lado de um estranho (agora não tão estranho). Desde que chegara a Bünzli, alguns meses antes, sua inquietude não a deixava em paz, e piorou ainda mais com sua incontrolável explosão de fúria. Sua conversa com o loquaz paciente tivera, entretanto, um efeito tranquilizante sobre seu humor. Antoine, afinal, não era tão detestável quanto pensava. Sua conversa a distraía um pouco. Apesar das desagradáveis impressões de seu encontro inicial ainda estarem bem frescas em sua memória de curto prazo, ela as esquecera por um segundo quando o jovem trapalhão a presenteou com um

doce pedaço de torta. Sua perspectiva mudara de uma hora para outra. Silenciosa e satisfeita, quis então que nada interferisse naquele aprazível estado de espírito. Nem mesmo Antoine. “Um homem pode estragar sua gentileza com uma simples palavra inapropriada para o momento”, pensou Anne, olhando ligeiramente para seu companheiro de mesa.

Nesse exato momento, a atenção da jovem foi atraída pela chegada de um novo visitante. Acompanhado de outros médicos, Dr. Carl entrou no refeitório. Cautelosos, o diretor e os profissionais cochichavam entre si, receando perturbar a paz do lugar. Eles pareciam ter saído de uma importante reunião. Um tanto graves, ainda discutiam baixinho seus relatórios, diagnósticos, avaliações e pareceres. Quando todos finalmente entraram no recinto, um a um, eles foram se espalhando pelo seu espaço, seguindo em direção ao buffet. Olhos voltados para o reluzente piso, os recém-chegados conversavam entre si em um tom de voz quase inaudível, movimentando-se como sumidades em um encontro de cúpula. O diretor recebeu uma bandeja de um colega, agradeceu e aguardou sua vez na pequena fila que se formara, enquanto cada um servia seu prato nos *rechauds* de aço inox. A certa distância, os enfermeiros observaram com interesse a chegada dos novos comensais e mexericaram entre si. Quando o médico passou por eles com sua refeição na bandeja, fizeram silêncio e continuaram a comer. Os poucos pacientes que ainda terminavam seu almoço olharam a passagem do recém-chegado com admiração, pousaram seus talheres sobre a mesa e limparam seus lábios com seu guardanapo de tom xadrez, alertas, até que sua curiosidade estivesse satisfeita. Alheios a esses olhares de alhures, Dr. Carl e os outros médicos se sentaram às suas mesas e iniciaram seu merecido almoço, observados por um curioso par de olhos.

— Dizem que ele foi casado com uma supermodelo africana — comentou Anne, ainda observando a cena. — Talvez ela também tenha sido iludida pelo método.

— Caramba! Você é mesmo bem distraída — disse Antoine, tentando voltar ao assunto. — Nem estava prestando atenção ao que eu disse. Sabe, por acaso, como é um tipo colérico?

— Está querendo me categorizar também? — replicou Anne, em um tom um tanto mal-humorado. — Então Dr. Carl fez este tipo de lavagem cerebral em você?

— É apenas uma informação útil. Como, por exemplo, saber o signo astrológico de uma pessoa — respondeu Antoine, um pouco surpreso por aquela brusca reação. — Mas, se não quiser, não fale. Entenderei sua opção pelo silêncio. Certas coisas são muito pessoais para serem discutidas com estranhos, não é mesmo? Melhor ignorar o que eu disse.

Afastando seu olhar da expressão ressentida de Antoine, Anne fez pouco-caso daquela súbita curiosidade do novo paciente do Dr. Carl por seu signo, pois agora possuía um interesse nulo por diagnósticos clínicos ou mesmo astrológicos, sobretudo depois de consultar, meses antes de seu internamento, um especialista oriundo de Einsiedeln, adepto dos métodos retificadores de Heinrich Kündig, o notório astrólogo suíço. O clarividente das altas esferas, após explicar a

Anne que, do ponto de vista teológico, a astrologia era apenas uma interpretação das Energias e Potenciais, incorporadas no eterno minuto quântico do nascimento de uma pessoa, exibiu seu mapa astral em uma projeção e falou então que sua consulente possuía Sol, Vênus, Mercúrio e Júpiter conjuntos no mesmo signo zodiacal. Em seguida relacionou esse fabuloso aspecto às suas múltiplas personalidades (comparando-a assim a uma alma Zinacanteco). Prosseguiu sua interpretação apontando no mapa sua conjunção de Urano e Netuno em oposição à Lua, falou da importância desse aspecto geracional e salientou também sua imensa concentração de planetas na décima segunda casa astrológica. A seguir, mediante a técnica dos arcos solares (muito difundida pelo astrólogo inglês Charles E. O. Carter, que via nessa ferramenta preditiva uma representação do relógio biológico em escala macrocômica), o uranista situou o momento existencial de Anne, e referiu-se à entrada de Plutão na referida casa das aflições. “O inferno é um estado mental”, disse ele. “Se temos controle sobre nossos demônios e *vrittis*, conseguimos superar nosso lado obscuro com facilidade. Se, ao contrário, eles nos controlam, nossa vida se torna insuportável e infernal.” O astrólogo previu ainda que Anne passaria um aborrecido tempo internada em uma clínica, mas que, no fim, ela desvendaria um grande segredo do passado, uma vez que esse poderoso astro transitaria pelo Ponto Médio entre Mercúrio e Júpiter em seu mapa radical. E devido ainda a um aspecto de seu Vértex com Vênus natal, profetizou um encontro que mudaria seu destino. Aconselhou Anne a valorizar mais os aspectos positivos do que os negativos de sua realidade, uma vez que se aproximava uma atribulada fase em sua vida, e decisões importantes deviam ser tomadas. Por conta das mudanças significativas trazidas por esse difícil período, o astrólogo recomendou à consulente que fizesse exercícios físicos, praticasse meditação e seguisse uma dieta alimentar equilibrada que incluísse bastante líquido, vegetais e frutas da estação, como forma de aliviar os deletérios efeitos fisiológicos dessa fase angustiante. Por duas horas, Anne escutou atentamente o especialista nos astros discorrer sobre seu Retorno de Saturno e sobre o mau aspecto do Pai dos Deuses com seu Marte radical, o que lhe poderia trazer grandes aborrecimentos, uma vez que ficaria duas vezes retrógrado. No final da consulta, o intérprete dos astros apontou a objetiva de sua câmera fotográfica para os olhos de Anne e tirou algumas fotos. A jovem não estranhou, uma vez que o astrólogo era também um especialista na leitura da íris, e seguia um curioso método de interpretação, pelo qual, dividindo a estrutura circular em doze partes, associava diferentes regiões do corpo ao mapa astral, a fim de observar os depósitos de lipídios e detectar possíveis manifestações de doenças no organismo. Nada detectou em sua leitura iridológica, porém, e elogiou a boa saúde sistêmica da jovem. Falou ainda da extraordinária resiliência de Anne e comentou sobre seu Dwadashamsha, revelando que a jovem era uma Mahatma de elemento ar, um ser capaz de empreender feitos extraordinários com suas ideias e suas palavras.

Mesmo sem entender metade do que o especialista lhe falara sobre seu mapa astrológico, a jovem acompanhou tudo até o fim. Aquele profético diagnóstico do intérprete astral suíço, no entanto, incomodou-a. O que era afinal o Destino senão mais uma ilusão? Ela sonhara com as mesmas coisas que uma garota de sua idade sonharia. Pensava estar predestinada a encontrar um bom marido e manter uma família, mas nada disso se tornara realidade. Frustrada em suas tentativas, Anne não acreditava mais em um destino que obrigava as mulheres a terem filhos ou se tornarem uma *Hausfrau*. Preferia ser combativa e seguir apenas seus próprios planos (ainda que não tivesse nenhum). Além disso, ser classificada como uma pessoa com transtorno dissociativo de identidade não a agradou de modo algum. Esse horrível diagnóstico supunha que ela não tinha nenhuma concentração ou autoestima. Ela repudiava toda e qualquer espécie de nomenclatura esotérica ou terminologia científica. Por que as ciências faziam tantas classificações? As categorias, pensava ela, estavam sempre mudando e se expandindo, de acor-

do com o surgimento de novas descobertas, retirando, por exemplo, a grandeza de Plutão e denegrindo seu status de planeta e de deus mitológico. Anne detestava essas interpretações cada vez mais complexas. Saturada do efeito Forer do uranologista, ela concordou com Karl Popper que a astrologia, por conta de seus conceitos não-empíricos e sua falta de consistência, não correspondia aos critérios de falsificação através da experiência e da comprovação científica. Essa constatação apenas aumentou sua aversão por categorizações ou qualquer tipo de *branding*, psicológico ou mercadológico (apesar de todas as roupas de marca que colecionara na adolescência). Rótulos mais confundiam do que explicavam, pensava ela, além de aborrecê-la gratuitamente. Por essa perturbadora contrariedade, discutir com Antoine sobre tipos psicológicos após uma lauta refeição não era, para ela, o afazer mais agradável do mundo (seria, a seu ver, semelhante a escutar uma banda desafinada apresentando-se em um palco improvisado).

Diante do impasse em sua conversa, Anne e Antoine mantiveram-se em silêncio por alguns minutos. Mudos, admiraram, através do transparente paredão de vidro do refeitório, os pássaros no jardim. Todo o reino animal de Büngzli parecia ter se reunido àquela mesma hora. Saltitando de galho em galho, as diminutas aves moviam-se com graça e leveza entre os arbustos, a beliscar os pequeninos frutos de suas ramagens em flor, inspecionando e bicando o que encontravam de comestível nos troncos e copas. Nascidos antes de Saturno, dos Titãs e da própria Terra, como diriam os gregos (“Archaióteroi próteroi te Krónou kai Titánon egénesthe, kai gís”), esses comedores de gergelim branco, murta, papoulas, hortelã e vermes, agora se deliciavam com os minúsculos insetos e larvas que rastejavam pelos galhos, caules e folhas das árvores, alheios à voracidade de seus predadores. Os inquietos bicudos eram ligeiros e argutos em sua caça, e nada escapava à sua perspicácia aviária. Uma vez saciados, com seus papos cheios de queratina e quitina, os alegres pássaros alçariam voo, empoleirando-se nas copas mais altas dos carvalhos, onde desfrutariam, cantando em júbilo coral, seu ócio depois da farta refeição. Do alto de sua *Nephelokokkygia*, os gorjeios das encantadoras aves atrairiam outros exemplares da ordem passeriformes para seu coro improvisado, em um festival de ritmo e harmonia de chilreios, trinados, trilos e pipilos. Peew-pee-ur-pweer-piddiweew, soavam eles. No início, esses delicados fragmentos de sons eram bem distintos, até se misturarem e aos poucos se mesclarem entre si, gerando um timbre único em sua síntese granular. Identificados por seu canto particular, todos os pássaros se apresentariam com suas afinadas siringes, vocalizando seu hino aos céus em uma multiplicidade de ritmos e melodias, e terminariam a serenata em uma imensa e harmoniosa comunhão passarineira, emudecendo depois por completo e partindo então em uma debandada geral para outras paragens, sempre em busca de novas peripécias. Com o contemplativo silêncio que se seguiu à cantoria, chegou ao fim o encontro de Anne e Antoine (assim como aquele almoço altaneiro e nu).

— Não gosto de rótulos — disse Anne, rompendo o silêncio e, afastando sua cadeira da mesa, levantou-se. — *Adieu!*

Mesmo perplexo por aquele súbito gesto, Antoine apenas aquiesceu com a cabeça, sem falar nada. Sob o olhar curioso do jovem paciente, Anne apanhou seus livros e seu casaco da cadeira vizinha, e, distanciando-se com pressa, abandonou o refeitório. Em um passo decidido, ela cruzou o pátio em direção aos dormitórios dos pacientes, recordando-se de seus afazeres (aquela tarde queria terminar de ler mais um livro de sua longa lista de leituras, montada para

imitar o isolamento de Robinson Crusoe). E, desse modo constrangedor, encerrava-se o segundo encontro intersolipsístico entre Anne e Antoine.

Deixado sozinho em seu canto, a ver navios, Antoine olhou os pratos vazios sobre a mesa e pensou em sua intrigante companhia, agora ausente, e também nos assuntos discutidos durante o almoço. O longo e diversificado colóquio entre ele e Anne fez com que se sentisse um viajante do tempo. Juntos, em seu diálogo ou apenas em pensamentos, eles percorreram toda a história desde os mesopotâmios até a modernidade, exibindo com orgulho seu conhecimento enciclopédico. Falaram praticamente de tudo o que conheciam ou pensavam, e das coisas que mais gostavam (ou detestavam, no caso da *jeune fille*). Naquela hora em que passaram juntos, adquiriram até mesmo uma ligeira intimidade (ficou surpreso ao saber que Otoko usava sutiãs almofadados e que Anne gostasse de filmes de zumbi). Antoine, no entanto, ficou um tanto sem jeito diante da inquieta intensidade da jovem paciente, surpreso pela maneira levemente ríspida com que ela o tratara. Quantas emoções não vieram à tona? Por um momento, ele sentiu-se um tanto incomodado pela falta de tato de Anne. Era uma sensação recorrente. Muitas vezes, no passado, as mulheres pelas quais nutria grande admiração fizeram com que se sentisse diminuído por sua antipatia ou indiferença. Por que ele sempre admirava as frias musas? E sempre se frustrava no final? Viu-se como um poeta em Mitilene, meditando nas travessuras do amor em versos sáficos.

και γάρ αἰ φεύγει, ταχέως διώξει,
αἰ δε δῶρα μη δέκετ ἀλλά δώσει,
αἰ δε μη φιλεῖ ταχέως φιλήσει,
κωὺκ ἐθέλοισα

Embora agora ela fuja, em breve te perseguirá

Mas se ela nega suas dádivas, logo as ofertará

Sim, se ela não ama, logo amará

mesmo contra sua vontade

Ao tentar ruminar de algum modo todas aquelas informações, Antoine achou melhor não se preocupar com aquilo que, dali a pouco, seria esquecido quando estivesse amnésico. Levantou-se de sua cadeira, dirigiu-se ao hall de entrada e saiu do refeitório em direção ao pátio, cantando *You really got me* do The Kinks (essa era uma das músicas que ele costumava escutar quando estava sozinho em seu quarto, desfrutando seus dias felizes). Sentiu naquele instante uma grande vontade de ouvir música. Ainda que possuísse em seu Handy apenas metade de toda a discografia colecionada durante anos de apreciação musical, Antoine tinha a opção de escutar 13th Floor Elevators, as nova-iorquinas do The Shangri-Las, e ainda Love, Syd Barret, Brian Wilson, Velvet Underground. Além desses artistas, Antoine desfrutava também *Tommy* do The Who (seu álbum favorito) e, nos dias frios e chuvosos, as obras-primas de Echo and The Bunnymen e Jesus and Mary Chain. De acordo com a ocasião, seu humor tinha uma trilha

sonora própria. Estimulante, imaginativa, calmante, colérica ou melancólica, Antoine tinha um som adequado para cada instante. Sentia-se agora estimulado. E apesar da reação nada entusiástica de Anne, ele acreditava que existiria algo de bom entre eles no futuro. Como um romântico incorrigível, Antoine preferiu cultivar sua ternura e esquecer seus recentes ressentimentos. Amnésico, ele era capaz de perdoar qualquer pequena grosseria.

Anne, por sua vez, não pensava da mesma forma. Enquanto percorria o caminho até seu quarto, ela cultivava pensamentos menos ternos. As impressões do encontro com Antoine ainda perturbavam seu jovem espírito irascível. Pensou na mania do rapaz de não comer doces. Para alguém que amava a modéstia suíça, aquela era uma medida extremada. *Mon dieu!* Mais uma vez achou tudo aquilo um grande absurdo. Se ele tivesse dito que era vegetariano ou comia somente carne crua, ela não teria estranhado. Afinal, as pessoas viviam experimentando dietas as mais bizarras possíveis, tais como comer apenas *fast food* ou ingerir apenas os alimentos que eram consumidos pelo homem paleolítico (e quem poderia saber o que os paleolíticos comiam em uma distante época? E se, por acaso, eles comessem somente restos de animais?), ou mesmo fazer a Dieta da Quintessência Solar, criada por um médico suíço admirador de Paracelso. Mas não comer doces? *Nonsense!* Era um ato inconcebível para Anne. De qualquer maneira, ela agora sabia que Antoine não era um *zesshoku-kei danshi*. Talvez fosse mesmo apenas um *soshoku-kei*, termo utilizado para a maioria dos homens herbívoros que conhecera antes. Anne fez todo o caminho do refeitório até seus aposentos imaginando que estava na hora de fazer uma dieta. Precisava controlar melhor seu crescente apetite pelas deliciosas sobremesas suíças. Pensativa, Anne seguiu pelo corredor até seus aposentos.

No espaçoso corredor da clínica, de decoração minimalista, o bege claro dos painéis amadeirados *off-white* harmonizava-se com a superfície espelhada do piso de porcelanato líquido e com a brancura do forro com acabamento tabicado no teto. No alvo e limpo piso de cerâmica refletiam-se o brilho das lâmpadas do teto, em que placas de isopor se alternavam com as luminárias fluorescentes embutidas no forro. Nas laterais, estreitos feixes de luz criavam, com a iluminação indireta no rodapé e nos cantos das sancas, uma penumbra que proporcionava ao ambiente um tom mais intimista. Era como cruzar uma pista de pouso, ou um túnel para outro universo. Contudo, na harmonia geométrica entre os tons pastel azul-turquesa e lilás do revestimento transparecia uma enigmática beleza, destacada pelas delicadas cores das minúsculas orquídeas e *water lilies* em abaulados vasos transparentes com água, e ramos de lavanda dispostos em cada um dos nichos instalados no espaço entre as salas da clínica. Anne sentiu no ar um leve e agradável aroma no ar, um sinal de limpeza e frescor. Na passagem do refeitório até a hospedaria, escutava-se o *self-talk* ao telefone e as rápidas conversas *face-to-face* dos funcionários, todos eles inteiramente focados na rotina da clínica. Se não estivessem ocupados demais para prestar qualquer atenção na passagem da jovem pelo corredor, teriam notado em sua bela tez um pequeno vinco na testa. Desatenta a esse detalhe facial, Anne ainda ruminava seus pensamentos dietéticos enquanto seguia seu rumo, até que subitamente viu, no meio do corredor, um enfermeiro empurrando devagar uma cadeira de rodas, em que estava sentada uma idosa paciente. Anne logo a reconheceu.

Era Frau Waldorf, carregada em sua cadeira de rodas por um enfermeiro suíço. Ao se aproximar da idosa alemã, Anne pensou como era triste para certas pessoas não poder perceber a re-

alidade como a maioria. Pensou no que Dr. Carl lhe falara sobre o reconhecimento facial, sobre a filosofia reísta do médico (da qual ela conhecia apenas um artigo escrito em uma enciclopédia de filosofia), e em suas insistentes explicações sobre empatia e alteridade, e exercitou mais uma vez seu ceticismo com os filósofos. De que adianta falar em uma inteligência sensível, se as pessoas vivem como mortos-vivos, exercitando por toda a vida sua egoísta atitude natural diante do mundo, com seus preconceitos e seus julgamentos, uma atitude tão desprezada pelos fenomenologistas por criar uma visão preconcebida da realidade, visão pela qual esse sujeito passará toda a sua existência preso ao passado, acumulando memórias zumbis em sua alma, até se tornar elegível a uma doença degenerativa do cérebro. De que adianta estimular, como fizeram os existencialistas, uma atitude individualista, se estamos poluindo cada vez mais o mundo com os maus hábitos de nosso eu mundano? Nesse instante, Anne sentiu uma certa simpatia pela alemã. Viu nela uma criança sem os filtros do ego e da cultura, uma criança que era pura memória, intuição e poder imaginativo, e olhou com uma contida expressão de piedade para a idosa paciente. Ali estava o que Stanley Kubrick idealizava ao terminar sua odisseia no espaço: um dia voltaremos a ser o que éramos. Diante dessa constatação, Anne sofreu um pouco ao compartilhar com Waldorf a dor de toda a humanidade. Contemplava piedosamente a senhora na cadeira de rodas como um símbolo universal do sofrimento da raça humana. Mas qual não foi sua surpresa, quando Frau Waldorf arregalou seus grandes olhos e proferiu bem alto:

— *Du wirst unter deinen Gefährten sterben!* — disse a alemã, em uma voz roufenha, algo que poderia se traduzir como “Morrerás entre teus pares”, e completou: — *Der andere ist in uns!*

O susto deixou Anne sem fôlego. O Outro está em nós? Foi o que ela disse? Por dois segundos, assombrada, a jovem não soube o que dizer. Até mesmo o enfermeiro se assustou com aquele rompante inesperado. “Großer Gott!”, disse ele. “Nossa *Mummy* ressuscitou dos mortos. O gênio despertou!” Voltando-se para a paciente, ele a observou com atenção. “*Wer würde sagen! Gefährten?*”, indagou o enfermeiro. “O que está querendo dizer com isso, *Grossi?*” Anne reagiu indignada a essa indelicada observação do ajudante. “*So was sagt man nicht, grob!*”, queixou-se a jovem. “Não fale assim com ela, seu grosso!” Anne olhou com severidade para o ajudante e depois, mais suave, virou-se para a senhora na cadeira de rodas. Aproximando-se de Frau Waldorf, agora recomposta do susto, Anne curvou-se um pouco e, em um tom de voz mais delicado (ainda que um tanto tremido), pediu com certa doçura à anciã para repetir o que ela acabara de pronunciar. “*Was hast du gesagt, Mütterchen?*”, indagou Anne a Waldorf, esperando uma resposta, mas foi inútil. Fitando o vazio, a idosa não disse mais nada. De volta ao seu mutismo, outra vez imersa em seu silêncio de sibila, Frau Waldorf nada replicou à pergunta da perplexa jovem. Ainda em um sensível estado de nervos, Anne se sentiu como se estivesse diante da temerosa presença de um oráculo, ou de um espectro de outro mundo. Pensou ter escutado Tirésias declarar seriamente a Ulisses, na entrada da Terra dos Mortos: “*θάνατος δέ τοι ἔξ ὄλο ᾗ αὐτῷ*. Para ti a morte virá longe do mar. Perderás todos os teus companheiros”. O enfermeiro ficou tocado pelo interesse de Anne. “*Mach dir keine Sorge*”, disse ele. “Acontece de vez em quando, não se preocupe. É apenas um espasmo. *Ein Krampf, weißt du das?*” Movendo a cadeira de rodas, o ajudante ensaiou uma retirada. “Ela não tem mais consciência do que faz. *Sprich nicht mit irgendetwas*. E também não fala mais coisa com coisa.” Ainda abismada pelo incidente, Anne viu o enfermeiro e a paciente se afastarem pelo corredor. Virando suas costas, por fim, a jovem tomou o rumo de seus aposentos, pensativa. Procurando se recu-

perar do choque, Anne tentou organizar melhor os pensamentos.

O que, afinal, Frau Waldorf queria dizer com “*Ist der andere in uns?* O outro está dentro de nós”? Seria um aviso para que ela colocasse um pouco de ordem em sua vida? Mas seria aquilo um aviso ou uma profecia? “Se você não ordenar sua vida, perecerá!”, repetiu Anne para si mesma. Dr. Carl havia lhe avisado algo parecido com outras palavras. Relembrou então a frase do médico: “o louco sabe”. Sim, concordou ela, generalizando o raciocínio, os loucos sabem, e sabem ainda o que ninguém mais sabe. Mas o que sabia a vegetativa cadeirante? Saber sobre seu passado? Sobre seus pais? Estava a par do que aconteceria no futuro? Ainda um tanto atordoada, a jovem continuou seu caminho até seus aposentos.

Ao adentrar seu quarto Anne notou que estava mais intranquila do que o usual. Pensou no susto que Frau Waldorf lhe pregou. Quantas emoções em um único dia! Não bastava ter suportado a conversa de Antoine no refeitório e suas irritantes questões? Desde que prometera a si mesma que não ia mais se comportar como uma louca diante das pessoas, Anne ensaiava agora um autocontrole impecável. Durante o almoço conseguira, inclusive, seguir todos os conselhos do médico e, no momento mais crítico, contou até dez. Embora ainda não conseguisse se manter impassível às tentações (não resistiu ao apelo da torta de maçã), pela primeira vez naqueles quatro meses de internação Anne tivera uma conversação normal com alguém. Havia algo em Antoine que a deixava mais descontraída. Eles tiveram uma conversa interessante. Falaram sobre assuntos diversos e lembraram com saudades suas fragmentadas histórias. Seu senso de humor era um tanto bizarro, mas ele conseguira entretê-la um pouco com seus relatos do Brasil. Mas gostara tanto assim daquela irrequieta e absurda companhia? Indagou-se ela, fazendo uma autoanálise superficial. Anne sempre temia se aborrecer demais em encontros inesperados com desconhecidos exasperantes nos lugares mais incógnitos. No entanto, surpreendera-se consigo mesma por nada de grave ter acontecido durante a conversa no refeitório. Por um átimo de milésimos de segundo, quase perdeu a paciência com sua insistência em querer categorizá-la como uma colérica, mas ela se conteve a tempo. Nesse instante, sentiu-se vitoriosa por ter conseguido se controlar um pouco. Estaria dando uma chance ao seu coração? Pensou ela, lembrando as palavras do seu médico. Depois de guardar seu casaco no *garde-robe* e se sentar na cama para retirar suas sapatilhas, um indiscreto pensamento ainda lhe ocorreu. “Por que ele me perguntou se eu vivi no Rio de Janeiro? Ou em Genebra? *Quel fou!*”, exclamou para si, levemente aborrecida. Anne orgulhava-se de seu acento francês, aprendido em sua adolescência vivida naquela movimentada cidade fronteiriça, e não admitia que um estranho se atentasse criticamente à sua maneira de falar. Procurou, porém, esquecer o atrevimento. Seu humor estava tão leve depois do almoço e agora mudara por completo. Evitou ao máximo, nesse instante, iniciar qualquer um dos eternos diálogos internos que ela costumava ter em seu dia a dia, aquela peça teatral sempiterna encenada em sua cabeça, um drama em que se apresentavam todas as suas manifestações mentais de sua multifacetada personalidade (entre elas a menina e a juíza, a ninfa e a freira, a popular e a erudita, a submissa e a superiora, e também entre a seguidora e a guia — ou discípula e guru, como costumava denominar ela a relação entre seu ego e seu superego), e ignorou também as suas diferentes vozes: a voz idosa e preocupada da razão, a voz fugaz e indulgente da menina, a voz crítica e perfeccionista da juíza, e ainda a voz autoritária e irascível da experiência. Sentindo-se um tanto confiante e contente por ter conseguido controlar sua rabugice durante todo o almoço, Anne eximiu-se dos tenebrosos pensamentos sobre Antoine (sim, ele era irritante, insensato e mal-educado, mas tinha suas qualidades). Diversas vezes durante a conversa, ela se irritou com os questionamentos do *junger Mensch*, mas Antoine demonstrou uma certa sensibilidade ao tentar contornar a situação, evitando agravar a irritação de Anne. Procurando distraí-la, Antoine ainda se esforçara para agradar a jovem, apesar de estar um tanto enferrujado e tê-la deixado um bocado aborrecida. Anne notou seu acanhamento. Talvez não tivesse muita prática em conversar com mulheres mais inteligentes, pensou ela. Ou talvez, acrescentou *la mademoiselle*

le réfléchie, Antoine tenha se intimidado com sua exasperação. *Pas d'importance!* Anne queria que as pessoas se acostumassem um pouco com seu lado sombrio. Ela não se importava com as impressões negativas deixadas para trás, seus rastros invisíveis deixados nas memórias alheias. E também seus esquecimentos. Pensou nas palavras de Frau Waldorf: “O outro está em nós”. Mas a que outro estaria se referindo ela? Havia algo de filosófico naquela sentença fatídica. Em breve, Antoine estaria livre para partir de Büngzli tão logo estivesse amnésico, e eles, de certo, jamais se reveriam. Aquele encontro, pensou ela, era apenas uma coincidência, e coincidências não se repetem, disse para si mesma. Em sua sincera opinião, a Segunda Lei de Newton ainda atuava bem no domínio macrocósmico, dando ordem ao caos e restringindo as catástrofes. Desse modo, esses encontros e reencontros nunca ocorriam com grande frequência, concluiu Anne, levantando-se da cama e vislumbrando, pela janela, o Pilatus à distância. *Une coïncidence*, pensou ela. Entretanto, para sua surpresa, as coincidências não parariam por ali, comprovando assim a máxima heraclitiana, cultivada desde os tempos mais remotos, para a qual a única certeza é a mudança.